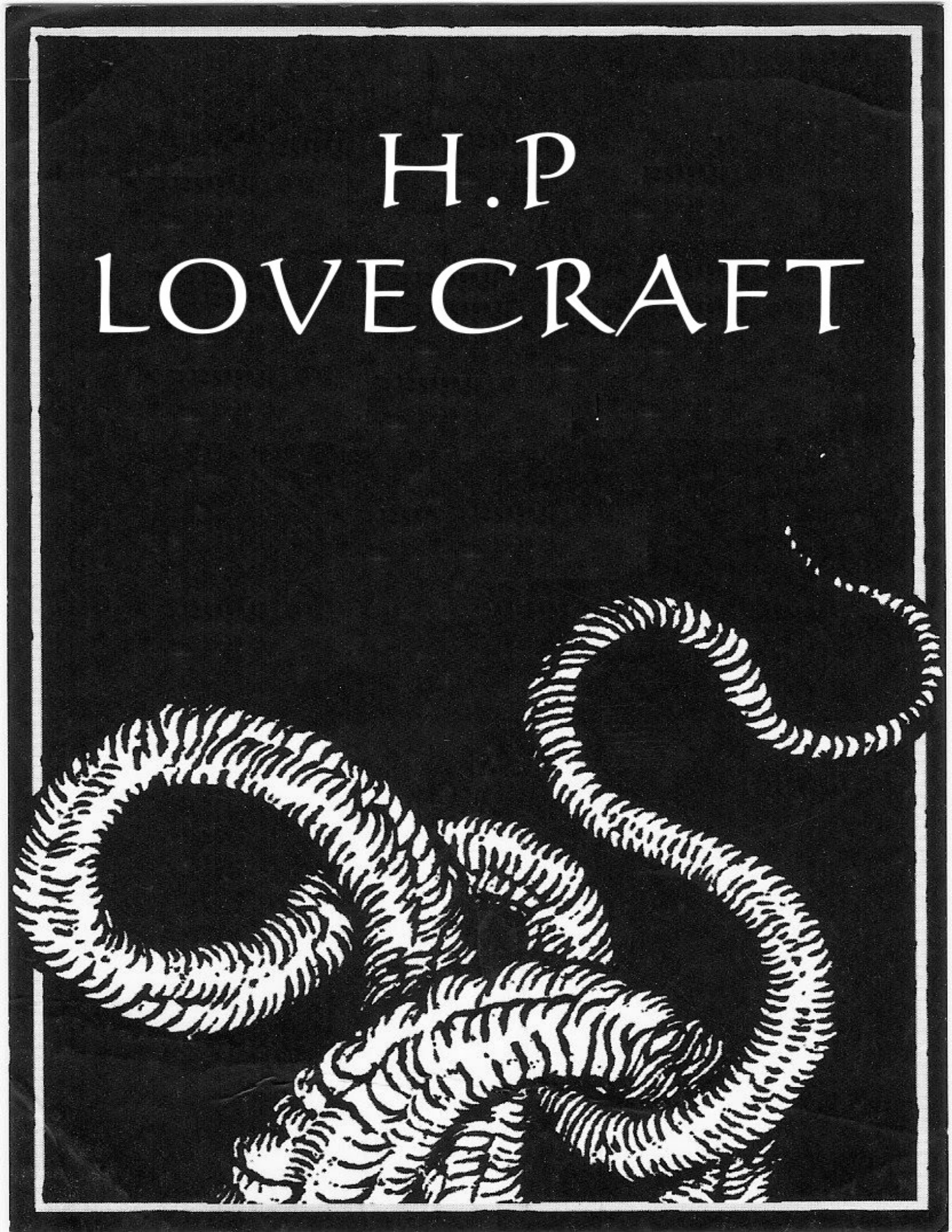
H.P LOVECRAFT



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

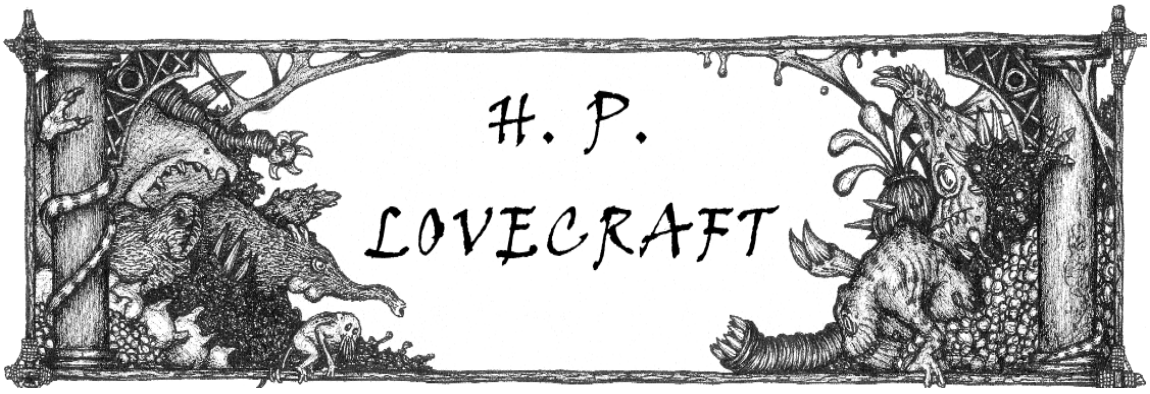
O ***Le Livros*** e seus parceiros, disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.Info*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível.





BIBLIOTECA
DO EXILADO



O HOMEM QUE ESCREVIA SONHOS

Antologia

Diversos Tradutores

Agradecemos, entre outros, aos sites Site lovecraft, Contos do Umbral e aos tradutores Renato Suttana, Nicolau Saião, Denilson Carareto, Mário Jorge Lailla Vargas, entre outros por disponibilizarem material para a composição desta pequena antologia.

Sumário

Folha de Rosto
O Chamado De Cthulhu
O Caso de Charles Dexter Ward
O Medo á Espreita
Dagon
O Horror em Red Hook
Arthur Jermyn
O Templo
O Pântano Lunar
O Inominável
O Intruso
A Sombra Sobre Innsmouth
Nas Montanhas da Loucura
O Depoimento de Randolph Carter
O Horror de Dunwich
O Horror no Museu
Um Sussurro nas Trevas
O Festival
Hypnos
A Maldição de Sarnath
Do Além
A Estampa da Casa Maldita
O Horror Em Martins Beach
Oceano Noturno
Fechado na Catacumba
A Casa Abandonada
A Cor que Veio do Espaço
A coisa na soleira da porta
Nyarlathotep
A Arvore
Os Sonhos na Casa Assombrada
A Morte Alada
O que vem com a lua
Os Outros Deuses
A Estampa da Casa Maldita
Memória

A Transição de Juan Romero
Vento Frio
A Música de Erich Zann
O Descendente
A procura de Iranon
O Inominável
A Tumba
Ele
O Forasteiro
Os Gatos de Ulthar
A Coisa no Luar
Nathicana
Celephais
Os Outros Deuses
Polaris
O Livro
Astrophobos
O Terrível Ancião
O diário de Alonzo Typer
A Armadilha
O Executor Elétrico
O Desafio do Além
Poesia e os Deuses
Os Fungos de Yuggoth
Fechado na Catacumba
Algumas notas sobre algo não-existente
Notas Quanto a Escrever Ficção Fantástica
A História do Necronomicon
Biografia



O Chamado De Cthulhu

(1926)

É concebível que tais grandes poderes ou seres tenham sobrevivido... sobrevivido de um passado extremamente remoto, quando a consciência era provavelmente manifestada em formas e contornos surgidos muito antes do advento da espécie humana... formas das quais somente a poesia e a lenda preservaram uma tênue memória e chamaram-nas de deuses, monstros, criaturas míticas das mais variadas espécies...

- ALGERNON BLACKWOOD

I. O HORROR NA ARGILA

A coisa mais misericordiosa do mundo, creio eu, é a incapacidade da mente humana em correlacionar todo o seu conteúdo. Vivemos numa plácida ilha de ignorância em meio a negros mares de infinito, e não está escrito pela Providência que devemos viajar longe. As ciências, cada uma progredindo em sua própria direção, têm até agora nos causado pouco dano; mas um dia a junção do conhecimento dissociado abrirá visões tão terríveis da realidade e de nossa apavorante situação nela, que provavelmente ficaremos loucos por causa dessa revelação ou fugiremos dessa luz mortal rumo à paz e à segurança de uma nova Idade das Trevas.

Os teosofistas fizeram conjecturas sobre a apavorante imensidão do ciclo cósmico, do qual nosso mundo e a raça humana constituem meros incidentes transitórios. Eles aludiram a estranhas sobrevivências em termos que congelariam o nosso sangue se não fossem mascarados por ameno otimismo. Mas! não foi deles que veio o vislumbre das eras

proibidas que me arrepiam quando nelas penso e me enlouquecem quando com elas sonho; esse vislumbre, como todos os pavorosos vislumbres da verdade, cintilou quando juntei duas peças separadas no caso, uma velha notícia de jornal e as anotações de um professor já falecido. Espero que ninguém mais venha a fazer essa junção; com certeza, se eu viver, nunca fornecerei voluntariamente elo algum de tão nefasta cadeia. Acho que o professor também pretendia guardar segredo sobre a parte que ele conhecia, e que teria destruído suas anotações se a morte súbita não o tivesse levado antes.

Meu conhecimento da coisa começou no inverno de 1926 a 1927 com a morte do meu tio-avô, George Gamell Angell, professor emérito de línguas semíticas da Universidade Brown, em Providence, Rhode Island. O professor Angell gozava de grande renome como autoridade em inscrições antigas e a ele recorriam com freqüência diretores de importantes museus, de modo que seu falecimento, aos noventa e dois anos de idade, deve ser lembrado por muitos. A nível local, esse interesse foi intensificado pela obscuridade da causa mortes. O professor retornava do navio de Newport quando caiu de repente, segundo testemunhas, após ter sido empurrado por um negro com jeito de marinheiro, saído de um dos suspeitos e escuros pátios na encosta íngreme que formava um atalho entre o cais e a casa do finado na rua Williams. Os médicos foram incapazes de achar qualquer distúrbio visível, mas concluíram, após perplexa discussão, que alguma obscura lesão cardíaca, agravada pela subida brusca de tão íngreme colina por tão idoso homem, fora responsável pelo óbito. Naquela época não vi motivo algum para discordar desse diagnóstico, mas ultimamente sinto-me inclinado a questionar e mais do que questionar.

Como herdeiro e executor do meu tio-avô, que morrera viúvo e sem filhos, esperava-se que eu examinasse seus papéis cuidadosamente, e com esse propósito levei todos os seus arquivos e caixas para minha residência em Boston. Grande parte do material que organizei será publicado mais tarde pela Sociedade Arqueológica Americana, mas havia uma caixa que eu achei extremamente enigmática e que me senti um tanto avesso a mostrá-la a outros olhos. Havia sido fechada com cadeado e não encontrei a chave até que me ocorreu examinar o chaveiro pessoal que o professor levava sempre no bolso. Consegui, de fato, abri-la, mas então

pareceu-me que foi só para dar de cara com outro segredo ainda maior e mais impermeável. Pois qual poderia ser o significado do estranho baixo-relevo de argila e das esparsas anotações, comentários e recortes que achei? Teria o meu tio, nos últimos anos de vida, se tornado crédulo das mais superficiais imposturas? Resolvi que procuraria o excêntrico escultor responsável por essa aparente perturbação da paz de espírito de um velho.

O baixo-relevo era um tosco retângulo com menos de dois dedos de espessura e uns doze a quinze centímetros de comprimento, obviamente de origem moderna. O seu desenho, contudo, nada tinha de moderno na atmosfera e no que sugeria; pois, embora os caprichos do cubismo e do futurismo sejam muitos e desvairados, não reproduzem com freqüência aquela regularidade críptica que se insinua na escrita pré-histórica. E a maior parte daqueles desenhos com certeza parecia algum tipo de escrita, ainda que a minha memória, bastante familiarizada com os papéis e coleções do meu tio, não conseguisse identificá-la ou sequer suspeitar de suas afiliações mais remotas.

Acima desses hieróglifos aparentes havia uma figura de evidente intenção pictórica, embora sua execução impressionista impedisse uma idéia muito clara de sua natureza. Parecia um tipo de monstro, ou de símbolo representando um monstro, cuja forma só uma mente doentia poderia conceber. Se eu disser que minha algo extravagante imaginação lhe atribuía ao mesmo tempo os traços de um polvo, de um dragão e de uma caricatura humana, não estarei sendo infiel ao espírito da coisa. Uma cabeça polpuda e tentaculada encimava um corpo grotesco e escamoso dotado de asas rudimentares; mas era o contorno geral do todo que chocava. Atrás da figura havia uma vaga sugestão de cenário de arquitetura ciclópica.

Essa singularidade era acompanhada, além de uma pilha de recortes de jornal, por escritos com a caligrafia mais recente do professor Angell, sem qualquer pretensão a estilo literário. O que parecia ser o documento principal tinha por título "CULTO DE CTHULHU" em letras de fôrma, para evitar a leitura incorreta de palavra tão inaudita. Esse manuscrito estava dividido em duas seções, a primeira das quais intitulada "1925 -Sonho e Interpretação do Sonho de H. A. Wilcox, Rua Thomas, 7, Providence, R. L", e a segunda, "Narrativa do Inspetor John R. Lagrasse,

Rua Bienville, 121, Nova Orleans, La., na reunião de 1908 da S. A. A. - Notas do Mesmo, & Relato do Prof. Webb". Todos os demais manuscritos eram notas breves, sendo algumas delas relatos de sonhos esquisitos de diferentes pessoas, citações de livros e revistas teosóficas (principalmente de A Atlântlda e a Perdida Lemúria de W. Scott-Elliott) ou ainda comentários sobre antiquíssimos e ainda remanescentes sociedades secretas e cultos proibidos, com referências a trechos de compêndios de mitologia e antropologia tais como O Ramo de Ouro, de James G. Frazer, e Culto às Bruxas na Europa Ocidental, de Miss Murray. Os recortes referiam-se basicamente a doenças mentais raras e surtos de alucinações coletivas na primavera de 1925.

A primeira metade do manuscrito principal narrava uma estória muito peculiar. Aparentemente no dia 1 ° de março de 1925, um moço magro, moreno, de aspecto neurótico e excitado, visitou o professor Angell trazendo consigo o singular baixo-relevo de argila, que estava então recente e úmido. Seu cartão trazia o nome de Henry Anthony Wilcox e meu tio reconhecera-o como o filho mais novo de uma excelente família que ele conhecia superficialmente, e que estivera estudando escultura na Escola de Desenho de Rhode Island e vivendo sozinho no edifício Fleur-de-Lys perto daquela instituição. Wilcox era um jovem precoce de reconhecido talento porém grande excentricidade, e desde a infância despertara atenção devido às estórias esdrúxulas e aos sonhos bizarros que tinha o hábito de contar. Ele chamava a si mesmo de "psiquicamente hipersensível", mas a gente convencional da antiga cidade comercial considerava-o apenas "esquisitão". Sem nunca se misturar muito com os seus, gradualmente afastara-se do convívio social e só era conhecido de um pequeno grupo de estetas de outras cidades. Mesmo o Clube de Arte de Providence, ansioso por preservar seu conservadorismo, desistira de tê-lo entre seus membros.

Na ocasião da visita, continuava o manuscrito do professor, o escultor pediu abruptamente a assistência do conhecimento arqueológico de seu anfitrião para identificar os hieróglifos do baixo-relevo. Falava de um jeito sonhador e afetado que denotava pose e alienação; e foi com certa rispidez que meu tio respondeu-lhe, pois a notória frescura do tablete indicava relação com tudo menos com arqueologia. A réplica do jovem Wilcox, que impressionou meu tio o bastante para que este a recordasse e

a registrasse textualmente, foi feita num tom fantasticamente poético que deve ter caracterizado toda a sua conversa e que desde então verifiquei ser bem próprio dele; ele disse: "Realmente é novo, pois o fiz na noite passada durante um sonho que tive com cidades estranhas; e sonhos são mais antigos do que a cismarenta Tiro, a contemplativa Esfinge ou a Babilônia dos jardins suspensos."

Foi então que ele começou a narrativa desconexa que subitamente despertou uma memória adormecida e conquistou o interesse febril do meu tio. Um leve tremor de terra ocorrera na noite anterior, o mais intenso registrado na Nova Inglaterra em anos, e afetara vivamente a imaginação de Wilcox. Este, ao se recolher, tivera um sonho sem precedentes, com grandes cidades ciclópicas de blocos titânicos e monólitos que alcançavam o céu, todos gotejando lodo verde e impregnados de horror latente. Hieróglifos cobriam as paredes e colunas, e de algum ponto indeterminado, abaixo, vinha uma voz que não era uma voz, e sim uma sensação caótica que só a fantasia poderia transmudar em som, mas que ele tentou traduzir num amontoado quase impronunciável de letras: "Cthulhu fhtagn ".

Essa mixórdia verbal foi a chave para a lembrança que excitou e perturbou o professor Angell. Ele interrogou o escultor com minúcia científica e estudou com intensidade quase frenética o baixo-relevo no qual o rapaz se encontrara trabalhando, enregelado e apenas com suas roupas de dormir, quando acordou, atônito. Meu tio culpou sua velhice, Wilcox disse depois, por sua demora em reconhecer tanto os hieróglifos quanto o desenho pictórico. Muitas das perguntas dele pareceram altamente despropositadas ao visitante, especialmente as que tentavam relacionar a figura com cultos ou sociedades estranhas; e Wilcox não pôde compreender as repetidas promessas de silêncio que recebeu em troca de sua confissão de ser membro de alguma difundida irmandade mística ou pagã. Quando o professor Angell se convenceu de que o escultor realmente desconhecia qualquer culto ou sistema de ciência oculta, assediou seu visitante com pedidos de que viesse relatar-lhe futuramente os sonhos que voltasse a ter. Isso deu frutos regulares, pois após a primeira entrevista o manuscrito registra visitas diárias do rapaz, durante as quais ele narrava fragmentos surpreendentes de sua imagística noturna, centrada sempre num assustador panorama ciclópico

de megalitos escuros e gotej antes, com uma voz ou inteligência subterrânea clamando monotonamente em enigmáticos impactos sensórios. Os dois sons mais freqüentemente repetidos eram aqueles traduzidos pelas letras " Cthulhu " e "R'lyeh ".

No dia 23 de março, continuava o manuscrito, Wilcox não apareceu; em sua residência informaram que ele havia sido acometido por uma espécie desconhecida de febre e levado para a casa de sua família na rua Waterman. Havia gritado à noite, acordando vários outros artistas do prédio, e manifestara desde então apenas alternações de inconsciência e delírio. Meu tio telefonou imediatamente para a família, e a partir daí acompanhou o caso de perto, indo muitas vezes ao consultório do Dr. Tobey, o médico encarregado, na Rua Thayer. A mente febril do rapaz aparentemente ocupava-se de coisas estranhíssimas, e o doutor de vez em quando estremecia ao falar delas. Essas coisas não somente repetiam o que ele sonhara antes, mas também incluíam uma coisa gigantesca "com milhas de altura" que caminhava ou se movia. Em nenhum momento descrevera o objeto, mas ocasionais palavras frenéticas, conforme repetidas pelo Dr. Tobey, convenceram o professor de que devia tratar-se da inominável monstruosidade que Wilcox procurara representar em sua escultura do sono. Referências a esse objeto, acrescentou o doutor, eram invariavelmente prelúdio à queda do rapaz na letargia. Sua temperatura, curiosamente, não estava muito acima da normal; mas todo o seu estado parecia indicar antes febre do que perturbação mental.

No dia 2 de abril, por volta das 3 da tarde, todos os sinais da enfermidade de Wilcox desapareceram subitamente. Sentou-se empertigado na cama, atônito por encontrar-se em casa e ignorando completamente o que acontecera em sonho ou realidade desde a noite de 22 de março. Tendo recebido alta do médico, voltou para o seu alojamento três dias depois; porém não foi mais de nenhuma serventia para o professor Angell. Todos os vestígios de sonhos bizarros haviam desaparecido com a convalescença, e meu tio não registrou mais seus sonhos após uma semana de relatos inúteis e irrelevantes de visões absolutamente normais.

Neste ponto terminava a primeira parte do manuscrito, mas referências a algumas das anotações dispersas deram-me muito o que pensar, tanto, na verdade, que somente o enraizado ceticismo que então

constituía minha filosofia pode explicar o fato de que eu continuava duvidando do artista. As anotações em questão eram aquelas que descreviam os sonhos de várias pessoas durante o mesmo período em que o jovem Wilcox tivera as suas estranhas visões. Meu tio, ao que parece, havia rapidamente organizado um esquema prodigiosamente amplo de investigação entre quase todos os amigos que podia interrogar sem impertinência, pedindo-lhes relatos de seus sonhos de todas as noites e datas de quaisquer visões incomuns a partir de certo dia. A receptividade ao seu pedido parece ter variado; mas ele deve ter recebido, no mínimo, mais respostas do que um homem normal poderia dar conta sem uma secretária. Essa correspondência original não foi preservada, porém suas anotações constituíam um resumo abrangente e realmente significativo dela. As pessoas comuns da sociedade e do mundo dos negócios o tradicional "sal da terra" da Nova Inglaterra - deram um resultado quase completamente negativo, embora casos esparsos de impressões noturnas desagradáveis mas indefinidas apareçam aqui e ali, sempre entre 23 de março e 2 de abril - o período de delírio do jovem Wilcox. Os homens de ciência não foram afetados em grau muito maior, apesar de quatro casos de descrição vaga sugerirem vislumbres fugazes de paisagens estrambóticas, e de um caso mencionar certo pavor de algo anormal.

Foi dos artistas e poetas que as respostas pertinentes vieram, e tenho certeza de que o pânico teria se instaurado se eles tivessem podido comparar as anotações. Como eu não tinha as cartas originais, meio que suspeitei que o compilador houvesse feito perguntas tendenciosas ou organizado a correspondência em concordância com o que ele havia latentemente resolvido ver. Por essa razão continuei a achar que Wilcox, tendo tomado conhecimento das informações que o meu tio possuía, estivera pregando uma peça no veterano cientista. Essas respostas de estetas contavam uma história perturbadora. Entre 28 de fevereiro e 2 de abril uma grande proporção deles havia sonhado com coisas bizarras, sonhos cuja intensidade era incomensuravelmente maior durante o período do delírio do escultor. Cerca de um quarto das respostas falava de cenas e de sons que nada diferiam dos que Wilcox descrevera, e alguns desses sonhadores confessaram um medo agudo da coisa gigantesca e inominável visível no final. Um dos casos, que a anotação descreve com particular ênfase, era seríssimo. O indivíduo em questão, um arquiteto de grande renome, inclinado à teosofia e ao ocultismo, foi acometido de loucura

violenta na data da crise do jovem Wilcox, e expirou vários meses mais tarde após gritar incessantemente que o salvassem das garras de uma besta que escapara do inferno. Se o meu tio tivesse se referido a esses casos por nome e não apenas por número, eu teria tentado obter alguma corroboração e feito alguma investigação pessoal; do jeito que estava, consegui localizar somente uns poucos missivistas. Todos estes, no entanto, confirmaram as anotações plenamente. Muitas vezes tenho me perguntado se todas as pessoas interrogadas pelo professor se sentiram tão perplexas quanto aquele grupo. Sorte deles nunca terem recebido explicação nenhuma.

Os recortes de jornal, como já disse, mencionavam casos de pânico, manias e excentricidades ocorridos durante o período em questão. O professor Angell deve ter empregado um escritório especializado na coleta de recortes, pois o número de artigos era tremendo, e as fontes espalhavam-se por todo o planeta. Um recorte falava de um suicídio noturno em Londres, onde um sonâmbulo pulara de uma janela após um grito lancinante. Outro consistia numa carta desconexa ao editor de um jornal na América do Sul, em que um fanático, baseado em visões que tivera, predizia um futuro calamitoso. Um despacho da Califórnia descrevia uma colônia de teosofistas envergando em massa túnicas brancas à espera de certo "glorioso advento" que nunca chegava, ao passo que notícias da índia falavam reservadamente sobre graves tumultos nativos por volta do fim de março. Orgias de vodu multiplicaram-se no Haiti e postos avançados na África reportaram murmúrios agourentos. Oficiais norte-americanos nas Filipinas encontraram hostilidade por parte de certas tribos nessa época e policiais de Nova Iorque foram atacados por multidões de levantinos histéricos na noite de 22 para 23 de março. O oeste da Irlanda também foi infestado de rumores inacreditáveis e lendas, e um pintor fantástico chamado Ardois-Bonnot exibiu um delirante quadro intitulado Paisagem Onírica no salão de primavera de Paris de 1926. E tão numerosos são os tumultos registrados em hospícios que só por milagre a fraternidade médica deixou de notar estranhos paralelismos e tirar conclusões mistificadas. Em suma, um surpreendente punhado de recortes, e é com assombro que me lembro hoje do empedernido racionalismo com que os pus de lado. Mas eu estava então convencido de que o jovem Wilcox tivera conhecimento dos assuntos antigos mencionados pelo professor.

II. O RELATO DO INSPETOR LEGRASSE

Os assuntos antigos que haviam feito o sonho e o baixo-relevo do escultor tão significativos para o meu tio constituíam o tema da segunda metade do seu longo manuscrito. Parece que anteriormente o professor Angell tinha visto uma vez os contornos infernais da inominada monstruosidade, confundira-se diante dos hieróglifos desconhecidos e escutara as agourentas sílabas que só podem ser grafadas como "Cthulhu"; e tudo isso interligado de forma tão espantosa e horrível, que não é de admirar que tenha perseguido o jovem Wilcox com perguntas e exigências de informações.

Essa prévia experiência ocorrera em 1908, dezessete anos antes, quando a Sociedade Arqueológica Americana realizou seu encontro anual em Saint Louis. O professor Angell, como convinha a alguém de sua autoridade e realizações, tivera um papel proeminente em todas as deliberações, e foi um dos primeiros a serem abordados por diversos leigos que aproveitaram a oportunidade para fazer perguntas e pedir opinião de peritos sobre certos problemas.

O principal desses leigos, que em breve se tornaria o foco de interesse de toda a reunião, foi um homem de meia-idade e aparência convencional que tinha viajado desde Nova Orleans para obter certa informação especial impossível de obter de qualquer fonte local. Seu nome era John Raymond Legrasse e sua profissão era a de inspetor de polícia. Trazia com ele a razão de sua visita, uma grotesca, repulsiva e aparentemente antiquíssima estatueta de pedra cuja origem não conseguia determinar.

Não se deve imaginar que o inspetor Legrasse tivesse o menor interesse em arqueologia; ao contrário, seu desejo de esclarecimento era movido por considerações puramente profissionais. A estatueta, ídolo, fetiche ou o que quer que fosse, fora capturada alguns meses antes nas florestas pantanosas do sul de Nova Orleans durante uma batida policial num suposto culto de vodu; e tão singulares e medonhos eram os ritos ligados à peça, que a polícia de imediato percebeu que dera de cara com um culto sinistro totalmente desconhecido para eles e infinitamente mais diabólico que o mais negro dos círculos africanos de vodu. Sobre a sua

origem, além das estórias esdrúxulas e inacreditáveis arrancadas aos membros capturados, absolutamente nada pôde ser descoberto. Daí a ansiedade da polícia por qualquer conhecimento de coisas antigas que pudesse ajudá-la a identificar o símbolo aterrador e, através dele, descobrir a fonte daquele culto.

O inspetor Legrasse não estava de forma alguma preparado para a sensação que a sua intervenção causou. Um simples olhar ao objeto fora suficiente para lançar os homens de ciência ali reunidos num estado de tensa excitação, e eles não perderam tempo em se amontoar ao redor dele para encarar de perto a diminuta imagem cuja profunda estranheza e aparência de antigüidade genuína e abismal indicavam panoramas arcaicos ainda por revelar. Nenhuma escola conhecida de escultura animara aquele terrível objeto, e no entanto séculos, até milênios pareciam gravados em sua baça e esverdeada superfície de pedra não identificada.

A imagem, que foi finalmente passada devagar de mão em mão para exame mais atento e cuidadoso, tinha entre quinze e dezoito centímetros de altura e era de elaborado artesanato. Representava um monstro vagamente antropóide, mas com uma cabeça semelhante à de um polvo e cujo rosto era uma massa de tentáculos, de corpo escamoso com aspecto elástico, prodigiosas garras nas patas dianteiras e traseiras, e asas longas e estreitas atrás. Essa coisa, que parecia imbuída de assustadora e inatural malignidade, tinha uma corpulência algo intumescida e estava agachada ameaçadoramente sobre um bloco retangular ou pedestal coberto de caracteres indecifráveis. As pontas das asas tocavam a beirada traseira do bloco, o assento ocupava o centro e as compridas e recurvadas garras das patas traseiras dobradas sobre si mesmas, agarravam a beirada dianteira e estendiam-se por um quarto da altura do pedestal. A cabeça cefalópode estava inclinada para frente, de modo que as extremidades dos tentáculos faciais varriam as costas das maciças patas dianteiras que agarravam os joelhos dos membros traseiros. 0 aspecto geral era anormalmente vivido, e ainda mais sutilmente assustador pelo fato de sua origem ser totalmente desconhecida. Embora sua vasta, espantosa e incalculável antigüidade fosse inegável, a estatueta não apresentava ligação com nenhum tipo de arte pertencente à mocidade da civilização, ou, na verdade, a qualquer época.

O seu próprio material era um mistério, pois a pedra lisa e negro-esverdeada com pintas douradas ou iridescentes e estrias não se assemelhava a nada familiar à geologia ou à mineralogia. Os caracteres ao longo da base eram igualmente intrigantes, e nenhum dos cientistas ali presentes, apesar de representarem metade do conhecimento mundial nesse campo, teve a menor noção sequer da mais remota filiação linguística deles. Tal como o tema e o material, esses caracteres pertenciam a alguma coisa horrivelmente distante e alheia à humanidade como a conhecemos, algo que sugeria de forma assustadora antigos e profanos ciclos de vida dos quais nosso mundo e nossas concepções não fazem parte.

No entanto, enquanto os vários cientistas balançavam a cabeça e admitiam-se derrotados perante o enigma trazido pelo inspetor, havia na reunião um homem a quem pareceram estranhamente familiares aquelas monstruosas forma e escrita, e que então falou com certa hesitação do pouco que sabia a respeito. Ele era o falecido William Channing Webb, professor de antropologia na Universidade de Princeton e explorador de considerável renome.

O professor Webb participara, quarenta e oito anos antes, de uma expedição à Groenlândia e à Islândia em busca de inscrições rúnicas, que não conseguiu achar; e ao percorrer a costa oeste da Groenlândia havia encontrado uma singular tribo de esquimós degenerados cuja religião, uma curiosa forma de culto ao diabo, provocou-lhe calafrios com sua repelência e deliberada sede de sangue. Tratava-se de um credo do qual os outros esquimós pouco sabiam, e que só mencionavam com estremecimentos de horror, dizendo que vinha de eras terrivelmente antigas, anteriores à criação do mundo. Além de ritos inenarráveis e sacrifícios humanos, havia alguns esquisitos rituais hereditários dirigidos a um supremo diabo ancião ou tornasuk, dos quais o professor Webb fizera uma cuidadosa transcrição fonética com a ajuda de um idoso angekok ou bruxo-sacerdote, grafando os sons em caracteres romanos o melhor que pôde. Porém, o que mais interessava era o fetiche que esse culto idolatrava e em torno do qual dançavam quando a aurora boreal lambia os picos gelados. Segundo declarou o professor, tratava-se de um tosco baixo relevo de pedra que compreendia uma figura medonha e algumas inscrições crípticas; e, até onde podia afirmar, coincidia, nos

aspectos essenciais, com a coisa bestial que se tornara centro das atenções na reunião.

Essas informações, recebidas com assombro e emoção pelos presentes à reunião, foram ainda mais emocionantes para o inspetor Legrasse, que imediatamente começou a assediar o seu informante com perguntas. Tendo anotado e transcrito um ritual oral entre os sectários brejeiros que seus homens haviam prendido, pediu ao professor que procurasse lembrar o melhor que pudesse das sílabas anotadas entre os esquimós diabolistas. Seguiu-se então uma exaustiva comparação de detalhes e um momento de boquiaberto silêncio, quando tanto o detetive quanto o cientista concordaram na identidade virtual da frase comum aos dois ritos infernais tão distantes um do outro como se pertencessem a mundos diferentes. O que, essencialmente, tanto os bruxos esquimós quanto os sacerdotes brejeiros da Louisiana entoavam aos seus ídolos era algo semelhante ao que vai abaixo, sendo as divisões entre palavras supostas por analogia com as quebras tradicionais na frase quando cantada em voz alta:

"Ph'nglui mglw'nafh Cthulhu R'lyeh wgah'naglfhtagn."

Nesse ponto Legrasse levava vantagem sobre o professor Webb, pois vários dos seus prisioneiros mestiços haviam-lhe repetido o que celebrantes mais velhos haviam-lhes dito sobre o significado dessas palavras. Esse texto dizia mais ou menos o seguinte:

"Na sua casa em R'lyeh, Cthulhu morto espera sonhando."

Então, em resposta às urgentes solicitações de todos, o inspetor Legrasse narrou, tão detalhadamente quanto possível, sua experiência com os idólatras dos pântanos, contando uma estória à qual pude ver que o meu tio atribuía enorme importância. Fazia lembrar os sonhos mais desvairados dos mitômanos e teosofistas, além de revelar um grau surpreendente de imaginação cósmica, que nunca se esperaria entre aqueles marginais e párias da sociedade.

No dia 1 ° de novembro de 1907 chegara à polícia de Nova Orleans um chamado frenético da região de pântanos e lagoas ao sul. Os grileiros de lá, na maioria descendentes primitivos, mas de boa índole, dos homens de Lafitte, estavam tomados do mais absoluto pânico por causa de uma coisa desconhecida que viera sobre eles à noite. Tratava-se de vodu,

aparentemente, mas de uma espécie de vodu muito mais terrível do que qualquer outra que já tinham visto; e algumas de suas mulheres e crianças haviam desaparecido desde que o malévolo tantã começara a bater incessantemente bem para dentro das sombrias florestas, onde nenhum morador da região se aventurava. Ouviam-se gritos insanos e berros apavorantes, cânticos que gelavam o sangue e chamas demoníacas que bruxuleavam; e ninguém mais suportava aquilo, acrescentou o assustado mensageiro.

Então um grupo de vinte policiais, em duas carruagens e um automóvel, havia partido no Fim da tarde com o trêmulo grileiro como guia. No fim da estrada transitável desceram e chapinharam por milhas em silêncio, em meio aos terríveis bosques de ciprestes onde nunca raiava o dia. Medonhas raízes e malignas barbas-de-velho dificultavam a caminhada, e de vez em quando uma pilha de pedras úmidas ou fragmentos de uma parede apodrecida intensificavam, com sua sugestão de povoação sórdida, uma angústia que cada árvore mal formada e a profusão de fungos contribuía para criar. Por fim, a aldeia dos grileiros, um ajuntamento miserável de cabanas, ficou à vista, e moradores histéricos acorreram para refugiar-se em volta do grupo de lanternas balouçantes. O som abafado dos tantãs já se ouvia ao longe, bem longe; e um grito agudo como um guincho vinha em intervalos desiguais quando o vento mudava de direção. Também um clarão avermelhado parecia filtrar-se através da pálida vegetação rasteira, oriundo de avenidas intermináveis de noite selvagem. Todos os assustados grileiros recusaram-se terminantemente a dar um passo sequer rumo àquele culto ímpio, de modo que o inspetor Legrasse e seus dezenove colegas embrenharam-se sem guia nas arcadas negras de terror pelas quais nenhum deles jamais passara antes.

A região em que agora se aventuravam os policiais era tradicionalmente de má reputação, desconhecida e inexplorada pelos brancos. Corriam lendas sobre um lago oculto nunca contemplado por mortais, no qual vivia uma gigantesca e disforme criatura poliposa branca com olhos luminosos; e os grileiros sussurravam que diabos com asas de morcego voavam para fora de cavernas nas entranhas da terra à meia-noite para adorar aquele ser. Diziam que ele estivera lá antes de D'Iberville, antes de La Salle, antes dos índios e antes mesmo dos

saudáveis animais e pássaros das florestas. A criatura era o pesadelo encarnado e vê-la significava morrer. Mas também fazia os homens sonharem, por isso sabiam que deviam manter-se afastados. A atual orgia vodu ocorria, de fato, no limite daquela área amaldiçoada, daí o próprio local do culto ter talvez aterrorizado os grileiros mais do que os sons chocantes e os incidentes.

Só a poesia ou a loucura poderiam descrever fielmente os barulhos ouvidos pelos homens de Legrasse ao avançarem pelos atoleiros negros rumo ao clarão vermelho e aos tantãs abafados. Existem sons característicos de homens e característicos de bestas, e é pavoroso escutar um quando a fonte deveria produzir o outro. A fúria animal e a licenciosidade orgiástica ali eram atiçadas a níveis demoníacos por uivos e êxtases guinchantes que reverberavam por aqueles bosques cobertos de noite como tempestades pestilenciais emanadas dos abismos do inferno. De vez em quando as ululações menos organizadas cessavam, e do que parecia um coro bem treinado de vozes roucas, elevava-se como uma ladainha aquela frase ou ritual nefando:

"Ph'nglul' mglw'nafh Cthulhu R'lych wgah'naglfhtagn. "

Foi então que os homens, tendo alcançado um local onde as árvores eram mais finas, de repente avistaram o próprio espetáculo. Quatro deles cambalearam, um desfaleceu e dois emitiram um grito frenético que a louca cacofonia da orgia afortunadamente encobriu. Legrasse jogou água do pântano no rosto do homem desmaiado e todos ficaram trêmulos e quase hipnotizados de horror.

Numa clareira natural do pântano havia uma ilha de relva com cerca de meio hectare, sem árvores e toleravelmente seca. Nela saltava e se retorcia uma indescritível horda de anormalidade humana, que só um Sime ou um Angarola poderiam pintar. Sem roupa alguma, aquelas criaturas híbridas zurravam, berravam e se contorciam ao redor de uma monstruosa fogueira circular, no meio da qual erguia-se, revelado por ocasionais frestas na cortina de chamas, um imponente monólito de granito com uns dois metros e meio de altura; em cima dele, numa pequenez incongruente, jazia a nefasta estatueta. De um amplo círculo de dez cadafalsos dispostos a intervalos regulares, com o monólito cingido de chamas ao centro, pendiam de ponta-cabeça os corpos atrozmente mutilados dos indefesos grileiros que haviam desaparecido. Era dentro desse círculo que a roda de

adoradores pulava e rugia da esquerda para a direita numa bacanal sem fim entre o anel de cadáveres e o anel de fogo.

Pode ter sido só imaginação, como podem ter sido apenas ecos, que induziram um dos homens, um excitável hispânico, a julgar ter ouvido respostas antifonais ao ritual, vindas de um distante e penumbroso ponto no fundo da floresta de antigas lendas e horrores. Mais tarde encontrei e interroguei esse homem, Joseph D. Galvez, que mostrou ter uma imaginação delirante; de fato, ele chegou ao extremo de sugerir ter escutado um leve rufiar de grandes asas e vislumbrado olhos fulgurantes bem como um montanhoso vulto branco além das árvores remotas mas eu suponho que ele andara assimilando muita superstição local.

Na verdade, a pausa horrorizada dos homens foi de duração relativamente curta. O dever vinha em primeiro lugar; e embora houvesse quase cem celebrantes naquela horda, a polícia confiou em suas armas de fogo e investiu resolutamente contra a nauseante turba. Por cinco minutos o alarido e o caos resultantes foram indescritíveis. Golpes selvagens foram vibrados, tiros foram disparados e fugas ocorreram, mas no final Legrasse pôde contar uns quarenta e sete soturnos prisioneiros, os quais forçou a vestirem-se depressa e formar uma fila entre duas fileiras de policiais. Cinco dos adoradores jaziam mortos e dois gravemente feridos foram carregados em padiolas improvisadas por seus camaradas. A imagem sobre o monólito foi, é lógico, cuidadosamente removida e levada embora por Legrasse.

Interrogados na chefatura de polícia após uma jornada tensa e extenuante, verificou-se que todos os prisioneiros eram de classe social ínfima, mestiços e mentalmente perturbados. A maioria era de marinheiros, e um magote de negros e mulatos, quase todos das índias Ocidentais ou portugueses das ilhas de Cabo Verde, dava uma tintura de vodu ao culto heterogêneo. Antes, porém, que muitas perguntas fossem feitas, ficou claro que se tratava de algo muito mais profundo e antigo do que o fetichismo negro. Degradadas e ignorantes que eram, aquelas criaturas atinham-se com surpreendente consistência à idéia central de seu credo abominável.

Eles adoravam, segundo disseram, os Grandes Antigos, que viveram muitas eras antes da existência do homem e que chegaram ao recém-criado mundo vindos do céu. Esses Antigos haviam agora

desaparecido no interior da terra e sob o mar; porém, mesmo mortos, haviam transmitido seus segredos em sonhos ao primeiro homem, que instaurou um culto que jamais morrera. Era esse o culto que professavam, e os prisioneiros afirmaram que ele sempre existira e sempre existiria, oculto em distantes locais desertos e sombrios por todo o mundo, até o tempo em que o sumo sacerdote Cthulhu, de sua escura morada na poderosa cidade de R'lyeh, sob as águas do mar, se levantasse e pusesse de novo a terra sob seu domínio. Um dia ele chamaria, quando as estrelas estivessem prontas, e o culto secreto estaria sempre à espera para libertá-lo.

Até lá, nada mais seria dito. Havia um segredo que nem a tortura poderia extrair. A humanidade não estava de forma alguma sozinha entre os seres conscientes da terra, pois formas saíam das trevas para visitar os poucos fiéis. Mas esses não eram os Grandes Antigos. Nenhum homem jamais vira os Antigos. O ídolo esculpido representava o grande Cthulhu, mas ninguém poderia dizer se os outros eram ou não exatamente como ele. Ninguém era capaz hoje em dia de ler a antiga escrita, porém as coisas eram transmitidas por tradição oral. O cântico ritual não era o segredo - este nunca era falado em voz alta, apenas sussurrado. O cântico significava apenas isto: "Na sua casa em R'lyeh, Cthulhu morto espera sonhando".

Apenas dois dos prisioneiros foram considerados sãos o bastante para serem enforcados; os demais foram internados em diversas instituições. Todos negaram participação nos assassinatos rituais e asseveraram que estes haviam sido obra dos Asas Negras, que tinham vindo a eles oriundos do seu imemorial ponto de encontro na floresta assombrada. Mas desses misteriosos aliados nenhum relato coerente pôde ser obtido. A maior parte do que a polícia conseguiu averiguar veio de um mestiço fabulosamente idoso chamado Castro, que afirmava ter viajado a portos longínquos e falado com líderes imortais do culto nas montanhas da China.

O velho Castro recordava-se de fragmentos de medonhas lendas que empalideciam as especulações dos teosofistas e faziam homem e mundo parecerem recentes e efêmeros. Houve épocas em que outros Seres dominavam a terra, e Eles haviam erigido cidades colossais. De acordo com o que os chineses imortais lhe haviam dito, vestígios desses Seres

podiam ainda ser encontrados nas rochas ciclópicas em ilhas do Pacífico. Todos Eles haviam morrido muitas eras antes da chegada do homem, mas havia artes capazes de fazê-los reviver quando as estrelas retornassem às posições certas no ciclo da eternidade. Eles mesmos tinham vindo das estrelas e trazido consigo Suas imagens.

Esses Grandes Antigos, prosseguiu Castro, não se compunham inteiramente de carne e ossos. Tinham forma - não o provava aquela imagem talhada nas estrelas? -, mas essa forma não era feita de matéria. Quando as estrelas assumiam a configuração correta, Eles podiam transportar-se de um mundo para outro pelo espaço sideral; mas quando as estrelas não eram favoráveis, Eles não podiam viver. Contudo, embora já não vivessem, Eles nunca verdadeiramente morriam. Jaziam todos em suas moradas de pedra na grande cidade de R'lyeh, preservados pelos encantamentos do poderoso Cthulhu para uma gloriosa ressurreição quando as estrelas e a terra estivessem mais uma vez prontas para Eles. Chegado esse tempo, porém, alguma força exterior precisaria liberar Seus corpos. Os encantamentos que Os preservavam intactos também Os impediam de fazer o movimento inicial, e tudo que podiam fazer era ficar despertos nas trevas e meditar, enquanto milhões de anos se escoavam. Sabiam de tudo o que acontecia no universo, pois comunicavam-se por telepatia. Mesmo naquele instante conversavam em Suas tumbas. Quando, após infindáveis eras de caos o primeiro homem surgiu, os Grandes Antigos falaram aos mais sensíveis dentre eles dando forma aos seus sonhos, pois só assim Sua linguagem conseguia alcançar as mentes carnosas dos mamíferos.

Em seguida, sussurrou Castro, aqueles primeiros homens formaram o culto ao redor de pequenos ídolos que os Grandes lhes haviam mostrado, ídolos trazidos de estrelas sombrias na noite dos tempos. Aquele culto jamais morreria até que as estrelas ficassem propícias de novo, e então os sacerdotes secretos tirariam o grande Cthulhu da Sua tumba para que Este fizesse reviver os Seus súditos e retomasse o Seu domínio sobre a terra. O tempo seria fácil de reconhecer, pois por essa época a humanidade já teria se tornado como os Grandes Antigos: livres, selvagens, além do bem e do mal, ignorando leis e preceitos morais, com todo mundo gritando, matando e farreando em meio a feroz alegria. Então os Antigos, libertados, ensinar-lhes-iam novas formas de berrar e matar e

farrear com alegria desenfreada, e toda a terra se inflamaria num holocausto de êxtase e liberdade. Até lá, cabia ao culto, mediante ritos apropriados, manter viva a memória daqueles procedimentos antediluvianos e prefigurar a profecia da volta d'Eles.

Em priscas eras homens eleitos haviam falado com os sepultados Antigos em sonhos, mas então algo acontecera: a grande cidade de pedra de R'lyeh, com seus monólitos e sepulcros, afundara sob as ondas, e as águas profundas, repletas do único mistério primordial que nem o pensamento pode atravessar, haviam interrompido o intercâmbio espectral. Mas a memória nunca morreu, e os sumos sacerdotes diziam que a cidade emergiria de novo quando as estrelas se alinhassem corretamente. Então vieram das profundezas da terra os seus espíritos negros, bolorentos e trevosos, cheios de rumores ancestrais colhidos em cavernas sob esquecidos leitos oceânicos. Mas deles o velho Castro não ousou falar muito. Calou-se apressadamente, e não houve persuasão ou sutileza capaz de extrair-lhe mais informações sobre o assunto. Curiosamente, evitou também mencionar o tamanho dos Antigos. A respeito do culto, afirmou crer que sua sede ficava nos desertos inacessíveis da Arábia, onde Irem, a Cidade dos Pilares, sonha oculta e intacta. Não tinha relação com os cultos de bruxaria europeus e, exceto por seus membros, era virtualmente desconhecido. Nenhum livro jamais aludiu diretamente a ele, embora os chineses imortais dissessem que havia duplos sentidos no Necronomicon, do árabe louco Abdul Alhazred, que os iniciados poderiam interpretar como quisessem, especialmente o polêmico dístico:

Não está morto o que pode eternamente jazer, E com estranhas eras pode até a morte morrer.

Legrasse, bastante impressionado e não pouco estupefato, havia investigado em vão sobre as afiliações históricas do culto. Aparentemente Castro dissera a verdade ao afirmar que era totalmente secreto. As autoridades da Universidade de Tulane não puderam dar esclarecimento algum tanto a respeito do culto quanto da imagem, e agora o detetive viera consultar as maiores autoridades do país, sem nada obter além da estória da Groenlândia contada pelo professor Webb.

O interesse febril despertado na reunião por Legrasse e sua narrativa, corroborada pela estatueta, encontra eco na subseqüente

correspondência dos que estavam presentes, embora haja escassa menção ao incidente na publicação formal da sociedade. Cautela é a preocupação máxima daqueles que estão acostumados à charlatanice e impostura ocasionais. Legrasse emprestou a imagem por algum tempo ao professor Webb, mas com a morte deste, foi-lhe devolvida e com ele permanecia quando a vi, não faz muito tempo. É uma coisa verdadeiramente medonha, e inequivocamente aparentada à escultura sonhada e esculpida pelo jovem Wilcox.

Não me surpreendeu que a narrativa do escultor tivesse alvoroçado o meu tio, pois que idéias poderiam ocorrer-lhe, após saber o que Legrasse descobrira sobre o culto, ao ouvir um rapaz sensível dizer-lhe que sonhara não somente a figura e os hieróglifos exatos da imagem encontrada no pântano e do demoníaco baixo-relevo da Groenlândia, como também escutara em seus sonhos pelo menos três das palavras precisas da fórmula emitida tanto pelos diabolistas esquimós quanto pelos mestiços da Louisiana? Foi a coisa mais natural que o professor Angell iniciasse uma investigação aprofundada, ainda que eu privadamente suspeitasse que o jovem Wilcox ouvira falar do culto de maneira indireta e tivesse inventado uma série de sonhos para intensificar e manter o mistério, às custas do meu tio. As narrativas de sonhos e os recortes coletados pelo professor eram, é claro, forte corroboração; mas o meu racionalismo e a extravagância da coisa toda levaram-me a adotar o que julguei ser a conclusão mais sensata. Assim, depois de estudar detidamente o manuscrito mais uma vez e de correlacionar as anotações teosóficas e antropológicas na narrativa feita por Legrasse sobre o culto, fiz uma viagem a Providence para ver o escultor e repreendê-lo devidamente por divertir-se às custas de um homem letrado e idoso.

Wilcox ainda vivia sozinho no edifício Fleur-de-Lys, na Rua Thomas, uma hedionda imitação vitoriana da arquitetura bretã do século xv1, que pavoneia sua fachada de estuque em meio às lindas casas coloniais na antiga colina, e à sombra do mais esplêndido campanário georgiano dos Estados Unidos. Encontrei-o trabalhando em seus aposentos, e de imediato constatei, a julgar pelas suas peças espalhadas, que seu talento era de fato profundo e original. Acredito que um dia ele será aclamado como um dos grandes decadentistas, pois cristalizou na argila e

um dia refletirá no mármore os pesadelos e fantasias que Arthur Machen evoca na prosa e Clark Ashton Smith torna visível no verso e na pintura.

Moreno, franzino e de aspecto algo desleixado, ele se voltou languidamente ao me ouvir bater à porta e, sem se levantar, perguntou-me a que vinha. Quando eu lhe disse quem eu era, ele demonstrou certo interesse; pois meu tio despertara-lhe a curiosidade ao investigar seus sonhos estranhos, embora nunca tivesse explicado a razão do seu interesse. Eu tampouco expliquei, mas procurei sutilmente fazer com que se abrisse comigo.

Em pouco tempo fiquei convencido da sua absoluta sinceridade, pois falou nos sonhos de um modo inequívoco. Os sonhos e o resíduo subconsciente deles haviam influenciado profundamente a sua arte, e ele me mostrou uma estátua mórbida cujos contornos quase me fizeram estremecer com a força de seu poder de negra evocação. Não se lembrava de ter visto o original daquilo, exceto no seu próprio baixo-relevo onírico, mas os contornos haviam-se formado insensivelmente sob suas mãos. Era, sem dúvida, o vulto gigantesco que ele entrevira no seu delírio. Deixou claro nada saber sobre o culto secreto, salvo o que o infatigável interrogatório do meu tio deixara escapar; e de novo me esforcei por imaginar algum modo pelo qual ele pudesse ter recebido as estranhas impressões.

Falou de seus sonhos num modo estranhamente poético, fazendo-me ver com assustadora nitidez a úmida cidade ciclópica de lodosa pedra verde (cuja geometria, ele enfatizou singularmente, estava "toda errada") e escutar com apavorada expectativa a evocação incessante e quase mental oriunda do subterrâneo da terra: "Cthulhu fhtagn", "Cthulhu lhtagn".

Essas palavras tinham feito parte daquele ritual macabro que falava do morto Cthulhu à espera, sonhando, na sua tumba de pedra em R'lyeh, e senti-me profundamente abalado, apesar do meu racionalismo. Eu tinha certeza de que Wilcox ouvira falar no culto por acaso, mas logo se esquecera dele em meio à massa de suas leituras e imaginação igualmente bizarras. Mais tarde, em virtude da impressionabilidade do moço, a lembrança achara expressão subconsciente em sonhos, no baixo-relevo e na medonha estátua que eu agora via, de modo que sua impostura sobre o meu tio fora totalmente inocente. O rapaz, ao mesmo tempo meio

afetado e ligeiramente mal-educado, não era do tipo que eu jamais poderia vir a gostar; mas eu estava ao menos disposto a reconhecer tanto o seu gênio quanto a sua honestidade. Despedi-me dele amigavelmente, desejando-lhe todo o sucesso que seu talento promete.

A questão do culto continuava a me fascinar, e às vezes eu tinha visões de fama pessoal obtida graças a pesquisas sobre sua origem e conexões. Visitei Nova Orleans, conversei com Legrasse e outros participantes da batida policial, vi a monstruosa imagem e até entrevistei alguns prisioneiros mestiços ainda vivos; o velho Castro, infelizmente, já morrera havia alguns anos. O que ouvi então, de forma tão nítida e em primeira mão, embora não fosse mais que uma confirmação detalhada daquilo que meu tio escrevera, voltou a me estimular, pois tive a certeza de estar na pista de uma religião muito real, muito secreta e muito antiga, cuja descoberta faria de mim um antropólogo de renome. Minha atitude era ainda de absoluto materialismo, como gostaria que ainda fosse, e descartei com inexplicável má vontade a coincidência entre os relatos de sonhos e os esquisitos recortes colecionados pelo professor Angell.

Uma coisa que comecei a suspeitar e que agora infelizmente eu sei; é que a morte do meu tio nada teve de natural. Ele caiu de uma ladeira estreita que saía de um antigo cais repleto de mestiços estrangeiros, após um descuidado empurrão de um marinheiro negro. Não esqueci o sangue misto e atividades navais dos membros do culto na Louisiana, e não me surpreenderia se viesse a ouvir falar de métodos secretos e agulhas envenenadas tão implacáveis e antigas quanto os rituais e credos crípticos. É verdade que Legrasse e seus homens foram deixados em paz; mas na Noruega, um certo homem do mar, que viu coisas, morreu. Será que as investigações mais profundas do meu tio, após o encontro com o escultor, não poderiam ter chegado a ouvidos sinistros? Eu acho que o professor Angell morreu porque sabia demais ou estava prestes a saber demais. Se terei o mesmo fim que ele, é o que me resta saber, pois agora eu também sei demais.

III. A LOUCURA QUE VEIO DO MAR

Se aprouver aos céus conceder-me algum dia uma bênção, pedirei que seja o esquecimento total dos resultados do mero acaso que fixou meus olhos num certo pedaço perdido de papel que forrava uma prateleira. Não era algo com que eu normalmente tropeçaria no curso

da minha rotina diária, pois tratava-se de um velho número de um jornal australiano, o Sydney Bulletin, de 18 de abril de 1925. A notícia escapara até mesmo ao escritório de recortes que, na época de sua publicação, coletava avidamente material para a pesquisa do meu tio.

Eu havia praticamente deixado de lado minhas investigações sobre o que o professor Angell chamava "Culto de Cthulhu", e estava visitando um letrado amigo em Paterson, Nova Jersey, curador de um museu local e renomado mineralogista. Um dia, examinando amostras de reserva colocadas desordenadamente sobre as prateleiras de uma sala nos fundos do museu, meu olhar foi atraído por uma estranha gravura num dos velhos jornais espalhados debaixo das pedras. Era o exemplar do Sydney Bulletin a que me referi, pois meu amigo tinha amplas ligações em todos os países imagináveis; e a figura era uma litografia de uma horrorosa estatueta de pedra quase idêntica à que Legrasse encontrara no pântano.

Ansiosamente afastando da folha de jornal os preciosos espécimes minerais, estudei a notícia detalhadamente, mas fiquei desapontado ao ver que não era muito extensa. O que sugeria, no entanto, era de imensa importância para minha investigação algo desalentada, e rasguei cuidadosamente o recorte a fim de empreender ação imediata. Dizia o seguinte:

NAVIO ABANDONADO ENCONTRADO NO MAR

Vigilant chega rebocando iate neozelandês armado e avariado. Encontrados a bordo um sobrevivente e um morto. Estória de batalha desesperada e mortes em alto-mar. Marinheiro salvo recusa-se a dar detalhes da estranha experiência. Misterioso ídolo achado em seu poder. Será aberto Inquérito.

O cargueiro da Morrison Co., Vigilant, proveniente de Valparaíso, atracou esta manhã no porto de Darling, trazendo a reboque o avariado e inutilizado, mas fortemente armado, iate a vapor Alert, com matrícula de Dunedin, N. Z., que fora avistado no dia 12 de abril na latitude sul 34° 21', longitude oeste 152° 17', com um homem vivo e um morto a bordo.

O Vigilant deixou Valparaíso a 25 de março e, no dia 2 de abril, sua rota foi consideravelmente desviada para sul por fortíssimas tempestades e ondas monstruosas. Em 12 de abril foi avistado o barco à deriva, e embora aparentemente abandonado pela tripulação, foram

encontrados a bordo um sobrevivente em estado de semi-delírio e um homem com evidências de estar morto há mais de uma semana.

O sobrevivente agarrava um horrível ídolo de pedra de origem desconhecida e cerca de um pé de altura, a respeito de cuja natureza as autoridades da Universidade de Sydney, da Royal Society e do Museu de College Street confessaram a mais absoluta ignorância, e que o sobrevivente afirma ter encontrado na cabina do iate, num pequeno relicário esculpido, de formato comum.

Após recuperar a consciência, esse homem narrou uma estória excessivamente estranha de pirataria e chacina. Seu nome é Gustaf Johansen, norueguês de alguma instrução, e servira como segundo-oficial da escuna Emma, de Auckland, que zarpou de Callao a 20 de fevereiro, com tripulação de onze homens.

A Emma, disse ele, foi retardada e largamente desviada de seu curso na direção sul pela grande tempestade de 1° de março; no dia 22 desse mês, na latitude sul 49° 51' e longitude oeste 128° 34', encontrou o Alert, tripulado por um esquisito e mal-encarado grupo de canacas e mestiços. Recebendo ordem peremptória de voltar, o capitão Collins recusou-se, ao que o estranho grupo abriu fogo violentamente e sem aviso sobre a escuna, com uma bateria peculiarmente pesada de canhões de bronze que faziam parte do equipamento do iate.

Os homens da Emma reagiram, prosseguiu o sobrevivente, e embora a escuna começasse a afundar devido a tiros que a atingiram abaixo da linha de flutuação, conseguiram abordar a embarcação inimiga e lutar corpo a corpo com os selvagens sobre o convés do iate, sendo forçados a matá-los todos, o número destes sendo ligeiramente maior, por causa de seu modo feroz e desesperado, ainda que despreparado, de lutar.

Três homens da Emma, incluindo o capitão Collins e o primeiro-oficial Green, foram mortos, e os oito restantes, sob comando do segundo-oficial Johansen, prosseguiram viagem no iate capturado, seguindo na direção original a fim de constatar se havia alguma razão para a ordem de retornar que tinham recebido.

No dia seguinte, ao que parece, desembarcaram numa pequena ilha, embora não conste a existência de ilha alguma naquela parte do oceano. Seis homens morreram em terra, ainda que Johansen seja estranhamente

reticente sobre essa parte da estória, limitando-se a afirmar que caíram num abismo rochoso.

Parece que mais tarde ele e um companheiro voltaram ao iate e tentaram prosseguir viagem, mas foram atingidos pela tempestade do dia 2 de abril.

A partir desse dia até seu resgate no dia 12, o homem se lembra de pouca coisa, e não se recorda sequer de quando William Briden, seu companheiro, morreu. A morte de Briden não revela causa aparente e provavelmente deveu-se a choque emocional ou exposição contínua às intempéries.

Notícias recebidas de Dunedin informam que o Alert era bem conhecido por lá como navegador de cabotagem e que gozava de má reputação nos meios marítimos. Era de propriedade de um curioso grupo de mestiços cujas freqüentes reuniões e viagens noturnas aos bosques despertavam considerável curiosidade; zarpara com grande pressa logo depois da tempestade e dos tremores de terra de 1° de marco.

Nosso correspondente em Auckland atribui à Emma e sua tripulação uma reputação excelente, e Johansen é descrito como homem sóbrio e valoroso.

Amanhã o almirantado abrirá inquérito sobre o incidente, no qual serão feitos todos os esforços para induzir Johansen a falar mais do que até o momento.

Isso era tudo, juntamente com a foto da imagem infernal; mas que sucessão de idéias desencadeou na minha mente! Aqui estavam novos tesouros de informação sobre o Culto de Cthulhu, bem como evidências de que possuía estranhos interesses no mar tanto quanto em terra. Que motivo levara a tripulação de mestiços a ordenar o retorno da Emma enquanto navegavam com aquele medonho ídolo? Qual era a ilha desconhecida onde seis membros da tripulação da Emma haviam morrido e sobre a qual o imediato Johansen guardava tanto segredo? O que haveria descoberto a investigação do almirantado e o que se saberia em Dunedin sobre aquele culto nefasto? E o mais surpreendente de tudo: que profunda e sobrenatural ligação de datas era essa que dava um significado maligno e agora inegável aos vários episódios tão cuidadosamente anotados por meu tio?

A 1° de março (nosso 28 de fevereiro, segundo a hora do meridiano de Greenwich) haviam ocorrido o terremoto e a tempestade. De Dunedin o Alert e sua revoltante tripulação haviam zarpado ansiosamente, como se atendessem a um imperioso chamado, enquanto do outro lado da terra poetas e artistas haviam começado a sonhar com uma estranha e lodosa cidade ciclópica, e um jovem escultor moldara durante o sono a forma do temível Cthulhu. A 23 de março a tripulação da Emma desembarcava numa ilha desconhecida, deixando ali seis mortos; e na mesma data os sonhos de homens sensíveis assumiam grande nitidez e se ensombreciam com o pavor da perseguição maligna de um monstro gigantesco, ao passo que um arquiteto enlouquecia e um escultor mergulhava repentinamente em total delírio! E o que dizer daquela tempestade de 2 de abril - data em que cessaram todos os sonhos da cidade lodosa e Wilcox emergiu incólume do cativeiro de sua estranha febre? O que dizer de tudo isso e das alusões do velho Castro sobre os Antigos, submersos filhos das estrelas cujo reinado estava próximo, do fervoroso culto que lhes era dedicado e do domínio que tenham sobre os sonhos? Estaria eu cambaleando à beira de horrores cósmicos além da capacidade humana de suportá-los? Se assim fosse, deveriam ser horrores apenas da mente, pois de alguma forma o dia 2 de abril pusera fim a qualquer ameaça monstruosa que iniciara seu assédio contra a alma da humanidade.

Naquela noite, após um dia inteiro de telegramas apressados e tomada de providências, despedi-me do meu anfitrião e embarquei num trem para São Francisco. Em menos de um mês estava em Dunedin, onde, contudo, descobri que pouco se sabia acerca dos estranhos membros do culto que haviam freqüentado as velhas tavernas do cais. A ralé do porto era comum demais para fazer jus a qualquer menção especial, embora se falasse vagamente sobre uma excursão terra adentro que aqueles mestiços haviam feito, e durante a qual tênues batidas de tambor e labaredas vermelhas nas colinas distantes tinham-se feito notar.

Em Auckland soube que Johansen havia retornado com os cabelos loiros totalmente brancos após um interrogatório superficial e inconcludente em Sydney, e que depois vendera sua pequena casa na Rua Oeste e zarpara com a esposa para seu antigo lar em Oslo. Nem aos seus amigos quis contar sobre a sua eletrizante experiência mais do que contara

aos oficiais do almirantado, e o máximo que puderam fazer foi dar-me o endereço dele em Oslo.

Depois disso fui a Sydney e conversei sem proveito algum com marinheiros e integrantes do tribunal marítimo. Vi o Alert, agora vendido e sendo usado como cargueiro no Cais Circular, em Sydney Cove, mas nada ganhei com a visita à neutra embarcação. A imagem agachada, com sua cabeça de polvo, corpo de dragão, asas escamosas e pedestal coberto de hieróglifos era conservada no Museu de Hyde Park, e eu a estudei detidamente, constatando ser obra de rematada e artística malignidade, dotada do mesmo mistério profundo, assustadora antigüidade e estranheza alienígena de material que eu observara no espécime menor de Legrasse. O curador me contou que os geólogos consideravam-na um monstruoso enigma, pois juravam não haver no mundo rocha igual àquela. Então me lembrei, com um calafrio, do que o velho Castro dissera a Legrasse sobre os primordiais Grandes: "Tinham vindo das estrelas, trazendo consigo Suas imagens".

Abalado por uma revolução mental como nunca experimentara antes, resolvi visitar o imediato Johansen em Oslo. Embarcando rumo a Londres, mal cheguei lá e tomei imediatamente um navio para a capital norueguesa, onde desembarquei em um dia de outono nos bem cuidados cais à sombra do Egeberg.

O endereço de Johansen, segundo apurei, ficava na Cidade Velha do rei Harold Haardrada, o bairro que manteve vivo o nome de Oslo durante os séculos em que a capital mascarou-se sob o nome de "Cristiânia". Fiz o breve trajeto de táxi, e foi com o coração palpitante que bati à porta de um antigo e belo edifício com fachada de estuque. Atendeu-me uma mulher de rosto triste vestida de preto, e a decepção se abateu sobre mim quando ela me informou, num inglês trôpego, que Gustaf Johansen havia morrido.

Ele não sobrevivera muito tempo após o seu regresso, contou-me sua viúva, pois os acontecimentos no mar em 1925 haviam-no al quebrado. Johansen não contara à esposa mais do que contara ao público, porém deixara um longo manuscrito - sobre "assuntos técnicos", segundo disse - escrito em inglês, com o propósito evidente de salvaguardá-la do perigo de uma leitura casual. Durante um passeio por uma vi ela estreita próxima às docas de Gothenburg, fora derrubado por um pesado fardo de jornais caído da janela de um sótão. Dois marinheiros de Lascar imediatamente

ajudaram-no a levantar-se, mas antes que a ambulância chegasse, ele já estava morto. Os médicos não encontraram causa específica para o óbito, atribuindo-o a problemas cardíacos e constituição debilitada.

Senti então remoer-me as entranhas aquele obscuro terror que nunca mais me deixará até que eu também venha a repousar, "acidentalmente" ou de outra forma. Tendo persuadido a viúva de que minha ligação com os "assuntos técnicos" de seu marido davam-me direito ao manuscrito, levei o documento comigo e comecei a lê-lo no navio de volta a Londres.

A redação era simples e sem elegância de estilo - tentativa de marinheiro ingênuo de compor um diário a posteriói - e procurava reconstituir, dia a dia, aquela última e fatídica viagem. Não há por que transcrevê-lo na íntegra com toda a sua ilegibilidade e redundâncias, mas narrarei o essencial do seu conteúdo para mostrar por que o barulho da água contra o casco do navio tornou-se tão insuportável para mim que tampei meus ouvidos com algodão.

Johansen, graças a Deus, não sabia de tudo, mesmo tendo visto a cidade e a Coisa, mas nunca voltarei a dormir calmamente de novo ao pensar nos horrores que espreitam incessantemente a vida no tempo e no espaço, e naquelas ímpias blasfêmias oriundas de imemoriais estrelas que sonham nas profundezas do mar, conhecidas e adoradas por um culto de pesadelo pronto e ansioso por soltá-las sobre o mundo assim que outro terremoto traga de novo à tona sua monstruosa cidade de pedra.

A viagem de Johansen havia começado exatamente como ele contou ao almirantado. A escuna Emma, com lastro, deixara Auckland a 20 de fevereiro, e sentira toda a força da tempestade causada pelo terremoto que deve ter feito emergir os horrores que preencheram os sonhos de tantos homens. Recuperado o controle da embarcação, esta prosseguia normalmente quando foi abordada pelo Alert a 22 de março, e pude sentir a tristeza do imediato ao descrever o bombardeio e afundamento do seu barco. Dos satanistas trigueiros do Alert ele fala com significativo horror. Havia neles algo de peculiarmente abominável que fazia com que a sua destruição parecesse quase um dever, e Johansen demonstra ingênua surpresa frente à acusação de desumanidade levantada contra o seu grupo durante os trabalhos da corte de inquérito. Então, levados adiante pela curiosidade no iate capturado, sob o comando de Johansen, os homens

avistaram uma enorme coluna de pedra que se projetava fora do mar, e na latitude sul 47° 9' e longitude oeste 126° 43', deram com um litoral de lama, lodo e alvenaria ciclópica coberta de musgo que não podia ser outra coisa senão a substância tangível do supremo terror do planeta - a cadavérica cidade-pesadelo de R'lyeh, construída há incontáveis eras antes da História pelos gigantescos e nefastos vultos procedentes das estrelas sem luz. Ali jaziam o grande Cthulhu e suas hordas, ocultos em verdes criptas lodosas de onde finalmente, após ciclos incalculáveis, emitiam os pensamentos que infundem medo nos sonhos dos sensíveis e conclamam imperiosamente os fiéis a uma peregrinação de libertação e restauração. Johansen nada suspeitava sobre isso, mas Deus sabe que ele logo veria o bastante!

Suponho que apenas o cume de uma montanha, a revoltante cidadela coroada por um monólito, onde estava sepultado o grande Cthulhu, emergiu verdadeiramente das águas. Quando penso na extensão de tudo o que pode estar à espreita lá embaixo, quase tenho vontade de me matar de uma vez. Johansen e seus homens estavam boquiabertos perante a cósmica majestade daquela gotejante Babilônia de demônios ancestrais, e devem ter adivinhado, sem maior orientação, que não se tratava de nada proveniente deste ou de qualquer planeta são. Perplexo temor diante do incrível tamanho dos blocos de pedra esverdeados, da estonteante altura do grande monólito esculpido e da assombrosa identidade entre as colossais estátuas e baixos-relevos e a esdrúxula imagem encontrada no relicário do Alert, é flagrante em cada linha da assustada descrição do imediato.

Sem ter qualquer noção da escola artística a que se dá o nome de futurismo, Johansen chegou a algo muito próximo quando falou sobre a cidade; pois, ao invés de descrever qualquer estrutura ou edifício definidos, ele se refere apenas às amplas impressões de vastos ângulos e superfícies de pedra superfícies grandes demais para pertencer a qualquer coisa correta ou apropriada nesta terra, e ímpias com aquelas horríveis imagens e hieróglifos. Menciono a alusão dele a ângulos porque sugere algo que Wilcox me dissera sobre seus arrepiantes sonhos; ele havia dito que a geometria do local do sonho era anormal, não-euclidiana, e perturbadoramente repleta de esferas e dimensões alheias às nossas. Agora um marujo iletrado sentia a mesma coisa encarando a terrível realidade.

Johansen e seus homens desembarcaram numa lamacenta encosta daquela monstruosa acrópole, e galgaram com dificuldade os titânicos blocos escorregadios que não poderiam ser uma escada para mortais. No céu, o próprio sol parecia distorcido quando visto através do miasma polarizador que subia daquela perversão encharcada de mar, e uma serpenteante ameaça e suspense pareciam espreitar de soslaio naqueles insanamente ilusórios ângulos de rocha talhada, onde um segundo olhar mostrava concavidade após o primeiro ter mostrado convexidade.

Algo muito próximo ao pavor já sobreviera a todos os exploradores antes que coisa mais definida do que pedra, lodo e algas fosse vista. Cada um deles teria fugido se não temesse a zombaria dos demais, e foi com entusiasmo mínimo que procuraram - em vão, como se veria - alguma pequena lembrança para levar consigo.

Foi Rodrigues, o português, que galgou o pé do monólito e gritou o que havia encontrado. Os demais seguiram-no e olharam cheios de curiosidade a imensa porta esculpida com o já familiar baixo relevo da lula-dragão. Segundo Johansen, era como uma enorme porta de celeiro; e todos julgaram ser uma porta devido ao dintel, umbral e batente ornamentados em volta, embora não conseguissem determinar se era plana como um alçapão ou oblíqua como uma porta externa de porão. Como Wilcox diria, a geometria daquele lugar era toda errada. Não se podia ter certeza de que o mar e a terra fossem horizontais, daí a posição relativa de tudo o mais parecer fantasmagoricamente variável.

Briden empurrou a pedra em diversos lugares, sem resultado. Em seguida Donovan tateou delicadamente as beiradas, pressionando cada ponto em separado. Escalou interminavelmente a grotesca cornija de pedra - isto é, diríamos "escalar" se a coisa não fosse mesmo horizontal - enquanto os homens se perguntavam, atônitos, corno alguma porta no universo poderia ser tão vasta. Então, muito devagar e suavemente, o painel de meio hectare de extensão pôs-se a ceder para dentro na parte de cima, ao que puderam constatar que estava equilibrada.

Donovan deslizou ou de alguma forma propulsou-se para baixo ou ao longo do batente e veio juntar-se aos companheiros, e todos assistiram à estranha recessão do portal monstruosamente esculpido. Naquela fantasia

de distorção prismática, ele se movia anomalamente em sentido diagonal, subvertendo todas as regras da matéria e da perspectiva.

A abertura era negra, de uma escuridão quase palpável. Aquela tenebrosidade tinha, com efeito, uma qualidade positiva, pois escurecia partes das paredes internas que deveriam estar claras, e na verdade se evolava como fumaça de seu imemorial aprisionamento, visivelmente eclipsando o sol à medida em que se esquivava pelo céu encolhido e convexo com esvoaçantes asas membranosas. O fedor que subiu das recém-abertas profundezas era insuportável, e logo depois Hawkins, que tinha ouvido apurado, julgou captar um asqueroso chapinhar vindo lá de baixo. Todos ficaram atentos, e continuavam atentos quando Aquilo assomou babosamente à vista e, às apalpadelas, espremeu Sua gelatinosa imensidão verde através da passagem negra para fora, ganhando o ar contaminado daquela peçonhenta cidade de loucura.

A caligrafia do pobre Johansen quase cedeu ao escrever essa parte. Dos seis homens que não voltaram ao navio, ele acha que dois morreram de puro pavor naquele instante amaldiçoado. A Coisa não pode ser descrita - não existem palavras capazes de expressar tais abismos de loucura estridente e imemorial, tais contradições alienígenas de toda matéria, força e harmonia cósmica. Uma montanha caminhava, ou cambaleava! Deus! Não admira que do outro lado da terra um grande arquiteto enlouquecesse e o pobre Wilcox delirasse de febre naquele instante telepático! A Criatura dos ídolos, o verde e pegajoso rebento das estrelas, despertara para reclamar o que era seu. As estrelas estavam novamente alinhadas, e o que um culto milenar falhara em fazer por fé, um bando de marinheiros inocentes fizera por acaso. Após trilhões de anos, o grande Cthulhu estava solto mais uma vez, e ávido de prazer.

Três homens foram varridos pelas flácidas garras antes que alguém pudesse se voltar para fugir. Que descansem em paz, se é que há algum descanso no universo. Foram eles Donovan, Guerrera e Angstrom. Parker escorregou enquanto os outros três disparavam freneticamente sobre panoramas intermináveis de rocha esverdeada rumo ao bote, e Johansen jura que ele foi tragado por um ângulo de alvenaria que não devia estar lá, um ângulo que, sendo agudo, comportava-se como se fosse obtuso. De modo que somente Briden e Johansen alcançaram o bote, e remaram desesperadamente para o Alert enquanto a montanhosa monstruosidade

descia desajeitadamente pelas pedras limosas e hesitava, cambaleante, à beira d'água.

O vapor continuava a sair do iate a despeito da saída de todos os homens para a praia, portanto bastou alguns momentos de febril corre-corre entre rodas e motores para fazer o Alert partir. Lentamente, em meio aos horrores distorcidos daquele indescritível e infernal cenário, o iate começou a singrar as águas mortíferas, enquanto sobre as pedras lavradas daquela praia sepulcral que não pertencia a este planeta, a Coisa titânica vinda das estrelas espumava e vozeava como Polifemo praguejando contra o navio de Odisseu em fuga. Então, mais ousado que o lendário ciclope, o grande Cthulhu deslizou oleosamente para dentro d'água e começou a perseguir o iate, erguendo ondas com suas braçadas de potência cósmica. Briden olhou para trás e enlouqueceu, com ocasionais acessos de riso, até que a morte foi encontrá-lo certa noite na cabina, enquanto Johansen errava pelo convés a delirar.

Mas Johansen ainda não se rendera. Sabendo que a Coisa alcançaria facilmente o Alert antes que o vapor atingisse a pressão máxima, optou por uma saída desesperada: regulando o motor para velocidade total, correu como um raio ao convés e reverteu o timão. O mar cobriu-se de remoinhos e espuma, e enquanto o vapor subia cada vez mais, o valente norueguês dirigiu a nave contra a abominação gelatinosa que o perseguia erguendo-se das imundas ondas espumantes como o castelo de popa de um galeão demoníaco. A medonha cabeça de polvo com tentáculos retorcendo-se chegava quase à altura do gurupés do resoluto iate, mas Johansen prosseguiu inabalavelmente.

Houve um estouro como o de uma bexiga rebentando, o derrame de uma nojeira lamacenta como a que jorra de um peixe-lua partido, um fedor como de mil sepulturas abrindo-se de chofre e um som que o cronista negou-se a registrar. Por um instante o barco foi emporcalhado por uma nuvem verde, acre e cegante, e logo depois havia apenas um empeçonhado fervilhar à ré, onde - Deus do Céu! a espalhada plasticidade daquele inominável rebento sideral estava nebulosamente recompondo-se na sua execrável forma original, distanciando-se cada vez mais à medida em que o Alert ganhava velocidade de seu vapor ascendente.

Isso foi tudo. Depois disso Johansen limitou-se a contemplar o ídolo na cabina e a providenciar comida para si e para o maníaco risonho do seu

lado. Não tentou navegar depois daquela façanha, pois a experiência como que lhe esvaziara a alma. Sobreveio então a tempestade de 2 de abril e uma concentração de nuvens que lhe obscureceram a consciência. Teve uma sensação de turbilhão espectral por líquidos golfos de infinito, de Jornadas estupefacientes através de universos giratórios numa cauda de cometa, e de mergulhos histéricos das profundezas do inferno até a lua e da lua de volta às profundezas do inferno, tudo isso animado por um coro gargalhante dos deuses ancestrais, disformes e hilários, e dos zombeteiros demônios do Tártaro, verdes e com asas de morcego.

Saído desse sonho veio o socorro - o Vigilant, a corte do almirantado, as ruas de Dunedin e a longa viagem de volta ao lar, à velha casa às margens do Egeberg. Não podia falar nada - tê-lo-iam julgado louco. Ele haveria de escrever o que sabia antes que a morte chegasse, mas era necessário que sua esposa de nada desconfiasse. A morte viria como uma bênção se ao menos obliterasse as lembranças.

Esse foi o documento que eu li, e que então coloquei na caixa de metal junto com o baixo-relevo e os papéis do professor Angell. A eles acrescentarei este meu relato -prova da minha sanidade, no qual reuni as peças de algo que, espero, nunca mais ninguém volte a decifrar. Vi tudo o que o universo pode conter de horror, e depois disso até mesmo os céus primaveris e as flores de verão serão veneno para mim. Mas não creio que minha vida será longa. Como meu tio se foi, como o pobre Johansen se foi, também eu irei. Sei demais, e o culto ainda vive.

Cthulhu também vive ainda, acredito, naquele precipício de pedra que o vem abrigando desde a infância do sol. Sua amaldiçoada cidade tornou a afundar, pois o Vigilant percorreu aquela região após a tempestade de abril; mas seus adoradores na terra ainda urram, saltam e matam ao redor de ídolos sobre monólitos em locais ermos e solitários.

Ele deve ter sido surpreendido pelo afundamento quando se achava no seu abismo negro, do contrário o mundo inteiro estaria agora berrando de pavor e frenesi. Quem sabe qual será o final? O que emergiu pode afundar, e o que afundou pode emergir. A repugnância suprema aguarda sonhando nas profundezas e a podridão paira sobre as precárias cidades dos homens. O tempo virá... mas não devo, nem posso pensar! Só me resta a esperança de que, se eu não sobreviver a este manuscrito, meus

testamenteiros tenham mais precaução que audácia e impeçam que outros olhos o vejam.

* * *



O Caso de Charles Dexter Ward

Capítulo Um

UM RESULTADO E UM PRÓLOGO

1

DE UM HOSPITAL particular para doentes mentais, nas proximidades de Providence, em Rhode Island, desapareceu há pouco tempo uma pessoa extraordinariamente singular. Chamava-se Charles Dexter Ward e fora internado com grande relutância do pai, o qual, pesaroso, vira sua aberração transformar-se de mera excentricidade numa lúgubre obsessão que implicava a possibilidade de tendências assassinas e uma mudança peculiar de sua estrutura mental. Os médicos confessam-se bastante desconcertados com seu caso, pois apresenta singularidades de caráter fisiológico geral e, ao mesmo tempo, psicológico.

Em primeiro lugar, o paciente parecia estranhamente mais velho do que atestavam seus vinte e seis anos. É verdade que uma perturbação mental faz uma pessoa envelhecer depressa, mas o rosto desse jovem assumira uma aparência grácil que só os muito idosos normalmente adquirem. Em segundo lugar, seus processos orgânicos mostravam uma certa estranheza de proporções que não encontrava paralelo na experiência médica. A respiração e o funcionamento cardíaco tinham uma desconcertante falta de simetria, a voz sumira, a ponto de lhe ser impossível emitir qualquer som mais alto do que um sussurro, a digestão era incrivelmente prolongada e reduzida ao mínimo, e as reações nervosas aos estímulos comuns não tinham qualquer relação com tudo o que, normal ou patológico, fora antes registrado no passado. A pele era morbidamente fria e a estrutura celular do tecido parecia exageradamente áspera e frouxa. Até uma marca de nascença, grande e cor de oliva sobre o quadril direito, havia desaparecido e, ao mesmo tempo, formara-se sobre seu peito uma verruga muito peculiar, uma mancha enegrecida, da qual não havia sinal antes. Em geral, todos os médicos concordam que em Ward os processos metabólicos estavam retardados num grau inusitado.

Do ponto de vista psicológico, Charles Ward era singular. Sua loucura não tinha nenhuma afinidade com qualquer caso já registrado, inclusive nos tratados mais recentes e abrangentes, e se combinava a uma

energia mental que o tornaria um gênio ou um líder não tivesse degenerado em formas estranhas e grotescas. O doutor Willett, o médico da família Ward, afirma que toda a capacidade mental do paciente, a julgar por sua reação às questões externas à esfera de sua insanidade, em realidade aumentara desde que adoecera. Ward, em verdade, sempre fora um estudioso e um apreciador de antiguidades; mas mesmo suas obras anteriores mais brilhantes não mostravam o prodigioso domínio e a profundidade revelados durante os exames a que os psiquiatras o submeteram. Em realidade, foi difícil conseguir sua internação legal no hospital, tão poderosa e lúcida parecia a mente do jovem, e somente as provas apresentadas por outras pessoas e a quantidade de lacunas anormais em seu cabedal de informações, em contraposição à sua inteligência, permitiram que ele fosse por fim internado. Na época de seu desaparecimento era um ávido leitor e um conversador tão grande quanto sua fraca voz lhe permitia, e observadores agudos, incapazes de prever sua fuga, prognosticavam que ele não demoraria muito a obter a autorização para sair do hospital.

2

Somente o doutor Willett, que trouxera ao mundo Charles Ward e acompanhara o desenvolvimento de seu corpo e espírito, parecia alarmado com a idéia de sua futura liberdade. Ele tivera uma terrível experiência e fizera uma terrível descoberta que não ousava revelar aos colegas céticos. Em realidade, Willett guarda para si um pequeno mistério em seu envolvimento com o caso. Ele foi a última pessoa a ver o paciente antes da fuga e saiu daquela derradeira entrevista num estado de horror misturado a alívio lembrado por muitos ao ser conhecida a fuga de Ward, três horas mais tarde. A fuga em si é um dos mistérios não solucionados do hospital do doutor Waite. Uma janela aberta sobre uma abrupta queda de vinte metros não a explicaria; contudo, após aquela conversa com Willett, o jovem inegavelmente desaparecera. O próprio Willett não tem explicações satisfatórias para oferecer, embora estranhamente seu espírito pareça mais aliviado do que antes da fuga. Muitos, em realidade, acham que ele gostaria de dizer mais coisas se acreditasse que um número considerável de pessoas lhe daria crédito. Encontrara Ward em seu quarto, mas, pouco depois que o médico saíra, os atendentes bateram em

vão à porta. Ao abri-la, constataram que o paciente não estava lá e só encontraram a janela aberta através da qual uma brisa gélida de abril trouxe para dentro uma nuvem de fino pó cinza-azulado que quase os sufocou. É verdade que os cães uivaram algumas vezes antes, mas isto foi enquanto Willett ainda estava presente; os animais não pegaram nada e em seguida se acalmaram. O pai de Ward foi informado imediatamente por telefone, contudo pareceu mais entristecido do que surpreso. Quando o doutor Waite foi visitá-lo pessoalmente, o doutor Willett já havia conversado com ele e ambos negaram qualquer conhecimento ou cumplicidade na fuga. Só foi possível obter algumas indicações de poucos amigos íntimos de Willet e de Ward pai, e mesmo estas eram extremamente fantásticas para que se lhes pudesse dar crédito. O único fato concreto é que até o momento não foi descoberto nenhum vestígio do louco desaparecido.

Charles Ward amava as coisas antigas desde a infância e indubitavelmente adquirira essa predileção por causa da antiguidade da cidade em que vivia e pelas relíquias do passado que enchiam cada canto da velha mansão dos pais em Prospect Street, no cume da colina. Com o passar dos anos, sua paixão pelas coisas antigas aumentava de forma que história, genealogia e o estudo da arquitetura, do mobiliário e da arte colonial acabaram por ocupar totalmente sua esfera de interesses. É importante lembrar estas predileções ao analisar sua loucura, pois muito embora não constituam absolutamente seu cerne, desempenham um papel proeminente em sua forma superficial. As lacunas de informação detectadas pêlos psiquiatras estavam todas relacionadas a assuntos modernos e invariavelmente eram contrabalançadas por um correspondente e excessivo, embora exteriormente disfarçado, conhecimento de assuntos do passado, revelado porém por um hábil interrogatório: de modo que se poderia imaginar que o paciente literalmente se transferira para uma época anterior por alguma obscura espécie de auto-hipnose. O estranho era que Ward não parecia mais interessado pelas coisas antigas que conhecia tão bem. Aparentemente, perdera o apreço por elas por causa da mera familiaridade, e todos os seus esforços recentes estavam obviamente voltados para o domínio dos fatos comuns do mundo moderno que se haviam apagado de maneira tão completa e inequívoca de seu cérebro. E ele se esforçava para esconder tal aniquilação, mas era claro para quem o observava que todo o seu

programa de leituras e conversações era determinado por um frenético desejo de sorver os conhecimentos de sua própria vida e da formação cultural e prática comum do século XX que ele deveria possuir pelo fato de ter nascido em 1902 e de ter sido educado nas escolas do nosso tempo. Os psiquiatras perguntam-se agora, tendo em vista a destruição total de seu cabedal de informações, como o paciente fugitivo conseguira fazer frente ao complexo mundo dos nossos dias; e a opinião comum é que estaria se escondendo numa função humilde e discreta até que seu cabedal de informações modernas pudesse voltar ao nível normal.

O início da loucura de Ward constitui matéria de debate entre os psiquiatras. O doutor Lyman, a eminente autoridade de Boston, situa-o entre 1919 e 1920, o último ano que o rapaz cursara na Escola Moses Brown, quando subitamente se desviou do estudo do passado para o do oculto e recusou preparar-se para a universidade, alegando que tinha pesquisas pessoais muito mais importantes a realizar. Com certeza, isto foi uma decorrência da alteração dos hábitos de Ward na época, principalmente de sua busca contínua, nos registros da cidade e entre antigos cemitérios, de certa sepultura aberta em 1771: o túmulo de um ancestral chamado Joseph Curwen, do qual alegara ter encontrado certos papéis atrás dos lambris de uma casa muito antiga de Olney Court, em Stampers Hill, em que notoriamente Curwen havia vivido.

É inegável que no inverno de 1919-20 houve uma grande mudança em Ward; de fato, ele parou de repente suas atividades de antiquário, empreendendo uma investigação profunda no campo do ocultismo em seu país e no exterior, alternando-a apenas à busca estranhamente obstinada do túmulo do seu antepassado.

O doutor Willett, contudo, discorda substancialmente dessa opinião, baseando seu parecer no prolongado conhecimento íntimo do paciente e em algumas pesquisas e descobertas assustadoras feitas a seu respeito. Essas pesquisas e descobertas deixaram nele uma marca tão profunda que ao falar nelas sua voz treme e treme-lhe a mão ao escrever sobre elas. Willett admite que a mudança ocorrida em 1919-20 parece marcar o início de uma decadência progressiva que culminou na horrível, triste e misteriosa alienação mental de 1928, mas acredita, baseado na observação pessoal, que é preciso fazer uma distinção mais nítida. Reconhecendo que o rapaz sempre teve um temperamento pouco

equilibrado e propenso a uma suscetibilidade e a um entusiasmo excessivos em suas reações aos fenômenos que o cercavam, ele se recusa a admitir que as primeiras mudanças marcam a passagem da razão à loucura; ao contrário, prefere acreditar na própria afirmação de Ward, de que descobrira ou redescobrira algo cujo efeito sobre o pensamento humano seria provavelmente maravilhoso e profundo.

A loucura verdadeira, ele tem certeza disso, apareceu com uma mudança posterior, depois do descobrimento do retrato e dos velhos papéis de Curwen; após uma viagem a estranhos lugares no exterior, após recitar certas terríveis invocações em estranhas e secretas circunstâncias; depois de obter claramente certas *respostas* a essas invocações e de redigir urna carta em condições angustiantes e inexplicáveis; depois da onda de vampirismo e dos infaustos boatos em Pawtuxet; e depois que a memória do paciente começou a excluir as imagens contemporâneas ao mesmo tempo em que sua voz falhava e seu aspecto físico ia sofrendo a sutil modificação que tantas pessoas mais tarde notaram.

Somente nessa época, salienta Willett com grande agudeza, o clima de pesadelo passou a ser inquestionavelmente associado a Ward e o médico, estremecendo de pavor, está seguro de que existem provas bastante concretas corroborando a afirmação do rapaz quanto à sua descoberta crucial. Em primeiro lugar, dois trabalhadores muito inteligentes viram os velhos papéis de Joseph Curwen quando ele os descobriu. Em segundo, o rapaz uma vez lhe mostrou tais papéis e uma página do diário de Curwen, e cada um dos documentos tinha toda a aparência de autenticidade. O buraco onde Ward afirmou tê-los encontrado é uma realidade visível e Willett tivera oportunidade de vê-los pela última vez e de modo bastante convincente num local em que ninguém acreditaria ou cuja existência talvez jamais seria provada. Depois havia os mistérios e as coincidências das outras cartas de Orne e Hutchinson e o problema da caligrafia de Curwen e daquilo que os detetives trouxeram à luz a respeito do doutor Allen; essas coisas e a terrível mensagem em cursivo medieval encontrada no bolso de Willett quando recuperou a consciência após sua experiência chocante.

E mais conclusivos do que tudo são os dois horrendos *resultados* obtidos pelo médico com certas fórmulas durante suas investigações finais; resultados que praticamente comprovaram a autenticidade dos

papéis e de suas monstruosas implicações, ao mesmo tempo em que os tais papéis foram subtraídos para sempre do conhecimento humano.

3

É preciso considerar os primeiros anos da vida de Charles Ward como algo que pertence ao passado e às antiguidades que ele amava tão ardentemente. No outono de 1918, com uma considerável manifestação de entusiasmo pelo adestramento militar da época, ele ingressara no primeiro ano da Escola Moses Brown, que fica bem próxima de sua casa. O antigo edifício principal, erguido em 1819, sempre agradara seu gosto pelas coisas antigas; e o amplo parque no qual se localiza a Academia atraía sua predileção pela paisagem. Suas atividades sociais eram poucas e passava grande parte de seu tempo em casa, em caminhadas sem destino, nas aulas e deveres e na busca de dados arqueológicos e genealógicos na Prefeitura, na Assembléia Estadual, na Biblioteca Pública, na Sociedade Científica, na Sociedade Histórica, nas bibliotecas John Carter Brown e John Hay da Brown University e na Biblioteca Shepley, recentemente inaugurada em Benefit Street. Ainda é possível retratá-lo como era naquele tempo: alto, magro, loiro, olhos atentos e ligeiramente curvo, trajado de maneira um tanto negligente. A impressão predominante era de inócua falta de jeito mais que de encanto pessoal.

Suas caminhadas eram sempre aventuras pelo mundo do passado, durante as quais ele tentava recapturar as miríades de relíquias de uma fascinante cidade antiga, um retrato vivo e coerente de outros séculos. Sua casa era uma grande mansão georgiana no topo da colina bastante íngreme que se ergue a leste do rio, e das janelas posteriores ele olhava atordoado a multidão de pináculos, cúpulas, telhados e topos de arranha-céus da cidade baixa até as colinas em tons violeta nos campos distantes, ao fundo. Aqui ele nascera e do belo pórtico clássico na fachada de tijolos entre as duas janelas salientes a babá o conduzia para o primeiro passeio de carrinho; em frente à pequena casa branca da fazenda de duzentos anos, que há muito a cidade absorvera, em direção às imponentes escolas ao longo da rua suntuosa, cujas antigas mansões quadradas de tijolos e casas menores

de madeira de pórticos estreitos com pesadas colunas dóricas pareciam sonhar, sólidas e exclusivas em meio aos seus generosos parques e jardins.

Havia sido conduzido também ao longo da sonolenta Congdon Street, um patamar abaixo na colina íngreme e com todas as suas casas a leste sobre altos terraços. As pequenas casas de madeira em geral eram mais antigas aqui, pois ao crescer a cidade fora subindo por esta colina. Nesses passeios ele absorvera um pouco da cor de uma pitoresca aldeia colonial. A babá costumava parar e sentar-se nos bancos de Prospect Terrace para conversar com os guardas; e uma das primeiras lembranças da criança era o imenso mar de nebulosos telhados, cúpulas, campanários e colinas distantes a ocidente, que vira numa tarde de inverno daquele grande terraço com balaustrada, violeta e místico contra um pôr-de-sol apocalíptico, de febris tons vermelhos, ouro, púrpura e curiosos verdes. A imensa cúpula de mármore da Assembléia destacava-se com sua maciça silhueta, a estátua do topo aureolada fantasticamente por um rasgo na camada de nuvens matizadas que barravam o céu chamejante.

Quando ele cresceu, começaram suas famosas caminhadas; primeiro com a babá, arrastada com impaciência, e depois sozinho em sonhadora meditação. Ele se aventurava cada vez mais longe, descendo a colina quase perpendicular, alcançando os planos mais antigos e pitorescos da cidade velha. Hesitava cautelosamente descendo a vertical Jenckes Street com seus muros posteriores e frontões coloniais até a esquina da sombria Benefit Street, onde se erguiam dois portões antigos com colunas jônicas; ao seu lado, um telhado pré-histórico com mansarda, as ruínas de um primitivo quintal de fazenda e a imensa casa do juiz Durfee, com vestígios do fausto georgiano. Isto aqui estava se tornando um cortiço, mas os olmos titânicos espalhavam uma sombra restauradora sobre o lugar e o menino costumava dirigir-se para o sul — pelas longas fileiras de casas da época pré-revolucionária com suas grandes chaminés centrais e portais clássicos. Do lado oriental, elas se erguiam sobre porões com dois lances de degraus de pedra ladeados por balaústres de ferro, e o jovem Charles as imaginava como eram quando a rua era nova e saltos vermelhos e perucas adornavam os frontões pintados cujos sinais de deterioração já se tornavam tão visíveis.

A oeste, a colina despencava quase tão verticalmente como acima, até a velha "Town Street" que os fundadores haviam projetado à beira do

rio em 1636. Aqui estendiam-se inúmeras vielas com casas amontoadas, apoiadas umas às outras, antiqüíssimas; embora fascinado, demorou muito até ousar palmilhar sua arcaica verticalidade, temeroso de que não passassem de um sonho ou o introduzissem a terrores desconhecidos. Achava muito menos ameaçador prosseguir por Benefit Street em frente às grades de ferro que cercavam o escondido cemitério da Igreja St. John e a parte posterior de Colony House, de 1761, e a massa da Golden Ball Inn, reduzida a ruínas, onde Washington se hospedara. Em Meeting Street — chamada sucessivamente Gaol Lane e King Street em outras épocas — ele costumava olhar para cima, em direção ao oriente, e contemplar os lances curvos de degraus com os quais a estrada subia a encosta, e depois para baixo, a ocidente, vislumbrando o antigo edifício colonial de tijolos da escola, que sorri do outro lado da rua sob a antiga tabuleta com a Cabeça de Shakespeare, onde o *Providence Gazette and Country-Journal* era impresso antes da Revolução. Vinha então a bela Primeira Igreja Batista de 1775, faustosa, com seu incomparável campanário de Gibbs, e ao seu redor os telhados georgianos e as cúpulas como que suspensos no ar. Aqui e para o sul o bairro se tornava mais bonito, desabrochando finalmente num maravilhoso grupo de mansões primitivas. Mas as vetustas vielas ainda conduziam ladeira abaixo a oeste, espectrais no arcaísmo de suas inúmeras cúspides, mergulhando numa orgia de decadência iridescente onde o antigo porto de odores repulsivos lembra os gloriosos tempos das índias Orientais entre sordidez e vícios poliglotas, desembarcadouros podres, velaria indistinta e nomes de ruas sobreviventes como Packet, Bullion, Gold, Silver, Coin, Doubloon, Sovereign, Guilder, Dollar, Dime e Cent.

Às vezes, à medida que ia crescendo e se tornava mais afoito, o jovem Ward se aventurava lá em baixo naquele turbilhão de casas trôpegas, bandeiras de janelas quebradas, degraus arrebentado, balaustradas retorcidas, rostos trigueiros e odores indefiníveis; virando de South Main para South Water, vasculhando as docas onde os vapores ainda atracavam na baía e voltando em direção ao norte para este terraço inferior, passando pêlos armazéns de tetos muito inclinados de 1816 e a ampla praça na Great Bridge, aqui o edifício do Mercado de 1773 ainda se ergue firme sobre seus antigos arcos. Naquela praça ele costumava parar para contemplar a fantástica beleza da cidade velha sobre o penhasco oriental, coberta de cúspides georgianas e coroada pela imensa

e nova cúpula da Christian Science, assim como Londres é coroada pela cúpula de São Paulo. Agradava-lhe extremamente chegar a este local no fim da tarde, quando os raios inclinados do sol inundam de ouro o edifício do mercado e os antigos telhados e campanários na colina e mergulham em sua magia os desembarcadouros sonolentos onde os navios de Providence, procedentes das índias, costumavam fundear. Após uma longa contemplação sentia o atordoamento de sua paixão de poeta por aquela paisagem, e então escalava a encosta em direção à sua casa, no crepúsculo, passando pela antiga igreja branca, subindo pelas ruas íngremes onde brilhos amarelos começavam a surgir nas janelas de pequenas vidraças e através das bandeiras das portas, lá no alto, sobre lances duplos de escadas com curiosas balaustradas de ferro trabalhado.

Em outras épocas, e nos últimos anos, ele costumava procurar contrastes vivos; realizando parte da caminhada pêlos bairros coloniais em ruínas a noroeste de sua casa, onde a colina desce abruptamente até a elevação inferior de Stampers Hill com seu gueto e o bairro negro apertando-se ao redor da praça da qual a diligência de Boston costumava partir antes da Revolução, e a outra parte na graciosa região meridional das ruas George, Benevolent, Power e Williams, onde a velha encosta guarda intocadas as belas propriedades e trechos de jardins cercados por muros e vielas íngremes e verdes, nas quais perduram inúmeras e fragrantes memórias. Estas perambulações, juntamente com os estudos diligentes que as acompanhavam, com certeza são responsáveis pela quantidade de conhecimentos sobre arqueologia que no fim povoavam o mundo moderno na mente de Charles Ward e mostram o terreno espiritual sobre o qual caíram, naquele inverno fatal de 1919-20, as sementes brotadas daquela estranha e terrível fruição.

O doutor Willett está certo de que, até aquele malfadado inverno em que ocorreu a primeira mudança, a paixão de Charles Ward pela arqueologia não tinha qualquer sinal de morbidez. Os cemitérios não tinham para ele nenhuma atração particular além de seu exotismo e seu valor histórico, e ele estava totalmente isento de tudo que se assemelhasse a violência ou instintos selvagens. Foi então que, numa progressão insidiosa, pareceu desenvolver uma curiosa seqüela de um dos seus triunfos genealógicos do ano anterior, quando descobrira entre seus ancestrais maternos um indivíduo que teve vida muito longa,

chamado Joseph Curwen, que para lá se mudara vindo de Salem em março de 1692 e em torno do qual sussurra vá-se uma série de boatos extremamente peculiares e inquietantes.

O tataravô de Ward, Welcome Potter, casara-se em 1785 com certa "Ann Tillinghast, filha de Eliza, filha do capitão James Tillinghast", de cuja paternidade a família não preservara qualquer vestígio. No final de 1918, examinando um volume de registros manuscritos originais da cidade, o jovem genealogista encontrou um assentamento descrevendo uma mudança legal de nome, pelo qual uma senhora Eliza Curwen, viúva de Joseph Curwen, retomava, juntamente com a filha Ann, de sete anos de idade, o nome de solteira Tillinghast; alegando "que o nome de seu marido se tornara opróbrio público em razão do que se soubera após seu falecimento; confirmando um antigo boato, que não deveria ser levado em conta por uma esposa leal enquanto não se comprovasse que estava acima de qualquer dúvida". Este assentamento veio à luz pela separação acidental de duas folhas cuidadosamente coladas uma à outra para parecerem uma só após uma trabalhosa verificação dos números das páginas.

Ficou imediatamente claro para Charles Ward que havia de fato descoberto um tetravô até então desconhecido. A descoberta o emocionou duplamente porque já havia ouvido vagas histórias e observado alusões esparsas relacionadas a essa pessoa sobre a qual restavam tão poucos registros publicamente disponíveis, além daqueles só conhecidos nos tempos modernos, que quase parecia existir uma conspiração para apagá-la da memória. A descoberta, além disso, era de uma natureza tão singular e excitante que não se poderia deixar de pensar no que os escrivães coloniais estavam tão ansiosos por ocultar e esquecer, ou suspeitar que a passagem fora suprimida por razões totalmente válidas.

Antes disso, Ward contentara-se em deixar adormecida sua fascinação pelo velho Joseph Curwen; mas ao descobrir seu parentesco com esse personagem sobre o qual se preferia silenciar, passou a perseguir da maneira mais sistemática possível tudo o que podia achar a seu respeito. Nessa agitada busca, ele acabou alcançando um sucesso superior às suas expectativas mais ousadas, pois velhas cartas, diários e pilhas de livros de memórias não publicadas encontrados nas águas-furtadas cheias de teias de aranhas de Providence e de outros lugares continham muitas passagens esclarecedoras que seus autores não haviam

achado necessário destruir. Uma informação acidental surgiu até mesmo num lugar tão distante como Nova Iorque, onde uma correspondência da época colonial de Rhode Island estava guardada no Museu de Francês' Tavern. A coisa realmente crucial, entretanto, e o que na opinião do doutor Willett constituiu a causa definida da desgraça de Ward, foi o material encontrado em agosto de 1919 atrás dos lambris de madeira da casa semidestruída de Olney Court. Foi aquilo, sem sombra de dúvida, que escancarou as visões negras cujo fim era mais profundo do que o inferno.

Capítulo Dois

ANTECEDENTE E HORROR

1

Joseph Curwen, segundo revelaram as vagas lendas ouvidas ou descobertas por Ward, era um indivíduo extremamente assombroso, enigmático, sombriamente horrível. Ele fugira de Salem para Providence — o abrigo universal dos excêntricos, dos homens livres e dos dissidentes — no início do grande pânico da bruxaria, temendo ser acusado por causa de seus hábitos solitários e de suas curiosas experiências químicas e alquimistas. Era um homem de aspecto insignificante, de cerca de trinta anos de idade; logo foi considerado digno de se tornar um cidadão de Providence; adquiriu então um lote para habitação ao norte daquele de Gregory Dexter, aproximadamente no início de Olney Court. Sua casa foi construída em Stampers Hill a oeste de Town Street, na parte que mais tarde se chamaria Olney Court, e em 1761a substituiu por outra maior, no mesmo local, que ainda está de pé.

A primeira coisa estranha em Joseph Curwen era o fato de que ele não parecia mais velho do que era na época de sua chegada. Ingressou no negócio dos transportes marítimos, adquiriu alguns desembarcadouros nas proximidades de Mile-End Cove, ajudou a reconstruir a Great Bridge em 1713 e a Igreja Congregacional sobre a colina; mas sempre conservava o aspecto indefinível de um homem não muito acima dos trinta ou trinta e cinco anos. Com o passar das décadas, esta característica singular começou a despertar grande atenção, mas Curwen sempre a explicava dizendo que descendia de antepassados vigorosos e levava uma vida simples que não o desgastava. De que maneira tal simplicidade poderia se conciliar com as inexplicáveis idas e vindas do comerciante e com estranhos brilhos em suas janelas a todas as horas da noite não era muito claro para as gentes da cidade, que estavam propensas a atribuir outras razões à sua perene juventude e longevidade. A maioria acreditava que isto teria muito a ver com incessantes misturas e cocção de substâncias químicas. Diziam os boatos que ele mandava vir estranhas substâncias de Londres e das índias em seus navios ou as adquiria em Newport, Boston e

Nova Iorque, e quando o velho doutor Jabez Bowen chegou de Rehoboth e abriu sua loja de boticário do outro lado da Great Bridge com o Unicórnio e o Almofariz na tabuleta sobre a porta, houve intermináveis falatórios a respeito das drogas, ácidos e metais que o taciturno recluso continuamente comprava ou encomendava. Supondo que Curwen possuísse uma assombrosa e secreta habilidade de médico, muitos que sofriam de várias doenças recorriam a ele, mas embora parecesse encorajar sua convicção, ainda que de modo cauteloso, e sempre lhes desse poções de cores estranhas para atendê-los, observava-se que as coisas que ele ministrava aos outros raramente eram eficazes. Finalmente, quando mais de cinqüenta anos haviam se passado desde a chegada do forasteiro, sem produzir uma mudança de mais de cinco anos em seu rosto e físico, as pessoas começaram a murmurar de maneira ainda mais insistente e atender quase totalmente ao desejo de isolamento que ele sempre manifestara.

Cartas pessoais e diários da época revelam também uma profusão de outras razões pelas quais Joseph Curwen era olhado com estranheza, temido e, no fim, evitado como a peste. Sua paixão pêlos cemitérios, nos quais era visto a todas as horas e com qualquer tempo, era notória, embora ninguém tivesse presenciado qualquer ato de sua parte que pudesse de fato ser definido como vampiresco. Ele possuía uma fazenda na Pawtuxet Road, na qual costumava morar durante o verão e para a qual frequentemente podia ser visto dirigir-se a cavalo nas horas mais estranhas do dia e da noite. Aqui, seus únicos empregados, trabalhadores braçais e guardas, eram dois taciturnos índios da tribo Narragansett: o marido mudo e com curiosas cicatrizes, e a mulher com uma expressão extremamente repulsiva, talvez devido a uma mistura com sangue negro. Num anexo dessa casa ficava o laboratório onde era realizada a maior parte das experiências químicas. Carregadores e carroceiros que entregavam garrafas, sacos ou caixas nas portas traseiras da casa bisbilhotavam e trocavam relatos sobre os fantásticos frascos, crisóis, alambiques e fornalhas que viam no quarto baixo cheio de prateleiras, e profetizavam em sussurros que o calado "quimista" — querendo dizer "alquimista" — não demoraria a descobrir a Pedra Filosofal. Os vizinhos mais próximos à sua fazenda — os Fenners, distantes um quarto de milha — tinham coisas ainda mais fantásticas para contar a respeito de certos sons que, afirmavam, vinham da casa de Curwen à noite. Eram gritos, diziam, e uivos prolongados, e eles não gostavam da grande quantidade de

gado que invadia os pastos, porque essa quantidade não era necessária para suprir um velho solitário e pouquíssimos empregados com carne, leite e lã. A identidade do gado parecia mudar de semana a semana quando novos rebanhos eram comprados dos fazendeiros de Kingstown. E depois também havia algo extremamente detestável com relação a um grande edifício de pedra, pouco distante da casa, com estreitas fendas em lugar das janelas.

Os desocupados da Great Bridge tinham muito para comentar sobre a casa de Curwen na cidade, em Olney Street; não tanto a casa nova, bonita, construída em 1761, quando o homem devia ter aproximadamente um século, mas a primeira, baixa, o telhado com água-furtada, sem janelas, revestida de tábuas, cujo madeiramento ele tomou a peculiar precaução de queimar após a demolição. Aqui havia menos mistério, é verdade, mas as horas nas quais as luzes eram vistas, o ar furtivo dos dois forasteiros morenos que constituíam a única criadagem masculina, os horríveis e indistintos murmúrios da governanta francesa incrivelmente velha, a grande quantidade de comida que era vista entrar por uma porta atrás da qual viviam apenas quatro pessoas e a *qualidade* de certas vozes ouvidas frequentemente em conversais abafadas em horas totalmente inadequadas, tudo isto combinava com o que se sabia da fazenda Pawtuxet para conferir ao lugar uma péssima fama.

Mesmo nos círculos mais seletos a residência de Curwen não deixava de ser comentada; pois, à medida que o recém-chegado se introduzira na igreja e no ambiente dos negócios da cidade, travara naturalmente conhecimento com pessoas da melhor espécie, cuja companhia e conversação estava bastante apto a apreciar. Sabia-se que nascera de boa família, porque os Curwens de Salem não precisavam de apresentação na Nova Inglaterra. Soube-se que Joseph Curwen viajara muito na juventude, que vivera um tempo na Inglaterra e fizera pelo menos duas viagens ao Oriente; e sua conversação, quando se dignava usá-la, era a de um inglês instruído e culto. Mas, por alguma razão, Curwen não se importava com a sociedade. Embora em realidade ele jamais recebesse mal um visitante, sempre erguia um muro de reserva tão grande que poucos conseguiam dizer-lhe alguma coisa que não soasse tola.

Em seu comportamento parecia haver sempre à espreita uma certa arrogância enigmática, sardônica, como se, tendo convivido entre

estrangeiros e homens mais poderosos, tivesse concluído que todos os seres humanos eram obtusos. Quando o doutor Checkley, famoso por sua sabedoria, chegou de Boston em 1738 para se tomar o reitor da King's Church, não deixou de visitar alguém a cujo respeito tanto ouvira falar; mas saiu pouco depois por ter percebido algo sinistro nas conversas de seu anfitrião. Charles Ward disse a seu pai, quando discutiam sobre Curwen numa noite de inverno, que daria tudo para saber o que o misterioso velho teria dito ao brilhante clérigo, mas todos os diários concordam quanto à relutância do doutor Checkley em repetir algo daquilo que ouvira. O bom homem ficara terrivelmente chocado e jamais conseguira lembrar de Joseph Curwen sem perder, de maneira evidente, a jovial cortesia que o tomara famoso.

No entanto, mais definida era a razão pela qual outro homem de refinamento e berço evitava o arrogante ermitão. Em 1746, o senhor John Merritt, um idoso cavalheiro inglês, com tendências literárias e científicas, chegou de Newport à cidade que já a superava rapidamente em prestígio e construiu uma bela casa de campo no Neck, no que ê hoje o coração da zona residencial. Ele vivia com considerável estilo e conforto, era proprietário da primeira carruagem e de criados de libré da cidade, orgulhando-se grandemente de seu telescópio, microscópio e de sua seleta biblioteca de livros ingleses e latinos. Ouvindo falar de Curwen como o proprietário da melhor biblioteca de Providence, o senhor Merritt lhe fez logo uma visita e foi recebido de modo mais cordial do que muitos outros visitantes da casa haviam sido. Sua admiração pelas amplas estantes do anfitrião, as quais, ao lado dos clássicos gregos, latinos e ingleses exibiam uma notável bateria de obras filosóficas, matemáticas e científicas, incluindo Paracelsus, Agrícola, Van Helmont, Sylvius, Glauber, Boyle, Boerhaave, Becher e Stahl, levou Curwen a sugerir uma visita à casa da fazenda e ao laboratório para onde jamais havia convidado quem quer que fosse antes; e os dois partiram imediatamente na carruagem do senhor Merritt.

O senhor Merritt sempre confessou não ter visto nada de realmente horrível na casa da fazenda, mas afirmou que os títulos dos livros da biblioteca especial sobre assuntos taumatúrgicos, alquimistas e teológicos que Curwen mantinha numa sala da frente, foram suficientes para inspirar-lhe uma aversão duradoura. Entretanto, foi talvez a expressão

do rosto do proprietário ao exibi-los que contribuiu em grande parte para esse preconceito. Essa bizarra coleção, além de uma miríade de obras comuns que o senhor Merritt não se sentiu excessivamente alarmado em lhe invejar, abrangiam quase todos os cabalistas, demonólogos e mágicos conhecidos, e era um reservatório de tesouros do saber nos duvidosos reinos da alquimia e astrologia. Hermes Trismegisto na edição de Mesnard, a *Turba Philosopharum,* o *Líber Investigatianis* de Geber; *e A Chave da Sabedoria* de Artephous; estavam todos lá, com o cabalístico *Zohar,* a série *Albertus Magnus* de Peter Jamm, *Ars Magna et Ultima* de Raymond Lully na edição de Zetzner, *Thesaurus Chemicus* de Roger Bacon, *Clavis Alchimiae* de Fludd, *De Lapide Philosophico* de Tritêmio, um ao lado do outro. Os judeus e árabes medievais estavam representados em profusão e o senhor Merritt ficou pálido quando, ao retirar da estante um lindo volume com o título vistoso de *Qanoon- é- Islam,* descobriu tratar-se em verdade do proibido *Necronomicon* do louco árabe Abdul Alhazred, a cujo respeito ouvira sussurrar coisas monstruosas, alguns anos antes, após a descoberta de ritos abomináveis na estranha aldeiazinha de pescadores de Kingsport, na Província de Massachusetts-Bay.

Mas, curiosamente, o digno cavalheiro confessou-se perturbado de modo mais indefinível por um detalhe insignificante. Sobre a imensa mesa de mogno jazia virado para baixo um exemplar de Borellus, gasto pelo uso, trazendo muitas notas misteriosas escritas à mão por Curwen ao pé da página e entre as linhas. O livro estava aberto mais ou menos no meio e um parágrafo exibia riscos tão grossos e trêmulos debaixo das linhas em místico gótico antigo que o visitante não resistiu à tentação de examiná-las atentamente. Ele não soube dizer se foi a natureza do trecho sublinhado ou a forma febril dos traços com que estava marcado, mas algo nessa combinação o impressionou de um modo muito profundo e peculiar. Lembrou-o até o fim da vida e o transcreveu de memória em seu diário. Uma vez tentou recitá-lo ao seu amigo, doutor Checkley, até notar quão profundamente aquilo perturbava o polido vigário. O trecho dizia:

"Os sais essenciais dos animais podem ser preparados e preservados de modo que um homem engenhoso pode ter toda a Arca de Noé em seu próprio escritório e fazer surgir a bela forma de um animal das cinzas deste

a seu bel-prazer; e, pelo mesmo método, dos sais essenciais do pó humano, sem criminosa necromancia, um filósofo pode fazer reviver a forma de qualquer ancestral falecido das cinzas em que seu corpo se tomou".

Era, contudo, perto das docas, ao longo da parte meridional de Town Street, que se murmuravam as piores coisas a respeito de Joseph Curwen. Os marujos são gente supersticiosa e os calejados lobos-do-mar que constituíam a tripulação das inúmeras corvetas que traficavam com rum, escravos e melado, dos esbeltos navios corsários e dos grandes brigues dos Browns, Crawfords e Tillinghasts, todos faziam sinais estranhos e furtivos de esconjuro quando viam a figura magra e enganadoramente jovem, com os cabelos amarelecidos, ligeiramente curva, entrando nos armazéns Curwen em Doubloon Street ou conversando com capitães e comissários de bordo sobre os longos molhes aos quais atracavam incessantemente os navios de Curwen. Os próprios capitães e caixeiros de Curwen o odiavam e temiam e todos os seus marinheiros eram mestiços, um rebotalho da Martinica, Santo Eustáquio, Havana ou Port Royal. De certo modo, era a freqüência com a qual esses marujos eram substituídos que inspirava o aspecto mais concreto e mais agudo do medo que o velho suscitava. Ocorria que uma tripulação tinha licença para ir à cidade e alguns de seus membros eram encarregados de levar alguma encomenda; terminada a licença, quando a tripulação voltava a se reunir, quase certamente um ou outro homem estaria faltando. Muitos não podiam deixar de observar que diversas das encomendas diziam respeito à fazenda de Pawtuxet Road e que eram poucos os marinheiros que haviam sido vistos voltar daquele local. Assim, com o tempo, ficou extremamente difícil para Curwen manter aquela malta estranhamente sortida. Quase sempre muitos desertavam tão logo ouviam os boatos nos molhes de Providence e sua substituição nas índias Ocidentais tornou-se um problema cada vez maior para o comerciante.

Em 1760, Joseph Curwen era praticamente um proscrito, suspeito de vagos horrores e demoníacas alianças que pareciam mais ameaçadoras pelo fato de não poderem ser definidas, compreendidas ou mesmo comprovadas. A última gota foi talvez o caso dos soldados desaparecidos em 1758, pois em março e abril daquele ano dois regimentos reais a caminho da Nova França aquartelaram-se em Providence e inexplicavelmente registrou-se um número de deserções muito superior à

média. Os boatos insistiam na freqüência com a qual Curwen costumava ser visto conversando com os estrangeiros de casaca vermelha; como vários deles começaram a desaparecer, as pessoas pensaram em episódios semelhantes ocorridos com seus próprios marujos. Ninguém pode dizer o que teria acontecido se os regimentos não tivessem recebido ordem de prosseguir.

Enquanto isso, os negócios do comerciante prosperavam em terra. Ele praticamente detinha o monopólio do comércio da cidade em salitre, pimenta preta e canela, e ultrapassava qualquer outra empresa de navegação, com exceção dos Browns, na importação de produtos de latão, índigo, algodão, lã, sal, cordas, ferro, papel e artigos ingleses de todo gênero. Comerciantes como James Green, no estabelecimento com a tabuleta do Elefante em Cheapside, os Russells, do estabelecimento Águia Dourada, do outro lado da Great Bridge, ou Clark e Nightingale, de A Frigideira e o Peixe, perto da Nova Casa de Café, dependiam quase totalmente dele para seus estoques; e seus negócios com os destiladores locais, os fabricantes de laticínios, os criadores de cavalos Narragansett e os fabricantes de velas de Newport tomavam-no um dos mais importantes exportadores da Colônia.

Embora fosse posto no ostracismo, não lhe faltava certo espírito cívico. Quando a Colony House foi destruída por um incêndio, ele contribuiu generosamente para as loterias graças às quais a nova casa de tijolos, que ainda existe na antiga Main Street, pôde ser construída em 1761. Naquele mesmo ano, ele contribuiu ainda para a reconstrução da Great Bridge depois do furacão de outubro. Adquiriu muitos livros para a biblioteca pública para substituir os que haviam sido consumidos no incêndio da Colony House e fez vultosa contribuição para a loteria que permitiu pavimentar com grandes pedras redondas e uma calçada central ou "passeio" a enlameada Market Parade e a Town Street, cheias de sulcos profundos. Por volta dessa época, também, construiu a nova casa, simples porém excelente, cujo portão constitui uma obra-prima de entalhes em madeira. Quando os partidários de Whitefield romperam com a igreja do doutor Cotton, sobre a colina, em 1743, e fundaram a igreja Deacon Snow, do outro lado da Great Bridge, Curwen fora com eles, embora seu zelo e freqüência logo diminuíssem. Agora, entretanto, mais uma vez dava mostras de devoção, como para dissipar as sombras que o haviam atirado

no isolamento e que em breve, se não fossem prontamente detidas, começariam a arruinar o sucesso dos seus negócios.

A vista desse homem estranho, pálido, que no aspecto mal tocava a meia-idade, embora certamente não contasse menos de um século, tentando finalmente emergir de uma nuvem de medo e abominação, demasiado vaga para ser definida ou analisada, era uma coisa ao mesmo tempo patética, dramática e desprezível. Tal é, entretanto, o poder da riqueza e dos gestos exteriores que, na verdade, a visível aversão a seu respeito diminuiu um pouco; principalmente depois que os repentinos desaparecimentos dos seus marinheiros cessaram abruptamente. Do mesmo modo, começou talvez a usar de extremo cuidado e sigilo em suas expedições aos cemitérios, porque nunca mais foi apanhado nessas peregrinações, ao passo que diminuíam proporcionalmente os comentários sobre os sons e manobras misteriosas em sua fazenda de Pawtuxet. O volume do consumo de alimentos e a substituição do gado continuaram anormalmente elevados; mas jamais até os tempos modernos, quando Charles Ward examinou uma pilha de contas e f aturas na Biblioteca Shepley, ocorreu a alguém — salvo talvez a um jovem angustiado — fazer tenebrosas comparações entre o grande número de negros da Guiné que ele importara até 1766 e a quantidade perturbadoramente pequena daqueles para os quais ele podia apresentar notas de venda a comerciantes de escravos da Great Bridge ou aos plantadores de Narragansett Country. Com certeza, a astúcia e engenhosidade desse detestado personagem eram misteriosamente profundas quando se convenceu da necessidade de utilizá-las.

Mas é claro que o efeito dessa tardia regeneração foi necessariamente leve. Curwen continuava a ser evitado e detestado, como, em realidade, o simples fato de mostrar constantemente um aspecto jovem numa idade avançada bastaria para justificar; e ele percebia que seu sucesso provavelmente acabaria sendo prejudicado por isso. Seus estudos e experiências elaboradas, quaisquer que fossem, exigiam aparentemente uma vultosa renda para serem realizados; e como uma mudança de ambiente o privaria da posição que alcançara com seus negócios, não seria vantajoso para ele, a essa altura, começar de novo num lugar diferente. O bom senso exigia que ele melhorasse de algum modo suas relações com os cidadãos de Providence, de modo que sua presença deixasse de ser

motivo de conversas a meia voz, de evidentes desculpas de serviços a fazer em outro lugar e de uma atmosfera geral de embaraço e mal-estar. Seus empregados, reduzidos agora a um rebotalho inepto e indigente que ninguém mais contrataria, davam-lhe muitas preocupações; e só conservava seus capitães e imediatos pela astúcia, tentando ganhar algum tipo de ascendência sobre eles — uma hipoteca, uma nota promissória ou uma informação muito útil para seu bem-estar. Em muitos casos, os autores dos diários registraram com certo espanto, Curwen mostrava quase o poder de um bruxo desenterrando segredos de família para utilizá-los de modo questionável. Nos últimos cinco anos de sua vida, parecia que só uma conversa direta com os defuntos poderia fornecer as informações que ele exibia com tanta facilidade.

Mais ou menos nessa época, o astuto estudioso encontrou um último desesperado expediente para reconquistar sua posição na comunidade. Até então um completo ermitão, resolveu contrair um vantajoso matrimônio, tomando como esposa alguma dama cuja posição indiscutível tornasse impossível qualquer forma de ostracismo contra seu lar. Talvez ele também tivesse razões mais profundas para desejar uma aliança, razões tão alheias à esfera cósmica conhecida que somente os papéis encontrados um século e meio após sua morte alguém suspeitaria delas; mas jamais será possível saber algo seguro a esse respeito. Naturalmente, ele tinha consciência do horror e da indignação com os quais um cortejamento de sua parte seria recebido, portanto, procurou uma candidata provável sobre cujos pais ele pudesse exercer uma pressão adequada. Descobriu que não era fácil encontrar tais candidatas, pois ele tinha exigências muito particulares em matéria de beleza, habilidades e posição social. Finalmente, sua pesquisa se restringiu à casa de um dos seus melhores e antigos capitães, um viúvo de berço e reputação sem mácula chamado Dutie Tillinghast, cuja única filha Eliza parecia dotada de todas as virtudes concebíveis, salvo a perspectiva de se tomar uma herdeira. O capitão Tillinghast era totalmente dominado por Curwen e consentiu, após uma tempestuosa entrevista em sua casa ornada por uma cúpula na colina de Power's Lane, em sancionar a aliança blasfema.

Eliza Tillinghast tinha naquela época dezoito anos de idade e havia sido educada do modo mais digno que as condições limitadas de seu pai permitiam. Freqüentada a escola Stephen Jackson, em frente à Court

House Parade, e havia sido diligentemente instruída pela mãe, antes que esta morresse de varíola, em 1757, em todas as artes e refinamentos da vida doméstica. Um mostruário de seus trabalhos, realizado em 1753, aos nove anos de idade, ainda pode ser visto nos salões da Sociedade Histórica de Rhode Island. Após a morte da mãe, ela passara a dirigir a casa, auxiliada apenas por uma velha negra. A discussão com o pai sobre a proposta de casamento de Curwen deve ter sido bastante penosa, mas não existe qualquer registro dela. Certo é que seu noivado com o jovem Ezra Weeden, imediato do paquete *Enterprise* de Crawford, foi devidamente desfeito e sua união com Joseph Curwen realizada no dia 7 de março de 1763, na Igreja Batista, na presença de uma das mais distintas assembléias de que a cidade podia se vangloriar; a cerimônia foi celebrada pelo mais jovem dos Winsons, Samuel. O *Gazette* mencionou o evento muito brevemente e na maioria das cópias remanescentes a nota em questão parece ter sido cortada ou rasgada. Ward descobriu uma única cópia intacta, após muitas buscas, nos arquivos de um famoso colecionador particular, observando com deleite a total inexpressão da polida linguagem:

"Na tarde da última segunda-feira, o senhor Joseph Curwen, dessa Cidade, Comerciante, casou-se com a senhorita Eliza Tillinghast, filha do capitão Dutie Tillinghast, uma jovem que soma real merecimento a uma bela Pessoa, para honrar o Estado conjugal e perpetuar sua Felicidade".

A correspondência Durfee-Arnold, descoberta por Charles Ward pouco depois de sua primeira suposta crise de loucura na coleção particular de Melville F. Peters, de George Street, referente a este período e a outro um pouco anterior, lança viva luz sobre o ultraje perpetrado contra o sentimento público por essa união disparatada. A influência social dos Tillinghasts, entretanto, não podia ser negada; e mais uma vez Joseph Curwen viu sua casa freqüentada por pessoas que de outra forma ele jamais poderia induzir a transpor-lhe os umbrais. Jamais, porém, ele foi completamente aceito, e sua esposa sofria socialmente pela forçada união; mas, em todo caso, reduzira-se significativamente a possibilidade de maior ostracismo. No tratamento para com a esposa o estranho noivo maravilhava a ela e à comunidade mostrando uma delicadeza e consideração extremas. A nova casa em Olney Court agora estava livre de manifestações perturbadoras e embora Curwen se ausentasse muitas vezes

para ir à fazenda Pawtuxet, que sua esposa jamais visitou, parecia um cidadão normal mais do que em qualquer outro momento de seus longos anos de residência. Apenas uma pessoa conservava uma aberta inimizade com ele, o jovem oficial da marinha cujo noivado com Eliza Tillinghast havia sido tão abruptamente rompido. Ezra Weeden jurara vingança e, embora de temperamento em geral pacífico e calmo, tinha agora um propósito pertinaz, inspirado pelo ódio, que não pressagiava nada de bom para o marido e usurpador.

No dia 7 de maio de 1765 nasceu Ann, a única filha de Curwen, e foi batizada pelo reverendo John Graves da King's Church, da qual marido e mulher haviam-se tomado membros-pouco depois do casamento a fim de chegar a um compromisso entre suas respectivas filiações às igrejas Congregacional e Batista. O registro desse nascimento, bem como o do casamento dois anos antes, foi apagado da maioria das cópias da igreja e dos anais da cidade onde deveria constar, e Charles Ward o localizou com a maior dificuldade depois que a descoberta da mudança do nome da viúva lhe revelara seu próprio parentesco, fazendo despontar o interesse febril que culminara com sua loucura. Em realidade, a anotação do nascimento foi encontrada, curiosamente, através da correspondência com os herdeiros do legalista doutor Graves, que levara consigo uma cópia dos registros quando deixara seu cargo de pastor ao eclodir a Revolução. Ward tentara essa fonte porque sabia que sua trisavó, Ann Tillinghast Potter, havia pertencido à Igreja Episcopal.

Pouco depois do nascimento da filha, acontecimento ao que parece por ele recebido com um entusiasmo enormemente contrastante com sua frieza habitual, Curwen resolveu posar para um retrato. Este foi pintado por um escocês de grande talento chamado Cosmo Alexander, então residente em Newport e posteriormente famoso por ter sido o primeiro professor de Gilbert Stuart. O retrato teria sido executado sobre um painel da parede da biblioteca da casa de Olney Court, mas nenhum dos dois velhos diários que o mencionam fornecia qualquer indicação de seu paradeiro final. Nesse período, o excêntrico estudioso mostrava sinais de abstração incomum e passava a maior parte do tempo na fazenda de Pawtuxet Road. Segundo diziam, ele parecia viver num estado de excitação ou ansiedade reprimidas, como se aguardasse algo fenomenal ou estivesse prestes a fazer alguma estranha descoberta. A química ou a

alquimia pareciam desempenhar um papel significativo a esse respeito, porque levou da casa para a fazenda o maior número de livros sobre o assunto.

Sua afetação de interesse cívico não diminuiu e ele não perdia a oportunidade de ajudar líderes como Stephen Hopkins, Joseph Brown e Benjamin West em seus esforços visando elevar o nível cultural da cidade, na época bastante inferior ao de Newport no patrocínio das belas-artes. Ele ajudara Daniel Jenckes a abrir sua livraria em 1763, tornando-se a partir de então seu melhor cliente. Estendeu sua ajuda também à *Gazette,* que lutava com dificuldades e saía todas as quartas-feiras na oficina sob a tabuleta da Cabeça de Shakespeare. No campo da política, ele apoiava fervorosamente o governador Hopkins contra o partido de Ward, cuja maior força estava em Newport, e seu discurso realmente eloqüente em Hacher's Hall, em 1765, contra o estabelecimento de North Providence como cidade autônoma com um voto a favor de Ward na Assembléia Geral, contribuiu mais do que qualquer outra coisa para acabar com o preconceito contra ele próprio. Mas Erza Weeden, que o mantinha sob uma vigilância cerrada, escarnecia de toda essa atividade exterior e afiançava que não passava de uma fachada para algum tipo de tráfico inominável com os mais negros abismos do Tártaro. O jovem, determinado a se vingar começou um estudo sistemático do homem e de seus atos sempre que se encontrava no porto; passava horas à noite pêlos cais com um pequeno barco a remos de prontidão quando via luzes nos armazéns de Curwen e seguia a pequena embarcação que — vez por outra — se afastava ou chegava furtivamente na baía. Também vigiava tanto quanto possível a fazenda Pawtuxet e uma vez foi gravemente mordido pêlos cachorros que o velho casal de índios soltara em cima dele.

2

Em 1766 verificou-se a mudança final em Joseph Curwen. Ocorreu repentinamente e obteve ampla notoriedade entre os curiosos cidadãos, pois o ar de suspense e expectativa caiu como uma capa velha, dando imediatamente o lugar a uma mal disfarçada exaltação de perfeito triunfo. Curwen parecia ter dificuldades em frear o impulso de fazer arengas públicas sobre aquilo que havia descoberto, aprendido ou feito;

mas aparentemente a necessidade de sigilo era maior do que o desejo de compartilhar seu regozijo, pois jamais ofereceu qualquer explicação. Foi após essa transição, ocorrida ao que parece no início de julho, que o sinistro sábio começou a espantar as pessoas com a posse de informações que somente seus ancestrais, há muito falecidos, poderiam fornecer.

Mas as febris atividades secretas de Curwen não cessaram absolutamente com essa mudança. Ao contrário, tenderam a aumentar; de modo que uma parte cada vez maior de seus negócios marítimos passou a ser gerida pêlos capitães que agora prendia a si pêlos laços do medo, tão poderosos quanto haviam sido os do temor da bancarrota. Abandonara de todo o tráfico de escravos, alegando que seus lucros caíam continuamente. Passava todos os momentos disponíveis na fazenda Pawtuxet; entretanto, de vez em quando surgiam boatos sobre sua presença em lugares que, embora de fato não estivessem próximos de cemitérios, de modo tal localizavam-se em relação aos cemitérios que as pessoas atentas se perguntavam se os hábitos do velho comerciante haviam realmente mudado. Embora seus períodos de espionagem fossem necessariamente breves e intermitentes por conta de suas viagens marítimas, Ezra Weeden conservava uma persistência vingativa que a maioria das pessoas práticas da cidade e do campo não possuía e mantinha os negócios de Curwen sob uma vigilância a que jamais haviam sido submetidas antes.

Muitas das curiosas manobras dos barcos do estranho comerciante eram consideradas corriqueiras, levando em conta os tempos conturbados, quando todos os colonos pareciam determinados a resistir às disposições da Lei do Açúcar que obstaculizavam um tráfico vultoso. Contrabando e evasão eram a regra na baía de Narragansett e os desembarques noturnos de cargas ilícitas eram constantes e notórios. Mas Weeden, noite após noite, seguia as barcas ou pequenas chalupas que saíam furtivamente dos armazéns de Curwen nas docas de Town Street e logo teve a certeza de que não eram apenas os navios armados de Sua Majestade que o sinistro covarde estava ansioso por evitar. Antes da mudança de 1766 esses barcos continham na maior parte negros acorrentados, que eram transportados através da baía e desembarcados num ponto indefinido da costa, um pouco ao norte de Pawtuxet; em seguida, eram levados sobre as rochas e pêlos campos até a fazenda Curwen, onde eram trancafiados num enorme edifício de pedra que tinha

apenas altas e estreitas fendas como janelas. No entanto, depois daquela mudança, todo o programa foi alterado. A importação de escravos cessou imediatamente e por algum tempo Curwen abandonou as travessias noturnas. Então, aproximadamente na primavera de 1767, um novo método foi adotado. Mais uma vez as barcas eram vistas partir das silenciosas e negras docas, e agora desciam pela baía, chegando provavelmente até Nanquit Point, onde encontravam estranhos navios de considerável tamanho e de aparências as mais variadas cuja carga recebiam. Os marinheiros de Curwen então desembarcavam essa carga no local costumeiro na costa e a transportavam por terra até a fazenda, onde era guardada no mesmo misterioso edifício de pedra no qual anteriormente eram colocados os negros. A carga consistia quase exclusivamente em caixas e caixotes, grande parte dos quais era oblonga e pesada e se assemelhava de modo perturbador a caixões de defunto.

Weeden sempre vigiava a fazenda com incansável assiduidade, visitando-a todas as noites por longos períodos e raramente deixava passar uma semana sem fazer uma visita, salvo quando a seve que cobria o chão poderia revelar suas pegadas. Mesmo então ele chegava o mais perto possível pela estrada ou caminhando sobre o gelo do rio próximo, para observar as marcas que outros poderiam ter deixado. Como seus períodos de vigilância eram interrompidos pelas obrigações náuticas, ele contratou um companheiro de taberna, chamado Eleazer Smith, para que continuasse vigiando durante sua ausência; os dois poderiam espalhar boatos fantásticos. Só não faziam isto porque sabiam que essa publicidade chamaria a atenção de quem vigiavam, tornando impossível qualquer progresso. Ao contrário, pretendiam saber algo definitivo antes de agir. O que eles descobriram deve ter sido realmente assustador, pois Charles Ward comentou muitas vezes com os pais seu pesar por Weeden, no fim, ter queimado seus apontamentos. Tudo o que se pode dizer a respeito de suas descobertas é o que Eleazer Smith anotou apressadamente em um diário não muito coerente e que outros, em diários e cartas, repetiram timidamente a partir das declarações que os dois no fim fizeram, segundo as quais a fazenda não passava da fachada de uma vasta e revoltante ameaça, de um alcance e profundidade demasiado grandes e tangíveis para uma compreensão menos que nebulosa.

Conclui-se que Weeden e Smith logo se convenceram de que debaixo da fazenda existia uma imensa rede de túneis e catacumbas, habitados por um número bastante significativo de pessoas além do velho índio e sua mulher. A casa era uma antiga ruína dos meados do século XVII, com o teto pontudo, uma enorme chaminé e janelas de rótula, sendo que o laboratório se localizava numa ala acrescentada na face norte, cujo telhado chegava quase até o chão. Era um edifício isolado, no entanto, a julgar pelas diferentes vozes ouvidas nas horas mais estranhas em seu interior, e devia ser acessível por meio de passagens subterrâneas secretas. Essas vozes, antes de 1766, eram meros resmungos e sussurros de negros, gritos frenéticos juntamente com curiosas declamações e invocações. Após esta data, porém, alcançaram uma gama terrível e muito singular, percorrendo toda a escala desde sussurros de obtusa aquiescência até explosões de fúria selvagem, ruídos de conversas e choramingos de súplica, arquejamentos ansiosos e gritos de protesto. Pareciam ser línguas diferentes, todas conhecidas de Curwen, cujos ásperos acentos eram frequentemente ouvidos num tom de resposta, reprovação ou ameaça.

Às vezes parecia que várias pessoas deviam estar na casa: Curwen, alguns prisioneiros e os seus guardas. Havia vozes de uma natureza tal que nem Weeden nem Smith jamais haviam ouvido antes não obstante seus vastos conhecimentos de portos estrangeiros e muitas que aparentemente poderiam atribuir a essa ou aquela nacionalidade. A natureza das conversas parecia sempre unta espécie de interrogatório, como se Curwen estivesse arrancando algum tipo de informação de prisioneiros aterrorizados ou rebeldes.

Weeden anotara em seu caderno muitos trechos de conversas ouvidas furtivamente, porque o inglês, o francês e o espanhol, línguas que ele conhecia, eram frequentemente empregados; mas nenhum se salvou. No entanto, ele dizia que, à parte alguns diálogos macabros referentes aos antigos negócios das famílias de Providence, a maioria das perguntas e respostas que ele conseguiu entender eram históricas ou científicas, às vezes relacionadas a lugares épocas muito remotos. Certa ocasião, por exemplo, um personagem ora enfurecido, ora calado, foi interrogado em francês sobre o massacre do Príncipe Negro em Limoges, em 1370, como se houvesse alguma razão oculta que ele devesse conhecer. Curwen

perguntou ao prisioneiro — se é que se tratava de um prisioneiro — se a ordem de matar havia sido dada por ter sido encontrada a Marca do Bode sobre o altar na antiga cripta romana debaixo da catedral, ou se o Homem Negro da Congregação das Bruxas da Alta Viena havia falado as Três Palavras. Não conseguindo obter respostas, o inquisidor aparentemente recorrera a meios extremos, pois se ouviu um grito agudo e terrível seguido pelo silêncio, por murmúrios e um baque surdo.

Nenhum desses colóquios jamais foi testemunhado por alguém, porque as janelas eram sempre protegidas por pesadas cortinas. Certa vez, contudo, durante uma conversa numa língua desconhecida, foi vista uma sombra sobre a cortina que assustou extremamente Weeden, lembrando-lhe uma marionete vista numa representação no outono de 1764, em Hatcher's Hall. Um sujeito de Germantown, Pensilvânia, montara um engenhoso espetáculo mecânico anunciado como "Vista da Famosa Cidade de Jerusalém, na qual são representados Jerusalém, o Templo de Salomão, seu Trono Real, as Torres famosas e ás Colinas, bem como os padecimentos do Nosso Salvador desde o Jardim de Getsemani até a Cruz sobre o Monte Gólgota; Peça Artística que os curiosos não podem deixar de ver". Nessa ocasião o ouvinte, que se aproximara sorrateiramente à janela da sala da frente de onde saía a conversa, teve um sobressalto que acordou o velho casal de índios, os quais soltaram os cachorros em cima dele. Depois disso não se ouviram mais conversas na casa e Weeden e Smith concluíram que Curwen havia transferido seu campo de ação para locais subterrâneos.

Que estes existissem de verdade, parecia bastante evidente por muitos indícios. Gritos fracos e gemidos saíam indiscutivelmente vez por outra do que parecia ser solo compacto em lugares distantes de qualquer construção; enquanto se escondia no matagal na ribanceira do rio, atrás, onde o morro despencava abruptamente até o vale do Pawtuxet, encontrou uma porta de carvalho com umbrais e verga de pesada alvenaria, obviamente a entrada de uma caverna no interior do morro. Quando ou como essas catacumbas poderiam ter sido construídas, Weeden era incapaz de dizer; mas frequentemente salientou como seria fácil para turmas de trabalhadores chegar sem ser vistas até o local pelo rio. Joseph Curwen, realmente, usava das maneiras mais variadas seus marujos mestiços. Durante as pesadas chuvas da primavera de 1769, os dois

espiões vigiaram atentamente a íngreme margem do rio para ver se alguns dos segredos subterrâneos seriam trazidos à luz e foram recompensados pelo aparecimento de uma profusão de ossos humanos e animais em pontos em que profundas valas haviam sido escavadas na ribanceira. Naturalmente, poderia haver explicações plausíveis para estas coisas na área de uma fazenda de gado e numa localidade em que eram comuns antigos cemitérios índios, mas Weeden e Smith tiraram suas próprias conclusões.

Foi em janeiro de 1770, enquanto Weeden e Smith ainda estavam debatendo em vão o que pensar ou fazer a respeito de todo o desconcertante negócio, que ocorrei: o incidente *do Fortaleza.* Exasperada pelo incêndio da corveta *Liberty,* do serviço aduaneiro, em Newport, no verão anterior, a frota da aduana, sob o comando do almirante Wallace, reforçara a vigilância das embarcações estrangeiras; e nessa ocasião a escuna armada *Cygnet,* de Sua Majestade, comandada pelo capitão Harry Leshe, capturou, uma manhã muito cedo, após uma breve perseguição, a chata espanhola *Fortaleza,* de Barcelona, comandada pelo capitão Manuel Arruda, procedente, de acordo com o diário de bordo, do Grande Cairo, Egito, com destino a Providence. Vasculhado sob suspeita de contrabando, o navio revelou o fato espantoso de que sua carga consistia exclusivamente de múmias egípcias, consignadas a "Marujo A.B.C.", que viria retirar suas mercadorias numa barca ao largo de Nanquit Point e cuja identidade o capitão Arruda estava obrigado, por razões de honra, a não revelar. O Tribunal do Vice-Almirantado de Newport, sem saber o que fazer, pois se de um lado a natureza da carga não poderia ser considerada contrabando, do outro, o sigilo da mercadoria era ilegal, adotou uma solução de compromisso por recomendação do coletor Robinson, liberando o navio mas proibindo-o de ancorar em qualquer porto nas águas de Rhode Island. Surgiram posteriormente boatos de que teria sido visto no porto de Boston, embora nunca tivesse entrado abertamente no porto bostoniano.

Este incidente extraordinário não podia deixar de ser muito comentado em Providence e foram poucos os que duvidaram da existência de alguma relação entre a carga de múmias e o sinistro Joseph Curwen. Como seus estudos exóticos e suas curiosas importações de natureza química eram de conhecimento público e sua predileção por cemitérios uma suspeita geral, não era necessária muita imaginação para

atribuir-lhe os esquisitos itens importados que evidentemente não poderiam se destinar a nenhuma outra pessoa da cidade. Como se estivesse consciente dessa convicção natural, Curwen tomou o cuidado de falar casualmente, em várias ocasiões, do valor químico dos bálsamos encontrados nas múmias, pensando talvez que assim poderia fazer com que a coisa parecesse menos anormal, sem contudo admitir sua participação. Weeden e Smith, é claro, não tinham qualquer dúvida quanto à importância do fato, e aventavam as mais tresloucadas teorias a respeito de Curwen e de suas monstruosas atividades.

Na primavera seguinte, como na do ano anterior, caíram fortes chuvas e os espiões vasculharam cuidadosamente a margem do rio atrás da fazenda de Curwen. Grandes trechos foram levados pelas águas e uma certa quantidade de ossos ficou descoberta, mas nem sombra de qualquer câmara ou cova subterrânea. No entanto, alguns rumores se espalharam na aldeia de Pawtuxet, cerca de uma milha rio abaixo, onde o rio despenca por quedas d água sobre um terraço de pedra até chegar à plácida enseada protegida. Lá, onde velhos e esquisitos sobrados subiam morro acima desde a ponte rústica e barcos de pesca ficavam ancorados em seus cais sonolentos, correram vagos boatos de coisas que flutuavam rio abaixo e podiam ser vistas por um instante ao passar pela queda d'agua. E verdade que o Pawtuxet é um rio extenso que vai serpeando por muitas regiões povoadas onde os cemitérios são numerosos, *e* que as chuvas da primavera haviam sido muito pesadas, mas os pescadores perto da ponte não gostaram do olhar desvairado de uma das coisas ao precipitar na água tranqüila lá em baixo, ou do modo como outra gritou, embora seu estado fosse bastante diferente daquele dos objetos que normalmente gritam. Esse boato fez Smith correr — pois Weeden se encontrava no mar naquele momento — para a margem do rio atrás da fazenda, onde seguramente existiriam os sinais de uma enorme caverna. No entanto, não havia indício algum de uma passagem para o interior da margem escarpada, pois a minúscula avalanche havia deixado para trás uma sólida parede de terra misturada com os arbustos do topo. Smith tentou até fazer uma escavação a título experimental, mas foi dissuadido pelo insucesso — ou talvez pelo temor do possível sucesso. É interessante especular sobre aquilo que o persistente e vingativo Weeden teria feito se se encontrasse em terra na ocasião.

3

No outono de 1770, Weeden decidiu que era chegado o momento de falar aos outros sobre suas descobertas, pois ele tinha uma grande quantidade de fatos para relacionar e uma segunda testemunha ocular para refutar a possível acusação de que o ciúme e o desejo de vingança haviam estimulado sua imaginação. Como seu primeiro confidente ele escolheu o capitão James Mathewson, do *Enterprise,* que de um lado o conhecia o bastante para não duvidar de sua veracidade, e do outro era suficientemente influente na cidade para ser ouvido, por sua vez, com respeito. O colóquio realizou-se num quarto em cima da Taberna de Sabin, perto das docas, com Smith presente para corroborar praticamente todas as afirmações. Percebia-se que o capitão Mathewson estava terrivelmente impressionado. Como quase todo mundo na cidade, ele também alimentava suas próprias obscuras suspeitas a respeito de Joseph Curwen; por isso bastou apenas essa confirmação e um número maior de dados para convencê-lo completamente. No final da conferência, ele tinha um ar muito grave e recomendou rigoroso silêncio aos dois jovens. Disse que transmitiria a informação separadamente a uns dez dos cidadãos mais instruídos e destacados de Providence, indagando suas opiniões e seguindo qualquer conselho que eles pudessem oferecer. O sigilo provavelmente seria aconselhável em todo caso, pois não se tratava de um assunto que as autoridades policiais ou os milicianos da cidade pudessem resolver, e, acima de tudo, a multidão excitável deveria ser mantida na ignorância, para que nesses tempos, por si já conturbados, não se repetisse o pânico assustador ocorrido em Salem, menos de meio século antes, que trouxera Curwen para Providence.

As pessoas que convinha informar da situação seriam, achava ele, o doutor Benjamin West, cujo trabalho sobre a tardia morte de Vênus revelara um estudioso e agudo pensador; o reverendo James Manning, diretor do College, que acabara de mudar-se de Warren e estava temporariamente hospedado no novo edifício da escola em King Street, aguardando a conclusão de sua construção sobre a colina acima de Presbyterian Lane; o ex-governador Stephen Hopkins, que havia sido membro da Sociedade Filosófica de Newport e era um homem do mais amplo discernimento; John Cárter, editor do *Gazette;* os quatro irmãos

Brown, John, Joseph, Nicholas e Moses, reconhecidamente os magnatas locais, sendo que Joseph era um cientista amador de algum talento; o velho doutor Jabez Bowen, cuja erudição era considerável e tinha bastante conhecimento em primeira mão das estranhas aquisições de Curwen; e o capitão Abraham Whipple, um pirata de audácia e energia fenomenais, com quem se poderia contar para chefiar qualquer operação necessária. Caso se mostrassem favoráveis, esses homens poderiam se unir para uma deliberação conjunta e a eles caberia a responsabilidade de decidir se deveriam ou não informar o governador da Colônia, Joseph Wanton, de Newport, antes de agir.

A missão do capitão Mathewson teve um sucesso superior às suas expectativas pois embora uma ou duas das pessoas de confiança a quem fez suas revelações se mostrassem céticas devido ao possível aspecto fantástico da história de Weeden, não houve nenhuma que não achasse necessário empreender uma ação secreta e coordenada. Estava claro que Curwen constituía uma vaga ameaça potencial para o bem-estar da cidade e da Colônia e devia ser eliminado a todo custo. No final de dezembro de 1770, um grupo de eminentes cidadãos reuniu-se na casa de Stephen Hopkins e debateu várias medidas a serem tomadas. As anotações de Weeden, que ele entregara ao capitão Mathewson, foram lidas cuidadosamente e ele e Smith foram convidados a apresentar seu testemunho em certos detalhes. Algo muito próximo do medo apoderou-se de toda a assembléia antes que a reunião se concluísse, embora ao medo se misturasse uma inflexível determinação que as rudes e retumbantes blasfêmias do capitão Whipple expressavam do modo melhor. Eles não notificariam o governador, porque parecia necessária uma conduta mais do que legal. Com os poderes ocultos de alcance desconhecido de que aparentemente dispunha, Curwen não era um homem a quem se pudesse pedir que deixasse a cidade sem riscos. Represálias inomináveis poderiam decorrer e, mesmo que a sinistra criatura concordasse, a mudança não iria além da transferência de um problema imundo para outro lugar. Eram tempos em que a ilegalidade imperava e os homens que há anos escarneciam das forças da alfândega real não recusariam medidas mais duras se o dever os obrigasse a isso. Curwen deveria ser surpreendido em sua fazenda de Pawtuxet pela incursão de um grande destacamento de calejados piratas e lhe seria oferecida uma chance decisiva de se explicar. Se ficasse comprovado que

ele era louco, divertindo-se com estrepitosas e imaginárias conversações em vozes diferentes, seria convenientemente internado num asilo. Se algo mais grave viesse à luz e se de fato os horrores subterrâneos se revelassem reais, ele e todos que estavam com ele deveriam perecer. A coisa poderia ser feita sem alarde e mesmo a viúva e seu pai não precisariam ser informados da maneira como aquilo iria acontecer.

Enquanto essas sérias medidas estavam sendo discutidas, ocorreu na cidade um incidente tão terrível e inexplicável que, por algum tempo, não se comentou outra coisa por milhas e milhas ao redor. No meio de uma noite enluarada de janeiro, quando espessa camada de neve cobria o chão, ressoou sobre o rio e sobre a colina uma série chocante de gritos que atraiu às janelas muitas cabeças sonolentas e as pessoas perto de Weybosset Point viram uma grande coisa branca mergulhar desvairadamente no espaço em frente à Cabeça do Turco. Ouviu-se um latir de cachorros na distância, que cessou assim que o clamor da cidade desperta se tornou audível. Grupos de homens com lanternas e mosquetes precipitaram-se para fora para ver o que acontecia, mas suas buscas foram infrutíferas. Na manhã seguinte, porém, um corpo musculoso, gigantesco, totalmente nu, foi encontrado sobre os montões de gelo ao redor dos molhes meridionais da Great Bridge, onde as Longas Docas se estendiam ao lado da destilaria Abbott, e a identidade desse objeto tomou-se assunto de infindáveis especulações e murmúrios. Não eram tanto os mais jovens quanto os mais velhos que murmuravam, pois somente nos patriarcas o rosto rígido cujos olhos horrorizados saíam das órbitas despertava vagas lembranças. Balançando a cabeça, eles trocavam furtivos sussurros de espanto e medo; pois naqueles traços enrijecidos e horrendos havia uma semelhança tão assombrosa que se tornava quase uma identidade total — e essa identidade era com um homem que havia morrido uns bons cinqüenta anos antes.

Ezra Weeden estava presente na descoberta e, lembrando o latir da noite anterior, dirigiu-se por Weybosset Street, do outro lado de Muddy Dock Bridge, de onde o som viera. Tinha uma curiosa expectativa e não ficou surpreso quando, chegando ao fim da zona habitada, onde a rua desembocava na Pawtuxet Road, deparou com umas curiosas marcas no chão. O gigante nu havia sido perseguido por cães e muitos homens de botas e as marcas dos animais e seus donos no caminho de volta se

distinguiam facilmente. Eles haviam desistido da perseguição ao chegar demasiado perto da cidade. Weeden sorriu de modo sinistro e, como se se tratasse de um detalhe insignificante, seguiu as pegadas até o seu ponto de origem. Era a fazenda Pawtuxet de Joseph Curwen, como ele sabia muito bem; e teria dado qualquer coisa para que o terreno não estivesse pisoteado de maneira tão confusa. Por outro lado, não ousou se mostrar tão interessado à plena luz do dia. O doutor Bowen, que Weeden procurou imediatamente com seu relato, fez uma autópsia do estranho cadáver e descobriu peculiaridades que o deixaram absolutamente aturdido. O aparelho digestivo do homenzarrão parecia nunca ter sido usado, enquanto toda a sua pele tinha uma textura áspera e frouxa impossível de explicar. Impressionado com aquilo que os velhos murmuravam a respeito da semelhança do cadáver com o ferreiro Daniel Green, falecido há muito tempo, e cujo bisneto Aaron Hoppin era comissário de bordo aos serviços de Curwen, Weeden fez algumas perguntas aparentemente casuais até descobrir onde Green estava enterrado. Naquela noite, um grupo de dez homens visitou o antigo Cemitério Norte, do outro lado de Herrenden's Lane, e abriu um túmulo. Descobriram que estava vazio, precisamente como esperavam.

Enquanto isso, haviam sido feitos acordos com os funcionários da diligência a fim de interceptar a correspondência de Joseph Curwen e, pouco antes do incidente com o corpo nu, foi encontrada uma carta de um tal Jedediah Orne, de Salem, que deixou os cooperativos cidadãos profundamente preocupados. Trechos da missiva, copiados e conservados nos arquivos particulares da família onde Charles Ward a encontrou, diziam:

"Alegro-me que o senhor continue no estudo de Antigos Casos com seu método e não penso que melhor tenha sido feito na casa do senhor Hutchinson, na vila de Salem. Certamente, nada havia senão o mais vivo horror no que H. evocou daquilo que só pudemos compreender apenas em parte. O que o senhor enviou não funcionou, ou porque alguma coisa estava faltando, ou porque as palavras que eu pronunciei ou que o senhor copiou não estavam certas. Sozinho fico sem saber. Não possuo as artes químicas para imitar Borellus e confesso que fiquei confuso com o VII Livro do *Necronomicon* que o senhor recomenda. Mas gostaria que observasse o que nos foi dito a respeito de quem chamar, pois o senhor tem conhecimento do que o senhor

Mather escreveu nos Marginalia de_____, e pode julgar quão fielmente a Horrenda Coisa está relatada.

Recomendo-lhe novamente que não evoque ninguém que não possa mandar de volta; com isso quero dizer, ninguém que por sua vez possa chamar algo contra o senhor, contra o qual seus mais poderosos artifícios não seriam de uso algum. Chame os menores para que os maiores não desejem responder e sejam mais poderosos do que o senhor. Fiquei assustado quando li que o senhor sabe o que Ben Zaristnatmik tem em sua Caixa de Ébano, pois estou ciente de quem lhe deve ter contado. E novamente peco-lhe que me escreva como Jedediah e não como Simon. Nessa comunidade um homem pode não -viver por muito tempo e o senhor conhece meu Plano, pelo qual voltei como meu Filho. Desejaria que me fizesse conhecer o que o Homem Negro aprendeu com Sylvanus Cocidius na cripta debaixo do muro romano e ficaria agradecido se me emprestasse o manuscrito de que o senhor fala."

Outra carta não assinada de Filadélfia provocou igual preocupação, principalmente pelo seguinte trecho:

"Observarei o que o senhor diz com respeito ao envio das contas unicamente por seus navios, mas não pode saber ao certo quando deverá esperá-las. Quanto ao assunto de que fala, quero apenas mais uma coisa, mas desejo ter certeza de que o entendo perfeitamente. O senhor me informa que nenhuma parte deve estar faltando para que se obtenham os melhores efeitos, mas o senhor deve saber quão difícil é ter certeza. Parece muito perigoso e uma tarefa muito pesada levar toda a caixa, e na cidade (ou seja, na Igreja de São Pedro, São Paulo, Santa Maria e na Igreja de Cristo) isto não pode ser feito. Mas sei das imperfeições daquele que foi retirado em outubro passado e quantos espécimes vivos o senhor foi obrigado a empregar antes de chegar ao método certo no ano de 1766; portanto, seguirei suas orientações em todas as questões. Aguardo com impaciência seu brigue e indago todos os dias no cais do senhor Biddle".

Uma terceira carta suspeita estava escrita num língua desconhecida e inclusive num alfabeto desconhecido. No diário de Smith encontrado por Charles Ward, uma única combinação de caracteres várias vezes repetida está copiada desajeitadamente e as autoridades da Brown University declararam tratar-se do alfabeto amárico ou abissínio, embora não compreendessem uma palavra. Nenhuma dessas missivas jamais foi

entregue a Curwen, embora o desaparecimento de Jedediah Orne, de Salem, relatado pouco depois, demonstrasse que os homens de Providence haviam tomado medidas secretas. Também a Sociedade Histórica da Pensilvânia possui uma curiosa carta recebida pelo doutor Shippen referente à presença de um personagem abominável em Filadélfia. Mas medidas mais decisivas estavam no ar e é nas reuniões noturnas e secretas de calejados marujos juramentados e velhos e fiéis piratas nos armazéns Brown que devemos procurar os principais frutos das revelações de Weeden. Lenta e firmemente foi se desenvolvendo o plano de uma campanha que não deixaria traço dos funestos mistérios de Joseph Curwen.

Este, apesar de todas as precauções, aparentemente sentia que havia algo no ar, pois agora podia-se perceber seu olhar inusitadamente preocupado. Sua carruagem era vista a todas as horas pela cidade e na Pawtuxet Road e ele havia abandonado aos poucos o ar de forçada jovialidade com o qual ultimamente tentara combater o preconceito da cidade. Os vizinhos mais próximos à sua fazenda, os Fenners, uma noite notaram um grande feixe de luz projetar-se no céu de alguma abertura do telhado daquele misterioso edifício de pedra de altas janelas excessivamente estreitas; acontecimento que de imediato comunicaram a John Brown em Providence. O senhor Brown tornara-se o chefe do seleto grupo resolvido a eliminar Curwen e informara os Fenners de que estava prestes a ser tomada alguma medida. Achara isto necessário, visto ser impossível que a família não testemunhasse a incursão final e justificou seu procedimento afirmando que Curwen era um notório espião dos funcionários da alfândega de Newport, contra a qual aberta ou clandestinamente todo marujo, negociante e fazendeiro de Providence conspirava. Não se sabe ao certo se os vizinhos que haviam visto tantas coisas estranhas aceitaram a justificativa; em todo caso, os Fenners estavam propensos a atribuir todo mal a um homem de hábitos tão curiosos. A eles o senhor Brown confiou a tarefa de observar a casa da fazenda de Curwen e de relatar regularmente todo fato que lá ocorresse.

A probabilidade de que Curwen estivesse em guarda e tentando coisas inusitadas, como sugeria o estranho feixe de luz, por fim precipitou a ação tão cuidadosamente planejada pelo grupo de homens de bem. Segundo o diário de Smith, uma companhia de cerca de cem homens encontrou-se às dez da noite na sexta-feira, 12 de abril de 1771, na sala grande da Taberna de Thurston, ao Leão Dourado, em Weybosset Point, do outro lado da ponte. Do grupo de vanguarda composto de homens proeminentes, além do líder, John Brown, estavam presentes o doutor Bowen, com sua valise de instrumentos cirúrgicos, o diretor Manning, sem a grande peruca (a maior das Colônias) pela qual se distinguia, o governador Hopkins, envolto em seu manto escuro e acompanhado por seu irmão Eseh, homem do mar incluído no último momento com a permissão dos restantes, John Cárter, o capitão Mathewson e o capitão Whipple, que chefiaria o grupo invasor. Esses chefes conferenciaram separadamente num cômodo de trás, depois do que o capitão Whipple dirigiu-se para a sala grande e, fazendo-os jurar fidelidade, deu aos marujos reunidos as últimas instruções. Eleazer Smith ficou com os chefes durante a reunião no aposento posterior, aguardando a chegada de Ezra Weeden, cuja tarefa consistia em vigiar Curwen e informar a saída de sua carruagem rumo à fazenda.

Por volta de dez e meia um ruído prolongado e surdo foi ouvido sobre a Great Bridge, seguido por aquele de uma carruagem na rua adiante; àquela hora não havia necessidade de esperar Weeden para saber que o homem condenado se pusera a caminho para sua última noite de iníquas bruxarias. Um instante mais tarde, enquanto o ruído da carruagem que se afastava soava fracamente sobre Muddy Dock Bridge, Weeden apareceu e os invasores se alinharam silenciosamente em ordem militar na rua, tendo aos ombros seus mosquetes, espingardas de caça ou arpões para a caça às baleias que traziam consigo. Weeden e Smith estavam com o grupo e do pessoal do conselho estavam presentes para tomar parte da ação o capitão Whipple, o chefe, o capitão Eseh Hopkins, John Cárter, o diretor Manning, o capitão Mathewson e o doutor Bowen, juntamente com Moses Brown, que apareceu às onze horas, embora estivesse ausente da sessão preliminar na taberna. Todos esses cidadãos e sua centena de marujos iniciaram a longa marcha sem delongas, determinados e um tanto apreensivos ao deixar Muddy Dock atrás de si, subindo pelo suave aclive de Broad Street em direção a Pawtuxet Road. Logo atrás da Igreja

de Elder Snow, alguns deles viraram-se para lançar um olhar de despedida a Providence que se espalhava debaixo das estrelas do início da primavera. Torres e frontões erguiam-se negros e bem delineados, e a brisa salobra soprava gentilmente da enseada ao norte da ponte. Vega subia sobre a grande colina, do outro lado do rio, onde o contorno das árvores era quebrado pela linha dos telhados do edifício inacabado do College. Ao pé daquela colina e ao longo das estreitas ruelas que trepavam por seus flancos, a velha cidade dormia; Old Providence, em nome de cuja segurança e salvação moral uma blasfema tão monstruosa e colossal estava prestes a ser eliminada.

Uma hora e um quarto mais tarde, os invasores chegaram, conforme havia sido previamente combinado, à casa da fazenda Fenner, onde ouviram o último relato sobre sua futura vítima. Ele havia chegado à sua fazenda há mais de meia hora, em seguida a estranha luz apontara para o céu, mas não havia luzes em nenhuma janela visível. Ultimamente era quase sempre assim. E no mesmo instante em que essa notícia estava sendo dada, outro grande clarão subiu ao sul e o grupo se deu conta de que de fato se aproximava do cenário de terríveis e monstruosos prodígios. O capitão Whipple então ordenou à tropa que se separasse em três grupos; um de vinte homens sob o comando de Eleazer Smith para atacar do lado da praia e guardar o local de desembarque contra possíveis reforços para Curwen, até ser convocado por um mensageiro como recurso extremo; um segundo de vinte homens, sob o comando do capitão Eseh Hopkins, para descer até o vale do rio atrás da fazenda de Curwen e derrubar com machados ou pólvora a porta de carvalho da margem íngreme e elevada; e o terceiro, para cercar a casa e os edifícios adjacentes. Um terço desse grupo seria conduzido pelo capitão Mathewson até o misterioso edifício de pedra com altas janelas estreitas, outro terço seguiria o próprio capitão Whipple até a casa principal da fazenda e o restante formaria um círculo ao redor de todo o grupo de edifícios até ser chamado por um último sinal de emergência.

O grupo do rio derrubaria a porta na encosta do morro ao ouvir soar um único apito, com ordens de aguardar e capturar tudo o que emergisse das regiões subterrâneas. Ao soarem dois apitos, avançaria pela abertura para fazer frente ao inimigo ou se uniria ao restante do contingente invasor. O grupo postado no edifício de pedra obedeceria, de modo

análogo, a esses respectivos sinais, forçando a entrada ao primeiro e ao segundo descendo por qualquer passagem que viesse a ser descoberta no terreno para se unir à escaramuça geral ou local que, esperava-se, ocorreria nas cavernas. Um terceiro sinal, esse de emergência, de três apitos, convocaria a reserva destacada para a tarefa de vigilância geral, seus vinte homens se dividiriam em número igual e penetrariam nas profundezas desconhecidas tanto pela casa da fazenda quanto pelo edifício de pedra. O capitão Whipple tinha a convicção absoluta de que existiam catacumbas e não levou em consideração nenhuma alternativa ao fazer seus planos. Ele trazia consigo um apito muito potente e de som muito agudo e não temia qualquer equívoco ou confusão dos sinais. O último contingente de reserva, no desembarcadouro, é claro, estava fora do alcance do apito, e exigiria um mensageiro especial se sua ajuda fosse necessária. Moses Brown e John Cárter foram com o capitão Hopkins para a margem do rio, enquanto o diretor Manning era destacado com o capitão Mathewson para o edifício de pedra. O doutor Bowen, com Ezra Weeden, permaneceu no grupo do capitão Whipple que deveria tomar de assalto a casa da fazenda. O ataque deveria iniciar assim que um mensageiro do capitão Hopkins alcançasse o capitão Whipple para notificá-lo de que o destacamento do rio estava de prontidão. O chefe então sopraria urna única vez o apito e os vários destacamentos de vanguarda começariam seu ataque simultâneo a três pontos. Pouco antes de uma da manhã, os três grupos deixaram a casa da fazenda Fenner; um para guardar o desembarcadouro , outro rumando para o vale do rio e a porta na encosta do morro, e o terceiro para dividir-se e cuidar dos edifícios da fazenda Curwen.

Eleazer Smith, que acompanhara o grupo de guarda na praia, registra em seu diário uma marcha calma e uma longa espera sobre o penhasco da baía, interrompida a certa altura por aquilo que pareceu o som distante do apito de advertência e de novo por uma mistura abafada e peculiar de estrondos e gritos e uma explosão que pareciam vir da mesma direção. Mais tarde, um homem acreditou ter ouvido tiros distantes, e mais tarde ainda o próprio Smith escutou o reboar de palavras titânicas e trove-j antes ressoando a grande altura. Foi pouco antes do amanhecer que surgiu um único mensageiro transtornado de olhar desvairado e com um odor horrendo e desconhecido exalando de suas roupas, dizendo que o destacamento dispersasse e voltasse silenciosamente para as respectivas casas e jamais pensasse ou mencionasse os feitos da noite ou daquele que

havia sido Joseph Curwen. Algo no comportamento do mensageiro revelava uma convicção que suas simples palavras jamais conseguiriam transmitir, pois embora fosse um marujo conhecido por muitos deles, havia algo obscuramente perdido ou conquistado em sua alma que o tornaria para sempre diferente dos outros. O mesmo ocorreu quando, mais tarde, eles encontraram outros velhos companheiros que haviam penetrado naquela zona de horror. A maioria deles havia perdido ou conquistado algo imponderável e indescritível. Haviam visto, ouvido ou sentido algo que não era para criaturas humanas e jamais poderiam esquecer. Deles jamais partiu um comentário, pois mesmo para o mais comum dos instintos mortais existem limites terríveis. E aquele único mensageiro incutiu no grupo da praia um pavor indizível que quase selou seus lábios. Foram pouquíssimos os boatos espalhados por qualquer um deles e o diário de Eleazer Smith é o único registro escrito sobrevivente de toda a expedição que partira do estabelecimento do Leão Dourado sob as estrelas.

No entanto, Charles Ward descobriu outras vagas informa coes incidentais na correspondência de Fenner encontrada em Nova Londres, onde sabia ter residido outro ramo da família. Parece que os Fenners, de cuja casa a fazenda condenada era visível à distância, haviam observado as colunas de incursores pôr-se em marcha e haviam ouvido com muita clareza o raivoso latido dos cães de Curwen, seguido pelo primeiro som agudo do apito que precipitou o ataque. O primeiro apito havia sido seguido por outro grande feixe de luz saindo do edifício de pedra, e mais tarde, após o rápido ecoar do segundo sinal ordenando uma invasão geral, ouviu-se um pipocar atenuado de tiros de mosquete e depois um horrível bramido que o missivista Luke Fenner representara em sua epístola com as letras "Uaaaahrrrr-R'uaaahrrr". Esse grito, porém, era de tal natureza que seria impossível traduzi-lo em simples caracteres impressos e o missivista menciona que sua mãe perdeu completamente os sentidos àquele som. Mais tarde foi repetido, com menor força, seguindo-se outros ruídos mais abafados de tiros, juntamente com urna explosão muito forte na direção do rio. Cerca de uma hora mais tarde, todos os cães começaram a latir assustadoramente e ouviram-se vagos sons surdos e prolongados vindos da terra, tão acentuados que os castiçais se agitaram sobre a lareira. Foi notado um forte odor de enxofre e o pai de Luke Fenner declarou ter ouvido o terceiro apito, o de emergência, embora os outros não o tivessem percebido. Novo barulho surdo de disparos de mosquetes,

seguido por um grito menos lancinante, mas mais horrível ainda do que os precedentes; uma espécie de tosse gutural ou de gorgolejo, desagradavelmente plástica, cuja semelhança com um grito devia-se talvez mais à sua continuidade e impacto psicológico do que à sua qualidade acústica.

Então a coisa chamejante apareceu subitamente num ponto em que deveria se encontrar a fazenda de Curwen e ouviram-se gritos de homens desesperados e apavorados. Os mosquetes faiscaram e crepitaram e a coisa chamejante caiu ao solo. Uma segunda coisa chamejante apareceu e distinguiu-se claramente um grito agudo de choro humano. Fenner escreveu que conseguiu até compreender algumas palavras vomitadas como num delírio: "Todo-poderoso, protege teu cordeiro!" Então, houve mais tiros e a segunda coisa chamejante caiu. Depois disso fez-se o silêncio por cerca de três quartos de hora, no fim do qual o pequeno Arthur Fenner, irmão de Luke, exclamou que vira "uma névoa vermelha" subindo da fazenda maldita até as estrelas, à distância. Ninguém, com exceção da criança, poderia provar isso, mas Luke admite uma coincidência significativa no pânico de um terror quase convulsivo que, no mesmo instante, fez com que os três gatos que se encontravam na sala arqueassem o dorso e eriçassem o pêlo.

Cinco minutos mais tarde, começou a soprar um vento gélido e o ar ficou impregnado de um fedor tão intolerável que somente a forte brisa do mar impediu que fosse percebido pelo grupo da praia ou por alguma das almas vigilantes na aldeia de Pawtuxet. Esse fedor não se assemelhava a nada que os Fenners conhecessem e provocou uma espécie de pavor avassalador, amorfo, muito pior do que o do túmulo ou do cemitério. Logo em seguida ouviu-se a voz pavorosa que nenhum infeliz ouvinte jamais poderá esquecer. Ela ribombava do céu como uma condenação e as janelas tremeram enquanto seus ecos se perdiam. Era profunda e musical; possante como a de um órgão, mas maligna como os livros Proibidos dos árabes. Homem algum pode saber o que ela dizia, porque falava numa língua desconhecida, mas isto é o que Luke Fenner transcreveu para reproduzir os demoníacos sons: "DEES MEES - JESHET - BONEDOSEFEDUVEMA - ENTTEMOSS". Foi somente no ano de 1919 que alguém relacionou essa transcrição tosca com algum tipo de conhecimento mortal, mas Charles Ward empalideceu ao reconhecer o que

Mirandola denunciara estremecendo como o mais pavoroso horror das feitiçarias da magia negra.

Um grito inconfundivelmente humano ou um grito profundo e coral pareceu responder a esse prodígio maligno que vinha da fazenda de Curwen, em seguida o fedor desconhecido se tornou mais pesado ao acrescentar-se um odor igualmente intolerável. Lamentos distintamente diferentes de gritos irrompiam agora e prolongavam-se em uivos com paroxismos ascendentes e descendentes. Às vezes eram quase articulados, embora ouvinte algum pudesse captar palavras definidas; a certa altura, pareciam elevar-se até se tornarem quase risadas diabólicas e histéricas. Depois, um bramido de definitivo e absoluto terror, e a loucura total arrebentou de dezenas de gargantas humanas; um bramido que soou forte e claro apesar da profundeza da qual deve ter jorrado; após o que a escuridão e o silêncio dominaram todas as coisas. Espirais de fumaça acre subiram apagando as estrelas, embora não aparecessem chamas e no dia seguinte não se visse nenhum edifício destruído ou danificado.

Perto da madrugada, dois mensageiros apavorados, com cheiros monstruosos e indescritíveis saturando suas vestimentas, bateram à porta dos Fenners e pediram um barrilete de rum pelo qual pagaram muito bem. Um deles disse à família que o caso de Joseph Curwen estava encerrado e que os acontecimentos da noite nunca mais deveriam ser mencionados. Por mais arrogante que a ordem pudesse parecer, o aspecto daquele que a dava era tal que não provocou nenhum ressentimento e emprestou-lhe uma terrível autoridade; de modo que somente as furtivas missivas de Luke Fenner, que ele instou o parente de Connecticut a destruir, restam para contar o que foi visto e ouvido. O não-atendimento desse parente, graças ao qual as cartas foram salvas apesar de tudo, foi a única coisa que impediu que o assunto caísse num piedoso esquecimento. Charles Ward tinha outro detalhe a acrescentar como resultado de uma cuidadosa investigação sobre as tradições ancestrais junto aos habitantes de Pawtuxet. O velho Charles Slocum daquela aldeia disse que seu avô soubera de um curioso boato referente a um corpo carbonizado e retorcido, encontrado nos campos uma semana depois do anúncio da morte de Joseph Curwen. O que gerou o boato foi a constatação de que esse corpo, pelo que se podia depreender dos restos queimados e contorcidos, não podia ser considerado nem totalmente humano nem

podia ser atribuído a nenhum animal que o povo de Pawtuxet jamais tivesse visto ou conhecido por leituras.

5

Nenhum dos participantes daquela terrível incursão jamais seria induzido a pronunciar palavra a seu respeito e qualquer fragmento das vagas informações remanescentes vem de pessoas estranhas ao grupo que realizara o combate final. Há algo aterrador no cuidado com o qual os verdadeiros invasores destruíram os fragmentos que traziam a menor alusão ao assunto.

Oito marinheiros foram mortos, mas embora seus corpos não fossem apresentados, suas famílias se contentaram com a declaração de que ocorrera um choque com funcionários da alfândega. O mesmo serviu para justificar os numerosos casos de ferimentos, todos eles cuidados e tratados pelo doutor Jabez Bowen, que acompanhara o grupo. O mais difícil foi explicar o odor indescritível que impregnava todos os invasores, fato discutido durante semanas. Dos cidadãos no comando, o capitão Whipple e Moses Brown foram os mais gravemente feridos e algumas cartas de suas esposas comprovam o espanto provocado por sua reticência e excessivo cuidado em relação aos curativos. Psicologicamente, cada um dos participantes mostrou-se abalado, amadurecido, de certo modo envelhecido, mais moderado. Por sorte, eram todos homens de ação, fortes e simples, religiosos ortodoxos, pois se fossem dotados de uma introspecção mais sutil e de maior complexidade mental teriam se saído muito mal. O diretor Manning ficou mais perturbado do que todos, mas ele também venceu as mais negras trevas e sufocou as lembranças na oração. Todos aqueles chefes desempenhariam papéis ativos nos anos seguintes e talvez tenha sido bom que isso se desse. Pouco mais de doze meses depois, o capitão Whipple liderou a multidão que incendiou o barco *Gaspee,* das autoridades da alfândega, e nesse ato audacioso podemos per ceber uma tentativa de apagar perniciosas imagens.

À viúva de Joseph Curwen foi entregue um caixão de chumbo lacrado, de feitio curioso, obviamente encontrado pronto no local, no qual lhe foi dito encontrar-se o corpo do marido. Foi explicado que ele havia

sido morto num choque com a milícia da alfândega a respeito do qual não seria conveniente buscar detalhes. Mais do que isso língua alguma nada jamais pronunciou sobre o fim de Joseph Curwen *e* Charles Ward dispunha de uma única indicação com a qual construir uma teoria. Esta indicação era um simples fio — um traço tremido sublinhando um trecho da carta de Jedediah Orne a Curwen que havia sido confiscada e copiada em parte à mão por Ezra Weeden. A cópia foi encontrada com um dos descendentes de Smith e a nós cabe decidir se Weeden a deu ao seu companheiro depois do fim, como um mudo indício da anormalidade que havia ocorrido, ou se, como é mais provável, Smith a obtivera antes, e ele próprio acrescentara o grifo a partir daquilo que conseguira extrair de seu amigo por meio de inteligentes conjeturas e hábeis perguntas. O trecho sublinhado é este:

"Digo-lhe novamente, não evoque ninguém que não possa mandar de volta; quero dizer ninguém que por sua vez chame algo contra o senhor e contra o qual seus recursos mais poderosos não possam ter eficácia alguma. Busque os menores, para que os maiores não desejem responder e tenham mais poder do que o senhor".

A luz desse trecho e refletindo sobre que aliados inomináveis um homem derrotado pode tentar convocar em seu mais funesto transe, Charles Ward pode ter se perguntado se algum cidadão de Providence não teria assassinado Joseph Curwen.

A destruição total de toda lembrança do morto da vida e dos anais de Providence foi amplamente corroborada pela influência dos chefes da invasão. De início, eles não pretendiam ser tão radicais e, por outro lado, a viúva, seu pai e filha foram deixados na ignorância dos fatos reais; mas o capitão Tillinghast era um homem astuto e logo teve conhecimento de boatos suficientes para aguçar seu horror e exigir que sua filha e neta mudassem o nome, queimassem a biblioteca e todos os papéis restantes e raspassem a inscrição da lápide de ardósia sobre o jazigo de Joseph Curwen. Ele conhecia bem o capitão Whipple e provavelmente obteve mais indícios daquele rude marinheiro do que de qualquer outra pessoa sobre o fim do amaldiçoado bruxo.

A partir daquela época, a eliminação da memória de Curwen se tornou cada vez mais rigorosa, estendendo-se inclusive, por consenso comum, até os registros da cidade e os arquivos do *Gazette.* Só pode ser comparada pelo espírito ao silêncio que envolveu o nome de Oscar Wilde

por toda uma década depois que ele caíra em desgraça e, pela extensão, somente ao destino do pecaminoso rei de Runagur na história de lorde Dunsany, a respeito do qual os deuses decidiram que não só deveria cessar de existir como se deveria negar que tivesse existido.

A senhora Tillinghast, como a viúva passou a ser conhecida a partir de 1772, vendeu a casa de Olney Court e residiu com o pai em Power's Lane até sua morte, em 1817. A fazenda de Pawtuxet, evitada por todas as criaturas, foi abandonada, caindo em ruínas com o passar dos anos e aparentemente deteriorou-se com indizível rapidez. Por volta de 1780, só permaneciam de pé as paredes de pedra e tijolos e em 1800 estas também haviam se transformado em ruínas disformes. Ninguém se aventurava a olhar no matagal espesso na margem do rio, atrás do qual poderia existir a porta da encosta do morro, e jamais tentou formar uma imagem definida dos fatos em meio aos quais Joseph Curwen desaparecera junto com os horrores por ele mesmo criados.

Somente o velho e robusto capitão Whipple foi ouvido, vez por outra, por pessoas atentas

murmurar de si para si: "Que aquele...morresse de sífilis, ele não tinha que rir enquanto gritava. Era como se o excomungado ... tivesse um trunfo na manga. Por meia coroa eu botaria fogo em sua ..casa".

Capítulo Três

UMA PESQUISA E UMA EVOCAÇÃO

1

Charles Ward, como vimos, soube apenas em 1918 que descendia de Joseph Curwen. Não admira que imediatamente mostrasse profundo interesse por tudo o que dizia respeito ao antigo mistério; pois todos os vagos boatos que ouvira a respeito de Curwen agora se tornavam algo vital para ele, em cujas veias corria o sangue de Curwen. Nenhum estudioso de genealogia dotado de agudeza e imaginação agiria de modo diferente *e* ele empreendeu então uma ávida e sistemática coleta de informações sobre o antepassado.

Nas suas primeiras pesquisas não houve a menor tentativa de sigilo; de modo que mesmo o doutor Lyman hesita em datar a loucura do jovem em qualquer período anterior ao final de 1919. Ele conversava abertamente sobre o fato com a família — embora a mãe, em particular, não estivesse satisfeita em possuir um antepassado como Curwen — e com os funcionários dos vários museus e bibliotecas por ele visitados. Ao apelar para famílias de particulares em sua busca de registros que supostamente possuiriam, ele não ocultava seu objetivo e compartilhava do mesmo ceticismo bem-humorado com o qual eram vistos os relatos dos antigos autores de diários e cartas. Frequentemente expressava profunda curiosidade por aquilo que de fato ocorrera um século e meio antes naquela casa de Pawtuxet, cujo local tentara em vão encontrar, e por aquilo que Joseph Curwen havia sido na realidade.

Quando descobriu o diário e os arquivos de Smith e encontrou a carta de Jedediah Orne, decidiu visitar Salem e investigar as primeiras atividades de Curwen bem como suas relações lá na cidade, o que fez nas férias da Páscoa de 1919. No Instituto Essex, que ele conhecia bem de estadas anteriores na fascinante e antiga cidade de frontões puritanos em ruínas e aglomeração de telhados com mansardas, comprimindo-se uns ao lado dos outros, foi gentilmente recebido e lá descobriu uma quantidade considerável de informações sobre Curwen. Averiguou que seu ancestral nascera em Salem-Village, hoje Danvers, a sete milhas da cidade, no dia

18 de fevereiro de 1662-63 e que fugira para fazer-se ao mar à idade de quinze, só aparecendo nove anos mais tarde, quando regressou com a fala, as roupas e as maneiras de um inglês nativo e se estabeleceu na própria cidade de Salem. Na época, ele tinha poucas relações com a família, mas passava a maior parte do seu tempo debruçado sobre os livros curiosos adquiridos na Europa e as estranhas substâncias químicas que chegavam para ele em navios procedentes da Inglaterra, França e Holanda. Certas viagens dele para o interior eram objeto de muita curiosidade local e eram associadas, à boca pequena, a vagos relatos de fogueiras sobre as colinas, à noite.

Os únicos amigos próximos a Curwen haviam sido um certo Edward Hutchinson, de Salem-Village, e certo Simon Orne, de Salem. Com estes homens frequentemente era visto pelo parque e as visitas entre eles eram bastante freqüentes. Hutchinson possuía uma casa fora da cidade, na direção dos bosques, e as pessoas sensíveis não gostavam dela por causa dos sons ouvidos lá à noite. Dizia-se que ele recebia estranhos visitantes e as luzes de suas janelas não eram sempre da mesma cor. O conhecimento que ele demonstrava ter a respeito de pessoas há muito tempo falecidas e de fatos há muito ocorridos era considerado totalmente blasfemo. Desapareceu aproximadamente na época em que começou o pânico da bruxaria e nunca mais se ouviu falar nele. Naquele tempo, Joseph Curwen também partiu, mas logo se soube que se estabelecera em Providence. Orne viveu em Salem até 1720, quando o fato de não mostrar sinais visíveis de envelhecimento começou a chamar a atenção das pessoas. Então ele desapareceu, embora, trinta anos mais tarde, seu sósia, denominando-se seu filho, aparecesse para reclamar a propriedade. A procedência da reclamação foi reconhecida com base em documentos lavrados por Simon Orne cuja caligrafia era conhecida, e Jedediah Orne continuou a morar em Salem até 1771, quando certas cartas de cidadãos de Providence endereçadas ao reverendo Thomas Barnard e a outros tiveram como resultado sua silenciosa mudança para local desconhecido.

Documentos sobre todos esses estranhos fatos estavam disponíveis no Instituto Essex, no Tribunal e no Cartório Civil e incluíam coisas comuns e inócuas como títulos de terras, escrituras de venda de terras e fragmentos secretos de uma natureza mais estimulante. Havia quatro ou cinco alusões inequívocas a eles nos registros dos processos de bruxaria:

certo Hepzibah Lawson jurou, no dia 10 de julho de 1692, no Tribunal de Oyer e Terminen presidido pelo juiz Hathorne, que "quarenta bruxas e o Homem Negro foram vistos reunir-se nos bosques atrás da casa do senhor Hutchinson", e certa Amity How declarou, numa sessão de 8 de agosto, perante o juiz Gedney, que "o senhor C. B. (George Burroughs) naquela noite colocou a Marca do Diabo em Bridget S., Jonathan A., *Simon O.,* Deliverance W., *Joseph C.,* Susan P., Mehitable C., e Deborah B". Depois, havia um catálogo da misteriosa biblioteca de Hutchinson como fora encontrada após seu desaparecimento e um manuscrito inacabado em sua caligrafia, numa linguagem cifrada que ninguém conseguia ler. Ward mandou fazer uma cópia fotostática desse manuscrito e começou a trabalhar casualmente no código assim que lhe foi entregue. Depois do mês de agosto seguinte, seu trabalho no código se tornou intenso e febril e, a partir daquilo que ele dizia e de seu comportamento, existem razões para se acreditar que conseguira decifrar o código antes de outubro ou novembro. Contudo, ele jamais afirmou se conseguira ou não.

Mas de maior interesse imediato era o material de Orne. Foi preciso pouco tempo para que Ward provasse, graças à caligrafia, uma coisa que já havia estabelecido a partir do texto da carta endereçada a Curwen, ou seja, que Simon Orne e seu suposto filho eram a mesma pessoa. Como Orne dissera ao seu missivista, não era seguro viver por muito tempo em Salem, daí ele ter resolvido se mudar por trinta anos para o exterior, só voltando para reclamar suas terras como representante de uma nova geração. Orne aparentemente havia tomado o cuidado de destruir a maior parte de sua correspondência, mas os cidadãos que agiram em 1771 descobriram *e* preservaram algumas cartas e papéis que estimularam sua curiosidade. Havia fórmulas e diagramas enigmáticos escritos em sua caligrafia e na de outras pessoas, que Ward agora copiou com cuidado ou fotografou, e uma carta extremamente misteriosa numa caligrafia que o pesquisador reconheceu por certos registros contidos no Cartório Civil como sendo positivamente de Joseph Curwen.

Essa carta de Curwen, embora não datada em relação ao ano, não foi evidentemente aquela em resposta à escrita por Orne e que fora apreendida; por certas evidências Ward a atribuiu a uma data não muito posterior a 1750. Talvez não seja fora de propósito apresentar seu texto

integral, como amostra do estilo de alguém cuja história foi tão obscura e terrível. Seu destinatário é chamado "Simon", mas existe um traço (não foi possível a Ward estabelecer se de autoria de Curwen ou de Orne) riscando a palavra.

Providence, 1º de maio

Irmão: —

Meu honrado e velho amigo, meus devidos respeitos e sinceras saudações àquele que servimos para seu eterno poder. Acabo de descobrir aquilo que o senhor deve saber, referente ao funesto transe e ao que é preciso fazer a respeito. Não estou disposto a segui-lo e partir por causa de minha idade, pois Providence não possui a agudeza do latido na perseguição de coisas in-comuns e em seu julgamento. Estou atarefado com navios e mercadorias e não poderia fazer como o senhor, além do mais, debaixo de minha fazenda em Pawtuxet está aquilo que o senhor sabe não esperaria que eu voltasse como outra pessoa.

Mas eu estou disposto a enfrentar tempos difíceis, como lhe disse, e tenho trabalhado muito sobre a maneira de reaver o que perdi. Na noite passada, descobri as palavras que evocam YOGGE-SOTHOTHE e vi pela primeira vez aquele rosto de que fala Ibn Schacabac no_____. E ELE disse que o III Salmo

no Liber-Damnatus tem a Clavícula. Com o Sol na V casa, Saturno na tríade, desenhe o Pentagrama do Fogo e pronuncie e nono verso três vezes. Repita esse verso na véspera do dia da Cruz e de Todos os Santos e a coisa se multiplicará nas esferas exteriores.

E da semente do velho nascerá Um que olhará para trás embora não saiba o que busca.

Isto de nada servirá se não houver um herdeiro e se os sais, ou a maneira de fazer os sais, não estiverem à mão. E nesse caso admito que não tomei as medidas necessárias nem descobri muito. O processo é danado de difícil de funcionar e utiliza tamanha multiplicidade de espécies que tenho dificuldades em encontrá-las em quantidade suficiente, não obstante os marinheiros das índias que eu tenho. O povo por aqui é curioso, mas eu consigo enganá-lo. Os senhores de boa família são piores do que a população, pois possuem mais informações e as

pessoas respeitam mais o que eles dizem. Temo que o pastor e o senhor Merritt tenham comentado algo, mas até o momento não há perigo. As substâncias químicas são fáceis de se conseguir, havendo dois bons boticários na cidade, o doutor Bowen e Sam Carew. Estou seguindo o que Borellus diz e disponho do auxílio do VII Livro de Abdul Al-Hazred. O que eu obtiver, o senhor terá também. E no meio tempo não deixe de usar as palavras que dei aqui. Elas estão certas, mas se desejar vê-lo, empregue o que escrevi no pedaço de_____, que estou enviando nesse pacote. Diga os versos na véspera de cada dia da Cruz e de Todos os Santos e se sua linhagem não acabar, nos anos por vir aparecerá aquele que olhará para trás e usará os saís ou a matéria dos sais que tu lhe deixar es. Jó, XIV, 14.

Alegro-me que o senhor esteja novamente em Salem e espero poder vê-lo em breve. Tenho um bom garanhão e estou pensando em comprar uma carruagem, pois já há uma (a do senhor Merritt) em Providence, embora as estradas sejam más. Se estiver disposto a viajar não deixe de me visitar. De Boston, pegue a estrada da diligência passando por Dedham, Wrentham e Attleborough, em todas estas cidades há boas tabernas. Hospede-se na do senhor Bolcom, em Wrentham, onde as camas são melhores do que na do senhor Hatch, mas coma no outro estabelecimento, pois seu cozinheiro é melhor. Vire na direção de Providence na altura das corredeiras de Patucket e pegue a estrada depois da taberna do senhor Sayles. Minha casa fica em frente à taberna do senhor Epenetus Olney, saindo de Town Street, a primeira do lado norte de Olney Court. A distância de Boston Store é cerca de 44 milhas.

Declaro-me, senhor, seu velho e sincero amigo e criado em Almonsin-Metraton.

Josephus C.

Ao Senhor Simon Orne, William's-Lane, Salem.

Foi essa carta, estranhamente, que pela primeira vez forneceu a Ward a localização exata da casa de Curwen em Providence, pois nenhum dos registros encontrados até aquele momento havia sido totalmente específico. A descoberta era duplamente sensacional porque descrevia como sendo a nova casa de Curwen, construída em 1761 no local da antiga, a construção semidestruída que ainda se

encontrava em Olney Court, bastante familiar a Ward em suas perambulações em busca de antiguidades em Stampers Hill. O lugar de fato ficava a poucas quadras de distância de sua casa, no ponto mais elevado da grande colina, e agora era habitada por uma família de negros muito procurada para serviços ocasionais, como lavagem de roupa, limpeza doméstica e manutenção de fornalhas. Encontrar na longínqua Salem uma prova tão inesperada da importância desse conhecido casebre na história de sua própria família foi algo muito emocionante para Ward, que resolveu explorar imediatamente o lugar à sua volta. Os trechos mais misteriosos da carta, que interpretou como uma forma extravagante de simbolismo, francamente o desafiavam; embora observasse com um frêmito de curiosidade que a passagem bíblica referida — Jó, XIV, 14 — era o conhecido versículo, "Se um homem morre, deverá viver novamente? Todos os dias do tempo que me foi destinado eu esperarei, até que venham me soerguer".

2

O jovem Ward voltou para casa num estado de agradável excitação e passou o sábado seguinte num longo e exaustivo estudo da casa de Olney Court. A construção, atualmente em ruínas devido à idade, jamais havia sido uma mansão; mas era uma modesta casa de madeira de dois andares e uma água-furtada do tipo colonial comum em Providence, com um teto pontiagudo, ampla chaminé central, porta artisticamente entalhada e bandeira semicircular com raios, frontão triangular e elegantes colunas dóricas. Sofrera poucas alterações externamente e Ward teve a sensação de estar olhando algo muito próximo ao sinistro objeto de sua investigação.

Os atuais moradores negros eram seus conhecidos, e o velho Asa e sua gorda mulher Hannah mostraram-lhe muito gentilmente o interior. Aqui as alterações eram maiores do que parecia externamente e Ward observou com tristeza que uma boa metade das belas cornijas das lareiras lavradas com motivos de volutas e umas e os entalhes em forma de conchas sobre os armários haviam desaparecido, enquanto a maior parte dos belos lambris de madeira e respectivas molduras estava arranhada, gasta, arrancada, ou coberta totalmente de papel de parede barato. De modo geral, a pesquisa não rendeu a Ward muito mais do que esperava,

mas pelo menos foi emocionante encontrar-se entre as paredes ancestrais que haviam hospedado um homem horroroso como Joseph Curwen. Ele notou com um arrepio que o monograma havia sido cuidadosamente apagado da antiga aldrava de latão.

Desde aquele momento até o encerramento do curso, Ward passou todo o tempo debruçado sobre a cópia fotostática do código de Hutchinson e acumulando dados sobre Curwen no local. O código ainda se mostrava renitente, mas ele obteve tantos dados e tantos indícios em outras partes, que se predispôs a empreender uma viagem a Nova Londres e Nova Iorque, a fim de consultar antigas cartas cujas presença estava indicada naqueles lugares. Essa viagem foi muito frutífera, pois resultou nas cartas de Fenner com sua terrível descrição da incursão à casa de Pawtuxet e as cartas da correspondência Nightingale-Talbot, nas quais ele ficou sabendo do retrato pintado no painel da biblioteca de Curwen. A questão do retrato interessou-o de modo particular, pois teria da do tudo para saber como era exatamente Joseph Curwen; e decidiu realizar uma segunda busca na casa de Olney Court para ver se não haveria algum vestígio das feições antigas debaixo das demãos da pintura posterior ou das camadas de papel de parede bolorento.

A busca foi empreendida no início de agosto e Ward percorreu cuidadosamente as paredes de cada cômodo cujas dimensões fossem suficientes para ter abrigado a biblioteca do perverso criador. Dedicou particular atenção aos amplos painéis sobre as lareiras que ainda restavam e ficou profundamente emocionado quando, após cerca de uma hora, num largo espaço sobre a lareira de uma sala espaçosa do andar térreo, teve a certeza de que a superfície trazida à luz ao arrancar várias camadas de tinta era sensivelmente mais escura do que a pintura de interior comum ou do que a madeira de baixo deveria ser. Após algumas outras tentativas mais cuidadosas com uma faca fina, teve a certeza de ter descoberto um retrato a óleo de grandes dimensões. Com a prudência de um autêntico estudioso, o jovem não arriscou o dano que uma tentativa imediata de descobrir com a faca a pintura oculta poderia perpetrar, mas simplesmente retirou-se do cenário de sua descoberta a fim de recrutar a ajuda de um especialista. Três dias mais tarde, voltou com um artista de longa experiência, o senhor Walter Dwight, cujo estúdio se encontra ao pé de College Hill, e aquele provecto restaurador de quadros pôs-se ao

trabalho imediatamente, com métodos e substâncias químicas adequadas. O velho Asa e a esposa ficaram, é claro, curiosos a respeito de seus estranhos visitantes e foram adequadamente indenizados por essa invasão de seu lar.

A medida que o trabalho avançava, dia após dia, Charles Ward acompanhava com crescente interesse as linhas e sombras que gradativamente iam-se revelando após um longo esquecimento. Dwight começara na parte inferior do retrato; por isso, tendo o quadro a proporção de três por um, o rosto não apareceu por algum tempo. No meio tempo via-se que o sujeito era um homem magro, de boas proporções, com um casaco azul-escuro, colete bordado, calções de cetim preto e meias de seda branca, sentado numa cadeira entalhada contra uma janela com desembarcadouros e navios aparecendo ao longe. Quando surgiu a cabeça, observou-se que tinha uma peruca Albemarle bem arranjada e possuía um rosto fino, calmo, comum, de certo modo familiar a Ward e ao artista. No entanto, somente no fim o restaurador e seu cliente ficaram espantados diante dos detalhes do rosto magro, pálido, reconhecendo com um certo horror a dramática brincadeira pregada pela hereditariedade. Pois foi preciso o último banho de óleo e o último toque da delicada raspadeira para revelar totalmente a expressão que os séculos haviam ocultado *e* comparar o perplexo Charles Dexter Ward, amante do passado, aos seus próprios traços vivos retratados no semblante de seu horrível tetravô.

Ward levou os pais para ver a maravilha que havia descoberto e seu pai imediatamente determinou a aquisição do quadro, embora fosse pintado sobre painéis fixos. Para o rapaz, a semelhança era maravilhosa, apesar de aparentar uma idade avançada, e era possível constatar que, graças a um artificioso ardil do atavismo, os traços físicos de Joseph Curwen haviam encontrado uma cópia perfeita um século e meio mais tarde. A semelhança da senhora Ward com o seu antepassado não era muito acentuada, embora ela lembrasse de parentes que tinham algumas das características fisionômicas de seu filho e do falecido Curwen. Ela não gostou da descoberta e disse ao marido que seria melhor que ele queimasse o retrato em vez de levá-lo para casa. Afirmou que havia algo pernicioso nele, não apenas no aspecto intrínseco, mas na própria semelhança com Charles. O senhor Ward, contudo, era um prático *e* poderoso homem de negócios — um fabricante de tecidos de algodão com grandes tecelagens

em Riverpoint e no vale do Pawtuxet — e não era pessoa de dar ouvidos a escrúpulos femininos. O quadro o impressionara enormemente pela semelhança com o filho e achou que o rapaz o merecia como presente. Não é preciso dizer que Charles concordou calorosamente com a idéia; poucos dias mais tarde o senhor Ward localizou o dono da casa — um sujeito baixo com o aspecto de um roedor e um acento gutural — e conseguiu todo o painel e a peça sobre a qual ficava o quadro por um preço rapidamente acordado que acabou com a torrente ameaçadora de untuosos regateios.

Restava agora retirar o painel e levá-lo para a residência dos Wards, onde foram adotadas todas as providências para sua completa restauração *e* instalação junto com uma lareira elétrica de imitação na biblioteca-escritório de Charles, no terceiro andar. A Charles foi deixada a tarefa de supervisionar a remoção e, no dia 28 de agosto, ele acompanhou dois técnicos da firma de decorações Crooker até a casa de Olney Court, onde o painel e toda a peça com o retraio foram despregados com grande cuidado e precisão e transportados no caminhão da empresa. Restou descoberto um espaço de tijolos deixando à mostra a parede, da chaminé e nesta o jovem Ward observou um vão quadrado, aproximadamente da largura de um pé, que devia ficar diretamente atrás da cabeça do retrato. Curioso com o que aquele vão poderia significar ou conter, o jovem aproximou-se, olhou em seu interior e descobriu, debaixo das espessas camadas de pó e fuligem, alguns papéis soltos, amarelados, um rústico e grosso caderno e alguns fiapos bolorentos que haviam sido talvez a fita prendendo o todo. Soprou o grosso do pó e das *cinzas* e pegou o livro olhando a inscrição em grossas letras negras da capa. Estava escrita numa caligrafia que ele aprendera a reconhecer no Instituto Essex *e* dizia que o volume era o *Diário e Notas de Jos. Curwen, Gent., das Plantações de Providence, anteriormente de Salem.*

Emocionado ao extremo com sua descoberta, Ward mostrou o livro aos dois trabalhadores curiosos ao seu lado. O testemunho destes quanto à natureza e autenticidade da descoberta é absoluto; e o doutor Willett baseia-se neles para estabelecer sua teoria de que o jovem não era louco quando começou a exibir suas maiores excentricidades. Todos os outros papéis também estavam escritos na caligrafia de Curwen e um deles parecia especialmente assombroso, por causa de sua inscrição: *"Àquele que*

virá depois, e como ele poderá voltar no tempo e nas esferas". Outro estava em código, o mesmo, esperava Ward, de Hutchinson, que até o momento o frustrara. Um terceiro, e aqui o pesquisador se regozijou, parecia ser a chave do código, enquanto o quarto e quinto eram endereçados respectivamente "ao Gentilhomem Edw: Hutchinson" e "Ao Cavalheiro Jedediah Orne", "ou Seu Herdeiro ou Herdeiros, ou a quem os Represente". O sexto e último tinha a inscrição: *"Joseph Curwen, sua vida e viagens entre os anos 1678 e 1687: para onde viajou, onde viveu, quem viu e o que aprendeu"*.

3

Chegamos agora ao momento ao qual a escola mais acadêmica de psiquiatras data a loucura de Charles Ward. Após a descoberta, o jovem folheara imediatamente as páginas internas do livro e dos manuscritos e evidentemente viu algo que o impressionou de modo fantástico. Em verdade, ao mostrar os títulos aos trabalhadores, ele pareceu resguardar o texto com cuidado peculiar e mostrar um estado de perturbação que mesmo a importância arqueológica e genealógica da descoberta não justificava. Ao voltar para casa, ele deu a notícia com um ar quase embaraçado, como se desejasse transmitir uma idéia de sua suprema importância, sem contudo exibir a prova. Sequer mostrou os títulos aos pais, mas simplesmente disse-lhes que havia encontrado alguns documentos escritos na caligrafia de Joseph Curwen, "a maior parte em código", que teriam de ser estudados com muito cuidado para revelar seu significado verdadeiro. E improvável que ele tivesse mostrado o que mostrou aos trabalhadores não fosse pela curiosidade indisfarçada daqueles. Sem dúvida, pretendia evitar qualquer demonstração de uma reticência peculiar que aumentaria as discussões em torno do assunto.

Naquela noite, Charles Ward ficou sentado em seu quarto lendo o livro e os papéis recém-descobertos e quando clareou o dia não desistiu. As refeições, conforme seu urgente pedido quando a mãe foi falar com ele para ver o que estava ocorrendo, foram levadas para o quarto e, à tarde, ele apareceu muito rapidamente quando os homens foram instalar o retrato de Curwen e o painel da lareira em seu escritório. Na noite seguinte, dormiu a curtos intervalos, de roupa, enquanto lutava febrilmente para decifrar o

manuscrito em código. Pela manhã, a mãe viu que ele estava trabalhando na cópia fotostática do código de Hutchinson, que várias vezes lhe havia mostrado antes; mas respondendo à sua interrogação, ele disse que a chave de Curwen não lhe podia ser aplicada. Naquela tarde, abandonou seu trabalho e observou fascinado os homens enquanto terminavam a instalação do quadro com sua estrutura de madeira sobre um tronco de árvore elétrico engenhosamente realista, colocavam a imitação de lareira e o painel um pouco afastados da parede norte, como se atrás existisse uma chaminé, e encaixavam nos lados lambris combinando com o quarto. O painel da frente com a pintura foi serrado e montado, deixando um espaço para um armário atrás. Assim que os homens se foram, transferiu seu trabalho para o escritório e sentou à sua frente com um olho no código e outro no retrato, que lhe devolvia o olhar como um espelho que o envelhecia ou evocava séculos passados. Os pais, lembrando mais tarde seu comportamento nesse período, forneceram interessantes detalhes referentes aos subterfúgios por ele adotados para disfarçar sua atividade. Diante dos empregados, raramente escondia algum papel que estava estudando, pressupondo, com razão, que a intrincada e arcaica caligrafia de Curwen seria demais para eles. Com os pais, no entanto, era mais circunspecto, e a não ser que o manuscrito em questão fosse em código, ou um amontoado de símbolos misteriosos e ideogramas desconhecidos (como aquele intitulado *"Àquele que vier depois,* etc." parecia), cobria-o com um papel até que a visita saísse do quarto. À noite, mantinha os papéis trancados a chave numa antiga papeleira sua, onde também os colocava sempre que saía do quarto. Logo retomou horários e hábitos razoavelmente regulares, com a exceção de que seus longos passeios e outros interesses externos pareciam ter cessado. A reabertura da escola, onde agora iniciava o último ano, aparentemente o aborreceu e afirmou muitas vezes sua determinação de nunca mais retomar o curso. Dizia ter importantes pesquisas sociais a fazer, que lhe abririam mais caminhos para o conhecimento e as ciências humanas do que qualquer universidade de que o mundo podia se vangloriar.

É claro que só uma pessoa que sempre havia sido mais ou menos estudiosa, excêntrica e solitária poderia adotar esse comportamento durante muitos dias sem chamar a atenção. No entanto, Ward era por constituição um estudioso e um ermitão; daí seus pais ficarem menos surpresos do que magoados com a rígida reclusão e o sigilo que ele adotar

a. Ao mesmo tempo, tanto o pai quando a mãe achavam estranho que ele não lhes mostrasse nenhum fragmento de seu valioso achado, nem lhes fizesse um relato sobre as informações decifradas. Ele justificava essa reticência atribuindo-a a um desejo de aguardar até poder anunciar algo pertinente, mas, como as semanas passavam sem maiores revelações, começou a surgir entre o jovem e a família uma espécie de constrangimento intensificado no caso da mãe, por sua manifesta desaprovação de todas as pesquisas referentes a Curwen.

No mês de outubro, Ward começou a visitar novamente as bibliotecas, porém não mais pelo interesse arqueológico dos primeiros dias. Bruxaria e magia, ocultismo e demonologia era o que buscava agora; e quando as fontes de Providence se revelaram infrutíferas, tomou o trem para Boston para haurir da riqueza da biblioteca de Copley Square, da Biblioteca Widener de Harvard ou da Biblioteca de Pesquisa Zion em Brookline, onde se encontravam certas obras raras sobre temas bíblicos. Comprou muitos livros *e* montou toda uma nova estante em seu escritório para as obras recém-adquiridas sobre temas sobrenaturais; durante as férias de Natal, fez uma série de viagens fora da cidade, inclusive uma para Salem, a fim de consultar alguns registros do Instituto Essex. .

Aproximadamente em meados de janeiro de 1920, acrescentou-se ao comportamento de Ward um ar de triunfo que ele não explicou; já não era visto trabalhar no código de Hutchinson. Ao contrário, adotou duas linhas de investigação: a pesquisa química e a análise de registros. Montou para a primeira um laboratório na mansarda da casa que não era usada e para a segunda vasculhou todas as fontes de dados vitais de Providence. Os comerciantes de drogas e de instrumentos científicos da cidade, posteriormente interrogados, forneceram listas fantasticamente estranhas, sem sentido, das substâncias e instrumentos por ele adquiridos; mas os funcionários da Assembléia Estadual, da Prefeitura e de várias bibliotecas concordam quanto ao objetivo definido de seu segundo interesse. Ele procurava intensa e febrilmente o túmulo de Joseph Curwen, de cuja lápide uma geração mais antiga apagara tão sabiamente o nome.

Aos poucos, na família Ward foi crescendo a convicção de que algo estava errado. Charles já tivera manias extravagantes, e mudanças de interesses menores antes, mas este sigilo e a absorção cada vez maior em estranhas investigações eram contrários inclusive à sua índole. Suas

atividades na escola não passavam de pura simulação; e, embora passasse em todos os exames, era visível que sua antiga aplicação havia desaparecido. Tinha outros interesses agora e, quando não estava em seu laboratório com uma vintena de livros antiquados de alquimia, podia ser encontrado lendo atentamente velhos registros funerários no centro da cidade ou colado aos seus volumes de ciências ocultas em seu escritório, onde as feições espantosamente semelhantes — pode-se dizer cada vez mais semelhantes — de Joseph Curwen olhavam-no de modo afável do grande painel sobre a lareira na parede norte.

No fim de março, Ward acrescentou à sua busca nos arquivos uma série de vampirescas perambulações pêlos vários cemitérios antigos da cidade. A causa foi revelada mais tarde, quando se soube dos funcionários da Prefeitura que ele provavelmente havia encontrado um indício importante. Sua investigação repentinamente desviara-se do túmulo de Joseph Curwen para o de certo Naphthali Field; e a mudança foi explicada quando, ao examinar os arquivos por ele pesquisados, os investigadores de fato encontraram um registro fragmentado do sepultamento de Curwen que escapara da destruição geral e que dizia que o curioso caixão de chumbo havia sido enterrado "dez pés ao sul e cinco pés a oeste do túmulo de Naphthali Field no_____". A ausência de um jazigo especificado no registro sobrevivente complicou enormemente a pesquisa e o túmulo de Naphthali parecia tão indefinível quanto o de Curwen; no entanto, nesse caso não tinha havido uma eliminação sistemática e seria razoável esperar encontrar a própria pedra tumular mesmo que seu registro tivesse desaparecido. Daí as perambulações — das quais ficaram excluídos o cemitério de St. John (outrora King's) e o antigo cemitério congregacional no meio do cemitério de Swan Point, uma vez que outros dados haviam demonstrado que o único Naphthali Field (falecido em 1729) cujo túmulo poderia estar indicado era batista.

4

Foi por volta de maio que o doutor Willett, por solicitação de Ward pai, e baseado em todos os dados referentes a Curwen que a família havia obtido de Charles em épocas nas quais não se preocupava com o sigilo, teve uma conversa com o jovem. A entrevista foi pouco valiosa e

conclusiva, pois Willett sentiu a todo momento que Charles estava totalmente dono de si e consciente de assuntos de verdadeira importância; mas pelo menos obrigou o reservado jovem a apresentar alguma explicação racional de seu comportamento recente. Com o rosto pálido, impassível, sem mostrar embaraço, Ward pareceu bastante disposto a discutir suas investigações, embora não a revelar seu objetivo. Afirmou que os papéis de seu antepassado continham notáveis segredos do saber científico de tempos primitivos, na maior parte em código, de um alcance comparável apenas às descobertas do frei Bacon e talvez mesmo superior a estas. No entanto, não tinham qualquer importância, salvo se relacionadas a um corpo de conhecimentos hoje totalmente ultrapassado; de modo que sua apresentação imediata a um mundo equipado unicamente com a ciência moderna lhes tiraria toda a força e significado dramático. Para que pudessem ser vividamente assimilados pela história do pensamento humano deveriam primeiramente ser correlacionadas por alguém familiarizado com o ambiente no qual haviam evoluído e a essa tarefa de correlação Ward se dedicava agora. Ele estava tentando adquirir tão rápido quanto possível o saber negligenciado dos antigos, que um autêntico intérprete dos dados sobre Curwen deveria possuir, e esperava fazer uma apresentação completa do maior interesse para a humanidade e o mundo do pensamento em seu devido tempo. Nem mesmo Einstein, declarou, poderia revolucionar de maneira mais profunda a atual concepção das coisas.

Quanto à sua pesquisa nos cemitérios, cujo objetivo admitiu abertamente, sem contar os detalhes de seu progresso, disse que tinha razões para pensar que a pedra tumular mutilada de Joseph Curwen continha certos símbolos mágicos — esculpidos segundo instruções contidas em seu testamento e por ignorância poupadas por aqueles que haviam apagado o nome — absolutamente essenciais à solução final de seu misterioso sistema cifrado. Ele acreditava que Curwen desejara guardar com carinho seu segredo e, conseqüentemente, distribuíra as informações de uma forma sobremaneira curiosa. Quando o doutor Willett pediu para ver os documentos mágicos, Ward demonstrou muita relutância e tentou esquivar-se com evasivas, como as cópias fotostáticas do código de Hutchinson e as fórmulas e os diagramas de Orne; mas finalmente mostrou-lhe a capa de algumas das verdadeiras descobertas sobre Curwen — o *Diário e Notas,* o código (título em código também) e a

mensagem repleta de fórmulas *"Àquele que virá depois"* — e deixou-o dar uma olhada nos papéis escritos em caracteres incompreensíveis.

Ele abriu também o diário numa página cuidadosamente escolhida por seu teor totalmente inócuo e permitiu que Willett olhasse o manuscrito de Curwen em inglês. O médico observou com atenção as letras ininteligíveis e complicadas e a aura do sécuIo XVII que pairava sobre a caligrafia e o estilo, embora seu escritor sobrevivesse até o século XVIII, e teve imediatamente a certeza de que o documento era autêntico. O próprio texto era relativamente trivial, e Willett lembrava apenas um fragmento:

"Quarta-feira, dia 16 de outubro de 1754. Minha corveta *Wahefal* saiu hoje de Londres com XX novos homens embarcados nas índias, espanhóis da Martinica e holandeses do Suriname. Os holandeses estão propensos a desertar por terem ouvido falar um tanto mal desse empreendimento, mas farei de modo a induzi-los a ficar. Para o senhor Knight Dexter no Bay and Book 120 peças de chamalote, 100 peças sortidas de pêlo de camelo, 20 peças de lã azul, 50 peças de calamanta, 300 peças cada de algodão das índias e *shendsoy.* Para o senhor Green do Elefante, 50 panelas de um galão, 20 panelas de aquecer, 15 fôrmas de assar, 10 tenazes de defumar. Para o senhor Perrigo, l conjunto de sovelas. Para o senhor Nightingale, 50 resmas de papel de primeira. Recitei o SABBAOTH três vezes na noite passada mas ninguém apareceu. Preciso saber mais do senhor H. na Transilvânia, embora seja difícil entrar em contato com ele e é muito estranho que ele não possa me ensinar o uso daquilo que tem usado tão bem nesses cem anos. Simon não escreveu nessas V semanas, mas espero ter notícias suas em breve".

Chegando a esse ponto, quando o doutor Willett virou a página, foi rapidamente impedido por Ward, que quase arrancou o livro de suas mãos. Tudo o que o médico conseguiu ver na página recém-aberta foram duas frases; mas estas, é estranho, permaneceram obstinadamente em sua memória. Diziam: "Pronunciado o verso do Liber-Damnatus em V vésperas do dia da Cruz e IV vésperas de Todos os Santos, espero que a coisa esteja se preparando fora das esferas. Ele trará aquele que está para vir se eu puder ter certeza de que ele existirá *e* pensará as coisas passadas e olhará para trás dos anos e para isto deverei ter os sais prontos ou o necessário para fazê-los".

Willett não viu mais nada, mas de alguma forma essa rápida olhada conferiu um novo e vago terror às feições pintadas de Joseph Curwen, que olhava afavelmente de cima da lareira. Mesmo depois, ele teve a curiosa fantasia — sua experiência médica, é claro, lhe garantiu não passar de uma fantasia — de que os olhos do retrato tinham uma espécie de desejo, se não uma autêntica tendência, a seguir Charles Ward enquanto este se deslocava pelo cômodo. Deteve-se antes de sair para examinar de perto a pintura, assombrado com sua semelhança com Charles e memorizou cada mínimo detalhe do rosto misterioso e sem cor, inclusive uma pequena cicatriz ou cova na testa lisa sobre o olho direito. Cosmo Alexander, decidiu, era um pintor digno da Escócia que produziu Raeburn e um mestre digno de seu ilustre pupilo Gilbert Stuart.

Assegurados pelo médico de que a saúde mental de Charles não estava em perigo, mas que, por outro lado, o jovem estava envolvido em pesquisas que poderiam se revelar de importância real, os Wards ficaram mais tolerantes do que de outro modo se riam quando, no mês de junho seguinte, ele se recusou decididamente a freqüentar a escola. Alegou ter estudos de uma importância muito mais vital a seguir e anunciou o desejo de ir para o exterior no ano seguinte, a fim de se valer de certas fontes de informações inexistentes na América. O pai de Ward, embora recusasse atender a este desejo por considerá-lo absurdo para um rapaz de apenas dezoito anos, concordou a respeito da universidade. Assim, após uma conclusão não muito brilhante do curso na Escola Moses Brown, seguiu-se para Charles um período de três anos de intensos estudos de ocultismo e pesquisas em cemitérios. Ele passou a ser considerado um excêntrico e desapareceu de vista dos familiares e amigos ainda mais completamente do que antes; debruçou-se sobre seu trabalho e apenas de vez em quando viajava para outras cidades a fim de consultar misteriosos registros. Certa vez, foi ao sul para conversar com um estranho velho mulato que vivia num pântano e a respeito do qual um jornal escrevera um curioso artigo. Depois, procurou uma pequena aldeia nos montes Adirondack, de onde haviam saído relatos de curiosas cerimônias. Mas ainda seus pais lhe proibiam a viagem tão desejada ao Velho Mundo.

Ao chegar à maioridade, em abril de 1923, e tendo herdado do avô materno uma pequena renda, Ward resolveu enfim realizar a viagem à Europa até então negada. Nada comentou a respeito do itinerário

pretendido, salvo que as necessidades de seus estudos o levariam a muitos lugares, mas prometeu escrever aos pais um relato sincero e completo. Quando eles viram que não poderiam dissuadi-lo, abandonaram toda a oposição e ajudaram-no na medida do possível; de modo que em junho o jovem embarcava para Liverpool com as bênçãos do pai e da mãe, que o acompanharam até Boston e acenaram para ele até o navio desaparecer do embarcadouro White Star, em Charlestown. As cartas logo contaram que chegara são *e* salvo e que tomara boas acomodações em Great Russell, em Londres, onde propunha-se a ficar, evitando todos os amigos da família, até esgotar os recursos do Museu Britânico num determinado assunto. Escrevia pouco sobre sua vida de todos os dias, pois havia pouco a escrever. Estudos e experimentos tomavam-lhe o tempo todo e mencionava um laboratório que havia montado num dos cômodos. O fato de não falar de peregrinações arqueológicas na antiga e fascinante cidade, com seu atraente horizonte de antigas cúpulas *e* campanários e seu emaranhado de ruas e ruelas cujos meandros misteriosos e vistas inesperadas alternadamente acenam e surpreendem, foi tomado por seus pais como um indício seguro do grau em que seus novos interesses absorviam sua mente.

Em junho de 1924, uma breve mensagem informou que ele partia rumo a Paris, cidade para a qual havia feito antes duas ou três viagens em busca de material na Bibliotèque Nationale. Nos três meses seguintes, enviou apenas cartões-postais, dando um endereço na rua St. Jacques e referindo-se a uma pesquisa especial entre manuscritos raros na biblioteca de um colecionador cujo nome não mencionou. Evitava fazer amizades e nenhum turista voltou contando tê-lo encontrado. Seguiu-se então um período de silêncio e em outubro os Wards receberam um cartão de Praga dizendo que Charles se encontrava naquela antiga cidade com o propósito de consultar um homem muito idoso, supostamente o último detentor vivo de algumas informações medievais muito curiosas. Dava um endereço na Neustadt e anunciava que lá permaneceria até janeiro do ano seguinte, quando mandou vários cartões de Viena falando de sua passagem por aquela cidade a caminho de uma região mais oriental, para a qual fora convidado por um de seus correspondentes e colegas de pesquisas do oculto.

O próximo cartão era de Klausenburg, na Transilvânia, e falava dos progressos de Ward na perseguição de seu objetivo. Ia visitar um certo barão Ferenczy, cuja propriedade ficava nas montanhas a leste de Rakus, e a correspondência deveria ser endereçada a Rakus aos cuidados daquele aristocrata. Outro cartão de Rakus, enviado uma semana mais tarde, dizia que a carruagem de seu anfitrião havia ido ao seu encontro e que ele estava partindo da aldeia rumo às montanhas, sendo esta a última mensagem durante um período considerável. Em realidade, não respondeu às freqüentes cartas dos pais até maio, quando escreveu desaconselhando o projeto de sua mãe de encontrá-lo em Londres, Paris ou Roma no verão, quando os Wards pretendiam viajar para a Europa. Suas pesquisas, ele disse, eram de tal ordem que não podia deixar sua atual morada, e ao mesmo tempo a localização do castelo do barão Ferenczy não favorecia visitas. Ficava num penhasco nas sombrias montanhas cobertas de florestas e a região era tão evitada pêlos habitantes dos campos que as pessoas normais não se sentiriam à vontade. Além disso, o barão não era uma pessoa que pudesse agradar a gente de posição e conservadora da Nova Inglaterra. Seu aspecto e comportamento tinham certas idiossincrasias e sua idade era tão avançada que chegava a inquietar. Seria melhor, dizia Charles, que seus pais esperassem sua volta a Providence, o que não demoraria a acontecer.

No entanto, ele só voltou em maio de 1925, quando, depois de alguns cartões anunciando sua chegada, o jovem viajante desembarcou do *Homeric* sem alardes em Nova Iorque e percorreu as longas milhas até Providence de ônibus, embebendo-se avidamente da visão das onduladas colinas verdej antes dos fragrantes pomares em flor e das brancas cidadezinhas com campanário do Connecticut primaveril; era seu primeiro contato em quase quatro anos com a Nova Inglaterra. Quando o ônibus atravessou o Pawcatuck e entrou em Rhode Island no ar dourado e irreal de uma tarde de fim de primavera, seu coração batia com mais força e o ingresso em Providence, pelas avenidas Reservoir e Elmwood, foi uma coisa maravilhosa, de tirar o fôlego, apesar da profundidade dos conhecimentos proibidos nos quais havia mergulhado. Na praça elevada onde as ruas Broad, Weybosset e Empire se cruzam, ele viu à sua frente e mais abaixo, no incêndio do pôr-do-sol, as casas aprazíveis de suas recordações e as cúpulas e campanários da cidade velha; e sua cabeça rodou numa curiosa vertigem enquanto o veículo descia até o terminal

atrás do Baltimore, descortinando a visão da grande cúpula e do verde da folhagem macia, pontilhada de telhados, da antiga colina do outro lado do rio e o alto pináculo colonial da Primeira Igreja Batista, pintada de vermelho na mágica luz do crepúsculo destacando-se contra o fundo íngreme de fresca verdura primaveril.

Velha Providence! Foram este lugar e as forças misteriosas de sua longa e contínua história que o haviam feito nascer e o haviam atraído para maravilhas e segredos cujas fronteiras nenhum profeta poderia delimitar. Aqui se encontravam os mistérios, fantásticos ou medonhos, para os quais todos aqueles anos de viagens e estudos o haviam preparado. Um táxi levou-o rapidamente através da praça do Correio com a vista rápida do rio, o antigo edifício do Mercado e a ponta da enseada, subindo pela curva íngreme de Waterman Street até Prospect, onde a vasta cúpula resplandecente e as colunas jônicas banhadas pelo poente da Igreja da Ciência Cristã acenavam ao norte. E, depois de oito quadras, as belas mansões antigas que seus olhos de criança haviam conhecido, e as exóticas calçadas de tijolos tantas vezes percorridas por seus pés juvenis. E finalmente a pequena casa branca da fazenda que havia sido invadida à direita, à esquerda a clássica varanda Adam e a imponente fachada com as janelas salientes do casarão de tijolos onde havia nascido. Era o crepúsculo, e Charles Ward estava de volta.

5

Uma corrente da psiquiatria, um pouco menos acadêmica do que a do doutor Lyman, atribui à viagem de Ward à Europa o início de sua verdadeira loucura. Admitindo que o jovem fosse são ao partir, ela acredita que sua conduta na volta implica uma mudança desastrosa. Mas o doutor Willett recusa-se a concordar mesmo com esta afirmação. Algo ocorreu mais tarde, ele insiste, e atribui as esquisitices do jovem nessa fase à prática de rituais aprendidos no exterior — coisas bastante estranhas, em verdade, mas que absolutamente não implicam aberrações mentais por parte de seu celebrante. O próprio Ward, embora visivelmente envelhecido e calejado, ainda era normal em suas reações gerais e, em várias conversas com Willett, mostrara um equilíbrio que nenhum louco — mesmo um louco incipiente — poderia fingir continuamente por

muito tempo. O que suscitou a idéia de insanidade nesse período foram os *sons* que provinham a todas as horas do laboratório de Ward na mansarda, na qual ele permanecia pela maior parte do tempo. Eram recitações, repetições e tonitroantes declamações em ritmos misteriosos; e embora esses sons fossem sempre na própria voz de Ward, havia algo na qualidade daquela voz e nas entonações das fórmulas pronunciadas, que não podia deixar de gelar o sangue de qualquer ouvinte. As pessoas observavam que Nig, o venerando e adorado gato preto da casa, ficava sobressaltado e arqueava visivelmente as costas quando se ouviam certos sons.

Os odores que ocasionalmente emanavam do laboratório eram do mesmo modo extremamente estranhos. Ás vezes eram mefíticos, mas mais frequentemente aromáticos, com uma característica obsedante e evanescente que parecia ter o poder de criar imagens fantásticas. As pessoas que os aspiravam tinham a tendência a vislumbrar miragens momentâneas de paisagens enormes, com estranhos montes ou avenidas intermináveis de esfinges e hipogrifos estendendo-se por uma distância infinita. Ward não retomou as perambulações de outrora, mas se aplicou diligentemente aos estranhos livros que trouxera para casa e a investigações igualmente estranhas em seus próprios aposentos, explicando que as fontes européias haviam ampliado enormemente as possibilidades de seu trabalho e prometendo grandes revelações nos próximos anos. Seu aspecto envelhecido acentuou em grau espantoso sua semelhança com o retrato de Curwen na biblioteca e o doutor Willett frequentemente se detinha ao lado deste depois de uma visita, espantando-se com a virtual identidade e refletindo que agora só restava a pequena cova sobre o olho direito do retrato para diferenciar o bruxo, há muito tempo falecido, do jovem vivo. Essas visitas de Willett, feitas a pedido do casal Ward, eram curiosas. Em nenhum momento Ward repeliu o médico, mas este percebia que jamais conseguiria apreender a psicologia íntima do jovem. Frequentemente observava coisas peculiares à sua volta: pequenas imagens de cera de desenho grotesco sobre as estantes ou as mesas e os restos semi-apagados de círculos, triângulos e pentagramas traçados com giz ou carvão no espaço livre no centro do amplo aposento. E, à noite, sempre ressoavam aqueles ritmos *e* encantamentos estrondosos, até que se tornou muito difícil manter os empregados ou acabar com os comentários furtivos sobre a loucura de Charles.

Em janeiro de 1927, ocorreu um incidente peculiar. Certa vez, por volta da meia-noite, enquanto Charles entoava um ritual cuja cadência irreal ecoava de modo desagradável pêlos andares inferiores da casa, de repente soprou uma rajada de vento gélido da baía, e sentiu-se um ligeiro e inexplicável tremor de terra que todos na vizinhança notaram. Ao mesmo tempo, o gato mostrou sinais fenomenais de terror, enquanto os cães latiam em até uma milha de distância. Era o prelúdio de uma violenta tempestade, anormal naquela estação, durante a qual ouviu-se um estalo tão forte que o senhor e a senhora Ward pensaram que a casa tivesse sido atingida por um raio. Correram para cima para ver os estragos, mas Charles os atendeu à porta da mansarda, pálido, resoluto e sinistro, com uma mistura quase temível de triunfo e seriedade em seu rosto. Assegurou-os de que a casa não havia sido atingida *e* que a tempestade logo acabaria. Eles pararam e, ao olharem pela janela, viram que o *rapaz* estava certo; os raios iam se distanciando, enquanto as árvores já não se curvavam à estranha rajada gélida que vinha do mar. O trovão foi abrandando numa espécie de resmungo abafado e finalmente cessou. As estrelas apareceram e a marca do triunfo no rosto de Charles Ward cristalizou-se numa expressão bastante singular.

Durante dois meses ou mais, depois desse incidente, Ward manteve-se menos segregado em seu laboratório do que de costume. Ele exibia um curioso interesse pelo tempo e fazia estranhas perguntas a respeito da época do degelo da primavera. Uma noite, no fim de março, saiu de casa após a meia-noite e só voltou perto do amanhecer, quando sua mãe, que estava acordada, ouviu o ruído de um motor subir pela alameda. Podia-se distinguir palavrões abafados e a senhora Ward, levantando-se e indo até a janela, viu quatro vultos escuros retirarem uma caixa comprida e pesada de um caminhão sob a orientação de Charles, carregando-a ao interior da casa pela porta lateral. Ela ouviu respirações arquej antes e passos pesados sobre as escadas e, finalmente, um baque surdo na mansarda; depois disso os passos desceram, os quatro homens reapareceram fora da casa e partiram em seu caminhão.

No dia seguinte, Charles retomou sua rígida reclusão na mansarda, descendo as cortinas escuras das janelas do laboratório e aparentemente dedicando-se ao trabalho com alguma substância metálica. Ele não abria a porta para ninguém e recusava peremptoriamente toda a

comida que lhe era oferecida. Perto de meio-dia ou viu-se uma pancada violenta seguida por um grito terrível e uma queda, mas quando a senhora Ward bateu à porta o filho demorou a responder e, com voz fraca, disse que não havia acontecido nada. Explicou que o fedor horrendo e indescritível que agora se espalhava era absolutamente inócuo e infelizmente necessário, que o isolamento era o elemento essencial e que desceria atrasado para o jantar. Naquela tarde, ao terminarem os estranhos sons sibilantes que vinham de trás da porta trancada, Charles por fim apareceu, com um aspecto extremamente perturbado *e* proibindo a quem quer que fosse o ingresso no laboratório, sob qualquer pretexto. Este, em realidade, seria o começo de um novo período de sigilo; porque a partir de então nunca mais nenhuma outra pessoa teria a permissão de visitar a misteriosa oficina na água-furtada ou o quarto de despejo adjacente que ele limpara, mobiliando-o toscamente, e acrescentara, como dormitório, ao seu domínio inviolavelmente privado. Ali ele viveu, com os livros trazidos da biblioteca do andar de baixo, até que adquiriu um bangalô em Pawtuxet e para lá se mudou com todos os seus pertences científicos.

À noite, Charles apoderou-se do jornal antes dos outros membros da família e rasgou uma parte, aparentemente por acidente. Mais tarde, o doutor Willett, que descobriu a data pelas declarações das várias pessoas da casa, pesquisou uma cópia intacta do jornal na redação *do Journal* e descobriu, na parte destruída, o seguinte artigo:

Violadores Noturnos Surpreendidos no Cemitério Norte

Robert Hart, guarda-noturno do Cemitério Norte, descobriu esta manhã um grupo de homens com um caminhão na parte mais antiga do cemitério, mas aparentemente assustou-os antes que concluíssem o que pretendiam.

A descoberta ocorreu por volta das quatro horas da manhã, quando a atenção de Hart foi despertada pelo ruído de um motor do lado de fora do seu abrigo. Ao fazer urna averiguação, viu um caminhão grande na alameda principal, a muitas varas de distância, mas não conseguiu alcançá-lo porque o barulho dos seus passos revelou sua presença. Os homens colocaram apressadamente uma grande caixa no caminhão e rumaram para a rua antes que pudessem ser detidos; e como nenhum túmulo conhecido foi molestado, Hart acredita que os homens pretendiam enterrar a própria caixa.

Os profanadores deviam estar cavando há muito tempo antes de serem surpreendidos, porque Hart encontrou uma cova enorme aberta a uma distância considerável da alameda no setor de Armosa Field, onde a maioria das antigas lápides desapareceu há muito tempo. O buraco, uma cova larga e profunda como um túmulo, estava vazio; e não coincidia com nenhuma sepultura indicada nos registros do cemitério.

O sargento Riley, do Segundo Distrito de Polícia, vistoriou o local e opinou que o buraco foi cavado por contrabandistas que, numa atitude revoltante e engenhosa, procuravam um esconderijo seguro para suas bebidas num lugar que não seria molestado. Em resposta às perguntas que lhe foram feitas, Hart disse que achava que o caminhão fugitivo rumara para a Rochambeau Avenue, embora não tivesse certeza disso.

Nos dias seguintes, Charles Ward raramente foi visto pela família. Como anexara um cômodo para dormir ao seu reino na mansarda, isolava-se em seus aposentos, ordenando que a comida fosse levada até a porta e só a apanhava quando o empregado havia se retirado. O salmodiar de fórmulas em tom monótono e a entoação de ritmos bizarros ocorria a intervalos, enquanto em outros momentos ocasionais ouvintes poderiam distinguir o tinido de vidros, silvos de substâncias químicas, o ruído de água corrente ou o reboar de chamas de gás. Odores dos mais indescritíveis, totalmente diferentes de quaisquer outros notados antes, flutuavam às vezes nas proximidades da porta; e um ar de tensão era observado no jovem recluso sempre que se aventurava brevemente para fora, estimulando a especulação mais intensa. Uma vez ele realizou uma saída até o Ateneu para buscar um livro de que precisava, e depois contratou um mensageiro para buscar um volume totalmente desconhecido em Boston. Â situação não deixava pressagiar nada de bom e tanto a família quanto o doutor Willett confessavam-se totalmente sem saber o que fazer ou pensar a respeito.

6

Então, no dia 15 de abril, deu-se um fato estranho. Embora nada diferente ocorresse em gênero, houve com certeza uma diferença realmente terrível em grau, e o doutor Willett de certa forma atribui grande importância à mudança. Era a Sexta-Feira Santa, circunstância

muito importante para os empregados, mas que outros menosprezam por considerá-la uma coincidência irrelevante. No fim da tarde, o jovem Ward começou a repetir certa fórmula num tom singularmente elevado, queimando ao mesmo tempo alguma substância de cheiro tão penetrante que seus vapores se expandiram por toda a casa. A fórmula era tão claramente audível no corredor, do outro lado da porta trancada, que a senhora Ward não pôde deixar de memorizá-la enquanto esperava e ouvia ansiosamente e mais tarde conseguiu escrevê-la a pedido do doutor Willett. Os especialistas disseram ao doutor Willett que seu equivalente mais próximo podia ser encontrado nos escritos místicos de "Eliphas Levi", aquele espírito misterioso que se insinuou por uma fenda da porta proibida *e* teve um rápido vislumbre das terríveis visões do vazio além. Seu teor era o seguinte:

"Per Adonai Eloim, Adonai Jehova,

Adonai Sabaoth, Metraton Ou Agla Methon,

verbum pythonicum, mysterium salamandrae,

cenventus sylvorum, antra gnomorum,

daemonia Coeli God, Almonsin, Gibor,

Jehosua, Evam, Zariathnatmik, Veni, veni, veni".

A recitação continuava há duas horas sem alteração ou interrupção quando se desencadeou por toda a vizinhança um pandemônio de latidos de cachorros. A dimensão desses latidos pode ser julgada pelo espaço que lhe foi dedicado pêlos jornais no dia seguinte, mas para as pessoas da residência dos Wards foi sobrepujada pelo odor que instantaneamente se seguiu; um odor horrível, que penetrou em toda parte, jamais sentido antes nem depois. Em meio a esse fluxo mefítico apareceu uma luz muito nítida como a do relâmpago, que poderia ofuscar e impressionar não fosse dia pleno; e então ouviu-se *a voz* que nenhum ouvinte jamais poderá esquecer por causa de seu tonitroante tom distante, sua incrível profundidade e sua dissemelhança sobrenatural da voz de Charles Ward. Abalou a casa e foi claramente ouvida pelo menos por dois vizinhos, apesar do uivo dos cães. A senhora Ward, que ouvia desesperada fora da porta trancada do laboratório do filho, ficou arrepiada ao reconhecer seu sentido diabólico, pois Charles lhe havia contado sua má fama nos livros

secretos e a maneira como reboara, segundo as cartas de Fenner, sobre a casa de Pawtuxet condenada à destruição na noite do extermínio de Joseph Curwen. Não havia como equivocar-se quanto à frase apavorante, pois Charles a havia descrito de modo muito vivo em outros tempos, quando conversava com franqueza de suas investigações sobre Curwen. E no entanto era apenas um fragmento numa linguagem arcaica e esquecida: "DIES MIES JESCHET BOENE DOESEF DOUVEMA ENITEMAUS".

Logo após esse reboar a luz do dia escureceu momentaneamente, embora o pôr-do-sol demorasse ainda uma hora, e então seguiu-se uma lufada de outro odor, diferente do primeiro, mas igualmente desconhecido e intolerável. Charles recitava de novo em tom monótono e sua mãe ouvia as sílabas que soavam como "Yinash-Yog-Sothoth-he-lglb-fi-throdag" — acabando com um "Yah!" cuja força desvairada subia num crescendo de arrebentar os tímpanos. Um segundo mais tarde, todas as lembranças anteriores foram apagadas pelo grito lamentoso que irrompeu com uma explosividade desvairada e gradativamente foi se transformando num paroxismo de risadas diabólicas e histéricas. A senhora Ward, com aquela mistura de medo e coragem cega própria da maternidade, aproximou-se e bateu alarmada à porta ocultadora, mas não obteve nenhum sinal de reconhecimento. Bateu de novo, mas parou impotente quando um segundo grito se levantou, dessa vez na voz inconfundível e familiar de seu filho, ao mesmo tempo em que a outra voz ria desmedidamente. Em seguida, ela desmaiou e ainda é incapaz de lembrar a causa precisa e imediata. A memória às vezes apaga piedosamente certas lembranças.

O senhor Ward voltou do trabalho às seis e quinze e, não encontrando a esposa no andar térreo, foi informado pêlos empregados apavorados que provavelmente ela estava diante da porta de Charles, da qual vinham sons mais estranhos do que nunca. Subindo de imediato as escadas, viu a senhora Ward estirada no chão do corredor fora do laboratório e, ao perceber que ela havia desmaiado, apressou-se a buscar um copo de água de uma jarra numa alcova próxima. Borrifou o líquido frio em seu rosto e sentiu-se reanimado ao perceber uma reação imediata da parte dela; observava-a enquanto seus olhos se abriam perplexos quando um calafrio o percorreu e ameaçou reduzi-lo ao mesmo estado do qual ela estava se recobrando. Pois o laboratório não era tão silencioso

como parecia ser, mas emanava os murmúrios de uma conversação tensa e abafada, em tons demasiado baixos para que fosse possível compreendê-los e, contudo, de uma qualidade profundamente perturbadora para a alma.

Evidentemente, não era uma novidade que Charles resmungasse fórmulas, mas esse resmungo era definidamente diferente. Era claramente um diálogo, ou uma imitação de inflexões sugerindo pergunta e resposta, afirmação e réplica. Uma voz era inconfundivelmente a de Charles, mas a outra tinha uma profundidade e um timbre profundo e cavernoso que, apesar dos maiores poderes de imitação, o jovem jamais havia conseguido reproduzir. Tinha algo de medonho, blasfemo e anormal, e não fosse um grito de sua mulher que voltava a si, clareando sua mente e despertando nele seu instinto de proteção, é muito provável que Theodore Howland Ward não conseguisse manter por quase um ano ainda seu velho motivo de orgulho, o fato de jamais ter desmaiado. Pegou a esposa nos braços *e* a carregou para baixo antes que ela pudesse perceber as vozes que o haviam perturbado de modo tão horrível. Mesmo assim, porém, não foi suficientemente rápido para ele mesmo deixar de captar algo que fez com que cambaleasse perigosamente com sua carga. Pois o grito da senhora Ward evidentemente havia sido ouvido por outros além dele e em resposta vieram de trás da porta trancada as primeiras palavras compreensíveis pronunciadas naquele colóquio camuflado e terrível. Não passavam de uma excitada advertência na voz do próprio Charles, mas de algum modo suas implicações produziram um terror indescritível no pai que as ouviu. A frase foi apenas isto: *"Sshh! - Escreva."*

O senhor e a senhora Ward debateram longamente o caso após o jantar *e o* primeiro resolveu ter uma conversa firme e séria com Charles naquela mesma noite. Não importava quão importante fosse o objetivo, esse comportamento não seria mais permitido; pois os últimos acontecimentos ultrapassavam todo limite da razão e constituíam uma ameaça à ordem e ao bem-estar de todos na casa. O jovem devia de fato estar totalmente fora de si, pois só a loucura completa poderia provocar gritos tão selvagens e conversações imaginárias em vozes simuladas como naquele dia. Tudo isto deveria parar ou a senhora Ward adoeceria e se tornaria impossível conservar a criadagem.

O senhor Ward levantou-se no fim da refeição e começou a subir as escadas rumo ao laboratório de Charles. No entanto, no terceiro andar,

ele parou ao ouvir os sons procedentes da biblioteca do filho, agora em desuso. Os livros, aparentemente, estavam sendo atirados pela sala e os papéis eram amassados de modo frenético, e ao chegar à porta o senhor Ward observou o jovem no interior do cômodo, reunindo excitado uma enorme braçada de material literário de todos os tamanhos e formatos. O aspecto de Charles era muito tenso e conturbado e ele largou tudo sobressaltado ao som da voz do pai. À sua ordem sentou-se e por alguns momentos ouviu as admoestações que há muito merecia. Não houve cenas. No final do sermão, concordou que o pai estava certo e que as vozes, resmungos, fórmulas cabalísticas e odores químicos eram de fato incômodos imperdoáveis. Concordou com métodos mais calmos, embora insistisse num prolongamento de seu extremo isolamento. Grande parte de seu trabalho futuro, disse ele, em todo caso consistiria exclusivamente em pesquisa em livros e poderia conseguir um alojamento em algum outro lugar para realizar todos os rituais vocais necessários num outro estágio. Pelo medo e o desmaio da mãe expressou sua mais profunda contrição e explicou que a conversação ouvida mais tarde fazia parte de um elaborado simbolismo destinado a criar uma determinada atmosfera mental. O emprego de abstrusos termos químicos confundiu um pouco o senhor Ward, mas a ultima impressão ao despedir-se do filho foi de inegável sanidade mental e equilíbrio, apesar de uma misteriosa tensão da maior gravidade. A entrevista, na realidade, foi de todo inconclusiva e, enquanto Charles recolhia do chão sua braçada de livros e deixava o quarto, o senhor Ward não sabia o que fazer com toda essa história. Era tão misteriosa quanto a morte do pobre velho Nig, cujo corpo enrijecido, os olhos esbugalhados e a boca contorcida pelo medo, havia sido encontrado uma hora antes no subsolo da casa.

Levado por um vago instinto de detetive, o confuso genitor agora fixava com curiosidade as prateleiras vazias para ver o que seu filho havia levado para a mansarda. A biblioteca do jovem era classificada de maneira simples e rígida, de modo que bastava uma olhada para saber que livros ou pelo menos que tipo de livros haviam sido retirados. Nessa ocasião, o senhor Ward ficou espantado ao verificar que nada que falasse de ocultismo ou arqueologia estava faltando, além daquilo que já havia sido retirado. Os livros que acabava de retirar eram todos sobre assuntos modernos: história, tratados científicos, geografia, manuais de literatura, obras filosóficas e alguns jornais e revistas contemporâneos. Tratava-se de

uma mudança muito curiosa no rumo recente das leituras de Charles Ward e o pai se deteve num crescente turbilhão de perplexidade e na sensação avassaladora de algo inexplicável. O inexplicável era uma sensação muito aguda e quase dilacerava seu peito enquanto se esforçava por entender o que havia de errado ao seu redor. Alguma coisa em realidade estava errada, tanto material quanto espiritualmente. Desde que penetrara nesse aposento sabia que algo estava errado e finalmente se deu conta do que era.

Na parede norte ainda estava a antiga peça trabalhada de madeira da casa de Olney Court, mas o óleo rachado e precariamente restaurado do grande retrato de Curwen sofrera um desastre. O tempo e o calor desigual haviam enfim realizado o seu trabalho, e desde a última limpeza da peça o pior havia acontecido. Com a madeira evidentemente descascada, cada vez mais empenada e por fim esmigalhada com uma rapidez diabolicamente silenciosa, o retrato de Joseph Curwen renunciara para sempre a vigiar o jovem ao qual *se* assemelhava de um modo tão estranho e agora jazia espalhado sobre o solo transformado numa camada de fino pó cinza-azulado.

Capítulo Quatro

MUTAÇÃO E LOUCURA

1

Na semana que se seguiu àquela memorável Sexta-feira Santa, Charles Ward foi visto com freqüência maior do que de costume e sempre carregando livros entre sua biblioteca e o laboratório na mansarda. Seus atos eram calmos e racionais, mas ele tinha um olhar furtivo e atormentado que não agradava absolutamente à mãe, e mostrava um apetite incrivelmente ávido, proporcional às exigências que dera de fazer ao cozinheiro.

O doutor Willett foi informado dos ruídos e acontecimentos daquela sexta-feira e na terça-feira seguinte teve uma conversa com o jovem na biblioteca onde o quadro já não ficava vigiando. A entrevista foi, como sempre, inconclusiva; mas Willett ainda está disposto a jurar que o jovem era são e dono de si naquela ocasião. Fez promessas de uma próxima revelação e falou da necessidade de montar um laboratório em algum outro lugar. A falta do retrato entristeceu-o singularmente pouco, considerando seu primitivo entusiasmo pela peça, mas parecia encontrar certo humor positivo em sua repentina desintegração.

Aproximadamente na segunda semana, Charles começou a se ausentar da casa por longos períodos, e um dia, quando a boa e velha negra Hannah veio para ajudar na limpeza da primavera, ela mencionou suas freqüentes visitas à velha casa de Olney Court, aonde ele costumava ir com uma grande valise e realizar curiosas buscas no porão. O jovem era muito pródigo com ela e o velho Asa, mas parecia mais preocupado do que costumava ser, o que muito a entristecia, porque cuidara dele desde o nascimento.

Outro relato de suas ações veio de Pawtuxet, onde alguns amigos da família o haviam visto de longe um número surpreendente de vezes. Ele parecia freqüentar o clube e a garagem dos barcos de Rhodes-on-the-Pawtuxet e subseqüentes investigações do doutor Willett naquele local revelaram que seu objetivo era conseguir o acesso à margem do rio

protegida por cercas ao longo da qual caminhava em direção ao norte, em geral só reaparecendo muito tempo depois.

No fim de maio houve uma retomada momentânea dos sons ritualísticos no laboratório da mansarda que provocou uma severa reprovação do senhor Ward e uma promessa um tanto distraída de Charles de que se emendaria. Aconteceu numa manhã e parecia uma continuação da conversa imaginária ouvida naquela sexta-feira turbulenta. O jovem estava discutindo ou queixando-se calorosamente consigo mesmo, pois repentinamente jorrou uma série perfeitamente compreensível de gritos estrepitosos em tons diferenciados como perguntas e negativas alternadas, que fez a senhora Ward subir as escadas e ficar ouvindo à porta. Não conseguiu apreender senão um fragmento cujas únicas palavras nítidas foram "tem de ficar vermelho por três meses", e assim que ela bateu à porta todos os sons cessaram de chofre. Quando o pai mais tarde inquiriu Charles, este disse que existiam certos conflitos das esferas da consciência que somente com grande habilidade poderia evitar, mas que tentaria transferir para outros domínios.

Por volta de meados de junho, ocorreu um estranho incidente notumo. À noitinha, ouviram-se alguns ruídos e baques surdos em cima, no laboratório, e o senhor Ward estava pronto a verificar, mas tudo subitamente se acalmou. À meia-noite, depois que a família se recolheu, o mordomo foi trancar as portas da frente da casa quando, segundo declarou, Charles surgiu um pouco desajeitado e inseguro ao pé das escadas com uma enorme mala, fazendo-lhe sinal de que desejava sair. O jovem não pronunciou urna única palavra, mas o honrado cidadão de Yorkshire notou rapidamente os olhos febris e tremeu sem motivo nenhum. Abriu a porta e o jovem Ward saiu, mas pela manhã o mordomo comunicou à senhora Ward que pretendia se demitir. Ele disse que havia algo temível no olhar que Charles pousara sobre sua pessoa. Não era a maneira de um jovem cavalheiro olhar um homem honesto e ele não teria condições de suportar sequer outra noite daquelas. A senhora Ward concordou com a saída do empregado, mas não deu muita importância à sua afirmação. Era ridículo imaginar Charles alterado naquela noite, pois por todo o tempo em que ela permanecera acordada ouvira sons fracos vindo do laboratório em cima; sons como de soluços e passos e um suspiro que revelava o mais profundo desespero. A senhora Ward acostumara-se a

ficar ouvindo à noite, pois os mistérios de seu filho logo afastavam todas as outras preocupações de sua mente.

Na noite seguinte, como numa outra quase três meses antes, Charles Ward pegou o jornal muito cedo e acidentalmente perdeu a seção principal. Este fato só foi lembrado mais tarde, quando o doutor Willett começou a analisar os detalhes e a procurar os elos que estavam faltando. Na redação *ao Journal* ele encontrou a seção que Charles havia perdido e marcou duas notas de possível importância. Diziam o seguinte:

Mais Escavações no Cemitério

Hoje pela manhã, o vigia notumo do Cemitério Norte, Robert Hart, descobriu que profanadores voltaram a atacar na parte antiga do local. O túmulo de Ezra Weeden, nascido em 1740 e falecido em 1824, segundo a pedra tumular arrancada e selvagemente despedaçada, foi escavado em profundidade e saqueado, sendo que o trabalho foi evidentemente feito com uma pá roubada do depósito de utensílios adjacente.

Qualquer que fosse seu conteúdo após mais de um século, tudo havia desaparecido, com exceção de umas poucas lascas de madeira apodrecida. Não havia marcas de rodas, mas a polícia analisou algumas pegadas encontradas nas proximidades que indicam botas de uma pessoa refinada.

Hart está propenso a relacionar esse incidente com as escavações descobertas em março passado, quando um grupo de homens utilizando um caminhão fugiu enquanto realizava uma profunda escavação; mas o sargento Riley, da Segunda Delegacia, descarta essa teoria e assinala duas diferenças vitais nos dois casos. Em março, a escavação foi feita num ponto em que reconhecidamente não existia nenhum túmulo; dessa vez, foi pilhada uma tumba bem definida e cuidada, sendo que todas as evidências mostram tratar-se de um objetivo deliberado e uma perversidade consciente expressa-se na laje despedaçada, a qual estava intacta até o dia anterior.

Membros da família Weeden, notificados a respeito do acontecimento, expressaram sua surpresa e dor e mostraram-se totalmente incapazes de pensar em um inimigo que tivesse interesse em violar o túmulo de seu antepassado Hazard Weeden, morador do número 598 de

Angell Street, lembrou de uma lenda da família segundo a qual Ezra Weeden se envolvera em certas circunstâncias bastante peculiares, nada desonrosas para sua pessoa, pouco antes da Revolução; mas ele ignora completamente qualquer inimizade ou mistério na época atual. O inspetor Cunningham foi destinado ao caso, e espera descobrir alguns indícios valiosos no futuro próximo.

Cães Barulhentos em Providence

Cidadãos residentes em Pawtuxet foram despertados por volta das três horas da manhã de hoje com um fenomenal latido de cães que parecia provir do rio ao norte de Rhodes-on-the-Pawtuxet. O volume e a qualidade dos latidos eram estranhamente descomunais, segundo a maioria das pessoas que os ouviram; e Fred Lemdin, vigia noturno em Rhodes, declarou que o ruído se misturava aos gritos de um homem presa de um terror e uma agonia mortal. Uma forte tempestade de curta duração, que parecia atingir um ponto nas proximidades da margem do rio, pôr fim à alteração. Odores estranhos e desagradáveis, provavelmente procedentes dos tanques de óleo ao longo da baía, estão sendo por todos relacionados a este incidente e podem ter contribuído para excitar os cachorros.

O aspecto de Charles agora tornara-se muito conturbado e atormentado e todos concordaram posteriormente que nesse período ele talvez desejasse prestar alguma declaração ou fazer uma confissão das quais se abstinha por mero terror. O hábito mórbido da mãe de ficar ouvindo à noite revelou que ele realizava saídas freqüentes, protegido pela escuridão, e a maioria dos psiquiatras mais acadêmicos concorda atualmente em culpá-lo pêlos revoltantes casos de vampirismo que a imprensa relatou de modo tão sensacionalista na época, mas cuja autoria ainda não pôde ser concretamente apontada. Esses casos, tão recentes e comentados que dispensam detalhes, envolveram vítimas de todas as idades e tipos e aparentemente concentraram-se em duas localidades distintas: a colina residencial e o North End, perto da residência dos Wards, e os bairros suburbanos do outro lado da linha Cranston perto de Pawtuxet. Notívagos *e* pessoas que dormiam de janelas abertas foram igualmente atacados, e as que sobreviveram para contar a história foram unânimes em descrever um monstro magro, ágil, que pulava, com olhos de fogo, que cravava seus dentes na garganta ou no antebraço e se satisfazia sofregamente.

O doutor Willett, que se recusa a datar a loucura de Charles Ward até mesmo nesta época, mostra-se cauteloso ao tentar explicar esses horrores. Ele afirma possuir certas teorias próprias e limita suas declarações positivas a um tipo peculiar de negação. "Não pretendo", diz ele, "apontar quem ou o que acredito tenha perpetrado esses ataques e assassinatos, mas declaro que Charles Ward era inocente. Tenho razões para garantir que ele ignorava o gosto do sangue, como de fato seu contínuo definhamento físico, em função da anemia, e uma crescente palidez comprovam mais do que qualquer argumento verbal. Ward se envolveu com coisas terríveis, mas pagou por isto, ele jamais foi um monstro ou um vilão. Quanto ao que está acontecendo agora, nem gosto de pensar. Houve uma mudança e quero crer que o velho Charles Ward morreu com ela. Sua alma morreu, de qualquer maneira, mas o corpo tresloucado que desapareceu do hospital de Waite tinha outra".

Willett fala com autoridade, pois frequentemente visitava a residência dos Wards para cuidar da senhora Ward, cujos nervos começavam a ceder por causa da tensão. O hábito de ficar ouvindo durante a noite gerara alucinações mórbidas que ela confiava com certa hesitação ao médico, o qual as levava na brincadeira em suas conversas com ela, embora o fizessem meditar profundamente quando estava sozinho. Esses delírios sempre diziam respeito aos sons fracos que imaginava ouvir no laboratório e no quarto de dormir da mansarda, e enfatizavam a ocorrência de suspiros e soluços abafados nas horas mais impossíveis. No início de julho, Willett ordenou que a senhora Ward passasse uma temporada em Atlantic City por tempo indefinido a fim de se recuperar e recomendou ao senhor Ward e ao tresloucado e esquivo Charles que escrevessem para ela somente cartas confortadoras. É provavelmente a esta fuga forçada e relutante que ela deve sua vida e sua saúde mental.

2

Não muito tempo depois da viagem da mãe, Charles Ward iniciou as negociações para adquirir o bangalô de Pawtuxet. Era um edifício esquálido e pequeno de madeira, com uma garagem de concreto, encarapitado no alto da margem do rio, escassamente habitada, pouco acima de Rhodes, mas por alguma estranha razão o jovem só queria aquela.

Não deu sossego às corretoras de imóveis até que uma delas o conseguiu para ele, a um preço exorbitante, de um proprietário um tanto relutante. Assim que vagou, tomou posse da casa protegido pela escuridão, transportando num grande caminhão fechado todos os apetrechos de seu laboratório da mansarda, inclusive os livros, tanto os de magia quanto os modernos, que tomara emprestado para seus estudos. Mandou que o caminhão fosse carregado às primeiras horas da negra madrugada e seu pai lembra apenas ter ouvido, em meio ao sono, imprecações abafadas e ruído de passos na noite em que as coisas foram retiradas. Depois disso, Charles voltou a ocupar seus aposentos no terceiro andar e nunca mais voltou à mansarda.

Para o bangalô de Pawtuxet Charles transferiu todo o sigilo no qual cercara seus domínios da mansarda, com a exceção de que agora aparentemente havia duas pessoas que compartilhavam seus mistérios; um mestiço português de aspecto detestável, da zona do porto de South Main Street, que exercia as funções de criado, e um estrangeiro magro, com o aspecto de um estudioso, óculos escuros *e* barba curta que parecia tingida, provavelmente um colega. Os vizinhos tentaram em vão manter alguma conversação com estas estranhas pessoas. O mulato Gomes falava muito pouco inglês e o sujeito barbudo, que dissera chamar-se doutor Allen, seguia voluntariamente seu exemplo. O próprio Ward tentou ser mais afável, mas só conseguiu provocar a curiosidade com seus relatos desconexos a respeito de pesquisas químicas. Logo começaram a circular estranhas histórias referentes a luzes acesas a noite toda, e um pouco mais tarde, depois que cessaram, surgiram histórias mais esquisitas ainda sobre encomendas descomunais de carne no açougue e gritos, entoações abafadas, recitações rítmicas e berros supostamente provenientes de algum local subterrâneo e profundo debaixo da casa. E evidente que a nova e estranha residência era profundamente detestada pela honesta burguesia da vizinhança, e não é de estranhar se foram levantadas terríveis suspeitas ligando seus habitantes à atual epidemia de ataques vampirescos, em particular devido ao fato de que o raio de ação parecia agora restringir-se totalmente a Pawtuxet e às ruas adjacentes de Edgewood.

Ward passava a maior parte de seu tempo no bangalô, mas ocasionalmente dormia em casa e ainda era reconhecido como residente na

casa do pai. Duas vezes ausentou-se da cidade em viagens que duraram toda uma semana, cuja destinação ainda não foi descoberta. Foi ficando cada vez mais pálido e emaciado do que antes e já não mostrava a mesma segurança ao repetir ao doutor Willett sua velhíssima história a respeito de pesquisas de importância vital e de futuras revelações. Willett frequentemente seguia-o sem ser visto até a casa do pai, pois o senhor Ward estava muito preocupado e perplexo e desejava que o filho fosse vigiado na medida do possível, em se tratando de um adulto tão misterioso e independente. O médico ainda insiste que o jovem era são de mente mesmo nessa época e aduz muitas conversações para comprovar essa convicção.

Por volta de setembro, o vampirismo declinou, mas, em janeiro do ano seguinte, Ward quase se envolveu em problemas sérios. Havia algum tempo as chegadas e partidas noturnas de caminhões no bangalô de Pawtuxet eram motivo de comentários e a essa altura um acontecimento imprevisto revelou a natureza de pelo menos uma das suas cargas. Num local solitário, perto de Hope Valley, ocorreu uma das freqüentes e sórdidas emboscadas a caminhões por obra de assaltantes visando carregamentos de uísque, mas dessa vez os bandidos estavam destinados a levar um enorme choque. Pois, ao serem abertas, as longas caixas roubadas revelaram um conteúdo extremamente asqueroso, em realidade tão asqueroso que a coisa não pôde ser abafada entre os membros do submundo. *Os* ladrões enterraram precipitadamente o que haviam descoberto, mas, quando a polícia do estado foi informada do caso, empreendeu-se uma cuidadosa busca. Um vagabundo preso havia pouco tempo, em troca da garantia de isenção de acusações adicionais, consentiu por fim em conduzir um grupo de milicianos até o local e no esconderijo improvisado foi descoberta uma coisa absolutamente asquerosa e vergonhosa. Não ficaria bem para o senso de decoro nacional — ou mesmo internacional — se o público viesse a saber o que foi descoberto por aquele grupo horrorizado. Não havia dúvidas, mesmo para policiais sem muito preparo; vários telegramas foram enviados a Washington com febril rapidez.

As caixas eram endereçadas a Charles Ward em seu bangalô de Pawtuxet e agentes estaduais e federais imediatamente fizeram-lhe uma visita com propósitos enérgicos e sérios. Encontraram-no pálido e

preocupado com seus dois estranhos companheiros e receberam dele o que lhes pareceu uma explicação válida e provas de inocência. Ele necessitara de certos espécimes anatômicos como parte de um programa de pesquisa cuja profundidade e autenticidade qualquer um que o conhecesse na última década poderia comprovar, e encomendara tipo e número exigidos a certas agências que ele julgara tão legítimas quanto este tipo de coisas poderia ser. Da *identidade* dos espécimes ele não sabia absolutamente nada e ficou muito chocado quando os inspetores aludiram às conseqüências monstruosas para o sentimento público e a dignidade nacional que o conhecimento do assunto produziria. Em sua declaração ele foi firmemente apoiado por seu colega barbudo, o doutor Allen, cuja estranha voz abafada tinha mais convicção mesmo do que o tom nervoso de Charles; de modo que no fim os agentes não adotaram nenhuma medida, mas cuidadosamente tomaram nota do nome e endereço de Nova Iorque que Ward lhes forneceu como base para uma averiguação que não resultou em nada. Apenas é justo acrescentar que os espécimes foram rápida e silenciosamente devolvidos aos seus devidos lugares e o grande público jamais saberá de sua sacrílega perturbação.

No dia 9 de fevereiro de 1928, o doutor Willett recebeu uma carta de Charles Ward que ele considera de extraordinária importância e a respeito da qual frequentemente discutiu com o doutor Lyman. Este acredita que a carta contém provas positivas de um caso avançado de *dementia praecox;* Willett, por outro lado, considera-a a última manifestação perfeitamente sã do infeliz jovem. E chama atenção especialmente para á característica normal da caligrafia que, embora mostrando indícios de nervos em frangalhos, é nitidamente a caligrafia do próprio Ward. O texto integral é o seguinte:

Prospect St., 100,

Providence, R.I.,

8 de março de 1928.

Caro Doutor Willett,

Acho que finalmente chegou o momento de fazer as revelações que há tanto tempo lhe prometi e pelas quais o senhor insistiu em tantas ocasiões. A paciência que o senhor mostrou em esperar, e sua confiança em minha mente e integridade, são coisas que jamais deixarei de apreciar.

E agora que estou pronto para falar, devo admitir humilhado que jamais alcançarei o triunfo com o qual tanto sonhei. Em vez do triunfo encontrei o terror e minha conversa com o senhor não será o alarde da vitória, mas um apelo de ajuda e conselhos capazes de me salvar e de salvar o mundo de um horror além de toda a imaginação ou previsão humanas. O senhor lembra do que diziam as cartas de Fenner a respeito do grupo que invadiu Pawtuxet. Tudo aquilo precisa ser feito de novo—e depressa. De nós depende muito mais do que simples palavras poderiam exprimir — toda a civilização, toda lei natural, talvez mesmo o destino do sistema solar e do universo. Eu trouxe à luz uma anormalidade monstruosa, mas o fiz em nome do conhecimento. Agora, em nome de toda a vida e natureza, o senhor deve ajudar-me a rechaçá-lo de volta às trevas.

Deixei aquele lugar em Pawtuxet para sempre e nós devemos extirpar tudo o que nele existe, vivo ou morto. Não voltarei para lá e o senhor não deve acreditar se ouvir dizer que estou lá. Quando nos encontrarmos, contarei ao senhor por que digo isto. Voltei para casa definitivamente e gostaria que o senhor reservasse umas cinco ou seis horas seguidas para ouvir o que tenho a dizer. Precisarei de todo esse tempo — e acredite em mim quando lhe digo que o senhor nunca teve um dever mais autenticamente profissional do que este. Minha vida e minha razão são a coisa menos importante nisso tudo.

Não ouso falar com meu pai, ele não entenderia todo o alcance da questão. Mas eu lhe falei do perigo que estou correndo e ele contratou quatro detetives de uma agência para vigiar a casa. Não sei até que ponto poderão ajudar, pois têm contra si forças que nem mesmo o senhor poderia imaginar ou reconhecer. Portanto, venha logo se quiser me ver vivo e ouvir de que modo poderá ajudar a salvar o cosmos do inferno total.

Venha quando quiser — não sairei da casa. Não telefone de antemão, pois não é preciso dizer quem ou o que poderá tentar interceptá-lo. E rezemos a todos os deuses existentes para que nada impeça esse encontro.

Com a maior gravidade e desespero, Charles Dexter Ward

P.S.: Atire no doutor Allen sem aviso e dissolva seu corpo em ácido. Não o queime.

O doutor Willett recebeu esta mensagem por volta das dez e meia da manhã e imediatamente tratou de reservar todo o fim da tarde e a noite para a grave conversa, deixando que se estendesse noite adentro tanto quanto fosse necessário. Pretendia chegar por volta das quatro da tarde e durante todo o tempo ficou tão mergulhado em toda espécie de desenfreadas especulações que executou a maior parte de seu trabalho de forma totalmente mecânica. Embora a carta pudesse parecer desvairada a um estranho, Willett tinha testemunhado tantas esquisitices de Charles Ward que não poderia menosprezá-la como mera loucura. Tinha certeza de que algo muito sutil, antigo e horrível pairava no ar e a referência ao doutor Allen era quase compreensível, considerando os boatos em Pawtuxet a respeito do enigmático colega de Ward. Willett nunca vira o homem, mas ouvira muito sobre seu aspecto e comportamento e só podia ficar imaginando que tipo de olhos aqueles comentados óculos escuros poderiam ocultar.

Solicitamente, às quatro horas, o doutor Willett apresentou-se à residência de Ward, mas constatou, para sua contrariedade, que Charles não cumprira sua determinação de permanecer em casa. Os guardas lá estavam, mas disseram que o jovem parecia ter perdido em parte sua timidez. Naquela manhã ele discutira muito, em tom aparentemente assustado, e protestara pelo telefone, disse um dos detetives, respondendo a uma voz desconhecida com frases como "Estou muito cansado e preciso descansar um pouco", "Não posso receber ninguém por um certo tempo, precisa me desculpar", "Por favor, adie as decisões até que possamos chegar a alguma forma de compromisso", ou "Sinto muito, mas preciso tirar férias prolongadas de tudo; falarei com o senhor mais tarde". Depois, como que ganhando coragem com a meditação, escapuliu de modo tão silencioso que ninguém o viu sair ou sabia que ele havia saído até que voltou perto de uma hora da manhã e entrou em casa sem uma palavra. Subira as escadas, onde seu medo pareceu ter voltado, pois ouviram-no gritar alto e aterrorizado ao entrar em sua biblioteca, terminando numa espécie de arquejo sufocado. No entanto, quando o mordomo foi investigar o que estava acontecendo, ele apareceu à porta exibindo uma expressão atrevida e, sem falar, mandou o homem embora com um gesto que o aterrorizou de modo indescritível. Depois evidentemente ele fez alguma nova arrumação das estantes, pois ouviu-se um grande fragor, pancadas surdas e rangidos, após o que reapareceu e

saiu imediatamente. Willett perguntou se havia deixado algum recado, mas responder am-lhe que não havia nada. O mordomo parecia estranhamente perturbado com alguma coisa no aspecto físico de Charles e em seu comportamento e perguntou solícito se havia esperança de cura para seus nervos abalados.

Durante quase duas horas, o doutor Willett esperou em vão na biblioteca de Charles Ward, observando as prateleiras cobertas de poeira com grandes espaços vazios de onde haviam sido retirados os livros e sorrindo severamente para o painel da chaminé na parede norte, de onde um ano antes as feições afáveis de Joseph Curwen olhavam com ar benigno para baixo. Dentro em pouco, as sombras começaram a se adensar e a alegria do pôr-do-sol cedeu o lugar a um vago e crescente terror pairando como uma sombra no anoitecer. O senhor Ward finalmente chegou e mostrou-se muito surpreso e zangado com a ausência do filho, depois de todos os cuidados que haviam sido tomados para vigiá-lo. Ele não havia sido informado do encontro marcado por Charles e prometeu notificar Willett quando o jovem voltasse. Ao desejar boa-noite ao médico, expressou toda a sua perplexidade sobre a doença do filho e instou o visitante a fazer todo o possível para devolver o equilíbrio ao rapaz. Willett ficou feliz em fugir daquela biblioteca, pois algo assustador e anormal parecia assombrá-la, como se o quadro desaparecido tivesse deixado atrás de si uma herança diabólica. Ele nunca gostara do quadro e mesmo agora, embora seus nervos fossem fortes, do painel vazio emanava algo que o fazia sentir a urgente necessidade de sair para o ar puro o mais depressa possível.

3

Na manhã seguinte, Willett recebeu um bilhete do pai de Ward dizendo que Charles continuava ausente. O senhor Ward mencionava que o doutor Allen lhe telefonara para dizer que Charles permaneceria em Pawtuxet por mais algum tempo e não deveria ser incomodado. Isto se tornara necessário porque o próprio Allen precisara partir por um período indeterminado, deixando as pesquisas à supervisão constante de Charles. Charles enviava saudações e lamentava por todo aborrecimento que sua abrupta mudança de planos havia causado. Ao ouvir a mensagem, o senhor

Ward escutou pela primeira vez a voz do doutor Allen e esta pareceu despertar alguma lembrança vaga e fugaz que não poderia identificar, mas que o perturbou até o terror.

Diante desses relatos desconcertantes e contraditórios, o doutor Willett ficou francamente sem saber o que fazer. Não era possível negar a desesperada intensidade do bilhete de Charles, contudo, o que pensar da imediata violação do compromisso assumido por seu próprio autor? O jovem Ward havia escrito que suas investigações haviam se tornado blasfemas e ameaçadoras, que estas e seu colega barbudo deviam ser eliminados a todo custo e que ele próprio nunca mais voltaria àquele cenário; no entanto, segundo informações mais recentes, esquecera tudo isto e voltara a mergulhar no mistério mais impenetrável. O bom senso pedia que o jovem fosse deixado com suas extravagâncias, no entanto, um instinto mais profundo não permitia que a impressão provocada por aquela carta desvairada aplacasse. Willett a releu e não conseguia fazer com que sua essência soasse tão vazia e insana quanto seu palavrório bombástico e sua falta de cumprimento dos compromissos poderiam sugerir. Seu terror era demasiado profundo e real e, junto com aquilo que o médico já sabia, evocava sugestões demasiado vívidas de monstruosidade, além do tempo e do espaço, para permitir uma explicação cínica. Horrores inomináveis estavam por toda parte e ainda que muito pouco fosse possível fazer para atingi-los, era preciso estar preparado para todo tipo de ação, a qualquer momento.

Por mais de uma semana, o doutor Willett ponderou sobre o dilema que aparentemente lhe havia sido imposto e cada vez mais sentiu-se inclinado a fazer uma visita a Charles no bangalô de Pawtuxet. Nenhum amigo do jovem jamais se aventurara a invadir esse refúgio proibido e mesmo o pai só conhecia seu interior pelas descrições que ele fazia; mas Willett achou que se fazia necessária uma conversa direta com seu paciente. O senhor Ward vinha recebendo do filho bilhetes datilografados sucintos e cautelosos e disse que a senhora Ward, em seu refúgio em Atlantic City, não recebera maiores informações. Então, por fim, o médico resolveu agir e, apesar de uma curiosa sensação inspirada pelas antigas lendas sobre Joseph Curwen e pelas revelações e advertências mais recentes de Charles Ward, partiu rumo ao bangalô sobre o penhasco acima do rio.

Willett visitara o local numa ocasião anterior movido por mera curiosidade, embora, é claro, jamais tivesse entrado na casa ou anunciado sua presença, portanto, sabia exatamente que caminho tomar. Rumando pela Broad Street no início da tarde no final de fevereiro, em seu carrinho, ele pensava estranhamente sobre o implacável grupo que havia tomado aquele mesmo caminho cento e cinqüenta e sete anos atrás, com uma terrível missão que ninguém jamais poderá compreender.

O percurso pelas cercanias decadentes da cidade foi curto e a bem cuidada Edgewood e a sonolenta Pawtuxet estendiam-se à frente. Willett virou à direita descendo Lockwood Street e seguiu a estrada rural até onde lhe foi possível, depois desceu do carro e caminhou em direção ao norte até o ponto em que o penhasco dominava as belas e sinuosas curvas do rio e a linha dos baixios cobertos de névoa lá em baixo. As casas eram ainda escassas aqui e não havia como não avistar o bangalô isolado, com sua garagem de concreto num ponto elevado à sua esquerda. Subindo rapidamente o caminho de cascalho mal conservado, bateu à porta com mão firme e falou sem tremer ao maldoso mulato português que a entreabriu milimetricamente.

Disse que precisava conversar imediatamente com Charles Ward sobre assuntos de importância vital. Não aceitaria nenhuma desculpa e uma recusa significaria apenas um relatório completo ao senhor Ward pai. O mulato ainda hesitava e empurrou a porta quando Willett tentou abri-la; mas o médico simplesmente levantou a voz e renovou seu pedido. Então, do interior escuro ouviu-se um murmúrio áspero que gelou o ouvinte por completo, embora não soubesse a razão do pavor. "Deixe-o entrar, Tony", dizia, "temos de falar de uma vez por todas." Mas por mais perturbador que fosse o murmúrio, o pavor maior viria logo em seguida. O assoalho rangeu e o sujeito que havia falado se mostrou — o dono daqueles sons estranhos e ressoantes não era senão Charles Dexter Ward.

A precisão com a qual o doutor Willett recordou e transcreveu a conversa daquela tarde deve-se à importância que atribui a esse período particular. Pois finalmente ele reconhece uma mudança vital na mentalidade de Charles Dexter Ward e acredita que o jovem agora se expressava com um cérebro irremediavelmente alienado em relação àquele cujo desenvolvimento havia acompanhado por vinte e seis anos. A controvérsia com o doutor Lyman o impeliu a ser muito específico e ele

data definitivamente a loucura de Charles Ward no período em que os bilhetes datilografados começaram a chegar aos seus pais. Esses bilhetes não têm o estilo normal de Ward nem mesmo o estilo daquela última e desvairada carta endereçada a Willett. Ao contrário, são estranhos e arcaicos, como se o convulsionamento da mente do seu autor tivesse liberado um fluxo de tendências e impressões captadas inconscientemente pela paixão pela arqueologia na adolescência. Existe um óbvio esforço de ser moderno, mas o espírito e ocasionalmente a linguagem são os do passado.

O passado também era evidente em cada palavra e gesto de Ward ao receber o médico naquele bangalô cheio de sombras. Ele inclinou a cabeça, indicou a Willett um lugar para sentar e começou a falar abruptamente naquele estranho sussurro que tratou de explicar no início da conversa.

"Fiquei tísico", começou, "com o amaldiçoado ar desse rio. Deve desculpar minha maneira de falar. Suponho que o senhor veio a mando de meu pai para ver o que me aflige e espero que não diga nada que o possa alarmar."

Willett estudava esse tom arranhado, mas estudava com mais atenção ainda o rosto do locutor. Alguma coisa, ele sentia, estava errada e pensou naquilo que a família lhe contara a respeito do medo do mordomo de Yorkshire naquela noite. Desejou que não estivesse tão escuro, mas não pediu para erguer as cortinas. Ao contrário, simplesmente perguntou a Ward por que não cumprira o prometido na carta desesperada de pouco mais de uma semana antes.

"Estava justamente para falar nisso", replicou o anfitrião. "O senhor deve saber que meus nervos estão em muito má situação e que falo e faço coisas esquisitas sem me dar conta. Como lhe disse frequentemente, estou prestes a conseguir grandes coisas e sua grandeza me faz delirar. Qualquer pessoa ficaria apavorada com aquilo que descobri, mas não devo demorar muito tempo agora. Fui um asno em pedir os guardas e ficar em casa; tendo chegado aonde cheguei, meu lugar é aqui. Meus vizinhos bisbilhoteiros falam mal de mim e talvez tenha me deixado levar pela fraqueza ao acreditar naquilo que eles dizem de mim. O que eu faço não traz prejuízos a ninguém, desde que seja bem-feito. Tenha a bondade de esperar seis meses e eu lhe mostrarei algo que compensará muito bem sua paciência.

"O senhor certamente sabe que tenho meios de aprender matérias antigas de fontes mais seguras do que os livros e o senhor poderá julgar a importância da minha contribuição à história, à filosofia e às artes em razão dos meios aos quais tenho acesso. Meu antepassado possuía tudo isto quando aqueles estúpidos bisbilhoteiros vieram aqui e o assassinaram. Agora eu estou próximo de obtê-lo em parte, de modo muito imperfeito. Dessa vez nada deverá acontecer e muito menos por causa dos meus temores idiotas. Peço que esqueça tudo o que lhe escrevi, senhor, e não tenha medo desse lugar nem de qualquer um aqui. O doutor Allen é uma pessoa muito preparada e devo-lhe desculpas por aquilo que de mal fadei a seu respeito. Gostaria de não ter de dispensá-lo, mas ele tinha coisas a fazer em outro lugar. Seu zelo é igual ao meu em todas essas matérias e suponho que quando eu temia o trabalho temia a ele também, meu maior colaborador".

Ward parou e o médico não sabia o que dizer ou pensar. Sentia-se quase um tolo diante desse calmo repudio da carta, e contudo persistia para ele o fato de que embora o discurso atual fosse estranho, curioso e indubitavelmente louco, a carta também era trágica por sua naturalidade e afinidade ao Charles Ward que ele conhecera. Willett agora tentou conduzir a conversa sobre outros assuntos e lembrar ao jovem algum acontecimento passado que restabelecesse um clima familiar, mas por esse processo obteve apenas os resultados mais grotescos. O mesmo aconteceria com todos os psiquiatras mais tarde. Partes importantes da massa de imagens mentais de Charles Ward, principalmente aquelas que diziam respeito aos tempos modernos e à sua vida pessoal, haviam sido inexplicavelmente eliminadas, enquanto toda a paixão pela arqueologia acumulada na juventude brotava de um profundo subconsciente que tragava o contemporâneo e o individual. Os enormes conhecimentos que ele possuía sobre antiguidades eram anormais e blasfemos e ele tentava de todas as formas ocultá-los. Quando Willett mencionava algum tema predileto de seus estudos arqueológicos da adolescência, ele frequentemente fornecia, por mero acidente, informações que nenhum mortal normal poderia possuir e o médico arrepiava enquanto o jovem ia falando com desenvolta fluência.

Não era normal saber que a peruca do gordo xerife despencara enquanto ele se debruçava durante a apresentação da peça na Academia

Histriônica do senhor Douglass em King Street, no dia 11 de fevereiro de 1762, uma quinta-feira; ou que os atores amputaram de um modo tão lamentável o texto da peça *O Amante Consciente,* de Steele, que as pessoas quase se alegraram quando o legislativo, dominado pêlos batistas, fechou o teatro quinze dias mais tarde. Que a diligência de Boston de Thomas Sabin era "danada de desconfortável" era algo que velhas cartas poderiam ter perfeitamente mencionado; mas que arqueólogo normal poderia lembrar que o rangido da nova tabuleta do estabelecimento de Epenetus Olney (a vistosa coroa colocada depois que ele começou a chamar sua taberna de Café da Coroa) fosse exatamente como as primeiras notas da nova peça de jazz que todas as rádios de Pawtuxet estavam tocando?

No entanto, Ward não se deixaria interrogar por muito tempo dessa maneira. Os assuntos modernos e pessoais ele os descartava sumariamente, enquanto com respeito a questões antigas mostrava logo o mais evidente enfado. O que ele pretendia claramente era apenas satisfazer seu visitante o bastante para que fosse embora sem a intenção de voltar. Com esta finalidade, ofereceu-se para mostrar a Willett toda a casa e imediatamente conduziu o médico por todos os aposentos, desde o porão até a mansarda. Willett olhava atentamente, mas notou que os livros visíveis eram muito poucos e triviais em relação aos amplos espaços vazios deixados nas prateleiras na casa de Ward, e que o medíocre, assim chamado, "laboratório" era a mais inconsistente fachada. Evidentemente, havia em outro lugar uma biblioteca e um laboratório, mas onde exatamente era impossível dizer. Essencialmente derrotado em sua busca de algo que não conseguia definir, Willett voltou à cidade antes do anoitecer e contou ao senhor Ward tudo que havia acontecido. Eles concordaram que o jovem deveria estar definitivamente fora do seu juízo, mas decidiram que naquele momento não deveria ser tomada nenhuma medida drástica. Acima de tudo, a senhora Ward deveria ser mantida no mais completo desconhecimento, na medida em que os estranhos bilhetes datilografados do filho o permitissem.

O senhor Ward agora estava determinado a se encontrar com o filho numa visita de surpresa. O doutor Willett levou-o em seu carro uma noite, guiando-o até as proximidades do bangalô, e esperou pacientemente sua volta. A sessão foi longa e o pai saiu num estado muito

contristado e perplexo. Sua recepção foi muito parecida à de Willett, com a exceção de que Charles levara um tempo excessivamente longo para aparecer depois que o visitante forçara a entrada no saguão e afastara o português com uma ordem imperiosa; e no comportamento do filho, tão mudado, não havia nenhum sinal de afeto filial. A luz estava fraca, mas mesmo assim o jovem se queixou de que o ofuscava excessivamente. Ele não falara de modo algum em voz alta, afirmando que sua garganta estava em péssimas condições, mas em seu rouco sussurro havia algo tão vagamente perturbador que o senhor Ward não conseguiu afastá-lo da mente.

Agora, definitivamente aliados para fazer todo o possível para salvar a mente do jovem, o senhor Ward e o doutor Willett começaram a reunir todas as informações disponíveis. Os boatos que corriam em Pawtuxet foram a primeira coisa que estudaram, e foi relativamente simples coligi-los, pois ambos tinham amigos na região. O doutor Willett conseguiu levantar a maior parte dos comentários porque as pessoas conversavam com mais franqueza com ele do que com o pai do personagem central e, a partir de tudo que ouviu, chegou à conclusão de que a vida do jovem Ward se tornara de fato bastante estranha. Os comentários não dissociavam sua casa do vampirismo do verão passado, enquanto as idas e vindas noturnas dos caminhões contribuíam para as lúgubres especulações. Os comerciantes locais falavam das estranhas encomendas feitas pelo mulato mal-encarado e particularmente das quantidades imoderadas de carne e sangue fresco fornecidas pêlos dois açougues da vizinhança mais próxima. Para uma casa de apenas três pessoas, as quantidades eram totalmente absurdas.

Depois havia a questão dos sons debaixo da terra. Os relatos sobre essas coisas eram mais difíceis de definir, mas todos os vagos indícios correspondiam em alguns pontos essenciais. Ouviam-se ruídos como de rituais e, às vezes, quando o bangalô estava escuro. Evidentemente, poderiam vir do porão; mas os boatos insistiam que havia criptas mais profundas e mais extensas. Lembrando as antigas lendas sobre as catacumbas de Joseph Curwen e partindo do pressuposto de que o atual bangalô havia sido escolhido por causa de sua localização sobre a antiga fazenda de Curwen, conforme este revelara em um outro documento encontrado atrás do quadro, Willett e o senhor Ward prestaram muita

atenção a tais boatos e procuraram várias vezes, sem sucesso, a porta na margem do rio mencionada pelo antigo manuscrito. Quanto à opinião popular sobre os vários habitantes do bangalô, logo ficou claro que o português era detestado, o barbudo doutor Allen, escondido atrás dos seus óculos, temido, e o jovem pálido estudioso, profundamente antipatizado. Era óbvio que nas duas últimas semanas Ward mudara muito; abandonara as tentativas de se mostrar afável e falava apenas em sussurros ásperos mas estranhamente repelentes nas poucas ocasiões nas quais se aventurava a sair.

Estes foram os fragmentos e os pedaços reunidos aqui e ali, e o senhor Ward e o doutor Willett dedicaram-lhes prolongadas e graves conferências. Esforçavam-se para exercitar ao máximo a dedução, a indução e a imaginação construtiva e para correlacionar todos os fatos conhecidos sobre a vida recente de Charles, inclusive a carta desesperada que o médico agora mostrou ao pai, com as escassas provas documentais disponíveis referentes ao velho Joseph Curwen. Eles dariam tudo para poder olhar rapidamente os papéis que Charles havia encontrado, pois estava claro que a chave da loucura do jovem se encontrava naquilo que ele havia aprendido a respeito do antigo bruxo e de suas atividades. E contudo, no fim, não foi por iniciativa do senhor Ward ou do doutor Willett que se deu o próximo passo desse caso singular. O pai e o médico, repelidos e confusos por uma sombra demasiado informe e intangível para ser combatida, com certo embaraço haviam feito uma pausa enquanto os bilhetes datilografados do jovem Ward se tornavam cada vez mais raros. Então veio o primeiro dia do mês com os acertos financeiros usuais e os funcionários de certos bancos começaram a balançar sua cabeça e a telefonar um para o outro. Os que conheciam Charles Ward de vista foram até o bangalô para perguntar por que todos os seus cheques que chegavam ao banco na ocasião não passavam de uma desajeitada falsificação e se sentiram muito menos tranqüilizados do que deveriam quando o jovem explicou com voz roufenha que sua mão há pouco tempo ficara tão afetada por um choque nervoso que escrever normalmente se tornara impossível. Disse que só conseguia formar caracteres escritos com grande dificuldade e podia comprová-lo pelo fato de ter sido obrigado a datilografar todas as suas últimas cartas, mesmo aquelas endereçadas ao pai e à mãe, os quais corroborariam sua afirmação.

O que fez os investigadores pararem confusos não foi apenas esta circunstância, pois não era algo incomum ou fundamentalmente suspeito, nem mesmo os boatos em Pawtuxet, alguns dos quais haviam chegado até eles. Foi o discurso confuso do jovem que os deixou perplexos, pois implicava uma perda praticamente total da memória no que dizia respeito a importantes assuntos monetários com os quais ele costumava lidar com extrema facilidade apenas um mês ou dois antes. Havia algum problema, pois, apesar da aparente coerência e racionalidade de seu discurso, não poderia existir uma razão normal para este mal disfarçado esquecimento sobre pontos vitais. Além disso, embora nenhuma dessas pessoas conhecesse bem Ward, não puderam deixar de observar a mudança de sua linguagem e modos. Haviam ouvido dizer que ele gostava de arqueologia, mas mesmo o arqueólogo mais obcecado não faz uso de uma fraseologia e de gestos obsoletos. De modo geral, essa combinação de rouquidão, mãos paralisadas, má memória, fala e comportamento alterados, indicava alguma perturbação ou doença de real gravidade, a qual, indubitavelmente, era responsável pêlos boatos na maior parte estranhos. Depois de sair, os funcionários decidiram que a conversa com o pai de Ward se tornara imperativa.

Assim, no dia 6 de março de 1928, houve uma longa e grave reunião no escritório do senhor Ward, após a qual o pai, totalmente desorientado, convocou o doutor Willett com uma espécie de desamparada resignação. Willett examinou as assinaturas forçadas e desajeitadas nos cheques e comparou-as mentalmente à caligrafia daquela última carta desesperada. Com certeza a mudança fora radical e profunda, mas havia algo detestavelmente familiar na nova letra. Tinha tendências ininteligíveis e arcaicas, de um tipo bastante curioso, e parecia um traço totalmente diferente daquele que o jovem sempre usara. Era estranho — onde ele a havia visto antes? Era óbvio que Charles estava louco. Não havia dúvidas quanto a isso. E como parecia improvável que pudesse administrar seus bens ou continuar lidando com o mundo exterior por mais tempo, era preciso agir de pronto para que fosse vigiado e possivelmente tratado. Nesse momento é que foram chamados os psiquiatras, o doutor Peck e o doutor Providence, e o doutor Lyman, de Boston, aos quais o senhor Ward e o doutor Willett forneceram o relato mais exaustivo possível do caso. Eles conferenciaram longamente na biblioteca, agora em desuso, de seu jovem paciente, examinando os livros

e papéis que haviam sido deixados a fim de obter alguma outra noção sobre sua estrutura mental habitual. Depois de examinar este material e estudar a carta enviada pelo jovem a Willett, todos eles concordaram que os estudos de Charles Ward haviam sido suficientes para deformar ou pelo menos perturbar qualquer intelecto comum, e expressaram o desejo de ver seus volumes e documentos mais íntimos; mas eles sabiam que isto só lhes seria possível após uma intervenção no bangalô. Willett então analisou novamente todo o caso com energia febril e foi nessa oportunidade que obteve as declarações dos trabalhadores, que haviam visto Charles encontrar os documentos de Curwen, e que ele estudou os incidentes descritos nos artigos dos jornais destruídos, procurando-os na redação *ao Journal*.

Na quinta-feira, dia 8 de março, os doutores Willett, Peck, Lyman e Waite, acompanhados pelo senhor Ward, fizeram ao jovem uma solene visita, não ocultando seu propósito e interrogando com extrema minúcia aquele que agora era reconhecidamente seu paciente. Embora demorasse excessivamente para receber os visitantes e ainda rescendesse aos estranhos e insalubres odores do laboratório quando finalmente apareceu agitado, Charles revelou-se um paciente nada recalcitrante; e admitiu abertamente que sua memória e equilíbrio haviam ficado um pouco afetados com a constante aplicação a estudos abstrusos. Não ofereceu nenhuma resistência quando insistiram em transferi-lo para outro local e, em realidade, pareceu mostrar um elevado grau de inteligência além da memória prodigiosa. Seu comportamento teria feito com que seus entrevistadores se retirassem frustrados, não fosse a persistente tendência arcaizante de sua fala e a inquestionável substituição de idéias modernas por idéias antigas em sua consciência, que o marcavam como um indivíduo longe da normalidade. A respeito de seu trabalho não declarou ao grupo de médicos mais do que anteriormente dissera à família e ao doutor Willett, e definiu a carta desesperada do mês anterior como um simples problema nervoso e histeria. Insistiu que aquele sombrio bangalô não possuía nenhuma biblioteca ou laboratório além dos que eram visíveis e tornou-se abstruso ao explicar a razão pela qual os odores que nesse momento saturavam suas roupas não eram percebidos na casa. Atribuiu os boatos da vizinhança a invencionices baratas, fruto de curiosidade frustrada. A respeito do paradeiro do doutor Allen, disse que não poderia falar de modo definitivo,

mas assegurou aos seus visitantes que o sujeito barbudo de óculos voltaria se fosse necessário. Ao despedir e pagar o impassível português que resistira a todas as indagações feitas pêlos visitantes e ao fechar o bangalô que parecia conter segredos tão profundos, Ward não mostrou nenhum sinal de nervosismo, com exceção de uma tendência quase imperceptível a se deter como para ouvir algo muito tênue. Parecia animado por uma calma resignação filosófica, como se sua internação fosse um incidente transitório que provocaria menos problemas se fosse facilitado e resolvido de uma vez por todas. Era evidente que confiava na agudeza obviamente intocada de sua inteligência absoluta para superar todos os embaraços que lhe haviam sido criados pela memória deformada, a perda da voz e da capacidade de escrever por seu misterioso e excêntrico comportamento. Concordaram que sua mãe não seria informada da mudança e o pai mandaria as cartas datilografadas em seu nome. Ward foi levado ao hospital do doutor Waite, num local calmo e pitoresco, em Conanicut Island, na enseada, e foi submetido aos mais minuciosos exames e interrogatórios por todos os médicos ligados ao caso. Então foram notadas as singularidades físicas, o retardo do metabolismo, a alteração da pele *e* as desproporcionais reações neurais. O doutor Willett era o mais perturbado dos vários examinadores, pois havia cuidado de Ward durante toda a sua vida e podia verificar com terrível intensidade a gravidade de sua desorganização física. Até a marca familiar em forma de azeitona sobre o quadril havia desaparecido, enquanto em seu peito havia uma grande massa negra carnosa ou uma cicatriz que jamais havia existido naquele lugar e que levou o doutor Willett a pensar se o jovem teria em algum momento se submetido a alguns daqueles rituais para receber a "marca das bruxas", imposta, segundo se acreditava, em certas reuniões noturnas em lugares selvagens e ermos. O médico não conseguia afastar de sua mente certo registro transcrito de um julgamento de bruxas de Salem, que Charles Ward lhe mostrara nos velhos tempos em que não se cercava de segredos, e que dizia: "O senhor G.B. naquela noite pôs a Marca do Diabo em Bridget S., Jonathan A., Simon O., Deliverance W. Joseph C., Susan P., Mehitable C. e Deborah B." O rosto de Ward também o preocupava terrivelmente, até que a certa altura descobriu de repente por que ficara tão horrorizado. Sobre o olho direito do jovem havia algo que jamais havia notado antes — uma pequena cicatriz ou cova exatamente como aquela do re-trato pulverizado do velho Joseph Curwen, talvez

revelando alguma horrenda inoculação ritual à qual ambos haviam se submetido em certo estágio de suas carreiras ocultas.

Enquanto o próprio Ward intrigava todos os médicos do hospital, toda a correspondência endereçada a ele ou ao doutor Allen, que o senhor Ward ordenara fosse entregue na residência da família, estava sendo estritamente vigiada. Willett previra que muito pouco seria encontrado, pois toda comunicação de natureza vital provavelmente seria realizada por mensageiro; mas, no final de março, chegou de fato uma carta de Praga para o doutor Allen que deixou o médico e o pai muito preocupados. Estava escrita numa letra muito arcaica e indecifrável e, embora claramente não fosse o resultado do esforço de um estrangeiro, mostrava uma diferença tão singular em relação ao inglês moderno quanto a fala do próprio jovem Ward. Dizia:

Kleinstrasse, 11

Altstadt, Praga,

11 de fevereiro de 1928.

Irmão em Almousin-Metraton!

Recebi hoje seu relato do que saiu dos sais que eu lhe enviei. Estava errado e significa claramente que as pedras tumulares haviam sido mudadas quando Barnabus me mandou o espécime. Isto ocorre com freqüência, como deve ter percebido pela coisa que recebeu do cemitério de King' Chapel em 1769 e por aquela que recebeu do Cemitério Velho em 1690, que poderia acabar com ele. Eu obtive coisa semelhante no Egito, há 75 anos, de onde apareceu aquela cicatriz que o menino viu em mim em 1924. Como lhe disse há muito tempo, não evoque aquilo que não puder mandar de volta quer pêlos sais mortos quer pelas esferas do além. Tenha sempre prontas as palavras para mandar de volta todas as vezes e não espere para ter certeza quando tiver alguma dúvida de *Quem* você tem. As lápides estão todas mudadas agora em nove túmulos de cada dez. Nunca terá certeza enquanto não perguntar. Hoje recebi notícias de H., que teve problemas com os soldados. É provável que ele lamente o fato de a Transilvânia ter passado da Hungria para a Rumênia e mudaria sua sede se o castelo não estivesse tão cheio daquilo que nós sabemos. Mas sem dúvida ele lhe escreveu a este respeito. Na minha segunda remessa, haverá algo de um túmulo da colina do leste que muito lhe agradará. Enquanto isso, não

esqueça que desejo B.F. se você puder chamá-lo para mim. Você conhece G. em Filadélfia melhor do que eu. Chame-o você em primeiro lugar se quiser, mas não o use demais; ele será difícil, terei de falar com ele no fim.

Yogg-Sothotf Neblod Zin Simon O.

Para o senhor J.C. em Providence.

O senhor Ward e o doutor Willett pararam num caos completo diante dessa aparente amostra de absoluta insanidade. Só aos poucos conseguiram assimilar o que ela parecia implicar. Então o ausente doutor Allen, e não Charles Ward, era o espírito dominante em Pawtuxet? Isto explicaria a violenta referência e a desvairada determinação da última carta desesperada do jovem. E o que dizer do fato de a carta ser remetida ao estrangeiro de óculos e barba como "Senhor J.C."? Não havia como escapar à conclusão, mas existem limites a possíveis monstruosidades. Quem era "Simon O."? O velho que Ward visitara em Praga há quatro anos? Talvez, mas séculos antes havia existido outro Simon O. — Simon Orne, também Jedediah, de Salem, que desaparecera em 1771, *e cuja caligrafia peculiar o doutor Willett agora reconhecia inconfundivelmente como a das cópias fotostáticas das fórmulas de Orne que Charles certa vez lhe mostrara.* Que horrores e mistérios», que contradições e contravenções da natureza voltavam após um século e meio para atormentar a velha Providence com seus inúmeros campanários e cúpulas?

O pai e o velho médico, praticamente sem saber o que fazer ou pensar, foram visitar Charles no hospital e perguntaram-lhe da maneira mais delicada possível a respeito do doutor Allen, da visita a Praga e daquilo que ele havia aprendido de Simon ou Jedediah Orne, de Salem. Diante de todas estas perguntas o jovem se mostrou polidamente reservado, limitando-se a responder de maneira esganiçada, com seus sussurros ásperos, que descobrira que o doutor Allen tinha um notável relacionamento espiritual com certos espíritos do passado e que o correspondente do barbudo em Pinga deveria ter iguais poderes. Quando saíram, o senhor Ward e o doutor Willett deram-se conta de que, para seu desapontamento, eles é que haviam sido investigados e que, sem fornecer nenhuma informação vital, o jovem internado havia astutamente extraído deles tudo o que a carta de Praga continha.

Os doutores Peck, Waite e Lyman não estavam inclinados a atribuir grande importância à estranha correspondência do companheiro do jovem Ward, pois conheciam a tendência de indivíduos excêntricos e monomaníacos a constituírem grupos entre si, e acreditavam que Charles ou Allen haviam simplesmente descoberto um colega expatriado — quem sabe alguém que havia visto a caligrafia de Orne e a copiara na tentativa de posar como reencarnação do finado personagem. O próprio Allen era talvez um caso semelhante e poderia ter persuadido o jovem a aceitá-lo como um avatar de Curwen há muito tempo falecido. Essas coisas já eram conhecidas e, com o mesmo argumento, os obstinados doutores liquidaram a crescente inquietação de Willett no que dizia respeito à atual caligrafia de Charles Ward, contida nas amostras obtidas por vários artifícios. Willett acreditava ter identificado enfim a razão de sua estranha familiaridade, pois ela se assemelhava vagamente à caligrafia do falecido velho Joseph Curwen; mas os outros médicos consideraram isto um fenômeno de imitação previsível neste tipo de loucura e recusaram-se a atribuir-lhe alguma importância, a favor ou não. Ao constatar essa atitude prosaica em seus colegas, Willett aconselhou o senhor Ward a guardar a carta que chegara para o doutor Allen no dia 2 de abril de Rakus, na Transilvânia, numa letra tão intensa e fundamentalmente idêntica à do código de Hutchinson que tanto o pai quanto o médico se detiveram apavorados antes de violar o selo. A carta dizia:

Castelo Ferenczy 7 de março de 1928,

Caro C. —

Apareceu um esquadrão de vinte milicianos por causa dos boatos do povo. Preciso cavar mais fundo e manter menos gado. Esses rumenos incomodam horrivelmente, são intrometidos e detalhistas, enquanto era possível comprar um magiar com bebida e comida. No mês passado M. me mandou o sarcófago das cinco esfinges da Acrópole onde aquele que eu evoquei me disse que estaria, e tive *três conversas com aquilo que estava inumado em seu interior*. Irá diretamente para S. O. em Praga e de lá para o senhor. É obstinado, mas o senhor sabe como agir. O senhor mostrou sabedoria em ter menos do que antes, pois não havia necessidade de manter os guardas em forma e comendo tanto, e muito poderia ser encontrado em caso de problemas, como os senhores bem sabem. Agora o

senhor pode se mudar e trabalhar em outro lugar sem o inconveniente de matar, se necessário, embora espere que nada o obrigue tão cedo a uma medida tão incômoda. Folgo que não esteja traficando muito com os de fora, pois nisso sempre houve um perigo mortal e o senhor sabe o que ele fez quando pediu proteção de alguém que não estava disposto a dá-la. O senhor me supera em conseguir as fórmulas para que um outro o possa dizê-las com sucesso, mas Borellus imaginou que seria assim, bastando ter as palavras certas. O rapaz as usa frequentemente? Sinto que ele esteja se tornando excessivamente melindroso, como eu temia quando esteve aqui há cerca de quinze meses, mas percebo que o senhor sabe como lidar com ele. O senhor não pode fazê-lo voltar com as fórmulas, pois aquilo só funciona com aqueles que as fórmulas chamam dos sais, mas o senhor ainda tem mãos fortes, faca, pistola e túmulos não são difíceis de cavar, nem os ácidos difíceis de queimar. O. diz que o senhor lhe prometeu B.F. Eu preciso tê-lo depois. B. irá para o senhor logo e poderá lhe dar o que o senhor deseja daquela coisa negra debaixo de Memphis. Tenha cuidado com aquilo que evocar e cuidado com o menino. Daqui a um ano será o momento de convocar as legiões das profundas e então não haverá limites ao nosso poder. Confie no que eu digo, pois o senhor sabe que O. e eu tivemos esses 150 anos mais que o senhor para estudar tais assuntos.

Nephreu — Ka nai Hadoth Edw:H.

Para o Cavalheiro J. Curwen, Providence

Mas embora Willett e o senhor Ward não mostrassem essa carta aos psiquiatras, não deixaram de, em seguida, agir por conta própria. Não havia douto sofisma capaz de contestar o fato de que o estranho doutor Allen, com seus óculos e barba, de quem a desesperada carta de Charles falara como de uma ameaça tão monstruosa, mantinha uma íntima e sinistra correspondência com duas inexplicáveis criaturas que Ward havia visitado em suas viagens e que claramente afirmavam ser sobreviventes ou avatares dos velhos colegas de Curwen, em Salem. Que ele se considerava a reencarnação de Joseph Curwen e que cultivava — ou pelo menos havia sido aconselhado a cultivar — mortais desígnios contra um "menino" que não poderia ser senão Charles Ward. O Horror organizado estava agindo e, quem quer que o tivesse começado, o ausente Allen a esta altura estava na origem de tudo. Portanto, agradecendo aos céus por Charles agora estar a

salvo no hospital, o senhor Ward não perdeu tempo e contratou imediatamente detetives para que descobrissem tudo a respeito do misterioso doutor barbudo, se informassem de onde ele vinha e o que Pawtuxet sabia sobre ele, e se possível descobrissem seu atual paradeiro. Entregou-lhes uma das chaves do bangalô que eram de Charles e recomendou-lhes que explorassem o quarto vazio de Allen identificado quando haviam sido empacotados os pertences do paciente e colhessem todos os indícios possíveis dos objetos pessoais que ele porventura tivesse deixado por lá. O senhor Ward conversou com os detetives na antiga biblioteca do filho e eles se sentiram bastante aliviados quando por fim saíram do aposento sobre o qual parecia pairar um vago fluido diabólico. Talvez tivessem ouvido falar do abominável velho bruxo cujo quadro outrora espiava de cima do painel sobre a lareira, talvez fosse algo diferente e irrelevante; de qualquer maneira, todos eles sentiram um intangível miasma que emanava daquele vestígio entalhado de uma morada mais antiga e que chegava quase à intensidade de uma emanação material.

Capítulo Cinco

PESADELO E CATACLISMO

1

Logo em seguida deu-se a horrenda experiência que deixou uma marca indelével de terror na alma de Marinus Bicknell Willett e envelheceu de uma década a aparência de um homem cuja juventude já então andava muito distante. O doutor Willett conferenciou longamente com o senhor Ward e chegou a um consenso com ele em vários pontos que, na opinião de ambos, os psiquiatras achariam ridículos. Eles se davam conta de que existia no mundo um terrível movimento cuja ligação direta com uma necromancia mais antiga ainda do que as bruxarias de Salem era algo acima de qualquer dúvida. Que pelo menos dois homens vivos — e outro no qual não ousavam pensar — detinham o domínio absoluto de mentes ou personalidades que haviam existido já em 1690 ou mesmo antes, como estava quase inquestionavelmente comprovado, mesmo contra todas as leis naturais conhecidas. O que estas terríveis criaturas — bem como Charles Ward — estavam fazendo ou tentando fazer parecia bastante claro pelas suas cartas e por todo vislumbre de luz antigo e novo que filtrara sobre o caso. Eles estavam saqueando túmulos de todos os tempos, inclusive os dos maiores e mais sábios homens do mundo, na esperança de recuperar das vetustas cinzas algum vestígio da ciência e do saber que outrora os animara e informara.

Um tráfico hediondo desenrolava-se entre estes vampiros de pesadelo, e ossos ilustres eram barganhados com a atitude calculista e calma de meninos de escola trocando livros entre si; por aquilo que era possível arrancar dessa poeira secular anteviam-se um poder e uma sabedoria superiores a tudo o que o cosmos jamais vira concentrado num só homem ou grupo. Eles haviam encontrado meios blasfemos de manter vivos seus cérebros, no mesmo corpo ou em corpos diferentes, e, evidentemente, haviam descoberto uma maneira de extrair a consciência dos mortos que eles conseguiam obter. Aparentemente, existia um fundo de verdade no velho e quimérico Borellus, quando escreveu a respeito do modo de preparar, mesmo para os restos mais antigos, certos "sais

essenciais" dos quais era possível evocar a sombra de um ser há muito falecido. Havia uma fórmula para evocar essa sombra e outra para fazê-la voltar, e agora havia sido tão aperfeiçoada que podia ser ensinada com sucesso. Era preciso ter muito cuidado com essas evocações, pois as lápides das tumbas antigas nem sempre são precisas.

Willett e o senhor Ward estremeciam ao passar de conclusão em conclusão. As coisas — presenças ou vozes — podiam ser evocadas de lugares desconhecidos bem como do túmulo e nesse processo também era preciso ter muito cuidado. Joseph Curwen indubitavelmente evocara muitas coisas proibidas, e quanto a Charles — o que se podia pensar dele? Que forças "fora das esferas" haviam chegado a ele dos tempos de Joseph Curwen fazendo sua mente voltar-se para coisas esquecidas? Ele fora levado a descobrir certas instruções e as usara. Conversara com o homem do horror em Praga e vivera muito tempo com a criatura nas montanhas da Transilvânia. Por fim, encontrara o túmulo de Joseph Curwen. O artigo do jornal e aquilo que sua mãe ouvira aquela noite eram demasiado importantes para serem desprezados. Então ele chamara algo e este algo viera. Aquela voz possante nas alturas, na Sexta-feira Santa, e aqueles tons *diferentes* no laboratório da mansarda trancada—Arqueie assemelhavam com sua profundidade e cavernosidade? Não haveria neles um horrível prenúncio do temido estrangeiro, o doutor Allen, com seu tom baixo espectral? Sim, era *isso* que o senhor Ward havia percebido com um vago horror em sua única conversa com o homem pelo telefone — se é que se tratava de um homem.

Que consciência ou voz infernal, que mórbida sombra ou presença respondera aos secretos ritos de Charles Ward atrás daquela porta trancada? Aquelas vozes ouvidas numa discussão — "é preciso que fique vermelho três meses" — Bom Deus! Não. Aquilo acontecera pouco antes de começar a onda de vampirismo? O saque do antigo túmulo de Ezra Weeden e mais tarde os gritos em Pawtuxet — que mente planejara a vingança e redescobrira a sede das mais antigas blasfêmias, por todos evitada? E depois o bangalô e o estrangeiro barbudo, os boatos e o terror. A loucura final de Charles não podia ser explicada nem pelo pai nem pelo médico, mas eles tinham certeza de que a mente de Joseph Curwen voltara novamente à terra e estava seguindo suas antigas tendências mórbidas. A possessão demoníaca era realmente uma possibilidade? Allen tinha algo a

ver com isso e os detetives tinham de descobrir mais a respeito de um indivíduo cuja existência ameaçava a vida do jovem. Enquanto isso, como a existência de alguma enorme cripta debaixo do bangalô parecia praticamente indiscutível, era preciso fazer alguma tentativa de encontrá-la. Willett e o senhor Ward, conscientes da atitude cética dos psiquiatras, resolveram durante sua conferência final empreender uma exploração conjunta de uma minúcia sem igual e combinaram encontrar-se no bangalô na manhã seguinte com valises, instrumentos e material adequados à pesquisa arquitetônica e à exploração subterrânea.

A manhã do dia 6 de abril surgiu clara e ambos os exploradores estavam no bangalô às dez horas. O senhor Ward tinha a chave, entraram e realizaram uma busca rápida. Pela desordem do quarto do doutor Allen era óbvio que os detetives já haviam estado lá, e os novos exploradores esperaram que tivessem encontrado algum indício valioso. Evidentemente, o negócio principal ficava no porão; portanto, desceram sem muita demora, percorrendo de novo o trajeto que cada um deles havia feito anteriormente na presença do jovem e maníaco proprietário. Por algum tempo sentiram-se frustrados, cada polegada do chão de terra e das paredes de pedra tinha um aspecto tão sólido e inócuo que era impossível imaginar uma abertura escancarada. Willett refletiu que como o porão original fora escavado sem que se soubesse da existência de uma catacumba debaixo dele, o início da passagem seria justamente a escavação recente do jovem Ward e seus sócios, à procura do antigo subterrâneo cuja existência lhes poderia ter sido revelada por meios não-normais.

O médico tentou colocar-se no lugar de Charles para entender como um explorador começaria, mas não conseguiu obter muita inspiração com este método. Então, decidiu optar por aquele da eliminação e percorreu cuidadosamente toda a superfície subterrânea, vertical e horizontal, tentando estudar cada polegada separadamente. Logo restringiu substancialmente sua área de interesse e por fim só restava a pequena plataforma diante da tina de lavar roupa, que ele já havia experimentado. Tentando agora de todos os modos possíveis, e aplicando força redobrada, finalmente descobriu que a tampa de fato girava e deslizava horizontalmente sobre um eixo no canto. Debaixo dela havia uma superfície lisa de concreto com uma tampa de ferro, para a qual o senhor Ward se dirigiu imediatamente, excitado em seu zelo. A tampa

não era difícil de levantar e o pai a havia quase removido quando Willett notou que seu aspecto ficara estranho. Ele vacilava e agitava a cabeça atordoado e, na lufada de ar pestilento que saiu do poço negro lá em baixo, o médico logo descobriu a causa.

Num instante, o doutor Willett deitou no chão o companheiro que desmaiara e o ajudou a voltar a si com água fria. O senhor Ward reagiu fracamente, mas percebia-se que a lufada de ar mefítico da cripta de alguma forma o deixara num profundo mal-estar. Ansioso por não correr riscos, Willett saiu apressadamente em busca de um táxi em Broad Street e logo despachou o doente para casa, apesar de seus fracos protestos; depois, pegou uma lanterna a pilha, cobriu o nariz com uma bandagem de gaze esterilizada e desceu mais uma vez para espiar as profundezas recém-descobertas. O ar empestado diminuíra ligeiramente e Willett pôde vasculhar com sua lanterna o abismo infernal. Observou que havia uma queda exatamente cilíndrica de cerca de três metros e meio, com paredes de concreto e uma escada de ferro; depois disso, o buraco parecia dar num lance de antigos degraus de pedra, originalmente, devia emergir um pouco ao sul do edifício atual.

Willett admite francamente que por um instante a lembrança das velhas lendas sobre Curwen o impediu de descer sozinho na voragem malcheirosa. Não podia deixar de pensar naquilo que Luke Fenner contara a respeito da última noite monstruosa. Então, o dever predominou e ele se decidiu, carregando urna grande valise para levar algum papel que se revelasse de suprema importância. Lentamente, como convinha a uma pessoa de sua idade, desceu a escada e alcançou os degraus limosos em baixo. Era uma construção antiga, de tijolos, conforme a lanterna desvendava, e, sobre as paredes gotej antes, viu o musgo doentio dos séculos. Os degraus desciam, desciam, não em espiral, mas em três abruptas curvas, e eram tão estreitos que dois homens passariam com dificuldade. Contara cerca de trinta quando ouviu um som muito fraco e depois disso não teve mais disposição para contar.

Era um som perverso; o som daqueles insidiosos e graves ultrajes da natureza que não deveriam existir. Chamar aquilo um gemido surdo, um queixume prolongado fatal ou um uivo desesperado de uma angústia coral e uma carne aflita sem cérebro não definiria sua repugnância essencial e seu tom aterrorizante. Seria isso que Ward

parecia ouvir naquele dia em que foi internado? Era a coisa mais chocante que Willett jamais ouvira e continuava de um ponto indeterminado enquanto o médico chegava ao fim dos degraus e movia a luz da lanterna à sua volta sobre as elevadas paredes do corredor encimadas por abóbadas ciclópicas e recortadas por inúmeros arcos negros. Õ saguão no qual ele se encontrava talvez tivesse mais de quatro metros de altura no centro da abóbada e mais de três metros de largura. Seu assoalho era formado de largas lajes entrecortadas e suas paredes e teto eram de tijolos lisos. Não poderia imaginar seu comprimento, pois estendia-se adiante indefinidamente na escuridão. Alguns dos arcos tinham portas do antigo tipo colonial de seis painéis, enquanto outros não.

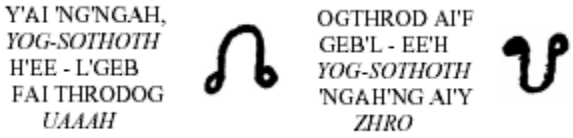
Vencendo o horror provocado pelo cheiro e pêlos uivos, Willett começou a explorar esses arcos um por um; encontrou atrás deles cômodos com tetos de pedra com nervuras, cada um de tamanho médio e aparentemente reservados para usos bizarros; a maioria deles tinha lareira, sendo que a parte superior das chaminés poderia permitir um interessante estudo de engenharia. Jamais ele vira, ou viu depois disso, tais instrumentos ou sugestões de instrumentos que apareciam aqui por todos os lados entre o pó e as teias de aranha de um século e meio, em muitos casos evidentemente estilhaçados, quem sabe pêlos antigos invasores. Muitos dos cômodos pareciam não ter sido visitados em tempos recentes e deviam representar as primeiras e mais ultrapassadas fases das experiências de Joseph Curwen. Finalmente, apareceu um quarto obviamente moderno, ou pelo menos de ocupação recente. Havia fogareiros, prateleiras e mesas, cadeiras e gabinetes, e uma escrivaninha com enormes pilhas de papéis de variados graus de antiguidade e contemporâneos. Castiçais e lampiões espalhavam-se por vários lugares e, encontrando à mão uma caixa de fósforos, Willett acendeu todos os que estavam prontos para o uso.

Na luminosidade agora mais plena via-se que esse apartamento não era senão o último estúdio ou biblioteca de Charles Ward. O médico havia visto muitos daqueles livros antes e boa parte da mobília viera claramente da mansão de Prospect Street. Aqui e ali havia uma peça bem conhecida para Willett e a sensação de familiaridade se tomou tão grande que quase esqueceu o cheiro nauseabundo e os uivos, ambos mais fracos aqui do que ao pé dos degraus. Seu primeiro dever, como havia longamente

planejado, era descobrir e recolher todos os papéis que fossem considerados de importância vital, principalmente aqueles monstruosos documentos encontrados por Charles há tanto tempo, atrás do quadro em Olney Court. Enquanto procurava deu-se conta de que espantosa tarefa seria decifrar todo o mistério; pois cada arquivo estava repleto de papéis em curiosas caligrafias e com desenhos curiosos, de modo que meses ou talvez mesmo anos seriam necessários para uma decifração e compilação completa. Em certo momento, descobriu grandes pacotes de cartas com selos de Praga e Rakus numa caligrafia claramente reconhecível como de Orne e Hutchinson; tudo isso ele carregou consigo junto com as coisas a serem levadas na valise. Por fim, num gabinete de mogno trancado a chave, que outrora adornava a casa de Ward, Willett descobriu o lote de velhos papéis de Curwen, reconhecendo-os graças ao olhar relutante que Charles lhe permitira tantos anos antes. O jovem evidentemente os havia conservado juntos da mesma maneira como estavam quando os descobrira, pois todos os títulos lembrados pêlos operários estavam lá, com exceção dos papéis endereçados a Orne e Hutchinson e o código com sua explicação. Willett colocou todo o lote em sua mala e continuou a examinar os arquivos. Como a doença imediata do jovem Ward era a principal questão em jogo, a pesquisa mais cuidadosa foi realizada entre o material mais obviamente recente, e nessa abundância de manuscritos contemporâneos observou uma curiosidade desconcertante. Essa singularidade era a limitada quantidade de coisas escritas na caligrafia normal de Charles, entre as quais indubitavelmente não havia nada mais recente do que dois meses antes. Por outro lado, havia literalmente resmas e resmas de símbolos e fórmulas, apontamentos históricos e comentários filosóficos, numa caligrafia intrincada absolutamente idêntica à escritura antiga de Joseph Curwen, embora inegavelmente com datas modernas. Era evidente que uma parte do programa dos últimos dias havia sido uma diligente imitação da caligrafia do velho bruxo, em que Charles parecia ter conseguido uma perfeição maravilhosa. De uma terceira caligrafia, que deveria pertencer a Allen, não havia traços. Se de fato ele havia se tornado o chefe, devia ter obrigado o jovem Ward a servir-lhe de amanuense.

Nesse novo material, uma fórmula mística, ou melhor, duas fórmulas apareciam com tanta freqüência que Willett a decorou antes de chegar à metade de sua investigação. Consistia em duas colunas paralelas,

a da esquerda encimada pelo símbolo arcaico chamado "Cabeça do Dragão" e usado em almanaques para indicar o nó ascendente, e a da direita encimada por um sinal correspondente, o da "Cauda do Dragão", ou nó descendente. O aspecto da fórmula era algo semelhante ao que está reproduzido abaixo e quase inconscientemente o doutor percebeu que a segunda metade não era senão a primeira escrita com as sílabas invertidas, com exceção dos últimos monossílabos e do estranho nome *Yog-Sothoth,* que ele aprendera a reconhecer em várias ortografias por outras coisas que havia visto relacionadas a esse horrível assunto. As fórmulas eram as seguintes — *exatamente*



como Willett pôde testemunhar abundantemente — e a primeira despertou uma curiosa sensação de lembrança desconfortável e latente em sua mente, que reconheceu mais tarde ao rever os eventos daquela horrível Sexta-Feira Santa do ano anterior. Eram tão obsedantes as fórmulas e ele as encontrou tantas vezes que, antes de se dar conta, o médico as estava repetindo em voz baixa. A certa altura, achando que tinha apanhado todos os papéis de interesse que poderia digerir no momento, resolveu não examinar mais nada até que pudesse trazer os céticos psiquiatras *en masse* para uma ampla e mais sistemática incursão. Ainda precisava encontrar o laboratório oculto, assim, deixando a valise na sala iluminada, voltou a penetrar no negro corredor fétido cujas abóbadas ressoavam incessantemente com aquele gemido surdo e horrendo.

Os poucos cômodos seguintes em que entrou estavam todos abandonados ou cheios apenas de caixas semidestruídas e caixões de chumbo de aspecto sinistro, mas que o impressionaram profundamente com a magnitude das operações originais de Joseph Curwen. Pensou nos escravos e marujos desaparecidos, nos túmulos violados em todos os cantos do mundo e naquilo que o grupo da invasão final provavelmente

viu; e então decidiu que era melhor não pensar mais. A certa altura, uma grande escadaria de pedra subia à sua direita e deduziu que deveria conduzir a um dos edifícios de Curwen — talvez o famoso edifício de pedra com as altas janelas semelhantes a fendas — se os degraus que ele subira iniciassem na casa da fazenda de teto muito inclinado. De repente, as paredes pareceram desaparecer de vista mais à frente e o fedor e os gemidos se tornaram mais fortes. Willett notou que chegara a um amplo espaço aberto, tão grande que a luz de sua lanterna não alcançava o outro lado, e à medida que avançava descobria pilares aqui e ali sustentando os arcos do teto.

Depois de algum tempo, chegou a um círculo de pilares agrupados como os monolitos de Stonehenge e um imenso altar esculpido sobre uma base de três degraus no centro; as esculturas daquele altar eram tão curiosas que ele se aproximou para examiná-las com a lanterna, mas quando viu o que representavam recuou estremecendo e não parou para investigar as marcas escuras que borravam a superfície superior e haviam se espalhado pêlos lados em filetes aqui e ali. Em vez disso, chegou até a parede distante e a percorreu enquanto ela se abria num círculo gigantesco perfurado por negras portas esparsas que davam numa miríade de celas pouco profundas, com grades de ferro e argolas para pulsos e tornozelos presas a correntes fixadas à pedra da parede de tijolos do fundo. Essas celas estavam vazias, mas o horrível cheiro e os gemidos lúgubres persistiam, agora mais insistentes do que nunca, e, ao que parecia, variavam às vezes com uma espécie de baques e escorregões.

2

A atenção de Willett já não conseguia se desviar do cheiro assustador e do ruído horrível. Ambos eram mais nítidos e mais horrendos no grande saguão de pilares do que em qualquer outro lugar e davam a vaga impressão de virem de baixo, mais abaixo ainda do que esse profundo e negro mundo de mistérios subterrâneos. Antes de tentar procurar em algumas das escuras arcadas os degraus que o levariam ainda mais para baixo, o médico dirigiu o jato de luz sobre o chão de pedras perfuradas. Era pavimentado de modo muito desconexo e a intervalos

irregulares notava-se uma laje curiosamente perfurada com pequenos orifícios dispostos ao acaso; num lugar havia uma escada de madeira muito comprida jogada no chão. Curiosamente, a esta escada parecia aderir uma boa parte do cheiro assustador que impregnava tudo. Enquanto Willett se movia lentamente pelo local, de repente se deu conta de que tanto o ruído quanto o odor pareciam mais fortes diretamente em cima das lajes com as curiosas perfurações, como toscos alçapões levando a alguma região de horror ainda mais profunda. Ajoelhando-se ao lado de uma delas, tentou levantá-la com as mãos e verificou que conseguia fazê-la mover com extrema dificuldade. Com isso, o gemido lá em baixo ficou mais forte e com uma agitação enorme o médico continuou a erguer a pesada pedra. Um fedor indizível subia agora das profundezas e a cabeça de Willett começou a rodar vertiginosamente enquanto apoiava a laje para trás e iluminava com a lanterna o negro espaço quadrado que acabava de escancarar.

Se esperava um lance de escada conduzindo a algum imenso abismo de abominação total, Willett estava destinado a se desapontar, pois entre o fedor e os gemidos entrecortados enxergou apenas o topo revestido de tijolos de um poço cilíndrico de aproximadamente um metro e meio de diâmetro, sem qualquer escada ou outros meios para a descida. Enquanto a luz iluminava lá em baixo, os gemidos se tornaram de repente uma série de uivos horríveis junto com os quais vinha de novo aquele ruído de movimentos desordenados e inúteis e surdos baques e escorregões. O explorador tremeu, recusando-se inclusive a imaginar que coisa horrorosa poderia aguardar no abismo; mas logo encontrou a coragem de espiar pela beirada toscamente recortada, deitado no chão e segurando a lanterna com o braço esticado para ver o que poderia existir lá em baixo. Por um segundo, não conseguiu distinguir nada, com exceção das paredes verdes e escorregadias de limo que mergulhavam sem fim num miasma quase material de negridão, fedor e desesperado frenesi; então viu alguma coisa escura pulando de modo desajeitado e frenético, para cima e para baixo, no fundo da estreita abertura que ficava talvez a sete ou oito metros abaixo do chão de pedra sobre o qual ele estava deitado. A lanterna tremeu em sua mão, mas ele olhou de novo para ver que espécie de ser vivente estaria murado na escuridão daquele poço construído pelo homem e havia sido deixado morrer de inanição pelo jovem Ward por um mês inteiro desde que os médicos o haviam levado,

evidentemente apenas um de um grande número de outros trancados em poços semelhantes cujas tampas de pedra perfurada eram tão freqüentes no chão da grande caverna abobadada. O que quer que fossem essas coisas, não podiam ficar deitadas em seus cubículos apertados, mas apenas gemer e esperar, pulando fracamente por todas aquelas horríveis semanas desde que seu dono as abandonara e negligenciara.

Mas Marinus Bicknell Willett arrependeu-se de olhar de novo, pois, embora fosse cirurgião e veterano da sala de dissecação, não foi mais o mesmo a partir daquele momento. É difícil explicar como a simples visão de um objeto concreto de dimensões mensuráveis poderia de tal modo abalar e mudar um homem; podemos apenas dizer que certas figuras e entidades possuem um poder de simbolismo e sugestão que agem de maneira assustadora sobre a visão de um pensador sensível e sussurram terríveis sugestões de obscuras relações cósmicas e realidades indescritíveis por trás das protetoras ilusões da visão comum. Naquela segunda olhada, Willett viu essa criatura ou entidade e nos instantes seguintes, sem sombra de dúvida, enlouquecera como qualquer paciente da clínica privada do doutor Waite. Deixou cair a lanterna da mão, da qual sumira toda força muscular ou coordenação nervosa, tampouco se preocupou com o barulho de dentes trincando algo, indicando o destino daquela no fundo do poço. Ele gritou, gritou e gritou ainda numa voz cujo falsete provocado pelo pânico nenhum amigo seu jamais reconheceria, e, não conseguindo erguer-se sobre os pés, arrastou-se e rolou desesperadamente para longe sobre o chão úmido onde dezenas de poços infernais deixavam escapar gemidos e uivos extenuados em resposta aos seus gritos insanos. Esfolou as mãos sobre as pedras desconexas e ásperas e várias vezes machucou a cabeça contra os numerosos pilares, mas mesmo assim continuou. Então, finalmente, aos poucos voltou a si em meio à escuridão total e ao fedor, e tapou os ouvidos para não ouvir os gemidos surdos em que se transformara a explosão de uivos. Estava banhado em suor e, sem ter como fazer luz, debilitado *e* esgotado naquela negritude e naqueles horrores abissais, esmagado por uma lembrança que jamais poderia apagar. Debaixo dele, dezenas daquelas coisas ainda viviam e a tampa de um dos poços estava levantada. Sabia que o que ele vira jamais conseguiria subir pelas paredes escorregadias, no entanto, estremecia à idéia de que pudesse existir algum ponto de apoio oculto.

Não conseguia compreender o que era aquele ser. Parecia-se com algumas das coisas esculpidas no altar infernal, mas ainda estava viva. A natureza jamais a fizera com aquela forma, pois era demasiado evidente que estava *inacabada. As* suas deficiências eram as mais surpreendentes e as anomalias de suas proporções indescritíveis. Willett arrisca apenas dizer que esse tipo de coisa devia representar entidades que Ward evocara de *sais imperfeitos e* que conservava com propósitos servis ou rituais. Se não tivesse alguma importância, sua imagem não teria sido gravada naquela maldita pedra. Não era a pior coisa representada na pedra — mas Willett jamais abriu os outros poços. Naquele momento, a primeira idéia que ocorreu à sua mente foi um parágrafo de algumas das anotações do velho Curwen que ele havia analisado muito tempo antes, uma frase usada por Simon ou Jedediah Orne na impressionante carta apreendida, endereçada ao falecido feiticeiro:

"Com certeza, não havia senão o mais vivo horror naquilo que H. evocou daquilo que havia conseguido apenas em parte".

Então, para aumentar o horror da imagem em vez de afastá-la, surgiu a lembrança dos antigos e persistentes boatos sobre a coisa queimada e retorcida que fora encontrada nos campos uma semana após a incursão na fazenda de Curwen. Charles Ward certa vez contara ao médico o que o velho Slocum falara a respeito daquilo: que não era totalmente humana, nem se assemelhava a qualquer animal que o povo de Pawtuxet jamais tivesse visto ou a cujo respeito tivesse lido.

Essas palavras soavam na cabeça do doutor enquanto ele se agitava de lá para cá, agachado no chão salitroso de pedra. Tentou afastá-las e repetiu mentalmente o Padre-Nosso e este acabou se emendando a uma cantilena mnemônica como o moderno "Wates Land" de T.S. Eliot e enfim voltou à dupla fórmula mencionada tão frequentemente, que encontrara na biblioteca subterrânea de Ward: *Y'ai 'ng'ngah, Yog- Sothoth'* e assim por diante, até o *"Zhro"* final, sublinhado. Parecia acalmá-lo e, cambaleando, depois de algum tempo, ficou de pé; lamentando amargamente a perda da lanterna pelo horror, procurou com desespero à sua volta algum clarão de luz na pegajosa escuridão negra como tinta daquele ar gélido. Não conseguia pensar, mas procurou com os olhos em todas as direções em busca de um fraco vislumbre ou do reflexo da brilhante iluminação que deixara na biblioteca. Após alguns momentos

pensou ter captado uma tênue luminosidade a uma distância infinita e nessa direção foi se arrastando com um cuidado angustiante sobre as mão se os joelhos, entre o fedor e os uivos, sempre tateando à sua frente para não esbarrar nos inúmeros e enormes pilares ou mergulhar no poço abominável que havia destampado.

Em certo momento, seus dedos trêmulos tocaram algo que sabia serem os degraus do altar diabólico e afastou-se com repugnância desse local. Mais tarde, encontrou a laje perfurada que havia removido e aqui seu cuidado se tornou quase patético. Mas o fato de esbarrar na horrenda abertura não o fez parar. Aquilo que havia lá em baixo não produzia nenhum som nem se mexia. Evidentemente, mastigar a lanterna que caíra não havia sido bom para ele. Cada vez que os dedos de Willett apalpavam uma laje perfurada, ele estremecia. Sua passagem sobre a laje às vezes aumentava os gemidos em baixo, mas em geral não produzia nenhum efeito, pois seus movimentos não faziam qualquer barulho. Em vários momentos durante sua busca, o brilho à sua frente diminuiu perceptivelmente e ele se deu conta de que as velas e lampiões que havia deixado iam se apagando, um a um. A idéia de estar perdido na escuridão total, sem fósforos, nesse mundo subterrâneo de pesadelo com seus labirintos, impeliu-o a ficar de pé e correr, o que podia fazer sem perigo agora que havia passado o poço aberto, pois sabia que se a luz apagasse, a única esperança de se salvar e de sobreviver estaria na hipótese de o senhor Ward enviar um grupo em seu socorro, algum tempo após seu desaparecimento. No entanto, conseguiu sair do espaço aberto penetrando no corredor estreito e localizar definitivamente o brilho que vinha de uma porta à sua direita. Num instante alcançou-o e encontrou-se mais uma vez na biblioteca secreta do jovem Ward, e, tremendo aliviado, observou o extinguir-se do último lampião que o havia trazido para a salvação.

3

Em seguida, encheu os lampiões vazios com uma reserva de querosene que havia notado anteriormente e, quando a sala ficou de novo iluminada, olhou à sua volta para ver se encontraria uma outra lanterna que lhe permitisse uma ulterior exploração. Pois, embora aflito pelo horror, seu propósito inabalável era maior do que tudo e ele estava

firmemente determinado a tentar qualquer coisa em sua busca dos fatos hediondos responsáveis pela bizarra loucura de Charles Ward. Não conseguindo encontrar uma lanterna, escolheu o menor dos lampiões para carregar consigo. Encheu também os bolsos de velas e fósforos e levou um galão de querosene com a intenção de guardá-lo como reserva no laboratório oculto que porventura viesse a descobrir do outro lado do terrível espaço aberto com o altar manchado e inomináveis fossas cobertas. Atravessar de novo aquele espaço exigiria sua total fortaleza de espírito, mas sabia que aquilo tinha de ser feito. Felizmente, nem o altar apavorante nem a laje aberta estavam perto da vasta parede com os buracos das celas que circundava a área da caverna e cujas misteriosas abóbadas negras constituíam os próximos alvos de uma busca lógica.

Assim, Willett voltou para o grande saguão cheio de pilares, em meio ao fedor e aos uivos angustiantes, baixou a chama dos lampiões para evitar qualquer vislumbre longínquo do altar infernal ou do poço descoberto com a laje de pedra perfurada virada ao seu lado. A maioria das passagens levava apenas a pequenos cômodos, alguns vazios, outros evidentemente usados como depósitos e, em vários destes, viu curiosas pilhas de objetos diversos. Um estava repleto de trouxas de roupas podres e cobertas de pó e o explorador estremeceu ao se dar conta de que se tratava inconfundivelmente de vestimentas de um século e meio antes. Em outro cômodo, encontrou numerosas peças de vestuário moderno, co mo se aos poucos estivessem sendo feitas provisões para equipar um vasto contingente de homens. Mas o que mais o desagradou foram as enormes bacias de cobre espalhadas aqui e ali; estas e as sinistras incrustações que havia sobre elas. Desagradaram-lhe ainda mais que as tigelas de chumbo com figuras fantasmagóricas, cujos restos continham depósitos tão asquerosos e em torno das quais pairavam os repelentes odores perceptíveis mesmo sobre o fedor geral da cripta. Quando completou quase metade da circunferência da parede, descobriu outro corredor como aquele do qual viera, em que se abriam várias portas.

Começou a inspecioná-lo e, depois de entrar em três cômodos de dimensões médias cujo conteúdo não tinha especial importância, chegou finalmente a um amplo apartamento oblongo cujos tanques e mesas, fornalhas e instrumentos modernos, livros ocasionais e inumeráveis prateleiras com jarros e garrafas de aspecto muito eficiente afirmavam

sem sombra de dúvida tratar-se do há muito procurado laboratório de Charles Ward — e, antes dele, indubitavelmente do velho Joseph Curwen.

Após acender os três lampiões que encontrara já cheios e prontos, o doutor Willett examinou o local e todos os seus acessórios com a mais ávida curiosidade, observando, pelas quantidades relativas dos vários reagentes nas prateleiras, que o interesse dominante do jovem Ward devia ter sido algum campo da química orgânica. Ao todo, pouco se podia depreender da aparelhagem científica, que incluía uma mesa de dissecação de aspecto macabro, de modo que o cômodo em realidade o desapontou. Entre os livros havia um antigo exemplar em frangalhos de Borellus em letras góticas e foi fantasticamente interessante observar que Ward havia sublinhado o mesmo trecho que tanto perturbara o bom senhor Merritt na casas da fazenda de Curwen, há mais de um século e meio. A cópia mais antiga, evidentemente, devia ter perecido junto com o restante da oculta biblioteca de Curwen na incursão final. Três passagens em arco abriam-se fora do laboratório e o médico procedeu à sua exploração, uma por uma. Em sua rápida pesquisa, viu que duas conduziam simplesmente a pequenos depósitos que ele examinou com cuidado, notando as pilhas de caixões em vários estágios de ruína, e estremeceu violentamente quando conseguiu decifrar duas ou três das poucas placas sobre os caixões. Nesses cômodos havia também muita roupa armazenada e várias caixas novas e cuidadosamente pregadas que não se deteve para examinar. O mais interessante, talvez, eram alguns objetos esparsos que julgou serem fragmentos dos instrumentos de laboratório do velho Joseph Curwen. Haviam sido danificados pelas mãos dos invasores, mas ainda eram em parte reconhecíveis como a parafernália química do período georgiano.

A terceira passagem levava a uma sala de bom tamanho, totalmente revestida de prateleiras e tendo ao centro uma mesa com dois lampiões. Willett os acendeu e à sua luz brilhante examinou as intermináveis prateleiras que se estendiam à sua volta. Alguns dos níveis superiores estavam totalmente vazios, mas a maior parte do espaço estava preenchida por pequenos jarros de chumbo de formato estranho e de dois tipos: um alto e sem asas como *lekythoi* gregos ou jarros de óleo, e o outro com uma única asa e proporcional, como um jarro de Faleros. Todos tinham tampas de metal e estavam cobertos de símbolos de aspecto

peculiar, em baixo-relevo. Num instante o médico observou que estes jarros estavam classificados com extremo rigor; todos os *lekythoi* ficavam num lado da sala com uma grande tabuleta de madeira em cima com a palavra "Custodes", e todos os jarros de Faleros do outro, igualmente rotulados com uma tabuleta dizendo "Matéria". Cada um dos vasos ou jarros, exceto alguns sobre as prateleiras de cima que estavam vazios, tinham uma placa de papelão com um número que aparentemente se referia a um catálogo, e Willett resolveu procurá-lo. Por enquanto, porém, estava mais interessado na natureza dos objetos expostos em geral, e abriu, a título de experiência, vários *lekythoi* e Faleros ao acaso, tentando formar uma idéia geral. O resultado era invariável. Ambos os tipos de jarros continham uma pequena quantidade de uma única espécie de substância; um fino pó seco muito leve e de variadas nuanças de cor neutra e opaca. Não existia um método aparente na disposição das cores, o único elemento de variação, nem uma aparente distinção entre o conteúdo dos *lekythoi* e o dos Faleros. Um pó cinza-azulado estava ao lado de um pó branco-rosado e qualquer um dos que estavam nos Faleros podia ter sua exata contrapartida num *lekythos*. A característica mais peculiar dos pós era o fato de não serem aderentes. Willett despejou um na mão e, ao colocá-lo de volta em seu jarro, constatou que não permanecia nenhum resíduo na palma.

O significado das duas tabuletas o intrigava e ficou imaginando por que essa bateria de substâncias químicas estava separada tão radicalmente daquelas nos jarros de vidro sobre as prateleiras do laboratório. "Custodes" e "Matéria"; em latim significavam "Guardas" e "Matéria", respectivamente — e então, num lampejo de memória, lembrou onde havia visto a palavra "Guardas" antes, relacionada a este terrível mistério. Evidentemente, fora na recente carta endereçada ao doutor Allen supostamente pelo velho Edward Hutchinson, e a frase dizia: "Não havia necessidade de manter os guardas em forma comendo em demasia, com isto muitas coisas poderiam ser descobertas em caso de problema, como o senhor muito bem sabe". O que significava isto? Mas, um momento — não havia *outra* referência a "guardas" de que esquecera totalmente ao ler a carta de Hutchinson? Na época em que ainda não fazia tanto mistério, Ward falara-lhe a respeito do diário de Eleazer Smith, contando que Smith e Weeden espionavam a fazenda Curwen e naquela horrível crônica eram mencionadas conversas ouvidas antes

que o velho bruxo se recolhesse totalmente debaixo da terra. Smith e Weeden insistiam que havia terríveis diálogos em que figuravam Curwen, alguns prisioneiros seus e os guardas desses prisioneiros. Esses guardas, segundo Hutchinson, ou seu avatar, "comiam demais", de modo que agora o doutor Allen não os mantinha mais *em forma.* E se não *em forma,* como senão nos "sais" nos quais parece que esse bando de bruxos tentava reduzir todos os corpos ou esqueletos humanos que podia?

Portanto, era isso que os *lekythoi* continham; o monstruoso fruto de rituais e ações iníquas, presumivelmente vencidos ou intimidados até cederem a esta submissão para ajudar quando evocados por alguma magia infernal, em defesa de seu blasfemo mestre ou nos interrogatórios daqueles que não estavam dispostos a ceder? Willett estremeceu à idéia daquilo que despejara em suas mãos e, por um instante, sentiu o impulso de sair correndo em pânico da caverna com suas horrendas prateleiras e suas silenciosas e quem sabe atentas sentinelas. Então pensou na "Matéria" — na miríade de jarros de Faleros do outro lado do cômodo. Sais também — e se não eram os dos "guardas", então os sais do quê? Meu Deus! Seria possível que aí se encontrassem os sais mortais de metade dos grandes pensadores de todas as eras; roubados por supremos vampiros das criptas onde o mundo os julgava em segurança, obedientes ao sinal de loucos que buscavam arrancar sua sabedoria por alguma finalidade ainda mais desvairada cuja conseqüência última afetaria, como o pobre Charles mencionara em seu bilhete desesperado, "toda a civilização, toda lei natural, quem sabe mesmo o destino do sistema solar e do universo"? E Marinus Bicknell Willett deixara escorrer seu pó em suas mãos!

Então observou urna pequena porta na extremidade do cômodo e, acalmando-se, aproximou-se dela examinando a tosca inscrição esculpida sobre ela. Era apenas um símbolo, mas encheu seu coração de um vago terror; pois, certa ocasião, um amigo seu, mórbido sonhador, o desenhara sobre um pedaço de papel e dissera-lhe alguns dos seus significados no negro abismo do sono. Era o símbolo de Koth, que os sonhadores vêem fixado sobre o arco de urna torre negra que se ergue sozinha no crepúsculo — e Willett não gostara do que o amigo Randolph Carter lhe contara a respeito de seus poderes. Mas um segundo mais tarde ele havia esquecido o símbolo ao sentir um novo odor acre no ar fétido. Era um

cheiro químico e não um cheiro animal, e vinha diretamente do cômodo atrás da porta. Inconfundivelmente, era o mesmo cheiro que saturava as roupas de Charles Ward no dia em que os médicos o haviam levado. Então era aqui que o jovem havia sido interrompido pela intimação final? Ele fora mais sábio do que o velho Joseph Curwen, pois não resistira. Willett, corajosamente determinado a penetrar em todos os mistérios e pesadelos que esse reino subterrâneo pudesse conter, agarrou o pequeno lampião e cruzou o limiar. Uma onda de terror indizível o envolveu, mas ele não cedeu e não condescendeu a nenhuma sensação. Não havia nada de vivo aqui que pudesse fazer-lhe algum mal e nada o impediria de penetrar a nuvem tenebrosa que tragara seu paciente.

O cômodo além da porta era de dimensões médias e não tinha mobília, com exceção de uma mesa, uma única cadeira e dois grupos de curiosas máquinas com braçadeiras e rodas que Willett reconheceu após um instante como instrumentos medievais de tortura. De um lado da porta havia um suporte para chibatas bárbaras, acima do qual havia algumas prateleiras com fileiras vazias de taças rasas de estanho providas de pé do formato de *kylíkes* gregos. Do outro lado estava a mesa, com uma potente lâmpada de Argand, uma prancheta e um lápis e dois *lekythoi* tampados semelhantes aos das prateleiras do outro cômodo, espalhados, como se deixados temporariamente ou às pressas. Willett acendeu o lampião e olhou com cuidado a prancheta para ver que anotações o jovem Ward teria rabiscado rapidamente quando fora interrompido; mas não descobriu nada mais inteligível do que os seguintes fragmentos desconexos na caligrafia rabiscada de Curwen, que não esclareciam em absoluto o caso:

"B. não feito. Fugiu dentro das paredes e encontrou lugar lá em baixo."

"Vi o velho V. dizer o Sabaoth e aprendi o caminho."

"Evoquei três vezes *Yog- Sabaoth* e no dia seguinte fui libertado."

"F. tentou apagar todo conhecimento para evocar os de fora."

Enquanto a forte lâmpada de Argand iluminava todo o cômodo, o médico viu que a parede oposta à porta, entre os dois grupos de instrumentos de tortura nos cantos, estava coberta de ganchos dos quais estavam penduradas vestimentas disformes de um branco amarelado um

tanto lúgubre. Mas muito mais interessantes eram as duas paredes vazias, ambas profusamente cobertas de símbolos e fórmulas grosseiramente gravadas na pedra lisa. O chão úmido também trazia marcas gravadas; mas com pouca dificuldade Willett decifrou um grande pentagrama no centro, com um círculo simples de cerca de três pés de largura, entre este e cada um dos outros cantos. Num desses quatro círculos, perto do qual uma veste amarelada havia sido atirada descuidadamente ao chão, havia um *kylix* raso do mesmo tipo encontrado nas prateleiras em cima do suporte das chibatas, e imediatamente fora da periferia havia um jarro de Faleros das prateleiras do outro cômodo e seu cartão tinha o número 118. Este não tinha tampa e, ao examiná-lo, constatou que estava vazio; mas o explorador viu com um arrepio que o *kylix* não estava. Em sua concavidade rasa, e impedido de se espalhar unicamente pela ausência de vento nessa caverna isolada, havia uma pequena quantidade de pó seco, verde-opaco florescente, que devia pertencer ao jarro; e Willett quase cambaleou ao atinar de repente com as implicações, enquanto pouco a pouco relacionava os vários elementos e os antecedentes da cena. As chibatas e os instrumentos de tortura, o pó e os sais do jarro da "Matéria", os dois *lekythoi* da prateleira dos "Custodes", as roupas, as fórmulas nas paredes, as anotações sobre a prancheta, as indicações contidas nas cartas e lendas e as milhares de vagas sugestões, dúvidas e suposições que atormentavam os amigos e pais de Charles Ward — tudo isto tragava o médico como uma onda de horror enquanto ele olhava o esverdeado pó seco espalhado no *kylix* de chumbo de pé alto sobre o chão.

No entanto, com algum esforço, Willett se recompôs e começou a examinar as fórmulas gravadas nas paredes. Pelas letras manchadas e cheias de incrustações era óbvio que haviam sido gravadas na época de Joseph Curwen, e o texto era vagamente familiar a alguém que havia lido tanto material sobre Curwen ou mergulhado intensamente na história da magia. Uma fórmula o médico reconheceu claramente como sendo aquela que a senhora Ward ouvira o filho recitar naquela nefanda Sexta-Feira Santa um ano antes e que um especialista dissera tratar-se de uma terrível invocação aos deuses secretos fora das esferas normais. Aqui não estava grafada exatamente como a senhora Ward a repetira de memória, tampouco como o especialista a mostrara a ele nas páginas proibidas de "Eliphas Levi", mas sua identidade era inconfundível e palavras como *Sabaoth, Metraton, Almonsin* e *Zariatnatmik* provocaram um arrepio de

medo no explorador que havia visto e experimentado tanta abominação cósmica nas imediações do lugar.

Esta se encontrava na parede à esquerda de quem entrava. A parede à direita não estava menos coberta de inscrições e Willett sentiu um sobressalto ao se dar conta de que se tratava das duas fórmulas tão freqüentes nas recentes anotações encontradas na biblioteca. Eram, *grosso modo,* as mesmas: com os antigos símbolos da "Cabeça do Dragão" e da "Cauda do Dragão" encabeçando-as, como nos rabiscos de Ward. Mas a grafia era muito diferente daquela das versões modernas, como se o velho Curwen tivesse uma maneira diferente de gravar sons, ou se estudos posteriores tivessem gerado variações mais potentes e aperfeiçoadas das invocações em questão. O médico tentou combinar a versão gravada com aquela que voltava insistentemente à sua cabeça, mas achou difícil. O trecho que ele havia memorizado começava com *"Y'ai 'ng'ngah, Yog-Sothoth",* e esta epígrafe começava com *"Aye, cengehgah, Vogge-Sothotha",* o que na sua opinião interferiria seriamente com a escansão da segunda palavra.

Como o último texto estava profundamente gravado em sua consciência, a discrepância o incomodava e ele se percebeu recitando a primeira das fórmulas em voz alta na tentativa de fazer corresponder o som que concebera com as letras gravadas que acabava de descobrir. Sua voz soava fantasmagórica e ameaçadora naquele abismo de antigas blasfêmias, suas cadências eram as de uma cantilena sussurrada pela magia do passado e do desconhecido, ou pelo demoníaco exemplo daqueles gemidos surdos, ímpios, dos poços, cuja frieza desumana subia e baixava ritmicamente, em meio ao fedor e à escuridão.

"Y'AI'NG'NGAH *YOG-SOTHOTH*

H'EE - L'GEB FAI' THRODOG

UAAAH!

Mas o que era esse vento gélido que criara vida ao canto? Os lampiões bruxuleavam tristemente e a escuridão tornara-se tão densa que as letras na parede se apagavam. Havia fumaça também e um odor acre que quase sobrepujava o fedor dos poços distantes; um odor como aquele que sentira antes, mas infinitamente mais forte e mais pungente. Desviou o olhar das inscrições, virou-se para o cômodo com seus

objetos bizarros e viu que do *kylix* no chão, que continha o sinistro pó florescente, se desprendia uma nuvem de espesso vapor negro-acinzentado de volume e opacidade surpreendentes. Aquele pó — Deus Todo-poderoso! saíra da prateleira da "Matéria" —, o que estava fazendo agora, o que o provocara? A fórmula que ele recitava — a primeira das duas —, a Cabeça do Dragão, o *nó ascendente —Jesus Bendito,* poderia ser...

O médico teve uma vertigem *e* pela sua cabeça passaram aceleradamente trechos desconexos de tudo aquilo que ele havia visto, ouvido e lido a respeito do espantoso caso de Joseph Curwen e Charles Dexter Ward. "Digo-lhe novamente, não evoque ninguém que não possa mandar de volta... Tenha as palavras prontas todas as vezes para mandar de volta e não se detenha para ter certeza quando houver alguma dúvida de *quem* o senhor tem... Três conversas com *Aquilo* que estava inumado..." *Deus do Céu, o que era aquela forma atrás da fumaça que estava se dissipando?*

4

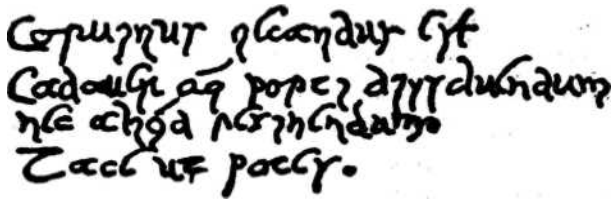
Marinus Bicknell Willett não esperava nem um pouco que as pessoas acreditassem mesmo em parte em seu relato, com exceção de algum amigo condescendente, portanto, não fez qualquer tentativa de narrá-lo fora do círculo dos mais íntimos. Somente alguns estranhos a este círculo o ouviram e a maioria destes ri e observa que, com certeza, o médico está ficando velho. Foi aconselhado a tirar umas férias prolongadas e a evitar casos futuros de distúrbios mentais. Mas o senhor Ward sabe que o velho médico diz uma horrível verdade. Acaso ele próprio não viu a pestilenta abertura no porão do bangalô? Willett não o mandara para casa vencido e doente às onze horas daquela agourenta manhã? Acaso não telefonou em vão ao médico naquela noite e novamente no dia seguinte, e não foi de carro até o bangalô ao meio-dia encontrando o amigo inconsciente, porém incólume, numa das camas do andar superior? Willett estertorava e abriu lentamente os olhos quando o senhor Ward lhe deu um conhaque que buscara no carro. Então teve um calafrio e gritou, *"Aquela barba... aqueles olhos... Meu Deus, quem é você?" Algo* muito estranho a ser dito a um cavalheiro elegante, de olhos azuis, bem escanhoado, a quem ele conhecia desde a adolescência.

Na luminosidade do meio-dia o bangalô não havia mudado desde a manhã anterior. As roupas de Willett não estavam desalinhadas, com exceção de algumas manchas, os joelhos um pouco puídos, e um leve odor acre lembrou ao senhor Ward aquele que sentira em seu filho no dia em que este fora levado ao hospital. A lanterna do doutor estava faltando, mas sua valise estava lá, inteira, vazia como quando ele a trouxera. Antes de se delongar em explicações e obviamente com um grande esforço moral, Willett cambaleava completamente tonto enquanto descia até o porão onde tentou forçar a fatal plataforma diante da tina. Não cedia. Atravessou o local e foi ao lugar onde havia deixado sua sacola de ferramenta, que não usara no dia anterior, pegou um formão e começou a forçar as pranchas renitentes, uma por uma. Em baixo, o concreto liso ainda era visível, mas já não havia sinal de qualquer abertura ou perfuração. Nada se escancarava dessa vez, aterrorizando o pai desorientado que seguira o médico no porão; somente o concreto liso em baixo das pranchas — nenhum poço fétido, nenhum mundo de horrores subterrâneos, nenhuma biblioteca secreta, nem papéis de Curwen, nem poços dignos de pesadelos com fedores e uivos, nenhum laboratório ou prateleiras ou fórmulas gravadas nas paredes, nada... O doutor Willett ficou pálido e se agarrou ao homem mais jovem. "Ontem", perguntou em voz branda, "você o viu aqui... e sentiu o cheiro?" E quando o próprio senhor Ward, petrificado pelo horror e pelo espanto, encontrou forças para acenar afirmativamente, o médico emitiu um som quase um suspiro ou um estertor e acenou por sua vez. "Então vou lhe contar", ele disse.

Assim, durante uma hora, no cômodo mais ensolarado que conseguiram encontrar no andar de cima, o médico sussurrou seu relato estarrecedor ao pai surpreso. Não havia nada a contar além daquela forma que aparecera quando o vapor negro-esverdeado começou a se desprender do *kylix* e Willett estava demasiado fatigado para perguntar a si mesmo o que em realidade acontecera. Os dois homens desnorteados ficaram abanando a cabeça, num gesto inútil, e a certa altura o senhor Ward arriscou uma sugestão num sussurro. "O senhor supõe que seria útil cavar?" O médico ficou calado, pois parecia inadequado a qualquer espírito humano responder quando poderes e esferas desconhecidas haviam invadido de modo tão extraordinário esse lado do Grande Abismo. De novo o senhor Ward perguntou: "Mas aonde foi? Ele trouxe o senhor aqui,

o senhor sabe, e vedou de alguma forma o buraco". E Willett de novo deixou o silêncio falar em seu lugar.

Mas, apesar de tudo, o assunto não estava encerrado. Pegando o lenço antes de se levantar para ir embora, os dedos do doutor Willett agarraram no bolso um pedaço de papel que não estava lá antes, junto com as velas e os fósforos que havia apanhado no subterrâneo desaparecido. Era uma folha de papel comum, arrancada obviamente da prancha barata naquele fantástico cômodo dos horrores, em algum ponto debaixo da terra, e o que estava escrito nele havia sido rabiscado com um lápis comum — sem dúvida aquele mesmo que se encontrava ao lado da prancha. Estava dobrado de qualquer jeito e, à parte o leve odor acre do cômodo misterioso, não trazia nenhum sinal ou marca de algum outro mundo além desse. Mas, em realidade, o texto estava impregnado de mistério, pois a caligrafia não pertencia a nenhuma época normal, mas os traços elaborados de perversidade medieval, quase ilegíveis para o leigo que agora se esforçava em decifrá-lo, continham combinações se símbolos vagamente familiares.



Essa era a mensagem rabiscada às pressas e seu mistério ofereceu um objetivo aos dois homens bastante abalados, os quais sem demora se encaminharam decididos para o carro de Ward, pedindo para serem levados primeiramente a um lugar tranqüilo a fim de almoçar e depois para a Biblioteca John Hay, sobre a colina.

Na biblioteca foi fácil encontrar bons manuais de paleografia e os dois se debruçaram sobre estes até que as luzes começaram a brilhar no grande lustre. No fim, encontraram aquilo de que precisavam. Em realidade, as letras não eram uma invenção fantástica, mas a escritura normal de um período obscuro. Tratava-se de um pontudo cursivo saxônio do século VIII ou IX e trazia consigo as memórias de uma época misteriosa em que, sob o recente verniz cristão, agitavam-se furtivamente crenças e ritos antigos e a pálida lua da Bretanha às vezes testemunhava estranhos acontecimentos nas ruínas romanas de Caerleon e Hexhaus e

perto das Torres ao longo da muralha de Adriano agora em ruínas. As palavras eram num latim lembrado numa época bárbara — *"Corwinus necandus est. Cadáver aq(ua) forti dissolvendum, nec atiq(ui)d retinendum. Tace ut potes."* E podemos traduzi-las como: "Curwen deve ser morto. O corpo deve ser dissolvido em *aqua fortis* e nada pode restar. Manter o maior silêncio possível".

Willett e o senhor Ward estavam mudos e perplexos. Haviam encontrado o desconhecido e percebiam que não conseguiam reagir emocionalmente como, em modo vago, achavam que deveriam. Willett, em particular, quase esgotara a capacidade de experimentar novas impressões de horror; os dois homens ficaram sentados, imóveis e desamparados, sem saber o que fazer, até a hora de fechar a biblioteca, quando foram obrigados a sair. Então, indiferentes, voltaram à mansão Ward em Prospect Street e conversaram sobre coisas banais até tarde da noite. O médico foi descansar ao amanhecer, mas não voltou para casa. E lá se encontrava ainda ao meio-dia do domingo quando os detetives que haviam sido incumbidos de investigar o doutor Allen telefonaram.

O senhor Ward, que caminhava nervosamente para cima e para baixo de roupão, respondeu pessoalmente e, ao ouvir que o relatório estava quase pronto, disse aos homens que aparecessem na manhã seguinte cedo. Willett e ele ficaram contentes que esta fase do caso estivesse começando a tomar forma, pois qualquer que fosse a origem da estranha mensagem manuscrita, parecia certo que o "Curwen" a ser destruído não podia ser outra pessoa senão o estranho de barba e óculos. Charles temia esse homem e havia dito na mensagem desesperada que ele deveria ser morto e dissolvido em ácido. Além disso, Allen estava recebendo cartas dos estranhos bruxos da Europa usando o nome de Curwen e claramente se considerava um avatar do falecido necromante. E agora, de uma fonte nova e desconhecida, surgia uma mensagem dizendo que "Curwen" devia ser morto e dissolvido em ácido. A ligação era demasiado inconfundível para ser artificial; além disso, não estava Allen planejando assassinar o jovem Ward por conselho da criatura chamada Hutchinson? Evidentemente, a carta que eles haviam lido nunca chegara ao estrangeiro barbudo; mas, por seu conteúdo, eles podiam constatar que Allen já havia feito planos de cuidar do jovem caso este ficasse demasiado "melindroso". Sem dúvida, Allen devia ser detido e, mesmo que não fossem tomadas as

medidas mais drásticas, deveria ser posto em condições de não mais prejudicar Charles Ward.

Naquela tarde, esperando, contrariamente a todas as expectativas, extrair algum vislumbre de informação sobre os mais profundos mistérios da única pessoa capaz de fornecê-la, o pai e o médico desceram a baía e visitaram o jovem Charles no hospital. De modo simples e grave, Willett contou-lhe tudo o que havia descoberto e se deu conta de que o jovem empalidecia a cada descrição que comprovava a veracidade da descoberta. O médico empregou o máximo efeito dramático de que foi capaz e ficou observando um estremecimento de Charles quando abordou o assunto dos poços cobertos e dos hídricos inomináveis neles contidos. Mas Ward não se abalou. Willett parou e sua voz soou indignada ao comentar que as coisas estavam morrendo de fome. Acusou o jovem de mostrar uma chocante desumanidade e tremeu quando, em resposta, obteve apenas uma risada sardônica. Pois Charles, desistindo de simular, visto que se tornara inútil, que a cripta não existia, parecia considerar o caso uma pilhéria horrível e ria roucamente com algo que o divertia. Então sussurrou, em tons duplamente terríveis por causa da voz áspera: "Malditos, eles *comem* mesmo, mas *não precisam disso!* fato é que é curioso! Um mês, o senhor diz, sem comida? Deus, como o senhor é modesto! Sabe, essa foi a piada para o pobre velho Whipple, com sua virtuosa fanfarronice! Matar a todos era o que ele queria? Pois, diabo, ficou meio surdo com o ruído do Além e não viu ou ouviu nada nos poços. Ele jamais sonhou que estavam lá! Que o diabo as carregue, aquelas *coisas malditas estão uivando lá em baixo desde que acabaram com Curwen, há cento e cinqüenta e sete anos".*

Mas Willett não conseguiu tirar mais do que isso do jovem. Horrorizado, contudo quase convencido contra sua vontade, continuou seu relato na esperança de que algum incidente pudesse despertar seu ouvinte da louca compostura que ele mantinha. Olhando para o rosto do jovem, o médico não podia deixar de sentir uma espécie de terror com as mudanças que os últimos meses haviam produzido. Em verdade, o rapaz chamara dos céus horrores indescritíveis, Quando o cômodo com as fórmulas e o pó esverdeado foram mencionados, Charles mostrou o primeiro sinal de animação. Um ar zombeteiro espalhou-se por seu rosto enquanto ouviu o que Willett havia lido na prancheta e arriscou a fraca afirmação de que

aquelas anotações eram antigas, sem nenhuma eventual importância para ninguém que não fosse profundamente iniciado na história da magia. "Mas", acrescentou, "se o senhor conhecesse as palavras para evocar aquele que eu tinha na taça, não estaria aqui agora para me contar isto. Era o Número 118 e garanto que teria tremido se tivesse visto minha lista no outro cômodo. Eu nunca o havia chamado, mas pretendia fazê-lo no dia em que o senhor foi à minha casa para sugerir que eu viesse para cá."

Então Willett mencionou a fórmula que recitara e a fumaça negra-esverdeada que saíra e, ao fazer isto, viu pela primeira vez o medo despontar no rosto de Charles Ward. "Ele *veio* e você está vivo! " Enquanto Ward grasnava as palavras, sua voz parecia quase explodir, libertando-se do que a prendia, e mergulhar em abismos cavernosos de sinistras ressonâncias. Willett, iluminado por uu lampejo de inspiração, acreditou ter compreendido a situação e colocou em sua resposta uma advertência contida numa carta que ele lembrava. "Número 118, você diz? Mas não esqueça que *as pedras foram todas mudadas agora em nove cemitérios em cada dez.* Você nunca tem certeza se não perguntai" E então, repentinamente, pegou a mensagem em gótico, colocando-a diante dos olhos do paciente. Não poderia esperar uma reação maior, pois Charles Ward desmaiou em seguida.

Toda esta conversa, evidentemente, fora realizada em grande sigilo, para que os psiquiatras residentes não acusassem o pai e o doutor de encorajar os delírios de um louco. Sem solicitar qualquer ajuda também, o doutor Willett e o senhor Ward ergueram o jovem e o colocaram no divã. Ao voltar a si, o paciente murmurou várias vezes que deveria dizer algo a Orne e Hutchinson imediatamente; assim, quando pareceu recobrar de todo a consciência, o médico lhe disse que pelo menos uma daquelas estranhas criaturas era seu grande inimigo e aconselhara o doutor Allen a assassiná-lo. Essa revelação não produziu um efeito visível e, antes mesmo que ela fosse feita os visitantes puderam perceber que seu anfitrião já tinha o aspecto de um homem acuado. Depois disso, não conversou mais e então Willett e o pai se despediram, deixando uma advertência contra o barbudo Allen, à qual o jovem apenas replicou que este indivíduo estava sendo bem vigiado e não poderia fazer mal a ninguém ainda que quisesse. Estas palavras foram pronunciadas com uma risadinha quase maligna, dolorosa de se ouvir. Eles não se preocuparam com o que Charles poderia

escrever aos dois monstruosos indivíduos na Europa, porque sabiam que as autoridades do hospital apreendiam toda a correspondência que saía e não deixariam passar nenhuma missiva desvairada ou bizarra.

No entanto, há uma curiosa continuação da questão de Orne e Hutchinson, se é que eram de fato estes os bruxos exilados. Movido por um vago pressentimento em meio aos horrores daquele período, Willett conseguiu, de uma agência internacional de notícias, recortes sobre importantes crimes e acidentes ocorridos recentemente em Praga e na Transilvânia oriental; depois de seis meses acreditou ter descoberto duas coisas bastante significativas entre os variados artigos que recebeu e mandou traduzir. Uma era a destruição completa de uma casa durante a noite, no bairro mais antigo de Praga, e o desaparecimento do malvado velho chamado Josef Nadeh, que nela morava sozinho desde há tempos imemoriais. Â outra foi uma explosão gigantesca nas montanhas da Transilvânia, a oriente de Rakus, e o desaparecimento completo, com todos os seus habitantes, do famigerado Castelo Ferenczy, a respeito de cujo dono tão mal falavam camponeses e soldados o qual, inclusive, dentro em breve seria convocado em Bucareste para rigorosas investigações, se esse incidente não acabasse com uma carreira que já se estendia muito anteriormente a toda lembrança comum. Willett afirma que a mão que escrevera aquelas letras seria capaz de segurar armas muito mais fortes também e que, embora ficasse incumbido de dar cabo de Curwen, o autor da mensagem sentia-se capaz de encontrar e liquidar Orne e o próprio Hutchinson. O doutor esforça-se diligentemente em não pensar em qual poderá ter sido o destino daqueles.

5

Na manhã seguinte, o doutor Willett dirigiu-se apressadamente para a residência dos Wards para estar presente quando os detetives chegassem. A destruição ou prisão de Allen — ou de Curwen, se se pudesse considerar válida a tácita declaração de reencarnação —, em sua opinião, deveria ocorrer a qualquer custo e comunicou esta convicção ao senhor Ward enquanto esperavam a chegada dos homens. Dessa vez estavam no andar térreo da casa, pois os andares superiores começavam a ser evitados devido a uma peculiar atmosfera repugnante que parecia

impregná-los indefinidamente, repugnância que os criados mais antigos relacionavam a uma maldição deixada pelo retrato desaparecido de Curwen.

Às nove horas, os três detetives se apresentaram e de pronto expuseram tudo o que tinham a dizer. Infelizmente, não haviam localizado o português Tony Gomes como pretendiam, tampouco haviam encontrado o menor indício da procedência do doutor Allen ou mesmo de seu atual paradeiro, mas haviam conseguido descobrir um número considerável de impressões locais e de fatos concernentes ao reticente estrangeiro. Allen era visto pelo povo de Pawtuxet como um ser vagamente antinatural e a opinião geral era que sua espessa barba cor de areia fosse tingida ou postiça — opinião definitivamente confirmada pela descoberta de uma barba postiça junto a um par de óculos escuros em seu quarto no fatídico bangalô. Sua voz, nesse caso o senhor Ward poderia testemunhar pela única conversa telefônica que tivera com ele, tinha um tom profundo e cavernoso que não podia ser esquecido facilmente, e seu olhar parecia maldoso mesmo através de seus óculos escuros de aro de tartaruga. Um comerciante, no decorrer de certas transações, havia visto uma amostra de sua caligrafia e declarou que era muito estranha e cheia de garatujas, sendo isto confirmado pelas notas a lápis, de um significado um tanto obscuro, encontradas em seu quarto e identificadas pelo comerciante.

Quanto aos boatos de vampirismo do verão anterior, a maioria dos comentários pressupunha que Allen, e não Ward, era o verdadeiro vampiro. Declarações foram obtidas também dos policiais que haviam visitado o bangalô após o desagradável incidente do roubo do caminhão. Eles não haviam percebido nada de sinistro no doutor Allen, mas o haviam visto como a figura principal no curioso e sombrio bangalô. O local estava demasiado escuro para que eles pudessem observá-lo claramente, mas o reconheceriam se voltassem a vê-lo. Sua barba parecia estranha e eles achavam que o personagem tinha uma pequena cicatriz sobre o olho direito coberto pêlos óculos escuros. Quanto à busca no quarto de Allen, não revelou nada de definido, com exceção da barba e dos óculos, e várias anotações escritas a lápis numa letra cheia de garatujas, que Willett percebeu imediatamente ser idêntica à dos Manuscritos do velho Curwen e à do recente volume de anotações do jovem Ward, descoberto nas catacumbas do terror agora desaparecidas.

O doutor Willett e o senhor Ward captaram uma sensação de profundo, sutil e insidioso terror cósmico à medida que essas informações lhes eram apresentadas e quase tremeram ao perceberem a vaga e louca idéia que aparecera simultaneamente na mente de ambos. A barba postiça e os óculos, a caligrafia garatujada de Curwen — o antigo retrato com a minúscula cicatriz, *o jovem perturbado no hospital com a mesma cicatriz,* a voz profunda e surda ao telefone — não foi disso que o senhor Ward se lembrou quando seu filho pronunciou aquela espécie de latidos em tom esganiçado, aos quais dizia estar reduzida agora sua voz? Quem alguma vez havia visto Charles e Allen juntos? Sim, os policiais os haviam visto uma vez, mas quem mais a partir daí? Não fora quando Allen partira que Charles de repente perdera seu medo crescente e começara a viver definitivamente no bangalô? Curwen — Allen — Ward — em que fusão blasfema e abominável duas idades e duas pessoas haviam se fundido? Aquela execrável semelhança do quadro com Charles — não costumara observar insistentemente e seguir o rapaz pelo quarto com os olhos? Por que, então, Allen e Charles copiavam a caligrafia de Joseph Curwen, mesmo quando sozinhos e sem necessidade de estar em guarda? E depois o trabalho horroroso daquelas pessoas —, a cripta dos horrores agora desaparecida, que fizera o médico envelhecer da noite para o dia; os monstros esfomeados nos poços fedorentos; a horrível fórmula que provocara resultados tão indescritíveis; a mensagem em cursivo encontrada no bolso de Willett; os papéis e cartas e toda aquela conversa sobre túmulos, "sais" e descobertas — para onde levaria tudo aquilo? No fim, o senhor Ward fez a coisa mais sensata. Sem se perguntar por que fazia aquilo, deu aos detetives algo para que o mostrassem aos comerciantes de Pawtuxet que haviam conhecido o misterioso doutor Allen. Tratava-se de uma fotografia do seu infeliz filho, na qual ele desenhara cuidadosamente à tinta o par de pesados óculos e a barba negra e pontuda que os homens haviam trazido do quarto de Allen.

Por duas horas ele aguardou com o médico no ambiente opressivo da casa onde o medo e os miasmas estavam lentamente se adensando, enquanto o painel vazio na biblioteca lá em cima olhava e continuava a olhar sem interrupção. Então os homens voltaram. Sim, *a fotografia retocada assemelhava-se de modo passável ao doutor Allen.* O senhor Ward ficou pálido e Willett limpou com o lenço a testa subitamente molhada de suor. Allen — Ward — Curwen — tudo estava se tornando

demasiado horrendo para alguém poder pensar de modo coerente. O que o rapaz evocara do vazio e o que aquilo fizera com ele? O que havia acontecido, em realidade, desde o princípio até o fim? Quem era esse Allen que tentara matar Charles por considerá-lo demasiado "melindroso" e por que sua vítima predestinada dissera no pós-escrito daquela carta desesperada que ele deveria ser completamente dissolvido em ácido? Por que, também, a mensagem, em cuja origem nenhum dos dois sequer ousava pensar, dissera que "Curwen" devia ser do mesmo modo destruído? Qual era a *mudança* e quando ocorrera o estágio final? No dia em que chegara sua carta desesperada — ele andara nervoso a manhã toda, então houve unia alteração. Esgueirara-se sem ser visto e voltara passando atrevidamente pêlos guardas que haviam sido contratados para vigiá-lo. Fora naquela hora, enquanto ele saíra. Mas não — ele não gritara de terror ao entrar no escritório — naquele mesmo quarto? O que encontrara lá? Ou, esperem — *o que o encontrara?* Aquele simulacro que entrara rápida e atrevidamente sem ser visto — seria uma sombra alienígena, um ser horripilante introduzindo-se à força numa figura trêmula que jamais se fora totalmente? O mordomo não falara por acaso de ruídos estranhos?

Willett chamou o empregado e lhe fez algumas perguntas em voz baixa. Havia sido mesmo um negócio muito feio. Houve muito barulho — gritos, estertores e uma espécie de algazarra, rangidos ou baques surdos, ou tudo isto ao mesmo tempo. E o senhor Charles não era mais o mesmo quando saiu a passos longos e silenciosos, sem pronunciar uma palavra. O mordomo estremecia ao falar e cheirou o ar pesado que vinha de alguma janela aberta dos andares superiores. O terror estabelecera-se definitivamente naquela casa e somente os diligentes detetives não se davam plenamente conta disso. Mas até eles se mostravam inquietos, pois esse caso tinha como pano de fundo vagos elementos que não lhes agradavam em absoluto. O doutor Willett estava pensando profunda e rapidamente e seus pensamentos eram terríveis. Vez por outra ele quase desatou a resmungar enquanto em sua mente analisava uma nova cadeia assustadora e cada vez mais conclusiva de acontecimentos de pesadelo.

Então o senhor Ward fez um sinal para indicar que a conferência acabara e todos, menos ele e o médico, saíram da sala. Já era meio-dia, mas as trevas, como se a noite estivesse próxima, pareciam tragar a casa assombrada por fantasmas. Willett começou a conversar muito seriamente

com seu anfitrião e instou-o a confiar-lhe grande parte das futuras investigações. Previa que haveria certos elementos detestáveis que um amigo toleraria melhor do que um parente. Como médico da família, deveria ter liberdade de ação e a primeira coisa que exigiu foi que lhe permitisse passar algum tempo sozinho e sem ser incomodado na biblioteca do andar de cima, onde a peça sobre a lareira atraíra ao seu redor um horror deletério mais intenso do que quando as feições do próprio Joseph Curwen miravam maliciosamente de cima do painel pintado.

O senhor Ward, confuso pela maré de grotesca morbidez e de sugestões inimagináveis e enlouquecedoras que jorravam de toda as partes, só poderia concordar, e meia hora mais tarde o médico era trancado na sala com o painel de Olney Court evitada por todos. O pai, escutando do lado de fora, ouviu ruídos desajeitados de alguém remexendo e procurando enquanto o tempo passava e, finalmente, um repuxão violento e um rangido, como se a porta de um armário firmemente fechada tivesse sido aberta. Então ouviu-se um grito abafado, uma espécie de resfolego sufocado e um bater apressado do que havia sido aberto. Quase imediatamente a chave tiniu e Willett apareceu no saguão, com um ar perturbado e espectral, pedindo lenha para a lareira de verdade na parede sul da sala. A fornalha não era suficiente, ele disse, e a lareira elétrica tinha pouca utilidade prática. Ansioso, mas sem ousar fazer perguntas, o senhor Ward deu as ordens necessárias e um criado trouxe grandes troncos de pinho, estremecendo ao entrar no ar corrompido da biblioteca para colocá-los sobre a grade. Enquanto isso, Willett subira até o laboratório desmantelado e trouxera para baixo algumas bugigangas deixadas para trás na mudança do mês de julho. Estavam num cesto coberto e o senhor Ward nunca pode ver do que se tratava.

Então o médico voltou a se trancar na biblioteca e, pelas nuvens de fumaça que saíam da chaminé e passavam em grandes rolos pela janela, percebeu-se que ele havia aceso o fogo. Mais tarde, depois de muitos ruídos de jornais remexidos, ouviu-se novamente aquele curioso repuxão e rangido, seguidos por um baque surdo que desagradou a todos os que estavam escutando. Então ouviram-se dois gritos abafados de Willett e logo depois disso um sussurro sibilado de um som indefinidamente detestável. Finalmente, a fumaça que o vento trazia para baixo da chaminé

tornou-se muito escura e acre, e todos desejaram que o tempo lhes poupasse esta asfixiante e venenosa inundação de vapores estranhos. A cabeça do senhor Ward rodava vertiginosamente e todos os criados formaram um grupo compacto para olhar a horrível fumaça negra arremeter para baixo. Após o que pareciam séculos, os vapores começaram a clarear e ruídos indefinidos de alguém raspando, varrendo e realizando outras operações menores foram ouvidos atrás da porta trancada. Finalmente, após um bater de portas de algum armário no interior, Willett apareceu, triste, pálido e com o semblante perturbado, carregando o cesto coberto com um pano que havia retirado do laboratório em cima. Havia deixado a janela aberta e, naquela sala outrora amaldiçoada, penetrava agora em profusão o ar puro e saudável misturando-se a um novo cheiro estranho de desinfetantes. A velha peça continuava em seu lugar, mas agora parecia despida de sua malignidade e estava tão calma e imponente em seus painéis brancos como se jamais tivesse exibido o retraio de Joseph Curwen. A noite se aproximava, no entanto dessa vez suas sombras não estavam carregadas de terrores latentes, mas apenas de uma delicada melancolia. O médico jamais comentou a respeito do que havia feito. Ele disse ao senhor Ward: "Não posso responder a nenhuma pergunta, direi apenas que existem diferentes tipos de magia. Fiz uma grande purificação. Os habitantes dessa casa dormirão melhor graças a isto".

6

Que a "purificação" do doutor Willett consistiu uma provação quase tão enlouquecedora quanto suas horrendas perambulações pela cripta agora desaparecida demonstra-o o fato de que o velho médico desmaiou ao chegar em casa naquela noite. Durante três dias ele permaneceu constantemente em seu quarto, embora os criados mais tarde comentassem que o ouviram após a meia-noite da quarta-feira, quando a porta principal se abriu delicadamente e se fechou com espantoso cuidado. Felizmente, a imaginação dos criados é limitada, caso contrário os comentários poderiam se deixar influenciar por um artigo publicado na quinta-feira no *Evening Bulletin,* que dizia o seguinte:

VAMPIROS DO CEMITÉRIO NORTE AGEM MAIS UMA VEZ

Após uma calmaria de dez meses, desde os covardes atos de vandalismo cometidos no jazigo da família Weeden no Cemitério Norte, um gatuno notumo foi avistado nessa madrugada no mesmo cemitério por Robert Hart, o vigia da noite. Olhando de sua guarita por volta das duas da manhã, Hart observou a luz de uma lanterna de bolso não muito longe da ala norte e, ao abrir a porta, avistou a silhueta de um homem com uma colher de pedreiro claramente recortada contra uma luz elétrica das proximidades. Imediatamente correu em sua perseguição e viu a figura largar a toda pressa em direção da entrada principal, ganhando a rua e desaparecendo na escuridão antes que ele pudesse se aproximar e agarrá-la.

Como o primeiro da série de vampiros que agiram no ano passado, esse invasor não provocou danos reais antes de ser surpreendido. Una parte vaga do jazigo dos Wards mostrava sinais de escavação superficial, mas nada que se assemelhasse às dimensões de um túmulo e, por outro lado, nenhum outro túmulo foi molestado.

Hart, que pode apenas descrever o intruso como um homem baixo, provavelmente barbudo, acredita que os três casos de violação de túmulos tenham uma origem comum; mas a polícia do Segundo Distrito tem outra opinião, considerando a selvageria do segundo incidente, no qual foi levado um caixão antigo e sua lápide foi violentamente despedaçada.

O primeiro dos incidentes, no qual acredita-se ter sido frustrada uma tentativa de enterrar algo, uma coisa ocorreu um ano atrás, em março passado, e foi atribuída a contrabandistas que procuravam um esconderijo para sua mercadoria. É possível, afirma o sargento Riley, que esse terceiro caso seja de natureza semelhante. Policiais do Segundo Distrito estão tomando medidas especiais para capturar a gangue de perversos indivíduos responsável por estas repetidas violações.

Durante toda a quinta-feira o doutor Willett descansou como para se recuperar de algo ou preparando-se para algo futuro. À noite, escreveu um bilhete ao senhor Ward, que foi entregue na manhã seguinte e fez com que o pai, pasmo, mergulhasse em longas e profundas meditações. O senhor Ward não conseguia voltar ao trabalho desde o choque da segunda-feira, com seus descon certantes relatos e sua sinistra "purificação", mas achou algo reconfortante a carta do médico, apesar do desespero que parecia prometer e dos novos mistérios que parecia evocar.

Barnes St.,n° 10

Providence, R.I.,

12 de abril de 1928

Caro Theodore,

Acho que preciso dizer-lhe algo antes de fazer o que pretendo amanhã. Servirá para encerrar o terrível caso que vivemos (pois penso que nenhuma pá no mundo conseguirá chegar até o lugar monstruoso que nós conhecemos), mas temo que não aplacará seu espírito a não ser que eu o assegure expressamente de que será uma ação definitiva.

Você me conhece desde que era menino, portanto, acho que não me privará de sua confiança quando sugiro que é melhor deixar alguns assuntos inconcluídos e inexplorados. É melhor que você não tente mais nenhuma especulação a respeito do caso de Charles e é quase imperativo que não conte à mãe do rapaz mais do que ela já suspeita. Quando eu for visitá-lo amanhã, Charles terá fugido. Isto é tudo o que as pessoas devem saber. Ele era louco e fugiu. Pode contar com cuidado à sua mãe, e gradativamente, o episódio da loucura quando deixar de enviar-lhe as cartas datilografadas em nome dele. Eu o aconselharia a ir para junto dela, em Atlantic City, e tirar umas férias. Deus sabe que precisa depois desse choque, assim como eu. Irei para o Sul por algum tempo para me acalmar e pôr a cabeça no lugar.

Portanto, não me faça nenhuma pergunta quando eu aparecer por aí. Pode ser que alguma coisa saia errada, mas eu lhe durei caso isso aconteça. Não acredito que acontecerá. Não haverá mais nada para se preocupar, porque Charles estará muito, muito seguro. Agora — ele está mais seguro do que você poderia sonhar. Não precisa temer nada de Allen, nem de quem ou do que ele possa ser. Ele faz parte do passado tanto quanto o quadro de Joseph Curwen e, quando eu tocar sua campainha, pode ter certeza de que essa pessoa não existirá. E quem escreveu aquela mensagem em cursivo nunca mais perturbará a você ou aos seus.

Mas você não pode se entregar à melancolia e deve preparar sua esposa para fazer o mesmo. Devo dizer-lhe com franqueza que a fuga de Charles não significará que ele lhe será devolvido. Ele foi afetado por uma doença peculiar, como deve ter percebido pelas sutis alterações físicas e

mentais que ocorreram nele, e não deve esperar vê-lo novamente. Tenha apenas este consolo — que ele jamais foi um espírito maligno ou mesmo um louco de verdade, mas apenas um menino ambicioso, estudioso e curioso cujo amor pelo mistério e pelo passado foi sua ruína. Ele descobriu coisas que nenhum mortal deveria conhecer e recuou no tempo como nenhum outro homem e de todos esses anos saiu algo que o devorou.

E agora chegamos ao assunto a respeito do qual devo pedir-lhe que confie em mim acima de qualquer coisa. Pois, em realidade, não teremos nenhuma incerteza sobre o destino de Charles. No prazo de mais ou menos um ano, se o desejar, você poderá pensar, se desejar, num relato adequado do fim pois o rapaz não existirá mais. Pode colocar uma lápide em seu jazigo no Cemitério Norte, exatamente a dez metros oeste do seu pai, voltada na mesma direção, e ela marcará o verdadeiro local em que seu filho jaz. Não deve temer porque não marcará nenhuma anormalidade ou o corpo de outra pessoa. As cinzas depositadas naquele túmulo serão as dos seus próprios ossos e carne — do verdadeiro Charles Dexter Ward cujo desenvolvimento espiritual você acompanhou desde a infância —, o verdadeiro Charles com a marca de azeitona no quadril e sem a marca negra de bruxo no peito ou a cova na testa. O Charles que na verdade nunca fez o mal e que terá pago com a vida por seus "melindres".

É tudo. Charles terá fugido e daqui a um ano você poderá instalar sua lápide. Não me pergunte nada amanhã. E acredite que a honra de sua antiga família permanece imaculada, agora como sempre foi no passado.

Com a mais profunda simpatia e exortando-o à fortaleza de ânimo, à calma e resignação, serei sempre

Seu sincero amigo Marinus B. Willett

Assim, na manhã da sexta-feira, 13 de abril de 1928, Marinus Bicknell Willett fez uma visita ao quarto de Charles Dexter Ward na clínica particular do doutor Waite em Conanicut Island. O jovem, embora sem tentar furtar-se à visita, estava mal-humorado e não parecia disposto a iniciar a conversação que Willett obviamente desejava. A descoberta da cripta e a monstruosa experiência do médico em seu interior evidentemente criava um novo motivo de embaraço, portanto, ambos hesitavam de modo perceptível após uma troca de tensas e escassas formalidades. Então surgiu um novo fator de

constrangimento, quando Ward pareceu ler no rosto rígido como uma máscara do médico uma terrível determinação que jamais tivera. O paciente tremia, consciente de que desde a ultima visita havia ocorrido uma mudança em conseqüência da qual o solícito médico de família se transformara num impiedoso e implacável vingador.

De fato, Ward empalideceu e o médico foi o primeiro a falar. Ele disse:

Mais coisas foram descobertas e devo adverti-lo honestamente de que se faz necessário um ajuste de contas.

Andou escavando de novo e descobriu outros pobres bichinhos morrendo de fome? — foi a resposta irônica. Era evidente que o jovem pretendia exibir uma atitude de desafio até o fim.

Não — retrucou lentamente Willet —, dessa vez eu não precisei escavar. Mandamos alguns homens vigiar o doutor Allen e eles descobriram a barba postiça e os óculos no bangalô.

Excelente — comentou o anfitrião, inquieto, arriscando uma espirituosa agressão —, e acredito que ficavam melhor do que a barba e os óculos que o senhor está usando agora!

Eles ficariam bem melhor em você — foi a resposta tranqüila e estudada —, *como de fato pareciam ficar.*

Enquanto Willett dizia isto, foi como se uma nuvem passasse sobre o sol, embora não houvesse nenhuma mudança nas sombras do chão. Então Ward arriscou:

E é isto que torna tão necessário um acerto de contas? Suponhamos que um sujeito ache conveniente, vez por outra, ter duas personalidades?

Não — disse Willett gravemente —, engana-se de novo. Não é da minha conta se um sujeito procura uma dupla personalidade, *desde que tenha algum direito a existir e desde que ele não destrua o que o chamou de fora do espaço.*

Ward agora teve um violento sobressalto.

— Bem, meu senhor, o que *descobriu* e o que quer de mim?

O médico esperou um pouco antes de responder, como se estivesse escolhendo as palavras para dar uma resposta de efeito.

— Descobri — declarou finalmente — alguma coisa num armário atrás de um antigo painel onde uma vez havia um retrato e a queimei e enterrei as cinzas no lugar em que deveria estar o túmulo de Charles Dexter Ward.

O louco engasgou e pulou da cadeira na qual estava sentado:

— Desgraçado, a quem você contou — e quem acreditará que era ele após esses dois meses, se eu estou vivo? O que pretende fazer?

Embora fosse um homem de baixa estatura, Willett assumiu nesse momento um ar maj estático de juiz, acalmando o paciente com um gesto.

— Não contei a ninguém. Esse não é um caso comum — é uma loucura fora do tempo, um horror que vem de além das esferas e que nem a polícia nem os advogados, nem tribunais nem psiquiatras poderiam compreender ou combater. Graças a Deus a sorte me deixou a luz da imaginação, para que eu não me distraísse até resolver essa coisa. *Você não pode me enganar, Joseph Curwen, porque eu sei que sua maldita mágica é verdadeira!*

"Eu sei que você preparou o encantamento que ficou aguardando todos estes anos e encarnou em seu sósia e descendente; sei que você o arrastou para o passado e fez com que o trouxesse de volta do seu detestável túmulo; sei que ele o manteve escondido em seu laboratório enquanto você estudava coisas modernas e vagava à noite como um vampiro e que você mais tarde se mostrou com barba e óculos para que ninguém desconfiasse de sua ímpia semelhança com ele; sei o que você resolveu fazer quando ele recusou suas monstruosas violações dos túmulos de todo o mundo e *o que você planejou depois,* e sei como você fez aquilo.

"Você abandonou barba e óculos e burlou os guardas em volta da casa. Eles pensaram que era ele que entrava e pensaram que era ele que saía quando você o estrangulou e o escondeu. Mas você não se deu conta dos diferentes contextos de duas mentes. Você foi um tolo, Curwen, em imaginar que uma simples identidade física seria suficiente. Por que você não pensou na fala, na voz e na caligrafia? Sabe, aquilo, no fim das contas, não funcionou. Você sabe melhor do que eu quem ou o que escreveu aquela mensagem em cursivo, mas eu lhe afirmo que aquilo não foi escrito em vão. Existem abominações e blasfêmias que devem ser aniquiladas e eu acredito que o autor daquelas palavras cuidará de Orne e Hutchinson.

Uma daquelas criaturas escreveu-lhe uma vez, 'não chame nada que você não possa mandar de volta'. Você já foi destruído uma vez, talvez dessa mesma maneira, e talvez sua própria magia maligna o destrua mais uma vez. Curwen, um homem não pode interferir com a natureza além de certos limites e todo horror que você criou se erguerá para destruí-lo".

Mas a essa altura o médico foi interrompido por um grito convulsivo da criatura à sua frente. Irremediavelmente perdido, desarmado e consciente de que qualquer tentativa de violência física atrairia uma dúzia de atendentes em socorro do médico, Joseph Curwen recorreu ao seu antigo aliado e começou uma série de gestos cabalísticos com seus indicadores, enquanto sua voz profunda e cavernosa, agora sem a falsa rouquidão, berrava as palavras introdutórias de uma terrível fórmula.

"PER ADONAI ELOIM, ADONAI JEHOVA, ADONAI SABAOTH, METRATON..."

Mas Willett foi mais rápido do que ele. Enquanto os cães no quintal começavam a uivar e um vento gélido repentinamente soprava da baía, o médico começou a solene e pausada recitação daquilo que todo o tempo desejara pronunciar. Olho por olho — magia por magia —, que o resultado mostre quão bem foi aprendida a lição dos abismos! Assim, em voz clara, Marinus Bicknell Willett iniciou a *segunda* daquelas duas fórmulas, a primeira das quais levantara o autor daquelas palavras em cursivo — a invocação misteriosa cujo cabeçalho era a Cauda do Dragão, o signo do *nó descendente*

"OGTHROD A'TF

GEB'L - EE'H

YOG-SOTHOTH

'NGAH'NG Al'Y

ZHRO!"

Quando a boca de Willett pronunciou a primeira palavra, a fórmula anteriormente iniciada pelo paciente parou de chofre. Incapaz de falar, o monstro agitou violentamente os braços até que estes também pararam. Quando o nome terrível de *Yog-Sothoth* foi mencionado, iniciou a horrenda transformação. Não se tratava de uma simples *dissolução,* mas de uma

transformação ou *recapitulação,* e Willett fechou os olhos para não desmaiar antes que o resto do encantamento pudesse ser pronunciado.

Mas ele não desmaiou e aquele homem de séculos profanos e segredos proibidos nunca mais perturbou o mundo. A loucura do tempo cessara e o caso Charles Dexter Ward estava encerrado. Ao abrir os olhos antes de sair cambaleando daquele quarto do horror, o doutor Willett viu que não havia esquecido o que retivera na memória. Como ele previra, não houve necessidade de ácidos. Pois, como seu amaldiçoado quadro um ano antes, Joseph Curwen agora jazia espalhado sobre o chão como uma leve camada de fino pó cinza-azulado.



O Medo á Espreita

I. *A sombra na chaminé*

TROVEJAVA NA NOITE em que fui ao solar deserto no topo da Tempest Mountain para me defrontar com o medo que estava à espreita. Eu não estava só, pois a temeridade não se confundia, então, com aquele amor pelo grotesco e o terrível que fez de minha carreira uma sucessão de horrores singulares na literatura e na vida. Estavam comigo dois homens fortes e leais que chamei quando chegou o momento, homens que, por sua peculiar adequação, havia muito se tinham associado a mim em minhas pavorosas investigações.

Saíramos discretamente do vilarejo por causa dos repórteres que ainda se demoravam por lá depois do pânico sinistro de um mês antes — o pesadelo da morte arrepiante. Mais tarde, pensei, eles poderiam ajudar-me, mas não os queria naquele momento. Praza Deus eu os tivesse deixado partilhar da busca, pois assim não teria de suportar, sozinho e por tanto tempo, o segredo, suportá-lo sozinho temendo que o mundo me achasse louco ou ele próprio enlouquecesse com as implicações diabólicas da coisa. Agora que, de qualquer sorte, estou contando tudo para que as aflições não me enlouqueçam, gostaria de não o haver ocultado. Pois eu, e somente eu, sei que tipo de pavor estava à espreita naquela montanha espectral e desolada.

Metidos num pequeno automóvel, cobrimos as milhas de morros e florestas primitivas até a encosta arborizada o impedir de seguir em frente. A região apresentava um aspecto mais sinistro do que o usual agora que a

víamos à noite e sem as multidões costumeiras de investigadores, o que frequentemente nos induziu a usar a lanterna de acetileno apesar da atenção que ela poderia atrair. Não era uma paisagem salubre depois de escurecer, e acredito que teria notado sua morbidez mesmo se não tivesse conhecimento do terror que andava à solta por lá. Criaturas selvagens não havia — elas ficam alertas quando a morte furtiva aproxima-se. As velhas árvores atingidas pelos raios pareciam extraordinariamente grandes e retorcidas, e o restante da vegetação terrivelmente denso e febril, enquanto curiosos montículos e outeiros no terreno coberto de mato esburacado por fulguritos[1] sugeriam-me serpentes e crânios humanos avolumados a proporções gigantescas.

O medo estivera à espreita na Tempest Mountain[2] por mais de um século. Isto eu logo fiquei sabendo pelos relatos dos jornais sobre a catástrofe que, pela primeira vez, atraiu o interesse mundial para a região. O lugar é uma elevação solitária e remota naquela parte das Catskills, onde a civilização holandesa penetrara, um dia, fraca e provisoriamente, deixando para trás, ao regredir, apenas algumas mansões arruinadas e uma população degenerada de posseiros habitando vilarejos esquálidos em ladeiras isoladas. Pessoas normais raramente visitavam o local antes da constituição da polícia estadual, e, mesmo agora, somente policiais montados o patrulham irregularmente. O medo, porém, é uma velha tradição em todas as povoações vizinhas, pois é o tópico principal da conversa simples dos pobres mestiços que às vezes abandonam seus vales para trocar cestos tecidos à mão pelos produtos de primeira necessidade primitivos que não podem derrubar com um tiro.

O medo estava à espreita no temido e deserto solar Martense que coroava o cume alto, mas não escarpado, cuja propensão a freqüentes tempestades lhe valera o nome de Tempest Mountain. Por mais de cem anos, a vetusta casa de pedra rodeada de bosques fora o mote de histórias extremamente violentas e repulsivas, histórias sobre uma morte colossal, silenciosa e arrepiante que rondava o lado de fora da casa no verão. Com chorosa insistência, os posseiros contavam casos de um demônio que atacava os viajantes solitários depois do escurecer, ora os carregando embora, ora os deixando desmembrados, em estado de pavor absoluto; às vezes, eles segredavam histórias de trilhas de sangue seguindo na direção do longínquo solar. Para alguns, o trovão tirava o medo à espreita para fora de sua morada, enquanto que para outros, o trovão era a sua voz.

Ninguém que fosse de fora da região acreditava nessas histórias variadas e conflitantes, com suas descrições extravagantes, incoerentes, sobre um demônio apenas vislumbrado, mas nenhum agricultor ou aldeão duvidava de que o solar Martense fosse mal-assombrado. A história local excluía essa dúvida, muito embora os investigadores que haviam visitado a construção depois de alguns relatos especialmente exaltados dos posseiros jamais houvessem encontrado a menor evidência de malignidade. As velhas avós narravam mitos estranhos sobre o espectro dos Martense, mitos sobre a própria família Martense, sua singular desigualdade hereditária nos olhos, sua extensa e desnaturada crônica familiar e o assassinato que a amaldiçoara.

O terror que me levou àquele ambiente foi uma confirmação súbita e agourenta das mais desvairadas lendas dos montanheses. Certa noite estivai, depois de uma tempestade de violência sem precedente, a região foi despertada por uma correria de posseiros que uma mera ilusão não teria provocado. As hordas deploráveis de nativos gritavam e guinchavam sobre o indescritível horror que se descera sobre eles e não se mostravam inseguras. Não o haviam visto, mas tinham ouvido gritos de tal monta saídos de um vilarejo, que sabiam que uma morte rastejante havia chegado.

Pela manhã, gente da cidade e policiais montados da guarda estadual acompanharam os abalados montanheses até o lugar aonde diziam que a morte comparecera. A morte estava mesmo por lá. O chão embaixo de uma povoação de posseiros cedera depois de um raio, destruindo vários barracos malcheirosos, mas, a esses danos materiais, sobrepunha-se uma devastação orgânica que empanava por completo a sua importância. Dos possíveis setenta e cinco nativos que habitavam o local, não se avistou nenhum vivo. A terra revolvida estava coberta de sangue e restos humanos evidenciando, com extrema eloqüência, a devastação provocada pelas presas e garras do demônio, embora não houvesse uma trilha visível afastando-se da carnificina. Todos prontamente concordaram que o causador daquilo devia ser algum animal pavoroso, e nenhuma voz ergueu-se para renovar a acusação de que aquelas mortes enigmáticas poderiam ser atribuídas aos sórdidos assassinos tão comuns nas comunidades decadentes. Essa acusação só foi retomada quando se deu pela falta, entre os mortos, de vinte e cinco membros, talvez, da população estimada, e mesmo assim era difícil explicar o assassinato de cinqüenta

pela metade desse número. Mas persistia o fato de que, numa noite estivai, um raio caíra dos céus extinguindo uma vila cujos corpos estavam horrivelmente misturados, mastigados e dilacerados.

A alvoroçada gente do mato relacionou imediatamente o horror ao assombrado solar Martense, embora os dois locais ficassem mais de três milhas distantes. Os policiais mostraram-se mais céticos, incluindo o solar em suas investigações por mera formalidade e descartando-o sumariamente quando o encontraram por completo deserto. Os campônios e aldeões, porém, esmiuçaram o lugar com infinito cuidado, revirando tudo que havia no interior da casa, perscrutando lagoas e riachos, batendo os arbustos e esquadrinhando as matas próximas. Foi tudo em vão; a morte havia partido sem deixar nenhum traço, salvo a própria destruição.

No segundo dia de busca, o caso foi amplamente ventilado pelos jornais. Repórteres infestaram a Tempest Mountain. Eles a descreveram com grande detalhe e com muitas entrevistas para elucidar o caso de horror tal como era contado pelas velhas locais. Eu acompanhei as matérias de início com indiferença, especialista que sou em horrores, mas, depois de uma semana, captei uma atmosfera que me deixou especialmente animado, e assim, em 5 de agosto de 1921, registrei-me entre os repórteres que lotavam o hotel de Lefferts Corners, o vilarejo mais próximo da Tempest Mountain e quartel-general reconhecido dos investigadores. Três semanas mais tarde, a dispersão dos repórteres deixou-me livre para iniciar uma terrível investigação com base nos inquéritos e levantamentos minuciosos em que me havia ocupado neste ínterim.

Assim, nessa noite estivai, enquanto os trovões ribombavam ao longe, desci do carro e escalei com dois companheiros armados as últimas encostas onduladas da Tempest Mountain, dirigindo o facho de uma lanterna elétrica para os paredões cinzentos espectrais que começavam a surgir por entre os gigantescos carvalhos à nossa frente. Naquela mórbida solidão noturna iluminada pela luz fraca e inconstante da lanterna, a enorme elevação em forma de caixa instigava misteriosas sugestões de medo que durante o dia não se revelavam, mas isso não me fez hesitar, pois viera com a firme intenção de testar uma idéia. Acreditava que o trovão fazia o demônio mortífero sair de algum temível lugar secreto e, fosse aquele demônio uma entidade sólida ou uma pestilência vaporosa, pretendia vê-lo.

Eu já havia revistado por inteiro as ruínas antes e, portanto, conhecia meu plano muito bem, havendo escolhido para sede de minha vigília o antigo quarto de Jan Martense, cujo assassinato reveste-se de particular importância nas lendas rurais. Por estranho que pareça, eu sentia que os aposentos dessa antiga vítima seriam os melhores para meus fins. O quarto, medindo perto de seis metros quadrados, continha, como os outros, um pouco de entulho que algum dia havia sido o mobiliário. Ficava no segundo andar, no canto sul da casa, e tinha uma imensa janela voltada para o leste e uma estreita para o sul, ambas sem vidraças nem gelosias. No lado oposto à grande janela, havia uma enorme lareira em estilo holandês, com ladrilhos decorados com motivos bíblicos representando o filho pródigo, e, no lado oposto à janela estreita, uma cama espaçosa encravada na parede.

Enquanto os trovões abafados pelas árvores iam ficando mais fortes, tratei de preparar os detalhes de meu plano. Primeiro pendurei, lado a lado, no peitoril da janela grande, três escadas de corda que havia trazido. Sabia, porque as havia testado, que chegariam até um ponto apropriado do gramado externo. Em seguida, nós três arrastamos uma grande armação de cama de quatro colunas de um outro quarto, encostando-a, de lado, à janela. Havendo forrado a cama de ramos de pinheiro, ali nos deitamos os três com as automáticas à mão, dois descansando enquanto um ficava de vigia. De qualquer direção que o monstro pudesse vir, nossa possível fuga estava preparada. Se viesse do interior da casa, tínhamos as escadas na janela; se viesse de fora, a porta e a escadaria. A julgar pelos fatos precedentes, não achamos que ele iria perseguir-nos até mais longe, mesmo na pior das hipóteses.

Meu turno de vigia foi da meia-noite à uma, quando, a despeito da casa sinistra, da janela desprotegida e da aproximação dos raios e trovões, eu me senti singularmente sonolento. Estava acomodado entre meus dois companheiros, George Bennett do lado da janela e William Tobey do lado da lareira. Bennett dormia, tendo sentido, ao que parece, a mesma sonolência anormal que me afetara, por isso designei Tobey para o turno seguinte ainda que também ele estivesse cabeceando. E curiosa a intensidade com que eu estivera observando a lareira.

O aumento da tempestade deve ter-me afetado os sonhos, pois, no breve intervalo em que estive adormecido, visões apocalípticas me acometeram. Em certo momento, fiquei meio acordado, provavelmente

porque o que estava dormindo perto da janela passou, sem querer, o braço sobre meu peito. Eu não estava desperto o bastante para verificar se Tobey estava cumprindo seus deveres de vigia, mas senti uma ansiedade distinta naquele momento. Nunca antes a presença do mal me oprimira de maneira tão intensa. Depois, devo ter caído de novo no sono, pois foi de um caos nebuloso que minha mente despertou sobressaltada quando a noite encheu-se de gritos pavorosos além de tudo que minha imaginação e experiência anteriores poderiam proporcionar-me.

Em meio àquela gritaria, a alma mais secreta do medo e da agonia humanos agarrou-se desesperadamente aos portais escuros do esquecimento. Despertei para a loucura vermelha e os escárnios do diabolismo, enquanto aquela angústia demente e cristalina recuava reverberando, cada vez mais longe, mais longe, para visões inconcebíveis. Não havia luz, mas eu pude perceber, pelo espaço vazio à minha direita, que Tobey fora-se, só Deus sabe para onde. Sobre meu peito, jazia ainda o braço pesado do companheiro adormecido à minha esquerda.

Foi então que aconteceu o estrondo devastador do raio que abalou toda a montanha, iluminou as criptas mais escuras do venerável cemitério e fendeu a patriarca entre as árvores retorcidas. Ao estrondo infernal de uma estupenda bola de fogo, o homem adormecido ergueu-se sobressaltado, enquanto o clarão do lado de fora da janela projetava nitidamente sua sombra na chaminé acima da lareira da qual meus olhos nunca se afastavam. O fato de eu ainda estar vivo e são é um prodígio que não posso explicar. Não posso explicar porque a sombra naquela chaminé não era a de George Bennett, nem a de alguma outra criatura humana, mas de uma monstruosidade ímpia dos abismos mais profundos do inferno, uma abominação informe que nenhuma mente poderia apreender por inteiro e nenhuma pena, ainda que canhestramente, poderia descrever. Um instante depois eu estava só, tremendo e balbuciando, naquele solar amaldiçoado. George Bennett e William Tobey não haviam deixado traço, nem mesmo de luta. Nunca mais se soube deles.

II. *Um passante na tempestade*

Depois daquela pavorosa experiência no solar rodeado pela mata, passei muitos dias prostrado em meu quarto de hotel, em Lefferts Corners.

Não me lembro exatamente de como consegui chegar ao carro, dar a partida e escapar sem ser visto para a vila, pois não guardo nenhuma lembrança nítida, salvo a de árvores titânicas de galhos retorcidos, os rugidos infernais da trovoada e as sombras diabólicas cruzando os montículos que pontilhavam e riscavam a região.

Enquanto tremia e meditava sobre aquela alucinante sombra projetada, tinha a certeza de ter ao menos vislumbrado um dos horrores supremos da Terra — uma daquelas indescritíveis influências malignas dos espaços ulteriores cujas tênues vibrações demoníacas às vezes ouvimos chegando dos cantos mais remotos do espaço e que a piedosa finitude de nossa visão nos poupa de ver. A sombra que eu vira eu não ouso analisar nem classificar. Alguma coisa postara-se entre mim e a janela naquela noite, mas eu sentia calafrios quando não conseguia livrar-me do instinto de classificá-la. Se ao menos ela houvesse rosnado, ou latido, ou soltado uma risada sarcástica — isso teria abrandado a repulsa abissal. Mas foi tudo tão silencioso... Ela pousou um braço, ou uma pesada pata dianteira, em meu peito... Era orgânica, certamente, ou havia sido... Jan Martense, cujo quarto eu havia invadido, estava enterrado no cemitério perto do solar... Preciso encontrar Bennett e Tobey se estiverem vivos... Por que ela os pegou e me deixou por último?... O torpor é tão sufocante, e os sonhos tão horríveis...

Não demorou para eu perceber que teria de contar minha história a alguém ou sofreria um colapso. Já me decidira a não abandonar a busca do medo à espreita, pois, em minha temerária ignorância, algo me dizia que a incerteza seria pior que a compreensão, por mais terrível que essa viesse a se mostrar. Assim, decidi-me sobre o melhor caminho a seguir, quem escolher para minhas confidencias e como rastrear a coisa que havia eliminado dois homens e projetado uma sombra de pesadelo.

Meus principais conhecidos em Lefferts Corners haviam sido os afáveis repórteres; muitos tinham ficado por lá para recolher os ecos finais da tragédia. Foi entre eles que resolvi escolher um colega e, quanto mais refletia, mais minhas preferências recaíam em Arthur Munroe, um homem magro e moreno, nos seus trinta e cinco anos, cuja cultura, gostos, inteligência e temperamento pareciam indicar alguém avesso a idéias e experiências convencionais.

Em certa tarde do começo de setembro, Arthur Munroe ouviu a minha história. Percebi, desde o começo, que ele mostrou-se também

interessado e simpático. Quando concluí, ele analisou e discutiu o assunto com grande perspicácia e discernimento. Seu conselho, ademais, foi eminentemente prático, pois recomendou um adiamento das operações no solar Martense até nos prepararmos com dados históricos e geográficos mais detalhados. Por iniciativa dele, vasculhamos a região atrás de informações sobre a terrível família Martense e encontramos um homem que possuía um velho diário muito esclarecedor. Conversamos também demoradamente com os mestiços montanheses que não haviam fugido do medo e da confusão para encostas mais distantes. Dispusemos, para preceder nossa tarefa culminante, um exame completo e definitivo dos locais associados às várias tragédias das lendas dos posseiros.

Os resultados dessa investigação não foram inicialmente esclarecedores, mas nossa tabulação pareceu revelar uma tendência muito significativa: o número de horrores relatados era, de longe, maior em áreas ou relativamente próximas da casa evitada, ou ligadas a ela por extensões da floresta doentia e hipertrofiada. Havia, por certo, exceções. Aliás, o horror que chamara a atenção do mundo ocorrera num descampado distante do solar e de suas matas adjacentes.

Quanto à natureza e à aparência do medo à espreita, nada pudemos obter dos assustados e ignorantes moradores dos barracos. Num mesmo fôlego, eles o chamavam de cobra e de gigante, um demônio-trovão e um morcego, um abutre e uma árvore andante. Nós, porém, nos sentíamos autorizados a supor que se tratava de um organismo vivo altamente suscetível a tempestades elétricas e, apesar de alguns relatos sugerirem asas, acreditávamos que a sua aversão por espaços abertos favorecia a teoria de sua locomoção por terra. A única coisa de fato incompatível com essa última visão era a rapidez com que a criatura devia ter-se deslocado para realizar todas as proezas que lhe eram atribuídas.

Quando ficamos conhecendo melhor os posseiros, achamo-los curiosamente parecidos sob muitos aspectos. Eram animais simples, recuando lentamente na escala evolutiva devido a sua lamentável ascendência e ao seu isolamento brutalizante. Temiam os forasteiros, mas aos poucos foram acostumando-se a nós e acabaram sendo de grande ajuda quando batemos todas as matas e arrasamos todas as divisórias da casa à procura do medo à espreita. Quando pedimos para nos ajudarem a encontrar Bennett e Tobey, ficaram pesarosos, porque queriam mesmo nos ajudar, mas sabiam que essas vítimas haviam deixado tão por completo o

mundo quanto a sua própria gente desaparecida. Estávamos plenamente convencidos de que um grande número deles havia sido morto e removido, da mesma forma que os animais selvagens haviam sido há muito exterminados, e esperávamos, apreensivos, a ocorrência de novas tragédias.

Em meados de outubro, nossa falta de progressos nos intrigou. Com a claridade das noites, nenhuma agressão diabólica ocorreu, e a total inutilidade de nossas buscas na casa e na região quase nos levou a considerar o medo à espreita um agente imaterial. Temíamos a chegada do tempo frio interrompendo nossas investigações, pois estávamos todos convencidos de que o demônio geralmente se aquietava no inverno. Assim, havia uma espécie de pressa e ansiedade em nossa última exploração, à luz do dia, no vilarejo assediado pelo medo, agora deserto por causa do pavor dos posseiros.

O malfadado vilarejo de posseiros não tinha nome, mas era muito antigo, incrustado numa fenda protegida, mas desmaiada, entre duas elevações chamadas, respectivamente, Cone Mountain e Maple Hill. Ele ficava mais perto da Maple Hill que da Cone Mountain; alguns de seus casebres eram, de fato, escavados na encosta do primeiro desses montes. Geograficamente, ele ficava a cerca de três quilômetros a noroeste da base da Tempest Mountain e a quatro quilômetros do solar rodeado de carvalhos. Da distância entre o vilarejo e o solar, três quilômetros e meio do lado da povoação formavam um espaço inteiramente descoberto, uma planície quase horizontal, exceto por uns outeiros baixos em forma de serpente, com uma vegetação de capim e arbustos esparsos. Considerando essa topografia, concluímos que o monstro devia ter vindo da Cone Mountain, da qual saía um braço arborizado para o sul até uma pequena distância do contraforte mais ocidental da Tempest Mountain. A elevação do terreno, nós atribuímos conclusivamente a um deslizamento de terra de Maple Hill, em cuja encosta uma árvore solitária, alta e fendida havia sido o ponto de impacto do raio que convocara o demônio.

Quando, pela vigésima vez ou mais, Arthur Munroe e eu esquadrinhávamos com minúcia cada centímetro do vilarejo devastado, tomou-nos um certo desalento mesclado com novos e vagos temores. Era muito estranho, mesmo quando tantas coisas insólitas e assustadoras pareciam comuns, encontrar um cenário tão desprovido de pistas depois de acontecimentos tão espantosos; e nós andávamos de um lado para outro,

debaixo do céu de chumbo que escurecia, com aquele zelo trágico e desorientado resultante da combinação de um sentido de futilidade com a necessidade de ação. Nossos cuidados eram extremos. Cada casebre era visitado de novo, cada escavação na encosta era pesquisada novamente à procura de corpos, cada passagem espinhosa da encosta adjacente era mais uma vez esquadrinhada atrás de tocas e cavernas, mas foi tudo em vão. Como já comentei, porém, novos e vagos temores pairavam ameaçadores sobre nós, como se gigantescos grifos com asas de morcego nos espreitassem de abismos siderais.

À medida que a tarde avançava, a visão ia ficando cada vez mais difícil e podíamos ouvir o rumor da tormenta formando-se sobre a Tempest Mountain. Esse som, num lugar como aquele, decerto nos excitou, embora menos do que teria feito se já houvesse anoitecido. Naquelas circunstâncias, esperávamos que a tempestade fosse durar até muito depois de escurecer, e, com essa esperança, interrompemos nossas buscas incertas na encosta e nos dirigimos ao vilarejo habitado mais próximo com a intenção de reunir um grupo de posseiros para nos ajudar na investigação. Apesar de tímidos, um grupo dos mais jovens inspirou-se em nossa liderança protetora para prometer alguma ajuda.

Mal nos havíamos afastado, porém, desabou uma chuva tão torrencial e cegante, que era um imperativo absoluto encontrarmos algum abrigo. A escuridão extrema, quase noturna, do céu nos fazia tropeçar, mas, guiados pelos relâmpagos freqüentes e por nosso conhecimento detalhado da vila, logo alcançamos as últimas casinhas do agrupamento, uma combinação heterogênea de troncos e tábuas cuja porta e a única e minúscula janela remanescentes davam para a Maple Hill. Trancando a porta às nossas costas contra a fúria do vento e da chuva, encaixamos a tosca vedação, que nossas buscas freqüentes nos haviam ensinado onde encontrar, na janela. Era terrível ficarmos ali, sentados em caixas raquíticas, naquela escuridão de breu, mas tratamos de fumar nossos cachimbos e, de tempos em tempos, acendíamos as lanternas de bolso. De vez em quando, podíamos ver o clarão de um relâmpago através das rachaduras da parede. A tarde estava tão escura, que intensificava o brilho de cada clarão.

A vigília na tempestade fez-me recordar, estremecendo, minha noite apavorante na Tempest Mountain. Meu espírito retornou àquela estranha pergunta tão recorrente desde que a coisa medonha acontecera, e mais uma

vez cismei sobre as razões pelas quais o monstro, tendo-se aproximado dos três vigilantes, seja pela janela, seja pelo interior, havia começado pelos homens das pontas e deixado o do meio por último, quando a titânica bola de fogo o afugentou. Por que não havia apanhado suas vítimas na ordem natural, eu em segundo lugar, de qualquer lado que se houvesse aproximado? Com que espécie de tentáculo de longo alcance ele agarrava suas presas? Saberia que eu era o líder e teria me poupado para um destino pior que o de meus companheiros?

Estava no meio dessas reflexões quando, como que num plano dramático para intensificá-las, caiu nas proximidades um raio terrível acompanhado por um ruído de terra deslizando, enquanto o feroz ulular do vento ascendia a alturas infernais. Estava claro que a árvore solitária da Maple Hill havia sido novamente atingida, e Munroe levantou-se de sua caixa e foi até a minúscula janela para verificar o estrago. Quando tirou a vedação, o vento e a chuva entraram uivando de maneira ensurdecedora, impedindo-me de ouvir o que ele dizia, mas esperei enquanto ele curvava-se para fora e tentava aquilatar o pandemônio da natureza.

O abrandamento gradual do vento e a dispersão da insólita escuridão nos informou que a tempestade estava passando. Eu esperava que ela fosse durar até a noite para ajudar em nossa busca, mas um furtivo raio de sol passando por um buraco de nó de madeira às minhas costas excluiu essa possibilidade. Sugerindo a Munroe que era melhor conseguirmos um pouco de luz antes de cair uma nova chuvarada, destranquei e abri a porta tosca. O chão do lado de fora era uma massa singular de lama e poças d'água, com novos montículos formados pelo leve deslizamento de terra, mas nada vi que justificasse o interesse que mantinha meu companheiro curvado, em silêncio, para fora da janela. Cruzando até onde ele estava, toquei em seu ombro, mas ele não se mexeu. Então, quando o sacudia vigorosamente e virava, senti as gavinhas sufocantes de um horror canceroso cujas raízes estendiam-se a passados infinitos e abismos imensuráveis das trevas que se estendem além dos tempos.

Pois Arthur Munroe estava morto. E, no que restara de sua cabeça mastigada e sem olhos, já não havia um rosto.

III. *O que significava o clarão vermelho*

Na noite tempestuosa de 8 de novembro de 1821, com uma lanterna projetando sombras espectrais, ali estava eu cavando, solitário e embrutecido, a sepultura de Jan Martense. Começara a cavar à tarde, porque a tempestade estava formando-se, e, agora que escurecera e a tempestade desabara sobre a folhagem densa, eu estava contente.

Creio que minha mente ficou um tanto perturbada pelos fatos desde 5 de agosto: a sombra diabólica no solar, a tensão geral e o desapontamento e aquilo que ocorrera na vila durante um vendaval em outubro. Depois daquilo, eu havia cavado uma sepultura para alguém cuja morte eu não pudera compreender. Sabia que outros também não poderiam, por isso os deixei pensar que Arthur Munroe perdera-se. Eles o procuraram sem nada encontrar. Os posseiros poderiam ter compreendido, mas não ousei apavorá-los ainda mais. Eu próprio me sentia curiosamente insensível. Aquele choque no solar havia produzido alguma coisa em meu cérebro, e tudo em que eu conseguia pensar era procurar um horror que agora havia adquirido uma estatura cataclísmica em minha imaginação, uma procura que o destino de Arthur Munroe me fizera jurar que manteria secreta e solitária.

O cenário de minhas escavações, sozinho, teria bastado para acovardar qualquer pessoa comum. Árvores primitivas, apavorantes por seus descomunais tamanhos, idade e aspecto grotesco me espreitavam como pilares de algum diabólico tempo druídico, abafando a tempestade, aplacando o vento mordente e deixando passar um pouco de chuva apenas. Além dos troncos lacerados do fundo, iluminados pelos fracos lampejos filtrados dos relâmpagos, erguiam-se as pedras úmidas cobertas de hera do solar deserto enquanto, um pouco mais perto, estava o abandonado jardim holandês cujos passeios e canteiros encontravam-se infestados por uma vegetação hipertrofiada, fétida, fúngica e esbranquiçada que jamais vira a luz plena do sol. E, mais perto ainda, havia o cemitério, onde as árvores deformadas projetavam galhos insanos quando suas raízes deslocavam as lajes profanas e sugavam o veneno do que jazia embaixo. Aqui e ali, por baixo da mortalha de folhas pardas que apodreciam e se putrefaziam na escuridão da mata antediluviana, eu podia divisar os contornos sinistros de alguns daqueles outeiros baixos que caracterizavam a região trespassada pelos raios.

A História me conduziu a essa sepultura arcaica. A História, de fato, era tudo que me restava depois de tudo mais terminar em zombeteiro

satanismo. Eu agora acreditava que o medo à espreita não era um ser material, mas um fantasma com presas lupinas que cavalgava o relâmpago no meio da noite. E acreditava, em virtude de todo o folclore local que havia desenterrado na busca junto com Arthur Munroe, que o fantasma era o de Jan Martense, morto em 1762. Este era o motivo para estar cavando estupidamente em seu túmulo.

O solar Martense fora erguido em 1670 por Gerrit Martense, um abastado mercador de Nova Amsterdã que não gostou da passagem do poder para o domínio britânico e havia construído aquele faustoso domicílio num cume arborizado remoto cujas intocada solidão e insólita paisagem o agradaram. O único contratempo importante do lugar eram as violentas tempestades de verão. Ao escolher a colina e construir o seu solar, Mynheer Martense havia atribuído essas freqüentes irrupções naturais a alguma peculiaridade do ano, mas, com o tempo, ele percebeu que o local era especialmente propenso a tais fenômenos. Por fim, considerando que as tempestades eram uma ameaça a sua própria vida, adaptou um porão onde poderia proteger-se de suas ocorrências mais violentas.

Sabe-se ainda menos dos descendentes de Gerrit Martense do que dele próprio, pois todos foram criados no ódio à civilização inglesa e educados para evitar os colonos que a aceitavam. Sua vida era muito reclusa e as pessoas diziam que, por causa de seu isolamento, eles tinham-se tornado pessoas de poucas palavras e difícil compreensão. Ao que parece, todos eram portadores de uma peculiar dissemelhança hereditária de olhos, tendo geralmente um olho azul e outro castanho. Seus contatos sociais foram ficando cada vez mais raros até que eles finalmente deram para se casar com a numerosa população servil que havia na propriedade. Muitos degenerados da populosa família cruzaram o vale e mesclaram-se com a população mestiça que mais tarde viria a gerar os desgraçados posseiros. O resto havia-se aferrado com teimosia ao solar ancestral, encerrando-se cada vez mais no clã e desenvolvendo uma reação neurótica às freqüentes tempestades.

A maior parte dessas informações veio ao mundo por meio do jovem Jan Martense, que, movido por algum tipo de inquietação, alistou-se no exército colonial quando as notícias sobre a Convenção de Albany chegaram à Tempest Mountain. Ele foi o primeiro dos descendentes de Gerrit a ver alguma coisa do mundo externo e, quando voltou, em 1760,

depois de seis anos de campanhas militares, foi odiado como um intruso por seu pai, seus tios e seus irmãos, apesar de ter os olhos desiguais dos Martense. Ele já não poderia compartilhar as peculiaridades e preconceitos dos Martense, e as próprias tempestades da montanha não conseguiam inebriá-lo como antes. Seu ambiente, agora, o deprimia, e ele chegou a escrever muitas vezes a um amigo de Albany sobre seus planos para deixar o abrigo paterno.

Na primavera de 1763, Jonathan Gifford, o amigo de Albany de Jan Martense, ficou preocupado com o silêncio de seu correspondente, especialmente por causa das condições e disputas no solar Martense. Decidido a visitar Jan em pessoa, partiu a cavalo para as montanhas. Seu diário afirma que ele chegou à Tempest Mountain em 20 de setembro, encontrando o solar em avançado estado de decrepitude. Os soturnos Martense, cuja aparência de animal sujo o deixou chocado, disseram-lhe com sons guturais entrecortados que Jan havia morrido. Insistiram em que ele fora atingido por um raio no outono anterior, e agora estava enterrado atrás dos maltratados jardins. Mostraram a sepultura árida e sem lápide ao visitante. Alguma coisa nos modos dos Martense produziu um sentimento de repulsa e suspeita em Gifford, e uma semana mais tarde ele voltou com uma pá e um enxadão para investigar aquele lugar sepulcral. Encontrou o que já esperava: um crânio cruelmente esmagado por golpes selvagens; e, retornando a Albany, acusou abertamente os Martense do assassinato de seu parente.

Faltaram evidências legais, mas a história alastrou-se rapidamente por toda a região, e, daquela época em diante, os Martense foram colocados em ostracismo pelo mundo. Ninguém queria negociar com eles, e sua propriedade distante era evitada como um lugar maldito. De alguma forma, eles conseguiram seguir vivendo autonomamente com o produto de sua propriedade, pois as luzes ocasionais que brilhavam nas colinas distantes atestavam a persistência de sua presença. Essas luzes foram vistas até 1810, mas, já perto dessa época, haviam-se tornado muito inconstantes.

Neste ínterim, formou-se uma mitologia diabólica sobre o solar e a montanha. O lugar era evitado com redobrada atenção e investido de toda sorte de segredos míticos que a tradição poderia fornecer. Ficou sem ser visitado até 1816, quando a persistente ausência das luzes foi notada pelos

posseiros. Nessa ocasião, um grupo fez investigações, encontrando a casa deserta e quase em ruínas.

Não encontraram esqueletos por lá, daí terem inferido que o caso era de partida, e não de morte. O clã parecia ter partido havia muitos anos, e os alpendres improvisados indicavam o tanto que se haviam multiplicado antes da migração. Seu nível cultural descera muito, como ficava claro pelos móveis decadentes e a prataria espalhada que deviam ter sido havia muito abandonados quando os donos partiram. Mas, embora os temidos Martense houvessem partido, o medo da casa assombrada persistiu e ficou ainda mais forte quando novas e estranhas histórias começaram a correr entre os montanheses. Lá estava ela, deserta, temida e associada ao fantasma vingador de Jan Martense. Lá estava ela ainda na noite em que escavei o túmulo de Jan Martense.

Descrevi minha demorada escavação como estúpida, e assim ela era, de fato, tanto no método como nos objetivos. Não demorou para o esquife de Jan Martense ser desenterrado — continha agora apenas pó e salitre —, mas, em minha gana para exumar seu fantasma, cavei irracional e desordenadamente embaixo de onde ele fora depositado. Deus sabe o que eu esperava encontrar — sentia apenas que estava escavando a sepultura de um homem cujo fantasma deambulava à noite.

É impossível dizer que profundidade monstruosa eu havia alcançado quando minha pá, e logo depois meus pés, desmoronaram solo abaixo. O fato, nas circunstâncias, era fantástico, pois a existência ali de um espaço subterrâneo vinha confirmar, de maneira terrível, minhas loucas teorias. Na pequena queda, meu lampião apagou-se, mas tirei uma lanterna elétrica do bolso e avistei o estreito túnel horizontal que se afastava indefinidamente em ambas as direções. Ele era largo o bastante para um homem esgueirar-se por ele, e, conquanto nenhuma pessoa sã teria tentado fazê-lo naquele momento, eu esqueci perigo, razão e limpeza em minha ânsia obstinada de desvendar o medo à espreita. Escolhendo a direção da casa, arrastei-me com ousadia por aquela cova estreita, contorcendo-me às cegas e às pressas para diante e só ocasionalmente acendendo a lanterna que conservava estendida à minha frente.

Que linguagem poderá descrever o espetáculo de um homem perdido na terra abismai, tateando, contorcendo-se, revirando-se, espremendo-se, arrastando-se como um louco por túneis sinuosos escavados numa escuridão imemorial sem qualquer noção de tempo,

segurança, direção ou objetivo definido? Havia algo de hediondo naquilo, mas foi o que fiz. Eu o fiz por tanto tempo, que a vida desfez-se numa recordação distante, igualando-me às toupeiras e vermes das profundezas espectrais. Na verdade, foi por acidente apenas que, depois de curvas intermináveis, balancei minha esquecida lanterna elétrica, fazendo-a reluzir fantasticamente nas paredes de barro endurecido que se estendiam até uma curva à frente.

Eu vinha arrastando-me desse jeito havia algum tempo, de forma que minha bateria estava quase sem carga quando a passagem inclinou-se abruptamente para cima, alterando meu avanço. E, quando ergui os olhos, não estava preparado para o que vi cintilando à distância: dois reflexos diabólicos de minha bruxuleante lanterna, dois reflexos brilhando com um fulgor maligno e inconfundível, provocando recordações alucinadas. Parei automaticamente, embora me faltasse cabeça para retroceder. Os olhos aproximaram-se, mas eu só pude distinguir a garra da coisa que se aproximava. Mas que garra! Em seguida, eu ouvi, muito ao longe, lá no alto, um leve estrondo que reconheci. Era a trovoada selvagem da montanha, elevada a um furor histérico — eu devia estar arrastando-me para cima já havia algum tempo e a superfície estava agora muito perto. E, quando o trovão abafado retumbou, aqueles olhos ainda me fitavam com uma vaga malignidade.

Graças a Deus, eu não sabia então do que se tratava, pois poderia ter morrido. Mas fui salvo pelo próprio trovão que a havia conclamado, pois, depois de uma pavorosa espera, explodiu do céu exterior invisível um daqueles freqüentes raios do lado da montanha cujas conseqüências eu havia notado, aqui e ali, como rasgos de terra revolvida e fulguritos dos mais variados tamanhos. Com um furor ciclópico, ele rasgou o chão acima daquela cova abjeta, cegando-me e ensurdecendo-me, mas sem me reduzir completamente à inconsciência.

Agarrei-me, espojei-me no caos da terra revolvida pelo deslizamento até a chuva que caía sobre minha cabeça me recompor e pude notar que alcançara a superfície num ponto conhecido: um lugar íngreme, desmaiado, na encosta sudoeste da montanha. Uma sucessão de relâmpagos iluminou o solo revirado e os restos do curioso outeiro baixo que se estendera da encosta superior arborizada, mas não havia nada naquele caos que assinalasse o local de meu egresso da catacumba letal. Meu cérebro estava em estado tão caótico como a terra e, quando um

distante clarão vermelho eclodiu no horizonte meridional, eu mal percebi o horror pelo qual havia passado.

Dois dias depois, porém, quando os posseiros explicaram-me o significado do clarão vermelho, senti um horror ainda maior do que me haviam causado a cova de lama, a garra e os olhos, um horror maior por suas estarrecedoras implicações. Num vilarejo a muitas milhas de distância, uma orgia de medo sucedera ao raio que me trouxera à superfície, e uma coisa indescritível havia saltado de uma árvore para dentro de uma cabana de telhado frágil. Ela havia feito algo, mas os posseiros tinham ateado fogo à cabana antes que ela pudesse escapar. Ela estivera realizando aquilo no exato momento em que a terra desmoronara sobre a coisa com a garra e os olhos.

IV. *O horror nos olhos*

Não pode ser normal a mente de alguém que, sabendo o que eu sabia dos horrores da Tempest Mountain, saísse sozinho em busca do medo que estava à espreita naquele lugar. O fato de que pelo menos duas das encarnações do medo estavam destruídas não passava de uma frágil garantia de segurança física e mental neste Aqueronte[3] de diabolismo multiforme, mas prossegui em minha busca com zelo ainda maior à medida que os fatos e as revelações iam-se tornando mais monstruosos.

Quando fiquei sabendo, dois dias depois de meu terrível rastejar por aquela cripta dos olhos e da garra, que uma criatura maligna havia aparecido a vinte milhas de distância no mesmo instante em que os olhos me fitavam, experimentei verdadeiras convulsões de pavor. Mas aquele pavor estava tão misturado com a admiração e uma excitação grotesca, que a sensação era quase agradável. Às vezes, na agonia de um pesadelo, quando potências invisíveis nos fazem rodopiar sobre os telhados de curiosas cidades mortas rumo ao abismo sorridente de Nis, é um alívio, e mesmo uma delícia, gritar freneticamente e atirar-se junto com o medonho vórtice da sina onírica em qualquer abismo sem fundo e escancarado que possa existir. E assim foi com o pesadelo ambulante de Tempest Mountain. A descoberta de que dois monstros haviam assombrado o lugar causou-me um desejo insano de mergulhar na própria terra da região maldita e

desenterrar, com as mãos nuas, a morte que espreitava de cada polegada do solo venenoso.

Tão logo me foi possível, visitei o túmulo de Jan Martense e escavei inutilmente onde já havia cavado antes. Um extenso desmoronamento havia apagado qualquer traço da passagem subterrânea, enquanto a chuva varrera tanta terra para dentro da escavação, que eu não poderia dizer até que profundidade havia cavado no outro dia. Também fiz uma árdua viagem até o vilarejo distante onde a criatura letal havia sido queimada, sem muito êxito. Entre as cinzas da fatídica cabana, encontrei vários ossos, mas, aparentemente, nenhum do monstro. Os posseiros disseram que a coisa fizera apenas uma vítima, mas nisto os julguei imprecisos, pois, além do crânio completo de um ser humano, havia um outro fragmento de osso que parecia ter pertencido algum dia a um crânio humano. Embora houvessem visto a rápida queda do monstro, ninguém poderia dizer qual era a aparência exata da criatura. Os que a tinham vislumbrado, chamaram-na simplesmente de um diabo. Examinando a grande árvore onde ela estivera de tocaia, não pude discernir alguma marca especial. Tentei encontrar uma trilha na floresta escura, mas nesta ocasião não consegui suportar a visão daqueles troncos grossos e doentios ou daquelas enormes raízes serpeantes que se retorciam de maneira tão maligna antes de mergulharem no solo.

Meu passo seguinte foi vasculhar com atenção microscópica o vilarejo deserto onde a morte comparecera com maior freqüência e onde Arthur Munroe vira algo que não vivera para descrever. Apesar de haver-me esmerado nas buscas anteriores, agora eu tinha novos dados para testar, pois meu horrível rastejar sepulcral me convencera de que ao menos uma das fases da monstruosidade havia sido uma criatura subterrânea. Desta vez, em 14 de novembro, minha busca concentrou-se nas encostas da Cone Mountain e da Maple Hill com vista para o infausto vilarejo, e dei uma atenção toda especial à terra solta da região do deslizamento nesta última elevação.

A tarde de minha busca não revelou nada, e o crepúsculo chegou quando eu estava na Maple Hill olhando para baixo, para o vilarejo e, por sobre o vale, para a Tempest Mountain. O pôr-do-sol fora estupendo e agora a lua surgira quase cheia, inundando de prata a planície, a encosta distante e os curiosos outeiros baixos que se erguiam aqui e ali. Era um cenário tranqüilo, bucólico, mas, sabendo o que ele ocultava, eu o detestei.

Detestei a lua zombeteira, a planície hipócrita, a montanha festiva e aqueles outeiros sinistros. Tudo me parecia maculado por um contágio abjeto e inspirado por uma associação espúria que encobria potências ocultas.

Então, enquanto olhava absorto para a paisagem enluarada, meu olhar foi atraído por alguma coisa singular na natureza e na disposição de alguns elementos topográficos. Sem ter um conhecimento preciso de geologia, desde o início eu me havia interessado pelos curiosos montes e outeiros da região. Havia notado que eles estavam distribuídos em toda a roda da Tempest Mountain, embora fossem menos numerosos na planície do que perto do próprio cume da montanha, onde a glaciação pré-histórica certamente havia encontrado menor oposição para suas caprichosas e fantásticas investidas. Agora, à luz daquela lua baixa que projetava sombras longas, misteriosas, ocorreu-me que os diversos pontos e linhas do sistema de montes tinham uma relação peculiar com o cume da Tempest Mountain. Aquele cume era com certeza o centro de onde irradiavam, indefinida e irregularmente, as linhas ou fileiras de pontos, como se o abjeto solar Martense lançasse tentáculos visíveis de pavor. A idéia da existência desses tentáculos provocou-me um calafrio inexplicável, e eu parei para analisar meus motivos para acreditar que aqueles outeiros eram um fenômeno glacial.

Quanto mais eu analisava, menos acreditava, e, em minha mente recém-desperta, começaram a martelar analogias grotescas, horríveis, relacionadas a certos aspectos da superfície e da minha experiência subterrânea. Antes que desse por isso, estava balbuciando palavras desconexas: “Meu Deus!... montículos de toupeiras... o maldito lugar deve estar coalhado... quantos... aquela noite no solar... elas pegaram Bennet e Tobey primeiro... um de cada lado...”. Logo depois eu estava cavando freneticamente no montículo que me ficava mais próximo, cavando com desespero, tremendo, mas quase em júbilo, cavando até que enfim soltei um grito com uma espécie de emoção deslocada quando dei com um túnel, ou toca, como aquele onde havia rastejado naquela outra noite infernal.

Depois disso, lembro-me de ter corrido com a pá na mão, uma corrida medonha pelas campinas enluaradas eriçadas de pequenos morros e pelos precipícios doentios da assombrada floresta da encosta, saltando, gritando, ofegando, rumando para o terrível solar Martense. Lembro-me de ter cavado irracionalmente em todas as partes do porão atulhado de

urzes, cavado para encontrar o cerne e o centro daquele universo maligno de montes. E, depois, lembro-me de como ri ao dar com a passagem, a abertura na base da velha chaminé, onde o mato espesso crescia projetando sombras singulares à luz da única vela que trazia comigo. O que ainda restava em baixo naquela colméia infernal, emboscado e à espera de ser convocado pelo trovão, eu não sabia. Dois haviam sido mortos; talvez aquilo houvesse acabado com eles. Mas havia ainda aquela vontade ardente de atingir o âmago do segredo do medo, que, uma vez mais, eu viera a considerar definido, material e orgânico.

Minhas indecisas especulações sobre se deveria explorar a passagem sozinho e imediatamente com minha lanterna ou tentar reunir um grupo de colonos para a busca foram interrompidas alguns instantes depois por uma súbita rajada de vento, vinda de fora, que apagou a vela, deixando-me na mais absoluta escuridão. A Lua já não brilhava através das frinchas e aberturas acima de mim e, com uma sensação de fatídico alarme, eu ouvi o sinistro e agourento rumor da tempestade aproximando-se. Uma confusa associação de idéias apossou-se de meu cérebro, levando-me a caminhar às apalpadelas até o canto mais distante do porão. Meus olhos, porém, não se desviaram em nenhum momento da horrível abertura na base da chaminé, e pude vislumbrar os tijolos derrubados e as urzes doentias quando o brilho tênue dos relâmpagos transpunha a mata externa e iluminava as frinchas do alto da parede. A cada segundo, uma mistura de medo e curiosidade me consumia. O que a tempestade chamaria — teria sobrado alguma coisa a ser chamada? Guiado por um relâmpago, acomodei-me atrás de uma densa moita de arbustos que me permitia observar a abertura sem ser visto.

Se Deus tiver piedade, algum dia apagará de minha consciência a visão que eu tive e irá deixar-me viver em paz os anos que me restam. Não consigo dormir à noite e preciso tomar soníferos quando troveja. A coisa aconteceu abruptamente, sem aviso: a correria infernal como que de ratos de abismos remotos e impensáveis, o arquejar demoníaco e os grunhidos abafados e, então, daquela abertura embaixo da chaminé, a monumental irrupção de vida morfética — uma abjeta maré de corrupção orgânica mais devastadoramente medonha que a mais negra das conjurações de loucura e morbidez mortais. Espumando, fervendo, borbulhando como a gosma de uma serpente, ela arrastou-se para fora daquela abertura escancarada, espalhando-se como um contágio purulento e escorrendo para fora do

porão por cada ponto de saída — escorrendo para fora para se espalhar pela mata amaldiçoada no meio da noite, disseminando o medo, a loucura e a morte.

Deus sabe quantos poderiam haver — deviam ser milhares. Era estarrecedor ver aquela torrente deles sob os clarões intermitentes dos relâmpagos. Quando seu número reduziu-se o suficiente para poderem ser vistos como organismos separados, percebi que eram demônios, ou macacos, cabeludos, deformados e anãos — caricaturas monstruosas e diabólicas dos símios. Eram tão abjetamente silenciosos, que mal se ouviu um guincho quando um dos últimos desgarrados virou-se com a habilidade de uma longa prática para se servir, de modo habitual, de um companheiro mais fraco. Outros agarraram o que sobrou e comeram com avidez, babando de satisfação. Depois, apesar do susto e da repugnância, minha curiosidade mórbida triunfou, e, quando a última das monstruosidades esgueirou-se sozinha daquele misterioso mundo inferior de pesadelo, saquei a automática e disparei nela encoberto pelo trovão.

Sombras uivantes, deslizantes, torrenciais daquela gosmenta loucura vermelha caçando-se mutuamente por intermináveis passagens ensangüentadas de fulgurante céu purpurino...; fantasmas informes e mutações caleidoscópicas de uma cena fantasmagórica relembrada; florestas de carvalhos monstruosos hipertrofiados com raízes serpeantes retorcendo-se e sugando os humores inomináveis de uma terra verminosa povoada por milhões de monstros canibais; tentáculos em forma de montículos de terra tateando de núcleos subterrâneos de perversão poliposa...; raios enfurecidos sobre paredes cobertas de heras malignas e arcadas demoníacas asfixiadas pela vegetação bolorenta... Deus seja louvado pelo instinto que me levou inconsciente a lugares habitados por gente, ao pacífico vilarejo adormecido sob as plácidas estrelas do céu cristalino.

Em uma semana me recompus o suficiente para convocar um grupo de homens de Albany para explodir com dinamite o solar Martense e todo o cume da Tempest Mountain, obstruir todas as covas-montículos que encontrasse e destruir certas árvores hipertrofiadas cuja existência parecia um insulto à sanidade mental. Consegui dormir um pouco depois de terem feito isso, mas jamais terei o verdadeiro repouso enquanto recordar aquele inominável segredo do medo à espreita. A coisa irá perseguir-me, pois quem poderá saber se o extermínio foi completo e se fenômenos análogos

não poderão existir no mundo todo? Sabendo tudo que eu sei, quem poderia pensar nas cavernas ocultas da Terra sem um pavor infernal de futuras possibilidades? Não posso ver um poço ou uma entrada do trem metropolitano sem estremecer... Por que os médicos não me dão algo para dormir ou para tranqüilizar de fato meu cérebro quando troveja?

O que vi sob o facho da lanterna depois de atirar na coisa indescritível retardatária foi tão simples, que quase um minuto se passou até eu compreender e ficar fora de mim. A coisa era nauseante, um imundo gorila esbranquiçado com presas agudas amareladas e pelagem emaranhada. Era o produto final da degeneração mamífera, o pavoroso resultado da proliferação, multiplicação e alimentação canibalesca isoladas em cima e em baixo da superfície do solo, a encarnação de todo o rosnante, caótico e sorridente pavor que espreita por trás da vida. Ela olhou para mim enquanto morria, e seus olhos tinham a mesma qualidade estranha que marcava aqueles outros olhos que me haviam fitado no subterrâneo e instigado nebulosas recordações. Um olho era azul, o outro castanho. Eram os olhos desiguais dos Martense de que falam as velhas lendas, e eu soube, num torrencial cataclismo de horror indizível, o que se havia passado com a família desaparecida, com a terrível casa de Martense ensandecida pelo trovão.



Dagon

ESCREVO ISSO DEBAIXO de uma tensão mental considerável já que esta noite poderei não estar mais vivo. Sem um centavo e no final de meu suprimento da droga que, só ela, consegue tornar minha vida tolerável, já não consigo suportar a tortura e irei atirar-me dessa janela de sótão na rua esquálida lá em baixo. Não pensem que minha dependência da morfina tenha-me tornado um fraco ou degenerado. Quando houverem lido estas páginas rabiscadas às pressas, poderão imaginar, mesmo sem nunca perceber plenamente, por que preciso do olvido ou da morte.

Foi num dos trechos mais abertos e pouco freqüentados do vasto Pacífico que o paquete onde eu era comissário de bordo foi capturado pelo vaso de guerra alemão. A grande guerra estava, então, em seu início, e as forças marítimas do bárbaro ainda não haviam mergulhado por completo em sua posterior degradação. Sendo assim, nossa embarcação foi tomada como legítima presa, enquanto nós, membros de sua tripulação, fomos tratados com toda a eqüidade e consideração que nos eram devidas como prisioneiros navais. Era tão liberal, de fato, a disciplina de nossos captores, que cinco dias depois de nos tomarem, consegui escapar, sozinho, num pequeno barco equipado com água e provisões para muito tempo.

Quando enfim me vi livre e à deriva, não tinha muita noção de minha localização. Como nunca havia sido um navegador experiente, eu só podia imaginar, vagamente, pelo sol e as estrelas, que estava um pouco ao sul do Equador. Da latitude eu nada sabia, e não havia ilha nem linha costeira à vista. O tempo manteve-se firme e durante dias sem conta eu vaguei sem destino debaixo de um sol escaldante, esperando a passagem

de algum navio ou ser atirado às praias de alguma terra habitável. Mas não surgiu navio nem terra e comecei a me desesperar em minha solidão sobre a ondulante vastidão de interminável azul.

A mudança aconteceu enquanto eu dormia. Seus detalhes eu jamais saberei, pois, embora agitado e povoado de sonhos, tive um sono contínuo. Quando afinal despertei, descobri-me meio tragado pela extensão lamacenta de um infernal lodo negro que se estendia à minha volta em monótonas ondulações até onde minha vista alcançava e onde, a certa distância, estava enterrado meu barco.

Embora se possa perfeitamente imaginar que minha primeira sensação seria de espanto com uma transformação tão prodigiosa e inesperada de cenário, eu, na verdade, fiquei mais horrorizado do que espantado, pois havia no ar e no solo putrefato um caráter sinistro que me arrepiou até o âmago de meu ser. A região toda fedia com as carcaças de peixes apodrecidos e outras coisas menos descritíveis que eu vi projetadas da lama abjeta da interminável planície. Talvez eu não devesse esperar transmitir em meras palavras a indizível repugnância que pode existir num silêncio absoluto e numa imensidão estéril. Não havia nada ao alcance do ouvido e da visão, salvo uma vasta extensão de lodo preto, mas ainda assim o caráter absoluto do silêncio e a homogeneidade da paisagem me oprimiram com um medo nauseante.

O sol ardia no alto de um céu sem nuvens que me parecia quase negro em sua impiedade, como se refletisse o pântano escuro que tinha embaixo de meus pés. Arrastando-me para dentro do barco encalhado, percebi que apenas uma teoria poderia explicar minha situação: por algum tipo de erupção vulcânica sem precedentes, parte do leito do oceano devia ter sido impelida para a superfície, expondo regiões que durante incontáveis milhões de anos ficaram submersas debaixo de profundezas aquáticas imensuráveis. Era tão grande a extensão da nova terra que se elevara por baixo de mim, que não consegui captar o mais tênue ruído do oceano, por mais que forçasse os ouvidos. Também não havia qualquer ave marinha para pilhar as coisas mortas.

Durante muitas horas, eu fiquei sentado, pensando e ruminando, no barco que estava caído de lado e produzia um pouco de sombra à medida que o sol ia seguindo seu curso no céu. Com o avanço do dia, o chão foi ficando menos pegajoso, indicando que ficaria seco o bastante para permitir que se andasse sobre ele dentro de pouco tempo. Dormi muito

pouco naquela noite e, no dia seguinte, preparei um farnel com água e comida para uma excursão terrestre em busca do mar desaparecido e de um possível resgate.

Na terceira manhã, verifiquei que o solo já estava bem seco e permitiria que se caminhasse sem problemas sobre ele. O cheiro de peixe era enlouquecedor, mas eu estava concentrado demais em coisas mais sérias para me importar com desgraça tão pequena, e parti ousadamente para um destino incerto. Caminhei a duras penas durante o dia todo na direção oeste, guiado por um outeiro distante que se destacava em altura dos outros que existiam no deserto acidentado. Acampei naquela noite, e, no dia seguinte, segui avançando para o outeiro, embora aquele objeto parecesse estar pouca coisa mais perto do que da primeira vez em que o vira. Na quarta noite, atingi a base do monte, que se mostrou muito mais alto do que parecera à distância. Um vale interposto destacava seu perfil da superfície geral. Exausto demais para subir, dormi à sombra da colina.

Não entendo por que meus sonhos foram tão agitados naquela noite, mas, antes da curva fantasticamente acentuada da lua minguante ter-se erguido muito alto acima do lado oriental da planície, acordei suando frio, decidido a não me deixar adormecer de novo. As visões como as que havia tido eram demais para suportá-las de novo. E sob o brilho do luar, percebi como foram insensatas as minhas caminhadas diurnas. Sem o ardor do sol escaldante, minha jornada teria-me custado menos energia. Agora, enfim, eu me sentia perfeitamente capaz de realizar a escalada que me havia intimidado ao entardecer. Apanhei então o farnel e encaminhei-me para a crista da elevação.

Já tive a oportunidade de mencionar que a monotonia constante da planície ondulada era-me uma fonte de impreciso horror, mas creio que meu horror ficou maior quando alcancei o cume do monte e olhei para o outro lado, para um imenso vale ou canhão cujos recessos negros a lua ainda não se havia erguido o suficiente para iluminar. Senti-me no limiar do mundo, olhando, por sobre a borda, para um caos insondável de escuridão perpétua. Em meio a meu terror, perpassaram curiosas reminiscências do "Paraíso Perdido[4]" e da tenebrosa ascensão de Satã pelos reinos informes das trevas.

À medida que a Lua foi subindo no céu, pude notar que as encostas do vale não eram tão perpendiculares quanto eu imaginara. Saliências e afloramentos de rocha forneciam apoios perfeitos para uma descida, além

de que, cerca de trinta metros abaixo, o declive tornava-se bastante ameno. Impelido por um impulso que não consigo precisar, fui descendo com dificuldade pelas rochas até parar na encosta menos íngreme abaixo, de onde fitei as profundezas estígias onde nenhuma luz jamais penetrara.

De repente, minha atenção foi atraída por um objeto enorme e singular na vertente oposta erguendo-se abruptamente a cerca de cem jardas à minha frente, um objeto de brilho esbranquiçado sob os raios da Lua ascendente. De início, imaginei que se tratasse de uma simples rocha gigantesca, mas estava pouco consciente de que seu contorno e sua posição não eram uma obra puramente natural. Um exame mais de perto encheu-me de sensações que não consigo exprimir, pois, apesar de seu tamanho imenso e sua posição num abismo que ficara escondido no fundo do mar desde a juventude do mundo, percebi que o estranho objeto era um monolito bem moldado cujo vulto maciço havia conhecido o artesanato humano e, talvez, a adoração de criaturas vivas e pensantes.

Pasmo e assustado, mas não sem um certo frêmito de prazer do cientista ou do arqueólogo, examinei com maior atenção o meu entorno. A Lua, agora perto do zênite, brilhava intensamente, misteriosamente, sobre os penhascos abissais que ladeavam o abismo, revelando um extenso curso d'água que corria sinuoso em seu fundo até se perder de vista em ambas as direções e quase lambia meus pés enquanto eu estava ali, parado, na encosta. Do outro lado do vale, as leves ondulações da água roçavam a base do ciclópeo monolito, sobre cuja superfície eu podia agora distinguir inscrições e entalhes toscos. A escrita estava em um sistema de hieróglifos que eu não conhecia e que era diferente de tudo que eu já vira em livros, consistindo, em sua maior parte, de símbolos aquáticos estilizados como peixes, enguias, polvos, crustáceos, moluscos, baleias, coisas assim. Era patente que diversos caracteres representavam coisas marinhas desconhecidas do mundo moderno, mas cujas formas, em decomposição, eu havia observado na planície erguida do oceano.

Foram os entalhes decorativos, porém, que mais me extasiaram. Havia um arranjo de baixos-relevos, bem visível acima da água interposta por conta de seu enorme tamanho, cuja temática teria provocado a inveja de Doré. Imagino que aquelas coisas deviam supostamente ilustrar pessoas — ao menos um certo tipo de pessoas, embora as criaturas fossem mostradas divertindo-se como peixes nas águas de alguma gruta marinha ou venerando algum santuário em forma de monolito também ao que tudo

indica submerso. De seus rostos e formas, não ouso falar com detalhes; sua mera lembrança me deixa aturdido. De um grotesco além da imaginação de um Poe ou de um Bulwer, tinham um perfil infernalmente humano apesar das mãos e pés palmados, dos lábios chocantemente largos e flácidos, dos olhos saltados e vítreos, e outras feições ainda menos agradáveis de se lembrar. O curioso é que pareciam ter sido cinzelados muito fora de proporção em relação ao cenário de fundo, pois uma das criaturas era mostrada no ato de matar uma baleia representada com um tamanho um pouco maior do que o seu, mas naquele momento eu achei que eram apenas os deuses imaginários de alguma tribo primitiva, navegante e pescadora, alguma tribo cujos derradeiros descendentes teriam perecido muitas eras antes do primeiro ancestral do Homem de Piltdown ou de Neanderthal haver nascido. Extasiado diante daquele inesperado vislumbre de um passado além da imaginação do mais ousado antropólogo, fiquei ali cismando enquanto a Lua provocava curiosos reflexos no plácido canal à minha frente.

Então, de repente, eu a vi. Com uma leve agitação para indicar sua subida à superfície, a coisa emergiu para fora das águas escuras. Enorme, polifêmica e repugnante, ela disparou como o monstro fabuloso de um pesadelo para o monolito, ao redor do qual arrojou seus gigantescos braços escamosos enquanto inclinava a cabeça horripilante, produzindo sons ritmados. Pensei ter enlouquecido, então.

De minha subida frenética da encosta e do penhasco, de minha delirante jornada de volta para o barco encalhado, pouco me recordo. Creio que cantei muito e ri como louco quando era incapaz de cantar. Tenho vagas recordações de uma grande tempestade algum tempo depois de alcançar o barco. De qualquer forma, sei que ouvi o ribombar de trovões e outros ruídos que a natureza produz somente em seus humores mais terríveis.

Quando sai das trevas, estava num hospital de San Francisco, para onde fora levado pelo capitão de um navio americano que recolhera meu barco no meio do oceano. Em meu delírio, falei muito, mas descobri que não deram muita atenção às minhas palavras. Meus salvadores não sabiam nada a respeito de alguma terra que houvesse aflorado no Pacífico, e eu não julguei necessário insistir em algo em que sabia que eles não poderiam acreditar. Procurei certa vez um famoso etnólogo e o diverti com perguntas curiosas sobre a antiga lenda filistina de Dagon, o Deus-Peixe,

mas, percebendo logo que ele era um racionalista incorrigível, não insisti nas perguntas.

É durante a noite, especialmente quando a lua está muito curva e minguante, que eu vejo a coisa. Tentei a morfina, mas a droga deu-me apenas um alívio temporário e arrastou-me para suas garras como um escravo sem esperança. Sim, tendo escrito um relato completo para a informação ou a desdenhosa diversão de meus semelhantes, agora pretendo acabar com tudo. Muitas vezes me pergunto se tudo não teria passado de pura fantasmagoria — uma simples fantasia febril enquanto eu jazia, castigado pelo sol e delirante, naquele barco descoberto depois de minha fuga do vaso de guerra alemão. Isso eu me pergunto, mas sempre me vem uma visão terrivelmente pavorosa em resposta. Não consigo pensar no mar profundo sem estremecer com as coisas inomináveis que podem, neste exato momento, estar arrastando-se e espojando-se em seu leito lamacento, adorando seus antigos ídolos de pedra e cinzelando à sua própria e detestável semelhança em obeliscos submarinos de granito encharcado. Sonho com o dia em que elas poderão ascender acima dos vagalhões para arrastar para o fundo, com suas garras fétidas, os remanescentes de uma humanidade debilitada, exaurida pela guerra — o dia em que a terra poderia afundar e o escuro leito do oceano erguer-se em meio a um pandemônio universal.

O fim está próximo. Ouço um ruído à porta, como se um imenso corpo viscoso a estivesse forçando. Ela não me encontrará. Deus, *aquela mão!* A janela! A janela!



O Horror em Red Hook

Existem tantos sacramentos do mal como do bem ao nosso redor, e vivemos e nos movemos, a meu ver, num mundo desconhecido, um lugar onde existem cavernas e sombras e habitantes na penumbra. É possível que o homem às vezes possa voltar atrás no caminho da evolução, e acredito que um conhecimento terrível ainda não está morto.

– Arthur Machen

I

HÁ POUCAS SEMANAS, numa esquina do vilarejo de Pascoag, Rhode Island, um pedestre alto, de compleição sólida e boa aparência, causou muitas especulações devido a um lapso extraordinário de comportamento. Ao que parece, ele descia a colina pela estrada que vem de Chepachet e, chegando na região central, dobrou à esquerda na via principal onde vários quarteirões de negócios modestos transmitem uma atmosfera urbana. Nesse ponto, sem uma provocação visível, cometeu o seu lapso espantoso. Por um segundo ficou encarando estranhamente o prédio mais alto à sua frente e, em seguida, dando uma série de gritos histéricos e aterrorizados, disparou numa corrida desesperada que terminou num tropeção e num tombo no cruzamento seguinte. Levantado do chão e limpo do pó por mãos prestativas, viu-se que estava consciente, organicamente incólume e evidentemente curado do seu ataque nervoso repentino. Então murmurou algumas explicações envergonhadas envolvendo um período de tensão que passara e, com o olhar cabisbaixo, voltou pela estrada de Chepachet, afastando-se penosamente sem olhar nem uma vez para trás. Foi um incidente estranho para acontecer com um homem tão robusto, de aspecto normal e capaz, e essa estranheza não foi mitigada pelas observações de um curioso que o havia reconhecido como sendo hóspede de um popular leiteiro nos arredores de Chepachet.

Então ficaram sabendo que ele fora um detetive da polícia de Nova York chamado Thomas F. Malone, agora numa longa licença médica após um trabalho extraordinariamente duro num caso local terrível e que se tornou dramático por um acidente. Pois o que ocorreu foi um desabamento de vários prédios velhos de tijolos durante uma batida em que ele estava junto, e algo a respeito da perda de vidas em grande escala, tanto dos prisioneiros quanto dos seus colegas, o havia chocado especialmente. Em consequência disso, ele adquirira um horror agudo e anômalo de

qualquer prédio que sugerisse, mesmo remotamente, os prédios que haviam desabado, de maneira que, no fim, os especialistas em doenças mentais o proibiram de ver esse tipo de construção por um período indefinido. Um cirurgião da polícia com parentes em Chepachet sugeriu aquele povoado pequeno e gracioso de casas coloniais de madeira como um lugar ideal para a sua recuperação psicológica; e para lá se foi o sofredor, prometendo não se aventurar em meio às ruas cheias de construções dos vilarejos maiores, a não ser se devidamente aconselhado pelo especialista de Woonsocket com quem fora colocado em contato. Essa caminhada até Pascoag atrás de revistas fora um erro, e o paciente pagara em medo, machucados e humilhação por sua desobediência.

Até aí as fofocas de Chepachet e Pascoag sabiam; e até aí também os especialistas mais cultos acreditavam. Mas num primeiro momento Malone havia contado muito mais, parando somente quando viu que só o que lhe restava era a incredulidade absoluta dos outros. Daí em diante se manteve calado e nem protestou quando todos concordaram que o colapso de algumas casas miseráveis de tijolos na região de Red Hook, no Brooklyn, e a morte em consequência disso de vários policiais valentes, haviam perturbado o seu equilíbrio nervoso. Ele trabalhara com afinco, todos disseram, tentando limpar aqueles ninhos de desordem e violência. Mesmo em sã consciência alguns aspectos eram suficientemente chocantes, e a tragédia inesperada fora a gota d'água. Essa era uma explicação simples que todos podiam entender, e Malone, sendo mais sensível, percebeu que era melhor deixar que isso bastasse. Sugerir para pessoas destituídas de imaginação um horror além de qualquer concepção humana – um horror de casas, quarteirões e cidades leprosas e cancerosas, com o mal arrastando-se de mundos mais antigos – seria meramente pedir por uma cela acolchoada em vez do descanso no campo, e Malone era um homem sensato apesar do seu misticismo. Ele tinha a visão celta profunda para coisas misteriosas e ocultas, mas o olho rápido de um lógico para os visivelmente céticos; um amálgama que o levara longe nos seus 42 anos de vida e o colocara em lugares estranhos para um homem da Universidade de Dublin nascido numa vila georgiana próxima de Phoenix Park.

E agora, enquanto recapitulava as coisas que vira, sentira e percebera, Malone sentia-se satisfeito em manter só para ele o segredo que poderia reduzir um lutador destemido a um neurótico trêmulo, que poderia tornar cortiços velhos de tijolos e mares de rostos misteriosos enigmáticos num pesadelo e em algo de um estranho agouro. Não seria a primeira vez que as suas emoções teriam de esperar para serem consideradas – pois não fora o seu próprio ato de mergulhar no abismo poliglota do submundo de Nova York uma anomalia além de uma explicação sensata? O que ele poderia contar para as pessoas comuns sobre feitiçarias antigas e prodígios grotescos discerníveis aos olhos sensíveis em meio ao caldeirão venenoso onde todos os refugos variados de eras perniciosas misturam a sua malevolência e perpetuam os seus terrores obscenos? Ele vira a chama verde infernal de assombro secreto nessa confusão ruidosa e ambígua de ganância externa e blasfêmia interior e sorrira ternamente quando todos os nova-iorquinos que ele conhecia zombaram da sua experiência no trabalho policial. Eles haviam sido muito espirituosos e cínicos, escarnecendo da sua busca fantástica por mistérios impenetráveis e assegurando-lhe que, nos dias de hoje, Nova York não tinha nada a não ser baixeza e vulgaridade. Um deles apostou com ele que não conseguiria – apesar de ter em seu crédito muitos relatos picantes no Dublin Review – nem escrever uma história verdadeiramente interessante sobre a vida na pobreza de Nova York; e agora, olhando para trás, ele percebia que a ironia cósmica havia justificado as palavras do profeta enquanto secretamente refutando o seu significado leviano. O horror, como visto de relance por fim, não podia dar uma história – pois, como o livro citado pela autoridade alemã de Poe, "es lasst sich nicht lesen", "isto não se deixa ler".

II

Para Malone o sentido de mistério latente na existência era sempre presente. Na juventude ele sentira a beleza oculta e o êxtase das coisas e fora um poeta; mas a pobreza, o sofrimento e o exílio haviam voltado o seu olhar para direções mais sombrias, e ele se arrepiara com as imputações do mal no mundo à sua volta. A vida cotidiana para ele se tornara uma fantasmagoria de estudos irreais e macabros; ora resplandecendo e olhando maliciosamente com uma podridão disfarçada no melhor jeito de um Beardsley[1], ora insinuando terrores por detrás dos formatos e objetos mais triviais como na obra mais sutil e menos óbvia de Gustave Doré[2]. Muitas vezes ele considerava misericordioso que a maioria das pessoas mais inteligentes zombasse dos mistérios mais profundos; afinal, argumentava ele, se as mentes superiores fossem colocadas integralmente em contato com os segredos preservados pelos cultos antigos e inferiores, as anormalidades resultantes não apenas arruinariam o mundo logo, mas ameaçariam a própria integridade do universo. Não havia dúvida que toda essa reflexão era mórbida, mas a lógica perspicaz e um sentido profundo de humor a compensavam habilmente. Malone estava satisfeito em deixar suas noções permanecerem como visões proibidas e vigiadas de forma meio dissimulada para se brincar alegremente; e a crise nervosa só veio quando o dever o jogou num inferno de descobertas muito repentino e traiçoeiro para conseguir fugir dele.

Já fazia algum tempo que ele fora designado para o distrito policial da Butler Street no Brooklyn quando o caso Red Hook lhe foi passado. Red Hook é um labirinto de esqualidez híbrida próximo à antiga zona portuária e de frente para a Governor's Island. Suas ruas sujas partem do cais e sobem até a parte mais alta, onde as extensões degeneradas das ruas Clinton e Court seguem em direção à sede da subprefeitura. As casas são na maior parte de tijolos, datando do primeiro quarto até a metade do século XIX, e alguns becos e caminhos mais obscuros têm aquele traço antigo fascinante que a leitura convencional nos leva a chamar de dickensiano.[3] A população é um emaranhado e um enigma incorrigível; elementos sírios, espanhóis, italianos e negros chocam-se uns com os outros, e fragmentos de cinturões escandinavos e norte-americanos não vivem muito longe. Trata-se de uma babel de sons e sujeira lançando exclamações estranhas para responder ao barulho das ondas oleosas nos molhes imundos e às ladainhas monstruosas dos apitos do porto. Muito tempo atrás se vivia um quadro mais aprazível, com marinheiros de olhos claros nas ruas mais abaixo e lares de bom gosto e solidez onde as casas maiores acompanham a colina. Uma pessoa pode rastrear as relíquias dessa felicidade passada na arquitetura aprumada das construções, nas igrejas encantadoras ocasionais e nos indícios de arte e paisagem originais em pequenos detalhes aqui e ali – um lance gasto de degraus de uma escada, uma porta em ruínas, um par carcomido de colunas decorativas, ou o fragmento do que foi um dia um espaço verde com uma cerca enferrujada e torta. As casas costumam ficar em quadras compactas, e espaçadamente surge uma abóbada com várias janelas para falar dos dias quando os lares dos capitães e proprietários de barcos observavam o mar.

Dessa confusão de putrescência material e espiritual, as blasfêmias de uma centena de dialetos investem contra o céu. Quando as hordas de vagabundos vagam sem destino gritando e cantando pelas vielas e ruas movimentadas, subitamente as mãos furtivas ocasionais apagam as luzes e fecham as cortinas, e os rostos morenos e marcados pelo pecado desaparecem das janelas enquanto os visitantes avançam cautelosos pelo seu caminho. Policiais perderam a esperança de pôr ordem ou reformar a situação e buscam, em vez disso, erguer barreiras protegendo o mundo exterior do contágio. O clangor da patrulha é respondido com uma espécie de silêncio

fantasmagórico, e os prisioneiros que são levados entre eles nunca são comunicativos. Delitos visíveis são tão variados quanto os dialetos locais e perfazem uma gama que vai desde o contrabando de rum e imigrantes ilegais, passando por diversos estágios de ilegalidades e vícios obscuros, chegando a assassinatos e mutilações nos seus disfarces mais repugnantes. Que esses casos notórios não sejam mais frequentes não se deve creditar ao bairro, a não ser que a dissimulação seja uma arte que demande crédito. Mais pessoas entram em Red Hook do que o deixam – ou pelo menos, do que o deixam por terra –, e aqueles que não são espertos têm a maior chance de deixá-lo.

Malone encontrou nesse estado das coisas um ligeiro mau cheiro de segredos mais terríveis do que qualquer pecado denunciado pelos cidadãos e deplorado pelos padres e filantropos. Ele era consciente, como um homem que reunia a imaginação com o conhecimento científico, que pessoas modernas sob condições sem lei tendem estranhamente a repetir os padrões instintivos e as práticas rituais mais sinistras e de uma selvageria meio simiesca na sua vida cotidiana; e muitas vezes ele vira com o arrepio de um antropólogo as procissões de jovens de olhos turvos e rostos marcados pela varíola que avançavam serpenteando o seu caminho madrugada adentro, cantando e dizendo palavrões. Esses grupos de jovens eram vistos sem cessar, algumas vezes em vigílias maldosas nas esquinas das ruas, ou nos vãos das portas fazendo música soturnamente em instrumentos baratos, quem sabe cochilando entorpecidos, ou talvez em diálogos indecentes nas mesas dos cafés próximos da sede da subprefeitura, ou ainda conversando aos sussurros ao lado de táxis sujos estacionados junto aos alpendres de casas velhas fechadas e caindo aos pedaços. Eles lhe provocavam arrepios e o fascinavam mais do que ele tinha coragem de confessar para os seus colegas na força, pois ele parecia ver neles algum encadeamento monstruoso de uma continuidade secreta; algum padrão diabólico, enigmático e antigo, absolutamente além da massa sórdida dos fatos, costumes e antros listados com um cuidado técnico tão consciencioso pela polícia. Malone refletia que eles deviam ser os herdeiros de alguma tradição chocante e primordial; participantes dos fragmentos degradados e dispersos de cultos e cerimônias mais antigos que a própria humanidade. A sua coerência e a sua clareza insinuavam esse fato, e isso se manifestava nos indícios extraordinários de ordem que se escondiam por trás da sua desordem sórdida. Ele não havia lido em vão tratados como Feitiçaria na Europa Ocidental da sra. Murray; e sabia que até há poucos anos certamente havia sobrevivido em meio aos camponeses e gente dissimulada um sistema clandestino e terrível de reuniões e orgias que descendiam de religiões ocultas anteriores ao mundo ariano, aparecendo em lendas populares como Missas Tétricas e Sábados de Bruxas. Não era possível opinar sobre a possibilidade de esses vestígios infernais da velha mágica turaniana-asiática e cultos à fertilidade estarem completamente mortos, e ele se perguntava frequentemente o quão mais antigos e mais ocultos do que as piores lendas sussurradas alguns deles poderiam ser na realidade.

III

Foi o caso de Robert Suydam que levou Malone ao cerne das coisas em Red Hook. Suydam era um recluso erudito de uma família holandesa antiga e humilde. Ele morava na mansão espaçosa caindo aos pedaços que o avô construíra em Flatbush quando aquele vilarejo não passava de um punhado aprazível de chalés coloniais em torno da Igreja da Reforma, com seu campanário coberto de heras e o cemitério com uma cerca de ferro e tomado por túmulos de holandeses. Na sua casa solitária, protegida da Martense Street por um jardim de árvores antigas, Suydam havia

lido e meditado por quase seis décadas, exceto por um período quando velejara para o velho mundo e ficara fora da vista de todos por oito anos. Ele não tinha condições de pagar criados e admitia apenas alguns visitantes para a sua solidão absoluta; evitando amizades próximas e recebendo seus raros conhecidos numa das três salas térreas que mantinha arrumadas – uma delas sendo a sua vasta biblioteca, cujas paredes altas eram repletas de livros esfarrapados com um aspecto grave, arcaico e vagamente repelente. O crescimento da cidade e a sua absorção final pelo distrito de Brooklyn não significaram nada para Suydam, e ele, por sua vez, também passara a significar cada vez menos para a cidade. Os idosos ainda apontavam para ele nas ruas, mas, para a maioria da população recente, era simplesmente um velho corpulento e estranho, cujo cabelo despenteado, barba hirsuta, roupas escuras cintilantes e uma bengala com um cabo de ouro garantiam um olhar divertido e nada mais. Malone não o conhecia até o dever o levar ao caso, mas ouvira falar a seu respeito de modo indireto como uma autoridade realmente respeitável em superstição medieval, e uma vez tentara em vão encontrar um texto fora de edição seu sobre a Cabala e a lenda do Fausto que um amigo citara de memória.

Suydam tornou-se um "caso" quando seus parentes distantes, os únicos que haviam restado, buscaram uma decisão judicial sobre a sua sanidade. A ação pareceu repentina para o mundo exterior, mas foi levada adiante só depois de uma observação prolongada e uma discussão pesarosa. Ela foi baseada em determinadas mudanças excêntricas na sua fala e nos seus costumes; alusões desvairadas sobre maravilhas que estavam para acontecer e suas visitas assíduas e inexplicáveis a bairros mal-afamados do Brooklyn. Ele estava cada vez mais maltrapilho com o passar dos anos e agora andava pelas ruas como um legítimo mendigo. Era visto algumas vezes por amigos constrangidos em estações de metrô, ou matando o tempo nos bancos em torno da sede da subprefeitura e conversando com grupos de estranhos de compleição escura e aparência ruim. Quando falava era para tagarelar sobre poderes ilimitados quase ao seu alcance e para repetir com olhares de conhecedor palavras ou nomes místicos como "Sephiroth", "Ashmodai" e "Samaël". A medida judicial revelou que ele estava gastando toda a renda e desperdiçando o patrimônio na compra de tomos curiosos importados de Londres e Paris e com a manutenção de um apartamento esquálido de subsolo no distrito de Red Hook, onde passava quase todas as noites recebendo delegações excêntricas de desordeiros e estrangeiros misturados, aparentemente conduzindo algum tipo de serviço cerimonial por detrás das cortinas verdes de janelas reservadas. Os detetives designados para segui-lo relataram ouvir ruídos estranhos naqueles rituais noturnos, como pés batendo no chão, além de gritos e cantos. O êxtase e o descontrole peculiares desses rituais lhes causaram arrepios, apesar de orgias malucas serem comuns naquela região embrutecida. Quando o caso foi levado para uma audiência, entretanto, Suydam conseguiu manter a liberdade. Diante do juiz, seu comportamento tornou-se cortês e razoável, e ele admitiu francamente a esquisitice de sua conduta e a sua escolha por uma linguagem extravagante, atribuindo-as à devoção excessiva ao estudo e à pesquisa. Ele disse que estava engajado na investigação de determinados detalhes da tradição europeia que exigiam um contato mais próximo com grupos estrangeiros, suas músicas e danças populares. A noção de que qualquer sociedade secreta inferior o estava atormentando, como insinuado por seus parentes, era absurda e mostrava o quão tristemente limitada era a visão que tinham dele e do seu trabalho. Triunfando calmamente com suas explicações, o tribunal consentiu que ele partisse sem impedimentos; já os detetives contratados pelos Suydams, Corlears e Van Brunts, foram retirados do caso conformados com sua derrota.

Foi nesse momento que uma aliança de inspetores federais e a polícia local, Malone entre eles, entrou no caso. A lei tinha observado o caso Suydam com interesse e havia sido chamada muitas

vezes para ajudar os detetives particulares. Nesse trabalho ficou-se sabendo que os novos parceiros de Suydam estavam entre os criminosos mais sinistros e corrompidos dos caminhos tortuosos de Red Hook e que pelo menos um terço deles eram infratores conhecidos e reincidentes nas áreas do furto, desordem e importação de imigrantes ilegais. De fato, não seria demais dizer que o círculo particular do velho erudito coincidia quase perfeitamente com as piores facções criminosas que contrabandeavam para terra firme determinadas escórias asiáticas sem nome e inqualificáveis, sabiamente mandadas de volta pelo cais de Ellis Island. Nos pardieiros apinhados de Parker Place – desde então renomeados –, onde Suydam tinha o apartamento de subsolo, crescera uma colônia bastante insólita de pessoas com olhos puxados e difíceis de serem classificadas. Eles falavam uma língua de origem árabe, mas eram repudiados com veemência pela grande massa de sírios da Atlantic Avenue e em torno dela. Todos poderiam ter sido deportados por falta de documentos, mas o sistema legal é lento, e uma autoridade não mexe em Red Hook a não ser que a publicidade a force a fazê-lo.

Essas criaturas frequentavam uma igreja de pedra em ruínas, com seus botaréus góticos virados na direção da parte mais desprezível da zona portuária e usada nas quartas-feiras como um salão de bailes. Ela era nominalmente católica, mas os padres de todo o Brooklyn negavam ao lugar qualquer prestígio e autenticidade. Os policiais que ouviram os barulhos que ela emitia à noite concordavam com esses sacerdotes. Malone chegara a imaginar que ouvira notas graves e desafinadas terríveis de um órgão escondido nas profundezas da terra quando a igreja estava vazia e no escuro, ao passo que todos que passavam por perto dela quando estavam sendo celebrados serviços temiam os gritos estridentes e o bater de tambores que os acompanhavam. Quando perguntado a esse respeito, Suydam disse acreditar que o ritual era algum vestígio do cristianismo nestoriano impregnando com o xamanismo do Tibete. A maioria das pessoas, supôs ele, era de origem mongoloide, de algum lugar no Curdistão ou próximo dele – e Malone não pôde deixar de lembrar que o Curdistão é a terra dos yezidis, os últimos sobreviventes persas dos adoradores do diabo. Qualquer que tenha sido a forma como isso aconteceu, a investigação de Suydam teve certeza que esses recém-chegados estavam afluindo para Red Hook em números cada vez maiores. Eles estavam entrando por meio de alguma conspiração marinha fora do alcance dos oficiais da receita e a polícia do porto, infestando Parker Place, rapidamente se espalhando colina acima e sendo bem-recebidos com um curioso fraternalismo por outros cidadãos legalizados de vários lugares da região. Suas figuras acocoradas e fisionomias caracteristicamente de olhos puxados, combinadas de modo grotesco com roupas norte-americanas cintilantes, apareciam mais e mais numerosamente em meio aos vagabundos e bandidos nômades da região da sede da subprefeitura; até que por fim foi considerado necessário calcular os seus números, apurar as suas origens e ocupações e enviá-los para as autoridades imigratórias apropriadas. Malone foi designado para essa tarefa mediante um acordo entre as polícias federal e local para encontrar, dentro do possível, uma forma de arrebanhá-los e entregá-los para as forças policiais. Quando começou a investigação em Red Hook, Malone sentiu-se pairando à beira de terrores inomináveis, com a figura maltrapilha e descuidada de Robert Suydam como seu arqui-inimigo e adversário.

IV

Os métodos da polícia são variados e inventivos. Malone, por meio de passeios despretensiosos, conversas cuidadosamente casuais, ofertas na hora certa do seu uísque de bolso e diálogos

discretos com prisioneiros assustados, ficou sabendo de vários fatos isolados a respeito do movimento cujo aspecto se tornara muito ameaçador. Os recém-chegados eram realmente curdos, mas falavam um dialeto obscuro e enigmático demais para se poder extrair a sua filologia. Dentre os que trabalhavam, grande parte eram estivadores e vendedores ambulantes, apesar de muitas vezes atenderem em restaurantes gregos e cuidarem de bancas de revistas e jornais de esquina. A maioria, entretanto, não tinha meios perceptíveis de sustento e estava obviamente ligada a ocupações do submundo, das quais o contrabando e a venda ilegal de bebidas alcoólicas eram as menos indescritíveis. Eles tinham chegado em barcos a vapor, aparentemente vagabundos de cargueiros, e tinham sido descarregados na calada de noites sem lua em barcos a remo que entravam furtivamente sob um determinado ancoradouro e seguiam por um canal escondido até um lago artificial subterrâneo embaixo de uma casa. Esse ancoradouro, o canal e a casa, Malone não conseguiu localizar, pois as memórias dos seus informantes eram extraordinariamente confusas, enquanto a sua fala era, em grande parte, além da capacidade de compreensão do mais hábil dos tradutores; tampouco ele conseguia obter quaisquer dados reais sobre as razões para a sua importação sistemática. Eles eram reservados a respeito do lugar preciso de onde tinham vindo, e nunca estavam suficientemente de guarda baixa para revelar as pessoas influentes que os haviam buscado e dirigido sua rota. Na verdade, eles tinham desenvolvido algo como um terror agudo quando perguntados sobre as razões da sua presença. Bandidos de outras estirpes eram igualmente taciturnos, e o máximo que se conseguiu juntar foi que algum deus ou grande sacerdote lhes havia prometido poderes desconhecidos, glórias sobrenaturais e a soberania numa terra estranha.

A presença dos recém-chegados e de bandidos já conhecidos nos encontros noturnos controlados com rigor era bastante regular, e a polícia logo ficou sabendo que o outrora velho recluso havia alugado apartamentos adicionais para acomodar os convidados que soubessem a sua senha; por fim ocupou três casas inteiras e passou a acolher em caráter permanente muitas das suas companhias esquisitas. Ele passava pouco tempo agora na sua casa de Flatbush, indo e vindo aparentemente apenas para pegar e devolver livros; e seu rosto e jeito de ser haviam atingido um nível assustador de desvario. Malone interrogou-o duas vezes, mas cada vez foi bruscamente rejeitado. Ele não sabia de nada, sustentou, sobre quaisquer planos ou movimentos misteriosos; e não fazia ideia de como os curdos poderiam ter entrado ou o que eles queriam. O seu negócio era estudar sem ser perturbado o folclore de todos os imigrantes do distrito; um negócio sobre o qual um policial não tinha interesse legal algum. Malone mencionou a sua admiração pelo velho texto de Suydam sobre a Cabala e outros mitos, mas o abrandamento na postura do velho foi apenas momentâneo. Ele percebeu uma intromissão e repeliu seu visitante sem ambiguidade alguma, até que Malone se retirou enfastiado e teve de voltar-se para outros canais de informação.

O que Malone teria trazido à luz se tivesse seguido trabalhando continuamente no caso nós não vamos saber nunca. Um conflito de certo modo estúpido entre as autoridades locais e federais suspendeu as investigações por vários meses, durante os quais o detetive esteve ocupado com outras missões. Mas em nenhum momento ele perdeu interesse, nem deixou de ficar pasmo com o que estava acontecendo com Robert Suydam. No mesmo instante em que uma onda de sequestros e desaparecimentos espalhou a sua comoção por Nova York, o erudito maltrapilho embarcou numa metamorfose tão surpreendente quanto absurda. Um dia ele foi visto próximo da sede da subprefeitura com o rosto barbeado, o cabelo cortado e trajes elegantemente imaculados, e a cada dia daí em diante alguma melhoria obscura era observada nele. Ele mantinha a sua nova altivez sem recaídas, acrescentando a ela um brilho inusitado no olhar e uma vivacidade na fala, e começou pouco a pouco a reduzir a corpulência que há tanto tempo o deformava. Agora

frequentemente tomado por um homem com menos do que a sua idade, ele adquirira elasticidade na passada e leveza de conduta para combinar com a nova condição e mostrava um escurecimento esquisito do cabelo que, de certa forma, não sugeria uma tintura. À medida que os meses passavam, ele começou a vestir-se cada vez mais esportivamente e, por fim, surpreendeu suas novas amizades ao renovar e redecorar a mansão de Flatbush, abrindo-a para uma série de recepções e reunindo todos os conhecidos de que conseguia se lembrar. Além disso, estendeu boas-vindas especiais para os parentes perdoados que tão recentemente haviam buscado a sua reclusão. Alguns apareceram motivados pela curiosidade, outros pelo dever; mas todos estavam subitamente encantados com a jovialidade e a cortesia do antigo eremita. Ele assegurou que havia concluído a maior parte do trabalho que lhe cabia; e tendo recém-herdado uma propriedade de um amigo europeu meio esquecido, estava prestes a passar os anos que lhe restavam numa segunda juventude mais feliz, a qual a despreocupação, os cuidados e uma dieta haviam lhe tornado possível. Ele era cada vez menos visto em Red Hook e mais na sociedade na qual nascera. Os policiais observaram uma tendência dos bandidos de se reunirem na velha igreja de pedra e no salão de baile em vez de no apartamento de subsolo em Parker Place, embora este e seus anexos recentes ainda transbordassem com uma vida doentia.

Então ocorreram dois incidentes – suficientemente separados um do outro, mas ambos de um interesse intenso na forma como Malone via o caso. Um foi a participação sem alardes no diário Eagle do noivado de Robert Suydam com a srta. Cornelia Gerritsen, de Bayside, uma jovem de excelente status social e parente distante do noivo idoso; ao passo que o outro foi uma batida da polícia local na igreja após uma denúncia de que o rosto de uma criança raptada havia sido visto por um segundo numa das janelas do porão. Malone participara dessa batida e estudara o lugar com bastante cuidado. Nada foi encontrado – na realidade, o prédio estava completamente deserto quando visitado –, mas o celta sensitivo ficara vagamente perturbado com muitas coisas a respeito do seu interior. Havia painéis rudemente pintados dos quais ele não gostara – painéis que descreviam rostos sagrados com expressões peculiarmente mundanas e sarcásticas, os quais ainda tomavam algumas liberdades que até o sentido de decoro de um leigo dificilmente aprovaria. Ele também não apreciou uma inscrição em grego sobre a parede acima do púlpito; uma fórmula cabalística antiga que ele encontrara ao acaso uma vez nos tempos em que estudava na Universidade de Dublin e a qual traduzida literalmente, era assim:

"Ó amigo e companheiro da noite, tu que exultas com o ladrar dos cães e o sangue derramado, que vagas em meio às sombras das tumbas e desejas ardentemente o sangue, levando o terror aos mortais, Gorgo, Mormo, lua de mil faces, olha com carinho os nossos sacrifícios!"

Quando Malone leu isso, sentiu arrepios e lembrou-se vagamente das notas baixas e desafinadas do órgão que imaginara ter ouvido embaixo da igreja em certas noites. Ele se arrepiou de novo ao perceber a ferrugem em torno do aro de uma bacia de metal que ficava sobre o altar e parou nervoso quando suas narinas pareceram detectar um mau cheiro esquisito e medonho vindo de algum lugar do bairro. Aquela memória do órgão o perseguia, e ele explorou o porão com cuidado antes de deixá-lo. O lugar era odioso demais para ele; apesar de tudo, entretanto, os painéis e as inscrições blasfemas não eram apenas meras grosserias perpetradas pelos ignorantes?

Quando chegou o casamento de Suydam, a epidemia de raptos havia se tornado um escândalo popular nos jornais. A maioria das vítimas eram crianças pequenas das classes mais baixas, mas o número cada vez maior de desaparecimentos alimentara um sentimento de fúria sem precedentes. Os jornais clamavam por ações da polícia, e mais uma vez o distrito policial da

Butler Street enviou seus homens para Red Hook em busca de pistas, achados e criminosos. Malone sentia-se feliz em estar na trilha uma vez mais e orgulhou-se de participar de uma batida numa das casas de Suydam em Parker Place. Realmente não foi encontrada nenhuma criança roubada por lá, apesar dos relatos de gritos e a fita vermelha juntada do chão na entrada baixa do porão; mas as pinturas e as inscrições rudes sobre as paredes descascadas da maioria dos quartos, assim como o laboratório químico primitivo no sótão, ajudaram, no seu conjunto, a convencer o detetive de que ele estava na pista de algo extraordinário. As pinturas eram aterradoras – monstros abomináveis de todos os tipos e tamanhos e paródias de perfis humanos indescritíveis. A tinta era vermelha e as letras variavam do árabe ao grego e do romano ao hebreu. Malone não conseguiu ler grande parte daquilo, mas o que conseguiu decifrar era suficientemente cabalístico e auspicioso. Um lema repetido com frequência estava numa espécie de grego helenístico com um viés hebreu e sugeria as mais terríveis evocações satânicas da decadência Alexandrina:

"hel . heloym . sother . emmanuel . sabaoth . agla . tetragrammaton . agyros . otheos . ischyros . athanatos . iehova . va . adonai . sadai . hmovsion messias. eschereheye."

Círculos e pentagramas avultavam sobre cada entalhe das letras e indicavam sem dúvida alguma as crenças e aspirações daqueles que viviam tão miseravelmente naquele local. Na adega, entretanto, foi encontrada a coisa mais estranha – uma pilha de lingotes de ouro genuínos coberta descuidadamente com um pano de estopa e trazendo sobre as superfícies brilhantes os mesmos hieróglifos que também adornavam as paredes. Durante a batida a polícia encontrou apenas uma resistência passiva dos orientais de olhos puxados que precipitavam-se para fora de todas as portas. Sem achar nada relevante, deixaram tudo como estava, mas o capitão do distrito policial escreveu uma nota para Suydam aconselhando-o a observar com atenção o caráter dos seus inquilinos e protegidos diante do crescente clamor público.

V

Então veio o casamento em junho e a grande sensação que ele gerou. Flatbush estava alegre para o momento e perto do meio-dia os carros com flâmulas já engarrafavam as ruas próximo da velha igreja holandesa onde um toldo se estendia da sua porta até a avenida. Nenhum evento local jamais superou o casamento Suydam-Gerritsen em tom e escala, e a festa que acompanhou a noiva e o noivo até o píer Cunard, se não foi exatamente a mais espirituosa, pelo menos contou com uma parte importante da alta sociedade local. Às cinco horas um adieux foi abanado e um imponente transatlântico afastou-se do longo cais, então voltou lentamente a proa em direção ao mar, soltou-se do rebocador e partiu para os espaços de água aberta que se abriam e levavam para as maravilhas do velho mundo. À noite ele já ultrapassara a enseada e os passageiros mais notívagos observavam o bruxulear das estrelas acima do oceano despoluído.

Se foi o cargueiro a vapor ou o grito que chamou a atenção de todos primeiro, ninguém sabe dizer. Os fatos provavelmente ocorreram de modo simultâneo, mas não vale a pena discutir isso. O grito veio do camarote de Suydam, e o marinheiro que derrubou a porta talvez pudesse contar coisas terríveis se não tivesse ficado completamente maluco logo depois. De qualquer forma, ele guinchou mais alto que as primeiras vítimas, e depois disso correu com um sorriso tolo em torno do barco até ser pego e colocado a ferros. O médico do barco que entrou no camarote e ligou as luzes em seguida não enlouqueceu, mas também não falou nada do que viu até mais tarde, quando se correspondeu com Malone em Chepachet. Foi um assassinato – estrangulamento –,

mas não é preciso dizer que a marca de garras na garganta da sra. Suydam não poderia ter sido feita pelo marido ou qualquer outra mão humana, ou que sobre a parede branca bruxuleou por um instante num vermelho odioso uma inscrição que mais tarde, copiada de memória, parece ter sido nada menos que as letras cladeias temíveis da palavra “lilith”. Ele não achou necessário mencionar isso, já que a inscrição desaparecera tão rapidamente, e quanto a Suydam, o médico achou por bem ao menos barrar a entrada de outras pessoas no quarto até saber o que pensar a respeito disso. Ele assegurou distintamente a Malone que não viu essa cena, mas um instante antes de ligar a luz, a escotilha aberta pareceu anuviada por um segundo por uma espécie de fosforescência e ele teve a impressão de ouvir da noite lá fora um riso abafado, ligeiro e diabólico; mas não conseguiu distinguir o perfil de figura alguma. Como prova disso, o médico aponta para o fato de continuar são.

Então o cargueiro a vapor chamou a atenção de todos. Um bote foi colocado na água e uma horda de facínoras morenos e insolentes subiu a bordo do Cunarder, que estava temporariamente parado. Eles queriam Suydam ou o seu corpo, já que sabiam da sua viagem e por alguma razão tinham certeza de que ele morreria. O passadiço do capitão virou quase um pandemônio, pois entre o relato do médico sobre o que vira no camarote e as demandas dos homens do cargueiro, nem o homem do mar mais sábio e circunspeto poderia pensar o que fazer. Subitamente o líder dos visitantes, um árabe com uma boca bestial, puxou um papel sujo e amassado e passou-o para o capitão. Estava assinado por Robert Suydam e trazia a seguinte mensagem estranha:

No caso de um acidente ou da minha morte súbita e inexplicável, por favor entreguem-me ou meu corpo incondicionalmente ao portador desta nota e seus companheiros. Tudo para mim, e talvez para vocês, depende da sua obediência absoluta. Explicações podem vir mais tarde – não me deixem na mão agora.

Robert Suydam

O capitão e o médico olharam um para o outro, e este sussurrou algo. Finalmente concordaram um tanto impotentes e mostraram o caminho até o camarote de Suydam. O médico pediu para que o capitão não olhasse para dentro enquanto destrancava a porta e deixava os marinheiros estranhos entrarem, e mal conseguiu respirar enquanto preparavam o seu fardo por um período inexplicavelmente longo. Suydam foi enrolado na roupa de cama dos beliches, e o médico ficou satisfeito que os contornos não eram muito reveladores. De alguma forma os homens conseguiram passar o corpo para fora da amurada e para o cargueiro sem descobri-lo. O Cunarder partiu novamente, e o médico e um agente funerário que estava no navio foram até o camarote de Suydam para cuidar dos últimos detalhes. Então, mais uma vez o médico foi forçado a manter-se calado e até a mentir, pois algo diabólico havia acontecido. Quando o agente funerário lhe perguntou porque ele tirara todo o sangue da sra. Suydam, ele negou que tivesse feito isso e tampouco indicou os espaços vazios das garrafas na prateleira, assim como o cheiro na pia que demonstrava como se livrara com pressa dos conteúdos originais das garrafas. Os bolsos daqueles homens – se é que eram homens – estavam abominavelmente abaulados quando deixaram o navio. Duas horas mais tarde o mundo já sabia, pelo rádio, tudo o que deveria saber sobre o caso terrível.

VI

Naquela mesma noite de junho, sem ter ouvido uma palavra do mar, Malone estava desesperadamente ocupado em meio às vielas de Red Hook. Uma agitação repentina parecia permear o lugar, e como se notificados "pelo passarinho" sobre algo extraordinário, uma turba de imigrantes naturalizados agrupou-se esperançosamente em torno da igreja e das casas em Parker Place. Três crianças tinham recém-desaparecido – norueguesas de olhos azuis das ruas próximas de Gowanus – e havia rumores de que uma multidão de vikings robustos daquela região estava se formando. Malone estava há semanas insistindo com seus colegas para tentarem uma limpeza geral; e finalmente, demovidos pelas condições mais óbvias para o seu bom-senso do que as conjunturas de um sonhador de Dublin, eles concordaram em dar um golpe final. O tumulto e o perigo dessa noite tinham sido o fator decisivo, e logo após a meia-noite um grupo formado a partir de três distritos policiais invadiu Parker Place e seus arredores. Portas foram arrombadas, vagabundos foram presos e os quartos foram iluminados pela luz de velas e forçados a expelir turbas inacreditáveis de estrangeiros misturados em túnicas estampadas, mitras e outros emblemas inexplicáveis. Muito foi perdido no entrevero, pois objetos foram jogados precipitadamente em poços inesperados e cheiros reveladores eram mascarados por incensos acres recém-acesos. Mas o sangue salpicado estava por todo lugar, e Malone sentia arrepios sempre que via um braseiro ou um altar de onde ainda saía fumaça.

Ele queria estar em vários lugares ao mesmo tempo e decidiu pelo apartamento de Suydam no subsolo apenas após um mensageiro ter relatado sobre o vazio completo da igreja dilapidada. O apartamento, pensou ele, deve ter alguma pista para o culto de que o erudito misterioso se tornou tão obviamente seu centro e líder; e foi com uma esperança real que ele revistou os quartos mofados, sentiu seu odor vago de ossuário e examinou os livros, instrumentos e lingotes de ouro estranhos e as garrafas com tampas de vidro espalhadas descuidadamente por toda parte. Então um gato magro preto e branco esquivou-se por entre seus pés e o fez tropeçar, virando ao mesmo tempo um béquer com um pouco de líquido vermelho. O choque foi incrível, e até hoje Malone não tem certeza sobre o que viu; mas em sonhos ainda vê aquele gato enquanto ele fugia correndo com certas alterações e peculiaridades monstruosas. Então veio a porta trancada do porão, e a busca por algo que a derrubasse. Um tamborete pesado estava próximo, e o assento duro foi mais do que suficiente para a madeira velha da porta. Uma rachadura formou-se e foi aumentando, e toda a porta cedeu – mas pela pressão vinda do outro lado, de onde jorrou um turbilhão imenso de vento frio com o mau cheiro de um abismo infinito, alcançando uma força de sucção que não era da terra ou do céu e que se enovelou conscientemente em torno do detetive paralisado, arrastou-o pela abertura para os espaços imensuráveis cheios de sussurros e gemidos e acessos de risos zombeteiros.

É claro que era um sonho. Todos os especialistas lhe disseram isso, e ele não tinha nada para provar o contrário. Ele com certeza preferiria que assim fosse, pois então a visão de cortiços de tijolos antigos e rostos estrangeiros escuros não calaria de modo tão profundo na sua alma. Mas na época tudo foi terrivelmente real, e nada poderá apagar a memória daquelas criptas às escuras, aquelas galerias titânicas com figuras infernais malformadas e que caminhavam em silêncio com suas passadas gigantescas e segurando seres comidos pela metade, cujas porções ainda vivas gritavam por misericórdia ou riam de loucura. Cheiros de incenso e decomposição juntavam-se numa combinação enjoativa, e a atmosfera escura agitava-se com os corpanzis obscurecidos e semivisíveis de seres poderosos e disformes com olhos. Em algum lugar uma água escura e

oleosa batia sobre píers de ônix, e o tilintar aterrorizador de sininhos estridentes repicou uma vez para saudar o riso abafado insano de um ser nu fosforescente que nadou até o seu campo de visão, bracejou até a margem e saiu da água para acocorar-se, olhando maliciosamente em seu torno sobre um pedestal dourado entalhado na parede ao fundo.

Avenidas de uma noite sem fim pareciam espalhar-se em todas as direções, a ponto de se poder imaginar que aqui se encontrava a raiz de um contágio destinado a adoecer e engolir as cidades e engolfar nações inteiras no fedor de uma pestilência híbrida. Por aqui o pecado cósmico havia entrado e apodrecido, e por meio de rituais profanos começara a marcha esmagadora que iria nos apodrecer a todos até nos tornarmos anormalidades cheias de fungos e hediondas demais para merecermos um túmulo. O Satã mantinha a sua corte babilônica nesse lugar, e no sangue da infância imaculada os membros leprosos da Lilith fosforescente eram lavados. Íncubos e súcubos uivavam louvores para Hécate, e retardados sem cabeça balbuciavam coisas para a Magna Máter. Bodes saltavam ao som de flautas finas amaldiçoadas e Aegypans perseguiam incessantemente os faunos sobre as rochas que se retorciam como sapos inchados; pois nessa quintessência de toda a danação eterna, os limites da consciência foram deixados e a imaginação do homem abria-se para visões de todo o domínio do horror e dimensão proibida que o mal tinha o poder de moldar. O mundo e a natureza eram impotentes contra tais assaltos dos remoinhos escancarados da noite, tampouco qualquer gesto ou reza poderia controlar a orgia de Valpúrgis de horror que acontecera quando um erudito com uma chave odiosa encontrara ao acaso uma horda com uma arca trancada e transbordante de conhecimento demoníaco.

De repente um raio de luz trespassou aqueles fantasmas, e Malone ouviu o som de remos em meio às blasfêmias dos seres que deveriam estar mortos. Um bote com uma lanterna na proa entrou velozmente no seu campo de visão, amarrou-se à uma argola de ferro nos molhes escorregadios de pedras e expeliu para fora vários homens de compleição escura carregando um fardo longo e enrolado em roupas de cama. Eles o levaram até o ser nu fosforescente sobre o pedestal de ouro entalhado, e este deu um riso abafado e manuseou sem jeito as roupas de cama. Então eles o desenfaixaram e colocaram de pé diante do pedestal o corpo gangrenoso de um velho corpulento, com uma barba hirsuta e o cabelo branco despenteado. O ser fosforescente riu contido outra vez e os homens tiraram garrafas dos bolsos e ungiram os pés dele com vermelho, para em seguida estendê-las para que bebesse delas.

Então de repente, vindo de uma galeria que parecia não ter fim, ouviu-se a algazarra e o chiado demoníacos de um órgão blasfemo, engasgando e trovejando as zombarias do inferno num tom baixo, desafinado e sarcástico. Num instante todas as entidades que se moviam estavam eletrizadas e formaram uma procissão cerimoniosa, e essa horda saída de um pesadelo afastou-se deslizando em busca do som – bodes, sátiros e Aegypans, íncubos, súcubos e lêmures, sapos deformados e seres rudimentares disformes, macacos com caras de cachorro uivando e exibicionistas em silêncio na escuridão –, todos liderados pelo ser fosforescente nu e abominável que estava acocorado no trono de ouro entalhado e que agora caminhava a passos largos com insolência, trazendo nos braços o corpo com os olhos vítreos do velho corpulento. Os homens escuros estranhos dançavam na retaguarda e toda a coluna andava lépida e saltitante com uma fúria dionisíaca. Malone seguiu-os cambaleando por alguns passos, delirante e confuso, e duvidando do seu papel nesse ou em qualquer mundo. Então voltou-se, tropeçou e desabou sobre a pedra fria e úmida, respirando ofegante e tremendo enquanto o órgão demoníaco seguia no seu lamento, e os uivos, o bater dos tambores e o tilintar da procissão enlouquecida ficavam cada vez mais fracos.

Ele estava vagamente consciente dos salmos terríveis sendo cantados e dos lamentos abafados bem distantes. De vez em quando um lamento ou um gemido de devoção cerimonial chegavam até ele pela galeria escura, enquanto o terrível salmodiar cabalístico grego, cujo texto ele lera acima do púlpito da igreja, eventualmente se destacava mais alto.

Ó amigo e companheiro da noite, tu que exultas com o ladrar dos cães (nesse instante irrompeu um uivo medonho) e o sangue derramado (aqui sons indizíveis rivalizaram com guinchos mórbidos), que vagas em meio às sombras das tumbas (então ouviu-se um suspiro sibilante) e desejas ardentemente o sangue, levando o terror aos mortais (gritos curtos e nítidos de uma miríade de gargantas), Gorgo (repetido como resposta), Mormo (repetido com êxtase), lua de mil faces (suspiros e notas de flautas), olha com carinho os nossos sacrifícios!

Quando o salmodiar terminou, ergueu-se uma exclamação geral e sons sibilantes quase abafaram o lamento do órgão baixo desafinado. Então um grito abafado como se de muitas gargantas e uma babel de palavras vociferadas e berradas – Lilith, Grande Lilith, veja o noivo! – Mais gritos, um alarido de tumulto e os passos ritmados e nítidos de uma figura correndo. Os passos aproximaram-se e Malone levantou apoiando-se no cotovelo para ver.

A luminosidade da cripta, reduzida a pouco, agora havia aumentado, e naquela luz diabólica apareceu a forma fugaz daquele que não deveria escapar, sentir ou respirar – o corpo gangrenado de olhos vítreos do velho corpulento, agora sem precisar de apoio, mas animado por alguma feitiçaria infernal do rito recém-terminado. Atrás dele corria nu o ser fosforescente, rindo abafado, ele que pertencia ao pedestal entalhado, e mais atrás ainda corriam ofegantes os homens escuros e toda a turba terrível de repugnância consciente. O corpo ganhava terreno dos seus perseguidores e parecia decidido em busca de um objeto definido, lutando com cada músculo apodrecido em direção ao pedestal de ouro entalhado, cuja importância necromântica era evidentemente tão grande. Mais um instante e ele alcançaria a sua meta, enquanto a turba que o seguia lutava numa velocidade mais frenética. Mas eles chegaram tarde demais, pois, num último esforço que rompeu de tendão a tendão e lançou sua massa fétida debatendo-se ao chão num estado de decomposição gelatinosa, o corpo imóvel que fora Robert Suydam alcançara seu objeto e seu triunfo. O esforço fora tremendo, mas sua força não o deixara até o fim; e quando ele desabou numa pústula embarrada de decomposição, o pedestal que ele empurrara oscilou, inclinou-se e por fim emborcou da sua base de ônix para dentro das águas oleosas, projetando para cima um brilho de despedida do ouro entalhado enquanto afundava pesadamente em direção aos abismos inimagináveis do Tártaro mais abaixo. Naquele instante, também, toda a cena de horror desapareceu diante dos olhos de Malone; e ele desmaiou em meio ao estrondo ensurdecedor que parecia apagar todo esse universo do mal.

VII

O sonho de Malone, vivenciado completamente antes de ele saber da morte de Suydam e seu translado do mar, por curiosidade foi complementado por algumas realidades estranhas do caso; apesar de que isso não seria uma razão para que alguém devesse acreditar nele. As três casas velhas em Parker Place, sem dúvida alguma há muito tempo apodrecidas na sua decadência mais traiçoeira, desabaram sem qualquer causa visível enquanto metade dos policiais na batida e a

maioria dos prisioneiros estavam dentro; e a maior parte foi morta instantaneamente. Apenas nos subsolos e nos porões muitas vidas foram poupadas, e Malone teve sorte de estar bem abaixo da casa de Robert Suydam. Pois ele realmente estava lá, como ninguém está disposto a negar. Eles o encontraram inconsciente junto a uma poça escura com uma mistura grotesca horrível de podridão e ossos, identificada pela arcada dentária como sendo o corpo de Suydam, alguns metros adiante. O caso era simples, pois era para cá que o canal subterrâneo dos contrabandistas levava; e os homens que tiraram Suydam do navio o trouxeram para casa. Eles próprios nunca foram achados, ou pelo menos nunca foram identificados. Já o médico do navio não ficou satisfeito com as convicções simplórias da polícia.

Suydam era evidentemente um dos líderes dessas grandes operações de contrabando de pessoas, pois o canal para a sua casa era apenas um de vários canais e túneis subterrâneos no bairro. Havia um túnel partindo da sua casa para a cripta abaixo da igreja; uma cripta acessível a partir da igreja somente através de uma passagem estreita secreta na parede norte e em cujos aposentos algumas coisas extraordinárias e terríveis foram descobertas. O órgão desafinado estava lá, assim como uma enorme capela em arco com bancos de madeira e um estranho altar. As paredes tinham uma série de celas pequenas, dezessete delas ocupadas – algo hediondo de se descrever – e com prisioneiros solitários num estado de completa idiotia, acorrentados, inclusive quatro mães com crianças com uma aparência terrivelmente estranha. Essas crianças morreram logo após sua exposição à luz; uma circunstância que os médicos acharam um tanto misericordiosa. Ninguém, a não ser Malone, entre aqueles que as examinaram, lembrou da pergunta lúgubre do velho Delrio: “An sint unquam daemones incubi et succubae, et an ex tali congressu proles enascia quea?”.[4]

Antes de canais serem cheios de terra, eles foram cuidadosamente dragados e produziram uma gama sensacional de ossos serrados e partidos de todos os tamanhos. A epidemia de sequestros sem dúvida havia sido seguida até o seu ponto de origem; apesar de só dois dos prisioneiros sobreviventes terem sido legalmente vinculados a ela. Esses homens estão na prisão agora, visto que não conseguiram se livrar da condenação por cumplicidade nos assassinatos que ocorreram. O pedestal de ouro entalhado, ou trono, tantas vezes mencionado por Malone como sendo de uma importância oculta fundamental, nunca foi descoberto, embora num local embaixo da casa de Suydam tenha sido observado que o canal caía num poço profundo demais para ser dragado. Ele estava entupido na abertura e foi cimentado quando os porões das casas novas foram construídos, mas Malone especula muitas vezes sobre o que se encontra abaixo dele. Satisfeita por ter acabado com uma gangue perigosa de maníacos e contrabandistas, a polícia passou os curdos absolvidos para as autoridades federais, que antes da sua deportação foram conclusivamente descobertos como pertencendo ao clã yezidi de adoradores do diabo. O cargueiro e sua tripulação permanecem um mistério indefinível, apesar de os detetives cínicos estarem novamente prontos para combater os empreendimentos ilegais e de contrabando de bebidas. Malone acha que esses detetives demonstram uma perspectiva tristemente limitada na sua falta de espanto diante da miríade inexplicável de detalhes e da obscuridade sugestiva de todo o caso; embora ele também seja crítico da mesma forma em relação aos jornais, que viram somente uma sensação mórbida e tripudiaram sobre um culto de sádicos menor, o qual poderiam ter proclamado como sendo um horror vindo do próprio coração do universo. Mas ele estava contente em descansar em silêncio em Chepachet, acalmando o sistema nervoso e rezando para que o tempo pudesse gradualmente transferir a sua experiência terrível do campo da realidade presente para outro remoto, pitoresco e semimítico.

Robert Suydam descansa ao lado da sua noiva no cemitério de Greenwood. Nenhum funeral foi feito para os ossos estranhamente liberados, e os parentes são agradecidos pelo esquecimento rápido que assumiu o caso como um todo. A ligação do erudito com os horrores de Red Hook nunca foi realmente cercada de provas legais, já que a sua morte impediu o inquérito que ele teria enfrentado de outra forma. O seu próprio fim não é muito mencionado, e os Suydams esperam que a posteridade possa lembrar dele como um recluso simpático que se dedicava ao estudo inofensivo da mágica e do folclore.

Quanto a Red Hook – ele segue o mesmo. Suydam chegou e partiu; o terror reuniu-se e sumiu; mas o espírito diabólico da escuridão e da esqualidez segue incubando em meio aos mestiços nas casas velhas de tijolos e nos bandos que desfilam a esmo em missões desconhecidas, passando por janelas onde as luzes e rostos virados aparecem e desaparecem de forma enigmática. O horror de eras passadas é uma hidra com mil cabeças, e os cultos da escuridão estão enraizados em blasfêmias mais profundas do que o poço de Demócrito. A alma da besta é onipresente e triunfante, e as legiões de jovens com olhos turvos e rostos marcados pela varíola de Red Hook ainda cantam, vociferam e falam palavrões enquanto marcham de abismo para abismo, ninguém sabe por que razão ou para onde, empurrados por leis cegas da biologia que eles talvez nunca entenderão. Assim como antes, mais pessoas entram em Red Hook do que saem por terra, e já existem rumores de que canais novos estão correndo no subterrâneo para determinados centros de tráfico de bebidas e coisas menos mencionáveis.

A igreja é agora na maior parte do tempo um salão de bailes e rostos estranhos apareceram à noite nas suas janelas. Ultimamente policiais disseram acreditar que a cripta que havia sido soterrada fora cavada outra vez e sem uma finalidade explicável. Quem somos nós para combater venenos mais antigos que a história e a humanidade? Macacos dançavam na Ásia para esses horrores e esse câncer se espalha furtivamente protegido pela dissimulação oculta nas fileiras de tijolos decadentes.

Malone não sente arrepios sem motivo – pois há apenas alguns dias um policial ouviu por acaso uma velha megera de olhos puxados ensinando algo para uma criança pequena num dialeto sussurrado no corredor entre dois prédios. Ele prestou atenção e achou muito estranho quando a ouviu repetir os versos várias vezes.

“Ó amigo e companheiro da noite, tu que exultas com o ladrar dos cães e o sangue derramado, que vagas em meio às sombras das tumbas e desejas ardentemente o sangue, levando o terror aos mortais, Gorgo, Mormo, lua de mil faces, olha com carinho os nossos sacrifícios!”

[1] Aubrey Beardsley (1872-1898), ilustrador e autor inglês. (N.T.)

[2] Paul Gustave Doré (1832-1883), artista, gravador e ilustrador francês. (N.T.)

[3] Relativo à obra do escritor inglês Charles Dickens (1812-1870).

[4] “Será possível estar uma vez com demônios, íncubos e súcubos, e a partir de tal união gerar uma prole?”. Em latim no original. Citação do teólogo jesuíta Martin Antonio Delrio (1551-1608). (N.E.)



Arthur Jermyn

I

A VIDA É UMA COISA TERRÍVEL e do fundo por trás do que sabemos a seu respeito espreitam sugestões demoníacas de verdade que a tornam, de vez em quando, mil vezes mais terrível. A ciência, que já é opressiva com suas revelações chocantes, talvez venha a ser a exterminadora final de nossa espécie humana — se é que somos uma espécie aparte —, pois sua reserva de horrores inimagináveis jamais poderia ser suportada por cérebros humanos se fosse solta no mundo. Se soubéssemos o que somos, deveríamos fazer como sir Arthur Jermyn, e Arthur Jermyn encharcou-se de petróleo e pôs fogo nas roupas certa noite. Ninguém colocou seus restos carbonizados numa urna, nem produziu um memorial em sua homenagem, pois encontraram alguns papéis e um certo *objeto* encaixotado que fizeram os homens desejar esquecer tudo. Alguns que o conheciam chegam a não admitir que ele tenha algum dia existido.

Arthur Jermyn saiu para o pântano e ateou fogo em si próprio depois de ver o *objeto* encaixotado que viera da África. Foi esse *objeto* e não a sua singular aparência pessoal que o levou a pôr fim em sua vida. Muitos não gostariam de viver se tivessem as feições peculiares de Arthur Jermyn, mas ele era um poeta e estudioso e não se importava com isso. Tinha o aprendizado no sangue, pois seu bisavô, o baronete sir Robert Jermyn, havia sido um antropólogo de renome, enquanto seu tataravô, sir Wade Jermyn, fora um dos primeiros exploradores da região do Congo e havia escrito com erudição sobre suas tribos, animais e supostas antigüidades. Com efeito, o velho sir Wade mostrara um zelo intelectual

que quase beirava a mania. Suas bizarras conjecturas sobre uma civilização congolesa branca e pré-histórica lhe valeram muito ridículo quando seu livro, *Observação sobre as diversas partes da África* foi publicado. Em 1765, esse ousado explorador foi internado num hospício de Huntingdon.

A loucura estava presente em todos os Jermyn, e as pessoas achavam ótimo que não houvessem muitos deles. A linhagem não gerou linhas secundárias e Arthur foi seu derradeiro representante. Se não fosse, sabe-se lá o que ele teria feito quando o *objeto* chegou. Os Jermyn nunca pareceram ter uma aparência muito normal — havia algo de errado, ainda que Arthur fosse o pior deles, mas os velhos retratos de família no Solar Jermyn mostravam um bom número de feições agradáveis antes da época de sir Wade. A loucura havia começado com certeza com sir Wade, cujas histórias malucas sobre a África faziam a delícia e o terror de seus poucos amigos. Ela revelava-se em suas coleções de troféus e espécimes, de um tipo que pessoas normais não haveriam de juntar e preservar e aparecia nitidamente na clausura oriental em que mantinha sua esposa. Esta, segundo ele, era a filha de um comerciante português que havia encontrado na África e não apreciava os costumes ingleses. Ela o acompanhara quando ele voltara da segunda e mais longa de suas viagens, trazendo um filho bebê nascido na África, fora com ele na terceira e última e nunca mais retornara. Ninguém jamais a vira de perto, nem mesmo os criados, pois tinha um comportamento violento e singular. Durante sua breve estada no Solar Jermyn, havia ocupado uma ala afastada onde era visitada apenas pelo marido, sir Wade era, de fato, muito peculiar na solicitude com a família, pois, quando retornara à África, não permitira que ninguém mais cuidasse de seu jovem filho afora uma negra abjeta da Guiné. Quando de seu retorno, depois da morte de Lady Jermyn, ele próprio assumira os cuidados gerais com o garoto.

Mas foram as conversas de sir Wade, especialmente depois de tomar uns goles, o principal motivo para os amigos o julgarem louco. Num período racionalista como o século dezoito, era um pouco imprudente uma pessoa instruída falar de visões terríveis e cenas estranhas sob o luar do Congo, de muralhas e pilares gigantescos de uma cidade perdida em ruínas e coberta de heras e de uma escada de pedra úmida, silenciosa, descendo interminavelmente até a escuridão de criptas abismais e catacumbas inconcebíveis. Era especialmente imprudente delirar sobre criaturas vivas

que poderiam assombrar esse suposto lugar, criaturas meio selvagens e meio urbanas, de uma ancestralidade profana — criaturas fabulosas que mesmo um Plínio descreveria ceticamente, coisas que poderiam ter surgido depois dos grandes macacos terem infestado a cidade moribunda com suas muralhas e pilares, suas criptas e suas fabulosas esculturas. Depois de voltar para casa pela última vez, sir Wade falava desses assuntos com extrema satisfação, sobretudo depois de seu terceiro copo no Knight's Head, jactando-se do que havia encontrado na selva e de como havia habitado entre ruínas terríveis que só ele conhecia. Ele acabou falando de tal forma das criaturas vivas, que o internaram no hospício. Preso no quarto gradeado de Huntingdon, ele não se mostrou muito arrependido; sua mente funcionava de maneira curiosa. Desde que o filho começara a deixar a infância, ele começou a gostar cada vez menos de seu lar, até que passou a temê-lo. O Knight's Head ficara sendo seu quartel-general e, quando foi internado, chegou a manifestar certa gratidão, como se aquilo fosse para a sua proteção. Três anos depois, ele morreu.

Philip, o filho de Wade Jermyn, fora uma pessoa muito singular. Apesar da grande semelhança física com o pai, sua aparência e conduta eram, sob muitos aspectos, tão rudes, que todos o evitavam. Conquanto não houvesse herdado a loucura, como alguns temiam, era muito bronco e dado a breves lapsos de incontrolável violência. Era baixo, mas muito vigoroso, e tinha uma agilidade espantosa. Doze anos depois de conseguir seu título, casou-se com a filha de seu couteiro, de quem se dizia ter origem cigana, mas, antes do nascimento de seu filho, ele ingressou na Marinha como marujo, completando os motivos para a aversão universal que seus hábitos e seu casamento com uma pessoa de origem inferior haviam iniciado. Com o fim do conflito americano, soube-se que ele engajara-se como marinheiro de um navio mercante no comércio africano, adquirindo alguma reputação em proezas de força e escalada, mas que havia desaparecido durante uma noite em que seu navio estivera fundeado na costa do Congo.

No filho de sir Philip Jermyn, a reconhecida peculiaridade da família adquiriu um aspecto estranho e fatal. Alto e muito bonito, com uma curiosa espécie de graça oriental apesar de ligeiras desproporções, Robert Jermyn começou a vida como estudioso e pesquisador. Ele foi o primeiro a estudar cientificamente a enorme coleção de relíquias que seu avô louco trouxera da África e que tornara a família tão ilustre na

etnologia quanto nas explorações. Em 1815, sir Robert desposou uma filha do sétimo Visconde de Brightholme e foi depois abençoado com três filhos, o mais velho e o mais moço dos quais jamais foram vistos em público em virtude de deformidades físicas e mentais. Entristecido por esses infortúnios familiares, o cientista buscou alívio no trabalho e fez duas longas expedições ao interior da África. Em 1849, seu segundo filho, Nevil, pessoa particularmente repulsiva que parecia combinar a rudeza de Philip Jermyn com a altivez dos Brightholmes, fugiu com uma dançarina de cabaré, mas foi perdoado quando retornou no ano seguinte. Ele voltou ao Solar Jermyn viúvo e com um filho bebê, Alfred, que um dia iria tornar-se o pai de Arthur Jermyn.

Amigos disseram que foi essa sucessão de sofrimentos que perturbaram a razão de sir Robert Jermyn, mas o motivo do desastre foi, provavelmente, algum elemento do folclore africano. O velho erudito vinha recolhendo lendas das tribos Onga perto do campo de explorações de seu avô e das suas próprias, esperando assim entender um pouco das histórias fantásticas de sir Wade sobre uma cidade perdida povoada por estranhas criaturas híbridas. Certa consistência nos curiosos papéis de seu ancestral sugeriam que a imaginação do louco poderia ter sido fomentada por mitos nativos. Em 19 de outubro de 1852, o explorador Samuel Seaton visitou o Solar Jermyn levando consigo um manuscrito com anotações coligidas entre os Onga e certo de que algumas lendas sobre uma cidade cinzenta de macacos brancos governada por um deus branco poderiam ser valiosas para um etnólogo. Durante sua conversa, é provável que ele tenha fornecido muitos detalhes adicionais cuja natureza jamais será conhecida, pois uma sucessão de tragédias terríveis começou a se formar. Quando sir Robert Jermyn saiu da biblioteca, deixou para trás o corpo estrangulado do explorador e, antes que pudesse ser contido, havia dado fim a todos os três filhos, os dois que nunca mais haviam sido vistos e o que havia fugido. Nevil Jermyn morreu defendendo, com sucesso, seu próprio filho de dois anos, que aparentemente havia sido incluído nos planos assassinos do velho enlouquecido. O próprio sir Robert, depois de repetidas tentativas de suicídio e de uma obstinada recusa em dizer o que quer que fosse, morreu de apoplexia no segundo ano de seu confinamento.

Sir Alfred Jermyn tornou-se baronete antes de seu quarto aniversário, mas seus gostos jamais casaram com o título. Aos vinte, juntou-se a um grupo de artistas mambembes e aos trinta e seis havia

abandonado mulher e filho para excursionar com um circo itinerante americano. Seu fim foi abjeto. Entre os animais exibidos na excursão, havia um enorme gorila macho de cor mais clara do que a média, uma fera surpreendentemente dócil, muito popular entre os artistas. Alfred Jermyn era muito fascinado por aquele gorila e em muitas ocasiões os dois ficavam observando-se com vagar por entre as grades. Um dia, Jermyn pediu e lhe deram permissão para treinar o animal, espantando o público e seus colegas artistas com o êxito de seus esforços. Certa manhã, em Chicago, quando o gorila e Alfred Jermyn estavam ensaiando uma luta de boxe por demais engenhosa, o primeiro soltou um golpe com força maior que o normal, ferindo o corpo e a dignidade do aprendiz de domador. Do que se seguiu, membros de "O Maior Espetáculo da Terra" não gostam de falar. Eles não esperavam ouvir sir Alfred Jermyn emitir um grito desumano de arrepiar, nem de o ver agarrar seu desajeitado adversário com as duas mãos, atirá-lo ao chão da jaula e morder-lhe perversamente a garganta peluda. O gorila ficou desguarnecido, mas não por muito tempo, e, antes que o domador normal pudesse fazer alguma coisa, o corpo que pertencera ao baronete ficara irreconhecível.

II

Arthur Jermyn era o filho de sir Alfred Jermyn com uma cantora de cabaré de origem desconhecida. Quando o marido e pai abandonou a família, a mãe levou a criança ao Solar Jermyn, onde não restara ninguém para criar objeções à sua permanência. Ela tinha algumas noções de qual deveria ser o comportamento de um aristocrata e cuidou que o filho recebesse a melhor educação que seus parcos recursos permitiam. Os recursos da família eram, então, muito escassos, e o solar Jermyn estava num estado de abandono lamentável, mas o jovem Arthur amava a velha construção com tudo que ela abrigava. Poeta e sonhador, ele era diferente de todos os outros Jermyn que ali viveram. Algumas famílias vizinhas, que tinham ouvido histórias sobre a esposa portuguesa nunca vista do velho sir Wade, diziam que seu sangue latino devia estar-se revelando, mas a maioria das pessoas limitava-se a zombar de sua sensibilidade à beleza, atribuindo-a à mãe cantora, socialmente aviltada. A delicadeza poética de Arthur Jermyn era ainda mais notável devido à rudeza de sua

aparência pessoal. A maioria dos Jermyn possuíra uma aparência sutilmente esquisita e repulsiva, mas o caso de Arthur era chocante. E difícil dizer com exatidão com o que ele parecia-se, mas seu semblante, o talhe de seu rosto e a extensão de seus braços provocavam um arrepio de repulsa nos que o viam pela primeira vez.

A mente e o caráter de Arthur Jermyn compensavam, porém, seu aspecto. Prendado e instruído, ele obtivera as mais altas honrarias em Oxford e parecia destinado a resgatar o prestígio intelectual de sua família. Conquanto seu temperamento fosse mais poético do que científico, pretendia prosseguir no trabalho de seus antepassados com etnologia e antigüidades africanas, utilizando a coleção maravilhosa e exótica de sir Wade. Com seu espírito fantasista, ele meditava com muita freqüência na civilização pré-histórica em que o explorador enlouquecido acreditara tão explicitamente, costurando, história a história, os elementos sobre a cidade silenciosa na selva mencionada nas notas e tópicos mais alucinados deste último. Quanto às nebulosas afirmações sobre uma raça de selvagens híbridos indescritível e insuspeita, ele tinha um sentimento peculiar combinando terror e atração, especulando sobre o fundamento possível daquela fantasia e tentando obter luz nos dados mais recentes reunidos por seu bisavô e por Samuel Seaton junto os Onga.

Em 1911, depois que sua mãe morreu, sir Arthur Jermyn decidiu levar suas investigações o mais longe possível. Vendendo parte da propriedade para conseguir o dinheiro necessário, montou uma expedição e navegou para o Congo. Tendo conseguido um grupo de guias junto às autoridades belgas, passou um ano na região dos Onga e dos Kaliri recolhendo dados que superavam suas maiores expectativas. Entre os Kaliri havia um chefe idoso chamado Mwanu que possuía não só uma memória altamente retentiva, mas um grau singular de percepção e interesse nas lendas antigas. Esse ancião confirmou cada história que Jermyn ouvira, acrescentando seu próprio relato sobre a cidade de pedra e os macacos brancos tal como lhe havia sido contado.

Segundo Mwanu, a cidade cinzenta e as criaturas híbridas já não existiam, tendo sido aniquiladas pelos belicosos N’bangus havia muitos anos. Essa tribo, depois de destruir a maioria dos edifícios e matar as criaturas vivas, levara embora a deusa empalhada que motivara a sua busca, a deusa-macaco branca que os estranhos seres adoravam e que, segundo a tradição do Congo, teria a forma de alguém que havia reinado

como princesa entre aquelas criaturas. Mwanu não tinha idéia de como deviam ter sido exatamente as criaturas brancas com forma de macaco, mas achava que haviam sido elas as construtoras da cidade em ruínas. Jermyn não pôde tirar nenhuma conclusão, mas, insistindo nas perguntas, obteve uma lenda muito pitoresca sobre a deusa empalhada.

A princesa-macaco, dizia-se, tornara-se a consorte de um grande deus branco vindo do Ocidente. Durante muito tempo, eles reinaram juntos sobre a cidade, mas, quando tiveram um filho, os três foram-se. Mais tarde, o deus e a princesa retornaram, e, quando a princesa morreu, seu divino esposo fez mumificar seu corpo e o conservou como relíquia numa enorme casa de pedra, onde ele era adorado. Depois, ele partiu sozinho. Nesse ponto, a lenda parecia ter três variantes. Segundo um dos relatos, nada mais acontecera, salvo que a deusa empalhada tornara-se um símbolo de supremacia para todas as tribos que a viessem possuir. Esse fora o motivo para os N'bangus a terem levado. Um segundo relato falava da volta do deus e de sua morte aos pés da esposa santificada. Um terceiro falava da volta do filho, transformado em homem adulto — ora um macaco adulto, ora um deus adulto, conforme o caso — sem conhecimento de sua identidade. Os imaginativos negros haviam extraído, com certeza, o máximo dos fatos que poderiam existir por trás da extravagante fabulação.

Arthur Jermyn já não tinha dúvidas sobre a existência real da cidade no meio da selva descrita pelo velho sir Wade e não se espantou muito quando, no início de 1912, encontrou o que restara dela. Seu tamanho devia ter sido exagerado, mas as pedras que jaziam espalhadas pelo local comprovavam que não havia sido uma simples aldeia de negros. Infelizmente não lhe foi possível encontrar nenhuma escultura e o pequeno porte da expedição impediu as operações de limpeza de uma das passagens visíveis que pareciam descer para o sistema de galerias que sir Wade mencionara. Os macacos brancos e a deusa empalhada foram discutidos com todos os chefes nativos da região, mas coube a um europeu aprimorar os dados proporcionados pelo velho Mwanu. M. Verhaeren, agente belga de um entreposto comercial do Congo, acreditava que poderia não só localizar, mas obter a deusa mumificada, da qual ouvira falar vagamente, pois os antes poderosos N'bangus eram agora servos submissos do governo do rei Albert e, com um pouco de persuasão, poderiam ser induzidos a se desfazer da terrível divindade que haviam pilhado. Quando Jermyn navegou para a Inglaterra, portanto, foi exultante com a

possibilidade de, dentro de alguns meses, receber uma relíquia etnológica inestimável confirmando a mais excêntrica das narrativas de seu tataravô — isto é, a mais excêntrica que ele jamais ouvira.

Os camponeses das vizinhanças do Solar Jermyn talvez houvessem escutado histórias mais extraordinárias transmitidas por antepassados que haviam escutado sir Wade nas mesas do Knight's Head.

Arthur Jermyn esperou pacientemente pela caixa de M. Verhaeren, entrementes estudando com maior diligência ainda os manuscritos deixados por seu antepassado demente. Ele começou a se achar muito parecido com sir Wade e a procurar relíquias da vida pessoal dele na Inglaterra, bem como de suas explorações africanas. Conseguiu numerosos relatos orais sobre a esposa misteriosa e reclusa, mas não havia sobrado nenhuma relíquia tangível dela no Solar Jermyn. Arthur ficou pensando que circunstâncias teriam provocado ou permitido essa completa ausência e concluiu que a loucura do marido havia sido o principal motivo. Dizia-se que sua tataravó, recordava ele, teria sido a filha de um comerciante português na África. Sua herança prática e seu conhecimento superficial do Continente Negro com certeza a teriam levado a zombar das histórias de sir Wade sobre o interior africano, coisa que um homem como ele dificilmente perdoaria. Ela teria morrido na África, talvez arrastada até lá por um marido determinado a provar o que havia relatado. Mas, enquanto indulgia nessas reflexões, Jermyn não podia deixar de sorrir com sua inutilidade um século e meio depois da morte desses dois extraordinários ancestrais.

Em junho de 1913, chegou-lhe uma carta de M. Verhaeren contando sobre a descoberta da deusa empalhada. Era, asseverava o belga, uma peça das mais extraordinárias, muito além da capacidade de classificação de um leigo. Se era humana ou símia, só um cientista poderia determinar, e o processo de determinação seria ainda mais dificultado por seu estado imperfeito. O tempo e o clima do Congo não são complacentes com múmias, em especial quando sua preparação era tão amadorística como parecia ser o caso. Haviam encontrado ao redor do pescoço da criatura um cordão de ouro sustentando um medalhão vazio sobre o qual havia desenhos armoriais, com certeza uma lembrança de algum infeliz viajante tirado pelos N'bangus e pendurado na deusa como amuleto. Comentando o perfil do rosto da múmia, M. Verhaeren sugeriu uma comparação esquisita, ou melhor, expressou uma sugestão jocosa de como ele chocaria

seu correspondente, mas estava muito mais interessado em questões científicas para gastar muitas palavras com tais leviandades. A deusa empalhada, escreveu, chegaria devidamente embalada cerca de um mês depois do recebimento da carta.

O objeto encaixotado foi entregue no Solar Jermyn na tarde de 3 de agosto de 1913, sendo na hora transportado para o grande salão que abrigava a coleção de espécimes africanos tal como havia sido disposta por sir Robert e Arthur. O que se seguiu pode ser mais bem coligido a partir dos relatos de criados e dos objetos e papéis examinados depois. Dos muitos relatos, o do velho Soames, mordomo da família, é o mais amplo e coerente. Segundo esse homem digno de confiança, sir Arthur Jermyn fez todos saírem do salão antes de abrir a caixa, embora o som distante de martelo e formão indicasse que ele não retardara a operação. Durante algum tempo, nada se ouviu. Soames não soube calcular com exatidão, mas foi decerto menos de um quarto de hora depois que o pavoroso grito, inquestionavelmente com a voz de Jermyn, foi ouvido. Logo depois, Jermyn irrompeu do salão correndo freneticamente para a frente da casa como se estivesse sendo perseguido por algum terrível inimigo. A expressão de seu rosto, um rosto já horrível o bastante quando em repouso, era indescritível. Quando se aproximou da porta da frente, ele pareceu lembrar-se de algo, interrompeu a fuga, voltou e desapareceu na escada para o porão. Os criados, de todo atônitos, ficaram observando o alto da escada, mas seu amo não voltava. Um cheiro de petróleo foi tudo que subiu das regiões inferiores. Depois de escurecer, ouviram um ruído na porta do porão que dava para o quintal e um cavalariço viu Arthur Jermyn, reluzindo de petróleo da cabeça aos pés e exalando o cheiro deste líquido, esgueirar-se furtivamente para fora e desaparecer no pântano escuro que rodeava a casa. Depois, num paroxismo de horror supremo, todos viram o fim. Uma centelha brilhou no pântano, uma chama subiu e uma coluna de fogo humano ergueu-se para o céu. A casa de Jermyn deixara de existir.

O motivo para os restos carbonizados de Arthur Jermyn não terem sido recolhidos e enterrados encontra-se no que foi achado mais tarde, em especial na coisa dentro da caixa. A deusa empalhada era uma visão repugnante, ressecada e corroída, mas era claramente um macaco branco mumificado de alguma espécie desconhecida, menos peludo do que qualquer variedade registrada e muito mais próximo da humanidade — estarrecedoramente mais próximo. Uma descrição detalhada seria muito

desagradável, mas dois aspectos em particular merecem ser revelados, pois combinam com certas anotações revoltantes das expedições africanas de sir Wade e as lendas congolesas do deus branco e da princesa-macaco. Os dois aspectos em questão são os seguintes: as armas no medalhão de ouro pendurado no pescoço da criatura eram as armas dos Jermyn, e a sugestão jocosa de M. Verhaeren sobre certa semelhança relacionada com o rosto encarquilhado aplicava-se com vivido, pavoroso e sobrenatural horror a nada menos que o sensível Arthur Jermyn, tataraneto de sir Wade Jermyn e uma esposa desconhecida. Membros do Royal Anthropological Institute queimaram a coisa e atiraram o medalhão num poço, e alguns deles chegam a não admitir que Arthur Jermyn tenha existido algum dia.



O Templo

(Manuscrito encontrado na costa de Yucatan)

NO DIA 20 de agosto de 1917, eu, Karl Heinrich, Graf von Altberg-Ehrenstein, tenente-comandante da Marinha Imperial Alemã e no comando do submarino U-29, deposito esta garrafa e este registro no Oceano Atlântico, numa localização que me é desconhecida, mas provavelmente próxima de 20 graus de Latitude Norte e 35 graus de Longitude Oeste, onde minha embarcação repousa avariada no leito do oceano. Assim faço movido pelo desejo de narrar certos fatos incomuns ao público, coisa que, com toda probabilidade, não poderei fazer pessoalmente, porque as circunstâncias que me cercam são tão ameaçadoras quanto extraordinárias, envolvendo não só o inelutável paralisação do U-29, mas também a desastrosa fragilização de minha vontade de ferro germânica.

Na tarde de 18 de junho, tal como foi transmitido por telégrafo ao U-61, rumando para Kiel, torpedeamos o cargueiro britânico *Victory* que ia de Nova York para Liverpool, em 45 graus e 16 minutos de Latitude N. e 28 graus e 38 minutos de Longitude O., permitindo que a tripulação saísse em barcos para recolher uma boa imagem em filme para os arquivos do almirantado. O navio afundou espetacularmente, primeiro de proa com a popa erguendo-se bem alto acima da água, e depois o casco mergulhou, na vertical, para o fundo do mar. Nossa câmera pegou tudo e lamento que uma rolo de filme tão bom jamais chegue a Berlim. Depois, afundamos os barcos salva-vidas com os canhões e submergimos.

Quando subimos à superfície, ao entardecer, achamos o corpo de um marinheiro no tombadilho com as mãos agarradas de maneira estranha no parapeito. O infeliz era jovem, de pele bem morena e muito bonito, provavelmente italiano ou grego, e, com toda certeza, pertencera à tripulação do *Victory*. Ele claramente havia procurado refúgio na própria embarcação que fora obrigada a destruir a sua — mais uma vítima da injusta guerra de agressão que os porcos ingleses estão travando contra nossa Pátria. Nossos homens o revistaram para pegar lembranças e descobriam, no bolso de seu capote, um curioso pedaço de marfim entalhado representando uma cabeça de jovem coroada com um laurel. Meu colega oficial, o tenente Klenze, achou que o objeto era muito antigo e tinha grande valor artístico, por isso o requisitou para si. Como ele havia chegado às mãos de um marinheiro comum nem ele nem eu pudemos imaginar.

Quando o morto foi atirado pela borda, dois incidentes deixaram os homens muito perturbados. Os olhos do rapaz estavam fechados, mas, quando ele foi arrastado para a amurada, eles abriam-se e muitos tiveram a estranha ilusão de que os olhos fitavam zombeteiramente Schmidt e Zimmer, que estavam debruçados sobre o cadáver. O contramestre Müller, um homem mais velho que seria mais esperto se não fosse um porco alsaciano supersticioso, impressionou-se de tal forma com essa sensação, que ficou observando o corpo na água e jurou que, depois de afundar um pouco, ele estirou os membros em posição de nado e afastou-se rapidamente para o sul, por baixo das vagas. Klenze e eu não gostamos dessas exibições de ignorância campesina e repreendemos severamente os homens, Müller em especial.

No dia seguinte, criou-se uma situação muito incômoda com a indisposição de alguns membros da tripulação. Eles certamente estavam tensos em virtude de nossa longa viagem e haviam tido maus sonhos. Muitos pareciam atônitos e apavorados e, depois de me certificar de que não estavam apenas disfarçando sua fraqueza, dispensei-os de suas obrigações. O mar estava muito bravio, obrigando-nos a descer para uma profundidade onde as ondas davam menos trabalho. Ali ficamos relativamente mais tranqüilos, apesar de uma curiosa corrente para o sul que não conseguimos identificar nas cartas oceanográficas. Os gemidos dos doentes eram decididamente incômodos, mas, como não pareciam desmoralizar o resto da tripulação, não foi preciso recorrer a medidas

extremas. Nosso plano era permanecermos naquele lugar e interceptar o vapor de carreira *Dacia* mencionado em informações de agentes em Nova York.

Ao anoitecer, subimos à superfície notando que o mar estava menos revolto. A fumaça de um couraçado apareceu no horizonte setentrional, mas nossa distância e capacidade de submergir nos salvaram. O que mais nos preocupava era o palavreado do contramestre Müller, que foi ficando mais e mais confuso no transcorrer da noite. Ele estava num estado de puerilidade deplorável, balbuciando algo sobre a visão de corpos mortos passando pelas vigias submersas, corpos que olhavam intensamente para ele e que ele reconheceu, apesar de inchados, como pertencentes a pessoas que vira morrer em nossas façanhas vitoriosas. Dizia ele também que o jovem que havíamos encontrado e atirado pela borda era seu líder. Isso tudo era muito repulsivo e anormal, por isso metemos Müller a ferros e mandamos açoitá-lo com rigor. Os homens não gostaram dessa punição, mas era preciso manter a disciplina. Também negamos o pedido de uma comissão encabeçada pelo marujo Zimmer para que a curiosa cabeça entalhada em marfim fosse atirada ao mar.

No dia 20 de junho, os marujos Bohm e Schmidt, que haviam passado mal no dia anterior, enfureceram-se. Lamentei não termos um médico em nosso corpo de oficiais, já que as vidas alemãs são preciosas, mas os delírios constantes dos dois a respeito de uma terrível maldição subvertiam gravemente a disciplina, obrigando-nos a tomar medidas drásticas. A tripulação aceitou o fato de má vontade, mas aquilo pareceu acalmar Müller, que, daquele momento em diante, não nos causou nenhum problema. A noite, nós o soltamos e ele retomou suas obrigações em silêncio.

Na semana seguinte, estávamos todos nervosos à espera do *Dacia.* A tensão foi agravada pelo desaparecimento de Müller e Zimmer, que seguramente se suicidaram em conseqüência dos pavores que pareciam assediá-los, embora ninguém os houvesse visto saltar pela borda. Fiquei muito satisfeito por me livrar de Müller, pois mesmo seu silêncio perturbava a tripulação. Todos pareciam inclinados ao silêncio então, como que tomados por um terror secreto. Muitos estavam doentes, mas ninguém provocou distúrbios. O tenente Klenze, agastado pela tensão, irritava-se com bagatelas — como o grupo de golfinhos que se aglomerava

em números crescentes em volta do U-29 e a intensidade crescente da corrente para o sul que não constava de nosso mapa.

Com o tempo, ficou evidente que perdêramos completamente o *Dacia.* Esses malogros não são incomuns e ficamos mais satisfeitos que desapontados, já que nossa ordem era voltarmos nesta circunstância para Wilhelmshaven. Ao meio-dia de 28 de junho, viramos para Nordeste e, apesar de alguns embaraços cômicos com a multidão incomum de golfinhos, logo estávamos a caminho.

A explosão na sala das máquinas às duas da madrugada nos pegou de surpresa. Não havia sido observado nenhum defeito nas máquinas ou descuido dos homens, mas, ainda assim, sem nenhum aviso, a embarcação foi sacudida, de ponta a ponta, por um abalo colossal. O tenente Klenze correu para a sala das máquinas, descobrindo o tanque de combustível e a maior parte do mecanismo despedaçados e os engenheiros Raabe e Schneider mortos. Nossa situação havia ficado realmente grave, pois, ainda que os regeneradores químicos do ar estivessem intactos e pudéssemos usar os dispositivos para elevar e submergir o barco e abrir as escotilhas enquanto o ar comprido e a carga das baterias conservassem-se, não estávamos em condições de impelir ou guiar o submarino. Procurar salvação nos barcos salva-vidas nos poria nas mãos de inimigos irracionalmente enfurecidos com a grande nação alemã e, desde o incidente do *Victory,* não conseguíramos entrar em contato com nenhum submarino amigo da Marinha Imperial pelo telégrafo.

Do momento do acidente até 2 de julho, andamos continuamente à deriva para o sul, quase sem planos e sem encontrar nenhum barco. Os golfinhos ainda rodeavam o U-29, circunstância notável considerando-se a distância que havíamos percorrido. Na manhã de 2 de julho, avistamos um couraçado com as cores americanas e os homens ficaram muito agitados, querendo render-se. O tenente Klenze acabou tendo de disparar num marinheiro de nome Traube, que exigia este ato anti-germânico com especial insistência. Isto acalmou a tripulação por algum tempo e submergimos para fora de vista.

Na tarde seguinte, um bando compacto de aves marinhas surgiu vindo do sul e o oceano começou a ficar ameaçador. Fechando as escotilhas, aguardamos os acontecimentos até perceber que, se não submergíssemos, seríamos inundados pelas ondas que se avolumavam. A pressão do ar e a eletricidade estavam diminuindo e queríamos evitar todo

uso desnecessário de nossos parcos recursos mecânicos, mas, neste caso, não havia escolha. Não descemos até muito fundo e, depois da algumas horas, quando o mar ficou mais calmo, decidimos retornar à superfície. Neste momento, porém, um novo problema impôs-se: o barco não respondia a nossos comandos apesar de usarmos todos os recursos mecânicos. A medida que os homens iam ficando mais apavorados com aquela prisão submarina, alguns deles começaram a resmungar novamente contra a estatueta de marfim do tenente Klenze, mas a vista de uma pistola automática os acalmou. Mantivemos os pobres diabos ocupados ao máximo com as máquinas mesmo sabendo da inutilidade daquilo.

Klenze e eu geralmente dormíamos em horários diferentes e foi durante meu período de sono, em torno das cinco da madrugada do dia 4 de julho, que o motim alastrou-se. Os seis malditos marinheiros restantes, suspeitando que estávamos perdidos e estando enfurecidos por não nos termos rendido ao couraçado ianque dois dias antes, num desvario de pragas e destruição, rugiam, como animais que eram, quebrando instrumentos e móveis aleatoriamente e gritando alguma besteira sobre a maldição do ícone de marfim e o jovem morto que olhara para eles e saíra nadando. O tenente Klenze ficou paralisado e incapaz de agir, como era de se esperar de um renano frouxo e efeminado. Atirei nos seis, pois era preciso, e cuidei que nenhum ficasse vivo.

Expelimos os corpos pelas comportas duplas e ficamos sozinhos no U-29. Klenze parecia muito nervoso e bebia pesadamente. Decidimos ficar vivos o máximo possível usando o grande estoque de provisões e o suprimento de oxigênio que não haviam sofrido com as sandices daqueles malditos marinheiros. Bússolas, sondas e outros instrumentos delicados estavam todos arruinados e nosso único recurso para o cálculo da posição do barco seriam as conjeturas com base em observações, o calendário e nossa deriva visível avaliada por qualquer objeto que pudéssemos avistar através das vigias ou do alto da torre. Felizmente tínhamos baterias em estoque para muito tempo, tanto para a iluminação interna quando para o holofote. Freqüentemente corríamos o facho de luz ao redor do barco, mas só conseguíamos enxergar os golfinhos nadando em paralelo ao curso de nossa deriva. Eu fiquei cientificamente interessado naqueles golfinhos, pois, embora o *Delphinus delphis* comum seja um mamífero cetáceo incapaz de sobreviver sem ar, observei atentamente um deles por duas horas e não o vi alterar sua condição de submersão.

Com o passar do tempo, Klenze e eu concordamos em que a deriva ainda era na direção do sul enquanto mergulhávamos cada vez mais fundo. Observávamos a fauna e a flora marinhas e líamos muito sobre o tema nos livros que eu trouxera para os momentos de folga. Não pude deixar de observar, porém, o tanto que o conhecimento científico de meu companheiro era inferior ao meu. Sua cabeça não era nem um pouco prussiana, entregando-se a fantasias e especulações sem o menor valor. A proximidade da morte afetava-o de maneira estranha e ele rezava muito, roído de remorso pelos homens, mulheres e crianças que havíamos afundado, esquecendo-se de que todas as coisas são nobres quando são feitas a serviço do Estado alemão. Com o passar do tempo, ele foi ficando visivelmente desequilibrado, parando para olhar, durante horas, seu ícone de marfim e tecendo histórias fantasiosas sobre coisas esquecidas e abandonadas no fundo do mar. As vezes, à guisa de experimento psicológico, eu provocava seus devaneios e ficava ouvindo as intermináveis citações e histórias poéticas sobre navios afundados. Senti muito por ele, pois não me agrada ver um alemão sofrer, mas ele não era uma boa companhia para se morrer. Quando a mim, eu me sentia orgulhoso, sabendo que a Pátria reverenciaria minha memória e ensinaria meus filhos a serem homens como eu.

No dia 9 de agosto, avistamos o leito do oceano e corremos sobre ele o facho potente do holofote. Era uma planície ondulada quase toda coberta de algas, com as conchas de pequenos moluscos espalhadas por toda parte. Viam-se aqui e ali objetos de formato estranho, cobertos de limo e de algas e encrustados de cracas, que, na constatação de Klenze, deviam ser antigos navios repousando em seus túmulos. Ele pareceu intrigado com uma coisa: um pico de matéria sólida projetando-se do leito do oceano até quase doze metros de altura, com uns sessenta centímetros de espessura, faces planas e as superfícies superiores lisas encontrando-se num ângulo muito aberto. Imaginei que se tratava de um afloramento de rocha, mas Klenze pensava ter visto entalhes no objeto. Um momento depois, ele começou a tremer e desviou o olhar da cena com ar apavorado, mas não conseguiu dar nenhuma explicação, exceto a de estar extasiado com a enormidade, a escuridão, a ancestralidade e o mistério dos abismos oceânicos. Ele estava mentalmente extenuado, mas eu, sempre um alemão, fui rápido em notar duas coisas: que o U-29 estava suportando perfeitamente a pressão da profundidade oceânica e que os estranhos

golfinhos ainda nos acompanhavam, mesmo naquela profundidade, onde a existência de organismos altamente organizados é considerada impossível pela maioria dos naturalistas. Eu tinha certeza de que havia superestimado nossa profundidade antes, mas ainda assim devíamos estar numa profundidade suficiente para tornar esses fenômenos admiráveis. A velocidade para o sul, medida pelo leito do oceano, estava próxima da que eu havia calculado pelos organismos observados nos níveis superiores.

Foi às 3hl5min da tarde de 12 de agosto que o pobre Klenze enlouqueceu de vez. Ele estava na torre de observação usando o holofote quando o vi rumar para o compartimento da biblioteca onde eu estava lendo, e seu rosto imediatamente o traiu. Repetirei aqui o que ele disse, destacando as palavras que enfatizou: "*Ele* está chamando! *Ele* está chamando! Posso ouvi-lo! Devemos ir!". Enquanto falava, pegou o ícone de marfim da mesa, colocou-o no bolso e segurou meu braço, tentando arrastar-me pela escada para o tombadilho. Num instante, percebi que ele pretendia abrir a escotilha e mergulhar comigo na água, um delírio maníaco suicida e homicida para o qual eu não estava preparado. Quando me esquivei e tentei acalmá-lo, ele ficou ainda mais violento, dizendo: "Venha *já,* depois será tarde demais; é melhor se arrepender e ser perdoado do que desafiar e ser condenado". Tentei então fazer o oposto da tentativa de acalmá-lo, dizendo que ele estava louco, lastimavelmente insano. Mas ele não se abalou, gritando: "Se estou louco, é uma misericórdia! Possam os deuses apiedar-se do homem que, por sua indiferença, consiga ficar são ante o fim hediondo! Venha e seja louco enquanto *ele* ainda chama com clemência!".

Essa explosão pareceu aliviar uma pressão em sua cabeça, pois, quando terminou, ele ficou mais calmo, pedindo-me para deixá-lo partir sozinho já que não queria acompanhá-lo. Logo ficou clara a postura que eu devia adotar. Ele era um alemão, com certeza, mas apenas um renano simplório, e agora se havia transformado num louco potencialmente perigoso. Concordando com seu pedido suicida, eu poderia livrar-me de alguém que não era mais um companheiro e sim uma ameaça. Pedi que me entregasse a imagem de marfim antes de partir, mas isto lhe provocou uma risada tão sinistra, que não insisti. Depois perguntei se ele não queria deixar alguma lembrança ou uma mecha de cabelo para a sua família na Alemanha, para o caso de eu conseguir salvar-me, mas ele tornou a soltar aquela risada misteriosa. Assim, enquanto ele subia a escada, eu fui para

os comandos e, esperando os intervalos de tempo necessários, operei o mecanismo que o enviou para a morte. Quando percebi que ele já não estava no barco, corri o facho do holofote pela água tentando avistá-lo, querendo verificar se a pressão da água o teria esmagado, como teoricamente devia acontecer, ou se o cadáver não teria sido afetado, como acontecia com os extraordinários golfinhos. Mas não consegui avistar meu antigo companheiro, pois os golfinhos, formando um grupo compacto em volta da torre, obscureciam a visão.

Naquela noite, lamentei não ter tirado a imagem de marfim do bolso do pobre Klenze sem ele perceber quando partiu, pois a lembrança dela me fascinava. Não conseguia esquecer a cabeça jovem e bela com sua coroa de folhas, embora eu não seja, por natureza, um artista. Lamentava, também, não ter ninguém com quem conversar. Klenze, mesmo espiritualmente inferior, era melhor do que ninguém. Minhas chances de salvação eram, com toda certeza, irrisórias.

No dia seguinte, subi à torre e reiniciei minhas costumeiras investigações com o holofote. Para o norte, a vista era exatamente igual à de quatro dias antes quando avistáramos o fundo, mas pude notar que a deriva do U-29 era menos veloz. Quando desviei o facho para o sul, observei que o leito do oceano à frente descia num declive acentuado, exibindo blocos de pedra curiosamente irregulares organizados conforme padrões definidos em certos locais. O barco não desceu de imediato acompanhando a profundidade maior do oceano, obrigando-me a regular o holofote e apontar o facho para baixo. Na virada brusca, um fio soltou-se, exigindo uma demora de muitos minutos para os reparos, mas a luz tornou a brilhar inundando o vale marinho abaixo.

Não sou de extravasar emoções, mas tive um enorme espanto quando enxerguei o que a luz elétrica revelava. Entretanto, escolado que era na melhor *Kultur* da Prússia, eu não deveria espantar-me, pois a geologia e a tradição nos falam de grandes transposições em áreas oceânicas e continentais. O que vi foi um extenso e elaborado alinhamento de construções em ruínas, todas de uma arquitetura imponente, mas inclassificável, e em vários estágios de conservação. A maioria delas parecia ser de mármore, reluzindo vivamente sob o facho do holofote, e o plano geral correspondia ao de uma grande cidade no fundo de um vale estreito com numerosos templos e vilas isolados nas encostas íngremes acima. Os telhados haviam caído e as colunas estavam partidas, mas

persistia em tudo a atmosfera de um esplendor imemorialmente antigo que nada poderia apagar.

Confrontado, enfim, com a Atlantis que eu até então considerara um mito, tornei-me o mais impetuoso dos exploradores. No fundo daquele vale, correra um rio algum dia, pois, examinando melhor a cena, avistei restos de molhes e de pontes de pedra e mármore, além de terraços e aterros antes verdejantes e belos. O entusiasmo me deixou quase tão pasmado e sentimental quanto o pobre Klenze e demorei para notar que a correnteza para o sul havia enfim terminado, permitindo que o U-29 pousasse mansamente sobre a cidade submersa como um avião pousa sobre uma cidade na superfície da Terra. Também demorei para perceber que o bando de curiosos golfinhos havia desaparecido.

Duas horas mais tarde, o barco repousava numa praça pavimentada perto do paredão rochoso do vale. De um lado, eu podia ver a cidade inteira descendo da praça para a antiga margem do rio; do outro, com chocante proximidade, estava a fachada ricamente ornamentada e bem preservada de um grande edifício, evidentemente um templo, escavado na rocha maciça. Só posso fazer conjeturas sobre a arte construtiva original dessa coisa titânica. A fachada, de uma extensão prodigiosa, cobre aparentemente um recesso vazio contínuo, pois tem muitas janelas amplamente distribuídas. No centro, escancara-se uma grande passagem aberta que pode ser alcançada por um impressionante lance de degraus e é rodeada por esculturas curiosas parecendo figuras de Bacanais em relevo. Na frente de tudo, ficam as grandes colunas e frisas decoradas com esculturas de uma beleza inexprimível retratando, obviamente, cenas pastorais idealizadas e procissões de sacerdotes e sacerdotisas carregando estranhos objetos cerimoniais para a adoração de um deus radiante. A qualidade artística do conjunto é fenomenal, em grande medida helênica, mas curiosamente diferenciada. Dá uma impressão de espantosa antigüidade, como se fosse mais antiga que as ancestrais imediatas da arte grega. Não posso duvidar, também, de que cada detalhe dessa obra maciça foi talhado na pedra virgem de nosso planeta.

Trata-se, claramente, do paredão do vale, embora não consiga imaginar até que profundidade seu interior terá sido escavado. Talvez se tenha aproveitado de uma caverna ou de um conjunto de cavernas. Nem o tempo nem a submersão conseguiram destruir a grandeza primitiva desse magnífico santuário — pois santuário deve ser — que ainda hoje, milhares

de anos depois, permanece imaculado e puro na escuridão silenciosa e eterna de um abismo oceânico.

Não consigo calcular o número de horas que gastei observando a cidade submersa com seus edifícios, arcos, estátuas e pontes, e o templo colossal com sua beleza e seu mistério. Mesmo sabendo que a morte estava próxima, a curiosidade me arrebatava, e eu corria o facho do holofote pelas cercanias do barco numa busca frenética. O luz me permitiu compreender muitos detalhes, mas não conseguiu mostrar nada para dentro daquela passagem escancarada do templo cavado na rocha, e, depois de algum tempo, para economizar energia, desliguei a corrente. Os raios de luz estavam agora perceptivelmente mais fracos do que nas semanas de deriva e meu desejo de explorar os segredos aquáticos, como que aguçado pela iminente privação da luz, crescia. Eu, um alemão, haveria de ser o primeiro a palmilhar aqueles caminhos imemoriais perdidos!

Idealizei um escafandro de metal para águas profundas e fiz testes com a lanterna portátil e o regenerador de ar. Embora a manobra da dupla escotilha fosse-me causar alguma dificuldade, acreditei que poderia superar todos os obstáculos com minha habilidade científica e caminhar em pessoa pela cidade morta.

No dia 16 de agosto, saí do U-29 e avancei com dificuldade pelas ruas arruinadas e cobertas de lama na direção do antigo rio. Não encontrei esqueletos nem outros restos humanos, mas recolhi uma fortuna em conhecimento arqueológico das esculturas e moedas. Sobre isto, tudo que posso fazer é expressar minha admiração por uma cultura que estava em pleno apogeu de sua glória quando moradores de cavernas perambulavam pela Europa e o Nilo fluía despercebido para o mar. Guiados por este manuscrito, se algum dia ele for encontrado, outros poderão desvendar os mistérios que eu só posso sugerir. Voltei ao barco quando minhas baterias enfraqueceram decidido a explorar, no dia seguinte, o templo escavado na rocha.

No dia 17, quando minha gana de desvendar o mistério do templo ficou ainda mais insistente, tive a desilusão de descobrir que os materiais necessários para recarregar a lanterna portátil haviam sido destruídos no motim daqueles porcos, em julho. Fiquei possesso de raiva, mas minha natureza germânica impediu que eu me aventurasse sem estar preparado nas entranhas completamente escuras que poderiam abrigar algum

monstro marinho indescritível ou um labirinto de passagens em cujos meandros eu poderia perder-me para sempre. Tudo que me restava fazer era acender o enfraquecido holofote do U-29 e, com sua ajuda, subir os degraus do templo e analisar as esculturas externas. O facho de luz penetrava pela porta de baixo para cima e eu tentei vislumbrar alguma coisa em seu interior, mas nada consegui. Nem mesmo o teto era visível. Embora arriscasse um passo ou dois em seu interior depois de testar a solidez do piso com um bastão, não ousei ir mais longe. Além do mais, pela primeira vez em minha vida, eu experimentava a sensação do pavor. Comecei a entender como haviam surgido certas atitudes do pobre Klenze, pois, quanto mais o templo me atraía, mais eu temia seus abismos aquáticos com um terror cego e crescente. Voltando ao submarino, apaguei as luzes e sentei-me, pensativo, no escuro. A eletricidade precisava ser poupada para emergências.

Passei todo o dia 18, um sábado, envolvo na mais negra escuridão, atormentado por pensamentos e lembranças que ameaçavam vencer minha vontade germânica. Klenze havia enlouquecido e morrido antes de alcançar aquela sinistra ruína de um passado terrivelmente remoto e me aconselhara a ir com ele. Não teria o destino poupado minha razão só para me arrastar inelutavelmente para um fim tão pavoroso, que homem nenhum jamais sonhara? Meus nervos estavam dolorosamente tensos e eu precisava livrar-me daquelas sensações de homens fracos.

Não consegui dormir durante a noite de sábado e acendi as luzes sem me importar com o futuro. Era irritante saber que a eletricidade não duraria tanto quanto o ar e as provisões. Retomei minha idéia de eutanásia e examinei a pistola automática. Perto do amanhecer, devo ter caído no sono com as luzes acesas, pois despertei no escuro, já na tarde de ontem, e descobri que as baterias estavam descarregadas. Acendi vários fósforos em seguida e lamentei profundamente a imprevidência com que havíamos gasto as poucas velas que possuíamos.

Depois de se extinguir o último fósforo que eu ousei gastar, fiquei sentado, em silêncio, na mais absoluta escuridão. Enquanto meditava no fim inevitável, minha mente percorreu os acontecimentos precedentes e desenvolveu uma sensação até então adormecida que teria feito estremecer alguém mais fraco e mais supersticioso. *A cabeça do deus radiante nas esculturas sobre o templo de pedra é a mesma daquele pedaço de marfim*

entalhado que o marinheiro morto trouxera do mar e que o pobre Klenze levara de volta às águas.

Essa coincidência me deixou um pouco atônito, mas não aterrorizado. Só um pensador ordinário apressa-se em explicar o singular e o complexo pelo atalho primitivo do sobrenatural. A coincidência era curiosa, mas eu era um pensador sólido o bastante para não associar circunstâncias que não admitem nenhuma conexão lógica ou associar, por algum mecanismo extraordinário, os acontecimentos desastrosos que se sucederam do caso do *Victory* às minhas aflições presentes. Sentindo que precisava descansar mais, tomei um sedativo. A situação de meus nervos refletiu-se nos meus sonhos, pois tive a sensação de ouvir gritos de pessoas afogando-se e ver faces mortas espremendo-se contra as vigias do barco. E, entre as faces mortas, estava o rosto lívido e zombeteiro do jovem com a imagem de marfim.

Preciso ser cuidadoso na maneira como vou descrever meu despertar hoje, pois estou exausto e necessariamente haverá muitas alucinações misturadas com os fatos. Do ponto de vista psicológico, meu caso é dos mais interessantes, e lamento que não possa ser analisado cientificamente por alguma autoridade alemã competente. Ao abrir os olhos, minha primeira sensação foi um desejo incontrolável de visitar o templo escavado na rocha, um desejo que crescia a cada instante, mas ao qual eu tentava instintivamente resistir movido por uma sensação de medo que agia no sentido contrário. Depois, veio-me a impressão de *luz* em meio à escuridão das baterias descarregadas e me pareceu ver uma espécie de brilho fosforescente na água em torno da vigia que estava de frente para o templo. Isto despertou minha curiosidade, visto que eu não conhecia nenhum organismo marinho capaz de emitir semelhante luminosidade. Antes que eu pudesse investigar, porém, tive uma terceira impressão, que, por sua irracionalidade, me fez duvidar da objetividade de tudo que meus sentidos pudessem registrar. Foi uma ilusão de aura, a sensação de um som melódico, ritmado, que parecia provir de um hino coral ou entoado, agreste mas belo, atravessando o casco absolutamente à prova de som do U-29. Convencido da anomalia de minhas condições psicológicas e nervosas, acendi alguns fósforos e servi uma dose concentrada de solução de brometo de sódio, que pareceu acalmar-me o suficiente para desfazer a ilusão sonora. Mas a fosforescência persistia, e eu tive dificuldade de represar o impulso pueril de ir até a vigia e procurar sua origem. Ela era

terrivelmente real, e não demorou para eu poder distinguir, com a sua ajuda, os objetos familiares que me cercavam, inclusive o copo de brometo de sódio vazio do qual eu não tivera nenhuma impressão visual no local onde ele agora se encontrava. Essa última circunstância me fez meditar e cruzei o recinto até o copo e o toquei. Ele estava realmente onde eu o havia visto. Agora eu sabia que a luz, se não era real, fazia parte de alguma alucinação tão fixa e consistente, que eu não poderia descartá-la; por isso, deixando de parte toda resistência, subi na torre de observação para observar a origem da luz. Não seria, talvez, algum outro submarino da série U trazendo uma esperança de salvação?

Aconselho o leitor a não aceitar nada do que se segue, como verdade objetiva, pois, como os acontecimentos transcendem à lei natural, eles são, necessariamente, criações fictícias e subjetivas de minha mente. Quando alcancei a torre, descobri que o mar em geral estava bem menos iluminado do que eu esperava. Não havia nenhum animal ou planta fosforescente por ali, e a cidade que acompanhava o declive da encosta até o rio era invisível na escuridão. O que eu vi não foi espetacular, nem grotesco, nem terrificante, mas eliminou o último vestígio de confiança que eu tinha na própria consciência. *Isto porque a porta e as janelas do templo submerso escavado na colina rochosa brilhavam vivamente com uma radiância bruxuleante, como se a poderosa chama de um altar ardesse, à distância, em seu interior.*

Os incidentes posteriores são caóticos. Olhando para a porta e as janelas iluminadas, fiquei exposto a visões das mais extravagantes — visões tão extraordinárias, que não consigo sequer as relacionar. Imaginei discernir objetos no templo, alguns parados, outros em movimento, e tive a impressão de ouvir de novo o canto irreal que fluíra até mim quando havia despertado. E, por cima de tudo, surgiram pensamentos e pavores centrados no jovem que viera do mar e o ícone de marfim cuja imagem estava reproduzida na frisa e nas colunas do templo à minha frente. Pensei no pobre Klenze e fiquei imaginando onde estaria seu corpo com a imagem que ele havia levado de volta para o mar. Ele me advertira sobre algo e eu não lhe dera atenção — mas ele era um renano estúpido que enlouquecera em face de problemas que um prussiano poderia facilmente suportar.

O resto é muito simples. Meu primeiro impulso de entrar no templo havia-se transformado numa ordem imperiosa e inexplicável. Minha

vontade germânica já não conseguia controlar meus atos, e o arbítrio só foi possível em questões menores daquele momento em diante. Fora uma loucura assim que conduzira Klenze à morte, com a cabeça descoberta e desprotegida, no oceano, mas eu sou prussiano e homem de juízo e usarei até o fim o pouco que dele me resta. Quando percebi, pela primeira vez, que devia ir, preparei o traje de mergulho, o capacete e o regenerador de ar e imediatamente comecei a escrever esta crônica apressada na esperança de que ela possa algum dia chegar ao mundo. Encerrarei o manuscrito numa garrafa e a confiarei ao mar quando deixar o U-29 para sempre.

Não estou com medo, nem mesmo das profecias do enlouquecido Klenze. O que vi não pode ser verdade, e sei que este transtorno de minha vontade irá, quando muito, levar-me à sufocação quando o ar esgotar-se. A luz no templo é pura ilusão e eu morrerei calmamente, como um alemão, nas profundezas escuras e perdidas. Este riso demoníaco que ouço enquanto escrevo vem apenas de meu próprio cérebro enfraquecido. Agora eu vestirei com cuidado o traje de mergulho e subirei corajosamente os degraus para entrar naquele templo primitivo, naquele segredo silente de insondáveis águas e incontáveis anos.



O Pântano Lunar

EM ALGUM LUGAR, em que remota e temível região eu não sei, Denys Berry partiu. Eu estava com ele na última noite que passou entre os homens e ouvi seus gritos quando a coisa o alcançou, mas os camponeses e a polícia do Condado de Meath jamais conseguiram encontrá-lo, nem aos outros, embora houvessem procurado até muito longe e por muito tempo. E agora eu estremeço sempre que escuto rãs coaxando nos brejos ou vejo a Lua de lugares ermos.

Conheci Denys Barry muito bem nos Estados Unidos, onde ele enriqueceu, e me congratulei com ele quando comprou de volta o velho castelo ao lado do pântano na sonolenta Kilderry. Fora de Kilderry que seu pai viera e era lá que ele pretendia gozar sua riqueza em meio aos cenários ancestrais. Gente de seu sangue havia governado Kilderry no passado, onde ergueram e habitaram o castelo, mas aqueles tempos eram muito remotos e por várias gerações o castelo ficou vazio e arruinado. Depois de viajar para a Irlanda, Barry me escrevia assiduamente contando como, debaixo de seus cuidados, o castelo cinzento fora recuperando, torre a torre, o antigo resplendor, como a hera fora crescendo lentamente pelas paredes restauradas tal como fizera muitos séculos antes e como os camponeses o abençoavam por trazer de volta os velhos tempos com seu ouro de ultramar. Com o passar do tempo, porém, surgiram problemas e os camponeses deixaram de abençoá-lo e fugiram como que de uma maldição. Foi quando ele me escreveu pedindo para visitá-lo, pois se sentia só no castelo, sem ter com quem conversar afora os novos criados e operários que trouxera do Norte.

O pântano era o motivo daqueles problemas todos, contou-me Barry na noite em que cheguei no castelo. Desci em Kilderry num entardecer estivai, com o dourado do céu iluminando o verde das colinas e bosques e o azul do pântano, onde uma estranha e ancestral ruína resplandecia espectralmente sobre uma ilhota distante. Era um pôr-do-sol esplêndido, mas os camponeses de Ballylough me haviam prevenido sobre ele e contado que Kilderry ficara amaldiçoada, o que quase me produziu calafrios quando avistei os altos torreões do castelo dourados pelo fogo. Como a ferrovia não passa por Kilderry, o carro de Barry fora-me apanhar na estação de Ballylough. Os aldeões evitaram o carro e o motorista do Norte, mas sussurraram para mim com os rostos lívidos quando notaram que eu ia para Kilderry. Naquela noite, depois de nos encontramos, Barry me contou por quê.

Os camponeses haviam fugido de Kilderry porque Denys Barry pretendia drenar o grande pântano. Com todo seu amor pela Irlanda, a América não deixara de o influenciar, e ele detestava o belo espaço abandonado onde poderia cortar a turfa e explorar a terra. As lendas e superstições de Kilderry não o sensibilizaram e ele riu quando os camponeses recusaram-se a ajudar e depois o amaldiçoaram e partiram para Ballylough com seus míseros pertences quando perceberam que ele estava decidido. Para ocupar seu lugar, ele mandou vir trabalhadores do Norte e, quando os criados foram-se, ele os substituiu do mesmo modo. Mas, sentindo-se solitário entre estranhos, Barry pediu que eu viesse.

Quando escutei os medos que haviam expulsado as pessoas de Kilderry, ri tão alto quanto meu amigo, pois eram medos vagos, alucinados e absurdos. Tinham a ver com alguma lenda grotesca associada ao pântano e a um soturno espírito guardião que habitava a curiosa e ancestral ruína na ilhota distante que eu avistara no entardecer. Corriam histórias sobre luzes dançando na escuridão do luar e ventos gélidos em noites quentes; sobre espectros vestidos de branco pairando sobre as águas e uma fantástica cidade de pedra nas profundezas da superfície pantanosa. Mas, das fantasias exóticas, a mais notável e única em sua absoluta unanimidade era a da maldição que cairia sobre aquele que ousasse perturbar ou drenar o imenso e avermelhado pântano. Havia segredos, diziam os camponeses, que não deviam ser revelados, segredos que tinham ficado ocultos desde a praga que descera sobre os filhos dos partolanos nos tempos fabulosos anteriores à História. No *Livro dos invasores* conta-se

que esses descendentes dos gregos foram todos sepultados em Tallaght, mas os antigos de Kilderry diziam que uma cidade fora poupada por negligência de sua deusa-lua padroeira, de forma que somente as colinas arborizadas a sepultaram quando os homens de Nemed vieram da Cítia em seus trinta navios.

Foram histórias inócuas como essa que fizeram os camponeses sair de Kilderry, e, quando as ouvi, não me surpreendeu que Denys Barry não tivesse dado ouvidos a elas. Ele tinha, porém, um grande interesse por coisas antigas e pretendia explorar o pântano todo quando estivesse drenado. Por diversas vezes, ele havia visitado as ruínas brancas na ilhota, mas, embora sua idade fosse muito antiga e seus contornos muito pouco parecidos com a maioria das ruínas da Irlanda, elas estavam estragadas demais para revelar seus tempos gloriosos. Agora o trabalho de drenagem estava pronto para começar e os trabalhadores do Norte logo estariam despindo o pântano proibido de seu musgo verde e sua turfa vermelha e extinguindo os minúsculos regatos forrados de conchas e os plácidos poços azuis rodeados de juncos.

Depois de Barry me contar todas essas coisas, senti um grande sono, pois as andanças do dia tinham sido cansativas e meu anfitrião ficara falando até tarde da noite. Um criado conduziu-me ao meu quarto, que ficava numa torre remota com vista para o vilarejo, a planície às margens do pântano e o próprio pântano, de cujas janelas eu podia ver, banhados pelo luar, os telhados silenciosos de onde os camponeses tinham fugido e que agora abrigavam os trabalhadores do Norte e, também, a igreja paroquial com seu campanário antigo, e muito ao longe, por sobre o pântano envolvente, o brilho alvacento e espectral da distante ruína antiga sobre a ilhota. No momento em que eu caía no sono, julguei ouvir sons abafados ao longe. Eram sons bárbaros e meio musicais provocando uma estranha agitação que perturbou meus sonhos. Mas, quando acordei na manhã seguinte, senti que tudo não passara de um sonho, pois as visões que eu tivera eram mais fantásticas do que qualquer som de flautas bárbaras no meio da noite. Influenciada pelas lendas que Barry me havia relatado, minha mente sonada pairara sobre uma cidade imponente num vale verdejante, onde ruas e estátuas de mármore, vilas e templos, entalhes e inscrições, tudo falava com justa harmonia das glórias da Grécia antiga. Quando contei o sonho a Barry, ambos caímos na risada, mas fui eu quem riu mais alto, porque ele estava perplexo com o comportamento de seus

trabalhadores do Norte. Era a sexta vez que todos eles haviam dormido além da hora, despertando muito devagar e atônitos e agindo como se não houvessem repousado, embora se tivessem recolhido cedo na noite anterior.

Durante a manhã e a tarde daquele dia, eu errei sozinho pelo vilarejo dourado pelo sol, conversando de vez em quando com trabalhadores ociosos, pois Barry estava muito ocupado com os planos finais para iniciar a obra de drenagem. Os trabalhadores não pareciam muito satisfeitos e a maioria deles parecia incomodada por algum sonho que havia tido, mas de que tentava, em vão, lembrar-se. Contei-lhes meu sonho, mas eles não ficaram interessados até eu mencionar os sons esquisitos que pensara ter ouvido. Aí eles me olharam de maneira estranha e pareceram lembrar-se também de sons estranhos.

À noite, Barry jantou em minha companhia e anunciou o início da drenagem para dois dias depois. Fiquei contente, pois, embora não me agradasse o desaparecimento do musgo, da urze, dos regatos e dos lagos, sentia um desejo crescente de conhecer os segredos antigos que a turfa emaranhada poderia ocultar. Naquela noite, meus sonhos com sopros de flautas e peristilos de mármore encerraram-se de maneira súbita e inquietante, pois vi descer sobre a cidade do vale uma pestilência e depois uma pavorosa avalanche de lodo coberto de mato que recobriu o corpos mortos nas ruas deixando descoberto apenas o templo de Artemis no pico elevado onde Cieis, a idosa sacerdotisa lunar, jazia fria e silenciosa com uma coroa de marfim sobre os cabelos prateados.

Disse que acordei abruptamente e alarmado. Durante algum tempo, fiquei sem saber se estava dormindo ou acordado, pois o som de flautas ainda retinia em meus ouvidos, mas, quando notei sobre o assoalho os gélidos raios do luar e o desenho de uma janela gótica gradeada, decidi que devia estar acordado e no castelo de Kilderry. Depois ouvi um relógio de algum patamar de escada abaixo soar as duas horas e soube que estava acordado. Entretanto, continuava chegando até mim aquele monstruoso e distante sopro de flauta, melodias exóticas, bárbaras, que me faziam pensar em alguma dança de faunos na distante Maenalus. Ele não me deixaria dormir e, cheio de impaciência, saltei da cama e fiquei andando de um lado para outro. Foi por acaso que fui até a janela do norte e olhei para fora, para o vilarejo silencioso e a planície na beirado pântano. Querendo dormir, eu não estava com o menor desejo de olhar para fora,

mas as flautas me atormentavam e eu precisava fazer ou ver alguma coisa. Como poderia ter imaginado o que haveria de ver?

Lá, banhado pelo luar que se espraiava sobre a vasta planície, desenrolava-se um espetáculo que nenhum mortal, depois de o ver, poderia esquecer. Ao som de flautas pastoris que ecoavam sobre o pântano, deslizava, silente e misteriosa, uma multidão mesclada de figuras contorcendo-se e enrodilhando-se numa orgia como a que os sicilianos poderiam ter dançado para Demeter nos velhos tempos, sob o luar da colheita, às margens do Cyane. A extensa planície, o luar dourado, as formas obscuras movimentando-se e, acima de tudo, o arrepiante e monótono som das flautas produziram um efeito paralisante, mas, com todo o medo que tomara conta de mim, pude notar que metade daqueles dançarinos mecânicos e incansáveis eram os trabalhadores que eu julgava adormecidos, e a outra metade era formada por estranhos seres airosos vestidos de branco, de uma natureza quase indefinível, mas sugerindo pálidas náiades lascivas das fontes assombradas do pântano. Não sei quanto tempo me demorei olhando essa visão da janela solitária da torre até desmaiar subitamente num sono sem sonhos do qual fui despertado pelo sol alto da manhã.

Meu primeiro impulso ao acordar foi comunicar meus temores e observações a Denys Barry, mas, vendo a luz do sol brilhando pela janela do leste, tive a certeza de que não havia nada de real no que eu pensara ter visto. Sou dado a estranhas ilusões, mas não sou fraco a ponto de acreditar nelas e, nas circunstâncias, contentei-me com interrogar os trabalhadores que haviam dormido até muito tarde e não conseguiram lembrar-se de nada do que acontecera na noite anterior, exceto sonhos vagos povoados de sons arrepiantes. Essa menção ao sopro espectral me deixou muito perturbado e fiquei tentando imaginar se os grilos de outono não poderiam ter chegado antes da época, perturbando a noite e assombrando a imaginação dos homens. Mais tarde, encontrei Barry na biblioteca estudando atentamente os planos para a grande obra que devia começar no dia seguinte e, pela primeira vez, senti um pingo daquela mesma sensação de medo que havia provocado a fuga dos camponeses. Por alguma razão que não conseguia entender, apavorava-me a idéia de perturbar o antigo pântano com seus segredos ocultos, e fiquei imaginando visões pavorosas ocultas na desmedida espessura da turfa ancestral. Pareceu-me imprudente trazer à luz aqueles segredos e tratei de procurar uma boa desculpa para

sair do castelo e da aldeia. Cheguei a ponto de falar casualmente a Barry do assunto, mas não ousei prosseguir quando ele soltou sua estrondosa gargalhada. Assim, estava quieto quando o Sol deslumbrante pôs-se atrás das colinas distantes e o castelo de Kilderry incendiou-se de vermelho e dourado num fulgor que parecia um presságio.

Jamais saberei ao certo se os acontecimentos daquela noite foram reais ou imaginários. Eles com certeza transcenderam a tudo que já sonhamos sobre a natureza e o universo, mas nenhuma fantasia normal poderia explicar os desaparecimentos que ficaram conhecidos de todos depois que tudo acabou. Recolhi-me cedo, cheio de terror, e durante algum tempo não consegui dormir envolvido no soturno silêncio da torre. Estava muito escuro, pois, embora o céu estivesse descoberto, a Lua ia avançada em sua fase minguante e só surgiria nas primeiras horas da madrugada. Ali deitado, fiquei pensando em Denys Barry e no que aconteceria com o pântano quando o dia raiasse, e senti um impulso quase irresistível de sair correndo, pegar o carro de Barry e guiar como um louco até Ballylough, afastando-me daquelas terras ameaçadas. Antes que meus pavores cristalizassem-se em ação, porém, caí no sono, avistando, em sonhos, a cidade fria e morta no vale sob uma pavorosa mortalha de sombra.

Provavelmente foi o som agudo das flautas que me despertou, mas aquele som não foi o que primeiro eu notei ao abrir os olhos. Estava deitado de costas para a janela do leste que dava para o pântano, onde a Lua minguante surgiria, e esperava ver a luz projetar-se na parede oposta à minha frente, mas não esperava a visão que efetivamente apareceu. A luz iluminou com efeito os painéis à frente, mas não era uma luz que pudesse ser da Lua. Um feixe terrível e penetrante de fulgor escarlate cruzou a janela gótica e todo o quarto iluminou-se com resplendor intenso e sobrenatural. Minhas primeiras reações foram típicas de uma situação assim, mas é só nos contos que as pessoas agem de maneira dramática e calculada. Em vez de olhar por sobre o pântano para a fonte daquela nova luz, afastei os olhos da janela apavorado e me enfiei nas roupas atabalhoadamente com alguma confusa idéia de fuga. Lembro-me de ter pego o revólver e o chapéu, mas, antes de tudo terminar, eu havia perdido ambos sem atirar com um nem vestir o outro. Alguns instantes depois, o fascínio da radiação vermelha venceu o terror. Arrastei-me até a janela do leste e olhei para fora enquanto o sopro ininterrupto e enlouquecedor reverberava pelo castelo e sobre todo o vilarejo.

Espalhava-se sobre o pântano um dilúvio de luz fulgurante, escarlate e sinistra, irradiando da estranha ruína na ilhota distante. O aspecto da ruína era indescritível — eu devia estar louco, pois ela parecia erguer-se imponente e intacta, esplêndida e rodeada de colunas, com o mármore esbraseado de seu entablamento perfurando o céu como o vértice de um templo no cume de uma montanha. Flautas assobiavam e tambores começaram a rufar e, olhando com espanto e terror, pensei avistar saltitantes formas escuras destacando-se grotescamente contra a vista marmórea e resplendente. O efeito era fantástico — absolutamente inimaginável —, e eu poderia ter-me quedado indefinidamente em sua admiração se não tivesse notado um crescendo das flautas à minha esquerda. Tremendo de um terror curiosamente mesclado com êxtase, atravessei o recinto circular até a janela do Norte, de onde podia ver o vilarejo e a planície à beira do pântano. Ali meus olhos arregalaram-se de novo com um prodígio tão fabuloso, que era como se não houvesse acabado de me afastar de uma cena muito além das fronteiras naturais, pois, na planície sinistramente vermelhada, avançava uma procissão de criaturas como jamais se viu, exceto em pesadelos.

Meio deslizando, meio flutuando no ar, os espectros do pântano vestidos de branco recuavam lentamente para as águas paradas e as ruínas da ilha em formações fantásticas sugerindo alguma dança cerimonial antiga e solene. Seus braços translúcidos agitando-se ao som do pavoroso sopro daquelas flautas invisíveis faziam acenos de chamamento num ritmo esquisito para um grupo de trabalhadores desarvorados que os seguiam, como cães, cambaleando, cegos e indiferentes, como que arrastados por uma vontade demoníaca canhestra, mas irresistível. Quando as náiades aproximaram-se do pântano, sem alterar seu curso, uma nova fileira de desgarrados cambaleantes ziguezagueando como ébrios saiu do castelo por alguma porta traseira muito abaixo de minha janela, atravessou às apalpadelas o pátio e o trecho de terreno até o vilarejo para se juntar à trôpega coluna de trabalhadores na planície. Apesar da distância, pude perceber prontamente que eram os criados trazidos do Norte ao reconhecer a forma encorpada e repulsiva do cozinheiro, que, de absurda que era, havia adquirido uma dimensão trágica. O sopro das flautas era apavorante, e novamente eu pude ouvir o rufar dos tambores na direção das ruínas da ilha. Depois, tranqüila e graciosamente, as náiades chegaram até a água e desfizeram-se, uma a uma, no pântano ancestral, enquanto a coluna de

seguidores, sem poder controlar seus passos, chapinhou desajeitadamente atrás delas até desaparecer num minúsculo vórtice de borbulhas repulsivas que eu mal pude enxergar sob aquela luminosidade escarlate. E, quando o último errante patético, o cozinheiro gordo, afundou pesadamente naquele poço imundo, as flautas e tambores silenciaram e os magnetizantes raios vermelhos das ruínas se com certeza apagaram-se instantaneamente, deixando o vilarejo maldito, solitário e desolado, sob os lívidos raios da Lua que acabara de surgir.

O caos de meu estado era indescritível. Sem saber se estava louco ou são, dormindo ou acordado, fui salvo por um misericordioso torpor. Creio que fiz coisas ridículas, como rezar para Ártemis, Latona, Deméter, Perséfone e Plutão. E tudo aquilo de que eu me recordava de uma juventude passada entre os clássicos veio-me aos lábios quando o horror da situação despertou minhas mais fundas superstições. Sentia que testemunhara a morte de todo um vilarejo e sabia que estava sozinho, no castelo, com Denys Barry, cuja ousadia trouxera uma maldição. Quando pensei nele, novos terrores me assediaram e caí no chão sem desmaiar, mas fisicamente imprestável. Depois senti um sopro gelado chegar da janela do Leste onde a Lua havia-se erguido e comecei a ouvir os gritos no castelo muito abaixo de onde eu estava. Aqueles gritos logo atingiram uma feição e magnitude indescritíveis que me fazem desmaiar sempre que as recordo. Tudo que posso dizer é que eles vinham de algo que eu conhecera como um amigo.

Em algum momento desse momento estarrecedor, o vento frio e a gritaria devem ter-me acordado, pois minha impressão seguinte é de ter percorrido ensandecido quartos e corredores às escuras, saído do castelo e cruzado o pátio para a noite hedionda. Encontraram-me, ao amanhecer, errando inconsciente perto de Ballylough, mas o que descompensou definitivamente não foram os horrores que vira ou ouvira anteriormente. O que eu balbuciava quando saí lentamente das trevas dizia respeito a dois incidentes fantásticos ocorridos durante minha fuga: incidentes sem qualquer significado, mas que me assombram incessantemente sempre que estou sozinho em certos locais pantanosos ou sob o luar.

Fugindo daquele castelo maldito pela beira do pântano, ouvi um novo som: comum, mas diferente de tudo que eu ouvira antes em Kilderry. Nas águas estagnadas, ultimamente sem nenhuma vida animal, agora fervilhava uma horda de rãs enormes e viscosas que guinchavam sem

parar em tons estranhamente desproporcionais a seus tamanhos. Elas reluziam, verdes e malhadas, sob o luar, parecendo olhar para a fonte da luz. Acompanhei o olhar de uma rã muito gorda e asquerosa e vi a segunda coisa que me perturbou o juízo.

Meus olhos pareceram distinguir, estendendo-se diretamente da estranha e antiga ruína na ilhota distante para a lua minguante, um feixe de luz fraca e bruxuleante que as águas do pântano não refletia. E, subindo por esse pálido caminho, minha fantasia febril imaginou ver uma sombra esbelta retorcendo-se lentamente, uma vaga sombra retorcendo-se, como que arrastada por demônios invisíveis. Enlouquecido como eu estava, vi naquela sombra pavorosa uma monstruosa semelhança — uma caricatura nauseante, inacreditável —, uma efígie blasfema daquele que havia sido Denys Barry.



O Inominável

ESTÁVAMOS SENTADOS numa sepultura dilapidada do Século XVII, no final de uma tarde de outono, no velho cemitério de Arkham, especulando sobre o inominável. Fitando o salgueiro gigante do cemitério cujo tronco havia quase engolfado uma lápide antiga e ilegível, fiz uma observação macabra sobre os nutrientes espectrais e indizíveis que as raízes colossais deviam estar sugando daquela terra sepulcral e antiga, e meu amigo me repreendeu por semelhante asneira dizendo-me que, como ninguém fora sepultado ali havia mais de um século, não devia existir nada para nutrir a árvore que fosse diferente dos meios naturais. Ademais, acrescentou, minhas conversas constantes sobre coisas "inomináveis" e "indizíveis" eram um recurso muito pueril, muito condizente com a minha condição de escritor menor. Eu gostava de arrematar minhas histórias com sons ou suspiros que paralisavam as faculdades de meus heróis, tirando-lhes coragem, palavras ou associações de idéias para relatar o que haviam passado. Só conhecemos as coisas, dizia ele, por meio dos cinco sentidos ou de nossas intuições religiosas, razão por que era impossível referir-se a qualquer objeto ou aspecto que não pudesse ser claramente descrito pelas definições sólidas dos fatos ou pelas doutrinas apropriadas da teologia — de preferência, as dos congregacionalistas, com algumas modificações que a tradição e sir Arthur Conan Doyle pudessem fornecer. Com esse amigo, Joel Manton, eu discutira despreocupadamente inúmeras vezes. Nascido e criado em Boston, ele era diretor do East High School e compartilhava a cegueira presunçosa da Nova Inglaterra para as nuanças sutis da vida. Era sua opinião que somente nossas experiências normais e objetivas têm algum significado estético e que é do escopo do artista não tanto provocar

emoções fortes por ações, êxtases e surpresas, quanto manter um plácido interesse e apreciação pela transcrição detalhada e precisa de assuntos cotidianos. Ele fazia especial objeção a minha preocupação com as coisas místicas e incompreensíveis, pois, embora acreditasse muito mais que eu no sobrenatural, não admitiria que ele fosse suficientemente banal para um tratamento literário. Para seu raciocínio lúcido, prático e lógico, era virtualmente inacreditável que um espírito pudesse deleitar-se com fugas do ramerrão diário e recombinações originais e dramáticas de imagens geralmente relegadas, pelo hábito e a fadiga, aos padrões vulgares da existência real. Para ele, todas as coisas e sentimentos tinham dimensões, propriedades, causas e efeitos determinados e, apesar de ter a vaga percepção de que a mente por vezes abriga visões e sensações de natureza bem menos geométricas, classificáveis e exploráveis, sentia-se justificado a traçar uma linha imaginária e excluir de julgamento tudo que não pudesse ser comprovado e compreendido pelo cidadão comum. Além do mais, estava quase convencido de que nada podia ser realmente "inominável". Isto não lhe parecia sensato.

Embora eu soubesse perfeitamente a inutilidade de argumentos imaginativos e metafísicos contra a auto-suficiência de um cultor ortodoxo da vida diurna, alguma coisa nas condições desse colóquio vespertino fez-me ir além da discussão usual. As lápides de ardósia em pedaços, as árvores patriarcais e os seculares telhados de duas águas da velha cidade assombrada que se espraiava ao redor, tudo combinava para incitar-me o espírito em defesa de minha obra, e não demorou muito e eu estava investindo no território do inimigo. Não foi muito difícil iniciar o contra-ataque sabendo que Joel Manton apegava-se, de fato, a superstições que as pessoas sofisticadas de há muito se livraram: crenças na aparição de pessoas moribundas em lugares distantes e nas impressões deixadas por rostos de velhos nas janelas por onde olharam a vida toda. Dar crédito a esses cochichos de velhinhas camponesas, eu insistia então, era acreditar na existência de coisas espectrais sobre a terra separadas de suas contrapartes materiais e sobreviventes a elas. Defendi a capacidade de acreditar em fenômenos fora de todas as teorias normais, pois, se um morto pode transmitir sua imagem visível ou tangível para meio mundo ou ao longo dos séculos, como seria absurdo supor que casas desertas pudessem estar repletas de coisas estranhas e sensíveis ou que velhos cemitérios fervilhassem da inteligência terrível e incorpórea de gerações?

E, não podendo o espírito, para causar todas as manifestações a ele atribuídas, ser contido por nenhuma lei da matéria, por que seria extravagante imaginar coisas mortas psiquicamente vivas em formas — ou ausências de formas — absoluta e assustadoramente "inomináveis" para espectadores humanos? O "senso comum" na reflexão sobre esses temas, assegurei a meu amigo com certo ardor, não passa de uma estúpida falta de imaginação e agilidade mental.

O crepúsculo adensara-se, mas nenhum de nós sentiu a menor vontade de interromper a conversa. Manton não parecia impressionado com meus argumentos, nem ansioso para refutá-los, tendo aquela confiança nas próprias opiniões que certamente garantiam seu sucesso como professor, enquanto eu me sentia seguro demais de meus fundamentos para temer uma derrota. O crepúsculo desceu e as luzes brilhavam fracamente em algumas janelas distantes, mas nós não arredamos pé. Estávamos confortavelmente acomodados sobre o túmulo e eu sabia que meu prosaico amigo não se importaria com a rachadura cavernosa na antiga obra de alvenaria perfurada de raízes logo atrás de nós ou com a completa escuridão do local provocada pela presença de uma casa do século XVII, mal segura e deserta, interposta entre nós e a rua iluminada mais próxima. Ali, imersos na escuridão sobre aquela sepultura rachada ao lado da casa deserta, seguimos conversando sobre o "inominável" e, depois de meu amigo encerrar seus escárnios, contei-lhe sobre a horrível evidência que havia por trás do conto que mais provocara suas zombarias.

Meu conto recebera o título "A janela do sótão" e havia sido publicado no número de janeiro de 1922 de *Whispers*. Em muitos lugares, especialmente no Sul e na Costa do Pacífico, retiraram as revistas das prateleiras atendendo às queixas de covardes atoleimados, mas a Nova Inglaterra não se deixou impressionar, contentando-se com dar de ombros às minhas extravagâncias. A coisa, diziam, era, desde logo, biologicamente impossível, mais um daqueles amalucados rumores rurais que Cotton Mather havia sido suficientemente crédulo para enfiar no seu caótico *Magnalia Christi Americana,* e era tão precariamente confirmada, que nem ele aventurara-se a nomear o local onde o horror acontecera. E, quanto ao modo como desdobrei os apontamentos toscos do velho místico, aquilo era impossível, típico de um escriba frívolo e especulativo! Mather realmente havia relatado o surgimento da coisa, mas ninguém, exceto um

sensacionalista barato, pensaria em fazê-la crescer, espiar pela janela das pessoas à noite e esconder-se no sótão de uma casa, em carne e espírito, até alguém a avistar à janela, séculos depois, sem saber descrever o que lhe embranquecera os cabelos. Tudo aquilo era uma grande besteira e meu amigo Manton não perdeu tempo para insistir nesse fato. Depois, contei-lhe o que havia encontrado num velho diário mantido entre 1706 e 1723, desenterrado de papéis de família a não mais de uma milha do lugar onde estávamos sentados; isso e uma certa realidade das cicatrizes no peito e nas costas de meu antepassado que o diário descrevia. Contei-lhe também sobre o pavor de outros moradores da região e como eles foram segredados de geração em geração; e sobre como não fora nenhuma loucura mítica que tomara conta do menino que, em 1792, entrara numa casa abandonada para examinar certos indícios que deviam existir por lá.

Fora uma coisa misteriosa — não causa espanto que alunos sensíveis arrepiem-se com a era Puritana de Massachusetts. Sabe-se tão pouco do que se passou por baixo da superfície — tão pouco, mas ainda assim uma pústula abjeta quando expele sua podridão borbulhante em ocasionais vislumbres espectrais. O terror da bruxaria é um pavoroso raio de luz sobre o que estava cozinhando nos cérebros subjugados dos homens, mas mesmo isso é uma bagatela. Não havia beleza: nenhuma liberdade — isto podemos ver pelos restos arquitetônicos e domésticos e as pregações peçonhentas dos devotos confinados. E, do interior dessa camisa-de-força de ferro, emergia uma algaravia de repugnância, perversão e diabolismo. Aí estava, de fato, a apoteose do inominável.

Cotton Mather, naquele diabólico sexto livro que ninguém deveria ler depois de escurecer, não economizou palavras quando arrojou seu anátema. Severo como um profeta hebreu e laconicamente sereno como ninguém, desde sua época, poderia ser, ele contou sobre o animal que havia parido o que era mais que animal e menos que homem — a coisa com o olho manchado — e o infortunado ébrio aos gritos que haviam enforcado por ter semelhante olho. Isso tudo ele contou precariamente, mas sem qualquer alusão ao que veio depois. Talvez ele não soubesse, ou talvez soubesse e não ousasse contar. Outros souberam e não ousaram — não há nenhuma alusão pública aos rumores que correram sobre o cadeado na porta da escada para o sótão na casa de um velho alquebrado, amargo e sem filhos que havia erguido uma placa de ardósia sem inscrição ao lado

de uma sepultura evitada, conquanto se possam encontrar lendas fugidias suficientes para engrossar o mais ralo dos sangues.

Está tudo naquele diário ancestral que encontrei; todas as insinuações silenciadas e as histórias furtivas de criaturas de olho manchado avistadas à noite em janelas ou nas campinas desertas perto dos bosques. Alguma coisa havia atacado meu antepassado na estrada escura do vale deixando-o com marcas de chifres no peito e de garras simiescas nas costas, e, quando analisaram as marcas na terra pisada, descobriram pegadas nítidas de cascos bipartidos e patas vagamente antropóides. Um entregador de correio à cavalo disse ter visto, certa vez, um velho perseguindo e chamando uma coisa inominável, assustadora e saltitante, em Meadow Hill, nas horas fracamente enluaradas antes do amanhecer, e muitos lhe deram fé. Houve, com certeza, um estranho falatório, certa noite de 1710, quando um alquebrado velho sem filhos foi sepultado numa cripta atrás da própria casa que podia ser vista da placa de ardósia sem inscrição. Nunca destrancaram aquela porta de sótão, deixando a casa toda do jeito que ela era, evitada e deserta. Quando ouviram ruídos saindo dali, as pessoas murmuraram e estremeceram, rezando para que a fechadura daquela porta de sótão resistisse. Depois, pararam de esperar quando sucedeu o horror no presbitério, não deixando uma alma viva ou intacta. Com o passar dos anos, as lendas assumiram um cunho espectral — imagino que a coisa, se era mesmo uma coisa viva, deve ter morrido. Mas a lembrança apavorante persistiu — e mais apavorante ainda por ser tão misteriosa.

Durante esse relato, meu amigo Manton fora ficando em absoluto silêncio e pude perceber que minhas palavras o impressionaram. Ele não riu quando parei, perguntando com grande seriedade sobre o menino que enlouquecera em 1793 e que presumivelmente havia sido o herói de minha ficção.

Contei-lhe por que o garoto havia ido àquela casa deserta e evitada e observei que ele devia estar interessado, pois acreditava que as janelas conservavam imagens latentes dos que se haviam sentado ao seu lado. O menino fora olhar as janelas daquele sótão terrível por causa das histórias de coisas que haviam sido vistas por trás delas e voltara gritando ensandecido.

Manton ficou pensativo enquanto eu lhe contava isso tudo, mas aos poucos foi recuperando seu pendor analítico. Ele sustentou, por amor da

polêmica, que algum monstro sobrenatural devia ter realmente existido, mas lembrou-me de que mesmo a mais doentia perversão da natureza não precisava ser *inominável,* ou cientificamente indescritível. Admirei a sua lucidez e persistência e acrescentei algumas revelações que havia recolhido entre a gente mais idosa. Deixei claro que aquelas lendas espectrais estavam relacionadas com aparições monstruosas mais assustadoras do que qualquer coisa orgânica, aparições de formas bestiais gigantescas, às vezes visíveis, outras apenas tangíveis, que flutuavam em noites sem luar assombrando a velha casa, a cripta atrás dela e a sepultura onde um broto de árvore havia despontado ao lado da lápide ilegível. Houvessem ou não chifrado ou sufocado pessoas até a morte, como diziam as tradições não corroboradas, aquelas aparições tinham produzido uma impressão forte e consistente e ainda eram misteriosamente temidas por nativos muito velhos, embora tivessem sido em boa parte esquecidas pelas duas últimas gerações — desaparecendo, talvez, por falta de quem nelas pensasse. Ademais, no que toca à teoria estética envolvida, se as emanações psíquicas de criaturas humanas são distorções grotescas, que representação coerente poderia expressar ou retratar uma fantasmagoria tão disforme e infame quanto o espectro de uma perversão caótica e maligna, ela própria uma mórbida blasfêmia contra a natureza? Forjada pelo cérebro morto de um pesadelo híbrido, um terror tão etéreo não constituiria, em toda sua repugnante verdade, o admirável, estrídulo *inominável!*

A hora já devia estar bastante adiantada então. Um morcego curiosamente silencioso roçou em mim e creio que também em Manton, pois, mesmo não podendo enxergá-lo, senti quando ele agitou o braço. Então ele falou:

"Mas essa casa com a janela do sótão ainda está de pé e deserta?"

"Sim", respondi. "Eu a vi".

"E encontrou alguma coisa por lá, no sótão, ou em outro lugar?"

"Havia ossos embaixo do beirai do telhado. Podem ter sido aqueles que o menino viu. Se era uma pessoa sensível, não seria preciso mais nada atrás do vidro da janela para enlouquecê-lo. Se todos os ossos vieram da mesma criatura, esta deve ter sido uma monstruosidade histérica e delirante. Seria uma iniqüidade deixar esses ossos expostos no mundo, por isso voltei com um saco e carreguei-os até a sepultura nos fundos da casa. Havia uma fresta por onde consegui descarregá-los em seu interior. Não

pense que fui um tolo. Devia ter visto aquele crânio. Tinha chifres de quatro polegadas, mas face e mandíbula como as suas e as minhas".

Finalmente pude sentir um verdadeiro calafrio percorrer Manton, que se havia aproximado até ficar bem junto de mim. Sua curiosidade, porém, era insaciável.

"E quanto às vidraças?"

"Elas se foram. Uma janela perdera todo o caixilho e em todas as outras não havia traço de vidro nas pequenas aberturas em losango. Elas eram desse tipo, as velhas janelas de treliça que saíram de uso antes de 1700. Não creio que tenham tido algum vidro durante um século ou mais. Talvez o garoto os tenha quebrado, se chegou tão longe; a lenda não diz."

Manton ficou novamente pensativo.

"Gostaria de ver essa casa, Carter. Onde ela fica? Com vidro ou sem vidro, preciso explorá-la um pouco. E a sepultura onde você colocou os ossos e o outro túmulo sem inscrição... a coisa toda deve ser um bocado terrível". "Você a viu... antes de escurecer".

Meu amigo estava mais perturbado do que eu imaginara, pois, a esse rasgo de dramaticidade inofensiva, ele teve um sobressalto, afastando-se bruscamente de mim com um grito sôfrego, descarregando a tensão que vinha contendo. Foi um grito singular e mais terrível ainda porque foi respondido. Enquanto ele ainda reverberava, ouvi um estalido cruzar a escuridão de breu e senti uma janela de treliça ser aberta na velha casa maldita ao lado. E, como todos os outros caixilhos estavam, desde há muito, desaparecidos, sabia que só poderia tratar-se do horrível caixilho sem vidros daquela diabólica janela do sótão.

Logo depois, alcançou-nos um sopro insalubre de ar gélido e fétido daquela mesma e tétrica direção, seguido de um grito lancinante bem ao meu lado sobre aquele repugnante túmulo fendido de homem e de monstro. No instante seguinte, fui jogado de meu pavoroso banco pela diabólica pancada de alguma titânica entidade invisível de natureza indefinida, jogado sobre a terra entranhada de raízes daquele cemitério abjeto, enquanto emergia do sepulcro um tal alarido abafado de suspiros e chiados que minha fantasia povoou as trevas profundas de legiões miltonianas de malditos. Formou-se um vórtice de vento gelado e paralisante e ouviu-se logo em seguida um entrechocar de tijolos e reboco soltos, mas eu misericordiosamente desmaiei antes de saber o significado daquilo tudo.

Manton, embora seja menor do que eu, é mais forte, pois abrimos os olhos quase no mesmo instante apesar de ele estar mais ferido. Nossos leitos estavam lado a lado e bastaram alguns segundos para percebermos que estávamos no St. Mary's Hospital. Atendentes, ávidos para refrescar nossa memória, aglomeravam-se ao redor com ansiosa expectativa, contando-nos como havíamos chegado até ali, e não demorou para sabermos que um fazendeiro nos havia encontrado, ao meio-dia, num campo deserto atrás de Meadow Hill, distante uma milha do velho cemitério, no lugar onde teria existido um antigo matadouro. Manton apresentava dois ferimentos terríveis no peito e alguns cortes e arranhões menos graves nas costas. Eu não estava seriamente ferido, mas estava coberto de estranhos hematomas e contusões, inclusive uma marca de casco bipartido. Estava claro que Manton sabia mais do que eu, mas ele nada disse aos médicos perplexos e curiosos até ficar sabendo melhor o que eram nossos ferimentos. Ele contou então que um touro enfurecido nos atacara — embora fosse difícil imaginar o animal naquele lugar e responsabilizá-lo.

Depois que os médicos e as enfermeiras saíram, sussurrei-lhe uma pergunta cheia de espanto:

"Por Deus, Manton, mas *o que foi isso'?* Essas cicatrizes, *foi mesmo assim?"*

E fiquei atônito demais para exultar quando ele me respondeu sussurrando algo que eu meio que esperava...

"Não... *não foi nada disso.* Estava por toda parte... uma gelatina... um lodo..., mas tinha formas, um milhar de formas de horror além de minha compreensão. Eram olhos... e uma mancha. Era o inferno... o vórtice... a abominação extrema. Carter, *era o inominável!"*.



O Intruso

That night the Baron dreamt of many a wo;
And all his warrior-guests, with shade and form
Of witch and demon, and large coffin-worm,
Were long be-nightmared[5].

Keats

POBRE DE QUEM da infância lembra apenas de seus medos e tristezas. Infeliz daquele que recorda as horas solitárias em salas vastas e sombrias com reposteiros marrons e loucas fileiras de livros arcaicos, ou as vigílias apavoradas nos bosques crepusculares de árvores imensas, grotescas, entulhadas de trepadeiras cuja rama entrelaçada agita-se silenciosa nas alturas longínquas. Essa sina reservaram-me os deuses — a mim, o aturdido, o frustrado, o estéril, o prostrado. E, no entanto, me alegro e me aferro com voracidade a essas memórias fanadas quando meu espírito ameaça por um momento se atirar para *o outro*.

Não sei onde nasci, exceto que o castelo era muitíssimo velho e medonho, repleto de passagens sombrias e com tetos altos, onde tudo que os olhos conseguiam alcançar era teias de aranha e sombras. As pedras dos corredores em ruínas pareciam estar sempre úmidas demais e um cheiro execrável espalhava-se por tudo como se exalasse dos cadáveres empilhados das gerações passadas. Estava sempre escuro e eu costumava acender velas e olhar fixamente para elas em busca de consolo, e o sol não brilhava no lado de fora com aquelas árvores terríveis elevando-se para além da mais alta torre acessível. Havia uma torre escura que subia além

da copa das árvores para o céu invisível, mas uma parte dela havia ruído e não se podia galgá-la senão escalando as paredes abruptas, pedra por pedra.

Devo ter morado muitos anos neste lugar, mas não posso medir o tempo. Criaturas devem ter cuidado de minhas necessidades, mas não consigo lembrar-me de ninguém além de mim, ou de qualquer coisa viva, além dos ratos, aranhas e morcegos silenciosos. Imagino que o ser que cuidou de mim deve ter sido terrivelmente idoso, pois minha primeira noção de um ser vivo era algo parecido comigo, mas deformado, enrugado e decadente como o castelo. Para mim, nada havia de bizarro nos ossos e esqueletos que se espalhavam por algumas criptas de pedra no recesso das fundações; em imaginação, eu associava essas coisas à vida cotidiana e as considerava mais naturais que as ilustrações coloridas de seres vivos que encontrava em muitos daqueles livros bolorentos. Nesses livros, aprendi tudo que sei. Nenhum professor me estimulou nem orientou, e não me recordo de ter ouvido alguma voz humana naqueles anos todos — nem sequer a minha própria, pois, apesar de falar em pensamento, jamais tentei falar em voz alta. Minha aparência era também inimaginável, pois, não havendo espelhos no castelo, eu me considerava, por instinto, parecido com as imagens de jovens que via desenhadas ou pintadas nos livros. Tinha consciência de ser jovem porque minhas recordações eram ínfimas.

No exterior, além do fosso pútrido e debaixo das soturnas, silenciosas árvores, eu muitas vezes me deitava e sonhava durante horas sobre o que lera nos livros e em sonhos me imaginava em meio às multidões alegres no mundo ensolarado além da floresta interminável. Certa vez tentei escapar da floresta, mas, à medida que fui afastando-me do castelo, a escuridão foi-se adensando e o ar enchendo-se de horrores e voltei numa correria vertiginosa temendo perder-me num labirinto de trevas silenciosas.

E assim, durante crepúsculos intermináveis, eu sonhei e esperei, embora não soubesse pelo quê. Foi então que, na lúgubre solidão, meu anseio por luz tornou-se de tal forma arrebatador, que eu já não conseguia repousar e erguia as mãos em súplica para a única torre negra em ruínas que se erguia até além da floresta para o invisível céu exterior, até que resolvi enfim escalar aquela torre, apesar do risco de despencar; era melhor vislumbrar o céu e morrer do que viver sem jamais ter avistado o dia.

No úmido crepúsculo, eu galguei a escada de pedra gasta e envelhecida até o nível onde ela terminava e dali para a frente me sustive, com grande risco, em pequenos apoios para os pés que conduziam para cima. Pavoroso e terrível era aquele cilindro de rocha morto e sem escada; escuro, arruinado, deserto e sinistro, com morcegos espantados esvoaçando com asas silenciosas. Mais pavorosa e terrível ainda era a lentidão de meu progresso. Por mais que subisse, a escuridão ao alto não se dissipava e uma nova friagem, como que de um mofo entranhado e venerável, assediava-me. Estremeci ao imaginar por que não avistava a luz e teria olhado para baixo se ousasse. Imaginei aquela escuridão descendo abruptamente sobre mim e tateei em vão com a mão livre procurando uma fresta de janela por onde pudesse espiar para fora e para o alto, tentando avaliar a altura a que chegara.

De repente, depois de um infinito arrastar às escuras por aquele precipício côncavo e desesperador, senti minha cabeça locar num objeto sólido e percebi que havia atingido o teto, ou, pelo menos, algum tipo de piso. No escuro, ergui a mão livre e testei o obstáculo, percebendo que era de pedra e inamovível. Logo em seguida, iniciei um contorno mortal da torre, agarrando-me a toda saliência que o paredão escorregadio me pudesse oferecer, até que a minha mão investigadora sentiu o obstáculo ceder e tentei retomar a subida empurrando a laje ou porta com a cabeça usando as duas mãos na temerária escalada. Acima, não havia nenhuma luz visível e, quando minhas mãos avançaram mais um pouco, percebi que ainda não fora daquela vez o desfecho de minha escalada, pois a laje era o alçapão de uma passagem que conduzia a uma superfície plana de pedra cuja circunferência era maior do que a parte inferior da torre, com certeza o piso de alguma câmara de observação elevada e espaçosa. Arrastei-me cuidadosamente pela passagem tentando impedir que a pesada laje caísse de novo no lugar, mas falhei nessa última tentativa. Caído exausto sobre o chão de pedra, ouvi as reverberações lúgubres de sua queda, mas achei que, quando fosse necessário, poderia erguê-la de novo.

Acreditando ter chegado a uma altura prodigiosa, muito acima das malditas árvores da floresta, levantei-me do chão com dificuldade e sai tateando à procura de janelas por onde pudesse olhar, pela primeira vez, o céu, a Lua e as estrelas sobre os quais havia lido. Mas em todos os lados a tentativa foi baldada. Tudo que encontrei foram enormes prateleiras de mármore sustendo caixas oblongas e repulsivas cujo tamanho me

inquietou. Mais e mais eu refletia e tentava imaginar que segredos veneráveis poderiam abrigar-se nessa câmara elevada, isolada por tantos séculos do castelo abaixo. Então, de repente, minhas mãos deram com uma passagem bloqueada por um portal de pedra decorado com curiosos entalhes cinzelados. Experimentando-a, percebi que estava trancada, mas com um esforço supremo superei todos os obstáculos e forcei-a para dentro. Ao fazê-lo, fui tomado pelo mais puro êxtase que já conhecera, pois, brilhando mansamente através de uma grade de ferro trabalhado e um curto lance de degraus de pedra descendente, lá estava a Lua, cheia e radiante, que eu jamais vira, exceto em sonhos e em nebulosas visões que nem sequer ousaria chamar de lembranças.

Imaginando ter chegado o topo do castelo, comecei a subir às pressas os poucos degraus além da porta, mas uma nuvem encobriu de repente a Lua, fazendo-me tropeçar e prosseguir com maior vagar na escuridão. Ainda estava muito escuro quando atingi a grade — que experimentei com cuidado e descobri que estava destrancada, mas que não abri temendo cair da altura espantosa a que havia chegado. E a Lua então ressurgiu.

O mais infernal de todos os choques é aquele causado pelo inesperado abismai e o inacreditável grotesco. Nada do que eu sofrerá poderia comparar-se ao horror que agora presenciava, com as aberrações maravilhosas que aquela visão provocava. A visão, em si, era ao mesmo tempo banal e estarrecedora, pois se tratava do seguinte: em vez de uma perspectiva estonteante de copas de árvores vistas de uma altura imponente, estendia-se ao meu redor além da grade nada menos que *o terreno sólido,* ornamentado e dividido por placas e colunas de mármore e dominado por uma antiga igreja de pedra cujo cone em ruínas reluzia pálido ao luar.

Sem me dar conta de meus atos, abri a grade e saí cambaleando para fora, pelo caminho de cascalho branco que se estendia para longe em duas direções. Minha mente, por atônita e caótica que estivesse, conservava a obstinada avidez pela luz e nem mesmo o prodígio fabuloso que acontecera poderia conter meu ímpeto. Eu não sabia, nem me importava em saber, se a minha experiência era fruto de insânia, sonho ou magia, determinado como estava a fitar o esplendor e a alegria a qualquer custo. Eu não sabia quem eu era, ou o que era, ou em que consistia tudo aquilo ao meu redor, mas, enquanto avançava aos tropeções, fui tomando

consciência de uma recordação latente e alarmante que, de certa forma, cadenciou os meus passos. Passei por baixo de um arco daquela região forrada de lajes e colunas e errei pelo campo aberto, seguindo às vezes pela estrada visível, outras a abandonando e caminhando pelos prados onde ruínas esparsas sugeriam a presença antiga de uma estrada abandonada. Em certa altura, cruzei a nado um rio caudaloso onde ruínas de alvenaria cobertas de musgo sugeriam uma ponte havia muito desaparecida.

Duas horas devem ter transcorrido até eu alcançar o que parecia ser o meu destino, um venerável castelo coberto de hera no meio de um parque arborizado, de maneira curiosa familiar, mas que ainda assim me causou uma intrigante perplexidade. Notei que o fosso estava cheio e que algumas daquelas torres bastante conhecidas estavam em ruínas, e que havia novas alas para confundir o observador. Mas o que observei com especial interesse e satisfação foram as janelas abertas — profusamente iluminadas e deixando escapar os sons da mais alegre das orgias. Aproximando-me de uma delas, olhei para dentro e vi um grupo de pessoas em trajes bizarros divertindo-se e conversando com animação. Ao que me parecia, eu jamais tinha ouvido uma fala humana e só poderia supor vagamente o que estavam dizendo. Algumas feições me sugeriram recordações muito remotas, outras me eram por completo estranhas.

Saltei então pela janela baixa para dentro do salão resplendente, saindo assim do meu único momento luminoso de esperança para a mais negra comoção de desespero e percepção. O pesadelo caiu como um raio, pois, mal havia entrado, presenciei uma das mais terrificantes demonstrações que jamais imaginei. Assim que cruzei o peitoril, o grupo todo caiu num estado de terror súbito e inesperado de tremenda intensidade, que fazia os rostos contraírem-se e provocava gritos apavorados em quase todas as gargantas. A debandada foi geral e, em meio ao clamor e o pânico, muitos perderam os sentidos e foram arrastados pelos enlouquecidos companheiros em fuga. Muitos taparam os olhos com as mãos, atirando-se numa correria cega e desajeitada para escapar, contornando móveis e chocando-se contra as paredes até conseguirem alcançar uma das muitas portas.

Os gritos eram apavorantes e, quando fiquei sozinho e atônito no salão brilhante escutando o apagar de seus ecos, estremeci imaginando o que poderia estar invisível à espreita, ao meu lado. A primeira vista, o

salão me pareceu deserto, mas, quando caminhei na direção de uma das recâmaras, pensei ter vislumbrado ali uma presença — uma sugestão de movimento além da passagem em arco dourada que conduzia para um salão parecido com o primeiro. Aproximando-me do arco, comecei a perceber melhor aquela presença e, então, com o primeiro e último som que jamais proferi — um uivo pavoroso que me causou quase tanta repugnância quanto a coisa medonha que o causara —, enxerguei, com plena e apavorante nitidez, a inconcebível, indescritível e indizível monstruosidade que, com seu mero surgimento, havia transformado um grupo alegre numa horda de fugitivos delirantes.

Não posso sequer sugerir com o que ela parecia-se, pois era uma combinação de tudo que é impuro, repugnante, repudiado, anormal e odioso. Era a sombra espectral de decadência, antigüidade e dissolução, o pútrido, gotejante espectro de uma revelação doentia, o horrível desnudamento daquilo que aterra misericordiosa deveria para sempre ocultar. Deus sabe que aquilo não era deste mundo — ou não era mais deste mundo —, mas, para meu horror, eu percebi em seu perfil carcomido, com os ossos à mostra, uma abominável caricatura da forma humana e, em suas roupas mofadas e em frangalhos, uma qualidade indizível que me arrepiou ainda mais.

Aquilo quase me paralisou, mas não foi o bastante para eu não esboçar uma débil tentativa de fuga, um salto para trás que não conseguiu quebrar o encanto com que o monstro inominável e silencioso me prendia. Meus olhos, enfeitiçados pelos globos oculares vidrados que os fitavam de maneira asquerosa, não queriam fechar-se, embora uma piedosa turvação só me permitisse ver o terrível objeto de maneira indistinta depois do primeiro impacto. Tentei erguer a mão e tapar os olhos, mas tinha os nervos tão abalados, que o braço não obedeceu à minha vontade. A tentativa, porém, foi quanto bastou para me perturbar o equilíbrio, e precisei dar vários passos cambaleantes para a frente para não cair. Ao fazê-lo, tive uma súbita e dolorosa consciência da *proximidade* da coisa sepulcral, meio que imaginei ouvir a sua respiração cava e repulsiva. Quase enlouquecido, consegui mesmo assim estender a mão para espantar a fétida aparição que estava tão perto, quando, num segundo cataclísmico de um pesadelo cósmico e um acidente infernal, *meus dedos tocaram a mão putrefata do monstro estendida por baixo do arco dourado.*

Eu não gritei, mas todos os fantasmas demoníacos que cavalgam o vento noturno uivaram por mim quando, naquele mesmo instante, desabou sobre a minha mente uma única e fugaz avalanche de uma lembrança de aniquilar a alma. Eu percebi naquele instante tudo que havia acontecido; minhas recordações foram além do assustador castelo e das árvores, e reconheci o edifício modificado onde eu estava agora; reconheci, mais terrível de tudo, a ímpia abominação que eu tinha à minha frente enquanto afastava meus dedos imundos dos seus.

Mas, no cosmo, há sofrimento e há bálsamo. E esse bálsamo é nepente. No supremo terror daquele instante, esqueci-me do que me havia horrorizado e o surto de negra recordação desfez-se num pandemônio de imagens reverberantes. Fugi num sonho daquele edifício assombrado e maldito e célere corri, em silêncio, sob o luar. Retornando ao cemitério de mármore, desci os degraus e descobri que não conseguiria mover o alçapão de pedra, mas isto não me aborreceu, porque eu detestava aquele castelo antigo e aquelas árvores. Agora eu cavalgo com os fantasmas amáveis e zombeteiros ao vento noturno e brinco durante o dia entre as catacumbas de Nephren-Ka no vale oculto e proibido de Hadoth, à margem do Nilo. Sei que aquela luz não é para mim, exceto a da Lua sobre as sepulturas de pedra do Neb, bem como nenhuma alegria, salvo as indescritíveis orgias de Nitokris sob a Grande Pirâmide, mas, em minha nova selvajeria e liberdade, eu quase agradeço a amargura da alienação.

Pois, embora nepente tenha-me acalmado, sempre saberei que sou um intruso, um estranho neste século e entre os que ainda são homens. Isto eu soube desde que estendi meus dedos para a abominação no interior da enorme moldura dourada, estendi meus dedos e toquei *uma superfície fria e sólida de vidro polido.*



A Sombra Sobre Innsmouth

I

DURANTE O INVERNO de 1927-28, autoridades do governo federal fizeram uma investigação estranha e secreta sobre certas condições na antiga cidade portuária de Innsmouth em Massachusetts. O público tomou conhecimento dela em fevereiro, depois de uma extensa série de batidas policiais e prisões, seguidas da explosão e queima deliberadas — tomadas as devidas precauções — de um número imenso de casas arruinadas, carcomidas e, por suposto, vazias na orla marítima abandonada. As almas pouco curiosas tomaram essas ocorrências como mais um grande enfrentamento da guerra intermitente contra as bebidas alcoólicas.

Os leitores de jornais mais sagazes, porém, espantaram-se com o número prodigioso de prisões, a extraordinária força policial mobilizada para o feito e o sigilo que cercou a acomodação dos detidos. Nada foi noticiado sobre julgamentos ou sobre acusações definidas, e nenhum cativo foi visto depois dos incidentes em qualquer prisão regular do país. Correram rumores sobre doenças e campos de concentração e, mais tarde, sobre a dispersão de pessoas por vários presídios navais e militares, mas jamais veio à luz alguma coisa positiva. Innsmouth ficou quase deserta e mesmo agora só dá sinais de reanimação muito lentos.

Com os protestos das muitas organizações liberais, fizeram-se longas discussões secretas, e alguns representantes foram levados em

visita a certos campos e presídios. O surpreendente é que, depois disso, essas sociedades mostraram-se passivas e reticentes. As autoridades tiveram mais dificuldade para lidar com os jornalistas, mas esses, no geral, pareceram cooperar com o governo no final. Somente um jornal, um tablóide não muito respeitado em virtude de sua política sensacionalista, mencionou o submarino de águas profundas que lançou torpedos no precipício marinho pouco além do Devil Reef. Essa notícia, recolhida por acaso num antro de marinheiros, pareceu, com efeito, muito exagerada, pois o recife baixo e negro fica em mar aberto, a dois quilômetros e meio do porto de Innsmouth.

Moradores de toda a região e de cidades vizinhas cochicharam muito entre si, mas disseram muito às pessoas de fora. Eles falaram da moribunda e quase deserta Innsmouth durante quase um século, e nada de novo poderia ser mais monstruoso ou extravagante do que já haviam cochichado e insinuado anos antes. Muitas coisas haviam-lhes ensinado a serem discretos, e não tinha a menor justificativa para pressioná-los. Ademais, eles sabiam de fato muito pouco, pois pântanos enormes, salgados, desolados e desertos mantinham os vizinhos afastados de Innsmouth pelo lado do continente.

Mas eu vou desafiar, enfim, o silêncio que se impôs sobre esse assunto. As conclusões, estou certo, são tão cabais, que nenhum dano público, salvo um tremor de repugnância, poderá advir do que aqueles policiais horrorizados encontraram em Innsmouth durante a sua batida. Além do mais, o que foi encontrado pode ter mais de uma explicação possível. Não sei quanto da história toda me foi contado, e tenho minhas razões para não querer ir mais fundo na questão. Isto porque meu contato com o caso foi mais curto que o de qualquer outro leigo, e ele me deixou impressões que ainda me levarão a tomar medidas extremas.

Fui eu quem fugiu desvairado de Innsmouth na madrugada de 16 de julho de 1927 e cujos apelos apavorados à realização de um inquérito e medidas do governo provocaram todo o episódio noticiado. Preferi ficar calado enquanto o caso estava fresco e indefinido, mas agora que ele tornou-se uma história antiga, passado o interesse e a curiosidade públicas, sinto um estranho anseio de confidenciar sobre aquelas poucas horas apavorantes no porto lúgubre e mal-afamado de anomalias blasfemas e fatais. O mero fato de contar me ajuda a recuperar a confiança em minhas faculdades mentais, a me tranqüilizar de que não fui o primeiro que

sucumbiu a uma alucinação de pavor contagiante. Ajuda-me, também, na decisão sobre uma certa ação terrível que terei de empreender.

Eu nunca ouvira falar de Innsmouth até o dia em que a vi pela primeira e — até agora — última vez. Estava comemorando minha maioridade com uma excursão pela Nova Inglaterra — com fins turísticos, antiquários e genealógicos — e planejara ir diretamente da velha Newburyport a Arkham, de onde saíra a família de minha mãe. Não possuía carro e estava viajando de trem, bonde e ônibus, procurando sempre o itinerário mais barato. Em Newburyport, disseram-me que o trem a vapor era o que se podia tomar para Arkham, e foi só na bilheteria da estação, quando vacilei com o preço da tarifa, que fiquei sabendo de Innsmouth. O agente corpulento com expressão astuta e com um modo de falar que não era da região simpatizou com meus esforços de economia e me fez uma sugestão que nenhum de meus outros informantes oferecera.

"Você podia pegar o velho ônibus, acho eu", disse ele com certa hesitação, "mas ele não é muito usado por aqui. Passa por Innsmouth, você deve ter ouvido, e por isso as pessoas não gostam dele. Quem guia é um sujeito de Innsmouth, Joe Sargent, mas ele nunca pega nenhum passageiro daqui ou de Arkham, eu acho. E um espanto que continue rodando. Acho que é bem barato, mas nunca vi mais de duas ou três pessoas nele; ninguém fora aquela gente de Innsmouth. Sai da praça, da frente da Farmácia Hammond's, às dez da manhã e às sete da noite, se não mudou ultimamente. Parece uma maldita ratoeira, nunca entrei nele".

Esta foi a primeira vez que ouvi falar na misteriosa Innsmouth. Qualquer referência a uma cidade inexistente em mapas comuns ou não listada nos guias recentes teria-me interessado, e a curiosa maneira alusiva do funcionário expressar-se despertou em mim uma verdadeira curiosidade. Uma cidade capaz de inspirar tal aversão em seus vizinhos, pensei, devia ser pelo menos incomum e merecedora do interesse de um turista. Se ficasse antes de Arkham, eu desceria lá — por isso pedi que o funcionário me contasse alguma coisa sobre ela. Ele era muito ponderado e falava como que se sentisse um pouco superior ao que dizia.

"Innsmouth? Bem, é uma cidadezinha muito da estranha na embocadura do Manuxet. Era quase uma cidade, um porto e tanto antes da guerra de 1812, mas tudo foi ficando muito arruinado nos últimos cem anos. Não tem mais a ferrovia, a B. e M. nunca passou por lá e o ramal de Rowley foi abandonado anos atrás".

“Mais casas vazias do que gente por lá, eu acho, e sem comércio digno de menção, fora a pesca de peixes e lagostas. Todos negociam, em geral, aqui, em Arkham ou Ipswich. Eles já tiveram algumas fábricas, mas agora não resta nada, exceto uma refinaria de ouro funcionando de maneira bem precária”.

“Essa refinaria, porém, era grande e o velho Marsh, o dono, deve ser mais rico do que Creso. Velhote estranho, eu acho. Fica sempre trancado em sua casa. Acham que ele pegou alguma doença de pele ou deformidade depois de velho, o que obriga ele a se ocultar. Neto do capitão Obed Marsh, que fundou o negócio. Sua mãe parece ter sido uma espécie de estrangeira, dizem que uma insulana dos Mares do Sul, pois houve muito falatório quando ele se casou com uma garota de Ipswich há cinqüenta anos. Sempre fazem isso com a gente de Innsmouth, e os rapazes da região sempre tentam esconder que têm algum sangue de Innsmouth nas veias. Mas os filhos e netos de Marsh se parecem com qualquer um, até onde eu posso perceber. Já me apontaram eles por aqui, mas, quando penso nisso, os filhos mais velhos não têm andado muito por aqui nos últimos tempos. O velho eu nunca vi”.

“Por que todo mundo cai em cima de Innsmouth? Bem, meu rapaz, você não deve levar muito a sério o que as pessoas daqui dizem. Elas são duras de começar, mas, quando começam, não param mais. Elas vêm contando coisas sobre Innsmouth (em geral, aos cochichos) nos últimos cem anos, eu acho, e imagino que elas têm mais medo que outra coisa. Algumas dessas histórias fariam você dar risada: sobre o velho capitão Marsh fazendo pactos com o diabo e trazendo duendes do inferno para viverem em Innsmouth ou sobre uma espécie de adoração do diabo e sacrifícios pavorosos em algum lugar perto do cais que derrubaram por volta de 1845. Mas eu sou de Panton, em Vermont, e esse tipo de história não faz minha cabeça”.

“Mas você devia ouvir o que uns velhos contam sobre o recife escuro ao largo da costa. Devil Reef, é assim que eles chamam. Fica bem acima da água boa parte do tempo e nunca muito abaixo dela, mas nem por isso se devia chamar aquilo de uma ilha. A história é que toda uma legião de demônios é avistada, às vezes, em cima daquele recife, espalhada por lá ou entrando e saindo de umas espécies de cavernas perto do topo. E uma coisa escarpada, irregular, a mais de dois quilômetros de distância, e no

final dos tempos da navegação os marinheiros costumavam fazer grandes desvios só para evitá-la.

"Isto é, os marinheiros que não eram de Innsmouth. Uma coisa que eles tinham contra o velho capitão Marsh é que ele, como se dizia, desembarcava no recife às vezes, durante a noite, quando a maré estava de jeito. Talvez ele fizesse isso, pois ouso dizer que a conformação do rochedo é interessante, e é muito possível que ele estivesse procurando tesouros de piratas e talvez os encontrando, mas corriam boatos que ele fazia pactos com demônios por lá. O fato é que, conforme eu penso, foi o capitão que deu mesmo a má reputação ao recife".

"Isto foi antes da grande epidemia de 1846, quando mais da metade da população de Innsmouth foi levada deste mundo. Eles nunca souberam direito o que era, mas decerto foi algum tipo de doença estrangeira trazida da China ou de outro lugar pela navegação. Foi realmente dureza, houve tumultos por causa dela, e toda sorte de coisas horríveis que acredito que nunca saíram da cidade, e ela deixou o lugar em péssimo estado. Nunca voltou, não deve haver mais de 300 ou 400 pessoas vivendo por lá agora".

"Mas a verdade por trás do sentimento das pessoas é simples preconceito racial, e não digo que culpo quem tem. Eu mesmo detesto essa gente de Innsmouth, e não me daria ao trabalho de ir à sua cidade. Magino que saiba, mesmo percebendo que você é do Oeste pelo modo de falar, a montoeira de nossos navios da Nova Inglaterra que costumava negociar nos portos exóticos da África, da Ásia e dos Mares do Sul, e todo o resto, e os tipos estranhos que eles traziam de volta. Você deve ter ouvido falar do homem de Salém que voltou para casa com uma esposa chinesa e talvez saiba que ainda existe um grupo das Ilhas Fiji vivendo perto do Cape Cod".

"Bem, deve haver alguma coisa assim por trás da gente de Innsmouth. O lugar sempre ficou muito isolado do resto do país por pântanos e córregos, e não se pode ter muita certeza sobre os prós e os contra do assunto, mas está muito claro que o velho capitão Marsh deve ter trazido para casa alguns espécimes estranhos quando estava com seus três navios em operação nos anos vinte e nos trinta. Com certeza tem algum tipo de vestígio estranho nos moradores de Innsmouth de hoje. Não sei como explicar isso, mas meio que faz a gente arrepiar. Você vai notar um pouco no Sargent se pegar o ônibus dele. Alguns têm a cabeça estreita com nariz chato e carnudo, olhos saltados que parecem que nunca se

fecham, e a pele deles não é muito definida: áspera e escariosa, e os lados dos pescoços são enrugados ou pregueados. Eles também ficam calvos muito cedo. Os mais velhos são os que têm a pior aparência. O fato é que não acredito que jamais tenha visto um velho daquele jeito. Acho que eles morrem só de se olhar no espelho! Os animais detestam eles, costumavam ter muito trabalho com os cavalos antes de aparecerem os automóveis".

"Ninguém daqui, nem de Arkham, nem de Ipswich quer nada com eles e eles são um pouco retraídos quando vêm à cidade ou quando alguém tenta pescar no seu território. E curioso como os peixes se amontoam perto do porto de Innsmouth quando não são vistos em nenhuma outra parte em volta. Mas nem tente pescá-los ali que os caras vão expulsá-lo! Essa gente costumava vir até aqui de trem, caminhavam e tomavam o trem em Rowley depois que o ramal foi fechado, mas agora ela usa esse ônibus".

"Sim, há um hotel em Innsmouth, chama-se Gilman House, mas não acho que valha grande coisa. Eu não o aconselharia a experimentá-lo. Melhor ficar por aqui e tomar o ônibus das dez amanhã de manhã; depois você pode tomar o ônibus noturno de lá para Arkham às oito da noite. Teve um inspetor de fábrica que parou no Gilman há uns dois anos e teve uma porção de indícios suspeitos sobre o lugar. Parece que eles juntam uma multidão estranha por lá. Pois esse sujeito ouviu vozes em outros quartos (mesmo com a maioria deles vazia) que lhe deram arrepios. Ele achou que era uma língua estrangeira, mas disse que o ruim era um tipo de voz que falava de vez em quando. Ela soava tão estranha, meio lamacenta conforme disse, que ele nem ousou tirar a roupa e dormir. Ficou esperando acordado e deu o fora às pressas assim que amanheceu. A conversa prosseguiu durante a noite toda quase".

"Esse sujeito, Casey era o seu nome, tinha muito o que contar sobre o jeito que os caras de Innsmouth olhavam para ele e pareciam ficar como que em guarda. Ele achou a refinaria de Marsh um lugar muito estranho. Fica numa velha fábrica ao lado das quedas menores do Manuxet. O que ele disse bateu com o que eu ouvi. Livros malcuidados e nenhuma contabilidade clara de qualquer tipo de transação. Você sabe, sempre foi um mistério o lugar onde os Marsh arranjam o ouro para refinar. Eles nunca pareceram comprar muita coisa nessa linha, mas alguns anos atrás eles embarcaram uma quantidade enorme de lingotes".

"Comentavam por aí sobre uns tipos estranhos de jóias estrangeiras que os marinheiros e os trabalhadores da refinaria vendiam às vezes, de

maneira clandestina, ou que foram vistas uma ou duas vezes em mulheres dos Marsh. Diziam que o velho capitão Obed talvez as houvesse comprado em algum porto pagão, em especial porque ele sempre encomendava uma montanha de contas de vidro e bijuterias como as que os homens do mar costumavam levar para negociar com nativos. Outros achavam, e ainda acham, que ele encontrou um velho tesouro de pirata no Devil Reef. Mas tem uma coisa engraçada: o velho capitão já morreu há sessenta anos, e não tem saído um navio de bom tamanho do lugar desde a guerra civil, mas os Marsh continuam comprando um pouco dessas mercadorias nativas, na maior parte, bugigangas de vidro e de borracha, conforme me disseram. Talvez os caras de Innsmouth gostem de se enfeitar com elas. Deus sabe se eles não ficaram tão ruins quanto os canibais dos Mares do Sul e os selvagens da Guiné.

"Aquela peste de 46 deve ter varrido o sangue melhor do lugar. Seja como for, eles agora são uma gente suspeita, e os Marsh e outros caras ricos não prestam como qualquer outro. Como eu disse, é provável que não haja mais de 400 pessoas na cidade toda, apesar de todas as ruas que dizem existir. Acho que eles são o que chamam de "lixo branco" lá no Sul: malfeitores e manhosos, e cheios de coisas secretas. Eles pescam muito peixe e lagosta que exportam de caminhão. Estranho como os peixes se amontoam por lá e em outros lugares não".

"Ninguém consegue manter o controle daquela gente e as autoridades escolares do Estado e os recenseadores passam um mau bocado. Pode apostar que forasteiros curiosos não são bem-vindos em Innsmouth. Eu ouvi, em pessoa, sobre mais de um negociante ou funcionário público que desapareceu por lá, e corre por aí uma história sobre um cara que ficou louco e está em Danvers agora. Eles devem ter dado um susto terrível naquele sujeito".

"E por isso que eu não iria à noite se fosse você. Nunca estive lá e nem quero ir, mas acho que uma viagem durante o dia não vai machucar, mesmo que as pessoas por aí o aconselhem a não ir. Se está apenas a passeio e procurando velharias, Innsmouth deve ser um lugar e tanto para você".

E assim passei parte daquela noite na biblioteca pública de Newburyport pesquisando dados sobre Innsmouth. Quando tentei interrogar os nativos nas lojas, lanchonetes, garagens e no Corpo de Bombeiros, achei-os ainda mais difíceis de se ligar do que o bilheteiro

havia previsto e percebi que não devia perder tempo tentando vencer sua retração instintiva. Eles tinham uma espécie de vaga desconfiança, como se houvesse algo errado em alguém se interessar demais por Innsmouth. Na Y.M.C.A., onde me alojei, o funcionário limitou-se a desencorajar minha ida a um lugar tão soturno e decadente, e o pessoal da biblioteca teve uma atitude idêntica. Com certeza, no entender das pessoas instruídas, Innsmouth não passava de um caso extremo de degeneração cívica.

As histórias do Condado de Essex nas estantes da biblioteca tinham muito pouco a dizer, salvo que a cidade fora fundada em 1643, era notória pela construção naval antes da Revolução, um local de grande prosperidade naval no começo do século XIX e, mais tarde, um centro fabril que usava o Manuxet como fonte de energia. A epidemia e os tumultos de 1864 eram poucas vezes mencionados como se fossem um demérito para o condado.

As referências ao declínio eram poucas, embora o significado do último registro era inconfundível. Depois da guerra civil, toda a vida industrial ficara restrita à Marsh Refining Company e a comercialização de lingotes de ouro constituía o único comércio importante que restou ao lado da eterna pesca. Essa pesca foi-se tornando cada vez menos rendosa à medida que o preço da mercadoria caía e corporações de pesca em larga escala passaram a competir, mas nunca houve escassez de peixes nas imediações do porto de Innsmouth. Era raro forasteiros estabelecerem-se por lá e houve algumas evidências veladas de que alguns poloneses e portugueses que o tentaram haviam sido dispersos de uma maneira muito drástica.

O mais interessante de tudo foi uma referência visual às curiosas jóias associadas a Innsmouth. Elas com certeza tinham impressionado muito toda a região, pois havia menções a exemplares delas no museu da Universidade Miskatonic em Arkham e na sala de exposição da Newburyport Historiai Society. As descrições fragmentárias dessas coisas eram pobres e prosaicas, mas me incutiram uma sensação persistente de estranheza. Havia algo de tão estranho e provocador nelas, que não consegui tirá-las da cabeça e, apesar do avançado da hora, resolvi ver a amostra local — que, conforme diziam, era um objeto grande, de proporções singulares, decerto para ser usado como tiara — se pudesse.

O bibliotecário entregou-me um bilhete de apresentação ao curador da Sociedade, uma certa srta. Anna Tilton, que vivia nas vizinhanças, e, depois de uma breve explicação, a velha senhora teve a gentileza de me introduzir no edifício fechado, pois ainda não era tarde demais. A coleção era de fato notável, mas, com o estado de espírito em que estava, eu só tive olhos para o objeto bizarro que reluzia num armário de canto iluminado por luzes elétricas.

Não foi preciso uma sensibilidade extrema à beleza para me fazer literalmente perder o fôlego ante o singular esplendor da fantasia suntuosa e estranha pousada sobre uma almofada de veludo púrpura. Mesmo agora eu mal consigo descrever o que vi, embora fosse, com toda evidência, uma espécie de tiara, como a descrição dizia. Ela era alta na frente e tinha o contorno da base muito grande e curiosamente irregular, como que desenhada para uma cabeça de desenho quase elíptico. O material predominante parecia ser o ouro, mas um fantástico lustro mais baço sugeria uma liga estranha com algum metal também belo e difícil de qualificar. Estava em condições quase perfeitas e poder-se-ia ficar horas estudando os motivos admiráveis e incomuns — alguns apenas geométricos, outros de todo marítimos — cinzelados ou moldados em alto relevo na superfície com uma arte de incrível graça e maestria.

Quanto mais eu a observava, mais a coisa me fascinava, e nesse fascínio havia um elemento perturbador, difícil de classificar ou explicar. De início, decidi que era a qualidade curiosa, como se fosse de um outro mundo, da arte que me deixou incomodado. Todos os outros objetos de arte que eu conhecia ou pertenciam a alguma vertente racial ou nacional conhecida, ou eram deliberados desafios modernistas às correntes reconhecidas. Essa tiara não era nem uma coisa, nem outra. Ela pertencia com toda evidência a alguma técnica acabada com enorme maturidade e perfeição, não obstante essa técnica fosse de todo anterior a qualquer outra — ocidental ou oriental, antiga ou moderna — que eu tivesse ouvido ou visto exemplificada. Era como se a arte fosse de um outro planeta.

Entretanto, logo percebi que meu desassossego tinha uma segunda e, talvez, também poderosa fonte na sugestão pictórica e matemática dos curiosos motivos. Os padrões sugeriam segredos remotos e abismos inimagináveis no tempo e no espaço, e a monotonia da natureza aquática dos relevos tornava-se quase sinistra. Entre esses relevos, havia monstros de uma bizarria e malignidade abomináveis — metade ícticos, metade

batráquios — que não se poderiam dissociar de uma certa sensação assustadora e incômoda de paramnésia, como se evocassem uma imagem das células e tecidos profundos cujas funções de retenção são de todo primitivas e muitíssimo ancestrais. Por vezes imaginei que cada contorno daqueles peixes-rãs blasfemos transbordava a quintessência de um mal desconhecido e inumano.

Fazia um estranho contraste com o aspecto da tiara a sua história curta e prosaica tal como foi relatada pela srta. Tilton. Ela havia sido penhorada por uma quantia ridícula num prego da State Street, em 1873, por um bêbado de Innsmouth, pouco antes de ele ser morto numa briga. A Sociedade a havia comprado diretamente do penhorista, dando-lhe, desde logo, um mostrador à altura de sua qualidade. Sua etiqueta atribuía sua provável proveniência às índias Orientais ou à Indochina, mas a atribuição era pura especulação.

A srta. Tilton, comparando todas as hipóteses possíveis com respeito a sua origem e sua presença na Nova Inglaterra, inclinava-se a acreditar que ela pertencera a algum exótico tesouro de piratas descoberto pelo velho capitão Obed Marsh. A opinião era reforçada pelas insistentes ofertas de compra por um alto preço que os Marsh começaram a fazer tão logo souberam de sua existência e continuaram fazendo até os dias atuais a despeito da invariável determinação da Sociedade em não vender.

Enquanto me conduzia até a saída, a boa senhora deixou claro que a teoria sobre a origem pirata da fortuna dos Marsh era popular entre as pessoas instruídas da região. Sua própria atitude para com a soturna Innsmouth — que ela nunca conhecera — era a de aversão por uma comunidade que havia descido tão baixo na escala cultural, e ela me garantiu que os rumores sobre adoração do diabo eram em parte justificados por um certo culto secreto que ganhara força por lá, engolindo todas as igrejas ortodoxas.

Chamava-se, conforme ela me disse, “A Ordem Esotérica de Dagon” e era sem dúvida uma coisa aviltante, quase paga, importada do Oriente um século antes, numa época em que a pesca de Innsmouth parecia ter-se esgotado. Sua persistência entre os simplórios era de todo natural tendo em vista a volta súbita e permanente da abundância de pescado de boa qualidade, e ela logo adquiriu a principal influência na cidade, substituindo por completo a Franco-maçonaria e constituindo sua sede principal na velha Casa Maçônica em New Church Green.

Tudo aquilo era um excelente motivo para a devota srta. Tilton evitar a velha cidade decadente e desolada, mas, para mim, só reafirmou o interesse. A minhas expectativas arquitetônicas e históricas, somou-se um agudo entusiasmo antropológico e eu mal consegui dormir em meu quartinho no "Y" do correr à noite.

II

Pouco antes das dez da manhã seguinte, eu estava com uma pequena valise na frente da Hammond's Drug Store na velha Market Square, esperando o ônibus para Innsmouth. Quando se foi aproximando a hora da sua chegada, notei uma debandada geral dos ociosos para outros lugares da rua ou para o Ideal Lunch do outro lado da praça. O bilheteiro decerto não exagerara a aversão que os moradores locais tinham por Innsmouth e por seus habitantes. Poucos minutos depois, um pequeno ônibus de cor cinza, sujo, muitíssimo decrépito desceu sacolejando pela State Street, fez a volta e encostou no meio fio ao meu lado. Senti de imediato que o ônibus era aquele mesmo, suspeita que o letreiro pouco legível no pára-brisas — *Arkham-Innsmouth-Newb'port* — logo confirmou.

Ele trazia três passageiros apenas — pessoas escuras, desgrenhadas, de aparência suja e constituição em geral jovem — e, quando o veículo parou, eles desceram cambaleando, desajeitados, e saíram caminhando pela State Street em silêncio, de maneira quase furtiva. O motorista também desceu e eu pude observá-lo enquanto ele entrava na *drugstore* para fazer umas compras. Este, eu pensei, deve ser o Joe Sargent mencionado pelo bilheteiro, e, antes mesmo de notar qualquer detalhe, inundou-me uma onda de aversão espontânea que eu não pude identificar nem explicar. De repente, pareceu-me muito natural que as pessoas do local não quisessem andar num ônibus pertencente e conduzido por aquela pessoa, nem visitar com maior freqüência o habitat de tal homem e de sua gente.

Quando o motorista saiu da loja, observei-o com mais atenção tentando determinar a origem da má impressão que ele me causara. Era um homem magro, de ombros curvados, com não mais de um metro e oitenta de altura, trajando umas surradas roupas azuis comuns e um boné de golfe roto. Tinha trinta e cinco anos, talvez, mas as pregas estranhas e profundas nos lados de seu pescoço o faziam parecer mais velho quando não se observava seu rosto apático e inexpressivo. Tinha cabeça estreita,

olhos azuis aquosos saltados que pareciam nunca piscar, nariz chato, testa e queixo recolhidos e orelhas pouco desenvolvidas. Seus lábios eram grandes e carnudos e as maçãs do rosto, acinzentadas e ásperas, pareciam quase imberbes, exceto por uns raros fios louros enrodilhados em tufos irregulares, e, em alguns pontos, sua superfície apresentava uma curiosa irregularidade, como se tivesse sido descascada por alguma doença de pele. Suas mãos eram grandes e tão marcadas pelas veias, que tinham uma coloração azul-acinzentada bem pouco natural. Os dedos eram por demais curtos em relação ao resto do corpo e pareciam ter a tendência a se enrolar contra a palma enorme. Enquanto ele caminhava até o ônibus, observei o jeito peculiar como ele bamboleava e percebi como seus pés eram anormais de tão imensos. Quanto mais eu os estudava, mais me intrigava onde ele poderia arranjar sapatos que lhe servissem.

Uma certa aparência sebosa daquele indivíduo contribuiu para o meu sentimento de aversão. Ele com certeza era acostumado a trabalhar ou vadiar pelos cais de pesca e exalava o cheiro característico desses lugares. O tipo de sangue estrangeiro que ele possuía, eu não consegui sequer imaginar. Seus traços não pareciam, de maneira alguma, asiáticos, polinésios, levantinos ou negróides, mas eu pude entender por que as pessoas o consideravam estrangeiro. Eu próprio teria pensado mais em degeneração biológica que em origem estrangeira.

Fiquei preocupado quando notei que não haveria nenhum outro passageiro no ônibus. Por algum motivo, não me agradava a idéia de viajar sozinho com aquele motorista. Mas, quando chegou a hora da partida, reuni minha forças, entrei no ônibus atrás do homem, estendi-lhe uma nota de um dólar e murmurei a única palavra “Innsmouth”. Ele me olhou com curiosidade por um segundo e me devolveu quarenta centavos de troco sem abrir a boca. Tomei um assento muito atrás dele, mas do mesmo lado do ônibus, pois queria ficar admirando a praia durante a viagem.

O decrépito veículo arrancou enfim com um solavanco e avançou chacoalhando ruidosamente por entre as velhas construções de tijolo da State Street em meio a uma nuvem de vapor do escapamento. Observando as pessoas nas calçadas, julguei captar nelas um curioso desejo de não olhar para o ônibus — ou, pelo menos, o desejo de evitar parecer que estavam olhando para ele. Depois dobramos à esquerda para a High Street, onde o andar foi mais suave, passando pelas velhas mansões imponentes dos primeiros tempos da República e os solares rurais mais antigos dos

tempos coloniais, cruzando o Lower Green e o Parker River e emergindo enfim num trecho longo e monótono de terreno costeiro descampado.

O dia estava quente e ensolarado, mas a paisagem de areia, capim de junça e matagais atrofiados foi ficando cada vez mais desolada à medida que prosseguíamos. Do lado de fora, eu podia observar a água azul e a linha de areia da Plum Island enquanto avançávamos bem perto da praia depois que nossa estrada estreita afastou-se da estrada principal de Rowley a Ipswich. Não havia nenhuma casa à vista, o estado do caminho me dizia que o tráfego era muito rarefeito por ali. Os pequenos postes telefônicos, gastos pelo tempo, exibiam dois fios apenas. De tempos em tempos, cruzávamos pontes de madeira bruta sobre canais de maré que faziam extensas entradas terra adentro, provocando um isolamento geral da região.

Aqui e ali eu notava tocos de madeira e ruínas de fundações na areia ondulada e me recordava da velha tradição mencionada em uma das histórias que havia lido, de que **alija** havia sido uma região fértil e densamente habitada. A transformação, ao que se dizia, ocorrera na mesma época que a epidemia de 1864 em Innsmouth, e as pessoas simplórias achavam que ela tinha uma sinistra relação com forças malignas ocultas. Na verdade, ela fora o resultado da estúpida derrubada das matas perto da praia que havia tirado do solo a sua melhor proteção, abrindo caminho para o avanço das dunas.

Perdemos enfim de vista a Plum Island, ficando com a vastidão do Atlântico à nossa esquerda. Nosso caminho estreito iniciou uma subida íngreme e eu senti uma certa inquietude olhando para a crista solitária à frente onde a rodovia esburacada encontrava-se com o céu. Era como se o ônibus fosse continuar subindo, deixando por completo a sanidade terrestre para se misturar com os arcanos desconhecidos da atmosfera superior e do misterioso céu. O cheiro do mar adquiria ilações aziagas, e as costas rígidas, encurvadas e a cabeça estreita do silencioso motorista foram-se tornando mais e mais repulsivas. Olhando para ele, notei que a parte de trás da sua cabeça era tão despelada quanto o seu rosto, exibindo apenas uns tufos desgrenhados de cabelo loiro sobre uma superfície áspera cinzenta.

Chegamos então à crista e avistamos o vale que se espraiava à nossa frente, onde o Manuxet desemboca no mar ao norte da extensa linha de penhascos que culmina em Kingsport Head e desvia para Cape Ann. No

horizonte longínquo e brumoso, eu mal consegui distinguir o recorte abismal do promontório, coroado pela curiosa casa antiga da qual me haviam contado tantas lendas, mas, naquele momento, minha atenção foi atraída para o cenário mais próximo logo abaixo de mim. Ali estava, conforme percebi, a mal-afamada Innsmouth.

Era uma cidade de larga extensão e constituição densa, mas a ausência de sinais de vida era espantosa. Apenas alguns fiapos de fumaça subiam do emaranhado de chaminés e os três altos campanários projetavam-se inteiros e descorados contra o horizonte marinho. O topo de um deles estava ruindo e tanto nele como num outro havia apenas orifícios negros escancarados onde deveriam estar os mostradores dos relógios. O vasto emaranhado de telhados de duas águas e cumeeiras pontudas abauladas transmitia, com chocante nitidez, a idéia de alguma coisa decadente e carcomida, e, à medida que nos fomos aproximando pela estrada agora descendente, pude notar que muitos tetos haviam desabado por completo. Existia também algumas casas grandes e quadradas, em estilo georgiano, com telhados pontiagudos, cúpulas e mirantes gradeados. A maioria ficava longe da água, e uma ou duas pareciam estar em condições razoáveis. Estendendo-se para o interior, por entre elas, podia-se avistar os trilhos enferrujados e cobertos de mato da ferrovia abandonada, com os postes de telégrafo inclinados já sem fios e o traçado meio oculto das antigas estradas de rodagem para Rowley e Ipswich.

A decadência era pior perto do cais, embora eu pudesse vislumbrar em seu miolo a torre branca de uma construção de tijolos muito bem conservada com um ar de fabriqueta. O porto, de há muito obstruído pela areia, era protegido por um velho quebra-mar de pedra sobre o qual eu pude enfim começar a discernir as formas minúsculas de alguns pescadores sentados e em cuja ponta havia o que pareciam ser as fundações de um antigo farol. Uma língua de areia havia-se formado no interior dessa barreira, e sobre ela eu pude avistar algumas cabanas decrépitas, botes ancorados e armadilhas para lagostas espalhadas. O único trecho de água profunda parecia ser o do rio que passava atrás da construção com a torre e virava para o sul para desaguar no oceano na extremidade do quebra-mar.

Por toda parte, pedaços arruinados de cais sobressaíam da areia, indo terminar numa podridão indefinível, cuja extremidade sul parecia a mais deteriorada. E, muito ao longe, mar adentro, apesar da maré alta, eu

pude vislumbrar uma linha extensa e escura que mal se destacava acima da água, mas que dava uma impressão de malignidade latente. Aquilo, eu sabia, devia ser o Devil Reef. Enquanto eu o estava observando, uma sensação curiosa, sutil, de atração pareceu somar-se à sinistra repulsa e, por mais estranho que pareça, achei essa impressão mais perturbadora que a primeira.

Não encontramos viva alma na estrada, mas, quando começamos a cruzar por fazendas desertas em diferentes estágios de degradação, percebi algumas casas habitadas com trapos tapando as janelas quebradas e conchas e peixes mortos espalhados pelos quintais atulhados de sujeira. Uma ou duas vezes eu pude avistar pessoas de olhar mortiço trabalhando em quintais estéreis ou catando mariscos na praia malcheirosa mais atrás e grupos de crianças imundas de feições simiescas brincando perto das portas cercadas de mato. De alguma maneira, essas pessoas pareceram mais perturbadoras do que as casas sombrias, pois quase todas apresentavam certas peculiaridades de feições e movimentos que, por instinto, me desagradaram sem que eu soubesse defini-los ou compreendê-los. Por um momento, eu imaginei que aqueles traços físicos sugeriam algum quadro que eu teria visto, num livro talvez, em circunstâncias de particular horror ou melancolia, mas essa paramnésia logo se desfez.

Quando o ônibus chegou a um nível mais baixo, comecei a captar o ruído persistente de uma queda d'água em meio ao silêncio anormal. As casas desbotadas e tortas foram-se multiplicando alinhadas dos dois lados da estrada numa arrumação mais urbana do que as que íamos deixando para trás. O panorama à frente adensara-se num cenário de rua, e em alguns trechos eu pude notar os pontos onde um pavimento de pedra e pedaços de uma calçada de tijolos haviam existido. Todas as casas pareciam desertas e havia vazios ocasionais onde chaminés e paredes de porões em ruínas assinalavam o colapso de antigas construções. Um cheiro nauseabundo de peixe impregnava todo o ambiente.

Logo depois começaram a surgir cruzamentos e bifurcações de ruas. Os da esquerda, na direção da praia, eram caminhos sem calçamento que conduziam a uma região miserável e sombria; os da direita mostravam vistas de uma grandeza passada. Até ali eu não avistara quase ninguém na cidade, mas começaram a aparecer sinais esparsos de habitantes — janelas com cortinas aqui e ali e um automóvel desmantelado ocasional encostado no meio-fio. Pavimento e calçadas iam-se tornando cada vez menos

definidos e, não obstante a antigüidade da maioria das casas — construções de tijolo e madeira do começo do século XIX —, elas com certeza estavam em condições de ser habitadas. Como antiquário amador que eu era, quase esqueci a repulsa que o cheiro me provocava e a sensação de ameaça e aversão em meio àqueles restos ricos e inalterados do passado.

Mas eu não haveria de chegar ao meu destino sem uma impressão muito forte de uma característica muitíssimo desagradável. O ônibus havia parado numa espécie de praça ou centro de irradiação com igrejas dos dois lados e os restos sujos de um gramado circular no centro, e eu estava olhando para um grande edifício público sustentado com colunas na rua da direita à minha frente. O edifício, que já fora pintado de branco, estava agora cinzento e descascado, e a placa preta e dourada no frontão estava tão gasta, que foi com dificuldade que consegui distinguir as palavras "Ordem Esotérica de Dagon". Era esta então a antiga casa maçônica agora entregue a um culto infame. Enquanto eu me esforçava para decifrar a inscrição, minha atenção foi atraída pelos sons estridentes de um sino rachado do outro lado da rua e virei-me depressa para olhar pela janela do meu lado do ônibus.

O som vinha de uma igreja de pedra de torre achatada cuja idade era decerto posterior à da maioria das outras construções, construída num estilo gótico deturpado e com um porão mais alto que o normal, com as janelas de persianas fechadas. Apesar de o relógio não ter ponteiros na face que eu avistava, eu sabia que aquelas badaladas roufenhas estavam marcando as onze horas. De repente, toda noção de tempo apagou-se com o aparecimento repentino de uma figura muito marcante e do horror indizível que me possuiu antes de me dar conta do que se tratava. A porta do porão da igreja abriu-se, deixando entrever um retângulo de escuridão no interior. Enquanto eu olhava, um certo objeto cruzou, ou pareceu cruzar, aquele retângulo escuro, fazendo meu cérebro arder com a imagem instantânea de um pesadelo que era ainda mais alucinante, porque, à luz de uma análise, não lhe restaria a menor característica de pesadelo.

Era um objeto vivo — o primeiro com exceção do motorista que eu via desde a entrada na parte mais compacta da cidade — e, estivesse eu com maior equilíbrio mental, não veria nada de aterrorizante nele. Tratava-se, com toda certeza, como percebi um instante depois, do pastor, trajando alguma roupa peculiar por certo introduzida desde que a Ordem

de Dagon havia modificado o ritual dos templos locais. A coisa que captou meu primeiro olhar subconsciente produzindo o traço de horror bizarro foi, talvez, a tiara alta que ele usava, uma duplicata quase perfeita de uma que a srta. Tilton havia-me mostrado na noite anterior. Aquilo, agindo em minha imaginação, tinha emprestado qualidades sinistras ao rosto impreciso e ao vulto de batina bamboleando por baixo dela. Não havia, como eu logo me conscientizei, a menor razão para ter sentido aquele traço apavorante de paramnésia maligna. Não seria natural que um culto secreto local adotasse, como parte de seu aparato, um tipo exclusivo de chapéu que, de alguma maneira especial, fosse familiar à comunidade — como um tesouro encontrado, talvez?

Uma pequena quantidade muito espalhada de pessoas jovens de aspecto repelente fizera-se visível então nas calçadas — pessoas isoladas e grupos silenciosos de duas ou três. Os pisos térreos das casas deterioradas abrigavam pequenas lojas ocasionais com placas esquálidas e pude notar um ou dois caminhões estacionados enquanto avançávamos sacolejando. O ruído de queda d'água foi-se intensificando até que eu avistei uma garganta de rio bastante profunda à frente cortada por uma larga ponte com peitoris de ferro que terminava numa ampla praça. Enquanto cruzamos a ponte com grande estrépito, notei alguns barracões de fábrica à beira das encostas cobertas de mato ou nos próprios declives. A água corria com abundância mais abaixo e pude perceber dois conjuntos de quedas d'água vigorosos rio acima, à minha direita, e pelo menos um rio abaixo, à minha esquerda. Naquele ponto, o barulho era ensurdecedor. O ônibus cruzou a ponte para a grande praça semicircular do outro lado do rio e encostamos no lado direito, à frente de um edifício alto coroado por uma cúpula com restos de pintura amarela e uma placa meio apagada proclamando tratar-se da Gilman House.

Fiquei aliviado por sair daquele ônibus e fui de imediato me registrar no saguão daquele hotel ordinário. Só havia uma pessoa à vista — um velho sem aquilo que eu viera a chamar de "jeito de Innsmouth" —, mas resolvi não lhe fazer nenhuma das perguntas que me preocupavam ao recordar que coisas estranhas haviam sido notadas neste hotel. Preferi dar uma caminhada pela praça, que já havia sido abandonada pelo ônibus, e estudar o ambiente com minuciosa atenção.

Um lado do espaço aberto e calçado de pedregulhos era a linha reta do rio; o outro era um semicírculo com construções de tijolos de telhados

oblíquos de 1800, ou perto disso, de onde saiam várias ruas para sudeste, sul e sudoeste. As lâmpadas eram poucas e pequenas — todas de tipo incandescente e baixa potência — e me agradou lembrar que pretendia partir antes de escurecer, mesmo sabendo que o luar seria intenso. As construções estavam todas bem conservadas e contavam uma dúzia, talvez, de lojas em funcionamento: uma delas um armazém da cadeia First National, outras um restaurante sombrio, uma farmácia e um escritório de atacadista de pescado e, ainda, no extremo leste da praça, perto do rio, o escritório da única indústria da cidade: a Marsh Refining Company. Havia umas dez pessoas visíveis, talvez, e quatro ou cinco automóveis e caminhões esparsos encostados por ali. Ninguém precisaria dizer-me que ali era o centro cívico de Innsmouth. Para o leste, eu pude captar vislumbres azulados do porto, contra os quais se erguiam os restos decadentes de três campanários em estilo georgiano que algum dia deviam ter sido bonitos. E, na direção da praia, na margem oposta do rio, avistei a torre branca erguendo-se acima do que tomei pela refinaria Marsh.

Por algum motivo, resolvi iniciar meu inquérito na loja da cadeia de armazéns, cujos funcionários com certeza não deviam ser nativos de Innsmouth. Encontrei um rapaz solitário, com cerca de dezessete anos, no atendimento, e me agradou notar a vivacidade e a afabilidade que prometiam entusiásticas informações. Ele me pareceu ansioso para falar e logo percebi que ele não gostava do lugar, de seu cheiro de peixe nem de sua gente furtiva. Conversar com algum forasteiro era um alívio para ele. Ele era de Arkham, alojara-se com uma família proveniente de Ipswich e saía da cidade sempre que tinha uma folga. Sua família não gostava que ele trabalhasse em Innsmouth, mas a loja o havia transferido para ali e ele não quisera desistir do emprego.

Segundo me contou, não havia em Innsmouth nenhuma biblioteca pública nem câmara de comércio, mas eu decerto conseguiria dar um jeito. A rua por onde eu havia chegado era a Federal. A oeste dela ficavam as velhas ruas residenciais elegantes — Broad, Washington, Lafayette e Adams — e a leste, a beira-mar, ficavam as favelas. Era nessas favelas — ao longo da Main Street — que eu poderia encontrar as antigas igrejas em estilo georgiano, mas elas estavam desde há muito abandonadas. Não seria bom, por exemplo, ser visto nessas vizinhanças — em especial ao norte do rio —, onde as pessoas eram emburradas e hostis. Alguns forasteiros haviam até desaparecido.

Certos locais eram territórios quase proibidos, como ele havia aprendido a duras penas. Por exemplo, não convinha demorar-se muito por perto da refinaria Marsh, ou de alguma das igrejas ainda em uso, ou nas cercanias da Casa da Ordem de Dagon em New Church Green. Essas igrejas eram muito estranhas — todas repudiadas com veemência pelas respectivas ordens de outros lugares e usando tipos dos mais esquisitos de rituais e paramentos. Seus cultos eram heterodoxos e misteriosos, envolvendo sugestões de transformações mágicas que conduziriam à imortalidade física — de algum tipo — nesta Terra. O pastor do jovem — o dr. Wallace da Asbury M. E. Church em Arkham — havia-lhe recomendado não participar de nenhum culto em Innsmouth.

Quanto à população de Innsmouth, o jovem mal sabia o que dizer a seu respeito. Eram esquivos e poucas vezes vistos, como animais que vivem em tocas, e mal se poderia imaginar como gastavam o tempo, exceto pela pesca inconstante. Talvez — a julgar pela quantidade de bebidas contrabandeadas que consumiam — eles gastassem a maior parte do dia em estupor alcoólico. Eles pareciam enturmados numa espécie de camaradagem e entendimento sombrios — desprezando o mundo como se tivessem acesso a outras esferas de existência preferíveis. Sua aparência — em especial aqueles olhos arregalados que não piscavam e que ninguém jamais vira fechados — era por demais chocante, e as suas vozes, repulsivas. Era horrível ouvi-los entoando hinos nas suas igrejas à noite e mais ainda durante suas festividades religiosas principais que aconteciam duas vezes por ano, em 30 de abril e 31 de outubro.

Eram muito ligados à água e nadavam bastante, tanto no rio como no porto. As disputas de natação até o Devil Reef eram muito comuns e todos pareciam capazes de participar dessa exigente competição esportiva. Pensando nisso, as pessoas vistas em público eram quase todas jovens, e os mais velhos desses pareciam ter o aspecto mais decadente. As exceções, quase sempre, eram pessoas sem nenhum sinal de aberração, como o velho funcionário do hotel. Era de se pensar o que teria acontecido com o grosso dos mais velhos e se o "jeito de Innsmouth" não seria um fenômeno mórbido insidioso e estranho cuja incidência aumentasse com a idade.

Só uma doença muito rara, por certo, poderia provocar transformações anatômicas tão fortes e radicais num mesmo indivíduo depois da maturidade — transformações envolvendo fatores ósseos tão básicos como o formato do crânio —, mas mesmo esse aspecto não era

mais intrigante e inaudito do que as manifestações visíveis da enfermidade em si. Seria difícil tirar alguma conclusão consistente sobre isso, insinuou o jovem, pois, por mais que alguém vivesse em Innsmouth, jamais conseguiria conhecer os nativos em pessoa.

O jovem tinha a certeza de que muitos espécimes ainda piores do que os piores visíveis viviam trancados dentro das casas em alguns locais. Sons muito esquisitos foram escutados algumas vezes. Era sabido que os casebres estropiados do cais ao norte do rio eram interligados por túneis ocultos, constituindo um verdadeiro viveiro de aberrações invisíveis. Qual tipo de sangue estrangeiro essas criaturas tinham — se tinham — era algo impossível de se saber. Elas mantinham alguns tipos repulsivos demais escondidos quando funcionários públicos e outras pessoas de fora apareciam na cidade.

Não valeria à pena, disse-me o meu informante, perguntar aos nativos alguma coisa sobre o lugar. O único que falaria era um homem muito idoso, mas de aparência normal, que vivia no asilo na periferia norte da cidade e matava o tempo andando de um lado para outro e fazendo hora no Corpo de Bombeiros. Essa figura tosca, Zadok Allen, tinha 96 anos e não regulava bem da cabeça, além de ser o bêbado da cidade. Era uma criatura esquisita, furtiva, que vivia olhando por cima dos ombros como se tivesse medo de alguma coisa e, quando estava sóbrio, nada conseguia persuadi-lo a conversar o que quer que fosse com estranhos. Mas era incapaz de resistir a um convite ao seu veneno predileto e, uma vez bêbado, segredaria fragmentos de lembranças estarrecedores.

No fim das contas, porém, poucas informações úteis poderiam ser extraídas dele. Suas histórias eram todas insinuações incompletas e malucas de prodígios e horrores impossíveis sem outra fonte que não a sua própria e confusa imaginação. Ninguém lhe punha fé, mas aos nativos desagradava que ele bebesse e conversasse com estranhos, e nem sempre era seguro ser visto fazendo-lhe perguntas. Era com certeza dele que partiam alguns dos mais alucinados rumores e fantasias.

Muitos moradores não-nativos haviam registrado aparições monstruosas ocasionais, mas, entre as histórias do velho Zadok e os moradores disformes, não é de se admirar que essas fantasias fossem corriqueiras. Nenhum não-nativo ficava fora de casa até tarde da noite; a impressão generalizada era que isso não seria recomendável. Ademais, uma escuridão tenebrosa envolvia as ruas.

Quanto aos negócios, a abundância de peixes era quase sinistra, por certo, mas os nativos beneficiavam-se cada vez menos disso. Além do mais, os preços estavam caindo e a concorrência crescendo. O verdadeiro empreendimento da cidade era, com certeza, a refinaria, cujo escritório comercial ficava na praça, algumas portas a leste de onde nós estávamos. O Velho Marsh jamais era visto, mas às vezes ia à fábrica num carro fechado e protegido por cortinas.

Corria toda sorte de rumores sobre a aparência de Marsh. Ele já havia sido um grande dândi e as pessoas diziam que ele ainda usava a sobrecasaca do período eduardino adaptada, de uma maneira curiosa, para algumas deformidades. Seus filhos haviam administrado anteriormente o escritório na praça, mas nos últimos tempos não eram muito vistos, tendo deixado o grosso dos negócios para a geração mais nova. Os filhos e suas irmãs haviam adquirido uma aparência muito singular, em especial os mais velhos, e corria que eles não gozavam de boa saúde.

Uma das filhas de Marsh era uma mulher repulsiva com feições de réptil que usava um exagero de jóias misteriosas da mesma tradição exótica da curiosa tiara. Meu informante já as havia visto diversas vezes e ouvira dizer que elas vinham de algum tesouro secreto de piratas ou demônios. Os padres — ou sacerdotes, ou seja lá como são chamados hoje em dia — também usavam ornamentos desse tipo nas cabeças, mas era raro vê-los. Outros exemplares o jovem não vira, mas corriam rumores de que havia vários nos arredores de Innsmouth.

Os Marsh, assim como as outras três famílias abastadas da cidade — os Wait, os Gilman e os Eliot — eram muito reservados. Moravam em casas enormes ao longo da Washington Street e vários deles tinham a reputação de abrigar escondidos alguns parentes vivos cuja aparência pessoal era ocultada da visão do público e cujas mortes haviam sido noticiadas e registradas.

Prevenindo-me de que muitas placas de rua haviam caído, o jovem desenhou para me ajudar um esboço de mapa tosco, mas amplo e meticuloso, dos principais pontos de referência da cidade. Depois de estudá-lo algum tempo, achei que me seria de grande utilidade e coloquei-o no bolso em meio a profusos agradecimentos. A sujeira do único restaurante que eu encontrei me deixou nauseado e tratei de comprar um bom suprimento de biscoitos de queijo e wafers de gengibre, que me serviriam de almoço mais tarde. Decidi que meu programa seria percorrer

as ruas principais, conversar com todo não-nativo que pudesse encontrar e tomar o ônibus das oito da noite para Arkham. A cidade, como eu podia perceber, era um exemplo significativo e exagerado de decadência comunal, mas, não sendo nenhum sociólogo, eu limitaria minhas observações sérias ao campo da arquitetura.

E foi assim que eu iniciei minha visita sistemática e um tanto desordenada às ruas estreitas e soturnas de Innsmouth. Cruzando a ponte e virando na direção do rugido das quedas d'água inferiores, passei perto da refinaria Marsh, à qual parecia faltar o ruído típico de uma indústria. Essa construção ficava acima da margem íngreme do rio, perto da ponte e de uma confluência espaçosa de ruas que tomei como sendo o antigo centro cívico, substituído depois da revolução pelo atual na Town Square.

Cruzando de volta a garganta pela ponte da Main Street, dei com uma região por completo deserta que me deu calafrios sem eu saber por quê. Uma profusão de telhados arruinados de duas águas formava uma silhueta recortada e fantástica acima da qual se erguia o campanário fantasmagórico e truncado de uma antiga igreja. Algumas casas da Main Street estavam habitadas, mas a maioria estava fechada hermeticamente por tábuas. Descendo por ruas laterais sem calçamento, eu vi as janelas escuras escancaradas de casebres desertos, muitos deles se inclinando em ângulos perigosos e inacreditáveis desde a parte enterrada das fundações. Essas janelas pareciam de tal forma espectrais, que precisei de coragem para virar para o leste na direção da zona portuária. O terror provocado por uma casa deserta aumenta em progressão geométrica, e não aritmética, quando as casas multiplicam-se para formar uma cidade em completo abandono. A vista daquelas avenidas intermináveis de um suspeito abandono e paralisia e a idéia de uma imensidão de recintos escuros interligados abandonados às teias de aranha, às memórias e ao verme conquistador provocava pavores e repulsas residuais que a mais sólida filosofia seria incapaz de desfazer.

A Fish Street estava tão deserta quanto a Main, mas se diferenciava dessa pelos muitos armazéns de pedra e tijolo ainda em excelente estado. A Water Street era quase uma duplicata dela, salvo pelos grandes espaços vazios do lado do mar onde antes estavam as docas. Não havia viva alma à vista, exceto os pescadores espalhados no quebra-mar distante, e não se ouvia o menor som, salvo o marulho das águas no porto e o rugido das quedas do Manuxet. A cidade estava deixando-me cada vez mais inquieto,

fazendo-me olhar furtivamente para trás enquanto tomava o caminho de volta para a cambaleante ponte da Water Street. A ponte da Fish Street, segundo o esboço, estava em ruínas.

Ao norte do rio havia traços de vida miserável — casas de acondicionar peixes na Water Street, chaminés fumegando e telhados remendados aqui e ali, sons ocasionais de fontes indeterminadas e raras formas cambaleantes nas ruas soturnas e becos não pavimentados —, mas isto me pareceu ainda mais opressivo que o abandono do lado sul. Em primeiro lugar, as pessoas eram mais repulsivas e anormais do que as de perto do centro da cidade, fazendo-me recordar, muitas vezes, de algo de todo fantástico que eu não conseguia situar muito bem. A marca estrangeira na gente de Innsmouth era com certeza mais forte aqui do que mais para o interior — a menos, é certo, que o "jeito Innsmouth" fosse mais uma doença que uma marca hereditária, caso em que este bairro devia ser mantido para abrigar os casos mais adiantados.

Um detalhe que me incomodava era a distribuição dos poucos e tênues sons que eu ouvia. Seria natural que eles saíssem das casas visivelmente habitadas, mas, na realidade, muitas vezes eles eram mais fortes no interior das fachadas mais bem bloqueadas com madeira. Havia estalidos, correrias e ruídos ásperos e imprecisos que me provocavam uma perturbadora recordação dos túneis secretos sugeridos pelo rapaz do armazém. De repente, eu me vi imaginando como seriam as vozes daqueles moradores. Eu não havia escutado nenhuma fala até então naquele bairro e não estava ansioso por ouvi-la.

Tendo parado apenas o suficiente para observar duas velhas igrejas bonitas mas em ruínas das Main e Church Streets, apressei-me para sair daquela ímpia favela costeira. Meu destino lógico seguinte era o New Church Green, mas por alguma razão não pude suportar a idéia de passar de novo na frente da igreja em cujo porão eu havia vislumbrado a forma assustadora daquele padre ou pastor com o estranho diadema. Ademais, o rapaz do armazém me havia dito que as igrejas, bem como a Casa da Ordem de Dagon, não eram vizinhanças recomendáveis para forasteiros.

Assim, prossegui no sentido norte ao longo da Main Street para a Martin e depois virei para o interior, cruzando com segurança a Federal Street ao norte da Green, entrando no decadente bairro aristocrático das Broad, Washington, Lafayette e Adams Streets ao norte. Embora essas velhas e imponentes avenidas estivessem maltratadas, sua dignidade

sombreada por olmos não havia desaparecido por completo. Mansão após mansão atraía meu olhar, a maioria delas decrépita e fechada com tábuas em meio a terrenos abandonados, mas uma ou duas de cada rua revelavam sinais de ocupação. Na Washington Street, havia uma fileira de quatro ou cinco em condição excelente com jardins e gramados bem cuidados. A mais suntuosa dessas — com amplos canteiros em escada estendendo-se até a Lafayette Street — eu tomei como sendo a casa do velho Marsh, o desgraçado proprietário da refinaria.

Em todas essas ruas não se via viva alma, e me surpreendia a absoluta ausência de cães e gatos em Innsmouth. Outra coisa que me intrigou e perturbou mesmo nas mansões mais bem preservadas foi a condição de total vedação de muitas janelas de terceiro pavimento e de sótão. Tudo parecia furtivo e secreto nessa cidade silenciosa de alienação e morte, e não pude me furtar à sensação de estar sendo observado de todos os lados, às ocultas, por olhos arregalados e furtivos que jamais se fechavam.

Estremeci quando as badaladas estridentes deram três horas num campanário à minha esquerda. Lembrava-me bem demais da igreja de onde vinham aqueles sons. Seguindo pela Washington Street até o rio, eu percorria então uma nova zona de comércio e indústria antigos, notando as ruínas da fábrica à frente e observando outras, com vestígios de uma velha estação ferroviária e uma ponte ferroviária coberta mais além sobre a garganta à minha direita.

A ponte vacilante agora à minha frente exibia uma placa de advertência, mas assumi o risco e cruzei-a de novo para a margem sul onde os vestígios de vida reapareceram. Criaturas furtivas e cambaleantes dirigiam olhares interrogativos em minha direção e os rostos mais normais me escrutinavam com frieza e curiosidade. Innsmouth estava tornando-se intolerável muito depressa, e eu virei para Paine Street na direção da praça na esperança de arrumar algum veículo que me levasse para Arkham antes do ainda distante horário de saída daquele ônibus sinistro.

Foi então que eu vi o arruinado edifício do Corpo de Bombeiros à minha esquerda e notei o velho rubicundo de barba hirsuta, olhos aquosos e roupas esfarrapadas sentado num banco à sua frente junto com um par de bombeiros desleixados mas de aparência normal. Este devia ser, com certeza, Zodak Allen, o nonagenário beberrão e meio louco cujas histórias sobre a velha Innsmouth e suas sombras eram tão repulsivas e incríveis.

III

Deve ter sido algum diabinho da perversidade — ou algum irônico impulso de origem obscura e misteriosa — que me fez mudar os planos. Eu já havia decidido, desde há muito, limitar minhas observações à arquitetura e estava caminhando em passo acelerado na direção da praça para tentar conseguir um transporte rápido para sair daquela cidade corrompida de morte e dissolução, mas a visão do velho Zadok Allen deu uma nova direção a meus pensamentos, fazendo-me arrefecer o passo.

Garantiram-me que o velho não poderia fazer nada além de insinuar lendas bárbaras, incríveis, desconjuntadas e advertiram-me que não era seguro, por causa dos nativos, ser visto conversando com ele, mas a idéia dessa testemunha antiga da degradação da cidade, com memórias que remontavam aos primeiros tempos dos navios e das fábricas, era uma isca que uma montanha de razão não me faria resistir. Afinal, os mitos mais estranhos e mais loucos não passam, muitas vezes, de símbolos ou alegorias baseados na realidade — e o velho Zadok devia ter assistido a tudo que se passara em Innsmouth nos últimos noventas anos. A

curiosidade sobrepôs-se à sensatez e à cautela e, com toda minha presunção de jovem, imaginei que seria capaz de peneirar um miolo de história real do jorro confuso e extravagante que decerto conseguiria extrair com o concurso do uísque puro.

Sabia que não poderia abordá-lo ali, naquele momento, pois os bombeiros com certeza perceberiam e impediriam. Pensei então que seria melhor me preparar comprando uma bebida clandestina num local em que, segundo o rapaz da venda, havia de sobra. Depois eu ficaria vadiando perto do posto dos bombeiros como quem não quer nada e bateria com o velho Zadok quando ele saísse para uma de suas freqüentes perambulações. O rapaz me dissera que ele era muito irrequieto e quase nunca ficava sentado perto do posto mais de uma ou duas horas de cada vez.

Consegui com facilidade uma garrafa de um quarto de litro de uísque a um preço salgado nos fundos de uma esquálida loja de bugigangas na Eliot Street, logo na saída da praça. O sujeito mal-encarado que me atendeu tinha um quê do olhar fixo do "jeito de Innsmouth", mas tinha modos bastante civilizados, acostumado que estava, talvez, ao convívio com os forasteiros — caminhoneiros, compradores de ouro, gente assim — que passavam às vezes pela cidade.

Voltando à praça, percebi que a sorte estava do meu lado quando vislumbrei — arrastando os pés pela Paine Street e dobrando a esquina da Gilman House — nada menos que o vulto alto, magro e esfarrapado do velho Zadok Allen. Obedecendo meu plano, atraí a sua atenção brandindo a garrafa recém-comprada e não demorou para notar que ele começara a arrastar os pés esperançoso no meu encalço enquanto eu dobrava a esquina para a Waite Street a caminho da região mais deserta que pude imaginar.

Eu estava orientando-me pelo mapa que o rapaz da venda havia preparado e queria chegar ao trecho em total abandono na parte sul do cais que havia visitado mais cedo. As únicas pessoas que eu havia visto por lá foram os pescadores no quebra-mar distante e, caminhando alguns quarteirões para o sul, eu poderia ficar fora do alcance visual deles, encontrar um par de assentos em algum molhe abandonado e ficar à vontade para interrogar o velho Zadok sem ser observado, pelo tempo que fosse necessário. Ainda não havia chegado à Main Street quando ouvi um "Ei, senhor!" fraco e ofegante às minhas costas e permiti que o velho me alcançasse e desse várias bicadas na garrafa. Comecei a jogar uns verdes enquanto seguíamos em meio àquela desolação onipresente e às ruínas

oblíquas, mas logo percebi que a língua do ancião não se soltaria com a facilidade que eu esperava. Enxerguei enfim um caminho coberto de mato na direção do mar entre paredes de tijolos ruídas com o prolongamento de um cais de terra e alvenaria projetando-se para além do mato. As pedras cobertas de musgo empilhadas perto da água prometiam assentos toleráveis e o cenário ficava protegido da vista por um armazém em ruínas ao norte. Achei que ali seria um lugar ideal para uma longa conversa secreta e tratei de conduzir meu acompanhante pelo caminho e escolher lugares para nos sentarmos entre as pedras musgosas. O ar de morte e abandono era terrível e o fedor de peixe quase insuportável, mas eu estava decidido que nada me deteria.

Restavam cerca de quatro horas para conversar se eu quisesse pegar o ônibus das oito para Arkham, e tratei de injetar mais álcool no velho beberrão enquanto comia minha refeição frugal. Tive o cuidado de não passar do limite com minha generosidade para a tagarelice etílica de Zadok não afundar num estupor mudo. Uma hora depois, sua furtiva taciturnidade deu mostras de ceder, mas, para meu desconsolo, ele continuava esquivando-se de minhas perguntas sobre Innsmouth e seu tenebroso passado. Exprimia-se de maneira confusa sobre assuntos correntes, revelando grande familiaridade com jornais e uma forte tendência para filosofar à maneira sentenciosa dos vilarejos.

Quando a segunda hora estava esgotando-se, temi que a minha garrafa de uísque não fosse suficiente e estava pensando se devia abandonar o velho Zadok para ir buscar mais quando o acaso proporcionou a abertura que minhas perguntas não haviam conseguido e as divagações do velho arquejante tomaram um rumo que me fez inclinar para perto dele e ouvir com a maior atenção. Eu estava de costas e ele de frente para o mar malcheiroso quando alguma coisa fez o seu olhar erradio fixar-se no contorno baixo e distante do Devil Reef, que se exibia por inteiro e fantasmagórico acima das vagas. A vista pareceu deixá-lo perturbado, pois ele soltou uma série de imprecações em voz baixa que terminaram num sussurro confidencial e um olhar de esguelha. Ele inclinou-se para mim, agarrou as lapelas de meu casaco e soprou algumas pistas que não permitiam equívocos.

“Foi lá que tudo começou... naquele lugá amardiçoado com toda a mardade onde começa as água profunda. Porta do inferno... desce a pique pra uma profundidade que sonda nenhuma não consegue arcançá. O veio

cap'tão Obed fez... ele que adescobriu mais do que divia nas ilha dos Mar do Sul".

"Tava todo mundo na pió naqueles tempo. Comércio caindo, usinas perdendo negócio... mermo as nova... e nossos melhó rapaiz matado na pirataria na guerra de 1812 perdido com o brigue *Elizy* e a barcaça *Ranger,* os dois negócio do Gilman. Obed Marsh, ele tinha treis navio no mar, o bergatim *Columby,* o brigue *Hetty* e a barca *Sumatry Queen.* Foi o único que manteve o comércio com as índia Orienta e o Pacifico, embora a goleta *Malay Bride* de Esdras Martin fez negócio até vinte e oito".

"Nunca teve arguém como cap'tão Obed... diabo velho! Ré, ré! Posso até vê ele falano das estranjas e chamano todos os rapazes de besta pruquê eles ficá ino nas reunião de Natal e suportano suas dô com humirdade. Diz que era bom eles arranja uns deus meió como os daqueles cara das India; uns deus qui dava boa pescaria preles em troca deles fazê sacrifícios e atendia de verdade as prece dos rapaiz".

"Matt Eliot, seu imediato, falava um bocado tombem, só qu'ele era contra os rapaiz fazê coisas pagã. Falava duma ilha pra leste de Otaiti onde tinha uma porção de ruína de pedra tão veia, que ninguém não sabia o que era, meio como as de Ponape nas Carolina, mas com os rosto escurpido dum jeito que parecia as estáuta gigante da Ilha da Páscoa. Tinha uma ilhota vurcânica lá por perto, tombem, onde tinha ruína com escurtura diferente..., umas ruína muito gasta, como seja tivesse ficado debaixo do mar, e com uns desenhos de monstros horríver nelas".

"Beim, seu, Matt diz que os nativo de lá conseguia todo us pexe que pudia pega, e usava bracelete, e pursera, e enfeites de cabeça feito dum tipo de oro estranho e coberto de imagem de monstro como as escurpida nas ruína da ilhota: meio rã com jeito de pexe ou pexe com jeito de rã, riscada em tudo quanto é tipo de posição como se fosse gente. Ninguém num conseguiu sabe deles onde eles tinha arranjado aquilo tudo, e todos os otros nativo não sabia dizê como eles podia consegui tanto pexe quando nas ilhas bem perto não dava quase nada. Matt também ficava cismado e o cap'tão Obed também. Obed percebe tombem que um monte de rapaiz bunito sumia de vista um tempão todo us ano, e que não tinha muitos cara mais veio pur lá. Ele tombem acho que uns cara tinha um jeito muito estranho mesmo pra polinésio".

"Foi preciso Obed pra arranca a verdade daqueles pagão. Num sei como que ele feiz, mas começou a negocia aquelas coisa parecida com oro

qui eles usava. Preguntô de onde que elas vinha e se eles pudia arranja mais, e finarmente arranco a história du veio chefe. Walakea, era assim que chamavo ele. Ninguém fora de Obed não ia acredita no veio diabo gritalhão, mas o cap'tão pudia lê sujeito assim como um livro. Ré, ré! Ninguém acredita nimim agora quando eu conto, e num acho que ocê vai acredita, rapaizim..., embora, quando a gente oia procê, cê tem aqueles óio aceso como os do Obed".

O sussurro do velho foi ficando mais fraco e senti um estremecimento com a gravidade franca e terrível de seu tom, mesmo sabendo que a sua história podia não passar da fantasia de um bêbado.

"Beim, seu, Obed sabia que tein coisa nessa arte que a maioria dos caras nunca oviu falá... e não ia acredita se ovisse. Parece que esses canaca sacrificava seus próprio rapaiz e donzela pra uns tipo de coisas-deus que vive debaixo do mar e ganhava todo tipo de recompensa em troca. Eles encontrava as coisas na ilhazinha co'as ruínas estranha e parece que aqueles terríver pintor de monstros râ-pexe devia de sê os pinto dessas coisas. Tarvez eles era o tipo de criatura que começo todas as história de sereia. Eles tinha todo tipo de cidade no fundo do mar, e essa ilha levanto de lá. Parece que tinha argumas coisa viva nos prédio de pedra quando a ilha subiu de repente pra cima. Foi assim que os canaca ficô sabendo queles tava lá. Falaro por sinars assim que elis perdero o pavô, e não demoro pra eles arruma umas barganha".

"Aquelas coisa gostava de sacrifícios humano. Fizero eles muito tempo antes, mas perdero o rumo do mundo de cima dispois de um tempo. O que eles fazia com as vítima não é comigo, e acho que Obed não foi besta de preguntá. Mas tava tudo bem pros pagão, pruque eles tava numa pió e tava desesperado com tudo. Eles até dava um certo número de jovens pras coisas do mar duas veiz por ano, vespra de I^{o} de maio e de Halloween, sempre que podia. Sabe, eles podia vive tanto dentro como fora d'água; é o que chamam de anfíbis, eu acho. Os canaca dizia pra eles que os cara das outras ilhas podia querê acaba com eles se sobesse que eles era ansim, mas eles dizia que não ligava pra isso pruque podia acaba com toda a raça humana se quisesse, qué dizê, com quarqué um que não tivesse certos sinars como os que era usado antigamente pelos antigos, seja lá quem for. Mas não querendo se incomoda, eles se escondia bem no fundo quando arguém visitava a ilha".

“Quando tinha que lida com os pexe com jeito de sapo, os canaca meio que latia, mas acabaro aprendeno arguma coisa que deu uma cara nova pra questão. Parece que os cara humano conseguira uma espécie de relação com as besta da água, que tudo que era vivo saiu da água arguma vez e só precisa de um poco de mudança pra vortá de novo. As coisa dissera pros canaca que se eles misturasse os sangue podia nasce criança com cara de gente no começo, mas que dispois elas ficava mais como as coisa, té que finarmente elas ia pra água pra se junta com o grosso das coisa por lá. E essa é a parte importante, garoto: os que virasse coisa pexe e entrasse na água não morria nunca mais. As coisas nunca morria se não fosse matada com violência”.

“Beim, seu, parece que, quano Obed conheceu aqueles ilhota, eles tava cheio de sangue de pexe das coisa das água profunda. Quando eles ficara veio e começaro a mostra, eles era deixado escondido até senti com vontade de ir pra água e deixa o lugar. Arguns era mais ensinado qui os outro, e arguns nunca não mudô o que precisava para ir pra água, mas a maioria ficô bem do jeito que as coisa dizia. Os que tinha nascido mais parecido com as coisa mudava logo, mas os que era quase humano as veiz ficava na ilha té que tinhas mais de setenta, embora eles gerarmente ia pro fundo numas viage de teste antes daquilo. Os rapaiz que ia pra água gerarmente vortava bastante pra visita, de manera que um home muitas vezes podia tar falando com seu próprio cinco vez avô que tinha saído da terra seca uns duzentos ano pra traiz”.

“Todo mundo largava a idéia de morre..., menos nas guerra de canoa com os morado das outras ilha, ou nos sacrifício pros deus do mar lá em baixo, ou mordida de cobra, ou peste, ou doença galopante, ou de arguma coisa antes deles pode ir pra água... Mas só ficava esp’rando um tipo de mudança que não era nem um poco horríver dispois de um tempo. Eles achava que o que recebia valia tudo que eles tinha deixado pra traiz... e eu acho que o Obed, ele mesmo acabo achano a mesma coisa quando penso um pouco no causo de Walakea. Mas Walakea foi um dos poco que num tinha nenhum sangue de pexe..., pois era de sangue rear que tinha casado com gente de sangue rear de otras ilhas”.

“Walakea mostro pra Obed uma porção de rito e encantamento que tinha a vê co’as coisa do mar e deixo ele vê arguns rapaiz da ardéia que tinha mudado bastante da forma humana. De um jeito o de outro, nunca deixo ele vê umas das coisa que saía sempre da água. No finar, ele deu pra

ele um bejeto engraçado feito de chumbo, o sei lá oquê, que ele dizia que podia trazê as coisa pexe de qualquer lugá de debaixo d'água onde pudesse tê uma ninhada delas. A idéia era atira a coisa pra baixo com o tipo certo de reza e procura. Walakea garantia que as coisa tava espalhada pelo mundo todo, e que quem procurasse podia encontra uma ninhada delas e puxa elas se quisesse".

"Matt não gostou nada desse negoço e queria que Obed ficasse longe da ilha, mas o cap'tão tava loco por dinheiro e acho que podia consegui aquelas coisas parecida com oro tão barata, que valia a pena se especializa naquilo. As coisas ficaro daquele jeito durante muito anos, e Obed conseguiu bastante daquela coisa parecida com oro pra pode começa a refinaria na velha usina do Waite que estava se acabano. Ele não arriscava vende as peça como elas era, porque as gente ia ficá fazeno pergunta o tempo todo. Mesmo assim, as tripulação dele de veiz em quando arrumava um pedaço, mesmo jurando que não ia abri a boca, e ele deixava suas mulhé usar argumas peça que tinha mais jeito humano que as outra".

"Bem, ali por perto de trinta e oito, quando eu tinha sete anos, Obed descobriu que o povo da ilha tinha sumido de vez entre uma viagem e otra. Parece que os morado das otras ilha tinha expursado eles e tomado conta de tudo. Magino que eles devia tê aqueles antigo sinar mágico qui as coisas do mar dizia que era as única que dava medo nelas. Sem falá no que quarqué canaca pode metê a mão quano o fundo do mar vomita arguma ilha com ruínas mais veia que o dilúvio. Uns bom mardito, eles era... Não deixaro nada de pé nem na ilha principar, nem na ilhota vurcânicafora as parte das ruína qui era grande dimais pra derruba. Narguns lugá, tinha umas pedrinha espaiada, como feitiço, com arguma coisa em cima como o que a gente chama de suástica hoje em dia. Decerto era os sinar dos antigos. Os cara tudo tinha sumido, nem chero das coisas parecida com ouro, e nenhum dos canaca das redondeza deixo escapa uma palavra sobre o assunto. Nem quisero admiti que tinha morado arguém naquela ilha".

"Aquilo foi muito duro pro Obed, é craro, ver que seu negócio normar não tava dando nada. E atingiu toda Innsmouth, também, porque, nos tempo da navegação, o que dava lucro pro mestre dum navio gerarmente dava lucro pra tripulação. A maioria dos rapaiz da cidade aceitaro os tempo duro meio que nem ovelha, resignado, mas eles também tava na pió, porque a pesca tava esgotano e as usina também num ia bem".

“Foi nesse tempo que Obed começo a mardizê os rapaiz por ser umas ovelha e reza prum Deus cristão que não ajudava nada eles. Ele dizia pra eles que conhecia uns cara que rezava pra uns deus que dava mesmo o que a gente precisava e que, se um bando de home apoiasse ele, tarveiz pudesse ganha certos pode para trazê uma montoeira de pexe e um montão de oro. É craro que os que servia na *Sumatra Queen* e tinha visto a ilha sabia o que ele quiria dizê, e não estava lá muito ansioso pra chega perto das coisas do mar tar como eles tinha ouvido falá, mas os que não sabia do que se tratava ficaro balançado pelo que Obed tinha pra dizê e começaro a pergunta pra ele o que que ele podia fazê para coloca eles no caminho da fé, para trazê fartura pra eles”.

Neste ponto o velho vacilou, resmungou e mergulhou num silêncio soturno e apreensivo, olhando com nervosismo por cima do ombro e depois voltando a fitar, como que fascinado, o recife negro distante. Quando lhe falei, ele não respondeu, deixando claro que eu teria que o deixar terminar a garrafa. A narração maluca que eu estava ouvindo me interessava muito, pois imaginava que seria algum tipo de alegoria tosca baseada na estranheza de Innsmouth, elaborada por uma imaginação ao mesmo tempo criativa e repleta de fragmentos de lendas exóticas. Nem por um instante acreditei que o relato tivesse a menor base material, mas ainda assim ele tinha um laivo de genuíno horror quando menos porque trazia referências a jóias estranhas com certeza relacionadas à tiara maléfica que eu havia visto em Newburyport. Talvez os ornatos tivessem vindo, afinal, de alguma ilha estrangeira, e era bem possível que as histórias alucinadas fossem mentiras do próprio Obed e não daquele velho beberrão.

Estendi a garrafa a Zadok, que a secou até a última gota. Era estranho como ele podia agüentar tanto uísque sem o menor traço de rouquidão na voz alta e esganiçada. Ele lambeu a boca da garrafa, enfiou-a no bolso e começou a balançar o corpo e murmurar para si mesmo. Inclinando-me para captar alguma palavra articulada que ele pudesse pronunciar, pensei ter visto um sorriso sardônico por baixo da barba hirsuta. Sim, ele estava mesmo articulando palavras e eu pude captar uma boa parte delas.

“Pobre Matt... Matt ele estava sempre contra... Tentou alinha os rapaiz do seu lado e tinha longas conversa com os pregado... Não adianto..., eles correu com o pasto congregacionar da cidade e o colega

metodista se mando... Nunca mais vi Resolved Babcock, o pasto batista... Ira de Jeová... Eu era uma criaturinha de nada, mas ovi o que ovi e vi o que vi... Dagon e Ashtoreth... Belial e Belzebu... Bezerro de Ouro e os ídolo de Canaã e dos Filisteus... Abominaçãos babilônicas... *Mene, mene, tekel, upharsin...”*.

Ele parou de novo e, pela aparência de seus olhos azuis aquosos, temi que estivesse à beira do estupor. Mas, quando eu toquei de leve em seu ombro, virou-se para mim com espantosa vivacidade e disparou mais algumas frases obscuras.

“Não me acredita, hein? Ré, ré, ré... Então só me diga, rapazinho, por que o cap’tão Obed e vinte outros rapaiz costumava rema inté o Devil Reef na calada da noite e canta umas coisas tão alto, que dava pra ouvi elas toda na cidade quando o vento tava de jeito? Me diga, hein? E me diga por que o Obed tava sempre jogando umas coisa pesada na água profunda do outro lado do recife onde o fundo desce como um penhasco mais fundo do que dá pra sonda? Me diga o que ele feiz com aquele bejeto de chumbo de forma estranha que Walakea deu pra ele? Hein, menino? E o que eles todos uivava na véspera de 1º de maio e de novo no Halloween seguinte? E por que os padre da nova igreja, uns cara acostumado de sê marinheiro, vestia aqueles manto estranho e se cobria com aquelas coisas parecida com ouro que Obed trazia? Hein?”

Os olhos azuis aquosos estavam quase alucinados e selvagens, e a barba branca suja parecia eriçada por uma corrente elétrica. E provável que o velho Zadok tenha me visto fazer um gesto de recuo, porque soltou uma casquinada maligna.

“Ré, ré, ré, ré! Começano a vê, hein? Tarveiz cê quisesse ser eu naqueles tempo, quando eu via coisas à noite no mar, da cúpula de minha casa. Ó, posso te dizê que os moleque tem ovidos grande, e eu não tava perdendo nada do que era fofocado sobre o cap’tão Obed e os rapaiz lá no recife! Ré, ré, ré! E que tar a noite que eu levei a luneta do barco do meu pai pra cúpala e vi o recife coalhado de vurtos que mergulho assim que a Lua subiu? Obed e os rapaiz tava num barquinho a remo, mas aí os vurto megulhô do lado da água profunda e não reapareceu... Que qui se acha de sê um moleque sozinho numa cúpala olhano *formas que não eram humanas!*... Hein?... Ré, ré, ré...”.

O velho estava ficando histérico e eu comecei a tremer, tomado por uma ansiedade indefinível. Ele pousou uma garra no meu ombro e a

maneira como o apertava não me pareceu muito amistosa.

"Magine que uma noite ocê visse alguma coisa pesada pairando sobre o bote do Obed além do recife e depois sobesse no dia seguinte que um rapazinho tinha sumido de casa. Ei! Arguém viu sinal de Hiram Gilman? Viu? E de Nick Pierce, e Luelly Waite, e Adoniram Saouthwick, e Henry Garrison? Ei? Ré, ré, ré, ré... Vurtos usano a linguage das mão..., aqueles com mãos enrolada..."

"Bein, seu, foi nesse tempo que Obed começo a ficá de pé de novo. As pessoa via suas treis filha usando coisas parecida com oro como nunca não tinha visto, e começo a sair fumaça da chuminé da refinaria. Outras gente tava prosperano também... Começou a dá pexe pra vale no porto, pronto para mata, e Deus sabe o tamanho das carga que nóis começamo a mandar pra Newsbury, Arkham e Boston. Foi aí que o Obed conserto o velho ramá ferroviário. Uns pescado de Kingsport ouviu falá da peixama e veio numa chalupa, mas eles todos se perdeu. Nunca ninguém viu mais eles. E bem aí nossos rapaiz organizo a Orde Esotérica de Dagon e compro a Casa Maçônica da Loja do Calvário pra ela... ré, ré, ré! Matt Eliot era um mação e não queria vende, mas ele sumiu de vista desd'aquela época".

"Lembre, não esto dizeno que Obed estava decidido a deixa as coisa tar como elas era naquela ilha dos canaca. Num acho que no começo ele quiria fazer quarqué mistura, nem criar nenhum minino para levar pra água e virá pexe com vida eterna. Ele quiria as coisas de oro e tava disposto a pagá caro, e acho que os otro ficaro sastisfeito por um tempo..."

"Lá por quarenta e seis, a cidade fez umas investigação por conta própria. Muita gente sumida..., muita pregação maluca nas reunião de domingo..., muito falatório sobre aquele recife. Acho que eu ajudei contano por Selectman Mowry o que eu tinha visto lá da cúpala. Teve um grupo uma noite que seguiu a turma do Obed até o recife, e eu ouvi uns tiro entre os barco. No dia seguinte, Obed e mais vinte dois tava na cadeia, e todo mundo fico pensando o que tava aconteceno e que tipo de acusação iam fazê contra ele. Deus, se alguém olhasse pra frente... umas duas semanas dispois, sem nada ser jogado no mar esse tempo todo..."

Zadok estava dando sinais de medo e exaustão, e deixei-o ficar em silêncio alguns instantes, mas olhando apreensivo para o relógio. Com a virada da maré, o mar estava subindo e o som das ondas pareceu despertá-lo. Recebi com satisfação a virada, pois, com a elevação da água, o fedor

de peixe não seria tão ruim. Mais uma vez me esforcei para captar os murmúrios do velho.

"Aquela noite horríver... eu vi eles. Eu tava na cúpala..., montes deles..., um enxame deles... sobre todo o recife e nadano pela enseada para Manuxet... Deus, o que aconteceu nas ruas de Innsmouth naquela noite... Eles chacoalharo nossa porta, mas o pai num abriu... Dispois ele saltou pela janela da cozinha com seu trabuco atrais de Selecman Mowry pra vê o que ele podia fazê... Murmúrios dos morto e moribundo..., tiros e gritaria..., gritos na 01'Square, e na Town Square e no New Church Green... abriro a cadeia..., proclamação... traição... dissero qui era de peste quando os caras veio e viram metadi de nossa gente sumida... Ninguém não tinha sobrado, fora os que tava com Obed e as coisas, ou ficô quieto... nunca mais que eu sube do meu pai..."

O velho estava ofegante e suava copiosamente. Seu aperto em meu ombro aumentou.

"Tava tudo limpo pela manhã..., mas tinha *traços*... Obed meio que tomo conta e diz que as coisas vão mudá... *Otros vai* participa co'a gente na congregação, e umas casa vai tê que recebe *hóspede*... Eles queria mistura como fez com os canaca, e ele não tava a fim de impedi. Foi longe, o Obed...; como um maluco no assunto. Ele diz que eles nos traiz pexe e tesoro e devia de tê o que eles quisesse dispois..."

"Nada devia de ser diferente do lado de fora, só que nós tinha que mantê segredo dos estrangeiro se nós sabia o que era bom pra nóis. Nois todos tinha que fazer o Juramento de Dagon, e despois teve um segundo e terceiro juramento que arguns de nóis feiz. Aqueles que ajudasse mais ia recebe prêmios especiar... muito oro. Não adiantava xiá, pois tinha um milhão deles por lá. Eles não queria subi e acaba co'a raça humana, mas, si fosse traído e obrigado, eles pudia fazê um monte nesse sentido. Nóis num tinha aqueles velho amuleto pra liquida eles como as gente dos Mar do Sul fazia, e aqueles canaca nunca entregava os seus segredo".

"Fazê bastante sacrifícios, e bugigangas servage, e abrigos na cidade quando eles quisesse, e eles deixaria muitos em paiz. Não ia perturba nenhum estrangeiro que pudesse ir conta história lá fora..., isto é, se eles não começasse a espiona. Todos no bando dos fier... da Orde de Dagon..., e as criança nunca não ia morre, mas ia vortá pra Mãe Hydra e o Pai Dagon de onde tudo nóis veio... *Ia! Ia! Cthulhu fhtagn! Ph'nglui mglw'nafh Ctulhu R'yleh wgah-naglfhtaga..."*

O velho Zadok estava rapidamente mergulhando em completo desvario e eu contive a respiração. Pobre alma — a que deploráveis profundezas de alucinação a bebida, o ódio à decadência, à alienação e à morbidez que o cercavam levaram aquele cérebro fértil e imaginativo! Ele pôs-se então a resmungar, e as lágrimas rolavam pelas faces vincadas para os recessos de sua barba.

"Deus, o que eu não vi desde que eu tinha quinze anos... *Mene, mene, tekel, upharsin!*... Os rapaiz que tinham sumido e os que se matô..., os que contava as coisas em Arkham ou Ipswich, ou por aí, foi tudo chamado de louco, como ocê tá me chamano bem agora... Mas Deus, o que eu vi... Eles já tinha me matado tem muito tempo pelo qui eu sei, só que eu fiz o primero e o segundo Juramento de Dagon para o Obed, por isso era protegido, a menos que um juri deles prova que eu contei coisas sabendo e por querê... Mas não ia fazê o terceiro Juramento..., prefíria morre a fazê isso...

"Acho que foi no tempo da guerra civir, *quarto as criança nascida em quarenta e seis começo a cresce*... Argumas delas, qué dizê. Eu fiquei cum medo..., nunca fiz mais nenhuma reza dispois daquela noite horrivere nunca vi uma... *delas*... de perto em toda minha vida. Qué dizê, nunca nenhuma de sangue compreto. Eu fui pra guerra e, si eu tivesse corage e boa cabeça, nunca que tinha vortado, mas me arranchava fora daqui. Mas os rapaiz me escreveu que as coisa num tava tão mar. Acho que eles feiz isso porque os home de alistamento do guverno tava na cidade dispois de sesseta e treis. Dispois da guerra, fico tudo iguar de ruim de novo. As pessoa começaro a caí fora..., as usinas e as lojas fecharo..., a navegação paro e o porto intupio..., ferrovia desistiu..., mas *elis*... elis nunca pararo de nadá pra cima e pra baixo do riu vindo daquele mardito arrecife de Satã... E mais e mais janela de soto era fechada com tábua, e mais e mais baruio era orvido nas casa que num divia tê ninguém dentro delas..."

"Os rapaiz de fora tem suas história de nóis... Achu qui ocê orviu um monti delas, pelo jeito das pregunta que ocê faiz... História sobre coisas qui elas viu uma veiz o outra e sobre aquelas jóia estranha que ainda chega de argum lugá e não é toda derretida... Mas nada nunca não fica definido. Ninguém vai credita em nada. Eles chama elas de coisas que parece oro de robo de pirata e diz que os rapaiz de Insmouth tem sangue estranja ou distemperado, ou coisa assim. Alinhais, os que vive aqui espanta todos os estranja que pode e encoraja o resto a num ficá muito

curioso, especiarmente de noite. Os animar late pr'as criatura..., cavalo não é burro..., mas quano eles tava de auto, tudo bem".

"Em quarenta e seis, o cap'tão Obed arranjo uma segunda mulher *que ninguém na cidade nunca não viu...* Uns diz que ele não queria, mas foi obrigado por aqueles que ele tinha invocado... Teve treis filho dela..., dois desapereceu novo, mas uma menina parecida com ninguém e que foi educada na Oropa. Obed acabo casano ela, usando um truque, com um cara de Arkham que num suspeitava de nada. Mas ninguém de fora tem nada a vê com os rapaiz de Insmouth agora. Barnabas Marsh, que dirige a refinaria agora, é neto do Obed com sua primera mulhé..., fio de Onesiforus, seu fio mais veio, *mas a mãe deli era outra das que nunca não era vista fora de casa".*

"Agora Barnabas tá mudado. Num pode mais fecha os oio e tá tudo deformado. Diz que ele ainda usa ropas, mas ele vai logo i pra água. Tarveiz ele até já tento... eles as veiz entram nela por argum tempo antes de i pra sempre. Ninguém não viu ele em púbrico faz uns nove, deiz ano. Num sei comu a gente de sua pobre mulhé se sente... Ela veio de Ipswich, e quase lincharo Barnabas quano ele namoro ela faz uns bão cinqüenta anos atrais. Obed morreu com setenta e oito, e toda a geração seguinte já se foi... Os fio *da primera* muié tá morto, e o resto... Deus sabe..."

O som da maré enchente era muito insistente naquele momento e pouco a pouco parecia ir mudando o estado de espírito do ancião do sentimentalismo ébrio para uma vigília assustada. Ele parava de vez em quando renovando aqueles olhares ansiosos por sobre o ombro ou na direção do recife e, apesar do caráter absurdo e alucinado de sua narrativa, comecei a partilhar um pouco daquela vaga apreensão. A voz de Zadok foi ficando mais esganiçada, como se ele tentasse incitar a própria coragem falando mais alto.

"Ei, ocê, ocê num diz nada? Que qui se achava de vive numa cidade como essa, com tudo apodreceno e morreno, e os monstro trancado se arrastano, e berrano, e latino, e sartando pra todo lado nos porão e sótão escuro? Hein? Que qui se achava de ouvi os uivo noite dispois de noite saíno das igreja e da Casa da Orde de Dagon, *e sabe u que qui táfazeno parte dos uivado?* Que qui se achava de escuitá o que vem daquele horríver arrecife toda véspra de 1º de maio e de Hallowin? Hein? Acha quo o veio tá loco, é? Bein, seu, *pois vô lhe dizê que isso num é o pió!"*

Zadok estava falando aos gritos agora, e a exaltação enfurecida de sua voz me perturbou mais do que eu gostaria de confessar.

"Mardito, num põe esse oiá em mim cum esses óio... Eu digo qui Obed Marsh tá no inferno, e é lá que ele tein que ficá! Ré, ré... no inferno, eu diz! Ele num pode me levá... eu num fiz nada nem disse nada p'ra ninguém..."

"Ó, ocê, rapaizinho? Bein, mesmo qui eu nunca não contei nada pra ninguém, vô conta agora! Cê fique aí sentado quieto e me escuite, guri... Isto é o que eu nunca contei pra ninguém... eu diz, eu nunca não saí mais bisbiotano desdi aquela noite..., *mas eu discubri umas coisas do mesmo jeito!"*

"Ocê qué sabe como é u horrô de verdade, qué? Bein, ele... ele num é o que aqueles diabo pexe *feiz, mas o que elis vai fazê!* Eles tá trazeno coisas **l**á de onde eles vem aqui pra cidade... Veim fazeno isso faz arguns ano, e urtimamente mais devagá. As casa do norte du rio entre a Water e a Main Street tão cheia deles..., os diabo *i u qui elis traiz*... e, quano eles tive pronto..., eu digo, *quano elis tive pronto...,* já escuitô falá de um *shoggoth?"*

"Hein, tá me ovino? Vou te dizê, *eu sei como as coisa é..., vi elas uma noite quando... eh-ahhh-ah! e'yahhh..."*

A inesperada repulsa e o horror inumano do uivo que o velho soltou quase me fizeram desmaiar. Seus olhos, fitando atrás de mim o mar malcheiroso, estavam literalmente saltando de sua cabeça, e o seu rosto era uma máscara de pavor digna de uma tragédia grega. A mão ossuda crispou-se com força em meu ombro, e ele não ficou imóvel quando virei a cabeça para ver o que ele poderia ter avistado.

Não havia nada que eu pudesse ver. Só a maré enchente com uma série de ondulações mais próxima, talvez, que a linha extensa da arrebentação. Mas Zadok começou a me chacoalhar, e eu me virei para observar aquele rosto transido de pavor desmanchar-se num caos de pálpebras contraindo-se e gengivas mastigando as palavras. A voz enfim lhe voltou num sussurro trêmulo.

"Cai fora daqui! Cai fora daqui! *Eles viu nóis...* Cai fora, por sua vida! Não espera por nada... *Agora elis sabe...* Foge... depressa... pra *longe dessa cidade..."*.

Outra onda grande quebrou-se contra a alvenaria solta do antigo cais, transformando o sussurro do louco ancião num novo grito inumano

de gelar o sangue:

"E-yaahhh!... yhaaaaaa!

Antes que eu pudesse recuperar o prumo, ele havia soltado meu ombro e disparava à toda para o norte, aos tropeções, na direção da rua, contornando a parede em ruínas da doca.

Olhei de novo para o mar, mas não havia nada visível. Quando alcancei a Water Street e olhei para o norte, não avistei o menor traço de Zadok Allen.

IV

Mal consigo descrever o estado de espírito em que esse episódio horrível me deixou — um episódio ao mesmo tempo maluco e deplorável, grotesco e aterrorizador. O rapaz da venda havia-me preparado para aquilo, mas a realidade me deixara estarrecido e perturbado. Por mais pueril que fosse o relato, o horror e a franqueza de louco do velho Zadok me contagiaram com uma crescente inquietação que se foi somar ao meu sentimento anterior de aversão pela cidade e sua intangível sombra de malefício.

Mais tarde, eu poderia esmiuçar o relato e extrair alguma base de alegoria histórica. Naquele momento, tudo que eu desejava era tirá-lo da minha cabeça. A hora fizera-se perigosamente tarde — meu relógio indicava sete e quinze e o ônibus para Arkham sairia da Town Square às oito — por isso tentei concentrar meus pensamentos em questões neutras e práticas enquanto caminhava apressado pelas ruas desertas com suas casas inclinadas e telhados esburacados para o hotel, onde havia guardado a valise e tomaria o ônibus.

A luz dourada do entardecer emprestava aos velhos telhados e decrépitas chaminés uma aura de paz e misticismo, mas isso não me impedia de olhar por cima do ombro de tempos em tempos. Eu ficaria bem contente de sair da fedorenta e assombrada Innsmouth e gostaria que houvesse algum outro meio além do ônibus conduzido pelo sinistro Sargent. Mesmo assim, não me apressei demais, porque havia detalhes arquitetônicos dignos de ver em cada canto silencioso e, tal como havia calculado, eu poderia cobrir a distância necessária em meia hora.

Estudando o mapa do rapaz da venda e procurando um itinerário que ainda não houvesse percorrido, escolhi a Marsh Street em vez da State para chegar à Town Square. Perto da esquina da Fali Street, comecei a ver grupos esparsos de pessoas furtivas murmurando e, quando enfim cheguei à praça, notei que quase todos os ociosos estavam reunidos em frente à Gilman House. Tive a sensação de que muitos olhos aquosos, escancarados, me observavam curiosos, sem piscar, enquanto eu pedia minha valise no saguão e torci para que nenhuma daquelas criaturas abjetas me fizesse companhia no ônibus.

O ônibus chegou sacolejando com três passageiros, mais cedo que o esperado, um pouco antes das oito, e um sujeito de má catadura na calçada murmurou algumas palavras indistintas para o motorista. Sargent lançou para fora um saco do correio e um fardo de jornais e entrou no hotel, enquanto os passageiros — os mesmos que eu tinha visto chegando em Newburyport naquela manhã — saíram cambaleando para a calçada e trocaram algumas palavras guturais, em voz baixa, com um dos ociosos, numa língua que eu poderia jurar que não era inglês. Subi no ônibus vazio e ocupei o mesmo assento da vinda. Mal eu havia me acomodado, porém, Sargent reapareceu e começou a resmungar numa voz roufenha e repulsiva ao extremo.

Ao que tudo indicava, eu estava com muito azar. Havia alguma coisa errada com o motor, apesar do excelente tempo feito desde Newburyport, e o ônibus não poderia completar a jornada até Arkham. Não, ele não poderia ser concertado naquela noite, nem havia outro meio de transporte para sair de Innsmouth, fosse para Arkham, fosse para qualquer outro lugar. Sargent sentia muito, mas eu teria de pousar no Gilman. O funcionário com certeza me faria um preço camarada, mas não havia mais nada a fazer. Quase paralisado pelo súbito obstáculo e apavorado com a idéia da chegada da noite naquela cidade decrépita e mal iluminada, desci do ônibus e tornei a entrar no saguão do hotel, onde o mal-humorado e estranho atendente noturno me informou que eu poderia ficar com o quarto 428 perto do último andar — grande, mas sem água corrente — por um dólar.

Apesar do que tinha ouvido sobre aquele hotel em Newburyport, assinei o registro, paguei o dólar, deixei o funcionário pegar a minha valise e acompanhei aquele atendente azedo e solitário por três lances de degraus rangendo e corredores empoeirados que não pareciam abrigar

ninguém. Meu aposento, um quarto sombrio de fundo com duas janelas e a mobília esparsa e barata, dava para um pátio esquálido cercado de casas de tijolos baixas e desertas e propiciava uma visão dos telhados decrépitos estendendo-se para o oeste e para os terrenos pantanosos à distância. No fim do corredor, ficava um banheiro — uma relíquia em estado lastimável com uma pia de mármore ancestral, banheira de estanho, luz elétrica fraca e painéis de madeira mofados rodeando os encanamentos.

Como o dia ainda estava claro, desci para a praça e procurei um lugar para jantar, notando, enquanto o fazia, os olhares estranhos que os mal-encarados vagabundos me atiravam. Como o armazém estava fechado, fui obrigado a escolher o restaurante que antes havia evitado, atendido por um homem encurvado de cabeça estreita e olhos fixos e arregalados e uma moça de nariz achatado com mãos enormes e desajeitadas. A comida era toda do tipo de balcão, e fiquei aliviado em saber que a maior parte saía de latas e pacotes. Uma sopa de legumes com torradas me bastou, e tratei de voltar logo em seguida para o meu quarto soturno no Gilman, tendo conseguido um jornal vespertino e uma revista suja de mosca com o funcionário de má catadura que os apanhou numa estante bamba ao lado de sua escrivaninha.

Quando a escuridão adensou-se, acendi a fraca lâmpada acima da cama barata de ferro e foi só com grande esforço que continuei lendo o que havia começado. Achei aconselhável manter a cabeça ocupada para não ficar pensando nas aberrações daquela antiga e agourenta cidade enquanto estivesse dentro de seus limites. As maluquices inventadas que eu ouvira do velho beberrão não prometiam sonhos muito agradáveis e senti que devia manter o mais longe possível da lembrança a imagem de seus alucinados olhos aquosos.

Também não conviria me deter no que o inspetor de fábrica havia contado ao bilheteiro de Newburyport sobre o Gilman House e as vozes de seus ocupantes noturnos — não nisso, nem no rosto por baixo da tiara na galeria da igreja escura, o rosto cujo horror minha inteligência não conseguia explicar. Talvez tivesse sido mais fácil manter os pensamentos longe de tópicos perturbadores se o quarto não estivesse tão mofado. Do jeito que era, o bolor letal misturava-se de maneira repulsiva com a catinga geral de peixe da cidade, conduzindo a imaginação de qualquer pessoa para pensamentos de putrefação e morte.

Outro elemento perturbador era a inexistência de um ferrolho na porta do quarto. As marcas mostravam com nitidez que ali houvera um anteriormente, mas havia sinais de que fora removido havia pouco tempo. Por certo ele teria-se deteriorado como muitas outras coisas naquele edifício decrépito. Em meu nervosismo, corri os olhos em volta e descobri um ferrolho no guarda-roupas que, a julgar pelas marcas, parecia do mesmo tamanho do que estivera antes na porta. Para aplacar um pouco meu nervosismo, tratei de mudar aquela ferragem para o lugar vago com a ajuda de uma providencial ferramenta três-em-um com chave de fenda que eu trazia sempre presa em meu chaveiro. O ferrolho encaixou-se com perfeição e fiquei mais tranqüilo quando percebi que conseguiria fechá-lo com firmeza antes de me recolher. Não que eu tivesse alguma consciência real de sua necessidade, mas qualquer símbolo de segurança seria bem-vindo num ambiente daqueles. Havia parafusos adequados nas duas portas laterais que davam para os quartos adjacentes e usei-os para fixar o ferrolho.

Não tirei a roupa e resolvi ficar lendo até o sono baixar e então me deitar tirando apenas o casaco, o colarinho e os sapatos. Tirei uma lanterna portátil da valise e coloquei-a no bolso da calça para saber as horas se acordasse, mais tarde, no escuro. O sono, porém, não chegava e, quando parei de analisar meus pensamentos, notei, para minha inquietude, que estava de fato ouvindo alguma coisa sem perceber — alguma coisa que me apavorava, mas não conseguia nomear. Aquela história do inspetor havia penetrado mais fundo do que eu suspeitara em minha imaginação. Tentei retomar a leitura, mas não conseguia fazer nenhum progresso.

Alguns instantes depois, pareceu-me ouvir passos regulares fazendo ranger as escadas e os corredores. Não se ouviram vozes, porém, e me pareceu que havia alguma coisa furtiva naqueles passos. Aquilo me deixou apreensivo e fiquei em dúvida se devia mesmo tentar dormir. Aquela cidade tinha uma gente muito estranha e era certo que haviam constatado vários desaparecimentos. Seria essa uma daquelas pousadas onde os viajantes são mortos para serem roubados? A verdade é que eu não tinha lá um ar de grande prosperidade. Ou será que os moradores ficavam muito ressabiados com visitantes enxeridos? Será que as minhas visíveis excursões turísticas e as consultas constantes ao mapa teriam provocado comentários desfavoráveis? Ocorreu-me que eu devia estar em estado de grande nervosismo para deixar que uns rangidos aleatórios me

provocassem tais especulações —, mas lamentei, mesmo assim, não estar armado.

Por fim, sentindo uma fadiga que não tinha nada de sonolência, aferrolhei a porta para o corredor recém-equipada, apaguei a luz e me atirei na cama dura e irregular — de casaco, colarinho, sapatos, tudo. Na escuridão, os ruídos mais tênues da noite pareciam amplificados e uma torrente de pensamentos duplamente desagradáveis me acometeu. Lamentei ter apagado a luz, mas estava cansado demais para me levantar e acendê-la de novo. Então, depois de um longo e terrível intervalo, e precedido por novos rangidos na escada e no corredor, ouvi o ruído débil e inconfundível que parecia a maléfica realização de meus temores. Sem a menor sombra de dúvida, a fechadura da minha porta havia sido testada — de maneira cautelosa, furtiva, tentativa — com uma chave.

Minhas sensações depois de identificar aquele indício de perigo real talvez não tenham sido mais tumultuadas por causa dos vagos temores que já me acometiam. Eu estava, sem motivo definido, por instinto, em guarda — e isto me valeu na crise nova e real, qualquer que ela viesse a ser. Mas a mudança da ameaça, de vaga premonição para uma realidade imediata, foi um choque que se abateu sobre mim com a força de um verdadeiro golpe. Em nenhum momento me ocorreu que aquela experimentação da fechadura pudesse ser um mero engano. Propósito maléfico era tudo que eu podia pensar e me conservei em absoluto silêncio esperando pelo próximo movimento do intruso.

Depois de algum tempo, os estalidos cautelosos cessaram e eu ouvi entrarem no quarto ao norte do meu com uma chave mestra. Depois, a fechadura da porta de ligação com o meu quarto foi testada com cautela. O ferrolho agüentou e eu pude escutar o assoalho ranger quando o intruso saiu do quarto. Pouco depois, ouvi novo estalido suave e percebi que o quarto ao sul do meu havia sido invadido. De novo, uma furtiva tentativa na porta de ligação aferrolhada e de novo os rangidos de alguém que se afasta. Desta vez, os rangidos prosseguiram pelo corredor e escada abaixo, e notei que o intruso percebera que as minhas portas estavam aferrolhadas e estava desistindo de sua tentativa, ao menos por algum tempo, como o futuro iria revelar.

A presteza com que arquitetei um plano de ação prova que, em meu subconsciente, eu devia estar, havia muito, temendo alguma ameaça e avaliando meios possíveis de fuga. Desde o início eu sentira que o intruso

invisível representava um perigo do qual não me deveria aproximar e encarar, mas apenas fugir a toda pressa. A única coisa que eu tinha a fazer era escapar daquele hotel com vida o mais depressa possível e por algum caminho que não fosse a escada principal e o saguão.

Erguendo-me devagar, dirigi o facho da lanterna para o comutador e procurei acender a luz sobre a cama para poder escolher e colocar no bolso alguns objetos para uma fuga rápida sem a valise. Nada aconteceu, porém, e percebi que haviam cortado a força. Alguma mobilização secreta e maligna estava decerto em curso em larga escala — o que era, eu não saberia dizer. Enquanto estava ali parado, meditando, com a mão sobre o inútil comutador, ouvi um rangido abafado no andar de baixo e pensei ter distinguido vagamente algumas vozes conversando. Um instante depois, senti-me menos seguro de que os sons mais guturais fossem vozes, pois os aparentes latidos roucos e grasnidos mal articulados guardavam pouquíssima semelhança com a fala humana. Então eu me recordei com renovada intensidade o que o inspetor de fábrica tinha escutado à noite naquele edifício mofado e pestilento.

Depois de abastecer os bolsos com a ajuda da lanterna, vesti o chapéu e fui na ponta dos pés até a janela para avaliar minhas chances de descida. A despeito das normas estaduais, não havia escada de incêndio daquele lado do hotel, e percebi que uma distância perpendicular de três andares separava minha janela do pátio calçado de pedras. À direita e à esquerda, porém, uns velhos edifícios comerciais de tijolo ficavam encostados ao hotel e seus telhados oblíquos chegavam a uma distância de salto razoável do quarto andar em que eu estava. Para alcançar qualquer uma dessas filas de prédios, eu teria de estar num quarto a duas portas do meu — num dos casos, para o norte, no outro, para o sul — e pus minha imaginação para trabalhar prontamente calculando as chances que eu teria de me transferir para um deles.

Decidi que não poderia arriscar um aparecimento no corredor, onde meus passos por certo seriam escutados e as dificuldades de acesso ao quarto desejado seriam insuperáveis.

Meu avanço, se o conseguiria, teria de ser através das portas de ligação menos sólidas que separavam os quartos, cujos trincos e ferrolhos eu teria de forçar, usando o ombro como ariete quando fosse necessário. Achei que isso seria possível pelo estado lastimável da casa e de suas ferragens, mas percebi que não poderia fazê-lo sem barulho. Teria de

contar com uma ação velocíssima e a chance de alcançar uma janela antes que alguma força hostil coordenasse-se o suficiente para abrir a porta apropriada até mim com uma chave mestra. Tratei então de empurrar a escrivaninha para escorar a porta de meu quarto para o corredor — pouco a pouco, para fazer o mínimo de ruído.

Era evidente que minhas chances eram muito escassas e eu estava preparado para qualquer calamidade. O simples fato de alcançar outro telhado não resolveria o problema, pois ainda me restaria a tarefa de ganhar o chão e fugir da cidade. Uma coisa a meu favor era a condição arruinada e deserta das construções adjacentes e o número de clarabóias escuras escancaradas de cada lado.

Deduzindo a partir do mapa do rapaz da venda que o melhor caminho para sair da cidade era para o sul, olhei primeiro para a porta de ligação com o quarto do lado sul. Ela abria-se para dentro do meu quarto, porém, e pude perceber — depois de correr o ferrolho e descobrir que havia outras trancas fechadas — que não era favorável para ser arrombada. Abandonando-a como caminho de saída, empurrei com cuidado a armação da cama até encostar nela para impedir algum ataque que pudesse vir do quarto ao lado. A porta de ligação com o quarto do norte abria para o outro lado e eu percebi — embora um teste me informasse que ela estava trancada ou aferrolhada do outro lado — que minha evasão teria de ser por ali. Se eu pudesse alcançar os telhados dos prédios da Paine Street e descer até o chão, talvez pudesse disparar pelos pátios e as construções adjacentes ou opostas até a Washington ou a Bates — ou então emergir na Paine e contornar para o sul até a Washington. De qualquer forma, eu tentaria alcançar, de algum jeito, a Washington e fugir à toda da região da Town Square. Minha preferência era evitar a Paine, já que o posto do Corpo de Bombeiros poderia ficar aberto a noite toda.

Enquanto meditava sobre essas coisas, olhei para fora, para o oceano esquálido de telhados em ruínas, agora abrilhantado pelos raios da Lua que começava a minguar. À direita, a fenda escura da garganta do rio cortava a paisagem: fábricas desertas e estação de trem pendendo-se como cracas para os lados. Além delas, a ferrovia enferrujada e a estrada Rowley estendiam-se por um terreno plano e pantanoso pontilhado de ilhotas de terreno mais alto e mais seco coberto de arbustos. A esquerda, o interior sulcado de córregos ficava mais perto, com a estreita estrada para Ipswitch

cintilando esbranquiçada ao luar. Do lado do hotel onde eu estava, não podia avistar a estrada para o sul, para Arkham, que pretendia tomar.

Eu estava especulando, indeciso, sobre o melhor momento de atacar a porta do norte e como fazê-lo com o menor ruído possível quando percebi que os ruídos indistintos em baixo haviam dado lugar a um novo e mais forte ranger das escadas. Uma luz bruxuleante filtrou pelas frestas da porta e as tábuas do assoalho do corredor começaram a gemer sob um peso considerável. Sons abafados de origem aparentemente vocal aproximaram-se, até que alguém bateu com força na porta do meu quarto.

Por um instante, eu apenas contive a respiração e esperei. Uma eternidade pareceu escoar e o fedor repulsivo de peixe pareceu crescer de maneira repentina e espetacular. Depois repetiram a batida — de maneira ritmada e com crescente insistência. Eu sabia que o momento de agir havia chegado e soltei o ferrolho da porta de ligação do norte, preparando-me para a tentativa de arrombamento. As batidas foram ficado mais fortes, aumentando minha esperança de que sua altura pudesse encobrir o barulho de meus esforços. Empreendendo, enfim, a minha tentativa, joguei-me várias vezes com o ombro esquerdo contra os painéis da porta sem me importar com o choque ou a dor. A porta resistiu mais do que eu esperava, mas não desisti. Entrementes, o alarido na porta do corredor ia aumentando sem parar.

Finalmente, a porta de ligação cedeu, mas com tal estrondo, que tive a certeza que os de fora teriam escutado. No mesmo instante, as batidas na porta transformaram-se numa agressão violenta, enquanto chaves soavam ameaçadoras nas portas para o corredor dos quatros dos dois lados de onde eu estava. Correndo pela passagem recém-aberta, consegui aferrolhar a porta do corredor do quarto do norte antes que a fechadura fosse aberta, mas, enquanto fazia isto, pude ouvir a porta do corredor do terceiro quarto — aquele de cuja janela eu esperava atingir o telhado abaixo — ser experimentada com uma chave mestra.

Por um momento, meu desespero foi total, pois me pareceu inevitável que eu seria apanhado num quarto sem janelas para o exterior. Uma onda de terror quase anormal me percorreu, investindo de uma singularidade terrível mas inexplicável as pegadas deixadas no pó pelo intruso que havia tentado abrir a porta para o meu quarto, que vislumbrei sob o facho da lanterna. Depois, agindo com pasmo automatismo que persistiu apesar do caráter insustentável de minha situação, avancei para a

porta de conexão seguinte e fiz o movimento cego de empurrá-la no esforço para a transpor e — imaginando que as trancas estivessem providencialmente intatas como as deste segundo quarto — aferrolhar a porta do corredor antes que a fechadura fosse aberta por fora.

Uma sorte absoluta adiou a minha sentença, pois a porta de ligação à minha frente não só estava destrancada como, de fato, entreaberta. Num segundo eu cruzei por ela e meti o joelho direito e o ombro contra a porta do corredor que estava sendo aberta para dentro. A pressão que eu fiz pegou o invasor de surpresa, pois a porta fechou com o empurrão, permitindo que eu corresse o ferrolho bem conservado como fizera na outra porta.

Enquanto conquistava esse alívio temporário, ouvi quando as batidas nas outras duas portas cessaram e um alarido confuso erguia-se à porta que eu havia escorado com a cama. Com toda certeza, o grosso de meus atacantes havia entrado no quarto do lado sul e estava-se juntando para um ataque lateral. No mesmo instante, uma chave mestra fez-se ouvir na porta seguinte ao norte, e eu percebi que havia um perigo mais próximo.

A porta de ligação do lado norte estava escancarada, mas não dava tempo para pensar em verificar a fechadura que já estava sendo virada do corredor. Tudo que eu podia fazer era fechar e aferrolhar a porta de conexão aberta bem como a sua irmã do lado oposto — empurrando uma cama contra a primeira e uma escrivaninha contra a outra e deslocando um lavatório para diante da porta do corredor. Eu teria de confiar naqueles obstáculos improvisados para me proteger até alcançar a janela e o telhado sobre a casa da Paine Street. Mas, mesmo naquele momento crítico, meu maior horror era algo diferente da fraqueza imediata de minhas defesas. Eu estava tremendo, porque nenhum de meus perseguidores, a despeito de alguns arquejos, grunhidos e uivos contidos e repulsivos em intervalos irregulares, emitia algum som vocal inteligível ou não abafado.

Enquanto eu arrastava os móveis e corria para a janela, ouvi uma correria assustada pelo corredor até o quarto ao norte do que eu ocupava e percebi que as batidas do lado sul haviam cessado. Estava evidente que a maioria dos meus inimigos pretendia concentrar-se na frágil porta de ligação que sabidamente se abriria bem onde eu estava. Lá fora, a Lua brincava sobre o espigão do prédio abaixo e eu pude perceber que a

inclinação da superfície onde eu devia pousar tornaria o salto muito perigoso.

Pesando as condições, escolhi para escapar a janela mais ao sul das duas, planejando pousar no declive interno do telhado e alcançar a clarabóia mais próxima. Uma vez dentro da decrépita construção de alvenaria, eu teria de contar com uma perseguição, mas esperava descer e escapar por uma das passagens escancaradas ao longo do pátio sombreado até a Washington Street e me esgueirar para fora da cidade na direção sul.

A pancadaria na porta de ligação do norte era então terrível e notei que as folhas da porta estavam começando a lascar. Era evidente que os sitiantes haviam trazido algum objeto pesado para fazer de ariete. A cama resistiu, porém, o que me deu ao menos uma chance remota de sucesso na fuga. Enquanto abria a janela, notei que ela era flanqueada por pesados reposteiros de veludo suspensos de uma vara por argolas de latão e também que havia um prendedor para os postigos no exterior. Vendo ali um meio de evitar um salto perigoso, dei um puxão nas cortinas e as trouxe para baixo com vara e tudo, e depois enganchei duas argolas no prendedor da janela e soltei a cortina para fora. As pesadas dobras caíram em cheio no telhado saliente e notei que as argolas e o prendedor provavelmente suportariam o meu peso. Assim, subindo no parapeito da janela e usando a improvisada escada de corda, deixei para trás, para sempre, o tecido mórbido e infectado de horror da Gilman House.

Pousei com segurança nas telhas de ardósia soltas do íngreme telhado e consegui alcançar a escura clarabóia escancarada sem um escorregão. Olhando para cima, para a janela de onde eu saíra, observei que ela ainda estava às escuras, embora pudesse observar, ao longe, ao norte, para além das chaminés em ruínas, as luzes brilhando ameaçadoras na Casa da Ordem de Dagon, na igreja batista e na igreja congregacional, cuja mera lembrança me dava calafrios. Não parecia haver ninguém no pátio abaixo e contava com uma chance de fugir antes de o alarme geral espalhar-se. Dirigindo o facho da lanterna para a clarabóia, vi que não havia degraus para descer. Mas a altura era baixa e, segurando-me na borda, deixei-me cair sobre um assoalho empoeirado forrado de caixas e barris esfacelados.

O lugar era aterrador, mas eu abstraí dessas impressões e rumei de imediato para a escada que a lanterna me revelou — não sem antes consultar apressado o relógio que indicava duas da manhã. Os degraus

estalavam, mas pareciam sólidos, e eu me precipitei para baixo cruzando um segundo andar com jeito de celeiro até chegar ao térreo. O abandono era total e apenas ecos respondiam ao som de meus passos. Cheguei enfim ao vestíbulo térreo com um retângulo fracamente iluminado numa ponta indicando a ruinosa passagem para a Paine Street. Caminhando na direção oposta, encontrei uma porta dos fundos que também estava aberta e saí em disparada pelos cinco degraus de pedra até o calçamento de pedras arredondadas intercalado de mato do pátio.

O luar não chegava até ali, mas consegui orientar-me com a ajuda da lanterna. Uma luz fraca saía de algumas janelas do lado da Gilman House e pensei ter ouvido sons confusos saindo lá de dentro. Caminhei em silêncio para o lado da Washington Street e, notando a existência de várias passagens abertas, escolhi a mais próxima para sair. O interior da passagem estava escuro e, quando atingi a outra ponta, notei que a porta para a rua estava solidamente calçada por cunhas. Decidido a tentar outro prédio, voltei às apalpadelas para o pátio, mas parei pouco antes da abertura.

Por uma porta aberta na Gilman House, escoava para fora uma grande multidão de vultos suspeitos — lanternas balouçavam na escuridão e horríveis vozes grasnadas emitiam gritinhos em alguma língua que com certeza não era o inglês. Os vultos movimentavam-se de maneira atabalhoada e pude perceber, para meu alívio, que não sabiam para onde eu havia ido, mas, mesmo assim, um arrepio de horror me traspassou.

Não dava para distinguir as suas feições, mas seu jeito bamboleado e curvo de andar causava uma extrema repulsa. O pior foi quando notei um vulto usando um estranho manto e a inconfundível tiara daquele modelo que já me era por demais familiar. Enquanto os vultos iam-se espalhando pelo pátio, meus temores foram aumentando. E se eu não conseguisse encontrar uma saída daquele prédio para a rua? O fedor de peixe era abominável e achei que talvez não conseguisse suportá-lo muito tempo sem desmaiar. Tateando de novo na direção da rua, abri uma porta do vestíbulo e entrei num quarto vazio com janelas bem fechadas, mas sem caixilhos. Correndo a luz da lanterna, percebi que poderia abrir os postigos e, um segundo depois, eu saltava para fora e fechava a passagem com cuidado para ficar como antes.

Eu estava na Washington Street, então, e por alguns instantes não avistei viva alma nem qualquer sinal de luz, salvo a Lua. Vindas de

direções distintas e longínquas, porém, eu podia ouvir o som de vozes roucas, passos e um tipo curioso de chapinhar que não soava muito como passadas. Não tinha tempo a perder. Os pontos cardeais estavam claros para mim e me agradou que as luzes da iluminação pública estivessem apagadas, como de hábito nas zonas rurais pobres em noites enluaradas. Alguns sons vinham do sul, mas mantive a decisão de fugir naquela direção. Como eu bem imaginava, teria de haver muitos pórticos desertos que me poderiam proteger caso eu topasse com alguma pessoa ou grupo com ar perseguidor.

Avancei com rapidez, mas em silêncio, rente às casas arruinadas. Apesar de estar desgrenhado e sem chapéu ao fim da esgotante subida, eu não tinha uma aparência que chamasse a atenção e tinha boas chances de passar despercebido se cruzasse com algum transeunte casual. Na Bates Street, enfiei-me num portal escancarado enquanto dois vultos cambaleantes cruzavam à minha frente, mas logo retomei o caminho e me aproximei do espaço aberto onde a Eliot Street atravessa enviesada a Washington no cruzamento com a South. Conquanto ainda não tivesse visto aquele espaço, ele me parecera perigoso no mapa do rapaz da venda, pois ali a luz do luar podia-se espalhar sem obstáculos. Não valia à pena tentar evitá-lo; qualquer percurso alternativo envolveria a possibilidade de desvios com desastrosa visibilidade e um efeito retardador. A única coisa a fazer era cruzá-lo com ousadia e às claras, imitando o melhor que pudesse o andar bamboleante típico da gente de Innsmouth e confiando em que ninguém — ou, ao menos, nenhum de meus perseguidores — estivesse por perto.

Eu não podia ter a menor idéia do grau de organização da perseguição — e, na verdade, quais seriam seus propósitos. Parecia haver uma atividade inusitada na cidade, mas imaginei que a notícia de minha fuga do Gilman ainda não se havia espalhado. Eu logo teria de sair da Washington para alguma outra rua que fosse para o sul, pois aquele grupo do hotel sem dúvida estaria na minha cola. Eu devia ter deixado pegadas na poeira daquele último prédio velho, revelando como havia chegado à rua.

O espaço aberto estava intensamente iluminado pelo luar, como eu previra, e eu pude avistar os restos de um gramado cercado por uma grande de ferro, como se fosse um parque, no centro. Por sorte não havia ninguém por ali, mas um estranho zumbido ou rugido parecia crescer na

direção da Town Square. A South Street era muito larga, seguindo reta, num declive suave, até o cais e dominando uma ampla visão do mar. Minha esperança era que ninguém a estivesse observando de longe enquanto eu a cruzava sob o luar brilhante.

Avancei sem ser perturbado e não ouvi nenhum ruído indicando algum espião. Olhando ao redor, desacelerei involuntariamente o passo para dar uma espiada no mar que ardia deslumbrante sob o luar no fim da rua. Muito além, do quebra-mar emergia a linha escura e sinistra do Devil Reef e, ao vislumbrá-lo, não pude deixar de pensar em todas aquelas lendas odiosas que ouvira nas últimas trinta e quatro horas — lendas que retratavam aquele recife escabroso como um verdadeiro portal para reinos de um horror insondável e uma aberração inconcebível.

Então, sem nenhum aviso, enxerguei os clarões intermitentes de luz no recife distante. Eram definidos e inconfundíveis, despertando em minha consciência um horror cego e irracional. Meus músculos entesaram-se prontos para uma fuga alucinada, que só foi contida por certa cautela inconsciente e uma fascinação quase hipnótica. Para piorar, uma seqüência de clarões espaçados análogos, mas diferentes, que não podiam deixar de ser sinais de resposta, brilharam então na alta cúpula da Gilman House, que se erguia às minhas costas para o nordeste.

Controlando os músculos e percebendo mais uma vez o tanto que eu estava exposto, retomei com maior vigor minha simulação de andar bamboleante, sem tirar os olhos daquele recife diabólico e aziago enquanto a abertura da South Street me permitiu a visão do mar. O que aquele procedimento todo significava eu não podia imaginar; talvez se tratasse de algum estanho rito associado ao Devil Reef, ou talvez algum grupo houvesse desembarcado de um navio naquele rochedo sinistro. Dobrei então para a esquerda depois de contornar o gramado esquálido, ainda de olho no oceano que cintilava sob o luar espectral de verão e observando os misteriosos clarões daqueles inomináveis, inexplicáveis sinais.

Foi então que a impressão mais terrível de abalo abateu-se sobre mim — o abalo que destruiu meus derradeiros vestígios de autocontrole e me fez sair disparado em alucinada carreira para o sul, deixando para trás os escuros pórticos escancarados e as janelas arregaladas daquela rua deserta de pesadelo. Isto porque, num olhar mais atento, eu havia observado que as águas enluaradas entre o recife e a praia não estavam

nem de longe vazias. Elas estavam vivas, fervilhando com uma horda de vultos que nadavam na direção da cidade, e, mesmo da enorme distância em que eu estava e com a curta duração de meu olhar, eu poderia dizer que as cabeças protuberantes e os membros que açoitavam a água não eram de tal modo inumanos e aberrantes, que a duras penas poderiam ser descritos ou conscientemente formulados.

Minha corrida frenética cessou antes de eu ter percorrido um quarteirão, pois comecei a ouvir, à minha esquerda, algo como o alarido de uma perseguição organizada. Ouviam-se passos e sons guturais, e um motor falhando resfolegou para o sul pela Federal Street. Num instante tive que mudar todos os meus planos, pois, se o caminho para o sul à minha frente estava bloqueado, eu teria de encontrar outra saída de Innsmouth. Parei e me enfiei por uma porta aberta, refletindo na sorte que tivera de sair do espaço aberto e enluarado antes daqueles perseguidores passarem pela rua paralela.

Uma segunda reflexão foi menos alentadora. Como a perseguição estava sendo feita em outra rua, era evidente que o grupo não estava seguindo-me diretamente. Ele não me havia visto e estava apenas obedecendo um plano geral de barrar a minha fuga. Contudo, isto significava que todas os caminhos que levavam para fora de Innsmouth estariam também patrulhados, já que eles não poderiam saber o que eu pretendia tomar. Sendo assim, eu teria que fazer minha escapada pelo campo, longe de qualquer estrada. Mas como poderia fazê-lo naquela natureza pantanosa e acidentada de toda a região circundante? Por um instante, minha razão vacilou, tanto por absoluto desespero quanto pela rápida concentração daquela catinga onipresente de peixe.

Foi então que me lembrei da ferrovia abandonada para Rowley, cuja sólida base de terra coberta de mato e cascalho ainda se estendia para noroeste saindo da estação em ruínas na beira da garganta do rio. Havia uma possibilidade de os moradores da cidade não terem pensado nela, pois, com o seu abandono, ela ficara inteiramente coberta de arbustos espinhosos e quase intransitável, o caminho menos provável que algum fugitivo escolheria. Eu a vira com nitidez da minha janela no hotel e sabia onde ela estava. A maior parte de seu percurso inicial era visível da estrada para Rowley e dos pontos altos da própria cidade, mas talvez fosse possível alguém se arrastar sem ser visto por entre os arbustos. De

qualquer sorte, esta seria minha única chance de fuga e só me restava tentar.

Enfiado no interior do vestíbulo de meu abrigo abandonado, consultei uma vez mais o mapa do rapaz da venda com a ajuda da lanterna. O problema imediato era como alcançar a antiga ferrovia, e eu percebi então que o caminho mais seguro era seguir reto pela Babson Street, depois para oeste pela Lafayette — lá contornando, sem cruzar, um espaço aberto semelhante ao que eu havia atravessado —, e em seguida voltando para o norte e para oeste numa linha em ziguezague pela Lafayette, Bates, Adams e Bank Streets — essa última margeando a garganta do rio — até a estação deserta e dilapidada que eu vira da minha janela. Minha razão para seguir pela Babson era que eu não queria cruzar de novo o espaço aberto nem iniciar meu percurso para oeste por uma rua transversal larga como a South.

Pondo-me mais uma vez em movimento, cruzei a rua para o lado direito a fim de dobrar a esquina para a Babson sem ser visto. A algazarra na Federal Street persistia e, quando olhei para trás, pensei ter visto um brilho de luz perto do edifício de onde havia escapado. Ansioso para sair da Washington Street, apressei o passo, sem fazer barulho, confiando na sorte de que nenhum olhar vigilante me veria. Perto da esquina da Babson Street, observei, para grande susto, que uma das casas continuava habitada como atestavam as cortinas da janela, mas as luzes no interior estavam apagadas, e eu cruzei por ela sem problemas.

Na Babson Street, que era transversal à Federal Street e podia revelar-me aos perseguidores, colei-me o mais rente que pude às construções periclitantes e desparelhas, parando, por duas vezes, em algum portal quando os ruídos às minhas costas pareceram crescer momentaneamente. O espaço aberto à frente brilhava amplo e desolado sob o luar, mas meu percurso não me obrigaria a cruzá-lo. Durante minha segunda parada, comecei a captar uma nova distribuição de sons vagos e, depois de espiar para fora com cuidado do esconderijo, vi um automóvel disparando pelo espaço aberto na direção da Eliot Street, que cruza com as duas, a Babson e a Lafayette.

Enquanto olhava — sufocado por um súbito aumento da catinga de peixe depois de um curto período de diminuição, vi um bando de vultos curvos e desajeitados caminhando apressado e cambaleante na mesma direção e conclui que devia ser o grupo que estava de guarda na estrada

para Ipswich, já que aquela estrada era uma continuação da Eliot Street. Dois vultos do grupo que vislumbrei trajavam mantos volumosos e um deles usava um diadema afunilado que cintilava palidamente ao luar. O modo de andar dessa figura era tão estranho, que me provocou calafrios, pois me deu a impressão que a criatura estava quase saltitando.

Quando o último componente do bando sumiu de vista, retomei meu caminho, dobrando a esquina em disparada para a Lafayette Street e cruzando a Eliot à toda pressa para o caso de algum desgarrado do grupo ainda estar seguindo por aquela rua. Escutei tropéis e grasnidos distantes para o lado da Town Square, mas completei a passagem sem problemas. Meu maior pavor era que teria de cruzar de novo a larga e enluarada South Street — com sua vista para o mar — e tive de juntar coragem para enfrentar mais essa provação. Alguém poderia estar olhando e os desgarrados na Eliot Street não poderiam deixar de me vislumbrar de nenhum dos dois pontos. No último momento, decidi que o melhor a fazer era desacelerar o passo e fazer o cruzamento como antes, com o modo de andar cambaleante de um nativo médio de Innsmouth.

Quando a visão da água descortinou-se de novo — desta vez à minha direita —, eu estava quase decidido a não olhar para ela em hipótese nenhuma. Contudo, não consegui resistir e lancei um olhar de soslaio enquanto cambaleava, em minha cuidadosa imitação de andar, para as sombras protetoras à frente. Não havia nenhum navio à vista, como eu suspeitava que haveria, mas a primeira coisa que meus olhos captaram foi um pequeno barco a remo avançando na direção do cais abandonado, carregando um objeto volumoso coberto por encerado. Seus remadores, embora os visse de longe e sem nitidez, me pareceram muitíssimo repulsivos. Pude distinguir ainda vários nadadores e ver, sobre o recife escuro distante, um clarão fraco persistente distinto do facho intermitente de antes, cuja tonalidade bizarra não poderia precisar. Por sobre os telhados oblíquos à frente e à direita, erguia-se a alta cúpula da Gilman House inteiramente às escuras. O cheiro de peixe que uma brisa piedosa havia dispersado por um momento recrudescera de novo com furiosa intensidade.

Mal havia cruzado a rua, escutei um bando avançar murmurando pela Washington vindo do norte. Quando ele atingiu o amplo espaço aberto de onde eu tivera meu primeiro vislumbre inquietador da água enluarada, tive a oportunidade de avistá-lo com nitidez a um quarteirão de distância

apenas, e horrorizou-me a anomalia bestial de suas feições e o aspecto canino e sub-humano de seu andar encurvado. Um homem avançava de maneira quase simiesca, com os braços compridos roçando muitas vezes o chão, enquanto outro vulto — de manto e tiara — parecia locomover-se saltitando. Imaginei que aquele grupo fosse o que eu havia visto no pátio do Gilman — aquele, portanto, que estava mais perto em minha cola. Quando alguns vultos viraram-se para olhar em minha direção, o terror quase me paralisou, mas consegui manter o passo cambaleante e casual que havia adotado. Até hoje não sei se me viram ou não. Se viram, meu truque os convenceu, porque cruzaram o espaço enluarado sem desviar do seu caminho, grasnando e tagarelando em algum repulsivo patoá gutural que não consegui decifrar.

De novo na sombra, retomei o mesmo passo acelerado de antes, passando pelas casas decrépitas e inclinadas fitando cegamente a noite. Tendo cruzado para a calçada do lado oeste, dobrei a esquina seguinte para a Bates Street, onde me mantive rente às construções do lado sul. Cruzei duas casas com sinais de habitação, uma delas com luzes fracas nos quartos superiores, mas não encontrei obstáculos. Julguei que estaria mais seguro ao dobrar a esquina para a Adams, mas recebi um choque quando um homem saiu cambaleando de uma varanda às escuras bem na minha frente. Por sorte, ele provou estar bêbado demais para representar alguma ameaça, e eu consegui alcançar em segurança as ruínas tenebrosas dos armazéns da Bank Street.

Não havia ninguém se mexendo naquela rua morta do lado da garganta do rio, e o rugido da catarata quase afogava o som dos meus passos. Foi uma longa corrida até a estação em ruínas, e as paredes dos grandes armazéns de tijolo que me cercavam eram mais assustadoras que as fachadas das casas particulares. Avistei enfim a antiga estação com arcadas — ou o que havia restado dela — e me dirigi sem perder um segundo para os trilhos na extremidade oposta.

Os trilhos estavam enferrujados, mas, no geral, intatos, e não mais do que a metade dos dormentes estava podre. Caminhar ou correr sobre uma superfície daquelas era muito difícil, mas fiz o melhor que pude e, no geral, consegui fazê-lo num bom tempo. Por alguma distância, os trilhos acompanhavam a margem da garganta, até que alcancei a ponte comprida e coberta onde eles cruzavam o abismo numa altura estonteante. O estado da ponte determinaria meu próximo passo. Se fosse humanamente

possível, eu a usaria; se não, teria de arriscar novas andanças pelas ruas da cidade até a ponte de estrada de rodagem mais próxima.

A enorme extensão da velha ponte com jeito de celeiro brilhava espectral ao luar e notei que os dormentes estavam firmes ao menos por alguns metros. Entrando por ela, acendi a lanterna e quase fui derrubado pela nuvem de morcegos que passou esvoaçando por mim. No meio da travessia, abria-se um perigoso espaço entre os dormentes, e, por um instante, temi que me impedisse de avançar, mas arrisquei um salto perigoso que, por sorte, foi bem sucedido.

Avistar novamente o luar quando emergi daquele túnel macabro foi uma grata satisfação. Os velhos trilhos cruzavam a River Street em desnível e logo depois dobravam para uma região cada vez mais rural onde o abominável fedor de peixe de Innsmouth ia-se desfazendo. Ali, as moitas densas de mato espinhoso atrapalhavam a passagem rasgando cruelmente as minhas roupas, mas me alegrou ainda assim saber que elas poderiam ocultar-me em caso de perigo. Eu sabia que boa parte de meu percurso seria visível da estrada para Rowley.

A região pantanosa começava logo em seguida, com os trilhos correndo sobre um aterro baixo coberto por um mato um pouco mais ralo. Depois vinha uma espécie de ilha de terreno mais alto, onde a linha cruzava um corte aberto e raso atravancado de arbustos e espinheiros. Aquele abrigo parcial me alegrou bastante, já que naquele ponto a estrada de Rowley ficava a uma distância perigosamente próxima conforme a visão da minha janela. No final da abertura, ela cruzava a linha e afastava-se para uma distância segura, mas até lá eu teria de ser cauteloso ao extremo. A esta altura, eu estava certo de que a ferrovia não estava sendo patrulhada.

Pouco antes de entrar no trecho escavado, olhei para trás, mas não percebi nenhum seguidor. Os velhos telhados e cúpulas da decaída Innsmouth brilhavam adoráveis e etéreos ao mágico luar amarelado, e imaginei como deviam ter sido nos velhos tempos antes das sombras descerem. Depois, correndo o olhar da cidade para o interior, algo menos tranquilizador chamou minha atenção e me paralisou por um segundo.

O que eu vi — ou imaginei ter visto — foi uma perturbadora sugestão de um distante movimento ondulatório ao sul, sugerindo uma horda muito grande saindo da cidade pela estrada plana para Ipswich. A distância era grande e eu não podia distinguir nada com detalhes, mas a

aparência daquela coluna móvel me deixou muito inquieto. Ela ondulava demais e brilhava com extrema intensidade sob o clarão da Lua que descambava então para o oeste. Havia também uma sugestão de sons, mas o vento soprava na direção oposta — a sugestão de sons rascantes bestiais e vozerio ainda pior que os murmúrios dos grupos que tinha flagrado antes.

Toda sorte de conjecturas desagradáveis passou por minha cabeça. Pensei naqueles tipos extremos de Innsmouth que, segundo se dizia, viviam apinhados naquelas pocilgas centenárias caindo em pedaços perto do cais. Pensei também naqueles nadadores obscuros que tinha visto. Contando os grupos avistados de longe e os que estariam vigiando as outras estradas, o número de meus perseguidores devia ser grande demais para uma cidade tão pouco habitada como Innsmouth.

De onde poderia vir a densa multidão da coluna que eu então avistava? Estariam aquelas velhas e insondáveis pocilgas apinhadas de moradores disformes, insuspeitos e ilegais? Ou teria algum navio invisível desembarcado uma legião de forasteiros estranhos naquele recife maldito? Quem eram eles? Por que estavam ali? E, se uma coluna deles estava percorrendo a estrada para Ipswich, teriam reforçado também as patrulhas nas outras estradas?

Eu tinha entrado na abertura de terreno coberta de mato e progredia com grande dificuldade quando aquele maldito fedor de peixe impôs-se uma vez mais. Teria o vento mudado de repente para leste, soprando agora do mar para a cidade? Conclui que devia ser isso quando comecei a ouvir murmúrios guturais assustadores vindo daquela direção até então silenciosa. Ouvi também um outro som — uma espécie de tropel colossal coletivo que, de alguma forma, invocava imagens das mais detestáveis. Aquilo me fez pensar ilogicamente na repulsiva coluna ondulante na distante estrada para Ipswich.

Os sons e o fedor foram ficando tão fortes, que me fizeram parar, estremecendo, agradecido pela proteção que o corte do terreno me proporcionava. Era ali, lembrei, que a estrada para Rowley aproximava-se ao extremo da velha ferrovia antes de cruzá-la para oeste e afastar-se. Havia alguma coisa aproximando-se por aquela estrada, e eu teria que me abaixar até ela passar e desaparecer na distância. Graças aos céus, aquelas criaturas não usam cães para rastrear — mas isso talvez fosse impossível em meio ao fedor onipresente na região. Agachado entre os arbustos

daquela fenda arenosa, eu me senti mais seguro, mesmo sabendo que os perseguidores teriam de cruzar a linha do trem à minha frente a não mais de noventa metros de distância. Eu poderia vê-los, mas eles não poderiam, não fosse por um milagre hediondo, me avistar.

De repente, eu comecei a ficar com medo de vê-los passar. Eu enxergava o espaço enluarado próximo por onde iriam emergir e fui acometido por idéias escabrosas sobre a impiedade irredimível daquele espaço. Talvez fossem os piores dentre todos as criaturas de Innsmouth — algo que ninguém gostaria de recordar.

O fedor tornou-se insuportável e os ruídos cresceram para uma babel bestial de grasnidos, balidos e latidos sem a mínima sugestão de fala humana. Seriam mesmo as vozes de meus perseguidores? Eles teriam cães afinal? Até aquele momento, eu não tinha visto nenhum desses animais inferiores em Innsmouth. Era monstruoso aquele tropel — eu não poderia olhar para as criaturas degeneradas que o causavam. Manteria os olhos fechados até o som diminuir para as bandas do oeste. A horda estava muito próxima agora — o ar corrompido por seus rosnados roucos e o chão quase vibrando com a cadência de seus passos animalescos. Quase perdi o fôlego e tive de colocar cada partícula de minha força de vontade para manter os olhos fechados.

Mesmo agora eu reluto em dizer se o que se passou foi um fato repugnante ou uma alucinação de pesadelo. A ação posterior do governo, depois de meus frenéticos apelos, tenderia a confirmar que tudo havia sido uma monstruosa verdade, mas não poderia uma alucinação ter-se repetido sob o feitiço quase hipnótico daquela ancestral, assombrada e aziaga urbe? Lugares assim têm propriedades estranhas e o legado de lendas insanas poderia perfeitamente ter agido sobre mais de uma imaginação humana em meio àquelas fétidas ruas mortas e a montoeira de telhados podres e cúpulas em ruínas. Não estaria o germe de uma efetiva e contagiosa loucura à espreita das profundezas daquela sombra que paira sobre Innsmouth? Quem poderá estar certo da realidade depois de ouvir coisas como o relato do velho Zadok Allen? As autoridades jamais encontraram o pobre Zadok e não têm idéia do que lhe aconteceu. Onde termina a loucura e começa a realidade? Será possível que até este meu recente pavor seja pura ilusão?

Mas devo tentar dizer o que penso ter visto naquela noite sob a zombeteira Lua amarela — visto emergindo e saltitando pela estrada de

Rowley à minha frente enquanto eu estava agachado entre os arbustos silvestres daquele ermo escavado da ferrovia. Evidentemente, minha resolução de manter os olhos fechados fracassou. Ela estava condenada ao fracasso; quem poderia ficar agachado, às cegas, enquanto uma legião de criaturas de origem desconhecida grasnando e uivando passavam repugnantes a menos de cem metros de distância?

Eu pensava estar preparado para o pior, e de fato deveria estar considerando tudo que havia visto antes. Meus outros perseguidores haviam sido aberrações malditas; por que não estaria pronto a encarar um fortalecimento da anormalidade, olhar formas onde não houvesse a menor parcela de normalidade? Não abri os olhos até que o alarido gutural ficou tão forte num ponto, que com certeza estava diretamente à minha frente. Eu sabia então que uma boa parte deles devia estar visível ali onde as encostas da escavação diminuíam e a estrada cruzava com a ferrovia, e não pude mais me conter de espiar o horror que a furtiva Lua amarela teria a revelar.

Foi o fim de tudo que me tenha sobrado de vida sobre a face desta Terra, de todo vestígio de tranqüilidade mental e confiança na integridade da natureza e da mente humana. Nada do que eu poderia ter imaginado — nada, mesmo, que eu poderia ter concluído se houvesse acreditado na história maluca do velho Zadok da maneira mais literal — seria comparável, de alguma maneira, à realidade ímpia, demoníaca que eu vi — ou penso ter visto. Tentei sugerir o que foi para adiar o horror de descrevê-lo cruamente. Como seria possível este planeta ter gerado de fato essas coisas, os olhos humanos terem visto, como matéria concreta, o que o homem até então só conhecia de fantasias febris e lendas vagas?

Mas eu os vi num fluxo interminável — chapinhando, saltitando, grasnando, balindo — emergindo em suas formas bestiais sob o luar espectral numa sarabanda grotesca e maligna de fantasmagórico pesadelo. E alguns deles usavam altas tiaras daquele inominável metal dourado pálido... e alguns trajavam mantos esquisitos... e um deles, o que liderava o grupo, vestia uma capa preta com uma corcova horripilante calças listradas e exibia um chapéu de feltro empoleirado na coisa informe que lhe fazia as vezes de cabeça.

Creio que a cor predominante entre eles era um verde acinzentado, mas tinham os ventres brancos. A maior parte era lisa e luzidia, mas as pregas de suas costas eram cobertas de escamas. Suas formas eram

vagamente antropóides, ao passo que suas cabeças eram cabeças de peixe, com olhos enormes saltados que nunca piscavam. Dos lados dos pescoços, projetavam-se guelras vibrantes e suas patas compridas eram palmadas. Andavam saltitando, sem cadência, sobre duas pernas às vezes, sobre quatro outras. Fiquei aliviado, de certa forma, por terem no máximo quatro membros. Suas vozes grasnadas, estridentes, usadas com toda evidência para um discurso articulado, exibiam todos os tons sombrios de expressão que faltavam em suas feições.

Com toda a sua monstruosidade, porém, eles não me pareceram desconhecidos. Sabia perfeitamente o que deviam ser — pois não tinha fresca a lembrança da tiara maligna de Newsburyport? Eram os ímpios peixes-rãs do abominável desenho — vivos e horripilantes — e, enquanto eu os observava, pude perceber também do que aquele sacerdote corcunda, de tiara, no porão escuro da igreja, me fizera lembrar apavorado. Sua quantidade ia além das conjecturas. Pareceu-me haver uma multidão interminável deles — e minha olhadela instantânea por certo só teria revelado uma fração mínima. Alguns instante depois, tudo se apagou num piedoso desmaio, o primeiro de minha vida.

V

Uma suave chuva diurna tirou-me daquele estupor na escavação da ferrovia coberta de mato e, quando eu cambaleei até a estrada à minha frente, não vi qualquer marca de pegadas na lama fresca. O fedor de peixe também havia desaparecido, os telhados em ruínas e as altas cúpulas de Innsmouth emergiam cinzentos no sudoeste, mas não consegui avistar nenhuma criatura viva em todo aquele pântano ermo e salgado que me rodeava. Meu relógio ainda funcionava, informando que passava do meio-dia.

Minha mente não estava convencida da veracidade do que eu havia passado, mas senti que havia alguma coisa hedionda por trás daquilo tudo. Eu precisava sair daquela macabra Innsmouth, e para isso tratei de experimentar minha combalida e paralisada capacidade de locomoção. Apesar da fraqueza, fome, horror e espanto, achei-me em condições de caminhar alguns momentos depois e saí devagar pela estrada lamacenta para Rowley. Cheguei, antes do anoitecer, no vilarejo onde consegui uma

refeição e roupas apresentáveis. Tomei o trem noturno para Arkham e, no dia seguinte, tive uma conversa demorada e franca com as autoridades locais, procedimento que repeti, mais adiante, em Boston. O público já está familiarizado com o resultado principal dessas conversas — e eu gostaria, para o bem da normalidade, que não houvesse mais nada para contar. Talvez seja loucura o que me está possuindo, mas, talvez, um horror maior— ou um prodígio maior — esteja manifestando-se.

Como bem se pode imaginar, desisti da maioria dos meus planos de viagem anteriores — as diversões paisagísticas, arquitetônicas e antiquadas com que antes me animavam tanto. Também não ousei procurar aquela peça de joalheria estranha que diziam que estava no Museu da Universidade de Miskatonic. Aproveitei, porém, minha estada em Arkham para coletar anotações arqueológicas que desde há muito desejava possuir, dados apressados e muito toscos, é verdade, mas passíveis de um bom aproveitamento mais tarde quando eu tivesse tempo para organizá-los e classificá-los. O curador da sociedade histórica local — o sr. E. Lapham Peabody — teve a gentileza de me ajudar e manifestou um interesse invulgar quando lhe contei que era neto de Eliza Orne, de Arkham, que nascera em 1867 e se casara com James Williamson de Ohio aos dezessete anos.

Ao que parecia, um tio meu havia passado por lá, em pessoa, muitos anos antes, numa busca parecida com a minha, e a família de minha avó era objeto de uma certa curiosidade local. O sr. Peabody me contou que tinha havido muito falatório sobre o casamento de seu pai, Benjamin Orne, pouco depois da guerra civil, pois os antecedentes da noiva eram muito misteriosos. Comentava-se que a noiva era uma órfã dos Marsh de New Hampshire — prima dos Marsh do Condado de Essex —, mas sua formação havia sido na França e ela conhecia muito pouco sobre a sua família. Um tutor havia depositado fundos num banco de Boston para a sustentação dela e de sua governanta francesa, mas o nome do tutor não era familiar aos moradores de Arkham, e, com o tempo, ele sumiu de vista e a governanta assumiu seu papel por indicação judicial. A francesa — desde há muito falecida, agora — era muito taciturna e havia quem dissesse que ela poderia ter contado mais do que contou.

O mais desconcertante, porém, foi a impossibilidade de alguém localizar os pais legais da moça — Enoch e Lydia (Meserve) Marsh — entre as famílias conhecidas de New Hampshire. Muitos sugeriam que ela

era filha de algum Marsh ilustre — ela com certeza tinha os olhos dos Marsh. Boa parte do quebra-cabeças desfez-se depois de sua morte prematura, quando do nascimento de minha avó, sua única filha. Tendo formado algumas impressões desagradáveis associadas ao nome Marsh, não me caíram bem as notícias de que ele pertencia a minha própria árvore genealógica, nem me agradou a sugestão de Peabody de que eu também tinha os olhos dos Marsh. Agradeci, contudo, pelos dados que sabia que me seriam valiosos e fiz copiosas anotações e listas de referências em livros referentes à bem documentada família Orne.

Fui diretamente de Boston a minha Toledo natal e mais tarde passei um mês em Maumee, recuperando-me das provações. Em setembro, voltei a Oberlin para meu último ano e dali, até junho, me ocupei nos estudos e outras atividades saudáveis — lembrando o terror passado apenas nas visitas ocasionais de autoridades relacionadas com campanha que meus apelos e evidências haviam desencadeado. Em meados de julho — um ano exato depois da experiência de Innsmouth —, passei uma semana com a família de minha falecida mãe em Cleveland, checando alguns de meus novos dados genealógicos com as diversas notas, tradições e peças de herança que haviam por lá e vendo que tipo de mapa de relações em poderia construir.

Essa tarefa não me foi especialmente prazerosa, porque a atmosfera da casa dos Wiliamson sempre me deprimira. Havia ali um ranço de morbidez e minha mãe nunca me encorajara a visitar seus pais quando eu era criança, embora sempre recebesse bem o pai quando ele vinha a Toledo. Minha avó de Arkham me parecia muito estranha e quase aterrorizante, e não creio que tenha lamentado a sua partida. Eu tinha oito anos, então, e dizia-se que ela vivia delirando de tristeza depois do suicídio do meu tio Douglas, seu primogênito. Ele havia-se matado depois de uma viagem à Nova Inglaterra — a mesma viagem, sem dúvida, que fizera com que fosse lembrado na Sociedade Histórica de Arkham.

Esse tio parecia-se com ela e também nunca me agradara. Alguma coisa na maneira de olhar fixa, sem piscar, dos dois provocava em mim uma inquietação vaga e indescritível. Minha mãe e o tio Walter não tinham aquela expressão. Eles eram parecidos com seu pai, mesmo que o pobre primo Lawrence — filho de Walter — fosse quase uma duplicata perfeita da avó antes de seu estado mental levá-lo à reclusão permanente num asilo em Canton. Eu não o via há quatro anos, mas meu tio sugeriu,

certa vez, que seu estado, tanto físico quanto mental, era péssimo. Esse tormento talvez tivesse sido o principal motivo para a morte de sua mãe dois anos atrás.

Meu avô e seu filho viúvo, Walter, constituíam agora toda a família de Cleveland, mas a lembrança dos velhos tempos pairava pesadamente sobre eles. O lugar ainda me perturbava e tentei fazer minhas investigações o mais depressa possível. Os registros e tradições dos Williamson me foram fornecidos em abundância por meu avô, embora, para o material sobre os Orne, eu tivesse de contar com o tio Walter, que colocou à minha disposição todos os seus arquivos, inclusive anotações, cartas, recortes, lembranças, fotos e miniaturas.

Foi examinando as cartas e fotos do lado Orne que comecei a adquirir um certo terror de meus próprios ancestrais. Como já disse, minha avó e meu tio Douglas sempre me inquietaram. Agora, anos depois de seu desaparecimento, eu olhava seus rostos retratados com um sentimento de repulsa e estranheza muito maior. De início, não consegui compreender a mudança, mas, aos poucos, uma terrível comparação começou a se infiltrar por meu subconsciente apesar da firme recusa de minha consciência a admitir a menor suspeita daquilo. Era evidente que a expressão típica daqueles rostos sugeria agora algo que não havia sugerido antes, algo que provocaria um pânico absoluto se fosse pensado com liberdade.

Mas o pior choque veio quando meu tio me mostrou as jóias dos Orne que estavam guardadas numa caixa-forte no centro da cidade. Algumas peças eram delicadas e inspiradoras, mas havia uma caixa com velhas peças exóticas que meu tio relutou em me mostrar. Tinham, segundo me disse, um desenho muito grotesco e quase repulsivo e, ao que ele sabia, jamais haviam sido usadas em público, embora minha avó gostasse de admirá-las. Lendas vagas de má sorte as cercavam e a governanta francesa de minha bisavó havia dito que não deviam ser usadas na Nova Inglaterra, embora fosse seguro usá-las na Europa.

Quando meu tio começou a desembrulhar lentamente, e aos resmungos, as coisas, ele me recomendou que não ficasse chocado com a estranheza e freqüente repulsa que os desenhos causavam. Artistas e arqueólogos que os viram declararam que seu feitio era de notável e exótico requinte, embora nenhum deles tivesse sido capaz de definir com precisão o material de que eram feitos ou atribuí-los a alguma tradição

artística específica. Havia ali dois braceletes, uma tiara e uma espécie de peitoral, este último com figuras em alto relevo de uma extravagância quase insuportável.

Controlei minhas emoções durante essa exposição, mas meu rosto deve ter traído os temores crescentes que me acometiam. Meu tio parecia concentrado e fez uma pausa em sua atividade para estudar meu rosto. Fiz um gesto para ele prosseguir, o que ele fez com renovados sinais de relutância. Ele parecia esperar alguma demonstração quando a primeira peça — a tiara — tornou-se visível, mas duvido que esperasse o que de fato aconteceu. Eu também não o esperava, achando que estava perfeitamente prevenido do que seriam as jóias. O que eu fiz foi desmaiar em silêncio como me acontecera naquela escavação ferroviária coberto de mato um ano antes.

Daquele dia em diante, minha vida tem sido um pesadelo de cismas e apreensões, sem saber o quanto é odiosa verdade e o quanto é loucura. Minha bisavó havia sido uma Marsh de origem desconhecida cujo marido vivera em Arkham; e Zadok não havia dito que a filha de Obed Marsh com uma mãe monstruosa havia-se casado com um homem de Arkham aproveitando-se de um ardil? O que fora mesmo que o velho beberrão havia murmurado sobre os meus olhos parecerem-se com os do capitão Obed? Em Arkham, também, o curador me havia dito que eu tinha os olhos dos Marsh. Seria Obed Marsh o meu próprio tataravô? Quem — ou o quê — então era minha tataravó? Mas isso tudo poderia ser loucura. Esses ornamentos de ouro esbranquiçado poderiam perfeitamente ter sido comprados de algum marinheiro de Innsmouth pelo pai de minha bisavó, fosse ele quem fosse. E aquele olhar fixo nos rostos de minha avó e meu tio suicida poderia ser uma pura fantasia de minha parte — pura fantasia instigada pelas sombras de Innsmouth que tanto haviam obscurecido minha imaginação. Mas por que meu tio havia-se matado depois de uma busca do passado na Nova Inglaterra?

Durante mais de dois anos, consegui repelir essas reflexões com relativo sucesso. Meu pai conseguiu-me um emprego num escritório de seguros e eu me enterrei o melhor que pude na rotina. No inverno de 1930-31, porém, vieram os sonhos. No início eles eram esparsos e insidiosos, mas, com o passar do tempo, foram aumentando de freqüência e intensidade. Vastidões aquáticas abriam-se diante de mim, e eu parecia errar por titânicos pórticos e labirintos submersos de paredes ciclópicas

cobertas de mato na companhia de peixes grotescos. Depois, as outras formas começaram a aparecer, enchendo-me de um horror inominável no momento em que eu acordava. Mas, durante os sonhos, elas não me horrorizam em absoluto — eu era uma delas, usando seus adornos inumanos, percorrendo seus caminhos aquáticos e orando de maneira torpe em seus templos ímpios no fundo do mar.

Havia muito mais do que eu poderia lembrar, mas mesmo o que eu me lembrava a cada manhã teria bastado para me classificar como um louco ou um gênio se eu ousasse algum dia escrever isso tudo. Alguma influência tenebrosa, eu sentia, estava tentando arrastar-me gradualmente para fora do mundo são de uma vida salutar para abismos inomináveis de alienação e trevas, e o processo me consumia. Minha saúde e aparência foram ficando cada vez piores até que fui forçado a desistir do emprego e adotar a vida reclusa e estática de um inválido. Alguma enfermidade nervosa estranha havia-se apossado de mim e tinha momentos em que quase não conseguia fechar os olhos.

Foi então que comecei a estudar o espelho com crescente apreensão. Não é agradável de se ver os lentos estragos da doença, mas em meu caso havia alguma coisa um pouco mais sutil e intrigante por trás. Meu pai parecia notá-lo, também, pois começou a me olhar de maneira curiosa e quase apavorada. O que se estava passando comigo? Estaria ficando parecido com minha avó e meu tio Douglas?

Certa noite, tive um sonho apavorante onde encontrei minha avó no fundo do mar. Ela morava num palácio fosforescente com muitos terraços, jardins com estranhos corais leprosos e grotescas florescências braquiadas, e saudou-me com uma cordialidade que pode ter sido irônica. Ela havia mudado — como os que partem para a água mudam — e contou-me que não havia morrido. Havia, isso sim, ido a um local de que seu falecido filho fora informado e saltara para um reino cujas maravilhas — destinadas a ele também — ele havia rejeitado com uma pistola fumegante. Esse haveria de ser meu reino também — eu não poderia escapar dele. Eu não morreria jamais e viveria entre os que existiam desde antes do homem andar sobre a Terra.

Encontrei também aquela que fora a sua avó. Por oitenta mil anos, Pth'thya-I'yi vivera em Y'há-nthlei e para ali ela havia voltado depois da morte de Obed Marsh. Y'há-nthlei não fora destruída quando os homens da terra superior atiraram a morte para dentro do mar. Ela fora ferida, mas

não destruída. Os Profundos não poderiam ser destruídos jamais, ainda que a magia paleogênica dos esquecidos Antigos pudessem, às vezes, barrá-los. Por enquanto, eles descansariam, mas algum dia, caso se lembrassem, erguer-se-iam de novo para o tributo que o Grande Cthulhu almejava. Seria uma cidade maior que Innsmouth da próxima vez. Eles haviam planejado disseminar-se e haviam criado aquilo que os ajudaria, mas por agora deviam esperar ainda uma vez. Por ter trazido a morte dos homens da terra superior, eu teria de fazer uma penitência, mas ela não seria muito pesada. Este foi o sonho em que eu vi um *shoggoth* pela primeira vez, e a visão me fez despertar num frenesi de gritos. Naquela manhã, o espelho me informou definitivamente que eu havia adquirido *o jeito de Innsmouth.*

Até agora, não me matei como meu tio Douglas. Comprei uma automática e quase dei o passo, mas certos sonhos me detiveram. Os tensos extremos de horror estão diminuindo e eu me sinto curiosamente atraído para as profundezas marítimas desconhecidas em vez de temê-las. Ouço e faço coisas estranhas durante o sono e desperto com uma espécie de exaltação em vez de terror. Não creio que tenha de esperar pela transformação completa como a maioria. Se o fizer, é bem provável que meu pai me interne num asilo como aconteceu com meu pobre priminho. Esplendores fabulosos e inauditos me esperam abaixo, e eu logo os procurarei. *Iä-R'lyeh! Cthulhu fhtagn! Iä Iä!* Não, eu não me matarei, não posso ser levado a me matar!

Vou tramar a fuga de meu primo daquele asilo de Canton e juntos nós iremos para a encantada Innsmouth. Nós nadaremos para aquele recife que se estende sobre o mar e mergulharemos para os abismos negros da ciclópica Y'há-nthlei de muitas colunas. E, naquela morada dos Profundos, viveremos em meio a glórias e prodígios para todo sempre.



Nas Montanhas da Loucura

SOU FORÇADO A falar, uma vez que homens de ciência recusaram-se a seguir meu conselho, sem saberem por quê. É muito a contragosto que descrevo as razões pelas quais me oponho a essa pretendida invasão da Antártica — que há de ser acompanhada de generalizada caça a fósseis e indiscriminada perfuração e descongelamento das antigas calotas glaciais. E reluto tanto mais quanto talvez minha advertência caia em ouvidos moucos.

É inevitável que se ponham em dúvida os fatos reais, tal como devo revelá-los. No entanto, se eu calasse o que pode parecer bizarro e inacreditável, nada restaria. As fotografias até aqui escamoteadas, tanto ordinárias quanto aéreas, contarão em meu favor, porquanto são funestamente vívidas e convincentes. Ainda assim, serão postas em dúvida devido ao elevado grau a que se pode levar uma hábil contrafação. Os desenhos a tinta serão, naturalmente, objeto de zombaria, serão tachados de embustes grosseiros, não obstante uma singularidade de técnica que deveria causar perplexidade aos conhecedores de arte.

Ao cabo, terei de confiar na judiciosidade e na reputação dos poucos próceres científicos que têm, por um lado, suficiente independência intelectual para avaliar minhas informações com base em seus próprios méritos, medonhamente concludentes, ou à luz de certos ciclos míticos primevos e extremamente enigmáticos; e, por outro lado, influência bastante para impedir que os meios científicos em geral se aventurem a qualquer programa temerário ou exageradamente ambicioso na região daquelas montanhas de loucura. É lamentável que homens relativamente

obscuros, como eu e meus colegas, ligados apenas a uma pequena universidade, tenhamos poucas possibilidade de causar impressão duradoura no que unge a assuntos de natureza extravagantemente demente ou em alto grau polêmica.

Labora ademais contra nós o fato de não sermos, em sentido rigoroso, especialistas nos campos em que se situam basicamente as revelações que farei. Na qualidade de geólogo, meu intuito ao dirigir a Expedição da Universidade Miskatonic consistia inteiramente em coletar amostras de rochas e de solo, a grande profundidade, em várias partes do continente antártico, auxiliado pela extraordinária perfuratriz projetada pelo professor Frank H. Pabodie, de nosso departamento de engenharia. Eu não nutria nenhum desejo de ser pioneiro em qualquer campo senão esse, mas alimentava a esperança de que o emprego desse novo dispositivo mecânico em pontos diversos de caminhos previamente explorados trouxesse a luz materiais de um tipo até então inalcançáveis pelos métodos convencionais de coleta.

O equipamento de perfuração de Pabodie, como o público já teve ocasião de tomar conhecimento por nossos relatórios, representou um avanço sui-generis e radical, por sua leveza, facilidade de transporte e capacidade de combinar o princípio da broca artesiana comum com o princípio da pequena broca circular para rochas, de maneira a furar rapidamente camadas de dureza variável. Cabeçote de aço, hastes articuladas, motor a gasolina, torre retrátil de madeira, instrumental para dinamitação, fiação, trado para remoção de detritos e tubulação em seções para brocas de 12,5 centímetros de diâmetro, que chegavam a trabalhar a 300 metros de profundidade — tudo isso, mais os acessórios indispensáveis, não representava peso proibitivo para ser puxado por três trenós de sete cães. Isso era possibilitado pela notável liga de alumínio de que eram feitas, na maioria, as partes metálicas. Quatro grandes aeroplanos Dornier, projetados especialmente para operar nas tremendas altitudes a que seria necessário voar sobre o planalto antártico e equipados com dispositivos adicionais para aquecimento de combustível e ignição rápida de motores, também projetados por Pabodie, podiam transportar toda a nossa expedição, de uma base na orla da grande barreira de gelo a vários pontos no interior; a partir de tais pontos, um número suficiente de cães atenderia às nossas necessidades.

Tencionávamos explorar uma área tão grande quanto fosse possível em uma única estação antártica — ou mais longamente, se absolutamente necessário — operando sobretudo nas cordilheiras e no planalto ao sul do mar de Ross; eram regiões já exploradas, em graus vários, por Shackleton, Amundsen, Scott e Byrd. Com freqüentes mudanças de acampamentos, feitos por aeroplano e que envolviam distâncias suficientemente grandes para terem significado geológico, esperávamos desenterrar um volume de material sem precedentes — principalmente nas camadas Pré-Cambrianas, das quais uma gama tão reduzida de espécimes antárticos haviam sido anteriormente coletados. Desejávamos ainda obter a maior variedade possível de rochas fossilíferas superiores, uma vez que a história biológica antiga daquele reino inóspito de gelo e de morte tem importância máxima para o conhecimento do passado da Terra. É notório que o continente antártico foi outrora temperado e mesmo tropical, com flora e fauna exuberantes, de que sobrevivem apenas os liquens, a fauna marinha, aracnídeos e pingüins, no limite setentrional. E contávamos ainda expandir esses dados, tanto em variedade quanto em precisão e pormenores. Quando um simples furo revelasse indícios fossilíferos, ampliaríamos a abertura mediante o uso de explosivos, a fim de obtermos amostras de dimensões e condição adequadas.

Nossos furos, de profundidades variadas, segundo o que prometiam o solo ou as rochas superiores, restringir-se-iam a superfícies terrestres expostas ou quase expostas — sendo que tais superfícies seriam inevitalmente encostas ou cristas, uma vez que aos níveis mais baixos superpunham-se camadas de gelo compacto com dois ou três quilômetros de espessura. Não podíamos perder tempo perfurando qualquer volume considerável de mera glaciação, muito embora Pabodie houvesse imaginado um plano para enterrar eletrodos de cobre em feixes densos de perfurações e degelar áreas limitadas de gelo com a corrente de um dínamo a gasolina. É esse o plano (que não podíamos pôr em prática numa expedição como a nossa, salvo a título de experiência) que a iminente Expedição Starkweather-Moore propõe-se a seguir, a despeito das advertências que tenho feito desde nosso regresso da Antártica.

O público tomou conhecimento da Expedição Miskatonic através de nossos freqüentes informes por rádio para o *Arkham Advertiser* e

para a Associated Press, bem como através de artigos posteriores, meus e de Pabodie. A expedição compunha-se de quatro pessoas da Universidade: Pabodie; Lake, do departamento de biologia; Atwood, do departamento de física, e que é também meteorologista; e eu, que representava o setor de geologia e a quem cabia a chefia nominal. Havia ainda dezesseis assistentes: sete estudantes de graduação da universidade e nove mecânicos hábeis. Desses dezesseis, doze eram pilotos aeronáuticos habilitados; todos, com exceção de dois, eram competentes operadores de rádio. Oito deles conheciam a navegação com bússola e sextante, tal como Pabodie, Atwood e eu. Além disso, naturalmente, nossos dois navios — ex-baleeiros de madeira, reforçados para operar nos golos e equipados com máquinas a vapor auxiliares — tinham tripulação completa.

A Fundação Nathaniel Derby Pickman, com a ajuda de algumas contribuições especiais, financiou a expedição; por conseguinte, nossos preparativos foram extremamente rigorosos, em que pese a ausência de grande publicidade. Cães, trenós, máquinas, materiais para acampamento e partes desmontadas de nossos cinco aviões foram entregues em Boston, onde os navios foram carregados. Estávamos equipados à perfeição para nossos objetivos específicos, e em todas as questões concernentes a suprimentos, nutrição, transporte e montagem de acampamentos tiramos proveito do exemplo magnífico de muitos predecessores recentes, excepcionalmente brilhantes. Foi o número invulgar e a fama desses predecessores que tornaram nossa própria expedição — malgrado sua magnitude — tão pouco notada pelo mundo em geral.

Como relataram os jornais, zarpamos do porto de Boston a 2 de setembro de 1930, seguindo placidamente pela costa e atravessando o canal do Panamá. Paramos em Samoa e em Hobart, na Tasmânia, sendo que nessa última escala embarcamos os suprimentos finais. Nenhum dos integrantes de nosso grupo já estivera anteriormente nas regiões polares, motivo pelo qual dependíamos grandemente de nossos capitães — J.B. Douglas, que comandava o brigue *Arkam e* que acumulava a função de comandante do grupo marítimo, e Georg Thorfinnssen, que comandava a barca *Miskatonic.* Ambos tinham larga experiência na pesca da baleia em águas antárticas.

À proporção que deixávamos para trás o mundo habitado, o sol caía cada vez mais ao norte e permanecia cada vez mais acima do horizonte a cada dia. Mais ou menos na altura dos 62° de latitude sul avistamos os primeiros *icebergs* — semelhantes a mesetas e com lados verticais — e pouco antes de atingirmos o círculo austral, que cruzamos a 20 de outubro, com cerimônias apropriadamente singulares, fomos consideravelmente molestados por campos de gelo flutuantes. A queda da temperatura me incomodava sobremaneira após nossa longa viagem através dos trópicos, mas eu tentava preparar-me para os rigores piores que viriam. Em muitas ocasiões os curiosos efeitos atmosféricos me encantaram enormemente; havia entre eles uma miragem acentuadamente vívida — a primeira que eu via — nas quais os gelos distantes tornavam-se as muralhas de inimagináveis castelos cósmicos.

Avançando em meio aos gelos, que felizmente não eram nem extensos nem muito espessos, voltamos a atingir águas abertas a 67° de latitude sul, 175° de longitude leste. Na manhã de 26 de outubro surgiu uma intensa cintilação em terra, ao sul, e antes do meio-dia todos nos sentimos invadidos de emoção ao contemplar uma imensa e altaneira cordilheira, coberta de neve, que cobria toda a vista. Havíamos encontrado, enfim, um sinal do grande continente desconhecido e seu mundo críptico de morte congelada. Aqueles picos eram, obviamente, a serra do Almirantado, descoberta por Ross, e cabia-nos agora dobrar o cabo Adare e seguir pela costa leste da Terra de Vitória até o local onde havíamos planejado instalar nossa base, na margem do estreito McMurdo, ao pé do vulcão Erebo, na latitude 77° 9’ sul.

A última etapa da viagem foi animada e de molde a despertar a imaginação. Grandes picos ermos e misteriosos avultavam constantemente a oeste, enquanto o baixo sol do meio-dia, ao norte, ou o sol ainda mais baixo da meia-noite, que quase tocava o horizonte, derramava seus raios avermelhados sobre a neve alva, o gelo e os cursos d'água azulados, e ainda sobre fragmentos negros de afloramentos de granito em encostas. Os cumes desolados eram batidos por rajadas violentas e intermitentes do terrível vento antártico; suas cadências por vezes encerravam vagas sugestões de flauteados selvagens e quase conscientes, com notas que abrangiam um vasto registro e que, por algum motivo mnemônico subconsciente, pareciam-me inquietantes e até

mesmo obscuramente fantásticos. Alguma coisa na cena recordava-me as estranhas e perturbadoras pinturas asiáticas de Nicholas Roerich, bem como as descrições ainda mais estranhas e mais perturbadoras do famigerado planalto de Leng, que ocorrem no horripilante *Necronomicon* do árabe louco, Abdul al-Hazred. Arrependi-me, mais tarde, de ter examinado esse livro monstruoso na biblioteca da universidade.

A 7 de novembro, depois de havermos perdido temporariamente a visão da cordilheira a oeste, passamos péla ilha Franklin. E no dia seguinte divisamos os cones dos montes Erebo e do Terror, na ilha Ross, mais adiante, antes da longa linha dos montes Parry. Estendia-se agora, em direção a leste, a linha baixa e branca da grande barreira glacial, elevando-se perpendicularmente até uma altura de 60 metros, como os penhascos rochosos de Quebec, e assinalando o término da navegação rumo ao sul. À tarde entramos no estreito de McMurdo e nos afastamos da costa, a sotavento do fumegante monte Erebo. O pico, coberto de escórias vulcânicas, elevava-se a pouco mais de 3.800m, silhuetado contra o céu oriental como uma gravura japonesa do sagrado Fujiyama, enquanto mais além erguia-se o vulto branco e fantasmático do monte Terror, com 3.270m de altura, hoje um vulcão extinto.

Fumarolas irrompiam intermitentemente do Erebo, e um dos estudantes — um jovem brilhante, de nome Danforth — chamou a atenção para o que parecia ser lava na encosta nevosa, observando que aquela montanha, descoberta em 1840, fora indubitavelmente a fonte da metáfora de Poe, quando sete anos mais tarde ele escreveu:

. . . as lavas que, incessantes, rolam Em correntes sulfurosas e descem no Yaanek Nos confins derradeiros do pólo. . . Que gemem ao rolarem pelo monte Yaanek Nos domínios do boreal pólo.

Danforth era ávido leitor de obras estranhas, e já nos havia falado largamente de Poe. Eu próprio estava interessado, por causa do cenário antártico da única história longa de Poe — aquele trabalho perturbador c enigmático que tem o título de *Arthur Gordon Pym,* Na margem inóspita, bem como na altaneira barreira glacial no fundo, miríades de grotescos pingüins gritavam e batiam as nadadeiras, ao passo que na água via-se grande número de gordas focas, nadando ou descansando sobre grandes pedaços de gelo flutuante.

Utilizando pequenos botes, efetuamos um desembarque difícil na ilha de Ross, pouco depois da meia-noite, na madrugada do dia nove, arrastando um cabo de cada navio e preparando-nos para desembarcar suprimentos, através de um sistema de bóias deslizantes. Ao pisarmos pela primeira vez o solo antártico, nossas sensações eram pungentes e complexas, muito embora as expedições de Scott e de Shacketon já nos houvessem precedido naquele ponto específico. Nosso acampamento na praia gelada, ao pé do vulcão, era apenas temporário, uma vez que o quartel-general continuava a bordo do *Arkham.* Desembarcamos toda nossa maquinaria de perfuração, cães, trenós, barracas, víveres, tanques de gasolina, o equipamento experimental para derreter o gelo, os aparelhos fotográficos, tanto os convencionais como os aéreos, peças para os aeroplanos e outros acessórios, inclusive três pequenos transmissores-receptores portáteis de rádio — além dos instalados nos aviões —, capazes de entrar em contato com o equipamento mais possante do *Arkham* de qualquer parte da Antártica que desejássemos visitar. O rádio do navio, capaz de falar para todo o mundo, deveria transmitir informes para a poderosa estação do *Arkham Advertiser,* em Kingsport Head, Massachusetts. Esperávamos poder completar nossa missão num único verão antártico; todavia, caso isso fosse de todo impossível, passaríamos o inverno no *Arkham,* fazendo com que a barca *Miskatonic* seguisse para norte, antes que o gelo se tornasse impenetrável, para buscar suprimentos para outro verão.

Não há porque repetir aqui o que os jornais já publicaram sobre o início de nossos trabalhos: nossa escalada do monte Erebo; nossas exitosas perfurações minerais em vários pontos da ilha Ross e a notável rapidez com que o dispositivo de Pabodie as efetuou; nossa experiência preliminar com o pequeno equipamento de degelamento; nossa perigosa ascensão pela grande barreira, com trenós e suprimentos; e a montagem final dos cinco enormes aeroplanos no acampamento que montamos no alto da barreira. A higidez de nosso grupo terrestre — vinte homens e cinqüenta e cinco cães alasqueanos de trenós — era extraordinária, ainda que, naturalmente, até então não houvéssemos encontrado temperaturas verdadeiramente destrutivas ou tempestades. Durante a maior parte do tempo, o termômetro variava de -16°C a -6,5°C ou -4°C, e nossa experiência com os invernos da Nova Inglaterra havia-nos habituado a rigores desse nível. O acampamento sobre a barreira era semipermanen-te

e destinava-se a servir de depósito de gasolina, víveres, dinamite e outros materiais.

De nossos aviões, somente quatro eram necessários para transportar o material de exploração propriamente dito; o quinto ficava, com um piloto e dois homens dos navios, no depósito, para que pudéssemos ser resgatados no caso de todos nossos aviões de exploração se perderem. Mais tarde, quando não estivéssemos usando todos os outros aviões para o transporte de equipamento, empregaríamos um ou dois num serviço de transporte entre esse depósito e outra base permanente no grande planalto, entre 950 e 1.120 quilômetros ao sul, além da geleira Beardmore. A despeito dos relatos quase unânimes que dão conta de ventos aterrorizantes e de tempestades que se despenham do planalto, tomamos a decisão de dispensar as bases intermediárias, correndo riscos no interesse da economia e da provável eficiência.

Os serviços telegráficos já deram conta do vôo empolgante, sem escalas e durante quatro horas, de nosso esquadrão a 21 de novembro, sobre a grandiosa planície gelada, com vastos picos elevando-se a oeste, e dos silêncios insondáveis que reverberavam com o ruído de nossos motores. O vento era um incômodo apenas moderado e nossos radiogoniômetros ajudaram-nos a transpor o único nevoeiro opaco com que nos defrontamos. Quando a imensa elevação avultou à nossa frente, entre as latitudes 83° e 84°, soubemos que havíamos chegado à geleira Beardmore, o maior vale gelado do mundo e que o mar congelado estava agora cedendo lugar a uma costa sombria e montanhosa. Por fim estávamos verdadeiramente penetrando no mundo branco do pólo, morto há eras e eras. No momento mesmo em que percebemos isso, avistamos o cume do monte Nansen bem longe, a leste, projetando-se a sua altitude de quase 4.600m.

O estabelecimento bem-sucedido da base sul, acima da geleira na latitude 86° 7', longitude leste 174° 23', assim como as perfurações e as explosões, fenomenalmente rápidas e eficientes, realizadas em vários pontos alcançados por nossas excursões em trenó e breves vôos em aeroplano, já pertencem à história; o mesmo se diga da árdua, porém triunfante, escalada do monte Nansen por Pabodie e dois dos estudantes — Gedney e Carroll — entre 13 e 15 de dezembro. Estávamos a aproximadamente 2.600m sobre o nível do mar, e quando perfurações

experimentais revelaram solo firme a apenas 3,5m sob a neve e o gelo em certos sítios, fizemos uso considerável do pequeno dispositivo de degelamento e abrimos furos e explodimos cargas de dinamite em vários locais em que nenhum explorador antes de nós havia sequer pensado em colher amostras minerais. Os granitos Pré-Cambrianos e os arenitos assim coletados confirmaram nossa convicção de que aquele planalto era homogêneo (a maior parte do continente ficava a oeste) mas um pouco diferente das partes que se estendiam, em direção a leste, abaixo da América do Sul — o que julgamos então constituir um continente menor, separado do maior por uma junção congelada dos mares de Ross e Weddell, ainda que posteriormente Byrd tenha mostrado ser essa hipótese falsa.

Em alguns arenitos, dinamitados e cinzelados depois que perfurações lhes revelaram a natureza, encontramos marcas e fragmentos fósseis interessantíssimos. Eram principalmente fetos, algas marinhas, trilobitas, crinóides e moluscos como *lingulas* e gastrópodes — todos os quais pareciam ter importância crítica para a história antiga da região. Havia ainda uma estranha marca estriada, triangular, com mais ou menos um palmo e meio na largura maior, que Lake montou a partir de três fragmentos de ardósia trazidos de um furo de grande profundidade, aberto a dinamite. Tais fragmentos provinham de um ponto a oeste, perto da cordilheira da Rainha Alexandra; e Lake, biólogo que era, deu mostras de achar as curiosas marcas invulgarmente singulares e intrigantes, ainda que, para meus olhos de geólogo, não parecessem diferentes de alguns efeitos de encrespação que são relativamente comuns em rochas sedimentares. Como a ardósia não é mais que uma formação metamórfica na qual é comprimida um estrato sedimentar, e como a própria pressão produz estranhos efeitos de distorção em quaisquer marcas que já existam, não vi motivo para admirar tanto a depressão estriada.

A 6 de janeiro de 1931, Lake, Pabodie, Daniels, todos os seis estudantes, quatro mecânicos e eu sobrevoamos o pólo sul em dois dos grandes aviões, sendo uma vez forçados a descer por um súbito vendaval, que, por felicidade, não se transformou numa típica tempestade. Como informaram os jornais esse foi um típico vôo de reconhecimento, entre vários; durante outros tentamos discernir novos acidentes topográficos

em áreas não alcançadas por exploradores anteriores. Nossos primeiros vôos foram desapontadores com relação a este último ponto, ainda que nos hajam propiciado alguns exemplos magníficos de miragens fantásticas e ilusórias das regiões polares, das quais nossa viagem por mar já havia proporcionado alguns breves indícios. Montanhas distantes flutuavam no céu como cidades encantadas e com freqüência todo aquele mundo branco se dissolvia numa terra dourada, argentina e escarlate de sonhos lunsanianos{6} e de aventurosa expectativa sob a luz espectral do baixo sol da meia-noite. Nos dias nublados tínhamos grande dificuldade para voar devido à tendência do céu e da terra, envoltos num único manto de neve, fundirem-se num místico vazio opalescente sem nenhum horizonte visível que marcasse a junção entre ambos.

Por fim decidimos levar a cabo nosso plano original de voar cerca de oitocentos quilômetros em direção a leste, com todos os quatro aviões de exploração e instalar uma nova sub-base num ponto que ficaria provavelmente na menor divisão continental, como erroneamente conjectura vemos que fosse. As amostras geológicas ali obtidas seriam úteis para fins de comparação. Nossa saúde até então permanecia excelente, e o sumo de limas compensava bem a constante dieta de alimentos enlatados e salgados; por outro lado, as temperaturas, geralmente acima dos 17° negativos, nos permitia viver sem as peles mais grossas. Estávamos em meio ao verão e com pressa e cuidado talvez pudéssemos concluir o trabalho em março e evitar uma tediosa hibernação durante a longa noite antártica. Várias tempestadas violentas haviam-se abatido sobre nós, vindas de oeste, mas havíamos deixado de sofrer danos graças à habilidade com que Atwood havia construído rudimentares abrigos para os aviões e quebra-ventos com pesados blocos de neve, e reforçado as principais construções do acampamento com neve. Nossa sorte e eficiência tinham sido, com efeito, quase notáveis.

O mundo exterior conhecia, naturalmente, nosso programa e era ainda informado da estranha e obstinada insistência de Lake quanto a uma viagem de exploração em direção a oeste (ou, mais exatamente, noroeste), antes de nossa transferência final para a nova base. Ao que parece, ele havia meditado muito, e com ousadia alarmantemente radical, sobre aquela marca triangular estriada na ardósia; tinha visto nelas certas contradições de natureza e de período geológico que lhe haviam aguçado a

curiosidade ao extremo e que o haviam deixado ansioso por abrir novos furos e realizar explosões adicionais na formação ocidental à qual os fragmentos desenterrados obviamente pertenciam. Curiosamente, ele se achava persuadido de que as marcas representavam pegadas de um organismo grande, desconhecido e radicalmente inclassificável, de evolução bastante avançada, não obstante o fato de a rocha da qual os fragmentos tinham sido extraídos ser de tal modo antiga — Cambriana senão Pré-Cambriana — que desde logo se podia negar a existência na época não só de uma etapa biologicamente avançada de vida, como, na verdade, de qualquer vida acima do estádio unicelular ou, no máximo, trilobítico. Aqueles fragmentos, com suas estranhas marcas, teriam entre quinhentos milhões e um bilhão de anos.

II

A imaginação popular, presumo, reagiu ativamente a nossas informações a respeito do início da excursão de Lake rumo a noroeste, em regiões jamais pisadas por seres humanos ou sequer vislumbradas pela imaginação do homem, muito embora não fizéssemos menção de suas esperanças loucas de revolucionar toda a biologia e a geologia. A jornada preliminar de Lake, entre 11 e 18 de janeiro, na companhia de Pabodie e de outros cinco homens — empanada pela perda de dois cães num tombo, ao atravessarem uma das grandes cristas no gelo — havia produzido uma quantidade cada vez maior da ardósia arqueana; e até mesmo eu fiquei interessado pela singular profusão de evidentes marcas fósseis naquela camada inacreditavelmente antiga. Tais marcas, no entanto, eram de formas vivas do maior primitivismo, não envolvendo grande paradoxo, salvo o de que qualquer forma viva ocorresse em rochas tão indubitavelmente Pré-Cambrianas quanto aquelas pareciam ser. Por conseguinte, eu ainda não lograva perceber o sentido do desejo de Lake no sentido de uma interrupção em nosso programa, delineado com vistas a poupar tempo — uma interrupção que exigiria o uso de todos os quatro aviões, muitos homens e a totalidade da maquinaria de nossa expedição. Não vetei, por fim, o plano, ainda que tomasse a decisão de não acompanhar o grupo que rumaria para noroeste, apesar de Lake haver insistido em que eu lhe desse assessoria geológica. Durante a ausência deles, eu permaneceria com Pabodie e cinco homens na base, e prepararia os planos finais exigidos pela mudança para leste. Como preparativo para

essa transferência, um dos aviões já havia começado a retirar do estreito de McMurdo uma boa quantidade de gasolina. Mas isso poderia esperar algum tempo. Mantive comigo um trenó e nove cães, uma vez que convinha ter à disposição um meio de transporte num mundo inteiramente desabitado e vazio.

A subexpedição de Lake ao ignoto, como todos recordarão, enviava seus próprios boletins pelos transmissores de ondas curtas instalados nos aviões. Tais transmissões eram simultaneamente captadas por nossa aparelhagem na base meridional e pelo *Arkham,* no estreito McMurdo, de onde eram passadas ao mundo em comprimentos de onda de até 50 metros. A partida se deu às 4 horas da manhã de 22 de janeiro; e a primeira mensagem que recebemos chegou duas horas depois. Nela Lake falava de haver pousado e iniciado uma pequena operação de degelo e perfuração, num ponto a cerca de 480km de nós. Seis horas depois, uma segunda mensagem, muito excitada, dava conta da abertura e alargamento de um furo raso, culminando na descoberta de fragmentos de ardósia com várias marcas, aproximadamente iguais à que havia causado a perplexidade original.

Três horas depois, um breve boletim anunciou o reinicio do vôo, em meio a uma ventania brutal; e quando despachei uma mensagem em que protestava contra riscos desnecessários, Lake respondeu laconicamente, dizendo que suas novas amostras faziam com que qualquer risco valesse a pena. Percebi que sua excitação havia chegado ao limite do motim e que eu nada podia fazer para impedir que ele pusesse em risco o sucesso de toda a expedição. No entanto, aturdia a imaginação pensar que ele estivesse mergulhando cada vez mais fundo naquela traiçoeira e sinistra imensidão branca, de tempestades e mistérios desconhecidos, que se estendia por cerca de 2.300 quilômetros em direção ao litoral, em parte conhecido, em parte pressentido, das Terras da Rainha Mary e de Knox.

Então, dentro de mais ou menos uma hora e meia, chegou aquela mensagem duplamente empolgada, transmitida em vôo, do avião de Lake, e que quase modificou meus sentimentos e me fez desejar ter acompanhado o grupo:

"22h05min. Em vôo. Depois da tempestade, vimos cordilheira à frente, maior que qualquer outra conhecida. Talvez igual ao Himalaia, abrindo margem para altitude do planalto. Latitude provável, 76° 5'

longitude 113° 10'. Estende-se para direita e esquerda até onde se pode ver. Suspeitas, de dois cones fumegantes. Todos os picos negros e sem neve. O vendaval que sopra sobre eles impede a navegação.

Depois disso, Pabodie, os homens e eu não nos afastamos do receptor, prendendo a respiração. Pensar naquela titânica muralha montanhosa, a 1.100 quilômetros de distância, inflamava nosso mais profundo sentido de aventura; e nos rejubilávamos com o fato de que ela tivesse sido descoberta por nossa expedição, ainda que não nós próprios, pessoalmente. Daí a meia hora Lake chamou-nos outra vez:

"Avião de Moulton obrigado a aterrissar nos contrafortes do planalto, mas ninguém se feriu e talvez possa ser consertado. Vou transferir o essencial para os outros três, para o regresso ou novas excursões, se necessárias, mas no momento não há necessidade de viagens em aviões pesados. As montanhas superam toda a imaginação. Vou fazer um reconhecimento no avião de Carroll, sem nenhum peso.

"Não podem imaginar nada semelhante. Os picos mais altos devem ter mais de 10.500m. O Everest não conta mais. Atwood vai calcular as alturas com o teodolito enquanto Carroll e eu subimos. Provavelmente houve engano com relação aos cones, pois as formações parecem estratificadas. Talvez ardósia Pré-Cambriana com outras camadas, misturadas. Efeitos curiosos no horizonte — seções regulares de cubos suspensas dos picos mais alto. Tudo maravilhoso, na luz vermelho-dourada do sol baixo. Como terra misteriosa num sonho ou limiar de mundo proibido de maravilhas nunca vistas. Gostaria que estivesse aqui para estudar."

Ainda que, tecnicamente, fosse hora de estarmos dormindo, nenhum de nós, que escutávamos, pensou em recolher-se. Quase a mesma coisa devia estar ocorrendo no estreito McMurdo, onde o depósito de suprimentos e o *Arkham* estavam também captando as mensagens, pois o capitão Douglas emitiu uma mensagem dando os parabéns a todos pela importante descoberta; Sherman, o responsável pelo depósito, também expressou seu júbilo. Sentíamos, naturalmente, o acidente com o aeroplano, mas esperávamos que pudesse ser reparado facilmente. Então, às 11 da noite, chegou outra mensagem de Lake:

"Estou com Carroll sobre os contrafortes mais altos. Não nos atrevemos a tentar os picos realmente altos com este tempo, mas faremos isto depois. A subida foi muito difícil e o vôo é perigoso a esta altitude, mas vale a pena. A grande cordilheira é bastante maciça, por isso nada vemos do outro lado. Os cumes maiores excedem o Himalaia, são muito esquisitos. As montanhas parecem ardósia Pré-Cambriana, com sinais claros de muitas outras camadas soerguidas. Enganei-me quanto a vulcanismo. Estende-se mais, nas duas direções, do que podemos ver. Nenhuma neve acima de 6.500m.

"Formações singulares nas encostas das montanhas mais elevadas. Grandes blocos baixos e quadrados, com lados exatamente verticais, e linhas retangulares de muralhas baixas e verticais, como os velhos castelos asiáticos, suspensos em montanhas íngremes, nas pinturas de Roerich. Imponentes a distância. Voamos perto de algumas e Carroll achou que eram formadas de partes menores separadas, mas provavelmente isso é imaginação. Maioria das arestas corroídas e arredondadas, como se expostas a tempestades e mudanças climáticas durante milhões de anos.

"Algumas partes, sobretudo as superiores, parecem de rochas mais claras que quaisquer camadas visíveis nas encostas propriamente ditas, e portanto de evidente origem cristalina. Exames a menor distância mostram muitas bocas de cavernas, algumas de contornos bastante regulares, quadrados ou semicirculares. Você deve vir investigar. Creio ter visto muralha bem no alto de um pico. A altura parece cerca de 9.000 a 10.500m. Estou a 6.500m, num frio diabólico e cortante. O vento asso via através de desfiladeiros, entrando e sainda de cavernas, mas nenhum perigo real para o vôo até agora."

Daí em diante, a cada meia hora, Lake manteve uma saraivada de comentários, e exprimiu sua intenção de escalar a pé alguns picos. Respondi que iria juntar-me a ele assim que ele pudesse mandar um avião e que Pabodie e eu definiríamos o melhor plano de utilização dá gasolina — onde e como concentrarmos nosso suprimento, em vista da alteração do caráter da expedição. Evidentemente, os trabalhos de perfuração de Lake, bem como suas atividades aeronáuticas, exigiriam uma grande quantidade de combustível para a nova base que ele planejava montar no sopé das montanhas; e era possível que a viagem

para leste acabasse não sendo realizada naquela estação. Com relação a essa previsão, chamei o capitão Douglas e lhe pedi que retirasse o máximo possível de combustível dos navios e que o levasse para o alto da barreira, usando os poucos cães que havíamos deixado lá. O que realmente pensávamos em fazer era estabelecer uma rota direta, através da região desconhecida, entre Lake e o estreito McMurdo.

Lake chamou-me mais tarde para dizer que havia decidido instalar o acampamento no local onde o avião de Moulton fora obrigado a descer e onde o trabalho de reparo já estava em curso. A cobertura de gelo era muito fina, o solo escuro aparecia aqui e ali, e ele realizaria algumas perfurações e explosões ali mesmo antes de fazer qualquer viagem de trenó ou escaladas a pé. Falou da inefável majestade do cenário e sobre suas sensações por se ver ao abrigo de vastos e silenciosos pináculos, que se arremessavam para o alto como uma muralha que alcançasse o céu na borda do mundo. Utilizando o teodolito, Atwood havia calculado que os picos mais elevados ascendiam a uma altura de 9.000 a 10.200 metros. A natureza do terreno, descalvado pelo vento, claramente preocupava Lake, pois atestava a ocorrência ocasional de vendavais prodigiosos, mais violentos que todos quantos já havíamos encontrado. Seu acampamento situava-se, a cerca de oito quilômetros do ponto onde os contrafortes mais altos se elevavam abruptamente. Eu podia quase detectar um tom de alarme subconsciente em suas palavras — transmitidas através de um vazio glacial de 1.100 quilômetros — enquanto ele recomendava que explorássemos aquela região estranha e nova tão depressa quanto possível. Ele estava então para descansar, após um dia de trabalho sem paralelo — em termos de rapidez, exaustão e resultados.

Pela manhã conversei pelo rádio, ao mesmo tempo, com Lake e o capitão Douglas. Ficou acertado que um dos aviões de Lake viria à minha base para buscar Pabodie, os cinco homens e a mim próprio, bem como todo o combustível que pudesse carregar. A decisão quanto ao restante do combustível, a depender de nossa resolução quanto à viagem para leste, poderia ficar para depois, uma vez que por ora Lake dispunha do suficiente para aquecimento e para as perfurações. Mais adiante a velha base a sul teria de ser reabastecida, mas se protelássemos a viagem para leste não teríamos de usá-la senão no verão seguinte, e nesse ínterim Lake

deveria mandar um avião explorar uma rota direta entre a nova cordilheira e o estreito McMurdo.

Pabodie e eu nos preparamos para fechar a base, por um período curto ou longo, como fosse o caso. Se invernássemos na Antártica, provavelmente iríamos de avião diretamente da base de Lake para o *Arkham,* sem voltarmos àquele ponto. Algumas de nossas barracas cônicas já tinham sido reforçadas com blocos de neve endurecida, mas decidimos então completar o trabalho de construção de uma vila permanente. Devido ao generosíssimo suprimento de barracas, Lake tinha consigo tantas quantas sua base necessitaria, mesmo após nossa chegada. Informei pelo rádio que Pabodie e eu estaríamos prontos para a viagem rumo a noroeste depois de um dia de trabalho e uma noite de repouso.

Nossa labuta, no entanto, reduziu-se consideravelmente após as quatro horas da tarde, pois por volta disso Lake começou a enviar mensagens extraordinárias e excitadíssimas. Seu dia de trabalho havia principiado de modo pouco promissor, uma vez que o reconhecimento aéreo das superfícies de rochas quase afloradas revelou absoluta ausência das camadas arqueanas e primevas que ele estava procurando e que constituíam parte tão substancial dos colossais picos que se erguiam a uma distância tantalizante do acampamento. Na maioria, as rochas avistadas eram, aparentemente, renitos jurássicos e comanchianos, bem como xistos permianos e triássicos; vez por outra surgia um reluzente afloramento negro que sugeria um carvão duro e ardósico. Isso de certa forma desalentou Lake, cujos planos diziam respeito a desenterrar amostras que teriam mais 500 milhões de anos que essas. Ficou-lhe claro que a fim de recuperar o veio de ardósia arqueana na qual ele havia localizado as marcas tão curiosas, teria de empreender uma longa jornada desde aqueles contrafortes até as encostas íngremes das próprias montanhas gigantescas.

Ele resolvera, não obstante, efetuar algumas perfurações no local, como parte do programa geral da expedição. Por isso, montou o equipamento e destacou cinco homens para operá-lo, enquanto os demais terminavam de montar o acampamento e reparar o avião danificado. A rocha visível mais macia — um arenito a cerca de 1,5 km do acampamento — havia sido escolhida para a primeira amostragem; e a perfuratriz fazia excelente progresso sem muitas explosões suplementares. Foi mais ou menos três horas depois, após a primeira dinamitação realmente

forte da operação, que se ouviram os gritos da turma de perfuração; e foi também então que o jovem Gedney, que atuava como supervisor do trabalho, entrou correndo no acampamento trazendo as notícias espantosas.

Haviam dado com uma caverna. No começo da perfuração, o arenito tinha dado lugar a um veio de calcário comanchiano onde abundavam minúsculos fósseis — cefatópodes, corais, *echini, spirifera* —, além de indícios ocasionais de esponjas silicosas e ossos de vertebrados marinhos — sendo estes últimos provavelmente teleósteos, tubarões e ganóides. Por si só, isso já era bastante significativo, por proporcionar os primeiros vertebrados fósseis que a expedição havia coletado. No entanto, quando logo depois a broca penetrou mais fundo na camada e deu sinal de estar operando no vazio, espalhou-se entre os escavadores uma redobrada excitação. Uma explosão de força considerável havia exposto o segredo subterrâneo; e agora, através de uma abertura denteada com cerca de metro e meio de largura e noventa centímetros de espessura, escancarava-se diante dos pesquisadores um buraco na delgada camada calcária, aberto havia mais de cinqüenta milhões de anos pelo escoamento das áreas superficiais de um extinto mundo tropical.

A camada oca não teria mais de dois metros ou dois metros e meio de profundidade, mas se estendia indefinidamente em todas as direções e dela emanava uma fresca e leve corrente de ar que levava a crer que a cavernosidade fazia parte de um amplo sistema subterrâneo. Tanto o teto como o piso apresentavam abundância de grandes estalagmites e estalactites, algumas das quais se encontravam formando colunas. Contudo, o que de mais importante havia ali era o vasto depósito de conchas e ossos, que em certos lugares quase obstruíam a passagem. Transportada, pelas águas, de desconhecidas selvas de fetos arbóreos e fungos mesozóicos, bem como de florestas Terciárias de cicadáceas, palmáceas e primitivas angiospermas, aquela mixórdia óssea continha mais representantes de animais do Cretáceo, do Eoceno e outras épocas do que o maior paleontologista poderia contar ou classificar durante um ano. Moluscos, crustáceos de carapaça, peixes, anfíbios, répteis, aves e primitivos mamíferos — grandes e pequenos, conhecidos e desconhecidos. Não era de admirar que Gedney voltasse correndo para o acampamento aos gritos, nem também que todos deixassem o trabalho e

se precipitassem em meio ao frio cortante para o ponto em que a alta torre de perfuração assinalava um recém-descoberto acesso a segredos do interior do planeta e de eras imemoriais.

Depois que Lake satisfez sua impetuosa curiosidade inicial, garatujou uma mensagem em sua caderneta e fez com que o jovem Moulton corresse ao acampamento a fim de transmiti-la pelo rádio. Foi essa a primeira notícia que tive da descoberta, dando conta da identificação de conchas, ossos de ganóides e placodermos, tudo isso antiquíssimo, de resquícios de labirintodontos e tecodontes, fragmentos de crânios de grandes mosassauros, vértebras e placas de couraça de dinossauros, dentes e ossos de asas de pterodátilos, restos de arqueopterix, dentes de tubarões miocênicos, crânios de aves primitivas, além de outros ossos de mamíferos arcaicos como paleópteros, xifodontes, *eohippis,* oreodontes, e titanotérios. Não havia ali nada recente como um mastodonte, elefante, camelo verdadeiro, veado ou bovino; daí ter Lake concluído que os últimos depósitos haviam ocorrido durante o Oligoceno, e que a camada oca havia permanecido em seu estado presente — seco, morto e inacessível — durante pelo menos trinta milhões de anos.

Por outro lado, a predominância de formas de vida muito primitivas era singularíssima. Ainda que a formação calcária fosse, a julgar pela intrusão de típicos fósseis como ventriculites, inequivocamente comanchiana (não havia nenhuma possibilidade de serem anteriores), os fragmentos livres no espaço oco incluíam uma surpreendente proporção de organismos até então considerados característicos de períodos muito mais recuados — até mesmo peixes, moluscos e corais rudimentares de épocas remotas como o Siluriano ou o Ordoviciano. A inferência inevitável era de que naquela parte do mundo houvera um notável e inusitado grau de continuidade entre a vida de 300 milhões de anos atrás e a de apenas 30 milhões de anos passados. Não havia, naturalmente, nenhuma possibilidade de se estimar até quando essa continuidade se estendera além do Oligoceno, quando a caverna tinha sido fechada. De qualquer forma, o advento dos terríveis gelos do Pleistoceno, há cerca de quinhentos mil anos — um simples ontem, em comparação com a idade daquela cavidade — devia ter dado fim a todas as formas primevas que naquele local haviam logrado sobreviver.

Lake não se satisfez com sua primeira mensagem, e escreveu e despachou outro boletim para o acampamento, antes que Moulton voltasse. Depois disso Moulton permaneceu junto ao rádio de um dos aviões, transmitindo-me — e também para o *Arkham,* para que dali as mensagens alcançassem o mundo — os freqüentes adendos que Lake lhe enviava por uma série de mensageiros. Quem acompanhou os Jornais há de recordar a comoção causada entre os homens de ciência pelos boletins daquela tarde — os boletins que levaram, depois de tantos anos, à organização da própria Expedição Starkweather-Moore, que anseio tanto dissuadir de seus propósitos. Creio ser conveniente transcrever as mensagens literalmente, tal como Lake as enviou e como Mctighe, o operador de nossa base, as traduziu das notas taquigráficas:

"Fowler faz descoberta da maior importância em fragmentos de arenitos e calcários após explosões. Várias impressões estriadas triangulares, diferentes, como as da ardósia arqueana, provando que sua fonte sobreviveu de mais de 600 milhões de anos atrás até os tempos comanchianos sem mais que alterações morfológicas moderadas e sem diminuição do tamanho médio, sendo as impressões comanchianas aparentemente mais primitivas ou decadentes do que as mais antigas. Salientar a importância da descoberta pela imprensa. Significará para a biologia o que Einstein significou para a matemática e a física. Complementa meu trabalho anterior e amplia as conclusões.

"Parece indicar, como eu suspeitava, que a terra conheceu todo um ciclo ou ciclos de vida orgânica antes do conhecido, que começa com células arqueozóicas. Evoluiu e se especializou há não menos de um bilhão de anos, quando o planeta era jovem e até pouco antes inabitável por qualquer forma de vida de estrutura protoplásmica normal. Resta saber quando, onde e como ocorreu o desenvolvimento."

"Mais tarde. Examinando certos fragmentos ósseos de grandes sáurios terrestres e marinhos e de mamíferos primitivos, encontro singulares contusões ou lesões não imputáveis a qualquer animal predador ou carnívoro de qualquer período. Dois tipos: furos retos, penetrantes, e incisões aparentemente cortantes. Um ou dois casos de ossos partidos sem denteamento. Não muitos espécimes afetados. Vou mandar buscar lanternas elétricas no acampamento. Vou ampliar a área subterrânea de exploração, quebrando as estalactites."

"Mais tarde ainda. Localizamos um curioso fragmento de esteatita com cerca de 15 centímetros de largura e 4 centímetros de espessura, inteiramente diferente de qualquer formação local visível — esverdeada, mas sem nada que possa indicar seu período. Lisura e regularidade curiosas. Tem forma de estrela de cinco pontas, com ápices quebrados, e sinais de outra clivagem em ângulos voltados para o interior e no centro da superfície. Depressão pequena e lisa no meio da superfície. Desperta muita curiosidade com relação à origem e desgaste. Provavelmente produzido pela ação hidráulica. Carroll, com a lupa, julga poder ver marcas adicionais de importância geológica. Grupos de pontinhos minúsculos formando desenhos regulares. Os cães se tornam intranqüilos enquanto trabalhamos e parecem odiar essa esteatica. Precisamos verificar se ela tem algum cheiro especial. Volto a me comunicar quando Mills voltar com a luz e começarmos no subterrâneo.

"22h15min. Descoberta importante. Trabalhando lá embaixo a partir das 21h45min com luz, Orrendorf e Watkins encontraram monstruoso fóssil em forma de barril, de natureza inteiramente desconhecida; provavelmente vegetal, salvo se for espécime de radiado marinho desconhecido que cresceu exageradamente. Tecidos evidentemente preservados por sais minerais. Duro como couro, mas em certos pontos conserva espantosa flexibilidade. Marcas de partes quebradas nas extremidades e em torno dos lados. Um metro e noventa de ponta a ponta, um metro de diâmetro central, reduzindo-se a 30 centímetros em cada extremidade. Parece um barril com cinco rugas salientes em lugar de aduelas. Fraturas laterais, como que de hastes delgadas, no equador, no meio dessas rugas. Em sulcos entre as rugas, há apêndices curiosos — cristas ou asas que se dobram e desdobram como leques. Todos severamente lesados menos um, que tem uma envergadura de cerca de dois metros. A disposição lembra certos monstros de mitos antigos, principalmente os fabulosos Seres Antigos do *Necronomicon.*

"As asas parecem membranosas, estendidas numa estrutura de tubulação glandular. Minúsculos orifícios visíveis na tubulação da ponta das asas. Extremidades do corpo murchas, não dando indicação do interior ou do que se quebrou ali. Vamos dissecar quando voltarmos ao acampamento. Não chego a conclusão quanto a ser vegetal ou animal. Muitas características são obviamente de um primitivismo quase

inacreditável. Coloquei todo o pessoal quebrando estalactites e procurando outros espécimes. Encontrados outros ossos lesados, mas terão de esperar. Problemas com os cães. Não suportam o novo espécime e provavelmente o dilacerariam se não os mantivéssemos afastados.

"23h30min. Atenção, Dyer, Pabodie, Douglas. Questão de máxima — eu diria transcendental — importância. O Arkham deve comunicar-se com a Estação de Kingsport Head imediatamente. Foi o estranho ser arqueano cm forma de barril que deixou as Impressões nas rochas. Millis, Boudrau e Fowler descobriram um grupo de outros treze num ponto a 12 metros da abertura do subterrâneo. Misturados cem fragmentos de esteatita curiosamente arredondados, menores que o localizado anteriormente — com forma de estrela, mas sem sinal de fratura, exceto em algumas pontas.

"Entre os espécimes orgânicos, oito aparentemente perfeitos, com todos os apêndices. Trouxeram todos para a superfície, levando os cães para longe. Não suportam as coisas. Prestem atenção na descrição e repitam, para garantir exatidão. Os jornais devem receber informações corretas.

"Os objetos têm dois metros e quarenta de ponta a ponta. Torso em forma de barril, com um metro e oitenta, um metro de diâmetro central, trinta centímetros de diâmetro nas extremidades. Cinza-escuros, flexíveis e infinitamente duros. Asas membranosas de dois metros e dez, da mesma cor, encontradas dobradas, nascendo de sulcos entre as rugas. Estrutura das asas tubular ou glandular, de um cinza mais claro, com orifício nas extremidades das asas. Quando abertas, as asas apresentam serrilhamento nas bordas. Em torno do equador, cada qual no ápice central de cada uma das cinco rugas verticais semelhantes a aduelas, ficam cinco sistemas de braços ou tentáculos flexíveis e cinza-claros, encontrados comprimidos fortemente contra torso mas capazes de se estender a um comprimento total de quase um metro. Semelhante a braços de crinóide primitivo. Os pedúnculos, com oito centímetros de diâmetro, subdividem-se após 25 centímetros em cinco subpedúnculos, cada um dos quais subdvidem-se depois de 30 centímetros em pequenos tentáculos ou gavinhas cônicas, dando a cada pedúnculo um total de 25 tentáculos.

"No alto do torso, pescoço curto e bulboso de um cinzento mais claro, com insinuações de guelras ou coisa semelhante; sustenta o que seria uma cabeça, em forma de estrela-do-mar amarelada, coberta por cílios de oito centímetros e várias cores prismáticas.

"Cabeça grossa e fofa, com cerca de 60 centímetros de ponta a ponta, com tubos amarelados e flexíveis, de oito centímetros, projetando-se de cada ponta; ao fim de cada tubo há uma expansão esférica, coberta por uma membrana amarelada retrátil, que, quando enrolada, deixa ver um globo vítreo, com íris vermelha, evidentemente um olho.

"Cinco tubos avermelhados, ligeiramente mais longos, partem dos ângulos internos da cabeça estrelada c terminam em protuberâncias em forma de saco, da mesma cor, os quais, sob pressão, abrem-se para orifícios campaniformes com cinco centímetros de diâmetro máximo e recobertos com projeções agudas e brancas, que lembram dentes — provavelmente bocas. Todos estes tubos, cílios e pontas da cabeça estrelada foram encontrados comprimidos fortemente para baixo; os tubos e as pontas pendem sobre o pescoço bulboso e o torso. Flexibilidade surpreendente, apesar da enorme dureza.

"Na parte inferior do torso existe contrapartidas grosseiras mas de funcionamento dessemelhante da cabeça. Um pseudo pescoço cinza-claro e bulboso, sem insinuações de guelras, sustenta uma formação estrelada de cinco pontas, esverdeada.

"Braços duros e musculosos, com um metro e vinte, cônicos, com 17,5 centímetros na base e cerca de sete centímetros na extremidade. A cada extremidade prende-se pequena terminação de um triângulo esverdeado e membranoso, com cinco nervuras, medindo 20 centímetros de comprimento e 15 centímetros de largura na ponta externa. Foi pseudópodo ou nadadeira que deixou marcas em rochas com idades que variam de um bilhão a 50 ou 60 milhões de anos.

"De ângulos internos da formação estreliforme prometam-se tubos avermelhados de 60 centímetros de comprimento, cônicos, com oito centímetros de diâmetro na base e dois e meio na extremidade. Orifícios nas extremidades. Todas essas partes infinitamente duras e coriáceas, porém extremamente flexíveis. Braços de metro e vinte, com nadadeiras indubitavelmente utilizadas para alguma espécie de locomoção, marinha

ou terrestre. Quando movimentados, dão impressão de exagerada muscularidade. Todas essas projeções encontradas fortemente dobradas sobre o pseudo pescoço e fim do torso, correspondendo a projeções na outra extremidade.

"Não podem ser ainda classificados com certeza no reino vegetal ou animal, mas os indíces apontam para o animal. Provavelmente representam evolução incrivelmente avançada de radiados, sem perda de certas características primitivas. Inequívocas semelhanças com equinodermos, apesar de indícios contraditórios localizados.

"A estrutura alar é um enigma, em vista do provável habitat marinho, mas podem ser usadas para locomoção aquática. A simetria é curiosamente vegetal, lembrando a essencial estrutura vertical do vegetal, e não a horizontal do animal. A época de evolução fabulosamente recuada, precedendo até mesmo os mais simples protozoários arqueanos conhecidos, impede qualquer conjectura quanto a origem.

"Os espécimes completos apresentam tal similitude com certas criaturas de mitos antigos que se torna inevitável a hipótese de terem existido, no passado, fora da Antártida. Dyer e Pabodie leram o *Necronomicon* e viram quadros de Clark Ashton Smith baseados no texto, pelo que hão de compreender quando me refiro a Seres Antigos, que teriam criado toda a vida terrestre, por zombaria ou engano. Os estudiosos sempre julgaram que tais concepções se formaram a partir do tratamento imaginativo mórbido de antiquíssimos radiados tropicais. Lembram também seres pré-históricos folclóricos de que trata Wilmarth — cultos de Cthulhu etc.

"Abre-se vasto campo de estudo. Os depósitos datam provavelmente do fim do Cretáceo ou princípio do Eoceno, a julgar por amostras associadas. Enormes estalagmites depositadas sobre eles. A dissecação é trabalhosa, mas a dureza impediu dano. Miraculoso o estado de preservação, devido evidentemente à ação dos calcários. Não foram encontrados outros até agora, mas retomaremos o trabalho mais tarde. O problema agora será transportar quatorze gigantescos espécimes para o acampamento sem utilizar os cães, que latem furiosamente e não poderão chegar perto deles.

"Com nove homens — três vão ficar para cuidar dos cães — deveremos manobrar os trenós bem, embora o vento esteja forte. É preciso estabelecer comunicação aérea com o estreito McMurdo e começar a transportar material. Mas tenho de dissecar um desses seres antes de poder descansar. Gostaria de ter um verdadeiro laboratório aqui. Convém Dyer se autoflagelar por haver tentado impedir minha viagem rumo a noroeste. Primeiro, as maiores montanhas do mundo, e depois isso. Se este não é o ponto alto da expedição, não sei qual será. Estamos feitos para a ciência. Parabéns, Pabodie, pela perfuratriz que abriu a caverna. Por favor, *Arkham,* repita a descrição."

As sensações de Pabodie e minhas ao recebermos esse relatório foram quase indescritíveis; tampouco nossos companheiros ficaram muito atrás em seu entusiasmo. McTighe, que havia apressadamente traduzido alguns pontos mais importantes à medida que saíam do receptor, transcrevo toda a mensagem a partir de sua versão taquigráfica, assim que o operador de Lake encerrou a transmissão. Todos perceberam o significado momentoso da descoberta, e enviei congratulações a Lake assim que o operador do *Arkham* acabou de repetir as partes descritivas, como solicitado. E meu exemplo foi seguido por Sherman, de sua estação no depósito de suprimentos do estreito McMurdo, assim como pelo Capitão Douglas, do *Arkham.* Mais tarde, como chefe da expedição, acrescentei algumas observações que deveriam ser transmitidas do *Arkham* para todo o mundo. Naturalmente, era absurdo pensar em repouso em meio a tanta comoção; e meu único desejo era chegar ao acampamento de Lake assim que possível. Fiquei decepcionado quando ele avisou que um intenso vendaval tornava impossível o transporte aéreo.

No entanto, dentro de hora e meia voltou a crescer o interesse, banindo o desapontamento. Através de novas mensagens, Lake falava do transporte inteiramente bem-sucedido dos quatorze grandes espécimes para o acampamento. Tinha sido difícil, pois as coisas eram surpreendentemente pesadas. No entanto, nove homens haviam conseguido vencer o desafio. Agora alguns integrantes do grupo estavam construindo apressadamente um curral, com blocos de neve, a uma distância segura do acampamento, ao qual os cães poderiam ser levados para maior facilidade de alimentação. Os espécimes tinham sido

colocados sobre a neve dura, menos um, no qual Lake fazia grosseiras tentativas de dissecação.

Tal dissecação parecia constituir tarefa mais dificultosa do que o previsto, pois, apesar do calor proporcionado por um fogão a gasolina na recém-montada barraca que fazia as vezes de laboratório, os tecidos enganosamente flexíveis do espécime escolhido — forte e intacto — não perderam nada de sua dureza mais que coriácea. Lake não imaginava meio de fazer as incisões necessárias sem usar de violência suficientemente destrutiva para perturbar todas as sutilezas estruturais que estava procurando. Dispunha, na verdade, de outros sete espécimes perfeitos; mas era um número muito pequeno para que fossem usados sem cautela, a menos que a caverna viesse a proporcionar mais tarde uma quantidade ilimitada. Por conseguinte, ele removeu o espécime e trouxe um outro que, ainda que apresentasse restos das configurações estreliformes em ambas as extremidades, achava-se bastante esmagado e parcialmente danificado ao longo de um dos sulcos do enorme tronco.

Os resultados, incontinenti transmitidos pelo rádio, causaram realmente perplexidade e espanto. Não era possível delicadeza ou precisão com instrumentos que mal conseguiam cortar os tecidos anômalos, mas o pouco que se conseguiu deixou-nos a todos aturdidos. A biologia teria de ser radicalmente revista, pois aquele ser não era produto de nenhum desenvolvimento celular que a ciência conheça. Não houvera praticamente nenhuma substituição mineral e apesar da idade, de talvez quarenta milhões de anos, os órgãos internos estavam íntegros. A qualidade coriácea, infungível e quase indestrutível era um atributo inerente da organização da criatura e pertencia a algum ciclo palco-arcaico de evolução invertebrada inteiramente fora de nossas faculdades es peculativas. A princípio tudo quanto Lake encontrou era seco, mas à medida que a barraca aquecida produzia seu efeito degelante encontrou-se umidade orgânica, de odor acre e fétido no lado não lesionado da coisa. Não se tratava de sangue, e sim de um fluido denso e verde-escuro que aparentemente atendia à mesma finalidade. Quando Lake chegou a esse estágio, já todos os 37 cães tinham sido conduzidos ao curral ainda inconcluso perto do acampamento, mas mesmo àquela distância puseram-se a latir loucamente e a demonstrar inquietude, devido ao cheiro penetrante.

Longe de ajudar na classificação do estranho ente, aquele arremedo de dissecação só serviu para aprofundar o mistério. Todos os palpites com relação a seus membros externos tinham sido corretos, e com base nisso não havia como evitar considerar aquele ser um animal; no entanto, a inspeção interna produziu tantos indícios de vegetalidade que Lake ficou inapelavelmente perdido. A criatura tinha digestão e circulação e eliminava detritos orgânicos pelos tubos avermelhados de sua base estreli-forme. Superficialmente, poder-se-ia dizer que o aparelho respiratório lidava com oxigênio, e não com dióxido de carbono; e havia curiosas evidências de câmaras de armazenamento de ar; e métodos de transferir a respiração plenamente desenvolvidos — guelras e poros. Tratava-se claramente de um anfíbio, provavelmente adaptado a longos períodos de hibernação sem ar. Parecia existir órgãos vocais, ligados ao principal sistema respiratório, mas apresentavam anomalias que desafiavam solução imediata. Fala articulada, no sentido de emissão de sílabas, parecia ser quase inimaginável, mas notas musicais flauteadas, cobrindo um amplo registro, eram altamente prováveis. O sistema muscular era quase prematuramente desenvolvido.

O sistema nervoso mostrava tal complexidade e desenvolvimento que Lake sentiu-se estupefato. Ainda que excessivamente primitivo e arcaico em certos aspectos, aquele ente possuía um conjunto de centros ganglionares, bem como conectivos, que atestavam extremos de desenvolvimento especializado. O cérebro, de cinco lobos, era surpreendentemente evoluído e havia indícios de um equipamento sensorial, em parte atendidos pelos cílios rijos da cabeça, envolvendo fatores estranhos a qualquer outro organismo terrestre. Teria provavelmente mais de cinco sentidos, pelo que seus hábitos não podiam ser previstos com base em qualquer analogia existente. Devia ter sido, pensava Lake, uma criatura de aguda sensibilidade e funções sutilmente diferenciadas em seu mundo primal — muito assemelhada às formigas e abelhas de hoje. Reproduzia-se como os criptógamos vegetais, especialmente as pteridófitas, e possuía câmaras de espórios nas extremidades das asas, câmaras que evidentemente se desenvolviam a partir de um talo ou pró-talo.

No entanto, atribuir-lhe um nome nesse estágio era simples tolice. Parecia um radiado, mas era obviamente algo mais. Era em parte vegetal,

mas apresentava três quartos dos traços essenciais da estrutura animal. Que era de origem marinha, sua configuração simétrica e alguns outros atributos indicavam claramente; entretanto, não havia como apontar com certeza o limite de suas ulteriores adaptações. As asas, afinal, encerravam uma persistente insinuação de vôo. O processo mediante o qual ele havia sofrido sua evolução tremendamente complexa, numa Terra recém-nascida e em tempo para deixar pegadas em rochas arqueanas, era de tal modo incogitável que levou Lake a fantasiosamente recordar os mitos primais sobre os "Grandes e Antigos" que se tinham originado das estrelas e tramado a vida terrestre como facécia ou por equívoco; e também as histórias delirantes sobre seres cósmicos que habitavam montes, narradas por um folclorista do departamento de Língua e Literatura da Universidade Miskatonic.

Naturalmente, Lake levou em conta a possibilidade de as impressões Pré-Cambrianas terem sido feitas por um ancestral menos evoluído dos espécimes descobertos na caverna, mas logo rejeitou essa teoria simplista, ao considerar as avançadas características estruturais dos fósseis mais antigos. A rigor, as configurações posteriores revelavam antes decadência que evolução superior. O tamanho dos pseudópodos havia diminuído e toda a morfologia parecia mais grosseira e simplificada. Ademais, os nervos e órgãos recém-examinados levavam a crer que tivesse havido um retrocesso em relação a formas ainda mais complexas. Lake constatara, com surpresa, grande número de partes atrofiadas e vestigiais. De modo geral, pouco se poderia considerar como solucionado; e assim Lake recorreu à mitologia, em busca de um nome provisório — e jocosamente passou a se referir às suas descobertas como "Os Antigos".

Por volta das 2h30min da manhã ele decidiu adiar o restante do trabalho e descansar um pouco. Cobriu o organismo dissecado com um oleado, saiu da barraca-laboratório e estudou os espécimes intactos com renovado interesse. O incessante sol antártico havia começado a tornar um pouco mais flexível os tecidos, de modo que as pontas da cabeça e os tubos de dois ou três mostravam sinais de amolecimento. Lake, porém, não acreditou que houvesse perigo de decomposição imediata na temperatura reinante. Não obstante, juntou todos os espécimes não

dissecados e jogou sobre eles uma barraca de reserva, para que não fossem atingidos diretamente pelos raios.

Passava das quatro quando Lake finalmente preparou-se para se recolher e aconselhou a todos nós que aproveitássemos o período de descanso que seu grupo tiraria quando as paredes dos abrigos estivessem um pouco mais altas. Conversou um pouco com Pabodie, amistosamente, pelo rádio, e repetiu os elogios às brocas realmente maravilhosas que o haviam ajudado a fazer sua descoberta. Atwood enviou saudações e louvores. Também troquei com Lake palavras elogiosas, admitindo que ele tivera razão quanto à viagem rumo a oeste, e todos concordamos em entrar em contacto, pelo rádio, às dez da manhã. Se a ventania houvesse então cessado, Lake mandaria um avião para buscar-nos em nossa base. Pouco antes de me retirar, despachei uma mensagem final ao solares. Isso ajudaria também a impedir que o possível cheiro que exalassem chegasse aos cães, cuja intranqüilidade hostil estava-se tornando um problema real, mesmo a distância apreciável em que se encontravam e atrás das paredes de neve cada vez mais altas que um maior número de homens apressava-se a levantar em torno do espaço que lhes fora destinado. Lake teve de prender os cantos da lona da barraca com pesados blocos de gelo, a fim de mantê-la no lugar sob a crescente ventania, pois as titânicas montanhas pareciam na iminência de produzir vendavais realmente portentosos. Renasciam as apreensões anteriores quanto a repentinos ventos antárticos, e sob supervisão de Atwood tornaram-se precauções para escorar com neve as barracas, o cercado novo dos cães e os rudimentares abrigos dos aeroplanos, do lado que dava para as montanhas. Tais abrigos, iniciados com blocos de neve endurecida em momentos de folga, não eram altos como deveriam ser; e por fim Lake desviou todos os homens de outros misteres para trabalharem neles. *Arkham* com instruções para que não fossem demasiado entusiásticos ao transmitirem as notícias do dia para o mundo exterior, uma vez que os pormenores pareciam por demais radicais, podendo provocar uma onda de incredulidade, até serem mais bem substanciados.

III

Nenhum de nós, quero crer, dormiu muito profundamente naquela manhã. Tanto a excitação causada pela descoberta de Lake quanto a fúria crescente dos ventos laboravam contra isso. Tão violento era o vendaval,

mesmo onde estávamos, que não podíamos deixar de imaginar o quanto estaria pior no acampamento de Lake, diretamente sob os descomunais picos desconhecidos que o geravam. Às dez horas McTighe já estava desperto e tentou falar com Lake pelo rádio, como combinado, porém algum problema de eletricidade no ar convulsionado, a oeste, parecia impedir as comunicações. Ainda assim, estabelecemos contacto com o *Arkham* e Douglas me disse que também ele tentara em vão falar com Lake. Não estivera a par da ventania, pois o ar no estreito McMurdo estava tranqüilo, a despeito de sua violência inaudita no local onde estávamos.

Durante o dia todos postamo-nos, ansiosos, junto ao rádio e tentamos falar com Lake a intervalos, mas invariavelmente sem qualquer êxito. Por volta do meio-dia, chegou de oeste um verdadeiro tufão, fazendo com que temêssemos pela segurança de nosso acampamento. Por fim, porém, amainou, com apenas uma breve recidiva às duas da tarde. Depois das três horas o vento quase cessou por completo, e redobramos nossos esforços para contactar Lake. Refletindo que ele dispunha de quatro aviões, cada qual provido de um excelente equipamento de rádio em ondas curtas, não conseguíamos imaginar qualquer acidente comum capaz de pôr fora de ação todos os equipamentos de rádio de uma só vez. Não obstante, o silêncio pétreo persistiu, e quando pensávamos na força delirante com que o vento devia ter soprado onde ele estava, não havia como fugir às mais horrendas conjecturas.

Às seis da tarde nossos temores haviam-se tornado intensos e definidos, e após uma consulta pelo rádio a Douglas e Thorfinnssen, decidi tomar medidas no sentido de uma investigação. O quinto avião, que havíamos deixado no depósito de suprimentos do estreito McMurdo, com Sherman e dois marinheiros, encontrava-se em bom estado e pronto para uso imediato, e era de crer que a emergência justamente para a qual ele havia sido poupado havia ocorrido. Falei com Sherman pelo rádio e dei-lhe instruções para que viesse ter comigo na base do sul, com o avião e os dois marinheiros, o mais depressa possível, uma vez que as condições meteorológicas pareciam altamente favoráveis. Discutimos então a questão dos integrantes do grupo de investigação e concluímos que deveríamos usar todos os homens. Juntamente com os trenós e os cães que eu havia conservado comigo. Mesmo uma carga tão grande não estaria além da capacidade de um dos enormes aviões

construídos por encomenda para o transporte de maquinaria pesada. De vez em quando eu tentava ainda entrar em contacto com Lake através do rádio, mas em vão.

Sherman, com os marujos Gunnarsson e Larsen, de colou às 19h30min. Por várias vezes durante o vôo comunicaram-se conosco, relatando que a viagem transcorria sem problemas. Chegaram à nossa base à meia-noite, e imediatamente todos os presentes começaram a debater o que deveria ser feito a seguir. Era arriscado sobrevoar o continente antártico num único avião, sem qualquer apoio de terra, mas ninguém recuou em relação àquilo que parecia ser a necessidade mais óbvia. Às duas da manhã iniciamos um breve período de descanso, após alguns embarques preliminares no avião, e às quatro horas já estávamos novamente de pé, para terminar o carregamento e os demais preparativos.

Às 7h15min da manhã do dia 25 de janeiro começamos o vôo rumo a noroeste, com McTighe no comando do aparelho. Levávamos dez homens, sete cães, um trenó, um carregamento de combustível e víveres, além de outros materiais, inclusive o rádio do avião. O céu estava claro, quase não havia ventos e a temperatura mostrava-se relativamente branda. Com tudo isso, previámos pouquíssimos problemas para chegarmos à latitude e longitude designadas por Lake como sendo a de seu acampamento. O que nos causava apreensão era o que poderíamos encontrar — ou não encontrar — ao fim da viagem, pois a única resposta a todos os chamados dirigidos 10 acampamento continuava a ser o silêncio.

Cada incidente daquele vôo de quatro horas e meio está gravado a fogo em minha memória, em virtude de sua posição crucial em minha vida. Ele marcou para mim a perda, na idade de 54 anos, de toda aquela paz e equilíbrio que a mente normal possui, através de sua concepção habitual do que seja a natureza e as leis naturais. Daí em diante, todos nós dez — mas sobretudo, acima de todos os demais, o estudante Danforth e eu — haveríamos de defrontar-nos com um mundo horrivelmente amplificado de horrores absconsos que nada pode obliterar de nossas emoções, e que nos absteríamos de repartir com a humanidade em geral, se pudéssemos. Os jornais publicaram os boletins que enviamos em vôo, dando conta de nossa jornada sem escalas, de nossas duas batalhas com ventos traiçoeiros, de nossa visão rápida da superfície quebrada onde Lake abrira uma perfuração no meio da viagem, três dias antes, e da visão

de um grupo daqueles estranhos cilindros de neve, como que felpudos, que segundo Amundsen e Byrd, eram tangidos pelo vento pelas léguas do planalto gelado. Chegou um ponto, porém, em que nossas sensações não podiam ser descritas por quaisquer palavras que a imprensa pudesse compreender, e ainda um momento mais tardio em que na verdade tivemos de adotar uma norma de rigorosa censura.

O marinheiro Larsen foi o primeiro a avistar a linha quebrada de cones e pináculos fantasmagóricos e seus gritos trouxeram todos às janelas do avião. Apesar da velocidade com que viajávamos, foi com muita lentidão que aumentaram de dimensão, e daí concluímos que deveriam estar a uma distância imensa e que só eram visíveis devido à sua altura descomunal. Pouco a pouco, todavia, subiram medonhamente no céu, a oeste, possibilitando-nos divisar cumes desnudos, inóspitos e enegrecidos, bem como captar a curiosa sensação de fantasia que inspiravam, iluminados pelo avermelhado clarão antártico contra o fundo sugestivo de iridescente nuvens glaciais. Havia em todo aquele espetáculo uma insinuação persistente e penetrante de prodigioso segredo e revelações abissais. Era como se aquelas nítidas agulhas de pesadelo assinalassem as colunas de um portal assustador que levasse a domínios proibidos de sonho e a abismos ignotos de tempo, de espaço e de ultradimensionalidade. Eu não conseguia evitar a sensação de que eram coisas maléficas — montanhas de loucura cujas encostas mais distantes guardavam amaldiçoadas voragens infinitas. Aquele fundo de nuvens, escachoante e semiluminoso, comportava insinuações inefáveis de um vago e etéreo além, algo que superava as concepções terrestres de espaço e que, tetricamente, trazia à mente tudo quanto aquele mundo austral, inexplorado e virgem, tinha de ermo, apartado, desolado e morto havia eras e eras.

Foi o jovem Danforth quem nos chamou a atenção para as curiosas regularidades dos picos mais elevados como que fragmentos pendentes de cubos perfeitos, mencionados por Lake em suas mensagens, e que, de fato, justificavam comparação com lembranças oníricas de ruínas de templos vetustos, sobre enevoados cumes asiáticos, que Roerich havia transposto de maneira tão sutil e estranha para suas telas. Havia, com efeito, naquele continente irreal de montanhoso mistério algo que não podia deixar de recordar Roerich. Eu o sentira em outubro, quando pela primeira vez

avistei a Terra de Vitória, e o sentia novamente agora, redobrado. Sentia, ademais, outra onda de inquietante percepção de míticas similitudes arqueanas; pressentia o quanto aquele sítio letal se aproximava do famigerado planalto de Leng que aparece em escritos de antanho. Os mitologistas têm situado o planalto de Leng na Ásia Central; mas a memória rácica do homem — ou de seus predecessores — é antiga e é bem possível que certos contos tenham provindo de terras, montanhas e templos de horror mais antigos que a Ásia e mais antigos que qualquer mundo humano de que tenhamos conhecimento. Alguns místicos ousados têm feitos insinuações a respeito de uma origem pré-pleistocênica para os fragmentários Manuscritos Pnakóticos, dando ainda a entender que os devotos de Tsathoggua eram tão alheios à humanidade quanto o próprio Tsathoggua. Leng, qualquer que fosse sua localização no tempo e no espaço, não era uma região que eu quisesse visitar ou ao menos dela me aproximar, e tampouco me agradava a proximidade de um mundo que algum tempo havia gerado monstruosidades ambíguas e arqueanas como as que Lake havia mencionado pouco antes. Naquele momento, arrependi-me por ter um dia me disposto a ler o abominável *Necronomicon* ou conversado tanto na universidade com o folclorista Wilmarth, desagradavelmente erudito.

Esse estado de espírito sem dúvida serviu para agravar minha reação à miragem estapafúrdia que se abateu sobre nós desde o zênite cada vez mais opalescente, à medida em que nos aproximávamos das montanhas e começávamos a distinguir as ondulações cumulativas dos contrafortes. Eu vira dezenas de miragens polares durante as semanas anteriores, algumas tão insólitas e fantasticamente vívidas quanto a presente. No entanto, aquela apresentava uma qualidade inteiramente nova e obscura de ameaçador simbolismo, e estremeci diante do labirinto escachoante de fabulosas muralhas, torres e minaretes que emergiam, colossais, dos agitados vapores gélidos sobre nossas cabeças.

O efeito era o de uma cidade ciclópica, de uma arquitetura desconhecida pelo homem ou pela imaginação humana, com vastos aglomerados de cantaria negra como a noite e que materializava monstruosas inversões das leis geométricas. Havia cones truncados, por vezes escalonados ou canelados, encimados por altas torres cilíndricas, aqui e ali ampliadas bulbosamente e muitas vezes coroadas com séries de

discos superpostos e delgados; e estranhas construções salientes, que lembravam mesas e sugeriam pilha de inumeráveis lajes retangulares, placas circulares ou estrelas de cinco pontas, cada uma das quais imbricava sobre a inferior. Havia cones e pirâmides compósitas, isoladas ou encimando cilindros, cubos ou cones e pirâmides truncados mais chatos, assim como, vez por outra, cúspides em curiosos grupos de cinco. Todas essas estruturas febricitantes pareciam reunidas por pontos tubulares, que iam de uma a outra, a várias alturas estonteantes; aliás, a escala implícita do conjunto era aterrorizante e opressiva por seu puro gigantismo. Esse tipo geral de miragem não era diferente de algumas das formas mais delirantes observadas e desenhadas pelo baleeiro ártico Scoresby em 1820, mas naquele momento e naquele lugar, com aqueles trevosos e desconhecidos picos montanhosos elevando-se titanicamente à frente, com aquela anômala descoberta de um mundo primevo em nossas mentes e com a mortalha de um provável desastre envolvendo a maior parte de nossa expedição, todos nós parecíamos ver naquela fantasia atmosférica uma nódoa de malignidade latente e de augúrio infinitamente funesto.

Alegrei-me quando a miragem começou a se dissolver, ainda que no processo os diversos cones e torreões de pesadelo assumissem formas distorcidas e temporárias de repulsão ainda mais acentuada. Quando toda a miragem se desfez numa agitada opalescência, começamos a olhar novamente para leste e percebemos que nossa viagem não estava longe do fim. As desconhecidas montanhas à nossa frente erguiam-se aterradoramente, como uma assustadora muralha de gigantes e suas curiosas regularidades apareciam com assombrosa nitidez, mesmo sem binóculos. Estávamos agora sobre os primitivos contrafortes e podíamos avistar, entre a neve, o gelo e as áreas nuas do planalto principal, dois pontos mais escuros que supusemos ser o acampamento de Lake e a área perfurada. Os contrafortes mais altos subiam ao céu a uma distância de oito a dez quilômetros dali, formando uma cordilheira quase separada da linha terrificante de picos mais que himalaicos além deles. Por fim, Popes (o estudante que havia substituído McTighe no assento do piloto) começou a descer na direção da área mais escura à esquerda, cujo tamanho indicava que fosse o acampamento. Nesse instante, McTighe despachou a última mensagem não censurada que o mundo haveria de receber de nossa expedição.

Todos, naturalmente, leram os boletins breves e insatisfatórios do restante de nossa estada na Antártica. Algumas horas depois do pouso enviamos um relato cauteloso a respeito da tragédia que encontramos e relutantemente anunciamos a dizimação de todo o grupo de Lake pelo vendaval mortífero do dia anterior ou da noite que o precedera. Onze mortos e o jovem Gedney desaparecido. As pessoas desculparam nossa nebulosa falta de pormenores atribuindo-a ao choque causado pelo infausto acontecimento e acreditaram quando explicamos que a força inaudita do vento havia deixado os onze corpos sem condições de serem transportados para fora dali. Na verdade, sinto-me lisonjeado pelo fato de que mesmo em meio à angústia, à completa consternação e ao horror transfixante, praticamente não faltamos à verdade quanto a qualquer ponto específico. O significado tremendo jaz no que não nos atrevemos a dizer; naquilo que ainda agora eu não diria não fosse a necessidade de advertir outras pessoas quanto a horrores inomináveis.

É verdade que o vento havia produzido medonha destruição. É extremamente duvidoso que os integrantes do grupo poderiam ter-lhe sobrevivido, mesmo sem a outra coisa. A tempestade, com sua fúria de partículas de gelo vergastantes, devia ter sido mais forte que qualquer outra já enfrentada por nossa expedição. Um dos abrigos para os aviões — todos, ao que parece, tinham ficado em condições lastimáveis — estava quase pulverizado e a torre no sítio da perfuração, distante dali, tinha sido inteiramente despedaçada. O metal exposto dos aviões e a maquinaria de perfuração havia ficado brilhante pelo atrito do gelo e duas das pequenas barracas tinham sido jogadas ao chão, apesar do escoramento com blocos de neve. As superfícies de madeira espalhadas pela área achavam-se furadas e sem a camada de pintura, e todos os sinais de trilhas na neve haviam sido completa mente apagados. É verdade também que não encontramos um único dos biológicos arqueanos em condições de ser retirado dali intacto. Colhemos algumas amostras minerais de uma enorme pilha desabada, entre os quais vários dos fragmentos de esteatita esverdeada cuja forma geral, com cinco pontas, e cujos apagados desenhos de pontos agrupados causaram tantas comparações dúbias, e ainda alguns ossos fósseis, entre os quais estavam os mais típicos dos espécimes curiosamente furados.

Nenhum dos cães havia sobrevivido e o cercado que fora apressadamente construído para eles perto do acampamento achava-se quase totalmente destruído. O vento poderia ter sido o causador disso, ainda que uma abertura maior do lado que dava para o acampamento, e que não era batido diretamente pelo vento, indicasse que os próprios animais, tomados de frenesi, tinham saltado para fora do curral ou mesmo arrebentado-o. Todos os três trenós tinham desaparecido, e procuramos explicar que o vento poderia tê-los empurrado para o desconhecido. A perfuratriz e o equipamento de degelar, na área de perfuração, estavam demasiado danificados para justificar reparos, de modo que usamos os destroços para tapar aquela porta sutilmente perturbadora para o passado, que Lake havia aberto a dinamite. Da mesma forma deixamos no acampamento os dois aviões mais estragados, já que entre os sobreviventes só havia quatro pilotos realmente habilitados — Sherman, Danforth, McTighe e Ropes, sendo que Danforth se encontrava sem condições nervosas para navegar. Trouxemos de volta todos os livros, equipamentos científicos e outros materiais que pudemos encontrar, ainda que grande parte deles estivessem inexplicavelmente espalhados. As barracas de reserva e as peles ou haviam desaparecido ou estavam em péssimo estado.

Eram aproximadamente quatro horas da tarde, depois que largos vôos nos haviam obrigado a dar Gedney como perdido, quando transmitimos nossa primeira mensagem reservada ao *Arkham,* para ser retransmitida ao mundo. E creio que agimos bem ao dar-lhe a redação mais calma e neutra que conseguimos. O máximo que dissemos a respeito de agitação dizia respeito a nossos cães, cuja frenética intranqüilidade perto dos espécimes era de ser esperada, devido aos relatos do pobre Lake. Não nos referimos, quero crer, ao fato de demonstrarem a mesmas intranqüilidade ao farejarem as estranhas esteatitas esverdeadas e alguns outros objetos na área conturbada — objetos entre os quais incluíam-se instrumentos científicos, aeroplanos e maquinaria, tanto no acampamento como no local da perfuração, cujas peças tinham sido soltas, mudadas de lugar ou de outra forma atingidas por ventos que deviam ter demonstrado singular curiosidade e espírito inquisitivo.

Com relação aos quatorze espécimes biológicos, fomos justificadamente vagos. Dissemos que os únicos que havíamos descoberto

estavam danificados, mas que sobrava deles o suficiente para mostrar que a descrição de Lake tinha sido inteiramente fiel e precisa. Foi difícil manter nossas emoções pessoais fora disso — e não mencionamos números nem narramos exatamente como encontramos os que realmente pudemos achar. Havíamos, a essa altura, concordado em não transmitir coisa alguma que pudesse insinuar insanidade por parte dos homens de Lake e por certo parecia demência encontrar seis monstruosidades imperfeitas cuidadosamente sepultadas em posição ereta, em tumbas de neve de 2,70m, com montículos de cinco pontas sobre os quais tinham sido feitos desenhos de pontos exatamente iguais aos que se viam nas estranhas esteatitas esverdeadas, enterradas em tempos Mesozóicos ou Terciários. Os oito espécimes perfeitos mencionados por Lake pareciam ter sido completamente espalhados pelo vento.

Tivemos cuidado, outrossim, com a paz de espírito geral do público; daí Danforth e eu termos falado tão pouco a respeito daquela assustadora excursão pelas montanhas no dia seguinte. Foi o fato de que somente um avião aliviado de todo peso desnecessário era capaz de sobrevoar uma cordilheira de tal altura que, misericordiosamente, limitou aquela missão de reconhecimento a nós dois. Ao voltarmos, à uma da manhã, Danforth estava à beira da histeria, mas manteve um controle admirável. Não foi preciso muita persuasão para ele prometer que não mostraria os desenhos e outras coisas que havíamos trazido nos bolsos, nem dizer coisa alguma aos outros além do que havíamos concordado em transmitir ao mundo, bem como esconder nossos filmes para revelação porterior. Por isso, essa parte, da história que ora narro será tão nova para Pabodie, McTighe, Ropes, Sherman e os demais quanto será para o mundo em geral. Na verdade, Danforth é mais reservado do que eu — pois viu, ou julga ter visto, uma coisa que não dirá nem a mim.

Como todos sabem, nosso relato incluiu uma descrição de uma difícil ascensão — uma confirmação da opinião de Lake segundo a qual os grandes picos são de ardósia arqueana e outras camadas esmagadas, de indescritível antiguidade, inalteradas pelo menos desde meados do período comancheano; um comentário convencional sobre a regularidade das formações suspensas, em forma de cubos ou muralhas; uma opinião de que as bocas das cavernas indicam veios calcários dissolvidos; uma conjectura de que certas encostas e desfiladeiros permitiriam que toda

a cordilheira fosse escalada e explorada por montanhistas experientes; e uma observação de que o misterioso lado posterior oculta um altíssimo e imenso superplanalto, tão antigo e inalterado quanto as próprias montanhas — com 6.000 metros de altitude, grotescas formações rochosas que se projetam através de uma fina camada glacial e que desce paulatinamente em contrafortes mais baixos, entre a superfície do planalto geral e os precipícios dos picos mais altos.

Esse conjunto de dados é em todos os sentidos verdadeiro e é inteiramente corroborado pelos homens que estavam no acampamento. Atribuímos nossa ausência durante dezesseis horas — tempo mais alongado do que exigiriam as atividades que relatamos (voar, pousar, reconhecer o terreno e coletar rochas) — a um prolongado período fictício de condições meteorológicas adversas e nos referimos, sem mentir, ao fato de havermos aterrissado nos contrafortes mais distantes. Por felicidade, nossa narrativa pareceu suficientemente realista e prosaica para que os outros não se sentissem tentados a repetir o vôo. Houvesse alguém tentado fazê-lo, eu teria usado toda minha força dissuasória para impedi-lo — e não sei o que Danforth teria feito. Enquanto estivemos fora, Pabodie, Sherman, Ropes, McTighe e Williamson haviam trabalhado afanosamente nos dois aviões de Lake em melhor estado, preparando-os para serem usados novamente, a despeito da destruição inteiramente sem sentido de seus mecanismos operacionais.

Resolvemos que na manhã seguinte carregaríamos todos os aviões e que partiríamos para a base assim que possível. Ainda que indireta, era essa a rota mais segura para voltarmos ao estreito McMurdo, porquanto um vôo direto sobre trechos inteiramente inexplorados do continente gelado implicaria perigos adicionais. Novas explorações não seriam de maneira alguma viáveis, em vista da trágica dizimação de nosso grupo e da ruína de nosso equipamento de perfuração. As dúvidas e os horrores que nos cercavam — aquilo que não revelamos — faziam com que nosso único desejo fosse fugir daquele mundo austral de desolação e silenciosa demência tão depressa quanto pudéssemos.

Como sabe o público, nosso retorno ao mundo se fez sem novos desastres. Todos os aviões chegaram à velha base na noite do dia seguinte, 27 de janeiro, após um rápido vôo sem escalas. E no dia 28 alcançamos o estreito McMurdo em duas etapas, sendo que a única pausa, bastante breve,

foi ocasionada por um defeito no leme de um avião, devido à fúria do vento sobre a plataforma gelada, depois de havermos deixado o grande planalto. Dentro de mais cinco dias, o *Arkham e* o *Miskatonic,* levando a bordo todos os homens e equipamentos, se afastavam do campo de gelo e avançavam pelo mar de Ross com as zombeteiras montanhas da Terra de Vitória alteando-se a oeste, contra um agitado céu antártico, e transformando os uivos do vento em silvos musicais que abarcavam um amplo registro e gelavam-me o sangue nas veias. Menos de uma quinzena depois, havíamos deixado atrás de nós os últimos sinais de terras polares e dávamos graças aos céus por estarmos longe de um sítio assombrado e maldito onde a vida e a morte, o espaço e o tempo, celebraram tenebrosas e ímpias alianças nas épocas desconhecidas em que a matéria começava a se contorcer e nadar na mal resfriada crosta do planeta.

Desde nosso regresso temos todos trabalhado constantemente no sentido de desestimular a exploração antártica e temos mantido entre nós próprios certas dúvidas e conjecturas num espírito de esplêndida união e fidelidade. Nem mesmo o jovem Danforth, com seu colapso nervoso, titubeou ou deu com a língua nos dentes para os médicos — como efeito, como já ficou dito, há uma coisa que ele julga que somente ele viu e a qual não conta nem mesmo a mim, muito embora eu creia que seu estado psicológico havia de melhorar se ele consentisse em repartir o segredo. Isso poderia explicar e aliviar muita coisa, ainda que, talvez, o que ele viu não fosse mais que a conseqüência ilusória de um choque prévio. Essa é a impressão que me fica depois daqueles momentos irresponsáveis, raros, em que Danforth me sussurra frases desconexas — frases que ele repudia com veemência assim que volta a se controlar.

Será com dificuldade que evitaremos que outros se aventurem no grande continente branco, e alguns de nossos esforços poderão até prejudicar-nos a causa, ao atrair uma atenção inquisitiva. Poderíamos saber desde o começo que a curiosidade humana é infinda e que os resultados que anunciamos seriam suficientes para servir de empecilho a que outros se embrenhassem na mesma busca imemorial do desconhecido. Os relatos que Lake fez daquelas monstruosidades biológicas haviam despertado o máximo interesse de naturalistas e paleontologistas, muito embora tivéssemos a sensatez de não exibir as partes separadas que havíamos tirado dos espécimes sepultados ou as fotografias daqueles

espécimes, tal como os encontramos. Também nos abstivemos de mostrar as peças mais enigmáticas dentre os ossos lesionados e as esteatitas esverdeadas. Por outro lado. Danforth e eu tivemos o cuidado de proteger ciosamente as fotografias que tiramos e os desenhos que esboçamos sobre o planalto do outro lado da cordilheira, bem como as coisas corroídas que limpamos, estudamos — tomados de terror — e trouxemos conosco nos bolsos.

Agora, porém, está sendo organizada a expedição Starkweather-Moore, com um cuidado em tudo superior ao de nosso grupo. Se não forem dissuadidos, hão de alcançar o âmago da Antártica e promover operações de degelo e de perfuração, até trazerem à superfície aquilo que sabemos ser capaz de dar fim ao mundo. Por isso, tenho de romper finalmente todas as reticências — falando até mesmo sobre aquela coisa suprema e inominável que se esconde além das montanhas da loucura.

IV

É com enorme hesitação e repugnância que permito a meu espírito retornar ao acampamento de Lake e ao que realmente encontramos ali — e àquela outra coisa além das montanhas da loucura. A cada instante sou tentado a deixar de lado os pormenores e permitir que insinuações tomem o lugar dos verdadeiros fatos e das inelutáveis deduções. Espero já ter dito o suficiente para deixar-me deslizar rapidamente sobre o restante — ou seja, sobre o horror reinante no acampamento. Já falei do terreno devastado pelo vento, dos abrigos destruídos, da maquinaria dispersa, da inquietação de nossos cães, do desaparecimento dos trenós e outros equipamentos, da morte dos homens e dos cães, da ausência de Gedney e dos seis espécimes biológicos desvairadamente sepultados, com a textura insolitamente intacta, apesar de todas suas lesões estruturais — falei de tudo isso ainda quando estava naquele mundo morto há quarenta milhões de anos. Não me recordo se narrei que ao procurarmos os cães, verificamos que faltava um. Não pensamos muito nisso senão mais tarde — na verdade, somente Danforth e eu dedicamos alguma atenção ao assunto.

Os fatos principais que tenho omitido relacionam-se aos corpos, e a certas minúcias sutis que podem ou não emprestar uma espécie de explicação hórrida e inacreditável ao aparente caos. Na ocasião, tentei manter as mentes dos homens afastadas dessas minúcias, pois era muito

mais simples — mais normal — atribuir tudo a um acesso de demência por parte de alguns dos membros do grupo de Lake. Pelo aspecto do que víamos, aquele demoníaco vento das montanhas devia ter sido suficiente para levar qualquer homem à loucura naquele centro de todo mistério e desolação do mundo.

A anormalidade máxima, naturalmente, era o estado dos corpos — tanto dos homens como dos animais. Haviam estado, todos, envolvidos em algum tipo de terrível conflito e se encontravam despedaçados e mutilados de vários modos diabólicos e ao todo inexplicáveis. Até onde podíamos julgar, a morte ocorrera, em cada caso, por estrangulamento ou laceração. Os cães haviam evidentemente iniciado a confusão, pois o estado de seu cercado mal construído atestava que havia sido arrebentado à força, e por dentro. O cercado tinha sido construído a certa distância do acampamento por causa da aversão dos animais por aqueles infernais organismos arqueanos, mas a precaução parecia ter sido vã. Quando deixados a sós naquele vento monstruoso, por trás de débeis paredes de altura insuficiente, deviam ter entrado em pânico — ou por causa do próprio vento, ou devido a um odor sutil e crescente emitido pelos espécimes tétricos.

Entretanto, não importa o que aconteceu, foi algo terrível e violento. Talvez eu deva pôr de lado todo escrúpulo e dizer finalmente o que aconteceu — ainda que com uma categoria declaração de opinião, baseada nas observações de primeira mão e nas mais cuidadosas deduções, minhas e de Danforth, de que o então desaparecido Gedney não foi de modo algum responsável pelos horrores abomináveis que encontramos. Já disse que os corpos estavam horrivelmente mutilados. Devo agora acrescentar que alguns apresentavam incisões e subtrações, feitas do modo mais curioso, cruel e inumano que se possa imaginar. Não diferia o estado dos cães e dos homens: todos os corpos mais saudáveis, de mais corpulência, quadrúpedes ou bípedes, tinham tido suas massas de tecido mais sólidas cortadas e removidas, como que por um hábil carniceiro; e em torno das mutilações havia um estranho derrame de sal — tirados dos despedaçados baús de víveres nos aviões — que provocavam as mais horrendas associações. A coisa havia ocorrido em um dos improvisados hangares do qual o avião tinha sido retirado, e mais tarde os ventos haviam apagado todas as marcas que poderiam ter proporcionado alguma teoria

plausível. Os pedaços dispersos de roupas, arrancadas violentamente dos homens dilacerados, não ofereciam quaisquer pistas. É inútil aludir à nossa impressão de termos visto leves pegadas na neve, num canto protegido do cercado em ruínas, pois essa impressão não dizia respeito absolutamente a pegadas humanas, mas estava claramente influenciada por todas as referências às marcas nos fósseis que o pobre Lake havia feito durante as semanas precedentes. Era preciso ter cuidado com a imaginação perto daquelas colossais montanhas de pavor.

Como já relatei, verificamos por fim que Gedney e um cão haviam desaparecido. Quando chegamos àquele terrível abrigo, tínhamos dado pela falta de dois cães e de dois homens. Mas a barraca de dissecção, relativamente intacta, na qual entramos depois de investigarmos os monstruosos túmulos, tinha algo a revelar. Não estava como Lake a deixara, pois as partes cobertas da monstruosidade primal tinham sido removidas da mesa improvisada. Com efeito, já havíamos percebido que uma das seis coisas imperfeitas e estranhamente enterradas que encontráramos — aquela que apresentava o vestígio de um cheiro peculiarmente odioso — devia constituir os fragmentos reunidos da entidade que Lake havia tentado analisar. Sobre a mesa do laboratório e em torno dela estavam espalhadas outras coisas e não foi preciso muito tempo para adivinharmos que aquelas coisas eram as partes dissecadas, com cuidado mas sem habilidade, de um homem e de um cão. Quero poupar os sentimentos dos Sobreviventes omitindo qualquer menção à identidade desse homem. Os instrumentos anatômicos de Lake tinham sumido, mas havia sinais de que tinham sido cuidadosamente levados. O fogão a gasolina também havia desaparecido, ainda que em torno de seu lugar encontrássemos um curioso acúmulo de fósforos. Enterramos as partes humanas ao lado dos outros dez homens; e as partes caninas juntamente com os demais 35 cães. No que dizia respeito às estranhas manchas na mesa do laboratório, assim como ao monte de livros ilustrados manuseados com rudeza e que estavam dispersos ali por perto, estávamos espantados demais para lhes dar atenção.

Isso constituía o pior do horror encontrado no acampamento, mas havia outras coisas igualmente enigmáticas. Era impossível conjecturar de maneira sã a respeito do desaparecimento de Gedney, do cão, dos oito espécimes biológicos intactos, dos três trenós e de certos instrumentos,

livros técnicos e científicos ilustrados, materiais de escrita, lanternas elétricas e pilhas, alimentos e combustíveis, fogão de aquecimento, barracas de reserva, agasalhos de pele e outras coisas; da mesma forma, não havia explicação imaginável para as manchas borradas de tinta em alguns pedaços de papel e para os sinais de experimentação por estranhos em torno dos aviões e de todos demais dispositivos mecânicos, tanto no acampamento como no local da perfuração. Os cães pareciam detestar aquela maquinaria singularmente dispersa. Havia, ainda mais, a mixórdia na despensa, o desaparecimento de certos víveres e a pilha desarmoniosamente cômica de latas, abertas da maneira mais inverossímil e nos lugares mais improváveis. A profusão de fósforos espalhados — intactos, quebrados ou consumidos — representava outro pequeno enigma, da mesma forma que as duas ou três lonas de barracas e agasalhos de peles que encontramos jogados a esmo com cortes estranhos, causados, ao que podíamos imaginar, por desajeitados esforços para adaptações inimagináveis. Os maltrates dispensados aos corpos humanos e caninos, bem como a doida sepultura dada aos espécimes arqueanos danificados pareciam fazer parte da mesma loucura desintegradora. Pensando justamente na possibilidade de vir a ocorrer a situação atual, fotografamos cuidadosamente todos os principais indícios de desordem delirante do acampamento; e usaremos essas imagens para reforçar nossas súplicas para que seja sustada a partida da proposta Expedição Starkweather-Moore.

A primeira coisa que fizemos após a descoberta dos corpos no abrigo dos aviões foi fotografar e abrir a fileira dos túmulos loucos com os montículos de neve de cinco pontas. Não pudemos deixar de observar a semelhança entre aqueles montículos monstruosos, com seus aglomerados de pontos agrupados, e a descrição que o pobre Lake havia feito das estranhas esteatitas esverdeadas. E quando topamos com algumas das próprias esteatitas na grande pilha de minerais achamos a semelhança realmente bastante acentuada. Toda a formação geral, é preciso deixar claro, parecia lembrar de modo abominável a cabeça estreliforme das entidades arqueanas; e concordamos quanto ao fato de que a sugestão devia ter aluado fortemente nos espíritos sensibilizados do grupo exausto de Lake.

Isto porque loucura — centrando-nos em Gedney como o único agente sobrevivente possível — foi a explicação adorada espontaneamente por todos, até onde alguém manifestava opinião em voz alta; no entanto, não serei ingênuo a ponto de negar que cada um de nós nutriu conjecturas desvairadas que a sanidade de espírito proibia formular completamente. À tarde, Sherman, Pabodie e McTighe realizaram uma fatigante exploração aérea por todo o território circundante, vigiando o horizonte com binóculos, à procura de Gedney e de várias coisas desaparecidas; contudo, nada encontraram. O grupo informou que a portentosa barreira de montanhas estendia-se interminavelmente, tanto para a direita como para a esquerda, sem qualquer diminuição de altura ou estrutura essencial. Em alguns picos, todavia, as regulares formações de cubos e muralhas eram mais claras e nítidas, apresentando semelhanças duplamente fantásticas com as ruínas montanhosas asiáticas, pintadas por Roerich. A distribuição de crípticas bocas de cavernas nos cumes negros e despidos de neve parecia aproximadamente a mesma até onde tinham podido acompanhar a cordilheira.

A despeito de todos os horrores que se nos deparavam, sobravam-nos suficiente zelo científico e espírito de aventura para tecermos conjecturas a respeito da região desconhecida que se estendia além daquelas montanhas misteriosas. Tal como dissemos em nossas cautelosas mensagens, descansamos à meia-noite, após nosso dia de terror e dilema — mas não sem antes traçarmos um plano grosseiro para um ou mais vôos, numa altitude suficiente para transpor as montanhas, e num avião aliviado de todo peso e equipado com câmara fotográfica aérea e equipamento de geologia, a partir da manhã seguinte. Ficou decidido que eu e Danforth tentaríamos primeiro, e acordamos às sete da manhã pretendendo sair cedo. Contudo, ventos fortes — mencionados em nosso breve despacho para o mundo exterior — retardaram nossa partida até quase as nove horas.

Já repeti a história neutra que narramos aos homens no acampamento — e que transmitimos para o exterior — após nosso retorno, dezesseis horas depois. Agora, cabe-me o terrível dever de ampliar esse relato, preenchendo os vazios piedosos com insinuações do que realmente vimos naquele oculto mundo transmontano — insinuações das revelações que finalmente conduziram Danforth a um colapso

nervoso. Gostaria de que ele pudesse acrescentar uma palavra realmente franca sobre aquilo que julga que somente ele viu — e que foi talvez a última gota que o colocou onde ele se encontra atualmente. Mas ele se nega peremptoriamente a isso. Tudo quanto posso fazer é repetir seus posteriores sussurros desconexos a respeito do que o levou a gritar enquanto o avião se arremessava de volta através do ventoso desfiladeiro, após aquele choque tangível e real que compartilhei. Isto constituirá minha última palavra. Se os sinais claros de horrores antigos e sobreviventes naquilo que eu revelar não bastarem para impedir que outros se intrometam no seio da Antártica — ou pelos menos de espionar muito abaixo da superfície daquele ermo inigualável de segredos proibidos e de desolação imemorialmente amaldiçoada — a responsabilidade por males indizíveis e talvez incomensuráveis não será minha.

Estudando os apontamentos feitos por Pabodie em seu vôo vespertino e utilizando um sextante, Danforth e eu havíamos calculado que o passo mais baixo existente na cordilheira ficava um pouco à nossa direita, à vista do acampamento e a aproximadamente 7.000 ou 7.500 metros acima do nível do mar. Foi na direção desse ponto, pois, que partimos no avião aliviado de todo peso desnecessário, em nossa viagem de descobrimento. O acampamento propriamente dito, situado em contrafortes que irrompiam de um alto planalto continental, estava a cerca de 3.600m de altitude. Por conseguinte, a ascensão necessária não era tão grande quanto podia parecer. Não obstante, tínhamos perfeita consciência do ar rarefeito e do frio intenso à medida que subíamos; isto porque, por causa das condições de visibilidade, tínhamos de deixar as janelas da cabine abertas. Vestíamos, naturalmente, nossos agasalhos mais pesados.

Ao nos aproximarmos dos picos amedrontadores, sombrios e sinistros acima da linha de neve, riscada de fendas e de geleiras intersticiais, observávamos com clareza cada vez maior as formações curiosamente regulares que pendiam das encostas; e mais uma vez nos lembramos das estranhas pinturas asiáticas de Nicholas Roerich. Os antigos e erodidos estratos rochosos corroboravam plenamente as descrições de Lake e provavam que aqueles pináculos se alcandoravam exatamente da mesma maneira desde uma data surpreendentemente recuada na história do mundo — talvez mais de 50 milhões de anos. Quão mais altos teriam sido um dia, era inútil tentar conjecturar; mas tudo em

torno daquela região estranha apontava para obscuras influências atmosféricas desfavoráveis à mudança e calculadas para retardar os habituais processos climáticos de desintegração de rochas.

Contudo, era o emaranhado de cubos regulares, parapeitos e entradas de cavernas que mais nos fascinava e perturbava. Estudei-os com binóculos e tirei fotografias, enquanto Danforth pilotava; e às vezes eu tomava-lhe o lugar nos controles — muito embora meu conhecimento de aviação fosse puramente amadorístico — a fim de que ele pudesse usar os binóculos. Podíamos constatar sem dificuldade que grande parte do material constitutivo daquelas formações era um quartzito arqueano mais para claro, diferente de qualquer formação visível em amplas áreas da superfície geral; e que a regularidade de tais formações era extremada e fantástica, num grau que o pobre Lake mal insinuara.

Como ele havia dito, suas arestas estavam carcomidas e arredondadas por eras e eras de violento desgaste climatérico; entretanto, sua solidez antinatural e seu material resistentíssimo haviam-nas salvo de obliteração. Muitas partes, principalmente as que se achavam mais próximas das encostas, pareciam ser de substância idêntica à da superfície rochosa adjacente. Tudo aquilo se assemelhava às ruínas de Macchu Picchu, nos Andes ou às muralhas antigas de Kish, tal como escavadas pela Expedição de Campo do Museu de Oxford em 1929; e tanto Danforth como eu tínhamos, vez por outra, aquela impressão de blocos ciclópicos separados que Lake havia atribuído ao seu companheiro de vôo, Carroll. Explicar tais coisas naquele local estava francamente acima de minhas forças, e senti-me inusitadamente humilde como geólogo. As formações ígneas têm, por vezes, estranhas regularidades — como a famosa Estrada dos Gigantes, na Irlanda — mas aquela cordilheira estupenda, a despeito da suspeita original de Lake, que julgara vislumbrar cones fumegantes, era acima de tudo não-vulcânica em sua estrutura ostensiva.

As curiosas bossas de cavernas, perto das quais as singulares formações pareciam mais abundantes, apresentavam outro enigma, posto que menor, devido à regularidade de contornos. Eram, como Lake dissera em seu boletim, muitas vezes aproximadamente quadradas ou semicirculares — como se as aberturas naturais tivessem ganho simetria por ação de mãos mágicas. Seu grande número de sua ampla distribuição

eram notáveis e indicavam que toda a região tinha uma rede de túneis dissolvidos em estratos calcários. Nunca conseguíamos ver muito a fundo no interior das cavernas, mas foi-nos possível constatar que aparentemente eram livres de estalactites e estalagmites. Do lado de fora, as partes das encostas adjacentes às aberturas pareciam invariavelmente lisas e regulares; Danforth quis crer que as pequenas fendas e raias causadas pela erosão do tempo tendiam para desenhos inusitados. Tomado que estava pelos horrores e singularidades encontrados no acampamento, ele insinuou que tais desenhos assemelhavam-se vagamente aos estranhos agrupamentos de pontos espargidos pelas esteatitas esverdeadas primais, duplicados de maneira tão tétrica nos loucos montículos sobre as seis monstruosidades enterradas.

Gradualmente havíamos passado a sobrevoar os contrafortes mais altos e nos dirigíamos na direção do passo relativamente baixo que havíamos escolhido. À medida que avançávamos, olhávamos de vez em quando para a neve e o gelo da rota terrestre, imaginando se nos teria sido possível tentar a exploração com o equipamento mais simples do passado. Para certa surpresa nossa, constatamos que o terreno era longe de difícil, como de hábito; e que apesar das fendas e outros pontos mais trabalhosos, não seria provável que impedissem o avanço dos trenós de um Scott, um Shackleton ou um Amundsen. Algumas das geleiras pareciam conduzir a desfiladeiros desnudados pelo vento, com uma singular continuidade, e ao chegarmos ao passo que havíamos escolhido, verificamos que ele não constituía exceção.

Nossa sensação de tensa expectativa ao nos prepararmos para contornar a crista e contemplar um mundo virgem não pode de modo algum ser descrito com palavras, muito embora nada nos autorizasse a crer que as regiões além da cordilheira fossem em essência diferentes das que já tínhamos visto e atravessado. O toque de maligno mistério que existia naquelas montanhas colossais e no verdadeiro mar que era o céu opalescente, vislumbrado entre seus cumes, era uma questão altamente sutil e rarefeita, que não podia ser explicada com meras frases. Ao invés disso, era algo de um vago simbolismo psicológico e de associação estética — uma coisa que ia de mistura com poesia e pintura exótica, com mitos arcaicos ocultos em tomos misteriosos e defensos. Até mesmo a força do vento encerrava um veio de consciente malignidade; e por um

segundo pareceu que o som heterogêneo incluía um esdrúxulo assovio ou silvo musical, que cobria várias oitavas, enquanto o vendaval ribombava pelas onipresentes e ressoantes bocas de cavernas. Havia um tom nebuloso de repugnância reminiscente nesse som, tão complexo e indefinível quanto todas as demais impressões de malefício.

Estávamos agora, após uma lenta ascensão, a uma altitude de 7.070 metros, segundo o aneróide; e com isso havíamos deixado a região das neves definitivamente distante. Ali no alto havia apenas encostas escuras, de rochedos nus, e ali começavam a surgir as geleiras sulcadas — às quais a presença daqueles estranhíssimos cubos, parapeitos e silvantes bocas de caverna acrescentava um augúrio de antinatural, de fantástico e de onírico. Contemplando a linha dos altos picos, julguei divisar aquele que tinha sido mencionado pelo pobre Lake, encimado de maneira exala por uma muralha. Parecia estar meio perdido numa insólita névoa antártica. Quiçá fora essa névoa a responsável pela idéia de vulcanismo, que no início ocorrera a Lake. O passo surdia diretamente sob nós, liso e ventoso entre seus portais acidentados e malignamente sobranceiros. Além dele estendia-se um céu agitado por vapores em torvelinho e iluminado pelo baixo sol polar — o céu daquele misterioso domínio distante, jamais tocado, sentíamos, por olhos humanos.

Mais alguns metros de altitude e contemplaríamos esse domínio. Impossibilitados de falar senão em gritos, por força do vento uivante e sibilante que invadia o desfiladeiro e se somava ao ronco dos motores, Danforth e eu trocávamos olhares eloqüentes. E foi então que, havendo galgado esses poucos metros, realmente lançamos o olhar sobre a barreira colossal e contemplamos os segredos ignorados de um mundo antigo e inteiramente alienígena.

Acredito que tenhamos, ambos, gritado simultaneamente, com uma mistura de pasmo, assombro, terror e incredulidade, ao finalmente transpormos o passo e ver o que jazia além; não críamos em nossos próprios sentidos. Era forçoso, naturalmente, que abrigássemos alguma teoria natural nos recessos de nossas mentes, uma teoria que viesse a proteger nossas faculdades no momento. É provável que tenhamos pensado em coisas como as pedras grotescamente erodidas do Jardim dos Deuses, no Colorado, ou nas rochas do deserto do Arizona, simétricas e fantasticamente esculpidas pela erosão eólia. Talvez tenhamos até

relembrado uma miragem como a que tínhamos visto de manhã anterior, quando pela primeira vez nos aproximamos daquelas montanhas de loucura. Era preciso termos algumas lembranças normais como essas a que recorrer enquanto nossos olhos corriam por aquele planalto ilimitado e marcado de tempestades e lobrigavam o labirinto quase interminável de massas pétreas — colossais, regulares e de geométrica eurritmia — que arrojavam suas cristas carcomidas e desgastadas por sobre um lençol glacial que não teria mais de doze ou quinze metros em seus pontos de maior espessura e que ocasionalmente era obviamente mais delgado.

O efeito da visão monstruosa era indescritível, pois parecia fora de dúvida que em sua origem atuara alguma diabólica violação da lei natural. Ali, num altiplano infernalmente antigo, a nada menos de 6.000 metros de altitude, e num meio climático vedado à vida desde uma era pré-humana a não menos de quinhentos mil anos, estenda-se quase até o limite da visão um entrelaçamento ordeiro de pedras que só o desespero da legítima defesa mental poderia deixar de imputar a uma causa consciente e artificial. Havíamos descartado anteriormente, para todos os efeitos de cogitação séria, qualquer teoria de que os cubos e muralhas das encostas não tivessem origem natural. Como seria de outra forma, se o próprio homem mal poderia ser diferenciado dos grandes macacos à época em que aquela região sucumbira ao presente reino ininterrupto de morte glacial?

No entanto, agora a razão parecia irrefutavelmente abalada, pois aquele emaranhado ciclópico de blocos aplainados, recurvados e dispostos em ângulos possuía características que invalidavam todo e qualquer refúgio seguro. Era, com inescapável clareza, a cidade blasfema da miragem, numa realidade crua, objetiva e inelutável. Aquele prodígio maldito tivera, afinal, um fundamento material — uma camada horizontal de poeira de gelo pairara, suspensa, na atmosfera superior e aquela chocante sobrevivência de pedra havia projetado sua imagem para o outro lado das montanhas, obedecendo às leis simples da reflexão. O fantasma, naturalmente, chegara a nós distorcido e exagerado, exibindo, ademais, coisas que a fonte real não continha. Agora, porém, vendo-lhe a fonte real, nós a julgávamos ainda mais tétrica e ameaçadora que sua imagem distante.

Somente a magnitude incrível e inumana daquelas vastas torres; e muralhas de pedra havia salvo tal coisa absurda de completa aniquilação durante as centenas de milhares, talvez milhões, de anos em que ela havia estado ali, exposta aos vendavais de um planalto nu. "Corona Mundi ... Teto do Mundo..." Toda espécie de frases fantásticas nos assomavam aos lábios enquanto lançávamos a vista, estupefatos, para o espetáculo implausível. Pensei outra vez nos horrendos mitos primais que com tamanha persistência haviam rondado minha mente desde o primeiro instante em que eu vira aquele extinto mundo antártico. . . e também no demoníaco planalto de Leng, no Mi-Go — o Abominável Homem das Neves do Himalaia —, nos Manuscritos Pnakóticos de pré-humanas implicações, co culto de Cthulhu, no *Necronomicon,* nas lendas hiperbóreas do informe Tsathoggua e nos seres cósmicos, pior que informes, associados e essa semi-entidade.

Por quilômetros e quilômetros sem fim, em todas as direções, a coisa se estendia com pouquíssimo esmorecimento. De fato, seguindo-a com os olhos pela base dos baixos e graduais contrafortes que a separavam da borda da cordilheira propriamente dita, chegamos à conclusão de que não éramos capazes de perceber nenhum esmorecimento, exceção feita à interrupção à esquerda do passo pelo qual tínhamos chegado. Tínhamos tão somente alcançado, ao acaso, uma parte limitada de algo que possuía extensão incalculável. Os contrafortes eram pontilhados mais esparsamente com grotescas estruturas de pedra, que ligavam a cidade de terror aos cubos e muralhas já familiares e que, evidentemente, constituíam seus postos avançados nas montanhas. Estes últimos, assim como as estranhas bocas de cavernas, eram tão numerosos do lado posterior da cordilheira quanto do anterior.

O absurdo labirinto de pedra consistia, em sua maior parte, em muralhas que variavam de três a 45 metros de altura, e com espessura entre dois a cinco metros. Compunha-se sobretudo de blocos descomunais de ardósia, xisto e arenito primordiais — blocos que em muitos casos chegavam a ter l,5 x 2 x 4 metros —, ainda que em vários lugares parecesse talhado numa camada sólida e desigual de ardósia pré-cambriana. Os edifícios não tinham de modo algum as mesmas dimensões, existindo inumeráveis arranjos que pareciam favos de mel de enorme extensão, assim como estruturas separadas menores. A forma

geral dessas coisas tendia ao cônico, ao piramidal, ao escalonado; contudo, não eram raros cilindros perfeitos, cubos exatos, aglomerados de cubos e outras formas retangulares, bem como um punhado de edifícios angulosos cuja planta em cinco pontas lembrava vagamente fortificações modernas. Os construtores haviam usado, com constância e correção, o princípio do arco, e provavelmente teriam existido cúpulas quando do apogeu da cidade.

Todo aquele emaranhado acha-se monstruosamente erodido e a superfície glacial da qual .as torres se projetavam estava recoberta de blocos caídos e de escombros imemoriais. Onde a glaciação era transparente podíamos ver as partes inferiores das pilhas gigantescas, e notávamos as pontes de pedra, preservadas pelo gelo, que ligaram as diversas torres a várias distâncias sobre o chão. Nas paredes expostas podíamos detectar marcas de outras pontes, mais altas, do mesmo tipo, agora desabadas. Uma inspeção mais próxima revelou janelas incontáveis, bem amplas. Algumas estavam fechadas com folhas de um material petrificado que originariamente fora madeira, embora na maioria estivessem escancaradas de maneira sinistra e ameaçadora. Muitas das ruínas, naturalmente, haviam perdido os tetos e tinham as partes superiores irregulares, posto que arredondadas pelo vento. Outras, porém, de feitio mais acentuadamente cônico ou piramidal, ou protegidas por estruturas adjacentes mais altas, exibiam contornos intactos, a despeito do desgaste e da erosão onipresente. Usando o binóculo, quase podíamos distinguir o que parecia ser decorações escultóricas em faixas horizontais — e que incluíam aqueles curiosos agrupamentos de pontos cuja presença nas esteatitas antigas agora assumiam um significado muitíssimo mais vasto.

Em muitos sítios os edifícios eram uma ruína completa e o lençol de gelo achava-se profundamente rasgado, por várias causas geológicas. Em outros lugares a cantaria encontrava-se desgastada até o nível da glaciação. Via-se um corte largo, que se estendia ao interior do planalto até uma fissura nos contrafortes, a aproximadamente dois quilômetros do passo que havíamos transposto, inteiramente destituído de construções. Representava provavelmente, concluímos, o leito de algum caudaloso rio que durante o Terciário — milhões de anos antes — corria pela cidade e se arremessava em algum prodigioso abismo subterrâneo da grande

cordilheira. Tratava-se, decerto, de uma região de cavernas, gólfãos e segredos subterrâneos vedados ao conhecimento humano.

Fazendo um retrospecto de nossas sensações e recordando nossa estupefação ao contemplarmos aqueles resquícios monstruosos de eras imemoriais que julgávamos pré-humanas, só me cabe admirar que tenhamos preservado qualquer coisa, semelhante a equilíbrio. Sabíamos, naturalmente, que alguma coisa — a cronologia, a teoria científica ou nossa própria consciência — achava-se dolorosamente errada. No entanto, conservávamos estabilidade suficiente para controlar o avião, observar várias coisas minudentemente e tirar uma cuidadosa série de fotografias que talvez ainda venham a servir bem tanto a nós quanto ao mundo. Em meu caso, entranhados hábitos científicos podem ter ajudado; pois acima de tudo, o espanto e a sensação de ameaça que ali senti deram azo a uma intensa curiosidade no sentido de descobrir mais a respeito daquele segredo do passado — saber que espécie de seres havia construído e habitado aquele lugar inestimavelmente gigantesco, determinar qual relação poderia ter tido tal singular concentração de vida com o mundo geral de seu tempo ou de outros tempos.

Isso porque aquele lugar não podia ser uma cidade comum. Devia ter constituído o núcleo e o centro primordiais de algum capítulo arcaico e inacreditável da história do mundo, cujas ramificações externas, só baçamente relembrado nos mais obscuros e distorcidos mitos, haviam-se desvanecido inteiramente em meio ao caos de convulsões terráqueas, muito antes que qualquer raça humana que conhecemos houvesse ascendido um grau acima dos símios. O que se esparramava ali era uma megalópole paleoarcaica em comparação à qual sítios legendários como a Atlântida e a Lemúria, Commoriom e Uzuldaroum, ou Olathoë, na Terra de Lomar, são coisas recentes, de hoje — nem mesmo de ontem; uma megalópole parelha com blasfêmias pré-humanas, das quais só se fala em sussurros, como Valusia, R'lyeh, Ib da Terra de Mnar e a Cidade Inominada da Arábia Deserta. Enquanto voávamos sobre aquele labirinto de torres titânicas, minha imaginação por vezes tomava os freios nos dentes e per vagava sem rumo por reinos de fantásticas associações — chegando mesmo a tecer vínculos entre aqueles mundos perdidos e alguns de meus próprios sonhos mais delirantes concernentes ao horror encontrado no acampamento.

No interesse de decolarmos com menos peso, o tanque de combustível do avião tinha sido enchido só parcialmente; daí termos de levar a cabo nossa exploração com cautela. Ainda assim, no entanto, cobrimos uma extensão de terreno — ou antes, de ar — verdadeiramente desprezível. Parecia não haver limites para a cordilheira ou para a extensão da hedionda cidade pétrea que perlongava seus contrafortes. Oitenta quilômetros em ambas as direções não revelaram qualquer modificação de monta no labirinto de rochas e cantaria que se agarrava como um cadáver nos gelos eternos. Havia, não obstante, certas diversificações altamente interessantes; assim eram, por exemplo, os entalhes no canhão pelo qual aquele rio caudaloso havia outrora despenhado pelos contrafortes e se escoado por seu sumidouro na grande cordilheira. Os promontórios nas entradas da corrente tinham sido esculpidos em escarpas, formando colunas ciclopicas; e havia alguma coisa nos desenhos rugosos e e em forma de barril que incitava em Danforth e em mim vagas, odiosas e confusas associações.

Demos também com diversos espaços abertos, em forma de estrela, evidentemente praças públicas, e notamos várias ondulações no terreno. Onde se elevava um monte íngreme, este geralmente se apresentava oco, formando alguma espécie de edificação escarrapachada; havia, porém, pelo menos duas exceções. Dentre elas, uma estava demasiado carcomida para se saber o que existira na crista saliente, ao passo que a outra ainda exibia um fantástico monumento cônico, esculpido na rocha viva e que semelhava grosseiramente coisas como o conhecido Túmulo da Cobra, no antigo vale de Petra.

Saindo das montanhas em direção ao interior do continente, pudemos constatar que a cidade não era de largura infinita, muito embora sua extensão, ao longo dos contrafortes, parecesse infindável. Depois de aproximadamente 50 quilômetros os grotescos edifícios de pedra começavam a rarear, e com mais 15 quilômetros chegamos a um ermo ininterrupto, praticamente sem sinais de artifícios conscientes. Além da cidade, o curso do rio parecia marcado por uma linha larga e deprimida, ao passo que o terreno adquiria um caráter acidentado um tanto mais acentuado, dando mostras de tornar-se um pouco mais elevado à medida que se estendia rumo ao oeste brumoso

Até então não havíamos feito nenhum pouso; no entanto, abandonar o planalto sem sequer uma tentativa de examinar de perto algumas daquelas estruturas monstruosas teria sido inconcebível. Por conseguinte, decidimos encontrar uma área plana nos contrafortes, próxima a nossa garganta navegável, para ali aterrissarmos e nos prepararmos para uma breve exploração a pé. Embora essas suaves encostas estivessem em parte cobertas por escombros, voando a baixa altitude logo descobrimos vários pontos onde seria possível pousar. Escolhendo o mais próximo ao desfiladeiro, uma vez que depois teríamos de alçar vôo para transpor a cordilheira e voltar ao acampamento, por volta das 12h30min logramos aterrissar numa área plana e de neve endurecida, totalmente destruída de obstáculos e bem adaptada a uma posterior decolagem.

Não nos pareceu necessário proteger o avião com uma barragem de neve, por tempo tão curto e visto que não havia ventos fortes. Assim, verificamos apenas se os patins de pouso estavam escorados com segurança e se as partes vitais do motor achavam-se protegidas contra o frio. Para nossa jornada a pé, deixamos no avião os agasalhos de pele mais pesados e levamos conosco pouca coisa: uma bússola de bolso, a câmara manual, provisões, leves, uma boa quantidade de blocos de anotações e de papel, martelo e cinzel de geólogo, bolsas de coleta de amostras, um rolo de corda de alpinismo e possantes lanternas elétricas, com pilhas extras. Tal equipamento fora trazido no avião na expectativa de que pudéssemos efetuar um pouso, tirar fotografias no chão, fazer desenhos e esboços topográficos, assim como coletar amostras de rochas em alguma encosta nua, afloramento ou caverna na montanha. Por sorte, tínhamos um suprimento extra de papel que podíamos rasgar, colocar numa bolsa sobressalente e utilizar para assinalar nosso percurso em qualquer labirinto em que pudéssemos entrar. Esse suprimento de papel tinha sido trazido para o caso de localizarmos algum sistema de cavernas em que o ar estivesse suficientemente calmo para permitir esse método rápido e fácil de marcar caminho, ao invés do método usual de gravar marcas em rochas.

Descendo cuidadosamente a encosta pela neve encrostada em direção ao estupendo labirinto de pedra que se agigantava contra o opalescente céu ocidental, éramos empolgados por uma sensação de

prodígios iminentes quase tão intensa quanto a que havíamos sentido ao nos aproximarmos do inexplorado passo nas montanhas, quatro horas antes. Na verdade, por força de ver aquelas edificações, já estávamos familiarizados com o incrível segredo oculto pelos picos; no entanto, a perspectiva de verdadeiramente penetrar naquela cidade, edificada por seres conscientes havia talvez milhões de anos — antes que qualquer raça conhecida de homens pudesse ter existido —, era aterradora por suas implicações de anormalidade cósmica. Embora a rarefação do ar naquela altitude assombrosa tornasse a movimentação mais difícil que de costume, tanto Danforth quanto eu senti amo-nos muito bem, à altura de quase qualquer tarefa que se nos deparasse. Foi preciso apenas alguns passos para nos levar a uma ruína informe, arrasada ao nível da neve, ao passo que cerca de cinqüenta ou setenta metros adiante havia uma muralha imensa, sem teto, ainda intacta em seu delineamento gigantesco de cinco pontas e que se erguia a uma altura irregular de pouco mais de três metros em média. Caminhamos em sua direção; e quando por fim pudemos tocar-lhe os desgastados blocos ciclópicos, sentimos havermos estabelecido uma ligação sem precedentes e quase blasfema com eras esquecidas, normalmente vedados à nossa espécie.

Esse baluarte, em forma de estrela e com aproximadamente 90 metros de ponta a ponta, fora construído com blocos de arenito jurássico de dimensões irregulares — média l,80m por 2,50m. Havia uma fileira de seteiras ou janelas com cerca de l,20m de largura e 1,5Om de altura, espacejadas com grande simetria ao longo das pontas da estrela e em seus ângulos interiores, e com a parte inferior a cerca de l,20m da superfície de gelo. Olhando por essas aberturas, pudemos ver que a parede não teria menos de 1,5Om de espessura, que no interior não subsistiam quaisquer divisões e que restavam vestígios de entalhes ou baixos-relevos em frisas nas paredes interiores — fatos que, na realidade, já tínhamos quase percebido anteriormente, ao passarmos em baixa altitude por aquela bastida e outras semelhantes. Ainda que originariamente devessem existir partes mais baixa, todos os traços delas estavam agora inteiramente escondidas pela profunda camada de gelo e de neve naquele local.

Entramos de gatinhas por uma das janelas e em vão tentamos decifrar os desenhos murais quase apagados, porém não tentamos perturbar o piso de gelo. Nossos vôos de reconhecimento haviam

mostrado que muitos edifícios na cidade propriamente dita estavam .menos entulhados de gelo e talvez pudéssemos encontrar interiores inteiramente limpos, pelos quais poderíamos chegar aos verdadeiros pavimentos térreos, se entrássemos cm edificações que ainda conservassem teto. Antes de deixarmos o baluarte fotografamo-lo cuidadosamente e estudamos sua obra de cantaria, não revestida, com total desnorteamento. Manifestamos desejo de que Pabodie estivesse conosco, pois seus conhecimentos de engenharia poderiam ter-nos ajudado a imaginar como aqueles blocos titânicos tinham sido manejados na época inacreditavelmente remota em que a cidade e suas cercanias haviam sido edificadas.

A caminhada de quase um quilômetro encosta abaixo, até a cidade propriamente dita, com o vento uivando selvaticamente nos picos às nossas costas, foi algo cujos pormenores, mesmo os mais ínfimos, hão de ficar para todo sempre gravados em minha memória. Somente em pesadelos fantásticos poderiam quaisquer seres humanos, salvo Danforth e eu, conceber tais efeitos ópticos. Entre nós e os vapores em revolução a oeste jazia aquele entrelaçamento monstruoso de escuras torres de pedra, cujas formas *outrées e* incríveis voltavam a nos aturdir a cada novo ângulo de visão. Era uma miragem em pedra sólida, e não fossem as fotografias ainda hoje eu duvidaria que tal coisa pudesse existir. O tipo geral de cantaria era idêntico ao do baluarte que tínhamos examinado pouco antes, mas as configurações urbanas superavam qualquer descrição.

Mesmo as fotografias ilustram apenas uma ou duas fases de sua variedade infinda, sua solidez sobrenatural, seu exotismo radialmente alienígena. Havia formas geométricas para as quais um Euclides dificilmente encontraria nome — cones de todos graus de irregularidade e truncamento, plataformas de toda espécie de desproporção, hastes com estranhos alargamentos bulbosos, colunas quebradas em grupos curiosos, arranjos em cinco pontas ou cinco rugas de louca grotesqueria. Ao nos aproximarmos conseguimos enxergar através de certas partes transparentes do lençol de gelo e detectar algumas das pontes tubulares de pedra que interligavam as estruturas dementes a várias alturas. Quanto a arruamentos, parecia-nos não existirem, e o único espaço aberto situava-se a aproximadamente l,5 quilômetro à esquerda,

onde o antigo rio sem dúvida havia atravessado a cidade, em direção às montanhas.

Com auxílio dos binóculos, constatamos que as faixas externas e horizontais de esculturas quase obliteradas e os agrupamentos de pontos eram comuníssimos e quase podíamos visualizar que aspecto teria tido outrora a cidade — muito embora a maioria dos telhados e as coroas das torres tivessem necessariamente desabado. De geral, a cidade fora um emaranhado complexo de aléias e caminhos tortuosos, sempre como canhões profundos, sendo alguns pouco mais que túneis, à conta das obras de cantaria em balanço e das pontes em arco. Agora, esparramada sob nós, ela avultava como uma fantasia de sonho que tinha como fundo a névoa a oeste, através de cuja extremidade setentrional o baixo e avermelhado sol antártico do começo da tarde se esforçava por penetrar. E quando, por um instante, esse sol encontrava uma obstrução mais densa e fazia mergulhar o cenário numa sombra efêmera, o efeito era de uma ameaça sutil que jamais poderei ter esperança de pintar com palavras. Até mesmo os uivos e sibilos suaves do vento nas gargantas profundas da cordilheira às nossas costas ganhavam um tom mais desvairado de deliberada malignidade. A última etapa de nossa descida até a cidade foi invulgarmente íngreme e abrupta; um afloramento rochoso no ponto em que o declive se alterava levou-nos a pensar que no passado existira ali uma esplanada artificial. Sob o gelo, acreditávamos, deveria haver um lance de degraus ou coisa equivalente.

Quando finalmente mergulhamos na cidade propriamente dita, tropeçando em escombros e nos sobressaltando por causa da proximidade opressiva e da altura acachapante dos onipresentes destroços e das paredes esburacadas, nossas sensações mais uma vez chegaram a tal intensidade que assombra-me o grau de autocontrole que conservamos. Danforth estava francamente com os nervos à flor da pele e pôs-se a tecer algumas especulações ofensivamente irrelevantes a respeito do horror que havíamos encontrado no acampamento — especulações contra as quais eu mais me ressentia por não poder deixar de compartilhar, certas conclusões a que éramos forçados por muitos aspectos daquela sobrevivência mórbida da antiguidade de pesadelo. Tais especulações atuaram também sobre a imaginação de Danforth. Digo isto porque em certo ponto — onde uma aléia cheia de escombros infletia numa esquina

— ele insistiu em que via no chão leves vestígios de marcas de que não gostava; por outro lado, em outros locais ele se detinha para escutar um som sutil e imaginário, proveniente de algum ponto indefinido — um abafado sibilo musical, dizia ele, em nada diferente daquele que o vento arrancava às cavernas, mas de alguma forma perturbadoramente distinto. O incessante motivo de cinco pontas da arquitetura circundante e dos poucos arabescos murais discerníveis tinham um efeito vagamente sinistro a que não nos podíamos furtar e nos propiciava algo como que uma terrível certeza subconsciente com relação às entidades primais que haviam erguido aquele lugar sacrílego e nele habitado.

Não obstante, nossas almas científicas e aventureiras não estavam inteiramente mortas e mecanicamente levávamos avante nosso programa de obter amostras de todos os diferentes tipos de rochas representados na cantaria. Desejávamos colher um conjunto bastante completo deles, a fim de melhor inferir a idade do lugar. Nada nas grandes paredes externas parecia datar de depois dos períodos Jurássico e Comancheano, nem qualquer pedaço de pedra de todo aquele local era mais recente que a era Pliocênica. Tínhamos cabal certeza de estarmos a caminhar em meio a uma morte que já reinava havia pelo menos quinhentos mil anos e, com toda probabilidade, ainda mais tempo.

A medida que avançávamos por aquele dédalo de crepúsculo penumbroso, parávamos diante de todas as aberturas para estudar interiores e investigar possibilidades de acesso. Algumas estavam além de nosso alcance, ao passo que outras levavam apenas a ruínas obstruídas pelo gelo, tão vazias quanto o baluarte da montanha. Uma delas, ainda que espaçosa e promissora, dava para um abismo aparentemente sem fundo, sem qualquer meio visível de descida. Vez por outra tínhamos oportunidade de estudar a madeira petrificada de um postigo ainda meio intacto, e impressionava-nos a fabulosa antiguidade implícita nas fibras ainda perceptíveis. Aquelas janelas tinham vindo de gimnospermas e coníferas mesozóicas — principalmente cicadáceas cretáceas — e de palmáceas e angiospermas antigos de clara origem Terciária. Nada categoricamente posterior ao Plioceno podia ser visto. Aqueles postigos — cujas arestas revelavam a presença antiga de dobradiças estranhas e desde muito desaparecidas — haviam sido instalados das maneiras mais variadas; alguns ficavam do lado externo, outros do lado interno dos largos

vãos. Pareciam ter ficado presos em seus lugares, sobrevivendo assim à oxidação de suas dobras antigas, provavelmente metálicas.

Após algum tempo chegamos diante de uma fileira de janelas — nas saliências de um colossal cone de cinco cantos, com ápice intacto — que conduziam a um salão vasto e bem conservado, com piso de pedra; no entanto, eram altas demais para que descêssemos sem ajuda de corda. Tínhamos efetivamente um rolo de corda conosco, mas não queríamos ter o trabalho de realizar aquela descida de seis metros a menos que fôssemos obrigados a tal — principalmente naquela atmosfera rarefeita onde o músculo cardíaco era forçado a grande trabalho. Aquela sala enorme seria decerto um salão de reunião, e nossas lanternas revelavam esculturas majestosas dispostas em torno das paredes, em largas faixas horizontais, separadas por frisas igualmente largas de arabescos convencionais. Tomamos nota cuidadosamente daquele lugar, tencionando entrar ali, a menos que encontrássemos um interior de acesso mais fácil.

Por fim, entretanto, encontramos exatamente a abertura que desejávamos, uma arcada com cerca de l,80m de largura e três metros de altura, que marcava a antiga extremidade de uma ponte suspensa que havia passado por cima de uma aléia, a cerca de l,50m sobre o atual nível do gelo. Essas arcadas, naturalmente, ficavam em linhas com pavimentos superiores, e neste caso ainda subsistia um dos pavimentos. O edifício a que assim se tinha acesso era uma série de plataformas retangulares à nossa esquerda, dando para oeste. O que ficava do outro lado da aléia, e na qual se abria a outra arcada, era um cilindro decrépito, sem janelas e com uma curiosa protuberância a cerca de três metros acima da abertura. O interior estava escuro e a arcada parecia abrir-se para um báratro de vazio ilimitado.

Uma pilha de escombros fazia com que o acesso ao vasto edifício da esquadra fosse ainda mais facilitado; ainda assim, por um momento hesitamos antes de tirarmos proveito da oportunidade por que tanto havíamos ansiado. Muito embora nos nos houvéssemos aventurado a entrar naquele labirinto de arcaico mistério, era preciso renovada força de vontade para nos dispormos a realmente penetrar no interior de um edifício completo e supérstite de um fabuloso mundo antigo cuja natureza a cada instante tornava-se-nos mais horrendamente clara. Por fim, entretanto, decidimo-nos e subimos pelo monte de escombros e

chegamos ao vão hiante. O chão adiante era feito de grandes lajes de ardósia e parecia formar o desaguadouro de um longo e alto corredor de paredes esculpidas.

Observando as muitas arcadas que partiam daquele salão e percebendo a provável complexidade do ninho de aposentos que haveria ali, resolvemos dar início a nosso sistema de marcação de caminho. Até ali nossa bússola, juntamente com olhares freqüentes para a vasta cordilheira, entrevista em meio às torres, tinha sido suficiente para impedir que nos perdêssemos; de agora em diante, contudo, era preciso um adjutório artificial. Por conseguinte, rasgamos nossos papéis extras em tiras de tamanho adequado, que colocamos numa bolsa a ser transportada por Danforth, e nos preparamos para usá-las com tanta economia quanto permitisse a segurança. Tal método provavelmente evitaria que nos perdêssemos, porquanto não parecia haver fortes correntes de ar no interior da edificação. No caso de soprarem ventos, ou se nosso suprimento de papel chegasse ao fim, podíamos, naturalmente, recorrer ao método mais seguro, ainda que mais trabalhoso e lento, de tirar lascas na cantaria.

Era impossível conjecturar, sem tentativa real, qual a extensão do território que havíamos aberto. As freqüentes conexões entre os diferentes edifícios tornava provável que passássemos de um para outro, por pontes sob o gelo, exceto se isso fosse impedido por desabamentos locais e desastres geológicos, uma vez que parecia haver no interior das construções pouquíssima formação glacial. Quase todas as áreas de gelo transparente haviam mostrado que as janelas soterradas estavam fortemente fechadas, como se a cidade tivesse permanecido naquele estado uniforme até ter-se criado o lençol glacial que viria cristalizar a parte inferior da urbe para todo sempre. Com efeito, tinha-se a curiosa impressão de que o lugar fora voluntariamente fechado e evacuado em alguma era vaga e antiga, ao invés de sacudido por qualquer calamidade súbita ou mesmo por uma gradual decadência. Porventura o advento do gelo fora previsto e uma população desconhecida abandonara em massa o lugar para buscar um abrigo menos condenado. As precisas condições fisiográficas que cercaram a formação do lençol glacial naquele ponto teriam de esperar solução posterior. Não havia ocorrido, com toda certeza, uma hecatombe repentina. Talvez a pressão de neves acumuladas tivesse

sido seu causador, ou, quem sabe, uma cheia do rio ou o estouro de alguma antiga represa glacial na cordilheira houvessem contribuído para criar a situação especial que agora se observava. A imaginação era capaz de conceber quase tudo com àquele lugar.

VI

Seria enfadonho um relato minucioso e consecutivo de nossas deambulações no interior daquele favo cavernoso e arcaico de cantaria primal — aquela cova monstruosa de segredos antigos onde agora, pela primeira vez depois de milênios sem conta, ecoavam passos humanos. E sobretudo porque grande parte da angústia e da revelação hediondas provieram de um mero estudo das onipresentes entalhaduras murais. As fotografias que tiramos dessas obras de talhas, à luz de lanternas, em muito corroborarão a verdade do que estamos agora desvelando, e é lamentável que não tivéssemos conosco maior quantidade de filme. Depois que todos nossos filmes foram consumidos, passamos a fazer grosseiros esboços de certos elementos mais destacados.

O edifício em que entramos era de grande dimensão e apuro, proporcionando-nos uma idéia sugestiva da arquitetura daquele nefando passado geológico. As divisões internas eram menos imponentes que as paredes externas, mas nos pavimentos inferiores estavam preservadas com perfeição. Uma complexidade labiríntica, envolvendo diferenças de nível entre os pisos de curiosa irregularidade, caracterizava a planta; e decerto nos teríamos perdido de imediato não fosse a trilha de papéis rasgados que íamos deixando. Decidimos explorar antes de mais nada as decrépitas partes superiores, pelo que subimos por aquele dédalo, percorrendo uma distância de aproximadamente 30 metros, até o ponto em que a camada mais alta de câmaras se abria, nevosa e ruinosamente, para o céu polar. A ascensão se fez pelas rampas ou planos inclinados de pedra, íngremes e raiadas transversalmente, que por toda parte faziam as vezes de escadas. Os cômodos que encontramos eram de todas as formas e proporções imagináveis, variando de estrelas de cinco pontas a triângulos e cubos perfeitos. Poderíamos asseverar com certa segurança que as dimensões médias de tais cômodos eram em geral de nove metros de lado, com cerca de seis metros de altura, embora existissem muitos aposentos maiores. Após examinarmos com todo rigor as áreas superiores e o nível glacial, descemos, andar por andar, para a parte

soterrada. Ali vimos, com efeito, que estávamos num contínuo labirinto de câmaras interligadas e de passagens, as quais provavelmente levavam a áreas ilimitadas fora daquele edifício específico. A imponência e o gigantismo ciclópico de tudo quanto nos rodeava tornaram-se curiosamente opressivos; e havia algo como que uma inumanidade vaga mas profunda em todos os contornos, dimensões, decorações e nuances daquela arquitetura blasfemamente arcaica. Logo percebemos, pelo que os entalhes revelavam, que aquela cidade monstruosa tinha milhões de anos.

Não sabemos ainda explicar os princípios de engenharia empregados no balanceamento e no ajuste anômalos das vastas massas rochosas, embora fosse claro o constante recurso ao princípio do arco. Os cômodos que visitamos achavam-se inteiramente despidos de qualquer coisa como mobília ou pertences móveis, uma circunstância que reforçou nossa convicção de que a cidade tinha sido abandonada deliberadamente. O principal elemento decorativo era o sistema quase universal de esculturas murais, que tendiam a correr em contínuas faixas horizontais de quase um metro de largura, dispostas do piso ao teto e em alternância com faixas, de igual largura, de arabescos geométricos. Havia exceções a essa regra, porém sua predominância era esmagadora. Com freqüência, todavia, uma série de cártulas lisas, com grupos de pontos em configurações singulares, era embutida numa das faixas de arabescos.

A técnica, logo verificamos, era amadurecida, requintada; e evoluíra, do ponto de vista estético, ao mais alto grau de apuro civilizado, embora permanecesse de todo estranha, em qualquer pormenor, a qualquer tradição artística conhecida da raça humana. Em delicadeza de lavor, nenhuma escultura que eu já tenha visto poderia fazer-lhe sombra. Os mais insignificantes detalhes de uma flora rica ou da vida animal eram traduzidos com atordoante vivacidade, a despeito da escala majestosa das entalhaduras; de outra parte, os desenhos convencionais eram primores de esmerado entrelaçamento. Os arabescos faziam uso sapiente de princípio matemáticos e compunham-se de curvas e ângulos obscuramente simétricos, de base cinco. As faixas pictóricas seguiam uma tradição altamente formalizada e envolvia um tratamento peculiar da perspectiva, mas possuíam uma força artística que nos causava emoção profunda, não obstante o abismo interveniente de imensos períodos geológicos. O método construtivo baseava-se numa singular justaposição da seção

transversal com a silhueta bidimensional e incorporava uma psicologia analítica mais avançada que a de todas as raças conhecidas da antiguidade. Será inútil tentar comparar essa arte com qualquer uma das representadas em nossos museus. Quem examinar nossas fotografias provavelmente há de encontrar analogias com certas concepções grotescas dos mais extremados futuristas.

O risco dos arabescos consistia sempre em linhas deprimidas, cuja profundidade em paredes intactas variava de dois a quatro dedos. Quando surgiam cártulas com agrupamentos de pontos — evidentemente inscrições numa língua e num alfabeto primordiais e desconhecidos — a depressão na superfície lisa teria, talvez, três dedos de fundo; a dos pontos, talvez um dedo mais. As faixas pictóricas eram em alto-relevo, ficando o fundo deprimido cerca de 5 centímetros em relação à superfície da parede. Em uma que outra amostra, podia-se detectar resíduos de pintura, se bem que, na maioria das frisas, eras e eras sem conta haviam desintegrado e feito desaparecer quaisquer pigmentos que lhe pudessem ter sido aplicados. Quanto mais se estudava a técnica magnífica, mais se admirava as obras. Sob o rígido convencionalismo, percebia-se a observação minuciosa e precisa, bem como a perícia gráfica dos artistas; e, na verdade, as próprias convenções atendiam à simbolização e à acentuação da essência real ou da diferenciação vital de todo objeto representado. Sentíamos, ademais, que a par dessas excelências perceptíveis havia outras que se situavam além do alcance de nossa percepção. Aqui e ali, certos toques faziam vagas alusões a símbolos e estímulos latentes que um outro lastro mental e emocional, bem como um aparelho sensório mais completo ou diferente, poderia ter tornado de profundo e pungente significado para nós.

A temática das esculturas provinha obviamente da vida da época desaparecida de sua criação e continha grande proporção de relatos históricos. Foi essa extrema preocupação da raça primal em registrar sua história — uma circunstância casual que, por coincidência, atuou miraculosamente em nosso favor — que deu às entalhaduras uma tão formidável carga informativa e que nos levou a atribuir prioridade máxima a fotografá-las e transcrevê-las. Em certas salas, o arranjo dominante era diversificado pela presença de mapas, cartas celestes e outros desenhos científicos em grande escala — sendo que tais coisas

davam uma ingênua e significativa corroboração ao que já havíamos inferido das frisas pictóricas. Ao me referir por alto ao que o todo revelava, só me resta esperar que minha narrativa não venha a suscitar, por parte dos que crêem em mim, uma curiosidade maior do que a justificada pela sã cautela. Seria trágico que alguém fosse atraído àquele reino de morte e horror pela própria advertência destinada a desencorajar novas visitas.

Essas paredes esculpidas eram interrompidas por janelas altas e imponentes portais de quase quatro metros, que vez por outra retinham as bandeiras de madeira petrificada, elaboradamente entalhadas. Todas as ferragens metálicas haviam desaparecido desde muito, mas algumas portas permaneciam no lugar e tinham de ser abertas à força enquanto progredíamos de câmara em câmara. Caixilhos de janelas, com curiosas vidraças transparentes — na maioria elípticas — subsistiam aqui e ali, ainda que em quantidade pouco considerável. Havia ainda, com freqüência, nichos de alentadas dimensões, em geral vazios, mas ocasionalmente exibindo algum objeto fantástico, esculpido em esteatita verde. Tais objetos ou estavam quebrados ou haviam sido considerados demasiado inferiores para serem removidos. Outras aberturas estavam indubitavelmente ligadas a desaparecidas instalações mecânicas — para aquecimento, iluminação ou quejandos — de uma natureza indicada em vários dos entalhes. Os tetos em geral eram planos, mas às vezes tinham sido decorados com a esteatita verde ou outros tipos de azulejos, agora quase todos soltos. Os pisos eram também revestidos com tais azulejos, posto que predominassem pedras lisas.

Como já ficou dito, todo mobiliário e outros pertences haviam sido removidos. No entanto, as esculturas davam idéia clara dos objetos estranhos que outrora haviam guarnecido aqueles aposentos tumulares e ressonantes. Acima do lençol glacial, os pisos estavam em geral atulhados de detritos, destroços e escombros, porém mais embaixo essa situação se agravava. Em alguns dos aposentos e corredores inferiores havia pouco mais que poeira areenta ou incrustações antigas, ao passo que algumas poucas áreas ofereciam uma impressão sinistra de varredura recente. Naturalmente, onde haviam ocorrido fraturas ou desabamentos, os pavimentos inferiores estavam tão atulhados de destroços quanto os superiores. Um pátio central — como as que víramos do ar em outras estruturas — impedia que as regiões inferiores mergulhassem em trevas

totais. Por isso, raramente tivemos de utilizar as lanternas elétricas nas salas superiores, salvo quando examinando pormenores de esculturas. Sob a calota glacial, no entanto, a penumbra aumentava e em muitos pontos do emaranhado andar térreo quase reinava o negrume absoluto.

Para que se forme uma idéia ao menos rudimentar de nossos pensamentos e sensações enquanto invadíamos aquele dédalo silencioso de cantaria inumana, é mister correlacionar um caos inapelavelmente atordoante de humores, lembranças e impressões fugitivas. Bastavam a estupefaciente antiguidade e a desolação letal do lugar para esmagar quase qualquer pessoa sensível, mas a esses elementos somava-se o recente e inexplicado horror que se nos deparara no acampamento, assim como as revelações logo impostas pelas portentosas esculturas murais que nos cercavam. No momento em que nos vimos diante de um trecho intacto do alto-relevo, que não permitia qualquer ambigüidade de interpretação, foi bastante um exame breve para que nos inteirássemos da hedionda verdade — uma verdade que só com ingenuidade Danforth e eu poderíamos alegar não havermos suspeitado independentemente antes, muito embora tivéssemos tomado todo cuidado para nem sequer aludir a ela. Daquele momento em diante já não podíamos nutrir qualquer dúvida clemente quanto à natureza dos seres que haviam edificado e habitado aquela tétrica cidade, morta havia milhões de anos, quando os ancestrais do homem eram primitivos mamíferos arcaicos e enormes dinossauros vagueavam pelas estepes tropicais da Europa e da Ásia.

Havíamos até então nos apegado a uma alternativa desesperada e insistido — cada qual consigo mesmo — que a onipresença do motivo de cinco pontas representava tão-somente alguma exaltação cultural ou religiosa do objeto natural arqueano que tão patentemente incorporava a idéia das cinco pontas — da mesma forma como os motivos decorativos da Creta minoana exaltavam o touro sagrado, os do Egito o escaravelho, os de Roma o lobo e a águia, e os de várias tribos selvagens algum animal totêmico. No entanto, esse único refúgio era-nos agora roubado e nos víamos forçados a encarar definitivamente a percepção enlouquecedora que o leitor destas páginas sem dúvida há de ter adivinhado há multo. Mal consigo me persuadir a registrar com todas letras essa verdade, ainda agora; mas talvez isso não seja necessário.

Os seres que haviam habitado aquela arquitetura assustadora ao tempo dos dinossauros não eram, com efeito, dinossauros, mas algo muito pior. Os dinossauros eram criaturas novas e quase destituídas de cérebro... mas os construtores da cidade eram sábios e antigos e haviam deixado certos sinais em rochas já então assentadas havia perto de um bilhão de anos. . . rochas assentadas antes que a verdadeira vida na Terra tivesse avançado além do estádio de grupos plásticos de células... rochas assentadas antes que a verdadeira vida da Terra sequer existisse, em qualquer forma. Eram eles os criadores é, os escravizadores daquela vida e, acima de toda duvidados fundamentos dos demoníacos mitos antigos aos quais coisas como os Manuscritos Pnakóticos e o *Necronomicon* fazem veladas alusões. Eram os "Antigos" que haviam descido das estrelas quando a Terra era Jovem — os seres cuja substância uma evolução desnaturada moldara e cujos poderes não haviam sido gerados neste planeta. E pensar que ainda na véspera Danforth e eu havíamos verdadeiramente contemplado fragmentos de sua substância milenariamente fossilizada... e que o pobre Lake e seu grupo haviam visto seus contornos completos...

É-me impossível, naturalmente, relatar na ordem adequada os estádios mediante os quais concatenamos aquilo que sabemos daquele monstruoso capítulo da vida pré-humana. Passado o choque inicial da revelação inescapável, tivemos de fazer uma pausa para nos recompormos e já eram três da tarde quando começamos o programa de pesquisa sistemática. As esculturas do edifício em que entramos datavam de uma época relativamente tardia — talvez dois milhões de anos passados, segundo indicavam características geológicas, biológicas e astronômicas, e representavam uma arte que poderia ser dita decadente em comparação à dos exemplos que encontramos em edifícios mais antigos, depois de atravessarmos pontes sob o lençol glacial. Um desses edifícios, talhado na rocha viva, parecia remontar a quarenta ou, possivelmente, até cinqüenta milhões de anos — ao Eoceno inferior ou ao Cretáceo superior — e continha alto-relevos de uma mestria inigualada por qualquer outra, com uma única exceção, que tenhamos encontrado. Aquela era, concordamos mais tarde, o mais antigo exemplo de arquitetura habitacional por que passamos.

Não fora a corroboração daquelas fotografias que logo serão divulgadas, eu me absteria de dizer o que encontrei e inferi, para não ser confinado como demente. Naturalmente, as partes infinitamente antigas da narrativa em retalhos — representando a vida pré-terrestre dos seres estrelicéfalos em outros planetas, em outras galáxias e em outros universos — podem ser prontamente interpretadas como a mitologia fantástica daqueles próprios seres. No entanto, tais partes por vezes envolviam desenhos e diagramas tão fantasticamente aproximados das mais recentes descobertas da matemática e da astrofísica que quase não sei o que pensar. Que outros avaliem quando virem as fotografias que publicarei.

Decerto, isoladamente nenhum dos conjuntos de entalhaduras que encontramos narrava mais que uma fração de qualquer história conexa, nem tampouco começamos, naqueles momentos, a tomar ciência das diversas etapas da história em sua ordem certa. Algumas daquelas salas colossais constituíam unidades independentes no que se referia à sua decoração, ao passo que, em outros casos, uma crônica contínua se desenrolava por uma série de câmaras e corredores. Os melhores mapas e diagramas situavam-se nas paredes de um abismo horripilante que ficava abaixo até mesmo do antigo nível do solo — uma caverna com, talvez, 60 metros de lado e 18 metros de altura, e que quase indubitavelmente fora alguma espécie de centro educacional. Havia muitas repetições exasperantes do mesmo material em salas e edifícios diferentes, dado que certos capítulos da experiência e certos sumários ou fases da história rácica evidentemente tinham gozado do favor de diferentes decoradores ou moradores. Às vezes, no entanto, variantes do mesmo tema mostravam-se úteis para dirimir dúvidas e preencher lacunas.

Admira-me ainda que tenhamos deduzido tanto no pouco tempo à nossa disposição. Naturalmente, mesmo agora só conhecemos os delineamentos mais gerais — e grande parte deles foi obtido posteriormente, pelo estudo das fotografias e esboços que fizemos. É possível que a causa imediata do atual colapso de Danforth tenha sido esses estudos posteriores — o reviver de memórias e vagas impressões, que se somou à sensibilidade geral do moço e àquele vislumbre final de horror indizível, cuja essência ele não revela sequer a mim. Contudo, assim tinha de ser, porquanto não poderíamos lançar nossa admoestação,

de maneira eficaz, sem as informações mais plenas possíveis — e lançar essa admoestação é uma necessidade inelutável. Certas influências remanescentes naquele desconhecido mundo antártico de tempo desordenado e de leis naturais invertidas tornam imperativo que novas explorações sejam desestimuladas.

VII

A história completa, tal como decifrada até o presente, aparecerá mais adiante num boletim oficial da Universidade Miskatonic. Limitar-me-ei aqui a esboçar somente os aspectos mais notáveis de modo informe e divagante. Mito ou não, as esculturas falavam do advento daqueles seres estrelicéfalos, caídos do espaço cósmico, à Terra nascente e sem vida — o advento deles e de muitas outras entidades alienígenas que, em certas épocas, empenham-se em explorações espaciais.

Pareciam capazes de transpor o éter interestelar com suas vastas asas membranosas — confirmando assim, singularmente, alguns curiosos relatos folclóricos que há muito tempo me foram contados por um colega dado a antigualhas. Tinham vivido sob o mar por longo tempo, construindo cidades fantásticas e travando lutas formidáveis com adversários inomináveis, batalhas nas quais faziam emprego de artifícios complicados, baseados em desconhecidos princípios de energia. Evidentemente, o conhecimento científico e mecânico de que dispunham ultrapassava de longe o do homem moderno, muito embora só recorressem às suas formas mais difundidas e elaboradas quando obrigados a tanto. Algumas esculturas davam a entender que haviam passado, por um etapa de vida mecanizada em outros planetas, mas que tinham retrocedido por julgarem seus efeitos emocionalmente insatisfatórios. A dureza sobrenatural de seus corpos e a simplicidade de suas necessidades naturais tornavam-nos peculiarmente aptos a levarem uma vida de excelente qualidade sem os frutos mais especializados da manufatura artificial e até mesmo sem vestuário, salvo para proteção ocasional contra os elementos.

Foi sob o mar, primeiramente em busca de alimento e mais tarde com outros propósitos, que haviam criado a vida terrestre, utilizando as substâncias disponíveis segundo métodos desde muito conhecidos. As experiências mais elaboradas sucederam-se ao aniquilamento de vários inimigos cósmicos. Haviam feito o mesmo em outros planetas, produzindo

não só os alimentos necessários como também certas massas protoplásmicas multicelulares capazes de transformar seus tecidos em toda espécie de órgãos temporários, sob efeito de hipnose, com o que eles produziam os escravos ideais para executarem o trabalho pesado da comunidade. Eram a essas massas viscosas que sem dúvida aludia Abdul al-Hazred no nefando *Necronomicon* — aquilo a que ele chamava "Shoggoths" —, ainda que nem mesmo aquele árabe louco dissesse que existiam na Terra, salvo nos sonhos daqueles que mascavam uma determinada erva alcalóide. Depois que, aqui neste planeta, os Antigos estrelicéfalos sintetizaram seus alimentos simples e produziram uma boa quantidade de Shaggoths, permitiram que outros grupos celulares se transformassem em outras formas de vida animal e vegetal, para diversos propósitos, extirpando todas aquelas cuja presença se tornasse incômoda.

Com ajuda dos Shoggoths, cujas expansões podiam ser levadas a erguer pesos prodigiosos, as pequenas e baixas cidades submarinas transformaram-se em vastos e imponentes labirintos de pedra, análogos aos que ulteriormente desenvolveram-se em terra. Na verdade, os Antigos, altamente adaptáveis, tinham vivido em terra em outras partes do universo e provavelmente conservavam muitas tradições de construção terrestre. Enquanto estudávamos a arquitetura de todas aquelas arcaicas, cidades esculpidas, inclusive daquela cujos corredores imemoriais percorríamos naquele momento, impressionava-nos uma curiosa coincidência que ainda não tentamos explicar nem a nós próprios. Os topos dos edifícios, que na cidade real em que nos encontrávamos haviam-se convertido, naturalmente, em ruínas havia muitas eras, eram mostrados claramente nos alto-relevos, onde se viam vastas aglomerações de flechas finas como agulhas, delicados remates em certos ápices cônicos e piramidais, assim como fileiras de finos discos horizontais, superpostos, coroando fustes cilíndricos, Era exatamente isso que havíamos visto naquela miragem monstruosa e portentosa, projetada por uma cidade morta na qual tais elementos estavam ausentes havia milhares e dezenas de milhares de anos, e que se agigantara diante de nossos olhos ignaros do outro lado das desconhecidas montanhas da loucura enquanto nos aproximávamos do fatídico acampamento do pobre Lake.

Sobre a vida dos Antigos, tanto sob o mar quanto depois que parte deles migraram para terra, poder-se-ia escrever volumes inteiros. Os que

habitavam águas rasas haviam mantido o uso pleno dos olhos, nas extremidades de seus cinco principais tentáculos cefálicos, e haviam praticado as artes da escultura e da escrita de maneira bastante convencional, sendo a escrita realizada com um estilo, sobre superfícies de cera à prova d'água. Os que viviam nas regiões pelágicas, ainda que utilizassem um curioso organismo fosforescente para fornecer luz, logravam visão por intermédio de obscuros sentidos especiais que atuavam através dos cílios prismáticos das cabeças — sentidos esses que, em emergências tornavam todos os Antigos em parte independentes de luz. As formas de escultura e escrita haviam-se modificado curiosamente com a descida, incorporando certos processos de revestimento, aparentemente químicos — sem dúvida para garantir a fosforescência —, que os altos-relevos não elucidavam para nós. Os seres moviam-se no mar, em parte nadando (com ajuda dos braços crinóides laterais) e em parte contorcendo-se com a fileira inferior de tentáculos, que continham os pseudópodos. Por vezes logravam saltos bem longos, fazendo uso de dois ou mais conjuntos auxiliar de asas dobráveis. Em terra, usavam os pseudópodos, mas ocasionalmente voavam a grandes altitudes ou cobriam enormes distâncias com as asas. Os muitos tentáculos finos em que os braços crinóides se subdividiam eram infinitamente delicados, flexíveis, robustos e possuíam precisa coordenação neuromuscular, o que assegurava perfeita habilidade e destreza em todas as operações manuais, inclusive as artísticas.

A dureza daqueles seres era quase inacreditável. Até mesmo a tremenda pressão dos abismos oceânicos parecia impotente para vulnerá-los. Parecia que pouquíssimos chegavam a morrer, exceto por violência, e seus locais fúnebres eram muito reduzidos. O fato de cobrirem seus mortos, que sepultavam em posição vertical, com montículos de cinco pontas, com inscrições, provocou em Danforth e em mim pensamentos que obrigaram a uma nova pausa para recuperação, depois que as esculturas o revelaram. Os seres multiplicavam-se por meio de espórios — como pteridófitos vegetais, tal como suspeitara Lake — mas, devido à sua prodigiosa dureza e sua longevidade, e à conseqüente falta de necessidade de reposição, não incentivavam o desenvolvimento em grande escala de progênie, exceto quando tinham novas regiões a colonizar. Os jovens amadureciam rapidamente e recebiam uma educação evidentemente além de qualquer padrão que possamos imaginar. A vida intelectual e estética

era altamente desenvolvida, tendo produzido um conjunto extremamente duradouro de costumes e instituições que descreverei com mais vagar na monografia que está para sair. Variavam ligeiramente do mar para a terra, mas seus fundamentos e aspectos essenciais eram os mesmos.

Conquanto fossem capazes, como os vegetais, de se nutrirem de substâncias inorgânicas, davam clara preferência à alimentação orgânica, principalmente animal. No mar, comiam organismos marinhos sem cozer, porém em terra coziam suas vitualhas. Praticavam a caça e criavam rebanhos, abatendo os animais com armas aguçadas — e era essa a origem das curiosas marcas em ossos fósseis que nossa expedição havia observado. Resistiam notavelmente a todas as temperaturas ordinárias, e em seu estado natural, sem vestimentas, eram capazes de viver em águas cujas temperaturas chegavam à do congelamento. Não obstante, ao aproximar-se a grande glaciação do Pleistoceno — há quase um milhão de anos —, os habitantes da terra tiveram de recorrer a medidas especiais, inclusive aquecimento artificial, até que, finalmente, o frio mortal parece tê-los empurrado de volta ao mar. Para seus vôos pré-históricos pelo espaço cósmico, dizia a lenda, absorviam certas substâncias químicas e tornavam-se quase independentes de alimentação, respiração ou condições de temperatura. No entanto, à época do grande frio haviam perdido o conhecimento do método. De qualquer forma, não poderiam ter prolongado o estado artificial indefinidamente, sem dano.

Por não se acasalarem e por serem de estrutura semivegetal, os Antigos careciam de qualquer base biológica para a fase familiar de vida mamífera, mas, ao que parece, organizavam grandes comunidades "familiares", segundo o princípio de utilização ideal do espaço e — como deduzimos pelas ocupações representadas nas frisas e nas diversões dos co-habitantes — de associação mental compatível. Ao mobiliarem seus aposentos, colocavam tudo no centro dos cômodos imensos, deixando as paredes livres para tratamento decorativo. A iluminação, no caso dos terrícolas, era realizada por um dispositivo de natureza provavelmente eletroquímica. Tanto em terra quanto sob as águas, usavam mesas curiosas, cadeiras e sofás semelhantes a bastidores cilíndricos — pois repousavam e dormiam em posição ereta, com os tentáculos dobrados —,

além de armações para as tábuas de superfícies pontilhadas que constituíam seus livros.

A estrutura de governo era evidentemente complexa e provavelmente socialista, embora as esculturas que vimos não permitissem certeza quanto a essas questões. Havia um amplo comércio, local e entre diferentes cidades, e certas fichas pequenas e chatas, de cinco pontas e com inscrições, cumpriam a função de moeda. E provável que as menores das várias esteatitas esverdeadas encontradas por nossa expedição constituíssem peças dessa moeda. Embora a cultura fosse sobretudo urbana, havia alguma agricultura e era disseminada a atividade criatória. Praticavam também a mineração e um certo volume de manufatura. As viagens eram freqüentíssimas, mas a migração permanente parecia relativamente rara, exceto quando dos vastos movimentos colonizadores através dos quais a raça se expandia. Para transporte pessoal não usavam nenhum artifício mecânico, uma vez que, na terra, no ar ou na água, os Antigos pareciam ser capazes de lograr extraordinárias velocidades. As cargas, entretanto, eram puxadas por bestas de tiro — Shoggoths sob o mar e uma curiosa variedade de vertebrados primitivo no período posterior de vida terrestre.

Tais vertebrados, assim como uma infinitude de outras formas de vida — animais e vegetais, marinhos, terrestres e aéreas — eram produtos de evolução fortuita que atuava sobre células fabricadas pelos Antigos, mas às quais não davam eles maior atenção. Tinham-lhes sido permitido desenvolver-se à vontade, pois não haviam entrado em conflito com os seres dominantes. As formas incômodas, naturalmente, eram exterminadas por via mecânica. Interessou-nos ver, em algumas das últimas e mais decadentes esculturas, um trôpego e primitivo mamífero, usado às vezes como alimento e às vezes como bufão divertido pelos terrícolas, e cujas prefigurações simiescas e humanas eram inconfundíveis. Na construção das cidades terrestes, os colossais blocos de pedra eram geralmente erguidos por pterodáctilos de asas imensas, criaturas de uma espécie até aqui desconhecida para a paleontologia.

A persistência com que os Antigos sobreviveram a várias alterações geológicas e a convulsões da crosta terrestre raiava o milagre. Conquanto poucas (ou nenhuma) de suas primeiras cidades não houvessem, ao que entendemos, sobrevindo além da era arqueana, não

houve qualquer solução de continuidade na civilização daqueles seres ou na transmissão de seus anais. O local onde tinham chegado originariamente ao planeta era o oceano Antártico, e não é provável que esse advento se tenha dado muito depois que a matéria formadora da Lua foi arrancada ao vizinho Pacífico Sul. Segundo um dos mapas escultóricos, todo o globo estava então submergido pelas águas, e à medida que transcorriam os éons, as cidades de pedra se dispersavam, afastando-se cada vez mais da Antártida. Outro mapa mostra uma grande porção de terra seca em torno do pólo sul, onde é evidente que alguns daqueles seres fundaram núcleos experimentais, ainda que seus centros principais fossem transferidos para o mais próximo leito marinho. Mapas posteriores, que mostram a massa terrestre com fissuras e em translação, lançando certas partes separadas em direção ao norte, coonestam de modo notável as teorias de translação dos continentes, propostas em dará recente por Taylor, Wegener e Joly.

Com o soerguimento de novas terras no Pacífico Sul, tiveram início episódios de tremendo significado. Algumas cidades marinhas foram irremediavelmente despedaçadas, mas no entanto não foi essa sua pior desdita. Uma outra raça — uma raça terrestre de seres em forma de polvo e que provavelmente corresponde à fabulosa raça pré-humana de Cthulhu — logo começou a se insinuar na Terra, vindo do infinito cósmico, e precipitou uma guerra monstruosa que por algum tempo impeliu totalmente os Antigos de volta ao mar, o que representou golpe terrível, em vista dos crescentes núcleos terrestres, Posteriormente fez-se a paz e as novas terras foram dadas à raça de Cthulhu, ao passo que os Antigos comandavam o mar e as terras mais velhas. Fundaram-se novas cidades em terra, as maiores na Antártica, pois aquela região, a primeira que haviam pisado, era sagrada. A partir de então, tal como antes, a Antártida permaneceu como centro da civilização dos Antigos e todas as cidades ali erigidas pela geração de Cthulhu foram aniquiladas. De repente, então, as terras do Pacífico imergiram novamente, levando consigo, para o fundo do mar, a horrí fica cidade pétrea de R'lyeh e todos os polvos cósmicos, de modo que os Antigos voltaram a reinar, soberanos, no planeta. Restou-lhes único temor nebuloso, com relação ao qual não gostavam de falar. Numa era mais tardia suas cidades pontilharam todas as terras e as águas do globo, donde a recomendação, em minha monografia vindoura, de que algum arqueólogo realize perfurações sistemáticas, com

o equipamento projetado por Pabodie, em certas regiões vastamente separadas.

No decurso das eras, persistiu a tendência de trocarem as águas pelas terras, movimento encorajado pelo surgimento de nossas massas terrestres, embora o oceano nunca tivesse ficado inteiramente abandonado. Outra causa para o fluxo em direção à terra foi a nova dificuldade para geração e controle dos Shoggoths, de que dependia a vida normal no mar. Com o passar do tempo, como confessavam tristemente as esculturas, a arte de produzir vida nova a partir da matéria inorgânica se perdera, de modo que os Antigos tinham de depender do modelamento de formas já existentes. Em terra os grandes répteis tinham-se mostrado bastante maleáveis; mas os Shoggoths do mar, que se reproduziam por fissão e haviam adquirido um perigoso grau de inteligência acidental, representaram durante algum tempo um problema grave.

Sempre haviam sido controlados através das sugestões hipnóticas dos Antigos, moldando sua dura plasticidade, de forma a criar vários membros e órgãos temporários de grande utilidade. Agora, porém, seus poderes metamorfoseantes às vezes eram exercidos de maneira independente e segundo diversas fórmulas imitativas implantadas por sugestão passada. Haviam, ao que parece, desenvolvido um cérebro semi-estável cuja volição separada e ocasionalmente obstinada ecoava a vontade dos Antigos sem obedecê-la sempre. As imagens esculpidas desses Shoggoths encheram-nos, a Denforth e a mim, de horror e asco. Eram entidades normalmente amorfas, compostas de uma geléia gosmenta que se assemelhava a uma aglutinação de bolhas, e cada um deles tinha em média, quando em forma esférica, cerca de quatro metros e meio de diâmetro. Possuíam, contudo, forma e volume em constante transformação — arrojando apêndices temporários ou formando órgãos para visão, audição e fala, numa imitação de seus senhores, quer espontaneamente, quer seguindo sugestões.

Parecem ter-se tornado peculiarmente intratáveis por volta de meados da era Permiana, há talvez 150 milhões de anos, quando uma verdadeira guerra lhes foi movida pelos Antigos marinhos, com o fito de novamente subjugá-los. As imagens dessa guerra, bem como das vitimas dos Shoggoths — caracteristicamente decapitavam-nas e deixavam seus corpos recobertos de limo —, revelavam uma qualidade

maravilhosamente alarmante, a despeito do abismo interveniente de eras sem conta. Os Antigos empregavam contra as entidades rebeladas curiosas armas de desagregação molecular e atômica, e por fim haviam logrado um triunfo cabal. A partir de então as esculturas mostravam um período em que os Shoggoths foram amansados e dominados por Antigos armados, tal como os cavalos selvagens do oeste americano eram amansados por *cowboys*. Ainda que, durante a revolta, os Shoggoths houvessem demonstrado capacidade de viverem fora da água, essa transição não foi estimulada, uma vez que sua utilidade em terra dificilmente compensaria a dificuldade de controlá-los.

Durante a Era Jurássica, os Antigos haviam enfrentado uma nova adversidade, na forma de uma outra invasão do espaço galáctico, dessa vez de criaturas semifundosas, semicrustáceas — sem dúvida as mesmas que figuravam em certas lendas do norte, contadas aos sussurros, e retidas na região do Himalaia como os Mi-Go ou Abomináveis Homens das Neves. Para combater esses seres, os Antigos tentaram, pela primeira vez desde sua chegada à Terra, retornar ao éter planetário; no entanto, apesar de todos os preparativos preliminares, verificaram que já não lhes era possível deixar a atmosfera terrena. Qualquer que fosse o antigo segredo da viagem interestelar, a raça havia perdido inteiramente. Por fim os Mi-Go expulsaram os Antigos de todas as terras setentrionais, embora fossem impotentes para perturbar os que habitavam o mar. Pouco a pouco, começava o lento recuo da raça para seu original habitat antártico.

Foi curioso observar nas cenas de batalha que tanto a progênie de Cthulhu quanto os Mi-Go parecem ter-se constituído de uma matéria bem mais diferente da que conhecemos do que a substância que compunha os Antigos. Eram capazes de passar por transformações e reintegrações impossíveis para seus adversários, pelo que parecem ter provindo de báratros ainda mais remotos do espaço cósmico. Apesar de sua dureza anormal e das peculiares propriedades vitais, os Antigos eram rigorosamente materiais, e sua origem primeira deveria situar-se no continuum conhecido de espaço-tempo, ao passo que as fontes primordiais dos outros seres só podem ser objeto de conjecturas, com o fôlego suspenso. Tudo isso, naturalmente, supondo-se que os predicados não-terrestres e as anomalias atribuídos aos inimigos invasores não sejam pura mitologia. É concebível que os Antigos inventassem todo um

referenciamento cósmico para explicarem suas derrotas ocasionais, uma vez que o interesse histórico c o orgulho constituíam, obviamente, o principal elemento psicológico da raça. É significativo que suas crônicas deixassem de fazer menção a muitas raças avançadas e poderosas cujas culturas requintadas e cujas cidades majestosas figuram persistentemente em certas lendas obscuras.

A transformação do planeta no decorrer de longas eras geológicas aparecia com notável vivacidade em muitos dos mapas e cenas esculpidos. Em alguns casos, a ciência corrente terá de passar por uma revisão, ao passo que em outros suas audazes conclusões estão magnificamente confirmadas. Como já observei, a hipótese de Taylor, Wegener e Toly de que todos os continentes são fragmentos de uma original massa terrestre antártica, fendida pela força centrífuga, após o que as várias porções deslizaram sobre uma superfície inferior tecnicamente viscosa — uma hipótese sugerida, entre outras coisas, pelos contornos complementares da África e da América do Sul e pela maneira como as grandes cadeias de montanhas se apresentam com fortes dobramentos — recebe notável apoio dessa fonte fantástica.

Mapas que representavam patentemente o mundo do Cardonífero, há cem milhões de anos ou mais, exibiam acentuadas fissuras e fossas destinadas a mais tarde separar a África dos reinos outrora contínuos da Europa (então a Valúsia das lendas remotas), Ásia, Américas e Antártida. Outras cartas — e sobretudo uma relacionada com a fundação, há 50 milhões de anos, da vasta cidade morta que nos rodeava — mostravam todos os atuais continentes bem diferenciados. E no mais recente que pudemos analisar, que dataria da Era Pliocênica, via-se com toda clareza o mundo quase em seu estado atual, apesar da ligação do Alasca com a Sibéria, da América do Norte com a Europa, através da Groenlândia, e da América do Sul com o continente antártico através da Terra de Graham. No mapa do Carbonífero, todo o globo — tanto os leitos oceânicos quanto as massas terrestres — mostravam símbolos das vastas cidades de pedra dos Antigos; nas cartas posteriores, entretanto, a recessão gradual em direção à Antártica tornava-se manifesta. O mapa final do Plioceno não mostrava quaisquer cidades terrestres, salvo no continente antártico e na extremidade da América do Sul, nem quaisquer cidades oceânicas ao norte do paralelo 50 de latitude sul. O interesse pelo mundo

setentrional, excetuado um estudo das linhas de costa realizado provavelmente durante longos vôos de exploração utilizando aquelas asas membranosas, havia evidentemente caído a zero entre os Antigos.

A destruição das cidades, causada pelo sublevamento orográfico, pelo despedaçamento centrífugo dos continentes, pelas convulsões sísmicas na terra e no leito marinho, e por outras causas naturais, era objeto de constante registro; e era curioso observar como as reposições se faziam cada vez mais raras com a passagem das eras. A vasta megalópole morta que se esparramava em torno de nós parecia ser o último centro geral da raça, tendo sido construída no princípio do Cretáceo, depois que uma titânica deformação terrestre obliterou uma predecessora ainda mais vasta, não muito distante. Era de crer que aquela região geral fosse, dentre todos, o local mais sagrado, onde os primeiros Antigos se teriam instalado no leito de um mar primevo. Na nova cidade — muitos aspectos da qual podíamos reconhecer nas esculturas, mas que se espraiava por nada menos de 160 quilômetros, junto da cordilheira, em ambas as direções, estendendo-se além dos limites mais distantes de nosso levantamento aéreo — eram conservadas, ao que constava, certas pedras sagradas que tinham feito parte da primeira cidade marinha, e que emergiu à luz do dia passadas longas épocas, no curso do desmoronamento geral das camadas geológicas.

VIII

Era natural que Danforth e eu estudássemos com interesse especial e uma sensação de reverência particularmente pessoal tudo quanto dizia respeito à área imediata em que nos encontrávamos. Havia, naturalmente, rica abundância daquele material local. E no emaranhado nível térreo da cidade tivemos a sorte de encontrar uma casa de data muito tardia, cujas paredes, conquanto um pouco danificadas por uma fratura próxima, continham esculturas de decadentes que levavam a história da região muito além do período do mapa Plioceno do qual derivamos nosso último vislumbre geral do mundo pré-humano. Aquele foi o último lugar que examinamos em minúcia, pois o que descobrimos deu-nos um novo objetivo imediato.

Decerto estávamos em um dos mais estranhos, sobrenaturais e lúgubres dentre todos os recantos do planeta. Das terras existentes, era ela, infinitamente, a mais antiga. Cresceu em nós a convicção de que aquele

sítio hórrido devia ser, com efeito, o legendário planalto de Leng, que até mesmo o louco autor do *Necronomicon* relutava em descrever. A grande cordilheira era tremendamente longa — começava como uma serra modesta na Terra de Luitpold, na costa do mar de Weddell, e atravessava praticamente todo o continente. Sua parte realmente alta estendia-se num arco pujante desde 82° S, 60° E até 70° S, 115° E, com o lado côncavo voltado para nosso acampamento e sua extremidade mais próxima do mar na região daquela longa costa congelada cujos montes foram entrevistos por Wilkes e Mawson no círculo antártico.

No entanto, exageros da natureza ainda mais monstruosos pareciam inquietantemente próximos. Já disse que esses picos são mais altos que os do Himalaia, mas as esculturas me impedem dizer que sejam os mais elevados do globo. Essa honra lúgubre está sem dúvida reservada a uma coisa que metade das esculturas hesitava em sequer registrar, ao passo que outras lhe faziam alusão com óbvia repugnância e trepidação. Ao que parece, havia uma parte da terra antiga — a primeira parte que emergiu das águas depois que a Terra projetou de si a Lua e os Antigos chegaram das estrelas — que passara a ser evitada, por ser considerada vaga e inominavelmente maléfica. As cidades ali construídas haviam ruído prematuramente e tinham-se visto abandonadas de repente. Depois, quando a primeira grande deformação da Terra havia convulsionado a região, na era comancheana, uma assustadora linha de picos se lançara subitamente em direção ao céu, em meio aos mais hórrido fragor e caos — e a Terra ganhou suas mais grandiosas e mais terríveis montanhas.

A estar correta a escala das entalhaduras, essas coisas nefandas deveriam ter muito mais de 12.000 metros de altitude — dimensões radicalmente mais vastas que as das chocantes montanhas de loucura que havíamos transposto. Estendiam-se, era de crer, desde 77° S 70° E até 70° S 100° E — a menos de 500 quilômetros da cidade morta, de modo que, em não havendo aquela bruma vaga e opalescente, teríamos entrevisto seus terríveis cumes a oeste. A extremidade norte dessa cadeia portentosa devia ser igualmente visível da longa costa do círculo antártico, na Terra da Rainha Mary.

Alguns dos Antigos, nos tempos da decadência, haviam dirigido estranhas preces àquelas montanhas — mas jamais algum deles se

aproximou delas ou se atreveu a descobrir o que havia do outro lado. Olhos mortais jamais as tinham contemplado, e enquanto eu estudava as emoções traduzidas nos entalhes, rezava para que isso nunca acontecesse. Há montes protetores ao longo da costa além delas — a Terra da Rainha Mary e a do Imperador Guilherme — e dou graças aos céus por homem algum ter sido capaz de ali desembarcar e escalar tais montes. Já não sou tão cético com relação aos velhos contos e lendas como antes, nem me rio mais da idéia do escultor pré-humano de que o raio fazia uma pausa significativa, de vez em quando, em cada um dos cumes silenciosos e de que um brilho inexplicado fulgia em um daqueles pináculos horrorosos durante todo o transcurso da longa noite polar. Talvez haja um significado muito real e muito monstruoso nos velhos murmúrios Pnakóticos sobre Kadath, o habitante do Ermo Gélido.

Entretanto, as áreas mais adjacentes não eram de modo algum menos estranhas, ainda que menos impronunciavelmente amaldiçoadas. Logo depois da fundação da cidade, a grande cordilheira transformou-se em sede dos principais templos e muitas esculturas mostravam quantas torres grotescas e fantásticas se elevavam aos céus nos pontos onde agora só víamos os cubos e baluartes, curiosamente suspensos. No decorrer das eras, as cavernas haviam sido trabalhadas e anexadas aos templos. Com o avanço de épocas ainda mais tardias, todos os veios calcários foram escavados por águas superficiais, de modo que as montanhas, os contrafortes e as planícies abaixo deles eram uma verdadeira rede de cavernas e galerias interligadas. Muitas esculturas expressivas referiam-se a explorações a grandes profundidades e à descoberta final do trevoso mar Estígio que se ocultava nas entranhas da Terra.

Esse vasto abismo tenebroso fora indubitavelmente escavado pelo grande rio que descia das horríveis e exiciais montanhas de oeste e que outrora descrevera uma curva na base da cordilheira dos Antigos, seguindo depois por ela, indo desaguar no oceano Índico, entre a Terra de Budd e a de Totten, no litoral descrito por Wilkes. Palmo a palmo, o rio erodira a base calcária da montanha na curva, até que, por fim, suas correntes alcançaram as cavernas das águas superficiais e somaram forças com elas, escavando um abismo ainda mais profundo. Finalmente toda a caudal despejou-se nos montes vazios, deixando seco o velho leito, por onde ela seguia rumo à foz. Grande parte da cidade morta, como a víamos

agora, havia sido construída sobre aquele antigo leito fluvial. Compreendendo o que tinha acontecido, e exercendo seu senso artístico sempre extremado, os Antigos haviam esculpido e transformado em colunas de rica ornamentação os promontórios dos contrafortes onde a grande caudal começava sua descida para o negrume eterno.

Esse rio, outrora atravessado por vintenas de nobres pontes de pedra era, seguramente, aquele cujo curso extinto tínhamos visto em nosso levantamento aéreo. Sua posição em diversas esculturas da cidade nos orientou em relação ao cenário, tal como se apresentara em vários estágios da história imemorial e desde muito cessada da região, de modo que pudemos esboçar um mapa apressado mas cuidadoso dos elementos mais importantes — praças, edifícios notáveis e coisas semelhantes — que norteasse futuras explorações. Logo podíamos reconstruir na fantasia toda aquela cidade estupenda, tal como era há um milhão, dez milhões ou cinqüenta milhões de anos atrás, pois as esculturas nos informavam com exatidão qual fora o aspecto dos edifícios, montanhas, praças, subúrbios, da paisagem e da luxuriante vegetação Terciária. Certamente teria sido de uma beleza maravilhosa e mística, e ao pensar nela eu quase me esquecia da pegajosa sensação de opressão sinistra que a idade sobrenatural, a imponência, o silêncio, o vazio e o crepúsculo glacial daquela cidade haviam infundido em meu espírito. No entanto, de acordo com certas esculturas, os próprios habitantes da cidade haviam conhecido o poder do terror opressivo, pois havia uma cena recorrente, soturna, em que os Antigos mostravam clara repugnância por um certo objeto — que nunca aparecia na cena — encontrado no grande rio; percebia-se que ele fora trazido pelas águas, através de florestas de cicadáceas, cheias de lianas c cipós, desde aquelas macabras montanhas do oeste.

Não foi senão natural casa de construção serôdia a que já me referi, onde havia as esculturas decadentes, que obtivemos uma indicação da calamidade final que levara à evacuação da cidade. Sem dúvida devia haver muitas esculturas da mesma época alhures, mesmo considerando-se o afrouxamento das energias e aspirações em um período tenso e incerto; na verdade, logo depois chegamos mesmo a encontrar certos indícios da existência de outras. Pretendíamos procurá-las mais tarde; no entanto, como já disse, as condições imediatas ditaram outro objetivo para o momento. Haveria, por certo, um limite — pois depois de toda esperança

de uma longa ocupação futura do lugar ter parecido entre os Antigos, não poderia deixar de ter ocorrido uma completa cessação de decoração mural. O golpe final, naturalmente, foi o advento do grande frio que em certo instante assolou a maior parte do mundo, e que jamais abandonou os fatídicos pólos — o grande frio que, na outra extremidade do planeta, deu cabo das legendárias terras de Lomar e Hiperbórea.

Seria difícil dizer, em termos de data exata, quando começou essa tendência na Antártica. Atualmente situamos o início dos períodos glaciais gerais a aproximidade quinhentos mil anos do presente, mas nos pólos o flagelo terrível deve ter principiado muito mais cedo. Todas as estimativas quantitativas são em parte conjecturais, mas é de todo provável que as esculturas decadentes tenham sido feitas há bastante menos de um milhão de anos, e que o abandono final da cidade estivesse terminado bem antes da instalação convencional do Pleistoceno — há quinhentos mil anos — tal como se calcula em termos da superfície total da Terra.

Nas esculturas decadentes havia sinais de uma vegetação mais rala em outros lugares e de uma redução da vida na parte que cabia aos Antigos. Apareciam equipamentos de aquecimento nas casas e viajantes eram representados com agasalhos protetores no inverno. Vimos então uma série de cártulas — a disposição em faixas contínuas era freqüentemente interrompida nessas entalhaduras mais tardias — que mostravam uma migração crescente para os refúgios mais próximos de mais calor. Alguns fugiam para cidades submarinas, ao largo da costa distante, outros se metiam pelas redes de cavernas calcárias nos montes ocos, descendo até o vizinho abismo negro de águas subterrâneas.

Por fim, parece que foi o abismo vizinho que se tornou alvo do principal movimento colonizador. Em parte isso se deveu, sem dúvida, ao tradicional caráter sagrado daquela região especial, mas o fato pode ter sido determinado de forma mais categórica pela possibilidade de manterem em uso os grandes templos escavados nas montanhas e de reterem a vasta cidade terrestre como local de veraneio e como base de comunicação com várias minas. A ligação entre o velho e o novo local de residência foi facilitada por vários declives e por melhorias nas rotas de comunicação, entre as quais cabe citar a abertura de numerosos túneis diretos desde a antiga metrópole até o abismo negro — túneis muito

íngremes, cujas bocas desenhamos cuidadosamente, obedecendo a nossas estimativas mais judiciosas, no mapa-guia que estávamos compilando. Era óbvio que pelo menos dois desses túneis ficavam a uma distância viável do ponto onde estávamos — ambos na borda montanhosa da cidade, o primeiro a cerca de 400 metros dali, na direção do antigo leito fluvial, o segundo a talvez o dobro dessa distância, na direção oposta.

O abismo, parecia, apresentava áreas de terra seca em certos lugares, mas os Antigos construíram sua cidade sob a água, sem dúvida em virtude da maior garantia oferecida de calor uniforme. A profundidade do mar oculto parecia ter sido muito grande, de modo que o calor interno da Terra podia assegurar sua habitabilidade por um período indefinido. Os seres parecem não ter tido qualquer dificuldade em se adaptarem à vida em tempo parcial (e, mais tarde, naturalmente, todo o tempo) sob a água, porquanto jamais haviam deixado que seus sistemas de guelras se atrofiassem. Muitas esculturas mostravam que sempre tinham visitado, com freqüência, seus parentes submarinos alhures e que habitualmente se banhavam no fundo do grande rio. A escuridão do interior da Terra poderia, da mesma forma, não representar empecilho a uma raça acostumada às longas noites antárticas.

Por decadente que, sem dúvida, fosse seu estilo, essas esculturas tardias tornavam-se verdadeiramente épicas ao narrarem a construção da nova cidade no mar subterrâneo. Os Antigos haviam-se lançado à tarefa cientificamente — extraindo rochas insolúveis do seio das montanhas esburacadas e empregando especialistas da cidade submarina mais próxima para executarem a construção segundo os melhores métodos. Tais trabalhadores haviam trazido tudo quando era necessário para o novo empreendimento — tecidos de Shoggoths a partir dos quais gerar levantadores de pedras e, depois, bestas de carga para a cidade subterrânea, bem como outras matérias protoplásmicas a serem metamorfoseadas em organismos fosforescentes para fins de iluminação.

Por fim, ergueu-se uma majestosa metrópole no fundo daquele mar estígio, com arquitetura muito semelhante à da cidade que ficava acima dela, e o trabalho mostrava relativamente pouca decadência devido à previsão matemática inerente às operações de construção. Os Shoggoths recém-gerados vieram a adquirir dimensões enormes e singular inteligência; e, segundo as representações escultóricas, recebiam e

executavam ordens com maravilhosa rapidez. Pareciam conversar com os Antigos arremedando-lhes a voz — uma espécie de silvo musical que cobria várias oitavas, a crer na correção da dissecação feita pelo pobre Lake —, e trabalhar agora mais obedecendo a ordens faladas do que a sugestões hipnóticas como no passado. Eram, no entanto, mantidos sob admirável controle. Os organismos fosforescentes forneciam luz com grande eficiência, e sem dúvida compensavam a perda das familiares auroras polares da noite terrestre.

Mantinha-se a prática da arte e da decoração, ainda que, naturalmente, com certa decadência. Ao que parece os próprios Antigos se davam conta dessa degeneração, e em muitos casos anteciparam a política de Constantino, o Grande, transplantando excelentes esculturas antigas da cidade terrestre, da mesma forma que o imperador, numa fase semelhante de declínio, privou a Grécia e a Ásia de suas melhores obras de arte para dar à nova capital bizantina esplendor maior do que seu próprio povo podia criar. Se a transferência de blocos esculpidos não foi mais ampla isso se deveu sem dúvida ao fato de que, no início, a cidade não foi inteiramente abandonada. Quando se deu finalmente o abandono total — o que decerto deve ter ocorrido antes que o Pleistoceno polar avançasse muito —, os Antigos talvez já se contentassem com sua arte decadente ou haviam deixado de reconhecer o mérito superior das esculturas mais velhas. Fosse como fosse, as ruínas silentes que nos rodeavam não haviam sofrido decerto qualquer desnudamento escultóricos em grande escala, muito embora todas as melhores estátuas em redondo, como outros objetos móveis, tivessem sido removidas.

As cártulas decadentes que relatavam essa história eram, como já disse, as mais recentes que pudemos encontrar em nossa limitada exploração. Deixaram-nos uma imagem dos Antigos em constantes idas e vindas, entre a cidade terrestre no verão e a cidade do mar subterrâneo no inverno, e às vezes mercadejando com as cidades marinhas da costa antártica. A essa altura, já deviam ter reconhecido a condenação inevitável da cidade terrestre, pois as esculturas exibiam muitos sinais dos avanços malignos do frio. A vegetação estava em declínio e as terríveis neves do inverno já não se derretiam completamente, mesmo em pleno verão. Quase todos os sáurios já tinham morrido, e tampouco os mamíferos suportavam bem as novas condições. Para manterem a

atividade a céu aberto os Antigos tinham sido forçados a adaptar alguns dos Shoggoths, amorfos e curiosamente resistentes ao frio, à vida terrestre, coisa que no passado tinham relutado em fazer. O grande rio já não abrigava qualquer vida e as camadas superiores do mar tinham perdido quase todos seus habitantes, exceto as focas e baleias. Todas as aves tinham emigrado, sendo a única exceção os grandes e grotescos pingüins.

Quanto ao que acontecera mais tarde, só podíamos conjecturar. Por quanto tempo sobrevivera a nova cidade subterrânea? Ainda estaria lá, um cadáver de pedra mergulhado em trevas perpétuas? Teriam as águas subterrâneas congelado enfim? Qual teria sido o destino das cidades oceânicas? Teriam alguns dos Antigos se transferido para o norte, antes do avanço da calota glacial? A geologia atual não revela qualquer vestígio de sua presença. Porventura àquela época os abomináveis Mi-Go ainda representavam ameaça no mundo da superfície? Podia-se ter certeza quanto ao que podia ou não subsistir, mesmo hoje, nos abismos escuros e insondáveis das águas mais profundas da Terra? Aquelas cidades tinham sido capazes, aparentemente, de suportar qualquer pressão... e vez por outra marujos haviam tirado do mar objetos curiosíssimos. E por acaso a teoria das orcas explicou realmente as selvagens e misteriosas cicatrizes observadas em focas antárticas, há uma geração, por Borchgrevingk?

Os espécimes localizados pelo pobre Lake não entravam nessas cogitações, pois o sítio geológico em que haviam sido encontrados mostrava que tinham vivido numa época muito recuada da história da cidade terrestre. A julgar por esse sítio, certamente não teriam menos de trinta milhões de anos, e concluímos que ao tempo de sua vida nem a cidade subterrânea, nem a própria caverna em que ela fora construída, ainda existiam. Eles teriam recordado um cenário mais antigo, com a virente vegetação Terciária por toda parte, uma cidade terrestre mais jovem, empenhada na produção artística, e um imenso rio que corria para o norte, margeando a base da pujante cordilheira, em direção a um longínquo oceano tropical.

No entanto, não conseguíamos deixar de pensar nesses espécimes — principalmente nos oito, intactos, que haviam desaparecido do acampamento de Lake, medonhamente devastado. Havia algo de anormal

em tudo aquilo — as coesas estranhas que havíamos tentado tão arduamente atribuir à demência de alguém... aqueles túmulos horripilantes... a quantidade e a natureza do material sumido ... Gedney... a dureza fantástica daquelas monstruosidades arcaicas e as estranhas características biológicas que as esculturas mostravam que a raça possuíra... Danforth e eu tínhamos visto muitas coisas nas últimas horas e estávamos dispostos a acreditar em vários segredos espantosos e inacreditáveis de natureza primal, sobre os quais nos calaríamos para sempre.

IX

Já ficou dito que nosso estudo das esculturas decadentes acarretou uma modificação em nosso objetivo imediato. Tal objetivo, naturalmente, tinha relação com as avenidas escavadas na rocha e que demandavam o negro mundo subterrâneo, cuja existência ignorávamos antes, mas que agora estávamos ansiosos por descobrir e visitar. Pela escala das entalhaduras deduzimos que uma caminhada íngreme de aproximadamente l,5 quilômetros por qualquer um dos túneis nos levaria à beira dos penhascos estonteantes e trevosos sobre o grande abismo, cujas veredas laterais, melhoradas pelos Antigos, conduziam a praia rochosa do oculto e tenebroso oceano. Parecia impossível resistir à tentação de contemplar esse golfão fabuloso, em sua crua realidade, depois de termos tomado conhecimento dele; no entanto, compreendíamos que teríamos de começar a pesquisa imediatamente, se desejávamos realmente incluí-la em nossa exploração presente.

Eram agora 20 horas e não dispúnhamos de pilhas sobressalentes em quantidade que permitisse deixarmos as lanternas acesas indefinidamente. Tínhamos feito tantos exames e cópias sob o nível glacial que as lanternas tinham sido usadas quase continuamente durante pelo menos cinco horas. Obviamente o suprimento só daria para mais quatro horas, ainda que, mantendo uma lanterna apagada, exceto quando fosse preciso iluminar locais difíceis ou de especial interesse, talvez pudéssemos conseguir uma margem segura além desse tempo. De nada valeria descermos, sem luz, aquelas catacumbas ciclópicas, de modo que para podermos ir até o abismo tínhamos de renunciar a todo o trabalho de deciframento dos murais. Pretendíamos, naturalmente, visitar novamente aquele lugar durante dias ou mesmo semanas, para realizar

estudos intensivos e levantamento fotográfico. A curiosidade já suplantara o horror, porém no momento era forçoso apressarmo-nos.

Nosso suprimento de papéis para marcar o caminho estava longe de ser ilimitado e relutávamos a sacrificar blocos de reserva ou as cadernetas de esboços a fim de aumentá-lo, mas terminamos por abrir mão de um grande bloco. Se acontecesse o pior, sempre poderíamos recorrer ao método das lascas nas pedras, e naturalmente seria possível, mesmo no caso de realmente nos perdermos, voltarmos à luz do dia por um ou outro caminho, desde que tivéssemos tempo suficiente para experiências e tentativas. Assim, pois, finalmente seguimos, ansiosos, na direção do túnel mais próximo.

Segundo os entalhes com base nos quais havíamos feito nosso mapa, a procurada boca do túnel não podia estar muito além de 400 metros do local onde nos encontrávamos. O espaço de permeio mostrava edifícios de aspecto sólido que com toda certeza ainda poderiam ser atravessados no nível subglacial. A abertura propriamente dita ficaria no subsolo — no ângulo mais próximo dos contrafortes — de uma vasta estrutura com cinco pontas, de natureza evidentemente pública e talvez cerimonial.

Recapitulando o vôo de reconhecimento das ruínas, não nos lembrávamos de ter visto nenhuma estrutura semelhante a essa, pelo que concluímos que suas partes mais altas tinham sido severamente danificadas, ou que o edifício fora completamente destruído numa fratura glacial que havíamos observado. Dado esse caso, provavelmente constataríamos que o túnel estava obstruído, de modo que teríamos de tentar o outro — o que ficava a cerca de 1,5 quilômetro dali, mais para norte. O leito fluvial intermediário impedia que tentássemos qualquer outro dos túneis do sul naquela excursão. Na verdade, se ambos estivessem obstruídos, era de duvidar que nossas pilhas justificassem uma tentativa com relação a um terceiro, do lado norte — a cerca de l, 5 km de nossa segunda opção.

Enquanto avançávamos pelo escuro labirinto, com a ajuda do mapa e da bússola — atravessando aposentos e corredores em todos os estádios de ruína e de preservação, subindo por rampas que atravessavam andares superiores e pontes e depois voltando a descer, encontrando portais obstruídos e pilhas de escombros, correndo de vez em quando ao

longo de trechos magnificamente reservados e fantasticamente imaculados, seguindo por caminhos falsos e refazendo o percurso (em tais casos retirando os marcadores de papel que tínhamos deixado), e vez por outra dando com um poço de ventilação, pelo qual a luz do dia se derramava ou se filtrava — enquanto avançávamos éramos repetidamente tantalizados pelas paredes decoradas que encontrávamos. Muitas deveriam conter relatos de imensa importância histórica, e somente a perspectiva de visitas posteriores fez com que nos conformássemos com a necessidade de não nos determos para examiná-las. Na verdade, já éramos obrigados, de vez em quando, a nos retardar a acender a segunda lanterna. Se dispuséssemos de mais filme, na certa faríamos breves pausas para fotografar alguns baixos-relevos, mas a lenta cópia a mão estava claramente fora de cogitação.

Mais uma vez chego a um ponto em que se faz muito forte a tentação de hesitar, ou de insinuar antes que afirmar. É necessário, entretanto, revelar o restante a fim, de justificar minha atitude, a de procurar desestimular novas explorações. Havíamos seguido o caminho tortuoso até bem perto do local onde deveria situar-se a abertura do túnel — tendo atravessado uma ponte, na altura do segundo pavimento, que nos levou ao que parecia ser claramente a extremidade de uma parede em ponta, e descido a um corredor em ruínas onde abundavam esculturas tardias, de ornamentação decadente e com fins aparentemente ritualísticos —, quando, pouco antes das 20h30min, as narinas jovens e alertas de Danforth nos proporcionaram o primeiro sinal de alguma coisa anormal. Se tivéssemos um cão conosco, imagino que ele nos teria advertido primeiro. De começo não saberíamos dizer ao certo o que havia de errado com o ar, antes cristalino, mas depois de alguns segundos, nossa memória reagiu com bastante nitidez. Tentarei dizer o que era claramente, seu titubear. Havia um odor... e aquele odor era vaga, sutil e inequivocamente afim do que nos nauseara ao abrirmos o túmulo demente daquele horror que o pobre Lake havia dessecado.

A revelação, naturalmente, não foi tão nítida naquele momento como parece agora, expressada em palavras. Havia várias explanações concebíveis, e trocamos uma longa série de sussurros indecisos. O mais importante foi que não batemos em retirada sem levar avante a investigação. Tendo chegado tão longe, não haveríamos de desistir,

salvo diante de desastre iminente. De qualquer forma, aquilo de que devíamos ter suspeitado era absolutamente fantástico demais para que acreditássemos. Tais coisas não aconteciam em qualquer mundo normal. Provavelmente foi o puro instinto irracional que nos levou a reduzir a luz de nossa única lanterna — já não nos tentava mais esculturas decadentes e sinistras que nos olhavam de esguelha, ameaçadoramente, das paredes opressivas —, com o que reduzimos nosso avanço a um caminhar cauteloso na ponta dos pés, pelo chão cada vez mais atulhado de escombros e pelas pilhas de destroços.

Os olhos de Danforth, tanto quanto seu nariz, eram melhores que os meus, pois foi também ele quem primeiro notou o aspecto singular dos escombros depois de havermos passado por muitos arcos semi-obstruídos que levava a câmaras e corredores no andar térreo. O aspecto não era de modo algum o que deveria ser após incontáveis milênios de abandono, e quando, cuidadosamente, aumentamos a luz, percebemos que uma espécie de espaço aberto parecia revelar pegadas recentes. A natureza irregular dos escombros impedia quaisquer marcas claras, porém nos lugares mais limpos havia sutis indícios de que objetos pesados tivessem sido arrastados. Num dado momento, julgamos perceber um leve sinal de raias paralelas, como as deixadas por trenós. Isso nos fez fazer nova pausa.

Foi durante essa pausa que captamos — simultaneamente, dessa vez — o outro odor à frente. Paradoxalmente, era um odor a um só tempo menos e mais assustador. Menos assustador, de um ponto de vista intrínseco, porém infinitamente espantoso naquele local e nas circunstâncias conhecidas... a menos, naturalmente, que Gedney... pois era o cheiro familiaríssimo de petróleo... de gasolina.

Qual terá sido, depois disso, a motivação que nos levou a prosseguir a investigação é coisa que deixarei aos psicólogos. Sabíamos agora que alguma extensão terrível dos horrores do acampamento teria chegado até aquele tenebroso cemitério das eras, e assim não podíamos duvidar mais da existência de condições abomináveis — presentes ou pelo menos recentes — logo adiante. Por fim, no entanto, permitimos que a pura curiosidade... ou a ansiedade... ou o auto-hipnotismo... ou vagas idéias de responsabilidade por Gedney... ou o que fosse... nos impelisse para a frente. Danforth voltou a se referir, num murmúrio, à pegada que ele julgava ter visto na esquina do beco, nas ruínas lá em cima, e aos

suaves silvos musicais... potencialmente de significado atroz, em vista do relatório feito por Lake quando da dissecção, apesar de sua clara semelhança com os ecos nas bocas das cavernas dos picos ventosos... silvos esses que Danforth acreditava ter escutado pouco depois, e que viriam dos abismos subterrâneos. Eu, por minha vez, murmurei frases sobre o estado em que ficara o acampamento... sobre o que havia desaparecido e como a loucura de um sobrevivente solitário poderia ter concebido o inconcebível... um percurso desabalado pelas montanhas monstruosas e uma descida pelas estranhas daquela arquitetura desconhecida, primeva...

Contudo, não tínhamos como persuadir um ao outro, ou mesmo a nós próprios, de qualquer coisa de definido. Havíamos apagado todas as luzes enquanto nos detivemos ali, imóveis, e notamos vagamente que um vestígio da luz externa, que chegava de uma longa distância, impedia que o negror fosse absoluto. Havendo começado a nos mover para diante, automaticamente, guiávamo-nos por clarões ocasionais de nossa lanterna. Os escombros mexidos engendravam uma impressão que não conseguíamos afastar, e o cheiro de gasolina se tornava mais forte. Uma quantidade de ruínas cada vez maior obstava o caminho, até que logo depois percebemos que em breve não seria mais possível qualquer avanço. Tivéramos toda razão quanto à nossa conjectura pessimista sobre aquela fratura, quando vista do ar. Nossa procura do túnel estava fadada à inutilidade, e não poderíamos sequer chegar ao subsolo em que se abria a boca do abismo.

Iluminando as paredes grotescamente esculpidas do corredor em que nos achávamos, vimos várias portas em diversos estados de obstrução; e de uma delas chegava com especial intensidade — submergindo de todo a outra insinuação de odor — o cheiro de gasolina. Prestando maior atenção, constatamos que os escombros naquela abertura específica tinham sido, sem dúvida alguma, remexidos recentemente. Qualquer que fosse o horror que ocultavam, passamos a crer que a explicação era agora patente. Não acredito que alguém se admire de havermos esperado um tempo apreciável antes de nos atrevermos a qualquer outro movimento.

No entanto, quando nos ousamos a transpor aquele arco negro, nossa primeira sensação foi de desapontamento. Naquela cripta esculpida — um cubo perfeito, com lados de aproximadamente seis metros — não havia nenhum objeto de dimensões instantaneamente discerníveis; assim sendo, procuramos por instinto, porém, os olhos de lince de Danforth lobrigaram um ponto em que os detritos do chão haviam sido afastados e acendemos nossas duas lanternas, de modo a que produzissem máxima iluminação. Muito embora o que vimos fosse na verdade simples e desimportante, ainda assim reluto em declarar o que foi , por causa do que aquilo implicava. Aos escombros tinha sido dada uma certa arrumação e sobre eles jaziam vários objetos, espalhados descuidadamente; fora derramada uma considerável quantidade de gasolina e isso acontecera há pouco tempo, pois o cheiro ainda era forte, mesmo naquela altitude do planalto.

Em outras palavras, aquilo não era senão uma espécie de acampamento — um acampamento feito por seres inquisitivos e que, tal como nós, tinham sido obrigados a recua ao encontrarem, inesperadamente, bloqueado o caminho para o abismo.

Vou ser claro. Todos os objetos dispersos provinham, no que dizia respeito à sua substância, do acampamento de Lake; e consistiam em latas, abertas de um modo tão singular quanto as que tínhamos visto naquele lugar devastado, muitos fósforos usados, três livros ilustrados, manchados com nódoas curiosas, uma garrafa vazia de tinta ainda na embalagem de papelão, uma caneta-tinteiro quebrada, fragmentos singularmente picotados de peles e de lonas de barraca, uma bateria elétrica usada, com o folheto de instruções, um livreto que acompanhava o tipo de aquecedor de barracas que usávamos, e um punhado de papéis amassados. Tudo isso já era bastante desagradável, mas quando endireitamos os papéis e olhamos o que lia via neles, sentimos que havíamos dado com o pior. Havíamos encontrado no acampamento certas folhas com manchas inexplicáveis, que poderiam ter preparado nosso espírito; no entanto, o efeito daquilo que víamos nas abóbadas pré-humanas de uma cidade de pesadelo era quase insuportável.

No caso de ter perdido a razão, Gedney poderia ter traçado os grupos de pontos, imitando os encontrados nas esteatitas esverdeadas, da mesma forma como podia ter feito também os pontos naqueles dementes túmulos de cinco pontas; e era de imaginar que ele tivesse confeccionado esboços grosseiros e apressados — de variada exatidão ou falta de exatidão — que delineavam as cercanias da cidade e traçavam o caminho desde um lugar representado como um círculo, fora de nossa rota anterior (um lugar que identificamos com uma grande torre cilíndrica nos relevos e como um enorme buraco circular entrevisto em nosso levantamento aéreo), até a presente estrutura em cinco pontas e a boca de túnel que ali ficava.

Ele poderia, repito, ter preparado esses esboços, que víamos à nossa frente, pois obviamente tinham sido compilados, tal como o nosso, com base em esculturas tardias situadas em alguma parte do labirinto glacial, embora não fossem as mesmas que tínhamos visto e utilizado. Entretanto, uma coisa aquele jovem sem qualquer formação artística jamais poderia ter feito: executar aqueles esboços com uma técnica estranha e segura,

talvez superior, apesar da pressa e da desatenção, a qualquer um dos relevos decadentes dos quais tinham sido copiados — a técnica característica e inequívoca dos próprios Antigos no apogeu da cidade morta.

Haverá quem diga que Danforth e eu estávamos inteiramente loucos se não saímos dali correndo depois disso, uma vez que nossas conclusões eram agora, apesar de absurdas, inabaláveis e de uma natureza que não preciso sequer mencionar aos que leram meu relato até aqui. Talvez estivéssemos mesmo loucos... Já não disse que aqueles picos horríveis eram as montanhas da loucura? Todavia, creio poder detectar algo da mesma ordem — posto que em forma menos extrema — nos homens que perseguem feras mortíferas nas selvas da África, para fotografá-las ou estudar-lhes os hábitos. Conquanto semi-paralisados de terror, crepitava dentro de nós uma chamazinha de pasmo e curiosidade que por fim veio a triunfar.

Naturalmente não pretendíamos defrontar-nos com aquilo — ou aqueles — que havia estado ali, mas percebíamos que já deviam ter ido embora. Àquela altura Já teriam encontrado a entrada vizinha para o abismo c nela teriam entrado. . . teriam chegado aos fragmentos trevosos do passado que os esperavam no precipício máximo... o precipício supremo que nunca tinham visto. Ou, se também aquela entrada estivesse bloqueada, teriam seguido para norte, em busca de outra. Eram, lembrávamos, em parte independentes de luz.

Recordando aquele momento, não sei dizer ao certo qual a forma precisa que tomaram nossas novas emoções... qual terá sido exatamente a mudança de objetivo imediato que tanto aguçou nossa sensação de expectativa. Decerto não tínhamos intenção de nos defrontarmos com o que temíamos... e, no entanto, não nego que talvez tivéssemos uma vontade secreta e inconsciente de espreitar certas coisas, de algum seguro ponto de observação. Provavelmente não tínhamos renunciado à ânsia de vislumbrar o abismo em si, embora entre nós e essa meta se interpusesse agora um novo objetivo, na forma do grande local circular representado nos esboços amassados que tínhamos encontrado. Nós o havíamos reconhecido incontinenti como uma monstruosa torre cilíndrica que aparecia nas esculturas mais antigas, mas que do alto se mostrava apenas como uma prodigiosa abertura redonda. Alguma coisa na imponência de

sua representação, mesmo naqueles diagramas apressados, nos fez pensar que seus níveis subglaciais deviam ainda constituir algo de transcendental importância. Talvez abrigasse maravilhas arquitetônicas que ainda não tivermos encontrado. Era, por certo, de idade inacreditável, a julgar pelas esculturas em que aparecia — contava-se, na verdade, entre as primeiras coisas construídas na cidade. Seus relevos, se ainda subsistiam, não podiam deixar de ter suprema significação. Ademais, aquele local talvez constituísse uma boa ligação com o ar livre — um caminho mais curto do que aquele que tínhamos cuidadosamente marcado; e seria, provavelmente, a rota pela qual aqueles outros tinham descido.

De qualquer forma, o que fizemos foi estudar os espantosos esboços — que confirmavam à perfeição o nosso — e retroceder, pelo caminho indicado, até o local circular: o caminho que nossos inomináveis predecessores tinham percorrido duas vezes antes de nós. A outra entrada próxima para o abismo estaria além daquele local. É escusado descrever nossa jornada, no decurso da qual continuamos a deixar parcimoniosas marcas de papel, pois sua natureza foi em tudo semelhante à daquela pela qual havíamos chegado ao beco sem saída. A única diferença era que aquele caminho tendia a seguir mais pelo andar térreo e até descer a corredores subterrâneos. De vez em quando divisávamos certas marcas inquietadoras nos escombros e no pó; e depois de havermos deixado para trás o cheiro de gasolina, mais uma vez tomamos ligeira consciência, intermitentemente, daquele odor mais hediondo e mais persistente. Depois que o caminho se afastou de nossa rota prévia, vez por outra iluminávamos rapidamente as paredes, observando as esculturas quase onipresentes; com efeito, pareciam ter sido um importante meio expressivo para os Antigos.

Mais ou menos às 2lh30min, atravessando um corredor longo e abobadado, cujo piso cada vez mais gelado parecia um pouco abaixo do nível do solo e cujo teto tornava-se cada vez mais baixo à medida que avançávamos, começamos a ver luz forte adiante e pudemos desligar a lanterna. Parecia que estávamos chegando ao vasto local circular e que a distância que nos separava do ar livre não podia ser muito grande. O corredor terminava num arco surpreendentemente baixo para aquelas ruínas megalíticas, mas através dele, mesmo antes de sairmos do corredor, podíamos ver muita coisa. Depois do arco estendia-se um

prodigioso espaço circular — não teria menos de 60 metros de diâmetro — atulhado de destroços e contendo muitos arcos obstruídos, alinhados com o que estávamos para atravessar. Os espaços disponíveis das paredes apresentavam esculturas que formavam uma faixa espiralada de proporções grandiosas; e exibiam, apesar do desgaste motivado pelas intempéries, um esplendor artístico muito além de tudo quanto já havíamos encontrado. O piso estava muito coberto de gelo, e calculamos que o solo verdadeiro situava-se a uma profundidade consideravelmente maior.

Entretanto, o que mais se destacava ali era a titânica rampa de pedra que, esquivando-se às arcadas através de uma curva pronunciada, subia em espiral pela estupenda parede cilíndrica como uma contrapartida interior daquelas que outrora subiam pelo lado de fora das monstruosas torres ou zigurates da antiga Babilônia. O que nos impedira de perceber do ar aquela passagem, fazendo-nos procurar outro caminho para o nível subglacial, fora a velocidade do vôo e a perspectiva, que confundira a descida com a parede interna da torre. Talvez Pabodie pudesse-nos dizer que espécie de artifício de engenharia a mantinha no lugar, mas a Danforth e a mim só era dado maravilhar-nos. Avistávamos colossais modIlhões e pilares de pedra aqui e ali, mas o que víamos nos parecia inadequado à função cumprida. A coisa mostrava um excelente estado de conservação até o atual topo da torre, fato notável em vista da exposição às intempéries, e seu abrigo contribuíra em muito para proteger as fantásticas e perturbadoras esculturas cósmicas nas paredes.

Ao sairmos para a aterradora semiclaridade daquele monstruoso fundo cilíndrico — com 50 milhões de anos, sem dúvida a estrutura mais antiga dentre todas aquelas antigualhas primais — percebemos que os lados, cortados por rampas, alteavam-se a uma altura vertiginosa, não inferior a vinte metros. Isto, nossa exploração aérea revelava, significava uma glaciação externa de aproximadamente doze metros, já que o buraco escancarado que tínhamos visto ao avião ficava no topo de uma pilha de escombros de aproximadamente seis metros, um tanto protegida até três quartos de sua circunferência pelas imponentes muralhas curvas de uma linha de ruínas mais altas. De acordo com os relevos, a torre original se ergueram centro de uma imensa praça circular e tinha, talvel, 150 ou 180 metros de altura, com camadas de discos horizontais perto do topo e uma

fileira de cúspides finas como agulhas ao longo da borda superior. A maior parte da alvenaria ruíra obviamente para o lado de fora, e não para dentro; caso tivesse acontecido o contrário, a rampa poderia ter sido destruída e todo o interior ficaria obstruído. Ainda assim, a rampa revelava um desgaste lamentável, ao passo que a quantidade de escombros era tal que todas as arcadas no fundo pareciam cobertas.

Foi preciso apenas um instante para concluirmos que era aquele, de fato, o caminho pelo qual aqueles outros haviam descido e que seria, outrossim, o caminho lógico para nossa própria subida, apesar da longa trilha de papel que havíamos deixado alhures. A boca da torre não ficava mais distante dos contrafortes e de nosso avião do que o grande edifício escalonado em que havíamos entrado, e qualquer exploração subglacial adicional que realizássemos naquela excursão se daria naquela região geral. Estranhamente, ainda estávamos pensando em possíveis excursões futuras — mesmo depois de tudo quanto havíamos visto e adivinhado. Foi então que, enquanto seguíamos cautelosamente sobre os destroços que recobriam o largo espaço, vimos algo que por algum tempo afastou de nossas mentes tudo mais.

O que vimos foram os três trenós desaparecidos do acampamento de Lake, bem arrumados naquele ângulo mais distante do curso mais baixo da rampa, que até agora nos estivera oculto à visão. Lá estavam eles, um tanto danificados por terem sido arrastados por longos trechos de cantaria, sem neve e escombros, ou transportados por espaços simplesmente intransponíveis. Estavam carregados e amarrados com cuidado, e continham coisas bastante familiares: o aquecedor a gasolina, latas de combustível, caixas de instrumentos, latas de mantimentos, oleados que obviamente envolviam livros e outros que ocultavam conteúdos menos óbvios — tudo aquilo integrante do equipamento de Lake.

Depois do que havíamos encontrado naquela outra câmara, estávamos de certa forma preparados para aquilo. O choque verdadeiramente grande se deu quando nos aproximamos e desfizemos as amarras de uma trouxa de oleado cujos contornos haviam excitado nossa curiosidade. Ao que parece, outros, além de Lake, tinham-se interessado em coletar espécimes típicos; havia dois ali, congelados, muito bem preservados, com algumas contusões em torno dos pescoços suturadas

com esparadrapo, e embrulhados com cuidado para evitar maiores danos. Eram os corpos do jovem Gedney e do cão desaparecido.

X

Muitas pessoas provavelmente nos julgarão insensíveis, além de loucos, por pensarmos sobre o túnel do lado norte e sobre o abismo tão pouco tempo depois de nossa horrenda descoberta, e não estou disposto a dizer que teríamos revivido imediatamente tais idéias se não fosse uma circunstância específica com a qual nos confrontamos reposto o oleado sobre o pobre Gedney e estávamos imóveis, numa espécie de mudo aturdimento, quando os sons finalmente atingiram nossa consciência — os primeiros sons que ouvíamos desde que havíamos saído do ar livre, onde o vento da montanha gemia baixinho, precipitando-se de altitudes demoníacas. Por mais conhecidos que fossem, a presença deles naquele mundo de morte era mais inesperada e enervante do que quaisquer sons grotescos ou fabulosos poderiam ter sido, uma vez que novamente perturbavam todas nossas concepções de harmonia cósmica.

Tivessem aqueles sons qualquer vestígio dos estranhos silvos musicais que o laudo da dissecção de Lake nos havia levado a esperar naqueles seres — e que, na verdade, nossa imaginação exausta vinha escutando em todos os uivos de ventos que ouvíamos desde a visão horrífica do acampamento —, eles teriam como que uma congruência infernal com a região silente que nos rodeava. Uma voz de outras eras fica bem num cemitério de outras eras. Sucedeu, porém, que o ruído fez em pedaços toda nossa aceitação tácita do centro da Antártida como um ermo completa e inapelavelmente destituído de qualquer resíduo de vida normal. O que escutamos não foi a nota fantasiosa de qualquer blasfêmia sepulta da terra prístina, de cuja dureza superna um sol polar, quase extinto, houvesse extraído uma resposta monstruosa. Na realidade, foi algo tão zombeteiramente normal e com o qual estávamos de tal forma familiarizados, desde a travessia marítima ao largo da Terra de Vitória e desde os dias em que havíamos acampado no estreito McMurdo, que nos sobressaltamos ao imaginá-lo ali, onde tais coisas não podiam existir. Para ser sucinto, foi simplesmente o guincho gutural de um pingüim.

O som abafado vinha de desvãos subglaciais quase postos ao corredor pelo qual tínhamos chegado ali — regiões manifestamente na direção daquele outro túnel que levava ao vasto abismo. A presença de

uma ave aquática viva naquela direção — num mundo cuja superfície não conhecia qualquer vida desde eras sem fim — só justificava uma conclusão. Por conseguinte, nosso primeiro pensamento foi o de verificar a realidade objetiva do som. Na verdade, ele se repetia e, de vez em quando, parecia provir de mais de uma garganta. Buscando-lhe a fonte, entramos por uma arcada da qual muitos escombros tinham sido afastados, e recomeçamos a marcar o caminho com papéis — tirados, com curiosa repugnância, de uma das trouxas de oleado que estavam nos trenós — quando deixamos para trás a luz do dia.

À proporção que o piso coberto de gelo cedia lugar a uma confusão de detritos, pudemos observar claramente curiosas marcas de objetos arrastados; e num dado momento Danforth descobriu uma pegada nítida cuja descrição seria de todo supérflua. O rumo indicado pelos gritos dos pingüins era bem aquele que nosso mapa e a bússola prescreviam como sendo, aproximadamente, o da boca do túnel mais a norte, e alegramo-nos ao constatar que parecia estar aberta uma passagem, sem ponte, no andar térreo e no pavimento subterrâneo. Segundo o mapa, o túnel deveria começar na parte inferior de uma grande estrutura piramidal que achávamos estar em excelente estado de conservação, a julgar por vagas lembranças de nossa exploração aérea. A lanterna mostrava a habitual profusão de relevos ao longo do caminho, mas não nos detivemos para examiná-los.

De súbito, uma volumosa forma branca alteou-se diante de nós, e acendemos a segunda lanterna. É estranho pensar até que ponto aquela nova investigação havia desviado nossa atenção dos primeiros medos do que pudesse estar oculto nas proximidades. Aqueles outros seres, depois de deixarem seus despojos no grande espaço circular, deviam ter planejado voltar, após sua expedição exploratória na direção do abismo ou em seu interior. No entanto, havíamos posto de lado toda cautela com relação a eles, como se não existissem. Aquele objeto branco, gigante, teria nada menos de l,80m de altura, mas, ao que parece, percebemos de imediato que não se tratava de um daqueles seres. Estes eram maiores e mais escuros; e, segundo as esculturas, moviam-se em terra com rapidez e segurança, a despeito da estranheza de seu aparelho tentacular, de origem marinha. Todavia, seria falso dizer que aquela coisa branca não nos fez gelar o sangue nas veias. Na verdade, por um instante fomos tomados de

um temor primitivo quase mais intenso que o pior de nossos fundados medos com relação àqueles outros seres. Seguiu-se então um instante de anticlímax, quando o vulto branco entrou por uma arcada lateral, à nossa esquerda, para se unir a outros dois, de sua espécie, que o haviam chamado com guinchos guturais. Pois tratava-se tão-somente de um pingüim, ainda que de uma espécie gigantesca e desconhecida, maior que o mais desenvolvido dentre os chamados pingüins-reais, e que combinava, de maneira monstruosa, albinismo e quase total ausência de olhos.

Depois de seguirmos o avejão pela arcada e dirigirmos os fachos das duas lanternas para o trio indiferente, vimos que eram todos albinos cegos, da mesma espécie desconhecida e gigantesca. Pelo tamanho, lembravam-nos alguns dos pingüins arcaicos representados nas esculturas dos Antigos, e não foi preciso muito tempo para concluirmos que descendiam da mesma cepa e que tinham sobrevivido, sem dúvida, por se retirarem para alguma região subterrânea mais quente cujo negrume eterno havia-lhe destruído a pigmentação e lhes atrofiado os olhos, que se reduziam a meras fendas inúteis. Nem por um momento duvidamos que vivam atualmente no vasto abismo que procurávamos; e essa comprovação de que o golfão permanecia quente e habitável encheu-nos das mais curiosas fantasias, sutilmente perturbadoras.

Imaginamos, também, o que teria levado aquelas três aves a abandonarem seu habitat habitual. O estado e o silêncio da grande cidade morta deixavam claro que em nenhum tempo ela fora uma colônia sazonal costumeira, ao passo que a patente indiferença do trio à nossa presença fazia parecer estranho que a passagem de um grupo dos outros seres os tivesse assustado. Seria possível que os tais outros houvessem assumido alguma atitude agressiva ou tentado aumentar seu suprimento de carne? Duvidávamos de que o odor picante a que os cães haviam demonstrado aversão pudesse provocar igual antipatia naqueles pingüins, uma vez que seus ancestrais haviam obviamente coexistido em perfeita harmonia com os Antigos — um relacionamento amistoso que deveria ter sobrevivido no abismo, enquanto restassem quaisquer representantes dos Antigos. Lamentando, num novo assomo daquele velho espírito da ciência pura, não podermos fotografar aquelas criaturas anômalas, logo as deixamos com seus guinchos e seguimos rumo ao abismo, que agora sabíamos com

certeza estar aberto, e cuja direção exata as pegadas dos pingüins indicavam.

Logo depois, uma descida íngreme por um corredor longo, baixo, sem portas è peculiarmente destituído de esculturas levou-nos a crer que estávamos por fim chegando à abertura do túnel. Tínhamos passado por mais dois pingüins e ouvíamos outros um pouco adiante. O corredor terminou então num prodigioso espaço aberto, que nos fez arfar involuntariamente. Era um hemisfério invertido perfeito, obviamente escavado muito a fundo na terra; teria nada menos de 30 metros de diâmetro e l5 metros de altura, com arcadas baixas que se abriam por toda a circunferência, menos em um ponto. E esse ponto escancarava-se cavernosamente, com uma abertura negra e arqueada que quebrava a simetria da abóbada, elevando-se a uma altura de quase 15 metros. Era aquela a boca do grande abismo.

Naquele imenso hemisfério, cujo teto côncavo exibia esculturas expressivas, mas decadentes, figurando o céu primordial, gingavam alguns pingüins albinos — estranhos àquele lugar, mas indiferentes e cegos. O túnel negro abria-se para o infinito num declive acentuado, com a abertura ornamentada com jambas e lintéis de grotesco lavor. Tivemos a impressão de que daquela caverna provinha uma lufada de ar um pouco mais quente e até mesmo uma suspeita de vapor. Que espécie de entidades vivas, além de pingüins, poderiam ocultar aquele vazio infinito e os favos contíguos, na terra e nas montanhas? E conjeturamos também se o vestígio de fumarolas nos copos das montanhas, que de início o pobre Late havia suspeitado, bem como a bruma singular que nós próprios havíamos percebido em torno do pico encimado por baluartes, não poderiam ser causados pela emissão de algum vapor como aquele, um vapor que brotasse das regiões ignotas do seio da terra e percorresse canais tortuosos.

Entrando no túnel, notamos que, pelo menos de começo, ele teria cerca de 4,5 metros de cada lado, e que as paredes, o piso e o teto compunham-se da habitual cantaria megalítica. As paredes eram decoradas com cártulas esparsas de desenho convencional, em estilo tardio e decadente; e toda a obra de engenharia e as entalhaduras achavam-se em maravilhoso estado de conservação. O chão estava muito limpo e havia apenas uma leve camada de pó, com pegadas de pingüins, que saíam, e dos

outros seres, que entravam. Quanto mais avançávamos, mais aumentava a temperatura; daí a pouco vimo-nos desabotoando os pesados agasalhos. Ficamos a imaginar se não haveria verdadeiramente manifestações ígneas lá embaixo e se as águas do mar trevoso não seriam quentes. Percorrida uma pequena distância, a cantaria cedeu lugar à rocha viva, embora o túnel mantivesse as mesmas proporções e apresentasse o mesmo aspecto de regularidade. De vez em quando, o declive tornava-se tão forte que tinham sido abertos sulcos transversais no piso. Por várias vezes observamos as bocas de pequenas galerias laterais, não registradas em nossos diagramas; nenhuma delas oferecia perigo de complicar nosso retorno e todas nos pareciam possíveis refúgios para o caso de encontrarmos indesejadas entidades de regresso do abismo. O cheiro abominável daquelas criaturas era agora bastante nítido. Sem dúvida, embrenharmo-nos por aquele túnel nas condições conhecidas era de uma tolice suicida, mas a atração do desconhecido é mais acentuada em certas pessoas do que se imagina. Na verdade, fora essa espécie de atração que nos levara, de início, àqueles inóspitos paramos antárticos. Enquanto caminhávamos, víamos vários pingüins e imaginávamos a distância que ainda restava a percorrer. As esculturas nos haviam levado a esperar uma descida de aproximadamente 1,5 quilômetro até o abismo, porém nossas deambulações anteriores haviam mostrado que não podíamos confiar nelas às cegas em questões de escala.

Passados cerca de quinhentos metros, aquele cheiro nauseabundo ganhou muita força e passamos a vigiar com todo cuidado as várias aberturas laterais por que passávamos. Não havia nenhum vapor visível, como na entrada, mas sem dúvida isso se devia à ausência, ali, de um ar mais fresco e contrastante. A temperatura estava aumentando depressa e não ficamos surpresos ao darmos com uma pilha de materiais que nos eram horrorosamente familiares. Compunha-se de peles e lonas de barracas tiradas do acampamento de Lake, mas não paramos para analisar os rasgões estranhíssimos que tinham sido feitos no tecido. Pouco além desse ponto, observamos um positivo aumento no tamanho e no número das galerias laterais e concluímos que havíamos chegado à região densamente esburacada sob os contrafortes mais altos. O odor nauseante mesclava-se agora, curiosamente, com um outro cheiro, em nada menos repulsivo, mas cuja natureza não sabíamos identificar, embora pensássemos em organismos em putrefação e, talvez, desconhecidos fungos subterrâneos.

Seguiu-se então um surpreendente alargamento do túnel, para o qual os relevos não nos haviam preparado — uma caverna elíptica, de aspecto natural, mais larga e mais alta, com piso plano, com cerca de 25 metros de comprimento e 15 de largura, e com muitas passagens laterais, imensas, que conduziam aos secretos negrumes.

Ainda que aquela caverna tivesse aspecto natural, uma inspeção com as duas lanternas indicou que fora formada pela destruição artificial de várias paredes entre favos adjacentes. Tinha os lados ásperos e o teto, abobadado, mostrava-se tomado de estalactites. No entanto, o piso, em rocha viva, havia sido alisado e estava livre de quaisquer escombros, detritos ou, possivelmente, até poeira, num grau positivamente anormal. Com exceção do caminho pelo qual viéramos, o mesmo se podia dizer dos pisos de todas as grandes galerias que dele saíam; e essa circunstância era de tal modo singular que causava perplexidade. O estranho fedor que se havia somado ao odor repugnante era ali tremendamente cáustico, a ponto de obliterar qualquer vestígio do outro. Havia alguma coisa naquele lugar, com seu chão polido e quase reluzente, que se nos afigurava mais enigmático e horrível, ainda que indefinidamente, que qualquer outra das circunstâncias monstruosas que já tínhamos encontrado.

A regularidade do caminho que ficava imediatamente à frente, assim como a maior proporção dos detritos de pingüins ali depositados, impediam qualquer confusão quanto ao rumo correto em meio àquela pletora de bocas de caverna, todas igualmente grandes. Mesmo assim, decidamos retomar a marcação com papéis, para o caso de surgir alguma dificuldade, pois, naturalmente, não podíamos esperar que dali em diante houvesse pegadas na poeira. Ao recomeçarmos a caminhada, jogamos um facho de luz sobre as paredes do túnel... e nos detivemos, assombrados, diante da modificação radicalíssima sofrida pelos relevos naquela porção do caminho. Percebíamos, é claro, a grande decadência da escultura dos Antigos à época da abertura do túnel e havíamos, de fato, observado a qualidade inferior dos arabescos nos trechos por que havíamos passado. Agora, porém, naquele trecho mais profundo, além da caverna, notava-se uma diferença repentina que se furtava a qualquer explicação — tanto quanto em natureza básica, havia também uma diferença de qualidade, e que envolvia tão profunda e calamitosa degradação artística que nada no ritmo de declínio até então observado levaria alguém a esperá-la.

Aquela obra degenerada era grosseira, bruta e inteiramente sem esmero quanto aos pormenores. A depressão dos altos-relevos era de uma profundidade exagerada e as faixas seguiam a mesma linha geral das cártulas esparsas dos trechos anteriores; no entanto, a altura dos relevos não chegava ao nível da superfície geral. Danforth aventou a hipótese de tratar-se de um segundo entalhamento — uma espécie de palimpsesto executado após a obliteração de um desenho anterior. Era de natureza inteiramente decorativa e convencional e consistia em espirais e ângulos grosseiros que obedeciam, aproximadamente, à tradição matemática de base cinco dos Antigos; no entanto, mais lembrava uma paródia do que a perpetuação de tal tradição. Não conseguíamos afastar da mente a idéia de que algum elemento, sutil mas profundamente alienígena, havia sido acrescentado ao senso estético subjacente à técnica — um elemento exótico, conjecturava Danforth, que era responsável pela penosa substituição. Aquela arte era semelhante, e ao mesmo tempo incomodamente dessemelhante, à que tínhamos passado a reconhecer como sendo a dos Antigos; e me acorriam ao espírito, com persistência, coisas híbricas como as deselegantes esculturas de Palmira, talhadas à romana. Outros haviam recentemente observado aquela faixa de esculturas; isso era indicado pela presença de uma pilha usada de lanterna, no chão, diante de uma das cártulas mais características.

Como não podíamos perder tempo, retomamos o caminho após um exame superficial, embora lançássemos com freqüência fachos de luz pelas paredes, para ver se surgiam novas alterações decorativas. Não constatamos nada nesse sentido, ainda que em certos pontos as esculturas se mostrassem esparsas, devido às numerosas entradas de túneis laterais, que tinham os pisos limpos. Víamos e ouvíamos cada vez menos pingüins, mas Julgamos ter captado uma vaga suspeita de um coro deles, infinitamente distante, nas profundezas da terra. O novo e inexplicável odor era abominavelmente intenso e mal conseguíamos detectar qualquer resquício daquele outro cheiro inominável. Baforadas de vapor visível, à nossa frente, anunciavam crescentes contrastes de temperatura e a relativa proximidade dos tenebrosos penhascos marinhos do grande abismo. Então, inesperadamente, avistamos certas obstruções no pavimento polido — obstruções que, decididamente, não eram pingüins — e acendemos a segunda lanterna, depois de nos certificarmos que os objetos estavam imóveis.

XI

Mais uma vez chego a um ponto em que me é difícil prosseguir. Seria de esperar que neste ponto eu já estivesse empedernido. No entanto, há experiências e contingências que ferem fundo demais para que se curem as cicatrizes e que deixam tamanha sensibilidade que a memória reacende todo o horror original. Como eu disse, vimos à nossa frente certas obstruções no chão luzidio; e talvez convenha aduzir que nossas narinas foram quase simultaneamente assaltadas por uma curiosíssima intensificação do estranho fedor geral, agora claramente mesclado com o ranço inominável daqueles outros seres que por ali tinham passado antes. A luz da segunda lanterna não deixava dúvida quanto à natureza das obstruções e só nos atrevemos a continuar porque podíamos ver, mesmo a distância, que estavam tão incapacitados a nos fazer mal quanto os seis espécimes similares que haviam sido desenterrados dos monstruosos túmulos decorados com pentáculos no acampamento do pobre Lake.

Com efeito, estavam tão incompletos quanto a maioria daqueles que havíamos exumado — ainda que fosse claro, a julgar pela poça densa e verde-escura que se juntava em torno deles, que sua desinteireza era infinitamente mais recente. Parecia haver apenas quatro deles, ao passo que os boletins de Lake levavam a crer que pelo menos oito formavam o grupo que nos haviam precedido. Encontrá-los naquele estado era algo de todo inesperado, e ficamos a imaginar que espécie de conflitos monstruosos ocorrera ali embaixo, nas trevas.

Quando atacados em conjunto, os pingüins revidam selvagemente com os bicos e nossos ouvidos garantiam agora a existência de uma colônia deles, mais adiante. Teriam aqueles seres perturbado o lugar e provocado mortífera represália? As obstruções não corroboravam essa idéia, pois o ataque de bicos de pingüins contra os tecidos tenazes que Lake havia dissecado de forma alguma podia explicar as lesões generalizadas que começávamos a perceber enquanto caminhávamos. Além disso, as gigantescas aves cegas tinham dado sanais de serem singularmente pacíficas.

Houvera, então, uma luta entre aqueles seres, e seriam os quatro ausentes os responsáveis? Nesse caso, onde estavam? Estariam porventura próximos, podendo constituir uma ameaça iminente a nós? Vigiávamos ansiosamente as passagens laterais, com seus pisos lisos,

enquanto prosseguíamos com vagar e franca relutância. Qualquer que tivesse sido o conflito, fora ele evidentemente que assustara os pingüins, levando-os a se afastarem dali, o que não lhes era típico. Portanto, a luta devia ter-se iniciado perto daquela colônia cujos sons ouvíamos debilmente e que se situava no abismo incalculável à frente, porquanto não havia sinal de que as aves normalmente vivessem ali. Talvez, refletimos, tivesse ocorrido uma medonha luta, acompanhada de fuga, com os contendores mais fracos procurando retroceder para as galerias ocultas, onde os perseguidores acabaram com eles. Podíamos visualizar a peleja demoníaca, entre entidades indizivelmente monstruosas, rebentando no abismo negro, com grandes bandos de pingüins fonéticos guinchando e correndo em debandada.

Digo que nos aproximamos daquelas obstruções esparramadas e incompletas com vagar e relutância. Quisera Deus que não houvéssemos nos aproximado em absoluto, que houvéssemos dado às de vila-diogo, fugindo daquele túnel tétrico de pisos lisos e gosmentos, no qual os murais degenerados arremedavam e ironizavam aquilo que haviam suplantado... Oxalá houvéssemos batido em retirada antes de vermos o que vimos e antes que nosso espírito fosse cauterizado por algo que jamais há de nos permitir respirar com tranqüilidade novamente!

Nossas duas lanternas estavam voltadas para os objetos prostrados, de sorte que logo percebemos o fator dominante em sua desinteireza. Mutilados, comprimidos, torcidos e vazados como estivessem, todos tinham em comum a decapitação radical. De cada um deles havia sido arrancada a cabeça estreliforme e tentaculada; e ao nos aproximarmos verificamos que o processo de remoção mais lembrava alguma sucção infernal do que qualquer forma ordinária de mutilação. O fétido icor verde-escuro formava uma poça crescente; mas seu mau-cheiro era semi-eclipsado pelo fedor mais novo e mais estranho, ali mais pungente que em qualquer outro lugar de nossa rota. Só quando chegamos bastante perto das obstruções esparramadas foi que pudemos relacionar aquele segundo e inexplicável fedor a uma fonte imediata — e no instante em que isso aconteceu, Danforth, recordando certas esculturas muito vívidas da história dos Antigos na Era Permiana, há 150 milhões de anos, emitiu um grito torturado que ecoou histericamente por aquele corredor abo-badado e arcaico, de relevos repulsivos.

Por pouco eu próprio não lhe fiz coro, pois também vira aquelas esculturas primais e havia admirado, com calafrios, o modo como o artista desconhecido havia sugerido aquela camada medonha de limo encontrada em certos Antigos mutilados e prostrados — aqueles que os horripilantes Shoggoths haviam, caracteristicamente, sugado e decapitado hediondamente na grande guerra de ressubjugação. Eram esculturas infames, de pesadelo, mesmo quando narravam atos passados havia éons e éons; pois os Shoggoths e suas obras não deveriam ser vistos por seres humanos ou representados por quaisquer criaturas. O louco autor do *Necronomicon* havia nervosamente tentado jurar que jamais um deles era gerado neste planeta e que somente em sonhos induzidos por estupefacientes alguns insanos haviam-nos concebido. Protoplasmas amorfos, capazes de imitar e refletir todas as formas de órgãos e processos... aglutinações pegajentas de células borbu-lhantes... elásticos esferóides de cinco metros, infinitamente plásticos e dúcteis... escravos da sugestão, construtores de cidades... cada vez mais arrogantes, cada vez mais inteligentes, mais e mais ambiciosos, mais e mais miméticos! Deus Todo-Poderoso! Que loucura fizera com que mesmo aqueles blasfemos Antigos ousassem utilizar e engendrar tais coisas?

E agora, no momento em que Danforth e eu vimos o lodo negro, de uma cintilação recente e espelhante iridescência, que se aderia densamente aos corpos degolados e exalava aquele horrendo fedor, novo e desconhecido, cuja causa só uma imaginação desvairada poderia fantasiar... aquele limo que aderia aos corpos e brilhava com menos intensidade numa parte lisa da parede execravelmente esculpida numa série de pontos agrupados... naquele momento compreendemos de maneira suprema o que é um terror cósmico. Não era medo daqueles quatro seres desaparecidos. . . pois tínhamos bons motivos para suspeitar que não voltariam a fazer qualquer mal. Infelizes! Afinal, não eram representantes de uma raça intrinsecamente torpe e perversa. Eram os homens de outra era e de outra ordem de existência. A natureza havia-lhes pregado uma peça diabólica — como fará a outros que a loucura, a insensibilidade ou a crueldade humana venham ao futuro exumar naquele ermo polar horridamente morto ou adormecido — e assim terminaria para eles a trágica volta ao lar. Não tinham sido sequer selvagens... pois, na verdade, o que tinham feito? Aquele horrível despertar no frio de uma época desconhecida... talvez um ataque dos

quadrúpedes peludos, que latiam com frenesi, e uma defesa atônita contra eles e contra os igualmente frenéticos símios brancos com estranhos envoltórios e equipamentos... Pobre Lake, pobre Gedney.... e pobres Antigos! Cientistas até o fim... o que haviam feito que não faríamos em seu lugar? Deus, que inteligência, que persistência! Com que denodo haviam enfrentado o inacreditável, da mesma forma como aqueles parentes e ancestrais esculpidos haviam enfrentado coisas só um pouco menos inacreditáveis! Radiados, vegetais, monstruosidades, progênie das estrelas... não importa o que tivessem sido, eram homens!

Haviam atravessado os cumes nevados, em cujas encostas pontilhadas de templos tinham outrora prestado culto, e vagueado entre os fetos arbóreos. Haviam encontrado a cidade morta entregue à sua maldição e, tal como nós, haviam lido a história esculpida de seus últimos dias. Haviam tentado alcançar seus irmãos vivos em profundezas de terrível negrume, que jamais haviam contemplado... e o que tinham achado? Tudo isso passou como um relâmpago por nossos pensamentos enquanto desviávamos o olhar daqueles vultos decapitados e cobertos de lodo e o dirigíamos para as horríveis esculturas em palimpsesto e para os infernais grupos de pontos, feitos com limo fresco, na parede ao lado delas... enquanto olhávamos e entendíamos o que devia ter triunfado e sobrevivido lá embaixo, na ciclópica cidade aquática daquele abismo trevoso e orlado de pingüins, de onde naquele instante mesmo uma sinistra névoa ondulante havia começado a eructar palidamente, como que em resposta ao grito histérico de Danforth.

O choque causado pela compreensão do que significavam aquele limo monstruoso e a decapitação havia-nos petrificado, transformando-nos em estátuas mudas e imóveis, e só por conversas posteriores foi que pudemos definir cabalmente nossos pensamentos naquele momento. Nossa impressão foi de que nos detivemos ali por milênios, mas na verdade não pode ter sido por mais de dez ou quinze segundos. Aquela névoa odienta e pálida ondulava-se em nossa direção como que verdadeiramente impulsionada por algum vulto, mais remoto, que avançasse... e escutamos então um som que abalou grande parte do que tínhamos acabado de decidir e, ao assim fazer, rompeu o encantamento e nos possibilitou sair em louca disparada, entre pingüins confusos e guinchantes, retrocedendo por nossa trilha de volta à cidade, passando por

megalíticos corredores enterrados no gelo até o grande círculo aberto, subindo aquela arcaica rampa espiralada numa arremetida frenética e automática em busca do sadio ar livre e da luz do dia.

O novo som, como declarei, abalou muito do que havíamos decidido, pois era aquilo que a dissecção feita pelo pobre Lake nos levava a atribuir aos que tínhamos julgado mortos. Era, disse-me Danforth mais tarde, exatamente o que ele havia captado em forma infinitamente abafada quando estávamos naquele ponto além da esquina do beco acima do nível glacial. E por certo mostrava uma malsã semelhança com as sibilações que ambos tínhamos escutado em torno das altas cavernas das montanhas. Ainda que ao risco de parecer pueril, acrescentarei uma coisa mais, ao menos por causa da maneira surpreendente como as impressões de Danforth coincidiram com as minhas. Foram, naturalmente, as mesmas leituras que nos predispuseram à mesma interpretação, ainda que Danforth tenha aludido a idéias estranhas relativas a fontes insuspeitadas e interditas a que Poe talvez tenha tido acesso ao redigir seu *Artuir Gordon Pym,* há um século. Todos hão de lembrar que naquele conto fantástico lia uma palavra de significado desconhecido, porém terrível e prodigioso, ligada à Antártida e gritada eternamente pelas gigantescas aves, espectralmente nevosas, do interior daquela maligna região. *"Tekeli-li! Tekeli-li!"* Isso, admito, foi precisamente o que julgamos escutar naquele súbito som que precedia a bruma branca que avançava — aquele insidioso silvo musical, que cobria várias oitavas.

Já corríamos à toda antes que as três notas ou sílabas tivessem sido emitidas, embora soubéssemos que a rapidez dos Antigos possibilitaria a qualquer sobrevivente do massacre, despertado pelo grito de Danforth, a nos capturar instantaneamente, se realmente quisesse fazê-lo. Nutríamos, todavia, vaga esperança de que uma conduta plácida e uma demonstração de razão levassem tal ser a. nos poupar, ao menos por curiosidade científica, se fôssemos apanhados. Afinal de contas, se tal criatura nada tinha a temer, não teria qualquer motivo para nos fazer mal. Sendo inútil, nas circunstâncias, procurarmos nos esconder, usamos a lanterna para ver o que se passava às nossas costas, ainda correndo, e constatamos que a névoa estava minguando. Haveríamos de ver, finalmente, um espécime vivo e intacto daqueles seres? Mais uma vez escutamos aquele insidioso sibilo musical — *"Tekeli-li! Tekeli-li!"*

Então, notando que na verdade estávamos aumentando a distância que nos separava de nosso perseguidor, ocorreu-nos que talvez a entidade estivesse ferida. Contudo, não iríamos correr nenhum risco, pois era óbvio que ela estava-se aproximando em resposta ao grito de Danforth, e não por fugir de qualquer outra entidade. A reação tinha sido por demais imediata para permitir dúvida. Quanto ao paradeiro daquele pesadelo menos concebível e menos mencionável — aquela montanha fétida de protoplasma que emitia lodo, cuja raça havia conquistado o abismo e enviado pioneiros terrestres para re-esculpir os caminhos pelos quais se contorcia —, não podíamos formar nenhuma conjectura; e só ao custo de uma dor genuína abandonamos aquele Antigo provavelmente mutilado — talvez um sobrevivente solitário — ao perigo de recaptura e de um destino impronunciável.

Graças a Deus não diminuímos nossa corrida. A névoa ondulante havia-se adensado de novo e era impelida com crescente velocidade, enquanto os pingüins desgarrados às nossas costas guinchavam, gritavam e mostravam sinais de um pânico realmente surpreendente em vista de sua perplexidade relativamente pequena ao passarmos por eles. Mais uma vez sobreveio aquele silvo sinistro e em várias oitavas — *"Tekeli-li! Tekeli-li!"* Havíamos incorrido em erro. A coisa não estava ferida, mas havia simplesmente feito uma pausa ao dar com os corpos dos camaradas abatidos e a informal inscrição feita a lodo sobre eles. Jamais poderíamos saber o que dizia a mensagem demoníaca... mas aquelas tumbas no acampamento de Lake haviam mostrado quanta importância os seres atribuíam a seus mortos. Nossa lanterna, prodigamente usada, revelava à frente a imensa caverna aberta, para a qual convergiam vários caminhos, e agradou-nos deixar para trás aquelas mórbidas esculturas em palimpsesto, quase sentidas mesmo quando praticamente não eram vistas.

Outro pensamento inspirado pelo aparecimento da caverna foi a possibilidade de despistarmos nosso perseguidor naquele assombroso foco de grandes galerias. Havia vários dos pingüins albinos e cegos no espaço aberto e parecia claro que o medo que sentiam diante da aproximação da entidade era extremo, levando-os ao desvario. Se naquele ponto diminuíssemos a luz da lanterna ao mínimo indispensável para prosseguirmos na fuga, mantendo-a apontada rigorosamente à frente, era possível que os assustados movimentos gingantes das aves imensas, em

meio à névoa, abafasse nossos passos, encobrisse nosso verdadeiro rumo e de alguma forma criasse uma pista falsa. Em meio ao nevoeiro espiralante e em revolução, daquele ponto em diante, o piso cheio de escombros do túnel principal, tão diferente dos demais caminhos morbidamente polidos, dificilmente apareceria com grande clareza; nem mesmo, até onde podíamos imaginar, para aqueles sentidos especiais que, em emergências, tornavam os Antigos em parte, ainda que imperfeitamente, independentes da luz. Na verdade, nós próprios de certa forma temíamos que, na pressa, nos perdêssemos. Havíamos, naturalmente, decidido seguir em linha reta, na direção da cidade morta, uma vez que as conseqüências de nos perdermos naquele meandro de passagens desconhecidas dos contrafortes seriam inimagináveis.

O fato de havermos sobrevivido e chegado ao ar livre é prova bastante de que a coisa realmente enveredou por uma galeria errada, ao passo que, providencialmente, seguimos pela correta. Sozinhos, os pingüins não nos poderiam ter salvo, mas em combinação com a névoa parecem tê-lo conseguido. Somente um destino benigno mantiveram os vapores ondulantes suficientemente densos no momento certo, pois estavam sempre virando de um lado para outro e ameaçando desaparecerem. Com efeito, dissiparam-se por um segundo, pouco antes de emergirmos do túnel nauseantemente reesculpido e entrarmos na caverna; com isso, na verdade tivemos um primeiro e único vislumbre da entidade que se aproximava, quando lançamos para trás um último e desesperado olhar, repleto de temor, antes de reduzirmos a luz e nos misturarmos aos pingüins, na esperança de nos esquivarmos à perseguição. Se o destino que nos protegeu foi benigno, aquele que nos proporcionou entrever a entidade foi infinitamente oposto — pois àquele relâmpago de semivisão podemos atribuir pelo menos metade do horror que desde então ronda nossas vidas.

A motivação precisa de novamente olharmos para trás terá sido, talvez, o mero instinto imemorial que leva o perseguido a avaliar a natureza e o rumo do perseguidor; ou quiçá foi uma tentativa automática de responder a uma pergunta subconsciente levantada por um de nossos sentidos. No meio de nossa fuga, com todas as faculdades concentradas no problema de escapar, não estávamos em condições de observar e analisar pormenores; no entanto, mesmo assim nossas latentes células

cerebrais devem ter-se surpreendido com a mensagem que lhes era levada por nossas narinas. Mais tarde compreendemos o que era — que o afastamento do fétido revestimento de limo daquelas obstruções decapitadas e a simultânea aproximação da entidade perseguidora não haviam trazido a troca de fedores que a lógica determinava. Na vizinhança dos seres prostrados, aquele novo fedor, inexplicável, predominara com força; mas àquela altura ele já deveria ter dado lugar ao abominável mau-cheiro associado com aqueles seres. Isso não acontecera... pois, ao contrário, o odor mais novo e menos tolerável mantinha-se praticamente o mesmo, ganhado até uma peçonhenta insistência a cada segundo.

Por isso olhamos para trás ao mesmo tempo, por assim dizer, muito embora, sem dúvida, o movimento inicial de um de nós tenha provocado o mesmo ato por parte do outro. Ao fazê-lo, dirigimos as duas lanternas, com toda sua intensidade luminosa, para a névoa momentaneamente rala, fosse por pura ansiedade primitiva de vermos tudo que pudéssemos ou, num esforço menos primitivo, mas igualmente inconsciente, de ofuscar a entidade antes de quase apagarmos as luzes e nos metermos entre os pingüins no centro labiríntico à frente. Ato infeliz! Nem o próprio Orfeu, nem a mulher de Lot pagaram mais caro por um olhar sobre o ombro. E mais uma vez sobreveio aquele silvo chocante, enregelante... *"Tekeli-li! Tekeli-li"*

Convém ser franco, mesmo que eu não ouse ser de todo direto, e dizer o que vimos, muito embora no momento achássemos que não era uma coisa que pudéssemos admitir, mesmo um para o outro. As palavras que chegam ao leitor não logram sequer sugerir a bestialidade da visão. Ela paralisou nossa consciência tão completamente que admiro nos haver restado bom senso para reduzirmos a luz das lanternas, tal como planejado, e entrarmos pelo túnel certo, rumo à cidade morta. Só o instinto nos deve ter levado adiante... talvez melhor do que a razão poderia fazer. No entanto, se foi isso que nos salvou, pagamos alto preço; decerto sobrou-nos muito pouca razão.

Danforth estava totalmente fora de si e a primeira coisa que me recordo do resto do percurso foi ouvi-lo entoar, como se houvera perdido o juízo, uma fórmula histérica na qual apenas eu, em toda a humanidade, poderia encontrar alguma coisa além de insana irrelevância. Ela

reverberava, em ecos esganiçados, entre os guinchos dos pingüins; reverberava entre as abóbadas à nossa frente e

— graças a Deus — pelas abóbadas agora vazias atrás. Ele não pode tê-la começado imediatamente, pois dessarte não estaríamos vivos e correndo cegamente. Estremeço ao pensar o que uma mínima diferença em suas reações nervosas poderia ter acarretado.

"South Station Under... Washington Under... Park Street Under... Kendall... Central... Harvard..." O infeliz estava a enunciar as conhecidas estações do túnel Boston-Cambridge, que corria sob nosso pacífico solo nativo, a milhares de milhas dali, na Nova Inglaterra, mas para mim o ritual não tinha irrelevância nem traduzia saudades do lar. Transmitia apenas horror, porque eu sabia, com absoluta certeza, qual nefanda analogia o havia sugerido. Havíamos esperado, ao olharmos para trás, avistar uma terrível e inacreditável entidade semovente, se as névoas estivessem bastante ralas; daquela entidade tínhamos formado uma idéia clara. O que realmente vimos — pois as névoas estavam malignamente ralas — foi algo inteiramente diferente e incomensuravelmente mais hediondo e repulsivo. Era a encarnação completa e objetiva da "coisa que não devia existir" do romancista fantástico; e sua mais próxima analogia compreensível é um vasto e veloz trem de metro, tal como é visto de uma plataforma de estação — a grande frente negra avultando colossalmente a uma infinita distância subterrânea, constelada de estranhas luzes coloridas e preenchendo um túnel prodigioso tal como um pistão enche um cilindro.

Entretanto, não estávamos numa plataforma de estação. Estávamos nos trilhos à sua frente, enquanto a coluna plástica de pesadelo, feita de uma iridescência negra e fétida escorria para a frente, através de seu sínus de 4,5 metros, ganhando uma ímpia velocidade e impelindo uma nuvem espiralante e novamente espessa do pálido vapor do abismo. Era uma coisa terrível, inacreditável, mais vasta do que qualquer trem subterrâneo — um montão informe de bolhas protoplásmicas, ligeiramente luminosa e com miríades de olhos temporários, que se formavam e se desfaziam como pústulas de luz esverdeada em sua fachada que enchia o túnel e investia contra nós, esmagando os frenéticos pingüins e deslizando sobre o piso reluzente que ele e os de sua espécie haviam deixado horrendamente livre de qualquer grão de pó. E ao mesmo tempo emitia aquele brado medonho,

zombeteiro — *"Tekeli-li! Tekeli-li!"* — *e* por fim nos lembramos de que os demoníacos Shoggoths

— aos quais os Antigos, exclusivamente, haviam dado vida, pensamentos e configurações físicas plásticas, e que não tinham outra linguagem senão aquela que os grupos de pontos expressavam — não tinham igualmente outra voz senão os sons de seus desaparecidos senhores, que imitavam.

XII

Danforth e eu temos lembranças de sairmos para o grande hemisfério esculpido e de refazermos o caminho que havíamos percorrido através dos ciclópicos aposentos e corredores da cidade morta; no entanto, são puramente fragmentos de sonhos, não compreendem nenhuma memória de volição, pormenores ou esforço físico. Era como se boiássemos em um mundo ou dimensão nebulosa, sem tempo, causação ou orientação. A luz acinzentada do vasto espaço circular nos acalmou um pouco; entretanto, não nos aproximamos daqueles trenós escondidos nem olhamos de novo para o pobre Gedney e para o cão. Descansam num estranho e titânico mausoléu, e rezo para que o fim deste planeta os encontre ainda em paz.

Foi enquanto nos esfalfávamos pela colossal rampa em espiral que sentimos pela primeira vez a fadiga terrível e a falta de fôlego que nossa corrida, no ar rarefeito do planalto, havia produzido. No entanto, nem mesmo o medo do colapso nos faria parar antes de chegarmos ao reino exterior, normal, de sol e céu. Houve algo de vagamente apropriado em nossa despedida daquelas eras soterradas; enquanto dávamos voltas, ofegantes, subindo o cilindro de 20 metros de cantaria primeva, vislumbramos a nosso lado um contínuo cortejo de esculturas heróicas, na técnica primitiva e ainda não decadente da raça extinta — um adeus dos Antigos, gravados havia 50 milhões de anos.

Saindo finalmente da rampa, aos trambolhões, encontramo-nos sobre uma enorme pilha de rochas caídas, com as paredes curvas de uma edificação mais alta erguendo-se na direção de oeste e os picos altaneiros das grandes montanhas surgindo além das estruturas mais danificadas, no lado leste. O baixo sol antártico da meia-noite assomava, avermelhado, no horizonte meridional, através de aberturas nas ruínas denteadas, e a idade

e o silêncio terríveis da cidade de pesadelo pareciam ainda mais gritantes em contraste com coisas relativamente conhecidas e habituais como os elementos da paisagem polar. O céu era uma massa agitada e opalescente de tênues vapores glaciais e o frio gelava-nos as estranhas. Descansando no chão as sacolas a que nos havíamos agarrado por instinto durante a fuga desesperada, tornamos a abotoar nossos agasalhos pesados para a descida dificultosa pela pilha de escombros e a caminhada pelo imemorial labirinto de pedra até os contrafortes, onde esperava nosso avião. Sobre aquilo que nos havia posto em fuga desabalada da escuridão dos abismos secretos e arcaicos da terra, nem uma palavra dissemos.

Em menos de um quarto de hora havíamos localizado o aclive íngreme para os contrafortes — a provável esplanada antiga — e podíamos ver o vulto escuro do grande aeroplano entre as ruínas esparsas da encosta. Ao transpormos a metade do caminho, paramos para um breve repouso e nos voltamos para ver de novo o emaranhado fantástico de inacreditáveis formas de pedra, mais uma vez silhuetadas misticamente contra o céu do oeste desconhecido. Percebemos então que o céu daquele lado havia perdido a nebulosidade da manhã; os inquietos vapores glaciais haviam-se transferido para o zênite, onde seus contornos zombeteiros pareciam prestes a assumir algum desenho extravagante, que temiam tornar inteiramente definido ou concludente.

Revela-se agora no horizonte branquíssimo, por trás da cidade grotesca, uma linha fosca e misteriosa de pináculos violetas, cujas alturas aguçadas agigantavam-se, como em sonho, contra o róseo do céu ocidental. Na direção dessa orla tremeluzente subia o planalto antigo, que o curso deprimido do rio desaparecido atravessava como uma fita irregular de sombra. Por um instante admiramos, boquiabertos, a beleza cósmica e sobrenatural da cena, mas a seguir um vago horror começou a se instalar em nossas almas. Pois aquela longínqua linha violácea não podia ser senão as terríveis montanhas da terra interdita — os mais altos picos terrestres, o foco do mal na Terra; refúgios de horrores inomináveis e segredos arqueanos; evitadas e cultuadas por aqueles que temiam esculpir na pedra o que elas significavam; não conhecidas por qualquer criatura viva da terra, mas visitadas pelos raios sinistros e origem de fachos estranhos que brincavam mas planícies na noite polar — indubitavelmente o

arquétipo desconhecido daquele temido Kadath do Ermo Gélido, além da execrável Terra de Leng, a que as lendas primais fazem alusões evasivas.

A crermos na exatidão dos mapas e desenhos esculpidos da cidade pré-humana, aquelas crípticas montanhas violetas não podiam estar a muito menos de 500 quilômetros de distância; no entanto, seus delineamentos foscos e misteriosos apareciam nitidamente acima daquela borda remota e nevosa, como o contorno serrilhado de um monstruoso planeta alienígena na iminência de nascer num céu pouco habitual. A altitude daquelas montanhas, portanto, deveriam evadir-se a qualquer comparação — levava-as a tênues camadas atmosféricas povoadas apenas por fantasmas gasosos, sobre os quais intimoratos aeronautas mal conseguiram emitir uma referência em sussurro, após quedas inexplicáveis. Olhando-as, eu pensava nervosamente em certas alusões, esculpidas, a coisas que o grande rio desaparecido havia transportado para a cidade, depois de arrastá-las de suas encostas malditas — e imaginava o quanto de bom senso e o quanto de loucura teriam formado os medos daqueles Antigos, que as haviam esculpido com tamanha reticência. Lembrei que a extremidade setentrional daqueles colossos deviam chegar perto da costa na Terra da Rainha Mary, onde naquele exato momento a expedição de Sir Douglas Mawson estava trabalhando, a cerca de 1.600 quilômetros de onde nos encontrávamos. E orei para que os fados aziagos não propiciassem a Sir Douglas e a seus homens um vislumbre do que talvez se escondesse por trás da protetora cordilheira litorânea. Tais idéias davam uma medida de meu estado de fadiga no momento — e Danforth parecia estar em situação ainda pior.

Entretanto, bem antes de passarmos pela grande ruína em forma de estrela e chegarmos a nosso avião, nossos temores haviam-se transferido para a cordilheira menor, mas também descomunal, que voltaríamos logo a transpor. A partir daqueles contrafortes, as encostas negras e pontilhadas de ruínas se erguiam nítida e hediondamente contra o leste, mais uma vez nos recordando aquelas estranhas pinturas asiáticas de Nicholas Roerich. E quando pensávamos nas assustadoras entidades informes que poderiam ter levado sua substância fétida e contorcente até mesmo aos mais elevados pináculos ocos, não podíamos encarar sem pânico a perspectiva de mais uma vez passar por perto

daquelas sugestivas bocas de cavernas, voltadas para o céu, onde o vento arrancava sons semelhantes a um hórrido silvo musical. Para agravar as coisas, avistamos sinais claros de névoa em torno de diversos cumes — os mesmos que o pobre Lake devia ter visto quando cometeu o erro inicial, pensando em vulcanismo — e lembramos, com calafrios, daquela névoa aparentada de que tínhamos acabado de escapar; dela e do abismo blasfemo, horrorífico, de onde provinham tais vapores.

Tudo estava bem no avião e desajeitadamente vestimos os pesados casacos de vôo. Danforth ligou o motor sem problemas e fizemos uma decolagem tranqüila sobre a cidade de pesadelo. Abaixo de nós, a ciclópica arquitetura primal se esparramava tal como da primeira vez que a tínhamos visto, e começamos a ganhar altura e dar voltas, experimentando o vento para atravessarmos o passo. A um nível muito alto devia estar ocorrendo grande turbulência, pois as nuvens de poeira glacial no zênite faziam toda sorte de coisas fantásticas; mas a 7.200 metros, a altitude de que necessitávamos para atravessar a garganta, a navegação não apresentava grandes óbices. Ao chegarmos perto dos picos, o estranho sibilo do vento tornou-se manifesto e pude ver as mãos de Danforth tremendo nos controles. Embora eu não passasse de amador, pensei naquele momento que talvez eu estivesse em melhores condições que ele para efetuar a perigosa passagem entre os pináculos; e quando fiz menção de mudar de lugar e assumir suas tarefas, ele não protestou. Tentei mobilizar toda minha perícia e fitei o setor de céu avermelhado entre as paredes do desfiladeiro — recusando-me resolutamente a atentar para as rajadas de vapor que vinham dos cumes e desejando haver selado os ouvidos com cera, tal como os marujos de Ulisses na costa da Sereia, a fim de afastar da consciência aqueles silvos inquietantes.

Danforth, no entanto, liberado da função de piloto e tomado de uma crise nervosa, não conseguia acalmar-se. Eu o sentia virando-se de um lado para outro, enquanto ele olhava para a cidade terrível, que ia ficando para trás; procurava com o olhar os picos cheios de cavernas e cubos, à frente; contemplava o mar pálido de contrafortes nevados e pontilhados de baluartes, dos lados; e se detinha no céu fervilhante, grotescamente nublado, no alto. Foi nesse momento, enquanto eu tentava transpor o desfiladeiro em segurança, que seu berro enlouquecido nos levou à beira do desastre, ao destruir o precário auto controle que eu

exercia sobre mim, e fazendo-me por um instante tatear sem objetivo certo nas maneies. Um segundo depois, minha resolução levou a melhor e concluímos a travessia com segurança. Entretanto, temo que Danforth nunca mais volte a ser o mesmo.

Já disse que Danforth recusou-se a me dizer qual foi o horror final que o fez gritar como demente — um horror que, infelizmente tenho certeza, está na origem de seu atual colapso nervoso. Conversamos por instantes, aos gritos, vencendo o silvo do vento e o ronco do motor, ao chegarmos ao lado seguro da cordilheira e começarmos a descer lentamente na direção do acampamento, mas essas frases tinham mais a ver com as promessas de segredo que tínhamos feito ao nos prepararmos para deixar a cidade de pesadelo. Certas coisas, havíamos concordado, não cabiam ser discutidas levianamente pelas pessoas — e eu não falaria delas agora não fora a necessidade de impedir a partida da expedição Starkweather-Moore, e de outras, a todo transe. É absolutamente necessário, para a paz e a segurança da humanidade, que alguns dos confins escuros e mortos da Terra e alguns de seus desvãos desconhecidos sejam deixados em paz — para que anormalidades adormecidas não despertem, para que pesadelos blasfemamente sobreviventes não deixem seus covis negros e busquem novas e maiores conquistas.

Tudo quanto Danforth algum dia insinuou foi que o horror final era uma miragem. Não era, diz ele, alguma coisa relacionada com os cubos e as cavernas daquelas ressoantes, vaporosas e esburacadas montanhas de loucura que transpusemos; mas um único vislumbre fantástico, demoníaco, entre as agitadas nuvens do zênite, do que jazia por trás daquelas outras montanhas, violáceas que os Antigos haviam evitado e temido. É bastante provável que a coisa não passasse de pura ilusão, nascida das tensões a que havíamos sido submetidos, e da miragem real, embora não reconhecida, da morta cidade transmontana, experimentada perto do acampamento de Late na véspera. No entanto, foi tão real que ela ainda persegue Danforth.

Em algumas raras ocasiões, ele já murmurou coisas desconexas e irresponsáveis sobre "o poço negro", "a borda esculpida", "os proto-Soggoths", "os sólidos compactos com cinco dimensões", "o cilindro inominável", "o Pharos antigo", "Yog-Sothoth", "a geléia branca primal", "a cor que caiu do espaço", "as asas", "os olhos na escuridão", "a escada

para a Lua", "o original, o eterno, o imorredouro" e outras extravagâncias; mas quando ele está em pleno domínio de si repudia tudo isso, que imputa ao fato de haver feito leituras curiosas e macabras em seus anos de formação. Sabe-se, com efeito, que Danforth é um dos poucos que se atreveram a ler de fio a pavio o exemplar, meio comido por bichos, do *Necronomicon,* guardado a sete chaves na biblioteca da universidade.

Ao atravessarmos a cordilheira, o céu estava decerto vaporoso e muito agitado; e embora eu não tenha visto o zênite, bem posso imaginar que os torvelinhos de poeira de gelo possam ter assumido formas estranhas. Sabendo até que ponto cenas distantes podem ser vividamente refletidas, refratadas e ampliadas por tais camadas de nuvens inquietas, digo que a imaginação poderia ter facilmente proporcionando o resto... e, naturalmente, Danforth não fez alusão a esses horrores específicos senão depois que sua memória teve tempo de buscá-los em leituras antigas. Ele jamais poderia ter visto tanto em um único olhar instantâneo.

Naquele momento, seus gritos se limitaram à repetição de uma palavra única, louca, cuja fonte era óbvia: *"Tekeli-li! Tekeli-li!"*



O Depoimento de Randolph Carter

REPITO-VOS, CAVALHEIROS, que vosso interrogatório é inútil. Detende-me aqui para sempre, se quiserdes; prendei-me ou executai-me se tendes necessidade de uma vítima para propiciar a ilusão a que chamais justiça. Não posso porém, dizer mais do que já disse. Contei-vos, com toda a sinceridade, tudo de que me lembro. Nada foi distorcido ou escamoteado, e se alguma coisa permanecer vaga, é apenas devido à nuvem escura que caiu sobre meu espírito - essa nuvem e a natureza nebulosa dos horrores que a fizeram abater-se sobre mim.

Digo mais uma vez: não sei do que foi feito de Harley Warren, embora pense - quaserezo para isso - que ele está em oblivio pacífico, se é que existe, em algum lugar, coisa tão bem aventurada. É verdade que por cinco anos fui seu melhor amigo e que, em parte compartilhei de suas terríveis pesquisas sobre o desconhecido. Não negarei, conquanto minha memória esteja insegura e vaga, que essa vossa testemunha nos possa ter visto juntos, na estrada de Gainsville, caminhando na direção do Pântano do Cipreste Grande às onze e meia daquela noite tenebrosa. Que levávamos lanternas elétricas, pás e um curioso rolo de fio, a que se prendiam certos instrumentos, eu mesmo me disponho a afirmar, pois todas essas coisas desempenharam um papel importante naquela cena hedionda que continua gravada à fogo em minha memória abalada. Mas com relação ao que se seguiu e ao motivo pelo qual fui encontrado sozinho e aturdido na margem do pântano, na manhã seguinte, devo

insistir em que nada sei, salvo o que já vos narrei repetidamente. Dizei-me que nada existe no pântano ou em suas proximidades que pudesse constituir o cenário daquele episódio aterrador. Respondo que que eu nada sabia além do que vi. Visão ou pesadelo, pode ter sido - e visão ou pesadelo espero desesperadamente que tenha sido - mas, no entanto, é tudo o quanto minha mente reteu do que ocorreu naquelas horas chocantes depois que saímos da vista dos homens. E por que Harley Warren não voltou, somente ele ou seu espectro - ou alguma coisa inominável que não sei descrever - poderão dizer.

Como já tive ocasião de afirmar, eu conhecia bem, e de certa forma dividia, os estudos fantásticos de Harley Warren. De sua vasta coleção de livros estranhos e raros sobre temas interditos, li todos os escritos nas línguas que domino, contudo esses são poucos em comparação aos escritos em idiomas que desconheço. Na maioria, acredito, são em árabe; e o compêndio de demoníaca inspiração que acarretou a tragédia - o livro que levava no bolso ao abandonar o mundo - estava escrito em caracteres que jamais vi em parte alguma. Warren jamais se dispôs a me dizer o que havia naquele livro. Quanto à natureza de nossos estudos... precisarei repetir ainda uma vez que já não conservo deles plena compreensão? Parece-me até misericordioso que seja assim, pois eram estudos terríveis, que eu levava a cabo mais por relutante fascinação que por inclinação verdadeira. Warren sempre me dominou e às vezes eu o temia. Lembro-me como estremeci ante sua expressão facial na noite anterior ao fato hediondo, enquanto ele falava sem cessar de sua teoria - por que certos cadáveres nunca se decompõem mas permanecem Íntegros em suas tumbas por mil anos. No entanto, já não o temo mais, pois suspeito que ele conheceu horrores além do meu alcance. Agora temo por ele.

Mais uma vez repito: não tenho nenhuma lembrança clara de nosso intuito naquela noite. Decerto teria muito a ver com o livro que Warren levava consigo - aquele livro antigo, num alfabeto indecifrável e que lhe chegara da índia um mês antes - mas juro que não sei o que esperávamos encontrar. Vossa testemunha declara que nos viu às onze e meia na estrada de Gainsville, seguindo na direção do Pântano do Cipreste Grande. É provável que isso seja verdade, mas não me lembro com nitidez. A imagem cauterizada em minha alma é apenas de uma

cena, e deve ter sido bem depois da meia noite, pois via-se uma pálida lua crescente no céu vaporoso.

O lugar era um cemitério antigo. Tão antigo que eu me sobressaltava ante os inúmeros indícios de anos imemoriais. Era numa depressão profunda e úmida, coberta de mato alto, musgo e curiosas ervas rasteiras, envolvido por um vago fedorque minha fantasia ociosa associava absurdamente a pedras putrefatas. Por toda a parte havia sinais de abandono e decrepitude e eu parecia perseguido pela idéia de Warren: nós éramos as primeiras criaturas vivas a invadir um silêncio letal de séculos. Sobre a borda do vale, uma lua crescente, lânguida e enlanguescente, espreitava através dos vapores repulsivos que pareciam emanar de catacumbas ignotas, e seus raios débeis e bruxuleantes faziam-me discernir um aglomerado repelente de lápides, urnas, cenotáfios e mausoléus, todos esboroantes, cobertos de musgo e manchados de umidade, e em parte ocultos pela luxuriância obscena da vegetação insalubre.

A primeira impressão vivida que tenho de minha própria presença nessa necrópole terrível refere-se ao ato de deter-me com Warren diante de um certo sepulcro semi obliterado e de arrojar em seu interior certos fardos que, aparentemente estiváramos carregando. Notei então que trazia comigo uma lanterna elétrica e duas pás, ao passo que meu companheiro portava uma lanterna semelhante e um aparelho telefônico portátil. Não se disse qualquer palavra, pois o local e a missão pareciam-nos conhecidos. E sem delongas tomamos das pás e começamos a afastar as ervas, agrama e a terra da cova rasa e arcaica. Após expormos toda a sua superfície, que consistia em três imensas lages de granito, recuamos alguns passos para examinar o ossuário. Warren parecia estar fazendo alguns cálculos mentais. Depois voltou ao sepulcro e, usando a pá como alavanca, tentou erguer a laje que ficava mais próxima de uma ruína de pedra e que pode ter sido outrora um monumento. Não conseguindo seu intento, fez un gesto para que eu o auxiliasse. Por fim, nossos esforços combinados fizeram com que a pedra se soltasse. Levantamo-la e a arredamos do lugar.

Com a remoção da laje, ficou à vista uma abertura negra, da qual irrompeu um efluxo de gases miasmáticos, tão nauseantes que saltamos para trás, tomados de horror. Após um intervalo, entretanto,

aproximamo-nos novamente da cova e achamos as exalações menos intoleráveis. Nossas lanternas revelaram o alto de um lance de degraus, dos quais gotejava um licor repugnante e que eram delimitados por paredes úmidas recobertas de bolor. E agora, pela primeira vez minha memória registra emissão de palavras. Warran falava-me longamente, em sua cálida voz de tenor, uma voz singularmente incólume ao ambiente lúgubre.

"Peço perdão por pedir-te que permaneças na superfície", disse ele, "mas seria criminoso permitir que alguém de nervos tão frágeis descesse até lá. Não podes imaginar, mesmo pelo que leste e pelo que eu te disse, as coisas que terei de ler e de fazer. Trata-se de um trabalho diabólico, Carter , e duvido que algum homem que não tenha a sensibilidade empedernida pudesse ver aquelas coisas e voltar vivo e são. Não é desejo ofender-te e Deus sabe o quanto eu gostaria de levar-te comigo. Mas de certa forma a responsabilidade é minha e eu não seria capaz de arrastar um feixe de nervos como tu à morte ou à loucura quase certa. Digo-te, não podes imaginar o que seja realmente a coisa! Mas prometomanter-te informadode cada passo meu pelo telefone - vês que disponho de fio suficiente para chegar ao centro da terra e voltar!"

Ainda ressoam em minha memória essas palavras, pronunciadas tranqüilamente. E ainda me recordo de meus protestos. Eu parecia desesperadamente ansioso por acompanhar meu amigo para aquelas profundezas sepulcrais, mas ele se mostrava de uma obtinação inflexível. A certo momento, ameaçou abandonar a expedição caso eu insistisse. A ameaça tinha peso, pois só ele possuía a chave do que procurávamos. De tudo isso ainda me lembro, muito embora já não saiba que espécie de coisa buscávamos. Depois de haver obtido minha relutante aquiescência a seu plano, Warren pegou o rolo de fio e ajustou seus instrumentos. A um gesto seu, peguei um destes e sentei-me numa lápide vetusta e descolorida, junto da abertura recém-exposta. Depois ele apertou-me a mão, sobraçou o rolo de fio e desapareceu naquele indescritível ossuário.

Durante um minuto ainda percebi o brilho da lanterna e escutei o roçagar do fio, enquanto Warren o estendia pelo chão; mas o brilho da luz sumiu repentinamente, como se ele houvesse dobrado uma esquina na escada de pedra e quase ao mesmo tempo o som cessou igualmente. Eu estava só, porém ligado às profundezas desconhecidas

por aqueles cordéis mágicos cuja superfície isolada verdejava sobre os raios esforçados do exangue quarto-crescente.

A cada momento eu consultava o relógio, à luz da lanterna elétrica e, tomado de ansiedade febril, procurava ouvir alguma coisa no receptor do telefone. Entretanto, durante mais de um quarto de hora nada ouvi. Então o instrumento emitiu um estalido e eu chamei meu amigo com voz tensa. Por apreensivo que me sentisse, eu não estava preparado entretanto para as palavras que subiram daquela cova hedionda, em tons mais alarmados e hesitantes do que eu já havia escutado de Harley Warren. Ele, que se despedira de mim com tamanha calma havia pouco, agora me chamava lá de baixo num sussurro titubeante, mais pressago que um grito sonoríssimo:

"Meu Deus! Se pudesse ver o que estou vendo!"

Não pude Responder. Mudo, só fiz esperar. Ouvi novamente as palavras agitadas:

Carter, é terrível... monstruoso... inacreditável!"

Dessa vez a voz não me faltou e despejei no aparelho um jorro de indagações excitadas. Aterrorizado, não cessava de repetir:"Warren, o que foi? O que foi?"

Mais uma vez escutei a voz de meu amigo, ainda repassada de medo e agora aparentemente impregnada de desespero:

"Não posso dizer-te, Carter! É demasiado incrível... não ouso contar... nenhum homem poderia saber e sobreviver... Santo Deus! Jamais sonhei com isso!"

Voltou o silêncio, apenas quebrado pela torrente de perguntas sobressaltadas que eu fazia. Ouvi então novamente a voz de Warren, num tom de delirante consternação:

"Carter! Pelo amor de Deus, repõe a Laje no lugar e sai disso se puderes! Deixa tudo mais e corre... é tua última oportunidade! Faz o que eu digo e não peça explicações!"

Eu escutava, mas só conseguia repetir minhas perguntas frenéticas. Em meu redor estavam as tumbas, a escuridão e as sombras; abaixo de mim, algum perigo que sobrepujava o alcance da imaginação humana.

Mas meu amigo corria mais perigo que eu e sobre meu medo passou um vago ressentimento de que ele me julgasse capaz de abandoná-lo em tal situação. Novos estalidos e após uma pausa, ouvi o grito angustiado de Carter:

"Te manda! Pelo amor de Deus, põe a laje no lugar e te manda, Carter!"

Alguma coisa na gíria juvenil de meu companheiro, evidentemente transtornado, liberou minhas faculdades. Formei e gritei uma resolução, "Warren, agüenta! Vou descer!" No entanto, diante dessa proposta o tom de meu interlocutor transformou-se num grito de completo desespero:

"Não! Não compreendes! É tarde demais... e por minha própria culpa. Põe a laje no lugar e corre... não há mais nada que tu ou outra pessoa possa fazer!"

Seu tom de voz mudou novamente, adquirindo dessa vez mais suavidade, como que traduzindo resignação sem esperança. Contudo, para mim ele permanecia tenso de ansiedade.

"Depressa... antes que seja tarde demais!"

Tentei não lhe dar ouvidos. Tentei quebrar a paralisia que me detinha e cumprir minhs promessa de descer para ajudá-lo. Seu próximo murmúrio, todavia, ainda me encontrou inerte, preso de puro horror.

"Carter... corre! Não adianta... tens de ir... antes um que dois... a laje..."

Uma pausa, mais estalidos, e depois a voz débil de Warren:

"Quase acabado agora... não dificultes ainda mais... cobre esses degraus malditos e foge para salvar a vida... estás perdendo tempo... adeus, Carter... não voltarei a ver-te."

Nesse ponto, o murmúrio de Warren converteu-se em grito, um grito que aos poucos se transmudou em uivo, carregado de todo o horror das eras...

"Malditas coisas infernais... legiões... meu Deus! Te manda! Te manda! TE MANDAAAAAÜ!

"Depois disso, caiu o silêncio. Ignoro por quantos éons permaneci sentado ali, estupefato. Sussurrando, murmurando, gritando, berrando naquele telefone. Vezes sem conta, no transcurso daqueles éons, sussurrei, murmurei, chamei, gritei e berrei "Warrren! Warren; Responde... estás aí?

Foi então que sobreveio o cúmulo do horror... a cois ainacreditável, inimaginável, quase impronunciável. Já disse que foi como se passassem éons depois de Warren emitir sua derradeira advertência desesperada, e que apenas meus gritos quebravam agora o silêncio horrífico. Contudo depois de algum tempo houve um novo estalido no telefone e eu apurei os ouvidos. Mais uma vez chamei: "Warren estás aí?, e como resposta ouvi aquilo que lançou essa nuvem sobre minha alma. Não tento, senhores, explicar aquilo... aquela voz... nem posso abalançar-me a descrevê-la em minúcia, uma vez que as palavras iniciais roubaram minha consciência e criaram um vazio mental que se estende ao momento em que despertei no Hospital. Direi que a voz era profunda? Cava? Gelatinosa? Remota? Sobrenatural? Inumana? Desencarnada? Que direi? Ela marcou o fim de minha experiência e é o fim de minha história. Eu a escutei, e de nada mais tomei conhecimento... escutei-a enquanto permanecia sentado, petrificado naquele cemitério desconhecido do vale, em meio às pedras carcomidas e aos túmulos em ruínas, junto à vegetação pútrida e aos vapores miasmáticos... escutei-a subindo das profundezas mais absconsas daquele maldito sepulcro aberto, enquanto assistia à dança de sombras amorfas, necrófagas, à luz mortiça de uma lua exangue.

E o que ela disse foi:

"IDIOTA, WARREN ESTÁ MORTO!"



O Horror de Dunwich

Górgonas, Hidras e Quimeras — horrendas histórias de Celainó e das Hárpias — podem-se reproduzir no âmago das superstições — mas já estavam lá antes. São transcrições, tipos — os arquétipos estão dentro de nós, eternos. Do contrário, como poderia afetar-nos a narração daquilo que sabemos ser falso quando lúcidos? Será que naturalmente concebemos o terror a partir de tais objetos, considerados em sua capacidade de nos causar danos físicos? Ora, não se trata disso! Esses terrores são de tempos mais antigos. Datam do além-corpo — ou, sem o corpo, teriam sido os mesmos... Que o tipo de medo aqui tratado é puramente espiritual — que é forte em proporção a sua falta de objetivo na Terra, que predomina no período de nossa infância inocente — são dificuldades cuja solução pode proporcionar alguma provável introvisão de nossa condição ante-mundana e, pelo menos, um vislumbre da zona de sombras da préexistência.

- CHARLES LAMB: *Witches and other night-fears* (Bruxas e outros temores-noturnos)

1

QUANDO ALGUÉM QUE viaja pelo centro-norte de Massachussets pega o caminho errado no cruzamento da rodovia de Aylesbury logo após passar por Dean's Corners, depara-se com uma região isolada e curiosa. O relevo torna-se mais montanhoso e os paredões de pedras cobertos por roseiras-bravas estreitam cada vez mais a estrada sinuosa e poeirenta. As árvores das numerosas matas parecem grandes demais, e as ervas daninhas, as amoreiras silvestres e o capim atingem uma exuberância raramente encontrada em regiões povoadas. Ao mesmo tempo, há poucos e improdutivos campos cultivados e somente algumas

casas esparsas, que se revestem de um surpreendente aspecto uniforme de antigüidade, imundície e ruína. Sem saber por que, hesitamos em pedir informações às enrugadas e solitárias figuras entrevistas, uma vez ou outra, nas soleiras das portas caindo aos pedaços ou nas campinas em declive cobertas de pedras. Essas figuras são tão silenciosas e furtivas que temos uma certa sensação de estarmos confrontando-nos com coisas proibidas, com as quais seria melhor não termos a menor ligação. Quando um aclive na estrada traz à vista as montanhas por sobre a mata densa, aumenta a sensação de estranha inquietude. Os cumes são arredondados e simétricos demais para suscitar conforto e naturalidade, e, às vezes, o céu delineia com especial clareza os bizarros círculos de altos pilares de pedra com os quais a maioria deles é coroada.

Desfiladeiros e ravinas de uma profundidade extraordinária interceptam o caminho, e as grosseiras pontes de madeira não inspiram muita segurança. Na próxima descida da estrada, há trechos pantanosos que, instintivamente, causam repulsa e até certo medo quando, ao entardecer, chilram curiangos escondidos e os vaga-lumes surgem numa profusão anormal para dançar ao ritmo insistente do coaxo roufenho, horripilante e estridente das rãs-touros-gigantes. O curso estreito e brilhante das áreas mais altas do rio Miskatonic sugere uma estranha semelhança com uma serpente ao enredar-se próximo às bases das colinas arredondadas entre as quais nasce.

Conforme as colinas vão ficando mais próximas, prestamos mais atenção às suas encostas arborizadas que aos topos coroados de pedras. Essas encostas assomam-se tão obscuras e íngremes que desejaríamos que se mantivessem afastadas, mas não há outra estrada por onde possamos evitá-las. Do outro lado de uma ponte coberta, vemos um pequeno povoado comprimido entre o riacho e a ladeira vertical da Montanha Redonda e imaginamos que o conjunto de apodrecidos telhados à holandesa revelam um período arquitetônico mais antigo que o da região vizinha. Não é nada animador, observando mais atentamente, que a maioria das casas estão abandonadas e caindo aos pedaços e que a igreja, com o campanário quebrado, abriga agora o único e desmazelado estabelecimento comercial da aldeia. Apavoramo-nos ao ter que passar pelo tenebroso túnel da ponte, contudo não há como evitá-lo. Uma vez transposto, não é raro sentirmos um leve e maligno odor na rua do

povoado, que acumula o mofo e a decadência de séculos. É sempre um alívio sair desse lugar e seguir pela estrada estreita que circunda a base das colinas e cruza a planície até se unir novamente à rodovia de Aylesbury. Depois de algum tempo, às vezes nos damos conta de que passamos por Dunwich.

Pessoas de fora visitam Dunwich com muito pouca freqüência, e, desde uma certa temporada de horror, todas as placas que indicavam sua direção foram retiradas. O cenário, julgado por qualquer cânon estético comum, excede em beleza, e, no entanto, não há afluência de artistas nem de turistas de verão. Há dois séculos, quando ninguém ria ao se falar de bruxaria, adoração de Satanás e presenças estranhas nas florestas, era de costume explicar a razão de se estar evitando a localidade. Em nossa era racional —desde que o horror de Dunwich de 1928 foi silenciado por aqueles que se sensibilizaram pelo bem-estar da cidade e do mundo— as pessoas afastam-se dela sem saber exatamente por quê. Talvez isso se deva ao fato — embora não possa ser aplicado a estranhos desavisados — de que os habitantes locais estejam agora numa fase de decadência repugnante e muito superior aquele nível de atraso tão comum nos confins da Nova Inglaterra. Eles acabaram por formar uma raça própria, com características mentais e físicas bem definidas de degeneração e endogamia. Sua inteligência média é lamentavelmente baixa, ao mesmo tempo que seus anais exalam a podridão de uma imoralidade patente e de assassinatos, incestos e atos de quase inominável violência e perversidade mais ou menos encobertos. A velha aristocracia, representada pelas duas ou três famílias nobres que vieram de Salem em 1692, mantiveram-se um pouco acima do nível geral de decadência; embora muitos ramos misturaram-se tão profundamente à massa sórdida que somente seus nomes permanecem como um indicativo da origem que desonram. Alguns dos Whateley e Bishop ainda mandam seus filhos mais velhos para Harvard e Miskatonic, embora estes raramente retornem aos arruinados telhados à holandesa sob os quais eles e seus ancestrais nasceram.

Ninguém, nem mesmo aqueles que conhecem os fatos relacionados ao recente horror, podem dizer com clareza o que há de errado com Dunwich, embora velhas lendas falem de ritos profanos e conclaves de índios, nos quais eram invocadas formas proibidas de sombra que saíam das grandes colinas arredondadas, e eram feitas preces

orgiásticas respondidas por altas crepitações e estrondos provenientes do solo abaixo. Em 1747, o Reverendo Abijah Hoadley, recém-chegado à Igreja Congregacional do Povoado de Dunwich, pregou um sermão memorável sobre a presença próxima de Satanás e seus diabretes, no qual disse:

Não se pode negar que essas Blasfêmias de um infernal Cortejo de Demônios são assuntos de Conhecimento muito comum para serem negadas; as vozes amaldiçoadas de *Azazel* e *Buzrael,* de *Belzebu* e *Belial* que provêem do subsolo, foram ouvidas por mais de Vinte Testemunhas confiáveis e que ainda estão vivas. Eu mesmo, menos de Duas Semanas atrás, ouvi um Discurso muito claro de Forças malignas na Colina atrás da minha casa; onde havia uma Algazarra e Agitação, uns Gemidos, Berros e Silvos, que nenhuma Coisa desta Terra poderia provocar e que, com certeza, vinham daquelas Cavernas, que somente a Magia Negra pode descobrir e somente o Diabo revelar.

O Sr. Hoadley desapareceu logo após proferir esse sermão, mas o texto, impresso em Springfield, ainda existe. Ruídos nas colinas continuaram a ser relatados ano a ano e ainda formam um quebra-cabeças para geólogos e fisiógrafos.

Outras tradições falam de fétidos odores perto dos círculos de pilares de pedras que coroam as colinas e de presenças etéreas impetuosas, que são ouvidas debilmente a certas horas e em pontos fixos na base das grandes ravinas, enquanto ainda outras tentam explicar o Campo do Demo — uma encosta árida e amaldiçoada onde não cresce nenhuma árvore, arbusto ou capim. Além disso, os habitantes locais têm um medo mortal dos numerosos curiangos que cantam mais alto nas noites quentes. Juram que os pássaros são psicopompos à espera das almas dos moribundos e que emitem seus gritos sinistros em uníssono com a respiração ofegante do sofredor. Se conseguem agarrar a alma fugitiva quando deixa o corpo, eles rapidamente se alvoroçam chilreando numa risada demoníaca, mas, se falham, caem pouco a pouco num silêncio desapontado.

É claro que essas histórias são obsoletas e ridículas, pois são transmitidas desde tempos muito antigos. Dunwich é, de fato, um povoado absurdamente velho — bem mais velho do que qualquer uma das comunidades num raio de 50 quilômetros. Ao sul, podemos avistar as paredes do porão e a chaminé da antiga casa dos Bishop, que foi construída antes de 1700, ao passo que as ruínas do moinho da cachoeira,

construído em 1806, constituem-se na peça arquitetônica mais moderna visível. A indústria não floreceu em Dunwich, e o movimento fabril do século XIX não resistiu muito tempo. Mais velhos de todos são as grandes circunferências de colunas de pedra desbastadas dos topos das colinas, mas elas são mais atribuídas aos índios que aos colonizadores. Depósitos de caveiras e ossos, encontrados dentro desses círculos e ao redor da enorme pedra em forma de mesa na Colina Sentinela, sustentam a crença popular de que tais locais já foram cemitérios dos Pocumtucks; ainda que muitos etnólogos, menosprezando a absurda improbabilidade de tal teoria, persistem acreditando tratar-se de restos caucásicos.

2

Foi no distrito de Dunwich, numa grande e em parte desabitada sede de um sítio localizada na encosta de uma colina a cerca de seis quilômetros e meio do povoado e dois quilômetros e meio de qualquer outra residência, onde nasceu Wilbur Whateley, às 5 horas da manhã do domingo, dia dois de fevereiro de 1913. Essa data era relembrada porque era o dia de Nossa Senhora da Candelária, que os habitantes de Dunwich curiosamente celebram com outro nome, e porque foram ouvidos os ruídos nas colinas e todos os cães das redondezas latiram persistentemente durante toda a noite anterior. Menos digno de nota era o fato de que a mãe fazia parte do ramo decadente dos Whateley, uma mulher albina de 35 anos um tanto deformada e nada atraente, que morava com um pai idoso e meio louco de quem, em sua juventude, correram rumores sobre as mais assustadoras histórias de bruxarias. Lavinia Whateley não tinha marido conhecido, mas, de acordo com o costume da região, não fez nenhuma tentativa de rejeitar a criança; no que diz respeito ao outro lado da linhagem, os camponeses puderam especular, e assim o fizeram de todas as maneiras cabíveis. A mãe, pelo contrário, parecia estranhamente orgulhosa dessa criança escura e semelhante a um bode, que contrastava muito com seu doentio albinismo de olhos cor-de-rosa, e costumava sussurrar muitas profecias curiosas sobre seus puderes incomuns e seu futuro brilhante.

Lavinia era bem capaz de mencionar tais coisas, já que era uma criatura solitária e dada a vagar em meio a tempestades nas colinas, tentando ler os grandes livros malcheirosos que seu pai herdara através de dois séculos de existência dos Whateley e que estavam-se desmantelando

com o tempo e com os buracos de traça. Nunca fora à escola, mas se alimentava de fragmentos desconexos de sabedoria antiga que o Velho Whateley lhe havia ensinado. A remota sede sempre fora temida devido à reputação do Velho Whateley de ser praticante de magia negra, e a inexplicada morte violenta da Sra. Whateley, quando Lavinia tinha doze anos, não havia ajudado a tornar o local popular. Isolada em meio a estranhas influências, Lavinia apreciava os devaneios selvagens e grandiosos e as ocupações singulares; em seu tempo livre, não se dedicava muito aos cuidados da casa, de onde todos os padrões de ordem e limpeza haviam desaparecido há muito tempo.

Houve um grito horrível que ecoou até por sobre os ruídos das colinas e os latidos dos cães na noite em que Wilbur nasceu, mas nenhum médico ou parteira conhecidos fizeram seu parto. Os vizinhos não sabiam nada dele até uma semana depois, quando o Velho Whateley conduziu seu trenó pela neve até o Povoado de Dunwich e disse umas palavras incoerentes para o pessoal da venda do Osborn. Parecia haver uma mudança no velho — um novo elemento de dissimulação em seu cérebro enevoado que subitamente o transformou de objeto em sujeito do medo — embora não costumasse ser perturbado por nenhum acontecimento familiar corriqueiro. Em meio a tudo isso, mostrou um certo orgulho, que pôde também ser notado em sua filha posteriormente, e o que ele disse sobre a paternidade da criança foi lembrado anos depois por muitos daqueles que o ouviram.

— Num quero sabê o que o povo fala; se o fio da Lavinny paricesse com o pai, não ia parecê com nada conhecido. Oceis acha que só tem gente iguar que a gente daqui. A Lavinny já leu e viu umas coisa que a maioria d'oceis só sabe falá. Eu acho que o home dela é dos mió qu'oceis pode encontrá desse lado de Aylesbury; e se oceis conhecesse das montanha como eu, num ia pedi mió casamento na igreja do que o dela. Vô falá uma coisa pr'oceis — *um dia oceis vai ouvi um fio da Lavinny chamá o nome do pai no ar to da Colina Sentinela!*

As únicas pessoas que viram Wilbur durante o primeiro mês de sua vida foram o velho Zechariah Whateley, dos Whateley não decadentes, e Mamie Bishop, a companheira de Earl Sawyer. A visita de Mamie foi mesmo por curiosidade, e as histórias contadas por ela depois fizeram justiça a suas observações; mas foi então que Zechariah levou duas vacas

leiteiras da raça Alderney que o Velho Whateley havia comprado de seu filho Curtis. Isso marcou o começo de uma seqüência de compras de gado da parte da família do pequeno Wilbur que só terminou em 1928, ano em que se deu o horror de Dunwich; no entanto, o estábulo em ruínas dos Whateley em nenhum momento pareceu estar superlotado de gado. Houve uma época em que as pessoas ficaram curiosas a ponto de subir às escondidas para contar o rebanho, que pastava precariamente na encosta íngreme acima da velha sede, mas nunca conseguiram encontrar mais do que dez ou doze animais anêmicos e exangues. Era evidente que alguma praga ou doença, talvez disseminada através da pastagem insalubre ou do madeiramento e dos fungos contaminados do estábulo imundo, estava causando um alto índice de mortalidade no gado do Whateley. Feridas ou chagas esquisitas, algo semelhantes a incisões, pareciam afligir o gado que se encontrava à vista; e uma ou duas vezes, durante os primeiros meses de vida do menino, alguns visitantes sugeriram ter reconhecido chagas similares nos pescoços do velho grisalho barbado e de sua desleixada filha albina de cabelo crespo.

Na primavera após o nascimento de Wilbur, Lavinia retomou suas costumeiras perambulações pelas colinas, carregando em seus braços desproporcionais a criança morena. O interesse popular pelos Whateley diminuiu depois que a maioria dos camponeses já havia visto o bebê, e ninguém se preocupou em comentar sobre o acelerado desenvolvimento que aquele recém-nascido parecia exibir todos os dias. O crescimento de Wilbur era de fato impressionante, visto que, num prazo de três meses de seu nascimento, havia atingido um tamanho e força muscular incomuns para crianças com menos de um ano completo. Seus movimentos e até mesmo seus sons vocais mostravam prudência e decisão muito peculiares para uma criança, e ninguém estranhou quando, aos sete meses, começou a andar sem ajuda, com pequenos tropeços que desapareceriam no próximo mês.

Pouco tempo depois — no Halloween — uma grande fogueira foi vista à meia-noite no cume da Colina Sentinela, onde está a velha pedra em forma de mesa entre seu túmulo de ossos antigos. Surgiram muitos comentários quando Silas Bishop — dos Bishop não decadentes — mencionou ter visto o menino subindo correndo com muita rapidez a montanha à frente de sua mãe cerca de uma hora antes de as chamas

serem notadas. Silas estava arrebanhando uma novilha desgarrada, mas quase esqueceu sua missão quando avistou, de relance, a presença das duas figuras iluminadas parcialmente por sua lanterna. Elas dispararam a correr pelo mato rasteiro quase sem fazer barulho, e o pasmado observador parecia acreditar que estavam inteiramente nuas. Mais tarde, já não podia ter certeza com respeito ao menino, que poderia estar vestido com um tipo de cinto de franjas e com uma bermuda ou calças escuras. Wilbur nunca mais foi visto, vivo e consciente, sem um traje completo e muito bem abotoado, pois o desalinho ou iminente desalinho deste sempre parecia enfurecê-lo e alarmá-lo. Seu contraste com a esquálida mãe e o avô a este respeito era um fato muito observado até que o horror de 1928 sugeriu a mais válida das razões.

No mês de janeiro seguinte, houve apenas alguns boatos sobre o fato de que "o moleque negro da Lavinny" havia começado a falar com somente onze meses. Seu modo de falar era algo notável tanto por ser diferente do sotaque comum à região quanto por não apresentar aquele balbucio infantil de que muitas crianças de três ou quatro anos podem muito bem se orgulhar. O menino não era falador, entretanto, quando falava, parecia expressar algum elemento indefinível e totalmente alheio a Dunwich e seus habitantes. A estranheza não estava no que ele dizia, ou nas simples expressões que ele usava, mas parecia vagamente ligada a sua entonação ou aos órgãos internos que produziam os sons pronunciados. Também seu aspecto facial era notável pela maturidade; embora apresentasse a mesma ausência de queixo da mãe e do avô, seu nariz firme e precocemente modelado, aliado à expressão dos grandes, escuros e quase latinos olhos, davam-lhe um certo ar adulto e uma inteligência fora do comum. Era, contudo, extremamente feio apesar de sua aparência brilhante; havia algo quase caprino ou animalesco em seus lábios grossos, na pele amarelada e de poros grandes, nos cabelos crespos e grossos e nas orelhas estranhamente alongadas. Logo, tornou-se decididamente ainda menos apreciado do que sua mãe e seu avô, e todas as suposições sobre ele eram pinceladas com referências à antiga magia do Velho Whateley e a como as colinas certa vez tremeram quando ele gritou o terrível nome de *Yog-Sothoth* no meio de um círculo de pedras segurando um enorme livro aberto a sua frente. Os cães detestavam o menino, e ele era sempre obrigado a tomar várias medidas defensivas contra seus latidos ameaçadores.

3

Nesse ínterim, o Velho Whateley continuou a comprar gado sem que se percebesse qualquer aumento em seu rebanho. Ele também cortou madeira e começou a consertar as partes sem uso de sua casa — uma construção espaçosa, de telhado pontiagudo, cuja parte de trás estava inteiramente encravada na ladeira rochosa da colina, e cujos três cômodos térreos menos arruinados haviam sempre sido suficientes para ele e sua filha. O velho devia ainda ser muito forte para conseguir realizar tanto trabalho pesado; e, embora ainda balbuciasse coisas de modo demente algumas vezes, sua carpintaria parecia demonstrar resultados de cálculos precisos. Ele começou as obras assim que Wilbur nasceu, pondo logo um dos muitos barracões de ferramentas em ordem, revestindo-o com ripas e equipando-o com uma fechadura nova e resistente. No que se refere à reforma da abandonada parte de cima da casa, foi um artífice não menos cuidadoso. Sua obsessão mostrava-se somente em seu preciso fechamento com madeira de todas as janelas da parte em reparos — embora muitos declarassem que era uma loucura incomodar-se com a reforma em geral. Menos inexplicáveis foram as instalações de outro quarto térreo para seu novo neto — um quarto que diversos visitantes viram, embora ninguém nunca fosse admitido na completamente fechada parte de cima. Nesse aposento, ele colocou estantes altas e firmes, nas quais começou a organizar, numa ordem aparentemente cuidadosa, todos os carcomidos livros antigos e partes de livros que até então ficavam amontoados desordenadamente pelos cantos dos vários cômodos.

— Eu usei um pouco eles — disse ao tentar remendar uma página rasgada, escrita em letra gótica, com cola preparada no enferrujado fogão da cozinha — mais o menino é que vai usá eles mais. É mió ele guardá eles direitim porque eles vai sê útir pr'ele aprendê.

Quando Wilbur tinha um ano e sete meses — em setembro de 1914 — seu tamanho e habilidades eram quase alarmantes. Tinha a estatura de uma criança de quatro anos e falava de modo fluente e com uma inteligência incrível. Corria livremente pelos campos e colinas e acompanhava sua mãe em todas as suas perambulações. Em casa, estudava cuidadosamente as esquisitas figuras e gráficos dos livros de seu avô, enquanto o Velho Whateley instruía-o e catequisava-o por longas e silenciosas tardes. Nessa época, a reforma da casa havia terminado, e

aqueles que a observavam ficavam imaginando por que uma das janelas superiores havia sido transformada numa sólida porta de madeira. Era uma janela na parte de trás da empena do lado leste, encostada na colina; e ninguém podia imaginar por que uma rampa de madeira foi construída desde o chão e presa nela. Por volta do período de término dessa obra, as pessoas notaram que a velha casa das ferramentas, hermeticamente fechada e com as janelas revestidas por ripas de madeira desde o nascimento de Wilbur, havia sido abandonada de novo. A porta ficava descuidadamente aberta e, assim que Earl Sawyer entrou ali depois de uma visita para a venda de gado ao Velho Whateley, ficou um tanto perturbado com o odor singular com o qual se deparou — esse mau cheiro, afirmou, que ele nunca havia sentido antes em toda a sua vida, exceto perto dos círculos indígenas nas colinas, e que não poderia provir de nada são ou desta Terra. Mas até aí, os lares e barracões do povo de Dunwich nunca foram notáveis pela imaculabilidade olfativa.

Nos meses seguintes, não houve nenhum acontecimento digno de nota, com exceção de que todos constataram um lento mas constante aumento nos misteriosos ruídos nas colinas. Na Véspera de Maio de 1915, houve tremores que até mesmo os moradores de Aylesbury sentiram, enquanto que o Halloween daquele ano produziu um estrondo no subsolo, sincronizado, de forma bizarra, com rajadas de chamas — "é as bruxaria dos Whateley" — provenientes do cume da Colina Sentinela. O modo como Wilbur crescia era tão estranho que parecia um menino de dez anos quando acabara de completar três. Lia sozinho e sem nenhuma dificuldade; mas falava muito menos que antes. Uma taciturnidade profunda estava absorvendo-o, e, pela primeira vez, as pessoas começaram a falar especificamente de um certo semblante de maldade em seu rosto caprino. Às vezes, balbuciava em uma linguagem desconhecida e cantava em ritmos bizarros que assustavam o ouvinte, provocando-lhe uma sensação de inexplicável terror. A aversão dos cães por ele tornara-se então assunto para extensos comentários, e ele era obrigado a carregar uma pistola para atravessar o campo em segurança. Os usos ocasionais da arma não aumentaram sua popularidade entre os donos de cães de guarda.

Os poucos que visitavam a casa encontravam Lavinia freqüentemente sozinha no térreo, enquanto gritos estranhos e passos ressoavam na lacrada parte de cima. Ela nunca contava o que seu pai e o

menino faziam lá em cima, embora uma vez tenha empalidecido e ficado muito apavorada quando um vendedor de peixe brincalhão tentou abrir a porta trancada que dava para a escada. Aquele mascate contou ao pessoal da venda no Povoado de Dunwich que pensou ter ouvido pisadas de cavalo naquele piso de cima. Eles refletiram, pensando na porta, na rampa e no gado que desapareceu tão repentinamente, estremecendo ao se lembrar das histórias de quando Whateley era jovem e das estranhas coisas que são chamadas para fora da Terra quando um novilho é sacrificado no momento oportuno para certos deuses pagãos. Durante um determinado tempo, notou-se que os cães haviam começado a detestar e temer toda a propriedade dos Whateley tão violentamente quanto detestavam e temiam o jovem Wilbur em pessoa.

Em 1917 chegou a guerra, e o grande proprietário de terras Sawyer Whateley, na condição de presidente da junta de recrutamento local, havia tido muito trabalho para encontrar uma quota de jovens de Dunwich aptos até mesmo para serem mandados para o serviço militar. O governo, alarmado com tais sinais de uma decadência regional completa, enviou vários oficiais e peritos médicos para investigar, conduzindo uma pesquisa que os leitores dos jornais da Nova Inglaterra ainda recordam. Foi a publicidade dedicada a essa investigação que colocou repórteres no rastro dos Whateley e causou a publicação, no *Boston Globe* e *Arkham Advertiser,* de histórias dominicais sensacionalistas sobre a precocidade do jovem Wilbur, a magia negra do Velho Whateley, as estantes de livros antigos, o lacrado segundo piso da antiga sede e a singularidade de toda a região com seus ruídos nas colinas. Wilbur tinha quatro anos e meio então e parecia um rapaz de quinze. Seus lábios e bochechas estavam completamente cobertos com pelos ásperos e escuros e sua voz havia começado a mudar.

Earl Sawyer foi para a propriedade dos Whateley com o grupo de repórteres e fotógrafos e chamou sua atenção para o estranho mau cheiro que parecia provir da parte de cima lacrada. Ele afirmou que era exatamente igual a um cheiro que sentira no barracão de ferramentas abandonado quando a reforma havia finalmente terminado e semelhante aos leves odores que, às vezes, parecia sentir perto do círculo de pedras nas montanhas. O povo de Dunwich leu as histórias quando foram publicadas e riu dos erros óbvios. Tentavam imaginar, também, por que os

escritores atinham-se tanto ao fato de que o Velho Whateley sempre pagava pelo gado com antiqüíssimas moedas de ouro. Os Whateley haviam recebido seus visitantes com uma aversão mal disfarçada, embora não tivessem ousado oferecer nenhuma forte resistência ou se recusado a falar, para evitar que se desse maior publicidade ao caso.

4

Durante uma década, os anais dos Whateley inseriram-se indistintamente na vida cotidiana de uma mórbida comunidade acostumada a seus estranhos modos, que eram fortalecidos com as orgias da Véspera de Maio e da Véspera de Todos os Santos. Duas vezes por ano, eles faziam fogueiras no cume da Colina Sentinela; nesses momentos, os estrondos das montanhas ressurgiam com uma violência cada vez maior, ao passo que, durante todo o ano, eram realizados atos estranhos e pressagiosos no solitário casarão. Com o tempo, os visitantes afirmaram ouvir sons na lacrada parte de cima mesmo quando toda a família estava embaixo, e eles ficaram imaginando o quão rápido ou demorado era, geralmente, o sacrifício de uma vaca ou novilha. Falou-se em dar queixa à Sociedade Protetora dos Animais, mas nunca nada foi feito, já que o povo de Dunwich não demonstra a menor vontade de chamar a atenção do mundo exterior para si.

Por volta de 1923, quando Wilbur era um menino de dez anos cuja mentalidade, voz, estatura e rosto barbado davam-lhe todas as impressões de maturidade, uma segunda grande febre de carpintaria começou na velha casa. As obras foram realizadas somente na parte de cima, e, pelos pedaços de madeira jogados, as pessoas concluíram que o jovem e seu avô haviam arrancado todas as repartições e até removido o sótão, deixando apenas um espaço vazio e aberto entre o térreo e o telhado pontiagudo. Haviam derrubado, também, a grande chaminé central e adaptado ao enferrujado fogão uma frágil chaminé de latão externa.

Na primavera após esse acontecimento, o Velho Whateley notou o número crescente de curiangos que saíam do Vale da Fonte Fria para gorjear embaixo de sua janela à noite. Parecia considerar essa circunstância como de grande importância e disse ao pessoal da venda do Osborn que achava que sua hora quase havia chegado.

— Eles pia bem juntim com a minha respiração agora — disse — e acho que eles tão se arrumano pra pegá meu esprito. Eles sabe que ele tá saíno e num qué perdê ele. Oceis vai sabê, gente, dispois que eu morrê se eles me pegô ô não. Se pegá, eles vai ficá cantano e rino até o dia nascê. Se num pegá, eles vai ficá bem quetim. Espero que eles e os esprito que eles caça tem umas briga danada de boa argum dia.

Na noite de 1° de agosto, comemoração da festa da colheita, de 1924, o Dr. Houghton de Aylesbury foi chamado com urgência por Wilbur Whateley, que galopou a toda pressa com seu último cavalo através da escuridão para telefonar da venda do Osborn no povoado. Ele encontrou o Velho Whateley em estado muito grave, com o coração acelerado e a respiração ofegante que indicavam um final bem próximo. A disforme filha albina e o neto com aquela barba esquisita puseram-se ao lado da cama, enquanto do abismo vazio acima vinha um inquietante som semelhante ao rítmico balanço ou marulho das ondas em alguma praia de águas calmas. O médico, contudo, estava mais incomodado com o chilrar dos pássaros noturnos do lado de fora; uma legião aparentemente ilimitada de curiangos que gritava sua mensagem infinita em repetições diabolicamente sincronizadas com a respiração entrecortada do moribundo. Era por demais incomum e anormal, pensou o Dr. Houghton, como toda aquela região que ele havia adentrado tão relutantemente em resposta ao urgente chamado.

Por volta da uma hora, o Velho Whateley recobrou a consciência e interrompeu sua respiração ofegante para balbuciar algumas palavras a seu neto.

—Mais espaço, Willy, mais espaço logo. Ocê cresce, mais ele cresce mais ligero. Vai tá pronto para servi ocê logo, menino. Abre os portão pra Yog-Soloth com aquela reza comprida que ocê vai encontrá na página 751 *da edição compreta,* e *intão* bota fogo na prisão. Fogo nenhum da Terra pode queimá ele.

Ele estava claramente alucinado. Depois de uma pausa, durante a qual o bando de curiangos lá fora sincronizou seus gritos com o andamento alterado da respiração do velho, ao mesmo tempo que alguns indícios dos estranhos ruídos nas colinas vieram de bem longe, ele pronunciou mais uma ou duas frases.

— Dá comida pr'ele sempre, Willy, e óia o tanto; mais não deixa ele crescê muito ligero pro lugá, porque se ele rebentá o lugá dele e saí antes d'ocê abri pro Yog-Sothoth, tá tudo acabado e num vai servi pra nada. Só eles lá de longe pode fazê ele se murtiplicá e trabaiá. . . . Só eles, os antigo que qué vortá. . . .

Mas as palavras deram lugar às palpitações de novo, e Lavinia gritou ao perceber a maneira como os curiangos acompanhavam a mudança. Por mais de uma hora nada mudou; então, finalmente, ouviu-se o último estertor do moribundo. O Dr. Houghton cobriu os vitrificados olhos cinzas com as pálpebras enrugadas ao mesmo tempo que o tumulto de pássaros silenciava-se imperceptivelmente. Lavinia soluçou, mas Wilbur somente se regojizou ao mesmo tempo que os ruídos nas colinas retumbavam debilmente.

— Eles não pegaro ele — murmurou com sua voz grossa e grave.

Nessa época, Wilbur era um estudioso de uma erudição espantosa em seu modo unilateral, e muitos bibliotecários de lugares distantes, onde são guardados livros raros e proibidos de tempos remotos, começavam a conhecê-lo por correspondência. Era cada vez mais odiado e temido na região de Dunwich devido a certos desaparecimentos de jovens que as suspeitas levavam vagamente a sua porta; mas conseguia sempre silenciar as investigações através de intimidações ou lançando mão daquele estoque de ouro antigo que, assim como no tempo de seu pai, ainda era gasto de modo regular e crescente para a compra de gado. Aparentava estar extremamente maduro agora e sua estatura, tendo alcançado o limite normal dos adultos, parecia sujeita a aumentar ainda mais. Em 1925, quando recebeu a visita de um estudioso e correspondente da Universidade de Miskatonic que partiu pálido e confuso, elejá havia alcançado mais de dois metros de altura.

Durante todos esses anos, Wilbur vinha tratando sua semi-deformada mãe albina com um desprezo crescente, chegando a proibi-la de ir às colinas com ele na Véspera de Maio e em Todos os Santos; e, em 1926, a pobre criatura queixou-se a Mamie Bishop de estar com medo dele.

— Tem mais coisa dele que eu sei do que eu posso contá pr'ocê, Mamie — ela disse — e hoje em dia tem mais inda do que eu mema sei.

Juro por Deus, num sei que é que ele qué nem que é que tá tentano fazê.

Naquele Hallowen, os ruídos nas colinas soaram ainda mais alto, e o fogo queimou na Colina Sentinela como de costume; mas as pessoas prestaram mais atenção aos gritos rítmicos de vastos bandos de curiangos, incomumente atrasados, que pareciam estar reunidos perto da não-iluminada casa dos Whateley. Após a meia-noite, suas notas estridentes irrromperam num tipo de gargalhada pandemoníaca que cobriu toda a região, e eles não se calaram até o nascer do sol. Então, eles desapareceram rapidamente em direção sul, pois já estavam atrasados em um mês completo. O que isso significava, ninguém pôde ter muita certeza até algum tempo depois. Parecia que nenhum dos habitantes da região havia morrido, mas a pobre Lavinia Whateley, a albina deformada, nunca mais foi vista.

No verão de 1927, Wilbur consertou dois barracões do terreiro e começou a transportar seus livros e pertences para lá. Logo depois, Earl Sawyer contou ao pessoal da venda do Osborn que mais obras de carpintaria estavam sendo realizadas na casa dos Whateley. Wilbur estava fechando todas as portas e janelas do térreo e parecia estar retirando as repartições, tal como ele e seu avô haviam feito há quatro anos. Estava vivendo num dos barracões, e Sawyer achava que ele parecia mais preocupado e trêmulo do que o normal. Em geral, as pessoas suspeitavam que ele soubesse alguma coisa sobre o desaparecimento de sua mãe, e muito poucas ousavam aproximar-se dos arredores de sua propriedade agora. Sua altura aumentara para cerca de dois metros e quinze centímetros, e nada indicava que esse desenvolvimento fosse parar.

5

O inverno seguinte trouxe um acontecimento não menos estranho do que a primeira viagem de Wilbur para fora da região de Dunwich. Correspondências trocadas com a Bilioteca Widener em Harvard, a Biblioteca Nacional em Paris, o Museu Britânico, a Universidade de Buenos Aires e a Biblioteca da Universidade de Miskatonic em Arkham não tornaram possível o empréstimo de um livro que ele queria desesperadamente; assim, ao final, ele partiu em pessoa, maltrapilho, sujo, barbado e com seu dialeto impolido para consultar a cópia na biblioteca de Miskatonic, que era a mais próxima a ele geograficamente.

Com quase dois metros e meio de altura, e carregando uma maleta barata e recém-comprada na venda do Osborn, essa gárgula escura e caprina apareceu um dia em Arkham à procura do temido volume mantido a sete chaves na biblioteca da faculdade — o terrível *Necronomicon* do árabe louco Abdul Alhazred na versão latina de Olaus Wormius, impresso na Espanha no século dezessete. Ele nunca vira uma cidade antes, mas não pensava em outra coisa a não ser encontrar seu caminho para o câmpus universitário; onde, de fato, passou imprudentemente pelo enorme cão-de-guarda de dentes brancos que latiu com fúria e inimizade incomuns enquanto puxava violentamente a rígida corrente que o prendia.

Wilbur estava com a inestimável mas imperfeita cópia da versão inglesa do Dr. Dee que seu avô havia-lhe deixado de herança e, ao ter acesso à cópia latina, começou a cotejar os dois textos com o objetivo de descobrir uma certa passagem que estaria na página 751 de seu volume defeituoso. Por mais que tentasse, não poderia deixar de dizê-lo, de maneira educada, ao bibliotecário — o mesmo erudito Henry Armitage (mestre pela Miskatonic, doutor pela Princeton e pela Johns Hopkins) que uma vez havia passado pela fazenda e que agora, polidamente, importunava-o com perguntas. Ele estava procurando, tinha que admitir, por um tipo de fórmula ou encantamento contendo o temível nome *Yog-Sothoth,* mas as discrepâncias, repetições e ambigüidades confundiam-no, tornando a tarefa muito complicada. Ao copiar a fórmular que ele finalmente escolheu, o Dr. Armitage olhou involuntariamente por cima de seus ombros para as páginas abertas; a da esquerda, na versão latina, continha ameaças monstruosas à paz e sanidade do mundo.

Também não é para se pensar (dizia o texto, que Armitage ia traduzindo mentalmente) que o homem é o mais velho ou o último dos mestres da Terra, nem que a massa comum de vida e substância caminha sozinha. Os Antigos foram, os Antigos são e os Antigos serão. Não nos espaços que conhecemos, mas *entre* eles. Caminham serenos e primitivos, sem dimensões e invisíveis para nós. *Yog-Sothoth* conhece o portal. *Yog-Sothoth* é o portal. *Yog-Sothoth* é a chave e o guardião do portal. Passado, presente e futuro, todos são um em *Yog-Sothoth.* Ele sabe por onde os Antigos entraram outrora e por onde Eles entrarão de novo. Ele sabe por quais campos da Terra Eles pisaram, onde Eles ainda pisam e por que ninguém pode vê-los quando pisam. Por seu cheiro, os homens podem saber que estão próximos, mas niguém conhece seu aspecto

exterior, *a não ser pelos traços daqueles que Eles geraram na humanidade;* e daqueles há muitos tipos, diferindo em aparência do mais verdadeiro modelo de homem para aquela forma que não se vê ou que não tem substância que são *Eles*. Caminham invisíveis e fétidos em locais solitários onde as Palavras foram proferidas e os Ritos ressoaram em seus Períodos. O vento algaravia com Suas vozes, e a Terra murmura com Sua consciência. Eles dobram a floresta e esmagam a cidade, entretanto nenhuma floresta ou cidade pode ver a mão que castiga. Kadath, no deserto frio, conheceu-Os, mas qual homem conhece Kadath? O deserto gelado do Sul e as ilhas submersas do Oceano contêm pedras onde Sua marca está gravada, mas quem já viu a profunda cidade congelada ou a torre lacrada e toda coroada com algas e crustáceos? O Grande Cthulhu é Seu primo, entretanto só pode espiá-Los obscuramente. *Iäl Shub-Niggurath!* Como uma vileza vocês Os conhecerão. A mão deles está em suas gargantas, entretanto vocês não os vêem, e Sua morada é mesmo única com a entrada guardada. *Yog-Sothoth* é a chave para o portal, onde as esferas se encontram. O homem reina agora onde Eles reinaram um dia; em breve, Eles reinarão onde o homem reina agora. Depois do verão vem o inverno, e depois do inverno, o verão. Eles esperam pacientes e fortes, porque aqui reinarão de novo.

O Dr. Armitage — associando o que estava lendo com o que ouvira sobre Dunwich e as inquietantes presenças que por lá pairavam e sobre Wilbur Whateley e sua aura débil e hedionda, que se estendia desde um nascimento dúbio até indícios de um provável matricídio — sentiu uma onda de temor tão tangível quanto uma corrente vinda da fria viscosidade de um túmulo. O gigante caprino e encurvado diante dele assemelhava-se à prole de um outro planeta ou dimensão; como algo apenas parcialmente humano e ligado a golfos negros de essência e entidade que se estendiam como fantasmas titânicos além de todas as esferas de força e matéria, espaço e tempo. Em seguida, Wilbur levantou a cabeça e começou a falar daquele modo estranho e ressoante que sugeria órgãos produtores de sons diferentes dos comuns aos humanos.

— Sr. Armitage — disse — eu acho qu'eu tenho que levá aquele livro pra casa. Tem coisa nele que eu tenho que exprimentá numas condição que num posso cunsegui aqui, e ia sê um pecado mortar deixá que umas norma besta me impidisse. Me deixa levá ele comigo, senhor, e eu juro que

ninguém vai ficá sabeno. Num preciso dizê pro senhor que vou tomá conta direitim dele. Num fui eu que deixô essa cópia do Dee do jeitim que tá...

Ele parou quando viu a expressão negativa no rosto do bibliotecário, e suas próprias feições caprinas tornaram-se maliciosas. Armitage, quase pronto a dizer-lhe que poderia tirar uma cópia das partes que precisava, de repente pensou nas possíveis conseqüências e se conteve. Era uma responsabilidade muito grande dar a tal ser a chave para essas blasfemas esferas exteriores. Whateley percebeu como as coisas se encontravam e tentou responder gentilmente.

—Ara, tá certo, se o senhor acha ansim. Tarveiz em Harvard eles num seja tão cheio de coisa que nem o senhor. — E, sem dizer mais nada, levantou-se e saiu caminhando com suas passadas largas, abaixando-se ao passar por cada porta.

Armitage ouviu o latido feroz do enorme cão-de-guarda e observou as passadas de gorila de Whateley ao atravessar a pequena parte do câmpus visível da janela. Pensou nas fantásticas histórias que ouvira e recordou os velhos artigos dominicais do *Advertiser;* nisso e também nas informações que havia conseguido com os camponeses e habitantes do povoado de Dunwich durante sua única visita lá. Coisas invisíveis de fora da Terra — ou, pelo menos, não da Terra tridimensional — corriam fétidas e horríveis pelos vales estreitos da Nova Inglaterra e pairavam obscenamente sobre os topos das montanhas. Há tempos elejá se convencera disso. Agora parecia sentir a presença iminente de alguma fase terrível do horror que se impunha e entrever um avanço diabólico nos domínios negros do antigo e até então passivo pesadelo. Encerrou o *Necronomicon* com um estremecimento de repugnância, mas a sala ainda exalava um mau cheiro ímpio e inidentificável. "Como uma vileza vocês os conhecerão", citou. Sim, o odor era o mesmo que aquele que lhe causou náuseas na casa dos Whateley há menos de três anos. Pensou uma vez mais em Wilbur, caprino e ominoso, e riu ironicamente dos rumores que corriam no povoado sobre sua linhagem.

— Endogamia? — Armitage pronunciou meio alto para si. — Deus meu, que simplórios! Mostre a eles o *Grande Deus Pã* de Arthur Machen e vão pensar que é um escândalo corriqueiro como os de Dunwich! Mas que coisa — que amaldiçoada influência amorfa dessa ou

de fora desta Terra tridimensional — era o pai de Wilbur Whateley? Nascido no dia de Nossa Senhora da Candelária — nove meses depois da Véspera de Maio de 1912, quando os rumores sobre ruídos esquisitos provenientes da terra chegaram até Arkham —, que tipo de ser passeava pelas montanhas naquela noite de maio? Que horror nascido no dia da Exaltação da Cruz impunha-se ao mundo em carne e osso semi-humanos?

Durante as semanas seguintes, o Dr. Armitage começou a coletar todos os dados possíveis sobre Wilbur Whateley e as presenças amorfas que circundavam Dunwich. Entrou em contato com o Dr. Houghton de Aylesbury, que havia atendido o Velho Whateley em sua doença fatal, e encontrou muito sobre o que ponderar nas últimas palavras do avô citadas pelo médico. Uma visita ao Povoado de Dunwich não lhe trouxe maiores novidades; mas uma pesquisa mais aprofundada no *Necronomicon* — naquelas partes que Wilbur havia procurado tão avidamente — parecia fornecer novas e terríveis pistas sobre a natureza, métodos e desejos da estranha maldade que tão vagamente ameaçava este planeta. Conversas mantidas em Boston com vários estudiosos da cultura antiga e cartas a outros de diversos lugares trouxeram-lhe um crescente assombro que passou lentamente por vários graus de inquietação até um estado de medo espiritual realmente intenso. À medida que o verão aproximava-se, aumentava sua sensação de que algo deveria ser feito sobre os terrores ocultos do vale superior do Miskatonic e também sobre o ser monstruoso conhecido entre os humanos como Wilbur Whateley.

6

O horror de Dunwich chegou mesmo entre o dia 1° de agosto, comemoração da festa da colheita, e o equinócio de 1928, e o Dr. Armitage estava entre aqueles que testemunharam seu monstruoso prólogo. Nesse ínterim, ele ouvira sobre a grotesca viagem de Whateley a Cambridge e sobre seus esforços desvairados para tomar emprestado ou copiar o que necessitava do *Necronomicon* na Biblioteca Widener. Tais esforços foram em vão, já que Armitage havia sido muito perspicaz ao deixar de sobreaviso todos os bibliotecários a cargo do temível volume. Wilbur ficou extremamente nervoso em Cambridge; estava ansioso para ter o livro e, contudo, quase igualmente ansioso para voltar para casa de novo, como se temesse as conseqüências de se ausentar por muito tempo.

No princípio de agosto, manisfestou-se o resultado já meio que esperado, e, nas primeiras horas do dia 3, o Dr. Armitage foi acordado repentinamente pelos selvagens e furiosos latidos do feroz cão-de-guarda do câmpus universitário. Profundos e terríveis, os rosnados e latidos semelhantes aos de um cão raivoso continuaram sempre em volume ascendente, mas com pausas terrivelmente significativas. Então, soou um grito de uma garganta completamente diferente — um grito que acordou metade dos moradores de Arkham e assombrou seus sonhos para sempre —, um grito que não poderia vir de nenhum ser nascido na Terra ou completamente humano.

Armitage, apressando-se em vestir algo e atravessando correndo a rua e o gramado em direção aos prédios da faculdade, viu que outros já haviam chegado a sua frente e ouviu os ecos estridentes de um alarme antifurto que vinha da biblioteca. À luz da lua, uma janela aberta mostrava-se como um buraco negro. O que viera havia, de fato, conseguido entrar, pois os latidos e gritos, agora passando gradualmente a uma mistura de rosnados lentos e gemidos, procediam inconfundivelmente de dentro. Um certo instinto avisou Armitage que o que estava acontecendo não era algo para olhos despreparados virem, então ele empurrou a multidão para trás com autoridade enquanto destrancava a porta do vestíbulo. Entre os demais, viu o Prof. Warren Rice e o Dr. Francis Morgan, para quem havia contado algumas de suas suposições e desconfianças, e acenou para que o acompanhassem. Os sons interiores, exceto pelo ganido contínuo e vigilante do cão-de-guarda, haviam quase que desaparecido nesse momento; mas foi então que Armitage sobressaltou-se ao perceber que um coro alto de curiangos entre a moita de arbustos havia começado a piar num ritmo abominável, como se em uníssono com as últimas respirações do moribundo.

O prédio estava exalando um terrível mau cheiro que o Dr. Armitage conhecia muito bem, e os três homens atravessaram correndo o saguão em direção à pequena sala de leitura genealógica de onde provinha o débil ganido. Por alguns segundos, ninguém ousou acender a luz, até que Armitage juntou coragem e bateu no interruptor. Um dos três — não se sabe qual — soltou um grito alto ao ver o que se esparramava a sua frente entre mesas bagunçadas e cadeiras viradas. O Prof. Rice afirma

que perdeu completamente a consciência por um instante, embora suas pernas não bambearam nem ele caiu.

Aquela coisa, que se encontrava meio caída de lado numa poça fétida de ícor amarelo esverdeado e de uma substância preta viscosa e de quem o cão havia rasgado toda a roupa e uns pedaços da pele, tinha quase três metros de altura. Não estava morta de verdade, mas se contorcia silenciosa e espasmodicamente enquanto seu peito arfava em monstruoso uníssono com o enlouquecido piar dos curiangos que esperavam do lado de fora. Pedaços de couro de sapato e de roupa rasgada estavam espalhados pela sala, e, bem perto da janela, um saco de lona vazio se encontrava onde evidentemente havia sido jogado. Perto da escrivaninha central, havia um revólver caído, com um cartucho picotado mas carregado que mais tarde serviu para explicar por que não fora disparado. Contudo, a coisa eclipsava todas as outras imagens que havia a seu redor naquele momento. Seria banal e não muito preciso dizer que nenhuma caneta humana poderia descrevê-la, mas podemos dizer, com propriedade, que não poderia ser vividamente visualizada por qualquer um cujas idéias de aspecto e contorno são vinculadas demais às formas de vida comuns deste planeta e das três dimensões conhecidas. Sem sombra de dúvida, era um ser parcialmente humano, com mãos e cabeça muito semelhantes às dos homens, e o rosto caprino e sem queixo tinha a marca dos Whateley. Mas o tronco e as partes inferiores do corpo eram tão teratologicamente espantosas que somente as roupas largas o possibilitaram caminhar pela Terra sem ser desafiado ou erradicado.

Acima da cintura, era semi-antropomórfico, embora o peito — onde as patas dilacerantes do cão ainda pousavam atentamente — tinha a pele reticulada como o couro de um crocodilo ou jacaré. As costas eram malhadas de amarelo e preto e apresentavam uma certa semelhança com a pele escamosa de certas cobras. Abaixo da cintura, contudo, era muito pior, pois aqui toda a semelhança humana desaparecia e a pura fantasia começava. A pele era coberta por uma camada grossa de pelos negros e ásperos, e uma infinidade de compridos tentáculos cinza-esverdeados com ventosas vermelhas projetavam-se molemente do abdome. Sua disposição era repugnante e parecia seguir as simetrias de alguma geometria cósmica desconhecida na Terra ou no sistema solar. Em cada um dos quadris, bem cravejado num tipo de órbita rosada e ciliada,

encontrava-se o que parecia ser um olho rudimentar; enquanto que, em vez de um rabo, em seu lugar pendia um tipo de tromba ou palpo com marcas anulares roxas e com muitas evidências de ser uma boca ou garganta não-desenvolvida. Os membros, exceto por sua pelagem negra, lembravam grosseiramente as patas traseiras de sauros gigantes da Terra pré-histórica e terminavam em hipotênares com veias saltadas que não eram nem cascos nem garras. Quando respirava, o rabo e os tentáculos mudavam de cor ritmicamente, como se obedecendo a alguma causa circulatória normal para o lado não-humano de sua descendência. Nos tentáculos, isso era observável como um aprofundamento do matiz esverdeado, ao passo que no rabo manifestava-se através da alternância entre seu aspecto amarelado e um repulsivo branco acinzentado nos espaços entre os anéis roxos. De sangue verdadeiro, não havia nada; só mesmo o ícor amarelo esverdeado que escorria pelo chão pintado para além do alcance daquela viscosidade e deixava uma curiosa descoloração por onde passava.

Como a presença dos três homens parecia despertar aquele ser moribundo, ele começou a resmungar sem virar ou levantar a cabeça. O Dr. Armitage não fez nenhum registro escrito de seus murmúrios, mas afirma categoricamente que nada em inglês foi pronunciado. Em princípio, as sílabas desafiavam toda a correlação com qualquer linguagem da Terra, mas as últimas trouxeram alguns fragmentos desconexos certamente retirados do *Necronomicon,* aquela monstruosa blasfêmia em busca da qual a coisa havia sucumbido. Esses fragmentos, da maneira que Armitage os recorda, diziam algo como *"Ngai, nghaghaa, bugg-shoggog, y'hah; Yog-Sothoth, Yog-Sothoth* Eles foram extinguindo-se conforme os curiangos davam seus gritos estridentes em crescendos ritmados que pressagiavam algo medonho.

Então houve uma pausa em sua voz entrecortada, e o cão levantou a cabeça num longo e lúgubre uivo. Uma mudança ocorreu no rosto amarelo e caprino da coisa prostrada, e os grandes olhos negros fecharam-se de modo aterrador. Do lado de fora da janela, a gritaria dos curiangos parou de repente, e sobre os murmúrios da multidão reunida ouviu-se o horripilante zumbido e alvoroço de seu vôo. Tendo a lua como fundo, vastos bandos de plúmeos observadores alçaram vôo e sumiram de vista, agitados com a presa que haviam encontrado.

De repente, o cão moveu-se de modo abrupto, deu um latido assustado e saltou para fora da janela pela qual havia entrado. Um brado saiu da multidão, e o Dr. Armitage gritou para os homens do lado de fora que ninguém poderia entrar até que a polícia ou o legista chegassem. Ele agradeceu o fato de que as janelas eram altas demais para permitir que se visse dentro, mas mesmo assim puxou para baixo todas as escuras cortinas, cobrindo cada uma das janelas cuidadosamente. Nesse momento, chegaram dois policiais, e o Dr. Morgan, encontrando-os no vestíbulo, advertiu-os, para seu próprio bem, a adiarem sua entrada na malcheirosa sala de leitura até que o legista chegasse e a coisa prostrada pudesse ser coberta.

Enquanto isso, mudanças assustadoras estavam acontecendo no chão. Não é necessário descrever o tipo e grau de encolhimento e desintegração que ocorria ante os olhos do Dr. Armitage e do Prof. Rice; mas se pode dizer que, com exceção da aparência externa do rosto e das mãos, o elemento realmente humano em Wilbur Whateley devia ser muito pequeno. Quando o legista chegou, só restava uma massa viscosa esbranquiçada sobre o chão de madeira todo pintado, e o medonho odor havia quase que desaparecido. Aparentemente, Whateley não tinha crânio ou esqueleto ósseo; pelo menos numa forma definida e concebível. De algum modo, saíra a seu pai desconhecido.

7

No entanto, isso tudo foi somente o prólogo do verdadeiro horror de Dunwich. Oficiais aturdidos procederam às formalidades; detalhes anormais foram devidamente ocultados da imprensa e do público; e homens foram enviados a Dunwich e Aylesbury para fazer o levantamento dos bens e notificar todos que pudessem ser herdeiros do falecido Wilbur Whateley. Encontraram os camponeses em grande agitação, tanto devido aos crescentes estrondos que provinham do interior das colinas arredondadas quanto pelo inusitado mau cheiro e pelos sons do marulhar das ondas que cada vez soavam mais alto vindos da grande concha vazia formada pela casa hermeticamente fechada dos Whateley. Earl Sawyer, que tomou conta do cavalo e do gado durante a ausência de Wilbur, lamentavelmente desenvolvera uma crise nervosa aguda. Os oficiais arranjaram desculpas para não entrar naquele local fechado e desagradável e contentaram-se com limitar sua investigação dos aposentos do falecido

— os barracões recentemente consertados — a uma única visita. Eles preencheram um volumoso relatório no forum de Aylesbury, e dizem que litígios referentes à herança ainda tramitam entre os inumeráveis Whateley, decadentes ou não, do vale superior do Miskatonic.

Um quase interminável manuscrito, redigido em caracteres estranhos num enorme livro razão e considerado como um tipo de diário devido ao espaçamento e às variações na tinta e caligrafia, apresentava-se como um quebra-cabeça desconcertante para aqueles que o encontravam na velha cômoda que servia como escrivaninha de seu dono. Após uma semana de discussão, foi enviado para a Universidade de Miskatonic, junto com a coleção de livros estranhos do falecido, para estudo e possível tradução; mas mesmo os melhores lingüistas logo viram não ser provável sua decifração com facilidade. E nenhum sinal do ouro antigo, com o qual Wilbur e o Velho Whateley haviam sempre pagado suas dívidas, foi encontrado ainda.

Foi na noite do dia nove de setembro que o horror rompeu solto. Os ruídos das colinas haviam sido muito acentuados no fim de tarde, e os cães latiram freneticamente durante toda a noite. Aqueles que acordaram cedo no dia dez perceberam um peculiar mau cheiro no ar. Por volta das sete horas, Luther Brown, o empregado da propriedade de George Corey, localizada entre o Vale da Fonte Fria e o povoado, voltou correndo feito louco de seu passeio matinal à Campina dos Dez Acres com as vacas. Estava quase tendo um colapso de medo quando entrou tropeçando pela cozinha, enquanto que lá fora, no terreiro, o não menos assustado rebanho dava patadas e mugia deploravelmente, após haver compartilhado o pânico do menino durante todo o caminho de volta. Entre arquejos, Luther tentou balbuciar sua história para a Sra. Corey.

— Lá no arto da estrada dispois do vale, dona Corey, tem arguma coisa lá! Parece que caiu um raio e tudo o mato e as arvrinha da estrada foi empurrada p'a tráis iguar que se uma casa tinha passado por ali. E isso num é nem o pió. Tem umas *marca* na estrada, dona Corey, umas marca redonda e grandona do tamanho dum barrir, tudo afundado iguar que se um elefante tinha passado, e é uma coisa que quatro pé num pudia fazê. Oiei pra um ou dois antes de corrê e vi que tava tudo cuberto com uns risco que se espaiava dum lugá só, iguar que se um leque de foia de parmera, duas ou treis veiz mais grande que é, tinha socado fundo a

estrada. E o cheiro era horrívi, iguar que aquele invorta da casa do Fiticero Whateley.

Nesse momento, ele gaguejou e parecia tremer outra vez com o mesmo pavor que o tinha feito voltar correndo para casa. A Sra. Corey, incapaz de extrair mais informações, começou a telefonar para os vizinhos; iniciando assim, nas redondezas, o prólogo do pânico que anunciava terrores maiores. Quando ligou para Sally Sawyer, governanta da propriedade de Seth Bishop, o lugar mais próximo da propriedade dos Whateley, foi sua vez de escutar ao invés de falar, pois Chauncey, filho da Sally, que dormiu muito mal, havia subido até o alto da colina em direção à propriedade dos Whateley e voltado correndo aterrorizado após dar uma olhada no lugar e também na pastagem onde as vacas do Sr. Bishop haviam sido deixadas a noite toda.

É, dona Corey — chegou a voz trêmula pela linha telefônica —, Chauncey acabô de vortá de lá e num conseguiu nem falá direito de tanto medo! Falô que a casa do Véiu Whateley exprodiu e que tem madera espaiada tudo invorta iguar que se tinha donamite drento, só ficô o chão de baixo, mas tá tudo cuberto com uma coisa que parece piche que tem um cheiro muito ruim e escorre dos canto pro lugá d'onde as madera voaro pra longe. E tem umas marca mais feia no terrero tamém — umas marca redonda mais grande que um barrir, e tudo grudento com aquela coisa que tem na casa que exprodiu. Chancey, ele disse que eles vai lá pr'os lado dos pasto d'onde formô uma faixa mais larga que uma tuia no chão, e tudos muro de preda tumbaro por tudos lado d'onde ele passô.

E ele contô, dona Corey, cumo é que ele foi procurá as vaca do Seth, apavorado do jeito qu'ele tava, e encontrô elas no pasto de cima perto do Campo do Demo num estado horrive. Metade delas tinha sumido e quage a metade delas que ficô já num tinha mais sangue, com aquelas ferida nelas iguar que as que apareceu no gado dos Whateley deis que o moleque preto da Lavinny nasceu. O Seth saiu agora p'a dá uma oiada nelas, mas eu acho que ele num vai querê chegá muito perto do sítio dos Whateley. O Chauncey num oió direito pra vê d'onde ia dá a faixa dispois do pasto, mas ele disse que acha que vai p'a estrada do barranco inté a vila.

Eu falo pra sinhora, dona Corey, tem arguma coisa lá fora que não tinha que tá lá fora, e eu acho que o preto Wilbur Whateley, que teve o

fim que merecia, tá metido na criação dela. Ele num era inteiro humano, sempre falo pra todo mundo; e eu acho que ele e o Véiu Whateley deve de tê criado arguma coisa naquela casa pregada que era inda menos humano que ele. Sempre teve umas coisa escondida invorta de Dunwich, coisa viva, que num é humana e nem bom pr'os humano.

O chão tava falano onte de noite e de manhã Chauncey ouviu os curiango tão arto no Vale da Fonte Fria que num cunsiguiu dormi mais. Intão ele achô que ouviu outro baruiu vinu lá do sítio do Fiticero Whateley, um tar de baruiu de madera quebrano e despedaçano, iguar que se arguém tava abrino uma caixa ou engradado grande lá longe. E com tudo isso, ele num conseguiu dormi inté que o sor nasceu, e num acordô muito cedo hoje de manhã, mais ele tem que i de novo lá no Whateley pra vê o que tá sucedeno. Ele viu bastante, eu falo pra sinhora, dona Corey! Isso num é nada baum, e eu acho que tudo os home devia se juntá e fazê arguma coisa. Eu sei que arguma coisa muito ruim vai acontecê e eu tô sintino que a minha hora tá chegano, mas eu entrego nas mão de Deus.

O seu fio Luther percebeu pra d'onde ia as marca? Não? Intãoce, dona Corey, se tava na estrada do vale desse lado do vale e inda num chegô na sua casa, acho qu'eles deve de entrá no vale. Eles ia fazê isso. Eu sempre falo que o Vale da Fonte Fria num é um lugá saudave nem decente. Os curiango e os vagalume nunca agiro memo cumo se fosse criatura de Deus e tem gente que fala que ocê pode ouvi umas coisa estranha correno e falano no ar lá embaxo se ocê ficá no lugá certo entre os barranco de preda e a Toca do Urso.

Por volta das doze horas daquele dia, três quartos dos homens e meninos de Dunwich reuniram-se e seguiram pelas estradas e prados que havia entre as recentes ruínas dos Whateley e o Vale da Fonte Fria, examinando horrorizados as muitas pegadas monstruosas, o gado mutilado dos Bishop, os destroços malcheirosos da sede e a vegetação esmagada e contorcida dos campos e beiras de estrada. O que estava correndo solto pelo mundo seguramente havia descido para o interior da grande e sinistra ravina, pois todas as árvores nas encostas estavam envergadas e quebradas, e uma enorme alameda havia-se formado na vegetação rasteira que cobre as ladeiras do precipício. Era como se uma casa, arrastada por

uma avalanche, houvesse descido escorregando pela emaranhada vegetação da ladeira quase vertical. Nenhum som chegava do fundo da ravina, somente um fedor distante e indifinível; e não é de se admirar que os homens preferissem ficar na beira e discutir, ao invés de descer e enfrentar o desconhecido horror ciclópico em seu covil. Três cães que estavam com o grupo haviam latido furiosamente de início, mas pareceram amedrontados e relutantes quando próximos ao vale. Alguém telefonou para o *Aylesbury Transcript* contando as notícias, mas o editor, acostumado às espantosas histórias de Dunwich, não fez mais do que inventar um parágrafo jocoso sobre o fato, que foi reproduzido logo depois pela Associated Press.

Naquela noite, todos foram para casa, e, em todas elas e também nos celeiros, foram feitas barricadas o mais sólidas possível. É inútil dizer que não foi permitido que nenhuma cabeça de gado permanecesse em pasto aberto. Por volta das duas da manhã, um terrível mau cheiro e os latidos furiosos dos cães acordaram a família de Elmer Frye, cuja propriedade se localizava na margem oriental do Vale da Fonte Fria, e todos concordaram que podiam ouvir um tipo de zunido abafado ou marulho vindo de algum lugar do lado de fora. A Sra. Frye propôs telefonar aos vizinhos, e Elmer estava a ponto de concordar quando o barulho de madeira estilhaçada interrompeu a conversa. Aparentemente, vinha do celeiro, e logo o gado começou a dar patadas no chão e a berrar feito louco. Os cães babaram e se agacharam timidamente perto dos pés da família entorpecida pelo medo. O Frye acendeu uma lanterna por força do hábito, mas sabia que seria a morte sair naquele terreiro escuro. As crianças e as mulheres choramingavam, evitando gritar por algum obscuro e vestigial instinto de defesa que lhes dizia que suas vidas dependiam do silêncio. Por fim, o barulho do gado transformou-se somente num lamento penoso, dando lugar a rachaduras, estalidos e crepitações, que soaram ainda mais alto. Os Frye, amontoaram-se na sala e não ousaram mover-se até que os últimos ecos realmente se extinguissem lá embaixo no Vale da Fonte Fria. Então, entre os desoladores gemidos vindos do estábulo e os demoníacos pios dos últimos curiangos no vale, Selina Frye foi cambaleando até o telefone e espalhou o quanto pôde as notícias sobre a segunda fase do horror.

No dia seguinte, toda a região de Dunwich estava em pânico, e grupos acovardados e incomunicativos transitavam por onde se dera aquele diabólico acontecimento. Duas faixas enormes de destruição estendiam-se do vale ao terreiro dos Frye, pegadas monstruosas cobriam os trechos de terreno sem vegetação e um lado do velho celeiro vermelho havia desmoronado completamente. Do gado, somente um quarto pôde ser encontrado e identificado. Alguns dos animais haviam sido despedaçados de modo curioso, e todos os que sobreviveram tiveram que ser sacrificados. Earl Sawyer sugeriu que se pedisse ajuda em Aylesbury ou Arkham, mas outros consideraram que seria inútil. O Velho Zebulon Whateley, de um ramo que hesitava entre a integridade física e mental e a decadência, fez sugestões sinistramente desatinadas sobre ritos que deveriam ser praticados nos cumes das colinas. Ele descendia de uma linhagem onde a tradição era forte, e suas lembranças de cânticos nos grandes círculos de pedra não estavam totalmente ligadas a Wilbur e seu avô.

A noite caiu sobre essa localidade acometida e passiva demais para se organizar para uma defesa real. Em certos casos, famílias muito amigas agrupavam-se sob um só teto e punham-se a vigiar no escuro; mas, em geral, havia somente uma repetição das barricadas da noite anterior e um gesto fútil e ineficaz de carregar mosquetes e armar-se com forcados. Contudo, nada aconteceu, exceto alguns ruídos nas colinas; e, quando o dia nasceu, havia muitos que esperavam que o novo horror houvesse ido embora tão rapidamente quanto chegara. E algumas almas corajosas inclusive propuseram uma expedição ofensiva para descer vale adentro, embora não tenham se aventurado a dar um exemplo concreto para a maioria ainda relutante.

Ao cair de mais uma noite, as barricadas foram repetidas, embora houvesse menos agrupamentos de famílias. De manhã, tanto os Frye quanto os Bishop relataram a agitação dos cães e os vagos sons e maus cheiros que vinham de longe, enquanto que os primeiros exploradores horrorizaram-se ao notar um novo conjunto de rastros monstruosos na estrada que costeia a Colina Sentinela. Tal como antes, as laterais amassadas da estrada indicavam o tamanho daquele horror blasfemo e assombroso; ao passo que a disposição dos rastros parecia revelar uma passagem em duas direções, como se a montanha movente tivesse vindo

do Vale da Fonte Fria e retornado a ele pelo mesmo caminho. Na base da colina, uma faixa de nove metros de pequenos arbustos esmagados seguia colina acima, e os homens ficaram pasmos quando viram que mesmo os locais mais perpendiculares não faziam a trilha implacável desviar. O que quer que fosse, aquele horror podia escalar um rochedo íngreme e quase que completamente vertical; e, como os investigadores subiram até o cume da colina por caminhos mais seguros, viram que a trilha acabava — ou melhor, convertia — lá.

Era aqui que os Whateley costumavam armar suas fogueiras diabólicas e entoar seus rituais também diabólicos na pedra em forma de mesa na Véspera de Maio e na Véspera de Todos os Santos. Agora aquela mesma pedra formava o centro de um vasto espaço trilhado ao redor pelo horror montanhoso, enquanto que sobre sua superfície ligeiramente côncava encontrava-se um grosso e fétido depósito da mesma substância preta viscosa observada no chão da sede em ruínas quando o horror escapou. Os homens entreolharam-se e murmuraram alguma coisa. Então olharam para baixo. Aparentemente o horror havia descido por um caminho muito parecido com o da subida. Especular era inútil. Razão, lógica e idéias normais de motivação permaneceram confundidas. Somente o velho Zebulon, que não estava com o grupo, poderia ter feito justiça à situação ou sugerido uma explicação plausível.

A noite de quinta-feira começou como as outras, mas terminou pior. Os curiangos no vale haviam gritado com uma persistência tão incomum que muitos não puderam dormir, e, por volta das três da manhã, os telefones de todas as pessoas envolvidas tocaram tremulamente. Todos que atenderam ouviram uma voz muita assustada gritar: "Socorro, ai meu Deus!..." e alguns pensaram ter ouvido um estrondo que se seguiu à interrupção da exclamação. Não houve mais nada. Ninguém ousou fazer coisa alguma, e não se soube até de manhã de onde era o telefonema. Então aqueles que o tinham recebido se telefonaram e descobriram que somente os Frye não repondiam. A verdade apareceu uma hora depois, quando um grupo de homens armados, que se reuniu às pressas, caminhou penosamente até a propriedade dos Frye no topo do vale. Foi horrível, no entanto, não chegou a ser uma surpresa. Havia mais faixas e marcas monstruosas, mas já não havia casa. Ela desmoronara como uma casca de ovo, e, entre suas ruínas, não foi encontrado nada vivo ou morto.

Apenas um mau cheiro e uma substância preta viscosa. Os Elmer Frye haviam sido erradicados de Dunwich.

8

Nesse ínterim, uma fase mais calma do horror e, entretanto, ainda mais espiritualmente pungente havia-se desenvolvido de modo obscuro atrás de uma porta fechada de uma sala repleta de estantes em Arkham. O curioso manuscrito ou diário de Wilbur Whateley, entregue à Universidade de Miskatonic para sua tradução, causara muita preocupação e desconcerto entre os especialistas em línguas antigas e modernas; seu alfabeto próprio, apesar de uma semelhança geral com o enigmático árabe falado na Mesopotâmia, era completamente desconhecido por qualquer autoridade que se pudesse consultar. A conclusão final dos lingüistas era que o texto representava um alfabeto artificial, para dar o efeito de uma cifra; embora nenhum dos métodos comuns de solução criptográfica pareciam fornecer qualquer pista, mesmo quando aplicados tendo como base cada língua que o escritor possivelmente haveria usado. Os livros antigos retirados da casa dos Whateley — enquanto extremamente interessantes e, em vários casos, prometendo abrir novas e terríveis linhas de pesquisa entre filósofos e homens de ciência —, não ajudaram em nada no que se refere a esse assunto. Um deles, um tomo pesado com fecho de ferro, estava escrito em outro alfabeto desconhecido, que era de uma espécie muito diferente e lembrava o sânscrito mais do que qualquer outra coisa. O velho livro razão, por fim, ficou totalmente a cargo do Dr. Armitage, tanto devido a seu interesse peculiar pelo tema dos Whateley quanto a seu amplo conhecimento lingüístico e experiência no que se refere a fórmulas místicas da Antigüidade e da Idade Média.

Armitage imaginava que o alfabeto podia ser algo esotericamente usado por certos cultos proibidos que vinham sendo transmitidos desde tempos remotos e que haviam herdado muitas fórmulas e tradições dos magos do mundo sarraceno. Essa questão, contudo, ele não julgou vital, já que seria desnecessário conhecer a origem dos símbolos se, conforme suspeitava, eles fossem usados como uma cifra numa língua moderna. Acreditava que, considerando a grande quantidade de texto envolvida, era muito pouco provável que o autor tivesse o trabalho de usar uma outra língua que não fosse a sua, exceto talvez em certas fórmulas especiais ou

encantamentos. Desse modo, ele abordou o manuscrito com a pressuposição de que a maior parte dele estivesse em inglês.

O Dr. Armitage sabia, pelas repetidas falhas de seus colegas, que o enigma era profundo e complexo e que nenhum método simples de solução podia merecer sequer uma tentativa. Durante todo o final de agosto, ele se dedicou a adquirir o máximo de conhecimentos sobre criptografia, recorrendo às fontes mais completas de sua própria biblioteca e passando noites e noites entre os arcanos das obras: *Poligraphia,* de Trithemius; *De Furtivis Literarum Notis,* de Giambattista Porta; *Traité des Chiffres,* de De Vigenere; *Cryptomenysis Patefacta,* de Falconer; os tratados do século dezoito de Davys e Thicknesse; e autoridades razoavelmente modernas como Blair, von Marten e a *Kryptographik,* de Klüber. Ele intercalou seu estudo dos livros com abordagens ao manuscrito em si e, com o tempo, convenceu-se de que tinha que lidar com um daqueles criptogramas especialmente sutis e engenhosos, nos quais muitas listas separadas de letras correspondentes estão dispostas como uma tábua de multiplicação e a mensagem é construída com palavras-chave arbitrárias de conhecimento apenas dos iniciados. As autoridades mais velhas pareciam de muito mais ajuda que as novas, e Armitage concluiu que o código do manuscrito era muito antigo, sem dúvida legado através de uma longa linhagem de experimentadores. Várias vezes, ele parecia ter encontrado a luz, mas logo algum obstáculo desconhecido o fazia retroceder. Então, com a aproximação de setembro, as nuvens começaram a clarear. Certas letras, tal como usadas em certas partes do manuscrito, emergiram definitiva e indiscutivelmente, tornando-se óbvio que o texto estava, de fato, escrito em inglês.

Ao anoitecer do dia dois de setembro, a última das grandes barreiras cedeu, e o Dr. Armitage leu, pela primeira vez, uma passagem contínua dos anais de Wilbur Whateley. Era, na realidade, um diário, como todos haviam pensado, e estava expresso num estilo que mostrava claramente uma mistura de erudição oculta e ignorância geral do estranho ser que o escreveu. Já a primeira passagem longa que Armitage decifrou, um registro datado de 26 de novembro de 1916, provou-se altamente alarmante e inquietante. Foi escrita, lembrava-se, por uma criança de três anos e meio que parecia um rapaz de doze ou treze.

Hoje aprendi o Aklo para o Sabaoth (estava escrito), que não gostei, podia ser respondido da colina e não do ar. Aquele da parte de cima mais na minha frente que eu tinha pensado que estaria, e não parece ter muito cérebro da Terra.. Atirei no Jack, o *collie* do Elam Hutchins, quando ele veio me morder, e Elam disse que me mataria se ele morresse. Acho que não vai. O avô me fez dizer a fórmula Dho ontem à noite, e acho que vi a cidade interna nos 2 pólos magnéticos. Eu irei àqueles pólos quando a Terra for dizimada, se eu não conseguir transpor com a fórmula Dho-Hna quando eu a praticar. Eles do ar me disseram no Sabbat que passarrão anos até que eu possa dizimar a Terra, e acho que o avô estará morto então, portanto terei que aprender todos os ângulos dos planos e todas as fórmulas entre o Yr e o Nhhngr. Eles do exterior ajudarão, mas não podem ganhar corpo sem sangue humano. Aquele da parte de cima parece que terá a forma certa. Posso vê-lo um pouco quando faço o sinal Voorish ou assopro o pó de Ibn Ghazi nele, e fica quase como eles na Véspera de Maio na Colina. O outro rosto pode desaparecer um pouco. Imagino como parecerei quando a Terra for dizimada e não houver mais seres terrenos nela. Ele que veio com o Aklo Sabaoth disse que posso ser transfigurado e que existe muito de exterior para ser trabalhado.

Ao amanhecer, o Dr. Armitage estava suando frio de terror e extremamente alerta e concentrado em sua leitura. Ele não havia deixado o manuscrito durante a noite toda; permanecera sentado a sua mesa, à luz elétrica, virando página após página com mãos trêmulas para decifrar o texto críptico o mais rápido que pudesse. Muito nervoso, telefonara a sua esposa para dizer que não iria para casa, e, quando ela lhe trouxe o café da manhã, ele quase não comeu nada. Durante todo aquele dia, continuou lendo, por vezes se detendo exasperadamente quando uma reaplicação do complexo código tornava-se necessária. Troxeram-lhe o almoço e o jantar, mas ele comeu muito pouco de ambos. No meio da noite seguinte, cochilou em sua cadeira, mas logo acordou com um emaranhado de pesadelos quase tão horrendos quanto as verdades e ameaças à existência humana que havia descoberto.

Na manhã do dia quatro de setembro, o Prof. Rice e o Dr. Morgan insistiram em vê-lo um pouco, partindo de lá trêmulos e mortalmente pálidos. Naquela noite, ele foi para a cama, mas seu sono esteve muito picado. No dia seguinte, uma quarta-feira, voltou para o manuscrito e começou a tomar notas copiosas das partes que ia lendo e daquelas que já

havia decifrado. Na madrugada daquela noite, ele dormiu um pouco numa espriguiçadeira de seu escritório, mas voltou ao manuscrito de novo antes do amanhecer. Pouco antes do meio-dia, seu médico, o Dr. Hartwell, telefonou dizendo que queria vê-lo e insistiu que ele parasse de trabalhar. Recusou-se, afirmando que era da mais vital importância para ele completar a leitura do diário e prometendo uma explicação a seu devido tempo. Naquele fim de tarde, bem quando escureceu, ele terminou sua terrível e esgotante leitura e deixou-se cair exausto. Sua esposa, ao trazer-lhe o jantar, encontrou-o num estado de semi-coma, mas ele ainda estava consciente para lhe advertir com um grito agudo quando viu seus olhos vagarem por sobre o que ele havia anotado. Levantando-se com fraqueza, juntou os papéis rascunhados e fechou-os num grande envelope, que imediatamente colocou dentro do bolso interno de seu casaco. Tinha força suficiente para chegar em casa, mas era tão evidente que precisava de ajuda médica que o Dr. Hartwell foi chamado de imediato. Assim que o médico o pôs na cama, ele só conseguiu murmurar repetidas vezes, *"Mas o que, em nome de Deus, podemos fazer?"*.

O Dr. Armitage dormiu, mas estava parcialmente delirante no dia seguinte. Não deu explicações a Hartwell, mas em seus momentos mais calmos falou da necessidade imperativa de uma longa reunião com Rice e Morgan. Seus devaneios mais absurdos eram de fato muito alarmantes, incluindo apelos desesperados de que algo numa casa de fazenda totalmente lacrada fosse destruído e também referências fantásticas a um certo plano pela extirpação da humanidade inteira e de toda vida animal e vegetal da face da Terra por uma terrível e mais antiga raça de seres de outra dimensão. Ele bradava que o mundo estava em perigo, já que as Coisas Antigas desejavam devastá-lo e varrê-lo do sistema solar e do cosmos da matéria para outro plano ou fase de existência do qual havia um dia saído há milhares de trilhões de eras. Em outros momentos, requisitava o temível *Necronomicon* e o *Daemonolatreia* de Remigius, nos quais parecia estar esperançoso de encontrar alguma fórmula para conter o perigo que ele esconjurava.

— Detenha-os, detenha-os! — gritava —. Aqueles Whateley queriam deixá-los entrar, e o pior ainda está por vir! Digam a Rice e Morgan que devemos fazer alguma coisa; é um tiro no escuro, mas sei

como fazer o pó. . . . não foi alimentado desde o dia dois de agosto, quando Wilbur veio aqui para morrer, a estas alturas. . . .

Mas Armitage tinha um físico saudável apesar dos seus setenta e três anos e curou-se de sua indisposição após dormir aquela noite sem desenvolver nenhum estado febril. Ele acordou tarde na sexta, lúcido, embora demonstrando um medo persistente e um enorme senso de responsabilidade. Na tarde de sábado, ele se sentiu apto para ir até a biblioteca e convocar Rice e Morgan para uma reunião, e, durante o resto daquele dia, os três homens estiveram quebrando a cabeça na mais desatinada especulação e desesperado debate. Livros estranhos e terríveis foram retirados em grande volume das estantes da biblioteca e de lugares onde estavam guardados com segurança; diagramas e fórmulas foram copiados com uma pressa febril e em quantidade assustadora. De ceticismo, não havia nenhum. Todos os três haviam visto o corpo de Wilbur Whateley prostrado no chão numa sala daquele mesmo prédio, e, depois disso, nenhum deles poderia sentir a menor inclinação a tratar o diário como delírio de um louco.

As opiniões estavam divididas a respeito de notificar a Polícia Estadual de Massachusetts, porém a negativa finalmente venceu. Havia coisas envolvidas que aqueles que não haviam visto nada simplesmente não podiam acreditar, como de fato ficou claro durante certas investigações subseqüentes. Tarde da noite, foi encerrada a reunião sem que houvessem traçado um plano definitivo, mas, durante todo o domingo, Armitage esteve ocupado comparando fórmulas e misturando substâncias químicas obtidas do laboratório da faculdade. Quanto mais refletia sobre o infernal diário, mais estava inclinado a duvidar da eficácia de qualquer agente material para eliminar a entidade que Wilbur Whateley havia deixado trás si — a entidade ameaçadora da Terra que, desconhecida por ele, estava para irromper em poucas horas e tornar-se o memorável horror de Dunwich.

Segunda-feira foi uma repetição de domingo para o Dr. Armitage, pois a tarefa em mãos exigia uma infinidade de pesquisas e experimentos. Consultas posteriores ao diário monstruoso ocasionaram várias mudanças de planos, e ele sabia que mesmo no final haveria ainda muita incerteza. Na terça-feira, já tinha uma linha definitiva de ação planejada minuciosamente e acreditava poder viajar a Dunwich dentro de uma

semana. Então, na quarta-feira, veio o grande choque. Escondida num canto do *Arkham Advertiser,* encontrava-se uma pequena nota jocosa da Associated Press, dizendo que o whisky de contrabando de Dunwich havia criado um monstro que batia todos os recordes. Armitage, meio atordoado, só conseguiu telefonar para Rice e Morgan. Discutiram madrugada adentro e, no dia seguinte, houve um turbilhão de preparativos por parte de todos. Armitage sabia que estaria-se metendo com forças terríveis, contudo viu que não havia outra maneira de acabar com aquela mais profunda e maligna confusão que outros haviam feito antes dele.

9

Na sexta-feira de manhã, Armitage, Rice e Morgan partiram de carro para Dunwich, chegando ao povoado por volta da uma da tarde. O dia estava agradável, mas mesmo sob a clara luz do sol uma espécie de calmo pavor e agouro parecia pairar por sobre as estranhas colinas arredondadas e as profundas e sombrias ravinas da acometida região. Por vezes, sobre um topo de montanha, podia-se vislumbrar recortado contra o céu um lúgubre círculo de pedras. Pelo ar de silenciado temor presente na venda do Osborn, eles perceberam que algo horrível havia acontecido e logo ficaram sabendo da aniquilação da casa e da família de Elmer Frye. Por toda aquela tarde, rodaram por Dunwich, questionando os habitantes locais a respeito de tudo aquilo que havia acontecido e vendo com seus próprios olhos, em crescente agonia, as sombrias ruínas dos Frye com traços remanescentes da substância preta viscosa, os rastros blasfemos no terreiro dos Frye, o gado ferido de Seth Bishop e as enormes faixas de vegetação arrasada em vários lugares. A trilha que subia e descia a Colina Sentinela parecia para Armitage de uma significação quase cataclísmica, e, durante um certo tempo, permaneceu olhando para a sinistra pedra em forma de altar no cume.

Por fim, os visitantes, informados sobre um grupo da Polícia Estadual que viera de Aylesbury aquela manhã em resposta aos primeiros relatos telefônicos da tragédia dos Frye, decidiram procurar os oficiais e comparar suas impressões até onde fosse viável. Isso, contudo, acharam mais fácil de planejar do que de realizar, visto que nenhum sinal do grupo podia ser encontrado em qualquer direção. Eles eram cinco num carro, que agora se encontrava parado e vazio perto das ruínas no terreiro dos Frye. Os habitantes locais, havendo todos falado com os

policiais, pareciam primeiramente tão perplexos quanto Armitage e seus companheiros. Foi quando o velho Sam Hutchins pensou em algo que o deixou pálido; cutucou Fred Farr e apontou para o buraco úmido e profundo que se escancarava ali perto.

— Deus do céu — disse ofegante — Eu falei pr' eles num descê p'a drento do vale, e eu nunca pensei que arguém ia fazê isso com aquelas marca e aquele cheiro e os curiango tudo berrano lá embaixo naquela escuridão do meio-dia. . . .

Tanto os habitantes locais quanto os visitantes sentiram um calafrio, e todos os ouvidos pareciam escutar de forma instintiva e inconsciente. Armitage, agora que havia verdadeiramente encontrado o horror e seu rastro de destruição, tremeu com o peso da responsabilidade que lhe era imposta. A noite iria cair em breve, e era então que a blasfêmia montanhosa movia-se pesadamente sobre seu curso bizarro. *Negotium Perambulans in tenebris* . . . . O velho bibliotecário recitou a fórmula que havia memorizado e agarrou o papel que continha a alternativa um que não havia memorizado. Viu que sua lanterna elétrica estava em bom funcionamento. Rice, a seu lado, pegou de uma maleta um pulverizador de metal do tipo usado para combater insetos; enquanto Morgan tirava da caixa o rifle de caça grossa no qual confiava, apesar dos avisos dos colegas de que nenhuma arma material ajudaria.

Armitage, que havia lido o horrendo diário, sabia muito bem que tipo de manifestação esperar, mas não atemorizou mais as pessoas de Dunwich dando a eles quaisquer referências ou pistas. Ele esperava que a coisa pudesse ser derrotada sem qualquer revelação ao mundo sobre a monstruosidade da qual havia escapado. À medida que escurecia, os habitantes locais começaram a se dispersar em direção a suas casas, ansiosos por se trancar dentro delas, apesar da presente evidência de que todas as fechaduras e trancas humanas eram inúteis perante uma força que podia derrubar árvores e esmagar casas a seu bel prazer. Eles balançaram as cabeças ao saber do plano dos visitantes de ficar a postos nas ruínas dos Frye perto do vale; e assim que saíram, tinham pouca expectativa de vê-los de novo algum dia.

Houve estrondos embaixo das colinas naquela noite, e os curiangos piaram ameaçadoramente. De vez em quando, um vento, soprando por sobre o Vale da Fonte Fria, trazia um toque de inefável fedor

para o ar pesado da noite; tal fedor todos os três observadores já haviam sentido uma vez, quando estiveram perto de uma coisa moribunda que havia passado por quinze anos e meio como um ser humano. Mas o procurado terror não apareceu. O que quer que estivesse lá embaixo no vale estava esperando o momento propício, e Armitage disse a seus colegas que seria suicídio tentar atacá-lo no escuro.

Amanheceu lividamente, e os sons noturnos pararam. Era um dia cinza e triste, com uma garoa intermitente; e nuvens cada vez mais carregadas pareciam amontoar-se além das colinas em direção noroeste. Os homens de Arkham estavam indecisos sobre o que fazer. Buscando abrigo contra a chuva que aumentava embaixo de uma das poucas construções que ainda restavam na propriedade dos Frye, discutiram a conveniência de esperar ou partir para a agressão descendo vale adentro em busca da inominável e monstruosa presa. O aguaceiro aumentou, e estrépitos de trovões soaram vindos de horizontes distantes. Relâmpagos difusos tremeluziram, e então um raio bifurcado caiu próximo de onde estavam, como se descesse para dentro do próprio vale amaldiçoado. O céu ficou muito escuro, e os observadores torceram para que a tempestade fosse daquelas curtas e violentas que são seguidas por um céu limpo.

Ainda estava horripilantemente escuro quando, não muito mais de uma hora depois, uma confusa babel de vozes soou lá embaixo na estrada. Em seguida, apareceu um grupo de mais de uma dúzia de homens, correndo, gritando e até mesmo choramingando histericamente. Alguém que vinha à frente começou a dizer algumas palavras soluçando, e os homens de Arkham sobressaltaram-se quando aquelas palavras adquiriram uma forma coerente.

— Pai do céu, pai do céu — a voz quase não saiu. — Tá vino de novo, *e agora de dia!* Ta por aí, tá andano por aí agorica memo, e só Deus sabe quano vai acabá com tudo mundo!

Ofegante, o narrador silenciou, mas outro continuou a história.

Faiz quage uma hora que aqui o Zeb Whateley ouviu o telefone tocá e era a dona Corey, muié do George, que mora pra baixo da incruziada. Ela falô que o menino Luther tava tocano o gado p'a drento dispois do raio que caiu, quano viu que as arvre tava vergano p'a drento do outro

lado do barranco e sentiu o memo chero ruim qu'ele sentiu quano incontró aquelas baita pegada segunda de manhã. E ela falô qu'ele falô que feiz um subio e um baruio de água, que as arvre e o mato num pudia fazê suzinho, e de repente as arvre do lado da estrada começaro a vergá pr'um lado só, e feiz um baruio horrive de pisada forte espirrano barro. Mais vê só, o Luther num viu nadinha, só as arvre e o mato vergano.

Aí lá na frente d'onde o corgo dos Bishop passa por baixo da estrada, ele ouviu a ponte rangê e estralá, e pudia contá direitim o baruio da madera rachano e quebrano. E ele num viu nadinha memo, só as arvre e o mato vergano. E quano a Colina Sentinela começo a estralá, o Luther teve corage de subi até d'onde ele tinh'ovido o primer' estralo e oiô pr'o chão. Só tinha barro e água, e o céu tava preto, e a chuva tav'apagano as pegada demais de ligero; mais deis' da boca do barranco, d'onde as arvre tinh'entortado, inda tinh'umas marca danada de grande, iguar as qu'ele viu segunda de manhã.

Nesse momento, o primeiro e alvoroçado narrador interrompeu.

Mais *aquilo* num é o pobrema agora, aquilo foi só o começo. O Zeb aqui tava chamano o povo e tudo mundo tava escutano quano ligaro do sítio do Seth Bishop. A Sally, que toma conta da casa, tava berrano que nem doida — tinh'acabado de vê as arvre vergano do lado da estrada, e falo que fazia um baruio de amassá, iguar que um elefante pisano forte e esmagano tudo no caminho pra casa. Intão ela levantô e falô de repente dum cheiro horrívi e falô que o fio dela Chancey tava gritano que era o memo cheiro qu'ele sintiu lá em riba nas ruína dos Whateley na segunda de manhã. E os caçoro tava tudo latino e gemeno feio.

E intão ela sortó um grito terrívi e falô que o barracão lá embaixo na estrada tinha acabado de dismoroná iguar que se a tempestade tivesse pasado por lá, só que o vento num era forte ansim pra fazê aquilo. Tudo mundo tava ouvino e nóis consiguiu escutá a respiração forte dum montão de gente pelo telefone. De repente, Sally gritô tra'veiz e falô que a cerca da frente da casa tinha acabado de quebrá em mir pedacim, mais num tinha ninhum sinar do que tinha feito aquilo. Intão tudo mundo no telefone consiguiu ouvi o Chancey e o véio Seth Bishop gritano tamém, e a Sally tava berrano arto que arguma coisa pesada tinha batido na casa, num era raio nem nada, mais arguma coisa

pesada forçano a frente, que ficava se jogano e forçano, forçano, mais ocê num pudia vê nada das janela da frente. E intão... e intão...

Traços de pavor realçaram-se em cada rosto; e Armitage, tremendo como estava, mal pôde estimular o narrador a continuar.

— E intão . . . a Sally gritô arto: "Acode, a casa tá dismoronano". . . e pelo telefone nóis consiguiu ovi o baruião de tudo quebrano e uma gritaria danada . . . iguar que quano o sítio do Elmer Frye sumiu, só que pió . . . .

O homem fez uma pausa, e outro do grupo falou.

— Foi só isso memo, nenhum baruiu nem chiado no telefone despois daquilo. Só uma paradera. Nóis que ouviu isso saímo c'os nosso carro e carroça p'a cunsigui juntá bastante home lá no Corey e vim aqui pra vê que ocê achava mió fazê. O que eu acho memo é que é o jurgamento de Deus por causa dos nosso pecado, que nenhum de nóis pode nunca fugi.

Armitage viu que havia chegado o momento para uma ação verdadeira e falou decisivamente para o hesitante grupo de camponeses assustados.

Devemos segui-la, rapazes — disse num tom de voz o mais tranqüilizador possível. — Acredito que haja uma chance de fazer com que pare. Vocês sabem que aqueles Whateley eram bruxos, pois bem, essa coisa é uma coisa de feitiçaria e deve ser derrotada pelos mesmos meios. Vi o diário de Wilbur Whateley e li alguns dos estranhos livros antigos que ele costumava ler; e acho que sei o tipo certo de fórmula mágica que devo recitar para fazer com que a coisa despareça. É claro que não se pode ter certeza, mas vale a pena tentar. É invisível — sabia que seria — mas há um pó neste pulverizador de longa distância que pode fazê-lo aparecer por um segundo. Mais tarde vamos experimentá-lo. É uma coisa horrorosa demais para permanecer viva, mas não é tão má quanto o que Wilbur Whateley teria deixado para nós se tivesse vivido mais. Vocês nunca saberão do que o mundo escapou. Agora só temos essa única coisa com que lutar, e não pode multiplicar-se. Pode, contudo, causar muito dano; então não devemos hesitar em livrar a comunidade dela.

Devemos segui-la, e o modo de começar é indo até o lugar que acabou de ser arrasado. Que alguém indique o caminho; não conheço suas

estradas muito bem, mas imagino que deva haver um atalho pelo mato. O que vocês acham?

Os homens esquivaram-se por um momento, e então Earl Sawyer falou calmamente, apontando com um dedo encardido através da chuva que diminuia aos poucos.

— Acho que ocê pode chegá até o sítio do Seth Bishop mais dipressa cortano pelo mato mais baixo aqui, passano pela parte rasa do corgo e subino pelas terra roçada do Carrier e dispois pela mata. O sítio aparece na beira da parte arta da estrada, um poquim do otro lado.

Armitage, Rice e Morgan começaram a caminhar na direção indicada; e a maioria dos habitantes locais seguiram-nos devagar. O céu estava ficando mais limpo, e havia indícios de que a tempestade passara. Quando Armitage inadvertidamente tomava o caminho errado, Joe Osborn avisava-o e andava na frente para mostrar o correto. A coragem e a confiança estavam crescendo, embora o crepúsculo na floresta que cobria a colina quase perpendicular localizada no final do atalho — e entre cujas fantásticas árvores antigas tinham que escalar como se subissem uma escada —, impunha um teste severo a essas qualidades.

Por fim, chegaram a uma estrada lamacenta no momento em que o sol saía. Eles estavam um pouco além da propriedade de Seth Bishop, mas as árvores tombadas e os horrendos e inconfundíveis rastros mostravam o que havia passado por ali. Só alguns minutos foram gastos pesquisando as ruínas que se encontravam à beira do abismo. Tudo ocorreu como no incidente dos Frye, e nada vivo ou morto foi encontrado em nenhuma das fachadas derruídas que haviam sido a casa e o celeiro dos Bishop. Ninguém queria permanecer ali entre o mau cheiro e a substância preta viscosa, mas todos se viraram instintivamente para a fileira de marcas horríveis que se dirigiam para a arruinada casa dos Whateley e para as ladeiras coroadas de altares da Colina Sentinela.

Ao passar pelo local onde Wilbur Whateley residia, os homens estremeceram-se visivelmente e pareciam misturar hesitação a seu entusiasmo outra vez. Não era brincadeira seguir o rastro de algo tão grande quanto uma casa que não se podia ver, mas aquilo tinha toda a malevolência destrutiva de um demônio. Do lado oposto da base da Colina Sentinela, os rastros deixavam a estrada, e havia aquele envergamento e

emaranhamento da vegetação visível ao longo da extensa faixa que marcava a primeira trilha do monstro indo e voltando do cume.

Armitage exibiu uns binóculos com uma considerável capacidade de aumento e perscrutou o precipício verde que ladeava a colina. Então, ele passou o instrumento para Morgan, cuja vista era melhor. Após um momento de observação atenta, Morgan soltou um grito agudo, passando-o para Earl Sawyer e indicando com o dedo um certo ponto no precipício. Sawyer, tão desajeitado quanto a maioria dos que não usam instrumentos óticos, atrapalhou-se um pouco, mas, finalmente, focou as lentes com a ajuda de Armitage. Assim que localizou o ponto, seu grito foi menos reprimido do que havia sido o de Morgan.

— Deus todo poderoso, o mato e as arvrinha tá se mexeno! Tá subino, bem devagarinho, se rastano lá pra riba agorica memo, só Deus sabe p'a modi quê!

Então, o germe do pânico pareceu espalhar-se por entre os exploradores. Uma coisa era perseguir a entidade inominável, bem outra era encontrá-la. As fórmulas mágicas podiam estar corretas, mas e se não estivessem? Vozes começaram a questionar Armitage sobre o que ele sabia a respeito da coisa, e nenhuma resposta parecia satisfazê-los de verdade. Todos pareciam sentir-se em grande proximidade a fases da Natureza e da existência totalmente proibidas e externas à sã experiência da humanidade.

10

Finalmente, os três homens de Arkham — o velho de barba branca Dr. Armitage, o atarracado e grisalho Prof. Rice e o magro e de aparência jovem Dr. Morgan — subiram a montanha sozinhos. Depois de uma instrução muito paciente a respeito de sua focagem e uso, eles deixaram os binóculos com o amedrontado grupo que permaneceu na estrada; e, enquanto subiam, o instrumento foi passado de mão em mão para que pudessem ser observados de perto. Era um trajeto difícil, e Armitage teve que ser ajudado mais de uma vez. Bem acima do esforçado grupo, a grande faixa tremia quando seu infernal criador passava de novo por ela com a lentidão de uma lesma. Assim, tornou-se óbvio que os perseguidores estavam ganhando terreno.

Curtis Whateley, do ramo não decadente, era quem estava com os binóculos quando o grupo de Arkham desviou-se radicalmente da faixa. Ele disse à multidão que os homens estavam evidentemente tentando chegar a um pico secundário que desse vista para a faixa num ponto consideravelmente à frente de onde o matagal estava agora tombando. Isso, de fato, provou ser verdade, pois o grupo foi visto alcançando a elevação menor momentos depois que a blasfêmia invisível havia passado por lá.

Então, Wesley Corey, que havia pegado o instrumento, gritou que Armitage estava ajustando o pulverizador que Rice segurava e que algo devia estar para acontecer. Os homens agitaram-se apreensivamente, relembrando que era esperado que o pulverizador desse ao horror oculto um momento de visibilidade. Dois ou três homens fecharam os olhos, mas Curtis Whateley apanhou de volta os binóculos e estendeu seu campo de visão para o máximo. Viu que Rice, da posição vantajosa em que se encontrava o grupo — acima e atrás da entidade —, tinha uma chance excelente de espalhar o poderoso pó com um ótimo efeito.

Os outros, sem o telescópio, viram apenas por um instante uma nuvem cinza — uma nuvem de cerca do tamanho de um prédio moderadamente alto — perto do topo da montanha. Curtis, que estava com o instrumento, derrubou-o com um grito estridente no barro da estrada onde se podia atolar até o tornozelo. Ele cambaleou e teria caído no chão se dois ou três de seus companheiros não o tivessem agarrado e mantido-o em pé. Tudo o que pôde fazer foi lamentar-se de modo quase inaudível.

— Ai, ai, Deus todo poderoso. . . *aquilo... aquilo*. . . .

Houve um pandemônio de perguntas, e somente Henry Wheeler pensou em resgatar o instrumento caído e tirar o barro dele. Curtis havia perdido os sentidos e mesmo respostas isoladas eram demais para ele.

— Mais grande que uma tuia . . . tudo feito de corda turcida . . . interim do jeito dum ovo de galinha mais grande que carqué coisa com mais de dúzia de perna iguar que uns barrir que fechava pela metade quano eles pisava... num tinha nada de sólido, iguar que uma geléia, e feito dumas corda turcida separada que se empurrava junto . . . uns óio grande e sartado pur tudo lado. . . umas deiz ou vinte boca ou tromba sartano pra fora de tudo lado, do tamanho duma chaminé de fogão, e tudo

mexeno e abrino e fechano . . . tudo cinza, c'uns tipo de argola azur ou roxa . . . *e pai do céu, aquela mitade de cara lá em riba!. . .*

Esta lembrança final, o que quer que fosse, significou demais para o pobre Curtis; e ele desmaiou completamente antes que pudesse dizer qualquer coisa mais. Fred Farr e Will Hutchins carregaram-no para a lateral da estrada e o deitaram na grama úmida. Henry Wheeler, tremendo, virou os binóculos resgatados em direção à montanha para ver o que fosse possível. Através das lentes, distinguiam-se três figuras minúsculas, correndo em direção ao cume o mais rápido que a íngreme ladeira permitia. Só isso, nada mais. Então, todos notaram um barulho estranhamente inoportuno no vale profundo atrás, e mesmo na vegetação rasteira da própria Colina Sentinela. Era o piar de inúmeros curiangos, e, em seu coro estridente, parecia estar escondida uma nota de tensa e maligna expectativa.

Earl Sawyer, então, pegou os binóculos e relatou que as três figuras estavam na crista mais alta, praticamente no mesmo nível da pedra-altar, mas a uma distância considerável dela. Um deles, disse, parecia estar levantado as mãos acima da cabeça a intervalos rítmicos; e, enquanto Sawyer mencionava a circunstância, o grupo parecia ouvir à distância um som lânguido e com uma certa musicalidade, como se um cântico em alto tom estivesse acompanhando os gestos. A bizarra silhueta sobre aquele pico remoto deve ter sido um espetáculo infinitamente grotesco e impressionante, mas nenhum observador estava com disposição para uma apreciação estética. "Eu acho qu'ele tá falano as palavra mágica", sussurrou Wheeler enquanto arrebatava os binóculos de volta. Os curiangos estavam piando furiosamente e num ritmo singularmente curioso e irregular, bem diferente daquele do ritual.

De repente, o brilho do sol pareceu diminuir sem a intervenção de qualquer nuvem visível. Era um fenômeno muito peculiar e foi bem notado por todos. Um som estrondeante parecia estar-se formando embaixo das colinas, em estranha concordância com um estrondo que vinha claramente do céu. Um relâmpago cintilou no alto, e o grupo abismado procurou em vão por presságios de tempestade. O cântico dos homens de Arkham agora se tornou inconfundível, e Wheeler viu através do instrumento que eles estavam levantando os braços ao ritmo do encantamento. De alguma propriedade rural longínqua, chegaram frenéticos latidos de cães.

A mudança nas tonalidades da luz do sol aumentou, e o grupo contemplou maravilhado o horizonte. Uma escuridão arroxeada, nascida de nada mais do que um aprofundamento espectral do azul celeste, impelia-se por sobre as retumbantes colinas. Então, relampejou de novo, de forma mais brilhante do que antes, e o grupo imaginou que havia uma certa neblina ao redor da pedra-altar no ápice distante. Contudo, ninguém estava olhando com os binóculos naquele momento. Os curiangos continuaram com sua vibração irregular, e os homens de Dunwich prepararam-se, em meio a grande tensão, contra alguma ameaça imponderável de que a atmosfera estava sobrecarregada.

Sem que fossem esperados, chegaram aqueles profundos, dissonantes e roucos sons vocais que nunca sairão da memória daquele acometido grupo que os ouviu. Não haviam nascido de nenhuma garganta humana, pois os órgãos dos homens não podem produzir tais perversões acústicas. É mais provável dizer que eles provinham do próprio abismo, se não fosse tão inconfundível que sua fonte era a pedra-altar no pico. De qualquer modo, é quase errôneo chamá-los de *sons,* já que muito de seu horripilante e infra-grave timbre falava para partes sombrias de consciência e terror muito mais sutis do que o ouvido; contudo, deve-se chamá-los assim, já que sua forma era incontestável embora vagamente a de *palavras* semi-articuladas. Eram altos — altos como os estrondos e o trovão sobre os quais ecoavam — contudo não provinham de nenhum ser visível. E porque a imaginação pode servir de fonte hipotética para o mundo dos seres não-visíveis, o grupo amontoado na base da montanha amontoou-se ainda mais e se encolheu como se esperasse um desastre.

— *Ygnaiih. . . ygnaiih . . . thflthkh 'ngha . . . Yog-Sothoth. . .* — soou o horripilante grasnido vindo do espaço. — *Y'bthnk. . . h 'ehye — n 'grkdl'lh. . .*

Nesse momento, o impulso da fala parecia faltar, como se uma terrível luta psíquica estivesse acontecendo. Henry Wheeler voltou a olhar com os binóculos, mas só viu as grotescas silhuetas das três figuras humanas no pico, todas movendo os braços furiosamente em gestos estranhos como se o encantamento estivesse próximo de seu fim. De quais poços negros de medo ou sentimento aquerôntico, de quais desconhecidos golfos de consciência extra-cósmica ou herança obscura e

muito latente, foram trazidos aqueles semi-articulados grasnidos de trovão? Nesse momento, eles começaram a adquirir força e coerência renovadas enquanto aumentava o ímpeto de seu último e definitivo frenesi.

— Eh-ya-ya-ya-yahaah — e 'yayayayaaaa. . . ngh 'aaaaa . . . ngh 'aaa . . . h 'yuh. . . hyuh . . . HELP! HELP!. . . ff—ff—ff—FATHER! FATHER! YOG-SOTHOTH!. . .

Mas isso foi tudo. O pálido grupo que estava na estrada, ainda abalado com as sílabas *indiscutivelmente inglesas* que haviam fluído densa e ameaçadoramente do enfurecido espaço vazio ao lado daquela repelente pedra-altar, nunca mais ouviria tais sílabas outra vez. Em seguida, sobressaltaram-se violentamente com o terrível estrondo que parecia rasgar as colinas; o ensurdecedor e cataclísmico estrépito cuja origem, fosse na Terra ou no céu, nenhum ouvinte foi capaz de afirmar. Um único raio caiu do zênite púrpura e atingiu a pedra-altar, e uma gigantesca onda de invisível força e indescritível mau cheiro, vinda da colina, assolou todo o campo. As árvores, o mato e a vegetação rasteira foram assolados por sua fúria, e o amedrontado grupo na base da montanha, enfraquecido pelo fedor letal que parecia estar a ponto de asfixiar a todos, foi quase arremessado do chão onde pisava. Cães uivavam à distância; o mato e as folhagens murcharam, passando de verde a um curioso e doentio cinza amarelado, e sobre o campo e a floresta espalharam-se os corpos dos curiangos mortos.

O mau cheiro passou rapidamente, mas a vegetação nunca mais voltou a ser a mesma. Até hoje, há algo esquisito e ímpio na vegetação que cresce naquela temível colina ou a seu redor. Curtis Whateley mal estava recobrando a consciência quando os homens de Arkham desceram lentamente a montanha sob os raios de sol agora mais brilhantes e imaculados. Estavam sérios e calados e pareciam atordoados por memórias e reflexões ainda mais terríveis do que aquelas que haviam reduzido o grupo de habitantes locais a um estado de estremecimento e intimidação. Em resposta a um turbilhão de perguntas, eles apenas balançaram as cabeças e reafirmaram um fato de vital importância.

— A coisa se foi para sempre — disse Armitage. Foi decomposta, transformando-se naquilo que era originalmente e não pode existir outra vez. Era uma impossibilidade num mundo normal. Somente uma ínfima parte sua era mesmo matéria em qualquer sentido que conhecemos. Era

como seu pai, e a maior parte dela voltou para ele em algum vago domínio ou dimensão fora de nosso universo material, em algum vago abismo do qual somente os mais amaldiçoados ritos de blasfêmia humana poderiam tê-la chamado por um momento nas colinas.

Houve um breve silêncio, e naquela pausa os sentidos dispersos do pobre Curtis Whateley começaram a se unir de volta numa certa continuidade, e, então, ele levou as mãos à cabeça soltando um gemido. As lembranças pareciam-se retomar onde haviam parado, e o horror da visão que o havia prostrado arrebatou-o novamente.

— *Ai, ai, Deus meu, aquela meia cara, aquela meia cara lá no arto dele . . . aquela cara c'os óio vermeio e o cabelo branco enrolado, e sem queixo, iguar que os Whateley . . . Era um porvo, uma centopéia, pareceno uma aranha, mas a metade da cara era de home no arto dele, e parecia o Fiticero Whateley, só que era muito, muito mais grande. . . .*

Exausto, ele fez uma pausa, enquanto todo o grupo de habitantes locais olhava-o numa perplexidade não totalmente cristalizada em novo terror. Apenas o velho Zebulon Whateley, que vagamente se lembrava de coisas antigas mas que ficara quieto até então, falou em voz alta.

— Faiz sete ano — divagou — qu'eu ouvi o Véio Whateley falá que um dia nóis ia ouvi um fio da Lavinny chamá o nome do pai dele lá no arto da Colina Sentinela. . . .

Mas Joe Osborn interrompeu-o para voltar a perguntar aos homens de Arkham.

— Que era aquilo, intão, e cumo é que o moço Fiticero Whateley chamô ele lá de onde ele veio?

Armitage escolheu suas palavras com muito cuidado.

— Era, bem, era sobretudo um tipo de força que não pertence à nossa parte do espaço; um tipo de força que age, cresce e toma forma por outras leis, diferentes daquelas da nossa espécie de natureza. Não devemos chamar essas coisas do exterior, e somente pessoas muito perversas e cultos muito perversos é que tentam fazê-lo. Havia alguma coisa dela no próprio Wilbur Whateley, suficiente para torná-lo um demônio e um monstro precoce e fazer de sua morte uma cena terrível demais. Vou queimar seu amaldiçoado diário; e, se vocês forem homens prudentes,

dinamitem aquela pedra-altar lá no alto e derrubem todos os círculos de pedras verticais das outras colinas. Coisas como essa trouxeram os seres de que os Whateley gostavam tanto, os seres a que eles iam dar forma terrestre para exterminar a humanidade e arrastar a Terra para algum lugar inominável por alguma razão inominável.

Mas no que se refere a essa coisa que nós acabamos de mandar de volta, os Whateley a criaram para desempenhar um papel terrível nos feitos que estavam por vir. Cresceu rápido e ficou grande pela mesma razão que Wilbur cresceu rápido e ficou grande, mas o superou porque tinha uma porção maior de *exterioridade* nele. Vocês não precisam perguntar como Wilbur o chamou do espaço. Ele não o chamou. *Era seu irmão gêmeo, mas se parecia mais com o pai do que ele.*



O Horror no Museu

FOI APENAS CURIOSIDADE o que levou Stephen Jones ao Museu Rogers pela primeira vez. Alguém lhe falara a respeito do estranho lugar subterrâneo na Southwark Street, do outro lado do rio, onde criaturas de cera muito mais horrendas que as piores efígies do Madame Tussaud estavam expostas; e num dia de abril ele resolveu entrar para conferir que tipo de desapontamento iria ter. Curiosamente, não se desapontou. Afinal, alguma coisa diferente e notável estava ali. Decerto, os velhos lugares-comuns sangüinários não poderiam faltar: Landru, Doutor Crippen, Madame Demers, Rizzio, Lady Jane Grey, infindáveis vítimas da guerra e da revolução, e monstros como Gilles de Rais e o Marquês de Sade; mas também outras coisas que aceleraram sua respiração e o fizeram permanecer até ouvir o toque de fechar. O homem que tinha montado aquela coleção não poderia ser um charlatão ordinário. Havia imaginação, e até um toque de genialidade doentia, em algumas das peças.

Mais tarde ele se informou sobre George Rogers. O homem tinha sido da equipe do Tussaud, mas algum problema ocorrera que resultara em sua demissão. Ouviram-se rumores acerca de sua sanidade mental e notícias sobre suas loucas formas de adoração secreta; embora, finalmente, o sucesso de seu próprio museu no porão acabasse embotando o gume de algumas críticas, ao mesmo tempo em que aguçava a ponta insidiosa de outras. Teratologia e iconografia do pesadelo eram seus passatempos; e ele teve mesmo a prudência de alojar discretamente algumas de suas piores efígies numa alcova especial, destinada somente aos adultos. Foi essa alcova que tanto fascinou Jones. Havia coisas

híbridas e disformes que só a fantasia seria capaz de gerar, moldadas com arte diabólica e coloridas de um modo horrivelmente realístico.

Algumas eram figuras de mitos bem conhecidos: górgonas, quimeras, dragões, ciclopes e todos os seus arrepiantes congêneres. Outras tinham sido tiradas de mais obscuros e só furtivamente murmurados ciclos de lendas subtérreas: o negro e disforme Tsathoggua, o multitentacular Cthulhu, o trombudo Chaugnar Faugn, e outras indizíveis blasfêmias extraídas de livros proibidos como o *Necronomicon,* o *Livro de Eibon* ou o *Unaussprechlichen Kulten,* de Von Junzt. Mas as piores eram criações originais de Rogers, representando formas que nenhuma narrativa da antigüidade teria alguma vez ousado descrever. Muitas eram repulsivas paródias das formas da vida orgânica que conhecemos, enquanto outras pareciam ter sido sacadas de sonhos febris de outros planetas e galáxias. As mais selvagens pintadas por Clark Ashton Smith podem sugerir algumas; mas nada se compararia ao efeito de pungente, repelente terror gerado pelas suas grandes dimensões e delirante acabamento artesanal e pelas condições de luz diabolicamente perspicazes sob as quais eram exibidas.

Stephen Jones, como um descompromissado *connoisseur* do bizarro na arte, procurara Rogers pessoalmente no sombrio escritório e estúdio que ficava atrás do salão de teto abobadado do museu - uma cripta de aspecto demoníaco, obscuramente iluminada por janelas de correr poeirentas, dispostas horizontalmente no nível dos paralelepípedos de um pátio escondido. Nesse lugar é que se fazia a manutenção das imagens, e ali, também, algumas tinham sido produzidas.

1

Braços de cera, pernas, cabeças e torsos jaziam em grotesca desordem sobre vários bancos, ao passo que nas prateleiras das estantes se viam perucas, dentes e olhos mortiços de vidro espalhados indiscriminadamente. Vestimentas de todos os tipos pendiam de ganchos; e numa dada alcova havia grandes pilhas de cera cor-de-carne e prateleiras repletas de latas de tinta e pincéis de todos os formatos. No centro do cômodo estava a grande forja para preparar a cera a ser moldada, sua larga boca ocupada por um vasto *container* de ferro com alças, ao qual se ligava um tubo que permitiria despejar a cera derretida com um simples toque de dedo.

Outras coisas, na cripta penumbrosa, seriam mais difíceis de descrever: partes isoladas de entidades problemáticas cujas formas agrupadas eram fantasmas de delírio. Numa das extremidades via-se uma porta de madeira maciça, trancada por um cadeado de tamanho incomum, sobre a qual se achava pintado um símbolo bastante peculiar. Jones, que já tivera acesso ao temível *Necronomicon,* estremeceu involuntariamente ao reconhecer aquele símbolo. Este expositor, refletiu, deve ser alguém de um saber desconcertantemente vasto acerca dos assuntos dúbios e negros.

Também a palestra de Rogers não o desapontou. Era um homem alto, esguio e assaz desalinhado, os grandes olhos negros brilhando em combustão em meio a uma face pálida e mal barbeada. Não se incomodou com o aparecimento de Jones e antes pareceu saudar a ocasião de poder se abrir com uma pessoa interessada. Sua voz era de uma profundidade e de uma ressonância singulares, mal dissimulando uma ponta de intensidade represa, que bordejava mesmo com o fervor. Jones não se espantou de que muitos o tivessem julgado louco.

A cada nova visita (e as visitas se tornaram habituais com o passar das semanas), Jones encontraria Rogers mais comunicativo, mais inclinado às confidências. No princípio, tinha havido rumores de crenças e práticas estranhas, da parte do expositor, e mais tarde esses rumores se expandiram em histórias, não obstante umas poucas e estranhas fotografias corroborantes, cuja extravagância roçaria pelo cômico. Foi em junho, numa noite em que Jones trouxera uma garrafa de bom uísque e pôde conversar mais livremente com seu anfitrião, que o discurso realmente insano despontou. Antes disso, haviam surgido histórias delirantes demais - relatos de viagens ao Tibete, ao interior da África, ao deserto da Arábia, ao vale do Amazonas, ao Alasca e a certas ilhas pouco conhecidas do Pacífico Sul, além de declarações acerca de ter lido livros monstruosos como os fragmentos Pnacóticos e os cantos Dhol atribuídos ao maligno e inumano Leng -, mas nada disso fora tão inequivocamente insano quanto o que veio à tona, sob o influxo do uísque, naquele anoitecer de junho.

Mais abertamente, Rogers passou a se gabar de ter encontrado certas coisas na natureza que ninguém encontrara antes e de ter trazido à luz evidências de tais descobertas. De acordo com sua arenga, tinha ido

mais longe do que qualquer outro na interpretação desses livros obscuros e primevos que estudara, e fora orientado por eles para certos lugares remotos onde insólitos remanescentes se ocultavam - remanescentes de éons de ciclos de vidas mais antigos que a humanidade e em alguns casos conectados com outras dimensões e outros mundos, mundos e dimensões com os quais a comunicação seria freqüente em dias pré-humanos. Jones se maravilhava com uma fantasia tão capaz de conjurar semelhantes noções e se perguntava qual seria a real história mental de Rogers. Teria sido o seu trabalho em meio ao grotesco mórbido do Madame Tussaud o ponto de partida para suas fugas imaginativas ou se tratava de uma tendência inata, da qual a escolha de sua ocupação fora apenas uma das manifestações? De qualquer modo, o trabalho do homem estava como que ligado a essas noções. Mesmo agora não havia que se equivocar com o curso de suas mais negras sugestões acerca das monstruosidades de pesadelo ocultas atrás da porta onde se lia "Para adultos somente". Infenso ao ridículo, ele tentava sugerir que nem todas essas anormalidades demoníacas eram artificiais.

Foi mesmo o ceticismo e o espanto de Jones diante dessas declarações irrespondíveis que acabaram quebrando a crescente cordialidade. Rogers - estava claro - se levava muito a sério, pois agora se tornava moroso e ressentido, continuando a tolerar Jones somente ao preço de um incontido impulso de romper o muro de sua incredulidade urbana e complacente. Contos e sugestões delirantes de ritos e sacrifícios prestados a inomináveis deuses antigos continuavam; e aqui e ali Rogers mostraria ao hóspede uma das ultrajantes blasfêmias na alcova reservada e apontaria detalhes difíceis de conciliar mesmo com a mais refinada artesania humana. Jones prosseguiu, fascinado, com suas visitas, embora soubesse que tinha desmerecido os interesses de seu anfitrião. Às vezes, tentaria animar Rogers com um fingido assentimento a alguma sugestão ou asserção maluca, mas o magro expositor raramente se deixaria enganar por essas táticas.

A tensão atingiu o ápice mais tarde, em setembro. Jones entrou casualmente no museu, num certo entardecer, e perambulava pelos corredores sombrios, cujo horror lhe era agora familiar, quando ouviu um som bastante sinistro, proveniente do estúdio de Rogers. Outros o ouviram também e, nervosamente, saíram em disparada, enquanto os ecos

reverberavam através do grande porão de teto arqueado. Os três assistentes trocaram olhares significativos; um deles, um sujeito negro e taciturno, com ar de estrangeiro, que sempre servira Rogers como reparador e desenhista assistente, sorriu de um modo que pareceu intrigar seus colegas e que tocou profundamente alguma faceta da sensibilidade de Jones. Parecia o ganido ou o uivo de um cão e era um som que só poderia ser produzido sob condições do mais extremo terror e agonia combinados. Seu frenesi agudo, angustiado, era impressionante de ouvir e, em toda a sua grotesca anormalidade, continha algo duplamente aterrorizante. Jones se lembrou de que não eram permitidos cachorros no museu.

Estava prestes a ir até a porta que conduzia ao estúdio, quando o atendente negro o deteve com uma palavra e um gesto. O Sr. Rogers - o homem disse, numa voz suave e algo acentuada que não escondia qualquer coisa de apologético e sardônico - tinha saído, e havia ordens expressas para não deixar que ninguém entrasse no estúdio durante sua ausência. Quanto àquele uivo, proviera certamente de alguma coisa lá fora, do pátio aos fundos do museu. A vizinhança estava cheia de vira-latas, cujas brigas costumavam ser chocantemente barulhentas. Não havia cães em parte alguma do museu. Mas, se o Sr. Jones quisesse ver o Sr. Rogers, poderia encontrá-lo antes da hora de fechar.

Depois disso, Jones galgou os velhos degraus de pedra até a rua e examinou com curiosidade os esquálidos arredores. Os edifícios magros, decrépitos - que uma vez foram residências, mas que agora eram na maioria lojas e armazéns - eram de fato muito antigos. Alguns deles eram de um tipo que parecia remontar à época dos Tudors, e um fedor algo miasmático pairava sutilmente por toda a região. Ao lado da casa sombria cujo porão servia de museu havia uma passagem em arco, não muito alta, cortada por um caminho de pedras escuras, e foi por ela que Jones enveredou na vaga expectativa de encontrar o pátio dos fundos e ajeitar em sua mente, de um modo mais confortável, o caso do cachorro. O pátio, obscurecido na fraca luz do entardecer, estava cercado ao fundo por muros mais feios e intangivelmente ameaçadores do que as fachadas decadentes do casario vetusto e maligno. Não se via nenhum cachorro. Jones se perguntou como o resultado de tamanho frenesi poderia ter se desvanecido tão depressa e tão completamente.

Apesar da declaração do assistente de que nenhum cachorro tinha estado no museu, Jones examinou com nervosismo as três pequenas janelas do estúdio subterrâneo, estreitos e horizontais retângulos colados ao piso onde a erva crescia, seus vidros ostensivos a mirar repulsivamente e sem curiosidade como os olhos de um peixe morto. À sua esquerda um lance carcomido de degraus conduzia a uma obscura porta de pesadas dobradiças. Um impulso lhe veio de se abaixar sobre os paralelepípedos úmidos e partidos e espiar lá dentro, na possibilidade de que os espessos cortinados verdes, movidos por longos cordões que desciam até um nível alcançável, não poderiam ser afastados. As superfícies externas estavam grossas de poeira, mas quando as esfregou com o lenço percebeu que não havia nenhuma cortina obstruindo a visão.

Tão penumbroso era o interior do porão que pouca coisa se podia ver, mas a grotesca parafernália se deixava lobrigar espectralmente aqui e ali, enquanto Jones observava janela por janela. Parecia evidente, a princípio, que ninguém estava dentro; no entanto, quando ele espiou através da janela da extrema direita - aquela mais próxima do caminho de entrada -, avistou um brilho ao fundo do compartimento que o fez estacar surpreendido. Não havia razão para que nenhuma luz estivesse ali. Tratava-se de uma parte interna do cômodo, e ele não podia lembrar-se de haver nenhuma lâmpada elétrica ou a gás perto daquele ponto. Uma outra olhadela definiu o brilho como sendo um largo retângulo vertical, e um pensamento lhe ocorreu. Era naquela direção que ele tinha sempre reparado na grande porta de madeira com o imenso cadeado - a porta que nunca era aberta e sobre a qual se estampava cruamente aquele pavoroso símbolo críptico proveniente dos documentos fragmentários de uma magia ancestral e proibida. Devia estar aberta agora, e havia uma luz lá dentro. Toda a sua especulação anterior sobre o lugar aonde aquela porta levaria e sobre o que haveria por trás foi então renovada, com uma intensidade triplamente inquietadora.

Jones perambulou a esmo pela opressiva localidade até próximo das seis horas, quando voltou ao museu para procurar Rogers. Dificilmente poderia dizer por que ansiava tanto em ver o homem assim de imediato; contudo devem ter influído nessa disposição algumas suspeitas subconscientes acerca daquele uivo canino da tarde, terrivelmente difícil de situar, e acerca do brilho naquela porta perturbadora do interior, que

usualmente permanecia fechada com o maciço cadeado. Os assistentes estavam de saída quando ele chegou, e achou que Orabona, o negro assistente de aparência estrangeira, o olhava com uma curiosidade subreptícia e contida. Não gostava daquele olhar, mesmo tendo visto o sujeito dirigi-lo ao seu patrão noutras ocasiões.

O salão de teto abaulado parecia aterrorizante em seu abandono, mas ele o atravessou velozmente e bateu na porta do escritório e estúdio. A resposta demorou a vir, embora se ouvissem passos lá dentro. Finalmente, em resposta a uma segunda batida, a fechadura estalou, e o antigo portal de seis painéis rangeu relutantemente antes de pôr à mostra o vulto devastado e de olhar febricitante de George Rogers. Logo de saída ficou claro que o expositor se achava num estado de espírito incomum. Havia uma curiosa mistura de relutância e de real avidez em sua saudação, e seu modo de falar derivava para extravagâncias do tipo mais incrível e horripilante.

Antigos deuses sobreviventes - inomináveis sacrifícios - a outra natureza além daquela, artificial, dos horrores da alcova - toda a lengalenga usual, mas pronunciada num tom de confiança algo crescente. Obviamente, refletiu Jones, a loucura do pobre o estava dominando mais e mais. Vez por outra, Rogers lançaria olhadelas furtivas em direção à porta trancada no final do cômodo ou em direção a um pedaço de áspera aniagem que jazia no chão, não muito distante dele, sob o qual algum objeto pequeno parecia estar colocado. Jones ficou mais nervoso à medida que os momentos passavam e começou a se sentir tão hesitante em mencionar os estranhos eventos da tarde quanto há pouco tinha estado ansioso por fazê-lo.

O tom sepulcralmente grave da voz de Rogers quase se partia sob a excitação de seu delírio febril.

- Você se lembra - gritou - do que eu lhe contei acerca daquela cidade em ruínas da Indochina onde os tcho-tchos viviam? Teve de admitir que estive lá, quando viu as fotografias, mesmo se achasse que eu fiz às escuras aquele nadador oblongo de cera. Se você o tivesse visto contorcendo-se nos poços subterrâneos como eu vi...

"Bem, este é maior ainda. Nunca lhe falei sobre este, porque desejava trabalhar as últimas partes antes de fazer qualquer anúncio.

Quando você vir os instantâneos, saberá que a geografia não poderia ter sido falsificada; e eu creio que tenho outro meio de prová-lo. Não se trata de nenhuma mistura de cera que fiz. Você nunca o viu, porque os experimentos não me permitiriam mantê-lo em exibição."

O exibidor olhou de um modo estranho para a porta trancada.

- Tudo provém daquele longo ritual no oitavo fragmento pnacótico. Quando me dei conta, vi que poderia ter apenas um significado. Havia coisas no norte antes que a terra de Lomar - antes que a humanidade existisse; e esta era uma delas. Vasculhamos tudo até o Alasca, partindo de Fort Morton até Nootak, mas a coisa estava lá, como sabíamos que estaria. Grandes ruínas ciclópicas, cobrindo acres inteiros. Havia sobrado menos do que esperáramos, mas após três milhões de anos o que se poderia desejar? E não estavam as lendas esquimós todas na direção certa? Não podíamos forçar um deles a ir conosco, e tivemos de esquiar de volta até Nome em busca de americanos. Orabona não tinha utilidade naquele clima, tornou-se taciturno e odioso.

"Mais tarde lhe contarei do modo como a encontramos. Quando removemos o gelo dos pilonos da ruína central, a escadaria era exatamente como pensamos que seria. Viam-se ainda alguns entalhes, e não houve problemas em impedir que os yankees nos seguissem ao entrarmos. Orabona tremia como uma folha - você nunca suporia, vendo o modos insolentes que ele exibe por aqui. Ele conhecia o bastante sobre as velhas lendas, para estar devidamente amedrontado. A luz externa tinha acabado, mas nossos archotes mostravam o bastante. Vimos os ossos de outros que tinham existido antes de nós éons atrás, quando o clima era quente. Alguns desses ossos eram de coisas que você não poderia sequer imaginar. No terceiro nível abaixo, encontramos o trono de marfim, do qual os fragmentos tanto falavam - e posso lhe dizer que não estava vazio.

"A coisa no trono não se movia, e então percebemos que Ele precisava ser alimentado por algum sacrifício. Mas não pretendíamos acordá-Lo. Melhor levá-Lo para Londres primeiro. Orabona e eu nos arrojamos à superfície da grande caixa, mas quando O embalamos, vimos que não poderíamos subir com Ele os três lances de degraus. Esses degraus não foram construídos para seres humanos, suas dimensões nos dificultavam. De qualquer modo, era pesado em excesso. Tivemos de chamar os americanos para O tirarmos de lá. Não estavam nada animados a

entrar no lugar, mas certamente a coisa pior já estava dentro da caixa. Dissemos a eles que se tratava de uma peça de marfim esculpido, material arqueológico; e, ao verem o trono entalhado, provavelmente acreditaram em nós. É um espanto que não tenham suspeitado de um tesouro oculto e que não tenham exigido uma parte. Devem ter contado estranhas histórias acerca de Nome, mais tarde; embora eu duvide de que tenham retornado às ruínas, mesmo pelo trono de marfim."

Rogers fez uma pausa, procurou em sua escrivaninha e tirou um envelope com fotografias de tamanho grande. Extraindo uma e colocando-a com a face virada para baixo à sua frente, passou as restantes a Jones. O conjunto era certamente espantoso: colinas cobertas de gelo, trenós puxados por cães, homens envolvidos em peles, e vastas ruínas decadentes contra um fundo de neve - ruínas cujos contornos bizarros e cujos blocos enormes de pedra dificilmente poderiam ser descritos. Uma vista à luz do *flash* mostrava uma incrível câmara interior com entalhes selvagens e um trono curioso cujas proporções não poderiam ter sido desenhadas para um ocupante humano. Os entalhes da alvenaria gigantesca - altas paredes peculiarmente abobadadas

- eram grandemente simbólicos e envolviam tanto desenhos completamente desconhecidos quanto certos hieróglifos citados de modo sombrio em legendas obscenas. Sobre o trono estampava-se o mesmo símbolo temerário que se via pintado acima da porta de madeira da oficina. Jones lançou um olhar nervoso àquele portal fechado. Com toda certeza, Rogers andara por lugares estranhos e vira coisas estranhas. Entretanto aquela fotografia louca do interior podia ser facilmente uma fraude - tirada de um cenário bem montado. Não se deve ser tão crédulo. Mas Rogers continuava.

- Bem, embarcamos a caixa num navio que saía de Nome e chegamos a Londres sem nenhum problema. Foi a primeira vez em que trouxemos alguma coisa com chances de estar viva. Não o coloquei em exibição, porque havia algo mais importante a fazer por Ele. Precisava do alimento sacrificial, pois se tratava de um deus. Obviamente eu não poderia Lhe dar o tipo de sacrifícios que Ele costumaria receber em sua época, pois tais coisas não existem agora. Mas havia outras que podiam servir. O sangue é a vida, você sabe. Mesmo os lêmures e os elementais

que são mais velhos do que a terra hão de vir quando o sangue de homens ou animais for oferecido sob as condições corretas.

A expressão na face do narrador estava se tornando mais e mais alarmante e repulsiva, o que fez Jones estremecer em sua cadeira. Rogers pareceu notar o nervosismo de seu hóspede e prosseguiu, com um sorriso distintamente mau:

- Foi no último ano que O consegui e desde então tenho tentado ritos e sacrifícios. Orabona não tem sido de muita ajuda, pois esteve sempre contra a idéia de despertá-Lo. Ele O odeia, provavelmente porque teme o que Ele poderá vir a significar. Carrega uma pistola durante todo o tempo, para se proteger - tolo, como se houvesse proteção humana contra Ele! Se alguma vez o vir sacar a pistola, o estrangularei. Queria que eu O matasse e fizesse uma efígie d'Ele. Mas já tracei meus planos e estou chegando ao topo, a despeito de todos os covardes como Orabona e dos malditos céticos de nariz empinado como você, Jones! Já entoei os cantos e realizei certos sacrifícios, e na semana passada a transição ocorreu. O sacrifício foi - recebido e apreciado!

Rogers lambia mesmo os lábios, enquanto Jones se mantinha incomodamente rígido. O expositor parou e se ergueu, cruzando o cômodo em direção ao pedaço de aniagem para o qual vinha olhando freqüentemente. Abaixando-se, agarrou um dos cantos e voltou a falar:

- Você já riu bastante de minha obra - e agora é hora de conhecer alguns fatos. Orabona me diz que você ouviu um cachorro ganir por aqui esta tarde. Sabe o que isso significava?

Jones olhava. Apesar de toda a sua curiosidade, teria preferido ir embora sem obter maiores luzes acerca do ponto que tanto o intrigara. Mas Rogers foi inexorável e começou a levantar o quadrado de aniagem. Debaixo dele jazia uma massa retorcida e quase disforme que Jones demorou a classificar. Seria alguma coisa que vivera e que algum agente comprimira, privara de todo o sangue, espicaçara em mil lugares e costurara num monte mole e desossado de puro grotesco? Após um instante, Jones compreendeu o que poderia ser. Era o que restara de um cachorro - um cachorro, talvez de tamanho considerável e de uma cor esbranquiçada. A raça estava além de qualquer reconhecimento, porque a distorção tinha acontecido de um modo inominável e ultrajante. Grande

parte do pêlo fora queimada por algum tipo de ácido, e a pele exposta e exangue estava marcada por inumeráveis feridas de incisões circulares. A forma de tortura necessária para obter semelhantes resultados teria sido inimaginável.

Eletrizado por uma pura repulsa que ultrapassava seu crescente desgosto, Jones explodiu num grito:

- Seu sádico maldito, seu demente, você faz uma coisa dessas e ainda ousa vir falar a um homem decente!

Rogers repôs a aniagem com um ricto maligno de desdém e encarou sem furioso hóspede. Suas palavras portavam uma calma pouco natural:

- Ora, seu tolo, pensa que eu fiz isto? O que dizer? Não é humano e não tem intenção de ser. Sacrificar é meramente oferecer. Eu dei a Ele o cachorro. O que aconteceu é obra d'Ele, não minha. Precisava ser alimentado com a oferta e a tomou à sua própria maneira. Mas deixe-me mostrar a você com o que Ele se parece.

Enquanto Jones hesitava, o outro foi até sua escrivaninha e apanhou a fotografia que tinha colocado com a face para baixo. Agora, estendia-a com um olhar curioso. Jones recebeu-a e examinou-a de um modo quase mecânico. Após um momento, o olhar do visitante se tornou mais concentrado e mais absorto, pois a força satânica do objeto representado tinha um efeito quase hipnótico. Certamente, Rogers tinha se superado em modelar o pesadelo feérico que a câmera capturara. A coisa era obra de um gênio férvido e infernal, e Jones se perguntou como o público reagiria quando fosse colocada em exibição. Algo tão monstruoso não tinha direito de existir - provavelmente a mera contemplação do mesmo, depois que fora feito, teria completado o desajuste na mente de quem o fizera, levando-o a uma adoração com sacrifícios brutais. Só uma firme sanidade poderia resistir à sugestão insidiosa de que tal blasfêmia era - ou teria sido -alguma forma exótica e mórbida de vida efetiva.

A coisa na imagem estava agachada ou se balançava sobre o que parecia ser uma engenhosa reprodução do trono monstruosamente entalhado da outra fotografia curiosa. Descrevê-la com qualquer palavra comum teria sido impossível, pois o que quer que seja de minimamente parecido com ela jamais ocorreu à imaginação da humanidade sã. Representava alguma forma vagamente conectada com os vertebrados

deste planeta - embora não se pudesse ter certeza disso. Sua compleição era ciclópica, já que mesmo agachada sua altura dava quase duas vezes a de Orabona, o qual aparecia ao seu lado. Examinando atentamente, seria possível traçar suas aproximações com as feições corporais dos vertebrados superiores.

Havia um torso quase globular, com seis longos e sinuosos membros terminando em patas de crustáceo. Da extremidade superior protuberava, como uma bolha, um glóbulo subsidiário; seu triângulo de três olhos fixos de peixe, sua tromba de um pé de comprimento e evidentemente flexível, e um sistema lateral distendido, semelhante a guelras, sugerindo que se tratava de uma cabeça. Grande parte do corpo era coberta pelo que a princípio parecia ser pêlos, mas que a um exame mais atento provava ser uma densa floração de tentáculos negros e delgados ou filamentos de sucção, cada qual terminando numa boca que sugeriria uma cabeça de áspide. Sobre a cabeça e abaixo da tromba os tentáculos tendiam a ser mais longos e grossos, marcados com tiras espiraladas - sugerindo as tradicionais serpentes-madeixas da Medusa. Insinuar que aquilo podia ter uma expressão parece paradoxal; no entanto Jones sentiu que aquele triângulo de olhos protuberantes de peixe e aquela tromba pousada obliquamente exalavam um ar de ódio, voracidade e gritante crueldade, incompreensível aos humanos porque se misturava a outras emoções estranhas a este mundo e a este sistema solar. Nessa anormalidade bestial, refletiu, Rogers devia ter despejado de uma só vez toda a sua maligna insanidade e todo o seu inaudito gênio escultórico. A coisa era incrível - e, não obstante, a fotografia provava sua existência.

Rogers interrompeu suas divagações.

- Bem, o que acha d'Ele? Ainda tem dúvidas sobre o que estraçalhou o cachorro e o sugou inteiro com um milhão de bocas? Precisava de alimento - e precisará de mais. Ele é um deus, e eu sou o primeiro sacerdote de Sua hierarquia final. *Iä! Shub-Niggurath!* O Bode com os seus Mil Jovens!

Jones baixou a fotografia, com desgosto e pena.

- Olhe aqui, Rogers, é melhor abandonar isso. Existem limites, você sabe. É um grande trabalho, e tudo o mais, mas não faz bem a você.

Melhor não o ver mais - deixar que Orabona o quebre e tentar esquecê-lo. E deixe-me rasgar essa reprodução bestial também.

Com um resmungo, Rogers arrebatou a fotografia e devolveu-a à escrivaninha.

- Idiota - você - e ainda pensa que Ele seja uma fraude! Ainda acha que eu O fiz e ainda acha que minhas figuras não são mais que cera inerte! Ora, que se dane, você saberá. Não agora, porque Ele está descansando após o sacrifício, mas mais tarde. Oh, sim, você não duvidará de Seu poder então.

Enquanto Rogers olhava para a porta interna com o cadeado, Jones apanhou seu chapéu e sua bengala de um banco próximo.

- Muito bem, Rogers, deixe para mais tarde. Preciso ir agora, mas o procurarei de novo amanhã ao entardecer. Reflita sobre meu conselho e veja se não faz sentido. Pergunte a Orabona o que ele acha também.

Rogers arreganhou os dentes de um modo animalesco.

- Precisa ir agora, hein? Com medo, afinal! Com medo, apesar de toda a fanfarronice! Você diz que as efígies são apenas cera e, no entanto, dá o fora quando começo a provar que não o são. Você é como os demais que aceitam minha aposta de que não ousam passar uma noite inteira no museu - chegam valentemente, mas depois de uma hora gritam e esmurram a porta implorando para sair! Quer que eu consulte Orabona, hein? Vocês dois - sempre contra mim! Vocês querem barrar o estabelecimento de Seu reino vindouro!

Jones manteve a calma.

- Não, Rogers, não há ninguém contra você. E não estou com medo de suas figuras, também, até porque admiro sua arte. Mas estamos ambos um pouco excitados esta noite, e imagino que algum descanso nos fará bem.

Outra vez Rogers barrou a saída de seu hóspede.

- Sem medo, hein? Então por que está tão aflito em sair? Olhe aqui, você tem ou não tem coragem de ficar aqui sozinho no escuro? Por que tanta pressa, se você não acredita n'Ele?

Uma nova idéia parecia ter ocorrido a Rogers, e Jones olhou-o atentamente.

- Ora, não tenho nenhuma pressa em especial; mas de que adiantaria eu permanecer sozinho aqui? O que isso provaria? Minha única objeção é que não é confortável para dormir. Que benefício traria para qualquer de nós?

Dessa vez, foi a Jones que ocorreu uma idéia. Ele prosseguiu, num tom de conciliação:

- Pense bem, Rogers; apenas lhe perguntei o que seria provado se eu ficasse, quando nós dois o sabemos. Seria provado que suas efígies são apenas efígies, e que você não devia deixar sua imaginação fluir como tem fluído ultimamente. Suponha que eu fique. Se eu me mantiver firme até o amanhecer, você aceitará uma nova visão das coisas, tirará umas férias e deixará que Orabona destrua essa sua nova coisa? Vamos lá, não é um jogo honesto?

A expressão na face do expositor era difícil de decifrar. Parecia óbvio que ele estivesse pensando rápido e que sobre um emaranhado de emoções conflitantes o triunfo maligno o estava dominando. Sua voz soou embargada, quando respondeu:

- Honesto o bastante! Se você se mantiver firme, aceitarei seu conselho. Sairemos para jantar e depois retornaremos. Trancarei você no cômodo de exibição e irei para casa. Pela manhã, retornarei antes de Orabona - ele chega meia hora antes dos outros - e verei como você está. Mas não o tente, a menos que esteja muito seguro de seu ceticismo. Outros fraquejaram - a oportunidade é sua. E suponho que umas batidas na porta de fora sempre trarão um policial. Você poderá não gostar, depois de algum tempo - e estará no mesmo edifício, mas não no mesmo cômodo que Ele.

Quando atravessaram a porta dos fundos em direção ao pátio sombrio, Rogers levou consigo o pedaço de aniagem com seu repulsivo conteúdo. Próximo ao centro do pátio havia um bueiro, cuja tampa o expositor ergueu em silêncio e com um acento de arrepiante familiaridade. Com invólucro e tudo, o fardo desceu ao oblívio de uma cloaca labiríntica. Jones estremeceu e instintivamente se esquivou ao contato da vampiresca figura ao seu lado, enquanto saíam para a rua.

Num tácito consentimento mútuo, não jantaram juntos, mas concordaram em se encontrar às sete diante do museu.

Jones apanhou um táxi e respirou aliviado depois que cruzou a Ponte Waterloo e sentiu que se aproximava da Strand alegremente iluminada. Satisfez-se com um café frugal e em seguida se recolheu a casa em Portland Place, para tomar um banho e apanhar algumas coisas. Perguntou-se, um tanto improficuamente, o que Rogers estaria fazendo. Tinha ouvido que o homem possuía uma casa vasta e penumbrosa em Walworth Road, repleta de livros obscuros e proibidos, parafernálias ocultas e imagens de cera que preferia não colocar em exposição. Orabona, sabia-se, vivia num setor separado dessa mesma casa.

Às onze, Jones encontrou Rogers à sua espera junto à porta do porão na Southwark Street. Trocaram escassas palavras, mas cada qual parecia lutar com uma tensão ameaçadora. Concordaram em que somente o salão de exibição deveria compor o cenário da vigília, e Rogers não insistiu para que o outro se alojasse na alcova "para adultos" dos supremos horrores. O expositor, após apagar todas as luzes do estúdio, fechou a porta daquela cripta com uma das chaves de seu volumoso molho. Sem sequer um aperto de mãos, atravessou a porta da rua, trancou-a atrás de si e galgou os desgastados degraus que conduziam ao pavimento lá fora. Enquanto o som de suas passadas esmorecia, Jones se deu conta de que a longa e tediosa vigília havia começado.

Mais tarde, na treva absoluta do grande porão arqueadado, Jones amaldiçoou sua própria ingenuidade infantil, que o tinha colocado ali. Durante a primeira meia hora, acendeu e apagou sua lanterna de bolso a intervalos regulares, mas estar sentado agora num dos bancos do expositor, em plena escuridão, tornara-se uma tarefa enervante. A cada vez que a lanterna faiscava, algum objeto mórbido e grotesco aparecia - uma guilhotina, algum inominável monstro híbrido, uma face barbada, repleta de malignidade, ou um corpo com emanações vermelhas escorrendo de uma garganta cortada. Jones sabia que nenhuma realidade sinistra se ligava a essas coisas, mas após a primeira meia hora preferiu não as ver mais.

Por que se dera ao trabalho do provocar aquele maluco ele mal podia dizer. Teria sido muito mais simples deixá-lo entregue a si mesmo ou ter chamado um especialista. Provavelmente, refletiu, influenciara-o o

sentimento de empatia que um artista tem por outro. Havia suficiente genialidade em Rogers para torná-lo merecedor de toda oportunidade possível de que alguém o ajudasse a se livrar de sua crescente mania. Qualquer homem que pudesse imaginar e construir as coisas incrivelmente vivas que ele tinha produzido não estaria distante de uma real grandeza. Ele tinha a fantasia de um Sime ou de um Doré reunida ao artesanato minucioso e científico de um Blatschka. Com efeito, ele dera ao mundo do pesadelo aquilo que os Blatschkas, com seus modelos de plantas maravilhosamente acurados, feitos com vidro finamente retorcido e colorido, tinham dado ao mundo da botânica.

A meia-noite as batidas de um relógio distante filtraram-se através da escuridão, e Jones se sentiu animado pela mensagem de um mundo exterior que ainda vivia. A câmara de teto arqueado do museu assemelhava-se a um túmulo - perturbadora em sua extrema solidão. Mesmo um camundongo teria sido uma companhia razoável; e, no entanto, Rogers aventara que - por "certas razões", conforme dissera - camundongos ou quaisquer insetos jamais se aproximaram do lugar. Era bastante curioso, conquanto parecesse verdade. A imobilidade e o silêncio eram virtualmente totais. Se ao menos alguma coisa produzisse um som! Ele agitou os pés, e os ecos repercutiram na quietude absoluta. Tossiu, mas havia o que quer que fosse de zombeteiro nas reverberações em *staccato.* Ele não podia, reconheceu, simplesmente conversar consigo mesmo. Isso significaria uma desintegração nervosa. O tempo parecia escoar com uma lentidão anormal e desconcertante. Ele poderia jurar que horas inteiras tinham transcorrido desde que acendera a lanterna pela última vez durante a vigília, porém mal havia batido meia-noite.

Teria desejado que seus sentidos não fossem tão extraordinariamente aguçados. Alguma coisa na quietude e na escuridão parecia tê-los afiado, de modo que respondiam às mais ligeiras excitações com uma nitidez que dificilmente se consideraria normal. Seus ouvidos pareciam, às vezes, captar um débil, evasivo sussurro que não se poderia sem erro identificar como sendo o rumor das ruas esquálidas lá fora; e ele pensou em coisas vagas e irrelevantes, como a música das esferas ou a vida ignota, inacessível, de dimensões alienígenas pressionando contra a nossa. Rogers não raro especulava sobre tais coisas.

Os espectros de luz flutuante sobre seus olhos repletos de treva pareciam inclinados a assumir curiosas simetrias de padrão e movimento. Ele freqüentemente se indagara acerca desses estranhos raios provenientes do insondável abismo que cintila diante de nós na ausência de toda iluminação terrestre, mas nunca conhecera nenhum que se comportasse tal como esses se comportavam. Faltava-lhes a repousante errância das manchas de luz ordinária - como se sugerindo alguma vontade ou propósito além de qualquer concepção terrestre.

Então veio aquela sugestão de estranhos estremecimentos. Nada estava aberto; no entanto, a despeito da geral imobilidade do ar, Jones sentiu que a atmosfera não parecia uniformemente parada. Havia variações intangíveis de pressão - não decididas o suficiente para sugerir o repugnante patear de entidades desconhecidas. Estava anormalmente frio também. Ele não gostou de nada disso. O ar pareceu-lhe salgado, como se se houvesse misturado à salinidade de águas subterrâneas, e havia a vaga impressão de algum odor de inefável mofo. Durante o dia, ele nunca reparara que as figuras de cera tivessem odor. Mesmo agora aquela impressão incerta não correspondia ao cheiro que figuras de cera devessem ter. Assemelhava-se mais ao discreto odor dos espécimes num museu de história natural. Curioso, em vista das declarações de Rogers de que suas figuras não eram de todo artificiais - de fato, tal declaração é que levava a imaginação a conjurar a suspeita olfativa. É preciso que se reaja aos excessos da imaginação - não foram tais coisas que puseram louco o pobre Rogers?

No entanto a extrema solidão do lugar era amedrontadora. Mesmo as badaladas mais distantes pareciam provir de golfos cósmicos. Isso fez com que Jones se lembrasse daquela fotografia insana que Rogers lhe mostrara - a câmara horrendamente entalhada com o trono críptico que o sujeito alegara ser parte de uma ruína de três milhões de anos localizada em ermos temidos e inacessíveis do Ártico. Talvez Rogers tivesse ido ao Alasca, mas aquela foto não seria mais que uma encenação. Não havia como ser de outro modo, com todos aqueles entalhes e aqueles símbolos terríveis. E aquela forma monstruosa, que se supunha ter sido encontrada sobre o trono - que arroubo de mórbida fantasia! Jones se perguntou a que distância realmente estaria da insana obra-prima de cera - provavelmente ela estaria guardada atrás daquela maciça porta com o

cadeado, que levava a algum recesso para além da oficina. Mas de nada serviria conjeturar acerca de uma imagem de cera. Não estava aquela mesma sala repleta de tais coisas, algumas delas pouco menos horríveis do que o temível "Ele"? E, para além de um delgado biombo à esquerda, estava a alcova "Para adultos somente", com seus inomináveis fantasmas de delírio.

A proximidade das inumeráveis formas de cera começou a bulir mais e mais com os nervos de Jones à medida que os minutos avançavam. Ele conhecia o museu bem o bastante para não se sentir livre de suas imagens usuais nem mesmo na escuridão total. Na verdade, a escuridão tinha o efeito de adicionar às imagens lembradas algumas nuanças imaginativas realmente perturbadoras. A guilhotina parecia ranger, e a face barbada de Landru - o carrasco de suas cinqüenta esposas - se contorcia em expressões de monstruosa ameaça. Da garganta cortada de Madame Demers parecia emanar um horrível som borbulhante, enquanto a vítima sem cabeça e pernas de um esquartejador tentava se aproximar mais e mais sobre suas amputações sangrentas. Jones passou a fechar seus olhos na expectativa de que isso pudesse afastar as imagens, mas descobriu que era inútil. Além disso, quando ele fechava os olhos os padrões estranhos e despropositados das manchas de luz se tornavam mais pronunciados e inquietadores.

Então, subitamente, ele começou a tentar reter as imagens que antes tinha se esforçado para banir. Tentou retê-las porque estavam dando lugar a outras mais assustadoras. Contra a vontade, sua memória se pôs a reconstruir as blasfêmias não-humanas que espreitavam pelos cantos mais obscuros, e essas demoníacas formações híbridas se enroscavam e se sacudiam em sua direção como se tentando envolvê-lo num círculo. O negro Tsathoggua se converteu, de uma gárgula semelhante a um sapo, numa linha longa e sinuosa com centenas de pés rudimentares; e um delgado e flexível abutre noturno estendeu suas asas como se para avançar e sufocar o vigilante. Jones segurou-se para não gritar. Reconheceu que estava revertendo aos terrores tradicionais de sua infância e determinou usar sua razão adulta para conter os fantasmas. Ajudou um pouco, percebeu, piscar a luz novamente. Por medonhas que fossem as imagens mostradas, não o eram tanto quanto as que sua fantasia sacava da extrema escuridão.

Mas houve recaídas. Mesmo à luz da lanterna ele não podia deixar de suspeitar que um furtivo e ligeiro tremor se verificava no biombo que escondia a terrível alcova "para adultos, somente". Sabia o que estava ali atrás e estremecia. A imaginação evocava as formas chocantes do fabuloso Youg-Sothoth - um mero aglomerado de globos iridescentes, mas ainda assim estupendo em sua maligna sugestividade. Não estaria aquela massa amaldiçoada flutuando lentamente em sua direção e se chocando contra a divisória em seu caminho? Uma pequena protuberância na tela à direita sugeria o chifre pontudo de Gnoph-keh, a coisa peluda, mitológica, dos gelos de Greenland, que às vezes caminhava sobre duas pernas, às vezes sobre quatro, e às vezes sobre seis. Para tirar isso da cabeça, Jones se arrojou num ímpeto contra a alcova infernal, com a lanterna acesa à sua frente. Certamente, nenhum de seus receios se comprovou. No entanto não estariam os longos tentáculos faciais do grande Cthulhu movendo-se realmente, de um modo lento e insidioso? Sabia que eram flexíveis, mas não havia notado que o sopro de ar causado pelo seu próprio avanço fosse suficiente para colocá-los em movimento.

Retornando a seu assento do lado de fora da alcova, fechou os olhos e deixou que as manchas simétricas de luz fizessem seu estrago. O relógio distante deu uma única batida. Teria sido apenas uma? Acendeu a lanterna sobre seu relógio e viu que era precisamente uma hora. Seria penoso, decerto, esperar até de manhã. Rogers só chegaria por volta das oito horas, antes mesmo de Orabona. Haveria luz lá fora, no porão principal, bem antes que isso ocorresse, mas nenhum raio penetraria ali. Todas as janelas neste porão tinham sido bloqueadas pelas três mais pequenas que davam para o pátio. Uma péssima vigília, ao que tudo indicava.

Seus ouvidos captavam maiores alucinações agora - pois ele poderia jurar que estava ouvindo passadas furtivas e inexoráveis na oficina, para além da porta trancada. Não havia que ficar pensando no horror chamado "Ele", que Rogers se privara de exibir. A coisa era uma contaminação - havia enlouquecido o seu criador e agora mesmo a sua imagem suscitava atemorizantes fantasias. Jazia, obviamente, por detrás daquela pesada porta de madeira com o cadeado. As passadas seriam, certamente, pura imaginação.

Então julgou ter ouvido a chave girar na porta do estúdio. Acendendo a lanterna, nada mais viu que o vetusto portal de seis folhas em sua posição costumeira. Outra vez apelou para a treva e fechou seus olhos, mas veio em seguida uma alucinante ilusão de rangido - não a guilhotina, desta vez, mas o lento e furtivo abrir-se da porta do estúdio. Ele não gritaria. Se gritasse, estaria perdido. Ouviu-se uma espécie de patear ou de remexer, e estava avançando lentamente em direção a ele. Precisava manter o controle sobre si mesmo. Não fizera o mesmo quando o inominável em forma de cérebro tentou acuá-lo? A movimentação parecia mais próxima, e sua resolução lhe faltava. Ele não gritou, mas apenas gaguejou uma intimação:

- Quem está aí? Quem é você? O que você quer?

Não houve resposta, porém a agitação prosseguia. Jones não soube o que mais temia fazer - se acender a lanterna ou se ficar quieto no escuro, enquanto a coisa avançava sobre ele. Esta coisa era diferente - sentiu no fundo - dos outros terrores do anoitecer. Seus dedos e sua garganta funcionavam espasmodicamente. O silêncio era impossível, e o suspense da escuridão extrema começava a se revelar a mais intolerável das condições. Outra vez gritou, histericamente: "Alto! Quem está aí?" - enquanto acendia o facho esclarecedor. Então, paralisado pelo que viu, deixou cair a lanterna e gritou - não uma só, mas muitas vezes.

Vinha contorcendo-se em sua direção a forma gigantesca e blasfema de algo que não era inteiramente macaco nem inteiramente um inseto. Sua carapaça pendia solta sobre o corpo, e o seu rudimento rugoso de cabeça - olhos mortiços - balançava de um lado para o outro como a de um bêbado. Suas patas dianteiras estavam estendidas, com as garras abertas, e todo o seu corpo exalava malignidade, a despeito de sua completa ausência de expressão. Após os gritos e a volta da escuridão, a criatura saltou e, num instante, manteve Jones preso ao chão. Não houve luta, porque o vigilante desmaiou.

A inconsciência de Jones não deve ter durado mais que um instante, pois a coisa inominável o estava arrastando através da escuridão quando ele começou a se recobrar. O que o despertou foram os sons que a coisa emitia - ou, antes, a voz com que os produzia. Era uma voz humana e algo familiar. Somente uma criatura viva poderia estar por trás daqueles acentos ásperos e febris que entoavam cantos a algum horror desconhecido.

- *Iä! Iä!* - uivava. - Estou chegando, ó Rhan-Tegoth, chegando com o alimento. Tu esperaste muito e te alimentaste mal, mas agora terás o que foi prometido. E ainda mais, pois que, em vez de Orabona, terás alguém de alto nível que duvidou de ti. Poderás espremê-lo e sugá-lo, com todas as suas dúvidas, e te fortalecerás assim. E após, entre os homens, ele há de ser mostrado como um monumento à tua glória. Rhan-Tegoth, infinito e invencível, sou teu escravo e teu sumo sacerdote. Estás faminto, e te alimentarei. Li o sinal e te conduzi. Com sangue te nutrirei, e hás de me nutrir com poder. *Iä!* Shub-Niggurath! O Bode com os Mil Jovens!

Num instante, todos os terrores da noite abandonaram Jones como um manto que se despe. Ele se tornou de novo senhor de sua mente, pois reconhecia o perigo muito terreno e material com que tinha de lidar. Não era nenhum monstro de fábula, mas um louco perigoso. Era Rogers, vestindo alguma fantasia de pesadelo produzida por seu próprio engenho insano, e prestes a realizar algum apavorante sacrifício ao deus-demônio que ele mesmo moldara na cera. Claramente, ele devia ter penetrado na oficina pela porta do pátio, envergado seu disfarce e então avançado para sua vítima acuada e alquebrada pelo medo. Sua força era prodigiosa, e se ele devia ser impedido, cumpria agir rapidamente. Contando com a confiança do louco em sua inconsciência, Jones decidiu surpreendê-lo, aproveitando-se de um relaxamento do abraço. O contato com alguma mobília mostrou-lhe que estava cruzando o cômodo em direção às trevas do estúdio.

Com a força que nos concede o medo mortal, Jones deu um súbito arranco, saindo da posição meio deitada na qual estava sendo arrastado. Por um instante, viu-se livre das mãos do maníaco atônito, e num outro instante um golpe de sorte na escuridão colocou suas próprias mãos na goela oculta do perseguidor. Simultaneamente, Rogers o agarrou de novo, e sem maiores avisos estavam os dois atracados numa luta desesperada de vida e morte. O preparo atlético de Jones, sem sombra de dúvida, era sua única salvação; pois seu louco adversário, livre de qualquer inibição com respeito a jogo limpo, decência ou mesmo autopreservação, era uma máquina de selvagem destruição tão formidável quanto qualquer lobo ou pantera.

Urros guturais pontuavam às vezes a horrível peleja na treva. Sangue jorrava, vestes rasgavam-se, e Jones por fim sentiu de fato, entre os dedos, a garganta do maníaco, despida de sua máscara espectral. Não disse palavra alguma, mas aplicou cada fragmento de sua energia na defesa de sua vida. Rogers chutava, esmurrava, cabeceava, mordia, arranhava e se debatia - e no entanto encontrava forças para emitir algumas frases ocasionais. A maior parte do que dizia aflorava num jargão repleto de referências ao "Ele" ou "Rhan-Tegoth", e para os nervos desgastados de Jones era como se os gritos ecoassem rosnados e latidos demoníacos a uma infinita distância. Por último, estavam rolando no chão, revirando bancos ou se chocando contra as paredes e as fundações de tijolos da fornalha central. Próximo ao fim, Jones não estava certo de poder se salvar, mas o acaso interveio a seu favor. Um golpe de seu joelho contra o peito de Rogers produziu um relaxamento geral, e no momento seguinte ele reconheceu que tinha vencido.

Embora mal pudesse agüentar-se, Jones se levantou e apalpou as paredes à procura do interruptor - pois sua lanterna sumira juntamente com grande parte de suas roupas. Enquanto avançava, arrastou consigo seu oponente inerte, temendo um ataque súbito quando o mesmo se recobrasse. Encontrando a caixa dos interruptores, remexeu-a até que deparou com o acionador direito. Então, quando a caótica desordem do estúdio explodiu numa súbita cintilação, pôs-se a amarrar Rogers com cordas e correias que facilmente descobriu à sua volta. O disfarce do sujeito

- ou o que restara dele - parecia feito de uma espécie estranhíssima de couro. Por alguma razão, a carne de Jones se retraiu ao tocá-lo; e parecia exalar-se daquilo um odor ferruginoso e alienígena. Por baixo, entre as roupas normais, estava o molho de chaves de Rogers, que o exaltado vencedor arrebatou como seu passaporte final para a liberdade. As cortinas sobre as pequenas janelas de correr estavam todas cuidadosamente cerradas, e ele as deixou ficar assim.

Lavando o sangue da batalha com uma bacia conveniente, Jones vestiu as mais ordinárias -sempre ruins - roupas que conseguiu encontrar nos cabides do vestuário. Experimentando a porta para o pátio, descobriu que a tranca não exigia uma chave pelo lado de dentro. No entanto ele conservou consigo o molho de chaves, de modo a poder voltar

com ajuda - pois, obviamente, o melhor a fazer era chamar um alienista. Não havia telefone no museu, mas não seria demorado encontrar um restaurante noturno ou uma farmácia que dispusesse de um. Tinha quase aberto a porta, quando uma torrente de repulsivas imprecações, proveniente do cômodo, lhe informou que Rogers - cujos ferimentos mais visíveis se restringiam a um sulco longo e profundo na face esquerda - recobrara a consciência.

- Tolo! Filhote de Noth-Yidik e eflúvio de K'thun! Filho dos cães que uivam no *maelstrom* de Azathoth! Você teria sido sagrado e imortal, e agora está traindo a Ele e ao Seu sacerdote! Mas cuidado - pois Ele tem fome! Teria sido Orabona - aquele maldito cão traiçoeiro, sempre pronto a me trair a mim e a Ele - mas darei a honra a você. Agora, ambos precisamos ter cuidado, pois Ele não é gentil com seu sacerdote.

"Iä! Iä! A vingança está próxima! Sabe que você teria se tornado imortal? Olhe para a fornalha! Há um fogo pronto a ser aceso, e existe cera no caldeirão. Eu teria feito com você o que fiz com outras criaturas outrora viventes. Eh! Você, que declarou serem apenas cera todas as minhas efígies, teria se tornado uma efígie de cera também! A fornalha estava preparada! Depois que Ele se houvesse nutrido, e você tivesse ficado como aquele cachorro que lhe mostrei, eu teria tornado imortais os seus restos compactados e perfurados! A cera seria o bastante. Não viu como sou um grande artista? Cera sobre cada poro - cera sobre cada polegada de você - *Iä! Iä!* E para todo o sempre o mundo teria olhado para a sua carcassa mofina e se espantado de que eu pudesse imaginar e produzir semelhante coisa! Eh! e Orabona teria sido o próximo, e outros depois dele -e assim cresceria minha família de cera!

"Cão - ainda acha que fiz todas as efígies? Por que não dizer: preservei? Reconhece agora os estranhos lugares pelos quais andei e as coisas estranhas que trouxe comigo. Covarde - você nunca teria peito para encarar o rastejante dimensional cuja pele eu vesti para assustá-lo - a mera visão de sua forma viva, ou sequer um pensamento dela, o mataria de medo num instante! *Iä! Iä!* Ele aguarda faminto pelo sangue que é vida!"

Rogers, encostado à parede, oscilava para a frente e para trás em suas amarras.

- Ouça, Jones, se eu o deixar ir, você me deixará ir também? É preciso que Seu sumo sacerdote cuide d'Ele. Orabona será suficiente para mantê-Lo vivo. Podia ter sido você, mas você rejeitou a honra. Não o importunarei mais. Deixe-me ir, e compartilharei com você o poder que Ele me trará. *Iä! Iä!* Grande é Rhan-Tegoth! Deixe-me ir! Deixe-me ir! Ele está morrendo de fome lá embaixo, atrás daquela porta, e se Ele morrer os Antigos nunca mais retornarão. Eh! Eh! Deixe- me ir!

Jones apenas balançou a cabeça, embora a enormidade das idéias do expositor o revoltasse. Rogers, olhando agora alucinadamente para a porta de madeira com o cadeado, batia mais e mais com a cabeça contra a parede de tijolos e esmurrava com os cotovelos bem atados. Jones temeu que ele se machucasse, e avançou para amarrá-lo um pouco mais firmemente a algum objeto estacionário. Encolhendo-se, Rogers se desviou dele e começou a emitir uma série de uivos frenéticos, cuja inumanidade extrema e monstruosa era estarrecedora e cujo volume agudo era quase inacreditável. Parecia impossível que uma garganta humana produzisse ruídos tão altos e cortantes, e Jones sentiu que se continuassem não haveria necessidade de pedir ajuda por telefone. Não demoraria para que um policial viesse investigar, mesmo admitindo-se que não havia vizinhos para ouvir entre os armazéns daquele distrito deserto.

Aquela criatura toda amarrada, que tinha começado a se contorcer ao longo do piso, agora alcançava a porta com o cadeado e batia trovejantemente com a cabeça contra ela. Jones receou amarrá-lo ainda mais e desejou que a luta o tivesse deixado exausto o suficiente. Essa seqüência violenta dava-lhe horrivelmente nos nervos, e ele começou a sentir o retorno das indescritíveis inquietações que havia sentido no escuro. Tudo o que presenciara acerca de Rogers e do museu era tão infernalmente mórbido e sugestivo de negras visões de além vida! Era inquietador pensar na obra-prima em cera, de genialidade anormal, que naquele momento deveria estar à espreita, quase à mão, na escuridão que havia do outro lado da pesada porta com o cadeado.

Então, alguma coisa aconteceu que trouxe mais um arrepio à espinha de Jones e fez com que cada pêlo de seu corpo - mesmo os suaves tufos nos dorsos das mãos - se arrepiasse com um vago medo que não permitia classificação. Rogers, subitamente, parara de gritar e de bater

com a cabeça contra a maciça porta de madeira e lutava para se assentar, a cabeça pendida para um lado como se ouvindo alguma coisa com atenção. Inopinadamente, um sorriso de diabólico triunfo se estampou em seu rosto, e ele começou a falar de um modo ininteligível outra vez - agora num sussurro grave que contrastava estranhamente como seu anterior uivo estentórico.

- Escute, tolo! Escute bem! Ele me ouviu e está vindo. Pode ouvi-Lo chapinhar para fora de seu tanque lá no fundo da eclusa? Eu a fiz bem funda, porque não havia nada melhor para Ele. Trata-se de um anfíbio, sabe? - você viu as guelras na fotografia. Chegou à terra vindo da plúmbea Yuggoth, onde as cidades jazem no fundo de um mar aquecido. Não pode ficar de pé ali – alto demais -, tem de se sentar ou de se agachar. Dê-me as chaves - precisamos deixá-Lo sair e nos ajoelharmos diante dele. Então sairemos à procura de um cão ou de um gato - ou quem sabe de algum bêbado - para lhe dar o sustento de que Ele precisa!

Não foi tanto o que o doido dissera, mas o modo como o dissera, que atingiu Jones tão profundamente. A confiança e a sinceridade extremas, insanas, que havia naquele sussurro louco eram lamentavelmente contagiantes. A imaginação, tremendo estímulo, acharia uma ameaça ativa naquela demoníaca figura de cera que espreitava oculta para além das grossas tábuas. Mirando a porta com inusitado fascínio, Jones reparou que ela exibia várias rachaduras, conquanto nenhum sinal de tratamento violento era visível daquele lado. Ele se perguntou que dimensões teria o cômodo ou despensa por trás dela e de que modo estaria colocada a figura de cera. A idéia do maníaco de um tanque com uma eclusa era tão conjeturável quanto todas as suas outras fabulações.

Logo, num instante terrível, Jones não teve forças sequer para respirar. A correia de couro que segurava para dar o último laço em Rogers escorregou de suas mãos, e um espasmo de tremor convulsionou-o da cabeça aos pés. Devia saber que o lugar o levaria à loucura, como fizera com Rogers - e agora estava louco. Estava louco, pois agora sofria alucinações mais esquisitas do que quaisquer outras que o tinham assaltado naquela noite. O louco convocava-o a ouvir o chapinhar de um monstro mítico no tanque que estava para além da porta - e agora, Deus poderoso, ele o ouvia!

Rogers percebeu o espasmo de horror que se estampou no rosto de Jones e o transformou numa máscara de expectativa e de medo. Casquinou:

- Afinal, tolo, acredita! Afinal você sabe! Ouve-O, e Ele vem! Dê-me as chaves, tolo -precisamos fazer a reverência e Lhe servir!

Mas Jones estava longe de prestar atenção em quaisquer palavras humanas, loucas ou sãs. Uma paralisia fóbica o colocou imóvel e semi-inconsciente, imagens selvagens precipitando-se de modo fantasmagórico em sua imaginação. Ouviu-se um chapinhar. Ouviu-se um patear ou um bulício, como o de grandes patas úmidas contra uma superfície sólida. Alguma coisa se aproximava. Suas narinas foram invadidas por um fedor, proveniente das frinchas daquela porta de pesadelo, ao mesmo tempo semelhante e distinto daquele que emana das jaulas dos mamíferos nos jardins zoológicos do Regent's Park.

Ele não sabia mais se Rogers estava falando ou não. Tudo o que fosse real se desvanecera, e ele era uma estátua ob sedada por sonhos e alucinações tão antinaturais que se tornavam quase objetivas e independentes dele. Pensou ter ouvido um farejar ou um grunhir proveniente do abismo para além da porta; quando um súbito ruído, como o de um latido ou de uma trombeta, assaltou seus ouvidos, não teve certeza se teria vindo do maníaco amarrado, cuja imagem dançava diante de sua vista abalada. A fotografia daquela maldita coisa oculta de cera insistia em flutuar através de sua consciência. Tal coisa não tinha o direito de existir. Não o havia deixado louco?

Mesmo enquanto refletia, uma nova evidência de loucura lhe ocorreu. Alguma coisa, pensou, estava bulindo com a tranca da pesada porta com o cadeado. Estava batendo e arranhando e empurrando as grandes tábuas. Ouvia-se um martelar contra a madeira resistente, que se tornou mais e mais pronunciado. A fedentina era horrível. E agora o assalto contra aquela porta pelo lado de dentro se tornava uma saraivada maligna, determinada, como os ribombos num campo de batalha. Houve um ominoso estrondo - um despedaçamento - uma onda de fedor - uma tábua que caía - uma pata negra terminando numa pinça de caranguejo...

- Socorro! Socorro! Deus me ajude!... Aaaaaaa!.

Com grande esforço Jones consegue, hoje em dia, recordar-se de que sua paralisia fóbica explodiu na liberação de um súbito frenesi de

fuga automática. Ora, ele provavelmente viveu uma daquelas fugas loucas e selvagens dos mais loucos pesadelos, pois parece que atravessou num ímpeto a cripta em desordem, de um único salto, escancarou a porta de saída, que se fechou e se trancou às suas costas com um estampido, disparou escada acima, saltando de três em três degraus, e cruzou alucinada e desorientadamente o pátio calçado de pedras em direção às ruas esquálidas de Southwark.

Aqui a memória pára. Jones não sabe como chegou a casa, e não há evidências de que tenha apanhado um táxi. Provavelmente, venceu todo o trajeto guiado por um instinto cego - através da Ponte Waterloo, ao longo do Strand e de Charing Cross, até as alturas de Haymarket e Regent Street e até sua própria vizinhança. Ele ainda usava a inusitada barafunda das roupas do museu, quando se tornou consciente o bastante para chamar o médico.

Uma semana mais tarde, os especialistas em nervos permitiram que ele deixasse o leito e saísse ao ar livre.

Mas ele não contou muita coisa aos especialistas. Sobre toda a sua experiência pendia um véu de loucura e pesadelo, e ele concluiu que o silêncio era a melhor opção. Quando se levantou, perscrutou atentamente todos os papéis que se acumularam desde aquela noite medonha, mas não encontrou nenhuma referência a nada de estranho no museu. O quanto, afinal, de tudo aquilo tinha sido realidade? Onde terminava a realidade e começava o sonho mórbido? Teria sua mente se despedaçado naquela escura câmara de exibição, e teria sido toda a luta com Rogers apenas uma fantasmagoria da febre? Teria ajudado em sua recuperação se ele conseguisse assentar alguns desses pontos enlouquecedores. Ele devia ter visto aquela maldita fotografia da imagem de cera denominada "Ele", pois cérebro algum senão o de Rogers seria capaz de conceber semelhante blasfêmia.

Duas semanas transcorreram antes que ele tivesse coragem de retornar a Southwark Street. Partiu durante uma manhã, quando o maior volume de atividade sã estava ocorrendo naqueles antigos arredores de lojas e armazéns. A placa do museu ainda estava lá, e quando se aproximou viu que o lugar ainda estava aberto. O porteiro fez uma aceno de aprazível reconhecimento, enquanto ele cobrava coragem para entrar, e na câmara arqueada lá embaixo um assistente tocou animadamente no quepe. Talvez

tudo tivesse sido apenas um sonho. Ousaria bater na porta do estúdio e procurar por Rogers?

Então Orabona avançou para cumprimentá-lo. Sua negra cara lambida tinha algo de sardônico, mas Jones sentiu que não era inamistosa. O outro falou, com uma ponta de sotaque:

- Bom dia, Sr. Jones. Faz tempo que não o vemos por aqui. Deseja ver o Sr. Rogers? Lamento, mas ele não se encontra. Foi chamado para algum negócio na América e teve de ir. Sim, foi bem repentino. Estou no comando agora, aqui e na casa. Procuro manter o alto padrão do Sr. Rogers -até que ele volte.

O estrangeiro sorriu - talvez apenas por afabilidade. Jones mal sabia o que responder, mas se esforçou para balbuciar algumas perguntas sobre o dia seguinte à sua última visita. Orabona pareceu interessado nas perguntas, e teve o maior cuidado ao responder.

- Oh, sim, Sr. Jones, o vinte e oito do mês passado. Lembro-me dele por muitas razões. Pela manhã - antes que o Sr. Rogers chegasse, você compreende? - encontrei o estúdio numa verdadeira barafunda. Havia muita - limpeza - por fazer. O trabalho da noite anterior durara até tarde, veja você. Um importante espécime novo, dado o seu processo secundário de cozimento. Assumi todo o controle quando cheguei.

"Era um espécime difícil de preparar - mas, naturalmente, o Sr. Rogers havia me ensinado o bastante. Ele é, como se sabe, um grande artista. Quando chegou, ajudou-me a completar o espécime - ajudou-me bem materialmente, lhe asseguro - mas saiu logo, sem sequer cumprimentar os homens. Como lhe disse, foi chamado de repente. Havia importantes reações químicas envolvidas. Faziam muito barulho - de fato, algumas pessoas lá fora imaginam ter ouvido vários tiros de pistola - uma idéia bem peculiar!

"Quanto ao novo espécime - é um assunto lamentável. Trata-se de uma grande obra-prima, desenhada e executada, você compreende, pelo Sr. Rogers. Ele verá o que aconteceu quando retornar."

Outra vez Orabona sorriu.

A polícia, você sabe. Nós o colocamos em exibição há uma semana, e aconteceram dois ou três desmaios. Um pobre coitado teve um ataque

epilético diante dele. Compreende, um pouquinho - mais forte - que o resto. Maior, por causa de uma coisa. Naturalmente, estava na alcova 'para adultos'. No dia seguinte, dois homens da Scotland Yard deram uma olhada e disseram que era mórbido demais para ser exibido. Disseram que tínhamos de removê-lo. Foi um grande embaraço - tamanha obra-prima de arte - mas eu não me senti com autoridade para recorrer à justiça na ausência do Sr. Rogers. Ele detestaria semelhante publicidade, com a polícia envolvida mas quando retornar - quando retornar...

Por uma ou outra razão, Jones sentiu uma onda crescente de desconforto e repulsa. Mas Orabona prosseguia:

- Você é um conhecedor, Sr. Jones. Estou certo de que não violo nenhuma lei oferecendo-lhe uma demonstração particular. Pode ser que - de acordo, evidentemente, com a vontade do Sr. Rogers - venhamos a destruir o espécime algum dia - mas seria um crime.

Jones teve um forte ímpeto de recusar ver a coisa e fugir precipitadamente, mas Orabona já o conduzia pelo braço com um entusiasmo de artista. A alcova "adulta", apinhada de inomináveis horrores, não tinha visitantes. Num canto distante, um largo nicho fora coberto por uma cortina, e em direção a ele é que avançou o sorridente auxiliar.

Você deve saber, Sr. Jones, que o título deste espécime é "O Sacrifício a Rhan-Tegoth". Jones ficou violentamente abalado, mas Orabona não pareceu notar.

O deus colossal e informe é uma personagem de certas lendas obscuras que o Sr. Rogers tinha estudado. Tudo bobagem, com certeza, como você tantas vezes asseverou ao Sr. Rogers. Supõe-se que tenha vindo do espaço sideral e que tenha vivido no Ártico há três milhões de anos. Tratava seus sacrifícios de modo bastante peculiar e horrível, como verá. O Sr. Rogers o realizou com muita vivacidade e imaginação - mesmo quanto à face da vítima.

Em meio a violentos tremores, Jones se agarrou ao corrimão de bronze em frente ao nicho velado. Esteve mesmo para erguer a mão e impedir Orabona quando viu a cortina deslizar, mas um conflituoso impulso o deteve. O estrangeiro sorria triunfalmente.

- Contemple!

Jones sentiu-se girar, mesmo agarrado ao corrimão.

- Deus! - Deus do céu!

Com bons dez pés de altura, a despeito de sua postura agachada, rastejante, expressiva de infinita malignidade cósmica, uma monstruosidade de horror inacreditável aparecia saindo de um trono ciclópico de marfim coberto de relevos grotescos. No par central de suas seis pernas, segurava uma coisa amassada, esmagada, distorcida e exangue, perfurada por um milhão de picadelas e em alguns pontos corroída por algum ácido pungente. Somente a macilenta cabeça da vítima, pendendo invertida num dos lados, dava mostras de representar qualquer coisa de humana.

O monstro em si dispensaria qualquer título, para quem tivesse visto certa fotografia infernal. Aquela desgraçada imagem tinha sido mais que fiel e no entanto não podia comportar todo o horror que havia no gigantesco objeto real. O torso globular - a sugestão de cabeça algo semelhante a uma bolha - a tromba de um pé de comprimento - as guelras salientes - a monstruosa penugem das ventosas em forma de áspide - os seis membros sinuosos com suas patas negras e pinças de caranguejo - Deus! a familiaridade da pata negra terminando numa pinça de caranguejo!...

O sorriso de Orabona era simplesmente hediondo. Jones engasgou e fitou aquela exibição medonha com um fascínio crescente que o perturbou e o deixou perplexo. Que irrevelado horror o estava prendendo e forçando a olhar por mais um pouco e a procurar por detalhes? Aquilo tinha enlouquecido Rogers... Rogers, o artista supremo... disse que não eram artificiais...

Então ele localizou a coisa que o atraía. Era a cabeça pendente da macilenta vítima de cera e alguma coisa que ela implicava. Essa cabeça não era inteiramente destituída de uma face, e aquela face era familiar. Parecia-se com a face enlouquecida do pobre Rogers. Jones examinou melhor, mal sabendo por que o fazia. Não era natural que um egotista moldasse suas próprias feições em sua obra-prima? Haveria alguma coisa mais que a visão subconsciente tivesse capturado e ultrapassado em infinito terror?

A cera da face ressequida tinha sido manuseada com inigualável destreza. Aquelas picadas -quão perfeitamente reproduziam a miríade de feridas de algum modo infligidas àquele pobre cão! Mas havia algo mais. Na bochecha esquerda podia-se vislumbrar uma irregularidade que parecia transcender o esquema geral - como se o escultor tivesse procurado cobrir um defeito de sua primeira modelagem. Quanto mais Jones olhava para ela, mais ela o terrificava misteriosamente - e então, de súbito, ele se lembrou de uma circunstância que levou seu horror ao ápice. Aquela noite de abominação - a luta - o louco amarrado - e o corte longo e profundo na face esquerda do verdadeiro Rogers vivo...

Jones, abandonando o desesperado apoio do corrimão, tombou num desmaio total. Orabona continuava a sorrir.



Um Sussurro nas Trevas

FAÇO QUESTÃO DE frisar que não me vi diante de qualquer horror concreto final das contas. Dizer que um choque mental foi a causa do que inferi - a gota d'água que me fez fugir em disparada da solitária fazenda de Akeley, pelos morros em meia-lua de Vermont, num veículo de que lancei mão sem-cerimônia — equivale a ignorar os fatos mais simples de minha experiência final. Não obstante a enormidade das coisas que vi e escutei, e apesar da confessada nitidez da impressão que tais coisas produziram em mim, mesmo agora não posso provar se eu estava certo ou errado em minha terrível inferência. Afinal de contas, o desaparecimento de Akeley nada prova. Não se encontrou nada de estranho em sua casa, apesar das marcas de balas por dentro e por fora. Era como se ele houvesse saído casualmente para um passeio pelas colinas e não voltasse. Não havia sequer sinais de um hóspede ou de que aqueles horríveis cilindros e máquinas tivessem ficado guardados no estúdio. Por outro lado, nada significa também o fato de que ele temesse mortalmente as inúmeras colinas verdes e os regatos intermináveis entre os quais nascera e se criara, pois milhares de pessoas estão sujeitas a esses mesmos receios mórbidos. A excentricidade, ademais, poderia facilmente explicar os atos estranhos e as apreensões esquisitas que ele vinha demonstrando ultimamente.

No que me diz respeito, tudo começou com as inundações que assolaram o Vermont a 3 de novembro de 1927, um desastre sem precedentes. A esse tempo, como ainda hoje, eu lecionava literatura na Universidade de Miskatonic em Arkham, Massachusetts, e nutria um interesse ardoroso pelo folclore da Nova Inglaterra. Pouco tempo depois

da cheia, em meio ao grande número de notícias que davam conta de sofrimentos, infortúnios e assistência organizada aos desabrigados, começaram a aparecer na imprensa notas esquisitas sobre coisas que desciam por alguns dos rios mais engrossados. Assim, muitos amigos meus se entregaram a discussões acaloradas sobre a questão e me procuraram na esperança de que eu pudesse esclarecê-la de algum modo. Senti-me envaidecido ao ver meus estudos de folclore serem levados a sério e fiz o que me foi possível para depreciar as histórias absurdas e mal articuladas que pareciam ser, evidentemente, resultado de antigas superstições rurais. Divertia-me ver tantas pessoas educadas insistindo em que algum estrato de verdades obscuras e distorcidas talvez embasassem a boataria.

Os relatos trazidos à minha atenção chegavam sobretudo na forma de recortes de jornais; no entanto, uma das narrativas tinha uma fonte oral e foi repetida a um amigo meu numa carta enviada por sua mãe, que residia em Hardwick, Vermont. O gênero do fato descrito era essencialmente o mesmo em todos os casos, ainda que parecesse haver três instâncias distintas — uma ligada ao rio Winooski, perto de Montpelier, outra associada ao rio Ocidental, no condado de Windham, depois de Newfane, e uma terceira relacionada ao rio Passumpsic, no condado de Caledônia, ao norte de Lyndonville. É claro que vários recortes mencionavam outros episódios, mas, bem analisados, todos pareciam resumir-se nesses três. Em cada um dos casos, pessoas do campo informavam ter visto um ou mais objetos notáveis e estranhíssimos nas águas caudalosas que desciam dos montes pouco freqüentados, e havia a tendência generalizada de se associar essas visões a um ciclo primitivo e meio esquecido de lendas reticentes que os mais velhos ressuscitaram.

As pessoas acreditavam ver formas orgânicas que não se assemelhavam a nada que já houvessem visto. Havia, naturalmente, muitos cadáveres humanos que desciam as correntes naquele período trágico, mas as pessoas que descreviam aquelas formas estranhas asseveravam estarem certas de que não eram humanas, apesar de uma ou outra similitude superficial de tamanho e contorno geral. Tampouco poderiam ser qualquer espécie de animal conhecido no Vermont, diziam as testemunhas. Eram coisas rosadas, com mais ou menos um metro e meio de comprimento, com corpos crustáceos dotados de grandes pares de

barbatanas dorsais ou asas membranosas, além de vários conjuntos de membros articulados, e que mostrava uma espécie de elipsóide torcida, coberta de inumeráveis antenas, curtíssimas, no lugar onde normalmente estaria uma cabeça. Fato notável era a estreita coincidência das descrições, oriundas de fontes diferentes. No entanto, o espanto era minorado pelo fato de que as velhas lendas, em dada época correntes em toda a região das montanhas, fornecia uma imagem morbidamente vívida que bem poderia ter influenciado a imaginação de todas as supostas testemunhas. Cheguei à conclusão de que tais testemunhas - sempre interioranos ingênuos e simples — teriam visto, de relance, os corpos mutilados e inchados de pessoas ou animais domésticos nas torrentes em turbilhão; depois, haviam permitido que o folclore, ainda conservado no fundo da lembrança, atribuísse a esses restos feições fantásticas.

O antigo folclore, ainda que nebuloso, evasivo e em grande parte esquecido pela presente geração, tinha caráter singularíssimo e obviamente refletia a influência de crendices indígenas ainda mais recuadas. Conquanto nunca tivesse estado no Vermont, eu conhecia bem aquelas narrativas, através da raríssima monografia de Eli Davenport, que compreende material obtido oralmente, antes de 1839, entre os habitantes pioneiros do Estado. Esse material, ademais, coincidia de perto com as histórias que eu havia escutado pessoalmente de campônios idosos nas montanhas de New Hampshire. Em síntese, aludia a uma raça oculta de seres monstruosos, que habitariam algum ponto das montanhas mais remotas - nas densas florestas dos picos mais altos e nos vales sombrios por onde correm riachos provenientes de nascentes ignotas. Pouquíssimas vezes esses seres eram vistos, porém indícios de sua presença eram trazidos por aqueles que se aventuravam em certas montanhas ou se embrenhavam em determinados desfiladeiros fundos e apertados que até mesmo os lobos evitavam.

Havia estranhas marcas de pés ou garras na lama à beira dos ribeirões e em tratos inóspitos, bem como curiosos círculos de pedras, em torno das quais a grama desaparecera, e que não pareciam ter sido dispostos ou inteiramente moldados pela natureza. Havia, ainda, certas cavernas de duvidosa profundidade nas encostas das montanhas; suas bocas estavam fechadas, por matacões, de um modo dificilmente acidental e um

número mais que razoável de pegadas seguia na direção dessas entradas, ou saíam delas - se é que, na verdade, a direção de tais pegadas podia ser avaliada com justeza. E, acima de tudo, havia as coisas que pessoas aventurosas tinham contemplado, ainda que muito raramente, no crepúsculo dos vales mais remotos e nas impenetráveis matas perpendiculares, para além dos limites normais até onde os montes eram escalados.

Seria menos inquietante se os relatos esparsos sobre tais criaturas não se coadunassem tão bem. Na verdade, quase todos os boatos tinham vários pontos em comum; levavam a crer que as criaturas eram uma espécie de enorme caranguejo vermelho-claro, com diversos pares de pernas e duas grandes asas, como de morcego, no meio do dorso. Às vezes caminhavam com todas as pernas, em outras ocasiões usavam somente o par mais anterior, utilizando os demais membros para carregar grandes objetos de natureza indeterminada. De certa feita, tinham sido vistos em grande número, e em um grupo menor estava a vadear um raso curso d'água num bosque; eram três daquelas criaturas, caminhando numa formação disciplinada. De outra vez, um deles tinha sido visto voando. Lançara-se do alto de uma colina desnuda e solitária, à noite, e desaparecera no céu, mas antes disso suas grandes asas haviam sido silhuetadas contra a lua cheia.

De maneira geral, tais criaturas pareciam não se interessar pêlos seres humanos, muito embora de vez em quando fossem responsabilizados pelo sumiço de pessoas de caráter mais aventureiro... principalmente daquelas que construíam casas perto demais de determinados vales ou nas proximidades do topo de certas montanhas. Muitas localidades passaram a ser consideradas como inadequadas para se viver nelas, e a idéia persistia muito depois de se haver esquecido a causa de tal opinião. As pessoas levantavam os olhos para alguns dos precipícios no alto de montanhas vizinhas com um sobressalto, mesmo quando não pensavam no número de colonos que ali haviam desaparecido ou em quantas casas haviam sido reduzidas a cinzas nas encostas mais baixas dessas graves e verdes sentinelas.

No entanto, muito embora as lendas rezassem que as criaturas só pareciam fazer mal àqueles que lhes invadiam a privacidade, mais tarde surgiram relatos a respeito de sua curiosidade em relação aos homens e

sobre suas tentativas de implantar postos avançados no mundo humano. Falavam-se das insólitas marcas de garras que haviam sido percebidas ao redor de janelas de fazendas, de manhã, e de desaparecimentos de pessoas em regiões além das áreas obviamente assombradas por tais seres. Havia, ademais, comentários sobre vozes que zumbiam, imitando a fala humana, e que faziam surpreendentes ofertas a viajantes solitários em estradas e trilhas nas densas florestas, bem como sobre crianças que teriam ficado horrivelmente assustadas com coisas vistas ou ouvidas nas florestas virgens, que às vezes chegavam até o quintal de suas casas. Na série final de lendas — a série que precedera de imediato o declínio da superstição e o abandono de contacto mais estreito com os lugares temidos - havia referências medrosas a ermitões e fazendeiros solitários que, num ou outro período de suas vidas, pareciam ter sofrido uma repelente alteração mental, pessoas que eram evitadas ou das quais se murmurava que se haviam vendido a seres estranhos. Num dos condados do nordeste parece mesmo que esteve em moda, por volta de 1800, acusar misantropos de serem aliados ou representantes daquelas criaturas repugnantes.

Quanto à natureza de tais criaturas, as explicações naturalmente discrepavam. O nome que se dava a eles mais comumente era "aqueles" ou "os antigos", ainda que outros termos tivessem utilização local ou efêmera. É possível que a maioria dos colonos puritanos os encarassem simplesmente como parentes do demônio, tornando-os objeto de amedrontada especulação teológica. As pessoas cuja ascendência os faziam conhecedoras de lendas célticas - sobretudo os escoceses-irlandeses de New Hampshire, bem como ramos dessa etnia que se haviam fixado em Vermont por terem ganho terras do governador Wentworth - ligavam tais criaturas, vagamente, às fadas malignas e às "pessoinhas" dos pântanos e brejos, e se protegiam com encantamentos mal recordados e que eram passados de geração a geração. No entanto, eram os índios que possuíam as teorias mais fantásticas. Conquanto as lendas diferissem de tribo para tribo, havia um acentuado consenso com relação a determinadas características essenciais; as lendas indígenas afirmavam, todas elas, que as criaturas não pertenciam a este mundo.

Os mitos dos Pennacook, que eram os mais coerentes e pitorescos, diziam que os Alados provinham da Grande Ursa, e que possuíam minas em nossas montanhas, donde extraíam uma espécie de pedra que não

podiam conseguir em nenhum outro mundo. Não residiam na Terra, afirmavam os mitos, mas tão-somente mantinham aqui postos avançados, e depois de haverem minerado enormes quantidades daquela pedra, voavam com a carga para suas estrelas no norte. Só faziam mal às pessoas que se aproximavam excessivamente deles ou que os espionavam. Os animais os evitavam devido a uma aversão instintiva, e não porque fossem por eles perseguidos. As criaturas não podiam comer as coisas e os animais da Terra, e por isso traziam seu próprio alimento das estrelas. Fazia mal chegar perto delas, e certos caçadores jovens que se haviam aventurado pêlos morros onde habitavam nunca mais tinham regressado. Também não era bom escutar o que sussurravam à noite nas florestas, com suas vozes semelhantes às das abelhas e que tentavam arremedar os sons humanos. As criaturas conheciam as línguas de todas as raças de homens - Pennacooks, Hurons, homens das Cinco Nações - mas, ao que parecia, não possuíam idioma próprio, nem precisavam disso. Conversavam com suas cabeças, que mudavam de cor para indicar o que desejavam.

Todas essas lendas, é claro, tanto as dos índios como as dos brancos, morreram durante o século XIX, e só ocasionalmente ressurgiam aqui e ali, como um atavismo. Os costumes dos naturais do Vermont se fixaram; e tão logo suas estradas habituais e seus locais de residência passaram a obedecer a um certo plano fixo, eles foram se esquecendo gradativamente quais medos e receios haviam determinado qual plano, e acabaram por esquecer até mesmo que tinham existido medos e receios. Na maioria, as pessoas sabiam apenas que certas regiões montanhosas eram consideradas altamente insalubres, que ali as terras eram ruins ou "azarentas", e que quanto mais longe delas se estivesse, melhor. Com o tempo, as marcas do hábito ou do interesse econômico ficaram de tal maneira gravadas que deixou de haver motivo para que as pessoas saíssem dos locais que eram aprovados, e assim as montanhas assombradas ficaram abandonadas, mais por acidente do que por intenção. Salvo por ocasião de raros surtos locais de medo, somente vovós amantes de prodígios ou octogenários saudosistas se referiam, de vez em quando e em murmúrios, a seres que habitariam aqueles montes. Mas mesmo essas pessoas admitiam que não havia muito o que temer de tais seres, agora que se haviam acostumado à presença de casas e povoados e que os homens haviam deixado inteiramente o território escolhido por tais criaturas.

Eu havia tomado conhecimento de tudo isso em minhas leituras e em certas histórias coletadas em New Hampshire. Assim, quando começaram a aparecer os boatos, por ocasião das cheias, percebi facilmente de que lastro folclórico provinham. Expliquei tudo isso pormenorizadamente a meus amigos, e foi com hilaridade que constatei que várias almas ingênuas continuavam a insistir em que talvez existisse uma pitada de verdade nos relatos. Essas pessoas tentavam observar que as lendas antigas mostravam uma persistência e uma uniformidade significativas, e que a natureza praticamente inexplorada das montanhas do Vermont fazia com que fosse inconveniente sermos dogmáticos com relação ao que poderia existir ou não nelas; tampouco essas pessoas se deixavam persuadir por meu argumento de que todos os mitos obedeciam a um molde conhecido, comum à maior parte da humanidade, e que haviam sido formadas em fases primitivas de experiência imaginativa, que sempre produziam o mesmo tipo de ilusão.

De nada valeu demonstrar a esses obstinados que os mitos do Vermont diferiam pouquíssimo, em essência, daquelas lendas universais de personificação natural que haviam enchido o mundo antigo com faunos, dríades e sátiros, que haviam sugerido os *kallikanzarai* da Grécia moderna ou dado ao País de Gales e à Irlanda suas crenças em raças estranhas, pequenas e ocultas de troglodítas e seres subterrâneos. Não adiantou, da mesma forma, apontar a crença, de semelhança ainda mais notável, dos nepaleses das montanhas nos temidos *Mi-Go* ou "abomináveis homens das neves", que segundo eles se escondem entre o gelo e os pináculos rochosos dos cumes do Himalaia. Quando terminei de expor tudo isso, meus oponentes usaram contra mim minha própria argumentação, alegando que tais lendas só podiam indicar alguma realidade histórica original; que justamente a universalidade desses mitos indicava a existência real de alguma estranha raça terrestre mais antiga que os homens, que havia sido levada a se ocultar nos ermos depois do advento e a dominação da humanidade, e que possivelmente teria sobrevivido em número cada vez menor até épocas relativamente recentes. . . ou mesmo até o presente.

Quanto mais eu zombava dessas teorias, mais esses amigos cabeçudos as sustentavam; acrescentavam que mesmo sem a herança de tais lendas, os relatos recentes eram por demais claros, coerentes,

detalhados e sadiamente prosaicos para serem de todo ignorados. Dois ou três extremistas fanáticos chegaram ao ponto de insinuar possíveis significados nos antigos mitos indígenas, que davam aos seres ocultos uma origem extraterrestre; para corroborar o que diziam, citaram os livros bizarros de Charles Fort, autor que afirma que viajantes de outros mundos e do espaço remoto têm visitado a Terra com freqüência. A maior parte de meus adversários, entretanto, era formada por românticos que insistiam em transferir para a vida real os mitos fantásticos de "pessoinhas", popularizados pela esplêndida literatura de horror de Arthur Machen.

II

Como era natural nas circunstâncias, esse acalorado debate terminou chegando à imprensa, na forma de cartas ao *Arkham Advertiser;* algumas dessas cartas foram transcritas nos jornais das regiões do Vermont de onde vinham os relatos das cheias. O *RutlandHerald* estampou meia página de excertos das cartas, defendendo ambos os lados da questão, ao passo que o *Brattleboro Reformer* reproduziu na íntegra um de meus longos ensaios históricos e mitológicos, que saiu acompanhado de comentários que apoiavam e aplaudiam minhas céticas conclusões. Na primavera de 1928 eu me havia transformado quase numa celebridade em todo o Vermont, apesar do fato de nunca ter posto os pés nesse Estado. Foi então que vieram as cartas desafiadoras de Henry Akeley, que me impressionaram de modo tão profundo e que me levaram, pela primeira e última vez, ao reino fascinante de precipícios verdes e murmurantes regatos de florestas.

A maior parte do que sei a respeito de Henry Wentworth Akeley foi obtido através de correspondência com seus vizinhos e com seu filho único, residente na Califórnia, depois de minha experiência em sua fazenda solitária. Ele era, como vim a descobrir, o último representante, em sua terra natal, de uma longa e eminente estirpe de juristas, administradores e fidalgos lavradores. Nele, contudo, a família se desviara de assuntos práticos para a erudição pura; de modo que ele se fizera um notável estudioso de matemática, astronomia, biologia, antropologia e folclore, na Universidade de Vermont. Antes disso, eu nunca tinha ouvido falar dele, nem ele forneceu muitos elementos autobiográficos em suas comunicações. No entanto, à primeira vista percebi tratar-se de homem de

caráter, educação e letras, ainda que fosse um misantropo, com pouco ou nada de vaidades mundanas.

Apesar da total implausibilidade do que ele afirmava, não me foi possível deixar de levar Akeley mais a sério do que eu havia levado todos os demais contestadores de meus pontos de vista. Para começar, ele se encontrava realmente próximo aos fenômenos reais — visíveis e tangíveis — sobre os quais teorizava de maneira tão grotesca; e, em segundo lugar, e isso era extraordinário, ele estava disposto a deixar suas conclusões sem um arremate definitivo, como procederia um verdadeiro homem de ciência. Não o moviam quaisquer preferências pessoais, e era sempre orientado por aquilo que considerava ser provas categóricas. É evidente que desde o começo julguei-o enganado, mas respeitei-o por se enganar de maneira inteligente; e em momento algum imitei alguns de seus amigos, que atribuíam suas idéias, tanto quanto o medo que ele nutria pêlos solitários montes verdes, à insanidade mental. Eu percebia que o homem era digno de ser levado em conta, e sabia que o que ele afirmava decorria certamente de alguma circunstância estranha que merecia investigação, por menor que fosse sua relação com as causas fantásticas que ele aceitava. Mais tarde, vim a receber dele certas provas materiais que colocaram a questão num plano um tanto diferente e espantosamente absurdo.

A melhor coisa que posso fazer consiste em transcrever por inteiro, na medida do possível, a longa carta com que Akeley se apresentou, e que constituiu marco tão importante em minha própria história intelectual. Essa carta não está mais comigo, porém minha memória guarda quase todas as palavras de sua inacreditável mensagem; e mais uma vez reitero minha confiança na sanidade do homem que a escreveu. Eis o texto, que chegou às minhas mãos na caligrafia trôpega e arcaizante de uma pessoa que, evidentemente, não tivera muito a ver com o mundo durante sua vida de recluso erudito.

Townshend, Windham County, Vermont 5 de maio de 1928

Exmo. Sr.

ALBERT N. WILMARTH RUA SALTONSTALL, 118 ARKHAM, MASSACHUSETTS

Prezado Senhor:

Foi com grande interesse que li a transcrição, no *Brattleboro Reformer* de 23-IV-28, de sua carta sobre as recentes histórias sobre corpos estranhos que foram avistados flutuando nas cheias de nossos rios no outono p.p. e sobre as curiosas lendas com que tão bem coincidem. É fácil entender o motivo que levaria um forasteiro a assumir a atitude que o senhor defende, e até mesmo por que o redator dos comentários do jornal concorda com o senhor. Essa é a atitude que em geral assumem as pessoas educadas, tanto no Vermont como fora do Estado, e foi também minha própria atitude na juventude (tenho agora 57 anos), antes que meus estudos, tanto os de natureza geral quanto os realizados com base no livro de Davenport, me levassem a realizar algumas explorações em partes dos montes daqui que habitualmente não são visitados.

Fui conduzido a esses estudos pelas estranhas narrativas antigas que eu costumava ouvir da boca de lavradores idosos, nada letrados; mas hoje penso que oxalá não me tivesse interessado absolutamente por esses assuntos. Posso dizer, sem falsa modéstia, que as disciplinas da antropologia e do folclore não me são de modo algum estranhas. Estudei-as aprofundadamente na universidade, e estou familiarizado com as obras das autoridades mais acatadas, como Tylor, Lubbock, Prazer, Quatrefages, Murray, Osborn, Keith, Boule, G. Elliott Smith, etc. Não é novidade para mini que histórias sobre raças ocultas são tão antigas quanto a própria humanidade. Li as transcrições de cartas suas, e de outras que concordam com elas, no *RutlandHerald,* e suponho que sei em que pé se encontra no momento a controvérsia.

O que lhe desejo dizer nesta carta é que, em minha opinião, seus oponentes acham-se mais perto da verdade do que o senhor, muito embora a racionalidade pareça estar de seu lado. Aquelas pessoas acham-se mais perto da verdade do que elas próprias imaginam, pois evidentemente guiam-se somente pela teoria, e não podem saber aquilo que eu sei. Se eu soubesse tão pouco sobre o assunto quanto elas sabem, eu me sentiria justificado em pensar como elas. Eu estaria inteiramente do lado do senhor.

Como o senhor pode perceber, estou-me retardando em circunlóquios, provavelmente porque na verdade tenho medo de tocar no assunto que desejo expor. A verdade nua e crua é que *possuo provas concretas de que coisas monstruosas realmente vivem nas florestas dos montes altos que ninguém visita.* Não vi nenhuma das coisas que, tal como

noticiado, estiveram flutuando rio abaixo, *mas vi coisas semelhantes,* em circunstâncias que não gostaria de descrever. Já vi pegadas, e de algum tempo a esta parte as tenho visto mais perto de minha própria casa (resido na antiga propriedade dos Akeley, ao sul de Townshend, do lado do monte Escuro) do que ouso lhe contar. E entreouvi vozes nas florestas, em certos pontos delas, vozes que nem tentarei descrever por escrito.

Num desses sítios, escutei-as com tamanha intensidade que levei para lá um fonógrafo, equipado com um ditafone e cera virgem, e farei o possível para que o senhor tenha oportunidade de escutar a gravação que fiz. Reproduzi essa gravação para algumas das pessoas mais idosas daqui, e uma das vozes quase as paralisou de medo, em virtude de sua semelhança com uma certa voz (a voz zumbidora das florestas mencionada por Davenport) sobre a qual falavam suas avós e que elas tentavam imitar. Sei muito bem o que a maioria das pessoas pensa a respeito de um homem que diz "ouvir vozes". . . Mas antes que o senhor tire conclusões, peco-lhe que escute a gravação e pergunte a alguns dos moradores mais velhos destes ermos o que pensam a respeito. Se o senhor puder explicá-la em termos normais, muito bem; mas tem de haver alguma coisa por trás disso. *Ex nihilo nihilfit,* como o senhor sabe.

Meu intuito ao lhe escrever não consiste em iniciar uma polêmica, mas sim passar-lhe informações que, em meu entender, um homem com seus interesses julgará bastante interessantes. *O que lhe digo aqui é particular. Publicamente, estou de seu lado,* pois certas coisas me ensinam que não convém às pessoas saberem demasiado a respeito desses assuntos. Meus próprios estudos são atualmente de todo privados, e de modo algum pretendo dizer alguma coisa que atraia a atenção das pessoas e as faça visitar os lugares que explorei. É verdade, infelizmente é verdade, que existem *criaturas não humanas que nos vigiam constantemente;* que mantém espiões entre nós, a colherem informações. Foi de um homem desgraçado que, se era mentalmente são (e acredito que *era) foi desses espiões,* obtive grande parte de meu conhecimento sobre o assunto. Mais tarde ele veio a suicidar-se, mas tenho motivos para crer que existem outros atualmente.

As coisas vêm de outro planeta e são capazes de viver no espaço interestelar e de voar nele, com asas desajeitadas e potentes, que de alguma forma funcionam no éter, mas que são demasiado ineficientes na

atmosfera para ser-lhes de muita valia aqui na Terra. Falarei sobre isso mais tarde, se o senhor não decidir a não me dar ouvidos, julgando-me louco varrido. Esses seres vêm até aqui a fim de obterem metais, em minas que cavam profundamente nas montanhas, *e creio que sei de onde eles procedem.* Não nos farão mal algum se os deixarmos em paz, mas ninguém saberá dizer o que acontecerá se nos mostrarmos demasiado curiosos com relação a eles. É evidente que um bom exército de homens teria condições de erradicar sua colônia de mineração. É isso que eles receiam que aconteça. No entanto, se tal viesse a suceder, um número maior deles viria *de fora...* uma quantidade inimaginável. Poderiam conquistar a Terra com toda facilidade, mas até hoje não tentaram isso porque não tiveram necessidade. Preferem deixar as coisas como estão para se pouparem trabalho.

Creio que pretendem livrar-se de mim, devido ao que descobri. Nas florestas do morro Redondo, a leste daqui, encontrei uma enorme pedra preta, com hieróglifos desconhecidos, meio desgastados pelo tempo. E depois que a trouxe para casa, tudo se tornou diferente. Se julgarem que suspeito de muitas coisas, de duas uma: ou me matarão *ou me levarão para o lugar de onde vieram.* De vez em quando, levam daqui homens educados, a fim de se manterem informados sobre o estado de coisas no mundo humano.

Com isso, chego a meu segundo objetivo em lhe escrever: instá-lo a abafar o atual debate, ao invés de lhe dar ainda mais publicidade. *As pessoas devem ficar longe daquelas montanhas,* e por isso, a curiosidade popular não deve ser de modo algum atiçada ainda mais. Só Deus sabe o perigo que já existe, causado por incorporadores e agentes imobiliários que invadem o Vermont no verão, com chusmas de visitantes que correm de um lado para o outro e enchem os morros de bangalôs malfeitos.

Apreciaria continuar a trocar correspondência com o senhor, e farei o possível para lhe mandar aquela gravação e a pedra negra (já tão erodida que fotografias não mostram muita coisa), por via expressa se o senhor assim desejar. Digo "farei o possível" porque acredito que aquelas criaturas de uma maneira ou de outra conseguem influir nas coisas por aqui. Numa fazenda perto da aldeia mora um sujeito furtivo e arrogante, Brown, que, segundo julgo, serve de espião para eles. Pouco a pouco, estão tentando me tirar do mundo, porque eu sei coisas demais a respeito do mundo *deles.*

É impressionante o modo como conseguem descobrir o que faço. É possível que o senhor nem receba esta carta. Creio que serei obrigado a deixar essa área do país e ir morar com meu filho em San Diego, na Califórnia, se as coisas piorarem, mas não é fácil para uma pessoa abandonar a terra em que nasceu e onde a família viveu durante seis gerações. Além do mais, dificilmente eu teria coragem de vender esta casa a alguém, agora que as criaturas passaram a observá-la de perto. Tenho a impressão de que estão procurando recuperar a pedra preta e destruir a gravação fonográfica, mas não permitirei que o façam, se puder. Possuo alguns canzarrões, policiais, que sempre os mantém a distância, pois até agora são poucos por aqui, e se locomovem com dificuldade. Tal como disse, suas asas não são de grande valia para vôos curtos em nossa atmosfera. Estou na iminência de decifrar aquela pedra (com grandes sustos e padecimentos), e tendo em vista seu conhecimento do folclore, talvez o senhor pudesse me fornecer achegas suficientes para me ajudar. Suponho que o senhor esteja a par dos tenebrosos mitos a respeito das épocas anteriores à aparição do homem na Terra — os ciclos Yog-Sothoth e de Cthulhu — aos quais há referências oblíquas no *Necronomicon.* De certa feita tive acesso a um exemplar dessa obra, e pelo que ouvi dizer o senhor possui um deles, guardado a sete chaves em sua biblioteca na universidade.

Para concluir, Sr. Wilmarth, acredito que, com nossos conhecimentos, possamos ser utilíssimos um para o outro. Não desejo fazer com que o senhor corra qualquer perigo, e julgo ser de meu dever adverti-lo de que manter em sua posse a pedra e a gravação não será muito seguro; no entanto, penso que o senhor achará que vale a pena correr os riscos, por amor à ciência. Irei de carro até Newfane ou Brattleboro a fim de lhe remeter o que o senhor me autorizar, pois nesses lugares os correios são mais seguros. Talvez convenha informar-lhe que atualmente vivo inteiramente sozinho, uma vez que não posso mais ter criados. Não ficam aqui por causa das coisas que tentam aproximar-se da casa de noite, e que mantêm os cães ladrando incessantemente. Fico contente ao pensar que não me enfronhei tanto nisso enquanto minha mulher era viva, pois ela teria ficado louca.

Na esperança de que não o esteja incomodando demasiado, e que o senhor decida entrar em contacto comigo, ao invés de jogar essa carta no

lixo, como delírio de louco, subscrevo-me,

Atenciosamente

Henry W. Akeley

P.S. Estou providenciando cópias adicionais de certas fotografias que tirei, e que, em minha opinião, ajudarão a corroborar alguns pontos a que me referi. As pessoas mais idosas as julgam monstruosamente fiéis à realidade. Eu as enviarei em breve, se o senhor estiver interessado em vê-las.

Seria difícil descrever minha sensação ao ler esse estranho documento pela primeira vez. Segundo todas as regras comuns, eu deveria ter gargalhado ainda mais diante dessas maluquices do que das teorias, muito mais moderadas, que anteriormente me haviam levado ao riso. No entanto, havia no tom daquela carta alguma coisa que me fazia encará-la com paradoxal seriedade. Não que eu acreditasse, por um só momento, na abstrusa raça proveniente das estrelas de que falava meu correspondente; mas o fato foi que, após algumas graves dúvidas iniciais, vim a me persuadir estranhamente da sua sanidade mental e de sua sinceridade. Convenci-me também de que ele havia estado diante de algum fenômeno verdadeiro, ainda que singular e anormal, que ele não era capaz de explicar, salvo daquela maneira fantasiosa. Era forçoso crer que ele havia imaginado tudo aquilo, refleti; por outro lado, eu não podia deixar de pensar que o caso merecia investigação. O homem parecia exageradamente agitado e alarmado com alguma coisa, mas era difícil imaginar que sua aflição fosse inteiramente destituída de motivo. Mostrava-se ele bastante específico e lógico em muitas coisas. E, afinal, sua história se ajustava à perfeição a alguns mitos antigos - até com as mais desvairadas lendas indígenas.

Era bastante possível que ele tivesse realmente escutado vozes perturbadoras nas montanhas *e* que tivesse, com efeito, encontrado a pedra preta de que falava, apesar das inferências delirantes que tinha feito... inferências provavelmente sugeridas pelo homem que se confessara um espião a serviço dos seres alienígenas e que mais tarde se suicidara. Era fácil deduzir que esse homem devia ter sido louco varrido, mas que, provavelmente, mostrava um comportamento lógico que levara o ingênuo Akeley (já então predisposto a crer nessas coisas, devido a seus estudos

do folclore) a acreditar em suas narrativas. Quanto aos fatos mais recentes... tinha-se a impressão, pela impossibilidade de Akeley manter seus criados, que seus vizinhos mais ignorantes estavam tão convencidos quanto ele que sua casa era sitiada por *seres* fantásticos à noite. O fato de os cães ladrarem não devia levar a conclusões apressadas.

Havia ainda a questão da gravação fonográfica, que nada fazia crer que não tivesse sido obtida da maneira por ele descrita. Aquilo devia ter uma explicação, porém. Talvez fossem ruídos de animais, enganosamente semelhante à linguagem humana, ou mesmo a fala de algum homem que perambulasse às ocultas pela floresta, de noite, um ser humano que estivesse reduzido a um estado pouco superior ao dos animais. Meus pensamentos voltavam então à pedra negra coberta de hieróglifos e a especulações sobre qual seria sua explicação. E o que dizer das fotografias que Akeley estava disposto a me enviar, e que os anciãos do lugar achavam tão terrivelmente convincentes?

Relendo a carta, com sua caligrafia garranchosa, eu senti, mais do que antes, que meus crédulos oponentes talvez estivessem mais perto da verdade do que eu havia admitido. Afinal de contas, era possível que existissem naquelas montanhas interditas alguns ermitões, solitários e talvez malformados por hereditariedade, muito embora decerto aquela história de monstros das estrelas só pudesse ser fantasia. E se nas montanhas habitava gente esquisita, a presença de corpos estranhos nas caudais não seria inteiramente absurda. Seria excessiva presunção imaginar que tanto as velhas lendas como as notícias recentes tivessem, a fundamentá-las, essa dose de verdade? Ainda assim, mesmo enquanto eu alimentava essas dúvidas, sentia-me envergonhado pelo fato de um desvario tão grande quanto a carta de Henry Akeley tê-las feito nascer em meu espírito.

Por fim, acabei respondendo a carta de Akeley, assumindo um tom de polido interesse e solicitando mais pormenores. Sua resposta me chegou às mãos quase pela volta do correio e continha, com efeito, alguns instantâneos de cenas e objetos que ilustravam o que ele tinha a contar. Ao ver de relance aquelas imagens, quando as tirei do envelope, senti uma curiosa impressão de medo e de proximidade a coisas proibidas. Isto porque, a despeito da vagueza da maioria delas, tinham uma força horrivelmente sugestiva, intensificada pelo fato de serem

fotografias verdadeiras -vínculos ópticos reais com o que retratavam e produto de um processo impessoal de comunicação, sem preconceitos, falibilidade ou má fé.

Quanto mais eu olhava aquelas fotografias, mais me convencia de que eu não me enganara ao conceder seriedade a Akeley e à sua história. Evidentemente, aquelas fotos representavam prova concludente de que havia nas montanhas do Vermont alguma coisa que se situava muitíssimo além do campo de nosso conhecimento e nossa convicção ordinárias. O pior de tudo era uma pegada... uma fotografia tirada num ponto em que o sol brilhava sobre um pequeno lamaçal, em algum lugar de um planalto deserto. Que não se tratava de nenhuma falsificação grosseira, eu podia perceber num átimo, pois os seixos definidos com nitidez e as hastes de capim presentes no campo de visão proporcionavam uma clara indicação da escala e não deixavam nenhuma possibilidade de um truque, como dupla exposição. Eu chamei a coisa de "pegada", que significa "vestígio que o pé deixa no solo"; entretanto, aquilo mais se parecia à marca de uma garra. Ainda agora não posso descrevê-la direito, e o melhor que posso fazer é dizer que se assemelhava, horrendamente, à marca de uma pata de caranguejo e que parecia haver uma certa ambigüidade com relação à sua direção. Não era uma marca muito funda ou recente, mas parecia ser do tamanho de um pé humano mediano. A partir de um bulbo central, pares de pinças serrilhadas se projetavam em direções opostas. Ou seja, sua função era bastante enigmática, se é que o objeto fosse exclusivamente um órgão locomotor.

Outra fotografia (evidentemente se tratava de uma exposição prolongada, em local fortemente sombreado) mostrava a boca de uma caverna, com um rochedo arredondado fechando a abertura. No solo desnudo, à sua frente só se podia discernir uma densa trama de trilhas curiosas, e quando examinei a fotografia com uma lupa tive a certeza inquietante de que as marcas eram semelhantes à da outra foto. Um terceiro instantâneo mostrava um círculo de pedras eretas, como as levantadas pêlos druidas, no topo de um morro. Em torno do círculo críptico, a grama estava muito pisada e desgastada, muito embora eu não conseguisse detectar nenhuma marca no chão, nem mesmo com a lupa. Que o local era extremamente inóspito era evidenciado pelo verdadeiro

mar de montes desabitados, que formava o fundo e se estendia em direção a um horizonte enevoado.

Entretanto, se a fotografia mais perturbadora era a da "pegada", a que despertava maior curiosidade era a da grande pedra preta achada nas matas do morro Redondo. Akeley a havia fotografado sobre uma mesa que era, obviamente, seu local de estudo, pois eu podia ver prateleiras de livros e um busto de Milton ao fundo. Como era de esperar, o objeto tinha sido fotografado em posição vertical e apresentava superfície irregularmente curva, com cerca de palmo e meio de largura por três palmos de altura. No entanto, afirmar qualquer coisa de definitivo a respeito daquela superfície ou sobre a forma geral do objeto como um todo quase ultrapassa o poder da linguagem. Que estranhíssimos princípios geométricos haviam orientado seu talhe (pois eu estava convicto de que a pedra fora talhada artificialmente), era coisa que eu não podia sequer começar a conjecturar; e nunca, até então, eu vira uma coisa que me parecesse tão esquisita e inequivocamente estranha a este nosso planeta. Quanto aos hieróglifos em sua superfície, eu podia perceber pouquíssimos, mas um ou dois que pude discernir me causaram um choque. Evidentemente, podiam ser fraudulentos, pois outras pessoas além de mim já tinham lido o monstruoso e abominável *Necronomicon,* de Abdul al-Hazred, o árabe louco. No entanto, senti um calafrio ao reconhecer certos ideogramas que o estudo me ensinara a relacionar aos mais enregeladores e blasfemos murmúrios de coisas que haviam tido uma espécie de semivida louca antes que se formassem a Terra e os demais planetas interiores do sistema solar.

Das cinco fotografias restantes, três eram de paisagens de pântanos e montes que pareciam mostrar vestígios de ocupação, sub-reptícia, de seres tétricos. Uma outra mostrava uma marca esquisita no solo, bem perto da casa de Akeley; segundo ele dizia, tinha tirado a fotografia de manhã, depois de uma noite em que os cães haviam latido muito mais que de costume. Estava muito desfocada, e na verdade não permitia conclusões seguras; mas assemelhava-se diabolicamente à outra marca fotografada no planalto ermo. A última fotografia era da propriedade de Akeley; um belo sobrado branco, com sótão, com seus cento e poucos anos, atrás de um gramado bem-cuidado e um caminho ladeado de pedras que levava a um portal georgiano entalhado com bom gosto. Vários

canzarrões policiais, enormes, estavam sentados junto de um homem de rosto simpático, de barba grisalha e aparada, que julguei ser o próprio Akeley... que fotografara a si mesmo, como se podia inferir pelo cabo propulsor, de bulbo, em sua mão.

Das fotografias, passei à carta, redigida numa caligrafia de letras apertadas. E durante as três horas seguintes estive mergulhado num abismo de indizível horror. As questões que Akeley havia antes tratado por alto eram agora expostas em minudências; apresentava ele longas transcrições de palavras entreouvidas de noite nas florestas, longas descrições de hediondas formas rosadas avistadas ao crepúsculo entre moitas nos morros, bem como uma terrível narrativa cósmica derivada da aplicação de uma profunda e variegada erudição às intermináveis arengas do louco que se declarara espião e que se matara. Vi-me diante de nomes e termos que havia encontrado alhures, ligados às coisas mais horrendas que se podem imaginar - Yuggoth, Grande Cthulhu, Tsathoggua, R'lyeh, Nyarlahotep, Azathoth, Hastur, Yian, Leng, o lago de Hali, Bethmoora, o Signo Amarelo, L'mur-Kathulos, Bran e o Magno Inominando - e fui arrastado, por eras sem nome e por dimensões inconcebíveis, a mundos de existência prístina e remota sobre os quais o delirante autor do *Necronomicon* só havia feito conjecturas vaguíssimas. Ouvi falar das fontes da vida primeva, e das correntes que de lá haviam brotado; e, finalmente, do minúsculo regato que saía de uma daquelas correntes que se haviam emaranhado com os destinos de nosso próprio mundo.

Minha cabeça rodopiava. E ao passo que antes procurara dar explicações aos fatos, agora comecei a acreditar nas maravilhas mais absurdas e incríveis. O acúmulo de provas vitais era de uma vastidão e uma concludência horripilantes; e a atitude serena e científica de Akeley - uma atitude inimaginavelmente distante daquela que se poderia esperar de um demente, um fanático, um histérico ou mesmo do sonhador extravagante - exerceu um efeito tremendo em meu raciocínio e meu julgamento. Quando por fim terminei de ler a carta, pude entender os medos que ele passara a sentir, e estava pronto a fazer qualquer coisa a meu alcance a fim de manter as pessoas afastadas daqueles montes inóspitos e assombrados. Mesmo agora, depois que o tempo embotou as primeiras impressões e me faz quase questionar minha própria

experiência e as dúvidas atrozes, há coisas naquela carta de Akeley que eu não gostaria de repetir ou mesmo formular por escrito. Sinto quase satisfação pelo fato de a carta, a gravação e as fotografias não existirem mais... e gostaria, por motivos que em breve esclarecerei, que o novo planeta além de Netuno nunca tivesse sido descoberto.

Com a leitura daquela tarde, terminou para sempre a polémica que eu vinha mantendo em público sobre o horror do Vermont. Argumentações apresentadas por oponentes permaneciam sem resposta ou eu as descartava com promessas, e por fim a controvérsia minguou e cessou de vez. Passei o fim de maio e o mês de junho em correspondência com Akeley; de vez em quando uma carta se extraviava, de modo que tínhamos de refazer nosso caminho e realizar um considerável trabalho de cópia. Em síntese, o que estávamos tentando fazer era comparar anotações a respeito de obscuros dados mitológicos para chegarmos a uma correlação mais clara dos horrores do Vermont com o conjunto geral de lendas primitivas.

Desde o início, concluímos que aquelas monstruosidades e o demoníaco *Mi-Go* himalaio pertenciam a uma única e mesma ordem de pesadelo encarnado. Havia ainda absorventes conjecturas zoológicas, que eu teria apresentado ao professor Dexter, em minha universidade, não fora Akeley haver ordenado, categoricamente, que eu nada dissesse, a qualquer pessoa, a respeito daquele assunto. Se dou mostras de desobedecer a essa determinação agora, é apenas por pensar que, nesta altura dos acontecimentos, uma advertência com relação àquelas distantes montanhas do Vermont (e sobre aqueles picos dos Himalaias, onde a cada dia que passa um maior número de ousados exploradores se aventura) é mais propício à segurança pública do que seria o silêncio. Uma atividade específica que estávamos realizando era o deciframento dos hieróglifos gravados naquela infame pedra negra — uma decodificação que bem nos poderia conduzir a segredos mais profundos e mais assombrosos que qualquer outro jamais detectado pelo homem.

III

Perto do fim de junho chegou a gravação fonográfica, remetida de Brattleboro, uma vez que Akeley não se dispunha a confiar no ramal que operava ao norte daquela localidade. Ele havia começado a ter uma crescente sensação de espionagem, agravada pelo extravio de algumas de

nossas cartas; e referia-se muito aos atos suspeitos de certos homens, que ele considerava instrumentos e agentes dos seres alienígenas. Desconfiava sobretudo do soturno fazendeiro chamado Walter Brown, que morava sozinho numa casa velha, construída num morro perto das matas mais densas, e que era freqüentemente visto a perambular pelas esquinas de Brattleboro, Bellows Falls, Newfane e South Londonderry, sem nenhum motivo aparente. Akeley estava convencido de que era de Brown uma das vozes que ele havia entreouvido, em certa ocasião, travando uma conversa horrenda. E em outra ocasião havia encontrado uma "pegada" ou marca de garra perto da casa de Brown, marca essa que poderia ter o mais nefasto significado. A marca estava, curiosamente, junto de pegadas do próprio Brown — e voltada para estas.

Assim sendo, a gravação foi remetida de Brattleboro, aonde Akeley foi em seu Ford, por desertas estradas secundárias do Vermont. Confessou, num bilhete que acompanhava a gravação, que começava a sentir medo daquelas estradas e que só se dispunha a ir comprar provisões em Townshend em plena luz do dia. Não valia a pena, ele reiterava sempre, saber demasiado, a menos que se estivesse muito longe daquelas silenciosas e problemáticas montanhas. Muito em breve ele viajaria para a Califórnia, a fim de morar com o filho, embora fosse difícil abandonar um lugar no qual se concentravam todas as suas recordações, pessoais e ancestrais.

Antes de reproduzir a gravação na máquina comercia que tomei de empréstimo à administração da universidade, repassei cuidadosamente todas as explicações contidas nas diversas cartas de Akeley. A gravação, conforme ele relatava, havia sido obtida mais ou menos à l hora da manhã do dia I^{o} de maio de 1915, perto da boca fechada de uma caverna, no ponto em que a encosta oeste da montanha Escura se ergue do pântano de Lee. Àquele lugar fora sempre atribuída a existência de vozes estranhas, sendo este o motivo pelo qual ele havia levado consigo o fonógrafo, o ditafone e a cera virgem, à espera de resultados. A experiência já lhe ensinara que a véspera do I^{o} de maio - a medonha noite sabática das lendas européias — provavelmente seria mais frutífera que qualquer outra data, e ele não se decepcionou. Era interessante notar, contudo, que jamais voltara a escutar vozes naquele mesmo lugar.

Ao contrário da maior parte das vozes entreouvidas nas florestas, os sons contidos na gravação tinham um quê de ritualístico e entre eles havia uma voz palpavelmente humana, que Akeley nunca soubera a quem atribuir. Não era a de Brown, e parecia pertencer a uma pessoa de melhor educação. Era a segunda voz, no entanto, que constituía o busílis... pois se tratava do amaldiçoado *zumbido* que não parecia em nada humano, apesar das palavras humanas, pronunciadas com boa prosódia e entonação educada.

O fonógrafo e o ditafone não haviam funcionado muito bem durante todo o tempo de gravação, e havia a prejudicá-los, naturalmente, a natureza remota e abafada do ritual entreouvido; assim, o vozerio fixado na cera estava muito fragmentado. Akeley me havia enviado uma transcrição do que, segundo acreditava, diziam as vozes, e lancei um olhar ao papel, enquanto preparava a máquina. O texto tinha antes um mistério sombrio do que uma hediondez ostensiva, muito embora o conhecimento de sua origem e da maneira como havia sido obtida me transmitissem todo o horror associativo que nenhum conjunto de palavras poderia perfeitamente traduzir. Apresento-o aqui na íntegra, tal como me lembro, e estou bastante certo de que memorizei bem o texto, não só por haver lido a transcrição, mas por ter reproduzido a gravação vezes sem conta. Não se trata de uma coisa que eu pudesse esquecer facilmente!

(Sons indistintos) (Uma voz humana, masculina e educada)

...é o Senhor da Floresta, mesmo para... e as dádivas dos homens de Leng... e das fontes da noite aos abismos do espaço, e dos abismos do espaço às fontes da noite, sempre o louvor ao Grande Cthulhu, a Tsathoggua, e Àquele que Não Deve Ser Nomeado. Sejam sempre louvados, e haja abundância para o Bode Negro das Florestas. Iä! Shub-Niggurath! O Bode de Mil Filhos!

(Um zumbido imitando voz humana)

Iä! Shub-Niggurath! O Bode Negro da Floresta, de Mil Filhos!

(Voz humana)

E sucedeu que o Senhor das Florestas, estando. . . sete e nove, descendo os degraus de ônix... rende (tri)buto a Ele, o do Abismo, Azathoth, A Ele de Quem Tu nos contaste marav(ilhas)... nas asas da

noite, para além do espaço, para além d. . . até Aquele de Quem o filho mais novo é Yuggoth, girando em solidão no espaço negro, na borda...

(Voz zumbidora)

...caminhai entre os homens e aprendei seus costumes, para que Ele. o do Abismo, os conheça. A Nyarlahotep. Poderoso Mensageiro, todas as coisas devem ser contadas. E Ele há de assumir a semelhança de homens, a máscara de cera e o manto que oculta, e há de descer do mundo dos Sete Sóis para zombar. . .

...(Nyarl)ahotep, Grande Mensageiro, portador de estranha alegria a Yuggoth, através do vazio, Pai do Milhão de Eleitos, Errante entre. . .

(Vozes interrompidas pelo final da gravação)

Eram essas as palavras que eu haveria de escutar quando liguei o fonógrafo. Foi com um traço de medo e relutância que premi o botão e escutei os arranhões preliminares da ponta de safira e fiquei satisfeito com o fato de as primeiras palavras, distantes e fragmentárias, serem pronunciadas por voz humana — uma voz macia e educada, com sotaque vagamente bostoniano, e que decerto não pertencia a nenhum nativo das montanhas do Vermont. Escutando aquela reprodução tantalizantemente débil, eu constatava que as palavras eram idênticas às da transcrição que Akeley havia preparado com muito cuidado. Aquela macia voz bostoniana entoava "Iä Shub-Niggurath! O Bode de Mil Filhos!..."

Foi então que ouvi *a outra voz*. Até hoje ainda tremo quando me lembro do que senti ao ouvi-la, embora estivesse preparado pêlos relatos de Akeley. Aquelas pessoas a quem descrevi a gravação afirmam não ver nela nada senão grosseira impostura ou loucura. Mas *se pudessem escutar pessoalmente aquela coisa maldita,* ou ler as cartas de Akeley, principalmente aquela segunda carta que ele me enviou, com um volume enciclopédico de informações, sei que pensariam outra coisa. Hoje, acho que foi uma pena eu não haver desobedecido a Akeley e reproduzido a gravação para outras pessoas... e foi pena, também, que todas as suas cartas tenham-se perdido. Para mim, devido a meu contacto de primeira mão com os sons e por causa do conhecimento que eu tinha das circunstâncias que cercavam sua obtenção, aquela voz era alguma coisa de monstruoso. Ela se sucedia rapidamente à voz humana no responsório do ritual, mas em minha imaginação era um eco mórbido que atravessava, sinuosamente,

abismos inimagináveis que partiam de infernos inimagináveis. Faz mais de dois anos que fiz tocar pela última vez aquele blasfemo cilindro de cera; mas neste exato momento, e em qualquer outro momento, ainda escuto aquele zumbido débil e diabólico, tal como o ouvi pela primeira vez.

"Iä! *Shub-Niggurath! O Bode Negro da Floresta de Mil Filhos! "*

No entanto, ainda que a voz continue a soar em meus ouvidos sem cessar, até hoje não consegui analisá-la suficientemente bem para poder descrevê-la em palavras. Era como o zunido de um inseto horrendo e gigantesco que tivesse sido, por milagre, transformado na fala articulada de uma espécie alienígena, e tenho certeza absoluta de que os órgãos que o produziam não podiam ter nenhuma semelhança com os órgãos vocais do homem... ou de qualquer outro mamífero. Havia singularidade de timbre, amplitude e matizes que colocavam aquele fenômeno inteiramente fora da esfera da humanidade e da vida terrestre. A maneira súbita como começou a soar daquela primeira vez quase me aturdiu e escutei o resto da gravação numa espécie de torpor. Quando chegou a passagem mais longa daquele zumbido, houve como que uma intensificação acentuada daquela sensação de blasfema infinitude que havia tomado conta de mim durante a passagem anterior, mais curta. Por fim, a gravação terminou de repente, durante uma alocução desusadamente límpida daquela voz humana e bostoniana. Mas depois de a máquina ter-se desligado automaticamente, fiquei por longo tempo paralisado.

Creio ser excusado dizer que reproduzi aquela gravação demoníaca muitas outras vezes, e que fiz tentativas exaustivas de analisá-la e comentá-la, trocando opiniões com Akeley. Seria inútil e cansativo registrar aqui todas as conclusões a que chegamos; mas talvez não seja desinteressante observar que concordamos em que havíamos obtido uma chave para deslindar alguns dos mais repulsivos costumes daquelas insondáveis religiões antigas da humanidade. Além disso, parecia-nos claro que havia antigas e complexas alianças entre aquelas criaturas ocultas e certos membros da raça humana. Até que ponto iam essas alianças, e de que maneira se podiam comparar as que existiam hoje com as existentes em eras mais remotas, não tínhamos nenhum meio de saber. No entanto, sobrava margem para um volume ilimitado de horrorizadas conjecturas. Parecia haver um vínculo tenebroso e imemorial, em vários estágios definidos, entre o homem e a infinitude inominada. As

blasfêmias que apareciam na Terra, segundo éramos levados a crer, vinham do trevoso planeta Yuggoth, nos confins do sistema solar. Contudo, esse planeta não passava do posto avançado, povoado, de uma medonha raça interestelar cuja origem suprema deveria situar-se muito além do imaginável, além mesmo do *continuum* espaço-tempo einsteiniano.

Nesse ínterim, continuamos a discutir a respeito da pedra preta e da melhor maneira de fazê-la chegar a Arkham, uma vez que Akeley julgava desaconselhável que eu o fosse visitar no cenário de seus estudos de pesadelo. Por algum motivo, Akeley receava confiar o objeto a qualquer meio de transporte comum ou plausível. Por fim, ele decidiu levar a pedra até Bellows Falis, de onde a embarcaria pela rede ferroviária de Boston e do Maine, através de Keene, Winchendon e Fitchburg, ainda que isso o obrigasse a dirigir por estradas mais solitárias e através de mais florestas do que a estrada principal, que passava por Brattleboro. Disse-me ele que havia observado um homem vagueando pelo escritório da transportadora em Brattleboro na ocasião em que remetera a gravação fonográfica. Era um homem cujos atos e fisionomia estavam longe de serem tranqüilizantes. Dera mostras de estar ansioso por conversar com os funcionários e havia embarcado no trem no qual a gravação fora remetida. Akeley confessou que não se sentira inteiramente tranqüilo com relação à gravação até eu haver acusado seu recebimento.

Mais ou menos nessa época — a segunda semana de julho — extraviou-se outra carta minha, como vim a saber por uma comunicação ansiosa de Akeley. Depois disso, ele me pediu que não lhe escrevesse mais para Townshed, e que enviasse toda e qualquer correspondência para a posta-restante de Brattleboro; ele faria viagens frequentes até lá, de carro ou pela linha de ônibus que havia substituído o serviço de passageiros do ramal ferroviário, cujas composições atrasavam-se constantemente. Percebi que ele se tornava cada vez mais ansioso, pois detinha-se, em suas cartas, a falar pormenorizadamente dos latidos dos cães nas noites sem lua e das marcas frescas de garras que às vezes encontrava na estrada e na lama do terreiro da fazenda, quando amanhecia. De certa feita referiu-se a um verdadeiro exército de marcas, formando uma linha fronteira a uma linha igualmente densa e resoluta de marcas das patas dos cães, e mandou-me um instantâneo fotográfico

horrivelmente perturbador para comprovar o que dizia. Isso ocorreu após uma noite em que os cães haviam latido e ladrado como nunca.

Na manhã de quarta-feira, 18 de julho, recebi um telegrama expedido de Bellows Falis, no qual Akeley informava estar despachando a pedra preta pela B. & M., no trem número 5508, que partiria de Bellows Falis às 12:15 e que deveria chegar à Estação Norte de Boston às 16:12. Calculei que a encomenda certamente estaria em Arkham por volta das 12 horas do dia seguinte. Por isso, passei toda a manhã de quinta-feira em casa, a fim de recebê-la. Mas o meio-dia chegou e passou sem que a encomenda aparecesse. Quando telefonei para o escritório da companhia, fui informado de que não havia chegado nenhuma encomenda para mim. Minha próxima providência, tomada em meio a crescente alarme, consistiu em dar um telegrama interurbano para o agente da companhia, na Estação Norte de Boston; e não foi com grande surpresa que soube que meu despacho não havia aparecido. O trem 5508 havia chegado com um atraso de apenas 35 minutos na véspera, mas não havia trazido nenhum pacote endereçado a mim. Contudo, o agente prometeu realizar uma investigação. Terminei o dia remetendo a Akeley uma carta noturna em que historiava a situação.

Com louvável presteza, o escritório de Boston emitiu um relatório na tarde seguinte, e o agente telefonou assim que teve em mãos os dados. Ao que parecia, o funcionário do serviço de entregas, que viajava na composição 5508, lembrava-se de um incidente que poderia estar relacionado com minha perda: uma discussão com um homem que tinha uma voz curiosíssima, magro, de cabelos claros e aspecto rude, quando o trem parou em Keene, New Hampshire, pouco depois das 13:00.

Esse homem, disse ele, estava tomado de grande agitação por causa de uma caixa pesada que, segundo declarou, estava esperando, mas que nem estava no trem nem havia sido registrada nos livros da companhia. Dera o nome de Stanley Adams, e tinha uma voz tão rouquenha, grave e esquisita, que o empregado se sentira anormalmente tonto e sonolento por escutar o que ele dizia. O rapaz não se lembrava direito de como a conversa tinha terminado, mas afirmava que se sentira imediatamente mais desperto assim que o trem recomeçou a viagem. O agente de Boston acrescentava que esse empregado era um jovem de inteira

confiança, com antecedentes conhecidos e que trabalhava na companhia há longos anos.

Naquela noite fui a Boston a fim de me entrevistar com o funcionário em pessoa, depois de obter seu nome e endereço no escritório da empresa. Tratava-se de um rapaz franco e simpático, mas constatei que ele não podia acrescentar nada a seu relato anterior. Estranhamente, não tinha muita certeza de que pudesse sequer reconhecer o estranho novamente. Compreendendo que ele não tinha mais o que informar, voltei para Arkham e passei a noite em claro, escrevendo cartas para Akeley, para a companhia e para o departamento de polícia e o agente da estação em Keene. Acreditava que o homem de voz estranha, que tão notavelmente havia perturbado o funcionário, só podia ter um papel crucial naquela situação ominosa, e eu esperava que os empregados da estação de Keene e os registros do telégrafo tivessem alguma coisa a informar sobre ele e sobre a maneira como se apresentara como destinatário da encomenda que a mim tinha sido dirigida.

Devo admitir, não obstante, que minha investigação deu em água de barreia. O homem de voz esquisita realmente tinha sido visto a perambular pela estação de Keene no começo da tarde de 18 de julho, e uma pessoa parecia associá-lo vagamente com uma caixa pesada. Entretanto, era de todo desconhecido por ali, nem tinha sido visto outra vez depois disso. Não havia ido à agência dos telégrafos nem recebido qualquer mensagem, ao que se sabia; tampouco qualquer mensagem que pudesse ser considerada referente à presença da pedra negra no trem 5508 havia sido passada pela agência, destinada a mim ou a qualquer outra pessoa. Naturalmente, Akeley também participou dessas investigações, e chegou até a fazer uma viagem pessoal a Keene, a fim de conversar com pessoas que freqüentavam a estação. No entanto, sua atitude em relação ao episódio era mais fatalista do que a minha. Parecia considerar a perda da caixa um cumprimento prodigioso e ameaçador de tendências inevitáveis, e na verdade não tinha a mínima esperança de que ela fosse recuperada. Falou a respeito dos indubitáveis poderes telepáticos e hipnóticos das criaturas das montanhas e de seus agentes, e numa de suas cartas insinuou que não acreditava que a pedra ainda estivesse neste planeta. De minha parte, senti-me verdadeiramente colérico, pois achava que havia pelo menos uma possibilidade de tomarmos conhecimento de

coisas portentosas e assombrosas, a partir dos hieróglifos antigos e indistintos. Aquele caso me teria espicaçado a mente por muito tempo se as cartas seguintes de Akeley não houvessem aberto uma nova fase no tétrico problema das montanhas, e que de imediato exigiu toda minha atenção.

IV

As coisas desconhecidas, escreveu Akeley numa caligrafia que se tornava lamentavelmente trêmula, haviam começado a acuá-lo com um grau de determinação inteiramente novo. Os latidos noturnos dos cachorros, sempre que a lua se mostrava baça ou ausente, haviam-se tornado agora terríveis; além disso, houvera tentativas de molestá-lo nas estradas abandonadas pelas quais ele era obrigado a trafegar de dia. No dia 2 de agosto, seguindo em direção à vila em seu carro, ele dera com um tronco de árvore atravessado no caminho, num ponto em que a estrada cruzava um trecho denso da floresta. Os latidos desesperados dos dois canzarrões que ele levava consigo lhe mostraram perfeitamente que espécie de seres deviam estar à espreita nas proximidades. Ele não se atrevia a imaginar o que poderia ter acontecido se os cães não estivessem ali... mas agora nunca saía sem a companhia de pelo menos dois cães de sua fiel e forte matilha. Episódios análogos haviam ocorrido nos dias 5 e 6 de agosto. Da primeira vez, um tiro roçara seu carro; da segunda, os latidos dos cães indicaram novamente a presença de criaturas odientas.

No dia 15 de agosto recebi uma carta frenética, que me deixou enormemente perturbado, fazendo-me desejar que Akeley pusesse de lado sua reticência solitária e pedisse a ajuda da lei. Haviam ocorrido fatos assustadores na noite de 12 para 13, com balas zunindo pela fazenda, e três dos doze cães tinham sido encontrados mortos a tiro na manhã seguinte. Havia miríades de marcas de patas na estrada, e entre elas estavam as pegadas de Walter Brown. Akeley havia começado a telefonar para Brattleboro, a fim de obter novos cães, mas a ligação fora cortada antes que ele pudesse falar muita coisa. Mais tarde ele foi até Brattleboro de carro, e ficou sabendo ali que guardas-linhas tinham encontrado o fio principal cortado de propósito num ponto em que passava pelas montanhas desertas, ao norte de Newfane. Entretanto, estava prestes a voltar para casa, com quatro excelentes animais novos e várias caixas de munição

para sua carabina de repetição. A carta tinha sido escrita nos correios de Brattleboro e chegou-me sem tardança.

A essa altura, minha atitude em relação ao assunto deixava rapidamente de ser científica para se tornar alarmadamente pessoal. Temia o que pudesse acontecer a Akeley em sua fazenda remota e solitária, e, por que não dizer, sentia também algum medo por mim mesmo, agora que eu estava decididamente ligado ao estranho problema das montanhas. A coisa estava *indo mais longe*. Porventura chegaria até a mim? Ao responder a carta, instei com Akeley para que ele procurasse ajuda, e insinuei que eu poderia tomar providências se ele não o fizesse. Falei em ir ao Vermont pessoalmente, a despeito de suas admoestações e em ajudá-lo a explicar a situação às autoridades. Contudo, recebi dele um telegrama, expedido de Bellows Falis, que dizia o seguinte:

AGRADEÇO SEU INTERESSE MAS VOCÊ NADA PODE FAZER PT NÃO INTERVENHA DE MODO ALGUM POIS ISSO PREJUDICARIA AMBOS PT ESPERE EXPLICAÇÃO

HENRY AKELY

Entretanto, o caso se complicava a olhos vistos. Depois que respondi esse telegrama, recebi um bilhete trêmulo de Akeley com uma notícia aterradora: não só ele jamais havia enviado aquele telegrama como tampouco recebera a carta para a qual o telegrama constituía uma óbvia resposta. Investigações apressadas em Bellows Falis revelaram-lhe que o telegrama havia sido passado por um homem esquisito, de cabelos claros, com uma voz curiosamente grossa e rouquenha. Nada mais pôde saber. O funcionário mostrou-lhe o texto original, rabiscado a lápis pelo remetente, mas a caligrafia era inteiramente desconhecida. Era visível que a assinatura tinha sido escrita erradamente, — A-K-E-L-Y —, sem o segundo "E". Certas conjecturas seriam inevitáveis, mas em meio à crise ele não parou para refletir sobre elas.

Referiu-se à morte de outros cães e à compra de outros, bem como à troca de tiros, coisa que se tornara comum a cada noite sem luar. As pegadas de Brown e de pelo menos mais um ou dois seres humanos calçados agora eram encontradas regularmente entre as marcas de garras, na estrada e no terreiro da fazenda. A situação, admitia Akeley, estava ficando insustentável. E por certo não se passaria muito tempo antes que

ele tivesse de ir morar com o filho na Califórnia, vendesse ou não a propriedade. Mas não era fácil abandonar o único lugar que ele realmente podia chamar de lar. Ele tinha de tentar agüentar um pouco mais. Talvez conseguisse afugentar os intrusos, sobretudo se ostensivamente desistisse de novas tentativas de deslindar seus segredos.

Escrevi incontinenti a Akeley, reiterando minhas ofertas de ajuda, e falei novamente em visitá-lo e auxiliá-lo a convencer as autoridades do perigo atroz que ele estava correndo. Em sua resposta, ele deu a impressão de estar menos contra esse plano do que suas atitudes anteriores levariam a prever, mas disse que gostaria de esperar um pouco mais, o suficiente para ajeitar suas coisas e se conformar com a idéia de abandonar um torrão natal que ele amava quase morbidamente. As pessoas não viam com bons olhos seus estudos e especulações, e seria melhor sair dali em silêncio, ao invés de deixar a região em polvorosa e criar dúvidas generalizadas com relação à sua própria saúde mental. Ele já tinha agüentado o suficiente, admitia, mas se possível gostaria de sair dali honrosamente.

Essa carta chegou às minhas mãos no dia 28 de agosto, e logo escrevi e postei a resposta mais encorajadora de que fui capaz. Ao que parece, esse encorajamento teve efeito, pois Akeley não se mostrava tão aterrorizado como antes quando acusou o recebimento de meu bilhete. Contudo, não estava muito otimista e manifestou a opinião de que era apenas a lua cheia que estava mantendo as criaturas a distância. Ele esperava que não houvesse muitas noites de nuvens pesadas, e falou vagamente em se hospedar em algum lugar em Brattleboro quando a lua começasse a minguar. Mais uma vez dirigi-lhe uma carta animadora, mas a 5 de setembro chegou uma outra carta dele, que evidentemente havia cruzado com minha própria missiva nos correios. E a essa carta eu não podia dar resposta tão esperançosa. Em vista de sua importância, creio que seria melhor transcrevê-la na íntegra. Faço-o da melhor maneira que posso, de memória. Redigida na mesma caligrafia trêmula das cartas anteriores, ela dizia, essencialmente, o seguinte:

Segunda-feira

Prezado Wilmarth,

Esta carta constitui um *post-scriptum* um tanto desalentado à minha última comunicação. A noite passada foi bastante nublada, ainda que não chovesse, e não houve sequer uma réstia de luar. Foi horrível, acredito que o fim esteja se aproximando, apesar de toda nossa esperança. Passada a meia-noite, alguma coisa caiu no telhado da casa, e os cachorros correram, todos eles, para ver do que se tratava. Eu podia ouvi-los pulando e arranhando as paredes, e um deles conseguiu subir ao telhado, saltando da puxada baixa. Houve uma luta terrível lá em cima, e escutei um *zumbido* horroroso, que nunca mais hei de esquecer. E aí comecei a sentir um cheiro nauseabundo. Mais ou menos ao mesmo tempo, alguém começou a atirar contra a janela, e as balas quase roçaram em mim. Em minha opinião, a linha principal das criaturas das montanhas havia chegado bem perto da casa quando os cachorros se dividiram por causa do barulho no telhado. Ainda não sei o que havia lá em cima, mas creio (e tremo ao pensar nisso) que as criaturas estejam aprendendo a utilizar melhor suas asas feitas para o espaço. Apaguei a luz e comecei a procurar brechas nas janelas, e fiz a ronda da casa, disparando a carabina, alto o suficiente para não atingir os cães. Com isso, terminou a algazarra, mas de manhã encontrei grandes poças de sangue no quintal, ao lado de poças de um fluido verde e viscoso que tinha o pior cheiro que jamais senti na vida. Subi ao telhado e encontrei lá mais desse fluido viscoso. Cinco cães estavam mortos. Creio que eu mesmo atingi um deles, por atirar baixo demais, pois ele tinha sido abatido pelas costas. Agora estou consertando as vidraças destroçadas pêlos tiros e daqui a pouco vou a Brattleboro, a fim de comprar novos cães. Creio que os homens do canil me consideram louco. Espere urna carta com mais detalhes. Acho que estou disposto a viajar daqui a uma ou duas semanas, muito embora pensar nisso quase me parta o coração. Desculpe-me a pressa.

Akeley

No entanto, não foi esta a única carta a cruzar com a minha. Na manhã seguinte, 6 de setembro, recebi mais uma. Dessa vez, eram garranchos frenéticos que me deixaram inteiramente transtornado e sem saber o que dizer ou fazer. Tal como antes, acredito que o melhor a fazer seja citar o texto tão fielmente quanto me permitir a memória.

Terça-feira

O céu não limpou, de modo que hoje à noite não haverá luar mesmo. Eu teria mandado puxar energia para a casa e instalaria um refletor, se não soubesse que eles haveriam de cortar os fios tão logo eu os consertasse.

Acho que vou enlouquecer. É possível que tudo quanto lhe escrevi desde o começo seja sonho ou loucura. As coisas sempre foram horríveis, mas dessa vez passaram dos limites. *Na noite passada eles conversaram comigo,* naquela maldita voz de zumbido, e me disseram coisas *que não me atrevo a lhe repetir.* Eu os escutava claramente, acima do latido dos cachorros, e num certo momento em que silenciaram, *uma voz humana os ajudou.* Fique longe disso, Wilmarth... é pior do que eu ou você jamais suspeitamos. *Agora não pretendem deixar que eu vá para a Califórnia. Querem me levar vivo, ou aquilo que teórica e mentalmente equivale a vivo,* não só a Yuggoth, mas ainda mais além, para fora da galáxia *e possivelmente para além dos confins mais remotos do espaço.* Eu lhes respondi que não iria aonde querem levar-me, *ou da maneira horrível como pretendem levar-me,* mas acho que não há solução. Minha propriedade fica tão afastada que em breve hão de vir tanto de dia como de noite. Morreram mais seis cachorros, e senti presenças em todos os trechos de mata da estrada quando fui a Brattleboro hoje.

Cometi um erro ao lhe enviar aquela gravação fonográfica e a pedra preta. É melhor você destruir a gravação, antes que seja tarde demais. Amanhã lhe escreverei um novo bilhete, se ainda estiver vivo. Gostaria de poder providenciar que meus livros e minhas coisas ficassem guardadas em Brattleboro. Eu partiria sem nada de meu se pudesse, mas alguma coisa dentro de mim me contém. Posso ir para Brattleboro, onde estaria em segurança, mas lá me sinto tão prisioneiro quanto em minha casa. E tenho a impressão de que não conseguiria ir muito longe, mesmo que abandonasse tudo e tentasse. É horrível. Não se envolva nisto.

Com estima, Akeley.

Passei a noite sem dormir, depois de receber essa medonha carta, e me senti de todo perplexo com relação ao que poderia restar de sanidade mental em Akeley. Muito embora o conteúdo de sua carta fosse inteiramente insano, sua expressão, em vista de tudo que acontecera anteriormente, tinha um tom de persuasão feroz. Não fiz nenhuma tentativa de escrever, julgando ser melhor esperar até que Akeley tivesse tempo de responder à última carta que eu lhe enviara. Essa resposta realmente

chegou no dia seguinte, ainda que as informações novas que ela trazia suplantassem todos os pontos levantados pela carta que ela, nominalmente, respondia. Eis o que dizia, segundo me recordo, o texto dessa carta, em garranchos e manchada, como se redigida da maneira mais apressada e frenética que se possa imaginar.

Quarta-feira

Wilmarth:

Recebi sua carta, mas agora não adianta mais discutir nada. Estou inteiramente resignado. Admito até que ainda me reste força de vontade para lutar contra eles. Não posso fugir, mesmo que estivesse disposto a desistir de tudo e correr. Vão me pegar.

Recebi urna carta deles ontem — o carteiro a entregou pessoalmente, quando estive em Brattleboro. Escrita e postada em Bellows Falis. Ela diz o que eles querem fazer comigo... não posso repetir o que dizem. Cuidado com você também! O céu continua nublado e a lua diminui a cada noite. Gostaria de me atrever a pedir ajuda... talvez isso me desse novo ânimo, mas qualquer pessoa que ousasse vir aqui me chamaria de louco, a menos que por acaso acontecesse alguma coisa que comprovasse minhas alegações. Eu não poderia chamar gente aqui sem alguma razão plausível. Estou inteiramente afastado das pessoas e vivo assim há anos.

Mas ainda não lhe disse o pior, Wilmarth. Segure-se para ler o que vou escrever, pois você vai sentir um choque. Mas estou contando a pura verdade. É o seguinte: *vi e toquei uma daquelas criaturas, ou parte de uma dessas criaturas*. Por Deus, amigo, que horror! Estava morta, naturalmente. Um dos cães a havia abatido, e eu a encontrei perto do canil, hoje de manhã. Tentei guardá-la no lenheiro, para poder convencer as pessoas de tudo que eu contasse, mas a coisa se evaporou dentro de poucas horas. Não sobrou nada. Como você se lembra, todas aquelas coisas nos rios só foram avistadas na primeira manhã depois da enchente. E isso ainda não foi o pior. Tentei fotografar a criatura para que você a visse, mas quando revelei o filme, *não havia nada visível nela, exceto o lenheiro.* De que matéria seria constituída aquela coisa? Eu a vi e a toquei, e todas elas deixam marcas de garras. Evidentemente, era feita de matéria. Mas, que espécie de matéria? A forma é indescritível. Era um enorme caranguejo

com uma porção de anéis empilhados uns sobre os outros, ou nós de uma substância densa e parecida com corda, coberta de tentáculos no local onde estaria a cabeça. A substância viscosa verde é seu sangue ou linfa. E uma quantidade maior deles deve chegar à Terra a qualquer momento. Walter Brown anda desaparecido. Não tem sido visto perambulando como de costume pelas vilas. Devo tê-lo atingido com um de meus tiros, e as criaturas, ao que parece, sempre procuram carregar seus mortos e feridos.

Cheguei à cidade esta tarde sem qualquer dificuldade, mas estou com a impressão de que estão começando a não me importunar porque têm certeza de que vão me pegar. Estou escrevendo nos correios de Brattleboro. Talvez esta carta seja de adeus. Se assim suceder, escreva a meu filho George Goodenough Akeley, Pleasant Street, n° 176, San Diego, Califórnia, *mas não venha aqui*. Escreva ao rapaz se não receber notícias minhas dentro de uma semana, e procure informações nos jornais.

Vou jogar agora meus dois últimos trunfos... se ainda me restarem forças. Primeiro, vou tentar envenenar as coisas com gás (obtive os produtos químicos necessários e preparei máscaras, para mim e para os cães) e depois, se isso não der certo, vou contar ao xerife. Podem trancafiar-me num hospício, se quiserem — afinal isso será melhor do que as *outras criaturas* me fariam. E possível que eu os convença a prestar atenção às marcas em torno da casa. São tênues, mas eu as encontro toda manhã. Suponhamos, entretanto, que a polícia alegue que eu as forjei. Isso é possível, pois todo mundo me considera um tipo esquisitão.

Deverei tentar fazer com que um policial passe uma noite aqui comigo e comprove o que digo... muito embora seja bastante possível que as criaturas descubram e evitem importunar-me nessa noite. Cortam os fios sempre que tento telefonar de noite. Os inspetores da companhia telefônica acham isso muito estranho, e poderiam testemunhar em meu favor, isso se não imaginarem que eu mesmo os cortei. Já faz mais de uma semana que não peço que consertem os fios novamente.

Eu poderia conseguir que alguns dos roceiros depusessem em meu favor, a respeito da realidade dos horrores, mas todos riem do que eles dizem, e, de qualquer modo, evitam a minha casa há tanto tempo que nem têm conhecimento das coisas que vêm acontecendo. Não há dinheiro

que persuada um daqueles lavradores miseráveis a chegar a um quilômetro de minha casa. O carteiro escuta as coisas que eles contam e brinca comigo a respeito. Meu Deus! Às vezes me dá vontade de lhe contar o quanto existe de verdade nisso! Acho que tentarei fazer com que ele observe as marcas no chão, mas sucede que ele passa aqui à tarde e a essa hora geralmente as marcas já desapareceram. Se eu conservasse uma delas, cobrindo-a com uma caixa ou uma panela, certamente ele haveria de pensar que se tratava de uma falsificação ou de uma brincadeira.

Gostaria que não me tivesse tornado tão eremita, pois por isso as pessoas não passam mais por aqui como costumavam fazer. Nunca me atrevi a mostrar a pedra negra ou as fotografias, nem a tocar aquela gravação, a não ser para as pessoas ignorantes daqui da roça. Os outros diriam que eu havia forjado tudo e só fariam rir. Entretanto, é possível que eu ainda me anime a exibir as fotografias. Elas mostram aquelas marcas com toda clareza, muito embora as coisas que as produziram não possam ser fotografadas. É uma pena que ninguém tenha visto aquela *coisa* de manhã, antes que ela se evaporasse!

Mas não me importo. Depois de tudo por que passei, talvez um hospício não seja lugar tão ruim. Os médicos talvez me ajudem a tomai a decisão de sair desta casa, e só isso me poderá salvar.

Escreva para meu filho George se não tiver notícias minhas em breve. Adeus. Destrua aquela gravação, e não se envolva nisso.

Com estima, Akeley.

Posso afirmar que essa carta me fez mergulhar no mais negro terror, e eu não sabia o que dizer em resposta, mas rabisquei algumas palavras incoerentes, de conselhos e encorajamento, e as enviei por remessa registrada. Lembro-me de recomendar a Akeley que se mudasse para Brattleboro imediatamente e que se colocasse sob a proteção das autoridades. Acrescentei que eu iria àquela cidade com a gravação fonográfica, a fim de ajudar a convencer os tribunais quanto à sua saúde mental. Além disso, já era tempo, creio que escrevi isso, de alertar a população em geral contra aquela ameaça que a cercava de perto. Observe-se que nesse momento de tensão, minha própria fé em tudo quanto Akeley dizia e afirmava era praticamente total, muito embora eu

acreditasse que sua impossibilidade de obter uma fotografia do monstro morto se devesse não a uma aberração da natureza, mas a algum erro que ele houvesse cometido, devido à excitação.

Foi então que, cruzando, ao que parece, com meu bilhete frenético e chegando às minhas mãos na tarde de sábado, 8 de setembro, recebi aquela carta tranqüilizadora e curiosamente diferente, muito bem datilografada numa máquina de escrever nova — aquela estranha carta, que deve ter assinalado uma transição prodigiosa em todo o pesadelo que se desenrolava nas montanhas solitárias. Mais uma vez vou transcrevê-la de memória, tentando, por motivos especiais, reter o máximo possível do estilo. O carimbo dos correios era de Bellows Falis, e tanto a assinatura quanto o texto da carta estavam datilografados, como é comum fazerem os neófitos da datilografia. No entanto, o texto estava muito bem apresentado para um aprendiz. E concluí que Akeley devia ter utilizado uma máquina de escrever em algum período anterior, talvez na universidade. A bem da verdade, devo dizer que aquela carta representou para mim um alívio; no entanto, debaixo desse alívio havia uma ponta de desassossego. Se Akeley estivera em seu juízo perfeito quando aterrorizado, estaria ele agora são em sua tranqüilidade? E o que seriam as "melhores relações" a que ele aludia? Tudo aquilo implicava uma reviravolta total na atitude anterior de Akeley! Mas eis o que dizia essencialmente a carta, transcrita cuidadosamente com a ajuda de uma memória de que tenho certo orgulho.

Townshend, Vermont Quinta-feira, 6 de setembro de 1928

Meu prezado Wilmarth:

É para mim um prazer poder tranqüilizá-lo com relação a todas as tolices que lhe escrevi. Ao dizer "tolices" refiro-me à minha atitude de pavor, e não à descrição de determinados fenômenos. Tais fenômenos são bastante reais e importantes. Meu engano consistiu em assumir uma atitude anômala com relação a eles.

Acredito ter mencionado que meus estranhos visitantes estavam começando a estabelecer contacto comigo, e a tentar tais contactos. Na noite passada, esse diálogo tornou-se verdadeiro. Em resposta a certos sinais, recebi em casa um mensageiro daqueles que estavam lá fora... um ser humano, apresso-me a dizer. Falou-me ele muita coisa que nem eu

nem você havíamos sequer começado a perceber, e mostrou-me com clareza o quanto havíamos entendido mal o objetivo dos Alienígenas em manter sua colônia secreta neste planeta.

Ao que parece, as horrendas lendas a respeito do que eles ofereceram aos homens e sobre o que pretendem com relação à Terra decorrem inteiramente de um mal-entendido néscio da linguagem alegórica — uma linguagem, naturalmente, moldada por experiências culturais e por hábitos mentais muitíssimo diferentes de tudo com que possamos sonhar. Minhas próprias conjecturas, admito francamente, passaram tão longe do alvo como qualquer palpite de fazendeiros iletrados e índios ignorantes. Aquilo que eu havia considerado mórbido, vergonhoso e ignóbil é, na realidade, digno de admiração, expressivo e até mesmo *glorioso* — e meu ponto de vista anterior foi tão-somente uma fase da tendência eterna do homem a odiar, temer e evitar aquilo que é *inteiramente diferente.*

Agora lamento o mal que infligi a esses seres incríveis, que vieram de tão longe, no decurso de nossas escaramuças noturnas. Oxalá eu houvesse consentido em conversar pacífica e razoavelmente com eles desde o começo! No entanto, não mostram ressentimento em relação a mim, uma vez que suas emoções estão organizadas de uma maneira muito diferente da nossa. Por infelicidade deles, têm como seus agentes humanos no Vermont alguns espécimes humanos ínfimos — o falecido Walter Brown, por exemplo. Ele provocou em mim um profundo preconceito em relação a eles. Na verdade, nunca fizeram mal deliberadamente a seres humanos, posto que muitas vezes tenham sido cruelmente vilipendiados e espionados por nossa espécie. Há todo um culto secreto de homens maus (um homem com sua erudição mística há de me compreender quando eu os relaciono com Hastur e o Signo Amarelo), dedicado ao objetivo de localizá-los e lhes fazer mal, em nome de poderes monstruosos de outras dimensões. É contra esses agressores — e não contra a humanidade normal — que se voltam as precauções drásticas dos Alienígenas. A propósito, fiquei sabendo que muitas de nossas cartas extraviadas foram roubadas não pelos Alienígenas, mas pêlos emissários desse culto maligno.

Tudo que os Alienígenas desejam do homem é paz e um crescente relacionamento intelectual. Esse relacionamento faz-se absolutamente

necessário agora, quando invenções e máquinas estão expandindo nosso conhecimento e movimentos, tornando cada vez mais difícil aos Alienígenas manterem postos avançados *secretos* neste planeta. Os seres do espaço desejam conhecer o homem mais plenamente, e desejam também que alguns dos próceres da filosofia e da ciência humanas conheçam-nos melhor. Com esse intercâmbio de conhecimentos, todos os perigos desaparecerão e haveremos de estabelecer um *modus vivendi* satisfatório. A simples idéia de que haja qualquer intenção de *escravizar* ou *degradar* a humanidade é ridícula.

Como começo dessas melhores relações, os Alienígenas escolheram naturalmente a mim — o conhecimento que possuo deles já é considerável — como seu principal intérprete na Terra. Muito me foi dito na noite passada — fatos estupendos e esclarecedores — e muito mais me será comunicado oportunamente, tanto por escrito quanto oralmente. Não serei chamado *ainda* a empreender nenhuma viagem, ainda que provavelmente eu o queira *fazer* mais tarde — empregando meios especiais, que transcendem tudo quanto até agora nos habituamos a considerar como a experiência humana. Minha casa não será mais sitiada. Tudo voltou ao normal, e os cães doravante terão outras ocupações. Ao invés de terror, recebi uma abundante benesse de conhecimentos e aventura intelectual, que poucos outros mortais jamais conheceram.

Os Alienígenas serão, talvez, os seres orgânicos mais maravilhosos que existem no espaço e no tempo, ou mesmo além deles — membros de uma raça cósmica da qual todas as demais formas de vida não passam de variações degeneradas. São mais vegetais do que animais, se *é* que tais termos podem ser aplicados à espécie de matéria de que são constituídos, e possuem estrutura um tanto fungóide. No entanto, a presença de uma substância clorofilóide e a existência de um singularíssimo sistema nutritivo os distinguem inteiramente dos fungos cromofíticos. Com efeito, essas criaturas compõem-se de uma forma de matéria totalmente desconhecida em nossa parte do espaço, uma matéria cujos elétrons apresentam uma freqüência vibratória inteiramente diferente. É por isso que os seres não podem ser fotografados com os filmes e chapas *comuns* de nosso universo conhecido, muito embora nossos olhos os possam ver. Na posse de conhecimentos adequados, porém, qualquer bom químico seria capaz de preparar uma emulsão fotográfica que registrasse suas imagens.

O gênero tem a singularidade de ser capaz de transpor o vácuo interestelar, onde não há calor ou ar, em plena forma corpórea, e alguns de seus variantes não podem fazê-lo sem adjutório mecânico ou curiosas transposições cirúrgicas. Apenas algumas espécies possuem as asas resistentes ao éter que caracterizam a variedade do Vermont. Aqueles que habitam determinados picos remotos no Velho Mundo foram trazidos de outro modo. Sua semelhança externa com a vida animal e com o tipo de estrutura que entendemos como sendo material é antes questão de evolução paralela do que de afinidade próxima. Sua capacidade cerebral excede a de qualquer outra forma de vida sobrevivente, muito embora os tipos alados de nossa região montanhosa não sejam, de modo algum, os mais desenvolvidos. Seu modo habitual de linguagem é a telepatia, ainda que possuam órgãos vocais rudimentares, os quais, após uma ligeira operação (pois a cirurgia é, entre eles, altamente desenvolvida e banal), são capazes de duplicar, *grosso modo,* a fala de todos os tipos de organismos que ainda utilizam a fala.

Seu principal habitat *imediato* é um planeta ainda não descoberto e quase sem luz na fímbria de nosso próprio sistema solar — além de Netuno e o nono, em distância, a partir do Sol. É esse planeta, como inferimos acertadamente, o objeto chamado misticamente de "Yuggoth" em certos escritos antigos e interditos. E esse planeta será em breve o palco de uma estranha concentração mental, num esforço de facilitar o relacionamento telepático. Eu não me surpreenderia se os astrônomos se tornassem suficientemente sensíveis a essas correntes de força mental para descobrirem Yuggoth quando os Alienígenas desejarem que o façam. Mas Yuggoth, naturalmente, não passa de um trampolim. O conjunto maior dos seres habita abismos inteiramente além do alcance da imaginação humana. O glóbulo espaço-tempo que reconhecemos como sendo a totalidade da entidade cósmica representa apenas um átomo na infinitude genuína que é o universo deles. *E dessa infinitude, o máximo que um cérebro humano puder apreender há um dia de me ser descortinado, como já aconteceu com não mais de cinqüenta homens desde os primórdios da raça humana.*

Provavelmente, você pensará que isso tudo não passa de delírio, Wilmarth, mas com o passar do tempo há de perceber a oportunidade magnífica que me apareceu. Meu desejo é de que você partilhe dela ao

máximo possível, e para isso preciso dizer-lhe milhares de coisas que não posso escrever. No passado, recomendei que não viesse aqui para me ver. Agora que tudo está bem, tenho o prazer de cancelar aquela advertência e convidá-lo a me visitar.

Você não pode vir até aqui antes que comece o ano letivo? Seria maravilhoso se viesse. Traga a gravação fonográfica e todas as cartas que lhe enviei. Servirão de fontes de consulta, e teremos necessidade delas a fim de concatenar todos os pormenores dessa história prodigiosa. Talvez conviesse trazer também as fotografias, pois não sei onde guardei os negativos e minhas próprias cópias, nervoso como estive. Mas que riqueza de informações disponho agora para acrescentar a todo esse tateante e desinformado material! *E mais fantástico é o aparelho incrível de que disponho para suplementar meus acréscimos!*

Não hesite. Agora não sou mais espionado, e você não há de encontrar aqui nada que seja anormal ou perturbador. Venha, e eu o esperarei de carro na estação de Brattleboro. Venha disposto a ficar por tanto tempo quanto puder, e pode ter certeza de que serão longas as noites de conversas sobre coisas que se situam além de qualquer conjectura humana. Não comente nada com quem quer que seja, naturalmente, pois essas questões não devem chegar aos ouvidos do público ignaro.

O trem para Brattleboro não é ruim, e você poderá tomar conhecimento dos horários em Boston. Pegue o B. & M. para Greenfield, e ali troque de trem para completar a viagem, que não será longa. Sugiro que pegue o comboio das 16:10, em Boston. Chega a Greenfield às 17:35 da manhã; às 21:19 sai dali uma composição que chega a Brattleboro às 22:01. Isso nos dias de semana. Informe-me quanto à data de sua viagem que estarei na estação à sua espera.

Perdoe-me datilografar esta carta, mas minha caligrafia tem andado muito trêmula ultimamente, como você bem sabe, e não me sinto disposto a escrever à mão trechos muito longos. Comprei esta Corona em Brattleboro, ontem. Estou gostando muito dela.

Espero sua resposta em breve, e espero também recebê-lo aqui o quanto antes - com a gravação, minhas cartas, todas, e as fotografias.

Subscrevo-me,

Antecipadamente grato,

Henry W. Akeley

Exmo. Sr.

ALBERT N. WILMARTH UNIVERSIDADE DE MISKATONIC ARKHAM, MASSACHUSETTS

É-me de todo impraticável descrever a complexidade de minhas emoções ao ler, reler e refletir sobre essa estranha e inesperada missiva. Declarei antes ter ficado ao mesmo tempo aliviado e um tanto intranqüilo, mas isso expressa de maneira muito grosseira as nuances de sensações diversas e em grande parte subconscientes que constituíam tanto o alívio como a intranqüilidade. Para começar, a coisa era tão diametralmente oposta à toda a cadeia de horrores que a haviam precedido! O estado de espírito do missivista passara do terror mais desvairado à serena complacência e até mesmo à exultação. Eu não podia acreditar que em um único dia se alterasse de modo tão radical a perspectiva psicológica de uma pessoa que houvesse escrito aquele frenético bilhete de despedida na quarta-feira, não importa quais tivessem sido as revelações aliviadoras trazidas por aquele dia. Havia momentos em que uma sensação de realidades conflitantes me fazia imaginar se todo aquele drama de forças fantásticas, relatado de tão longe, não seria uma espécie de sonho semidelirante criado principalmente em meu próprio espírito. Depois lembrei-me da gravação fonográfica e mergulhei num assombro ainda mais profundo.

Aquela carta parecia exatamente o oposto de tudo quanto eu podia esperar! Ao analisar essa impressão, constatei que ela consistia em duas fases distintas. Em primeiro lugar, admitindo-se que Akeley estivera são antes e que ainda estivesse são, a mudança na situação a que ele se referia era por demais rápida e impensável. E em segundo lugar, a alteração na maneira, na atitude e na linguagem de Akeley estava muitíssimo além, do que se poderia considerar normal ou previsível. A personalidade do homem, em sua totalidade, parecia ter sofrido uma mutação insidiosa — uma mutação de tal modo profunda que de modo algum se podia conciliar seus dois aspectos com a suposição de que ambos representassem igual sanidade mental. E com minha sensibilidade acadêmica ao estilo da prosa, eu podia detectar divergências acentuadas em suas fórmulas

rítmicas mais comuns. Decerto, o cataclismo emocional ou a revelação capaz de produzir uma reviravolta tão drástica devia ser mesmo extrema! No entanto, num outro sentido, a carta parecia bastante típica de Akeley. A mesma paixão de antes pelo infinito... a mesma curiosidade erudita. Não pude, nem por um momento — ou por mais de um momento — abraçar a idéia de forjicação ou de substituição maligna. Por acaso o convite, a disposição de fazer com que eu comprovasse a veracidade da carta em pessoa, não atestava sua legitimidade?

Naquela noite de sábado não fui dormir e fiquei a meditar sobre as sombras e portentos que estavam por trás daquela carta. Minha mente, cansada da rápida sucessão de concepções monstruosas que havia sido obrigada a confrontar nos últimos quatro meses, aplicou-se nesse espantoso material novo num ciclo de dúvida e aceitação que retrilhava a maioria dos passos experimentados diante das maravilhas anteriores. Muito antes que rompesse a madrugada, interesse e curiosidade extremas haviam começado a substituir a tempestade inicial de perplexidade e desassossego. Louco ou são, metamorfoseado ou simplesmente aliviado, havia a probabilidade de que Akeley houvesse realmente encontrado alguma estupenda mudança de perspectiva em sua pesquisa aleatória, alguma modificação que ao mesmo tempo minorava o perigo (real ou imaginário) e que abria novos e estonteantes panoramas de conhecimento cósmico e sobre-humano. Minha própria ânsia pelo desconhecido atiçou-se como labareda, tal como a dele, e me senti contagiado de mórbido aventureirismo. Livrar-se das enlouquecedoras e exaustivas limitações do tempo e do espaço e das leis naturais... estar ligado ao vasto *exterior*... aproximar-se dos segredos trevosos e abismais do infinito e do supremo... decerto tais coisas valiam o risco da própria vida, da alma e da sanidade! E Akeley tinha dito que não havia mais perigo... convidara-me a visitá-lo ao invés de insistir em que eu não fosse lá, como antes. Espicaçava-me a curiosidade sobre o que ele teria a me dizer... Havia um fascínio quase paralisante na perspectiva de estar naquela fazenda solitária com um homem que havia verdadeiramente conversado com emissários do espaço remoto.

Sentar ali, com a gravação terrível e a pilha de cartas nas quais Akeley havia sintetizado suas conclusões anteriores.

Assim, pouco antes do meio-dia do domingo telegrafei a Akeley, comunicando-lhe que o encontraria em Brattleboro na quarta-feira seguinte, 12 de setembro, se essa data lhe conviesse. Em apenas um aspecto afastei-me de suas sugestões: naquilo que dizia respeito à escolha do trem. Francamente, não me agradava a idéia de chegar àquela estranha região do Vermont tarde da noite. Por isso, ao invés de escolher o trem que ele havia sugerido, telefonei para a estação e preferi outro. Se acordasse cedo e pegasse o trem das 8:07 para Boston, eu poderia embarcar no das 9:25 para Greenfield. E chegaria ali às 12:22. Esse horário se casava perfeitamente com o do comboio que chegaria a Brattleboro às 13:08, muito mais simpático do que 22:01 para me encontrar com Akeley e percorrer com ele aquelas estradas apertadas entre montanhas que ocultavam segredos.

Falei de minha opção no telegrama, e foi com prazer que soube, na resposta que chegou ao fim da tarde, que havia sido aprovada por meu futuro anfitrião. Assim dizia o telegrama:

HORÁRIO SATISFATÓRIO PT ESPERAREI TREM TREZE E OITO QUARTA-FEIRA PT NÃO ESQUEÇA GRAVAÇÃO CARTAS E FOTOGRAFIAS PT NÃO FAÇA COMENTÁRIOS SOBRE VIAGEM. PT ESPERE REVELAÇÕES FANTÁSTICAS

AKELEY

O recebimento dessa mensagem, em resposta direta a uma outra enviada a Akeley — e necessariamente entregue em sua casa pelo posto telegráfico de Townshend, quer por mensageiro, quer pelo serviço telefônico, que fora restabelecido — afastou quaisquer dúvidas subconscientes que eu pudesse nutrir a respeito da autoria da carta tão inesperada. Meu alívio foi substancial — na verdade, foi maior do que eu poderia explicar na época, uma vez que tais dúvidas tinham estado sepultadas bem profunda-mente. Mas naquela noite dormi como uma pedra e durante os dois dias seguintes estive ocupadíssimo com os preparativos para a viagem.

VI

Na quarta-feira parti como combinado, levando comigo uma valise com pertences pessoais e dados científicos, entre os quais a hedionda gravação fonográfica, as fotografias e a pasta onde eu havia arquivado

toda a correspondência de Akeley. Como ele pedira, eu não dissera a ninguém aonde ia, pois percebia também que o assunto exigia segredo completo, mesmo que os últimos acontecimentos fossem bem-vindos. A idéia de um verdadeiro contato mental com entidades alienígenas já era assombrosa até para meu espírito, treinado e de certa forma preparado. Assim, qual poderia ser seu efeito sobre a imensa massa de leigos desinformados? Não sei o que predominava em mim, se era o receio ou a expectativa aventurosa, quando fiz baldeação em Boston e comecei a longa jornada rumo a oeste, deixando regiões familiares e entrando em áreas menos conhecidas. Waltham... Concord... Ayer... Fitchburg... Gardner... Athol...

Meu trem chegou a Greenfield com sete minutos de atraso, mas o expresso que seguiria para o norte havia esperado. Mudando novamente de composição com pressa, senti no peito uma curiosa opressão enquanto o trem atravessava, no começo da tarde, territórios sobre os quais eu sempre havia lido, mas que nunca visitara. Eu sabia que estava penetrando numa Nova Inglaterra muito mais antiquada e primitiva do que as áreas litorâneas do sul, mecanizadas e urbanizadas, em que havia passado toda a vida; uma Nova Inglaterra ainda intacta e ancestral, sem os forasteiros e a fumaça de chaminés, sem os cartazes e as estradas pavimentadas que havia nas áreas atingidas pela modernidade. Haveria insólitas sobrevivências daquela contínua vida nativa cujas raízes profundas a tornam uma continuação autêntica da paisagem... a contínua vida nativa que mantém vivas estranhas memórias antigas e que fecunda o solo para crenças penumbrosas, portentosas e raramente mencionadas.

De vez em quando eu avistava o rio Connecticut, azulado, a reluzir ao sol, e depois de passarmos por Northfield, atravessamo-lo. Diante de mim agigantavam-se montes verdes e crípticos, e quando o condutor veio a meu vagão, eu soube que finalmente estava no Vermont. Disse-me ele que atrasasse meu relógio em uma hora, pois a montanhosa região nortista não aceitava ainda, sob hipótese alguma, aquelas novidades de horários diferentes. Ao atrasar meu relógio, eu o fiz com a sensação de que estava ao mesmo tempo, fazendo as folhas do calendário voltarem um século atrás.

O trem nunca se afastava muito do rio, e lá do outro lado, em New Hampshire, eu avistava a aproximação da encosta do Wantastiquet, em torno do qual se concentram lendas antigas tão singulares. Surgiram então ruas à minha esquerda e uma ilha verdejante apareceu no rio à minha direita. As pessoas se levantaram, encaminhando-se para a porta, e eu as acompanhei. O trem parou e apeei, sob o longo galpão ferroviário da estação de Brattleboro.

Olhando a fileira de carros estacionados, hesitei por um momento, procurando o Ford que poderia ser o de Akeley, mas minha identidade foi adivinhada antes que eu pudesse tomar a iniciativa. No entanto, evidentemente não foi o próprio Akeley quem se adiantou, com a mão estendida e perguntando, num tom melífluo, se eu era mesmo o Sr. Albert N. Wilmarth, de Arkham. Aquele homem não mostrava nenhuma semelhança com o Akeley, barbudo e grisalho, da fotografia. Era uma pessoa mais jovem e mais cosmopolita, elegantemente trajada, com um bigodinho escuro. Sua voz, educada, tinha alguma coisa, quase perturbadora, de vaga familiaridade, muito embora eu não conseguisse localizá-la na memória.

Enquanto eu o observava, ele explicou que era amigo de meu anfitrião, e que viera de Townshend em seu lugar. Akeley, ele declarou, sofrera uma súbita crise de asma ou coisa parecida, e não se sentia em condições de viajar. Entretanto, o problema não era sério e não haveria qualquer mudança com relação aos planos traçados para a minha visita. Eu não sabia o quanto esse Sr. Noyes (foi assim que ele se apresentou) sabia das pesquisas e descobertas de Akeley, ainda que tivesse a impressão, por seus modos despreocupados, de que ele nada sabia. Lembrando-me que Akeley se descrevera como um completo eremita, fiquei um tanto surpreso com a fácil disponibilidade daquele amigo; mas não permiti que minha perplexidade me impedisse de entrar no carro que ele me apontou. Não era o pequeno automóvel antigo que eu havia esperado, pelas descrições de Akeley, mas um modelo recente, grande e imaculado - aparentemente do próprio Noyes, e com placa de Massachusetts. Meu guia, concluí, devia ser um veranista que passasse alguns dias na área de Townshend.

Noyes entrou no carro e ligou o motor imediatamente. Agradou-me o fato de ele não exagerar na conversação, pois uma certa tensão

atmosférica peculiar me indispunha a palestras. A cidade parecia bem atraente à luz da tarde; tomamos uma ladeira e viramos à direita na rua principal. Ela dormitava como as antigas cidades da Nova Inglaterra que nos ficam nas lembranças da infância, e havia alguma coisa na disposição de telhados, campanários, chaminés e muros de tijolos que feria notas profundas de emoção ancestral. Eu sentia estar no limiar de uma região semi-enfeitiçada pela superposição ininterrupta de acumulações cronológicas — uma região onde coisas estranhas e antigas tiveram oportunidade de se desenvolver e de persistir, por nunca serem alteradas.

Ao sairmos de Brattleboro aumentou minha sensação de mal-estar e cresceram os maus pressentimentos, pois alguma coisa de vago naquela região de montes imensos, ameaçadores e muito juntos, de granito desnudo ou densa vegetação, lembravam segredos obscuros e imemoriais que podiam ou não ser hostis à humanidade. Durante algum tempo perlongamos um rio largo e raso que descia de montanhas desconhecidas ao norte, e tive um sobressalto quando meu acompanhante me disse que aquele era o rio Ocidental. Fora nele, segundo eu me lembrava dos recortes de jornal, que um dos mórbidos seres semelhantes a caranguejos havia sido visto depois das cheias.

Aos poucos, a região se tornou mais selvagem e mais deserta. Entre alguns montes, arcaicas pontes cobertas sobreviviam à passagem do tempo, e a estrada de feno, paralela ao rio, parecia exalar um ar de desolação nebulosamente visível. Havia vastos trechos de vales verdejantes em meio aos penhascos, com o granito da Nova Inglaterra aflorando, cinzento e austero, entre a verdura que manchava os topos. Havia também gargantas onde saltavam correntes caudalosas, conduzindo para o rio os segredos inimaginados de um milhar de picos inexplorados. Ali e acolá, divisavam-se estradinhas estreitas, meio escondidas, que serpenteavam através de massas densas e luxuriantes de florestas, entre cujas árvores primevas bem poderiam ocultar-se verdadeiros exércitos de espíritos. Ao vê-las, pensei no quanto Akeley teria sido molestado por entidades invisíveis, em suas viagens por aquele mesmo percurso, nem me admirei com o fato de que tais coisas pudessem existir.

A curiosa e pitoresca vila de Newfane, a que chegamos em menos de uma hora, foi nosso último vínculo com aquele mundo que os homens podem, sem qualquer dúvida, chamar de seu, por força de conquista e

completa ocupação. Depois dali, perdemos toda ligação com coisas imediatas, tangíveis e sancionadas pelo tempo, penetrando num mundo de silente irrealidade, no qual a estrada estreita e tortuosa subia, descia e curvava com deliberação caprichosa e voluntária, em meio aos verdes picos inóspitos e aos vales semidesertos. Salvo o ruído do motor e os débeis sons que vinham das poucas fazendolas por que passávamos a intervalos infreqüentes, o único som que me chegava aos ouvidos era o borbulhar insidioso de estranhos regatos que corriam de fontes inumeráveis nas matas penumbrosas.

A proximidade e a intimidade dos baixos monos em meia-lua tornaram-se logo depois verdadeiramente sufocantes. Eram íngremes e abruptos, mais ainda do que eu havia imaginado pelo que ouvira dizer, e não sugeriam nada em comum com o prosaico mundo objetivo que conhecemos. As matas cerradas e desconhecidas naquelas encostas inacessíveis pareciam abrigar coisas exóticas e inacreditáveis, e eu tinha a impressão de que os próprios contornos dos morros traduziam algum significado estranho e desde muito esquecido, como se fossem vastos hieróglifos deixados por uma mal-recordada raça de titãs, cujas glórias só sobrevivem em sonhos raros e profundos. Todas as lendas do passado, bem como todas as afirmações estupefacientes constantes das cartas e objetos de Henry Akeley, tomaram de assalto minha memória, realçando a atmosfera de tensão e crescente ameaça. A finalidade de minha visita e as assustadoras anormalidades por ela postuladas caíram sobre mim de repente, com um calafrio que quase apagou meu ardor por estudos insólitos.

Meu guia deve ter percebido meu descoroçoamento, pois ao se tornar a estrada mais selvagem e mais irregular, e nosso movimento mais lento e sacolejante, seus ocasionais comentários corteses se converteram num fluxo de palavras mais contínuo. Falou da beleza e da excentricidade da região e revelou alguma familiaridade com os estudos folclóricos de meu anfitrião. Por suas perguntas polidas, era óbvio que ele sabia que eu tinha ido ali com um objetivo científico e que eu estava trazendo dados de certa relevância. Entretanto, não deu nenhum sinal de estar a par da profundidade e da estranheza dos conhecimentos que Akeley havia chegado a dominar.

Suas maneiras eram tão animadas, casuais e gentis que suas observações deveriam ter-me acalmado e tranqüilizado; curiosamente, porém, eu me sentia cada vez mais inquieto ao prosseguirmos, aos trancos e sacolejões, por aquele ermo ignoto de montes e florestas. Às vezes era como se ele me estivesse sondando, a fim de aquilatar o que eu conhecia sobre os monstruosos segredos do lugar, e a cada frase sua aumentava aquela vaga, irritante e enigmática *familiaridade* de sua voz. Não se tratava de uma familiaridade normal ou sadia, a despeito da natureza inteiramente saudável e cultivada de sua voz. Eu de certa maneira a relacionava com pesadelos esquecidos, e tinha a impressão de que poderia enlouquecer se a reconhecesse. Houvesse alguma boa desculpa para isso, creio que haveria desistido de minha visita. Nas circunstancias, eu não podia proceder assim... e me ocorreu que uma conversa serena e científica com o próprio Akeley, depois que eu chegasse, haveria de contribuir bastante para que eu me recompusesse.

Além disso, havia um elemento de beleza cósmica, estranhamente sedativo, na paisagem hipnótica por onde subíamos e descíamos fantasticamente. O tempo se perdera nos labirintos às nossas costas, e em torno de nós estendiam-se apenas as ondas florescentes de bruxedos e o recuperado frescor de séculos desaparecidos — os arvoredos misteriosos, as pastagens imaculadas, margeadas de joviais florescências de outono e, a enormes intervalos, as fazendinhas escuras, aninhadas sob árvores gigantescas, debaixo de precipícios verticais de rosas silvestres e gramíneas. Até mesmo a luz do sol assumia uma beleza sobrenatural, como se alguma atmosfera especial ou sortilégio envolvesse toda a região. Eu nunca vira nada como aquilo, salvo nas paisagens fantasmagóricas que por vezes formam o fundo das telas dos primitivos italianos. Sodoma e Leonardo conceberam tais panoramas, mas apenas a distância e vistos através das curvas de arcadas renascentistas. Estávamos agora varando essas pinturas em carne e osso, e eu tinha a sensação de encontrar em sua necromancia algo que houvesse conhecido inatamente ou herdado e que sempre tivesse estado a procurar em vão.

De repente, depois de fazermos uma curva fechada no alto de uma subida íngreme, paramos. À minha esquerda, do outro lado de um relvado bem-cuidado que chegava até a estrada e ostentava lindes de pedras

caiadas, elevava-se um sobrado branco, de dimensões e elegância desusadas na região, cercada por estábulos e celeiros, contíguos ou ligados por arcadas; atrás da casa, e um pouco à sua direita, via-se um moinho de vento. Reconheci-a imediatamente, recordando a fotografia que havia recebido, e não fiquei surpreso ao ver o nome de Henry Akeley na caixa de correio, galvanizada, junto à estrada. Aos fundos da casa, até certa distância, estendia-se uma área plana de terras pantanosas e pouco arborizadas; seguia-se uma encosta forte, com arvoredos densos, que terminava num penhasco alcantilado. Soube mais tarde tratar-se do topo da montanha Escura; já devíamos ter percorrido a metade do caminho até lá.

Descendo do carro e pegando minha valise, Noyes pediu-me que esperasse, enquanto ele entrava e avisava Akeley de minha chegada. Acrescentou que ele próprio tinha assuntos importantes a tratar e que não poderia deter-se ali mais que um instante. Enquanto ele caminhava, resoluto, em direção à porta, eu próprio desci do carro, desejando esticar um pouco as pernas antes de me sentar para uma palestra sedentária. Minha sensação de tensão e nervosismo havia novamente alcançado o ápice, depois que me vi no cenário das mórbidas escaramuças descritas com tamanha vividez nas cartas de Akeley; com franqueza, eu temia as conversas que me haveriam de ligar a mundos tão remotos e interditos.

O contacto próximo com a aberração total é, muitas vezes, mais aterrorizante do que inspirador, e em nada me agradava imaginar que aquele trecho de estrada poeirenta onde eu me encontrava era o local onde aquelas marcas monstruosas e aquele fétido humor verdoengo haviam sido encontrados, depois de noites sombrias de espanto e morte. Sem atentar muito para isso, notei que nenhum dos cães de Akeley parecia estar por ali. Teria ele vendido-os todos, depois de firmar a paz com os Alienígenas? Por mais que tentasse, eu não podia ter a mesma confiança na profundidade e profundeza daquela paz, que transparecia na última carta de Akeley, inusitadamente diferente das demais. Afinal de contas, Akeley era homem de muita ingenuidade e com pouca experiência do mundo. Não haveria, talvez, segundas intenções sinistras sob a superfície da recente aliança?

Levado por meus pensamentos, baixei os olhos para a superfície empoeirada da estrada, que havia retido tais hediondos testemunhos. Os

últimos dias tinham sido secos, e marcas de toda espécie sulcavam o chão irregular, apesar da pouca freqüência do tráfego ali. Com vaga curiosidade, comecei a examinar o delineamento de algumas das impressões heterogêneas, ao mesmo tempo em que tentava reprimir os vôos de macabra fantasia que o lugar e suas recordações sugeriam. Havia um quê de ameaçador e inquietante no silêncio funéreo, no roçagar abafado e sutil de riachos distantes e no amontoamento de picos verdes e precipícios negros que se amontoavam no estreito horizonte.

Foi então que irrompeu em minha consciência uma imagem que fez aquelas vagas ameaças e os vôos da fantasia parecerem verdadeiramente ligeiros e insignificantes. Como já disse, eu estava observando as diversas marcas na estrada com uma espécie de distraída curiosidade... mas, de súbito, com um choque, essa curiosidade foi destruída por um repentino e paralisante assomo de horror positivo. Isso porque embora as marcas no pó fossem em geral confusas e imbricadas, de maneira a não atrair um olhar casual, minha visão irrequieta havia detectado certos pormenores perto do ponto onde o caminho da casa se juntava à estrada; e havia reconhecido, sem possibilidade de dúvida, o significado assustador daqueles detalhes. Não tinha sido à toa — ai de mim! — que eu me debruçara horas a fio sobre as fotografias das marcas das garras dos Alienígenas, enviadas por Akeley. Eu conhecia à saciedade os contornos daquelas pinças horrendas, bem como aquela insinuação de direção ambígua que caracterizavam tais horrores como criaturas alheias a este nosso planeta. Não me sobrava a possibilidade de aventar um equívoco misericordioso. Ali, com efeito, em forma objetiva e diante de meus próprios olhos — e certamente não deixadas há questão de horas — estavam três marcas que se destacavam como uma blasfêmia entre a surpreendente quantidade de pegadas indistintas diante da fazenda de Akeley. *Eram as marcas infernais dos fungos viventes de Yuggoth.*

Recompus-me a tempo de reprimir um grito. Afinal de contas, o que haveria ali além do que eu poderia ter esperado, supondo-se que eu houvesse realmente acreditado nas cartas de Akeley? Ele falara de ter firmado a paz com os seres. Nesse caso, por que seria estranho que alguns deles o tivessem visitado? No entanto, o terror era mais forte do que a sombra de alento. Poder-se-ia esperar que um homem contemplasse com serenidade, pela primeira vez, as marcas deixadas por criaturas animadas

provenientes dos quadrantes mais recônditos do espaço? Nesse mesmo instante vi Noyes sair pela porta da frente e se aproximar de mim com passos rápidos. Refleti que precisava manter o autocontrole, pois o mais provável era que aquele amigo prestativo nada soubesse a respeito das profundíssimas e estupendas sondagens de Akeley em terrenos proibidos.

Akeley, conforme Noyes apressou-se a me informar, estava satisfeito com minha vinda e pronto para me ver; entretanto, seu súbito ataque de asma o impediria de ser um anfitrião muito dedicado durante um dia ou dois. Quando sobrevinham, essas crises eram fortes e sempre se faziam acompanhar de uma febre debilitante e de astenia geral. Ele nunca se sentia muito bem enquanto duravam; era obrigado a falar em sussurros e tinha dificuldade para caminhar ou agir. Seus pés e tornozelos também doíam, e por isso ele tinha de mantê-los envolvidos em ataduras, como um velho soldado gotoso. Naquele dia ele se encontrava especialmente indisposto, de modo que eu teria de cuidar quase sozinho de minhas próprias necessidades; no entanto, nem por isso ele estava menos disposto a conversar comigo. Eu o encontraria no estúdio, à esquerda do salão da frente — o cômodo cujas venezianas estavam abaixadas. Quando adoecia, ele tinha de ficar na penumbra, pois seus olhos eram demasiado sensíveis.

Depois de Noyes ter-se despedido e saído no carro em direção ao norte, pus-me a caminhar devagar em direção à casa. A porta tinha sido deixada aberta para mim. Mas antes de me aproximar e entrar, lancei um olhar inquiridor em torno da propriedade, procurando verificar o que me parecera tão intangivelmente esquisito. Os estábulos e galpões pareciam bastante prosaicos, e notei o Ford de Akeley, já bastante usado, em sua garagem espaçosa e aberta. Entendi então o motivo da estranheza. Era o silêncio total. Normalmente, uma fazenda possui ao menos um ligeiro nível de ruído, devido às várias espécies de criações, mas ali faltava qualquer sinal de vida. Onde estavam as galinhas e os porcos? As vacas, que, segundo Akeley dissera, eram várias, poderiam estar no pasto, e os cães poderiam ter sido vendidos; mas a ausência de qualquer sinal de cacarejes ou grunhidos era de fato singular.

Não me detive por muito tempo no caminho. Entrei resolutamente na casa e fechei a porta. Isso me havia custado um nítido esforço psicológico, e agora que eu estava trancado dentro de casa tive um anseio momentâneo

de sair dali precipitadamente. Não que o local tivesse qualquer coisa de sinistro; pelo contrário, achei o gracioso saguão, de estilo colonial tardio, de muito bom gosto, e admirei a evidente educação do homem que o decorara. O que me fazia desejar fugir era alguma coisa muito tênue e indefinível. Talvez fosse um certo odor estranho que eu julguei sentir... muito embora eu soubesse perfeitamente como é comum o cheiro de bolor, mesmo na mais bem tratada fazenda antiga.

VII

Recusando-me a permitir que esses receios nebulosos me dominassem, lembrei-me das instruções de Noyes e empurrei a porta branca à minha esquerda, uma porta com seis almofadas e ferragens de bronze. O aposento estava na penumbra, como eu fora avisado; e ao entrar, notei que o odor estranho era mais forte ali. Da mesma forma, parecia haver no ar um ritmo ou vibração, leve e quase imaginário. Por um momento, não enxerguei quase nada, mas logo depois um som de sussurro, em tom de desculpa, atraiu minha atenção para uma enorme poltrona, no canto mais distante e mais escuro da sala. Entre suas sombras divisei a mancha branca do rosto e das mãos de um homem; e daí a um instante, havia atravessado o cômodo, para cumprimentar o vulto que tentara falar. Embora a luz fosse bastante fraca, constatei que aquele era efetivamente meu hospedeiro. Eu havia estudado a fotografia repetidamente e não podia confundir aquele rosto firme e marcado pelo tempo, com a barba aparada e grisalha.

No entanto, ao contemplá-lo outra vez, senti tristeza e apreensão, pois era visível que aquele rosto era o de um homem muito doente. Achei que devia haver alguma coisa mais séria do que asma por trás daquela expressão tensa, rígida e imóvel, bem como atrás daquele olhar vítreo. Compreendi até onde Akeley devia ter sido abalado por suas terríveis, experiências. Não seriam suficientes para quebrantar qualquer pessoa — mesmo um homem mais moço que aquele intrépido explorador do proibido? O inesperado e súbito alívio, temi, havia chegado tarde demais para salvá-lo de alguma coisa que se assemelhava a um colapso geral. Havia alguma coisa de lamentável na maneira inerte como as mãos magras repousavam em seu regaço. Ele vestia um casaco largo, e tinha um xale ou capuz, de um amarelo vivo, em torno da cabeça e do pescoço.

Vi então que ele estava tentando falar, no mesmo sussurro débil com que me saudara. Era um murmúrio difícil de se entender a princípio, uma vez que o bigode grisalho ocultava todos os movimentos dos lábios, e alguma coisa em seu timbre me turbou enormemente; todavia, concentrando a atenção, logo pude perceber, com surpreendente facilidade, o que ele queria dizer. O tom da voz não era de maneira alguma rústico e sua linguagem era ainda mais polida do que a correspondência me levara a esperar.

Sr. Wilmarth, não? Por favor, perdoe-me por não me levantar. Estou bastante doente, como Noyes lhe deve ter dito. Mas não resisti a desejar que o senhor viesse, assim mesmo. O senhor se lembra do que lhe contei em minha última carta... há muito o que conversarmos amanhã, quando eu me sentir melhor. Não tenho palavras para exprimir o quanto estou feliz por conhecê-lo pessoalmente, depois de tantas cartas. O senhor decerto trouxe a pasta consigo, não? E também as fotografias e gravações? Noyes colocou sua valise no salão... creio que o senhor a viu ali.

Infelizmente, acho que hoje o senhor não poderá ter muita ajuda minha para se instalar.

Seu quarto fica no andar de cima... em cima deste... e o senhor verá a porta do banheiro aberta, junto da escada.

A mesa está posta para o senhor na sala de jantar... passe por essa porta à sua direita... e o senhor poderá tomar a refeição quando quiser. Prometo ser melhor anfitrião amanhã... mas neste momento a debilitação me deixa imprestável.

Fique à vontade... Talvez convenha o senhor tirar da valise as cartas, as fotografias e as gravações e colocá-las sobre essa mesa aqui, antes de subir. Será aqui que falaremos sobre essas coisas... meu fonógrafo está ali, naquela mesinha do canto.

Não, obrigado... o senhor nada pode fazer por mim. Conheço essas crises há muito tempo.

Volte aqui para dois dedos de prosa mais tarde, e depois se recolha, quando lhe aprouver. Vou descansar aqui mesmo... talvez até

durma aqui a noite inteira, como faço freqüentemente. De manhã estarei em muito melhor condição para tratar dos assuntos que nos interessam.

O senhor certamente se dá conta da natureza fantástica da questão de que tomamos conhecimento. Abriu-se para nós como já aconteceu com alguns raros homens neste mundo, um abismo de tempo, de espaço e de conhecimentos sem paralelo na ciência ou na filosofia humana.

Sabe o senhor que Einstein está errado e que certos objetos e forças *podem* mover-se a velocidade maior que a da luz? Com ajuda adequada, espero poder recuar e avançar no tempo e verdadeiramente *ver* e *sentir* a Terra do passado remoto e de eras futuras. O senhor não pode imaginar até onde esses seres levaram a ciência. Não há nada que não possam fazer com a mente e o corpo de organismos vivos. Espero visitar outros planetas e até outras estrelas e galáxias. A primeira viagem será a Yuggoth, o mais próximo planeta plenamente povoado pêlos seres. É um estranho mundo sombrio, na fímbria de nosso sistema solar... ainda desconhecido dos astrônomos.

Mas com certeza já lhe escrevi sobre isso. Na época adequada, os seres que ali vivem hão de emitir correntes mentais em nossa direção e provocar a descoberta do planeta... ou talvez autorizar um de seus aliados humanos a soltar uma pista para os cientistas.

Há cidades imponentes em Yuggoth... fileiras colossais de torres escalonadas de pedra negra, semelhante ao espécime que lhe tentei remeter. Aquela pedra veio de Yuggoth. O sol não brilha ali mais que uma estrela comum, mas os seres não carecem de luz. Possuem outros sentidos, mais sutis, e não abrem janelas em suas casas e templos. A luz até mesmo os fere, atrapalha e prejudica, pois não existe luz alguma no cosmo negro, além do espaço e do tempo, de onde provieram originalmente. Visitar Yuggoth levaria à loucura um homem fraco... e, no entanto, eu irei lá. Os rios negros como piche que correm sob aquelas misteriosas pontes ciclópicas... coisas construídas por uma raça antiga, extinta e já esquecida antes que os seres chegassem a Yuggoth, vindos dos vácuos mais recônditos... devem bastar para transformar qualquer homem num Dante ou num Poe, isso no caso de conservar o juízo por tempo suficiente para narrar o que viu.

Entretanto, veja bem: aquele mundo sombrio de jardins fungóides e de cidades sem janelas na verdade não é horrendo. É possível que este nosso mundo tenha parecido também horrendo para os seres, quando pela primeira vez o exploraram, na infância da Terra. Como o senhor sabe, eles estiveram aqui muito antes que terminasse a era fabulosa de Cthulhu, e lembram-se de tudo que se refere à submersa cidade de R'lyeh quando ela ainda pairava sobre as águas. Já estiveram também no interior da Terra! Há aberturas inteiramente desconhecidas pêlos homens, algumas nestas mesmas montanhas do Vermont, e grandes mundos de vida que ignoramos: K'n-yan, de luz azul; Yoth, de luz vermelha; e N'kai, um mundo negro e sem qualquer luz. Foi de N'kai que proveio o hediondo Tsathoggua... o senhor sabe do que se trata: o ser divinizado, amorfo, mencionado nos *Manuscritos pnacóticos,* no *Necronomicon* e no ciclo de mitos comórios preservado pelo sumo- sacerdote atlante Klarkash-Ton.

Entretanto, falaremos de tudo isso mais tarde. Já devem ser quatro ou cinco horas. Seria melhor o senhor tirar as coisas de sua bolsa, alimentar-se e depois voltar para conversarmos melhor.

Lentamente, virei-me e comecei a obedecer a meu anfitrião. Trouxe a valise, tirei dela os artigos desejados e os depositei na mesa. Finalmente, subi as escadas até a alcova que me havia sido designada. Tendo ainda fresca na lembrança aquela marca de garra impressa no pó da estrada, a fala sussurrada de Akeley havia-me afetado curiosamente; e as insinuações de familiaridade com aquele mundo desconhecido de vida fungosa — o tétrico Yuggoth — tinham provocado em mim calafrios, mais do que eu me dispunha a admitir. Eu estava tremendamente penalizado por Akeley, em virtude de sua enfermidade, mas era forçado a confessar que seu sussurro áspero despertava tanta repugnância quanto compaixão. Se ao menos ele não discorresse tanto sobre Yuggoth e seus aterradores segredos!

Meu aposento era extremamente simpático e acolhedor, sem o bafio de bolor e aquela inquietante sensação de vibração. E depois de deixar ali minha valise, desci outra vez, para falar com Akeley e tomar a refeição que ele havia preparado para mim. A sala de jantar ficava bem ao lado do estúdio, e percebi que a copa-cozinha, em forma de L, ficava mais adiante, na mesma direção. Na mesa esperava-me uma farta

quantidade de sanduíches, bolos e queijos; uma garrafa térmica, ao lado de uma xícara e um pires, atestava que o anfitrião não se esquecera do café quente. Depois de uma lauta refeição, servi-me generosamente de café, mas senti que nesse detalhe minhas exigências de qualidade gastronômicas não haviam sido atendidas. A primeira colherada revelou um gosto desagradável, um pouco acre, de modo que não tomei mais. Durante toda a refeição, esqueci-me de Akeley, sentado silenciosamente na poltrona do cômodo ensombrecido ao lado. Em certo momento, fui lá, para convidá-lo a partilhar comigo o repasto, mas ele sussurrou que ainda não podia comer coisa alguma. Mais tarde, pouco antes de dormir, ele haveria de beber um pouco de leite maltado, e isso era tudo quanto deveria ingerir naquele dia.

Depois desse jantar, insisti em tirar a mesa e lavar os pratos na pia da cozinha, aproveitando para despejar o café que eu não havia conseguido tomar. Depois, voltando para o estúdio às escuras, puxei uma cadeira para o canto de meu anfitrião e preparei-me para conversar sobre qualquer coisa que ele desejasse. As cartas, as fotografias e a gravação ainda estavam sobre a larga mesa de centro, mas por ora não teríamos necessidade de recorrer àquelas coisas. Antes que se passasse muito tempo, eu me esquecera até do cheiro esquisito e das curiosas impressões de vibração.

Como já tive ocasião de dizer, havia coisas em algumas das cartas de Akeley (principalmente na segunda, a mais longa) que não me atrevo a repetir ou sequer formular por escrito. Essa hesitação vigora com mais intensidade em relação às coisas que ouvi, sussurradas, naquela noite, no quarto em trevas, entre as funestas montanhas solitárias. Sobre a extensão dos horrores cósmicos expostos por aquela voz rascante, nada posso sequer insinuar. No passado eu já tomara contacto com coisas hediondas, mas o que Akeley ficara sabendo desde seu pacto com os Alienígenas era quase excessivo para ser tolerado. Ainda então, eu me recusava terminantemente a acreditar no que ele afirmava sobre a constituição da infinitude suprema, da justaposição das dimensões e da assustadora posição de nosso universo de espaço e tempo na cadeia infindável de átomos cósmicos interligados, que constituem o supercosmos imediato de curvas, ângulos e organização eletrônica material e semimaterial.

Jamais esteve um homem são mais perigosamente perto dos arcanos do ser essencial... jamais esteve um cérebro organizado mais próximo da

completa aniquilação no caos que transcende forma, força e simetria. Fiquei sabendo de onde Cthulhu veio *originalmente* e por que metade das grandes estrelas temporárias da história haviam explodido. Adivinhei, a partir de pistas que faziam até mesmo meu informante hesitar timidamente, o segredo por trás das Nuvens de Magalhães e das nebulosas globulares, assim como a negra verdade velada pela imemorial alegoria do Tao. Ficou claramente elucidada a natureza dos Doeis e foi-me comunicada a essência (conquanto não a fonte) dos Galgos de Tíndalos. A lenda de Yig, Pai das Serpentes, deixou de ser mera metáfora, e tive um sobressalto de asco quando ele me falou do monstruoso caos nuclear que reina além do espaço angulado que o *Necronomicon* havia compassiva mente ocultado sob o nome de Azathoth. Foi chocante ver os mais tenebrosos pesadelos dos mitos secretos deslindados em termos concretos, cuja odiosidade gritante e mórbida excediam as mais atrevidas insinuações dos místicos da Antiguidade e do Medievo. Inelutavelmente, fui levado a acreditar que aqueles que pela primeira vez sussurraram aquelas blasfemas narrativas deviam ter-se avistado com os Alienígenas de Akeley e talvez ter visitado outros reinos cósmicos, tal como agora Akeley pro punha-se a fazer.

Ouvi falar da Pedra Negra e do que ela implicava, sentindo-me contente por não a ter recebido. Meus palpites sobre aqueles hieróglifos tinham sido bastante acertados! No entanto, Akeley parecia agora reconciliado com todo o demoníaco sistema com que se defrontara; reconciliado e ansioso por sondar ainda mais profundamente o abismo monstruoso. Eu estava a imaginar com que seres ele haveria conversado desde sua última carta e se muitos deles seriam tão humanos quanto aquele primeiro emissário que ele havia mencionado. A tensão em meu cérebro tornava-se insuportável e pus-me a elaborar toda sorte de teorias delirantes sobre aquele curioso e persistente odor e aquelas insidiosas insinuações de vibração no cômodo escurecido.

A noite já caía, e ao me recordar do que Akeley me escrevera sobre aquelas primeiras noites, estremeci ao pensar em que não haveria luar. Tampouco gostava do modo como a casa da fazenda se aninhava no seio daquela colossal encosta que, coberta de florestas, levava ao topo inexplorado da montanha Escura. Com a permissão de Akeley, acendi um lampião a azeite, baixei a chama e coloquei-o sobre uma estante afastada, junto do fantasmagórico busto de Milton. Depois, entretanto, arrependi-me

de o ter feito, pois a luz fazia com que o rosto tenso e hirto de meu anfitrião, assim como suas mãos exangues, parecessem horrivelmente anormais e cadavéricas. Ele parecia quase impossibilitado de se mover, ainda que eu o visse balançar a cabeça rigidamente de vez em quando.

Depois do que ele dissera, eu mal podia imaginar que segredos maiores estaria guardando para o dia seguinte. Mas por fim vim a saber que sua viagem a Yuggoth e ainda mais além - *e minha própria possível participação nela* - seria o tema do outro dia. Akeley deve ter achado graça de meu sobressalto de horror ao me ser proposta uma viagem cósmica, pois sacudiu a cabeça violentamente quando demonstrei meu medo. Depois falou muito gentilmente a respeito do modo como os seres humanos poderiam efetuar (e já haviam efetuado com freqüência) o vôo aparentemente impossível através do vazio interestelar. Ao que parecia, *a viagem não era feita realmente por corpos humanos intactos;* a prodigiosa perícia cirúrgica, biológica, química e mecânica dos Alienígenas havia produzido um meio de transportarem cérebros humanos sem sua concomitante estrutura física.

Eles possuíam uma técnica inócua para extrair um cérebro e outra para manter vivo o resíduo orgânico. A massa cerebral, nua e compacta, era imergida então num fluido, ocasionalmente recompletado, dentro de um cilindro hermético de um metal minerado em Yuggoth, atravessado por alguns eletrodos que eram conectados cuidadosamente com elaborados instrumentos, capazes de duplicar as três faculdades vitais de visão, audição e fala. Transportar intactos pelo espaço os cilindros cerebrais era coisa fácil para os seres fungóides alados. Depois, em cada planeta dominado por sua civilização; encontravam grande quantidade de instrumentos ajustáveis, capazes de serem conectados aos cérebros encapsulados. Assim, depois de alguns poucos ajustes, essas inteligências deambulatórias ganhavam plena vida sensória e articulada — posto que incorpórea e mecânica — a cada etapa de suas jornadas através do contínuo espaço-tempo e mesmo além dele. Era tão simples quanto se levar de um local para outro uma gravação fonográfica e tocá-la onde quer que exista um fonógrafo da mesma marca. Com relação ao êxito da empresa, não podia haver dúvidas. Akeley não tinha medo. Aquilo já não tinha sido realizado à perfeição e repetidamente?

Pela primeira vez, uma das mãos inertes e debilitadas se levantou, apontando hirtamente para uma prateleira alta no outro lado do cômodo. Ali, muito bem dispostos em fileira, havia mais de uma dúzia de cilindros de um metal que eu nunca vira. Teriam esses cilindros cerca de um palmo e meio de altura e um pouco menos de diâmetro, com três curiosas tomadas, formando um triângulo isósceles, na superfície convexa frontal. Um deles estava conectado, por duas das tomadas, a um par de máquinas de aspecto singular que se viam mais atrás. Era excusado explicar-me sua finalidade, e estremeci, como se tomado de sezões. Vi então a mão apontar em direção a um recanto muito mais próximo, onde se comprimiam alguns instrumentos complicados, com fios e tomadas, alguns deles muito semelhantes aos dois dispositivos na prateleira, atrás dos cilindros.

Há quatro tipos de instrumentos aqui, Wilmarth — sussurrou a voz. — Quatro tipos, três faculdades cada um... temos ao todo doze peças. Você vê que há quatro tipos diferentes de seres representados naqueles cilindros lá em cima. Três seres humanos, seis seres fungóides que são incapazes de viajar pelo espaço corporeamente, dois seres de Netuno (por Deus, que corpo esse tipo possui em seu próprio planeta!) e os restantes são entidades das cavernas centrais de uma estrela escura e interessantíssima, situada além da Galáxia. No posto principal, no interior do morro Redondo, de vez em quando se encontram mais cilindros e máquinas... cilindros de cérebros extracósmicos, com sentidos diferentes dos que conhecemos... aliados e exploradores dos espaços mais remotos, e máquinas especiais para dar a eles impressões e expressão, nas várias maneiras adequadas, ao mesmo tempo, a eles e à compreensão de diferentes tipos de ouvintes. O morro Redondo, como a maioria dos principais postos avançados dos seres nos vários universos, é um lugar muito cosmopolita. Naturalmente, somente os tipos mais comuns é que me foram emprestados, para experiências.

Vamos... pegue as três máquinas que estou apontando e coloque-as na mesa. Aquela alta, com duas lentes na frente... a caixa com as válvulas eletrônicas e a caixa de ressonância... e agora aquela que tem um disco de metal em cima. Agora pegue o cilindro com um rótulo que diz "B-67". Suba naquela cadeira Windsor para alcançá-lo. Pesado? Não importa! Verifique bem o número. .. B-67. Não perca tempo com aquele cilindro novo e reluzente ligado aos dois testadores... esse que está com o meu

nome. Coloque o B-67 na mesa perto de onde estão as máquinas... o ponteiro do botão de todas as três máquinas deve estar virado para a extrema esquerda.

Agora, ligue o fio da máquina da lente à tomada superior do cilindro... isso! Ligue a máquina que tem as válvulas à tomada do canto inferior esquerdo, e o dispositivo com o disco à tomada externa. Agora vire todos os botões das máquinas para a extrema direita... primeiro a da lente, depois a do disco e depois a das válvulas. Isso mesmo. Talvez convenha lhe dizer que isso é um ser humano... igual a qualquer um de nós. Amanhã vou deixar que experimente um pouco os outros.

Ainda hoje não sei porque obedeci àqueles sussurros tão servilmente, ou se julguei que Akeley estava louco ou são. Depois do que havia acontecido antes, eu deveria estar preparado para qualquer coisa; mas aquela pantomima mecânica assemelhava-se de tal maneira aos típicos delírios de inventores e cientistas loucos que feriu uma nota de dúvida que nem o palavrório antecedente havia despertado. O que aqueles sussurros implicavam estava além da possibilidade de credulidade... entretanto, não eram as outras coisas também absurdas e só menos inverossímeis porque impassíveis de prova concreta e tangível?

Enquanto meu cérebro rodopiava no meio desses casos, tomei consciência de uma mistura de arranhaduras e silvos que vinham de todas as três máquinas que haviam sido ligadas ao cilindro... sons que em breve cessaram quase completamente. O que estava para acontecer? Eu escutaria uma voz? E se isso acontecesse, que prova eu tinha de que não se tratava de algum receptor de rádio habilmente escondido e que transmitiria a voz de alguém? Até hoje não estou disposto a jurar que realmente ouvi urna voz ou que aquele fenômeno teve lugar diante de meus olhos. Mas, evidentemente, alguma coisa aconteceu.

Para ser claro e breve, a máquina com as válvulas e a caixa de ressonância começou a falar, e com uma precisão e inteligência tais que não havia como duvidar que a pessoa que falava estava presente e a nos observar. A voz era sonora, metálica e sem vida, e claramente mecânica em cada um dos detalhes de sua produção. Era incapaz de inflexões ou expressividade, e falava com precisão e deliberação mortíferas.

Sr. Wilmarth — escutei — espero não assustá-lo. Sou um ser humano como o senhor, embora meu corpo esteja neste momento repousando em segurança e submetido a um tratamento vitalizante adequado, no interior do morro Redondo, mais ou menos a uma milha e meia a leste daqui. Eu próprio me encontro aqui com o senhor... meu cérebro está naquele cilindro e eu vejo, ouço e falo através destes vibradores eletrônicos. Daqui a uma semana vou atravessar o espaço, como já fiz várias vezes, e espero ter o prazer de contar com a companhia do Sr. Akeley. Gostaria de ter também a sua companhia, pois o conheço de vista e de reputação e venho seguindo atentamente sua correspondência com nosso amigo. Sou, naturalmente, um dos homens que se aliaram aos seres que se acham de visita a nosso planeta. Eu os conheci no Himalaia e os tenho ajudado em vários sentidos. Em troca, têm-me proporcionado experiências que poucos homens já tiveram.

Compreende o que significa para mim ter estado em trinta e sete diferentes corpos celestes, entre planetas, estrelas negras e objetos menos definíveis, inclusive oito fora de nossa Galáxia e dois além do universo curvo do espaço e do tempo? Nada disso me causou o menor mal. Meu cérebro foi removido de meu corpo através de fissões tão hábeis que seria grosseiro chamar a operação de cirurgia. Os seres visitantes dominam métodos que tornam essas extrações fáceis e quase normais... e o corpo de uma pessoa nunca envelhece quando o cérebro está fora dele. O cérebro, aliás, é praticamente imortal com suas faculdades mecânicas e uma nutrição simples, proporcionada por trocas periódicas do líquido preservador.

Em suma, espero de todo coração que o senhor resolva vir comigo e com o Sr. Akeley. Os visitantes estão ansiosos por conhecer homens inteligentes como o senhor e mostrar-lhes os imensos abismos que a maioria de nós teve de imaginar apenas em sonhos, matizados de imaginosa ignorância. A princípio, eles poderão parecer estranhos, mas sei que o senhor está acima dessas ninharias. Creio que o Sr. Noyes irá também... o homem que, sem dúvida, trouxe o senhor até aqui, de cano. Faz anos que ele é um de nós... creio que o senhor reconheceu a voz dele como uma das que estão na gravação que o Sr. Akeley lhe remeteu.

Diante de meu sobressalto, a voz se deteve por um momento, antes de concluir.

Sr. Wilmarth, deixo a decisão a seu cargo. Gostaria apenas de acrescentar que um homem com seu amor pelas coisas inusitadas e pelo folclore jamais deveria perder uma oportunidade dessas. Não há nada a temer. Todas as transições são indolores e há muito o que desfrutar num estado inteiramente mecanizado de sensações. Quando os eletrodos são desligados, a pessoa simplesmente mergulha num sono de sonhos sobremaneira vívidos e fantásticos.

Agora, se o senhor não se importar, podemos adiar para amanhã nossa sessão. Boa noite... vire todos os botões novamente para a esquerda. Não se importe com a ordem exata... ainda que seja melhor deixar a máquina com a lente para o fim. Boa noite, Sr. Akeley... trate bem nosso hóspede! Está pronto para virar os botões?

Isto foi tudo. Obedeci mecanicamente e desliguei todos os botões, ainda que aturdido e imerso em dúvidas com relação a tudo que havia ocorrido. Minha cabeça ainda rodopiava quando ouvi a voz sussurrante de Akeley dizer que eu podia deixar todos os aparelhos sobre a mesa, tal como estavam. Ele não tentou nenhum comentário sobre o que havia acontecido e na verdade não havia palavras que pudessem transmitir muita coisa a minhas faculdades entorpecidas. Ouvi Akeley dizer que eu podia levar o lampião para meu quarto, e deduzi que ele desejava descansar sozinho no escuro. Certamente ele precisava de repouso, pois naquele dia falara o suficiente para exaurir até mesmo um homem vigoroso. Ainda estupefato, desejei boa-noite a meu hospedeiro e subi as escadas com a lâmpada, muito embora trouxesse comigo uma excelente lanterna elétrica.

Fiquei satisfeito por me afastar daquele estúdio, onde persistiam o cheiro estranho e vagas sugestões de vibração; mesmo assim, não deixei de sentir uma medonha impressão de perigo e anormalidade cósmica ao pensar no lugar onde me encontrava e nas forças que eu estava conhecendo. A região erma e inóspita, a montanha negra e misteriosamente arborizada que subia verticalmente bem perto da casa, a marca na estrada, aquele homem doente e imóvel que sussurrava nas trevas, os cilindros e as máquinas demoníacas, e acima de tudo os convites à estranha cirurgia e a jornadas ainda mais estranhas - tudo isso, tão novo e surgindo em seqüência tão repentina, irrompeu sobre mim com uma força cumulativa que minou minha força de vontade e quase destruiu minha resistência física.

Descobrir que Noyes, meu guia, fora o celebrante humano naquele monstruoso ritual sabático registrado na gravação constituíra um choque especial, ainda que anteriormente eu já houvesse percebido uma vaga e repelente familiaridade em sua voz. Outro choque especial decorria de minha própria atitude em relação a meu anfitrião, sempre que eu me detinha a analisá-la; pois embora eu tivesse simpatizado muito com Akeley, e instintivamente, pelo que ele me escrevia, sentia agora que ele provocava em mim uma nítida repugnância. Sua moléstia deveria ter-me despertado compaixão; no entanto, causava-me certa espécie de calafrios. Ele se mostrava rígido, inerte e cadavérico... e aqueles sussurros incessantes eram tão odientos e pouco humanos!

Ocorreu-me que seu sussurro era diferente de qualquer outro que eu já tivesse escutado; que, a despeito da curiosa imobilidade dos lábios, cobertos pêlos bigodes, seus murmúrios tinham uma força latente e um poder de persuasão extraordinários para a falta de ar de um asmático. Eu tinha sido capaz de entender o que ele dizia mesmo quando me encontrava do outro lado da sala, e por uma ou duas vezes eu tivera a impressão de que os sons, fracos mas penetrantes, representavam menos debilidade do que deliberada repressão... por algum motivo que eu não era capaz de imaginar. Desde o começo eu percebera algo de inquietante no timbre. Agora, tentando refletir sobre a questão, julgava poder atribuir essa impressão a uma espécie de familiaridade subconsciente, semelhante àquela que fizera a voz de Noyes parecer tão nebulosamente pressaga. Mas onde ou quando eu havia encontrado a coisa que ela me recordava, era algo que eu não saberia determinar.

Uma coisa era certa: eu não era capaz de passar outra noite ali. Meu ardor científico havia desaparecido diante do medo e da repulsa, e tudo que eu sentia agora era o desejo de evadir-me àquela rede de morbidez e revelações antinaturais. Eu já sabia o suficiente. Realmente, devia ser verdade que estranhas vinculações cósmicas existem... mas tais coisas decerto não são da alçaca de seres humanos normais.

Influências ímpias pareciam cercar-me e pressionar sufocantemente os meus sentidos. Dormir, concluí, estava fora de cogitação. Por isso, apenas apaguei o lampião e me atirei na cama, inteiramente vestido. Sem dúvida, meu receio era absurdo, mas me mantive pronto para qualquer emergência desconhecida. Agarrei com a mão direita o revólver

que havia trazido comigo e segurei a lanterna com a esquerda. Nenhum som vinha lá debaixo e eu podia imaginar que meu anfitrião estivesse sentado ali, no escuro, em sua cadavérica rigidez.

De algum ponto chegava a mim o tique-taque de um relógio e eu me sentia vagamente grato pela normalidade do som. Aquilo, entretanto, me lembrou outra coisa que me inquietava: a total ausência de vida animal. Com certeza não havia animais na fazenda, e agora eu percebia que faltavam até mesmo os habituais ruídos noturnos de bichos silvestres. Com exceção do murmúrio sinistro de distantes regatos invisíveis, aquela quietude era anômala - interplanetária - e eu me punha a imaginar que praga intangível e astronômica poderia estar pairando sobre a região. Lembrei-me do que diziam as velhas lendas: cães e outros animais haviam sempre odiado os Alienígenas. O que poderiam significar aquelas marcas na estrada?

VIII

Não me pergunteis quanto tempo durou meu cochilo inesperado ou quanto do que se seguiu não passou de puro sonho. Se eu disser que acordei num certo tempo e que escutei e vi certas coisas, havereis simplesmente de retrucar que eu não estava acordado; e que tudo foi um sonho até o momento em que disparei a correr daquela casa, cheguei aos tropeções até a garagem onde eu vira o velho Ford e me apoderei daquele antigo veículo para atravessar às pressas, sem saber aonde iria. aqueles montes mal-assombrados que por fim me depuseram — após horas de solavancos e serpenteios através de matas labirínticas — numa vila que, vim a saber, era Townshend.

Havereis também, naturalmente, de menoscabar tudo mais em meu relato e declarar que todas as imagens, gravações, sons de cilindros e máquinas e provas afins não passaram de puras fraudes, despejadas sobre mim pelo desaparecido Henry Akeley. Havereis até mesmo de insinuar que ele tenha conspirado com outros excêntricos a fim de me pregar uma peça tola e complicada, que ele fez com que a pedra despachada por trem fosse retirada em Keene e que era Noyes o autor daquela aterrorizante gravação em cera. É estranho, contudo, que até o momento Noyes não tenha sido identificado; que fosse desconhecido em qualquer uma das vilas perto da fazenda de Akeley, ainda que decerto freqüentasse bastante a região. Gostaria de ter-me lembrado de guardar o número da placa de seu carro... ou, quem sabe, no final das contas é melhor que eu não o tenha

feito. Isto porque, apesar de tudo quanto possais dizer e em que pese tudo quanto às vezes tento dizer a mim mesmo, sei que abomináveis influências exteriores deviam estar à espreita lá entre as montanhas semi-desconhecidas — e que aquelas influências mantém espiões e emissários no mundo dos homens. Conservar-me o mais longe possível de tais influências e de tais emissários é tudo que desejo da vida no futuro.

Quando minha história frenética fez com que o xerife mandasse um destacamento policial à fazenda, Akeley havia desaparecido sem deixar vestígio. Seu casaco frouxo, o xale amarelo e as bandagens estavam no assoalho, perto de sua poltrona, e não foi possível determinar se outras peças de roupa haviam sumido junto com ele. Os cães e os animais de criação realmente não se encontravam lá e havia alguns curiosos buracos de bala, tanto do lado de fora da casa como nas paredes internas. Entretanto, nada de inusitado pôde ser detectado além disso. Não se achavam ali os cilindros e as máquinas, nem as provas que eu havia trazido em minha valise; não havia mais qualquer cheiro estranho ou sensação vibratória, nem pegadas na estrada ou nenhuma das coisas problemáticas que eu havia vislumbrado no momento de minha disparada porta afora.

Permaneci uma semana em Brattleboro depois de minha fuga, fazendo indagações entre pessoas de toda espécie que houvessem conhecido Akeley. E os resultados me convencem de que a questão não é sonho ou alucinação. As compras, por Akeley, de cães, munição e produtos químicos, bem como o fato de seus fios telefônicos terem sido cortados estão registrados. Ao mesmo tempo, todos que o conheceram, inclusive seu filho que mora na Califórnia, admitem que seus comentários ocasionais a respeito de estudos estranhos tinham certa consistência. Cidadãos de boa reputação acreditam que ele fosse louco e sem hesitação declaram que todas as provas a que aludi não passavam de contrafações, criadas com astúcia de insano e talvez coonestadas por companheiros excêntricos; mas roceiros mais humildes sustentam-lhe as afirmações em todos os pormenores. Ele havia mostrado a alguns desses campônios as fotografias e a pedra negra e havia tocado para eles a medonha gravação; e todos confirmaram que as marcas de pegadas e as vozes semelhantes a zumbidos eram como as descritas nas narrativas ancestrais.

Disseram, outrossim, que visões e sons suspeitos haviam sido observados cada vez mais em torno da casa de Akeley depois de ele haver encontrado a pedra negra, e que o lugar era agora evitado por todos, exceto o carteiro e outras pessoas distraídas e obstinadas. A montanha Escura e o morro Redondo eram notoriamente locais mal-assombrados, e não consegui encontrar uma única pessoa que houvesse algum dia explorado um desses dois sítios. Desaparecimentos ocasionais de pessoas, em toda a história da região, estavam bem documentados, e incluíam agora o sumiço de Walter Brown, mencionado nas cartas de Akeley. Cheguei a encontrar um fazendeiro que acreditava haver visto de relance um dos estranhos corpos que desciam o rio Ocidental por ocasião das cheias, mas seu relato era demasiado confuso para ser realmente levado em conta. Quando parti de Brattleboro, estava decidido a nunca mais pisar no Vermont, e sinto-me bastante confiante de que cumprirei minha resolução. Aquelas montanhas selvagens são certamente o posto avançado de uma raça cósmica - coisa de que duvido menos ainda depois que li que um nono planeta foi localizado além de Netuno, tal como aquelas criaturas afirmaram que haveria de acontecer. Com uma precisão de que poucos suspeitam, os astrônomos denominaram esse planeta "Plutão". Sei, sem qualquer dúvida, que se trata do tenebroso Yuggoth - e estremeço quando tento imaginar a razão real pela qual seus monstruosos habitantes desejam que ele se torne conhecido dessa maneira e nesta época. É em vão que tento persuadir-me de que aquelas criaturas diabólicas não estão aos poucos adotando uma nova política, prejudicial à Terra e a seus habitantes normais.

Mas ainda me resta narrar o fim daquela noite terrível na fazenda. Como já disse, eu acabei caindo numa agitada sonolência, cheia de fiapos de sonhos que envolviam vislumbres de paisagens aterradoras. Não sei dizer o que foi exatamente que me acordou, mas que efetivamente acordei, num determinado ponto, disso tenho plena certeza. Minha primeira impressão confusa foi a de tábuas do assoalho que estalavam no corredor, além da porta de meu quarto, e de movimentos desajeitados e abafados na tranca. Contudo, isto cessou quase que imediatamente, de modo que minhas impressões realmente claras começam com as vozes ouvidas no estúdio lá embaixo. Eu tinha a impressão de escutar várias pessoas e imaginei que não estavam de acordo quanto a alguma coisa.

Depois de haver escutado durante alguns segundos, eu me achava inteiramente desperto, pois a natureza das vozes tornava ridícula qualquer idéia de que eu pudesse dormir. Os tons variavam curiosamente e ninguém que tivesse ouvido aquela maldita gravação fonográfica podia nutrir quaisquer dúvidas quanto à natureza de pelo menos duas delas. Por mais tétrica que fosse essa idéia, percebi que estava sob o mesmo teto na companhia de coisas inominadas, provenientes do espaço abissal, pois aquelas duas vozes eram inequivocamente os zumbidos blasfemos que os Seres Alienígenas usavam em suas comunicações com os homens. As duas vozes diferiam individualmente — em altura, entonação e ritmo — mas eram da mesma amaldiçoada espécie geral.

Uma terceira voz era, indubitavelmente, a de uma máquina de locução mecânica, ligada a um daqueles cérebros nos cilindros. Quanto a isso havia tão pouca dúvida quanto sobre os zumbidos: a voz sonora, metálica e sem vida da noite anterior, com sua falta de inflexões, sua inexpressividade e sua precisão e deliberação impessoais era de todo inesquecível. Durante algum tempo, não me detive para questionar se a inteligência por trás daquela voz áspera era a mesma que havia conversado comigo; pouco depois, entretanto, refleti que *qualquer* cérebro emitiria sons vocais iguais, se ligado ao mesmo dispositivo mecânico. As únicas diferenças possíveis seriam no domínio da linguagem, do ritmo, da velocidade e da pronúncia. Para completar o horrendo colóquio, havia duas vozes humanas normais - uma delas devia pertencer a um homem que eu não conhecia, e evidentemente rude; a outra tinha o suave sotaque bostoniano de meu ex-guia Noyes.

Enquanto eu tentava discernir as palavras que o assoalho antigo, de tábuas grossas, abafava, também me dei conta de muita agitação, movimentos e arranhaduras no aposento lá embaixo, que me davam a impressão forçosa de que ele estava cheio de seres vivos... muitos mais do que aqueles poucos cujas vozes eu conseguia captar. É extremamente difícil descrever a natureza exata dessa agitação, pois são pouquíssimas as boas referências para comparação. De vez em quando parecia que objetos atravessavam a sala como entidades conscientes, e o som de suas pisadas lembravam o entrechoque de superfícies duras — como o contacto de superfícies descoordenadas de chifre e borracha dura. Para usarmos uma comparação mais concreta, porém menos precisa, era como se pessoas

calçadas com largos sapatos de pau arrastassem os pés de um lado para outro no assoalho polido. Quanto à natureza e ao aspecto dos responsáveis pêlos sons, não me interessei em especular.

Logo entendi que seria impossível discernir qualquer discurso coerente. Palavras isoladas — inclusive o nome de Akeley e o meu próprio — eu as percebia de vez em quando, sobretudo quando pronunciadas pelo aparelho mecânico; mas seu verdadeiro significado se perdia, por falta de um contexto. Hoje me recuso a formar quaisquer deduções categorias a partir delas, e até mesmo o efeito assustador que tiveram sobre mim foi antes de *sugestão* que de *revelação*. Um conclave terrível e anormal, eu tinha certeza, se realizava lá embaixo; contudo, não podia imaginar para que deliberações tenebrosas. Era curioso como essa sensação inconteste de malignidade e blasfêmia tomava conta de mim, apesar das garantias de Akeley quanto à amistosidade dos Alienígenas.

Apurando os ouvidos, comecei a distinguir claramente as vozes, muito embora não conseguisse compreender muita coisa do que diziam. Eu tinha a impressão de captar certas emoções características em alguns dos que falavam. Uma das vozes zumbidoras, por exemplo, tinha um inequívoco tom de autoridade; enquanto isso, a voz mecânica, apesar de sua sonoridade e regularidade artificiais, parecia estar numa posição de subordinação e súplica. A voz de Noyes transmitia uma espécie de clima conciliador. Com relação às demais, não fiz nenhuma tentativa de interpretação. Não escutei o sussurro já conhecido de Akeley, mas sabia perfeitamente que tal som jamais conseguiria transpor o assoalho robusto de meu quarto.

Tentarei a seguir anotar algumas das palavras desconexas e outros sons que captei, identificando os emissores da melhor maneira possível. As primeiras frases reconhecíveis que entendi foram pronunciadas pela máquina.

(A máquina)

"... eu mesmo trouxe... devolvi as cartas e a gravação... o fim disso... interessado... ver e ouvir... danem-se vocês... força impessoal, afinal...cilindro novo e reluzente. . . bom Deus..."

(Primeira voz zumbidora) "... hora de pararmos... pequeno e humano... Akeley... cérebro... dizendo..."

(Segunda voz zumbidora) "... Nyarlathotep... Wilmarth... gravações e cartas... impostura barata..."

(Noyes)

"... (uma palavra ou nome impronunciável, possivelmente *N'gah-Kthun)*... inofensivo... paz... umas duas semanas... teatral... já lhes disse isso antes..."

(Primeira voz zumbidora)

"... nenhum motivo... plano original... efeitos... Noyes pode vigiar... monte Redondo... cilindro

novo... o carro de Noyes..."

(Noyes) "... bem... como quiserem... aqui mesmo... lugar de descanso..."

(Várias vozes simultâneas, dizendo coisas indistinguíveis) (Muitos sons de passos, inclusive o som peculiar que descrevi como sendo semelhante ao de sapatos largos de pau)

(Um barulho curioso, como de asas ou nadadeiras) (Som de um carro ligando o motor e se afastando)

(Silêncio)

Transcrevi acima a essência do que meus ouvidos captaram enquanto eu jazia naquela estranha cama, no andar de cima, na fazenda mal-assombrada entre as montanhas diabólicas - inteiramente vestido, com um revólver na mão direita e uma lanterna elétrica na esquerda. Como já disse, eu estava plenamente acordado. Entretanto, uma espécie de paralisia obscura me manteve inerte durante muito tempo depois que os últimos ecos dos sons haviam desaparecido. Escutei o tique-taque do velho relógio de parede em algum lugar da casa, lá embaixo, e por fim percebi os roncos irregulares de alguém que dormia. Akeley devia ter caído no sono depois da estranha sessão, e era fácil ver que ele devia estar necessitado disso.

Decidir o que pensar ou o que fazer era algo além de minhas forças. Afinal de contas, o que eu tinha escutado *mesmo,* além das coisas que informações anteriores me poderiam ter levado a esperar? Não ficara sabendo que os inomináveis Alienígenas tinham agora entrada franca

naquela casa? Sem dúvida Akeley tinha sido surpreendido por uma visita inesperada deles. No entanto, alguma coisa naquela conversa fragmentária me havia enregelado desmesuradamente, havia levantado as mais grotescas e horríveis dúvidas, e me haviam feito desejar ardentemente que eu acordasse e constatasse que tudo aquilo era sonho. Creio que meu subconsciente deve ter percebido alguma coisa que meu consciente ainda não captou. Mas, e Akeley? Não era ele meu amigo, não teria protestado se algum mal estivesse sendo preparado contra mim? Aqueles roncos tranqüilos lá embaixo pareciam lançar no ridículo todos os meus medos intensificados.

Seria possível que Akeley tivesse sido dominado e utilizado como isca, a fim de me atrair às montanhas com as cartas, as fotografias e a gravação fonográfica? Porventura tencionariam aqueles seres nos destruir a ambos, por termos passado a saber demais? Mais uma vez pensei na subtaneidade e estranheza daquela mudança na situação que devia ter ocorrido entre a penúltima e a última carta de Akeley. Alguma coisa, meu instinto me dizia, estava pavorosamente errada. Nem tudo era o que parecia. Aquele café amargo que eu recusara... por acaso teria havido uma tentativa, da parte de alguma entidade oculta e desconhecida, de me drogar? Eu tinha de conversar com Akeley imediatamente e restabelecer seu sentido de proporção. Eles o tinham hipnotizado com suas promessas de revelações cósmicas, mas agora ele precisava escutar a voz da razão. Tínhamos de fugir daquilo antes que fosse tarde demais. Se lhe faltasse força de vontade para ganhar a liberdade, eu teria de criá-la. Ou se eu não o pudesse convencer a ir embora, pelo menos eu poderia partir sozinho. Decerto ele me permitiria usar seu Ford, que eu deixaria numa oficina em Brattleboro. Eu o vira na garagem, com a porta destrancada e aberta, agora que o perigo era considerado passado, e acreditava que havia boas possibilidades de ele estar em condições de ser usado. Aquela momentânea antipatia que eu havia sentido por Akeley durante e depois da conversa noturna havia desaparecido de todo. Ele se encontrava numa situação muito semelhante à minha, e devíamos enfrentar aquilo juntos. Sabendo de sua enfermidade, eu achava horrível ter de acordá-lo àquela hora, mas sabia que tinha de fazer isso. Tal como as coisas estavam, eu não podia permanecer naquele lugar até de manhã.

Finalmente, senti-me capaz de agir e me espreguicei vigorosamente, a fim de recuperar o controle dos músculos. Levantando-me com uma cautela mais impulsiva que deliberada, achei meu chapéu, peguei a valise e comecei a descer a escada, com a ajuda da lanterna. Tomado de nervosismo, conservei o revólver na mão direita, segurando com a esquerda tanto a valise quanto a lanterna. Não sei dizer o motivo exato que me levava a tomar essas precauções, uma vez que eu estava prestes a acordar o único outro ocupante da casa.

Enquanto eu descia, pé ante pé, as escadas rangentes em direção ao corredor do andar térreo, ouvia os roncos com clareza crescente, e notei que pareciam vir do cômodo à minha esquerda - a sala de estar na qual eu não estivera. À direita estava o negrume hiante do estúdio no qual eu escutara as vozes. Abrindo a porta da sala de estar, tracei com a lanterna um caminho de luz em direção à fonte dos roncos, e finalmente dirigi a luz para o rosto da pessoa que dormia. Entretanto, instantaneamente comecei a recuar com passos de gato para o corredor, e dessa vez a cautela se deveu tanto à razão quanto ao instinto, pois a pessoa que dormia no sofá não era Akeley, e sim meu guia Noyes.

Qual era a situação exata, eu não sabia, mas o bom senso me dizia que o mais aconselhável era descobrir o máximo possível, antes de despertar alguém. Voltando ao corredor, fechei silenciosamente a porta da sala de estar, diminuindo assim a possibilidade de vir a acordar Noyes. Depois entrei com todo cuidado no estúdio às escuras, onde eu esperava encontrar Akeley, dormindo ou acordado, na poltrona do canto que era, evidentemente, seu lugar de repouso predileto. Enquanto eu caminhava, o facho de minha lanterna iluminou a grande mesa de centro, revelando um dos cilindros infernais, ao qual estavam ligadas máquinas de visão e audição, e com uma máquina de fala ao lado, pronta para ser ligada, a qualquer momento. Aquele, refleti, devia ser o cérebro encapsulado que eu escutara durante a medonha conferência. E por um instante passou por mim a idéia perversa de ligar a máquina para ver o que ele diria.

Aquele cérebro, pensei, devia estar consciente de minha presença naquele instante, uma vez que as conexões de visão e audição não podiam deixar de transmitir os raios de minha lanterna e os leves estalidos das tábuas do assoalho sob meus pés. Mas por fim não me atrevi a mexer naquela coisa. Percebi distraidamente que se tratava do cilindro novo e

reluzente que tinha o nome de Akeley e que, seguindo instruções de meu anfitrião, eu não tirara do lugar. Lembrando-me agora daquele momento, lamento que minha timidez me tenha impedido de ser mais ousado e fazer a máquina falar. Só Deus sabe os mistérios, as dúvidas atrozes e as questões de identidade que esse ato poderia ter esclarecido! Por outro lado, talvez tenha sido um ato de caridade ter deixado aquele cérebro em paz.

Voltei então a luz para o canto onde eu supunha que Akeley estivesse, mas constatei, perplexo, que a enorme poltrona estava sem nenhum ocupante humano, adormecido ou vigilante. Do assento da poltrona caía, até o chão, fazendo grande volume, o casaco largo que eu conhecia tão bem, e perto dele jaziam o xale amarelo e as compridas bandagens que eu achara tão esquisitas. Ainda hesitante, esforçando-me por conjecturar onde poderia estar Akeley e o motivo pelo qual ele teria abandonado tão repentinamente seus necessários atavios de enfermo, notei que eu já não sentia no aposento nem o cheiro esquisito nem a impressão de vibração. O que os teria causado? Curiosamente, ocorreu-me que eu só os havia percebido perto de Akeley. Aquelas sensações tinham sido mais intensas no lugar onde ele se sentava e não existiam absolutamente no resto da casa, exceto no estúdio, quando ele estava presente, ou logo além da porta do cômodo. Fiz uma pausa, deixando o facho da lanterna iluminar aleatoriamente vários pontos do estúdio, enquanto vasculhava o cérebro, em busca de explicações para o rumo que as coisas tinham tomado.

Quisera Deus que eu houvesse saído silenciosamente daquele local antes que permitisse que a luz incidisse novamente na poltrona vazia. Acabou sucedendo que não saí em silêncio — e sim com um grito reprimido que deve ter perturbado, embora não despertado, a sentinela que dormia do outro lado do vestíbulo. Meu grito, bem como os roncos ininterruptos de Noyes, foram os últimos sons que escutei naquela fazenda mórbida sob a crista florestada da montanha assombrada — aquele foco de horror transcósmico em meio às solitárias colinas verdes e os riachos murmurej antes de uma terra rústica e espectral.

É incrível que eu não tenha deixado cair a lanterna, a valise e o revólver em minha corrida desabalada, mas de alguma maneira qualquer consegui manter a posse de todos esses objetos. Na verdade, saí daquele

aposento e daquela casa sem fazer nenhum outro ruído. Arrastei, a mim e às minhas coisas até o velho Ford e dei partida naquele veículo arcaico em direção a algum desconhecido porto seguro na noite negrejante e sem luar. A viagem que se seguiu assemelhou-se a um delírio extraído das páginas de um Poe ou de um Rimbaud, ou mesmo dos desenhos de um Doré, mas enfim cheguei a Townshend. Termina aí a história. Se meu juízo ainda está íntegro, é por sorte minha. Às vezes temo o que o futuro possa trazer, sobretudo depois que o novo planeta, Plutão, foi descoberto de maneira tão curiosa.

Como contei, deixei que a luz da lanterna voltasse à poltrona vazia, depois de haver alumiado todo o aposento. Notei então, pela primeira vez, a presença, no assento, de certos objetos que não percebera antes devido ao panejamento do casaco. Foram esses os objetos, em número de três, que os investigadores não localizaram quando chegaram à casa mais tarde. Tal como eu fiz questão de declarar no início desta narrativa, não havia neles nada que traduzisse horror visual. O problema estava naquilo que levavam a inferir. Ainda hoje tenho momentos de dúvida. . . momentos nos quais quase aceito o ceticismo daqueles que atribuem toda minha experiência a sonhos, nervosismo ou delírio

Os três objetos eram construções malditamente hábeis e estavam dotados de engenhosos grampos metálicos que seriam usados para prendê-los a conformações orgânicas sobre as quais não me atrevo a fazer qualquer conjectura. Espero — confio ardentemente — que fossem os produtos, em cera, de um exímio artista, a despeito do que meus receios mais recônditos me dizem. Santo Deus! Aquele ser que sussurrava nas trevas, com odores e vibrações mórbidas! Bruxo, emissário, mutante, alienígena... aquele zumbido medonhamente reprimido... e durante todo o tempo naquele cilindro novo e reluzente na prateleira... pobre-diabo... "Prodigiosa perícia cirúrgica, biológica, química e mecânica..."

As coisas que estavam na poltrona, perfeitas em cada detalhe sutil de microscópica semelhança — ou identidade — eram o rosto e as mãos de Henry Wentworth Akeley.



O Festival

Efficiut Daemones, ut quae non sunt, sic tamen quasi sint, conspicienda bominibus exhibeant.

- Lactantius

EU ESTAVA LONGE de casa, e o feitiço do mar oriental havia caído sobre mim. Ao crepúsculo, eu o ouvia batendo nas rochas e sabia que ele ficava logo depois do monte onde os salgueiros se contorciam contra o céu claro e as primeiras estrelas da noite. E como meus pais haviam me chamado para a velha cidade mais adiante, atravessei a neve rasa e necém-caída ao longo da estrada que subia até onde Aldebarã bailava por entre as árvores; na direção da cidade muito antiga, que eu nunca tinha visto, mas com a qual várias vezes sonhara.

Era o *Yuletide,* que os homens chamam de Natal, embora saibam em seus corações que é mais antigo que Belém e a Babilônia, mais velho que Mênfis e a Humanidade. Era o *Yuletide,* e eu havia vindo finalmente à antiga cidade costeira onde minha gente havia habitado e mantido a festividade mesmo nos velhos tempos, quando ela era proibida; onde eles também haviam instruído seus filhos a manterem o festival uma vez a cada século, para que a memória dos segredos primais não fosse esquecida. Minha gente era antiga, e já eram antigos mesmo quando esta terra foi colonizada, três séculos atrás. E eles eram estranhos, porque tinham vindo como um povo furtivo e obscuro dos jardins de papoulas narcóticas do sul, e falavam outra língua antes de aprenderem a língua dos pescadores de olhos azuis. E eles estavam dispersos, e compartilhavam apenas os rituais de mistérios que nenhum vivente poderia entender. Eu era o único que tinha voltado aquela

noite à velha cidade pesqueira, como rezava a lenda que apenas os pobres e solitários lembravam.

Então, além do cume da colina, vi Kingsport com seus moinhos e campanários, telhados e chaminés, cais e pequenas pontes, salgueiros e cemitérios; intermináveis labirintos de ruas íngremes, estreitas e tortas, vertiginosas torres de igrejas que o tempo não ousou tocar; uma confusão incessante de casas coloniais amontoadas e espalhadas em todos os ângulos e níveis como os blocos desordenados dos folguedos de ulna criança; antigüidades pairando com asas cinzentas abertas em telhados duplos embranquecidos pelo inverno; janelas cortinadas, uma a uma piscando na escuridão fria para se juntar a Orion e as estrelas arcaicas. E contra os cais apodrecidos o mar se chocava; o mar, imemorial e cheio de segredos, do qual as pessoas tinham vindo nos tempos antigos.

Ao lado do topo da rua, uma elevação ainda mais alta começava, desolada e exposta ao vento, e vi que era um campo santo, onde lápides negras fincavam-se fantasmagoricamente através da neve, como as unhas apodrecidas do cadáver de um gigante. A rua era vazia e solitária, e às vezes eu pensava ouvir, no vento, um horrível e distante gemido, como um enforcamento. Eles haviam enforcado quatro parentes meus por bruxaria em 1692, mas eu não sabia exatamente onde.

No cruzamento da rua com a ladeira voltada para o mar, fiquei atento aos sons alegres de um entardecer de aldeia, mas não os escutei. Então lembrei da época, e achei que esse velho povo puritano possivelmente tinha costumes natalinos estranhos a mim, cheios de orações silenciosas. Então, depois que eu não ouvi sons alegres nem vi peregrinos, fiquei observando as casas silenciosamente iluminadas, e os muros sombrios de pedras, onde as placas de velhas lojas e tavernas batiam à brisa salgada, e as aidravas grotescas penduradas nas portas cintilavam ao longo das ruas sem pavimento, à luz de pequenas janelas cortinadas.

Eu havia visto mapas da cidade, e sabia onde encontrar a casa da minha gente. Foi dito que eu seria reconhecido e bem-vindo, pelas velhas tradições da aldeia; então me apressei pela Back Street até a Cicle Court, e atravessei a neve fresca sobre toda a laje que

pavimentava a cidade, até onde a Green Lane levava aos fundos da Market House. Os velhos mapas ainda serviam bem, e eu não tive nenhum problema; embora em Arkham, devem ter mentido quando disseram que passavam bondes por ali, já que não vi um único fio no alto. A neve teria coberto os trilhos, de qualquer modo. Estava satisfeito por ter preferido andar, pois a aldeia branca tinha parecido muito bonita da colina; e agora eu estava ansioso em bater à porta da minha gente, a sétima casa à esquerda na Green Lane, com um antigo telhado pontudo e segundo andar ressaltado, tudo construído antes del650.

Havia luzes dentro da casa quando me dirigi a ela, e vi pelas janelas de grades cruzadas que deveria estar muito próxima de seu estado antigo. A parte superior sobressaia à rua estreita e coberta de grama e quase encontrava a parte que sobressaia da casa em frente, de forma que me encontrava quase num túnel, com o degrau de pedra da porta totalmente coberto de neve. Não havia calçada, mas muitas casas tinham portas altas que eram alcançadas por degraus duplos com corrimãos de ferro. Era uma cena estranha, e como eu era um estranho à Nova Inglaterra, nunca havia visto algo assim antes. Embora isso tenha me agradado, eu teria saboreado melhor se houvesse pegadas na neve, pessoas nas ruas e algumas janelas fechadas sem cortinas.

Quando sondei a antiga aldrava de ferro, fiquei com um pouco de medo. Algum temor havia se acumulado em mim, talvez por causa da estranheza da minha herança, a falta de movimento e o silêncio estranho da manhã naquela velha cidade de costumes bizarros. E quando minha batida foi respondida, fiquei completamente amedrontado, porque não havia ouvido nenhum passo antes da porta abrir com um rangido. Mas não fiquei com medo por muito tempo, pois o homem idoso de pijama e chinelos na entrada tinha um rosto brando que me tranqüilizou; e apesar de ter feito sinais de que era surdo, escreveu uma curiosa e antiga saudação com o estilete e a tabuleta de cera que carregava.

Acenou para que o seguisse até uma sala baixa, iluminada por velas, com caibros expostos e móveis escuros, rijos e esparsos, do século XVII. O passado estava vivo ali, nenhum atributo tinha sido perdido. Havia uma lareira cavernosa e uma máquina de fiar próxima na

qual uma mulher idosa, usando um manto e uma touca comprida, sentava-se na minha direção, fiando silenciosamente, apesar da época festiva. Um desalento indefinido parecia pairar sobre o lugar, e eu estava bestificado pelo fogo não estar aceso. O quarto em frente às janelas cortinadas parecia estar ocupado, embora eu não tivesse certeza. Eu não gostei de tudo o que vi, e senti o temor novamente. Este temor ficou mais forte do que estava antes de ser abrandado. Quanto mais olhava para o rosto brando do velho, mais a sua brandura excessiva me aterrorizava. Os olhos nunca se moviam, e a pele assemelhava-se à cera. Finalmente fiquei convencido de que não era realmente um rosto, mas uma habilidosa máscara demoníaca. Suas mãos fantásticas, curiosamente enluvadas, escreveram na tabuleta com impressionante habilidade e me disseram que eu deveria esperar um pouco para ser levado ao local da festividade.

Apontando uma cadeira, uma mesa e uma pilha de livros, o velho agora deixou a sala; e quando me sentei para ler, vi que os livros estavam esbranquiçados e bolorentos, e que incluíam o velho *Maravilhas da Ciência,* de Morryster, o terrível *Saducismus Triumpharus,* de Joseph Glanvil, publicado em 1681, o chocante *Daemonolarreia,* de Remigius, impresso em 1681 em Lyons, e o pior de todos, o impronunciável *Necronomicon,* do árabe louco Abdul Al-hazred, na tradução latina proibida de Olaus Wormius; um livro que eu nunca tinha visto, mas do qual ouvira sussurrarem coisas monstruosas. Ninguém falou comigo, mas eu podia ouvir o bater das placas ao vento no lado de fora, e o zumbido da máquina de fiar enquanto a velha de touca continuava silenciosamente a fiar e fiar. Achei a sala, os livros e as pessoas, muito mórbidas e inquietantes, mas por causa de uma velha tradição de festividades estranhas que meus pais tinham me intimado a seguir, resolvi esperar coisas esquisitas. Então tentei ler, e logo comecei a tremer, absorvido por algo que descobri ser o malfadado *Necronomicon,* um pensamento e uma lenda muito hedionda para sanidade ou consciência, mas eu me distraí dele quando supus ouvir o fechar de uma das janelas que ficava em frente à lareira, como se ela tivesse sido aberta furtivamente. Pareceu seguir-se um zumbido que não era da máquina de fiar da velha. Não pude ouvir bem, no entanto, pois a velha estava fiando vigorosamente, e o relógio antigo soara as horas. Depois disso, perdi a sensação de que haviam pessoas no local, e estava

lendo intensa e tremulante quando o velho voltou, calçado de botas e vestido numa roupa folgada antiga, e sentou no mesmo banco, de forma que eu não podia vê-lo. Era certamente uma espera nervosa, e o livro blasfemo nas minhas mãos a fazia duas vezes maior. Quando soaram onze horas, entretanto, o velho se levantou, deslizou até uma arca maciça esculpida que estava a um canto, e pegou dois mantos encapuzados; um dos quais colocou, e com o outro cobriu a velha, que tinha parado seu fiar monótono. Então os dois se dirigiram à porta exterior; a mulher se arrastou, coxeando, e o velho, depois de pegar o mesmo livro que eu estava lendo, acenou para mim enquanto colocava o capuz sobre o rosto imóvel ou máscara.

Saímos para as ruas tortuosas e escuras daquela cidade incrivelmente antiga; saímos enquanto as luzes nas janelas cortinadas desapareciam uma a uma, e a estrela do Cão espreitava a turba de figuras cobertas e encapuzadas que safam silenciosamente de cada porta e formavam uma procissão monstruosa rua acima, passando pelas placas ruidosas, pelos frontões antediluvianos, pelos telhados emaranhados e pelas janelas de grades cruzadas; atravessando ruas precipituosas, onde casas decadentes cobriam-se e desagregavam-se, deslizando por pátios abertos e cemitérios de igrejas, onde postes de luz faziam as constelações parecerem medonhamente bêbadas.

Em meio à multidão, segui meus dois guias silenciosos; empurrado por cotovelos que pareciam extraordinariamente macios, e pressionado por peitos e estômagos que pareciam anormalmente felpudos; mas sem nunca ver um rosto e nunca ouvir uma palavra. Em frente, as colunas sinistras se arrastavam, e eu vi que todos os peregrinos convergiam a uma espécie de povo de becos loucos no topo de uma colina alta no centro da cidade, onde se elevava uma grande igreja branca. Eu a tinha visto do alto da estrada quando olhei a noite caindo em Kingsport, e ela me tinha feito tremer, porque Aldebara havia parecido balançar-se por um momento na torre fantasmagórica.

Havia um espaço aberto ao redor da igreja; uma parte era um cemitério com lápides espectrais, e a outra era uma quadra semipavimentada, que tinha sido praticamente toda varrida da neve pelo vento, e enfileirada com casas antigas e mal-conservadas, com telhados pontudos e frontões protuberantes. Fogos-fátuos dançavam

sobre as tumbas, revelando alamedas repugnantes, embora estranhamente não fizessem sombra. Depois do cemitério, onde não havia casas, podia ver acima do cume da colina e observar o cintilar das estrelas no porto, pois a cidade era invisível no escuro. Vez por outra, uma lanterna meneava horrivelmente através de becos tortuosos, em seu caminho para juntar-se à turba, que agora estava entrando furtiva e silenciosamente na igreja. Eu esperei até que a multidão houvesse penetrado pela porta negra, e até que todos os que ali se acotovelavam os tivessem seguido. O velho estava puxando minha manga, mas eu estava determinado a ser o último. Atravessando a soleira em direção ao templo de escuridão desconhecida e cheio como uma colméia, virei-me uma vez para olhar o mundo exterior, onde uma fosforescência no cemitério fazia um brilho doentio no pavimento da colina, e ao fazer isso, estremeci. Pois embora o vento não houvesse deixado muita neve, tinham sobrado umas poucas porções no terreno perto da porta; e naquela olhada para trás, pareceu aos meus olhos confusos que não havia nenhuma marca de pegadas, nem mesmo as minhas.

A igreja estava escassamente iluminada por todas as lanternas que haviam sido trazidas pelos fiéis, e a maior parte da turba já havia desaparecido. Eles tinham afluído para a nave entre os bancos altos e as portas sem retorno das criptas, que se abriram repulsiva e largamente, logo depois do púlpito, e estavam agora se contorcendo ruidosamente. Eu segui, calado, os degraus gastos até a cripta escura e sufocante. O séquito daquela fila silenciosa em marcha noturna me parecia muito horrível, e eu os vi movendo-se sinuosamente ao interior de uma tumba de veneração que parecia mais horrível ainda. Então notei que o chão da tumba tinha uma fresta na qual a multidão se esgueirava, e em um momento, todos nós estávamos descendo uma escadaria agourenta de pedra bruta cortada; uma escadaria em espiral estreita, úmida e peculiarmente perfumada, que perfurava interminavelmente em direção às entranhas da colina, passando por paredes monótonas de blocos de pedras gotejantes e argamassa esmigalhada. Foi uma descida traumatizante e silenciosa, e depois de um intervalo horrível, percebi que as paredes e degraus estavam mudando sua natureza, como se fossem cinzeladas da rocha sólida. O que me perturbou principalmente foi que as miríades de passos não faziam sons e não produziam ecos.

Depois de uma descida que parecia durar eras, vi algumas passagens laterais ou covas, que conduziam de recantos desconhecidos de escuridão a esta trilha de mistério noturno. Logo elas ficaram excessivamente numerosas, como catacumbas ímpias de ameaças inomináveis; e seu odor pungente de decadência aumentava quase insuportavelmente. Eu sabia que nós devíamos ter atravessado a montanha e estávamos agora abaixo da própria Kingsport, e eu estremeci ao pensar que uma cidade poderia ser tão velha e possuir subterrâneos tão diabólicos.

Então vi o bruxulear lívido de uma luz pálida, e ouvi o marulho insidioso de águas escuras. Novamente estremeci, porque eu não havia gostado das coisas que a noite tinha trazido, e desejava amargamente que nenhum antepassado tivesse me obrigado a este rito primitivo. À medida que os degraus e a passagem ficavam mais largos, eu ouvi outro som, o lamento agudo de uma flauta débil; e de repente surgiu na minha frente a paisagem ampla de um mundo interior: uma costa fungosa e vasta, iluminada por uma coluna que vomitava uma doentia chama esverdeada, e banhada por um largo rio oleoso que fluía dos abismos assustadores e desconhecidos para se juntar à baía negra do oceano antiqüíssimo.

Ofegando, à beira de desmaiar, olhei para o jardim profano de imensos cogumelos, fogo leproso e água viscosa, e vi a turba encapada formando um semicírculo ao redor do pilar em chamas Era o rito do Yule, mais antigo do que o Homem, e fadado a sobreviver a ele; o rito primitivo do solstício e a promessa de primavera após a neve; o rito do fogo e das plantações, luz e música. E nas grutas estígias, eu os vi fazer o rito, adorar o pilar doentio de chamas, e atirar na água punhados da vegetação que reluziam verdes ao brilho clórico. Vi isso e algo agachado amorficamente, distante da luz, tocando ruidosamente uma flauta; e enquanto a coisa tocava, pensei ouvir sibilos nocivos e abafados na escuridão inimiga onde eu não podia ver. Mas o que mais me aterrorizou foi a coluna de chamas; brotando vulcanicamente das profundezas inconcebíveis, sem produzir nenhuma sombra, como uma chama deveria fazer, e agasalhando a rocha nitrosa com um azinhavre sórdido e venenoso. Toda aquela combustão fervente não fazia nenhum calor, mas apenas umidade de morte e decomposição.

O homem que tinha me trazido agora até um ponto diretamente ao lado da chama odienta, fez passes cerimoniais rígidos para o semicírculo, à sua frente. Em certos estágios do ritual, faziam reverências em que tinham de se agachar, especialmente quando ele segurou acima de sua cabeça aquele detestável Necronomicon que trouxera consigo; e eu compartilhei todas as reverências, porque eu tinha sido convocado a este festival pelos escritos de meus ancestrais. Então o velho fez um sinal ao flautista semi-oculto nas trevas, cujo toque logo mudou de um zumbido fraco para um zumbido escasso mais alto em outra escala; precipitando um horror inimaginável e inesperado. Com tal horror, quase afundei na terra coberta de liquens, trespassado por um temor que não pertencia a este ou a nenhum outro mundo, mas apenas aos espaços enlouquecedores entre as estrelas.

Vindas da inimaginável escuridão além do fulgor gangrenoso da chama fria, das léguas tartáricas pelas quais o rio oleoso corria sobrenatural, oculta e obscuramente surgiu uma horda de seres alados e híbridos domesticados, que nenhum olho são jamais poderia captar ou nenhum cérebro normal jamais poderia recordar, batendo ritmicamente suas asas. Eles não eram propriamente nem toupeiras, nem abutres, nem formigas, nem morcegos vampiros, nem seres humanos decompostos, mas alguma coisa que eu não posso e não devo recordar. Eles sacudiam um pouco seus pés cobertos de teias e um pouco suas asas membranosas; e quando alcançaram a turba de celebrantes, as figuras cobertas as pegaram e montaram, e saíram, uma a uma, cavalgando ao longo da extensão daquele rio mal-iluminado, em direção a poços e galerias de pânico onde nascentes venenosas mantinham cataratas ocultas.

A velha fiandeira tinha ido com a turba, e o velho só ficara porque eu tinha recusado quando ele tentou me motivar a pegar um animal e cavalgá-lo como o resto. Eu vi, quando cambaleei sobre meus pés, que o flautista amorfo havia desaparecido, mas aqueles dois monstros estavam esperando pacientemente. Quando recuperei o equilíbrio, o velho tirou seu estilete e a tabuleta e escreveu que ele era o representante dos meus ancestrais que tinham fundado o culto do Yale neste local antigo; que tinha sido decretado que eu voltaria, e que os mistérios mais secretos ainda estavam para ser apresentados. Ele escreveu isso com mão muito

velha, e como eu ainda hesitava, puxou de sua túnica folgada um anel e um relógio, ambos com os símbolos da minha família, para provar que ele era o que dizia ser. Mas era uma prova revoltante, porque eu sabia por papéis velhos, que o relógio tinha sido enterrado com meu tatatataravo em 1698.

Em seguida, o velho tirou o capuz e apontou para a semelhança da família em seu rosto, mas eu apenas estremeci, porque estava certo de que aquele rosto era apenas uma máscara demoníaca. Os animais alados estavam agora arranhando impacientemente os liquens, e eu vi que o velho estava ele mesmo quase impaciente. Quando uma das coisas começou a se mexer para ir embora, ele se virou rapidamente para detê-la; então seu movimento repentino desalojou a máscara de cera de que outrora deve ter sido sua cabeça. E então, porque aquela posição de pesadelo me barrava à escada de pedra de onde tínhamos vindo, eu me joguei no rio oleoso que borbulhava de algum lugar das cavernas até o mar; me joguei naquele suco putrefato dos horrores do interior da Terra, antes que a loucura de meus gritos trouxesse toda aquela legião mortuária que esses abismos pestilentos ocultavam.

No hospital, disseram-me que eu havia sido encontrado semicongelado no porto de Kingsport ao alvorecer, agarrado ao tronco flutuante que o acaso mandou para me salvar. Eles me disseram que eu tinha pego a bifurcação errada na estrada da colina na noite anterior e caído dos penhascos no Ponto Laranja; uma coisa que deduziram das pegadas encontradas na neve. Não havia nada que eu pudesse dizer, porque tudo estava errado. Tudo estava errado, com as janelas largas mostrando um mar de telhados nos quais apenas um em cinco era antigo, e o som de bondes e motores nas ruas abaixo. Eles insistiram que esta era Kingsport, e eu não podia negar. Quando fiquei delirante ao ouvir que o hospital ficava perto do velho cemitério da igreja na colina central, eles me mandaram ao Hospital Santa Maria, em Arkham, onde eu poderia ser mais bem tratado. Gostei de lá, pois os médicos tinham mentes abertas, e até me emprestaram sua influência para obter a cópia cuidadosamente guardada de contestáveis *Necronomicon* de Al-hazred, da biblioteca da Universidade de Miskatonic. Eles disseram alguma coisa sobre uma "psicose", e concordei que eu deveria tirar todas as obsessões mórbidas de minha mente.

Lendo o hediondo capítulo, estremeci duplamente porque não era realmente novo para mim. Eu o tinha visto antes, deixe as pegadas dizerem o que eles quiserem; e seria melhor esquecer onde eu o tinha visto. Não havia ninguém - nas horas diurnas - que poderia me lembrar disso; mas meus sonhos eram cheios de terror, devido às frases que não devo citar. Ouso citar apenas um parágrafo, traduzido em nossa língua como posso, do estranho Baixo Latim.

As cavernas mais inferiores, escreveu o árabe louco, não são para a compreensão dos olhos que vêem; pois suas maravilhas são estranhas e terríveis. Amaldiçoado o chão onde pensamentos mortos.



Hypnos

"A propósito do sono, sinistra aventura de nossas noites, podemos dizer que os homens vão dormir revestidos de uma audácia que seria incompreensível se não soubéssemos que ela é o resultado da ignorância do perigo".

- Baudelaire (Citação feita por Lovecraft)

SE EXISTEM DEUSES CLEMENTES, que eles me protejam durante essas horas em que nada no mundo pode me proteger dos abismos aterrorizantes do sono! A morte é suave, pois que sem retorno , mas aquele que emerge das câmaras profundas da noite, atemorizado pelo que sabe, não encontrará jamais o descanso. Fiquei transtornado quando mergulhei nos mistérios que o homem não foi feito para alcançar. Quanta excitação sem freios ! Quantos apetites sem controle ! No que diz respeito a meu amigo, aquele que me conduziu, que foi mais longe do que eu, e que foi levado embora por forças das quais até hoje eu temo o apelo, quanto a meu único amigo - era um louco, era um deus ?

Lembro-me de que nós nos conhecemos em uma estação. Um grupo de passantes curiosos estava à sua volta. Achava-se caído ao chão, inconsciente. Uma convulsão tornara estranhamente rígido aquele corpo magro vestido de negro.. Devia ter 40 anos. Seu roto descarnado era sulcado por muitas rugas, porém possuía um oval puro e uma conformação nobre. Sua cabeleira espessa e sua barba curta apresentavam-se grisalhas. Sua fronte era alta e alva como o mármore de Pentelicus. Sou escultor e para mim aquele homem desmaiado era um fauno da Hélade saído das ruínas de um templo, ressuscitado e atirado em nosso mundo opressivo para sofrer entre nós o frio e peso do tempo. Quando ele abriu seus olhos imensos e negros senti que havia finalmente encontrado um amigo. Pois tais olhos haviam, sem dúvida alguma, contemplado coisas repletas de

grandeza e de espanto, coisas do Além, as mesmas que desejava em sonho e procurava em vão. Afastei os curiosos, disse àquele homem, sem preâmbulos ou hesitações, que ele era meu mestre, meu guia, meu irmão, e ele concordou entrecerrando os olhos . Fomos embora os dois, mudos. Um pouco mais tarde ele começou a falar, e a música de sua voz evocava violas antigas e esferas de cristal. Conversávamos noite e dia enquanto que eu esculpia seu busto ou gravava seu rosto no marfim. Não me é quase possível precisar a natureza de nossas pesquisas. Somente posso dizer que se tratava de apreender o fio de um outro universo situado além da matéria, do tempo e do espaço. Era somente no sono que suspeitávamos a existência desse fio, ou antes em alguns sonhos excepcionais, sonhos de sonhos, ultra-sonhos que permanecem ignorados da maior parte dos homens e surgem somente uma ou duas vezes ao longo de uma vida consagrada ao espírito.

Os sábios interpretaram os sonhos, e os deuses zombaram. Um homem com olhos de oriental disse que todo tempo e todo espaço são relativos, e os homens não compreenderam. Mas esse mesmo sábio percebeu apenas de relance coisas estranhas e formidáveis. Meu amigo e eu tentamos ir mais adiante. Com a ajuda de drogas exóticas partimos à procura de visões terríveis e proibidas. Tudo isso se passava em nosso estúdio, na torre de uma mansão do condado de Kent.

A impossibilidade de me exprimir é a pior das agonias que eu agora atravesso. Nenhuma língua possui os símbolos necessários para relatar o que eu senti e aprendi durante aquelas horas de ímpia exploração. Do começo até o fim nossas descobertas foram da ordem das sensações, mas sensações fora da escala humanidade normal. No fundo de tudo isso havia elementos incríveis de tempo e de espaço: coisas sem existência separada ou definida. Como me exprimir ? Mergulho lento, queda prolongada de um vôo planado ? Uma certa parte de nosso espírito rompia com tudo que é real e presente, seguia para abismos tenebrosos, boiava em uma substância desconcertante, decifrando algumas vezes certos obstáculos: espécies de nuvens amorfas, vapores viscosos...

Nesses vôos negros e incorpóreos algumas vezes nos separávamos, outras vezes nos juntávamos. Porém mesmo estando juntos, meu amigo sempre estava muito adiante de mim. Adivinhava sua presença, apesar da ausência da forma, por uma espécie de memória figurada através da qual seu rosto aparecia envolto em uma luz dourada, incrivelmente jovem, com a fronte

olímpica e os olhos fulgurantes. Nós não tomávamos notas e não datávamos nossas experiências pois o tempo tornara-se para nós simples ilusão. Provavelmente fenômenos estranhos aconteceram, pois eu lembro que chegamos a nos perguntar por que não envelhecíamos mais. Nossas conversações eram cheias de ambições que se assemelhavam a blasfêmias. Um dia meu amigo escreveu um desejo que ele não ousava proferir. Após queimar o papel, olhei através da janela, com temor o céu noturno repleto de estrelas... Ele queria dominar o universo visível e muito além. Um dia a terra e as estrelas se deslocariam sob seu comando, um dia ele controlaria o destino de todas coisas vivas... Afirmo e juro: jamais compartilhei essas aspirações extremas, e se meu amigo disse ou escreveu o contrário ele se enganou. Chegou um dia em que forças, seres vindos de espaços desconhecidos fizeram-no rodopiar em um vazio sem limites, além do pensamento, além de todas as entidades. Desta vez passamos rapidamente através de obstáculos viscosos, e logo senti que éramos conduzidos para domínios infinitamente longínquos. Meu amigo estava muito adiante de mim nesse estranho mergulho no indizível, no obscuro e no virgem. Eu percebia uma exaltação sinistra na imagem-lembrança de seu semblante tão jovem e luminoso. De repente esta imagem apagou-se, eu perdi o contato e fui projetado contra um obstáculo intransponível: nuvem amorfa como as demais, porém mais densa, espécie de massa adesiva, se assim posso exprimir, naquele domínio estranho à matéria.

A luta me despertou e abri os olhos que se pousaram nas paredes de nosso estúdio. Em um canto estava estendido meu amigo sonhador, altivo e belo sob a luz verde e dourada que vinha da lua. Ele moveu-se. Queiram os céus poupar-me de ouvir uma segunda vez o que então eu ouvi ! Ele gritou, gritou, e seus olhos negros, que o medo enlouquecia, banhavam-se no inferno. Desmaiei e foi ele quem mais tarde me ajudou a recobrar a consciência quando teve necessidade de alguém que o ajudasse a afastar de sua alma o horror e a desolação. Foi o fim de nossas pesquisas voluntárias nas cavernas do sonho. Exausto, tremendo e grave, meu amigo, que atravessara a barreira, disse-me que não deveríamos nunca mais tentar penetrar no Além. Ele não ousava descrever o que tinha visto. Dali em diante, disse-me ainda, deveríamos dormir o menos possível, permanecer acordados, custasse o que custasse. Ele sem dúvida tinha razão, pois, com efeito, uma espécie de pânico apoderava-se de mim desde que o sono chegava, a partir do momento em que minha consciência se afrouxara.

Mas como seria possível deixar de dormir ? Após cada sono breve e inevitável, eu me sentia envelhecido e meu amigo muito mais. Em seu rosto que eu tanto admirara, as rugas se multiplicaram a cada minuto que passava. Era terrível, horrendo. Mudamos de vida. Até o momento meu amigo, que não me contara jamais nem seu nome nem suas origens, tinha vivido como recluso, E de repente não podia mais ficar sozinho, ainda que fosse na minha simples companhia. Era necessário ter à sua volta um grupo de pessoas numeroso e feliz. Pusemo-nos a frequentar os lugares onde a juventude se reunia e lá nossa aparência e nossa idade provocavam sarcasmos. A partir do momento em que as estrelas começavam a brilhar, o medo se apoderava dele e ele lançava olhares inquietos em direção ao céu. Nem sempre fixava o mesmo ponto,. No inverno era em direção ao nordeste. No verão, quase acima de nossas cabeças. No outono, voltava-se para noroeste. E no nascer do dia era sempre para o leste. Ao cabo de dois anos pude compreender que aquele ponto mutável donde lhe vinha tanta angústia correspondia à constelação Corona Borealis. Agora tínhamos um estúdio em Londres. Não nos separávamos nunca, e nunca mais evocávamos as coisas antigas. Os excitantes que consumíamos para nos manter despertos, uma certa dissolução, a tensão nervosa , tudo isso nos havia consumido. Meu amigo tinha mais cabelos e sua barba encanecera. Quase havíamos vencido o sono: uma hora, duas horas no máximo, cada dia. Chegou o mês de janeiro trazendo brumas e uma chuva gelada. Nós não tínhamos mais dinheiro para comprar excitantes, eu não esculpia mais e nós sofríamos muito. Certa noite meu amigo, esgotado, mergulhou em sono profundo de que eu não consegui tirá-lo. Lembro-me de tudo: nosso triste sótão mergulhado na escuridão, os telhados lavados pela chuva, o tique-tique dos pequeno relógio de parede, os rangidos da persiana e, ao longe o rumor da cidade abafado pela neblina; acima de tudo, aquela respiração que parecia ritmar os esforços, as angústias de um espírito em viagem em direção a esferas proibidas, terrivelmente longínquas. Um relógio bateu as horas em algum lugar; eu estava tenso, perturbado, e meus devaneios repletos d vagos temores regressavam incessantemente a seu centro: o tempo, o espaço, o infinito. Muito além dos tetos, da neblina e da chuva, nos obscuros desertos do cosmo, corona Borealis surgia a noroeste, aquela mesma Corona Borealis que meu amigo parecera temer tanto e cujo semicírculo de estrelas devia cintilar, invisível a nossos olhos, através de abismos intransponíveis. Subitamente minhas orelhas febris forma

atingidas por outro som, por um ronronar baixo e insistente, o eco de um clamor monótono e zombeteiro, um apelo que emanava de outros mundos, de muito longe, do nordeste. Mas não foi aquele rumor sideral que marcou para sempre minha alma, imprimindo nela um terror insondável, e me fez soltar tais gritos que os vizinhos e a polícia acorreram para arrombar a porta. Não foi aquilo que eu ouvi, e sim o que vi. Pois naquele quarto escuro um facho de luz dourada e vermelha, uma luz fria, atravessou as trevas sem dispersa-las, nasceu no ângulo nordeste e veio posar-se sobre a cabeça daquele que dormia, sobre aquele rosto que então me apareceu idêntico ao da imagem-lembrança de nossa última viagem através do espaço- abismo e do tempo dissociado, imortalmente jovem e sorridente, tomado por uma alegria áspera e maldita, enquanto se abriam as barreiras do insondável.

Aquele que dormia despertou, os olhos negros e líquidos se contorceram, os lábios muito finos abafaram um grito por demais assustador, e naquele silêncio de agonia segui até suas origens o raio de luz proibida. Nesse momento sobreveio-me um ataque de epilepsia que atraiu os vizinhos e a polícia. Não posso dizer o que vi. Não posso. E o adormecido que também viu tudo aquilo e ainda muito mais, nunca mais falará. Mas agora eu me protegerei tanto quanto puder dos Mestres do Sono, do céu noturno, das loucas ambições do conhecimento e da filosofia.

Não sei exatamente o que se passou. Meu espírito desequilibrou-se. Mas o dos outros também, creio. Dizem que jamais tive amigo. Dizem que sempre fui só, inteira e tragicamente ocupado com a arte, a metafísica e a demência. Não tiveram uma palavra de piedade para com meu amigo, paralisado para sempre, imobilizado para sempre em seu canto. Mas o que eles encontraram no divã deixou-os maravilhados, ao que parece.

Puseram-se a entoar louvores em meu favor, deram-me uma glória que não compreendo, uma reputação que pouco me importa no fundo de meu desespero, enquanto permaneço sentado horas e horas, dias e dias, calvo, a barba grisalha, encolhido, paralisado, alquebrado, e adorando o objeto que encontraram. Eles também olham extáticos esta coisa fria que o facho de luz zumbidora me deixou. É tudo o que resta de meu amigo. Trata-se de uma cabeça de mármore maravilhosa, olímpica de uma juventude e de uma perfeição fora do tempo, e coroada de papoulas. Dizem que este rosto é o mesmo que eu tinha aos 25 anos. Mas no pedestal um único nome acha-se gravado em letras de traços áticos: *Hypnos*.



A Maldição de Sarnath

EXISTE NA TERRA DE MNAR um vasto lago de águas paradas que não é engrossado por nenhuma corrente e do qual nenhuma corrente flui. Há dez mil anos, erguia-se a sua margem a poderosa cidade de Sarnath, mas Sarnath já ali não se encontra.

Conta-se que em tempos imemoriais, quando o mundo era jovem, antes mesmo de os homens de Sarnath chegarem à terra de Mnar, havia outra cidade às margens do lago, a cidade de pedra cinzenta de Ib, tão antiga quanto o próprio lago e habitada por criaturas de aspecto desagradável. Eram estranhas e feias, como aliás a maioria das criaturas de um mundo ainda incipiente e toscamente organizado. Está escrito nos cilindros cor de tijolo de Kadatheron que as criaturas de Ib eram da cor verde do lago e das brumas que sobre ele pairam; que tinham olhos saltados, lábios moles caídos e curiosas orelhas, e não eram dotadas de voz. Está escrito também que desceram da lua dentro de uma neblina: elas, e o vasto lago parado, e a cidade de pedra cinzenta de Ib. Seja como for, o certo é que adoravam um ídolo de pedra verde-mar cinzelado à imagem de Bokrug, o grande lagarto aquático, diante do qual dançavam grotescamente ao clarão da lua crescente. E está escrito no papiro de Ilarnek que elas descobriram, certa vez, o fogo, e dali em diante acenderam fogueiras em muitas ocasiões cerimoniais. Mas não há muita coisa escrita sobre essas criaturas, porque elas viviam em tempos muito ancestrais e o homem é jovem e pouco sabe dos seres muito antigos.

Depois de tempos imemoriais, os homens chegaram à terra de Mnar; uma escura gente pastoril com seus rebanhos felpudos que construiu Thraa, Ilarnek e Kadatheron às margens do sinuoso rio Ai. E certas tribos, mais ousadas que as outras, alcançaram a orla do lago e construíram

Sarnath, num lugar onde metais preciosos eram encontrados na terra. Não longe da cidade cinzenta de Ib, as tribos errantes assentaram as primeiras pedras de Sarnath, maravilhando-se com as criaturas de Ib. Mas havia ódio misturado com sua admiração, pois não achavam certo que criaturas com tal aspecto pudessem circular pelo mundo dos homens ao crepúsculo. Também não gostavam das estranhas esculturas sobre os monolitos cinzentos de Ib, pois ninguém saberia dizer por que aquelas esculturas haviam durado tanto tempo, até a chegada dos homens; a menos que fosse porque a terra de Mnar era muito pacífica e distante da maioria dos outros mundos, tanto da vigília como do sonho.

Quanto mais os homens de Sarnath viam as criaturas de Ib, mais aumentava seu ódio, e este não diminuiu quando perceberam que as criaturas eram fracas e moles como geléia ao contato de pedras e flechas. Assim, certo dia, os jovens guerreiros, os fundeiros, os lanceiros e arqueiros marcharam contra Ib e mataram todos os seus habitantes, empurrando os hediondos corpos para o lago com longos chuços, porque não desejavam tocá-los. E como não gostassem dos cinzelados monolitos cinzentos de Ib, atiraram-nos também ao lago, cismando, diante da grandeza do trabalho que teria sido trazer as pedras de muito longe, como isto devia ter acontecido, pois não havia nada que se lhes assemelhasse na terra de Mnar ou nas terras adjacentes.

Assim, nada foi poupado da antiquíssima cidade de Ib, exceto o ídolo de pedra verde-mar cinzelado à imagem de Bokrug, o lagarto aquático. Este, os jovens guerreiros levaram consigo como símbolo de conquista sobre os velhos deuses e criaturas de Ib, e como um signo de dominação em Mnar. Mas na noite seguinte à que ele foi colocado num templo, uma coisa terrível deve ter acontecido, pois luzes fantásticas foram vistas sobre o lago e, pela manhã, as pessoas descobriram que o ídolo havia sumido e o sumo sacerdote Taran-Ish estava morto, aparentando ter experimentado um pavor indescritível. Antes de morrer, Taran-Ish havia riscado sobre o altar de crisólita, com traços rudes e tremidos, o signo da MALDIÇAO.

Depois de Taran-Ish houve muitos sumos pontífices em Sarnath, mas o ídolo de pedra verde-mar jamais foi encontrado. E muitos séculos vieram e passaram, ao longo dos quais Sarnath prosperou extraordinariamente, e somente os sacerdotes e as mulheres velhas recordavam o que Taran-Ish rabiscara sobre o altar de crisólita. Entre Sarnath e a cidade de Ilarnek instalou-se uma rota de caravana, e os metais preciosos da região eram

trocados por outros metais, trajes raros, jóias, livros, ferramentas para os artífices e todas as coisas de luxo conhecidas pelo povo que mora às margens do sinuoso rio Ai e além dele. Foi assim que Sarnath tornou-se poderosa, instruída e bela, e enviou exércitos de conquista para dominar cidades vizinhas. Com o tempo, prostraram-se diante do trono de Sarnath, os reis de todas as terras de Mnar e de muitas terras adjacentes.

Sarnath, a magnífica, era a maravilha do mundo e o orgulho de toda a humanidade. De mármore polido do deserto eram suas muralhas, com trezentos cúbitos de altura e setenta e cinco de largura, permitindo que os carros de combate cruzassem uns com os outros quando os homens os conduziam ao longo de sua crista. Elas percorriam quinhentos estádios, abrindo-se somente na face virada para o lago, onde um quebra-mar de pedra verde continha as ondas que estranhamente se erguiam, uma vez por ano, no dia da celebração da destruição de Ib. Em Samath havia cinquenta ruas que iam do lago aos portões das caravanas, e outras cinquenta transversais a elas. Eram calçadas de ônix, exceto as percorridas por cavalos, camelos e elefantes, que eram cobertas de granito. E os portões de Sarnath eram tantos quanto as extremidades das ruas voltadas para a terra, todos de bronze e flanqueados por figuras de leões e elefantes escavadas em algum tipo de pedra já então desconhecida entre os homens. As casas de Sarnath eram de tijolos esmaltados e calcedônia, cada uma com seu jardim murado e seu tanque de cristal. Estranha era a arte com que foram construídas, pois nenhuma outra cidade possuía casas assim, e os visitantes de Thraa, Ilarnek e Kadatheron se maravilhavam com as cúpulas cintilantes que as coroavam.

Ainda mais fabulosos eram os palácios, e os templos, e os jardins construídos por Zokkar, o antigo rei. Havia muitos palácios, os menores deles mais imponentes do que qualquer outro de Thraa, Ilarnek ou Kadatheron. Eram tão altos que alguém que estivesse em seu interior poderia, às vezes, imaginar-se estar abaixo apenas do céu. Quando eram iluminados por archotes embebidos em óleo de Dother, porém, suas paredes exibiam imensas pinturas de reis e exércitos, assombrando e inspirando instantaneamente o visitante com seu esplendor. Muitas eram as colunas dos palácios, todas de mármore colorido, entalhadas com ornamentos de insuperável beleza. Na maioria dos palácios, os pisos eram mosaicos de berilo, e lápis-lazúli, e sardônica, e carbúnculo, e outros materiais nobres de tal forma organizados que o espectador podia se

imaginar caminhando sobre canteiros das mais raras flores. E havia também fontes que esguichavam águas aromáticas em graciosos jarros desenhados com artística maestria. Mais radiante de todos era o palácio dos reis de Mnar e das terras adjacentes. Sobre um par de leões de ouro agachados se assentava o trono, muitos degraus acima do piso resplendente. Era entalhado numa única peça de marfim, embora nenhuma criatura viva soubesse de onde uma peça tão imensa poderia ter vindo. Naquele palácio havia também muitas galerias e muitos anfiteatros onde leões, homens e elefantes combatiam para a diversão dos reis. Ocasionalmente, os anfiteatros eram inundados com água trazida do lago por imponentes aquedutos e ali se encenavam então empolgantes combates aquáticos entre nadadores e pavorosas criaturas marinhas.

Imponentes e assombrosos eram os dezessete templos em forma de torre de Sarnath, decorados com uma brilhante pedra multicor desconhecida em outros lugares. O maior deles se erguia a mil cúbitos de altura e era habitado pelos sumos pontífices que viviam com magnificência não muito inferior à dos reis. No térreo ficavam salões tão vastos e esplêndidos como os salões dos palácios onde as multidões se congregavam para adorar a Zo-Kalar, Tamash e a Lobon, os principais deuses de Sarnath, cujos relicários, envoltos em incenso, eram como os tronos dos monarcas. Não eram como os icones de outros deuses, os de Zo-Kalar, Tamash e Lobon, pois pareciam tão vivos que se poderia jurar que os próprios graciosos deu ses barbados estavam sentados nos tronos de marfim. E no alto de intermináveis degraus de zircão ficava a câmara da torre de onde os sumo pontífices vigiavam a cidade, as planícies e o lago durante o dia; e a enigmática lua, os planetas e estrelas significativos e seus reflexos no lago, à noite. Ali era praticado o secretíssimo e ancestral rito de execração de Bokrug, o lagarto aquático, e ali repousava o altar de crisólita que exibia o signo da Maldição rabiscado por Taran-Ish. Igualmente maravilhosos eram os jardins construídos por Zokkar, o velho rei. Eles ficavam no centro de Sarnath, numa extensa área e cercados por alto muro. Eram cobertos por uma imensa cúpula de vidro através da qual brilhavam, quando o céu estava límpido, o sol, a lua e os planetas, e da qual pendiam imagens refulgentes do sol, da lua e das estrelas quando não estava. No verão, os jardins eram resfrescados por amenas brisas aromáticas habilmente sopradas por ventiladores, e no inverno eram aquecidos por fogueiras ocultas, de modo que, naqueles jardins, reinava

eterna a primavera. Ali corriam pequenos riachos sobre pedregulhos lustrosos, dividindo campinas verdejantes e jardins de infinitos matizes, e cruzados por uma multidão de pontes. Muitas cascatas haviam em seus cursos, e muitas eram as lagoas ornadas de lírios em que se alargavam. Sobre os riachos e lagoas deslizavam cisnes brancos, enquanto o canto de aves raras harmonizava-se com a melodia das águas. Em ordenados terraços erguiam-se as verdejantes margens adornadas, aqui e ali, por caramanchões de trepadeiras e flores suaves, e bancos de mármore e pórfiro. E havia ali muitos santuários e templos pequenos onde se podia repousar e orar a deuses menores.

Todos os anos, celebrava-se em Sarnath a festa da destruição de Ib, em cuja ocasião abundavam o vinho, as canções, as danças e diversões de todos os tipos. Grandes homenagens eram prestadas aos que haviam aniquilado as estranhas criaturas antigas, e a memória daquelas criaturas e de seus antigos deuses era escarnecida por dançarmos e alaudistas coroados com grinaldas de rosas dos jardins de Zokkar. E os reis olhavam na direção do lago e amaldiçoavam os OSSOS dos mortos que jaziam em suas profundezas.

De início, os sumos pontífices não gostavam desses festivais, pois corriam entre eles narrativas fantásticas de como o ídolo verde-mar havia desaparecido e Taran-Ish morrera de medo deixando urna advertência. E diziam que de sua alta torre ocasionalmente avistavam luzes no interior das águas do lago. Mas depois de muitos anos se passarem sem calamidades, mesmo os sacerdotes riam, e maldiziam, e participavam das orgias dos folióes. Então eles próprios não haviam realizado, tantas vezes, em sua alta torre, o antiquíssimo e secreto rito de execração de Bokrug, o lagarto aquático? E um milhar de anos de riquezas e prazeres transcorreu em Sarnath, maravilha do mundo.

A festa do milésimo ano da destruição de Ib foi de uma suntuosidade inimaginável. Durante a década que a precedeu, muito se falou sobre ela na terra de Mnar, e quando seu momento se aproximou, vieram a Sarnath, montados em cavalos, camelos e elefantes, homens de Thraa, Ilarnek e Kadatheron, e de todas as cidades de Mnar e de terras distantes. Diante das muralhas de mármore, na noite aprazada, erguiam-se os pavilhões de príncipes e as tendas de viajantes. No interior de seu salão de banquete reclinava-se Nargis-Hei, o rei, embriagado de envelhecido vinho das adegas da conquistada Pnoth, rodeado por nobres folióes e escravos

atarefados. Muitas guloseimas exóticas foram consumidas naquele festim; pavões das longínquas colinas de Implan, corcovas de camelos do deserto de Bnazic, nozes e especiarias dos bosques de Sydathrian, e pérolas da marítima Mtal dissolvidas no vinagre de Thraa. Eram incontáveis os molhos, preparados pelos mais refinados cozinheiros de toda Mnar, agradáveis ao paladar de todos os convivas. Mas a mais apreciada de todas as iguanas eram os grandes peixes do lago, enormes, servidos em travessas de ouro enfeitadas de rubis e diamantes.

Enquanto o rei e seus nobres festejavam dentro do palácio e olhavam o prato principal que os esperava nas travessas douradas, outros festejavam por toda parte. Na torre do grande templo, os sacerdotes realizavam festins, e nos pavilhões do lado de fora das muralhas, os príncipes de terras vizinhas se divertiam. Foi o sumo pontífice Gnai-Kah o primeiro a avistar as sombras que desciam da lua crescente para o lago, e as perversas névoas verdes que se erguiam do lago de encontro à lua, para envolver, num sinistro nevoeiro, as torres e cúpulas da condenada Sarnath. Em seguida, os que estavam nas torres e fora das muralhas avistaram estranhas luzes sobre a água, e viram que a rocha cinzenta Akurion, que costumava se altear muito acima dela, perto da praia, estava quase submersa. E o medo foi crescendo vaga, mas rapidamente, até que os príncipes de Ilarnek e da distante Rokol desarmaram e dobraram suas tendas e pavilhões e partiram, embora mal soubessem o motivo de sua partida.

Então, perto da meia-noite, todos os portões de bronze de Sarnath se escancararam e despejaram uma multidão frenética que enegreceu a planície, pois todos os viajantes e príncipes visitantes fugiram espavoridos. Pois nas faces dessa multidão estava inscrita uma loucura nascida de um horror insuportável, e em suas línguas surgiam palavras tão terríveis que nenhum ouvinte parava para verificar. Homens com os olhos arregalados de pavor uivavam sobre a visão do interior do salão de banquete do rei, onde, através das janelas, não eram mais vistas as formas de Nargis-Hei e seus nobres e escravos, mas sim a de uma horda de indescritíveis criaturas verdes sem voz, de olhos saltados, lábios moles caídos e curiosas orelhas; criaturas que dançavam grotescamente segurando com as patas, as douradas travessas ornadas de rubis e diamantes abrigando misteriosas chamas. E os príncipes e viajantes, enquanto fugiam da condenada cidade de Sarnath sobre cavalos, camelos e elefantes, olharam novamente para o lago nevoento e viram a rocha

cinzenta de Akurion quase submersa. Por toda a terra de Mnar e regiões adjacentes, espalharam-se as histórias dos que haviam fugido de Sarnath, e as caravanas não mais procuraram aquela cidade amaldiçoada e seus preciosos metais. Passou-se muito tempo até alguns viajantes irem lá e, mesmo assim, apenas os destemidos e aventureiros jovens de cabelos amarelos e olhos azuis que não têm nenhum parentesco com a gente de Mnar. Esses homens foram realmente até o lago para observar Sarnath, mas embora tivessem encontrado o enorme lago estagnado e a rocha cinzenta de Akurion, que se alteia ao seu lado perto da praia, não avistaram a maravilha do mundo e o orgulho da humanidade. Onde antes se erguiam muralhas de trezentos cúbitos e torres ainda mais altas, estendia-se agora apenas a pantanosa praia, e onde antes viviam cinquenta milhões de pessoas, rastejava agora o odioso lagarto aquático. Nem mesmo as minas de metais preciosos existiam. A MALDIÇÃO chegara para Sarnath.

Mas vislumbrava-se, meio enterrado nos juncais, um curioso ídolo verde, um ídolo extremamente antigo cinzelado à imagem de Bokrug, o grande lagarto aquático. Dali em diante, aquele ídolo, colocado num relicário no alto templo de Ilamek, foi adorado durante a lua crescente por toda a terra de Mnar.



Do Além

HORRÍVEL, para além de qualquer concepção, foi a mudança por que passou meu melhor amigo, Crawford Tillinghast. Eu não o vira desde aquele dia, dois meses e meio antes, quando ele me falou da meta em direção à qual suas pesquisas físicas e metafísicas se encaminhavam e quando respondeu à minha demonstração de espanto e medo expulsando-me de seu laboratório e de sua casa num estouro de raiva fanática. Eu sabia que ele agora passava a maior parte do tempo fechado em seu laboratório no sótão com aquela maldita máquina elétrica, comendo pouco e afastado até dos próprios criados, mas não pensara que um período tão breve de dez semanas pusesse alterar e desfigurar de tal maneira uma criatura humana. Não há prazer em ver um homem garboso tornar-se magro de repente, e é pior ainda quando a pele flácida começa a amarelar ou a acinzentar, os olhos fundos, esgazeados, brilhando de modo sobrenatural, a testa enrugada e coberta de veias, e as mãos trêmulas e contorcidas. E se, adicionado a isso, houver um desalinho repulsivo, uma desordem louca do vestir, moitas de cabelos escuros esbranquiçados na raiz, e uma sombra de barba não aparada sobre um queixo que sempre fora cuidadosamente barbeado, o efeito cumulativo será chocante. Mas esse era o aspecto de Crawford Tillinghast na noite em que sua mensagem pouco coerente me trouxe até sua porta depois de semanas de exílio. Tal era o espectro que tremia enquanto me fazia entrar, uma vela na mão, a olhar furtivamente por sobre o ombro, como se receoso de coisas invisíveis na casa antiga e solitária, situada ao fundo da Benevolent Street.

Para Crawford Tillinghast, ter um dia estudado ciência ou filosofia fora um erro. São coisas que deveriam ser deixadas para o investigador impessoal e frio, pois oferecem duas alternativas

igualmente trágicas ao homem de sentimento e ação: desespero, se fracassa em sua busca, e terrores indizíveis e inimagináveis, se obtém sucesso. Tillinghast fora presa uma vez do fracasso, da reclusão e da melancolia; mas agora eu sabia, entre receios repelentes de minha parte, que ele era presa do sucesso. De fato, eu o tinha alertado, duas semanas antes, quando aventou, num ímpeto, a história do que estava prestes a descobrir. Tornara-se vermelho e excitado, falando num tom de voz muito alto e antinatural, embora sempre pedante.

"O que sabemos", ele dissera, "sobre o mundo e o universo ao nosso redor? Nossos meios de receber impressões são absurdamente escassos, e nossas noções dos objetos que nos cercam são infinitamente estreitas. Vemos as coisas somente na medida em que somos construídos para vê-las e não podemos fazer ideia alguma de sua natureza absoluta. Com cinco débeis sentidos, queremos compreender o cosmos ilimitadamente complexo, enquanto outros seres, com uma gama de sentidos diferente, mais ampla ou mais possante, não apenas poderiam ver de modo
diferente as coisas que vemos, como também ver e estudar mundos inteiros de matéria, energia e vida que jazem próximos de nós, mas que não podem ser detectados com os sentidos que temos. Sempre acreditei que tais mundos estranhos e inacessíveis existem colados aos nossos cotovelos, *e agora creio que encontrei um modo de romper as barreiras*. Não estou blefando. Dentro de vinte e quatro horas aquela máquina sobre a mesa gerará ondas que agirão sobre órgãos ignorados de sentidos que existem em nós como vestígios atrofiados ou rudimentares. Essas ondas abrirão para nós inúmeros panoramas desconhecidos do homem e muitos desconhecidos de qualquer coisa que consideramos como vida orgânica. Haveremos de ver aquilo para o qual os cachorros uivam na escuridão, aquilo para o qual os gatos levantam suas orelhas após a meia- noite. Veremos essas coisas e outras coisas que nenhuma criatura que respira jamais viu. Vamos saltar sobre o tempo, o espaço e as dimensões e, sem mover nossos corpos, espiar o fundo da criação."

Quando Tillinghast disse essas coisas, não disfarcei, pois conhecia-o bem o suficiente para ter muito mais receio do que admiração; mas ele era um fanático e expulsou-me da casa. Agora

ele não era menos fanático, mas seu desejo de falar sobrepujara o ressentimento, e ele me escrevera num tom imperativo, com uma caligrafia quase ilegível. Quando penetrei na casa desse amigo tão subitamente metamorfoseado numa gárgula vacilante, infectou-me o terror que parecia espreitar em meio a todas as sombras. Era como se as palavras e crenças expressas dez semanas antes se encarnassem na escuridão que cercava o pequeno círculo de luz da vela, e senti-me mal diante da voz oca e alterada de meu anfitrião. Desejei que os criados estivessem por perto e não gostei quando ele disse que todos tinham deixado a casa havia três dias. Pareceu estranho que o velho Gregory, ao menos, pudesse desertar de seu senhor sem dizer isso a um amigo tão próximo como eu. Era ele que me dava toda a informação que tive sobre Tillinghast depois que, furioso, este me expulsou.

No entanto, logo obriguei meus medos a se subordinarem à minha curiosidade e fascinação. O que é que Crawford Tillinghast queria de mim agora eu podia até conjeturar, mas de que ele tinha algum segredo ou descoberta estupenda para revelar, disso eu não duvidava. Antes eu protestara contra sua perquirição indiscreta do impensável, e agora que ele evidentemente tivera algum tipo de sucesso eu quase compartilhava seu espírito, por mais terrível que pudesse ser o custo da vitória. Seguindo a luz vacilante da vela que a mão daquela paródia trêmula de homem segurava, subi em direção à escuridão vazia da casa. A eletricidade parecia ter sido desligada, e quando perguntei ao meu guia ele disse que era por um motivo definido.

"Seria demais... Eu não ousaria", ele continuava a murmurar. Notei em especial esse seu novo hábito de murmurar, pois não era do seu feitio falar sozinho. Entramos no laboratório no sótão, e observei aquela detestável máquina elétrica a cintilar com uma luminosidade doentia, sinistra, violeta. Estava conectada a uma potente bateria química, mas não parecia receber corrente, pois eu me lembrava de que em seu estágio experimental ela tinha roncado e ciciado quando posta em ação. Em resposta à minha pergunta, Tillinghast sussurrou que esse brilho permanente não era elétrico em nenhum sentido que eu pudesse entender.

Ele me fez sentar próximo à máquina, de modo que ela ficou à minha direita, e acionou um comutador que ficava por baixo de uma profusão de bulbos de vidro. Os estralejos usuais começaram, tornaram-se um gemido, e terminaram num rumor monótono e tão suave que dava impressão de retornarem ao silêncio. Entrementes a luminosidade aumentou, diminuiu, até assumir uma tonalidade pálida e inusitada ou uma mistura de cores que eu não poderia situar ou descrever. Tillinghast tinha estado a me observar, notando minha expressão de perplexidade.

"Sabe o que é isso?", murmurou, *"Isso é ultravioleta"*. E gargalhou ao ver a minha surpresa. "Pensou que o ultravioleta era invisível, e é - mas você pode vê-lo e a muitas outras coisas *agora.* Ouça-me! As ondas dessa coisa estão despertando em você mil sentidos adormecidos - sentidos que você herdou de éons de evolução, desde o estado dos elétrons errantes até o estado da humanidade orgânica. Eu vi a *verdade,* e pretendo mostrá-la a você. Faz ideia de como ela se parece? Vou dizê-lo a você." Aqui, Tillinghast se sentou também, de frente para mim, segurando sua vela e olhando-me perversamente nos olhos. "Seus órgãos sensórios existentes - ouvidos primeiro, suponho - captarão muitas das impressões, pois estão intimamente conectados com os órgãos adormecidos. Então haverá outros. Já ouviu falar da glândula pineal? Rio-me dos ingênuos endocrinologistas, pretensiosos e comparsas iludidos dos freudianos. Essa glândula é o órgão sensório por excelência - eu *o descobri.* É como uma visão, afinal, e transmite imagens visuais ao cérebro. Se você é normal, esse será o modo como você obterá a maior parte... Refiro-me à maior parte da evidência *do além*."

Olhei em volta o imenso sótão com a parede alta ao sul, obscuramente iluminada por raios que os olhos cotidianos não poderiam ver. Os cantos mais distantes eram pura sombra, e o lugar inteiro mergulhava numa irrealidade nevoenta que obscurecia sua natureza e convidava a imaginação ao simbolismo e à fantasmagoria. Durante o longo intervalo em que Tillingthast permaneceu em silêncio, tive um devaneio de estar num incrível e vasto templo de deuses há muito desaparecidos, num edifício vago de inúmeras colunas de pedra negra que se elevavam de um piso de lajes úmidas

até alturas de nuvens que ficavam para além da minha visão. A imagem me pareceu bastante vívida por algum tempo, mas gradualmente deu lugar a uma concepção mais horrível - aquela da solidão extrema e absoluta do espaço infinito, inescrutável e silencioso. Parecia haver um vazio e nada mais, e senti um medo infantil que me fez sacar do bolso junto ao peito um revólver que passei a carregar desde que fora assaltado em East Providence. Então, das mais distantes regiões do remoto, o *som* deslizou suavemente para dentro da existência. Era infinitamente débil, sutilmente vibrante, e inequivocamente musical, mas continha um não sei quê de indizivelmente selvagem que fazia com que o seu impacto parecesse uma tortura delicada de todo o meu corpo. Vieram-me sensações que eram como se alguém pisasse vidro moído no chão. Simultaneamente, desenvolveu-se alguma coisa como um sopro frio, que aparentemente passava por mim vindo do som distante. Enquanto, sem fôlego, aguardava, percebi que tanto o som quanto o vento estavam aumentando, o efeito assemelhando- se ao de ter sido atado a um par de trilhos no caminho de uma gigantesca locomotiva que se aproximasse. Comecei a falar a Tillinghast e, quando o fiz, todas as impressões incomuns se desvaneceram abruptamente. Vi apenas o homem, as máquinas cintilantes e o cômodo penumbroso. Tillinghast ria de um jeito repulsivo para o revólver que eu sacara quase inconscientemente, mas pela sua impressão compreendi que ele tinha visto e ouvido tanto quanto eu, se não muito mais. Murmurei o que eu tinha experimentado, e ele me instruiu para que permanecesse o mais quieto e receptivo possível.

"Não se mova", advertiu, "pois nesses raios *tanto podemos ver quanto ser vistos*. Eu lhe disse que os servos foram embora, mas não lhe disse *como*. Foi aquela governanta de cabeça dura; ela acendeu as luzes no térreo depois que eu avisei para não fazer isso, e os arames captaram vibrações empáticas. Deve ter sido amedrontador - pude ouvir os gritos daqui de cima, a despeito de tudo o que via e ouvia vindo de outra direção, e mais tarde foi pavoroso encontrar aqueles montes vazios de roupas por toda a casa. As roupas da senhora Updike estavam próximas do comutador de luz da sala - eis como eu soube que ela o fizera. Pegou-os a todos. Mas, desde que não nos

movamos, estamos razoavelmente seguros. Lembre-se de que estamos lidando com um mundo medonho no qual somos praticamente indefesos... *Fique quietof"*

O choque combinado da revelação e da intimação abrupta deu-me um tipo de paralisia, e no terror minha mente se abriu de novo para as impressões que vinham do que Tillinghast chamou de "*além*". Um vórtice de som e movimento me envolvia agora, imagens confusas surgindo diante de meus olhos. Eu via os contornos imprecisos do cômodo, mas de algum ponto do espaço parecia jorrar uma coluna fervilhante de formas irreconhecíveis ou de nuvens, penetrando no teto sólido num ponto adiante, à minha direita. Então vislumbrei o templo - como efeito novamente, mas desta vez os pilares subiam em direção a um oceano aéreo de luz, o qual despejava um raio de luz ofuscante por todo o caminho da coluna de nuvens que eu vira antes. Depois disso, a cena tornou-se quase inteiramente caleidoscópica, e na profusão de visões, sons e impressões sensoriais não identificadas, senti que estava prestes a me dissolver ou, de algum modo, a perder a forma sólida. De um determinado lance eu hei de me lembrar para sempre. Pareceu-me ter visto, por um instante, uma nesga de estranho céu noturno repleto de esferas cintilantes e rodopiantes, e quando desapareceu vi que os sóis brilhantes formavam uma constelação ou galáxia de forma definida, sendo essa forma o rosto distorcido de Crawford Tillinghast. Noutra ocasião, senti que as coisas imensas e animadas se arrastavam para além de mim e às vezes *caminhavam ou vogavam através do meu corpo supostamente sólido,* e pensei ter visto Tillinghast olhar para elas como se seus sentidos mais bem treinados pudessem captá- las visualmente. Lembrei-me do que ele dissera acerca da glândula pineal e me perguntei o que ele via com esse olho sobrenatural.

De súbito, senti-me também possuído por uma espécie de visão aumentada. Por cima e ao longo do caos luminoso e sombrio se elevava uma imagem que, embora vaga, continha elementos de consistência e permanência. Era de fato algo familiar, pois a parte incomum estava superposta à cena comum e terrestre, tal como uma imagem de cinema se pode projetar sobre a cortina pintada de um teatro. Vi o laboratório do sótão, a máquina elétrica e a forma indistinta de Tillinghast em frente a mim, mas de todo o espaço não

ocupado por objetos familiares sequer a menor porção estava vaga. Formas indescritíveis, vivas ou não, se misturavam numa desordem repulsiva, e perto de cada coisa conhecida havia mundos inteiros de entidades alienígenas e ignotas. Igualmente, parecia que todas as coisas conhecidas entravam na composição de outras coisas desconhecidas e vice-versa. Mais à frente, entre os objetos vivos, havia monstruosidades pretas, semelhantes a medusas, que estremeciam languidamente com as vibrações da máquina. Manifestavam-se numa profusão nauseante, e eu vi, para o meu horror, que se imbricavam, que eram semifluidas e capazes de passar através umas das outras e daquilo que conhecemos como sólidos. Essas coisas jamais paravam; antes: pareciam flutuar sempre com algum propósito maligno. Às vezes, davam mostras de devorar-se umas às outras, o atacante lançando-se sobre sua vítima e instantaneamente fazendo-a desaparecer de vista. Trêmulo, entendi o que tinha feito desaparecer os infelizes criados, e não podia expulsar a coisa de minha mente enquanto lutava para observar outras propriedades do mundo, há pouco tornado visível, que existe incógnito à nossa volta. Mas Tillinghast tinha estado a me observar e agora falava.

"Você as vê? Você as vê? Vê as coisas que flutuam e se precipitam à sua volta a cada momento de sua vida? Vê as criaturas que formam o que os homens chamam de ar puro e de céu azul? Não tive sucesso em romper a barreira, não mostrei a você mundos que os outros homens jamais chegaram a ver?" Ouvi seu grito através do horrível caos e olhei para a face selvagem que tão ofensivamente se colava à minha. Seus olhos eram poços de chamas e me fitavam com aquilo que - logo entendi - era apenas o mais profundo ódio. A máquina ronronava de maneira horrorosa.

"Pensa que essas coisas rastejantes arrebataram os criados? Tolo, são inofensivas! Mas os criados desapareceram, não é? Você tentou me impedir, você me desencorajou quando precisei de cada gota de incentivo que pudesse obter. Você teve medo da verdade cósmica, seu maldito covarde, mas agora eu o peguei! O que foi que levou os criados? O que os fez berrar tão alto?... Não sabe, hein? Logo, logo saberá. Olhe para mim - ouça o que eu digo. Supõe você que existem mesmo tais coisas como tempo e magnitude? Acredita mesmo que

existem tais coisas como forma e matéria? Eu lhe digo, você atingiu profundidades que o seu pequeno cérebro não pode conceber. Vi para além das fronteiras do infinito e arrastei demônios das estrelas... Conduzi as sombras que perambulam de mundo para mundo para semear a morte e a loucura... O espaço me pertence, está me ouvindo? As coisas estão à minha caça agora - as coisas que devoram e dissolvem -, mas eu sei como ludibriá-las. É a você que elas pegarão, como fizeram com os criados... Está tremendo, caro senhor? Eu lhe disse que era perigoso mover-se, coloquei-o a salvo dizendo que se mantivesse quieto - salvei-o para ter mais visões e para me ouvir. Se você tivesse se movido, eles já teriam se atirado sobre você há muito tempo. Não se preocupe, não vão *machucá-lo.* Não machucaram os criados - foi apenas *ver* que os fez berrar daquele jeito. Meus bichinhos não são bonitos, pois vêm de lugares onde os padrões estéticos são... *muito diferentes.* Eu quase os vi, mas soube como parar. Você é curioso? Sempre soube que você não era um cientista. Tremendo, hein? Tremendo de ansiedade para ver as últimas coisas que descobri. Por que não se move, então? Cansado? Bem, não se preocupe, amigo, *pois elas estão vindo*... Olhe, olhe, amaldiçoado, olhe... Está bem em cima do seu ombro esquerdo."

O que falta contar é bem pouco, e vocês talvez já tenham sabido por meio dos jornais. A polícia ouviu um tiro na velha casa de Tillinghast e nos encontrou lá - Tillinghast morto, e eu, inconsciente. Prenderam-me, porque o revólver estava em minha mão, mas soltaram-me dentro de três horas, pois descobriram que foi a apoplexia que acabou com Tillinghast e viram que meu tiro tinha sido disparado contra a máquina perversa que agora jaz irremediavelmente destroçada no chão do laboratório. Não contei muito do que vi, pois temi que o coronel ficasse cético, mas, pela descrição evasiva que dei, o médico me disse que, sem dúvida, eu tinha sido hipnotizado pelo louco vingativo e homicida.

Quem dera eu pudesse acreditar no médico. Seria bom para os meus nervos se eu pudesse pôr de lado o que agora tenho de pensar sobre o ar e o céu que me envolvem e que estão acima de mim. Nunca me sinto sozinho e confortável, e um senso horrível e arrepiante de perseguição às vezes me invade quando esmoreço. O que me impede de acreditar no médico é apenas este fato: que a

polícia nunca encontrou os corpos dos criados que, segundo dizem, Crawford Tillinghast assassinou.



A Estampa da Casa Maldita

OS AMANTES DO HORROR freqüentam sítios estranhos e remotos. Nada desejam senão as catacumbas dos Ptolomeus e os mausoléus esculpidos dos países de pesadelo. Sobem às torres enluaradas das ruínas de castelos dos Reno, descem negras escadarias, cobertas de teias de aranha, sob as pedras dispersas de esquecidas cidades da Ásia. A floresta encantada e a montanha inóspita são os seus santuários e eles se detêm longamente em torno dos sinistros monólitos de ilhas desabitadas. No entanto, o verdadeiro epicurista do horror, para quem uma desconhecida palpitação de inenarrável pavor constitui a finalidade maior e justificativa da existência, estima antes de tudo as fazendas antigas e solitárias do interior da Nova Inglaterra. Pois é ali que os soturnos elementos de força, solitude, grotesco e ignorância se combinam para moldar a quintessência do tétrico.

Dentre tudo quanto ali se vê, o mais hediondo serão as casinhas de madeira, sem pintura, distantes dos caminhos mais batidos, em geral agachadas sobre uma encosta úmida e relevosa ou encostada em algum gigantesco afloramento rochoso. Há duzentos e tantos anos estão ali encostadas ou agachadas, enquanto as lianas lançaram-se cada vez mais longe e as árvores incharam e se espalharam. Acham-se agora quase escondidas entre luxuriâncias desordenadas e verde e entre mortalhas guardiãs de sobras; mas as janelas de pequeninas vidraças ainda fitam o vazio chocantemente, como se pestanejassem num estupor de morte que repele a loucura ao embotarem as recordações de coisas indizíveis.

Em tais casas habitam gerações de gente estranha, pessoas como as quais o mundo nunca conheceu. Possuídos de uma convicção lúgubre e fanática que os exilou do convívio da espécie, seus ancestrais procuraram a liberdade no ermo. Ali, os filhos de uma raça conquistadora realmente floresceram livres das restrições de vizinhos, mas se submeteram, em intimidante cativeiro, aos funestos fantasmas de suas próprias mentes. Divorciados das luzes da civilização, o vigor desses puritanos voltou-se para canais singulares; e em seu isolamento, sua mórbida auto-repressão e na luta pela vida, travada com a Natureza inexorável, voltaram-lhe sombrias características furtivas, emanadas das profundezas pré-históricas de sua fria herança nórdica. Por necessidades práticas, e por filosofia severa, essas pessoas não eram bela em seus pecados. Conquanto errassem, como erram todos os mortais, eram forçados por seu rígido código a buscar, acima de tudo mais, o segredo: por isso, passaram a mostrar discernimento cada vez menor com relação ao que encobriam. Só as casas silenciosas, sonolentas e atentas das áreas mais rudes saberão dizer tudo quanto tem estado oculto desde os primeiros dias, mas não são comunicativas, repugnando-lhes afastar de si o topor que as ajuda esquecer. Tem-se às vezes a sensação de que seria um ato de misericórdia demolir essas casas, pois devem sonhar amiúde.

Foi a um prédio antigo como o que descrevi que fui levado numa tarde de novembro de 1896 por uma chuvarada tão fria e copiosa que qualquer abrigo era preferível a me deixar ensopar. Já fazia algum tempo que eu vinha viajando entre a gente do vale do Miskatonic, em busca de certos dados genealógicos; e a natureza remota, tortuosa e problemática de meu itinerário me convencera da conveniência de utilizar uma bicicleta, apesar de já ir adiantada a estação do ano. Agora eu me via numa estrada aparentemente abandonada, que eu escolhera como sendo o caminho mais rápido para Arkham, surpreendido pela tempestade num sítio distante de qualquer cidade, confrontando com nenhum outro refúgio, salvo a antiga e repulsiva edificação de madeira que piscava com janelas ramelosas entre dois gigantes ulmeiros desfolhados, junto ao sopé de um morro pedregoso. Embora estivesse longe dos restos de estrada onde eu me encontrava, ainda assim essa casa me impressionou

desfavoravelmente desde o momento em que lhe pus os olhos, Edifícios honestos e sadios não fitam os viajantes de modo tão ardiloso e sobrenatural, e em minhas pesquisas genealógicas se me haviam deparado lendas, velhas de um século, que me predispunham contra locais daquela espécie. Eis, porém, que a força dos elementos era bastante forte para superar meus escrúpulos, e não hesitei em dirigir minha máquina ladeira acima, rumo à porta cerrada que parecia a um só tempo tão sugestiva e tão reticente.

Por alguma razão eu tomara com pacífico que a casa estivesse abandonada. No entanto, ao me aproximar dela não tive tanta certeza, pois embora os caminhos que a ela levavam estivessem tomados pelas ervas daninhas, pareciam um pouco bem conservados demais pra indicar total deserção. Por conseguinte, ao invés de tentar invadir aquela habitação, bati à porta, sentindo, ao fazê-lo, uma inquietação que não poderia explicar. Enquanto esperava, de pé na laje áspera e musgosa diante da porta, lancei a vista para as janelas próximas e para as vidraças da que ficava por cima da porta, observando que, embora velhas, estralej antes e quase recobertas de poeira, não estavam quebradas. O prédio, portanto, devia ser habitado, apesar de seu isolamento e de seu ar de abandono. Contudo, minhas batidas não tiveram resposta, de modo que depois de repeti-las, experimentei a tranca enferrujada e verifiquei que a porta se abria. Havia no interior um pequeno vestíbulo, de cujas paredes caia o reboco, e lá de dentro vinha um odor fraco, mas particularmente nauseabundo. Entrei, carregando minha bicicleta, e fechei a porta. Diante de mim havia uma escada estreita, flanqueada por uma portinha que com toda probabilidade levava ao porão, enquanto que à esquerda e à direita havia outras portas, fechadas, de quartos no andar térreo.

Depois de encostar a bicicleta na parede, abri a porta da esquerda e entrei num pequeno aposento de teto baixo, baçamente iluminado por duas janelas poeirentas e mobiliado de maneira mais simples e tosca possível. Parecia ser uma espécie de sala de visitas, pois havia uma mesa e várias cadeiras, além de uma imensa lareira sobre a qual tiquetaqueava um relógio antigo, no rebordo. Eram pouquíssimos os livros e jornais, e na penumbra reinante não pude perceber de pronto os títulos. O que mais me impressionou foi a atmosfera uniforme de

arcaísmo exibida em todos os detalhes visíveis. Eu já verificara que a maioria das casas daquela região eram ricas em relíquias do passado, mas ali a antiguidade era curiosamente completa. Em todo aquele cômodo eu não podia enxergar um único objeto que fosse claramente posterior à Revolução. Fossem os aprestos menos humildes, o lugar seria o paraíso para um colecionador.

Enquanto eu examinava aquele singular aposento, senti crescer a aversão que me havia provocado o exterior soturno da casa. Eu não seria capaz de definir com exatidão o que temia ou o que me repugnava, mas alguma coisa em toda a atmosfera parecia lembrar uma era ímpia, uma crueza desagradável e segredos que deveriam ser olvidados. Eu me sentia pouco propenso a me sentar, e pus-me a vaguear, examinando os vários artigos que havia observado. O primeiro alvo de minha curiosidade foi um livro de porte médio que estava sobre a mesa e que exibia tamanho ar antediluviano que maravilhou-me contemplá-lo fora de um museu ou de uma biblioteca. Estava encadernado em couro, com guarnições de metal, e achava-se em excelente estado de conservação. Era o tipo de volume que não se esperaria encontrar em moradia tão primitiva. Quando o abri na folha de rosto, meu pasmo só se fez aumentar, pois constatei que se tratava de uma raridade: o relato de Pigafetta sobre a região do Congo, escrito em latim a partir das anotações do marinheiro Lopex e impresso em Frankfurt no ano de 1598. Eu já escutara várias referências a tal obra e às suas curiosas ilustrações, dos irmãos De Bry, e por isso esqueci momentaneamente minha ansiedade, empolgado pela ânsia de folhear aquele tomo. As gravuras eram de fato interessantes, desenhadas inteiramente com base na fantasia e em descrições infundadas, representando negros com pele branca e traços caucásicos; não teria fechado logo o livro se um fato extremamente banal não houvesse perturbado meus nervos fatigados e redespertado a minha sensação de inquietude. O que me incomodou foi simplesmente a maneira como o volume insistia em abrir-se, por si só, na Estampa XII, que mostrava em horrenda minúcia um açougue dos anziques, raça de canibais. Senti alguma vergonha por minha suscetibilidade a coisa tão comezinha, mas ainda assim o desenho me agitava, principalmente depois e eu

haver perscrutado alguns trechos próximos que descreviam a gastronomia dos anziques.

Eu voltara os olhos para uma prateleira próxima e estava a examinar seu escasso conteúdo literário - uma Bíblia do século XVIII, uma *Marcha do peregrino* mais ou menos da mesma época, ilustrada com grotescas xilografias e impressa pelo fabricante de almanaques Isaiah Thomas, o miolo meio podre da *Magnália Christi Americana,* de Cotton Mather e alguns outros livros que tinham evidentemente a mesma idade - quando tive a atenção despertada para o ruído inequívoco de passos no cômodo acima. Tomado de susto e sobressalto, tendo em vista a falta de resposta às minhas recentes batidas à porta, concluí logo em seguida que o caminhante acabava de despertar de um sono profundo, e percebi, com menos surpresa, que os passos soavam agora na escada rangente. As passadas eram pesadas, mas parecia, encerrar um curioso caráter de cautela, um caráter que mais me desagradava na medida em que o pisar era forte. Ao entrar no cômodo, eu fechara a porta de entrada. Agora, após um momento de silêncio durante o qual o caminhante devia estar inspecionando minha bicicleta, no vestíbulo, ouvi mexerem na tranca e vi a porta almofadada abrir- se novamente.

Havia no portal uma pessoa de aspecto tão singular que eu haveria emitido uma exclamação sonora, se não fossem as restrições impostas pelas boas maneiras. Alto, de barbas brancas e esfarrapado, meu anfitrião possuía uma fisionomia e u porte que inspirava, ao mesmo tempo, estupefação e respeito. Sua estatura não seria inferior a um metro e oitenta, e apesar de um ar geral de velhice e pobreza, era forte e enérgico. Seu rosto, quase oculto por uma barba que lhe subia até os olhos, parecia anormalmente rubicunda e menos enrugada do que se poderia esperar. Sobre a testa alta lhe caía uma mecha de cabelos brancos que os anos não haviam debastado muito. Os olhos azuis, conquanto ligeiramente injetados, pareciam inexplicavelmente argutos e perspicazes. Não fosse seu terrível desalinho, o homem teria um ar de distinção, a igualar-lhe a imponência. Seu desleixo, não obstante, tornava-o desagradável, a despeito do rosto e do porte. Ser-me-ia difícil dizer em que consistia seus trajes pois a mim se afiguravam compor-se tão somente de um

acúmulo de trapos encimando um par de botas altas e pesadas; e sua falta de higiene era indescritível.

A aparição daquele homem, bom como o medo instintivo que inspirava, prepararam-me para algo como que hostilidade, de modo que quase estremeci, por surpresa e uma sensação de fantástica incongruência, quando ele me apontou uma cadeira e dirigiu-se a mim com uma voz débil e trêmula, cheia de lisonjeante respeito e hospitalidade aduladora. Sua fala era curiosíssima, uma forma extrema de dialeto ianque que eu julgara extinto havia muito tempo. E eu observei atentamente quando ele se sentou diante de mim para conversar.

— Fostes surpreendido pela torrente, pois não? — saldou-me ele. — Agrada-me que estivésseis nas proximidades da casa e tivésseis o senso de entrar. Por certo eu estava a dormir, senão vou teria escutado... já não sou jovem como dantes, e hoje em dia fazem-me falta muitas horas de sono de dia. Estais de viagem? Não são muitos os que vejo percorrerem essa estrada, desde que retiraram a diligência de Arkham.

Respondi que estava de viagem a Arkham, e desculpei-me por invadir de modo tão rude o seu domicílio, ao que ele prosseguiu:

— Estou contente por ver-vos, meu senhor... são raras as caras novas por aqui e não tenho muito de que me ocupar nos dias que correm. Deveis ser de Boston. Acerto? Jamais estive lá, mas conheço os homens da cidade... tivemos aqui um, que era mestre-escola, em oitenta e quatro, mas ele partiu de repente e nunca mais tivemos notícias dele... — Neste Ponto o ancião soltou uma espécie de risadinha, e não deu explicações quando o interroguei. Parecia estar tomado de um extremo bom humor, embora revelasse aquelas excentricidades que se poderiam adivinhar num homem tão idoso. Durante algum tempo, tagarelou com uma candura quase febricitante, até me ocorrer indagar-lhe como viera a ser possuidor de uma obra rara como *Regnum Congo,* de Pigafetta. Eu ainda estava sobre a influência do efeito que aquele livro me causara, e sentia uma certa hesitação em me referir a ele, porém a curiosidade suplantou todos os receios vagos que vinham acumulando-se continuamente desde que eu avistara aquela casa. Para meu alívio, a

pergunta não pareceu ser desastrada, pois o ancião respondeu-a de bom grado e longamente.

— Ah, esse livro africano? O capitão Ebenezer Holt vendeu-mo em sessenta e oito... morreu na guerra, ele. — Alguma coisa naquele nome — Ebenezer Holt — fez com que eu erguesse rapidamente os olhos. Eu o encontrara em minha investigação genealógica, mas em nenhum registro, desde a Revolução, ele aparecia. Fiquei a imaginar se meu anfitrião não me poderia auxiliar na tarefa em que eu me aplicava e resolvi inquiri-lo a respeito mais tarde. Ele continuou a falar.

— Ebenezer comandou um navio mercante de Salem durante anos a fio, e coletou grande número de coisas estranhas, em todos os portos que tocava. Conseguiu isto em Londres, creio eu... gostava de comprar coisas nas lojas. De certa feita estive em sua casa, no morro, para negociar cavalos, e avistei este livro. Apreciei as gravuras, e por isso ele deixou que eu ficasse com ele, numa troca. É um livro estranho... com licença, vou pegar meus óculos... — O velho meteu as mãos sujas entre seus farrapos, tirando do meio deles um par de óculos sujos e espantosamente antigos, com pequeninas lentes octogonais e aros de aço. Acavalou-os no nariz, pegou o volume sobre a mesa e virou as páginas com carinho.

— Ebenezer sabia ler um pouco isto... é latim... mas eu não sei. Pedi a dois ou três mestres- escolas que lessem um bocado pra mim, e também ao pastor Clark, dizem que ele se afogou na lagoa...podeis entender o que diz? Respondi-lhe que sim e traduzi para ele um parágrafo perto do começo. Se me enganei num ponto ou outro, ele não era suficientemente douto para me corrigir. Deu mostras de um entusiasmo infantil por minha versão. Sua proximidade tornava-se um tanto aborrecida, mas eu não via meio de fugir dali sem me ofender. Divertia-me satisfação infantil daquele velho ignorante pelas gravuras de um livro que ele não sabia ler, e comecei a imaginar se ele saberia ler os diversos livros em inglês que havia no cômodo. Essa mostra de ingenuidade dissipou grande parte da indefinida apreensão que eu havia sentido, e pus-me a sorrir enquanto meu anfitrião continuava a falar:

— Estranho como gravuras num livro podem fazer uma pessoa pensar. Você está aqui. Já viste árvores como essas, com grandes

folhas balançando pra cima e pra baixo? E esses homens... não podem ser negros... são o que há de melhor no livro. Semelham índios, acho, muito embora sejam africanos. Alguns deles têm figura de macacos, ou metade macacos, metade homens, mas nunca ouvi falar em coisa semelhante a isto. — Neste ponto ele apontou uma criação fabulosa do artista, que poderia descrever como uma espécie de dragão com cabeça de crocodilo.

— Mas agora vou mostrar-vos o melhor... aqui, perto do centro... — A voz do ancião se tornou um pouco mais espessa e seus olhos ganharam um brilho mais intenso. Mas suas mãos inquietas, embora aparentemente mais desajeitadas do que antes, mostraram-se de todo adequadas à sua missão. O livro abriu, quase que por vontade própria e como que devido a freqüentes consultas àquele ponto, na repulsiva Estampa XII, que representava um açougue dos canibais anziques. Minha sensação de inquietação voltou, embora não a demonstrasse. O que havia de mais bizarro era que o artista havia feito os africanos semelhantes a brancos. Os membros e quartos pendurados pelas paredes do açougue eram hediondos, ao passo que o açougueiro, com seu machado, era horripilantemente incongruente. Entretanto, meu anfitrião parecia deleitar-se com a imagem, tanto quanto eu a abominava.

— Que pensais disto? Nunca vistes nada assim em nossas bandas, certo? Quando vi isto, eu disse a Eb Holt: "Eis uma coisa que agita a alma e faz o sangue correr mais forte". Quando lia nas Escrituras sobre mortandades - como a passagem da morte dos nidianitas - eu refletia sobre aquilo, mas não fazia imagem do que fosse. Mas aqui uma pessoa é capaz de ver tudo quanto existe... creio que se trate de um pecado, mas não é verdade que nascemos, todos nós, e vivemos em pecado? Esse camarada aqui sendo cortado em pedaços... sinto um calafrio toda vez que olho...não consigo ficar muito tempo sem olhar... Vedes onde o carniceiro lhe cortou os pés? Vede ali a cabeça na mesa, com um braço a seu lado, enquanto o outro braço está do outro lado do bloco de magarefe.

Enquanto o homem prosseguia com sua falação, tomado de chocante êxtase, a expressão de seu rosto piloso se tornava indescritível, porém sua voz antes se fazia mais grave que mais alta. Quanto às minhas próprias sensações, mal posso exprimi-las. Todo o

terror que eu antes sentira vagamente se avolumou de maneira ativa e vívida, e percebi que detestava a velha e repugnante criatura, tão próxima a mim, com uma intensidade infinita. Que ele era louco, ou pelo menos mentalmente perturbado, parecia fora de dúvida. Agora ele quase sussurrava, com uma rouquidão mais terrível do que um grito, e eu tremia ao escutá-lo.

— Como eu digo, é estranho como as gravuras fazem uma pessoa pensar. Sabeis, senhor, sou especialmente afeiçoado a esta aqui. Quando obtive esse livro com Eb, eu costumava examiná- lo freqüentemente, sobretudo depois de haver escutado o pastor Clark pregar seu sermão aos domingos, com aquela sua enorme peruca. Certa vez, fiz uma coisa engraçada... ora, senhor, não há razão para sustos... tudo que fiz foi olhar a gravura antes de matar os carneiros para levá-los ao mercado... matar carneiros ficava muito mais divertido depois de olhar... — A voz do ancião tornou-se agora muito baixa, a ponto se suas palavras ficarem quase inaudíveis. Eu escutava a chuva e o matraquear das vidraças sujas, atentando para o som surdo de uma trovoada, bastante inusitada naquela estação. Em certo momento, um clarão e um estrépto medonho sacudiram a frágil casa até os alicerces, mas o homem sussurrava sem parecer notar nada.

— Matar carneiros era bem mais divertido... mas, sabeis? Não era tão *satisfatório*. É estranho como uma ânsia toma conta de uma pessoa... Por amor a Deus, jovem, não conteis isso a ninguém, mas juro pelo Todo Poderoso que aquela gravura começou a me provocar *fome de mantimentos que eu não podia criar nem comprar*... ora, senhor, acalmai-vos, o que vos agita?... Nada fiz, apenas ficava a imaginar como seria se eu *fizesse*... Dizem que a carne dá sangue e músculos, que dá vida nova, de modo que eu imaginava se ela não faria um homem viver cada vez mais, se fosse *mais igual*... — O sussurro cessou aqui. A interrupção não foi causada por meu susto, nem pela borrasca que aumentava rapidamente e em meio de cuja fúria eu daí a pouco abriria os olhos numa solidão fumegante de ruínas enegrecidas. Foi motivada por um fato bastante simples, ainda que um tanto insólito.

O livro estava aberto diante de nós, com a gravura voltada repulsivamente para cima. Quando o velho murmurou as palavras

"mais igual", ouviu-se um leve impacto de líquido e alguma coisa apareceu no papel amarelado. Pensei na chuva e num teto com goteiras, mas a água da chuva não é vermelha. No abatedouro dos canibais anziques, uma gotícula vermelha luzia pitorescamente, emprestando autenticidade ao horror da gravura. O velho a viu e parou de sussurrar antes mesmo que minha expressão de horror o tornasse necessário. Viu-a e dirigiu o olhar rapidamente para o assoalho do outro quarto de onde saíra uma hora antes. Acompanhei seu olhar e contemplei, pouco acima de nós, no reboco solto do velho teto, uma grande mancha irregular de escarlate úmido, que parecia espalhar-se diante de nosso olhar. Não gritei nem me mexi, mas apenas fechei os olhos. Um instante depois, seguiu-se o mais titânico de todos os raios, esmagando aquela casa maldita de segredos impronunciáveis e trazendo consigo o esquecimento, a única coisa capaz de salvar minha mente.



O Horror Em Martins Beach

EU NUNCA OUVI uma explicação mesmo aproximadamente adequada sobre o horror na Praia do Martin. Apesar do grande número de testemunhas, nenhum dos relatos coincide; e os depoimentos colhidos pelas autoridades locais contêm as mais impressionantes discrepâncias.

Talvez esta falta de clareza seja natural em vista da característica até então jamais vista do próprio horror, o quase paralítico terror de todos que o vimos, e os esforços feitos pelo elegante Wavecrest Inn para abafá-lo após a publicidade criada pelo artigo do Prof. Ahon "São os Poderes Hipnóticos Restritos à Humanidade Conhecida?"

Contra todos esses obstáculos estou lutando para apresentar uma versão coerente; pois eu testemunhei a repulsiva ocorrência e acredito que ela deva ser conhecida tendo em vista as revoltantes possibilidades que sugere. A Praia do Martin é novamente popular como local de banho, mas tremo ao pensar nisso. De fato, não posso de forma alguma olhar para o oceano sem tremer.

Destino nem sempre é desprovido do sentido de drama e clímax, por isso o terrível acontecimento de 8 de agosto de 1922 se seguiu rapidamente a um período de agradável excitamento de menor proporção cheio de positiva surpresa na Praia do Martin. Em 17 de maio a tripulação do barco de pesca Alma de Gloucester, sob o Cap. James P. Orne, matou, após uma batalha de quase quarenta horas, um monstro marinho cujo tamanho e aspecto produziram a maior agitação possível nos círculos científicos e fez certos naturalistas de Boston tomar todas as precauções para sua preservação taxidérmica.

O alvo tinha cerca de 15 metros de comprimento, de formato aproximadamente cilíndrico, e cerca de 3 metros de diâmetro. Era sem sombra de dúvida um peixe branquiado de uma das grandes subdivisões; mas com certas modificações curiosas tais como pernas dianteiras rudimentares e pés com seis dedos no lugar das nadadeiras peitorais, os quais provocaram as mais amplas especulações. Sua boca extraordinária, sua pele grossa e escamosa, e seu olho único e profundo eram assombros apenas pouco menos singulares do que suas dimensões colossais; e quando os naturalistas o definiram como um organismo infante, que não poderia ter sido chocado há mais do que uns poucos dias, o interesse público se elevou a níveis extraordinários.

Cap. Orne, com típica astúcia Ianque, obteve um barco grande o suficiente para conter o objeto em seu casco, e organizou uma exibição de seu prêmio. Com cuidadosa carpintaria ele preparou o equivalente de um excelente museu marinho, e, navegando para o sul para a rica região de recreação da Praia do Martin, ancorou no píer do hotel e colheu uma safra de entradas.

A intrínseca fantasticidade do objeto, e a importância que ele claramente possuía na opinião de muitos visitantes científicos de perto e de longe, se combinaram para torná-lo a sensação da temporada. Que era absolutamente único - único a um grau cientificamente revolucionário - era bem compreendido. Os naturalistas haviam mostrado claramente que era radicalmente diferente dos similarmente imensos peixes capturados na costa da Flórida; que, mesmo obviamente sendo um habitante das mais incríveis profundezas, talvez centenas de metros, seu cérebro e principais órgãos indicavam um desenvolvimento surpreendentemente vasto, e fora de proporção com qualquer coisa até então associada com o grupo dos peixes.

Na manhã de 20 de julho a sensação foi ampliada pela perda do navio e seu estranho tesouro. Na tempestade da noite anterior ele partiu suas amarras e sumiu para sempre da vista do homem, carregando consigo o vigia que havia dormido a bordo apesar do tempo ameaçador. Cap. Orne, apoiado por amplos interesses científicos e auxiliado por um grande número de barcos de pesca de Gloucester, fez uma extensa e exaustiva busca, mas sem resultados

além de incitar interesse e discussão. Em 7 de agosto a esperança foi abandonada e o Cap. Orne retornou para Wavecrest Inn para finalizar seus negócios na Praia de Martin e deliberar com certos cientistas que ali permaneceram. O horror chegou em 8 de agosto.

Era crepúsculo, quando gaivotas cinzentas dardejavam baixo sobre a praia e uma lua nascente começou a fazer um caminho brilhante nas águas. É importante relembrar a cena, pois cada impressão conta. Na praia estavam várias pessoas caminhando e alguns banhistas tardios; grupos da distante colônia de chalés que se erguia modestamente em uma colina verdejante ao norte, ou do adjacente Inn situado no topo do penhasco cujas imponentes torres proclamavam sua dedicação à riqueza e à suntuosidade.

Confortavelmente dentro do limite visual estava outro grupo de espectadores, os freqüentadores da varanda com teto alto e iluminada por lanterna do Inn, que pareciam estar aproveitando a música dançante do suntuoso salão interno de danças. Estes espectadores, que incluíam o Cap. Orne e seu grupo de conferencistas científicos, se uniram ao grupo da praia antes do horror ter progredido muito; assim como muitos outros do Inn. Certamente não havia falta de testemunhas, apesar de suas histórias serem confusas devido ao medo e à dúvida quanto ao que viram.

Não há registro exato do momento onde a coisa começou, embora a maioria diga que a lua completamente redonda estava "cerca de um pé" acima dos vapores baixios do horizonte. Eles mencionam a lua porque o que eles viram pareceu sutilmente conectado com ela - uma espécie de dissimulada, deliberada e ameaçadora ondulação que partiu do horizonte distante junto com a luminosa trilha de raios da lua refletidos, mas que pareceu arreferecer antes de alcançar a praia.

Muito não notaram esta ondulação até serem relembrados por eventos posteriores; mas ela parece ter sido bastante destacada, diferindo em altura e movimento das ondas normais ao redor dela. Algumas a chamaram de enganadora e calculada. E quando ela se desfez habilmente nos recifes negros ao longe, repentinamente veio jorrando das brilhantes linhas da água do mar um grito de morte; um rugido de angústia e desespero que provocaram comiseração mesmo quando apenas imitado.

Os primeiros a responder ao grito foram os dois salva-vidas que estavam em serviço; uns tipos vigorosos em trajes de banho brancos, com suas ocupações escritas em grandes letras vermelhas cruzando o peito. Mesmo acostumados como eram ao trabalho de resgate e aos gritos dos que se afogavam, eles não identificaram nada de familiar no sobrenatural lamento; mesmo assim devido ao senso de dever treinado eles ignoraram a estranheza e continuaram a seguir seu procedimento usual.

Rapidamente pegando uma bóia inflável, a qual com seu rolo de corda estava sempre à mão, um deles correu rapidamente pela praia até a cena onde a multidão se acumulava; então, após girá- la para ganhar momento, ele lançou o disco oco longe na direção da qual o som havia vindo. Enquanto a bóia desaparecia nas ondas, a multidão aguardava com curiosidade um sinal do desafortunado ser cujo sofrimento havia sido tão grande; ávidos por ver o regaste feito pela massiva corda.

Mas logo se percebeu que o resgate não seria um assunto rápido ou fácil; pois, puxando a corda o quanto podiam, os dois musculosos salva-vidas não podiam mover o objeto no outro lado. Ao contrário, eles se depararam com o objeto puxando com força igual ou mesmo maior no sentido exatamente oposto, até que em poucos segundos eles foram arrastados para dentro da água pelo estranho poder que havia se apossado do ofertado flutuador.

Um deles, se recuperando, imediatamente pediu ajuda para a multidão na praia, para quem atirou o restante do rolo de corda; e rapidamente os salva-vidas estavam auxiliados por todos os homens mais vigorosos, dentre os quais o Cap. Orne era o primeiro. Mais de uma dúzia de fortes mãos estavam então puxando vigorosamente a sólida linha, mas ainda sem qualquer resultado.

Quanto mais vigorosamente puxavam a estranha força na outra ponta puxava com ainda mais vigor; e uma vez que nenhum dos lados relaxava por nenhum instante, a corda se tornou rígido como aço com a enorme tensão. Os empenhados participantes, assim como os espectadores, estavam a este tempo consumidos pela curiosidade sobre a força no mar. A ideia de que era um homem se afogando há muito havia sido descartada; e sugestões de baleias, submarinos, monstros e demônios agora circulavam livremente. Onde

inicialmente a compaixão havia levado os resgatantes, agora o assombro os mantinha na tarefa; e eles puxavam com feroz determinação para descobrir o mistério.

Tendo finalmente sido decidido que uma baleia devia ter engolido a bóia inflável, Cap. Orne, sendo um líder natural, gritou para aqueles na praia que um barco deveria ser obtido para a aproximação, arpoar e trazer à terra o invisível leviatã. Vários homens imediatamente se prepararam para se dispersaram em busca de uma embarcação apropriada, enquanto outros foram substituir o capitão na corda tensionada, uma vez que o lugar do mesmo logicamente era com qualquer tripulação que pudesse vir a ser formada. A ideia do capitão da situação era bastante ampla e de forma alguma limitada a baleias, uma vez que ele teve que lidar com um monstro muito mais estranho. Ele se perguntava quais seriam os atos e manifestações de um adulto da espécie da qual a criatura de quinze metros tinha sido o menor dos infantes.

E então se passou com chocante rapidez o fato crucial que mudou toda a cena de assombro para horror e paralisou de terror o grupo reunido de esforçados puxadores e observadores. Cap. Orne, se preparando para abandonar seu posto na corda, descobriu suas mãos presas no lugar por uma força inexplicável; e rapidamente ele percebeu que estava incapaz de largar a corda. Sua desafortunada situação foi instantaneamente percebida e assim que cada um de seus companheiros testou sua própria situação a mesma condição foi encontrada. O fato não podia ser negado - cada um dos puxadores estava irresistivelmente preso em algum misteriosa subjeção à linha fibrosa que estava lentamente, repulsivamente e implacavelmente os puxando para o mar.

Um horror silencioso se seguiu; um horror no qual os espectadores estavam petrificados à completa inação e caos mental. Suas completas desmoralizações estão refletidas nos relatos conflitantes que eles dão, e nas embaraçadas desculpas que dão para suas aparentemente insensíveis inércias. Eu era um deles, e sei.

Mesmo os puxadores, após alguns poucos gritos frenéticos e gemidos fúteis, sucumbiram à paralisante influência e se mantiveram silenciosos e fatalistas em face aos poderes desconhecidos. Lá permaneceram sob o pálido luar, cegamente

puxando contra um terrível destino espectral e sacudindo monotonamente para frente e para trás enquanto a água subia inicialmente para seus joelhos e depois para seus quadris. A lua se ocultou parcialmente atrás de uma nuvem, e na meia luz a linha de homens sacudindo lembrava uma centopéia sinistra e gigantesca, se contorcendo nas garras de uma morte terrível e rastejante.

Mais e mais tensa a corda se tornou, enquanto a puxada em ambas as direções aumentava, e os filamentos inchavam empapados nas ondas crescentes. Lentamente a maré avançou até que as areias até pouco populadas por crianças rindo e amantes sussurrantes estivessem engolidas pelo fluxo inexorável. O bando de observadores em pânico se movia abruptamente para trás quando a água subia acima de seus pés, enquanto a terrível linha de puxadores repulsivamente continuava a sacudir, meio submersa, e agora a uma distância substancial de sua audiência. Silêncio era completo.

O público, tendo-se amontoado em um local além do alcance da maré, observava em muda fascinação; sem oferecer uma palavra de conselho ou encorajamento, ou tentar qualquer tipo de assistência. Havia no ar um medo pesadêlico medo de males iminentes tais como o mundo nunca antes tomara conhecimento.

Minutos pareciam se alongar em horas, e aquela cobra humana de torsos se agitando ritmicamente continuava a ser vista acima da maré que aumentava rapidamente. Ritmicamente ondulava; lentamente, horrivelmente, com a marca da fatalidade sobre ela. Nuvens mais densas agora passavam em frente á lua ascendente, e o caminho brilhante nas águas quase desapareceu.

Bastante indistintamente se contorcia a linha serpentina de cabeças ondulantes, e de quando em quando a lívida face de umas das vítimas olhando para trás brilhando pálida na escuridão. Mais e mais rápido se acumulava as nuvens, até que eventualmente suas raivosas fissuras lançaram abaixo línguas afiadas de uma chama febril. Trovões ressoaram, suavemente de início, mas logo aumentando para uma intensidade ensurdecedora, enlouquecedora. Então veio um estrondo culminante - um choque cujas reverberações pareceram estremecer tanto terra quanto mar - e em seu encalço uma tempestade cuja encharcante violência sobrepujou o mundo

escurecido como se o próprio céu se tivesse aberto para verter uma torrente vingativa.

Os espectadores, agindo instintivamente apesar da ausência de um pensamento consciente e coerente, agora recuavam pelos degraus do penhasco subindo para a varanda do hotel. Rumores haviam chegado dentro aos hóspedes, de forma que os refugiados encontraram um estado de terror quase igual ao deles mesmos. Eu acho que umas poucas palavras aterrorizadas foram proferidas, mas não estou certo.

Alguns, que já estavam hospedados no Inn, se retiraram aterrorizados para seus quartos; enquanto outros permaneciam para observar as vítimas rapidamente se afogando enquanto as cabeças flutuantes apareciam por sobre as ondas ascendentes durante os irregulares clarões dos raios. Eu lembro pensar sobre essas cabeças, e os protuberantes olhos que deveriam conter; olhos que bem poderiam refletir todo o terror, pânico e delírio de um universo maligno - toda tristeza, pecado e miséria, as abomináveis esperanças e desejos irrealizados, medo, repugnância e angústia das eras desde o começo dos tempos; olhos iluminados com dor capaz romper-almas originada de infernos eternamente em chamas.

E quando eu olhei além das cabeças, minha imaginação conjurou ainda outro olho; um olho único, igualmente iluminado, mas com um propósito tão revoltante para meu cérebro que a visão logo passou. Presa nas garras de um torno mecânico invisível, a linha dos condenados se arrastava; seus gritos silenciosos e orações não ditas ouvidos apenas pelos demônios das ondas negras e o vento noturno.

Então irrompeu do céu enfurecido tal cataclismo louco de sons satânicos que mesmo o estrondo precedente pareceu diminuído. Em meio a um brilho cegante de fogo descendente a voz do céu ressoou com as blasfêmias do inferno, e a agonia unida de todos os condenados do inferno reverberou em um apocalíptico, carrilhão rompe-mundo de Ciclópico alarido. Foi o fim da tempestade, pois com impressionante rapidez a chuva cessou e a lua mais uma vez lançou seus raios pálidos em um mar estranhamente silenciado.

Não havia mais uma linha de cabeças flutuantes. As águas estavam calmas e vazias, e agitadas apenas pelas mitigantes ondulações do que parecia ter sido um rodamoinho distante no

caminho da luz do luar de onde o estranho grito veio pela primeira vez. Mas enquanto eu olhava ao longo da traiçoeira via de brilho prateado, com a imaginação em frenesi e sentidos super excitados, então gotejou em meus ouvidos provindo de alguma vastidão abismal submersa os débeis e sinistros ecos de uma gargalhada.



Oceano Noturno

NÃO FUI À PRAIA DE ELLSTON só pelo prazer de sol-e-mar mas pra recuperar uma mente cansada. Considerando que não conheci alguém na pequena cidade, que só prospera com a chegada dos veranistas em férias e fica deserta durante a maior parte do ano, parecia garantido eu não ser perturbado. Isso me agradou porque eu não queria ver algo além da arrebentação das ondas e da extensão da praia durante minha estada temporária.

Meu longo trabalho de veraneio terminou quando deixei a cidade e o grande desenho mural inspirado nela entrara no concurso. Levei o ano todo pra terminar a pintura. Quando limpei a última escova não mais relutava cuidar da saúde e dormir um pouco. Realmente, durante a semana na praia só me lembrava de vez em quando do trabalho cujo êxito há pouco parecia essencial. Ali não havia mais a velha preocupação com a complexidade de miríades de matizes e ornamentos nem a desconfiança quanto a minha habilidade em interpretar a imagem mental, a transformando, por minha própria habilidade com o jogo de contraste, no rascunho cuidadoso dum esboço. Mas o que depois me aconteceu na orla deserta só pode ter brotado numa constituição mental inquieta por medo e desconfiança. Porque sempre fui investigador, sonhador e perspicaz em perscrutar e imaginar. E quem pode dizer que uma natureza assim não abre latentes olhos sensitivos a ignotos mundos e leis naturais?

Agora, estou tentando contar o que vi, estou consciente de mil limitações alienantes. Coisas sentidas pela visão interior, como as visões flamejantes que vêm quando vagamos na vacuidade do sono, nos são mais vívidas e significativas do que quando as tentamos

associar à realidade. Transcrevas um sonho e ele se desbotará. A tinta com a qual escrevemos parece diluir a base de realidade e por isso não conseguimos delinear a incrível lembrança. É como se nossos egos, separados dos laços objetivos do cotidiano, se divertissem com emoções aprisionadas que são apressadamente abafadas quando as traduzimos. Em sonhos e visões consistem as maiores criações humanas, pois independem de linha ou matiz. Cenas esquecidas e terras mais obscuras que o mundo dourado infantil pululam na mente dormente, reinando até o despertar os derrotar. Entre eles algo pode ser atingido para glória e satisfação de nossos desejos. Algumas imagens de beleza acentuada, suspeitadas, mas ainda veladas, que nos são como o Graal à mentalidade mística do mundo medieval. Amoldar estas coisas na roda da arte, buscar algum troféu desbotado daquele reino intangível de sombra e diafanidade, requer tanto habilidade quanto memória. Embora os sonhos estejam em todos nós algumas mãos podem pegar essas asas de mariposa sem rasgar.

Habilidade que esta narrativa não tem. Se eu pudesse revelaria os eventos indicados que percebi vagamente, como quem perscruta num reino de penumbra e silhuetas fugazes de movimento oculto. Em meu painel que então se estende, com uma multidão de outros, no edifício ao qual foram planejados, eu me esforçara pra achar uma pista desse mundo-sombra igualmente enganoso e talvez tivera mais sucesso do que terei agora. Minha permanência em Ellston era pra esperar o julgamento do concurso. E quando me deram não sei quantos dias de lazer, me deixando na expectativa, descobri que, apesar dessas fraquezas, que um criador sempre descobre claramente, eu conseguira realmente delinear e colorir alguns fragmentos arrebatados do mundo infinito da imaginação. As dificuldades do processo e a tensão resultante minaram minha saúde e me trouxeram à praia durante esse período de espera. Querendo ficar completamente só, aluguei, pra delícia do dono, incrédulo, um casebre a pouca distância da aldeia de Ellston, que, por causa da estação minguante, estava viva, com um agonizante alvoroço de turista, igualmente desinteressante pra mim. A casa, apesar de escurecida pela maresia, não fora pintada. Não era como um satélite da aldeia, mas balançava embaixo dela, na costa, como um pêndulo

sob um relógio imóvel, solitária numa colina de matagal sobre a areia. Como um solitário animal de estimação sentado diante do mar, suas janelas sujas e inescrutáveis descortinavam um enorme reino só de terra, céu e mar. Não requer muita imaginação uma narrativa cujos fatos podem ser ampliados e dispostos num mosaico. Pode parecer estranho, mas achei que a pequena casa se sentia solitária quando a vi. E gostou de mim. Tinha consciência de sua natureza insignificante diante do grande mar. Parti no final de agosto e cheguei um dia antes do esperado, encontrando um furgão e dois carregadores que descarregaram a mobília, comandados pelo dono. Sem saber quanto tempo eu ficaria, quando o furgão partira fiz minha maleta, fechei a porta (o proprietário lamentando muito por eu arranjar uma casa depois de meses num quarto alugado) e desci o matagal da colina na praia. Sendo bem antiquada e com um quarto, a casa requeria pouca exploração. Duas janelas em cada lado davam boa iluminação e, dalguma maneira, uma porta ficara espremida, uma espécie de remendo, na parede contígua ao oceano. O lugar fora construído aproximadamente dez anos antes, mas por causa da distância da aldeia de Ellston era difícil alugar até mesmo durante a estação de veraneio. Sem lareira, estava vazio de outubro até meado na primavera. Embora, de fato, menos de 2km abaixo de Ellston, parecia mais distante. Desde então uma inclinação na costa deixava ver só dunas gramadas em direção à aldeia.

Passei o resto do primeiro dia desfrutando sol e água, cuja silenciosa majestade fez esquecer meu labor, o fazendo parecer distante e pesado. Era a reação natural a uma longa preocupação com hábitos estabelecidos. Terminei meu trabalho e minhas férias começaram. Esse fato, enquanto fugaz, se mostrou em tudo que me cercou naquela tarde de minha chegada, e na mudança de velhos hábitos. Havia um efeito do brilho solar na maré, cujas ondas misteriosamente se curvavam, espalhando borrifos d'água. Talvez uma aquarela pudesse retratar a maciça carga de insuportável luz que atingia a praia onde o mar se misturava com a areia. Embora o oceano tivesse seu próprio matiz foi dominado pelo enorme clarão. Não havia alguém perto de mim e desfrutei o espetáculo sem ser perturbado. Cada um de meus sentidos foi tocado de modo diferente mas, às vezes, parecia que o rugido do mar estava sincronizado

àquele grande brilho ou como se as ondas estivessem luzindo em vez do sol, tão vigorosas e insistentes que o resultado era uma sincronia. Curiosamente vi ninguém tomando banho perto de minha pequena casa quadrada naquela tarde nem nas seguintes, embora a ondulante costa incluísse uma vasta praia até mais convidativa que a da aldeia onde o arrebentação era pontilhada de figuras fortuitas. Supus que era por causa da distância e porque nunca houve outras casas embaixo da cidade. Por que havia essa extensão sem construção não pude imaginar, já que muitas habitações pululavam junto à costa norte, diante do mar, com ampla vista. Nadei até o fim da tarde e depois de descansar entrei na pequena cidade. A escuridão ocultava o mar quando entrei e fiquei sob a débil iluminação duma cidade que nem pressentia a grande mortalha que caía sobre ela. Lá estavam as mulheres pintadas e adornadas com bijuteria e homens aborrecidos, que nunca mais seriam jovens. Uma multidão de tolas marionetes empoleiradas na borda do abismal oceano. Cegos, pouco dispostos a ver o que cai sobre eles entre a múltipla majestade de miríades de estrelas e a grandeza do oceano noturno. Caminhei ao longo desse escuro mar ao regressar a meu pobre casebre e foquei minha lanterna no impenetrável vazio. Na ausência da Lua essa luz fez um grosso feixe através das paredes da maré inquieta e eu sentia uma emoção indescritível por causa do ruído da água e a percepção de minha pequenez quando lancei aquele feixe minúsculo não a um reino imenso em si mesmo, mas apenas à borda escura do abismo terreno. Àquele noturno profundo sobre o qual os solitários navios se moviam na escuridão onde eu não os podia ver e se afastavam dos murmúrios duma irritada multidão.

Quando cheguei a minha residência principal sabia a ninguém ter encontrado durante o passeio no arredor da aldeia, mas persistia a impressão de ter sido acompanhado o tempo todo apenas pelo espírito do mar. Era, pensei, a personificação numa forma que não me foi revelada, mas que se movia silenciosamente além de meu alcance de compreensão. Estava como atores que esperam, em prontidão, atrás do cenário, as palavras que marcam sua entrada antes de os vermos, e, de repente, falam, numa súbita entrada na ribalta. Esse devaneio me deu um calafrio, então peguei minha chave

pra entrar no lugar cujas paredes nuas proporcionaram uma súbita sensação de segurança.

Minha cabana estava isolada da aldeia, como se tivesse vagado na costa e não conseguido voltar. E lá nada ouvi falar da agitada gritaria quando voltava a cada noite depois da ceia. Eu geralmente ficava uns instantes nas ruas de Ellston mas, às vezes, entrava num lugar porque estava passeando. Havia muitas lojas de raridade e fachadas de teatro cenográficas que atravancam cidades de férias, mas nunca fui a elas. O lugar só parecia útil pelos restaurantes. Era surpreendente o número de coisas inúteis que as pessoas acham pra fazer.

No princípio havia uma série de dias ensolarados. Subi cedo e vi o fulgurante céu cinzento prenunciando amanhecer. Uma profecia se cumpriu tendo eu como testemunha. Essas alvoradas eram frias e as cores desfalecem em comparação ao uniforme esplendor diurno que dá a todas as horas a qualidade de pálido meio-dia. Aquela esplêndida luz, tão brilhante no primeiro dia, fez os dias seguintes parecerem uma página amarela no livro do tempo. Notei que muitas das pessoas da praia estavam descontentes com o sol irregular, enquanto era isso o que eu queria. Depois de cinzentos meses de labuta intelectual a letargia induzida por uma vida física numa região governada pelas coisas simples (vento, luz e água) teve um efeito instantâneo em mim. Ansioso em continuar o processo de cura gastei todo meu tempo ao ar livre, ao sol. Isso me induziu a um estado imediatamente impassível e submisso e me deu um sentimento de segurança contra a noite voraz. Como a escuridão é análoga à morte a claridade se associa à vitalidade. Pela herança de há um milhão de anos, quando os *homens* eram mais íntimos com a mãe-oceano e quando as criaturas das quais descendemos se deitavam, lânguidas, na água rasa e ensolarada, ainda buscamos as coisas primitivas quando estamos cansados e nos saturamos dentro da confortável segurança como aqueles semi-mamíferos que não tiveram de se aventurar tão cedo na terra pantanosa.

A monotonia das ondas sossegou e não tive ocupação além de testemunhar miríades de caprichos do oceano. Uma mudança incessante na cor e matiz da água, numa mutação contínua como as sutis expressões faciais duma pessoa. E percebia isso através de

sentidos supra-normais. Quando o mar está revolto, lembrando antigos navios planando sobre o abismo, vem, silenciosamente, a nosso coração a saudade do desvanecido horizonte. Mas quando esquece também esquecemos. Mesmo conhecendo sua vida sempre tem que manter um jeito estranho, como se algo muito grande pra ter forma estivesse espreitando no universo ao qual ele é uma porta. O oceano matutino brilha com uma névoa refletida de nuvem branco-azulada e espuma diamantina em expansão e tem os olhos de quem pondera sobre coisas estranhas. Em sua complexa textura, onde corre uma miríade de peixes coloridos, sustenta alguma grande e preguiçosa entidade que logo surgirá dos veneráveis abismos imemoriais e percorrerá a terra.

Fiquei contente, durante muitos dias, por ter escolhido a casa deserta que jazia sentada como uma pequena besta nesses arredondados penhascos de areia. Entre as diversões agradavelmente sem objetivo nutridas por tal vida, fui seguindo a extremidade da maré a longa distância, onde as ondas deixaram uma umidade, esboço irregular que tem bordas com espuma evanescente. Às vezes achava curiosos pedaços de concha no lixo errante do mar. Havia um surpreendente lote de escombro na costa ondulante, diante de meu casebre, e achei que correntes cujos cursos divergem da praia da aldeia devem alcançar aquele ponto. De qualquer modo meus bolsos, quando tinha um, geralmente guardavam um estoque de lixo, a maioria joguei fora uma ou duas horas depois de recolher e queria saber por que o guardara. Porém, uma vez, achei um ossículo cuja natureza não pude identificar, mas que não pertencia a um peixe e o guardei junto a uma grande conta de metal cujo minucioso desenho entalhado era bastante incomum, que descrevia algo pisciforme contra um fundo moldado de alga em vez dos desenhos florais ou geométricos habituais, ainda claramente legíveis apesar de anos de uso sendo lançada na arrebentação. Considerando que nunca vi algo assim, julguei que representava um pouco da moda, agora esquecida, dum ano antes, em Ellston, onde semelhante moda passageira era comum.

Fiquei lá talvez uma semana, quando o clima começou a sofrer mudança gradual. Cada fase desse escurecimento progressivo foi seguida sutilmente por outra, intensificada, de forma que no fim a

atmosfera inteira que me cercava trocara o dia pelo crepúsculo. Isso me parecia mais óbvio numa série de impressões mentais que testemunhei de fato, pois o casebre estava deserto sob o céu cinzento e, às vezes, uma rajada de vento vinda do oceano trazia umidade. O sol ficou encoberto durante o longo intervalo de nebulosidade, camadas de neblina cinzenta cuja profundidade desconhecida o sol não atravessava. Embora pudesse luzir com a velha intensidade sobre aquele véu enorme, não a podia penetrar. A cada vez a praia era uma prisioneira numa abóbada incolor, como se um pedaço da noite ficasse nela.

Embora o vento estivesse recrudescendo e o oceano chicoteando em pequenos redemoinhos espirais perto da borda o agitada, senti a água esfriar de modo que não pude permanecer tanto quanto queria. Assim adquiri o hábito de longos passeios que, quando impossibilitado de nadar, substituía o exercício que eu tinha tanto empenho em praticar. Estes passeios cobriram um maior alcance de beira-mar que minha andança anterior, e desde que a praia se estendia quilômetros além da buliçosa aldeia, fiquei isolado numa área infinita de areia enquanto anoitecia. Quando isso acontecia eu corria ao longo da sussurrante beira-mar pra não me perder terra adentro. E às vezes, nos passeios tardios, que se tornaram mais frequentes, eu descobria a casa atarracada, que parecia um arauto da aldeia. Inseguro nas ventosas escarpas, um borrão escuro nos matizes mórbidos do pôr-do-sol oceânico, era mais que plena luz de qualquer orbe e parecia a minha imaginação como uma muda face interrogativa me olhando na expectativa dalguma ação. Que o lugar era isolado eu já disse, o que me agradou no princípio, exceto naquele breve entardecer. Quando o Sol declinou num banho de sangue e a escuridão desceu como um borrão informe, se expandindo, havia uma presença estranha: Um espírito, uma personalidade, uma impressão vinda com o vento, o céu gigantesco e aquele mar que se divertia enegrecendo as ondas numa praia cada vez mais estranha. Nessas ocasiões eu sentia uma intranquilidade sem causa definida, embora minha natureza solitária me fizera, há muito tempo, me acostumar ao silêncio antigo e à antiga expressão da natureza. Esse receio, que eu não poderia denominar ao certo, não me afetou muito tempo. Mas creio que, o tempo todo, uma

consciência gradual da imensa solidão do oceano me arrepiou. Uma solidão que sutilmente foi ficando horrível através de sugestão, pois nunca foi mais que isso, dalguma animação ou entidade que me impede de estar completamente só.

As ruidosas e amareladas ruas da cidade, com sua curiosa e surreal atividade, estavam longe quando fui até lá pra jantar, desconfiado de minha dúbia arte culinária. Mais e mais me deixei dominar pelo irracional sentimento de que deveria voltar à cabana antes do escurecer mas costumava ficar até por volta das 22h. Dirás que tal ação é irracional, que se eu temesse a escuridão de modo tão infantil, a teria evitado completamente. Me perguntarás por que não deixei o lugar desde que a solidão começou a me deprimir. A tudo isso não tenho resposta, a menos que qualquer desassossego, qualquer alvoroço distante me informava sobre aspectos de obscurecimento solar, a impaciente maresia ou o manto da escuridão marinha que se estende, enrugado como uma enorme peça de vestuário, tão perto de mim era algo que tinha origem em meu próprio coração, que só se mostrou em momentos passageiros e que não teve efeito persistente em mim. Nos outros dias de luz diamantina, com ondas esportivas que lançavam montanhas azuis na orla que se aquecia, a memória de sombrios caprichos parecia incrível, contudo só uma ou duas horas depois eu poderia experimentar novamente esses caprichos, e descer a uma região turva de desespero.

Talvez essas emoções fossem apenas uma reflexão do próprio humor do mar, pois a metade do que vemos é colorido pela interpretação de nossa mente, muitos de nossos sentimentos são amoldados, de modo muito diferente, através de estímulos externos, físicos. O mar pode nos ligar a seus muitos humores e nos sussurrar pelo indício sutil duma sombra ou a cintilação nas ondas, indicando, desse modo, sua mortificação ou regozijo. Sempre está se lembrando de coisas antigas mas as recordações que não podemos captar nos são dadas de forma que compartilhemos sua alegria ou remorso. Considerando que eu não estava fazendo algum trabalho nem vendo algum conhecido, talvez eu fosse suscetível a seus tons de significado secreto que seria negligenciado por outro. O oceano

regeu minha vida durante todo daquele último verão. Foi o que exigiu como recompensa por ter me curado.

Havia afogamento na praia naquele ano. Enquanto só ouvi falar casualmente, tal é nossa indiferença a uma morte que não nos concerne e à qual não somos testemunha, eu soube que os detalhes eram indigestos. Os que morreram, alguns nadadores de habilidade além da média, às vezes eram achados após muitos dias e a hedionda vingança abismal flagelara os corpos putrefatos. Era como se o mar os tivesse arrastado a um covil abismal e os ruminado na escuridão até, satisfeito, os deixar flutuar à praia num horrível estado. Ninguém parecia saber a causa das mortes. A freqüência alarmou os receosos, pois a ressaca em Ellston estava fraca e se ficou sabendo não haver tubarão. Eu não soube se os corpos mostraram marca de ataque, mas o medo duma morte que se move entre as ondas e ataca as pessoas solitárias no escuro é algo que os homens conhecem e temem. Têm de achar logo uma razão pra tais mortes, mesmo não havendo tubarão. Desde que tubarões eram a única suspeita e eu não soube dum caso confirmado, os nadadores que continuaram durante o resto da estação estavam em guarda contra marés traiçoeiras em vez de contra algum animal marinho. Realmente, o outono não acabara há muito, e algumas pessoas usaram isso como pretexto pra deixar o mar onde os homens foram pegos pela morte, e ficaram na segurança de terra firme, mesmo onde nem se pode ouvir o oceano. Assim agosto terminou e eu estivera na praia muitos dias.

Houve uma ameaça de tempestade desde o quarto dia do novo mês. No sexto, quando parti a um passeio no vento úmido, havia uma massa de nuvem informe, incolor e opressiva sobre o encapelado mar plúmbeo. O movimento do vento, sem rumo, mas agitado, dava uma sensação de vivacidade próxima, uma sugestão de vida nos elementos da tempestade próxima. Almocei em Ellston. Quando o céu parecia a tampa dum grande porta-jóia, me aventurei longe, abaixo da praia, longe da cidade e onde minha casa já se perdera de vista. Quando o cinza universal ficou manchado como uma carne putrefata púrpura, curiosamente brilhante, apesar do matiz sombrio, pensei estar a vários quilômetros dalgum abrigo. Porém isso não parecia muito importante, apesar do céu escuro, com o brilho e o desconhecido prodígio eu estava numa estranha disposição que

flamejava num corpo adulto repentinamente alerta e sensível ao esboço de formas e significados antes ofuscados. Vagamente me veio uma lembrança sugerida pela semelhança da cena que eu imaginara quando li uma história na infância. Aquele conto, esquecido durante muitos anos, era sobre uma mulher amada pelo rei barba-negra dum reino submerso dum escuro abismo, onde viviam criaturas pisciformes, que foi levada de seu jovem prometido de cabelo dourado por uma criatura sombria coroada com uma aparente mitra sacerdotal e com feição dum macaco seco. O que ficou de lado em minha imaginação era a imagem de precipícios submersos contra o preto-e-branco daquele reino sem céu. Mas eu esquecera a maior parte da história e fui recordando inesperadamente vendo o mesmo padrão de precipício e céu que vi então. A cena era similar ao que imaginara numa época, agora perdidas e incompletas impressões guardadas ao acaso. Sugestões dessa história podem ter persistido após lembranças frustrantemente incompletas, e em certos valores sugeridos a meus sentidos por cenas cuja importância atual era frustrantemente pequena. Frequentemente, numa percepção momentânea, sentimos que uma paisagem plumosa, por exemplo o vestido duma mulher ao longo da curva duma estrada na tarde ou a solidez duma árvore secular contra o céu pálido matutino (a situação, mais que o objeto, é mais significativa) retém algo precioso, um pouco da virtude dourada que temos de pegar. E ainda quando tal cena ou arranjo é visto depois, ou doutro ângulo, achamos ter perdido valor e significado. Talvez seja porque a coisa que vemos não retém aquela qualidade enganosa, apenas sugere à mente algo muito diferente, que permanece esquecido. A mente, confundida, não sente completamente a causa de seu raciocínio rápido, se agarra ao objeto que a excita e fica surpresa quando percebe que aquilo não tem valor. Assim foi quando vi as nuvens púrpura. Elas retém a pompa e o mistério dum monastério antigo e se destacam no crepúsculo, mas seu aspecto também era o dos penhascos nos antigos contos de fada.

De repente, lembrando essa imagem perdida, eu meio que esperava ver, na frágil espuma suja e entre as ondas que pareciam vertidas dum vidro preto rachado, a figura repugnante da criatura

cara- de-macaco que usa uma velha mitra com verdete,[7] surgindo de seu reino nalgum golfo perdido ao qual essas ondas eram o céu.

Não vi alguma criatura imaginária, mas o vento frio mudou de direção e cortou o céu como uma faca enferrujada, estendida na melancólica união de nuvem e água apenas um objeto cinzento, como um pedaço de madeira flutuante, vagamente lançado na espuma, um tanto ao longe. Mas como desapareceu num instante pode não ter sido madeira, mas um toninha vindo à superfície revolta.

Logo achei ter contemplado a tempestade crescer durante muito tempo e unido meu devaneio matinal a sua grandeza, quando uma chuva glacial começou a cair, deixando uma melancolia mais densa num panorama muito sombrio tendo em vista a hora. Me apressando ao longo da areia cinzenta, sentia o impacto de gotas frias nas costas e logo minha roupa estava empapada. No princípio eu correra, fugindo das gotas incolores cujo padrão se manteve ao longo da praia durante muito tempo num céu encoberto, mas depois vi que aquele refúgio estava muito distante pra alcançar antes de me molhar, então afrouxei o passo e voltei até casa como se tivesse caminhado sob céu claro. Não tinha motivo pra se apressar, embora eu não estivesse ocioso como em ocasiões anteriores. Sentia o frio da roupa molhada e com a escuridão e o vento oceânico não pude reprimir um calafrio. Ainda havia, ao lado do desconforto da chuva, uma alegria oculta no emaranhado purpurino de nuvens e a estimulante reação do organismo. Num humor que era um misto de prazer triunfante em resistir à chuva, que agora escorria de mim e enchia meus sapatos e bolsos, e da apreciação estranha desse céu mórbido e dominante que pairara com asas escuras sobre o mar eterno e inconstante, galguei o corredor cinzento da praia de Ellston. Mais rapidamente do que esperara, a atarracada casa surgiu no declive, fustigada pela chuva, e todas as ervas daninhas da colina de areia se estorciam sob o vento frenético, como se desarraigassem pra se unir ao elemento andarilho. Mar e céu não se alteraram e a cena era a que me acompanhara, exceto que ali estava pintado o telhado corcovado que parecia se curvar ao ataque da chuva. Apressei os passos inseguros e fiquei num quarto seco onde, inconscientemente e

surpreso em estar livre do vento sibilante, suportei durante um momento a água irritando cada centímetro de minha pele.

Há duas janelas na frente daquela casa, uma em cada lado, e quase diretamente diante do oceano, que via meio obscurecido pelo manto da chuva e do anoitecer. Diante dessas janelas me vesti cum sortimento variegado de roupa seca nos cabides e numa cadeira abarrotada. Eu era prisioneiro, cercado em todos os lados por um anoitecer anômalo que se infiltrava nalguma hora indefinida sob o manto da tempestade que instigava. Quanto tempo eu estivera no alcance da areia cinzenta molhada ou que horas realmente eram, não sabia mas, procurando um pouco, encontrei meu relógio, felizmente deixado em casa, assim evitando a umidade que empapou minha roupa. Pressenti a hora pelos ponteiros vagamente vistos, apenas ligeiramente menos indecifráveis que as figuras circunvizinhas. Em seguida minha visão penetrou a obscuridade, maior na casa que além da janela embaçada, e vi que eram 6:45h.

Ninguém estava na praia quando entrei. Naturalmente esperei não ver outro nadador na noite. Mas quando novamente olhei da janela apareceram figuras borrando a fuligem do úmido anoitecer. Contei três se movendo dalguma maneira incompreensível e outro perto da casa, que pode ter sido não uma pessoa, mas um tronco levado pelas ondas, visto que a arrebentação o triturava furiosamente. Fiquei muito surpreso e maravilhado e queria saber a que propósito essas pessoas robustas ficavam ao léu em tal tempestade. Então pensei que talvez foram pegos, como eu, sem querer, na chuva e se renderam às rajadas úmidas. Noutro momento, incitado por uma hospitalidade civilizada que superou meu amor à solidão, fui à porta e surgi, momentaneamente, gesticulando às pessoas, o que me custou outro banho, pois a chuva prontamente me atingiu em exultante fúria, na pequena varanda. Mas não me viram ou não entenderam, pois não responderam. Anoiteceu, estavam meio surpresos ou como se esperassem outra ação minha. Havia em sua atitude algo daquele vazio secreto, significando algo ou nada, que a casa se revestiu no mórbido crepúsculo. Abruptamente senti que uma coisa sinistra espreitava sobre essas figuras imóveis que escolheram ficar na noite chuvosa numa praia abandonada por todas as pessoas, e fechei a porta com um rompante de inquietude que, vaidosamente, tentava

disfarçar uma emoção mais profunda de pavor, um susto devorador que empoçava das sombras de minha consciência. Um momento depois cheguei à janela e parecia nada haver ali fora além da noite portentosa. Meio atordoado e moderadamente assustado, como alguém que não viu algo alarmante, mas está apreensivo do que pode encontrar na rua escura e é compelido a cruzar logo, decidi que, muito possivelmente, a ninguém vira e que o ar escuro me enganara.

A aura de isolamento sobre o lugar aumentou naquela noite, mas, fora do panorama, em direção ao norte da praia uma centena de casas ascendiam na escuridão chuvosa. Sua turbidez clara e amarela sobre ruas de vidro polido, como olho-de-boi refletido numa oleosa poça na floresta. Ainda porque não os podia ver nem localizar em tempo ruim, sendo que não tinha carro nem outro modo de deixar o plano casebre, exceto entrando na tenebrosa escuridão, percebi, de repente, estar, em todo caso, sozinho com o tenebroso mar que subia e descia, invisível, incógnito na névoa. E a voz do mar se tornara um gemido rouco, como alguém ferido, que recua sofregamente antes de subir.

Espantei a escuridão com uma lâmpada a óleo, pois a treva rastejou em minhas janelas, se sentou e me perscrutou vagamente dos cantos, como um animal paciente, e preparei minha comida porque não queria ir à aldeia. A hora parecia inacreditavelmente avançada, entretanto não eram 9h quando fui à cama. A escuridão viera cedo, furtivamente, e ao longo do restante de minha permanência evasivamente me demorava sobre cada cena e ação que via. Algo estava sereno noite afora, algo sempre indefinido, me dando uma sensação latente, de modo que parecia uma besta que espera o sussurro momentâneo dum inimigo.

Ventou durante horas e jatos do aguaceiro fustigaram indefinidamente as desgastadas paredes que me protegiam. Houve momento de calmaria, quando ouvi o mar murmurar e podia adivinhar aquelas grandes ondas informes se empurrarem no ganido pálido do vento, arremessando à praia um borrifo salgado. Ainda na mesma monotonia dos elementos inquietos achei uma nota letárgica, um som que me seduziu, depois dum tempo, num sono cinzento e pálido como a noite. O mar continuou seu monólogo furioso e o vento sua impertinência, mas estavam isolados pela parede da

inconsciência e durante instantes o oceano noturno foi expulso duma mente adormecida.

A manhã trouxe um sol esmaecido, que os homens verão quando a Terra for antiga, se o homem permanecer. Um sol mais débil que quando encoberto. Um céu moribundo. Eco lânguido de sua antiga imagem, Febo se esforçava em perfurar as nuvens esfarrapadas e confusas quando despertei, em momentos que parecia banhado em ouro no interior noroeste da casa, noutros minguando até ficar só uma bola luminosa, como um incrível brinquedo esquecido no gramado celestial. Depois dum tempo a chuva cadente, que deve ter continuado ao longo da noite anterior, continuou banhando esses vestígios de nuvem purpúrea que eram como os penhascos oceânicos tirados dum antigo conto de fada. Confundindo o sol poente com o nascente, aquele dia se fundiu ao anterior, como se a tempestade interveniente não introduzisse uma longa escuridão no mundo, mas inchasse e baixasse uma longa tarde. Ganhando impulso o sol furtivo mostrou toda sua força dispersando a antiga névoa, agora rajada como uma janela embaçada, e a dominou. O dia ficou azul quando esses filetes fuliginosos se retiraram e o isolamento que me cercara antes entrou num vigilante local de retirada, donde não avançou, mas se encolheu e aguardou.

O Sol voltou a seu antigo brilho e o velho resplendor nas ondas, cujas alegres formas azuis se reuniram naquela costa antes da criação, e se regozijou não ter visto quando a humanidade foi esquecida no sepulcro do tempo. Influenciado por essas débeis garantias, como quem acredita no sorriso de amizade dum inimigo, abri minha porta. Quando se escancarou uma mancha negra eclodiu em luz e vi a praia lavada, sem rastro, como se nenhuma pegada antes da minha tivesse se impresso na areia lisa. Com um rápido recobrar do ânimo seguinte a um período de inquieta depressão, senti, numa dócil adaptação e desânimo, que minha própria memória foi lavada, excluindo toda desconfiança e vestígio de afecção como medo existencial, da mesma maneira que a sujeira na margem sucumbe à maré cheia e é levada a perder de vista. Havia um odor de grama salobra molhada, como as páginas mofadas dum livro, chegado com um doce odor nascido da quente luz solar em prados campestres, que suportei como uma estimulante bebida, se

infiltrando e formigando nas veias como se me transmitissem algo de sua natureza impalpável, e me fazia flutuar, atordoado, na brisa incerta. E conspirando com essas coisas, o sol continuou caindo em mim, como a chuva de ontem, num feixe incessante de dardos luminosos, como se também quisesse esconder isso, suspeitando a presença abismal que se movia além de minha visão e só se denunciava por um negligente sussurro no limite de minha consciência ou pelo aspecto de vagas figuras que vigiam num oceano vazio. Aquele sol, uma feroz bola solitária no remoinho aquático da imensidão, era como uma horda de mariposas douradas contra minha face virada a cima. Um graal branco, borbulhante de fogo divino e incompreensível, me fez reter mil miragens prometidas onde uma era concedida. Ao sol pareciam realmente domínios seguros e extravagantes, onde, se eu soubesse o caminho, poderia vagar nessa estranha exultação. Tais coisas surgem de nossa própria natureza, pois a vida nunca cedeu, um instante, seus segredos, e isso só está em nossa interpretação de suas sugeridas imagens que podemos achar êxtase ou estupidez, de acordo com o humor induzido. Ainda sempre e novamente temos de sucumbir a suas decepções, acreditando, durante um momento, que dessa vez podemos encontrar a alegria negada. E assim a fresca doçura do vento, numa manhã seguinte à treva encantada, cuja maldade me deu mais intranquilidade que qualquer ameaça a meu corpo, só me sussurrou sobre mistérios antigos relacionados à terra e sobre prazeres aos quais era o ladrão porque eu sentia que poderia experimentar só uma parte deles. O sol, o vento e aquele odor que os atingia me falavam de festas divinas cujos sentidos são um milhão de vezes mais pungentes que o homem e cujas alegrias são um milhão de vezes mais sutis e prolongadas. Essas coisas, indicaram, poderiam ser minhas se eu me entregasse completamente a seu brilhante e ardiloso poder e o Sol, um deus descendo com nua carne celestial, um desconhecido forno todo-poderoso no qual nenhum olho poderia fitar, parecia quase sagrado no brilho de minhas agudas emoções. A atroadora luz etérea que emanava era algo que todos deviam adorar, abismados. O arredio leopardo, em seu inferno verde, deve ter parado um instante pra refletir os raios difusos nas folhas e todas as coisas nutridas pelo Sol devem ter apreciado sua mensagem

luminosa em tal dia. Pois quando está ausente, na longínqua eternidade, o mundo estará perdido e na treva contra um irrestrito vazio. Naquela manhã na qual compartilhei o fogo da vida e em cujo breve momento de prazer estava protegido dos anos vorazes, estava acenando a estranhas coisas cujos esquivos nomes jamais podem ser escritos.

Enquanto caminhava à aldeia, admirado de como pôde se manter fustigada pela chuva torrencial, vi, ofuscado num reflexo de umidade iluminada pelo sol, que refletia nela como numa vindima madura, um pequeno objeto como uma mão, uns 6m diante de mim, tocado pela espuma abundante. O choque e o desgosto me surpreenderam quando vi que realmente era um pedaço de carne podre. Isso superou minha nova satisfação e gerou uma chocante suspeita de que poderia ser uma mão. Certamente, nenhum peixe, ou parte, poderia ter aquela aparência, pois pensei ter visto dedos pastosos grudados em putrefação. Virei a coisa com o pé, não querendo tocar objeto tão sujo, que grudou no couro do sapato, como se agarrado com a força da corrupção. A coisa, quase toda deformada, se parecia muito com o que eu temia que fosse, por isso a empurrei com força a uma onda bravia que a fez perder de vista com um entusiasmo incomum naqueles revoltos recantos do mar.

Talvez eu devesse ter informado meu achado, mas sua natureza era muito confusa pruma simples investigação. Considerando que fora comido em parte por alguma monstruosidade oceânica, não pensei ser identificável o bastante pra evidenciar uma desconhecida, mas possível tragédia. Os numerosos afogamentos entraram em minha mente, como também outras coisas doentias, algumas das quais permaneceram como possibilidade. Qualquer fragmento levado pela tempestade, seja de peixe ou dalgum animal semelhante ao homem, nunca falei sobre isso. Afinal de conta não havia prova que não foi deformado somente pela putrefação natural.

Aproximei-me da cidade enojado pela presença de tal objeto na beleza panorâmica da praia limpa, mas era horrivelmente típico da indiferença à morte numa natureza que mistura podridão com beleza, e talvez goste mais da podridão. Em Ellston não ouvi falar dalgum recente afogamento ou outro infortúnio no mar e não achei

referência a isso nas colunas do jornal local, o único que li durante minha estada.

É difícil descrever meu estado mental nos dias seguintes. Sempre suscetível a emoções mórbidas cuja angústia sombria poderia ser induzida por coisas exteriores ou que podiam saltar dos abismos de meu próprio espírito, fui tomado por um sentimento que não era medo, desespero ou qualquer coisa semelhante, mas era mais uma simples percepção da abominação e sordidez subjacente da vida, um sentimento que era um misto da reflexão de minha natureza interior e do resultado de criaturas atraídas por aquela ruína podre que pode ter sido uma mão. Nesses dias minha mente era uma terra de precipícios sombrios e figuras movediças na escuridão, como o reino antigo insuspeito que os contos de fada me faziam lembrar. Eu sentia, em resumo, agonias de desilusão, a negridão gigantesca deste universo opressivo no qual meus dias e os dias de minha raça eram como nada comparado às estrelas extintas. Um universo no qual cada ação é vã e até mesmo a emoção de pesar um esforço perdido.

As horas passadas tentando recuperar a saúde, a satisfação e o bem-estar físico se converteram, como se os dias da semana anterior tivessem passado definitivamente, numa indolência como a dum homem que já não se importa em viver. Fui engolfado por um medo comovente e letárgico dalguma destruição inelutável que seria, eu sentia, o derradeiro ódio das estrelas vigilantes e das enormes ondas negras que esperavam esmagar meus ossos. A vingança de toda a indiferente e horrenda majestade do oceano noturno.

Algo da treva e inquietude marinha invadira meu coração, de forma que vivi num tormento irracional e vegetativo. Um tormento ainda mais agudo por causa da sutileza de sua origem e a estranha e preguiçosa qualidade de sua existência vampírica. Ante meus olhos se estendia a fantasmagoria das nuvens púrpura, a estranha bugiganga prateada, a estagnada espuma cíclica, a solidão dessa casa descampada e o escárnio da cidade de fantoches. Não fui mais à aldeia porque parecia apenas uma caricatura dum ser vivo. Como minha própria alma, estive num mar envolvente e escuro, um mar mais e mais odioso. E entre essas imagens, corrompendo e ferindo, morava uma coisa cujos contornos humanos não deixava dúvida do que era.

Estas sucintas palavras não conseguem expressar a horrenda solidão. Não o fiz como queria porque estava encravada em meu coração, que se insinuara dentro de mim e murmurara confidências terríveis e desconhecidas de eventos próximos. Não era uma loucura: Uma percepção muito clara e simples da treva além desta delicada existência, iluminada por um sol momentâneo não mais estável que nós mesmos. Uma façanha fútil que poucos podem experimentar e nunca conseguem repetir com a mesma vivacidade. Um conhecimento que voltará enquanto eu tiver força, pelo qual lutarei enquanto puder, com todo o poder restante de meu espírito. Eu não poderia ganhar um centímetro de solo do universo hostil nem sustentar, durante um instante, o que a vida me confiou. Eu temia a morte enquanto vivia, oprimido por um medo sem nome mas, relutante em deixar a cena da evocação, esperei um horror consumado se metamorfoseando na imensa região além das muralhas da consciência.

Chegou o outono e o que tirei do mar se perdeu de volta. Outono nas praias, um tempo sombrio, não é marcado por alguma folha escarlate ou outro sinal costumeiro. Um mar assustador, imutável, mas que transforma o homem. Ali havia só um resfriamento da água, na qual eu já não queria entrar, seguido do escurecimento da mortalha celeste, como se uma imensidão de neve aguardasse pra cair nas assustadoras ondas. Quando começasse a cair nunca cessaria, mas continuaria sob o sol branco, amarelo e carmesim e sob aquele último pequeno rubi que só se renderá à futilidade da noite. A água antes amigável balbuciou significativamente a mim, me mirando com um estranho olhar. Mas se a escuridão da cena era um reflexo de minha imaginação ou se a obscuridade dentro de mim foi causada pelo que se estende ao longe, não sei dizer. Na praia pareceu ter caído sobre mim uma sombra como a dum pássaro que voa silenciosamente no alto, um pássaro cujos olhos vigilantes não suspeitamos até a imagem no solo repetir a imagem no céu, e repentinamente contemplarmos aquela coisa que nos sobrevoa e não percebemos.

Era começo de setembro e a cidade fechou os resortes onde a louca frivolidade governava a falta do que fazer, o temor assombrado vive e onde os fantoches se divertiam em excentricidade

de verão. Os fantoches foram embora, com sorriso forçado ou carranca que todos assumiriam depois. Somente cem pessoas ficaram. Novamente as ostentosas fachadas de estuque dos edifícios se espalhavam na praia, enfileiradas na orla, impávidas ao vento. Como o mês avançava ao dia ao qual me refiro, cresceu em mim o fascínio dum cinzento e infernal amanhecer, em que eu sentia que alguma taumaturgia sombria se completaria. Desde então eu temia tal taumaturgia menos que um prolongamento de minhas horripilantes suspeitas, menos que a ilusória sugestão dalgo monstruoso espreitando atrás do grande cenário. Era com mais expectativa que verdadeiro temor que eu aguardava indefinidamente, pois o dia de horror parecia estar chegando. O dia, repito, no final de setembro. Não tenho certeza se 22 ou 23. Tais detalhes fugiram antes da lembrança desses acontecimentos incompletos que não deveriam contaminar uma vida disciplinada por causa das sugestões condenáveis, e só sugestões, que contêm. Eu sabia a hora duma intuitiva aflição de espírito, um reconhecimento muito profundo pra eu explicar. Ao longo dessas horas de luz do dia eu ficava na expectativa da noite, impaciente, talvez, de forma que a luz solar passava como o vislumbre dum reflexo na água ondulante, um dia cujos eventos não me recordo.

Durante longo tempo aquela portentosa tempestade lançara uma sombra sobre a praia e depois que eu percebera que a hesitação não era causada por algo tangível, resolvi deixar Ellston, pois estava esfriando e não tinha vontade de retornar tão cedo. Quando chegou um telegrama, guardado durante dois dias no escritório da União Ocidental antes de eu ser localizado, tão pouco era conhecido meu nome, dizendo que meu desenho ganhara a competição em primeiro lugar, estabeleci uma data pra partir. Essa notícia, que meses antes teria me afetado fortemente, recebi com estranha apatia. Parecia alheia a minha realidade, pouco pertinente a mim, dirigida a alguém que não conheço, cuja mensagem recebi de modo acidental. Entretanto foi o que me forçou completar meus planos e ir embora da cabana da praia.

Faltavam só quatro noites pra terminar minha permanência quando aconteceu o último desses eventos cujo significando se estende mais na impressão sombriamente sinistra que os cerca que

ante alguma franca ameaça. A noite caíra sobre Ellston e a costa, e uma pilha de pratos sujos atestava tanto minha recente refeição quanto minha inatividade. A escuridão chegou quando me sentei com um cigarro ante a janela de mira-mar, onde se via um líquido que gradualmente enchia o céu, lavando numa lua flutuante, que monstruosamente se elevava. O mar plano que ladeia a areia cintilante, a ausência absoluta de árvore, figura ou qualquer tipo de vida e a contemplação daquela lua alta fez a imensidão de meu ambiente abruptamente claro. Havia só algumas estrelas espetadas no céu, como pra acentuar, por sua pequenez, a majestade do orbe lunar e da irrequieta e volúvel maré.

Eu ficara enclausurado e temia ficar diante do mar em tal noite de informe prodígio, mas o ouvi murmurar segredos duma incrível tradição. Enfrentando o vento vindo de lugar nenhum, que tinha o fôlego duma estranha palpitação vital, senti a incorporação de tudo e de tudo suspeitei, agora ativo nos abismos do céu ou no mundo silencioso sob as ondas. Onde esse mistério virou um antigo pesadelo não sei dizer, mas como quem se posta perto dum ser adormecido e sabe que despertará a qualquer momento, me agachei à janela, segurando um cigarro quase no fim, contemplando o luar ascendente.

Gradualmente cruzou aquela inesquecível paisagem um brilho que se intensificou com os lampejos do céu e eu parecia cada vez mais ansioso em ver o que aconteceria. As sombras escoavam desde a praia e eu sentia que todo meu pensamento deveria se fixar nelas quando a suposta coisa chegasse. Onde algum deles permaneceu restou negror e alvura: Até pedaços da escuridão se esparramam sob os brutais e brilhantes raios. O infindável quadro vivo do orbe lunar, agora morto, o que quer que lhe tenha passado, e frio como sepulcros inumanos, padece entre a ruína de séculos empoeirados, mais velho que os homens, e o mar, ativo, talvez, com alguma vida desconhecida, alguma sensibilidade proibida, me confrontou com uma horrenda vivacidade. Fechei a janela, em parte por causa duma incitação interior mas, principalmente, creio, como uma pretexto pra desviar momentaneamente esse pensamento. Não ouvi som enquanto a vidraça estava fechada. Minutos pareciam eternidade. Eu esperava, com o coração temeroso, a cena imóvel algures, o sinal dalguma

vida inefável. Fixei a luminária numa caixa no canto ocidental do quarto mas a Lua era mais luminosa e seus raios azulados invadiram lugares onde a luz da lâmpada era lânguida. O antigo brilho da redonda e silenciosa orbe se estendia na praia como um leito preparado pros leões, e esperei, numa atormentada expectativa duplamente aguçada pela demora em se concretizar e a incerteza de que a estranha conclusão aconteceria.

Fora da cabana, uma iluminação branca sugeria vagas formas espectrais cujos irreais e fantasmagóricos movimentos pareciam escarnecer de minha cegueira, da mesma maneira que vozes desconhecidas escarneciam de minha escuta ansiosa. Durante muito tempo fiquei quieto, como se o tempo e o badalar de seu grande sino se calassem em sua insignificância. E nada havia que eu poderia temer: A Lua cinzelada pelas sombras eram antinaturais em sua ausência de contorno e nada ocultou a meus olhos. A noite silenciosa. Eu sabia que, apesar de minha janela fechada, todas as estrelas eram só lamento, escutando, fixas num céu de sombria majestade. Nenhum movimento meu ou palavra, pois poderia revelar meu apuro ou meu cérebro apavorado, encarcerado em carne, que não ousou quebrar o silêncio após toda a tortura sofrida. Como aguardasse a morte e confiante de que nada podia expulsar o perigo interior que confrontei me abaixei esquecendo um cigarro na mão. Um mundo silencioso cintilou além das sujas e baratas janelas e, num canto do quarto, um par de remos sujos, colocado lá antes de minha chegada, compartilhou a vigília de meu espírito. A luminária queimou indefinidamente, com um matiz doentio como a carne dum cadáver. Esbarrando nela de vez em quando, em desesperada distração, vi muitas bolhas inexplicavelmente rosadas se esvaírem na base cheia de querosene. Estranhamente não havia calor do pavio. E de repente me dei conta que a noite era um corpo não quente nem frio, mas estranhamente neutro, como se fossem suspensas todas as forças físicas e rompidas todas as leis duma existência tranquila.

Então, num silencioso esguicho que atirou água prateada à orla, uma linha ondular arrepiou meu coração. Uma coisa natatória emergiu além das ondas. A figura poderia ser apenas um cachorro, um ser humano ou algo mais estranho. Não poderia saber o que vi, talvez não tenha me preocupado mas, como um peixe deformado,

nadou sobre o reflexo das estrelas e mergulhou. Um momento depois emergiu. Então, estando mais próximo, vi que levava algo no ombro. Eu sabia que não podia ser um animal, e que era um homem ou algo como um homem, chegando à terra vindo do oceano escuro e que nadava com uma facilidade espantosa.

Enquanto assistia, apavorado e passivo, com o olhar fixo de quem espera a morte, mas sabe que não a pode evitar, o nadador se aproximar da orla, mas muito ao longe na praia sul pra eu discernir a fisionomia ou característica. Trotava no escuro, com centelhas de espuma enluarada espalhada por seu andar rápido se afastou, se perdendo entre as dunas interiores.

Novamente se apoderou de mim um súbito medo que se extinguira antes. Um formigamento gelado me percorreu todo o corpo, mas o quarto cuja janela não ousei abrir ficou sufocante. Pensei que seria horrível se algo entrasse numa janela aberta. Agora que já não podia ver a figura, sentia que se demorava nalgum lugar nas sombras interiores ou me observava hediondamente dalguma janela que não vi. E assim virei meu olhar, ansiosa e freneticamente, sucessivamente, a cada vidraça, temendo me ver a face-a-face com um intruso, mas incapaz de manter essa aterrorizante inspeção. Mesmo eu vigiando durante horas nada mais tinha na praia.

Assim a noite passou e com ela começou a vazar aquela singularidade. Uma estranheza que emergira como uma bebida mal fermentada dentro duma garrafa, que atingira exatamente o mesmo ponto da costa num breve instante, pausara, meio desnorteada, e prosseguira, levando consigo alguma mensagem desconhecida. Como as estrelas que prometem a revelação de recordações terríveis e gloriosas, nos incitam em adoração e logo nos decepcionam e nada dão, eu ficara espantosamente perto de conhecer um antigo segredo, algo que se aventurou perto dos abrigos humanos e espreitou cautelosamente pouco além da extremidade conhecida. E no fim nada obtive. Eu estava determinado a ter só um vislumbre da coisa furtiva, um vislumbre obscurecido pelo véu da ignorância. Nem posso conceber o que teria descoberto se eu me aproximasse daquele nadador que foi em direção à costa em vez de ao oceano. Não sei o que poderia ter acontecido se a bebida fermentada passasse pelo

gargalo e vertesse uma súbita cascata de revelação. O oceano noturno retinha tudo o que concedia. Nada mais saberei.

Mas não sei por que o oceano me fascina tanto. Talvez nenhum de nós possa resolver esses problemas, que existem em desafio a toda explicação. Há homens sábios que não gostam do mar e sua arrebentação lambendo amareladas praias. E acham estranho que se ame profundamente o interminável mistério antigo. Creio que há um assombroso e inescrutável fascínio em todos os caprichos do oceano. Está na melancólica espuma prateada sob o cadáver pegajoso da Lua, paira em cima das ondas silenciosas e eternas que batem em orlas desnudas. Está lá quando tudo está morto, exceto pra formas desconhecidas que deslizam em profundidades sombrias. E quando vejo as temerosas vagas surgindo com força infinita sinto um êxtase similar ao pavor. De forma que tenho de me humilhar ante esse poderio, já que não posso odiar a água borbulhante e sua opressiva beleza.

Vasto e desolado é o oceano, e como todas as coisas vieram dele, assim devem a ele retornar. Na profundeza amortalhada do tempo nada reinará na terra, nem movimento haverá, exceto na água eterna, que baterá em praias escuras com espuma atroadora. Mas nada permanecerá naquele mundo agonizante pra assistir a luz fria da Lua enfraquecida, que rege as marés girando e a granulosa areia. Só na profunda margem descansará uma espuma estagnada e se juntará sobre as conchas e ossos de formas perecidas que moravam na água. Coisas silenciosas e frouxas se lançarão e rolarão ao longo de orlas vazias e extinguirão a vida lenta. Então tudo ficará escuro pra, afinal, até mesmo a branca Lua deixar de se refletir nas ondas distantes. Nada permanecerá sobre ou sob a água sombria. E até o último milênio, além do perecimento de todas as outras coisas, o mar trovejará e se lançará ao longo da triste noite.



Fechado na Catacumba

NÃO SEI DE CRENÇA mais absurda do que essa associação convencional dos fatos simples às coisas serenas e banais de que parece imbuída a psicologia das multidões. Em consequência de um bucólico lugarejo *yankee,* um inepto e obtuso agente funerário de aldeia e um descuido desastroso no interior de um jazigo tumular, nenhum leitor de mediano entendimento podia esperar outro desfecho que não alegre, embora grotesco ato de comédia. Mas só Deus sabe como a tremenda história de George Birch, cuja morte agora me permite contá-la, apresenta aspectos frente aos quais as nossas mais sombrias tragédias são perfeitamente simples, leves, pueris.

Birch, que abandonou a profissão, trocando-a por outra, em 1881, jamais tocava nesse assunto, fugindo do caso o mais que podia. Também o velho médico, Dr. Davis, que morreu há alguns anos, não emitira a menor palavra a respeito. Geralmente se atribuía tal atitude à aflição e ao abalo resultante de um fatídico descuido pelo qual Birch se fechara, durante nove horas, na catacumba do cemitério de Peck Valley e de onde só conseguiu escapar, empregando meios rudes e contundentes. Embora tudo isso fosse incontestável, havia outras coisas mais negras que o pobre homem me confiou, sussurrando, no seu delírio de ébrio já às portas da morte. Ele confiou em mim porque eu era o seu médico e também, provavelmente, por sentir a necessidade de desabafar-se com alguém depois do falecimento do Dr. Davis. Birch jamais se casara, nem contava parente algum neste mundo.

Até 1881, fora empreiteiro dos enterros, em Peck Valley e sempre se mostrara o tipo do individuo rude e primitivo de modos e ideias.

As práticas que ouvi se lhe atribuírem, hoje ninguém as acreditaria possíveis, pelo menos, em uma cidade, e mesmo Peck Valley teria estremecido de espanto se soubesse ao certo dos inescrupulosos processos do seu coveiro exclusivo, tais como, por exemplo, a subtração dos custosos tecidos amortalhantes, favorecida pela tampa fechada do caixão e a falta de respeito sacrílega na colocação e arranjo dos restos mortais no ataúdes que fornecia, nem sempre fabricados no comprimento adequado. Mas, acima de tudo, o coveiro era moroso, relaxado e mau profissional. Apesar disso, não penso que fosse, no fundo, mau sujeito. Julgo-o simplesmente duro de inteligência e ação, bronco, desmazelado e beberrão, como a presente história o demonstrará à sociedade, e além disso, sem o mínimo grau de imaginação comum à maioria dos seres humanos, dentro do limite fixado pelo bom senso.

Dificilmente sei por onde começar o caso de Birch, uma vez que não possuo prática qualquer de narrador. Mas como tenho forçosamente de fazê-lo, principiarei por aquele frio dezembro de 1880, quando os campos gelaram de tal forma que impediram de cavar-se sepulturas até o advento da primavera e consequentemente reamolecimento do solo. Felizmente, a aldeia
possuía pequenas proporções, o que tornava muito baixo o seu coeficiente de mortalidade. Assim, foi possível dar-se todas as cargas fúnebres do enterrador local um abrigo provisório na única catacumba do cemitério. Com a inclemência do tempo, Birch ficou dobradamente lerdo e parecia superar-se, a si mesmo, de relaxamento nos diversos misteres da sua profissão. Jamais construíra ele ataúdes tão grosseiros e mal ajustados, nem mais flagrantemente descurara antes os cuidados indispensáveis com a enferrujada fechadura da cripta, cuja porta ele costumava abrir com um safanão e fechava com desleixados pontapés.

Afinal veio o degelo e as sepulturas puderam ser cavadas laboriosamente para os silenciosos frutos humanos, safra da impiedosa segadora eterna e que pacientemente esperavam o repouso final da última morada. Birch, embora maldizendo o afã, começou a remoção dos cadáveres, numa desagradável manhã de abril, interrompendo-a, porém, antes do meio-dia, devido à pesada chuva que cegava o cavalo da carreta, e depois de só ter baixado um único

defunto ao seio da terra. Este era Darius Peck, nonagenário, cuja cova ficava perto da catacumba. O coveiro resolveu começar, no dia seguinte, com Matthew Fenner, velhinho miúdo que tinha o seu túmulo também não muito distante. Acabou, porém, adiando o serviço para três dias depois, só voltando a trabalhar na Sexta- feira Santa, dia quinze. Não sendo supersticioso, nenhuma importância deu à data, se bem que, depois da história, sempre se recusou a fazer qualquer serviço de importância neste fatídico dia. Certamente, os acontecimentos daquela noite mudaram por completo, o feitio de George Birch.

Então, na tarde de Sexta-Feira Santa, quinze de abril, o nosso homem se dirigiu à catacumba, com o cavalo a puxar a carroça, a fim de apanhar o caixão de Matthew Fenner. A verdade é que Birch já gostava da bebida, conforme ele próprio o confessou mais tarde, muito embora, naquele tempo, ainda contraíra o vício desbragado pelo qual procurou esquecer, na embriaguez, certos fatos penosos. O agente funerário sentia-se, então, bastante entontecido e abstrato que esquecia o necessário incitamento ao seu cavalo que, vendo-se assim dignificantemente conduzido, relinchava, batia com as patas no solo e remexia continuamente a cabeça, molestado pela chuva. Entretanto, o dia mostrava-se claro e a aventura soprava, o que pôs o coveiro contente, com a ideia de abrigar-se, ao abrir a porta de ferro e penetrar na cripta cavada no flanco da colina. Um outro não teria gostado daquele recinto úmido e malcheiroso, com oito esquifes dispostos cuidadosamente ao centro, mas Birch tinha a alma já calejada pelo ofício e só se preocupava em não errar a sepultura de cada um. Jamais esquecera os protestos levantados, quando os parentes de Hanna Bixby, desejando transportar-lhe os restos para o cemitério da cidade para onde se haviam mudado, encontraram, sob a lápide de Hanna, a urna do Juiz Capwell.

O interior da catacumba mergulhava-se em densa penumbra. Birch, no entanto, possuía excelente vista e não confundiu o caixão de Fenner com o de Asaph Sawyer, embora fosse este muito semelhante àquele. Com efeito, o ataúde de Sawyer destinava-se primitivamente a Matthew Fenner, mas, à última hora, Birch pusera-o de lado, achando-o demasiado frágil e tosco pois, num impulso de sentimentalismo agradecido, lembrou-se de quando o velhinho

Fenner o ajudara em uma falência, cinco anos antes. Assim, deu ao seu bom protetor tudo o que de melhor a sua arte poderia produzir. Mas, sendo demasiado sovina para desperdiçar o material defeituoso, aproveitou o refugo, quando Asaph Sawyer morreu de febre maligna. Este não gozava de bom conceito, como cidadão, e muitas histórias corriam da sua quase desumana sede de vingança e da sua memória tenaz que o impedia de esquecer ressentimentos reais ou imaginários contra os desafetos. Assim, o empreiteiro fúnebre nenhum constrangimento sentiu em reservar-lhe o ataúde mal feito que, naquele momento, afastava para lado com um repelão, procurando o de Fenner.

Foi justamente então, quando punha as mãos no caixão do bom velhinho, que o vento bateu a porta, mergulhando tudo em negra escuridão. O estreito postigo só deixava uma fraquíssima claridade e nenhuma virtualmente se coava pela chaminé de ventilação do teto. O coveiro ficara, pois, reduzido a um tatear inconsciente, caminhando hesitante, entre os esquifes, na direção da porta. Neste débil lusco-fusco, fez tanger a enferrujada aldrava, sacudiu inutilmente as almofadas de ferro, espantando-se com a súbita resistência da maciça porta. Compreendeu logo a realidade da situação e pôs-se a gritar desesperadamente como se o cavalo, lá fora, pudesse fazer mais do que responder-lhe com relinchos agudos e desolantes. A lingueta da fechadura, longamente desleixada, quebrara-se finalmente, fechando, na catacumba, a culpada vítima da própria negligência, como em ratoeira.

A coisa devia ter acontecido cerca das três horas e meia da tarde. Birch, dotado de temperamento fleumático e prático, não gritou por muito tempo, pondo-se logo a procurar, às apalpadelas, algumas ferramentas que lembrava haver visto amontoadas em um canto. Não há, contudo, certeza se ele avaliou de pronto todo o horror e a impressionante fatalidade da sua crítica situação, mas o simples fato de se ver encerrado em local fora do caminho de qualquer ser humano seria bastante para fazer perder a cabeça ao mais valente indivíduo. A tarefa do dia fora assim desgraçadamente interrompida e a não ser que a sorte trouxesse até ali algum excursionista errante, Birch teria de ficar enclausurado durante toda a noite e ninguém podia saber por quanto tempo mais. Logo que encontrou o monte de

ferramentas, o enterrador escolheu um martelo e um escopo e voltou à porta, passando por sobre os caixões. O ar começara a ficar excessivamente empestado, mas ele não atentou em semelhante detalhe, tão ocupado estava em atacar o pesado e corroído metal da fechadura. Teria certamente então dado tudo por uma lanterna acesa ou um simples toco de vela, mas, na falta de qualquer iluminação bastante, martelava, às cegas, da melhor maneira que podia.

Percebendo, porém, que o fecho resistiria inexoravelmente, pelo menos a tão frágeis instrumentos, naquelas tenebrosas condições, Birch olhou em torno, na esperança de achar outros possíveis meios de safamento. A catacumba se cavava na encosta de uma elevação, de modo que o ventilador atravessava vários pés de terra, eliminando assim qualquer visibilidade de evasão por aquele lado. A claraboia losangular, tendida bem alto, sobre a porta, na fachada de tijolos, parecia- lhe mais suscetível de ser alargada, embora à custa de rudes esforços. Os olhos do homem nela se fixaram longamente, enquanto espremia o cérebro, em busca do meio de subir e alcançá-la. Não havia ali espécie alguma de escada e os nichos destinados a receber as urnas, situados nas paredes laterais e do fundo, não lhe dariam acesso, muito distantes, à parte superior da porta. Só restava, portanto, o uso dos próprios esquifes, à guisa de degraus. Fixando o pensamento nesse sentido, estudo o melhor meio de colocá-los. Calculou que a altura de três caixões superpostos lhe seria bastante para chegar à claraboia, mas quatro lhe tornaria o trabalho ainda mais fácil. As urnas fúnebres era bem niveladas e podiam ser empilhadas solidamente. Sem mais demora, pôs-se a imaginar como deveria dispor os oito féretros para construir uma plataforma escalável, cujo piso superior se constituísse de quatro deles, verticalmente arrumados. Enquanto pensava, só lamentava não tê-los feito com absoluta solidez. Agora, se a sua imaginação chegou a desejar que os caixões estivessem vazios, é francamente duvidoso.

Finalmente, decidiu encostar uma base de três ataúdes à porta e colocar sobre esta duas camadas de dois féretros cada uma e, em cima de tudo, um único caixão, servindo de estrado. Tal disposição podia ser erguida com o mínimo de tropeços e lhe forneceria a altura desejada. Ainda melhor, assim só se utilizaria de dois caixões, na base, para suportar a superestrutura, deixando o terceiro, como um

degrau disponível, para o caso de ser-lhe necessário maior altura. E o prisioneiro labutou, na penumbra espessa, erguendo os defuntos com nenhuma cerimônia, naquela muda de torre de babel. Vários féretros começaram a estalar no decurso da operação e Birch resolveu reservar o de Matthew Fenner, pela sólida construção, para encimar a pilha, de modo que, ao trabalhar na claraboia, os seus pés encontrassem a superfície mais firme possível como apoio.

Por fim, a torre foi terminada e, com os braços doloridos, Birch fez uma pausa, durante a qual se sentou no primeiro degrau da estranha escada. A seguir, subiu cautelosamente, com as ferramentas, até a claraboia, cujos bordos era m de tijolos e que, lhe parecia, não lhe seria difícil dilatar do suficiente para escapulir daquela fúnebre prisão. Ao ressoar das primeiras marteladas, o cavalo, lá fora, relinchou em tom que tanto podia ser de encorajamento como de mofa. Em ambas as hipóteses, a manifestação da alimária se tornava adequada, pois a imprevista tenacidade da camada de tijolos, de frágil aspecto à vista, simbolizava um verdadeiro comentário sardônico à falacidade das esperanças terrenas e exigia um trabalho merecedor dos mais acalorados incitamentos.

Caiu a noite, que encontrou o coveiro ainda mourejanto. Agora, trabalhava exclusivamente pelo tato, pois grandes nuvens repentinamente aglomeradas eclipsaram a lua. Embora o progresso geral fosse medíocre, ele se sentia animado com a extensão das erosões produzidas no alto e no fundo da claraboia. Estava firmemente convicto, enfim, de que conseguiria libertar-se por volta da meia-noite. Abstraído de reflexões opressivas sobre o tempo, o lugar e a companhia empilhada sob os seus pés, Brich ia filosoficamente lascando os pétreos tijolos. Praguejava, quando um estilhaço o atingia no rosto e ria-se quando outros se projetavam sobre o cada vez mais enlevado cavalo que pastejava, amarrado ao cipreste. De vez em quando, julgava a abertura tão adiantada que tentava por ela passar o corpo e, ao assim proceder, tanto se remexia que os esquifes embaixo, dançavam e estalavam. Esperava, entretanto, não ter de elevar mais a plataforma por meio de um quinto ataúde, pois o buraco se encontrava no nível exato de ser transposto logo que as dimensões permitissem a passagem.

Devia ser, pelo menos, meia-noite, quando Birch decidiu empreender a travessia da claraboia. Cansado e suarento, a despeito das inúmeras pausas, desceu ao chão e sentou-se um momento sobre o esquife inferior, a fim de reunir as forças para o esforço final e o salto para o exterior. O cavalo, faminto, relinchava repetida e fracamente, enquanto o seu dono fazia votos para que ele parasse com aqueles lúgubres apelos. Birch sentia-se paradoxalmente pouco entusiasmado. No momento de realizar a ambiciosa libertação, assautou-o um como quase medo de iniciá-la, pois a coisa se revestia de intemerata rudeza dos heróicos tempos medievais. Ao galgar de novo os caixões, já rachados, ele percebeu, apreensivo, o próprio corpo mais pesado ainda, especialmente quando, depois de atingir a plataforma, ouviu um estalo forte de madeira que acabava de ceder. Fora-lhe inútil escolher o caixão mais sólido para encimar o macabro andaime. Tão pronto voltara a descansar sobre ele o peso do corpo, a tampa rompeu-se, fazendo-o baixar duas jardas sobre uma coisa mole, de que jamais imaginara, um dia, haver de sentir, sob os pés, a muralhante e gosmenta friagem. Estonteado pelo barulho ou pelo fétido que se desprendera, vigoroso, até o lado de fora, o cavalo emitiu um berro estridente, demasiado selvagem para chamar-se um relincho, e mergulhou na noite de piche, louco de pânico, seguido do estrépito infernal da carroça, arrastada aos trambolhões cegos.

Naquela angustiosa situação, Birch se encontrava agora impotente para atravessar a claraboia já alargada, mas resolveu reunir as energias para uma tentativa desesperada. Tendo conseguido agarrar-se à beira da abertura pela ponta dos dedos, dispunha-se a alcançar-se, pela força dos braços, quando notou uma estranha pressão como se alguém o puxasse para baixo, pelos calcanhares. Então, pela primeira vez, naquela noite, ele sentiu medo. Sim. Porque, embora se debatesse, esperneando furiosamente o mais possível, não conseguiu sacudir fora a misteriosa garra que lhe prendia os pés, em uma tração contínua. Dores horríveis, como de chagas cruéis, percorriam-lhe a barriga da perna e, em seus espírito, dançava, num vértice de horror supersticioso, a inequívoca realidade, a prova material; o lascar das tábuas, os pregos arrancados e todos os demais ruídos característicos da madeira que se parte. Não era, portanto,

uma ilusão dos sentidos, um fenômeno alucinatório gerado pelas circunstâncias. Pô-se a lutar, dando de pernas, em contorções ainda mais frenéticas, até passar a um estado de semidesmaio, em que os seus desvairados movimentos continuaram, ao acaso, automáticos. De repente, sem saber como, viu-se livre, já com o corpo metido na claraboia.

Somente o instinto o guiou, no trágico caminho sinuoso através da abertura e ao rastejar que seguiu o baque surdo da sua queda, no exterior, sobre o chão úmido. Birch não podia caminhar e a lua nascente deve ter testemunhado a horrível cena daquele homem delirante, arrastando os tornozelos em sangue, na direção do pequeno pavilhão do cemitério, os dedos espasmódicos enterrando-se na relva enegrecida, em pressa febril, o corpo, porém, respondendo com a clássica lentidão desesperante de que procura fugir dos fantasmas, nos pesadelos. Evidentemente, ali não havia perseguidor algum, pois que Birch estava só e acordado, quando Armington, o guarda da necrópole, atendeu a seu fraco batido à porta.

O guarda levou-o para uma cama de reserva e mando o filho, Edwin, chamar o Dr. Davis. O pobre empreiteiro de enterros se achava em perfeito estado de conhecimento, mas nada dizia sobre o acontecimento, murmurando apenas raras palavras como: "Ai! Meus tornozelos! Largue-me!... Fechado na catacumba...". Pouco depois, chegou o médico com a sua maleta de remédios, fez perguntas insistentes ao ferido e removeu-lhe as roupas de cima, os sapatos e as meias. As feridas (ambos os artelhos se apresentavam horrivelmente dilacerados sobre o tendão de Aquiles) intrigaram grandemente o velho doutor e, a seguir, quase o aterrorizaram. O interrogatório, com efeito, ultrapassou o terreno médico e as mãos do esculápio tremiam visivelmente ao contribuírem os retalhados membros de espessas ataduras, como se ele quisesse, sobretudo, ocultar aquelas chagas, o mais depressa possível.

Realmente, as perguntas angustiosas e solenes do Dr. Davis tornavam-se mais do que estranháveis, pois deixavam bem patente a intenção de arrancar do infeliz coveiro até o mais insignificante detalhe da sua pavorosa aventura, o que era inadmissível em médico. Davis mostrava- se singularmente ansioso pos saber se Birch tinha a

certeza absoluta de quem era o caixão que servia de plataforma, de como ele o identificara em plena escuridão e finalmente, por que maneira o distinguira da duplicata de qualidade inferior, mais tarde ocupada pelo corpo do mal-afamado Asaph Sawyer. Em suma, por que artes o sólido ataúde de Fenner cedera assim tão facilmente? O profissional, antigo médico da aldeia, assistira, naturalmente, aos funerais de ambos, como também os havia atendido nas suas derradeiras enfermidades. Até mesmo no enterro de Sawyer, muito se admirara de como se arranjara o vingativo fazendeiro defunto para acomodar os longos ossos em tão diminuto caixão, feito sob as medidas do pequeno Fenner.

Após duas longas horas, o Dr. Davis partiu, insistindo com o paciente para convencer-se de que as suas feridas só poderiam ter sido causadas por pregos de pontas soltas estilhaços agudos de madeira. Nada mais explicaria o acontecido, com lógica e verossimilhança, acrescentou. Sobretudo, recomendou-lhe ainda falar o menos possível sobre o caso e, em nenhuma hipótese, permitisse que ouro médico lhe tratasse aqueles ferimentos. Birch seguiu esses conselhos o resto da sua vida, até que um dia, me contou a sua história. Depois de examinar-lhe as cicatrizes já velhas e esbranquiçadas, achei que ele fizera muito bem em manter-se discreto. Do acidente, o pobre homem saira aleijado, pois fora cortado o tendão principal, mas, para mim, a sua maior invelidez operou-se- lhe na própria alma. De temperamento outrora tão fleumático, o seu raciocínio guardou, depois do fato, transtornos imperecíveis e comovia observar-se-lhe as reações e certas alusões causais, como "sexta-feira, catacumba, caixão" e outras palavras menos diretamente significativas. O seu cavalo assustado, regressara a casa, nas a razão do pobre homem nunca mais retornou ao lugar devido. Ele trocou a profissão, mas, para sempre, algo lhe ficou, penando-o. Talvez fosse apenas o medo, ou o medo envolto em espécie estranha de implacável remorso pelas más ações do seu passado. Ademais, a bebida só veio agravar o que ele tencionava aliviar com a embriaguez.

O Dr. Davis, ao deixá-lo, naquela noite, pegara uma lanterna e se dirigira à catacumba. A luz iluminava vagamente os destroços dos tijolos espalhados, a fachada esburacada e o velho cipreste, de cujo

tronco ainda pendia o segmento do cabresto arrebentado pelo eqüino, em pânico. O trinco da pesada porta de ferro abriu-se à primeira pressão da maçaneta exterior. Endurecido pela antiga prática das autópsias, o médico entrou e correu o olhar em torno, contendo a náusea física e moral que o mau cheiro e tudo mais ali provocavam. De repente, deixou escapar um grito e, logo depois, teve um extremeção que lhe pareceu mais terrível do que um berro de dor. E correu desabaladamente para o pavilhão do cemitério, onde, contra todas as regras da compostura, agarrou o doente pelas roupas, levantando-o, com força, atirou-lhe uma série de cochichos frenéticos que entraram pelos ouvidos do ferido, fervilhantes como vitríolo.

— O caixão era de Asaph, Birch — sibilou-lhe o doutor, justamente como eu pensava. — Reconheci-lhe o cadáver pela dentadura a que faltavam incisivos superiores. Pelo amor de Deus, jamais mostre os seus ferimentos a quem for! O corpo estava completamente putrefeito, mas, ainda assim, nunca vi expressão tão nítida de vingança satisfeita como a das suas feições já enegrecidas. Nunca, juro-o, em toda a minha vida! Bem sabe o demônio tenaz que era lê para vingar-se. Ainda deve estar lembrado de como arruinou o velho Raymond, trinta anos depois da demanda de terras entre ambos e como matou, a pisadas, o cãozinho inofensivo que o perseguira, latindo, fez um ano em agosto... Era o diabo em figura de gente e penso que a sua teoria de olho por olho e dente por dente tinha tanta ferocidade que resistiu à própria morte. O seu ódio... meu Deus!... eu não o quisera, jamais, sobre mim!

Então, por que você o foi provocar, Birch? Por ter sido um sujeito miserável, não te censuro ter-lhe dado um caixão refugado. Mas sempre exageras as coisas! Há limites que se devem respeitar, a todo preço, e conhecias muito bem o tamanho do velhinho Fenner!

Nunca mais se me apagará da memória, enquanto vivo for, o quadro que então presenciei. O caixão de Asaph estava por terra, atirado longe. A sua cabeça esfacelada e tudo mais, dentro, resolvido. Já muita coisa neste mundo, mas uma, doravante, ficará insuperável! Olho por olho! Francamente, Birch teve o que merecia. O crânio esmigalhado de Asaph embrulhou-me o estômago, mas a

outra extremidade do corpo fez-me pior. Aqueles tornozelos cortados rentes para que o defunto coubesse no caixão feito para Matt Fenner!



A Casa Abandonada

ATÉ MESMO DOS horrores supremos raramente a ironia está ausente. Às vezes ela participa diretamente da composição dos acontecimentos; outras vezes só se refere à posição fortuita desses acontecimentos entre pessoas e lugares. O último caso é ilustrado, de maneira esplêndida, por um episódio ocorrido na antiga cidade de Providence, onde, nos últimos anos da década de 1840 Edgard Allan Poe costumava se hospedar com frequência, durante a malograda corte que fez a Sra. Whitman, a talentosa poetisa. Em geral Poe ficava na Mansion House, em Benefit Street - hoje rebatizada como Pousada Golden Bali, cujo teto abrigou Washington, Jefferson e Lafayette -, e seu p asseio predileto consista em caminhar na direção do norte, pela mesma rua, até a residência da Sra. Whitman e o cemitério da igreja de São João, numa colina próxima. As lápides do século XVIII exerciam sobre ele um fascínio peculiar.

Ora, a ironia está em que, nesse passeio tantas vezes repetido, o maior mestre do terrível e do fantástico em todo o mundo era obrigado a passar por uma certa casa do lado leste da rua; era uma construção antiquada e caindo aos pedaços, pendurada numa ladeira que subia bruscamente, com um enorme quintal abandonado, que datava do tempo em que a região era quase desabitada. Ao que parece, ele nunca escreveu ou falou sobre ela, nem há qualquer indicação de que algum dia a tenha notado. No entanto, para duas pessoas possuidoras de determinadas informações, aquela casa iguala ou supera, em horror, a mais delirante fantasia do gênio que tão amiúde passava por ela inadvertidamente, e se ergue, olhando de soslaio para os passantes, símbolo de tudo quanto é indizivelmente tétrico.

A casa pertencia (e, aliás, pertence ainda) àquela espécie destinada a atrair a atenção dos curiosos. Construída em estilo rural, ou semi-rural,

obedecia ao risco médio do estilo colonial da Nova Inglaterra - o teto pontiagudo que indicava prosperidade, com dois andares e sótão sem água-furtada, o portal georgiano e o interior de lambris, ditado pelo gosto da época. Dava para o sul, com uma empena chegando às janelas inferiores na colina de leste, e a outra exposta para os alicerces, na direção da rua. Sua construção, que datava de mais de século e meio, havia acompanhado o aclive e o endireitamento da rua naquele local; isto porque a Benefit Street - de início denominada Back Street - dispunha-se como uma viela que serpenteava entre os túmulos dos primeiros colonizadores e só for a retificada quando a remoção dos restos mortais para o Cemitério do Norte tornou-lhe decentemente possível cortar os velhos jazigos de família.

No passado, a parede de oeste se erguia a partir de um relvado íngreme, a cerca de seis metros da rua. Entretanto, a alargamento desta, mais ou menos ao tempo, da Revolução, amputou a maior parte do espaço interveniente, expondo as fundações, de modo que foi necessário edificar um muro de tijolos, dando ao alto porão um alinhamento com a rua, ficando a porta e duas janelas sobre o solo, perto da nova linha de servidão pública. Quando foi construída a calçada, há um século, removeu-se o que restava do espaço interveniente. E em seus passeios Poe deve ter visto apenas uma parede vertical de sujos tijolos cinzentos, rentes à calçada e encimada, a uma altura de três metros, pela casa propriamente dita, de antiquados enxaméis.

O terreno da casa, lembrando uma fazenda, estendia-se colina acima, chegando quase a Wheaton Street. O espaço ao sul da casa, limítrofe com a Benefit Street, ficava naturalmente muito acima do nível da calçada, formando um terraço limitado por uma alta murada da pedra úmida e musgosa, interrompida por um íngreme lance de degraus estreitos que levavam, entre paredes altas como canyons, à área superior de relva mirrada, úmidas paredes de tijolos e jardins desmazelados, cujas derribadas urnas de cimento, enferrujadas chaleiras caídas de tripés de varas nodosas e objetos semelhantes adornavam a porta da frente, castigada pelo tempo, com sua claraboia quebrada, suas apodrecidas colunas jônicas e seu carunchoso frontão triangular.

O que ouvi na juventude a respeito da casa abandonada foi somente que as pessoas morriam ali em quantidade alarmante. Foi por isso, disseram-me, que os primeiros proprietários haviam-se mudado, cerca de vinte anos depois de a terem construído. A casa era evidentemente insalubre, talvez

por causa da umidade e dos fungos do porão, do cheiro doentio, das correntes de ar nos corredores ou da qualidade da água do poço. Tais características eram bastante más e eram tudo quanto gozava de crédito entre as pessoas que eu conhecia. Só os apontamentos de meu tio, o Dr. Elihu Whipple, revelaram-me por fim as conjecturas mais sinistras e mais vagas que alimentavam as crenças de velhos empregados e de pessoas mais humildes, conjecturas que nunca chegaram muito longe e que foram em grande parte esquecidas quando Providence cresceu e se converteu em metrópole moderna, com uma sempre renovada população.

O fato é que a casa nunca foi considerada pela parte respeitável da comunidade como sendo "mal-assombrada" em qualquer sentido real. Não havia histórias de correntes arrastadas, lufadas de ar frio, luzes que se apagavam ou rostos que assomavam em janelas. Às vezes os mais exagerados diziam que a casa "dava azar", mas não passavam disso. O que era realmente incontestável era que um número assustador de pessoas morria ali; ou, mais exatamente, haviam morrido ali, uma vez que, depois de certos episódios peculiares, havia mais de sessenta anos, o prédio tinha ficado abandonado, por pura impossibilidade de alugá-lo. Essas pessoas não tinham sido, de modo algum, abatidas subitamente por alguma causa única. Ao invés disso, era como se sua vitalidade fosse insidiosamente solapada, de modo que cada qual falecia mais cedo, em virtude de qualquer tendência à debilidade que lhe fosse natural. E aqueles que não morriam exibiam, em grau variado, um tipo de anemia ou consumição, e às vezes um declínio das faculdades mentais, que depunham contra a salubridade da moradia. As casas vizinhas, convém acrescentar, pareciam inteiramente isentas desse atributo nocivo.

Isso era tudo que eu sabia antes que minhas insistentes indagações levassem meu tio a me mostrar os apontamentos que finalmente nos conduziu a nossa medonha investigação. Em minha meninice a casa abandonada já estava vazia, com suas terríveis árvores secas e retorcidas, seu mato crescido e estranhamente pálido, suas ervas absurdamente malformadas no quintal alto nunca visitado por pássaros. Os meninos, eu entre eles, costumávamos invadir a casa, e ainda me lembro de meu terror infantil provocado não só pela estranheza mórbida dessa vegetação sinistra, como também pela atmosfera e o odor mefítico da casa dilapidada, por cuja porta, sem tranca, costumávamos entrar à procura de calafrios. Quase todas as janelas, de pequeninas vidraças, estavam

quebradas e um clima sombrio de desolação pairava em torno dos lambris precários, das venezianas destroçadas, do papel de parede solto, do reboco, das escadas rangentes e dos restos de mobília desmantelada. A poeira e as teias de aranhas acrescentavam seu toque de medo, e valente era a criança que voluntariamente subia a escada do sótão, um vasto espaço encaibrado, iluminado apenas por pequenas janelas sujas nas empenas, tomado pelos restos empilhados de baús, cadeiras e rocas que anos infinitos de abandono haviam amortalhado e decorado com teias de aranha, dando-lhes formas monstruosas e infernais.

No entanto, o sótão não era a parte mais terrível da casa. Era o porão único que, por algum motivo, mais repulsa nos causava, muito embora ficasse inteiramente acima do solo, do lado da rua, separado da calçada movimentada apenas por uma porta delgada e por uma parede de tijolos com janelas. Não sabíamos se mais desejávamos inspecioná-lo, tomados de fascinação espectral, ou evitá-lo, por amor às nossas almas e a nosso juízo. Para começar, o mau-cheiro da casa era mais intenso ali; além disso, tínhamos aversão pelos fungos brancos que de vez em quando brotavam do chão de terra dura durante as chuvas de verão. Tais fungos, grotescamente semelhantes à vegetação do quintal lá fora, tinham contornos verdadeiramente horríveis; eram execráveis paródias de chapéus-de-cobra e monótropas, diferentes de tudo quanto já tínhamos visto. Apodreciam rapidamente e em certo estágio tornavam-se ligeiramente fosforescentes, pelo que transeuntes noturnos às vezes faziam referência a fogueiras de bruxas por trás das vidraças quebradas das janelas, que exalavam fedor nauseabundo.

Jamais - nem em nossas mais animadas noites de Halloween - visitávamos aquele porão à noite, mas em algumas de nossas visitas diurnas podíamos detectar a fosforescência, principalmente quando o dia era escuro e úmido. Havia ainda uma coisa mais sutil, que muitas vezes supúnhamos detectar - uma coisa estranhíssima que era, entretanto, no máximo sugestiva. Refiro-me a uma espécie de desenho esbranquiçado no chão sujo - um depósito vago e cambiante de bolor ou mofo, que às vezes acreditávamos ver no meio dos fungos esparsos perto da imensa lareira da cozinha do porão. Às vezes tínhamos a impressão de que aquele trecho mostrava uma fantástica semelhança com uma figura humana dobrada em dois, ainda que em geral não houvesse essa identificação e muitas vezes não existisse nenhum depósito esbranquiçado. Numa certa tarde chuvosa

em que essa ilusão pareceu fenomenalmente forte e em que, além disso, imaginei ter entrevisto uma espécie de exalação rala, amarelada e tremeluzente subindo do desenho nitroso na direção à boca da lareira, falei com meu tio a respeito. Ele sorriu, mas era como se seu sorriso estivesse matizado por reminiscências. Mais tarde vim a saber que uma impressão semelhante fazia parte de algumas das fantasiosas histórias antigas da gente comum - uma impressão que também aludia a formas fantasmais e lupinas assumidas pela fumaça da grande chaminé e a contornos singulares tomadas por algumas das sinuosas raízes que, passando pelas pedras soltas das fundações, acabavam entrando no porão.

2

Só quando me fiz adulto foi que meu tio me deu a ler os apontamentos que ele havia coligido com relação à casa abandonada. O Dr. Whipple era um médico conservador da velha guarda, e apesar de todo seu interesse pelo lugar não estava disposto a incentivar o interesse dos jovens pelo ocultismo. Sua opinião pessoal, que postulava simplesmente um prédio e uma localização de acentuados predicados insalubres, nada tinha a ver com anormalidade; no entanto, ele sabia que se o pitoresco do caso era capaz de despertar seu próprio interesse, haveria de provocar toda sorte de medonhas associações imaginativas no espírito de uma criança.

O médico era celibatário. Um cavalheiro de cabeça branca, de barba raspada, e com reputação local de historiador, que havia frequentemente terçado lanças com controversos guardiões da tradição, como Sidney S. Rider e Thomas W. Bicknell. Vivia com um criado numa casa georgiana com aldrava e degraus com cantoneiras de ferro, equilibrada lugubremente na subida íngreme da North Court Street, ao lado do antigo tribunal onde seu avô - um primo daquele famoso corsário, o Capitão Whipple, que incendiou a escuna armada Gaspee, de Sua Majestade, em 1772 - havia votado a 4 de maio de 1776 pela independência da colônia de Rhode Island. A seu redor, na biblioteca úmida, de lambris brancos e bolorentos, rebordo de lareira esculpido e janelas de vidraças pequenas, cobertas de hera, estavam as relíquias e as lembranças de sua família antiga, entre as quais havia numerosas alusões dúbias à casa abandonada da Benefit Street. Aquele sítio maléfico não fica longe, pois a Benefit Street corre bem sobre

o tribunal, pela encosta da colina que constituiu o primeiro núcleo da cidade.

Quando, por fim, minha insistência e meu amadurecimento levaram meu tio a me franquear a história que eu buscava, vi-me diante de uma crônica estranhíssima.Embora parte dela fosse tortuosa e maçantemente genealógica, corria por todo o relato um fio contínuo de horror melancólico e tenaz, de malignidade sobrenatural, que me impressionaram ainda mais que ao bom doutor. Episódios separados se concatenavam de modo fantástico e pormenores na aparência irrelevantes encerravam minas de hediondas possibilidades. Cresceu em mim uma nova e ardente curiosidade, comparada à qual minha curiosidade infantil era débil e rudimentar. As primeiras revelações conduziram a uma pesquisa exaustiva e, finalmente, àquela investigação assustadora que se mostrou tão desastrosa para mim e os meus. Porque finalmente meu tio insistiu em participar da busca que eu havia iniciado, e depois de uma certa noite naquela casa não saiu dela comigo. Sinto-me só sem aquela alma gentil cujos longos anos só conheceram a honra, a virtude, o bom gosto, a benevolência e o saber. Fiz erguer em sua memória um monumento de mármore no cemitério da igreja de São João - o lugar que Poe tanto amou -, a alameda oculta de salgueiros gigantes na colina, onde túmulos e lápides se amontoam placidamente entre o vulto venerável da igreja e as casas e os muros da Benefit Street.

A história da casa, que se desvelou num emaranhado de datas, nada revelava de sinistro quanto à sua construção ou quanto à família próspera e honrada que a construiu. No entanto, desde o início evidenciou-se uma mácula de calamidade, que logo ganhou pressago significado. A crônica que meu tio compilara com tamanho cuidado começava com a edificação da estrutura, em 1763, e seguia o tema com uma invulgar cópia de minúcias. A casa abandonada, ao que parece, foi habitada primeiramente por William Harris e sua esposa, Rhoby Dexter, juntamente com seus filhos - Elkanah, nascida em 1755; Abigail, nascida em 1757. William jr., nascido em 1759. e Ruth, nascida em 1761. Harris era um abastado comerciante e lobo-do-mar, que se ocupava do comércio com as índias Ocidentais, ligado à firma de Obadiah Brown e sobrinhos. Após a morte de Brown em 1761, a nova firma de Nicholas Brown & Co. fê-lo capitão do brigue Prudence, de 120 toneladas, construído em Providence,

possibilitando-lhe assim construir a residência com que ele sonhara desde o casamento.

O local por ele escolhido - um trecho recentemente retificado da nova e elegante Back Street, que seguia pela encosta da colina sobre a congestionada parte da cidade que era chamada de Cheapside - nada deixava a desejar e a casa fez justiça à sua localização. Era melhor que recursos moderados poderiam custear e Harris apressou-se a mudar para ali antes do nascimento de um quinto filho. A criança, um menino, nasceu em dezembro; entretanto, nasceu morto. Aliás, criança alguma nasceria com vida naquela casa durante um século e meio.

No mês de abril seguinte, as crianças caíram doentes e Abigail e Ruth morreram antes de findar o mês. O Dr. Job Ives diagnosticou a enfermidade como sendo alguma febre infantil, conquanto outros declarassem que ela mais se assemelhava a uma consumição. De qualquer modo, parecia ser contagiosa, pois Hannah Bowen, uma criada, morreu acometida do mesmo mal em junho. Eli Lideason, o outro criado, queixava-se constantemente de fraqueza e teria regressado para a fazenda do pai em Rehoboth não fosse a súbita paixão por Mehitabel Pierce, que fora contratada em lugar de Hannah. Eli morreu no ano seguinte, na verdade um ano triste, pois assinalou a morte do próprio William Harris, que sucumbira ao clima da Martinica, onde sua profissão o mantivera durante períodos consideráveis na década anterior.

A viúva nunca se recobrou do choque causado pelo passamento do marido, e a morte de seu primogênito, Elkanah, dois anos depois, representou o golpe final para seu juízo. Em 1768 ela caiu vítima de uma forma branda de insanidade, ficando daí em diante confinada à parte superior da casa. Mercy Dexter, sua irmã mais velha, solteira, mudou-se para lá a fim de cuidar da família. Mercy era uma mulher simples e ossuda, de grande vigor, mas sua saúde declinou visivelmente desde que se mudou para a casa. Era extremamente devotada à sua infeliz irmã e nutria afeto especial por seu único sobrinho sobrevivente, William, que de criança robusta se transformara num rapazinho enfermiço e magro. Foi nesse ano que morreu a criada Mehitabel e que o outro serviçal, Preserved Smith, saiu sem explicação coerente, mas levando algumas histórias absurdas e a queixa de que não gostava do cheiro da casa. Durante algum tempo Mercy não conseguiu quem a auxiliasse, pois as sete mortes e o caso de loucura, tudo isso num espaço de cinco anos, haviam começado a

atear, como fogueira, os boatos que viriam a tornar-se tão fantásticos. Por fim, entretanto, ela arranjou novos criados, fora da cidade - Ann White, uma mulher rabugenta daquela parte de North Kingstown que hoje constitui a cidade de Exeter, e um eficiente bostoniano de nome Zenas Low.

Foi Ann White quem primeiro deu forma definida ao sinistro falatório. Mercy devia ter pensado melhor antes de contratar alguém da região de Nooseneck Hill, pois aquele lugar atrasado era, como ainda é, fonte das mais desagradáveis superstições. Ainda em 1892 uma comunidade de Exeter exumou um cadáver e ritualisticamente queimou-lhe o coração, a fim de conjurar supostas aparições tidas como danosas à saúde e à paz públicas, e pode-se imaginar qual fosse o espírito dessa gente em 1768. A língua de Ann mostrava-se perniciosamente ativa e dentro de alguns meses Mercy a demitiu, substituindo-a por uma fiel e amável virago de Newport, Maria Robbins.

Entrementes, a infeliz Rhoby Harris manifestava, em sua loucura, os sonhos e fantasias mais delirantes. Às vezes seus gritos se tornavam insuportáveis e, por longos períodos, ela vociferava horrores que obrigavam a que o filho fosse morar temporariamente com o primo, Peleg Harris, no Caminho Presbiteriano, perto do novo edifício do colégio. O rapaz parecia melhorar de saúde após essas visitas, e fosse Mercy tão sensata quanto bem-intencionada, ela o deixaria morar em caráter permanente com Peleg. A tradição hesita em dizer exatamente o que a Sra. Harris bradava em suas crises de violência; ou melhor, os relatos são de tal modo extravagantes que se desmentem pelo puro absurdo. Decerto parecerá absurdo dizer que uma mulher que aprendera apenas os rudimentos do francês gritasse durante horas num rude dialeto daquela língua, ou que essa mesma pessoa, que vivia sozinha e protegida, se queixasse com desvario de uma coisa que a vigiava e a mordia. Em 1772 morreu o criado Zenas e quando a Sra. Harris ouviu a notícia gargalhou com um prazer chocante, inteiramente fora de seu feitio. No ano seguinte ela própria morreu e foi sepultada ao lado do marido no Cemitério do Norte.

Ao rebentar a guerra com a Grã-Bretanha, em 1775, William Harris, a despeito de seus tenros dezesseis anos e de sua débil constituição, logrou alistar-se no Exército de Observação, sob o comando do general Greene; e a partir de então não deixaram de melhorar sua saúde e seu prestígio. Em

1780, servindo como capitão das forças de Rhode Island em Nova Jersey, sob o comando do coronel Angell, ele se casou com Phebe Hetfield, de Elizabethtown, levando-a para Providence ao dar baixa com honras no ano seguinte.

O retorno do jovem soldado não foi aureolado de total felicidade. A casa, é verdade, estava ainda em bom estado, e a rua fora alargada e tivera seu nome mudado, de Back Street para Benefit Street. No entanto, a compleição outrora robusta de Mercy Dexter havia sofrido um curioso e prostarante alquebramento, de modo que ela era agora uma figura derreada e patética, de voz cava e palidez desconcertante - atributos partilhados em grau singular pela única criada que restava, Maria. No outono de 1782 Phebe Harris deu à luz uma filha natimorta e no dia 15 do mês de maio seguinte, Mercy Dexter despediu-se de uma vida útil, austera e virtuosa.

Por fim convencido da natureza radicalmente insalubre de seu domicílio, William Harris tomou medidas para deixá-lo e fechá-lo para sempre. Tomando aposentos temporários para si e sua mulher na recém-inaugurada Pousada Golden Bali, ele providenciou a construção de uma nova casa, melhor, na Westminster Street, na parte da cidade que se desenvolvia do outro lado da Ponte Grande. Ali, em 1785, nasceu-lhe um filho, Dutee; e ali a família residiu até que as invasões do comércio fizeram com que atravessassem outra vez o rio e novamente transpusessem a colina, instalando-se na Angell Street, no bairro residencial mais novo de East Side, onde em 1876 o falecido Archer Harris construiu sua suntuosa, mas medonha mansão, em estilo francês. Tanto William como Phebe sucumbiram à epidemia de febre amarela de 1797, porém Dutee foi criado pelo primo Rathbone Harris, filho de Peleg.

Rathbone era homem de espírito prático e alugou; a casa de Benefit Street, a despeito do desejo de William de mantê-la vazia. Considerava obrigação sua aproveitar ao máximo todas as propriedades de seu tutelado e não sc preocupava com as mortes e as moléstias, que causavam tantas mudanças de moradores, ou com a crescente aversão que em geral era votada a casa. É provável que ele tenha sentido apenas contrariedade quando, em 1804, o conselho municipal determinou-lhe que fumigasse a casa com enxofre, alcatrão e cânfora, devido às polêmicas mortes de quatro pessoas, presumivelmente causadas pela epidemia de febre amarela, que já então esmorecia. Diziam que a casa tinha um cheiro pestilento.

O próprio Dutee pouco pensava na casa, pois ao crescer tornou-se corsário e serviu com distinção no Vigilant, sob o comando do Capitão Cahoone, na guerra de 1812. Voltou ileso, casou-se em 1814 e tornou-se pai naquela memorável noite de 23 de setembro de 1815, quando um vendaval fez com que as águas da baía cobrissem meia cidade e empurrou pela Westminster Street uma chalupa alta, cujos mastros quase bateram nas janelas dos Harris, numa afirmação simbólica de que o menino, Welcome, era filho de marinheiro.

Welcome não sobreviveu ao pai, mas viveu o bastante para morrer com glória em Fredericksburg, no ano de 1862. Nem ele nem o filho Archer viam na casa abandonada outra coisa senão uma maçada, quase impossível de alugar, talvez devido ao bolor e ao cheiro doentio de velhice desleixada. Com efeito, ela nunca foi alugada após uma série de mortes que culminaram em 1861 e que a agitação da guerra tendeu a lançar no esquecimento. Carrington Harris, o último da linhagem masculina, só sabia dela como um foco de lendas, abandonado e com seu toque de pitoresco, até eu lhe contar minha experiência. Ele tivera a intenção de demoli-la e construir no terreno um edifício de apartamentos, porém depois de meu relato decidiu deixá-la como estava, instalar encanamento e alugá-la. Até hoje não tem tido dificuldades para conseguir locatários. O horror havia desaparecido.

3

Bem se pode imaginar como os anais dos Harris me impressionaram. Naquela crônica contínua, parecia-me espreitar um malefício persistente, os fatos mais antinaturais que já me tinham sido dado conhecer. Essa impressão foi confirmada pela coletânea de dados menos sistemáticos, coletados por meu tio - lendas transcritas de conversas de criados, recortes de jornais, cópias de atestados de óbito firmados por colegas médicos etc. Não há possibilidade de eu divulgar todo esse material, uma vez que meu tio era um incansável colecionador de antigualhas e se interessava profundamente pela casa abandonada. No entanto, poderei fazer referência a vários tópicos dominantes, que atraem a atenção devido ao fato de aparecerem em muitas fontes diversas. Por exemplo, em seu disse-que-disse, os criados eram quase unânimes em atribuírem ao porão fungoso e mau-cheiroso da casa uma vasta supremacia no tocante à influência

maléfica. Havia criadas (principalmente Ann White) que não usavam a cozinha do porão e pelo menos três histórias bem definidas se referiam aos estranhos contornos quase humanos ou diabólicos assumidos pelas raízes ou manchas de bolor naquela área. Essas últimas narrativas interessaram-me profundamente, em virtude do que eu mesmo tinha visto na meninice, mas ficou-me a impressão de que o alcance de cada caso havia sido em grande parte obscurecido por acréscimos provenientes do folclore local.

Com suas superstições de Exeter, fora Ann White quem propalara a história mais fantástica e ao mesmo tempo mais consistente. Afirmava ela que debaixo da casa deva estar enterrado um daqueles vampiros - os mortos que conservam sua forma corporal e se nutrem do sangue ou do hálito dos vivos - cujas hediondas legiões soltam à noite seus vultos ou espíritos rapinantes. Para se destruir um vampiro, dizem as comadres, é preciso exuma-lo e queimar seu coração, ou pelo menos atravessar com uma estaca aquele órgão; e a insistência obstinada de Ann no sentido de que se desse uma busca sob o porão desempenhara papel importante em sua demissão. Suas histórias, no entanto, gozavam de ampla aceitação, tanto mais porque, com efeito, a casa situava-se em terras utilizadas no passado para sepultamentos. Para mim o interesse despertado por essas histórias baseava-se menos nessa circunstância do que na maneira peculiarmente apropriada como coincidiam com algumas outras coisas - a queixa do criado Preserved Smith, ao deixar o emprego, de que alguma coisa havia "sugado sua respiração" de noite (Preserved precedera Ann e nunca tinha ouvido falar dela); os atestados de óbito de vítimas da febre em 1804, firmados pelo Dr. Chad Hopkins, segundo os quais todas as quatro pessoas falecidas estavam inexplicavelmente sem sangue; e as passagens obscuras dos delírios da pobre Rhoby Harris, nas quais ela se queixava dos dentes afiados de uma presença de olhos vítreos, semivisível.

Por mais livre de infundadas superstições que eu seja, essas coisas provocavam em mim uma sensação singular, intensificada por dois recortes de jornal, bastante separados pelo tempo, que diziam respeito a mortes ocorridas na casa abandonada. Um deles era o Providence Gazette and Country-Journal, de 12 de abril de 1815, o outro do Daily Transcript and Chronicle, de 27 de outubro de 1845. Ambos pormenorizavam uma circunstância espantosamente sinistra, cuja duplicação era extraordinária. Ao que parece, em ambos os casos os mortos (em 1815, uma delicada anciã chamada

Stanford; em 1845 um mestre-escola de meia-idade, de nome Eleazar Durfee) ficaram horrivelmente transfigurados; com os olhos vidrados, teriam tentado morder a garganta do médico assistente. Ainda mais enigmático, porém, foi o episódio final, que pôs fim às tentativas de alugar a casa uma série de mortes por anemia, precedida por loucura progressiva durante a qual os pacientes astuciosamente atentavam contra a vida dos parentes, mediante incisões no pescoço ou nos pulsos.

Isso foi em 1860 e 1861, pouco depois de meu tio haver começado a clinicar. E antes de partir para a frente de luta ele havia escutado muita coisa da boca de colegas mais velhos. O fato realmente inexplicável era a maneira como as vítimas - pessoas ignorantes, pois a casa malcheirosa, que todos mais evitavam, não mais podia ser alugada a outra classe de gente - balbuciavam maldições em francês, língua que não poderiam de modo algum ter estudado. Aquilo fazia lembrar a infeliz Rhoby Harris, quase um século antes, e tanto impressionou meu tio que ele começou a coletar informações históricas sobre a casa, depois de escutar, algum tempo após sua volta da guerra, o primeiro relato em primeira mão dos Drs. Chase e Whitmarsh. Na verdade, eu percebia que meu tio havia refletido longamente sobre a questão e que se comprazia com meu próprio interesse - um interesse receptivo e compassivo que lhe permitia discutir comigo assuntos que para outras pessoas só constituiriam motivos de risota. Sua fantasia não fora tão longe quanto a minha, mas ele acreditava que o lugar era rico de potencialidades imaginativas e digno de nota como inspiração no campo do grotesco e do macabro.

De minha parte, eu estava dispostos a encarar o assunto com a máxima seriedade e comecei imediatamente a não só analisar os dedos existentes como a acumular outros novos, tanto quanto possível. Conversei com o idoso Archer Harris, então proprietário da casa, muitas vezes antes de sua morte em 1916; e obtive, tanto dele quanto de sua irmã solteira Alice, ainda viva, uma corroboração autêntica de todos os dados de família que meu tio havia coligido. Quando, entretanto, lhes perguntei que ligação a casa poderia ter com a França ou com a língua francesa, eles se confessaram tão francamente perplexos e ignorantes quanto eu. Archer de nada sabia e tudo quanto Miss Harris pôde dizer foi que talvez uma velha alusão por seu avô, Dutee Harris, pudesse esclarecer alguma coisa. O velho marinheiro, que sobrevivera à morte do filho Welcome em batalha por dois anos, não conhecera pessoalmente a lenda, mas lembrava-se de

que sua primeira ama, a velha Maria Robbins, parecia sombriamente ciente de alguma coisa que poderia ter emprestado funesto significado aos delírios de Rhoby Harris em francês, que ela tantas vezes escutara durante os últimos dias daquela desgraçada mulher. Maria havia morado na casa abandonada desde 1769 até a mudança da família em 1783 e tinha visto Mercy Dexter morrer. De certa feita ele insinuara ao menino Dutee que houvera uma circunstância peculiar nos últimos momentos de Mercy, mas ele logo se esquecera de tudo aquilo, salvo que tinha sido algo de singular. A neta, ademais, lembrava-se até mesmo disso com dificuldade. Ela e o irmão não estavam tão interessados na casa quanto o filho de Archer, Carrington, o atual proprietário, com quem conversei depois de minha experiência.

Havendo obtido da família Harris toda informação que ela podia proporcionar, voltei a atenção para os antigos registros e anais da cidade, com ardor mais ferrenho do que meu tio demonstrara ocasionalmente no mesmo mister. O que eu desejava era uma história completa do lugar, desde o início de sua ocupação, em 1636 ou mesmo antes, se fosse possível desencavar alguma lenda dos índios Narragansett capaz de fornecer informações. Descobri, de saída, que o terreno tinha feito parte da longa faixa concedida originariamente a John Throckmorton; era uma dentre várias faixas semelhantes que começavam na Town Street, à beira do rio, e que subiam pela colina até uma linha que corresponde hoje, grosso modo, a Hope Street. Mais tarde, naturalmente, a terra de Throckmorton tinha sido muito subdividida; e eu me apliquei com afinco em estudar aquela parte que seria posteriormente atravessada pela Back ou Benefit Street. Ela fora, dizia com efeito um boato, o cemitério dos Throckmorton. Entretanto, examinando mais detidamente os registros, dei-me conta de que os túmulos tinham sido todos transferidos para o Cemitério do Norte na Pawtucket West Road.

Foi então que de repente - e de maneira inteiramente fortuita, pois o documento não integrava o corpo principal da investigação e poderia ter facilmente passado despercebido - dei com uma coisa que suscitou em mim o mais vivo entusiasmo, por se ajustar à maravilha aos aspectos mais curiosos do mistério. Tratava-se do assentamento da cessão, em 1697, de uma jeira de terra a um certo Etienne Roulet e sua mulher. Por fim havia aparecido o elemento francês - isso e um outro elemento mais profundo de horror que o nome evocava nos recessos mais sombrios de minhas leituras

fantásticas e heterogêneas - e pus-me a estudar febrilmente a planta da área, tal como ela fora antes do atalhamento e da parcial retificação da Back Street entre 1747 e 1758. Descobri o que de certa forma esperava: onde ficava hoje a casa abandonada os Roulets haviam feito seu cemitério, por trás de um chalé com sótão. Não existia qualquer registro de transferência de túmulos daquele sítio. O documento, na verdade, terminava de modo assaz confuso e fui obrigado a vasculhar tanto a Sociedade Histórica de Rhode Island quanto a Biblioteca Shepley antes de conseguir descobrir uma porta que o nome Etienne Roulet pudesse destrancar. Por fim, descobri uma coisa: uma coisa de significado tão vago, mas monstruoso, que me dispus incontinenti a examinar o porão da casa abandonada com redobrado e excitado rigor.

Os Roulets, ao que parecia, tinham chegado em 1696 de East Greenwich, na margem ocidental da baía de Narragansett - Eram huguenotes de Caude e haviam encontrado muita oposição antes que os conselheiros municipais os autorizassem a se estabelecer na cidade. A impopularidade os perseguira em East Greenwich, para onde tinham ido em 1686, após a revogação do Edito de Nantes, e dizia-se que a causa da antipatia ia além de meros preconceitos racionais e nacionais ou dos litígios de terras que contrapunham outros franceses aos ingleses, em rivalidades que nem o governador Andros podia solucionar. Contudo, seu ardoroso protestantismo - ardoroso demais. Havia quem murmurasse - e sua evidente aflição ao serem praticamente expulsos da vila haviam-lhe propiciado um refúgio; e o corpulento Etienne Roulet, menos dado à agricultura que à leitura de livros estranhos e à confecção de estranhos diagramas ganhou um cargo de escriturário no armazém do cais de Pardon Tillinghast, no extremo sul da Town Street. Entretanto, ocorrera uma briga mais tarde - talvez quarenta anos depois, após a morte do velho Roulet - e ninguém parecia ter tido notícias da família depois disso.

Durante um século ou mais, parecia, os Roulets tinham sido bastante lembrados e discutidos freqüentemente, como vividos incidentes na vida pacata de um porto de Nova Inglaterra. O filho de Etienne, Paul, um sujeito arrogante cujo comportamento imprevisível provavelmente provocara a briga que havia dado fim à família, constituía, particularmente, fonte de especulações. E muito embora Providence jamais houvesse compartilhado do pavor que seus vizinhos puritanos tinham da feitiçaria, as comadres comentavam livremente que as orações

de Paul não eram pronunciadas nos momentos adequados, nem se dirigiam à entidade apropriada. Tudo isso, indubitavelmente, havia constituído a base da lenda conhecida pela velha Maria Robbins. Que relação ela teria com os delírios em francês de Rhoby Harris e de outros habitantes da casa abandonada, só a imaginação ou descobertas futuras poderiam determinar. Eu ficava a imaginar quantas, dentre as muitas pessoas que haviam conhecido as lendas, tinham consciência daquele elo adicional com o sobrenatural que leituras mais amplas haviam-me proporcionado; aquele dado agourento dos anais do horror mórbido que se refere à criatura Jacques Roulet, de Caude, que em 1598 foi condenado à morte por satanismo, sendo posteriormente salvo da fogueira pelo parlamento de Paris e confinado num hospício. Ele havia sido encontrado numa floresta, coberto de sangue e tiras de carne, pouco depois da morte e do despedaçamento de um menino por um par de lobos. Um dos animais fora visto fugindo incólume. Decerto tratava-se de uma interessante história a ser contada ao pé da lareira, uma história de sugestivo significado quanto ao protagonista e ao local. No entanto, cheguei à conclusão de que em geral o povo de Providence decerto não teria tomado conhecimento dela. Conhecessem-na, a coincidência de nomes teria provocado alguma ação drástica e assustada. . . Na verdade, não era crível que alguma alusão a ela, à boca pequena, tivesse precipitado o distúrbio final que havia feito os Roulets desaparecerem da cidade?

Eu agora visitava o lugar sinistro com mais freqüência; estudava a vegetação raquítica do jardim, examinava todas as paredes do prédio e me detinha em cada palmo do chão de terra do porão. Por fim, com a permissão de Carrington Harris, mandei fazer uma chave para a porta do porão que dava diretamente para a Benefit Street, por preferir dispor de um acesso mais imediato ao mundo exterior do que o proporcionado pelas escadas escuras, o salão do andar térreo e a porta da frente. Ali, onde a morbidez se ocultava mais densamente, eu procurava e investigava durante longas tardes em que a luz do sol penetrava pela porta, coberta de teias de aranha, acima do nível da rua, e que me colocava a pequeníssima distância da plácida calçada, na rua. Meus esforços não foram recompensados por nada de novo - somente o mesmo bolor deprimente e leves impressões de odores perniciosos e de contornos nitrosos no chão - e imagino que muitos transeuntes tenham-me olhado com curiosidade através das vidraças quebradas.

Por fim, atendendo a uma sugestão de meu tio, resolvi visitar o lugar de noite; e numa meia- noite tempestuosa corri o facho de uma lanterna elétrica pelo chão mofado, com suas formas bizarras e seus fungos distorcidos, semifosforescentes. O lugar me havia deprimido curiosamente aquela noite e eu me sentia quase preparado quando vi - ou julguei ver - em meio aos depósitos esbranquiçados a definição particularmente nítida do "vulto dobrado" de que eu suspeitara na infância. Sua clareza era assombrosa e sem precedentes - e enquanto eu olhava julgava rever a emanação rala, amarelenta e tremeluzente que me sobressaltara naquela tarde de chuva havia tantos anos.

A exalação subia sobre a mancha antropomórfica de bolor junto da lareira, um vapor sutil, doentio, quase luminoso que, ao pairar tremulamente na umidade, parecia assumir vagas e chocantes sugestões de forma, desfazendo-se gradualmente num estiolamento nebuloso ou se transferindo para o negrume da enorme chaminé, deixando atrás de si um intenso fedor. Era algo verdadeiramente horrendo, sobretudo devido ao que eu sabia a respeito do lugar. Recusando-me a fugir, eu o vigiava esmaecer - e enquanto vigiava eu sentia que aquela coisa estava também a me vigiar, cobiçosa, com olhos mais imagináveis que visíveis. Quando falei a respeito disso a meu tio, ele se interessou vivamente e depois de uma hora tensa de reflexão, chegou a uma decisão definida e drástica. Ponderando na mente a importância da questão e o significado de nossa relação com ela, ele insistiu em que nós dois experimentássemos - e, se possível, destruíssemos - o horror da casa mediante uma ou várias noites de vigília agressiva naquele porão bolorento e invadido (de fungos).

4

Numa quarta-feira, 25 de junho de 1919, após devidamente notificarmos Carrington Harris (mas sem fazermos referência ao que esperávamos encontrar), meu tio e eu levamos para a casa abandonada duas cadeiras de armar e um catre dobrável de acampamento, juntamente com alguns mecanismos científicos de maior peso e complexidade. Colocamos essas coisas no porão durante o dia, vedando as janelas com papel e planejando voltar à noite para nossa primeira vigília. Havíamos aferrolhado a porta entre o porão e o andar térreo; e como possuíamos uma chave da porta externa, podíamos deixar ali nosso dispendioso e delicado

aparelhamento - que havíamos obtido em segredo e a elevado preço - tantos dias quantos fossem necessários. Era nossa intenção ficarmos de atalaia, juntos, até altas horas e depois vigiarmos até de madrugada, um de cada vez, em turnos de duas horas. Enquanto um de nós estivesse de alerta, o outro repousaria no catre.

O espírito de liderança natural com que meu tio obteve os instrumentos, nos laboratórios da Universidade Brown e no armeiro da Cranston Street, e com que instintivamente assumiu a direção de nosso empreendimento representou um maravilhoso comentário sobre a vitalidade c a resistência potenciais daquele homem de 81 anos. Elihu Whipple vivera segundo as leis higiênicas que pregava como médico, e não fosse o que sucedeu mais tarde ele ainda hoje estaria aqui, em pleno vigor. Só duas pessoas suspeitam do que aconteceu - Carrington Harris e eu. Tive de contar a Harris porque ele era o proprietário da casa e merecia saber o que havia saído de lá. Acresce que o havíamos avisado com antecedência a respeito de nossa investigação; e depois do desaparecimento de meu avô achei que ele me compreenderia e me ajudaria em algumas explicações públicas, de necessidade vital. Carrington ficou muito pálido, mas concordou em me auxiliar e decidiu que agora poderia alugar a casa com segurança.

Dizer que não estávamos nervosos naquela noite chuvosa da vigília seria um exagero a um só tempo grosseiro e ridículo. Não éramos, como já disse, de maneira alguma infantilmente supersticiosos, mas o estudo científico c a reflexão nos haviam ensinado que o universo conhecido de três dimensões abarca uma fração ínfima de todo o cosmos de substância e energia. Naquela casa, um grande número de indícios, proveniente de numerosas fontes autênticas, apontava para a existência tenaz de certas forças de grande poder e, no que tange ao ponto de vista humano, excepcional malignidade. Declarar que verdadeiramente acreditávamos em vampiros ou lobisomens seria uma assertiva levianamente genérica. Mais correto seria dizer que não estávamos dispostos a negar a possibilidade de certas modificações desconhecidas e ainda não classificadas de força vital e matéria atenuada. Tais modificações se dariam com certa raridade no espaço tridimensional devido à ligação mais estreita desse espaço com outras unidades espaciais, mas ocorreriam suficientemente perto da fronteira de nosso espaço para nos proporcionar

manifestações ocasionais que, por falta de um adequado ponto de observação, talvez nunca possamos vir a compreender.

Em suma, julgávamos, meu tio e eu, que um conjunto incontroverso de fatos apontavam para alguma influência persistente na casa abandonada. Essa influência podia ser atribuída a um ou outro dos rudes colonos franceses de dois séculos passados e ainda atuava através de leis desconhecidas de movimento atômico e eletrônico. O registro da história da família de Roulet parecia comprovar que ela possuíra uma afinidade anormal com círculos externos de entidade - domínios sombrios pelos quais a gente normal sente apenas repulsa e terror. Não seria de imaginar, então, que as rixas daqueles anos remotos da década de 1730 houvessem acionado algumas forças cinéticas no cérebro mórbido de um ou mais deles - principalmente no do sinistro Paul Roulet - que obscuramente haviam sobrevivido aos corpos assassinados e haviam continuado a atuar em algum espaço multidimensional segundo as linhas originais de força determinadas por um ódio desvairado contra a comunidade invasora?

Tal fato não constituía decerto uma impossibilidade física ou bioquímica à luz de uma nova ciência que inclui as teorias da relatividade e da ação intra-atômica. Podia-se facilmente imaginar um núcleo alienígena de substância ou energia, informe ou não, conservado vivo por meio de subtrações imperceptíveis ou imateriais da força vital ou dos tecidos e fluidos corporais de outros seres vivos, mais palpavelmente vivos, nos quais ele penetra e com cuja trama às vezes se funde completamente. Ele poderia ser ativamente hostil ou poderia obedecer tão-somente às cegas motivações da autoconservação. Em todo caso, tal monstro seria necessariamente, em nossa ordem de coisas, uma anomalia e uma intrusão, cuja extirpação constitui dever primacial de todo homem que não seja inimigo da vida, da saúde e da sanidade do mundo.

O que nos desconcertava era nossa inteira ignorância quanto ao aspecto que teria a coisa. Nenhuma pessoa sã jamais a vira; poucas a haviam sentido de maneira definida. Poderia ser energia pura - uma forma etérea e fora da esfera da substância - ou poderia ser parcialmente material; alguma massa desconhecida à equívoca de plasticidade, capaz de metamorfosear-se à vontade em aproximações nebulosas do estados sólido, líquido ou gasoso, ou mesmo em estados tenuemente instáveis. A mancha entropomórfica de bolor no chão, a forma do vapor amarelado e a curvatura das raízes de árvores de algumas histórias antigas, tudo isso

atestava pelo menos uma conexão remota e reminiscente com a forma humana. No entanto, até que ponto essa similitude poderia ser representativa ou permanente, ninguém era capaz de afirmar com qualquer grau de segurança.

Havíamos imaginado duas armas com que travarmos combate: um tubo de Crookes, de grande dimensão e especialmente adaptado, operado por poderosos acumuladores e munido de telas e refletores, para o caso de a coisa se mostrar intangível e somente vulnerável a radiações vigorosamente destrutivas; e um par de lança-chamas militares, do tipo usado na Guerra Mundial, para o caso de ela ser parcialmente material e suscetível de destruição mecânica. Tal como os supersticiosos campônios de Exeter, estávamos dispostos a queimar o coração da entidade, se existisse algum coração a ser queimado. Dispusemos todo esse mecanismo agressivo no porão, em posições cuidadosamente calculadas com relação ao catre e às cadeiras e também ao ponto diante da lareira em que o bolor havia assumido formas estranhas. Aquela mancha sugestiva, a propósito, mal era visível quando instalamos os móveis e os instrumentos e ao voltarmos naquela noite para a vigília. Por um instante, quase duvidei de já tê-la visto na forma mais delineada. . . mas então lembrei-me das lendas.

Nossa vigília no porão teve início as dez da noite, hora de verão, e à medida que se desenrolava não víamos perspectiva de vir a ser frutífera. O brilho débil dos postes de iluminação pública, batidos pela chuva, e a ligeira fosforescência dos execráveis fungos deixavam entrever a pedra úmida das paredes, das quais haviam desaparecido todos os vestígios de caiação; o chão de terra dura, molhado, fétido e manchado de mofo, com seus fungos obscenos; os restos apodrecidos do que havia sido bancos, cadeiras e mesas, assim como outras peças de mobília mais despedaçados; as tábuas pesadas e os caibros robustos do piso do andar térreo; a decrépita porta de tábuas que se abria para desvãos e quartos, sob outras partes da cama; a esboroada escada de pedra, com seu arruinado corrimão de madeira; e a grosseira e cavernosa lareira de tijolos enegrecidos, onde enferrujados fragmentos de ferro revelavam a presença, no passado, de ganchos, cães de lareira, espeto, suporte de chaleira e um guarda-fogo para o caldeirão de cozer - todas essas coisas mais nosso catre e as cadeiras rudimentares, bem como o pesado e deletério instrumentar que havíamos trazido.

Tal como em minhas próprias explorações prévias, havíamos deixado destrancada a porta que dava para a rua, de modo que tivéssemos à disposição uma direta e prática rota de fuga, no caso de surgirem manifestações contra as quais estivéssemos inermes. Imaginávamos que nossa contínua presença noturna invocaria qualquer entidade maligna que ali se ocultasse; e ocorrendo isso, poderíamos dar-lhe fim com uma ou outra de nossas armas, tão logo a houvéssemos reconhecido e observado suficientemente. Não tínhamos nenhuma ideia do tempo necessário para invocar e extinguir a coisa; ocorria-nos, outrossim, que nossa aventura estava longe de segura, pois ninguém poderia dizer que força teria a entidade. No entanto, considerávamos que o risco valia a pena e nos atiramos a ele sozinhos e sem titubeio, conscientes de que buscar adjutório externo só nos exporia ao ridículo e talvez subvertesse todo nosso propósito. Tal era nosso estado de espírito enquanto conversávamos, bem adentrada a noite, até que a crescente sonolência de meu tio me fez lembrar-lhe que devia deitar-se para seu descanso de duas horas.

Algo semelhante ao medo me enregelou enquanto fiquei ali, de madrugada e sozinho. Digo sozinho porque quem vela o sono de alguém na realidade está sozinho. Talvez mais a sós do que pode perceber. Meu tio ressonava pesadamente, sendo suas profundas inalações e exalações acompanhadas pela chuva lá fora e pontuadas por outro som, enervante e distante, de águas que pingavam - pois se a casa era repulsivamente úmida mesmo em tempo seco, debaixo daquela tempestade parecia nada menos que um pântano. Eu estudava a alvenaria solta e antiga das paredes, à luz dos fungos e dos raios débeis que penetravam da rua, através das janelas enteladas; e em dado momento, quando a atmosfera nociva do lugar estava para me nausear, abri a porta e olhei para um lado e outro da rua, regulando meus olhos com coisas familiares e as narinas com o ar saudável. Nada ocorrera ainda que me recompensasse a vigília; e eu bocejava repetidamente, com a fadiga sobrepujando a apreensão.

O sono agitado de meu tio chamou-me então a atenção. Ele se havia virado inquietamente no catre várias vezes na segunda metade da primeira hora, mas agora respirava com invulgar regularidade, emitindo de vez em quando um suspiro que tinha muitas características de um gemido abafado. Dirigi para ele a luz de minha lanterna elétrica e encontrei seu rosto voltado de lado. Levantando-me e passando para o outro lado do catre, acendi novamente a luz para verificar se ele demonstrava algum

sinal de dor. O que Vi deixou-me surpreendentemente nervoso, em vista de sua aparente trivialidade. Deve ter sido tão-somente a associação de uma circunstância singular com a natureza sinistra de nossa localização e de nossa missão, pois decerto a circunstância, em si mesma, nada tinha de assustadora ou antinatural. Ocorria apenas que a expressão facial de meu tio, perturbada sem dúvida pelos sonhos estranhos que nossa situação induzia, traía considerável agitação e não parecia de maneira alguma característica dele. Sua expressão habitual era de calma bondosa e cortês, ao passo que agora emoções variegadas pareciam lutar dentro dele. Creio, de modo geral, que terá sido sobretudo essa variedade que mais me perturbou. Enquanto arfava e se mexia, com crescente agitação e com olhos que começavam agora a se abrir, meu tio parecia ser não um, porém vários homens e deixava a impressão de uma curiosa alienação de si mesmo.

Imediatamente ele se pôs a resmungar, e não gostei do jeito de sua boca e de seus dentes enquanto ele falava. De início as palavras eram indistintas, mas logo - com um violento sobressalto - reconheci nelas alguma coisa que me encheu de gélido terror até lembrar a extensão da educação de meu tio e as intermináveis traduções que ele havia feito de artigos antropológicos e folclóricos da Revue des Deux Mondes. Pois o venerável Elihu Whipple estava resmungando em francês e as poucas frases que eu conseguia distinguir relacionavam-se aos mais sinistros mitos que ele já vertera da famosa revista parisiense.

De repente, bagas de suor começaram a se formar na testa do homem adormecido e ele sentou- se de um salto, meio desperto. A algaravia em francês transformou-se num grito em inglês e a voz roufenha bradou, excitada, "Minha respiração, minha respiração!" Ele despertou então inteiramente e, voltando a expressão facial ao estado normal, agarrou-me e começou a relatar um sonho cujo significado maior eu só podia conjecturar com uma espécie de pasmado terror.

Disse ele que havia passado, como que flutuando, de uma série de imagens oníricas bastante convencionais a uma cena cuja estranheza não podia ser relacionada a nada do que ele algum dia lera. Era deste mundo, e ao mesmo tempo não - uma irreal confusão geométrica da qual se podiam ver elementos de coisas familiares nas mais raras e perturbadoras combinações. Havia uma insinuação de imagens curiosamente desordenadas, superpostas umas às outras; um arranjo em que os dados

essenciais, de tempo e de espaço, pareciam dissolvidos e misturados do modo mais ilógico. Nesse vórtice caleidoscópico de imagens fantasmais havia ocasionalmente instantâneos, se é válido utilizar a analogia fotográfica, de singular clareza, mas inexplicável heterogeneidade.

Em certo momento meu tio acreditou jazer numa cova aberta, descuidadamente escavada, com uma multidão de rostos coléricos, emoldurados por grenhas c chapéus de três bicos, que o olhavam de má catadura. Depois achou estar no interior de uma casa - uma casa antiga, aparentemente, mas os pormenores e os habitantes se modificavam constantemente, e ele jamais podia estar seguro quanto aos rostos ou ao mobiliário, ou mesmo quanto ao próprio cômodo, uma vez que as portas e as janelas pareciam num estado de fluxo tão intenso quanto os objetos presumivelmente mais móveis. Era esquisito - fantasticamente - e meu tio falou quase com humildade, como se de certa forma não esperasse que eu lhe desse crédito, quando declarou que dentre os rostos estranhos muitos apresentavam inconfundivelmente os traços da família Harris. E durante todo o tempo havia uma sensação pessoal de asfixia, como se alguma presença difusa se houvesse espalhado por seu corpo e tentasse apossar-se de seus processos vitais. Estremeci ao pensar nesses processos vitais, fatigado como estavam por oitenta e um anos de funcionamento contínuo, em conflito com forças desconhecidas das quais a organização mais jovem e mais robusta bem poderia ter medo; daí a um instante, porém, refleti que sonhos são sonhos e nada mais e que aquelas visões inconfortáveis poderiam ser, no máximo, apenas a reação de meu tio às investigações e às expectativas que ultimamente vinham excluindo tudo mais de nossos espíritos.

Também a conversa logo ajudou a dissipar minha sensação de singularidade. Daí a pouco eu próprio cedi aos bocejos e concluí que chegara minha vez de dormir. Meu tio parecia agora completamente desperto e acolheu bem seu período de vigília, muito embora o pesadelo o houwsse despertado muito antes de terminado seu tempo de repouso. Adormeci rapidamente e vi-me de imediato perseguido por sonhos muitíssimo perturbadores. Eu sentia, em minhas visões, uma solidão cósmica e abissal, com hostilidade assomando de todos os lados e se abatendo sobre a prisão em que eu me achava confinado. Eu parecia amarrado e amordaçado, agoniado pelos gritos ressoantes de multidões distantes, sedentas de meu sangue. Vi o rosto de meu tio, com associações

menos agradáveis do que em horas de vigília, e recordo minhas inúteis tentativas e esforços para gritar. Não foi um sono agradável e nem por um segundo lamentei o grito retumbante que dilacerou as barreiras do sonho e me arremessou numa vigília vivida e sobressaltada, na qual todos os objetos diante de meus olhos adquiriram uma clareza e uma realidade supranatural.

5

Eu estivera deitado com o rosto voltado para o outro lado da cadeira de meu tio, de modo que ao despertar assim subitamente só vi a porta da rua, a janela do lado norte e a parede, o chão e o teto que davam para o lado norte do porão, tudo isso fotografado com mórbida nitidez em meu cérebro, sob uma luz mais fulgurante do que o brilho dos fungos ou a iluminação baça dos postes da rua. Não se tratava de uma luz forte ou mesmo medianamente forte. No entanto, ela projetava a sombra de meu corpo e do catre no chão e possuía uma força amarelada e penetrante que traía coisas mais potentes que luminosidade. Percebi isto com clareza malsã, a despeito do fato de dois outros sentidos meus estarem sendo violentamente agredidos: em meus ouvidos ecoavam as reverberações daquele grito chocante, enquanto meu nariz se revoltava diante da catinga que reinava no lugar. Minha mente, tão alerta quanto meus sentidos, identificou a gravidade insólita da situação e quase automaticamente me pus de pé, num pulo, e me virei para pegar os instrumentos de destruição que havíamos deixado apontados para a mancha bolorenta diante da lareira. Ao me virar, eu temia o que estava prestes a ver, pois o grito tivera a voz de meu tio e eu ignorava contra que ameaça eu estaria de defender a ele e a mim mesmo.

No entanto, afinal a visão foi pior do que eu havia temido. Há horrores que ultrapassam o horrível, e aquilo era um daqueles núcleos de pavor onírico que o universo separa para com ele fulminar alguns desgraçados. Do chão de terra, coberto de fungos, evolava-se uma vaporosa luz cadavérica, amarela e doentia, que borbulhava e ondulava, alcançando uma altura gigantesca, com contornos vagos, semi-humanos e semimonstruosos, através dos quais eu podia avistar a chaminé e a lareira mais além. Era todo olhos - lupinos e escarnecedores - e a cabeça rugosa, como de inseto, dissolvia-se no ato e se transformava numa esgarçada

fumarola de névoa que se contorcia putridamente e finalmente desaparecia pela chaminé. Digo que avistei a coisa, mas foi somente num retrospecto consciente que cheguei a traçar de modo definido sua demoníaca aproximação a uma forma. No momento aquilo se me afigurou apenas como uma revolta nuvem opacamente fosforescente de repugnância fungosa, que revoluteava e que dissolvia, numa asquerosa plasticidade, o único objeto em que toda minha atenção se concentrava. Esse objeto era meu tio - o venerando Elihu Whipple, que com uma fisionomia pretejante e em decomposição me olhava malevolamente e engrolava frases incompreensíveis, estendendo garras gotejantes para me despedaçar, na fúria que aquele horror havia ocasionado.

Foi um senso de rotina que me salvou do enlouquecimento. Eu me exercitara para o momento crucial e o treino cego me valeu. Percebendo que a entidade borbulhante não possuía substância alcançável pela matéria ou pela química material, e esquecendo por isso o lança-chamas que se encontrava à minha esquerda, liguei a corrente do tubo de Crookes e assestei contra aquela cena de blasfêmia imortal as mais intensas radiações que a arte humana é capaz de produzir a partir dos espaços e dos fluidos da natureza. Houve uma bruma azulada e um alvoroço frenético, e a fosforescência amarelada se fez mais opaca. Contudo, vi que a opacidade era apenas questão de contraste e que as ondas da máquina não exerciam absolutamente nenhum efeito.

Foi então que, em meio daquele espetáculo diabólico, vi um novo horror que levou gritos a meus lábios e me fez sair aos tropeções na direção da porta destravada que dava para a rua sossegada, sem atentar aos horrores anormais que eu pudesse estar trazendo ao mundo ou aos pensamentos e juízos humanos que eu provocasse em relação a mim. Naquela mescla baça de azul e amarelo, o vulto de meu tio havia começado a passar por uma liquefação nauseante cuja essência foge a qualquer descrição e na qual desenrolavam-se-lhe no rosto mudanças de identidade que só a demência é capaz de conceber. Ele era a um só tempo um diabo e uma multidão, um ossuário e um préstito. Iluminado pelos raios misturados e instáveis, aquele rosto gelatinoso assumia uma dezena. . . uma vintena. . . uma centena de fisionomias; gargalhava ao derrear-se no chão, num corpo que derretia como sebo, à imagem caricata de legiões ao mesmo tempo estranhas c conhecidas.

Vi os traços da família Harris, de adultos e crianças, masculinos e femininos, e outras fisionomias velhas e jovens, rudes e refinadas, familiares e desconhecidas. Por um segundo fulgiu ali uma contrafação degradada de uma miniatura da infeliz Rhoby Harris que eu tinha visto no Museu da Escola de Desenho, e em outro instante julguei captar a imagem ossuda de Mercy Dexter, que eu conhecera através de uma pintura na casa de Carrington Harris. Tudo aquilo era indescritivelmente pavoroso; já perto do fim, quando uma curiosa mistura de semblantes de criada e de bebê cintilaram perto do chão fungoso, onde se espalhava uma poça de graxa esverdeada, foi como se os semblantes cambiantes lutassem entre si e se esforçassem por formar contornos semelhantes aos do rosto bondoso de meu tio. Apraz-me pensar que ele existiu naquele momento e que tentou despedir-se de mim. Tenho a impressão de haver soluçado um adeus em minha própria garganta ressecada, enquanto me precipitava para a rua, com um fiapo de graxa a me seguir pela porta até a calçada encharcada.

O resto é nebuloso, horrendo. Não havia vivalma na rua molhada, nem existia no mundo uma só pessoa a quem eu ousasse narrar o acontecido. Saí caminhando a esmo em direção ao sul, passando por College Hill e pelo Ateneu, desci a Hopkins Street e atravessei a ponte para a zona comercial, onde edifícios atos pareciam proteger-me como as coisas materiais modernas protegem o mundo de portentos antigos e malsãos. Depois a aurora acinzentada apontou a leste, silhuetando a colina arcaica e suas torres veneráveis, chamando-me ao local onde meu trabalho terrível ainda estava por terminar. E por fim voltei caminhando, molhado, sem chapéu e aturdido na luz matutina, e entrei naquela porta vitanda na Benefit Street que eu havia deixado entreaberta e que ainda balouçava cripticamente à plena vista dos antigos moradores, a quem eu não ousava falar.

A graxa sumira, pois o chão bolorento era poroso. E diante da lareira não restava vestígio do vulto dobrado em dois. Vi o catre, as cadeiras, os instrumentos, o chapéu que eu tinha esquecido e o chapéu de palha amarelada de meu tio. Preponderava o atordoamento, e eu mal distinguia o que era sonho e o que era realidade. Depois a razão predominou e percebi que havia assistido a coisas mais tétricas do que as que havia sonhado. Sentando-me, procurei adivinhar, até onde a sanidade me permitia, exatamente o que havia acontecido, e como eu poderia dar cabo do horror, se realmente ele tivesse sido real. Não parecia ter sido matéria, nem éter,

nem qualquer coisa concebível pela humana razão. Que seria, pois, senão alguma exótica emanação, algum vapor vampiresco como aqueles que, afirmam os aldeões de Exeter, pairam sobre certos cemitérios? Ali, eu sentia, estava minha pista, e mais uma vez desci os olhos para o chão diante da lareira onde o bolor e o mofo haviam assumido estranhas formas. Daí a dez minutos eu me decidira e, pegando o chapéu, fui à minha casa, onde banhei-me, comi e encomendei pelo telefone uma picareta, uma pá, uma máscara militar contra gases e seis garrafões de ácido sulfúrico, que deveriam ser entregues na manhã seguinte na porta do porão da casa abandonada na Benefit Street. Depois disso, procurei conciliar o sono; não conseguindo dormir, passei as horas lendo e compondo versos tolos, para distrair o espírito.

Às onze horas da manhã, comecei a cavar. Fazia sol e isso me agradava. Ainda estava só, porque por mais que temesse o horror desconhecido que procurava, eu mais receava contar a alguém o que havia acontecido. Mais tarde, só contei a Harris por pura necessidade e porque ele havia escutado histórias estranhas da boca de anciãos, o que não o predispunha a acreditar em tudo aquilo. Enquanto eu revirava a terra negra e malcheirosa diante da lareira, com minha pá fazendo escorrer uma viscosa sânie amarela dos fungos brancos que ela decepava, estremecia ao pensar no que poderia vir a exumar. Alguns segredos da terra não são bons para a humanidade, e aquele parecia ser um deles.

Minha mão tremia perceptivelmente, mas eu prosseguia, e depois de algum tempo meti-me na grande cova que havia cavado. Ao se aprofundar o buraco, que teria quase dois metros de lado, o fedor aumentou e já não me restava qualquer dúvida de que estava na iminência de estabelecer contato com a coisa demoníaca cujas emanações haviam atormentado a casa durante século e meio. Eu ficava a imaginar como seria - qual sua forma e sua substância, que tamanho poderia ter adquirido depois de longas eras de absorção de vidas. Por fim saí do buraco e dispersei a terra amontoada; dispus os garrafões de ácido em dois lados da cova, de modo que quando necessário eu os pudesse despejar pela abertura em rápida sucessão. A partir daí, comecei a lançar terra só para dois lados, trabalhando mais devagar e colocando a máscara contra gases quando o mau cheiro aumentou. Eu me sentia quase fora de mim pela proximidade de alguma coisa de inominável no fundo da cova.

De repente, minha pá bateu em algo mais macio que terra. Sobressaltei-me e fiz um movimento como que para pular fora do buraco, no qual eu já me encontrava afundado até o pescoço. Voltou-me então a coragem e tirei mais um pouco de terra, valendo-me da luz da lanterna elétrica que eu trouxera. A superfície que eu havia exposto era viscosa e vítrea - uma espécie de geléia congelada semipútrida, com impressões de translucidez. Tirei mais alguma terra e constatei que a coisa tinha forma. Havia uma rachadura no ponto em que parte da substância se achava dobrada. A área exposta era imensa c aproximadamente cilíndrica, como uma gigantesca chaminé de fogão, macia e branco- azulada, dobrada em dois, tendo sua parte maior mais de meio metro de diâmetro. Continuei a tirar terra e então, de repente, saltei fora do buraco e me afastei daquela coisa repelente. Destampei com frenesi os garrafões e verti seu conteúdo corrosivo, um a um, naquela cova cemiterial e sobre aquela anormalidade inimaginável cujo cotovelo eu tinha visto.

O cegante torvelinho de vapor amarelo-esverdeado que irrompeu tempestuosamente daquela cova, no mo mento em que saíram os jorros de ácido, jamais se apagará de minha memória. Em toda colina as pessoas ainda falam do dia amarelo, quando exalações virulentas e hórridas se ergueram dos detritos da fábrica, que eram lançados no rio Providence, mas bem sei o quanto estão enganados quanto à fonte daqueles vapores. Falam também do medonho rugido que brotou ao mesmo tempo de algum encanamento de água ou de gás sob a terra - mas também nisso eu os corrigiria se a tanto me atrevesse. Foi algo indizivelmente chocante e não sei como sobrevivi à experiência. Cheguei mesmo a desfalecer depois de despejar o quarto garrafão, o que fiz depois que as emanações começaram a penetrar em minha máscara; quando recobrei os sentidos, porém, constatei que a cova não mais emitia vapores.

Esvaziei os dois garrafões restantes sem resultados notáveis, e depois de certo tempo julguei seguro voltar a tapar o buraco com terra. Caía o crepúsculo quando terminei o trabalho, mas o medo desaparecera daquele lugar. A unidade era menos fétida e todos os estranhos fungos haviam fenecido, transformando-se numa espécie de pó inofensivo que cobria o chão como cinzas. Um dos mais terríveis segredos da terra havia perecido para todo sempre; e se existe mesmo um inferno, ele havia recebido enfim a alma danada de uma coisa ímpia. E enquanto eu socava a última pazada

de terra bolorenta, verti a primeira de muitas lágrimas com que tenho rendido atributo sincero à memória de meu tio amado.

Na primavera seguinte, não nasceu grama pálida nem ervas estranhas no jardim da casa abandonada, e pouco tempo depois Carrington Harris alugou-a. Ainda hoje ela é espectral, mas sua estranheza me fascina e por certo verei somar-se a meu alívio uma saudade singular quando ela for demolida para dar lugar a uma loja espaventosa ou a um vulgar edifício de apartamentos. As velhas árvores estéreis do quintal já começaram a produzir pequenas maçãs doces, e no ano passado os pássaros fizeram ninhos em seus galhos retorcidos.



A Cor que Veio do Espaço

A OESTE DE Arkham, as colinas se erguem virgens, e há vales profundos em que o machado jamais penetrou. Existem ravinas estreitas e escuras, onde as árvores assumem posturas fantásticas e correm pequenos regatos que jamais refletiram a luz do sol. Nas encostas mais suaves, há fazendas, velhas e pedregosas, com casas acaçapadas, cobertas de musgo, a meditarem eternamente nos segrêdos da Nova Inglaterra, abrigadas por grandes ressaltos; mas tôdas elas estão agora desabitadas, as amplas chaminés em ruinas e os lados cobertos de tabuinhas abaulando-se perigosamente sob os telhados baixos.

Os velhos habitantes se foram, e os forasteiros não gostam de viver lá. Tentaram-no os franco-canadenses, como também os italianos, e os poloneses vieram e se foram. Não é devido a alguma coisa que possa ser vista e tocada, mas por algo que é imaginado. O local não é bom para a imaginação e não traz sonhos repousantes de noite. Deve ser isto que mantém os forasteiros à distância, pois o velho Ammi Pierce nada lhes contou do que êle se lembra daqueles dias estranhos. Ammi, que há anos já não é certo da cabeça, é o único que ainda resta, ou que ainda fala daqueles dias estranhos; e êle só ousa fazê-lo porque sua casa está muito próxima dos campos abertos e das estradas em uso na região de Arkham.

Antigamente existia um caminho entre as colinas e os vales, que desembocava onde hoje é a charneca crestada, mas o povo deixou de usá-la e construiu-se uma nova, que descreve uma ampla curva para o sul. Ainda se encontram traços da antiga estrada entre as ervas de um abandono crescente, e alguns dêsses traços certamente permanecerão, quando

metade das depressões forem inundadas para o nôvo reservatório. Então as florestas tenebrosas serão abatidas e a charneca crestada dormirá no fundo de águas azuis, cuja superfície espelhará o céu e ondulará à luz do sol. E os segrêdos daqueles dias estranhos fundir-se-ão com os segrêdos das profundidades, com os arcanos do velho mar e de todos os mistérios da terra primeva.

Quando procurei as colinas e os vales a fim de fazer um levantamento para o nôvo reservatório, disseram-me que o local era maligno. Foi em Arkham que me disseram isto, e como Arkham é uma cidade muito velha, cheia de lendas de bruxaria, pensei que a malignidade devia ser algo que velhas avós vinham sussurrando às crianças através de séculos. O nome "charneca crestada" soava-me estranho e teatral, e admirei-me de como pudesse ter entrado no folclore do povo. Vi, então, com meus próprios olhos, o emaranhado de vales e encostas, e deixei de me admirar de tudo que não fosse o seu próprio velho mistério. Foi de manhã que vi, mas lá havia sempre sombras. As árvores cresciam agarradas demais e seus troncos eram grandes demais para um bosque da Nova Inglaterra. Havia silêncio demais nas sombrias aléias e o solo era macio demais com o musgo úmido e a vegetação entrelaçada por anos infindos deterioração.

Nos lugares à luz do sol, principalmente à beira da estrada velha, havia pequenas fazendas nas vertentes das colinas; algumas com tôdas as casas de pé; outras com apenas uma ou duas; e às vêzes com apenas uma solitária chaminé e um porão cheio de detritos. As ervas e as sarças imperavam, e sêres furtivos roçagavam na vegetação rasteira. Por cima de tudo, pairava uma névoa de intranqüilidade e opressão; um toque irreal e grotesco, como se um elemento vital da perspectiva ou do claro-escuro estivesse fora do lugar. Não me surpreendi de que os forasteiros não quisessem ficar; não era uma região para dormir. Parecia demasiadamente com uma paisagem de Salvador Rosa, ou com uma xilogravura proibida de um conto de terror.

Mas mesmo isto tudo não era tão ruim quanto a charneca crestada. Compreendi-o desde o momento em que a vislumbrei no fundo de um largo vale, pois nenhum outro nome podia adaptar-se a tal coisa, nem outra coisa podia adaptar-se a tal nome. Era como se o poeta tivesse cunhado a frase após ter visto essa região particular. Deve ser a

consequência de um incêndio, pensei ao vê-lo; mas por que nunca mais crescera coisa alguma nesses cinco acres de desolação cinzenta que se espraiavam sob o céu aberto como uma mancha de corrosão deixada por algum ácido nos bosques e nos campos? A maior parte ficava ao norte da estrada antiga, mas invadia um tanto o outro lado.

Senti um estranha relutância de me aproximar, e acabei por fazê-lo apenas porque minha comissão me obrigava a atravessá-la. Não havia vegetação de qualquer espécie na ampla área, mas sim apenas uma fina poeira ou cinza que vento algum parecia jamais agitar. As árvores das cercanias eram doentias e enfezadas, e muitos troncos mortos se erguiam ou estavam a apodrecer no chão à sua beira. Ao caminhar apressado, vi os tijolos e pedras tombadas de uma velha chaminé e um porão à minha direita, bem como as fauces escancaradas de um pôço abandonado, cujas emanações estagnadas produziam estranhos efeitos à luz do sol. Mesmo a longa subida através das escuras matas parecia atraente, em comparação, e deixei de me admirar dos murmúrios temerosos da gente de Arkham. Não havia casas nem ruínas nas proximidades; mesmo nos velhos tempos o local devia ter sido solitário e abandonado. E ao crepúsculo, receoso de tornar a passar por aquêle sítio nefasto, tomei o caminho mais longo da estrada do sul, ao voltar para a cidade. Senti um desejo indefinido de ver amontoarem-se nuvens, pois um estranho mêdo diante do firmamento infinito invadira-me a alma.

À noite perguntei a alguns velhos de Arkham a respeito da charneca crestada e o que significava a expressão "dias estranhos", que tantos dêles tartamudeavam evasivamente. Contudo, não consegui obter respostas satisfatórias, exceto que todo o mistério era muito mais recente do que eu imaginara. Não se tratava de velhas lendas, mas de algo que ocorrera durante a vida dos que falavam. Acontecera nos anos oitenta, e uma família desaparecera ou fôra morta. Nenhum dos meus interlocutores foi preciso; e porque todos me aconselharam a não dar ouvidos às histórias doidas do velho Ammi Pierce, fui procurá-lo na manhã seguinte, tendo sido informado de que morava sòzinho num velho e cambaleante casebre lá onde as árvores começam a ficar mais densas. Era um local assustadoramente arruinado e já começava a exsudar o dor um tanto mefítico que emana das casas demasiado velhas. Foi apenas após persistentes pancadas à porta que consegui fazer-me ouvir pelo ancião, e

quando, arrastando os pés, assomou à porta percebi que não tinha prazer em me ver. Não era tão débil como eu imaginara; mas seus olhos descriam de forma curiosa, e seus trajes desarrumados e a barba branca desgrenhada davam-lhe um ar alquebrado e lúgubre.

Não sabendo como melhor induzí-lo a contar sua estória, fingi ter vindo a negócios; falei do levantamento e fiz-lhe perguntas vagas a respeito da região. Era bem mais inteligente e educado do que eu fôra levado a pensar, e em pouco tempo compreendia tanto do assunto como qualquer dos outros homens com quem eu falara em Arkham. Não era como os aldeães que eu conhecera em outros lugares onde seriam construídos reservatórios. Dêle não ouvi protestos contra o fato de serem erradicados quilômetros de velhas florestas e terras aráveis, se bem que talvez fôsse devido a estar a sua casa localizada fora dos limites do futuro lago. Alívio era tudo quanto exibia; alívio diante do fim dos velhos e tenebrosos vales, através dos quais errara tôda a sua vida. Era melhor que ficassem debaixo dágua — debaixo dágua, desde os dias estranhos. E após êsse início sua voz rouquenha descaíu para um sussurro, enquanto seu corpo se inclinava para a frente e o seu indicador direito passou a apontar, trêmulo e impressionante.

Foi então que ouvi a estória, e ao escutar a sua palavra divagante, áspera e sussurrante, tremi e voltei a tremer, apesar do dia de verão. Muitas vêzes tive que reconduzir o orador para o fio de sua narrativa, interpretar trechos científicos que êle conhecia apenas através da memória falha de um papagaio que repete as preleções de um professor, ou preencher lacunas, quando seu sentido de lógica e continuidade sofria um colapso. Quando terminou, não me surpreendi que sua mente tivesse ficado afetada, ou que a gente de Arkham não gostasse de falar da charneca crestada. Apressei-me a voltar ao hotel antes do pôr do sol, pois não me apetecia ver as estrêlas a surgir acima de mim, ao ar livre; e no dia seguinte voltei para Boston, a fim de renunciar ao meu pôsto. Não podia retornar àquele caos sombrio de florestas velhas e encostas ou voltar a enfrentar a cinzenta charneca crestada, onde o poço negro escancarava a goela ao lado de tijolos e pedras tombadas. O reservatório será agora construído em breve, e os antigos segrêdos estarão a salvo sob braças de água. Mas mesmo assim não me apraz a idéia de visitar o local de noite

— pelo menos não quando estiverem brilhando as sinistras estrêlas; e nada me induziria a beber a nova água municipal de Arkham.

Tudo teve início, disse o velho Ammi, com o meteorito. Antes dessa época, não corriam lendas fantásticas desde os tempos do julgamento das bruxas, e mesmo então os bosques do oeste não eram tão temidos como a pequena ilha do Miskatonic, onde o diabo presidia a reuniões ao pé de um curioso altar de pedras, mais antigo do que os índios. Não havia florestas assombradas, e o crepúsculo fantástico jamais fôra terrível, antes dos dias estranhos. Foi então que, ao meio dia, surgira a nuvem branca, a cadeia de explosões no ar e a coluna de fumaça vinda do vale nas entranhas da floresta. E à noite tôda Arkham ouvira da grande pedra que caíra do céu e afundara na terra ao lado do poço da casa de Nahum Gardner. Era a casa onde mais tarde seria a charneca crestada — a casa branca e bem cuidada de Nahum Gardner, entre os seus férteis jardins e pomares. Nahum fôra à cidade para contar a respeito da pedra e, no caminho, passara pela casa de Ammi Pierce. Ammi tinha então quarenta anos e todos os estranhos acontecimentos ficaram firmemente gravados na sua memória. Êle e sua mulher haviam ido com os três professôres da Universidade de Miskatonic, que chegaram às pressas na manhã seguinte, para ver o fantástico visitante do remoto espaço sideral e estranharam que na véspera Nahum o tivesse descrito como grande. Encolheu, disse Nahum, apontando para a grande excavação de tonalidade castanha na superfície da terra fendida e da grama carbonizada, perto da arcáica cegonha do poço no jardim da frente, mas os sábios responderam que as pedras não encolhem. O seu calor persistia, e Nahum afiançou que a pedra ardia levemente na noite. Os professôres experimentaram-na com um martelo de geólogo e acharam-na estranhamente mole. Na verdade, era mole a ponto de ser plástica; era mais fácil arrancar-lhe pedaços do que lascá-la, e foi um espécime arrancado que levaram ao laboratório da universidade. Levaram-no num velho balde tirado da cozinha de Nahum, pois mesmo o pedaço pequeno não queria esfriar. Na caminhada de volta, pararam na casa de Ammi para descansar e quedaram-se pensativos quando a Sra. Pierce observou que o fragmento estava ficando menor e queimando o fundo do balde. Na verdade, não era grande, mas talvez tivessem levado menos do que pensaram.

No dia seguinte — tudo isso aconteceu em junho de 1882 — os professôres tornaram a aparecer, grandemente alvoroçados. Ao passarem pela casa de Ammi, contaram-lhe das coisas esquisitas que o espécime fizera, e como desaparecera completamente ao ser colocado num recipiente de vidro. O recipiente se fôra também, e os sábios homens falaram da afinidade da estranha pedra pelo silício. Agira de forma inacreditável naquele laboratório bem-organizado; não reagindo nem liberando gases oclusivos quando aquecido no carvão vegetal: mostrando-se inteiramente negativo na pérola de borato de sódio, pouco depois exibindo total não-volatilidade em qualquer temperatura possível, inclusive a do maçarico de oxi-hidrogênio. Na bigorna mostrou-se de alta maleabilidade, e no escuro a sua luminosidade era pronunciada. Recusando-se obstinadamente a arrefecer, em breve tôda a faculdade se achava num estado de verdadeiro alvoroço; e quando, ao ser aquecido diante do espectroscópio, mostrou brilhantes faixas diferentes de tôdas as côres conhecidas do espectro, falou-se ofegantemente de novos elementos, bizarras propriedades ópticas e outras coisas que cientistas intrigados costumam dizer quando face a face com o ignoto.

Quente como estava, testaram o espécime num cadinho com todos os reagentes indicados. A água não o afetou. Nem o ácido hidroclorídrico. O ácido nítrico e mesmo a *aquaregia* apenas chiaram e respingaram contra a sua tórrida invulnerabilidade. Ammi teve dificuldade em lembrar-se de tudo isso, mas reconheceu alguns dos solventes quando os mencionei na ordem costumeira de uso. Amoníaco e soda cáustica, álcool e éter, o nauseabundo dissulfito de carbono e uma dúzia de outras substâncias; mas, se bem que o pêso diminuía constantemente à medida que o tempo passava, e o fragmento parecia estar esfriando ligeiramente, não se percebia qualquer alteração nos solventes para mostrar que a substância fôra atacada de todo. Contudo, não havia dúvida de que se tratava de um metal. Em primeiro lugar, era magnético, e após imersão nos solventes ácidos deixava transparecer tênues traços das figuras de Widmänstätten encontradas em ferro meteórico. Quando o esfriamento se havia tornado considerável, as experiências continuaram em vidro; e foi num recipiente de vidro que deixaram tôdas as lascas tiradas do fragmento original durante o trabalho. Na manhã seguinte, tanto as lascas como o recipiente haviam desaparecido sem deixar vestígio, e apenas uma

queimadura assinalava o lugar na estante de madeira onde haviam sido colocados.

Tudo isso os professôres contaram a Ammi ao pararem à sua porta, e mais uma vez êle acompanhou-os numa visita ao pétreo mensageiro das estrêlas, embora nessa oportunidade a mulher não o acompanhasse. A pedra sem dúvida encolhera, e mesmo os cautelosos professôres não podiam contestar a verdade com que se deparavam. Em tôrno do montículo minguante, perto do poço, havia um espaço vazio, exceto nos lugares em que a terra cedera; e, ao passo que na véspera medira uns bons dois metros de diâmetro, agora mal excedia um metro e meio. Ainda estava quente, e os sábios estudaram a sua superfície com curiosidade, ao separarem um outro pedaço maior, com martelo e talhadeira. Desta vez, apertaram profundamente, e ao separarem o fragmento menor, viram que o centro do objeto não era totalmente homogêneo.

Haviam pôsto a descoberto o que parecia ser o lado de um grande glóbulo colorido engastado dentro da substância. A côr, que se assemelhava a algumas das faixas no estranho espectro do meteoro, era quase impossível de descrever; e apenas por analogia a chamavam de côr. Sua contextura era lustrosa, leves pancadas revelaram que era tanto quebradiço como ôco. Um dos professôres acertou-lhe uma pancada com um martelo, e o glóbulo rebentou com um pequeno estalido nervoso. Nada resultou e a coisa tôda desapareceu com a punctura, deixando atrás de si um espaço esférico vazio, cêrca de três polegadas de diâmetro, e todos acharam provável que outros glóbulos seriam descobertos à medida em que se esvanecia a substância circundante.

Conjeturas de nada adiantavam; e assim, após uma tentativa inútil para encontrar outros glóbulos, por meio de punctura, os pesquisadores se foram com o seu nôvo espécime, que se revelou tão desconcertante no laboratório como o seu predecessor. À parte o fato de ser quase plástico, possuir calor, magnetismo e uma ligeira luminosidade, de esfriar um pouco em ácidos poderosos, de ter um espectro desconhecido, e de atacar os compostos de silício, tendo como resultado a destruição mútua, não apresentava quaisquer características de identificação; e no fim dos testes os cientistas da Universidade viram-se obrigados a confessar que não sabiam classificá-lo. Não era dêste mundo,

mas um pedaço de outro universo, e portanto possuído de outras propriedades e obediente a outras leis.

Naquela noite houve uma tempestade, e quando os professôres, na manhã seguinte, foram à casa de Nahum, tiveram uma amarga decepção. A pedra, por magnética que tivesse sido, devia ter tido alguma propriedade elétrica especial, pois "atrairá o relâmpago", segundo se expressou Nahum, com estranha persistência. Por seis vêzes, no espaço de uma hora, o fazendeiro viu raios acertando o sulco, no pátio da frente, e quando a tormenta havia passado, nada restara senão uma cova irregular junto da velha cegonha do poço, parcialmente soterrada.

De nada adiantavam as excavações, e os cientistas se certificaram do desaparecimento total. O fracasso foi completo, e nada havia a fazer senão regressar ao laboratório e voltar a testar o fragmento esvaecente, que fora deixado cuidadosamente envolto em chumbo. O fragmento durou uma semana e findo esse prazo nada de útil fôra aprendido dêle. Ao desaparecer, não deixou qualquer resíduo, e com o tempo os professôres quase não mais podiam acreditar que realmente tinham visto, com seus próprios olhos, aquêle vestígio críptico dos insondáveis abismos do espaço; aquela mensagem solitária e fantástica de outros universos e outras regiões de matéria, fôrça e entidade.

Como era natural, os jornais de Arkham exploraram o incidente e seu patrocínio universitário, e enviaram repórters para falar com Nahum Gardner e sua família. Pelo menos um diário de Boston mandou também um jornalista, e Nahum em pouco tempo transformou-se numa celebridade local. Era um homem magro, jovial, de cêrca de cinquenta anos, que vivia com a mulher e três filhos numa aprazível granja no vale. Êle e Ammi se visitavam frequentemente, e o mesmo faziam suas mulheres; e Ammi não tinha para êle senão elogios depois de todos êsses anos. Parecia orgulhar-se um tanto da atenção que sua casa atrairá e nas semanas seguintes falava repetidamente do meteorito. Agôsto e julho daquele ano foram quentes, e Nahum trabalhou duramente fazendo feno no seu pasto de dez acres em frente do Córrego de Chapman; sua carroça chocalhante abria sulcos profundos nas umbrosas veredas próximas. O trabalho cansava-o mais do que em outros anos; já sentia os efeitos da idade.

Em seguida veio a época da colheita. Vagarosamente as peras e maçãs amadureciam, e Nahum jurou que os seus pomares prosperavam

como jamais. As frutas atingiam tamanhos fenomenais e ostentavam brilho inusitado; e eram tão abundantes que foram encomendados barris suplementares para a futura colheita. Mas com o amadurecimento veio a, cruel decepção, pois em tôda aquela luxuriante mostra de suculência ilusória não havia só um pedaço que pudesse ser comido. No delicado sabor das peras e maçãs introduzira-se uma furtiva amargura e insalubridade, causando, mesmo os menores pedaços, prolongada náusea. O mesmo se deu com os melões, e Nehum compreendeu com tristeza que tôda a sua colheita estava perdida. Ligando os acontecimentos, afirmou que o meteorito envenenara o solo, e agradeceu a Deus por se achar a maioria das outras plantações em terras mais acima, ao longo da estrada.

O inverno chegou cedo e foi rigoroso. Ammi via Nahum com menos frequência do que antes, e notou-lhe um ar de apreensão. Também o resto da família parecia ter-se tornado taciturno, e tinha deixado de ser constante nas suas visitas à igreja e no seu comparecimento aos vários acontecimentos sociais da região. Ninguém sabia determinar a causa dessa reserva ou melancolia, se bem que, vez por outra, tôda a família se queixava da saúde e de estar atacada de uma vaga sensação de intranqüilidade. Foi o próprio Nahum que se mostrou o mais preciso de todos ao dizer que certas pegadas na neve o deixavam desassossegado. Eram as costumeiras pegadas de inverno de esquilos vermelhos, coelhos brancos e raposas, mas o pensativo fazendeiro afirmava ver algo de errado na sua natureza e disposição. Jamais foi específico, mas parecia pensar que não eram tão características como deviam ser da anatomia e hábitos dos esquilos, coelhos e rapôsas. Ammi ouvia suas palavras sem interêsse, até passar certa noite de trenó, pela casa de Nahum. A lua brilhava e um coelho atravessara a estrada, mas os saltos do animal eram longos demais para o gôsto tanto de Ammi como de seu cavalo. Êste último, na verdade, ia se pondo em fuga, quando foi retido por uma rédea firme. A partir de então, Ammi passou a ouvir as estórias de Nahum com mais respeito, e cismava porque os cães dos Gardner pareciam tão trêmulos e acovardados tôda manhã. Segundo se soube, tinham perdido até o ânimo para latir.

Em fevereiro, os rapazes McGregor foram caçar marmotas, e perto da casa dos Gardner abateram um espécime muito peculiar. As proporções de seu corpo pareciam levemente alteradas, de um modo esquisito impossível de descrever, ao passo que sua cara assumira uma

expressão que ninguém jamais vira numa marmota. Os meninos ficaram verdadeiramente assustados e sem delongas jogaram fora o animal, de modo que apenas os seus relatos grotescos chegaram aos ouvidas da gente da região. Mas o passarinhar de cavalos perto da casa de Nahum tornara-se fato admitido, e tôda uma base para um ciclo de lendas sussurradas estava tomando forma.

Havia gente que jurava que a neve em tôrno da casa de Nahum derretia mais ràpidamente do que em qualquer outro local, e no princípio de março houve uma discussão aterrorizada no empório de Potter, em Clark's Corners. Stephen Rice passara pela casa dos Gardner de manhã, e notara certas aráceas despontando através da lama, entre as árvores, do outro lado da estrada. Coisas de igual tamanho jamais haviam sido vistas e suas estranhas côres não podiam ser traduzidas em palavras. Sua forma era monstruosa, e o cavalo bufou diante de um odor que impressionou Stephen como inteiramente sem precedentes. Naquela tarde, várias pessoas foram visitar as excrescências, e tôdas concordaram em que plantas dessa espécie jamais deveriam ter surgido num mundo normal. As frutas ruins do outono passado foram mencionadas com frequência, e de bôca em bôca espalhou-se a notícia de que havia veneno nas terras de Nahum. Naturalmente, era o meteorito, e lembrando-se de como a pedra parecera estranha aos homens da universidade, alguns fazendeiros lhes falaram a respeito do assunto.

Um dia foram visitar Nahum; mas, pouco interessados em estórias fantásticas e folclore, foram muito conservadores em suas deduções. As plantas, sem dúvida, eram esquisitas, mas tôdas as aráceas são mais ou menos esquisitas em suas formas e matizes. Talvez algum elemento mineral da pedra tivesse penetrado no solo, mas em breve seria levado pelas águas. Quanto às pegadas e aos cavalos assustados — naturalmente não passava de conversa de camponeses, que um fenômeno como o aerolito inevitàvelmente suscitaria. Na realidade, nada havia que homens sérios pudessem fazer diante de bisbilhotices absurdas, pois um campônio supersticioso é capaz de dizer e acreditar em tudo. E assim, por todos aquêles dias estranhos, os professôres se conservaram afastados, cheios de desdém. Apenas um dêles, ao receber, um ano e meio mais tarde, dois frascos contendo poeira, para análise, num caso policial, lembrou-se de que a côr esquisita das aráceas fora muito semelhante às anômalas faixas de

luz mostradas pelo fragmento do meteoro no espectroscópio da universidade e ao frágil glóbulo encontrado dentro da pedra vinda do abismo. As espécimes, nessa análise apresentaram, a princípio, as mesmas faixas estranhas, perdendo mais tarde essa propriedade.

As árvores em tôrno da casa de Nahum floresceram prematuramente, e à noite balouçavam-se ao vento de forma sinistra. Thaddeus, o segundo filho de Nahum, um rapaz de quinze anos, jurou que também balouçavam quando não havia vento; mas nem os faladores acreditavam nisso. Contudo, era certo que havia intranqüilidade no ar. A família Gardner tôda adquiriu o hábito de escutar furtivamente, se bem que por som algum que pudessem definir conscientemente. Êsse ato de escutar, na verdade, era mais um produto dos momentos quando a consciência parecia fugir em parte. Infelizmente, esses momentos cresciam de semana para semana, até que se tornou comum dizer "que todos os Gardner estavam ruins". Quando nasceu a primeira saxífraga, ostentava outra côr estranha; não bem igual à das aráceas, mas claramente semelhante e igualmente desconhecida de todos. Nahum levou alguns botões para Arkham e mostrou-os ao editor da *Gazette,* mas aquêle dignitário não fêz senão escrever um artigo humorístico a respeito, em que os tenebrosos receios dos camponeses eram elegantemente ridicularizados. Foi um êrro de Nahum contar a um obstinado citadino como as monstruosas borboletas se comportavam em relação a essas saxífragas.

Abril causou uma espécie de loucura entre a gente local, e foi então que se começou a deixar de usar a estrada que passava pela casa de Nahum, até o seu completo abandono. A culpa era da vegetação. Tôdas as árvores do pomar floresceram em côres estranhas, e através do solo pedregoso do pátio e do pasto adjacente brotaram bizarras excrescências, que apenas um botânico poderia relacionar com a flora verdadeira da região. Não se viam côres normais e sadias exceto na verde relva e na folhagem; mas em todo lugar existiam essas violentas variantes prismáticas de uma doentia tonalidade, que não encontrava lugar entre os matizes conhecidos na terra. As jarrinhas transformaram-se em sinistra ameaça, e as sanguinárias tornaram-se insolentes em sua perversão cromática. Ammi e os Gardners achavam que a maioria das côres tinha uma espécie de familiaridade obcecante, e chegaram à conclusão de que fazia lembrar o frágil glóbulo no meteoro. Nahum arou e semeou o

pasto de dez acres e o terreno mais afastado, mas deixou em paz a terra em tôrno da casa. Sabia que de nada adiantaria e esperava que as estranhas plantas do verão sugassem tôda peçonha do solo. Estava preparado agora para pràticamente tudo, e habituara-se à sensação da existência de algo nas proximidades, que queria ser ouvido. O fato de ser sua casa evitada pêlos vizinhos afetou-o, naturalmente; mas afetou-lhe ainda mais a mulher. Os rapazes estavam em melhor situação, pois iam à escola todos os dias; contudo não podiam deixar de se assustar com o que se falava. Thaddeus, um rapaz especialmente sensível, era o que mais sofria.

Em maio chegaram os insetos, e o sítio de Nahum transformou-se num pesadêlo de sêres que zumbiam e rastejavam. As criaturas, na maioria, pareciam diferentes em seu aspecto e movimentos, e seus hábitos noturnos contradiziam tôdas as experiências anteriores. Os Gardners deram para vigiar de noite — vigiar de todos os lados, a esmo, à espera de algo, algo que não sabiam o que era. Foi então que reconheceram que Thaddeus tivera razão a respeito das árvores. A Sra. Gardner foi a segunda pessoa a notá-lo através da janela, ao observar os galhos entumecidos de um ácer contra o céu iluminado pelo luar. Não havia dúvida de que os ramos se moviam. Na certa era a seiva. O inexplicável invadira agora tôda a vegetação. No entanto, não foi um membro da família de Nahum que fêz a descoberta imediata. A familiaridade entorpecera-os, e o que êles não podiam ver foi notado por um tímido vendedor de moinhos de Boston, que, desconhecendo as lendas da região, por lá passou certa noite. O que êle relatou em Arkham mereceu um curto parágrafo na *Gasette,* e foi através do jornal que todos os fazendeiros, inclusive Nahum, tomaram conhecimento do fato. A noite fôra escura e fraca à luz das lanternas da pequena carruagem, mas em tôrno de uma fazenda do vale, que todos deduziram ser a de Nahum, a escuridão era menos densa. Uma luminosidade tênue mas distinta parecia emanar de tôda a vegetação, relva, fôlhas e flôres, ao passo que em dado instante um fragmento de fosforescência parecia mover-se furtivamente no pátio perto do celeiro.

Até então, a grama parecia não ter ficado afetada, e as vacas pastavam à vontade nas terras perto da casa; mas, pelo fim de maio, o leite ficou ruim. Nahum mandou levar as reses para os terrenos mais afastados, e o problema desapareceu. Pouco depois, a transformação da grama e das fôlhas tornou-se evidente. Todo verde estava ficando cinzento

e adquirindo uma qualidade muito singular de fragilidade. Ammi era o único a visitar o lugar e as suas visitas se tornavam cada vez menos frequentes. Quando a escola fechou, os Gardners estavam virtualmente desligados do mundo, e às vêzes deixavam Ammi fazer as suas compras na cidade. Pareciam estar degenerando tanto física como mentalmente, e ninguém ficou surpreendido quando passou a circular a nova de que a Sra. Gardner havia enlouquecido.

Isto aconteceu em junho, cêrca um ano depois da queda do meteoro, e a pobre mulher, aos berros, falava de coisas no ar que ela não podia descrever. Em seus delírios não havia um só substantivo específico, mas apenas verbos e pronomes. Coisas se mexiam e mudavam e esvoaçavam, e ouvidos vibravam com impulsos que não eram bem sons. Algo estava sendo levado — estava sendo extraído dela — algo que não devia existir estava se agarrando a ela — alguém devia afastá-lo — nada ficava quieto de noite — as paredes e as janelas se moviam. Nahum não a internou no hospício municipal, mas deixou-a errar pela casa, enquanto não causasse mal a si mesma ou aos outros. Mesmo quando sua expressão se alterou, êle nada fêz. Mas quando os rapazes passaram a receá-la, e Thaddeus quase desmaiou com as caretas que ela lhe fazia, Nahum decidiu trancá-la no sótão. Em julho deixara de falar e rastejava de quatro, e antes do fim do mês Nahum teve a monstruosa impressão de que ela brilhava levemente no escuro, da mesma forma como a vegetação circunvizinha, fato que se tornara óbvio.

Foi um pouco antes disso que os cavalos debandaram. Algo os assustara de noite, e seus relinchos e coices na cocheira haviam sido terríveis. Não havia como tranqüilizá-los e quando Nahum abriu a porta do estábulo, dispararam como corças assustadas. Foi necessária uma semana para localizá-los, e quando foram achados não mais serviam para coisa alguma. Algo lhes afetara o cérebro e todos tiveram de ser sacrificados. Nahum tomou emprestado um cavalo de Ammi para fazer feno, mas o animal não queria aproximar-se do celeiro, recuando, empacando e relinchando, e no fim não pôde fazer mais do que levá-lo ao pátio, enquanto os homens usavam de suas próprias fôrças para aproximar a carroça do palheiro, para permitir o carregamento. Enquanto isso, a vegetação se tornava cada vez mais cinzenta e frágil. Mesmo as flôres, cujos matizes eram tão estranhos, adquiriam tom cinza, e as frutas

nasciam cinzentas, enfezadas e sem sabor. Os astropólios e as varas de ouro tomavam a mesma côr e pareciam deformados, e as rosas, zínias e malva-rosas, do pátio fronteiro, eram coisas de aparência tão revoltante que Zenas, o filho mais velho de Nahum, resolveu cortá-las. Os insetos, estranhamente inchados, morreram na mesma época, e até as abelhas haviam abandonado suas colméias, partindo para a floresta.

Em setembro, tôda a vegetação estava se desfazendo em pó cinzento, e Nahum receava que as árvores morressem antes de todo o veneno ter saído do solo. Sua mulher tinha agora acessos de berros terríveis, e êle e os rapazes viviam num estado de constante tensão nervosa. Evitavam seus semelhantes agora, e quando a escola reabriu, os rapazes não voltaram a frequentá-la. Mas foi Ammi, numa de suas visitas, o primeiro a compreender que a água do pôço não mais era aproveitável. Tinha um sabor ruim, que não era exatamente fétido nem exatamente salgado, e Ammi aconselhou o amigo a cavar um outro pôço, em terreno mais alto, até que o solo voltasse ao normal. Nahum, porém, não deu atenção à advertência, pois àquela época já se acostumara a coisas estranhas e desagradáveis. Êle e os rapazes continuaram a usar a água contaminada, bebendo-a tão indiferente e mecânicamente como comiam as suas magras e mal-preparadas refeições e cumpriam suas tarefas ingratas e monótonas durante os dias intermináveis. Havia neles todos uma espécie de resignação impassível, como se estivessem num outro mundo, a passar entre fileiras de sinistros guardas, a caminho de um fim inevitável e familiar.

Thaddeus enlouqueceu em setembro, depois de uma visita ao poço. Fôra levando um balde e voltara de mãos vazias, urrando e agitando os braços, por vêzes dando risadas inanas ou falando num sussurro a respeito "das côres que se moviam lá embaixo". Dois loucos numa família era bem ruim, mas Nahum se mostrou muito corajoso. Deixou o menino à sôlta durante uma semana, mas quando êle começou a tropeçar e a se ferir, trancou-o num quarto do sótão, em frente do ocupado pela mãe. O modo como gritavam um para o outro, atrás de suas portas trancadas, era assustador, especialmente para o pequeno Merwin, o qual julgava ouvi-los usar uma língua terrível, que não era deste mundo. Merwin estava-se tornando tremendamente imaginativo, e a sua inquietude agravou-se após

o trancafiamento do irmão, que era o seu maior companheiro de brinquedos.

Quase à mesma época começou a mortandade entre os animais. As aves tornavam-se cinzentas e morriam ràpidamente; no talho sua carne mostrou-se dura e fétida. Os porcos engordaram descomedidamente, e de súbito passaram a sofrer transformações repelentes, que ninguém podia explicar. Sua carne, naturalmente, era inaproveitável, e Nahum não mais sabia o que fazer. Nenhum veterinário rural queria aproximar-se do lugar, e o veterinário municipal de Arkham estava francamente perplexo. Os porcos começaram a ficar cinzentos e frágeis, desfazendo-se antes de morrer, e seus olhos e focinhos mostraram mudanças peculiares. O fato era inexplicável, pois jamais tinham sido alimentados com a vegetação contaminada. A seguir, algo atingiu as vacas. Certas áreas ou, às vêzes o corpo todo, ficavam incrìvelmente murchos ou comprimidos, e colapsos impressionantes e desintegração tornaram-se comuns. Na última fase — e o resultado era sempre a morte — ficavam cinzentas e frágeis, como os porcos. Não era possível que se tratasse de veneno, pois todos os casos ocorreram num celeiro fechado do qual ninguém se aproximava. Não foram mordidas que transmitiram o virus, pois que animal da terra pode atravessar obstáculos sólidos? Devia tratar-se apenas de doença natural — mas ninguém podia sequer adivinhar a natureza da doença que pudesse causar tais estragos. Quando chegou a época da colheita, não havia um só animal vivo no local, pois o gado e as aves estavam mortas e os cachorros haviam fugido. Êstes tinham desaparecido certa noite e jamais se voltou a ouvir dêles. Os cinco gatos haviam partido antes, mas sua ausência mal foi sentida, já que parecia não haver mais ratos, e apenas a Sra. Gardner votava algum carinho aos graciosos felinos.

No dia dezenove de outubro, Nahum entrou cambaleante na casa de Ammi, com notícias terríveis. A morte viera buscar o pobre Thaddeus no quarto do sótão, e viera de uma forma que não podia ser relatada. Nahum abrira uma cova no pequeno cemitério cercado atrás da fazenda e lá pusera o que havia achado. Nada poderia ter entrado de fora, pois a pequena janela gradeada e a porta trancada estavam intactas; mas tudo era semelhante ao ocorrido no celeiro. Um terror violento paracia cercar os Gardners e tudo quanto tocavam, e a mera presença de um dêles na casa era como um sôpro de regiões sem nome e inomináveis. Foi com a maior

relutância que Ammi acompanhou Nahum até a casa, e fêz o que pôde para acalmar o chôro histérico do pequeno Merwin. Zenas não precisava ser acalmado. Ùltimamente não fazia senão olhar fixamente para o ar e obedecer as ordens do pai; e Ammi achou que o destino se mostrara misericordioso com êle. Vez por outra, os gritos de Merwin suscitavam uma resposta débil do sótão, e em resposta a um olhar inquiridor, Nahum disse que sua mulher estava ficando muito fraca. Ao cair da noite, Ammi conseguiu fugir; nem mesmo a amizade poderia levá-lo a quedar-se naquele lugar, quando as plantas começassem a irradiar a sua fraca luminosidade e as árvores se pusessem a balouçar, com ou sem vento. Ammi tinha sorte em não ser mais imaginativo. Mesmo assim, sua mente ficou levemente afetada. Mas se tivesse podido relacionar e refletir sôbre todos os presságios em seu tôrno, teria inevitàvelmente ficado louco furioso. Correu para casa no crepúsculo, os berros da louca e da criança nervosa ecoando horrendamente em seus ouvidos.

Três dias depois, cedo de manhã, Nahum irrompeu pela cozinha de Ammi, e na ausência do dono da casa, a gaguejar, fêz um novo relato de desespêro, que a Sra. Pierce ouvira com crescente pavor. Desta feita, tratava-se do pequeno Merwin. Desaparecera. Sairá tarde da noite, com um lampião e um balde, em busca de água e não regressara. Há dias já vinha se desintegrando mentalmente e mal sabia o que lhe ia em redor. Gritava o tempo todo. O pai escutara um berro frenético do pátio, mas antes que pudesse chegar à porta, o menino desaparecera. Não se via a luz da lanterna que havia levado, e da criança nem traço. Na hora, Nahum pensou que o lampião e o balde também haviam desaparecido; mas quando rompeu a aurora, e o homem vinha voltando de sua busca dos bosques e campos, encontrou alguns objetos muito curiosos perto do pôço. Havia uma pequena massa de ferro esmagado e aparentemente levemente fundido que, sem dúvida, era o lampião; ao passo que uma alça vergada e alguns aros de ferro retorcidos, tudo meio derretido, pareciam constituir os restos do balde. Era só. Nahum perdera a capacidade de imaginar, a Sra. Pierce estava prestes a desmaiar, e Amrni, ao chegar em casa e ouvir o relato, não sabia o que dizer. Merwin se fôra, e de nada adiantava falar com a gente das cercanias, que agora evitava todos os Gardners. Tampouco adiantava falar com a gente da cidade de Arkham, que ria de tudo. Thad se fôra, e agora também Merwin. Algo se acercava, algo que queria ser visto e ouvido. Nahum iria dentro em breve, e pediu a

Ammi que cuidasse da mulher e de Zenas, caso lhe sobrevivessem. Na certa, era algum julgamento, se bem que não pudesse imaginar por que, pois, ao que sabia, sempre caminhara nas veredas do Senhor.

Por duas semanas, Ammi não viu Nahum; depois, preocupado com o que lhes poderia ter sucedido, venceu seus temores e visitou a casa dos Gardner. Não se via fumaça na grande chaminé, e por um momento receou o pior. O aspecto da fazenda tôda era impressionante — grama e fôlhas cinzentas e fenecidas pelo chão; a hera caindo em fragmentos frágeis de paredes e frontões arcaicos, e grandes árvores nuas procurando atingir o céu plúmbeo de novembro com uma malevolência estudada, que, Ammi não pôde deixar de sentir, provinha de uma sutil mudança na inclinação dos ramos. Mas, Nahum vivia. Estava fraco, deitado num sofá na cozinha de teto baixo, mas perfeitamente consciente e capaz de dar instruções simples a Zenas. Fazia um frio mortal no recinto, e quando Ammi tremeu visivelmente, o dono da casa, em voz rouquenha, deu ordens a Zenas para trazer mais lenha. Na verdade, a lenha era urgentemente necessária, pois a cavernosa lareira estava apagada e vazia, e uma nuvem de fuligem esvoaçava com o vento que descia pela chaminé. Pouco depois, Nahum perguntou se a lenha o fizera sentir-se mais confortável, e então Ammi compreendeu o que acontecera. A corda mais resistente rompera-se por fim, e o cérebro do infeliz fazendeiro estava imune contra novas aflições.

Interrogando-o cuidadosamente, Ammi não conseguiu obter informações claras acêrca do desaparecido Zenas. "No pôço — êle vive no pôço —" era tudo quanto o obnubilado pai repetia. Um pensamento súbito a respeito da espôsa louca atravessou a mente de Ammi, e êle mudou a tática de suas perguntas. "Nabby? Ora, aqui está", foi a resposta surpreendida de Nahum, e Ammi compreendeu que êle mesmo teria de procurá-la. Deixando o pobre homem a balbuciar coisas sem nexo, tirou as chaves dependuradas num prego ao lado da porta e subiu a escada rangente até o sótão. O ar em cima era abafado e fétido, e não se ouvia qualquer ruido. Das quatro portas à vista, apenas uma estava trancada, e êle experimentou várias das chaves da argola que apanhara. A terceira chave era a certa, e após algumas tentativas, Ammi abriu a porta branca e baixa.

Lá dentro estava escuro, pois a janela era pequena e semi-obscurecida pelas toscas barras de madeira, e Ammi não conseguiu distinguir coisa alguma sôbre o assoalho construido de táboas largas. O fedor era insuportável, e antes de prosseguir, teve que ir até outro quarto para voltar com os pulmões cheios de ar respirável. Quando tornou a entrar, viu alguma coisa escura no canto, e ao vê-la mais claramente soltou um grito. Enquanto gritava, parecia-lhe que uma nuvem momentânea encobrira a janela, e um segundo mais tarde sentiu-se roçado como por alguma emanação nauseabunda. Estranhas côres dançavam diante de seus olhos, e se não estivesse entorpecido por um sentimento de horror, ter-se-ia lembrado do glóbulo no meteoro, estilhaçado pelo martelo do geólogo, e da mórbida vegetação que surgira na primavera. No momento, porém, pensou apenas na monstruosidade repugnante com que se defrontava, e que òbviamente partilhara da sorte inominável do jovem Thaddeus e dos animais. Mas o fato terrível era que o objeto se movia vagarosa e perceptìvelmente, enquanto continuava a se desfazer.

Ammi não queria dar-me maiores detalhes da cena, mas a forma no canto não reaparece no seu relato como um objeto móvel. Existem coisas que não podem ser mencionadas, e o que é feito com intenção humanitária às vêzes é cruelmente condenado pela lei. Compreendi que nenhum objeto móvel fôra deixado naquele quarto de sótão, e que deixar lá alguma coisa capaz de movimento teria sido um ato tão monstruoso, que um ser responsável que o cometesse mereceria ser condenado ao tormento eterno. Só um fazendeiro fleumático não teria desmaiado ou enlouquecido, e Ammi estava consciente quando atravessou a porta baixa e trancou atrás de si o segrêdo nefando. Nahum exigia atenção: era preciso alimentá-lo e cuidar dêle, e removê-lo para algum lugar onde pudesse ser tratado.

Começando a descer na escuridão, Ammi ouviu um baque embaixo. Teve até mesmo a impressão de ter escutado um grito estrangulado, e, nervoso, lembrou-se da emanação pegajosa que o roçara no horrendo quarto de cima. Que presença fôra despertada com a sua chegada e o seu grito? Paralisado por um terror indefinido, ouviu outros sons vindos de baixo. Escutou o inconfundível ruido de algo pesado sendo arrastado e um barulho detestàvelmente viscoso, como de alguma sucção diabólica e imunda. Com um sentido de associação elevado até uma altura febril, lembrou-se inexplicàvelmente do que vira em cima.

Bom Deus! Que mundo espectral era êste que invadira? Não ousou avançar nem recuar, mas ficou parado a tremer na curva negra da escadaria embutida. Os menores detalhes da cena estavam gravados a fogo em seu cérebro. Os ruidos, a sensação de espera aterrorizada, as trevas, os íngremes e estreitos degraus e — Senhor dos céus! — a leve mas inconfundível luminosidade de todo o madeirame visível: degraus, corrimãos, ripas e vigas expostas.

Ouviu, então, um relincho frenético do cavalo que deixara à porta, seguido, imediatamente, por um galopar que denunciava uma fuga desenfreada. Em poucos momentos, charrete e cavalo estavam fora do alcance de sua voz, deixando o homem amedrontado na escada a pensar na causa da fuga. Mas isto não era tudo. Ouvira-se um outro ruido lá fora. Uma espécie de pancada líquida — água — devia ter sido o poço. Deixara "Herói" desamarrado perto do poço e uma roda da charrete devia ter roçado a amurada e derrubado uma pedra. E a pálida fosforescência continuava a emanar daquele detestável madeirame antigo. Senhor, como era velha a casa! Na maior parte construída antes de 1670, e o telhado de mansarda não mais tarde do que 1730.

Ouvia-se agora distintamente um leve arranhar no assoalho do rés-do-chão e Ammi crispou a mão em tôrno da pesada vara que apanhara no sótão, com algum propósito. Recobrando o ânimo aos poucos, terminou a descida e dirigiu-se resolutamente para a cozinha. Mas não completou a caminhada, pois aquilo que procurava não mais se achava lá. Viera ao seu encontro e, de certa forma, ainda vivia. Se viera rastejando ou se fôra arrastado por fôrças externas, Ammi não podia distinguir; mas a morte ali estivera. Tudo acontecera na última meia hora, mas o colapso, a côr cinzenta e a desintegração estavam bem adiantados. A deterioração era horrenda, e fragmentos secos estavam se descamando. Ammi não teve coragem para tocar a coisa, mas olhou horrorizado para a paródia que fôra um rosto. "Que foi, Nahum, que foi?" sussurrou, e os lábios rachados e entumecidos mal conseguiram balbuciar uma última resposta:

— Nada... nada... a côr... queima... fria e molhada, mas queima... vivia no pôço... Eu vi... uma espécie de fumaça... igual às flôres da última primavera... o poço brilhava de noite... Thad e Merwin e Zenas... tudo quanto vivia... sugando a vida de tudo... naquela pedra... deve ter vindo naquela pedra... envenenou tudo... não sei o que quer... aquela coisa

redonda que os homens da universidade tiraram da pedra... quebraram ela... era da mesma côr... a côr das flôres e das plantas... deve ter havido mais... sementes... sementes... elas cresceram... vi pela primeira vez esta semana... deve ter pegado o Zonas de jeito... era um rapaz grande, cheio de vida... pega o cérebro da gente e não larga mais... queima a gente... na água do pôço... você tinha razão... água ruim... Zenas não voltou do pôço... não se pode fugir... pega a gente... mesmo sabendo que a coisa está vindo não se pode fugir... vi muitas vêzes desde que Zenas foi agarrado... onde está Nabby, Ammi?... minha cabeça está ruim... não sei quando foi a última vez que lhe dei comida... ela também se vai se a gente não toma cuidado... só uma côr... a cara dela vai ficando daquela côr, às vêzes, de noite... e queima e suga... vem de algum lugar onde as coisas não são como aqui... foi um dos professôres que disse... ele tinha razão... cuidado, Ammi, vai acontecer mais alguma coisa... suga a vida...

E isto foi tudo. Aquilo que falara não podia falar mais porque acabava de se desintegrar. Ammi pôs uma toalha de mesa de xadrez vermelho, sôbre o que restara, e saíu cambaleando pela porta dos fundos, para o campo. Subiu a encosta até o pasto e aos tropeços foi para casa, pela estrada do norte e a floresta. Não se sentia com ânimo de passar pelo poço de onde fugira seu cavalo. Olhara pela j a nela e vira que não faltava uma só pedra da amurada. Isto queria dizer que a charrete não deslocara coisa alguma, afinal a causa da pancada n'água fôra outra — algo que entrou no pôço depois de ter dado cabo do pobre Nahum...

Quando Ammi chegou em casa, o cavalo e o carro já haviam chegado, deixando sua mulher presa da maior ansiedade. Tranqüilizando-a, sem maiores explicações, pôs-se imediatamente a caminho de Arkham e informou as autoridades de que a família Gardner não mais existia. Não ofereceu detalhes, mas apenas deu conhecimento das mortes de Nahum e Nabby (a de Thaddeus já era conhecida) e mencionou que a causa parecia ser o estranho mal que exterminara os animais. Declarou também que Marwin e Zenas haviam desaparecido. O interrogatório no posto policial foi cerrado, e por fim Ammi foi obrigado a acompanhar três guardas até a casa dos Gardner, juntamente com o magistrado especial, o médico legista e o veterinário, que tratara dos animais doentes. Seguiu muito contra a vontade, pois a tarde estava adiantada e êle temia o cair da noite

naquela casa maldita, mas sentiu-se até certo ponto confortado, por estar em companhia de tanta gente.

Os seis homens seguiram numa carroça, atrás da charrete de Ammi, e chegaram à fazenda infestada cêrca das quatro horas. Embora acostumados a experiências dantescas, nenhum dos policiais ficou indiferente às coisas encontradas no sótão e sob a toalha vermelha, no rés-do-chão. Todo o aspecto da fazenda, em sua desolação cinzenta, já era terrível bastante, mas aquêles dois objetos deteriorados excediam a tudo. Ninguém conseguiu fitá-los por muito tempo, e mesmo o médico legista admitiu que havia muito pouco para ver. Os espécimes podiam, naturalmente, ser analisados, e portanto êle se dedicou a obtê-los — e mais tarde ocorreu um intrigante episódio no laboratório da universidade, para onde foram finalmente levados os dois frascos contendo o pó. Sob o espectroscópico, ambas as amostras apresentaram um espectro desconhecido, no qual muitas das esquistas faixas eram exatamente iguais às que o estranho meteoro apresentara no ano anterior. A propriedade de emitir êsse espectro desapareceu num mês, passando a poeira a constituir-se, a partir de então, principalmente de fosfates alcalinos e carbonatos.

Ammi nada teria revelado a respeito do poço, se soubesse que os homens estavam dispostos a ocuparse dêle imediatamente. O pôr do sol se avizinhava e êle estava ansioso para sair de lá. Mas não pôde deixar de olhar para a amurada de pedras perto da grande cegonha, e quando um detetive o interrogou a respeito, admitiu que Nahum temia algo dentro do pôço, a ponto de jamais lhe ter ocorrido examiná-lo à procura de Merwin ou Zenas. Depois disso não queriam saber senão de esvaziar e explorar o pôço sem delongas, e assim Ammi teve que esperar, trêmulo, enquanto balde após balde de água-cheirosa era levantado e derramado no solo encharcado. Os homens, enojados, fungavam à vista do líquido, e, já no fim, taparam seus narizes contra o odor fétido que estavam trazendo à luz do dia. O trabalho demorou muito menos do que pensaram, pois o nível da água estava surpreendentemente baixo. Não há necessidade de falar do que encontraram exatamente. Merwin e Zenas estavam ambos lá, em parte, embora os vestígios fôssem principalmente esqueléticos. Encontraram também um pequeno veado e um cachorro grande, aproximadamente no mesmo estado, e um grande número de ossos de animais pequenos. O limo e o lodo no fundo pareciam inexplicàvelmente

porosos e borbulhantes, e um homem que desceu com uma longa vara, pôde enterrá-la até qualquer profundidade dentro da lama no fundo, sem encontrar obstáculo sólido.

O crepúsculo caira agora e lampiões foram trazidos da casa. Depois, quando viram que nada mais obteriam do pôço, todos foram para dentro conferenciar na velha sala de estar, enquanto a luz intermitente da espectral meia lua derramava-se pàlidamente sôbre a desolação cinzenta lá fora. Os homens estavam francamente perplexos com o caso todo e não sabiam como encontrar um elemento comum convincente que estabelecesse uma ligação entre as estranhas condições vegetais, a misteriosa doença dos animais e dos sêres humanos, e as inexplicáveis mortes de Merwim e Zonas no pôço contaminado. É verdade que ouviram o que dizia o pessoal da região, mas não podiam acreditar que houvesse ocorrido algo contrário às leis da natureza. Sem dúvida, o meteoro envenenara o solo, mas a doença das pessoas e animais, que nada comeram do que fôra plantado naquele solo, era outra coisa. Teria sido a água do pôço? Bem possível. Talvez fôsse uma boa idéia analisá-la. Mas que espécie de loucura poderia ter levado os dois rapazes a saltarem no pôço? Seu ato foi tão semelhante — e os fragmentos mostravam que ambos sofriam da morte cinzenta. Por que tudo estava tão cinzento e deteriorado?

Foi o magistrado, sentado à janela que dava para o pátio, que primeiro notou a fosforescência em tôrno do poço. A noite cairá plenamente, e todo o horrendo local parecia levemente luminoso, não apenas graças aos incertos raios de luar: êsse nôvo fulgor era algo de definido e distinto e parecia emanar do pôço negro como a luz abafada de um holofote, com reflexos opacos nas pequenas poças da água despejada. Sua côr era muito esquisita, e quando todos os homens se agruparam junto à janela, Ammi teve um sobressalto violento. Pois as estranhas irradiações do horrendo miasma eram de um matiz que não lhe era desconhecido. Vira essa cor anteriormente e temia o que ela pudesse significar. Vira-a no frágil glóbulo no aerolito de há dois verões, na repelente vegetação da primavera, e pensara tê-la visto por um momento naquela mesma manhã, na pequena janela gradeada daquele terrível quarto de sótão, onde haviam ocorrido coisas inomináveis. Resplendera ali por um segundo e a seguir sentira-se roçado por uma emanação viscosa e nojenta — e depois o pobre Nahum fôra destruído por alguma coisa da mesma côr.

Foi o que êle dissera no fim — que haviam sido o glóbulo e as plantas. A seguir viera a fuga no pátio e o ruido no poço — e agora êsse poço lançava noite adentro um raio pálido e insidioso da mesma cor demoníaca.

Merece louvor a agudeza da inteligência de Ammi, por estar, mesmo naquele momento tenso, a refletir sôbre um ponto de natureza essencialmente científica. Não podia deixar de se admirar de ter obtido impressão idêntica de uma emanação em pleno dia, diante de uma janela aberta para o céu matinal, e de uma exalação noturna, vista como uma neblina fosforescente contra uma paisagem negra e crestada. Não estava certo — era contra a natureza — e êle recordou-se das últimas e terríveis palavras do amigo moribundo: "... vem de algum lugar onde as coisas não são como aqui... foi um dos professôres que disse...".

Todos os três cavalos, amarrados a um casal de árvores ressequidas perto da estrada, estavam agora relinchando e escoiceando frenèticamente. O condutor do carro encaminhou-se para a porta, a fim de tomar alguma providência, mas Ammi colocou-lhe a mão trêmula no ombro:

— Não vá lá — sussurrou. — Tem coisas que a gente não conhece. Nahum disse que alguma coisa vivia no poço que suga a vida. Êle disse que devia ser alguma coisa que cresceu de uma bola redonda como aquela que vimos no meteoro que caíu fêz um ano em junho. Suga e queima, disse êle, e não é mais que uma nuvem de côr, como aquela luz lá fora, que quase não se vê e que ninguém sabe o que é. Nahum pensava que ela se alimenta de tudo que é vivo e vai ficando cada vez mais forte. Êle disse que viu na semana passada. Deve ser alguma coisa lá de longe no céu, igual à pedra do meteoro, como disseram os homens da universidade, no ano passado. Não é do feitio das coisas do mundo de Deus. É alguma coisa de outro lugar.

E assim, os homens pararam indecisos, enquanto a luz do poço tornava-se cada vez mais intensa, e os cavalos amarrados escoiceavam e relinchavam numa excitação cada vez maior. Foi verdadeiramente um momento horrendo, com o terror reinando dentro daquela casa velha e amaldiçoada, quatro monstruosas pilhas de fragmentos — dois da casa e dois do poço — no alpendre dos fundos, e aquêle raio de iridiscência desconhecida e medonha das profundezas lodosas em frente da casa. Ammi detivera o condutor, movido por um impulso, esquecendo-se de que êle mesmo saira intacto do encontro com o vapor colorido no quarto do

sótão, mas é provável que tivesse agido bem. Ninguém jamais saberá o que rondava a casa naquela noite; e se bem que a maldição do além não tivesse, até então, atacado algum ser humano que não estivesse com a mente já debilitada, não se podia prever o que faria no último momento, com sua fôrça aparentemente aumentada e com os sinais de sua intenção que brevemente veríamos sob o céu meio-nublado e enluarado.

Sùbitamente, um dos detetives perto da janela teve um sobressalto abrupto. Os outros fitaram-no e ràpidamente seguiram-lhe o olhar para cima, onde por acaso fôra cair. Não havia necessidade de palavras. O que fôra discutido em conversas locais já não era mais discutível, e é por causa daquilo que todos, em sussurros, afirmaram ter visto, que jamais se fala dos dias estranhos em Arkham. É necessário deixar claro, antes de mais nada, que não havia vento naquela hora da noite. Ventou mais tarde, mas aquêle momento era de absoluta calmaria. Mesmo as pontas secas das plantas, cinzentas e doentias, e a franja da coberta da carroça estavam imóveis. E não obstante, em meio a essa calmaria tensa e demoníaca moviam-se os galhos nus de tôdas as árvores do pátio. Contorciam-se mórbida e espasmòdicamente, procurando alcançar as nuvens enluaradas numa loucura convulsiva e epilética; arranhando, impotentes, o ar peçonhento, como que articuladas por uma linha de comunicação com horrores subterrâneos que se retorciam e debatiam debaixo de suas negras raizes.

Durante vários segundos ninguém sequer respirou. Depois uma nuvem de tom mais escuro devorou a lua e a silhueta de galhos desapareceu momentâneamente. O fato provocou uma exclamação geral, abafada pelo terror, mas rouca e quase idêntica. Pois o pavor não desapareceu com a silhueta, e num instante horrível de escuridão profunda, os observadores viram, à altura das copas das árvores, mil pequenos pontos de radiação fraca e fantasmagórica, encimando cada ramo como o fogo de Santelmo ou as chamas que desceram às cabeças dos apóstolos, em Pentecoste. Era uma constelação monstruosa de luz desnatural, como um enxame de vagalumes entumecidos de carniça, a dançarem sarabandas infernais num pântano monstruoso, e a sua cor era a mesma intrusão inominável que Ammi aprendera a reconhecer e a recear. Durante todo êsse tempo, o facho de fosforescência do pôço tornava-se cada vez mais intenso, invadindo as mentes dos homens

encolhidos com uma sensação de perdição e anormalidade, que excedia de muito qualquer imagem que suas consciências poderiam formar. A luz não mais estava *emanando* do pôço, e sim *derramando-se* para fora; e à medida que a corrente informe de côr nâo-identíficável saía do pôço, parecia fluir diretamente para o céu.

O veterinário estremeceu e foi até a porta da frente para reforçá-la com a barra de ferro especial. Ammi não tremia menos; faltando-lhe a voz, teve que cutucar e apontar quando queria chamar a atenção para a crescente luminosidade das árvores. O relinchar e espernear dos cavalos tornara-se assustador, mas nenhuma só alma do grupo na velha casa ter-se-ia aventurado a sair, por qualquer recompensa material. Com a passagem dos minutos, a luminosidade das árvores aumentou, enquanto seus ramos agitados pareciam cada vez mais procurar atingir a verticalidade. A madeira da cegonha do poço brilhava agora, e, daí a pouco, um oficial apontava, mudo, para alguns alpendres de madeira e colmeias perto do muro de pedras do lado oeste. Estavam começando a brilhar, se bem que os veículos dos visitantes parecessem ainda inafetados. Depois houve uma violenta comoção e o ruído de cascos na estrada, e guando Ammi apagou o lampião para ver melhor, compreenderam que a frenética parelha quebrara a árvore e ia fugindo com a carroça.

O choque soltou as línguas de alguns e houve uma troca de sussurros embaraçados. "A coisa atinge tudo que é orgânico," murmurou o médico legista. Ninguém respondeu, mas o homem que estivera no pôço deu a entender que despertara algo de intangível com a vara. "Foi horrível" — acrescentou. — "Não tinha fundo. Apenas Iodo e bôlhas e a sensação do alguma coisa espreitando lá em baixo". O cavalo de Ammi continuava a espernear e a urrar de forma ensurdecedora lá na estrada, quase abafando a voz trêmula de seu proprietário, que tartamudeava suas reflexões incoerentes :

— Veio daquela pedra... cresceu lá embaixo... pegou todos os sêres vivos... sugava-lhes corpo e alma... Thad e Mcrwin, Zenas e Nabby... Nahum foi o último... todos beberam da água ... dominou êles... veio do além, onde as coisas não são como aqui... e agora volta para lá...

Nesse momento, enquanto a coluna de côr misteriosa começava a brilhar com mais intensidade, formando contornos fantásticos, mais tarde descritos de maneira diferente por todos os espectadores, o pobre

"Herói", amarrado, emitiu um som que homem algum já ouviu ou ouvira, provindo de um cavalo. Cada uma das pessoas naquela pequena sala tapou os ouvidos, e Ammi virou as costas à janela, dominado pelo horror e pela náusea. Não há palavras para descrevê-lo — quando Ammi tornou a olhar para fora, o infeliz animal estava caído no solo coberto de luar, entre as lanças estilhaçadas da charrete. Êste foi o fim de "Herói", até que o enterraram no dia seguinte. Mas no momento não havia tempo para choros, pois naquele mesmo instante um detetive silenciosamente chamou atenção para algo terrível dentro do próprio quarto. Na ausência da luz de lampião, uma leve fosforescência começara a invadir todo o recinto. Brilhava nas táboas largas do assoalho e no fragmento de tapete, e bruxuleava nos caixilhos das pequenas vidraças. Subia e descia pelas vigas expostas e coruscava sôbre a estante e o consôlo da lareira, e contaminava até as próprias portas e a mobília. Aumentava de minuto em minuto e por fim tornou-se claro que os sêres vivos normais tinham de abandonar a casa.

Ammi mostrou-lhes a porta dos fundos e o caminho através dos campos, até o pasto de dez acres. Andando e cambaleando como em sonho, não ousaram olhar para trás até estarem bem no alto. Ficaram satisfeitos por terem encontrado a rota, pois não teriam podido sair pela frente e passar perto daquele poço. Já era terrível passar pelo celeiro, os alpendres ardentes e as brilhantes árvores do pomar, com seus contornos retorcidos e demoníacos; mas, graças aos céus, os galhos procuravam apenas alcançar o alto. A lua desapareceu atrás de pesadas nuvens negras, enquanto atravessavam a rústica ponte sôbre o Córrego do Chapman, e de lá até o campo aberto andaram às cegas.

Quando olharam para trás, para o vale e a distante casa dos Gardner, em baixo, viram um espetáculo horrendo. A fazenda tôda irradiava a hedionda e misteriosa mescla de côres: árvores, construções, e mesmo a grama e os arbustos que ainda não haviam adquirido totalmente a letal fragilidade cinzenta. Todos os ramos erguiam-se para o céu, encimados por pontas de repelentes labarêdas, e filetes tremulantes do mesmo fogo rastejavam pelas cumieiras da casa, do celeiro e dos alpendres. Era uma cena de uma visão de Fuseli, e acima do resto reinava essa orgia de luminosa amorfia, êsse misterioso arco-iris sem dimensões de veneno críptico do poço — fervilhando, tateando, lambendo,

cintilando, forçando e borbulhando malignamente em seu cromatismo cósmico e irreconhecível.

A seguir, sem aviso, o hediondo objeto disparou verticalmente para o céu, como um foguete ou um meteoro, não deixando qualquer rastro atrás de si e desaparecendo por um buraco redondo e curiosamente regular nas nuvens, antes que qualquer um dos homens pudesse recuperar o alento ou soltar uma exclamação. Nenhum espectador jamais poderá esquecer essa visão, e Ammi lançou um olhar vago para as estrêlas de Cisne, com Deneb cintilando mais do que as outras, onde a côr desconhecida se fundira na Via Láctea. Mas o seu olhar foi ràpidamente atraído para a terra pêlos estalidos no vale. Foi exatamente isso. Apenas o som de madeira se estilhaçando e estalando, e não uma explosão, como muitos do grupo asseveraram. Mas o resultado foi o mesmo, pois num instante febril e caleidoscópico jorrou daquela fazenda condenada e maldita um cataclismo brilhante e eruptivo de fagulhas e substância que não eram deste mundo; cegando o olhar dos poucos que o viram e enviando ao zênite uma chuva de fragmentos tão fantásticos e coloridos que o nosso universo precisa repudiá-la. Através de vapores que se fechavam ràpidamente à sua passagem, os fragmentos seguiram a grande monstruosidade desaparecida, e no mesmo segundo desapareceram também. Atrás e embaixo só havia as trevas as que os homens não ousavam regressar, e em tôrno dêles soprava um vento crescente que parecia levar-lhes rajadas negras e gélidas do espaço sideral. Gemia e uivava, flagelando os campos e 03 bosques deformados num louco frenesi cósmico, até que o trêmulo grupo compreendeu ser inútil esperar a volta da lua para mostrar o que restara das terras de Nahum.

Por demais amedrontados para sequer pensarem em teorias, os sete homens, a tremer, voltaram para Arkham pela estrada do norte. Ammi estava pior do que os seus companheiros, e implorou-lhes para acompanhá-lo até sua cozinha, ao invés de seguirem diretamente para a cidade. Não queria atravessar sòzinho os bosques enfezados e castigados pelo vento, até sua casa, na estrada principal. Pois tivera um choque de que os outros haviam sido poupados, e ficou esmagado para sempre por um mêdo sombrio que êle não ousou mencionar durante anos. Enquanto os outros espectadores naquela colina tempestuosa haviam voltado seus rostos firmemente para a estrada, Ammi lançara um olhar para trás, por

um momento, ao vale de sombras e desolação que até há pouco ainda abrigara o seu infeliz amigo. E daquele lugar afligido e longínquo, vira algo erguer dèbilmente, apenas para tornar a cair no mesmo lugar de onde o disforme e imenso horror se lançara aos céus. Era apenas uma côr — mas nenhuma côr de nossa terra ou de nosso céu. E porque Ammi reconheceu essa cor, e sabia que o último remanescente devia estar à espreita dentro do poço, nunca mais voltou a ser o mesmo.

Ammi Jamais voltou ao lugar. Já fazem quarenta e quatro anos desde o horror, mas nunca mais foi lá, e há de ficar contente quando o nôvo reservatório obliterar tudo. E também eu ficarei contente, pois não me agradou o modo como a luz do sol mudou de cor em tôrno da bôca do poço pelo qual passei. Espero que a água seja bem funda — mesmo assim, porém, jamais hei de bebê-la. Acho que não voltarei a visitar a região de Arkham. Três dos homens que haviam estado com Ammi retornaram na manha seguinte para ver as ruinas à luz do dia, mas não havia ruinas de verdade. Apenas os tijolos da chaminé, as pedras do porão, alguns resíduos minerais e metálicos aqui e acolá e a amurada no nefando pôço. Com exceção do cavalo morto de Ammi, que êles levaram de arrastão e enterraram, e a charrete que pouco depois lhe devolveram, tudo quanto era vivo desaparecera. Restaram apenas cinco acres de deserto de poeira cinzenta, e nada voltou a crescer ali. Até o dia de hoje, estende-se sob o céu como uma grande cicatriz deixada por algum ácido nos bosques e nos campos, e os poucos que ousaram visitá-lo, apesar das lendas rurais, apelidaram-no de "a charneca crestrada".

As lendas rurais são esquisitas. Poderiam ter sido ainda mais esquisitas se os homens da cidade e os químicos da universidade quisessem analisar a água do pôço em desuso ou a poeira cinzenta que vento algum parece capaz de dispersar. Os botânicos, também, deveriam estudar a flora enfezada nas bordas da cicatriz, pois poderiam lançar luz sôbre o pensamento geral de que a praga está se espraiando — a pouco e pouco, talvez uma polegada por ano. Diz a gente que a côr dos arbustos circunvizinhos, na primavera, não é bem normal, e que os animais silvestres deixam estranhas pegadas na ténue neve de inverno. A neve nunca parece tão pesada na charneca crestada como em outros lugares. Os cavalos — os poucos que restaram nesta era motorizada — tornam-se

assustadiços no vale silencioso; e os caçadores não podem depender de seus cães muito perto da mancha de poeira cinzenta.

Dizem também que a influência mental é ruim; muitos ensandeceram nos anos após a morte de Nahum, e sempre lhes faltou a fôrça de vontade para se mudarem. Depois a gente mais forte deixou a região, e apenas os estrangeiros tentaram morar nas velhas casas arruinadas. Todavia, não conseguiram ficar, e frequentemente fica-se a pensar que idéias lhes terão dado as estórias sussurradas de fantástica magia. Seus sonhos de noite, afirmam êles, são horríveis naquela região grotesca; e não há dúvida até que a simples visão daquele reino tenebroso é suficiente para despertar mórbidas fantasias. Viandante algum conseguiu fugir à sensação de estranheza naquelas profundas ravinas, e os artistas tremem enquanto pintam densos bosques cujo mistério fere tanto o espírito como o olhar. Eu próprio estou curioso a respeito da sensação que me deu o meu passeio solitário, antes de ouvir o relato de Ammi. Ao cair da noite, desejei vagamente que o céu se cobrisse de nuvens, pois sentira a alma invadida por um estranho receio diante do grande vazio celeste acima de minha cabeça.

Não me peçam minha opinião. Não sei — eis tudo. Não havia senão Ammi para ser interrogado, pois a gente de Arkham não fala sôbre os dias estranhos, e todos os três professôres que viram o arerolito e o seu glóbulo colorido estão mortos. Houve outros glóbulos — podem estar certos. Um deve se ter alimentado, fugindo em seguida, e provàvelmente um outro chegou tarde demais. Sem dúvida ainda está dentro do pôço — sei que havia algo de errado com a luz do sol que vi acima do precipício miásmico. Os campônios dizem que o mal avança uma polegada por ano; é possível, pois, que haja algum crescimento ou alimentação ainda agora. Mas qualquer que seja a excrescência diabólica, ela deve estar prêsa a alguma coisa, de outra forma estaria se espraiando ràpidamente. Estará agarrada às raízes das árvores que se estendem para o céu? Uma das lendas correntes em Arkham é de grossos carvalhos que brilham e se agitam de noite de forma anormal.

O que seja, apenas Deus sabe. Em têrmos de matéria, acho que a coisa descrita por Ammi seria chamada de gás, mas êsse gás obedecia a leis que não são do nosso cosmos. Não era o fruto de um dos mundos e sóis que reluzem nos telescópios e nas chapas fotográficas de nossos

observatórios. Não era um hálito dos céus cujos movimentos os nossos astrônomos medem ou consideram vastos demais para medir. Era apenas uma cor vinda do espaço — um mensageiro pavoroso de regiões amorfas do infinito, de uma natureza desconhecida por nós; de regiões cuja simples existência atordoa o cérebro e nos entorpece com os negros abismos extracósmicos que abre diante de nossos olhos.

Duvido muito que Ammi tenha mentido conscientemente, e não acho que o seu relato tenha sido apenas fruto da loucura, como me havia prevenido a gente da região. Algo de terrível chegou às colinas e aos vales naquele meteoro, e algo de terrível — se bem que não saiba a sua proporção — ainda permanece. Ficarei satisfeito com a chegada das águas. Entrementes, espero que nada aconteça a Ammi. Êle viu tanto da coisa — e a sua influência foi tão insidiosa. Por que jamais conseguiu mudar-se? Com que clareza se lembrava das últimas palavras de Nahum — "não se pode fugir... pega a gente... mesmo sabendo que a coisa está vindo não se pode fugir..." Ammi é um velho tão bom: quando a turma do reservatório começar os trabalhos preciso escrever para o engenheiro-chefe pedindo-lhe que não tire os olhos de cima dêle. Não gostaria de pensar em Ammi como a monstruosidade cinzenta, deteriorada e deformada que cada vez mais perturba o meu sono.



A coisa na soleira da porta

É VERDADE QUE DISPAREI seis balas na cabeça de meu melhor amigo e, ainda assim, espero mostrar, com esse depoimento, que não sou o seu assassino. No começo serei chamado de louco -mais louco do que o homem que alvejei em sua cela no Sanatório de Arkham. Mais tarde, alguns de meus leitores vão pesar cada afirmação, relaciona-la com os fatos conhecidos e vão perguntar-se como eu poderia ter pensado diferente depois de encarar a evidencia daquele horror - daquela coisa na soleira da porta.

Até enfim eu também não via nada além de loucura nas histórias fantásticas de que tinha tomado parte. Mesmo agora me pergunto se estava enganado - ou se não estou mesmo louco, afinal não sei - mas outras pessoas tem coisas estanhas a dizer sobre Edward e Asenath Derby e nem mesmo a estúpida polícia sabe mais o que fazer pala explicar aquela última e terrível visita. Os policiais tentaram montar uma frágil teoria envolvendo um aviso ou uma brincadeira de nau gosto por criados demitidos, embora saibam, no íntimo, que a verdade é infinitamente mais terrível e inacreditável. Eu digo, pois, que não assassinei Edward Derby, antes o vinguei, e assim expurguei da Terra um horror cuja consciência poderia ter espalhado terrores inauditos sobre toda a humanidade. Existem zonas negras de sombra próximas de nossos caminhos cotidianos e, de vez em quando, algum espírito maligno abre uma passagem entre eles. Quando isso acontece, a pessoa informada deve agir sem pesar os conseqüências.

Conheci Edward Pickman Derby durante toda sua vida. Oito anos mais novo do que eu, era tão precoce que nós tínhamos muito em comum desde quando ele tinha oito, e eu dezesseis. Foi a criança erudita mais extraordinária que já conheci, e aos sete anos escrevia versos de um feitio soturno, fantástico, quase mórbido, que provocavam a admiração dos preceptores que o cercavam. Talvez a sua educação particular e seu isolamento cercado de mimos tivessem algo a ver com o seu florescimento prematuro. Filho único, ele tinha uma saúde precária que enchia de sobressaltos seus pais extremados e os levava a conservá-lo firmemente preso ao seu lado. Ele não tinha permissão de sair sem a enfermeira, e raramente tinha a oportunidade de brincar à vontade com outras crianças. Tudo isso com certeza contribuiu para uma vida interior singular e secreta no menino que encontrava na imaginação sua principal via de acesso à liberdade.

De qualquer forma, sua erudição juvenil era prodigiosa e excêntrica, e sua escrita fluente me cativou a despeito de eu ser mais velho. Naquela época, eu tinha veleidades artísticas de uma propensão um tanto grotesco, e descobri naquele garoto mais novo uma alma gêmea. O que havia por trás de nosso amor comum pelas sombras e maravilhas era, sem dúvida, a ancestral, decrépita e sutilmente temível cidade onde morávamos - a legendária e enfeitiçada Arkham, com sua procissão de telhados abaulados de duas águas e balaustradas georgeanas caindo aos pedaços, assuntando os séculos, tendo ao lado os murmúrios soturnos do Miskatonic. Com o passar do tempo, encaminhei-me para a arquitetura e desisti de ilustrar um livro de poemas satânicos de Edward, mas nossa camaradagem não diminuiu. O gênio excêntrico do jovem Derby desenvolveu-se de maneira notável e aos dezoito anos ele causou uma verdadeira sensação quando sua coletânea de poemas satânicos foi editada sob o titulo Azatoth e Outros Horrores. Ele foi um correspondente intimo do conhecido poeta baudelairiano Justin Oeoffruy autor de O Livro do Monoiro, que morreu aos gritos num asilo, depois de visitar a sinistra n'aí Hungna.

Em matéria de autoconfiança e assuntos práticos, porém, Derby era muito retardado em virtude da existência mimada. Sua saúde havia melhorado, mas seus hábitos de dependência infantil haviam sido reforçados pelos pais extremosos. Assim, ele nunca viajava sozinho, não tornava decisões independentes, nem assumia responsabilidades. Logo se

via que ele não disputaria em condições de igualdade nas arenas comercial e profissional, mas a fortuna da família era tal que isso não representava nenhuma tragédia. Chegando à idade adulta, conservou um enganoso aspecto de infantilidade. Louro, de olhos azuis, tinha a aparência fresca de uma criança, e só com muito esforço se podiam notar suas tentativas de cultivar um bigode. Sua voz era suave e graciosa, e a vida mimada e sedentária deu-lhe uma rotundidade juvenil em vez da obesidade da meia idade prematura. Tinha boa estatura e seu rosto bonito faria dele um notável namorador se a timidez não o tivesse confinado à reclusão e ao gosto pelos livros.

Os pais de Derby levavam-no ao exterior todos os verões ele não demorou para adotar os aspectos superficiais do pensamento e da expressão europeus. Seus pendores, como os de Poe, se voltaram mais e mais para o decadentismo, entusiasmando-se pouco com outras sensibilidades e aspirações artísticas. Tínhamos grandes discussões naqueles tempos. Eu cursara Harvard, estudara num escritório de arquitetura em Boston, casara.me e finalmente retornara a Arkharn para exercer a profissão, instalando-me na propriedade da família da Saltionstall Súeat depois que o pai se mudou para a Flórida para cuidar da saúde. Edward costumava aparecer quase todas as noites, de modo que cheguei a considerá-lo parte da família. Ele tinha um modo característico de tocar a campainha ou soar a aldrava que ficou sendo um verdadeiro sinal em código de forma que, depois do jantar, eu sempre ficava à espera das costumeiras três batidas secas, seguidas de uma pausa e outras duas.

Eu o visitava em sua casa com menor freqüência, observando com inveja os volumes obscuros da sempre crescente biblioteca. Derby havia cursado a Universidade Miskat Arkhan, já que seus pais não permitiriam que se afastasse deles. Entrou com dezesseis e completou o curso em três anos, graduando-se em literatura inglesa e francesa, e recebendo altas notas em tudo, exceto matemática e ciências. Misturava-se muito pouco com os outros estudantes, conquanto olhasse com inveja os círculos de 'aventureiros' ou de 'boêmios', cujo linguajar superficialmente espirituoso e a pose desdenhosamente irônica ele imitava, e cuja conduta questionável gostaria de ousar adotar. O que ele fez foi tornar-se um aficionado quase fanático do conhecimento mágico secreto, pelo qual a biblioteca da Miskatonic era, e ainda é, famosa.

Freqüentador perpetuo da superfície da fantasia e do bizarro, ele mergulhava fundo nas finas e enigmas reais levados por um passado fabuloso para orientação ou a perplexidade dos pósteros. Lia coisas como o pavoroso Livro de Eibon, o Unar.ssprechlichen KrsIten de von Juntz, e o proibido Necronomicon do louco árabe Abdul Alhazred, embora não contasse a seus pais que os havia lido. Edward tinha vinte anos quando nasceu meu único filho, e pareceu contente quando batizei o recém-chegado de Edword Derby Upton em sua homenagem.

Aos vinte e cinco Edward Derby era um homem de erudição prodigiosa e um poeta e fantasista bastante conhecido, embora a falta de contatos e responsabilidades tivesse arrecado seu crescimento literário tornando suas realizações se conhMxias e livrescos. Talvez eu fosse seu amigo mais íntimo, considerando-o uma mina inexaurível de questões teóricas vitais, enquanto ele me consultava sobre todos os assuntos que não queria mencionar aos pais. Permaneceu solteiro - mais por timidez, inércia e excesso de proteção paternal do que por inclinação - e circulava em sociedade apenas em funçâo das atividades mais comezinhas e rotineiras. Quando veio a guerra, a saúde e a inveterada timidez o mantiveram em casa. Eu fui servir em Plattsburg, mas não cheguei a ir para o exterior. E assim passaram-se os anos. A mãe de Edward morreu quando ele tinha trinta e quatro, e durante alguns meses ele esteve prostrado par um estranho mal psicológico. Seu pai levou-a à Europa, porém, e ele conseguiu livrar-se do problema sem seqüelas visíveis. Depois daquilo, ele parecia sentir uma espécie de alegria grotesca como se tivesse parcialmente escapado de alguma servidão invisível. Começou a se misturar com o círculo universitário mais "avançado", apesar de sua idade mediana, e esteve envolvido em alguns acontecimentos escabrosos - numa ocasião, pagando uma pesada chantagem (com dinheiro que lhe emprestei) para manter o pai desenformado sobre a sua participação num determinado caso. Correram rumores muito estranhos sobre o círculo radical da Miskatonic. Chegou-se a falar de magia negra e de acontecimentos absolutamente inacreditáveis.

II

Edward estava com trinta e oito anos quando conheceu Asenath Waite. Ela devia ter perto de vinte e três, na época, e estava seguindo um

curso especial de metafísica medieval na Miskatonic. A filha de um amigo meu a conhecia de antes - da Escola Hail, de Kingsport - e tratara de evitá-la devido à sua estranha reputação. Era trigueira, apequenada e de muito boa aparência, exceto pelos olhos muito saltados, mas alguma coisa em sua expressão afastava as pessoas mais sensíveis.

Entretanto, era sobretudo sua origem e sua conversa que faziam as pessoas comuns a evitar. Descendia dos Waite de Innsmouth, e muitas lendas obscuras se acumularam, durante gerações, sobre a decrépita e quase deserta Innsmouth e sua gente. Correm histórias sobre pactos pavarosos por volta de 1850, e sobre um elemento estranho, "não inteiramente humano", nas antigas famílias do arruinado porto pesqueiro - histórias que só ianques dos velhos tempos conseguem inventar e repetir com a devida "horripilência". O caso de Asenath era agravado por ser filha de Ephraim Waite - a filha tem para com uma esposa misteriosa que só circulava velada. Ephraim morava numa mansão um tanto decadente da Washington Street, em Innsmouth, e quem viu o lugar (a gente de Arkham evita Innsmauth sempre que pode) afirma que as janelas do sótão estavam sempre fechadas com tábuas e que ruídos estranhas escapavam da interior com a chegada da noite. Sabia-se que o velho havia sida um prodigioso estudante de magia em seu tempo, e segundo uma lenda, podia provocar ou amainar tempestades na mar quando bem lhe aprouvesse. Eu o havia visto uma ou duas vezes em minha juventude, quando ele fora a Arkham consultar volumes proibidos na biblioteca da universidade, e havia detestado o rasto cruel, soturno, com sua hirsuta barba cinza escuro. Ele morreu louco - em circunstâncias muito estranhas - pouco antes de sua filha (deixada, por sua vontade, sob a tutela nominal do reitor) entrar na Escola Hali, mas ela havia sido uma discípula sua, doentiamente voraz e parecia diabólica como ele, às vezes. o amigo cuja filha freqüentara a escola com Asenatb Waite repetiu muitas coisas curiosas quando as novas sobre o relacionamento de Edward com ela começaram a se espalhar. Asenath, ao que parece, usara de uma espécie de mágica na escola, e parecia mesmo capaz de realizar alguns prodígios desconcertantes. Ela dizia ser capaz de provocar tempestades, mas seu aparente sucesso era em grande medida atribuído a um fantástico pendor para a predição. Nenhum animal a apreciava e ela podia fazer cachorros uivarem com alguns gestos da mão direita. Houve momentos em que ela exibiu traços de conhecimento e de linguagem muita estranhos - e

chocantes - para uma garota, que assustava as colegas com olhares de esguelha e piscadelas incompreensíveis, parecendo extrair uma ironia obscena e prazerosa da situação. O mais extraordinário, porém, foram os casos bem atestados de sua influência sobre outras pessoas. Ela era, sem a menor divida, uma genuína hipnotizadora. Fixando o olhar de maneira especial numa colega, geralmente provocava nesta um sentimento inconfundível de personalidade trocada - como se ela fosse por um momento colocada no corpo da mágica, meio que podendo olhar de frente para seu corpo real, cujos olhos saltados brilhavam com uma expressão que não era sua. Asenath fazia afirmações bizarras freqüentes sobre a natureza da consciência e sua independência do corpo físico -ou, pelo menos, dos processos vitais do corpo físico. Tinha a maior raiva, porém, de não ser homem, pois achava que o cérebro masculino tinha poderes cósmicos exclusivos e de longo alcance. Se tivesse um cérebro de homem, declarava, poderia não só igualar, mas inclusive superar o pai no domínio de forças desconhecidas.

Edward conheceu Asenath numa reunião da "intelligencia", realizada no quarto de um aluno e não conseguiu falar de mais nada quando veio ver-me no dia seguinte. Os interesses e a erudição dela eram parecidos com os seus e, além disso, ele ficou extremamente arrebatado por sua aparência. Eu nunca vira a moça, e só me recordava, muito de leve, de referências casuais, mas sabia quem ela era. Achei lamentável o arrebatamento de Derby por ela, mas não disse nada para desencorajá-lo, pois é com a oposição que a paixão mais prospera. Ele não pretendia, conforme me disse, mencioná-la a seu pai. Nas semanas subsequentes, quase tudo que ouvi do jovem Derby dizia respeito a Asenath. Outros já haviam notado a galanteria outonal de Edward, embora concordassem que ele não aparentava, nem de longe, a sua idade real, nem parecia um par inadequado para sua exótica deusa. Estava só um pouco coisa barrigudo apesar da vida sedentária e auto indulgente, e seu rosto era completamente liso. Asenath, por sua vez, tinha pés-de-galinha prematuros causados pelo exercício de uma vontade intensa.

Por essa época, Edward trouxe a moça para me conhecer, e pude perceber na hora que o interesse que ele demonstrava não era, de maneira nenhuma, unilateral. Ela o observava o tempo todo com uma aparência quase rapace, e percebi que não havia jeito de desfazer a intimidade deles.

Pouco tempo depois, recebi uma visita do velho Sr. Derby, a quem sempre dedicara admiração e respeito. Ele ouvira as histórias sobre a nova amizade de seu filho e arrancara toda a verdade "do garoto". Edward pretendia casar-se com Asenath e até andara olhando casas nos subúrbios. Conhecedor de minha grande ascendência sobre o filho, o pai achava que eu poderia ajudar a romper o namoro imprudente, mas lamentando, expressei minhas dúvidas. Dessa vez não estava em jogo a indecisão de Edward, mas a vontade imperiosa da mulher. A eterna criança havia transferido sua dependência da imagem paterna para uma imagem nova e mais poderosa, e nada podia ser feito sobre aquilo. O casamento foi celebrado um mês depois, por um juiz de paz, a pedido da noiva. O Sr. Derby, por recomendação minha, não se opôs, e ele, minha esposa, meu filho e eu assistimos à breve cerimônia -os demais convidados eram jovens radicais da universidade. Asenath havia comprado o velho lar dos Crowninshield, na extremidade da High Street, e eles pretendiam instalar-se ali depois de uma curta viagem a Innsmouth, de onde trariam três criados e alguns livros e objetos domésticos. Provavelmente foi menos em consideração por Edward e por seu pai, mas o desejo pessoal de ficar perto da universidade, sua biblioteca e sua multidão de "sofisticados", que levou Asenath a se instalar em Arkham e não retomar definitivamente para sua casa. Quando Edward me visitou, depois da lua-de-mel, achei-o um pouco mudado. Asenath o fizera raspar o arremedo de bigode, mas havia algo mais. Ele parecia mais sóbrio e pensativo, havendo trocado o amuo usual de rebeldia infantil por um ar de genuína tristeza. Não saberia dizer se a mudança me agradou ou não. Com certeza ele me pareceu um adulto mais normal do que antes. Talvez o casamento fosse uma coisa boa - a mudança da dependência não poderia constituir um ponto de partida para uma verdadeira neutralização, levando enfim à uma independência responsável? Ele veio só porque Asenath estava muito ocupada. Ela havia trazido um enorme estoque de livros e utensílios domésticos de Innsmouth (Derby estremecia ao pronunciar esse nome), e estava terminando a restauração da casa e do terreno de Crowninshield. A casa dela - naquela cidade - era um lugar muito perturbador, mas alguns objetas que continha lhe haviam ensinado coisas surpreendentes. Ele estava fazendo rápidos progressos no saber esotérico agora que tinha a orientação de Asenath. Alguns experimentos que ela propunha eram muito ousados e radicais - ele não se sentia à vontade para descrevê-los - mas

tinha confiança nos poderes e nas intenções dela. Os três criados eram muita estranhos - um casal bem idoso que havia servido ao velho Ephraim e se referia às vezes a ele e à falecida mãe de Asenath de maneira misteriosa, e uma criada jovem e escura, de feições notoriamente anormais, que parecia exsudar um perpétuo cheiro de peixe.

III

Nos dois anos seguintes, vi Derby cada vez menos. Transcorria às vezes uma quinzena sem as três-mais-duas batidas familiares na porta, e quando ele aparecia - ou quando eu o visitava, o que era cada vez mais raro - ele não parecia muito propenso a conversar sobre assuntos importantes. Mostrava-se reservado sobre aqueles estudos ocultas que costumava descrever e discutir em detalhes, e preferia não falar da esposa. Ela havia envelhecido extraordinariamente desde o casamento, chegando a parecer então - por estranho que pareça - a mais velha dos dois. Seu rosto exibia o esforço de concentração mais determinado que eu já vira, e seu aspecto geral parecia induzir uma vaga e inclassificável repulsa. Minha mulher e meu filho também o notaram e pouco a pouco fomos deixando de visitá-la - com o que, admitiu Edward numa de suas infantis faltas de tato, ela ficara muitíssimo grata. De vez em quando, os Derby partiam para viagens demoradas - declaradamente à Europa, embora Edward insinuasse, às vezes, destinos mais obscuros. Já se havia passado um ano quando as pessoas começaram a comentar a transformação de Edward Derby. Eram mexericos muito casuais, visto que a mudança era puramente psicológica, mas suscitavam questões interessantes. Ao que parecia, de vez em quando Edward era visto exibindo uma expressão e fazendo coisas de todo incompatíveis com a frouxidão usual de sua natureza. Por exemplo - embora antes não soubesse guiar, fora visto, algumas vezes, entrando ou saindo velozmente pelo acesso da velha Crowninshield com o potente Packard de Asenath, conduzindo-o como um mestre, e enfrentando engarrafamentos de trânsito com uma habilidade e determinação alheias por completo à sua natureza habitual. Nessas ocasiões, ele parecia estar sempre terminando de chegar de viagem ou partindo para uma - que tipo de viagem, ninguém conseguia imaginar, embora quase sempre preferisse a velha estrada para Innsmouth. Curiosamente, a metamorfose não pareceu muito agradável.

Diziam que ele ficava muito parecido com a esposa, ou com o próprio velho Ephraim Waite, naqueles momentos - ou talvez, aqueles momentos parecessem estranhos por serem tão raros. Às vezes, horas depois de sair daquele modo, ele voltava largado no banco traseiro do carro que era dirigido por algum motorista ou mecânico, obviamente contratado. Mora isso, o aspecto preponderante que ele apresentava nas ruas durante o declínio de seus relacionamentos sociais inclusive, posso dizer, de suas visitas a mim) era o do indeciso dos velhos tempos - a irresponsabilidade infantil ainda mais acentuada do que no passado. Enquanto o rosto de Asenath envelhecia, o de Edward - exceto naquelas ocasiões especiais -se abrandava numa espécie de imaturidade descabida, salvo quando era atravessado por rasgos da nova tristeza ou compreensão. Era, de fato, muito intrigante. Nesse ínterim, os Derby haviam praticamente se afastado do alegre circuito universitário - não por sua vontade, conforme se ouviu, mas porque alguma coisa em seus estudos correntes chocava os mais calejados dos outros decadentistas. Foi no terceiro ano do casamento que Edward começou a insinuar-me abertamente um certo medo e insatisfação. Ele deixava cair observações sabre coisas "indo longe demais" e falava muito sombrio sabre a necessidade de "preservar sua identidade". De início ignorei essas referências, mas com o tempo comecei a inquiri-lo discretamente, lembrando-me do que a filha de meu amigo havia dita sobre a influência hipnótica de Asenath sobre as outras garotas da escola - casos em que alunas haviam pensado estar dentro do corpo dela, olhando para si próprias à frente. Essa inquirição pareceu deixá-lo ao mesma tempo alarmado e agradecido, e certa vez ele murmurou alguma coisa sobre ter uma conversa séria comigo, mais tarde.

Por essa época, o velho Sr. Derby morreu, o que, mais tarde, me deixou muito grato. Edward ficou perturbado demais, mas de modo nenhum, perdido. Desde o casamento, ele mal via a pai, visto que Asenath concentrara em si todo o senso vital de laços familiares dele. Alguns o chamaram de insensível na perda - especialmente depois que aqueles modos lépidos e autoconfiantes no carro começaram a aumentar. Ele quis mudar-se de volta para a velha mansão dos Derby, mas Asenath insistiu em ficar na casa de Crowninshield, com que se acostumara.

Pouco tempo depois, minha esposa ouviu uma história curiosa de uma amiga - uma das poucas que não havia rompido com os Derby. Ela fora até o final da High Street visitar o casal e viu um carro sair voando pelo passeia com o rosto curiosamente confiante e quase zombeteiro de Edward ao volante. Tocando a campainha, foi informada pela repulsiva criada que Asenath também havia saldo, mas pôde dar uma alhada na casa antes de se afastar. Ali, pelas janelas da biblioteca de Edward, ela vislumbrou um rosto que se afastou depressa - um rosto de uma pungência indescritível, marcado par uma expressão de dor, derrota e melancólica desesperança: Era - por incrível que pareça, tendo em vista sua vocação autoritária - o de Asenatb, mas a visitante jurou que naquele instante as olhos tristes e desamparadas do pobre Edward estavam olhando fixamente os dele. As visitas de Edward haviam então se tomado um pouco mais freqüentes, e suas insinuações às vezes concretas. O que ele dizia não era digno de crédito, mesmo na lendária e secular Arkham, mas ele despejava sua tétrica erudição com uma sinceridade e uma convicção que depunham contra a sua sanidade mental. Falava de assembléias medonhas em locais ermos, de minas ciclópicas no coração dos bosques do Maine, debaixo das quais vastas escadarias levavam para abismos de segredos sepulcrais, de ângulos complexos que conduziam, através de paredes invisíveis, para outras regiões do espaço e do tempo, e de hediondas trocas de personalidade que permitiam explorações em locais remotos e proibidas de outros mundos, e em diferentes contínuos espaço-tempo.

De vez em quando, ele secundava certas sugestões alucinadas, mostrando objetos que me deixavam pasmo - objetos de cores enganosas e texturas enganadoras como jamais se ouviu falar na Terra, com curvas e superfícies insanas que não serviam a nenhum propósito concebível e que não seguiam nenhuma geometria concebível. As coisas, dizia ele, vinham "de fora", e sua esposa sabia como consegui-las. Às vezes - mas sempre em sussurros ambíguos e aterrorizados -, ele sugeria coisas sobre a velha Epbraim Waite, a quem via ocasionalmente na biblioteca da universidade, nas velhos tempos. Essas insinuações nunca eram específicas, antes parecendo girar em torno de alguma dúvida em particular terrível sobre se o velho bruxo estava mesmo morto - tanto em sentido espiritual, quanto corporal. Às vezes, Derby interrompia bruscamente suas revelações e eu ficava pensando se Asenath poderia ter adivinhado o teor de sua conversa a distância e feito ele parar através de algum tipo

desconhecido de mesmerismo telepático - algum poder do tipo que ela revelava na escola. Ela decerto suspeitava que ele me fazia revelações, pois com o passar das semanas, tentou impedir suas visitas com palavras e olhares da mais inexplicável intensidade. Ele tinha dificuldade em vir me vi- sitar, pois mesmo pretextando ir a outra parte, alguma força invisível bloqueava amiúde seus movimentos ou o fazia esquecer-se de seu destino naquele momento. Suas visitas em geral aconteciam quando Asenath estava fora - "fora, em seu próprio corpo", como ele certa vez colocou. Ela sempre descobria depois — os criados vigiavam as idas e vindas dele — mas evidentemente não achou oportuno tomar alguma providência drástica.

IV

Derby já estava casado havia mais de três anos naquele dia de agosto em que me chegou o telegrama do Maine. Eu havia ficado dois meses sem vê-lo, mas ouvira dizer que ele tinha viajado "a negócios". Asenath, ao que se supunha, fora com ele, embora os mexeriqueiros vigilantes declarassem que havia alguém no primeiro andar da casa, por trás das cortinas duplas das janelas. Eles haviam espreitado as compras feitas pelos Chesuncook fica perto do mais selvagem, mais denso e menos devassado cinturão florestal do Maine, e levei um dia inteiro me sacolejando por uma paisagem fantástica e hostil para chegar de carro até lá. Encontrei Derby numa cela do asilo da cidadezinha, oscilando entre acessos de delírio e apatia. Reconheceu-me na hora e começou a despejar uma torrente de palavras confusas e sem sentido na minha direção.

"Dan - pelo amor de Deus! A cova dos shoggoths! Descendo os seis mil degraus... a abominação das abominaç6es... eu nunca deixaria ela me levar, e então me vi lá... lã! Shub-Niggurath! ... O vulto se levantou do altar, e lá estavam quinhentos uivando... A Coisa Encapuzada berrava 'Kamog! Kamog!' - era este o nome secreto do velho Ephraim na reun... Eu estava lá, onde ela prometeu que não me levaria... Um minuto antes eu estava trancado na biblioteca, e então eu estava lá aonde ela tinha ido com meu corpo - no lugar da suprema blasfêmia, a cova ímpia onde começa o reino das trevas e o guardião vigia o portal... Eu vi um shoggoth... ele mudava de forma... Não posso suportar... Não vou

suportar... Vou matá-la se me mandar lá de novo... Vou matar essa coisa... ela, ele, a coisa... vou matá-la! Vou matá-la com as próprias mãos!"

Foi preciso uma hora para acalmá-lo, mas ele enfim se tranqüilizou. No dia seguinte, arrumei-lhe umas roupas decentes no vilarejo e partimos juntos para Arkham. Seu ataque histérico havia passado, e ele ficou inclinado ao silêncio, embora começasse a murmurar coisas obscuras consigo mesmo quando o carro cruzou Augusta - como se a visão de uma cidade despertasse recordações desagradáveis. Era evidente que ele não queria ir para casa, e considerando os delírios fantásticos que parecia ter sobre a esposa - delírios de certo decorrentes de alguma experiência hipnótica real a que fora submetido — achei que seria melhor que não fosse. Decidi que eu mesmo iria acomodá-lo por algum tempo, a despeito do possível desagrado de Asenath. Mais tarde eu o ajudaria a obter a divórcio, pois havia, com toda certeza, fatores mentais que tornavam aquele casamento suicida para ele.

Quando entramos em campo aberto, os murmúrios de Derby foram sumindo e ele cochilou, com a cabeça pendida, no assento ao meu lado, enquanto eu guiava. Durante nossa passagem ao entardecer por Portland, os murmúrios recomeçaram, mais distintos do que antes, e quando conseguia ouvi-los, identificava uma torrente de disparates de todo desvairados sobre Asenath. O tanto que ela atormentara os nervos de Edward estava claro, pois ele havia tecido todo um conjunto de alucinações a respeito dela. Seu estado atual, resmungava furtivamente, era apenas um de uma longa série. Ela se estava apoderando dele, e ele sabia que algum dia não o deixaria mais partir. Mesmo agora era provável que ela só o deixasse sair quando tinha necessidade, porque não podia retê-lo muito tempo de cada vez. Ela se apoderava sempre de seu corpo e ia a lugares inomináveis para ritos inomináveis, deixando-o no corpo dela, trancado no primeiro andar - mas às vezes não conseguia retê-lo, e ele se achava de repente no próprio corpo em algum lugar muito distante, pavoroso e talvez desconhecido. Às vezes ela se apoderava dele de novo, mas noutras não conseguia. Em muitas ocasi5es ele era largado em algum lugar como aquele em que eu o encontrara... inúmeras vezes ele tinha de voltar para casa de distâncias tremendas, arranjando alguém para guiar o cano depois de encontrá-lo.

O pior era que ela se estava apoderando dele mais e mais tempo de cada vez. Ela queria ser um homem - ser humana por completo - e por isso se apoderava dele. Havia identificado nele uma combinação de cérebro bem constituído e vontade fraca. Algum dia ela o ocuparia de todo e desapareceria com seu corpo - desapareceria para se tornar um grande feiticeiro como seu pai e o deixaria ilhado naquela casca que nem inteiramente humana era. Sim, agora ele entendia o sangue de Innsmouth. tinha havido uma conspiração com criaturas marinhas - era horrível... E o velho Ephraim - ele havia conhecido o segredo, e quando ficou velho fez uma coisa abominável para se manter vivo.., ele pretendia viver para sempre... Asenath conseguiria - uma demonstração bem sucedida já havia ocorrido. Enquanto Derby prosseguia com suas lamúrias, observei-o atentamente comprovando a impressão de mudança que uma observação anterior me causara. O paradoxo era que ele parecia em melhor forma do que o normal - mais firme, mais maduro e sem o traço de languidez doentia causado por seus hábitos indolentes. Era como se fosse de fato ativo e vigoroso pela primeira vez em sua vida mimada, e imaginei que o poder de Asenath o devia ter empurrado para vias não habituais de ação e vivacidade. Mas naquele momento sua mente estava num estado lamentável, pois ele resmungava extravagâncias desvairadas sobre a esposa, magia negra, o velho Ephraim e uma certa revelação que até a mim convenceria. Repetia nomes que eu reconhecia por ter folheado volumes proibidos no passado, e, de vez em quando, fazia-me estremecer com uma certa linha de consistência mitológica - de coerência convincente - que percorria seus balbucios. De tempos em tempos, fazia uma pausa, como se estivesse juntando forças para alguma revelação suprema e terrível.

"Dan, Dan, não se lembra dele - o olhar feroz e a barba desgrenhada que nunca embranquecia? Ele me encarou uma vez, e eu jamais pude esquecê-lo. Agora ela me encara daquela maneira. E eu sei por quê! Ele a descobriu no Neconomicon - a fórmula. Não ouso dizer-lhe a página ainda, mas quando o fizer, você poderá ler e compreender. Aí você vai saber o que me tragou. Em frente, em frente, em frente, em frente - de corpo para corpo para corpo - ele não pretende morrer jamais. A centelha da vida - ele sabe como romper o elo.., ela pode arder por algum tempo mesmo depois que o corpo está morto. Vou dar-lhe pistas, e talvez você possa imaginar. Ouça, Dan - sabe por que minha mulher se esforça tanto

com aquela estúpida escrita de trás para diante? Já viu um manuscrito do velho Ephraim? Quer saber por que eu me arrepiei quando vi umas anotações apressadas que Asenath havia feito?

"Asenath... será que existe essa pessoa? Por que eles suspeitam que havia veneno no estômago do velho Ephraim? Por que os Gilman murmuram sobre a maneira como ele gritava -como uma criança apavorada - quando ficou louco e Asenath o trancou no quarto almofadada do sótão onde - o outro - havia estado? Seria a alma do velho Ephraim que estava trancada? Quem havia trancado quem? Por quê, durante meses, ele andara à procura de alguém com mente boa e vontade fraca? Por que ele maldizia por sua filha não ser um filho? Diga-me, Daniel Upton - que troca diabólica foi eternizada na casa de horror onde aquele monstro blasfemo tinha a filha confiável, de vontade fraca e meio humana à sua mercê? Não a terá tomada permanente - como ela fará comigo, no final? Diga-me por que essa coisa que se chama Asenath escreve de maneira diferente quando está com a guarda aberta, de forma que não se consegue diferenciar sua escrita da..."

Foi então que a coisa aconteceu. A voz de Derby progredia para um grito agudo em seu delírio, quando foi abruptamente interrompida com um dique quase mecânico. Pensei naquelas outras ocasiões em minha casa quando suas confidências haviam cessado de repente - quando eu suspeitara que alguma obscura onda telepática da força mental de Asenath estava interferindo para silenciá-lo. Esta, porém, era alguma coisa inteiramente diferente - e, senti, muitíssimo mais horrível. O rosto ao meu lado se desfigurou até ficar quase irreconhecível por um instante, enquanto um estremecimento percorreu seu corpo todo. Era como se todos os ossos, órgãos, músculos, nervos e glândulas estivessem se reacomodando numa postura, num ajuste de tensões e numa personalidade geral radicalmente diferentes.

Eu não saberia dizer, por mais que quisesse, onde residia o honor supremo, mas fui varrido por uma tal anda de enjôo e repugnância - uma sensação tão paralisante, petrificante, de absoluta estranheza e anormalidade - que minha empunhadura do volante ficou fraca e insegura. A figura ao meu lado parecia menos um amigo de toda a vida do que alguma intrusa monstruosa do espaço exterior - algum foco maldito, de todo execrável, de forças cósmicas malignas e misteriosas. Fiquei

desacordado por um instante apenas, mas um instante depois meu companheiro havia empunhado a volante e me obrigara a trocar de lugar com ele. O crepúsculo havia escurecido bastante, então, e as luzes de Portland já haviam ficado muito para trás, não me permitindo discernir perfeitamente o seu rasto. O brilho de seus olhos, porém, era assombroso, e eu sabia que ele devia estar naquela estranha condição enérgica - tão distinta de seu modo de ser habitual - que tantas pessoas haviam notado. Parecia estranho, incrível, que a lânguido Edward Derby - incapaz de se proteger e que jamais aprendem a dirigir - estivesse me dando ordens e assumindo o volante da meu próprio carro, mas foi isso mesmo a que ocorreu. Ele ficou sem falar durante algum tempo, e, em meia a meu inexplicável horror, fiquei contente que não o fizesse.

Sob as luzes de Biddeford e Saco, pude ver seus lábios bem apertados, e estremeci com a brilho de seus olhos. As pessoas estavam certas - ele se parecia terrivelmente com a esposa e com o velho Epbraim quando estava naquele estado. Não era de espantar que seus modos provocassem repulsa - havia neles alguma coisa de anormal e diabólico, e senti com maior força ainda o elemento sinistro devido aos delírios alucinados que estivera ouvindo. Com todo meu antigo conhecimento de Edward Pickman Derby, aquele homem era um estranho - um intruso vindo de alguma espécie de abismo infernal.

Ele não abriu a boca até chegarmos a um trecho escuro da estrada e quando o fez, sua voz me pareceu muito pouco familiar. Era mais profunda, mais firme e mais decidida do que as que eu já tivera a oportunidade de ouvir de sua parte, enquanto seu sotaque e sua pronúncia estavam modificados par completa - conquanto com vagas, remotas e perturbadoras lembranças de alguma coisa que não consegui situar direito. Creio que exibia um traço irônico muito profundo e genuíno no timbre - não a pseudo-ironia vistosa, viva, do calejado "sofisticado" que Derby costumava afetar, mas alguma coisa soturna, essencial, penetrante e potencialmente má. Fiquei estarrecido com aquele atitude de autocontrole seguindo tão de perto a articulação daqueles resmungos aterrorizados.

"Quero que esqueça meu acesso de agora há pouco, Upton," ele dizia. "Você sabe como são meus nervos e imagino que possa desculpar essas coisas. Estou muitíssimo grato, é claro, por essa carona para casa.

"E também deve esquecer qualquer coisa maluca que eu possa ter dito sobre a minha mulher - e sobre coisas em geral. É isso que dá estudar demais num campo como o meu. Minha filosofia está repleta de conceitos bizarros e quando a mente fica exausta, ela cozinha toda a sorte de aplicações concretas fantasiosas. Vou tirar um descanso a partir de agora - você provavelmente não me verá por algum tempo, e não deve culpar Asenath por isso.

"Essa viagem foi um tanto esquisita, mas é tudo muito simples. Há certas relíquias indígenas nos bosques do norte - monumentos de pedra e coisas assim - de grande importância para o folclore, e Asenath e eu estamos pesquisando essas coisas. Foi uma busca trabalhosa, e parece que perdi a cabeça. Vou mandar alguém recuperar o carro quando chegar em casa. Um mês de repouso vai colocar-me em forma de novo."

Não me lembro da minha parte na conversa, pois a estranheza desconcertante de meu companheiro de viagem enchia-me a cabeça. A cada instante, meu indefinível sentimento de horror cósmico ia aumentando, até me deixar num virtual delírio de ansiedade pelo fim da viagem. Derby não se ofereceu para me devolver o volante e me alegrou a velocidade com que passamos por Portsmouth e Newburyport. No entroncamento de onde a estrada principal segue para o interior evitando Innsmouth, fiquei um pouco apreensivo que meu motorista enveredasse pela tenebrosa estrada costeira para aquele lugar maldito. Não foi o que ele fez. Acelerou para nosso destino, cruzando com rapidez por Rowley e Ipswich. Chegamos em Arkham antes da meia-noite e encontramos as luzes ainda acesas no velho solar de Cmwninshield. Derby saiu do carro com uma apressada repetição de agradecimentos, e eu fui para casa sozinho com uma estranha sensação de alívio. A viagem havia sido terrível - mais terrível ainda porque eu não saberia dizer por quê - e não lamentei a previsão de Derby de uma longa ausência de minha companhia.

V

Os dois meses seguintes foram cheios em rumores. Pessoas falavam de ter visto Derby cada vez mais em seu novo estado enérgico, e Asenath raramente estava em casa para as poucas pessoas que os procuravam. Recebi apenas uma breve visita de Edward, quando ele apareceu no carro

de Asenath - devidamente recuperado do lugar onde o havia deixado no Maine - para pegar uns livros que me havia emprestado. Ele estava em seu novo estado, e demorou-se apenas o tempo suficiente para algumas observações evasivas e polidas. Era evidente que não tinha nada sobre o que conversar comigo quando estava naquele estado - e notei que nem se dera ao trabalho de usar o velho código três-mais-dois ao tocar a campainha. Como acontecera naquela noite, no carro, senti um horror vago mas muitíssimo mais profundo que não saberia explicar, e a sua partida precipitada me caiu como um alívio imenso.

Em meados de setembro, Derby ficou uma semana fora e umas pessoas bem informadas do grupo decadentista da universidade falaram do caso, insinuando uma reunião com um notório líder de culto recém-expulso da Inglaterra, que se estabelecera em Nova York. De minha parte, não conseguia tirar da cabeça aquela estranha viagem de volta do Maine. A transformação que havia testemunhado me afetara sobremaneira, e eu flagrava, vezes e mais vezes, tentando entender a coisa - e o supremo horror que ela me havia inspirado. Mas os rumores mais extravagantes eram os que tratavam dos soluços no velho solar de Crowninshield. A voz parecia ser a de mulher, e alguns dos mais jovens achavam que se assemelhava à de Asenath. Ela só era ouvida esparsamente, e às vezes era sufocada, como que à força. Falou-se de uma investigação, mas esta foi descartada no dia em que Asenath circulou pelas ruas e tagarelou animadamente com muitos conhecidos - desculpando-se por suas recentes ausências e falando, aqui e ali, sobre o colapso nervoso e a histeria de um hóspede seu vindo de Boston. O hóspede jamais foi visto, mas a presença de Asenath punha um fim aos rumores. Mas alguém complicou as coisas murmurando que os soluços haviam sido, uma ou duas vezes, de voz masculina. Certa noite de meados de outubro, ouvi o familiar toque três-mais-dois da campainha na porta da frente. Atendendo pessoalmente, encontrei Edward nos degraus, e percebi, no mesmo instante, que sua personalidade era a antiga, a que eu não via desde o dia de seu delírio naquela terrível viagem de Chesuncook. Seu rosto estava desfigurado por uma mistura de emoções estranhas onde medo e triunfo pareciam dividir o controle, e ele olhou furtivamente por cima dos ombros enquanto eu fechava a porta às suas costas.

Seguindo-me sem jeito até o estúdio, pediu uísque para refazer os nervos. Abstive-me de questioná-lo, esperando que se sentisse à vontade para dizer o que queda. Enfim, ele aventurou algumas informações com voz abafada.

"Asenath foi embora, Dan. Tivemos uma longa conversa ontem à noite enquanto os criados estavam fora, e fiz com que prometesse parar de me perseguir. É óbvio que eu tinha algumas -algumas defesas secretas que nunca lhe contei. Ela tinha de ceder, mas ficou zangada demais. Simplesmente fez as malas e partiu para Nova York - saiu em tempo de pegar o 8:20 para Boston. Imagino que as pessoas vão comentar, mas não posso evitar. Não precisa mencionar que houve algum problema - diga apenas que ela saiu para uma longa viagem de pesquisa.

"É bem provável que ela vá ficar com um de seus horríveis grupos de devotos. Espero que vá para o Oeste e consiga o divórcio - de qualquer forma, fiz ela prometer que ficaria longe e me deixaria em paz. Foi horrível, Dan - ela estava roubando meu corpo - me ocupando - me aprisionando. Eu me humilhei e fingi deixá-la fazer isso, mas tinha de ficar em guarda. Eu poderia planejar se fosse cuidadoso, pois ela não pode ler a minha mente literalmente, ou em detalhes. Tudo que ela conseguia captar de meus planos era uma espécie de rebeldia genérica - e ela sempre achava que eu estava desamparado. Nunca pensou que eu poderia extrair o máximo dela.., mas eu tinha um feitiço ou dois que funcionavam"

Derby olhou por cima dos ombros e serviu-se de mais uísque.

"Acertei as contas com os malditos criados esta manhã, quando voltaram. Eles ficaram possessos e fizeram perguntas, mas foram embora. São da mesma laia dela - gente de Innsmouth - e eram unha e carne com ela. Espero que me deixem em paz - não gostei do jeito como riam quando se foram. Preciso conseguir o máximo que puder dos velhos criados de papai. Agora vou voltar para casa.

"Imagino que me ache louco, Dan - mas a história de Arkham devia sugerir coisas em reforço do que lhe contei - e do que vou contar-lhe. Você viu uma transformação, também -, no carro, depois que lhe contei sobre Asenath naquele dia, voltando do Maine. Foi quando ela me pegou - me expulsou do meu corpo. A última coisa de que me lembro da viagem foi quando estava tentando dizer-lhe o que é aquela diaba. Ai ela

me pegou e num instante eu estava lá em casa - na biblioteca, onde aqueles malditos criados me haviam trancado - e naquele maldito corpo endiabrado... que nem humano é... Sabe, foi com ela que você deve ter viajado para casa... aquela loba rapinando meu corpo... Você deve ter notado a diferença!"

Estremeci, enquanto Derby se calava. Sim, eu havia percebido a diferença - mas poderia aceitar uma explicação tio insana como essa? Mas meu perturbado visitante estava ficando cada vez mais alucinado.

"Eu tinha de me salvar - eu tinha, Dan! Ela me teria levado, definitivamente, para a Festa de Todos os Santos - eles festejam um Sabá para além de Chesuncook, e o sacrifício teria resolvido as coisas. Ela se teria apossado para sempre de mim... ela seria eu, e eu seria ela.., para sempre... tarde demais... - Meu corpo seria dela para sempre... Ela seria um homem, um homem completo, como pretendia... Imagino que me tiraria do caminho - mataria seu próprio corpo antigo comigo dentro, maldita seja, como já fez antes - como ela, ele, ou a coisa fez antes..."

O rosto de Edward estava dolorosamente desfigurado quando o inclinou para meu desconforto, para perto do meu, enquanto sua voz se resumia a um sussuro.

"Você deve saber o que insinuei no carro - que ela não é de modo algum Asenath, mas o próprio velho Ephraim. Suspeitei disso há um ano e meio, mas agora sei. A caligrafia dela o comprova quando ela está distraída - às vezes ela rascunha uma anotação que é tal e qual os manuscritos de seu pai, letra por letra - e às vezes diz coisas que ninguém, exceto um velho como Ephraim, poderia dizer. Ele trocou de forma com ela quando sentiu a morte aproximar-se - ela foi a única que pôde encontrar com o tipo apropriado de cérebro e vontade fraca o bastante - ficou com o seu corpo para sempre, assim como ela quase ficou com o meu, e depois envenenou o corpo antigo onde a havia colocado. Não percebeu a presença da alma do velho Ephraim fitando pelos olhos daquela diaba dezenas de vezes.., e dos meus, quando ela controlava o meu corpo?"

Ofegando, Edward cessou os murmúrios para recuperar o fôlego. Eu não disse nada e quando recomeçou, sua voz estava quase normal. Isso, refleti, era caso para asilo, mas não seria eu quem o enviaria para lá. Talvez

o tempo e a separação de Asenath fizessem seu trabalho. Dava para perceber que ele jamais meteria o nariz no mórbido ocultismo outra vez.

"Vou contar-lhe mais depois - preciso de um bom descanso agora. Vou contar-lhe um pouco dos horrores ocultos aos quais ela me levou - um pouco sobre os horrores imemoriais que ainda agora supuram em nações distantes com alguns sacerdotes monstruosos para mantê-los vivos. Algumas pessoas sabem coisas sobre o universo que ninguém deveria saber, e podem fazer coisas que ninguém deveria poder. Estive metido até o pescoço nisso, mas é o fim. Hoje eu queimaria o maldito Necronomicon e todo o resto se fosse bibliotecário na Miskatonic!"

"Mas agora ela não pode pegar-me. Preciso sair daquela casa amaldiçoada o quanto antes e me instalar na minha própria casa. Você vai me ajudar, eu sei, se eu precisar de ajuda. Aqueles criados diabólicos, sabe... e se as pessoas ficarem muito curiosas sobre Asenath. Olhe, não posso dar o endereço dela a eles... Depois, existem certos grupos de pesquisadores - certos cultos, sabe - que poderiam interpretar mal nosso rompimento... alguns têm métodos e idéias muitíssimo bizarros. Sei que você ficará do meu lado se alguma coisa acontecer... mesmo que eu tenha de lhe contar muita coisa que possa chocá-lo..!"

Fiz Edward ficar e dormir no quarto de hóspedes naquela noite e, pela manhã, ele parecia mais calmo. Discutimos alguns arranjos possíveis para sua mudança para a mansão dos Derby, e torci para que não perdesse tempo para se mudar. Na noite seguinte ele não apareceu, mas eu o vi com freqüência nas semanas seguintes. Conversamos o mínimo possível sobre coisas estranhas e desagradáveis, mas discutimos a redecoração da velha casa dos Derby, e as viagens que Edward prometera fazer com meu filho e eu no verão seguinte.

De Asenath quase não falávamos pois eu podia perceber que o tema lhe era particularmente perturbador. Os rumores, é claro, se espalhavam, mas não houve novidades relacionadas com o estranho assunto na velha casa de Crowninshield.

Uma coisa de que não gostei foi o que o banqueiro de Derby deixou escapar, em momento de euforia, no Clube Miskatonic - sobre os cheques que Edward estava mandando sempre para certos Moses e Abigail Sargent e certa Eunice Babson em Innsmouth. Era como se aqueles criados abjetos

estivessem extorquindo algum tipo de imposto dele - embora não me tivesse mencionado o assunto. Gostaria que o verão - e as férias do meu filho em Haward - chegassem, para podermos levar Edward à Europa. Não demorou para eu perceber que ele não se estava restabelecendo tão rapidamente quanto eu esperava, pois havia algo de histérico em seus momentos ocasionais de satisfação, enquanto os momentos de pavor e depressão eram freqüentes demais. A velha casa dos Derby ficou pronta em dezembro, mas Edward adiava repetidas vezes a mudança. Embora odiasse e parecesse temer a casa de Crowninshield, estava, ao mesmo tempo, curiosamente escravizado a ela. Parecia que ele não conseguia começar a desmontar as coisas, e inventava toda sorte de desculpas para adiar a mudança. Quando chamei sua atenção para isso, ele me pareceu assustado sem razão. O velho mordomo de seu pai - que estava lá com outros criados de família recuperados - contou-me, certo dia, que as andanças ocasionais de Edward pela casa, e especialmente pelo porão, lhe pareciam estranhas e perigosas. Quis saber se Asenath não lhe andara escrevendo cartas perturbadoras, mas soube, pelo mordomo, que não chegara nenhuma correspondência que pudesse ter vindo dela.

VI

Foi perto do Natal que Derby sucumbiu, certa noite, quando me visitava. Eu estava levando a conversa para as viagens do verão seguinte quando ele soltou um grito agudo e saltou da cadeira com uma expressão de terrível e incontrolável pavor - de uma repulsa e um terror cósmico que só os abismos inferiores do pesadelo poderiam provocar em qualquer mente sã.

"Meu cérebro! Meu cérebro! Por Deus, Dan - ela está puxando - do além - martelando -agarrando - aquela demônia - neste instante - Ephraim - Kamog! Kamog! - O poço dos shoggoths -lã! Shub-Niggurath! O Bode com Mil Filhotes!...

"A chama - a chama... além do corpo, além da vida.., na terra... oh"

Empurrei-o de novo para a cadeira e despejei um pouco de vinho pela sua garganta quando seu delírio se desfez num estado de estupor. Ele não opôs resistência, mas continuou mexendo os lábios como se estivesse

falando sozinho. Percebi então que estava tentando falar comigo e aproximei o ouvido de sua boca para entender as palavras balbuciadas.

"... de novo, de novo.., ela está tentando... eu devia saber... nada pode parar aquela força; nem distância, nem magia, nem a morte... ela vem e vem, principalmente à noite... não posso deixar... é horrível.., oh, Deus, Dan, se soubesse como eu o como é horrível..."

Quando ele mergulhou no estado de estupor, acomodei-o com travesseiros e deixei que fosse dominado pelo sono natural. Não chamei um médico imaginando o que não diriam de sua sanidade mental, e quis dar uma chance à Natureza, se fosse possível. Ele despertou à meia-noite, e eu o coloquei na cama, no andar de cima, mas, pela manhã, ele se fora. Saira de casa na calada. Seu mordomo, chamado pelo telefone, disse que ele estava em casa andando sem parar, de um lado para outro, na biblioteca.

Edward se descontrolou rapidamente depois daquilo. Não tomou a me visitar, mas eu ia vê-lo todo dia. Eu o encontrava sempre olhando para o vazio, sentado na biblioteca, com uma expressão anormal de alguém que está tentando escutar alguma coisa. Às vezes sua conversa era racional, mas sempre sobre assuntos triviais. Qualquer menção ao seu problema, a planos futuros ou a Asenath o deixava histérico. O mordomo dizia que ele tinha acessos de pavor à noite, durante os quais poderia acabar se ferindo.

Tive longas conversas com seu médico, seu banqueiro e seu advogado e finalmente levei o médico e dois colegas especialistas para vê-lo. As convulsões provocadas pelas primeiras perguntas foram violentas e deploráveis - e naquela mesma noite, um carro fechado levou seu pobre corpo dilacerado para o Sanatório de Arkham. Nomearam-me seu tutor e eu o visitava duas vezes por semana - quase chorando ao ouvir seus gritos desvairados, seus murmúrios estarrecedores e as terríveis, monótonas repetições de frases como "Tinha de fazer - tinha de fazer.. vai me pegar... vai me pegar... lá... láno escuro... Mãe! Mãe! Dan! Me salvem.., me salvem..."

Ninguém saberia dizer quanta esperança de recuperação haveria, mas tentei, ao máximo, ser otimista. Edward precisaria de um lar caso se recuperasse, por isso transferi seus criados para a mansão dos Derby, que certamente seria a sua escolha se estivesse são. O que fazer da casa de

Crowninshield com suas providências complexas e coleções de objetos de todo inexplicáveis, eu não poderia decidir, por isso deixei-a provisoriamente intacta - dizendo ao pessoal de Derby para ir até lá espanar o pó dos quartos principais uma vez por semana e ordenando ao encarregado da caldeira para deixá- la acesa naqueles dias.

O pesadelo final aconteceu antes do dia da Candelária (Dia 2 de fevereiro, Festa da Purificaçio da Virgem Maxia) - anunciado, cruel ironia, por um falso brilho de esperança.

Numa manhã do final de janeiro, telefonaram do sanatório para informar que Edward havia recuperado de repente a razão. Sua memória estava muito fraca, mas a sanidade mental era garantida. Ele devia permanecer algum tempo em observação, é claro, mas não havia muitas dúvidas sobre o resultado. Se tudo saísse bem, ele poderia receber alta em uma semana.

Corri para lá cheio de satisfação, mas fiquei desconcertado quando uma enfermeira me levou ao quarto de Edward. O paciente levantou-se para me cumprimentar, estendendo as mãos com um sorriso polido, mas eu percebi, no mesmo instante, que exibia aquela personalidade estranhamente enérgica que parecia tão diferente de sua natureza - a personalidade competente que eu tinha achado um pouco horrível e que o próprio Edward havia jurado, certa vez, que era a alma intrusa da esposa. Ali estavam o mesmo olhar brilhante - como o de Asenath e do velho Ephraim - e a mesma boca firme, e quando falou, pude sentir a mesma ironia penetrante e soturna em sua voz - a ironia profunda tão sugestiva de uma malignidade potencial. Aquela era a pessoa que havia dirigido meu carro durante a noite, cinco meses antes - a pessoa que eu não vira desde aquela breve visita em que ela havia esquecido o antigo código da campainha e incitado em mim pavores nebulosos - e agora me enchia do mesmo sentimento sombrio de ímpia estranheza e inefável abominação cósmica.

Ele falou afavelmente sobre os arranjos para a alta - e não me restava nada a fazer senão concordar, apesar de algumas lacunas notáveis em suas memórias recentes. Eu sentia, porém, que havia alguma coisa terrivelmente, inexplicavelmente errada e anormal. A criatura tinha horrores com os quais eu não podia atinar. Era uma pessoa de mente sã - mas seria mesmo o Edward Derby que eu conhecia? Se não era, quem ou o

que seria - onde estava Edward? Devia ser solta ou confinada.., ou devia ser extirpada da face da Terra? Havia uma traço de ironia abissal em tudo que a criatura dizia -os olhos de Asenath emprestavam um ar de zombaria especial e desconcertante a certas palavras sobre "a liberdade prematura conquistada por um confinamento especialmente rígido". Devo ter-me comportado de maneira muito canhestra e fiquei feliz ao bater em retirada.

Durante todo aquele dia e o seguinte quebrei a cabeça com o problema. O que teria acontecido? Que espécie de mente olhava por aqueles olhos alheios no rosto de Edward? Eu não conseguia pensar em mais nada além daquele enigma obscuro e terrível, e desisti completamente de meu trabalho usual.

Na segunda manhã, telefonaram do hospital para dizer que o estado do paciente permanecia inalterado, e à noite, eu cheguei à beira de um colapso nervoso - um estado que admito, embora outros vão jurar que ele alterou minha capacidade de observação subsequente. Nada tenho a dizer sobre esse ponto, exceto que nenhuma loucura minha poderia explicar todas as evidências.

VII

Foi à noite - depois daquela segunda noite - que o horror total, absoluto, me invadiu, oprimindo meu espírito com um pavor tétrico e arrebatador do qual ele não poderá libertar-se jamais. Começou com uma chamada telefônica pouco antes da meia-noite. Eu era a única pessoa acordada e, sonolento, peguei o receptor na biblioteca. Não parecia haver ninguém na linha e eu estava quase desligando e indo para a cama quando meu ouvido captou uma suspeita de som muito tênue do outro lado. Seria alguém tentando falar com muita dificuldade? Enquanto tentava escutar, pensei ouvir uma espécie de liquido borbulhando - "glub... glub... glub" - que produzia uma estranha sugestão de divisões de sílabas e palavras desarticuladas, ininteligíveis. Disse "Ola?" mas a única resposta foi "glub-glub... glub-glub." Só pude supor que o ruído era mecânico, mas imaginando que pudesse ser um defeito do aparelho que impedia de falar mas não de ouvir, acrescentei: "Não estou conseguindo ouvir. É melhor desligar e tentar Informação." Na hora escutei o receptor ser pendurado no gancho, na outra ponta.

Isso, como disse, ocorreu pouco antes da meia-noite. Quando a ligação foi rastreada, mais tarde, descobriu-se que viera da velha casa de Crowninshield, embora faltasse ainda meia semana para o dia da faxina. Apenas indicarei o que foi encontrado naquela casa - o alvoroço numa remota dispensa do porão, as pegadas, a sujeira, o guarda-roupa remexido às pressas, as marcas enigmáticas no telefone, o papel de carta usado de maneira canhestra e o pavoroso mau cheiro espalhado por toda parte. Os policiais, pobres tolos, fizeram suas teoriazinhas sobre um roubo, e ainda estão procurando aqueles sinistros criados despedidos - que haviam sumido de vista em meio à agitação reinante. Falam de uma vingança diabólica por coisas que foram feitas, e dizem que eu estava incluído porque era o melhor amigo e conselheiro de Edward. Idiotas! - imaginam, talvez, que aqueles palhaços abrutalhados poderiam ter forjado aquela caligrafia? Imaginam que poderiam ter causado o que veio depois? E estarão cegos para as transformações daquele corpo que foi de Edward? Quanto a mim, eu agora acredito em tudo que Edward Derby me contou. Existem horrores além das fronteiras da vida de que não suspeitamos e, de vez em quando, a malignidade humana os coloca dentro de nosso alcance. Ephraim - Asenath - aquele demônio os convocou, e eles tragaram Edward assim como estão me tragando.

Posso estar certo de estar em segurança? Aquelas potências sobrevivem à vida da forma física. No dia seguinte - à tarde, quando saí de meu estado de prostração e fui capaz de andar e falar coerentemente -, fui até o asilo e atirei para matar, para o bem de Edward e do mundo, mas posso estar seguro antes de ele ser cremado? Estão preservando o corpo para a realização de tolas autópsias por vários médicos - mas eu digo que ele deve ser cremado. Ele deve ser cremado - ele que nâo era Edward Derby quando o matei. Ficarei louco se não o for, pois eu poderei ser o próximo. Mas minha vontade não é fraca - e não a deixarei ser minada pelos terrores que eu sei que estão à espreita. Uma vida - Ephraim, Asenath e Edward - quem agora? Eu não serei retirado de meu corpo... eu não trocarei de alma com aquele cadáver baleado no asilo!

Mas deixem-me tentar contar de maneira coerente aquele horror final. Não falarei do que a polícia sistematicamente ignorou - os relatos sobre aquelas coisas anãs, grotescas e malcheirosas encontradas por, pelo menos, três caminhantes na High Street, pouco antes das duas da manhã,

e sobre a natureza das pegadas simples em certos locais. Direi apenas que, por volta das duas, a campainha e a aldrava me acordaram - campainha e aldrava, ambas, soadas de maneira alternada e incerta, numa espécie de desespero impotente, e cada uma tentando repetir o velho código de três-mais-duas batidas de Edward.

Despertando de um sono profundo, minha mente entrou num torvelinho. Derby à porta - e lembrando-se do velho código! Aquela nova personalidade não se havia lembrado dele.., era Edward de volta, inesperadamente, em seu estado normal? Por que estaria aqui com a pressa e tensão que evidenciava? Teria sido libertado antes do tempo, ou teria escapado? Talvez, pensei enquanto me enfiava num robe e descia as escadas, sua volta ao próprio ser tivesse provocado delírio e violência, a revogação da alta, e levando-o a uma arremetida desesperada para a liberdade. O que quer que tivesse acontecido, era o bom velho Edward de novo, e eu o ajudaria!

Quando abri a porta para a escuridão das arcadas de olmos, uma rajada de vento insuportavelmente fétida quase me derrubou. Sufocado pela náusea, por um momento mal consegui enxergar a figura corcunda e anã nos degraus. As batidas haviam sido de Edward mas quem era aquela paródia retardada e aberrante? Para onde Edward tivera tempo de ir?

Sua chamada havia soado apenas um segundo antes da poita ser aberta. O visitante usava um dos sobretudos de Edward - a barra quase raspando no chão e as mangas enroladas, mas ainda encobrindo as mãos. Trazia um chapéu enterrado na cabeça, enquanto um cachecol de seda preto ocultava o rosto. Quando dei um passo trôpego para a frente, a figura produziu um som meio líquido como o que eu ouvira pelo telefone - "glub... glub..." - e estendeu-me uma grande folha de papel coberta de letras miúdas espetada na ponta de um lápis comprido. Ainda cambaleando devido ao fedor mórbido e indescritível, peguei o papel e tentei lê-lo à luz do pórtico.

A caligrafia era mesmo a de Edward. Mas por que teria ele escrito quando estava perto o bastante para ter tocado a campainha - e por que a letra estava tão desajeitada, grosseira e tremida? Não consegui entender nada com aquela iluminação fraca, por isso recuei para o vestíbulo com a figura anã cambaleando mecanicamente atrás de mim, mas parando na soleira da porta interna. O cheiro daquele estranho mensageiro era deveras

aterrador, e esperei (não em vão, graças a Deus) que minha esposa não despertasse e o visse.

Então, enquanto lia o papel, senti meus joelhos cederem sob os meus pés e minha vista escurecer. Quando voltei a mim, estava caldo no chão com a maldita folha amassada na mão crispada. Isto é.o que ele dizia:

"Dan - vá ao sanatório e mate-a. Extermine-a. Ela não é mais Edward Derby. Ela me pegou -é Asenath - e ela está morta há três meses e meio. Menti quando disse que ela havia partido. Eu a matei. Tinha de fazê-lo. Foi de repente, mas estávamos sozinhos e eu estava em meu corpo verdadeiro. Vi um castiçal e esmaguei-lhe a cabeça. Ela se teria apoderado de mim para sempre no dia de Candelária.

“Enterrei-a na despensa mais afastada do porão, embaixo de umas caixas velhas, e limpei todos os vestígios. Os criados suspeitaram na manhã seguinte, mas eles têm segredos tais que não ousam contar à polícia. Mandei-os embora, mas Deus sabe o que eles - e outros do culto - farão”.

“Pensei, por algum tempo, que estaria bem, mas depois senti o repelão em meu cérebro. Sabia do que se tratava - eu devia ter-me lembrado. Uma alma como a dela - ou de Ephraim - é meio desligada, e se conserva depois da morte enquanto o corpo durar. Ela estava me pegando - me obrigando a trocar de corpo com ela - ocupando meu corpo e colocando-me naquele cadáver dela enterrado no porão”.

“Eu sabia o que estava por vir - e é por isso que eu entrei em colapso e tive de ir para o asilo. Então a coisa veio - dei por mim sufocando no escuro - na carcaça putrefacta de Asenath, lá no porão, embaixo das caixas onde eu a pusera. E sabia que ela devia estar em meu corpo no sanatório - para sempre, pois era depois da Candelária, e o sacrifício funcionaria mesmo sem ela estar presente -sã, e pronta para ser libertada como uma ameaça para o mundo. Eu estava desesperado, e apesar de tudo, abri caminho para fora com as mãos”.

“Já fui longe demais para poder falar - não poderia usar o telefone - mas ainda posso escrever. Vou me recompor de alguma maneira e levar até você esta última palavra e recomendação. Mate aquele demônio se dá valor à paz e ao conforto do mundo. Cuide para

que ele seja cremado. Se não o fizer, ele viverá e viverá, de corpo em corpo para sempre, e não sei lhe dizer o que fará. Afaste-se da magia negra, Dan, é coisa do diabo. Adeus - você foi um grande amigo. Conte à polícia tudo em que eles puderem acreditar - e lamento profundamente jogar isso tudo em cima de você. Em breve estarei em paz - essa coisa não vai agüentar muito mais. Espero que possa ler isto. E mate aquela coisa - mate-a".

Seu - Ed."

Foi só mais tarde que eu li a segunda metade do papel, pois havia desmaiado no final do terceiro parágrafo. Desmaiei novamente quando vi e cheirei o que se amontoara na soleira onde o ar quente o alcançara. O mensageiro não se mexeria ou teria consciência jamais. O mordomo, mais corajoso do que eu, não desmaiou com o que o esperava no vestíbulo, pela manhã, e telefonou para a polícia. Quando eles chegaram, eu havia sido levado para a cama no andar de cima, mas a - outra massa -jazia lá onde havia desmoronado à noite. Os homens taparam os narizes com seus lenços.

O que eles enfim encontraram no interior das roupas sortidas de Edward foi quase só um horror liquescente. Havia ossos também - e um crânio esmagado. Algumas restaurações dentárias ajudaram a identificar positivamente: o crânio era de Asenath.



Nyarlathotep

NYARLATHOTEP... o caos rastejante... Eu sou o último... Eu contarei ao vazio que ouve...

Não me recordo distintamente quando começou, mas foi meses atrás. A tensão geral era horrível. A uma época de revolta política e social juntara-se uma estranha e crescente apreensão de medonho perigo físico; um perigo difundido e abrangente, um perigo tal como apenas podia ser imaginado nos mais terríveis fantasmas da noite. Recordo-me que as pessoas erravam dum lado para o outro com faces pálidas e preocupadas, e sussurravam avisos e profecias que ninguém ousava repetir ou admitir a si próprio que ouvira. Uma sensação de culpa monstruosa pairava sobre a terra, e para fora dos abismos entre as estrelas sopravam correntes gélidas que faziam os homens tremer em lugares escuros e solitários. Existia uma alteração demoníaca na sucessão das estações - o calor de Outono persistia de forma alarmante, e todos sentiam que o mundo e talvez o universo tinham passado do controle de deuses ou forças conhecidos para aquele de deuses ou forças que eram desconhecidos.

E foi então que Nyarlathotep saiu do Egito. Quem ele era, ninguém conseguia perceber, mas ele era do velho sangue nativo e parecia um Faraó. Os felás ajoelharam-se quando o viram, contudo não conseguiam dizer porquê. Ele disse que havia superado a negridão de vinte e sete séculos, e que tinha ouvido mensagens de lugares fora deste planeta. Para as terras da civilização veio Nyarlathotep, moreno, esbelto, e sinistro, sempre adquirindo estranhos instrumentos de vidro e

metal e combinando-os em instrumentos ainda mais estranhos. Ele falou muito das ciências - da eletricidade e da psicologia - e fez demonstrações de poder que faziam os seus espectadores afastarem-se mudos, e que contudo faziam crescer a sua fama até magnitudes descomedidas. As pessoas aconselhavam-se umas às outras a ir ver Nyarlathotep, e estremeciam. E aonde Nyarlathotep ia, o sossego desaparecia, pois as primeiras horas da manhã eram rasgadas pelos gritos de pesadelo. Nunca antes tinham os gritos de pesadelo sido um tal problema público; agora os homens sábios quase desejavam que pudessem proibir o sono durante as primeiras horas da manhã, de maneira a que os guinchos de cidades pudessem perturbar menos horrivelmente a compassiva lua pálida, enquanto brilhava em águas verdes deslizando por baixo de pontes, e velhos campanários caindo em pedaços contra um céu doentio.

Lembro-me de quando Nyarlathotep chegou à minha cidade - a grande, a velha, a terrível cidade de crimes inumeráveis. O meu amigo havia-me falado dele, e da fascinação impulsiva e encantamento das suas revelações, e a ânsia de explorar os seus derradeiros mistérios queimou dentro de mim. O meu amigo disse que eram horríveis e impressionantes para além das minhas mais febris imaginações; e o que foi projetado numa tela no quarto escurecido profetizou coisas que ninguém exceto Nyarlathotep ousava profetizar, e no crepitar das suas faíscas foi levado dos homens aquilo que nunca tinha sido levado antes e que não obstante se revelava apenas nos olhos. E eu ouvi sugerido no estrangeiro que aqueles que conheciam Nyarlathotep contemplavam visões que outros não viam.

Foi no Outono quente que atravessei a noite com as multidões inquietas para ver Nyarlathotep; ao longo da noite abafada e subindo os intermináveis degraus até ao quarto sufocante. E, sombreadas numa tela, vi formas encapuçadas entre ruínas, e malévolas faces amarelas espreitando por detrás de monumentos caídos. E eu vi o mundo batalhando contra a negridão; contra as ondas de destruição vindas do espaço último; rodopiando, agitando-se, lutando em redor do sol que escurecia, esfriava. Então as faíscas dançaram assombrosamente em volta das cabeças dos espectadores, e cabelos eriçaram-se enquanto sombras mais grotescas do que posso contar apareceram e se agacharam sobre as

cabeças. E quando eu, que era mais frio e científico que os restantes, resmunguei um protesto trêmulo sobre "embuste" e "eletricidade estática," Nyarlathotep mandou-nos a todos para fora, pelos degraus atordoados até às ruas de meia-noite, úmidas, quentes, desertas. Gritei em voz alta que não tinha medo; que eu nunca poderia ter medo; e outros gritaram comigo para encontrar conforto. Juramos uns aos outros que a cidade estava exatamente na mesma, e ainda viva; e quando as luzes elétricas começaram a enfraquecer amaldiçoamos a companhia inúmeras vezes, e rimos das caretas embaraçosas que fizemos.

Penso que sentimos algo descer da lua esverdeada, pois quando começamos a depender da sua luz demos por nós vagueando no meio de curiosas formações involuntárias em marcha e parecíamos saber os nossos destinos embora não ousássemos pensar neles. Numa ocasião olhamos para o pavimento e descobrimos as pedras soltas e deslocadas pela relva, e mal uma linha de metal enferrujado a mostrar por onde os elétricos se haviam movido. E outra vez vimos nós um elétrico, solitário, sem janelas, dilapidado, e quase caído de lado. Quando fitamos em redor o horizonte, não conseguimos encontrar a terceira torre à beira-rio, e notamos que a silhueta da segunda torre estava dentada no topo. Então dividimo-nos em colunas estreitas, cada uma das quais parecendo atraída numa direção diferente. Uma desapareceu por uma apertada viela para a esquerda, deixando só o eco de um chocante gemido. Outra marchou por uma entrada de metro obstruída por ervas daninhas abaixo, uivando com gargalhadas que eram loucas. A minha própria coluna foi sugada rumo a terreno aberto, e presentemente eu sentia um frio que não era do Outono quente; pois enquanto nós caminhávamos silenciosamente pelo pântano escuro, vimos em nosso redor a infernal cintilação lunar de neves malignas. Inexplicáveis neves sem rasto eram varridas para longe numa só direção, onde se estendia um golfo tornado ainda mais negro pelas suas paredes reluzentes. A coluna parecia mesmo muito magra à medida que caminhava ensonada e pesarosa para dentro do golfo. Eu fiquei para trás, pois a fenda negra na neve verde-iluminada era assustadora, e pensei ter ouvido as reverberações de uma inquietante lamúria quando os meus companheiros desapareceram; mas o meu poder para ficar era débil. Como se chamado por aqueles que tinham

ido antes, eu como que flutuei por entre as titânicas massas de neve, tremendo e amedrontado, para dentro do vazio vórtice do inimaginável.

Formidavelmente racional, ou pasmadamente delirante, só os deuses que eram podem dizer. Uma adoentada e sensível sombra contorcendo-se em mãos que não são mãos, e arrastada rodopiando cegamente por horríveis meias-noites de criação pútrida, cadáveres de mundos mortos com chagas que foram cidades, ventos sepulcrais que roçam estrelas pálidas e as fazem tremeluzir ao de leve. Para além dos mundos fantasmas vagos de coisas monstruosas; colunas semi-vislumbradas de templos não-santificados que jazem sobre pedras sem nome debaixo do espaço e se erguem alcançando estonteantes vácuos sobre as esferas de luz e escuridão. E por este revoltante cemitério do universo o abafado e enlouquecedor bater de tambores, e fina e monótona lamúria de flautas blasfemas vinda de inconcebíveis e não-iluminadas câmaras além do Tempo; o detestável martelar e assobiar ao som dos quais dançam lenta, desajeitada, e absurdamente os gigantescos e tenebrosos deuses supremos - as gárgulas cegas, mudas, e imbecis cuja alma é Nyarlathotep...



A Arvore

NUMA ENCOSTA VERDEJANTE do Monte Menelau, na Arcádia, ergue-se um bosque de oliveiras ao lado das ruínas de uma vila. Próximo a ele fica um túmulo que já foi decorado com as mais sublimes esculturas, mas agora se encontra muito maltratado, assim como a casa. Numa extremidade do túmulo, com suas curiosas raízes deslocando os blocos de mármore pentélico manchados pelo tempo, cresce uma oliveira anormalmente grande, com a forma estranhamente repelente de um homem grotesco ou de um corpo humano corrompido pela morte, que os moradores do local temem cruzar por ele à noite, quando a lua brilha fracamente por entre os ramos retorcidos. O Monte Menelau é freqüentado pelo temido Pã, cercado por muitos e estranhos companheiros, e os aldeões simplórios acreditam que a árvore deve ter algum odioso parentesco com esse fantástico séquito de Pã. Mas um velho apicultor que mora no casebre vizinho contou-me uma história diferente.

Há muitos anos, quando a vila na encosta da colina era nova e resplendente, era habitada pelos escultores Kalos e Musides. Da Lídia a Neapolis, exaltava-se a beleza de seu trabalho e ninguém ousava dizer que um excedia ao outro em maestria, O Hermes de Kalos estava num nicho de mármore em Corinto, e a Palas de Musides encimava uma coluna em Atenas, perto do Partenon. Todos reverenciavam Kalos e Musides, e a todos maravilhava que nenhuma sombra de inveja artística abrandasse o calor de sua fraterna amizade.

Mas embora Kalos e Musides vivessem em inquebrantável harmonia, sua natureza não era idêntica. Enquanto Musides se divertia, à noite, nas folias urbanas de Tegea, Kalos permanecia em casa, esquivando-se da vista de seus escravos nos frescos recessos do olival. Ali meditava sobre as imagens que povoavam sua mente, e ali idealizava as formas de beleza que posteriormente imortalizaria no respirante mármore. Alguns desocupados diziam que Kalos conversava com os espíritos do bosque, e que suas estátuas eram tão-somente as imagens dos faunos e dríades que ali encontrava — pois não apoiava seu trabalho em nenhum modelo vivo.

Era tal a fama de Kalos e Musides que ninguém se espantou quando o Tirano de Siracusa enviou mensageiros para lhes falar sobre a rica estátua de Tyche que planejara para sua cidade. A estátua deveria ser muito grande e de magnífica realização artística, pois pretendia-se que fosse alvo da admiração das nações e destino dos viajantes. Enaltecido além do inimaginável seria aquele cuja obra fosse escolhida, e, por essa honra, Kalos e Musides foram convidados a competir. Sua fraterna amizade era bastante conhecida e o astucioso Tirano supôs que cada um deles, em vez de esconder seu trabalho do outro, dar-lhe-ia ajuda e conselho, obtendo, por obra dessa solidariedade, duas imagens de beleza inaudita, a mais bela das quais eclipsaria até mesmo o sonho dos poetas.

Os escultores receberam com alegria a oferta do Tirano, e nos dias que se seguiram, seus escravos escutaram o incessante golpear dos cinzéis. Kalos e Musides não ocultaram seus trabalhos um do outro, mas somente eles os viam. Nenhum outro olhar, exceto os seus, avistava as duas figuras divinas libertadas por seus habilidosos golpes dos toscos blocos que as aprisionavam desde o princípio do mundo.

À noite, como de costume, Musides procurava os salões festivos de Tegea enquanto Kalos perambulava, sozinho, pelo olival. Com o passar do tempo, porém, as pessoas foram observando uma crescente tristeza no antes efusivo Musides. Era estranho, diziam entre si, que a depressão pudesse tomar conta de alguém com uma oportunidade tão grande de conquistar a mais elevada recompensa da arte. Muitos meses se passaram, mas o rosto entristecido de Musides nada revelava da aguda expectativa que a situação deveria suscitar.

Então, certo dia, Musides falou sobre a doença de Kalos, e assim ninguém mais se espantou com sua tristeza, pois o apego dos dois escultores era sabidamente profundo e sagrado. Depois disso muitos foram visitar Kalos e realmente notaram a palidez de sua face, mas havia nele uma alegre serenidade que tornava seu olhar mais mágico que o de Musides — que

estava claramente transtornado pela ansiedade e que afastava todos o escravos em sua ânsia de alimentar e cuidar pessoalmente do amigo. Ocultas por trás de pesados reposteiros ficavam as duas figuras inacabadas de Tyche, pouco mexidas ultimamente pelo doente e por seu fiel atendente.

A medida que Kalos ia ficando inexplicavelmente mais e mais fraco apesar dos esforços de médicos perplexos e do amigo íntimo, ele pedia, com freqüência, que o carregassem para o bosque que tanto amava. Ali, pedia para ser deixado a sós, como que desejoso de conversar com coisas invisíveis. Musides sempre atendia a seus pedidos, embora seus olhos se enchessem de lágrimas à idéia de que Kalos se importava mais com os faunos e dríades do que com ele. Finalmente aproximou-se o fim, e Kalos discorreu sobre coisas do além. Musides, chorando, prometeu-lhe um sepulcro mais gracioso que o túmulo de Mausoléu, mas Kalos implorou-lhe para não falar mais de glórias de mármore. Um desejo apenas ocupava a mente do moribundo: que brotos de certas oliveiras do bosque fossem enterrados ao lado de seu lugar de repouso — próximas a sua cabeça. E certa noite, sentado, sozinho, na escuridão do olival, Kalos morreu.

Era de uma beleza indizível o sepulcro de mármore que o abatido Musides esculpiu para seu amado companheiro. Ninguém, exceto o próprio Kalos, poderia ter criado aqueles baixos-relevos revelando todos os esplendores do Elísio. Musides também não se esqueceu de enterrar, perto da cabeça de Kalos, os brotos de oliveira do bosque.

Quando a violenta dor inicial de Musides cedeu lugar à resignação, ele passou a trabalhar diligentemente em sua figura de Tyche. Toda a honra agora era sua já que o Tirano de Siracusa não queria que o trabalho fosse feito por nenhum outro exceto ele ou Kalos. O trabalho acabou servindo de desafogo para sua dor e ele labutava cada dia mais arduamente, abandonando os folguedos a que antes se

entregava. Entrementes, suas noites eram passadas ao lado do túmulo do amigo onde um jovem pé de oliveira havia brotado perto da cabeça do falecido. Tão rápido era o crescimento dessa árvore, e tão estranha sua forma que todos que a viam, exclamavam surpresos; e Musides parecia sentir-se simultaneamente fascinado e repelido por ela.

Três anos após a morte de Kalos, Musides enviou um mensageiro ao Tirano e murmurou-se na agora de Tegea que a poderosa estátua havia sido concluída. A essa altura, a árvore ao lado do túmulo atingira proporções descomunais, superando todas as outras árvores de sua espécie e estendendo um galho singularmente pesado por cima da vila onde Musides trabalhava. Acorriam tantos visitantes para ver a prodigiosa árvore quanto para admirar a arte do escultor, de forma que Musides raramente estava só. Mas ele não se importava com essa multidão de visitantes; na verdade, parecia temer a solidão agora que seu absorvente trabalho fora concluído. O soturnovento da montanha, suspirando através do olival e da árvore - sepulcro, tinha uma misteriosa maneira de formar sons vagamente articulados.

O céu estava escuro na noite em que os emissários do Tirano chegaram a Tegea. Era definitivamente sabido que tinham vindo para levar a grande estátua de Tyche e trazer honra eterna para Musides, por isso foram calorosamente recebidos pelos próxenos. No correr da noite, uma violenta ventania se abateu sobre a crista do Menelau e os enviados da distante iracusa se alegraram de e star abrigados na cidade. Eles falaram de seu ilustre Tirano e do esplendor de sua capital, e exultaram com a magnificência da estátua que Musides esculpira para ele. Então os homens de Tegea falaram sobre a bondade de Musides, sobre seu enorme pesar por seu amigo, e sobre como nem mesmo os próximos lauréis da arte iriam consolá-lo da ausência de Kalos, que poderia ter usado esses lauréis em seu lugar. Falaram ainda da árvore que crescia ao lado do sepulcro, próxima à cabeça de Kalos. O vento uivou ainda mais assustadoramente e tanto os siracusanos como os árcades suplicaram a Eolo.

Ao raiar do dia, na manhã seguinte, os próxenos guiaram os enviados do Tirano encosta acima até a morada do escultor, mas a ventania noturna produzira estranhos feitos. Gritos de escravos

elevavam-se num cenário de desolação, e já não se erguiam no meio do olival as cintilantes colunatas daquela vasta mansão onde Musides sonhara e trabalhara. Solitários e abalados pranteavam os humildes pátios e paredes inferiores, pois sobre o suntuoso peristilo principal havia desabado o pesado galho pendente da estranha árvore, reduzindo o imponente poema em mármore, de singular perfeição, a um amontoado de ruínas disformes. Os estrangeiros e os tegeanos estacaram consternados, correndo o olhar dos escombros para a grande e sinistra árvore cujo aspecto era tão fantasticamente humano e cujas raízes se infiltravam tão estranhamente no sepulcro entalhado de Kalos. E seu medo e assombro aumentaram quando, vasculhando a mansão derrubada à procura do doce Musides e da maravilhosa imagem entalhada de Tyche, nenhum traço deles pôde ser encontrado. Em meio à ruína havia apenas o caos, e os representantes das duas cidades saíram desapontados; os siracusanos sem a estátua para levar para casa, os tegeanos sem um artista para laurear. Os siracusanos, porém, obtiveram, depois de algum tempo, urna esplêndida estátua em Atenas, e os tegeanos se consolaram erigindo, na agora, um templo de mármore comemorando os dons, as virtudes e a fraternal piedade de Musides.

Mas o bosque de oliveiras ali permaneceu, bem como a árvore que cresce do túmulo de Kalos, e o velho apicultor contou-me que os ramos, cortados às vezes pelo vento norturno, sussurram uns para os outros, repetindo vezes sem conta: "Oida! Oida! — Eu sei! Eu sei!"



Os Sonhos na Casa Assombrada

SE OS SONHOS OCASIONARAM a febre ou se a febre ocasionou os sonhos, Walter Gilman não sabia. Espreitava por trás de tudo o envolvente, exasperante horror da velha cidade e do mofado, ímpio sótão onde ele escrevia, estudava e se debatia com cifras e fórmulas, quando não estava largado na esquálida cama de feno. A acuidade de seus ouvidos estava adquirindo um grau intolerável e sobrenatural, e havia muito ele fizera parar o relógio barato da cornija da lareira cujo tiquetaquear ia se assemelhando a um estrondo de artilharia. À noite, o discreto alvoroço da cidade às escuras lá fora, a sinistra correria dos ratos nos tabiques carcomidos e o estralejar de vigas ocultas na casa secular bastavam para lhe dar uma sensação de estridente pandemônio. A escuridão sempre foi prenhe de ruídos inexplicáveis — mas ele, porém, às vezes se arrepiava de medo, temendo que os ruídos que escutava pudessem enfraquecer deixando-o ouvir outros ruídos mais fracos que ele suspeitava estarem à espreita por trás dos primeiros.

Ele estava na imutável cidade de Arkham das lendas assombrosas com sua profusão de telhados de águas furtadas debruçados sobre sótãos onde as bruxas se escondiam dos servidores do Rei no sinistro passado da Província. Nenhum outro local daquela cidade era mais prenhe de recordações macabras do que o sótão do telhado que o abrigava — pois fora esta casa e este quarto que haviam abrigado a velha Keziah Mason, cuja fuga da Cadeia de Salem ninguém soubera explicar. Isto havia sucedido em 1692 — o carcereiro enlouquecera e balbuciava a respeito de uma pequena coisa peluda de colmilhos brancos que saíra correndo da cela de Keziah, e nem mesmo Cotton Mather soube explicar as curvas e

ângulos rabiscados nas paredes de pedra cinzenta com algum líquido pegajoso vermelho.

Talvez Gilman não devesse ter estudado tanto. O cálculo não-euclidiano e a física quântica bastam para esgotar qualquer cérebro, e quando alguém os mistura com folclore e tenta identificar um fundo estranho de realidade multidimensional por trás das sugestões demoníacas das narrativas góticas e das desvairadas histórias sussurradas ao pé do fogo, dificilmente poderia evitar alguma tensão mental. Gilman viera de Haverhill, mas só depois de ter entrado na universidade de Arkham foi que ele começou a relacionar suas pesquisas matemáticas com as lendas fantásticas de magia ancestral. Alguma coisa na atmosfera da venerável cidade agia obscuramente em sua imaginação. Os professores da Miskatonic insistiram para que ele moderasse e deliberadamente reduziram seu curso em vários pontos. Mais ainda, impediram-no de consultar duvidosos livros antigos sobre segredos ocultos que eram guardados debaixo de chave no subsolo da biblioteca da universidade. Todas essas precauções chegaram tarde, porém, de forma que Gilman obtivera algumas pistas terríveis do temível *Necronomjcon* de Abdul Alhazred, do fragmentário *Livro de Eibon* e do proibido *Unaussprechlichen Kulten* de von Junzt para relacionar com suas fórmulas abstratas sobre as propriedades do espaço e as associações entre dimensões conhecidas e desconhecidas.

Ele sabia que seu quarto ficava na velha Casa Assombrada— este havia sido, aliás, o motivo por que o escolhera. Havia muitas coisas nos registros do Condado de Essex sobre o julgamento de Keziah Mason e o que ela havia admitido, sob pressão, para o Tribunal de Oyer e Terminer, havia fascinado Gilman de uma maneira irracional. Ela havia contado ao Juiz Hathorne sobre linhas e curvas que poderiam ser levadas a apontar direções passando através das paredes do espaço para outros espaços ulteriores, e sugerira que essas linhas e curvas eram frequentemente usadas em certas reuniões realizadas à meia-noite no escuro vale da pedra branca além de Meadow Hill e na ilha desabitada do rio. Ela havia contado também sobre o Homem Negro, sobre seu juramento e seu novo nome secreto, Nahab. Depois ela havia desenhado aqueles esquemas nas paredes da cela e desaparecera.

Gilman acreditava coisas estranhas sobre Keziah e havia sentido uma curiosa emoção ao saber que sua habitação ainda estava de pé duzentos e trinta e cinco anos depois. Quando ouviu os silenciosos murmúrios de Arkham sobre a persistente presença de Keziah na casa velha e nas ruas estreitas, sobre as marcas irregulares de dentes humanos deixados em certas pessoas adormecidas naquela e em outras casas, sobre choros de crianças ouvidos às vésperas do 10 de Maio e do Dia de Todos os Santos, sobre o cheiro freqüentemente notado no sótão da velha casa logo depois dessas temíveis datas e sobre a coisinha peluda de presas agudas que assombrava a mofada construção e a cidade, aninhando-se curiosamente nas pessoas nas horas lúgubres antes do amanhecer, resolveu morar naquele local a qualquer custo. Arranjar um quarto foi fácil pois a casa era impopular, difícil de alugar, e havia muito se prestava para alojamentos baratos. Gilman não saberia dizer o que esperava encontrar ali, mas sabia que desejava estar no edifício onde alguma circunstância havia dado, mais ou menos repentinamente, a uma velha medíocre do século XVII, uma percepção de profundidades matemáticas, superior, talvez, às mais modernas pesquisas de Planck, Heisenberg, Einstein e de Sitter.

Gilman estudou as paredes de madeira e alvenaria atrás de indícios de desenhos crípticos em cada ponto acessível onde o papel houvesse descascado, e uma semana depois conseguiu ficar com o quarto oriental do sótão, onde Keziah teria praticado seus feitiços. Ele já estava vago desde o início pois ninguém queria permanecer ali por muito tempo —, mas o senhorio polonês evitava alugá-lo. Entretanto, nada aconteceu com Gilman até a época da febre. Nenhuma Keziah fantasmagórica esvoaçou pelos quartos e corredores sombrios, nenhuma coisinha peluda se esgueirou em seu tenebroso ninho para roçá-lo com seu focinho, e nenhum registro dos feitiços da bruxa premiou sua busca infatigável. Às vezes ele dava caminhadas pelo sombrio emaranhado de vielas sem calçamento cheirando a mofo onde antigas casas castanhas de idade indefinível se inclinavam, curvavam e espreitavam zombeteiramente por estreitas janelas envidraçadas. Ele sabia que ali haviam acontecido coisas estranhas um dia, e havia uma leve sugestão por trás da superfície de que tudo daquele passado monstruoso não poderia — pelo menos nas vielas mais escuras, mais estreitas e mais tortuosas —ter desaparecido completamente. Ele também remou por duas vezes até a mal-afamada ilha

do meio do rio e fez um esboço dos ângulos singulares descritos pelas fileiras de pedras cinzentas cobertas de musgo de origem tão obscura e imemorial.

O quarto de Gilman era de bom tamanho, mas tinha um formato singularmente irregular; a parede norte inclinava-se visivelmente para dentro, a extremidade inferior para a superior, enquanto o teto baixo inclinava-se suavemente para baixo na mesma direção. Afora um evidente buraco de rato aberto e os sinais de outros deles obstruídos, não havia nenhum acesso —nem qualquer aparência de uma via de acesso antiga — para o espaço que devia existir entre a parede inclinada e a parede externa reta do lado norte da casa, embora uma visão do exterior mostrasse o ponto onde uma janela havia sido fechada com tábuas numa data muito remota. O desvão em cima do teto — que devia ter tido um piso inclinado — era igualmente inacessível. Quando Gilman subiu por uma escada de mão até o desvão coberto de teias de aranha que encimava o resto do sótão, encontrou vestígios de uma antiga entrada fortemente vedada com tábuas fixadas no lugar com as resistentes cavilhas de madeira comuns na carpintaria colonial. Nenhum esforço de persuasão, porém, conseguiu induzir o estalido senhorio a deixá-lo investigar nenhum desses dois espaços fechados.

Com o passar do tempo, sua absorção na parede e no teto irregulares de seu quarto cresceram, pois começara a identificar nos curiosos ângulos um significado matemático que parecia oferecer vagas pistas relacionadas com o seu propósito. A velha Keziah, pensava ele, devia ter tido excelentes motivos para viver num quarto com ângulos peculiares, pois não havia sido mediante certos ângulos que ela alegava ter saído dos limites do mundo espacial que conhecemos? Seu interesse gradualmente se afastou dos espaços vazios insondáveis atrás das superfícies inclinadas, pois agora tinha a impressão de que a finalidade daquelas superfícies estava relacionada ao lado em que ele estava.

O surto de febre cerebral e os sonhos principiaram no começo de fevereiro. Durante algum tempo, aparentemente, os curiosos ângulos do quarto de Gilman exerciam um efeito estranho, quase hipnótico, sobre ele, e à medida que o gélido inverno avançava, ele se via examinando com intensidade crescente o canto onde o teto inclinado para baixo encontrava a parede inclinada para dentro. Nesse período, a incapacidade

de se concentrar em seus estudos formais o preocupou muito e ele ficou extremamente apreensivo com a aproximação dos exames de meio de ano. Mas o aguçado sentido de audição não era menos preocupante. A vida havia se tornado uma insistente, quase insuportável, cacofonia, e persistia a constante, terrífica impressão de *outros* sons — vindos de regiões além da vida, talvez — vibrando nas fímbrias mesmo da audibilidade. No que toca aos ruídos concretos, os ratos nas velhas paredes divisórias eram responsáveis pelos piores. Seu arranhar às vezes parecia não só furtivo, mas deliberado. Quando chegava do outro lado da parede norte inclinada, vinha misturado com uma espécie de estrépito seco; e quando provinha do desvão secularmente fechado por cima do teto inclinado, Gilman sempre despertava como que a espera de algum horror que apenas ganhava tempo antes de descer para engolfá-lo completamente.

Os sonhos iam muito além do terreno da sanidade e Gilman sentia que eles deviam ser o resultado conjunto de seus estudos de matemática e de folclore. Ele andava pensando demais também nas vagas regiões que suas fórmulas lhe diziam existir além das três dimensões que conhecemos, e sobre a possibilidade de a velha Keziah Mason — guiada por alguma influência à prova de qualquer conjectura — ter efetivamente descoberto o portal para aquelas regiões. Os amarelados registros do condado contendo seu depoimento e o de seus acusadores eram diabolicamente sugestivos de coisas além da experiência humana — e as descrições do fugidio objeto peludo que lhe servia de criado eram dolorosamente realistas apesar de seus detalhes inacreditáveis.

Aquele objeto — não maior do que um rato de bom tamanho e singularmente chamado pela população de "Brown Jenkin" —parecia ter sido o fruto de um caso admirável de ilusão coletiva, pois, em 1692, não menos do que onze pessoas atestaram have-lô vislumbrado. Havia rumores recentes, também, com um grau de concordância desconcertante. As testemunhas afirmavam que ele tinha cabelos longos e a forma de um rato, mas que sua cara barbada com dentes agudos era diabolicamente humana, ao passo que suas patas pareciam minúsculas mãos humanas. Ele transmitia recados entre a velha Keziah e o diabo, e se nutria do sangue da bruxa, o qual sugava como um vampiro. Sua voz era uma espécie de repugnante riso escarninho e ele podia falar todas os idiomas. De todas as bizarras monstruosidades dos sonhos de Gilman, nada o

enchia de maior pânico e náusea do que este ser híbrido ímpio e diminuto cuja imagem se esgueirava em sua visão numa forma mil vezes mais hedionda do que qualquer coisa que sua mente desperta havia deduzido dos antigos registros e dos modernos rumores.

Em grande parte, os sonhos de Gilman consistiam de mergulhos em abismos infinitos, em crepúsculos misteriosamente coloridos e sons muito desarmoniosos, abismos cujas propriedades materiais e gravitacionais, e cuja relação com sua própria entidade, ele não poderia sequer começar a explicar. Ele não andava nem subia, não voava nem nadava, não se arrastava nem serpeava, experimentando sempre um modo de locomoção parcialmente voluntário e parcialmente involuntário. Ele não conseguia avaliar direito sua própria condição pois a visão de seus braços, pernas e torso parecia estar sempre obstruída por uma estranha distorção da perspectiva, mas sentia que sua organização física e suas faculdades mentais estavam, de alguma forma, maravilhosamente transformadas e projetadas de viés —não sem uma certa relação grotesca, porém, com suas proporções e propriedades normais.

Os abismos não estavam absolutamente vazios, mas povoados por indescritíveis massas angulosas de uma substância exoticamente colorida, algumas delas parecendo orgânicas e outras inorgânicas. Alguns objetos orgânicos tendiam a despertar vagas lembranças no fundo de sua mente, embora ele não pudesse formar uma idéia consciente do que eles zombeteiramente lembravam ou sugeriam. Nos sonhos mais recentes, ele começara a distinguir categorias separadas em que os objetos orgânicos pareciam estar divididos, e que pareciam envolver, em cada caso, uma espécie radicalmente diferente de padrão de conduta e de motivação básica. Dessas categorias, uma lhe pareceu incluir objetos um pouco menos ilógicos e irrelevantes em seus movimentos do que os membros das outras categorias.

Todos os objetos — orgânicos e inorgânicos — eram absolutamente indescritíveis ou mesmo incompreensíveis. Gilman às vezes comparava a matéria inorgânica a prismas, labirintos, grupos de cubos e planos e construções ciclópicas, e as coisas inorgânicas sugeriam-lhe agrupamentos de bolhas, polvos, centopéias, ídolos hindus animados e intrincados arabescos excitados numa espécie de animação ofídica. Tudo que ele via era indescritivelmente ameaçador e horrível, e sempre que

uma das entidades orgânicas parecia, por seus movimentos, havê-lo notado, ele sentia um pavor hediondo, absoluto, que geralmente o fazia despertar sobressaltado. Sobre a maneira como as entidades orgânicas se moviam, ele não podia dizer mais do que a maneira como ele próprio se movia. Com o tempo, observou um novo mistério — a tendência de certas entidades parecerem subitamente estar fora do espaço vazio, ou desaparecerem completamente com igual presteza. A estridente, trovejante confusão de sons que permeava os abismos estava fora do alcance de qualquer análise no que diz respeito à altura, timbre ou ritmo, mas parecia estar sincronizada com as vagas mudanças visuais em todos os imprecisos objetos, tanto orgânicos como inorgânicos. Gilman sentia um pavor constante de que ela pudesse alcançar um nível de intensidade insuportável durante uma de suas obscuras e inevitáveis flutuações.

Mas não era nesses vórtices de total alienação que ele via Brown Jenkin. Aquele repugnante pequeno horror estava reservado para certos sonhos mais leves, mais definidos, que o assediavam pouco antes dele mergulhar nas profundezas maiores do sono. Ele estaria deitado no escuro, lutando para se manter desperto, quando uma tênue luminosidade bruxuleante pareceria tremeluzir por todo o quarto secular, revelando, em meio a uma névoa violeta, a convergência de ângulos planos que haviam se apossado tão insidiosamente de seu cérebro. O horror pareceria emergir do buraco de rato do canto e sapatear em sua direção sobre o inclinado assoalho de tábuas largas com uma expressão de maligna expectativa em sua minúscula cara humana barbada; mas esse sonho felizmente se desfazia sempre antes do objeto chegar perto o suficiente para encostar nele. A coisa tinha caninos diabolicamente longos e agudos. Gilman tentava tapar o buraco todos os dias, mas a cada noite os moradores reais dos tabiques roíam a obstrução, fosse qual fosse. Certa vez ele conseguiu que o senhorio pregasse uma chapa de estanho em cima do buraco, mas, na noite seguinte, os ratos escavaram um buraco novo e, ao fazê-lo, empurraram ou arrastaram para dentro do quarto um curioso fragmento de osso.

Gilman não informou ao médico de sua febre, pois sabia que não passaria nos exames se fosse enviado à enfermaria da universidade, quando cada instante era necessário para os estudos. Nas circunstâncias,

ele foi reprovado em Cálculo D e Psicologia Geral Avançada, embora não sem esperança de recuperar o terreno perdido antes do fim do semestre.

Era março quando o novo elemento entrou em seu sonho preliminar mais leve e a forma repelente de Brown Jenkin começou a aparecer acompanhada de uma mancha nebulosa que foi ficando cada vez mais parecida com uma velha mulher encurvada. Este acréscimo o perturbou mais do que ele poderia imaginar, mas finalmente decidiu que ela se parecia com uma velha encarquilhada a quem encontrara por duas vezes no escuro emaranhado de vielas perto do cais abandonado. Naquelas ocasiões, o olhar cruel, sardônico e aparentemente gratuito da megera havia-lhe causado calafrios — especialmente da primeira vez, quando um rato enorme disparando pela entrada escura de um beco próximo o fez irracionalmente pensar em Brown Jenkin. Agora, refletia, aqueles temores de origem nervosa estavam se refletindo em seus sonhos desvairados.

Que a influência da velha casa era maligna, ele não poderia negar, mas traços de seu primitivo e mórbido interesse ainda o mantinham ali. Ele argumentava que a febre era a única responsável por suas fantasias noturnas e, quando o acesso diminuísse, ficaria livre das visões monstruosas. Aquelas visões, porém, tinham uma evidência e vivacidade envolventes, e, ao acordar, ele conservava sempre a vaga sensação de ter experimentado muito mais do que podia se lembrar. Estava muito seguro de que nos sonhos não lembrados ele conversava com Brown Jenkin e a velha, e que estes insistiam para que ele os acompanhasse a algum lugar onde encontraria uma terceira criatura ainda mais poderosa.

Lá para o fim de março, ele começou a se recuperar em matemática, embora os outros estudos o absorvessem cada vez mais. Estava adquirindo uma bossa intuitiva para resolver equações de Riemann, e deixou perplexo o professor Upham com o seu entendimento de problemas quadridimensionais e outros que haviam desconcertado o resto de sua classe. Certa tarde, houve uma discussão sobre possíveis estruturas estranhas no espaço e sobre pontos teóricos de aproximação, ou mesmo de contato, entre nossa parte do cosmos e diversas outras regiões tão distantes quanto as estrelas mais longínquas ou os próprios abismos transgaláticos — ou mesmo, tão fabulosamente distantes quanto as unidades cósmicas concebíveis por especulação, além de todo o contínuo espaço-tempo eisteiniano. O modo como Gilman tratou desse

tema encheu todos de admiração, apesar de algumas de suas ilustrações hipotéticas provocarem um reforço nos sempre abundantes rumores sobre suas excentricidades, nervosismo e solidão, O que deixou os alunos reticentes foi a sua sensata teoria de que o homem poderia — com um conhecimento matemático superior a tudo que o homem conseguira adquirir — sair deliberadamente da Terra para qualquer outro corpo celeste existente em um dos pontos de uma infinidade de pontos específicos da configuração cósmica.

Este passo, a seu ver, exigiria apenas dois estágios: o primeiro seria a saída da esfera tridimensional que conhecemos, e o segundo, a passagem de volta para a esfera tridimensional num outro ponto, infinitamente distante, inclusive. Que isto poderia ser realizado sem a perda da vida era, em muitos casos, concebível. Qualquer ser de qualquer parte do espaço tridimensional provavelmente conseguiria sobreviver na quarta dimensão, e a sua sobrevivência no segundo estágio dependeria da parte extraterrestre do espaço tridimensional que ele escolhesse para sua reentrada. Os habitantes de alguns planetas poderiam viver em outros — mesmo em planetas pertencentes a outras galáxias, ou a fases dimensionais similares de outro contínuo espaço-tempo — , embora certamente devessem existir quantidades enormes de corpos celestes ou zonas espaciais mutuamente inabitáveis, apesar de matematicamente justapostos.

Era possível também que os habitantes de um determinado domínio dimensional pudessem sobreviver à entrada em muitos domínios desconhecidos e incompreensíveis de dimensões adicionais ou infinitamente multiplicadas — estivessem eles dentro ou fora do contínuo espaço-tempo dado — e que o inverso provavelmente seria verdadeiro. Isto foi motivo de muitas especulações, mas ninguém parecia estar plenamente seguro de que o tipo de mutação envolvido na passagem de algum plano dimensional para o plano superior seguinte pudesse preservar a integridade biológica tal como a compreendemos. Gilman não poderia ser muito claro sobre suas razões para esta última suposição, mas sua obscuridade neste ponto foi mais do que compensada por sua clareza em outros pontos complexos. O professor Upham apreciou especialmente sua demonstração da filiação da matemática superior a certas fases da sabedoria mágica transmitida ao longo das eras desde uma

inefável antigüidade —humana ou pré-humana — cujos conhecimentos do cosmos e de suas leis eram superiores aos nossos.

Perto do primeiro dia de abril, Gilman começou a ficar muito preocupado com a persistência de sua febre. Incomodava-o também o que alguns dos outros locatários diziam sobre o seu sonambulismo. Ao que parecia, ele saía freqüentemente de seu leito, e aquele estalar do assoalho de seu quarto, em certas horas da noite, era percebido pelo homem do quarto de baixo. Este indivíduo dizia ouvir também passos de pés calçados durante a noite, mas Gilman estava certo de que ele se enganava a este respeito, pois seus sapatos e suas roupas estavam sempre em seu preciso lugar pela manhã. Podia-se desenvolver toda sorte de ilusões auditivas naquela mórbida casa velha, O próprio Gilman, mesmo à luz do dia, não tinha a certeza da existência de outros ruídos além do arranhar dos ratos vindos dos escuros desvãos além da parede inclinada e acima do teto inclinado? Seus ouvidos patologicamente sensíveis tentavam captar passos macios no desvão imemorialmente fechado ao alto, e às vezes a ilusão dessas coisas era dolorosamente realista.

Entretanto, ele sabia que havia se tornado mesmo um sonâmbulo, pois, por duas vezes, seu quarto fora encontrado vazio durante a noite, embora todas as suas roupas estivessem no lugar. Isto lhe fora assegurado por Frank Elwood, o colega que a pobreza obrigara a se alojar nesta casa decrépita e impopular. Elwood estivera estudando de madrugada e fora procurá-lo atrás de ajuda numa equação diferencial, descobrindo que Gilman estava ausente. Havia sido um grande atrevimento de sua parte abrir uma porta destrancada depois de bater e não receber resposta, mas ele precisava muito da ajuda e achou que o ocupante não se importaria de ser despertado, se o fizesse com jeito. Em nenhuma dessas ocasiões, porém, Gilman estava lá, e quando ouviu falar do assunto, ficou cismando sobre onde poderia ter estado perambulando vestido apenas com as roupas de dormir. Ele decidiu investigar o assunto se os relatos de seu sonambulismo continuassem, e pensou em aspergir o chão do corredor com farinha para ver aonde seus passos o levariam. A porta era o único meio de acesso concebível, pois não havia apoio viável para os pés do lado de fora da estreita janela.

A medida que abril avançava, os ouvidos de Gilman, aguçados pela febre, eram perturbados pelas orações lamurientas de um ajustador de

teares chamado Joe Mazurewicz cujo quarto ficava no térreo. Mazurewicz havia contado longas histórias incoerentes sobre o fantasma da velha Keziah e a coisa peluda de colmilhos agudos, e havia dito que às vezes ficava tão apavorado que só seu crucifixo de prata — que lhe fora dado para este fim pelo Padre Iwanicki, da Igreja de St. Stanislaus — conseguia tranqüilizá-lo. Agora ele estava rezando por conta da aproximação do dia do Sabá das Bruxas. A véspera do 10 de Maio era a Noite de Walpurgis, quando os mais tenebrosos horrores do inferno rondavam a Terra e todos os servos de Satã se congregavam para ritos e atos inomináveis. Era sempre uma época muito ruim em Arkham, apesar da boa gente da Avenida Miskatonic e das ruas High e Saltonstall fingir nada saber a esse respeito. Haveria coisas ruins e uma ou duas crianças provavelmente desapareceriam. Joe sabia dessas coisas, pois sua avó, do velho interior, ouvira histórias contadas pela avó dela. Era conveniente orar e rezar o terço nesse período. Durante três meses, Keziah e Brown Jenkin não se aproximaram do quarto de Joe, nem do quarto de Paul Choynski, nem de qualquer outro — e não era nada bom quando eles sumiam assim. Deviam estar aprontando alguma.

Gilman passou pelo consultório do médico no dia dezesseis daquele mês e ficou surpreso ao descobrir que sua temperatura não estava tão alta quanto temia. O médico examinou-o cuidadosamente e aconselhou-o a ver um especialista em nervos. Pensando bem, ele ficou contente de não ter consultado o médico ainda mais curioso da universidade, O velho Waldron, aquele que havia reduzido suas atividades anteriormente, o obrigaria a tirar uma licença — coisa impossível, agora que estava tão perto de obter grandes resultados com suas equações. Estava seguramente perto da fronteira entre o universo conhecido e a quarta dimensão, e quem saberia até onde poderia chegar?

Mas mesmo quando esses pensamentos lhe ocorreram, ele ficava cismando na origem de sua estranha confiança. Será que toda aquela perigosa sensação de iminência vinha das fórmulas nas folhas de papel que ele enchia dia após dia? Os imaginários passos suaves e furtivos no desvão fechado ao alto eram enervantes. E agora havia também um crescente sentimento de que alguém o estava constantemente persuadindo a fazer algo terrível que ele não deveria fazer. E quanto ao seu sonambulismo? Para onde ele iria, às vezes, durante a noite? E o que seria

aquela tênue sugestão de som que, de vez em quando, parecia se esgueirar por entre a confusão de sons identificáveis mesmo à plena luz do dia e estando inteiramente desperto? Seu ritmo não correspondia a nenhuma coisa da Terra, exceto, talvez, à cadência de um ou dois indizíveis cantos sabáticos, e, às vezes, ele temia que o ritmo correspondesse a certas características do vago guinchar ou rugir naqueles abismos totalmente alienígenas do sonho.

Entrementes, os sonhos estavam se tomando atrozes. Na fase preliminar mais leve do sono, a pérfida velha adquirira agora uma nitidez demoníaca e Gilman sabia que se tratava da mesma velha que o havia aterrorizado ao andar pelo subúrbio. Suas costas encurvadas, nariz comprido e queixo enrugado eram inconfundíveis, e as disformes roupas pardacentas eram iguais às de sua lembrança. Ela exibia no rosto uma expressão de odiosa malevolência e exultação, e, ao acordar, ele conseguia lembrar uma voz grasnante que persuadia e ameaçava. Ele devia encontrar o Homem Negro e ir com eles todos até o trono de Azathoth, no centro do caos definitivo. Era o que ela dizia. Ele devia assinar o livro de Azathoth com seu próprio sangue e adotar um novo nome secreto agora que suas investigações independentes o haviam levado tão longe. O que o impedia de ir com ela, Brown Jenkin e o outro até o trono do Caos onde as finas flautas sopravam descuidadamente era o fato de ter visto o nome "Azathoth" no *Necronomicon* e saber que se referia a um demônio primitivo, pavoroso demais para ser descrito.

A velha surgia sempre do ar rarefeito perto no canto onde a inclinação para baixo encontrava a inclinação para dentro. Ela parecia cristalizar-se num ponto mais próximo do teto do que do assoalho, e a cada noite parecia um pouco mais perto e mais nítida antes do sonho se desfazer.

Brown Jenkin, também, estava sempre um pouco mais perto no final, e seus colmilhos branco-amarelados brilhavam de maneira hedionda naquela irreal fosforescência violácea. Seu repugnante riso zombeteiro cravava-se cada vez mais profundamente na cabeça de Gilman, e, pela manhã, ele se lembrava de ter pronunciado as palavras "Azathoth" e "Nyarlathotep".

Nos sonhos mais profundos, tudo parecia também mais nítido, e Gilman sentia que os abismos crepusculares que o cercavam pertenciam à

quarta dimensão. Aquelas entidades orgânicas cujos movimentos pareciam menos irrelevantes e aleatórios eram, provavelmente, projeções de formas de vida de nosso próprio planeta, inclusive de seres humanos. O que seriam em sua própria esfera ou esferas dimensionais ele sequer ousava imaginar. Duas das coisas que se moviam menos aleatoriamente — um aglomerado enorme de bolhas esferoidais alongadas e iridescentes e um poliedro muito menor de cores incomuns cujos ângulos superficiais sofriam constante modificação — pareciam observá-lo e segui-lo, ou pairar sobre ele quando se deslocava entre os titânicos prismas, labirintos, feixes de cubos-e-planos e quase-edifícios; e durante todo o tempo, os vagos guinchos e rugidos cresciam e cresciam, como que se aproximando de algum clímax monstruoso de intensidade insuportável.

Durante a noite de 19 para 20 de abril, ocorreu o novo desdobramento. Gilman se movimentava meio involuntariamente pelos abismos crepusculares com a massa borbulhante e o pequeno poliedro por cima, quando percebeu os ângulos peculiarmente regulares formados pelas bordas de um gigantesco grupo de prismas próximo.Um instante depois, ele estava fora do abismo, de pé, trêmulo, sobre uma encosta rochosa banhada por uma intensa e difusa luz verde. Estava descalço e com as roupas de dormir, e quando tentou andar, descobriu que mal conseguia erguer os pés. Um turbilhão vaporoso encobria toda a visão, exceto o terreno ascendente imediato, e ele se encolheu todo imaginando os sons que poderiam surgir daquele vapor.

Foi então que ele viu as duas formas se arrastando penosamente em sua direção. a velha e a pequena coisa peluda. A megera abraçou-se com seus joelhos, cruzando os braços de um jeito muito singular, enquanto Brown Jenkin apontava numa certa direção com uma pata dianteira horrivelmente antropóide que erguia com evidente dificuldade. Impelido por um impulso que não era seu, Gilman arrastou-se no percurso determinado pelo ângulo dos braços da velha e a direção da pata do pequeno monstro, e, antes de ter dado três passos, estava de volta aos abismos crepusculares. Formas geométricas pairavam ao seu redor enquanto ele caía vertiginosamente, interminavelmente, até que despertou em seu leito, no sótão insanamente assimétrico da velha casa ancestral.

Naquela manhã, ele não prestava para nada e faltou a todas as aulas. Uma misteriosa atração impelia seus olhos para uma direção

aparentemente irrelevante, pois não conseguia se impedir de observar um certo ponto vazio do assoalho. À medida que o dia transcorria, o foco de seus olhos vidrados ia mudando de posição até que, por volta do meio-dia, ele conseguiu controlar o impulso de olhar para o vazio. Perto das duas da tarde, ele saiu para almoçar e, percorrendo as vielas estreitas da cidade, percebeu que virava sempre na direção sudeste. Foi com muito esforço que conseguiu parar no restaurante da Rua Chureh e, depois da refeição, sentiu a atração pelo desconhecido ainda mais fortemente.

Ele teria que consultar um especialista em nervos afinal —talvez houvesse uma conexão com seu sonambulismo —, mas enquanto isso poderia, pelo menos, tentar quebrar sozinho o mórbido feitiço. Certamente ele ainda poderia afastar-se da atração; assim, com muita determinação, enfrentou-a, caminhando deliberadamente para o norte, pela Rua Garrison. Alcançando a ponte sobre o Miskatonic, estava banhado em suor frio e teve de se agarrar ao parapeito de ferro enquanto olhava, rio acima, para a mal-afamada ilha cujo perfil regular formado por pedras eretas ancestrais emergia sombriamente ao sol vespertino.

Então ele levou um susto, pois havia uma figura viva nitidamente visível naquela ilha desolada, e um segundo olhar lhe disse que se tratava, sem sombra de dúvida, da velha mulher bizarra cuja imagem sinistra se infiltrara desastrosamente em seus sonhos. O capim alto perto dela também se mexia como se houvesse alguma outra criatura viva arrastando-se perto do chão. Quando a velha começou a virar-se em sua direção, ele fugiu precipitadamente da ponte pelo labiríntico abrigo de vielas do cais. Por distante que a ilha estivesse, ele sentia que um monstruoso e invencível mal poderia fluir do sardônico olhar daquela figura velha, curvada, vestida de marrom.

A atração para o sudeste persistia e somente com tremenda determinação Gilman conseguiu arrastar-se para dentro da velha casa e subir as escadas periclitantes. Durante horas, ele ficou sentado, em silêncio e prostrado, com os olhos virando gradualmente para oeste. Perto das seis da tarde, seus ouvidos aguçados captaram as orações lamurientas de Joe Mazurewicz dois andares abaixo e, desesperado, pegou o chapéu e saiu para as ruas douradas pelo pôr-do-sol, deixando que a atração, agora diretamente para o sul, o levasse onde bem quisesse. Uma hora mais tarde, a escuridão o encontrou nos campos abertos além do Regato do

Hangman, tendo as cintilantes estrelas primaveris por cima. O impulso de andar foi gradualmente mudando para uma ânsia de saltar misticamente para o espaço, e ele subitamente percebeu onde estava a fonte exata da atração.

Estava no céu. Um ponto preciso entre as estrelas clamava por ele e o estava chamando. Aparentemente, era um ponto em algum lugar entre a Hidra e Argo, e ele sabia que fora impelido para isto desde que acordara, pouco depois do amanhecer. Durante a manhã, ele estivera para baixo, e agora estava ligeiramente para o sul, mas avançando furtivamente para oeste. O que significaria esta coisa nova? Estaria enlouquecendo? Quanto tempo duraria? Recuperando sua determinação, Gilman virou-se e arrastou-se de volta para a velha casa.

Mazurewicz esperava por ele à porta e parecia ansioso, mas relutante, para segredar alguma superstição nova. Era sobre a luz bruxuleante. Joe saíra para festejar na noite anterior — era o Dia dos Patriotas, em Massachusetts — e voltara para casa depois da meia-noite. Olhando para a casa de fora, ele inicialmente pensara que a janela de Gilman estivesse escura, mas depois vira um fraco brilho violáceo em seu interior. Ele queria prevenir o cavalheiro sobre aquele brilho, pois todo mundo em Arkham sabia que se tratava da luz bruxuleante de Keziah que pairava ao redor de Brown Jenkin e do fantasma da própria megera. Ele não havia mencionado isto antes, mas agora precisava contar porque significava que Keziah e seu criado de presas compridas estavam assombrando o jovem cavalheiro. Às vezes, ele, Paul Choynski e o senhorio Dombrowski pensavam ver aquela luz escoando por rachaduras do desvão fechado acima do quarto do jovem cavalheiro, mas todos concordaram em não falar com ele a esse respeito. Entretanto, seria melhor o cavalheiro tomar outro quarto e conseguir um crucifixo com algum bom sacerdote como o Padre Iwanicki.

Enquanto o homem tagarelava, Gilman foi sentindo um terror indescritível apertar sua garganta. Ele sabia que Joe devia estar meio embriagado ao voltar para casa na noite anterior, mas a menção da luz violeta na janela do sótão tinha uma importância aterradora. Era uma luz bruxuleante desse tipo que sempre pairava em torno da velha e da coisinha peluda naqueles sonhos mais leves, mais nítidos, que prefaciavam seus mergulhos nos abismos misteriosos, e a idéia de que uma segunda pessoa

desperta pudesse ver a luminescência onírica estava longe de ser um conforto. Entretanto, onde o sujeito havia conseguido uma idéia tão estranha? Teria ele próprio falado enquanto andava pela casa, dormindo? Não, disse Joe, ele não havia contado — mas devia verificar isto. Talvez Frank Elwood pudesse lhe dizer algo, embora ele detestasse perguntar.

Febre — sonhos desvairados — sonambulismo — ilusões sonoras — uma atração para um ponto no céu — e agora a suspeita de um insano falar dormindo! Ele devia parar de estudar, procurar um especialista em nervos e se recompor. Subindo ao segundo andar, parou à porta de Elwood, mas viu que o outro rapaz estava fora. Relutantemente, prosseguiu até seu quarto no sótão onde sentou-se no escuro. seu olhar ainda se voltava para o sul, mas ele também sentia-se forçando os ouvidos para captar algum som do desvão fechado acima, meio que imaginando uma maligna luz violácea escoando por uma rachadura infinitesimal no baixo teto inclinado.

Naquela noite, enquanto Gilman dormia, a luz violeta envolveu-o com maior intensidade e a velha bruxa junto com a pequena coisa peluda, aproximando-se mais do que nunca, zombaram dele com guinchos desumanos e gestos diabólicos. Ele ficou contente de mergulhar nos abismos crepusculares de vagos rugidos, embora a perseguição daqueles aglomerados borbulhantes iridescentes e aquele pequeno poliedrocaleidoscópico fosse ameaçadora e irritante. Veio então uma mudança quando vastos planos convergentes de uma substância de aparência escorregadia surgiram acima e abaixo dele — mudança que terminou num surto de delírio e num clarão de luz extraterrestre e misteriosa onde amarelo, carmim e índigo se fundiam louca e inextrincadamente.

Ele estava meio recostado num terraço alto e fantástico protegido por uma balaustrada acima de uma selva interminável de picos incríveis e bizarros, planos equilibrados, cúpulas, minaretes, discos horizontais assentados sobre pináculos e incontáveis formas de uma estranheza ainda maior — algumas de pedra, outras de metal — que cintilavam maravilhosamente sob o brilho confuso, quase borbulhante, de um céu poli-cromático.

Olhando para o alto ele viu três fabulosos discos ardentes, de cores variadas e em alturas diferentes acima de um horizonte curvo,

infinitamente distante, de montanhas baixas. Às suas costas, fileiras de terraços mais altos erguiam-se imponentes até onde sua vista podia alcançar.

A cidade abaixo estendia-se para além dos limites da visão e ele confiava em que nenhum som brotasse dali.

O piso do qual ele se levantou com facilidade era de um tipo de pedra polida e raiada que não conseguiu identificar, e os ladrilhos eram recortados em formas angulares bizarras que lhe pareceram ter menos simetria do que alguma simetria exótica cujas leis não pudesse compreender. A balaustrada ia até a altura do peito, delicada e fantasticamente trabalhada, e ao longo do peitoril se alinhavam, em intervalos curtos, pequenas figuras de formato grotesco e curiosa realização. Assim como o resto da balaustrada, elas pareciam ser feitas de alguma espécie de metal brilhante cuja cor não poderia ser precisada no caos de fulgores misturados, e sua natureza desafiava absolutamente toda e qualquer conjectura. Representavam algum objeto em forma de tonel canelado com finos braços horizontais irradiando-se de um anel central e com bossas ou bulbos verticais salientes no topo e na base do tonel. Cada uma dessas protuberâncias era o centro de um sistema de cinco braços chatos, triangulares, compridos e afunilados dispostos ao seu redor como os braços de uma estrela-do-mar quase horizontais, mas curvando-se ligeiramente para longe do tonel central. A base da protuberância inferior estava ligada ao extenso parapeito por um ponto de contato tão delicado, que várias figuras haviam sido quebradas e estavam faltando. As figuras tinham cerca de quatro polegadas e meia de altura, enquanto os braços eriçados lhes davam um diâmetro máximo de aproximadamente duas polegadas e meia.

Quando Gilman se levantou, os ladrilhos pareceram quentes a seus pés descalços. Ele estava inteiramente só, e seu primeiro ato foi caminhar até a balaustrada e olhar atordoado para baixo, para a interminável ciclópica cidade quase dois mil pés abaixo. Prestando a atenção, pensou ouvir uma confusão rítmica de tênues sopros musicais cobrindo uma ampla escala tonal brotando das ruas estreitas abaixo, e gostaria de vislumbrar os moradores do lugar. Depois de algum tempo, a visão causou-lhe uma vertigem e ele teria caído no terraço se não se agarrasse instintivamente à lustrosa balaustrada. Sua mão direita resvalou para uma

das figuras salientes cujo toque pareceu equilibrá-lo um pouco, mas foi demais para a exótica delicadeza do trabalho em metal e, ao ser agarrada, a eriçada figura se desprendeu. Ainda meio atordoado, ele continuou segurando-a enquanto sua outra mão procurava um espaço vazio no liso peitoril.

Agora, porém, seus ouvidos ultra-sensíveis captaram algo às suas costas e ele olhou para trás ao nível do terraço. Aproximando-se dele suavemente, mas sem aparência furtiva, estavam cinco figuras, duas das quais eram a sinistra velha e o animalzinho peludo com presas. Foram as outras três que o fizeram perder os sentidos, pois eram entidades vivas com cerca de oito pés de altura exatamente da mesma forma que as imagens eriçadas da balaustrada que se locomoviam como uma aranha usando o conjunto inferior de braços de estrela-do-mar.

Gilman despertou em seu leito encharcado de suor frio e com uma sensação de ardência no rosto, nas mãos e nos pés. Saltando para o chão, lavou-se e vestiu-se com uma pressa frenética, como se tivesse que sair da casa o mais depressa possível. Ele não sabia para onde queria ir, mas sentia que, uma vez mais, teria que sacrificar as aulas. A estranha atração para aquele ponto no céu entre a Hidra e Argo diminuíra, mas uma outra ainda mais forte tomara seu lugar. Ele agora sentia que devia ir para o norte — infinitamente para o norte. Temendo cruzar a ponte que dava vista para a desolada ilha no Miskatonic, foi para a ponte da Avenida Peabody, tropeçando muitas vezes porque seus olhos e ouvidos estavam presos a um ponto extremamente alto no límpido céu azul.

Cerca de uma hora depois, ele se recompôs um pouco e viu que estava longe da cidade. Estendia-se ao seu redor uma lúgubre vastidão de pântanos salgados, e a estreita estrada à frente conduzia a Innsmouth — aquela antiga cidade meio deserta que os moradores de Arkham, curiosamente, tanto evitavam visitar. Embora a atração para o norte não houvesse diminuído, ele resistiu a ela como resistira à outra, até que descobriu que quase podia equilibrar uma contra a outra. Tendo caminhado penosamente de volta à cidade e tomado um pouco de café numa lanchonete, arrastou-se então para a biblioteca pública e folheou despreocupadamente as revistas mais amenas. A certa altura encontrou alguns amigos que repararam no estranho bronzeado de suas feições, mas ele nada lhes contou de sua caminhada. As três da tarde, almoçou num

restaurante, notando que a atração ou enfraquecera ou se dividira. Depois, matou tempo num cinema barato assistindo à projeção fútil várias vezes sem lhe prestar a menor atenção.

Por volta das nove da noite, voltou para casa onde entrou combalido. Joe Mazurewicz choramingava rezas ininteligíveis e Gilman apressou-se para seu quarto no sótão sem parar para ver se Elwood estava. Foi quando ele acendeu a fraca luz elétrica que o choque aconteceu. Ele avistou, de imediato, alguma coisa sobre a mesa que não era dali, e um segundo olhar não deixou dúvidas. Deitada de lado - pois não podia se manter de pé -ali estava a exótica figura eriçada que, em seu sonho monstruoso, ele havia arrancado da fantástica balaustrada. Nenhum detalhe lhe faltava. O centro abaulado e canelado, os finos braços radiados, as bossas em cada extremidade e os braços achatados de estrela-do-mar ligeiramente curvados para cima se esticando para fora daquelas bossas — estava tudo ali. Sob a luz elétrica, a cor parecia uma espécie de cinza iridescente estriado de verde, e Gilman pode ver, em meio ao terror e espanto, que uma das bossas terminava numa linha dentada correspondendo ao antigo ponto de ligação com a onrica balaustrada.

Foi somente a sua tendência para o estupor que o impediu de gritar. Esta fusão de sonho e realidade era insuportável. Ainda aturdido, ele agarrou a coisa eriçada e desceu correndo as escadas até o alojamento do senhorio Dombrowski. As orações chorosas do supersticioso ajustador de teares persistiam nos corredores cheirando a mofo, mas Gilman não lhes deu atenção. O senhorio estava em casa e saudou-o alegremente. Não, ele não havia visto aquela coisa antes e nada sabia a seu respeito. Mas sua esposa havia dito que encontrara uma coisa de lata engraçada numa das camas quando arrumara os quartos ao meio-dia, e talvez fosse aquilo. Dombrowski a chamou e ela entrou rebolando. Sim, era aquilo. Ela a encontrara na cama do jovem cavalheiro — no lado perto da parede. A coisa lhe parecera estranha, mas o jovem cavalheiro costumava ter uma porção de coisas estranhas em seu quarto — livros, curiosidades, ilustrações e anotações em papel. Ela, com certeza, não sabia nada sobre aquilo.

Gilman subiu novamente as escadas mentalmente confuso, convencido de que ou ele ainda estava sonhando, ou seu sonambulismo havia alcançado extremos inacreditáveis levando o a depredar lugares

desconhecidos. Onde teria conseguido aquela coisa extravagante? Ele não se lembrava de a ter visto em nenhum museu de Arkham. Devia ser de algum lugar, porém; e a visão dela quando se agarrara a ela em seu sono devia ter provocado a curiosa imagem onírica do terraço abalaustrado. No dia seguinte, ele faria algumas investigações muito discretas — e talvez procurasse o especialista em nervos.

Até lá, tentaria investigar melhor o seu sonambulismo. Ao subir a escada e cruzar o vestíbulo do sótão, tratou de espalhar um pouco de farinha que havia tomado emprestado — admitindo francamente seu propósito — do senhorio. No caminho, ele havia parado à porta de Elwood, mas percebera que o quarto estava às escuras. Entrando em seu quarto, colocou a coisa eriçada na mesa e deitou-se de roupas em completa exaustão física e mental. Do desvão fechado acima do teto inclinado, ele pensava captar um som fraco de arranhões e arrastar de pés, mas estava confuso demais para se importar. Aquela misteriosa atração para o norte estava crescendo novamente, não obstante parecesse vir agora de um local mais baixo do céu.

Na deslumbrante luminosidade violeta do sonho, a velha e a coisa peluda com presas reapareceram e com uma nitidez maior do que em qualquer ocasião anterior. Desta feita elas realmente o alcançaram e ele sentiu as garras encarquilhadas da megera se agarrarem nele. Foi atirado para fora da cama e para o espaço vazio, e por um momento ouviu um bramido cadenciado e viu a informidade crepuscular dos obscuros abismos fervilhando ao seu redor. Mas aquilo durou muito pouco pois agora ele estava num pequeno espaço vazio e sem janelas, com vigas e tábuas ásperas formando uma cumeeira bem acima de sua cabeça e com um curioso piso inclinado sob os pés. Largadas no piso estavam caixas cheias de livros de todos os graus de antigüidade e deterioração, e no centro havia uma mesa e um banco, ambos aparentemente fixados no lugar. Pequenos objetos de forma e natureza desconhecidas estavam colocados sobre as tampas das caixas, e sob a reluzente luz violeta Gilman pensou ver uma duplicata da imagem eriçada que tanto o havia intrigado. No lado esquerdo, o assoalho descia abruptamente, deixando uma abertura triangular escura pela qual, depois de um rápido chocalhar seco, a odiosa coisinha peluda de colmilhos amarelos e face humana barbada subia agora.

A sarcástica megera ainda estava agarrada a ele e no outro lado da mesa estava uma figura que ele jamais vira anteriormente — um homem magro e alto, de cor negra mortiça, mas sem o menor sinal de feições negróides; absolutamente desprovido de cabelo e barba, e usando, como única vestimenta, um manto informe de algum pesado tecido preto. Seus pés ficavam encobertos pela mesa e o banco, mas ele devia estar calçado pois ouvia-se um estalido toda vez que ele mudava de posição.

O homem não falava e não revelava nenhuma expressão em suas feições miúdas e regulares. Ele simplesmente apontava para um livro de tamanho prodigioso que estava aberto sobre a mesa, enquanto a megera enfiava uma enorme pena cinzenta na mão direita de Gilman. Uma mortalha de desvairante pavor pairava sobre tudo e o clímax veio quando a coisa peluda subiu pelas roupas até o ombro do jovem adormecido e depois desceu pelo seu braço esquerdo, mordendo-o com força, finalmente, no pulso, logo abaixo do punho da camisa. Quando o sangue jorrou desse ferimento, Gilman desmaiou.

Ele despertou na manhã do dia 22 com uma dor no pulso esquerdo e viu que o punho da camisa estava pardo de sangue ressecado. Suas lembranças eram confusas, mas a cena com o homem negro no espaço desconhecido persistia vividamente. Devia ter sido mordido pelos ratos enquanto dormia, provocando o clímax daquele sonho aterrador. Abrindo a porta, notou que a farinha no piso do corredor estava intacta, exceto pelas enormes pegadas do sujeito desengonçado que habitava a outra ponta do sótão. Ele não andara dormindo desta vez, portanto. Mas alguma coisa devia ser feita com, respeito àqueles ratos. Ele falaria com o senhorio. Novamente procurou tapar o buraco na base da parede inclinada, entalando ali uma vela que parecia ter um tamanho apropriado. Seus ouvidos retiniam terrivelmente com o que pareciam ser os ecos residuais de algum ruído pavoroso ouvido em sonhos.

Enquanto se banhava e mudava de roupas, Gilman tentava lembrar o que havia sonhado depois da cena no espaço imerso em luz violeta, mas nada de preciso cristalizou-se em sua mente. Aquele cenário devia corresponder ao desvão fechado lá do alto que começara a assediar tão insistentemente sua imaginação, mas as impressões posteriores eram fracas e nebulosas. Havia sugestões dos vagos abismos crepusculares e de abismos ainda mais vastos e escuros além deles — abismos onde todas as

sugestões definidas estavam ausentes. Ele havia sido levado até lá pelos aglomerados borbulhantes e o pequeno poliedro que sempre o perseguiam; mas estes, como ele próprio, haviam se transformado em fragmentos nebulosos naquele vazio mais remoto de absoluta escuridão. Alguma outra coisa havia seguido na frente — um fragmento maior que, de tempos em tempos, condensava-se em indescritíveis aproximações de forma — e ele achava que seu avanço não havia sido em linha reta, mas pelas curvas estranhas à física e à matemática de algum vórtice etéreo que obedecia a leis desconhecidas da física e da matemática de qualquer cosmos concebível. Finalmente, houvera uma sugestão de vastas sombras saltitantes, de monstruosa pulsação subacústica e de tênue sopro monótono de uma flauta invisível — mas isto fora tudo. Gilman decidiu que havia adquirido aquela última noção das coisas que lera no *Necronomicon* sobre a indiferente entidade Azathoth, que comanda todo o tempo e o espaço de um trono negro no centro do Caos.

Depois de lavar o sangue, o ferimento do pulso se revelou superficial e Gilman ficou intrigado com a localização dos dois minúsculos furos. Ocorreu-lhe que não havia nenhum sangue nas cobertas da cama onde estava deitado, o que era muito curioso, tendo em vista a quantidade em sua pele e no punho da camisa. Teria andado dormindo dentro do quarto e o rato o teria mordido enquanto estava sentado em alguma cadeira ou parado em alguma posição menos comum? Procurou por gotas ou manchas pardacentas em toda parte, mas não as encontrou. O melhor, pensou, teria sido espalhar farinha fora e dentro do quarto — muito embora não fosse mais necessária nenhuma prova de que andava durante o sono, afinal. Ele sabia que andava -e o que havia a fazer, agora, era acabar com isso. Devia pedir ajuda a Frank Elwood. Naquela manhã, as estranhas atrações do espaço pareceram arrefecer, embora fossem substituídas por uma outra sensação ainda mais inexplicável. Tratava-se de um vago, insistente impulso para fugir de sua situação presente, mas sem qualquer sugestão de direção específica para onde fugir. Quando pegou a curiosa imagem eriçada sobre a mesa, imaginou que a antiga atração para o norte ficara um pouquinho mais forte, mas mesmo assim esta era totalmente sobrepujada pelo impulso mais novo e mais desconcertante.

Ele levou a imagem eriçada ao quarto de Elwood, esquivando-se das lamúrias do ajustador de teares que subiam do térreo. Elwood estava em casa, graças aos céus, e parecia estar agitado. Havia tempo para uma conversa antes de sair para o café da manhã e a universidade, por isso Gilman despejou apressadamente um relato de seus recentes sonhos e pavores. Seu hospedeiro foi muito simpático e concordou com a necessidade de fazer alguma coisa. Ele ficou estarrecido com a aparência perturbada, macilenta, de seu hóspede, e notou o curioso e anormal bronzeado que outros haviam observado na semana anterior. Não havia muito, porém, que pudesse dizer. Ele não havia visto Gilman em nenhuma expedição sonambúlica e não tinha a menor idéia do que poderia ser a curiosa imagem. Tinha, porém, ouvido o franco-canadense que se alojava bem debaixo de Gilman conversar com Mazurewicz certa noite. Eles comentavam o quanto temiam a chegada da Noite de Walpurgis, agora a poucos dias de distância, e trocavam comentários apiedados sobre o pobre jovem cavalheiro condenado. Desrochers, o sujeito que morava sob o quarto de Gilman, havia falado de passos noturnos calçados e descalços, e da luz violeta que vira certa noite quando se esgueirara para cima para espiar pelo buraco da fechadura de Gilman. Ele contou a Mazurewicz que não ousara espiar depois de vislumbrar a luz passando pelas frestas em torno da porta. Tinham havido cochichos também — e quando ele começara a descrevê-los, sua voz afundara num sussurro inaudível.

Elwood não podia imaginar o que aquelas criaturas supersticiosas teriam tagarelado, mas supunha que suas imaginações teriam sido incitadas pelas andanças e conversas de Gilman durante o sono, em horas tardias, e pela proximidade da tradicionalmente temida Véspera do primeiro dia Maio. Que Gilman andava durante o sono estava claro, e era obviamente das escutas pela fechadura de Desrochers que a idéia enganosa da onírica luz violácea se espalhara. Essas pessoas simplórias não perdiam tempo para imaginar que teriam visto alguma coisa estranha de que tivessem ouvido falar. Quanto a um plano de ação—o melhor era mudar-se para o quarto de Elwood para não dormir sozinho. Elwood, se estivesse acordado, o acordaria sempre que ele começasse a falar ou se levantasse durante o sono. Além disso, ele deveria consultar um especialista o mais breve possível. Enquanto isto, eles levariam a imagem eriçada para vários museus e alguns professores procurando identificá-la e

diriam que ela havia sido encontrada numa lata de lixo pública. E Dombrowski devia cuidar de envenenar aqueles ratos do sótão.

Confortado pelo companheirismo de Elwood, Gilman assistiu às aulas daquele dia. Estranhos impulsos ainda o assediavam, mas ele conseguiu controlá-los com considerável êxito. Durante um horário livre, mostrou a curiosa imagem para vários professores que ficaram profundamente interessados, mas nenhum pôde lançar alguma luz sobre a sua natureza ou origem. Naquela noite, ele dormiu num divã que Elwood fizera o senhorio trazer do quarto do segundo andar, e, pela primeira vez em semanas, ficou inteiramente livre de sonhos inquietantes. Mas a condição febril persistia e os lamentos do ajustador de teares exerciam uma influência perturbadora.

Nos dias subseqüentes, Gilman desfrutou de uma imunização quase perfeita contra manifestações mórbidas. Segundo Elwood, ele não havia mostrado nenhuma tendência a falar ou se levantar durante o sono, e, enquanto isso, o senhorio estava espalhando veneno de rato por toda parte. O único elemento perturbador era a conversa entre os estrangeiros supersticiosos cuja imaginação ficara extremamente excitada. Mazurewicz estava sempre tentando fazer com que ele arranjasse um crucifixo e acabou empurrando-lhe um que, segundo diziam, teria sido abençoado pelo bom Padre Iwanicki. Também Desrochers tinha algo a dizer; ele insistia em que os passos cautelosos haviam soado no quarto, agora vago, por cima do seu, na primeira e segunda noites em que Gilman estivera ausente. Paul Choynski pensava ter ouvido sons nos corredores e nas escadas à noite, e afirmava que alguém havia experimentado suavemente sua porta, enquanto a Sra. Dombrowski jurava ter visto Brown Jenkin pela primeira vez desde o Dia de Todos os Santos. Mas esses relatos ingênuos podiam significar muito pouco, e Gilman deixou o crucifixo de metal barato pendurado descuidadamente num puxador do guarda-roupa de seu hospedeiro.

Durante três dias, Gilman e Elwood escrutinaram os museus locais tentando identificar a curiosa imagem eriçada, sem nenhum sucesso. Em toda parte, porém, o interesse era intenso, pois a total estranheza da coisa representava um tremendo desafio para a curiosidade científica. Um dos pequenos braços radiais fora secionado e submetido a análises químicas. O professor Ellery descobrira platina, ferro e telúrio na estranha liga, mas

misturados com esses elementos havia pelo menos três outros de peso atômico alto que a química se mostrou absolutamente impotente para classificar. Não só não correspondiam a nenhum elemento conhecido, como nem mesmo se encaixavam nos lugares vazios reservados para elementos prováveis no sistema periódico. O mistério permanece sem solução até hoje, embora a imagem esteja em exposição no museu da Universidade de Miskatonic.

Na manhã de 27 de abril, surgiu um novo buraco de rato no quarto onde Gilman estava hospedado, mas Dombrowski vedouo com lata durante o dia. O veneno não estava surtindo muito efeito, pois os arranhões e correrias atrás das paredes não haviam virtualmente diminuído. Elwood ficou fora até tarde naquela noite e Gilman esperou por ele. Não queria dormir sozinho no quarto — especialmente depois que pensou ter vislumbrado, no lusco-fusco do entardecer, a repelente velha cuja imagem se transportara tão terrivelmente para seus sonhos. Ficou cismando quem seria ela e o que estaria perto dela chocalhando a lata de estanho num monte de entulho à boca de um esquálido quintal. A megera parecia havê-lo notado e lançado um maligno olhar enviesado para ele — embora isto possivelmente tivesse sido um mero fruto de sua imaginação.

No dia seguinte, os dois jovens estavam muito cansados, sabendo que dormiriam profundamente à noite. Ao anoitecer, discutiram sonados os estudos de matemática que tão completa e, talvez, perniciosamente, haviam interessado Gilman, e especularam sobre sua relação com magia antiga e folclore que parecia tão misteriosamente provável. Falaram da velha Keziah Mason, e Elwood concordou em que Gilman tinha bons fundamentos científicos para pensar que ela poderia ter encontrado informações estranhas e significativas. Os cultos secretos a que essas bruxas pertenciam, guardavam e legavam segredos surpreendentes de eras ancestrais e esquecidas; e não era absolutamente impossível que Keziah houvesse efetivamente dominado a arte de cruzar passagens dimensionais. A tradição enfatiza a inutilidade de barreiras materiais para impedir a locomoção de bruxas, e quem poderia dizer o que está subjacente às velhas histórias de vôos noturnos em cabos de vassoura?

Se algum estudioso moderno puder, algum dia, obter poderes similares apenas da pesquisa matemática, o futuro dirá. O êxito,

acrescentava Gilman, poderia provocar situações perigosas e impensáveis, pois quem seria capaz de prever as condições reinantes numa dimensão adjacente, mas normalmente inacessível? Por outro lado, as pitorescas possibilidades eram enormes. O tempo poderia não existir em certos cinturões do espaço, e entrando-se e permanecendo num deles, a pessoa poderia conservar indefinidamente a vida e a idade, sem sofrer os efeitos do metabolismo orgânico ou da decadência exceto pelas pequenas quantidades durante as visitas ao próprio plano da pessoa, ou a algum similar. Poder-se-ia, por exemplo, transitar para uma dimensão sem tempo e emergir em algum período remoto da história da Terra tão jovem como antes.

Dificilmente se poderia conjeturar, com algum grau de autoridade, se alguém jamais conseguira fazer isto. As lendas antigas são nebulosas e ambíguas, e nos tempos históricos, todas as tentativas de transpor passagens interditas parecem complicadas por estranhas e terríveis alianças com seres e mensageiros de fora. Havia a imemorial figura do representante ou mensageiro de potências terríveis e secretas — o "Homem Negro" do culto das bruxas, e o "Nyarlathotep" do *Necronomicon*. Havia, também, o problema desconcertante de mensageiros ou intermediários menores — os quase animais e híbridos singulares descritos pela lenda como servidores das bruxas. Quando Gilman e Elwood se recolheram, sonolentos demais para seguir discutindo, ouviram Joe Mazurewicz andar cambaleando, meio embriagado, pela casa, e estremeceram com o desesperado ardor de suas lamurientas orações.

Naquela noite, Gilman viu a luz violácea novamente. Em seu sonho, ele havia escutado os arranhões e roeduras nos tabiques, e imaginou que alguém manejava canhestramente o trinco. Então ele viu a velha e a coisinha peluda avançando para ele sobre o chão acarpetado. A face da megera estava iluminada por uma exultação desumana e a pequena coisa mórbida de dentes amarelos ria zombeteiramente apontando para a forma pesadamente adormecida de Elwood no sofá, no outro lado do quarto. Um medo paralisante obstruiu todas as tentativas de Gilman gritar. Como já havia acontecido anteriormente, a hedionda velha agarrou Gilman pelos ombros, arrancando-o do leito e atirando-o no espaço vazio. Novamente a infinitude dos abismos uivantes passou vertiginosamente por

ele, mas um segundo depois ele se imaginava numa viela escura, lamacenta, desconhecida, exalando fétidos odores, com as paredes decadentes de antigas casas se elevando dos dois lados.

À frente estava o homem de manto preto que ele havia visto no espaço pontiagudo do outro sonho, enquanto, a uma distância menor, a velha fazia acenos e caretas imperiosamente para ele. Brown Jenkin esfregava-se com uma espécie de afetuosa alegria nos tornozelos do homem negro, que a lama funda ocultava quase inteiramente. Havia uma escura passagem aberta à direita, para a qual o homem preto apontava silenciosamente. Para lá caminhou a zombeteira megera, arrastando Gilman atrás de si pela manga do pijama. Ali existia uma escada nauseabunda que estalava ameaçadoramente e sobre a qual a velha parecia irradiar uma tênue luz violeta e, finalmente, uma porta saindo de uma plataforma entre dois lances da escada. A megera moveu o trinco e abriu a porta, gesticulando para Gilman esperar, e desapareceu pela escura passagem.

Os ouvidos supersensíveis do jovem captaram um hediondo grito estrangulado e a megera saiu do quarto carregando uma pequena forma inerte que atirou para o sonhador como que ordenando-lhe que a carregasse. A visão dessa forma e da expressão em seu rosto quebraram o encanto. Aturdido demais para gritar, ele disparou precipitadamente pela ruidosa escada abaixo e para a lama exterior, só parando ao ser agarrado e estrangulado pelo homem negro que estava à sua espera. Enquanto perdia a consciência, ouviu o fraco e arrepiante riso escaminho da aberração parecida com um rato com presas.

Na manhã do dia 29, Gilman acordou num vórtice de horror. No momento em que abriu os olhos, sabia que alguma coisa estava terrivelmente errada, pois estava de volta a seu velho quarto do sótão com a parede e o teto inclinados, deitado sobre uma cama agora desfeita. Sua garganta doía inexplicavelmente, e, enquanto lutava para sentar-se, viu, com crescente pavor, que seus pés e as barras do pijama estavam manchados de lama endurecida. Naquele momento, suas lembranças estavam inapelavelmente confusas, mas pelo menos tinha a certeza de que devia ter andado durante o sono. Elwood estava mergulhado num sono profundo demais para ouvi-lo e impedi-lo. No chão, havia confusas pegadas de lama, mas estranhamente elas não se dirigiam para a porta.

Quanto mais Gilman as observava, mais peculiares elas pareciam, pois além daquelas que podia reconhecer como suas, havia umas marcas menores, quase redondas — como as pernas de uma grande cadeira ou mesa poderiam deixar, exceto que a maioria estava partida no meio. Havia também umas curiosas pegadas enlameadas de rato saindo do novo buraco e voltando para ele. Um espanto absoluto e o medo da loucura torturavam Gilman enquanto ele cambaleava até a porta e verificava que não havia pegadas de lama do lado de fora. Quanto mais ele recordava este sonho hediondo, mais aterrorizado se sentia, e seu desespero só fez aumentar quando ouviu Joe Mazurewicz entoando suas lamúrias dois pisos abaixo.

Descendo para o quarto de Elwood, ele acordou seu hospedeiro e pôs-se a contar-lhe tudo, mas Elwood não conseguiu fazer idéia do que realmente poderia ter acontecido. Onde Gilman poderia ter estado, como ele voltara para seu quarto sem deixar pegadas no vestíbulo e como as pegadas lamacentas parecidas com marcas de móveis se misturavam com as suas no quarto do sótão, estavam fora do alcance de qualquer conjectura. E havia aquelas marcas obscuras, lívidas, em sua garganta, como se ele houvesse tentado estrangular a si mesmo. Gilman colocou as mãos sobre elas percebendo que, nem de longe, se encaixavam. Enquanto conversavam, Desrochers entrou para dizer que ouvira um terrível fragor no alto, nas primeiras horas da madrugada. Não, ninguém estivera na escada depois da meia-noite, embora, um pouco antes dessa hora, ele tivesse ouvido passos macios no sótão e passos cautelos descendentes que não o agradaram. Era um período muito ruim do ano para Arkham, acrescentou. Seria bom que o jovem cavalheiro usasse o crucifixo que Joe Mazurewicz lhe dera. Nem mesmo o período diurno era seguro, pois mesmo depois de amanhecer, sons estranhos podiam ser ouvidos na casa — especialmente um fino choro infantil rapidamente abafado.

Gilman assistiu mecanicamente às aulas daquela manhã, mas foi inteiramente incapaz de concentrar a mente nos estudos. Presa de um estado de odiosa apreensão e expectativa, ele parecia estar esperando a chegada de algum golpe aniquilador. Ao meio-dia, almoçou na cantina da universidade, pegando um jornal no assento ao lado enquanto esperava pela sobremesa. Mas ele não comeu aquela sobremesa pois um artigo na

primeira página do jornal deixou-o atônito, de olhos arregalados, capaz apenas de pagar a conta e cambalear de volta ao quarto de Elwood.

Houvera um estranho rapto na noite anterior na ruela Orne e o filho de dois anos de uma rude operária de lavanderia chamada Anastasia Wolejko desaparecera completamente.

A mãe, ao que parece, temia essa possibilidade havia algum tempo, mas as razões que ela alegou para seu temor eram tão grotescas que ninguém as levara a sério. Dizia ela ter visto Brown Jenkin por perto de sua casa, algumas vezes, desde o começo de março, e ter sabido por suas caretas e risadinhas que o pequeno Ladislas estaria marcado para o sacrifício no pavoroso Sabá da Noite de Walpurgis. Ela havia pedido para sua vizinha, Mary Czanek, dormir no quarto e tentar proteger a criança, mas Mary não ousara. Não poderia ter contado à polícia pois eles nunca acreditavam nessas coisas. Crianças eram levadas daquele jeito todos os anos, desde que ela conseguia se lembrar. E seu companheiro, Pete Stowacki, não ajudaria porque queria a criança fora do caminho.

Mas o que fez Gilman suar frio foi a notícia de um par de boêmios que estava passando pela entrada da galeria pouco depois da meia-noite. Eles admitiram que estavam bêbados, mas ambos juraram ter visto um trio vestido com espalhafato entrando furtivamente pela escura passagem. Havia, segundo eles, um enorme negro encapuzado, uma velhinha esfarrapada e um jovem branco em roupas de dormir. A velha arrastava o jovem, enquanto, em torno dos pés do negro, um rato manco se esfregava e refocilava na lama escura.

Gilman ficou sentado, atônito, durante toda a tarde, e Elwood — que neste ínterim havia lido os jornais e tirara terríveis conjecturas — assim o encontrou ao voltar para casa. Desta vez, nenhum deles poderia duvidar que alguma coisa odiosamente grave estava se fechando ao seu redor. Entre os fantasmas de pesadelo e as realidades do mundo objetivo, uma relação monstruosa e inimaginável estava se cristalizando, e somente uma vigilância estupenda poderia impedir desdobramentos ainda mais tenebrosos. Gilman devia procurar um especialista mais cedo ou mais tarde, mas não exatamente agora, quando todos os jornais estavam cheios do assunto do rapto.

A obscuridade do que realmente acontecera era enlouquecedora e, por um momento, Gilman e Elwood cochicharam teorias as mais desvairadas. Teria Gilman inconscientemente conseguido mais do que seus estudos do espaço e suas dimensões permitiriam? Teria realmente saído de nossa esfera para lugares insuspeitos e inimagináveis? Onde — se isso fosse verdade — teria ele estado naquelas noites de infernal alienação? Os estrondeantes abismos crepusculares, a encosta verdejante, o terraço fervilhante, as atrações vindas das estrelas, o vórtice negro final, o homem negro, a viela lamacenta e a escada, a velha bruxa e o horror peludo com presas, os aglomerados borbulhantes e o pequeno poliedro, o estranho bronzeado, o ferimento no pulso, a estatueta inexplicável, os pés enlameados, as marcas na garganta, as histórias e o terror de estrangeiros supersticiosos, o que significava isso tudo? Em que medida as leis da sanidade mental se aplicariam num caso assim?

Nenhum dos dois dormiu naquela noite, mas no dia seguinte ambos mataram as aulas e cochilaram. Era o 30 de abril e com o crepúsculo chegaria o diabólico período sabático que todos os estrangeiros e os velhos supersticiosos temiam. Mazurewicz chegara às 6 horas dizendo que o pessoal da tecelagem estava comentando que as orgias de Walpurgis seriam realizadas na ravina escura além de Meadow Hill, onde a antiga pedra branca se ergue num terreno curiosamente desprovido de toda vida vegetal. Alguns chegaram a contar isto à polícia, aconselhando-a a procurar ali pela criança Wolejko desaparecida, mas sem acreditar que alguma coisa seria feita. Joe insistiu em que o pobre cavalheiro usasse seu crucifixo com corrente de níquel e Gilman pendurou-o no pescoço e enfiou-o por dentro da camisa para agradar o sujeito.

Tarde da noite, os dois jovens estavam sentados sonolentos em suas cadeiras, embalados pelas orações do ajustador de teares no andar debaixo. Gilman, cabeceando de sono, ouvia, e sua audição sobrenaturalmente aguda parecia tentar perceber algum sutil e temido murmúrio por trás dos ruídos da velha casa. Doentias recordações de coisas no *Necronomicon* e no *Livro Negro* jorravam e ele se via balançando aos abomináveis ritmos que pertenceriam às mais negras celebrações do Sabá, originários de fora do tempo e do espaço que conhecemos.

Naquele momento, ele percebeu o que estava escutando — o canto infernal dos celebrantes no distante vale tenebroso.

Como poderia saber tanto sobre o que eles esperavam? Como poderia saber o momento em que Nahab e seu acólito deviam conduzir a tigela transbordante que acompanharia o galo preto e o bode preto? Ele percebeu que Elwood adormecera e tentou acordá-lo. Algo, porém, fechou a sua garganta. Ele não era mais senhor de si. Teria assinado o livro do Homem Negro afinal?

Então sua audição febril, anormal, captou as distantes notas sopradas pelo vento. Por milhas de colinas, campos e vielas elas vieram, mas ainda assim as reconheceu. As fogueiras deviam estar acesas e os dançarinos deviam estar começando. Como poderia não ir? O que é que o havia enredado? Matemática, folclore, a casa, a velha Keziah, Brown Jenkin... e agora ele percebia um novo buraco de rato na parede perto de seu sofá. Por cima do canto distante e da oração mais próxima de Joe Mazurewicz, um outro som se fazia ouvir — um arranhar persistente, furtivo, nos tabiques. Ele rezava para a luz elétrica não se apagar. E foi então que ele viu o pequeno rosto barbado com presas no buraco de rato — o maldito rosto barbado, que ele enfim percebeu, guardava uma semelhança tão chocante e zombeteira com o da velha Keziah — e ouviu alguém mexendo levemente na porta.

Os formidáveis abismos crepusculares flamejaram à sua frente e ele sentiu-se perdido em meio ao informe aperto dos iridescentes aglomerados borbulhantes. Corria, à sua frente, o pequeno poliedro caleidoscópico, e, por todo o espaço revolto, uma elevação e aceleração do vago padrão tonal pareciam anunciar algum indescritível e insuportável clímax. Ele parecia saber o que estava para vir — a monstruosa eclosão do ritmo de Walpurgis em cujo timbre cósmico se concentrariam todas as convulsões do espaço-tempo extremo, primordial, que existem por trás das esferas concentradas de matéria e às vezes irrompem em reverberações uniformes que penetram suavemente em cada camada de entidade e dão um significado hediondo, através dos mundos, a certos períodos terríveis.

Mas tudo isto se desfez num segundo. Ele estava novamente no espaço pontiagudo violáceo com o piso inclinado, as caixas de livros antigos, o banco e a mesa, os objetos estranhos e o buraco triangular a um

canto. Na mesa estava uma pequena figura branca — um menininho, despido e inconsciente —, enquanto no outro, a monstruosa velha olhava de esguelha com uma faca cintilante de cabo grotesco na mão direita e uma curiosa tigela de metal claro gravada com motivos bizarros e com alças laterais delicadas na esquerda. Ela entoava algum ritual grasnado numa língua que Gilman não conseguia compreender, mas que lhe pareceu alguma coisa mencionada discretamente no *Necronomicon.*

Quando a cena se tomou mais clara, ele viu a velha megera curvar-se para a frente e empurrar a tigela vazia por cima da mesa— e, incapaz de controlar suas emoções, ele se esticou para a frente e pegou-a com as duas mãos, reparando, ao fazê-lo, sua relativa leveza. No mesmo instante, a forma repugnante de Brown Jenkin escalou a borda do escuro buraco triangular à sua esquerda. A megera fez-lhe um sinal para ele segurar a tigela numa certa posição enquanto erguia a enorme e grotesca faca acima da pequena vítima branca o mais alto que sua mão conseguia alcançar. A coisa peluda com presas começou a soprar uma continuação do misterioso ritual, enquanto a bruxa grasnava respostas repugnantes. Gilman sentiu uma abominação pungente atravessar sua paralisia mental e emocional fazendo a tigela de metal balançar em sua mão. Um segundo depois, o movimento descendente da faca quebrou completamente o encanto e ele deixou cair à vasilha ruidosamente enquanto suas mãos se atiravam para frente impetuosamente para impedir o ato monstruoso.

Num instante, ele havia contornado o piso inclinado ao redor da extremidade da mesa e arrancado a faca das garras da velha, atirando-a com estrépito pela borda do estreito buraco triangular.

Um instante mais, porém, as coisas se inverteram, pois aquelas garras assassinas tinham se fechado firmemente em torno de sua garganta, enquanto a face encarquilhada de velha se retorcia numa fúria insana. Ele sentiu a corrente do crucifixo barato raspando em seu pescoço e, no auge do perigo, tentou imaginar como a visão do objeto poderia afetar a maligna criatura. Sua força era absolutamente sobre-humana, mas, enquanto ela prosseguia o estrangulamento, ele tateou febrilmente por baixo de sua camisa e puxou para fora o símbolo de metal, estalando a corrente e libertando-o.

À vista do objeto, a bruxa pareceu transida de medo e seu aperto relaxou o suficiente para Gilman se libertar completamente. Ele afastou

as garras de aço de seu pescoço e teria arrastado a megera para a borda do buraco se as garras não tivessem recebido um novo surto de força, fechando-se novamente. Desta vez, ele resolveu revidar da mesma maneira, e suas mãos estenderam-se para a garganta da criatura. Antes de ela perceber o que estava fazendo, ele enrolara a corrente do crucifixo em torno do pescoço da megera e, logo em seguida, apertara-a o suficiente para cortar sua respiração. Durante essa última batalha, ele sentiu alguma coisa morder seu calcanhar e viu que Brown Jenkin viera em ajuda da velha. Com um único chute violento ele atirou a mórbida excrescência pela borda do buraco, ouvindo-a choramingar em algum nível muito inferior.

Se conseguira matar a velha bruxa, ele não sabia, mas deixou-a largada no chão onde ela caíra. Então, ao virar-se, viu sobre a mesa algo que quase lhe cortou o último fio de razão. Brown Jenkin, enérgico e dotado de quatro minúsculas mãos infernalmente destras, fizera o serviço enquanto a bruxa tentava estrangulá-lo e seus esforços haviam sido em vão. O que ele impedira a faca de fazer no peito da vítima, as presas amarelas da aberração peluda tinham feito num pulso — e a tigela, tão tardiamente atirada no chão, estava cheia ao lado do pequeno corpo sem vida.

Em seu delírio onírico, Gilman ouviu o ritmo alienígena do canto infernal do Sabá chegando de uma distância infinita, e sabia que o homem negro devia estar lá. Lembranças confusas misturavam-se com suas fórmulas matemáticas, e ele acreditava ter em seu subconsciente os *ângulos* de que precisava para guiá-lo de volta ao mundo normal sem ajuda, pela primeira vez. Tinha a certeza de estar no desvão

imemorialmente trancado no alto de seu quarto, mas duvidava seriamente se conseguiria escapar pelo piso inclinado ou pela saída bloqueada. Ademais, a escapada de um desvão onírico simplesmente não o levaria a uma casa onírica— uma projeção anormal do lugar verdadeiro que ele buscava? Ele estava inteiramente confuso sobre a relação entre sonho e realidade em todas suas experiências.

A passagem para os vagos abismos seria apavorante, pois o ritmo de Walpurgis estaria vibrando, e ele teria que ouvir aquela pulsação cósmica até então velada que tão terrivelmente temia. Mesmo agora ele podia detectar uma batida baixa, monstruosa, cujo ritmo ele adivinhava

perfeitamente. Nos períodos de Sabá, ela sempre crescia percorrendo os mundos para convocar os iniciados para ritos indescritíveis. Metade dos cantos de Sabá eram moldados sobre essa pulsação fracamente percebida que nenhum ouvido terrestre poderia suportar em sua plenitude espacial. Gilman gostaria também de saber se poderia confiar em seus instintos para levá-lo de volta à parte certa do espaço. Como poderia ter certeza de não pousar naquela encosta de luz esverdeada de um planeta distante, no terraço ladrilhado acima da cidade dos monstros tentaculados em algum lugar além da galáxia ou nos vórtices negros espirais daquele vazio extremo de Caos onde reina o indiferente sultão demoníaco Azathoth?

Pouco antes de dar o mergulho, a luz violeta extinguiu-se deixando-o na mais absoluta escuridão. A bruxa, a velha Keziah, Nahab, aquilo devia significar a sua morte. E misturado com o distante canto de Sabá e as lamúrias de Brown Jenkin no abismo abaixo, ele pensou ouvir um outro lamento mais desvairado chegando de profundezas desconhecidas. Joe Mazurewicz — as orações contra o Caos Rastejante agora se tornando um grito inexplicavelmente triunfante — mundos de sardônica realidade imiscuindo-se em voragens de sonho febril — lã! ShubNiggurath! O Bode de Mil filhos...

Encontraram Gilman caído no chão de seu antigo quarto do sótão muito antes do amanhecer, pois o grito terrível atraíra Desrochers, Choynski, Dombrowski e Mazurewicz ao mesmo tempo e conseguira inclusive acordar Elwood que estava profundamente adormecido em sua cadeira. Gilman estava vivo e com os olhos abertos, arregalados, mas parecia inconsciente. Em sua garganta havia marcas de mãos assassinas, e em seu calcanhar esquerdo, uma dolorosa mordida de rato. Suas roupas estavam terrivelmente amarfanhadas e o crucifixo de Joe havia desaparecido. Elwood tremia, temendo até especular que nova forma as andanças no sono de seu amigo haviam tomado. Mazurewicz parecia meio estupidificado por um "sinal" que teria recebido em resposta a suas orações e benzia-se freneticamente quando o guincho e os soluços de um rato soavam de trás do tabique inclinado.

Depois de acomodar o sonhador em seu divã no quarto de Elwood, mandaram chamar o Doutor Malkowski — um médico local que não repetiria histórias quando elas pudessem se tornar embaraçosas —, e ele aplicou duas injeções em Gilman que fizeram-no relaxar e cair numa

espécie de torpor natural. Durante o dia, o paciente recuperava ocasionalmente a consciência e murmurava desconexamente seu mais novo sonho a Elwood. Era um processo doloroso e, desde o início, trouxe um fato novo e desconcertante.

Gilman — cujos ouvidos haviam ultimamente adquirido uma sensibilidade anormal — estava completamente surdo. O Doutor Malkowski, convocado novamente às pressas, disse a Elwood que os dois tímpanos do rapaz estavam perfurados, como se tivessem sofrido o impacto de algum som estupendo, cuja intensidade ia além da capacidade humana de conceber ou suportar. Como semelhante som poderia ter sido ouvido nas últimas horas sem despertar todo o Vale do Miskatonic, ia além do que o honrado médico poderia dizer.

Elwood escrevia sua parte do diálogo em papel para facilitar a comunicação. Nenhum deles sabia o que fazer de todo aquele assunto caótico e decidiram que seria melhor pensar o menos possível nele. Ambos concordaram, porém, em que deviam sair daquela velha e amaldiçoada casa o quanto antes. Os jornais vespertinos falavam de uma batida policial em alguns estranhos foliões numa ravina além de Meadow Hill, pouco antes do alvorecer, e mencionavam que a pedra branca era um objeto de antiga admiração supersticiosa. Ninguém fora detido, mas entre os fugitivos fora vislumbrado um enorme negro. Em outra coluna, afirmava-se que nenhum vestígio da criança desaparecida Ladislas Wolejko fora encontrado.

O coroamento do horror veio naquela mesma noite. Elwood jamais o esquecerá e foi forçado a ficar fora da universidade pelo resto daquele período em conseqüência de uma crise nervosa. Ele pensara estar ouvindo ratos por trás do tabique durante toda a noite, mas não lhes prestou muita atenção. Então, muito depois de Gilman e ele se recolherem, os uivos atrozes começaram. Elwood saltou da cama, acendeu as luzes e correu para o sofá de seu hóspede. O visitante emitia sons realmente desumanos, parecendo afligido por algum tormento indescritível. Ele se retorcia debaixo das cobertas e uma grande mancha vermelha começou a se formar nos lençóis.

Elwood mal ousava tocá-lo, mas gradualmente os gritos e contorções foram diminuindo. A esta altura, Dombrowski, Choynski, Desrochers, Mazurewicz e o locatário do último andar estavam

aglomerados à porta e o senhorio mandara a mulher chamar o Doutor Malkowski. Todos gritaram quando uma grande forma semelhante a um rato saltou abruptamente de dentro das cobertas ensangüentadas e correu pelo assoalho até um buraco novo que ficava por perto. Quando o médico chegou e começou a retirar aquelas pavorosas cobertas, Walter Gilman estava morto.

Seria incorreto fazer algo mais que sugerir o que teria matado Gilman. Havia virtualmente um túnel através de seu corpo —alguma coisa havia devorado seu coração. Dombrowski, irritado com a inutilidade de seus esforços para envenenar os ratos, abandonou toda idéia de locação e, no prazo de uma semana, havia se mudado com todos os antigos locatários para uma casa decrépita mas menos antiga na Rua Walnut. O pior, durante algum tempo, foi manter Joe Mazurewicz calmo, pois o irrequieto ajustador de teares jamais ficava sóbrio e estava constantemente rezingando e murmurando sobre coisas terríveis e espectrais.

Ao que parece, naquela última e odiosa noite, Joe curvara-se para olhar para as pegadas de rato carmesins que iam do sofá de Gilman ao buraco próximo. No tapete, elas eram muito indistintas, mas havia um pedaço de chão descoberto entre a borda do tapete e o rodapé. Ali Mazurewicz havia encontrado algo monstruoso — ou pensava ter encontrado, pois ninguém poderia verdadeiramente concordar com ele apesar da inegável estranheza das pegadas. As pegadas no assoalho eram, por certo, muito diferentes das pegadas normais de um rato, mas mesmo Choynski e Desrochers não admitiriam que tinham a aparência das pegadas de quatro pequeninas mãos humanas.

A casa nunca mais foi alugada. Tão logo Dombrowski a deixou, a mortalha da desolação final começou a descer e as pessoas evitavam-na tanto por sua antiga reputação, quanto pelo novo cheiro fétido que ela exalava. Talvez o veneno de rato do antigo senhorio tivesse funcionado afinal, pois não muito tempo depois de sua partida, o lugar se tornou um incômodo para a vizinhança. Funcionários do serviço sanitário localizaram a origem do cheiro nos espaços fechados acima e ao lado do quarto do lado leste do sótão e concordaram em que o número de ratos mortos devia ser enorme. Eles decidiram, porém, que não valia a pena abrir e desinfetar aqueles espaços secularmente fechados, pois o fedor

logo passaria e a localidade não era propensa a encorajar medidas dispendiosas. Na verdade, sempre haviam corrido vagas histórias locais sobre odores inexplicáveis no alto da Casa Assombrada pouco depois da véspera de 10 de Maio e do Dia das Bruxas. Os vizinhos concordaram com a decisão —mas o fedor, no entanto, constituíra-se num ponto negativo a mais para o aluguel. Mais adiante, o inspetor de edificações condenou a casa para fins de habitação.

Os sonhos de Gilman e as circunstâncias que os acompanharam jamais foram explicados. Elwood, cujas idéias sobre o episódio todo são, às vezes, quase enlouquecedoras, voltou para a faculdade no outono e graduou-se em junho do ano seguinte. Ao voltar, os rumores espectrais da cidade haviam diminuído muito, e é fato que — apesar de certos relatos de um riso zombeteiro e fantasmagórico sobre a casa deserta duraram quase tanto quanto o próprio edifício —nenhuma nova aparição, seja da Velha Keziah, seja de Brown Jenkin, foi cochichada desde a morte de Gilman. Foi uma pena que Elwood não estivesse em Arkham naquele ano posterior em que certos acontecimentos renovaram abruptamente os rumores locais sobre antigos horrores. Por certo ele ouviu sobre o assunto posteriormente e sofreu tormentos indizíveis de tenebrosa e espantada especulação, mas ainda assim isto não foi tão mau quanto a real proximidade e muitas visões possíveis teriam sido.

Em março de 1931, um vendaval derrubou o telhado e a grande chaminé da então vazia Casa Assombrada fazendo um caos de tijolos, telhas enegrecidas cobertas de limo e tábuas e vigas podres desabarem sobre o desvão e abrirem caminho para o assoalho abaixo. Todo o andar do sótão ficou abarrotado de entulho, mas ninguém se deu ao trabalho de mexer naquela mixórdia antes da inevitável demolição completa do decrépito edifício. Aquele passo final veio em dezembro seguinte, e quando o velho quarto de Gilman foi desobstruído por operários relutantes e apreensivos, os rumores começaram.

Entre os detritos que haviam desmoronado através do antigo teto inclinado, várias coisas fizeram os operários pararem o serviço e chamarem a polícia. A polícia, por sua vez, chamou o juiz de instrução e vários professores da universidade. Havia ossos— terrivelmente esmagados e estilhaçados, mas claramente reconhecíveis como humanos — cuja data recente conflitava misteriosamente com o período remoto em

que o único local onde poderiam estar, o baixo desvão superior de piso inclinado, teria sido supostamente vedado ao acesso humano. O médico legista do juiz concluiu que alguns teriam pertencido a uma criança pequena, enquanto outros — encontrados misturados com trapos de um tecido pardo apodrecido — pertenceriam a uma mulher encurvada, extremamente idosa e muito baixa. Uma análise cuidadosa revelou também muitos ossos minúsculos de ratos apanhados no desastre, bem como ossos de ratos mais antigos roídos por pequenas presas de um jeito que produzia muitas controvérsias e reflexões.

Entre outros objetos encontrados, havia fragmentos misturados de muitos livros e jornais, juntamente com uma poeira amarelada deixada pela desintegração total de livros e diários ainda mais antigos. Todos, sem exceção, pareciam tratar de magia negra em suas formas mais avançadas e tenebrosas; e a data evidentemente recente de certos itens ainda é um mistério tão insolúvel quanto o dos ossos humanos mais recentes. Um mistério ainda maior é a absoluta homogeneidade da escrita arcaica garatujada em diversos papéis cujas condições e marcas d'água sugeriam diferenças de idade de cento e cinqüenta a duzentos anos. Para alguns, porém, o maior mistério de todos é a variedade de objetos absolutamente inexplicáveis — objetos cujas formas, materiais, tipos de construção e finalidades escapam a qualquer conjectura —encontrados dispersos entre os detritos em estados de conservação evidentemente diversos. Um desses — que excitou profundamente a curiosidade de muitos professores da universidade Miskatonic— é uma monstruosidade terrivelmente danificada muito parecida com a estranha estatueta que Gilman doou ao museu da universidade, exceto que é grande, talhado em alguma pedra peculiarmente azulada em vez de metal, e com um pedestal singularmente recortado entalhado com hieróglifos indecifráveis.

Arqueólogos e antropólogos ainda estão tentando explicar os bizarros desenhos gravados numa esmagada vasilha de metal leve cujo lado interno apresentava funestas manchas pardas. Forasteiros e avós crédulas tagarelam com igual vigor sobre o moderno crucifixo de níquel com a corrente partida encontrado em meio ao entulho e identificado por Joe Mazurewicz como o que ele dera ao pobre Gilman muitos anos atrás. Alguns acreditam que este crucifixo foi arrastado para o desvão fechado por ratos, enquanto outros acham que ele devia estar no assoalho, em

algum canto do velho quarto de Gilman, na ocasião. Outros ainda, inclusive o próprio Joe, têm teorias fantásticas e desvairadas demais para merecerem crédito.

Quando a parede inclinada do quarto de Gilman foi derrubada, descobriu-se que o espaço triangular, antes vedado entre aquele tabique e a parede norte da casa, continha muito menos detritos estruturais, mesmo em proporção a seu tamanho, do que o próprio quarto, embora contivesse uma camada horrível de materiais mais antigos que paralisaram de horror os demolidores. Em suma, o piso era um verdadeiro depósito de ossos de criancinhas — alguns bastante recentes, mas outros remontando, em gradações infinitas, a um período tão remoto que sua desintegração era quase total. Nesta profunda camada de ossos jazia uma faca de grande porte, de antigüidade evidente e com um desenho grotesco, ornamentado e exótico — sobre a qual os detritos se amontoaram.

Em meio a estes detritos, enfiado entre uma tábua caída e uma porção de tijolos cimentados da chaminé derrubada, estava um objeto destinado a causar mais perplexidade, velado pavor e abertas conversas supersticiosas em Arkham do que qualquer outro encontrado naquele edifício assombrado e maldito. Este objeto era o esqueleto parcialmente esmagado de um enorme rato cuja forma anormal ainda é motivo de discussões e fonte de curiosas reticências entre os membros do departamento de anatomia comparada da Miskatonic. Muito pouco vazou sobre esse esqueleto, mas os operários que o encontraram murmuram em tom estarrecido sobre os longos cabelos pardos associados a ele.

Os rumores dizem que os ossos das minúsculas patas guardam características preênseis mais típicas de um diminuto macaco do que de um rato, enquanto o pequeno crânio, com suas agressivas presas amarelas, é da mais completa anomalia, parecendo, de certos ângulos, uma paródia em miniatura, monstruosamente degradada, de um crânio humano. Os operários se benzeram apavorados quando deram com esta blasfêmia e posteriormente acenderam velas de gratidão na Igreja de St. Stanislaus devido ao arrepiante riso zombeteiro e fantasmagórico que, eles achavam, jamais tornariam a ouvir.



A Morte Alada

ORANGE HOTEL fica na High Street, próximo à estação ferroviária, em Bloemfontein, na África do Sul. Num domingo, a 24 de janeiro de 1932, quatro homens estremeciam de terror num dos quartos em seu terceiro piso. Um deles era George C. Titteridge, proprietário do hotel; outro era o guarda de polícia Ian De Witt, da Delegacia Central; o terceiro era Johannes Bogaert, o juiz investigador local; o quarto, e aparentemente o menos perturbado do grupo, era o doutor Cornelius Van Keulen, o médico legal.

Sobre o piso, incomodamente evidente em meio ao intenso calor do verão, jazia o corpo de um homem morto; mas não era disso que os quatro tinham medo. Seus olhares vagavam da mesa, sobre a qual havia uma curiosa mixórdia de coisas, para o teto logo acima, ao longo de cuja suave brancura uma série de caracteres grandes e hesitantes tinham de algum modo sido garranchados a tinta; e vez ou outra o doutor Van Keulen olhava furtivamente para um surrado livro encapado em couro, para as palavras rabiscadas no teto e para uma mosca morta de aspecto peculiar que flutuava numa garrafa de amônia sobre a mesa. Também sobre a mesa estavam um tinteiro aberto, uma caneta e uma almofada para escrita, uma valise de médico, uma garrafa de ácido clorídrico e um copo contendo um quarto de óxido de manganês preto.

O livro encapado em couro era o diário do morto e deixava claro que o nome Frederick N. Mason, da Mining Properties, Toronto, Canadá, assinado no registro do hotel, era falso. Havia outras coisas, coisas terríveis, que a partir dele se tornavam claras também; e ainda outras que

ele apenas sugeria de modo horrível, sem as deixar claras ou sequer torná-las inteiramente críveis. Era a meia suspeita dos quatro homens, fecundada por vidas inteiras que passaram junto aos segredos sombrios da África nativa, que os fazia tremer tão violentamente, a despeito do calor causticante de janeiro.

Tratava-se de um caderno pequeno, e todas as entradas apareciam numa caligrafia bonita, a qual, entretanto, se tornava descuidada e nervosa à medida que se aproximava do fim. Consistia de uma série de apontamentos soltos, irregularmente espaçados no princípio, mas que finalmente se tornavam cotidianos. Chamá-lo de diário não seria inteiramente correto, pois recobria a crônica de apenas um setor das atividades do autor. O doutor Van Keulen reconheceu o nome do morto no momento em que virou a capa, pois se tratava de um eminente membro de sua própria profissão que tinha estado amplamente ligado aos assuntos africanos. Num outro momento, ficou horrorizado ao descobrir seu nome ligado a um crime covarde não solucionado oficialmente, que tinha freqüentado os jornais há uns quatro meses. E quanto mais lia mais se aprofundavam seu horror, seu pasmo, sua aversão e seu pânico.

Aqui, em essência, está o texto que o doutor leu em voz alta naquele quarto sinistro e perturbador, enquanto os três homens à sua volta perdiam o fôlego, se remexiam em suas cadeiras e disparavam olhadelas medrosas para o teto, para a mesa, para as coisas que estavam no chão, bem como entre si mesmos:

DIÁRIO DE THOMAS SLAUENWITE - MÉDICO

Comovente punição de Henry Sargent Moore, Ph.D., do Brooklyn, Nova Iorque, professor de Biologia dos Invertebrados na Universidade de Colúmbia, Nova Iorque, N. Y. Preparada para ser lida após minha morte, pela satisfação de tornar pública a realização de minha vingança, a qual, de outro modo, poderá nunca vir a ser creditada a mim, caso obtenha sucesso.

5 de janeiro de 1929 - Estou agora plenamente resolvido a matar o doutor Henry Moore, e um incidente recente me mostrou como o farei. Doravante, seguirei uma linha de ação consistente; daí o começo deste diário.

Não há muita necessidade de repetir as circunstâncias que me levaram em tal direção, pois a parte informada do público está familiarizada com todos os fatos relevantes. Nasci em Trenton, Nova Jérsei, em 12 de abril de 1885, e sou filho do doutor Paul Slauenwite, que antes esteve em Pretoria, no Transvaal, na África do Sul. Estudando medicina em consonância com uma tradição familiar, fui conduzido por meu pai (que morreu em 1916, enquanto eu servia na França num regimento sul-africano) a me especializar em febres africanas; e, após me formar pela Colúmbia, dediquei bastante tempo a pesquisas que me levaram de Durban, em Natal, até o próprio equador.

Em Mombaça, trabalhei em minha teoria sobre a transmissão e o desenvolvimento da febre remitente, ajudado apenas em parte pelas anotações do último médico do governo, Sir Norman Sloane, as quais encontrei na casa em que vivi. Quando publiquei minhas conclusões, tornei-me de súbito uma autoridade famosa. Falaram-me acerca da probabilidade de uma posição quase suprema no serviço de saúde sul-africano e até mesmo de uma comenda, na eventualidade de que eu me tornasse cidadão naturalizado, e em função disso dei alguns passos indispensáveis.

Então sobreveio o incidente pelo qual estou prestes a matar Henry Moore. Esse homem, meu colega de estudos e amigo durante anos na América e na África, deliberou minar minhas pretensões quanto à teoria, alegando que Sir Norman Sloane me antecipara em todos os detalhes essenciais e dando a entender que eu teria encontrado mais papéis dele do que declarara em meus escritos. Para corroborar essa acusação absurda, ele trouxe à luz certas cartas pessoais de Sir Norman que de fato mostravam que o velho já teria percorrido meu caminho e que publicaria seus resultados, não fosse pela sua morte repentina. Tudo isso eu poderia admitir com alguma mágoa. O que não podia desculpar era a suspeita invejosa de que havia roubado a teoria dos papéis de Sir Norman. O governo inglês, sensível demais, ignorou essas difamações, mas retirou a prometida indicação e a comenda, sob justificativa de que minha teoria, embora original em parte, não era de fato nova.

Percebi que minha carreira na África fora bruscamente interrompida, não obstante tivesse apostado todas as minhas esperanças nela, ao ponto mesmo de desistir da cidadania americana. Uma frieza

tocante em relação à minha pessoa se manifestou no governo de Mombaça, principalmente entre os que tinham conhecido Sir Norman. Foi então que resolvi acertar contas com Moore, mais cedo ou mais tarde, conquanto não fizesse idéia de como. Ele invejara minha prematura celebridade e tirara partido de sua antiga correspondência com Sir Norman para me arruinar. Tudo isso vindo de um amigo em quem eu mesmo suscitara o interesse pela África, a quem orientara e inspirara, até que adquirisse sua fama atual como autoridade em entomologia africana. Mesmo agora, decerto, não vou negar que suas conquistas tenham sido profundas. Eu o ajudei, e em troca ele me arruinou. Agora, algum dia, o destruirei.

Quando vi que perdia espaço em Mombaça, solicitei uma transferência para o interior, para M'gonga, onde permaneço atualmente, apenas a cinqüenta milhas da fronteira com Uganda. Trata-se de um entreposto para comércio de algodão e marfim, com somente oito homens brancos, além de mim. Um lugar bestial, quase na linha do equador, cheio de todo tipo de febres que a humanidade já conheceu. Serpentes venenosas e insetos por toda parte, e negros portadores de doenças de que ninguém ouve falar fora do ambiente médico. No entanto meu trabalho não é difícil, e tenho tempo de sobra para pensar no que fazer com Henry Moore. Diverte-me dar aos seus *Dípteros da África Central e Meridional* um lugar proeminente em minha estante. Suponho que seja realmente um manual padrão, usado em Colúmbia, em Harvard e em Winsconsin, porém minhas próprias sugestões é que são de fato responsáveis por metade de seus pontos fortes.

Na semana passada encontrei aquilo que me decidiu sobre o modo de acabar com Moore. Um grupo enviado de Uganda trouxe um negro acometido por uma doença que ainda não posso diagnosticar. O homem parecia letárgico, com uma temperatura muito baixa, e se contorcia de um modo peculiar. A maioria dos outros tinha medo dele, dizendo que estava sob algum tipo de feitiçaria; no entanto Gobo, o intérprete, disse que ele fora picado por um inseto. Qual fosse, não posso imaginar, pois há apenas uma ligeira ferroada no braço. É de um vermelho brilhante, porém com uma auréola arroxeada ao redor. De aparência espectral, não me espanto de que os rapazes a atribuam à magia negra. Parecem ter visto casos

semelhantes em outros tempos e dizem que, com efeito, não há nada a fazer.

O velho N'Kora, um dos nativos de Oromo a trabalhar no posto, sugere que possa ser a mordida de uma mosca-diabo, que faz com que suas vítimas se esgotem e morram, para então tomar posse de sua alma e de sua personalidade, se esta ainda estiver viva, voando por aí com todos os seus gostos, aversões e com sua consciência. Uma curiosa lenda, e não sei de inseto mortal o suficiente com o qual relacioná-la. Dei a esse negro doente (cujo nome é Mevana) uma boa dose de quinino e extraí uma amostra de seu sangue para exame, mas não obtive progresso. Existirá, certamente, algum germe estranho envolvido, mas não posso identificá-lo sequer remotamente. A coisa mais próxima é o bacilo que se encontra em bois, cavalos e cachorros picados pela tsé-tsé; porém moscas tsé-tsé não infectam seres humanos, e estamos muito ao norte para encontrá-las por aqui.

Entretanto o importante é que me decidi sobre como matar Moore. Se esta região interior tem insetos tão venenosos como os nativos afirmam, providenciarei para que receba um suprimento deles de uma fonte insuspeita, e com muitas garantias de que são inofensivos. Certo de que ele negligenciará toda cautela quanto ao estudo de uma espécie desconhecida, e então veremos como a natureza segue seu curso! Não será difícil achar um inseto que tanto amedronta os negros. Primeiro, observar o que acontece ao pobre Mevana, e então encontrar meus próprios emissários mortais.

7 de janeiro - Mevana não melhorou, embora eu lhe tenha aplicado todas as antitoxinas que conheço. Tem acessos de tremor, nos quais o ouvimos arengar medrosamente sobre o modo como sua alma passará, quando ele morrer, para o inseto que o picou; mas entre os acessos permanece numa espécie de semiestupor. Pulsação cardíaca ainda forte, de modo que poderei ajudá-lo. Tentarei, pois ele provavelmente pode me guiar melhor do que qualquer outro até a região onde foi picado.

Enquanto isso, escreverei ao doutor Lincoln, meu antecessor por aqui, pois Allen, o administrador chefe, diz que ele tinha um profundo conhecimento das doenças locais. Ele deverá saber sobre a mosca-diabo, se é que algum branco sabe. Está em Nairobi atualmente,

e um mensageiro negro deverá me trazer uma resposta dentro de uma semana, usando a ferrovia para a metade do trajeto.

10 de janeiro - Paciente estável, mas encontrei o que queria! Foi num antigo volume dos registros locais de saúde que eu tinha estado a percorrer com diligência enquanto esperava por notícias de Lincoln. Trinta anos atrás teria ocorrido uma epidemia que matou milhares de nativos em Uganda, e fora definitivamente atribuída a uma rara mosca chamada *Glossina palpalis,* um tipo de primo da *Glossina norsitans* ou tsé-tsé. Vive nos arbustos às margens de lagos e rios e se alimenta do sangue de crocodilos, antílopes e grandes mamíferos. Quando esses animais portam o germe da tripanossomíase, ou doença-do-sono, ela o adquire, desenvolvendo agudo poder de infecção num período de trinta e um dias. Então, durante setenta e cinco dias, passa a representar morte certa para qualquer um ou qualquer coisa que venha a picar.

Sem dúvida, essa deve ser a mosca-diabo de que falam os negros. Agora sei o que estou buscando. Espero que Mevana se levante. Devo receber notícias de Lincoln em quatro ou cinco dias; é grande a sua reputação em lidar com coisas desse tipo. Meu problema maior será passar as moscas a Moore sem que ele as reconheça. Com sua maldita aplicação acadêmica, não seria difícil que elejá as conhecesse desde que houvesse registros a respeito.

II

15 de janeiro - Acabo de receber notícias de Lincoln, que confirma tudo o que os registros dizem acerca da *Glossinapalpalis.* Ele dispõe de um remédio para a doença-do-sono que obteve sucesso num grande número de casos, desde que ministrado em tempo. Injeções intramusculares contra a infecção. Uma vez que Mevana foi picado há dois meses, não sei que efeito terá; mas Lincoln diz que sabe de casos que se arrastaram por dezoito meses, de modo que eu talvez não esteja tão atrasado. Lincoln enviou um pouco do material, e me apressei a dar a Mevana uma dose reforçada. Em estupor agora. Trouxeram da aldeia a sua primeira esposa, mas ele sequer a reconhece. Caso se recupere, certamente poderá mostrar-me o lugar onde estão as moscas. É um grande caçador de crocodilos, segundo informações, e conhece Uganda com a palma da mão. Vou lhe dar outra injeção amanhã.

16 de janeiro - Mevana parece hoje um pouco mais vívido, mas sua pulsação tem se atrasado um pouco. Manterei as injeções, mas evitarei sobrecargas.

17 de Janeiro - Melhoras realmente notáveis, hoje. Mevana abriu os olhos e mostrou sinais de efetiva consciência, embora ofuscada, após a injeção. Espero que Moore nada saiba sobre a triparsamida. Há boas chances de que não saiba, desde que nunca se dedicou à medicina. A língua de Mevana parece paralisada, mas creio que isso se corrigirá se eu ao menos conseguir despertá-lo. Até que apreciaria um bom sono eu mesmo, mas não dessa natureza!

25 de janeiro - Mevana quase curado! Com mais uma semana, e poderei fazer com que me leve até a selva. Estava amedrontado quando chegou, com medo de que a mosca tomasse sua personalidade depois da morte; mas finalmente se animou, quando lhe contei que ficaria bom. Sua esposa, Ugowe, cuida bem dele agora, de modo que posso descansar um pouco. Então, aos enviados da morte!

3 de fevereiro - Mevana está bem agora, e conversei com ele a respeito de caçar moscas. Ele teme aproximar-se do lugar onde elas o picaram, mas estou jogando com sua gratidão. No mais, ele supõe que posso tanto afastar doenças quanto curá-las. Sua coragem envergonharia um homem branco; não há dúvida de que ele irá. Posso me ausentar, dizendo ao administrador chefe que será uma viagem a serviço dos interesses sanitários.

12 de março - Em Uganda, finalmente! Tenho cinco rapazes, além de Mevana, mas são todos de Oromo. Não houve como contratar os negros locais, nem convencê-los a se aproximarem da região, depois do que aconteceu com Mevana. Esta selva é um lugar pestilento, fumegante de vapores miasmáticos. Todos os lagos parecem estagnados. Em certo ponto, descobrimos traços de ruínas ciclópicas que fizeram mesmo os oromenses recuar num círculo aberto. Dizem que esses megálitos são mais antigos que o próprio homem e que costumavam servir como abrigo ou posto avançado dos "Pescadores de Fora" - o que quer que isso signifique - e dos deuses malignos Tsathoggwa e Cthulhu. Hoje em dia, diz-se que tenham uma influência malévola e que, de algum modo, estejam conectados com as moscas-diabo.

15 de março - Atingimos o lago Mlolo nesta manhã, onde Mevana foi picado. Uma coisa diabólica, coberta por uma crosta verte e repleta de crocodilos. Mevana armou uma pequena arapuca para moscas, feita de arame, usando carne de crocodilo como isca. Possui uma abertura estreita, e uma vez que algum aventureiro penetre não terá condições de sair. São tão estúpidas quanto mortais, e loucas por carne fresca ou uma tigela de sangue. Espero que obtenhamos um bom suprimento. Decidi que preciso fazer experiências com elas, encontrando um modo de alterar sua aparência a um extremo que Moore não as reconheça. Possivelmente poderei cruzá-las com outras espécies, obtendo um híbrido estranho cuja capacidade de infecção não será diminuída. Veremos. Preciso esperar, mas agora não tenho pressa. Quando estiver pronto, farei com que Mevana me traga um pouco de carne infectada para alimentar meus enviados da morte. E, então, ao correio. Não deve haver problemas em captar a infecção, pois este país é um verdadeiro ninho de pestes.

16 de março - Sorte. Duas gaiolas cheias. Cinco vigorosos espécimes com asas que cintilam como diamantes. Mevana os está guardando num grande pote com uma tampa segura, e penso que os apanhamos a tempo. Poderemos levá-los a M'gonga sem dificuldades. Estocando carne de crocodilo suficiente para alimentá-los. Sem dúvida, toda ela ou a maior parte se acha infectada.

20 de abril - De volta a M'gonga e a trabalhar no laboratório. Solicitei ao doutor Joost, em Pretória, algumas tsé-tsés para experimentos de hibridização. Tal cruzamento, se funcionar, deverá produzir qualquer coisa bem difícil de reconhecer e, ao mesmo tempo, tão mortal quanto *aspalpalis.* Se não der certo, tentarei com outros dípteros do interior, e já mandei pedir ao doutor Vandervelde, em Nyangwe, alguns tipos do Congo. Não terei que mandar Mevana em busca de mais carne corrompida, pois creio que posso manter, por tempo indefinido, culturas em tubo do germe *Trypanossoma gambiense,* retirado da carne que conseguimos no mês passado. Quando chegar a hora, corromperei alguma carne fresca e alimentarei meus arautos alados com uma boa dose. Então, *bon voyage* para eles!

18 de junho - Minhas tsé-tsés enviadas por Joost chegaram hoje. Gaiolas para criação já estavam prontas há muito, e agora estou fazendo

seleções. Pretendo usar raios ultravioletas para acelerar o ciclo vital. Por sorte, disponho do aparato necessário no meu equipamento regular. Naturalmente, não digo a ninguém o que estou fazendo. A ignorância dos poucos homens daqui torna fácil esconder minhas intenções e fingir que estudo espécies existentes com propósitos científicos.

29 de junho - O cruzamento é fértil! Grandes depósitos de ovos na última quarta-feira, e agora tenho larvas excelentes. Se os insetos maduros parecem tão estranhos quanto elas, nada mais preciso fazer. Preparando gaiolas separadas e numeradas para os diferentes espécimes.

7 de julho - Novos híbridos se formaram! O disfarce é excelente quanto à forma, mas o lustro das asas sugere a *palpalis*. O tórax possui ligeiras sugestões das listras da tsé-tsé. Discretas variações entre os indivíduos. Tenho-as alimentado com carne corrompida de crocodilo, e depois que a infecciosidade se desenvolver vamos testá-las em alguns dos negros, com ares, é claro, de acidente. Há tantas moscas moderadamente venenosas por aqui que se pode fazer isso com facilidade e sem despertar suspeitas. Libertarei um inseto em minha sala de jantar hermeticamente protegida, quando Batta, meu camareiro, trouxer o café da manhã, mantendo-me em guarda eu mesmo. Quando ela fizer seu trabalho, vou capturá-la ou esmagá-la - uma tarefa simples, devido à conhecida estupidez - ou asfixiá-la enchendo o cômodo de gás clorídrico. Se não der certo da primeira vez, tentarei de novo até que dê. Decerto, terei à mão a triparsamida, para o caso de ser picado - mas tomarei cuidado para não o ser, pois nenhum remédio é garantido.

10 de agosto - Infecciosidade amadurecida, e providenciei para que Batta fosse picado de jeito. Apanhei a mosca sobre sua pele, devolvendo-a à gaiola. Amenizei a dor com iodo, e o pobre diabo ainda ficou grato pelo serviço. Esses serão os únicos testes que ousarei fazer por aqui. No entanto, se precisar de outros, levarei alguns espécimes até Ukala e obterei dados adicionais.

11 de agosto - Falhei com Gamba, mas recapturei a mosca viva. Batta ainda parece bem, como de costume, e não sente dor nas costas onde foi picado. Esperarei, antes de tentar em Gambá outra vez.

14 de agosto - Remessa de insetos por Vandervelde, finalmente. Sete espécies claramente distintas, algumas mais ou menos venenosas.

Mantenho-as bem alimentadas para o caso de o cruzamento com a tsé-tsé não funcionar. Algumas delas parecem bem diferentes da *palpalis,* mas o problema é que podem não produzir um cruzamento fértil com ela.

17 de agosto - Atingi Gamba hoje, mas tive de matar a mosca que pousou sobre ele. Ela o mordeu no ombro esquerdo. Tratei a picada, e Gamba ficou tão agradecido quanto Batta. Nenhuma alteração em Batta.

20 de agosto - Gamba ainda inalterado, e Batta também. Tenho experimentado com uma nova forma de disfarce para suplementar a hibridização - um tipo de tintura para mudar o brilho denunciador das asas da *palpalis*. Um matiz azulado seria bom, algo que eu pudesse borrifar sobre todo um enxame de insetos. Iniciarei investigando coisas como o azul-da-prússia e o azul-marinho, sais de ferro e cianogênio.

25 de agosto - Batta se queixou de uma dor nas costas hoje. As coisas podem estar em andamento.

3 de setembro - Obtive razoável progresso em meus experimentos. Batta exibe sinais de letargia e diz que suas costas doem o tempo todo. Gamba começa a sentir desconforto no ombro mordido.

24 de setembro - Batta piorando mais e mais e começando a se amedrontar por causa da picada. Acha que pode ser uma mosca-diabo e me implorou que a matasse, pois me viu colocá-la na gaiola, até que aleguei que ela já tinha morrido há muito. Disse-me que não pretendia que sua alma passasse para ela após sua morte. Dou-lhe injeções de água pura com uma seringa para manter seu moral. Evidentemente a mosca conserva todas as propriedades da *palpalis*. Gamba abatido também, e repetindo todos os sintomas de Batta. Posso decidir-me e lhe dar uma chance com a triparsamida, para o caso de a mosca provar sua eficiência. No entanto deixarei que Batta prossiga, pois quero ter uma idéia aproximada de quanto tempo um caso leva para terminar.

Experimentos com tintura revelando-se profícuos. Uma forma isomérica de ferro-ciano pode ser dissolvida em álcool e borrifada sobre os insetos com um efeito esplêndido. Ela mancha de azul as asas sem afetar muito o tórax escuro e não se apaga quando abluo os espécimes com água. Com esse disfarce, penso que poderei usar os híbridos atuais da tsé-tsé, sem me incomodar com outros experimentos. Por mais sagaz, Moore não poderia reconhecer uma mosca de asas azuladas com um meio tórax

de tsé-tsé. Naturalmente, mantenho todo esse assunto de tingimento sob segredo. Mais tarde, nada deverá me ligar às moscas azuis.

9 de outubro - Batta caiu em letargia e se recolheu ao leito. Tenho ministrado triparsamida em Gamba por duas semanas e suponho que se recobrará.

25 de outubro - Batta muito por baixo, mas Gamba praticamente bem.

18 de novembro - Batta morreu ontem, e uma coisinha aconteceu que me deu um grande estremecimento, em vista das lendas nativas e dos receios do próprio Batta. Quando retornei ao laboratório depois de sua morte, ouvi um zumbido e um bulício singulares na gaiola 12, onde estava a mosca que picara Batta. A criatura parecia frenética, mas se aquietou quando apareci, brilhando sobre a grade de arame e olhando para mim de um modo estranhíssimo. Lançava as patas sobre os olhos, como se estivesse desnorteada. Quando voltei, após ter jantado com Allen, a coisa estava morta. Evidentemente teria enlouquecido e morrido de tanto se chocar contra a gaiola.

Certamente é peculiar que isso tenha ocorrido logo que Batta morreu. Se algum negro o tivesse visto, teria creditado o fato à absorção da alma do pobre diabo. Dentro de pouco tempo colocarei meus híbridos azulados a caminho. O poder de morte dos híbridos parece um pouco maior do que o da *palpalis* pura, suponho. Batta morreu três meses e oito dias após a infecção - mas, naturalmente, há sempre uma larga margem de incerteza. Quase desejaria ter deixado o caso de Gamba prosseguir.

5 de dezembro - Ocupado em planejar o modo como enviarei meus arautos a Moore. Preciso fazer com que pareça terem vindo de algum entomologista desinteressado, o qual teria lido os seus *Dípteros da África Central e Meridional* e acreditaria que ele se interessasse em estudar esta "espécie nova e não identificada". Deverá haver também amplas garantias de que a mosca de asas azuis seja inofensiva, como o prova a longa experiência dos nativos. Moore baixará a guarda, e uma das moscas certamente o pegará mais cedo ou mais tarde, embora não se possa dizer quando.

Terei de confiar nas cartas de amigos de Nova Iorque (ainda falam de Moore, de tempos em tempos) para me manter informado acerca dos

últimos resultados, embora eu ouse dizer que os jornais anunciarão sua morte. Sobretudo, preciso mostrar agora interesse em seu caso. Enviarei as moscas durante uma viagem, mas não devo ser reconhecido quando o fizer. O melhor plano será tirar umas longas férias no interior, deixar a barba crescer, postar a encomenda em Ukala, passando por lá como um entomologista visitante, e retornar para aqui depois de raspar a barba.

12 de abril de 1930 - De volta a M'gonga depois de minha longa viagem. Tudo correu da melhor maneira, com precisão de relógio. Enviei as moscas a Moore sem deixar rastros. Tirei férias natalinas, em 15 de dezembro, e parti de imediato com o material preparado. Providenciei uma excelente embalagem para correio, com espaço bastante para incluir alguma carne de crocodilo contaminada, para a alimentação dos enviados. Até o fim de fevereiro, já tinha barba bastante para me passar por um perfeito Van Dyke.

Apareci em Ukala, a 19 de março, e datilografei uma carta para Moore na máquina do entreposto comercial. Assinei como "Nevil Wayland-Hall", suposto entomologista de Londres. Penso ter conseguido o tom certo: interesse de parceiro cientista e tudo o mais. Fui artisticamente casual ao enfatizar a "total ausência de periculosidade" dos espécimes. Ninguém suspeitou de nada. Barbeei-me assim que cheguei ao mato, de modo que não se notasse nenhuma irregularidade quando estivesse de volta. Prescindi de carregadores nativos, exceto num pequeno trecho pantanoso. Sou capaz de prodígios com uma simples mochila, e meu senso de direção é bom. Por sorte, estou acostumado a tais viagens. Expliquei minha ausência prolongada, alegando uma ponta de febre e alguns erros de direção enquanto atravessava o mato.

Mas agora vem, psicologicamente, a pior parte - esperar notícias de Moore sem demonstrar ansiedade. Naturalmente, ele pode muito bem escapar às picadas até que o veneno se esgote; mas com o seu estouvamento as chances são de uma para cem contra ele. Não me arrependo de nada. Depois do que me fez, ele merece isso e muito mais.

30 de junho de 1930 - Ufa! O primeiro passo foi dado! Acabo de ouvir casualmente de Dyson, da Columbia, que Moore recebeu da África algumas moscas novas, de asas azuis, e que está absolutamente intrigado com elas! Nenhuma palavra sobre picadas; mas, se conheço o jeito

relaxado de Moore, como penso conhecer, não tardará a acontecer alguma coisa.

27 de agosto de 1930 - Carta de Morton, de Cambridge. Diz que Moore escreveu sobre sentir-se abatido e fala de uma picada de inseto na parte de trás do pescoço - de um curioso espécime novo que recebeu por meados de junho. Terei tido sucesso? Aparentemente Moore não conecta a mordida com sua fraqueza. Se a coisa for de verdade, então Moore foi picado bem dentro do período de infecciosidade dos insetos.

12 de setembro de 1930 - Vitória! Outra linha de Dyson diz que Moore se acha num estado alarmante. Ele agora relaciona sua doença com a picada, que recebeu no entardecer de 19 de junho, e está completamente confuso quanto à identidade do inseto. Tem tentado obter contato com o tal "Nevil Wayland-Hall", que lhe mandou a encomenda. Das cem que lhe enviei, cerca de vinte e cinco parecem ter chegado vivas. Algumas escaparam ao prazo para a mordida, mas várias larvas surgiram de ovos colocados desde o dia da postagem. Ele está, Dyson diz, encubando cuidadosamente essas larvas. Quando amadurecerem, suponho que identificará a hibridização da tsé-tsé *palpalis,* mas isso de pouco lhe servirá. No entanto se perguntará por que as asas azuis não se transmitem por hereditariedade!

8 de novembro de 1930 - Cartas de meia dúzia de amigos falam da séria enfermidade de Moore. A de Dyson chegou hoje. Diz que Moore está absolutamente desnorteado sobre os híbridos que surgiram das larvas e começou a pensar que os pais obtiveram suas asas azuis por algum processo artificial. Passa a maior parte do tempo na cama agora. Nenhuma menção ao uso de triparsamida.

13 de fevereiro de 1931 - Contratempos! Moore afunda e parece não conhecer nenhum remédio, mas creio que suspeita de um. Recebi uma carta bastante animada de Morton, no mês passado, que não mencionava Moore; e agora Dyson escreve, algo constrangido, que Moore está elaborando teorias sobre o assunto. Tem procurado "Wayland-Hall", por meio do telégrafo, em Londres, Ukala, Nairobi, Mombaça e outros lugares; e, naturalmente, nada encontra. Julgo que terá aventado com Dyson acerca do suspeito, mas que Dyson ainda não acredita. Temo que Morton acredite.

Vejo que o melhor é traçar planos para fugir daqui e camuflar minha identidade. Que fim para uma carreira que se iniciou tão bem! Mais um trabalho de Moore; mas agora está pagando por ele adiantado! Creio que retornarei à África do Sul. E, enquanto isso, tratarei discretamente de depositar algum fundo lá a crédito de meu novo eu, "Frederick Nasmyth Mason, de Toronto, Canadá, agente de minerações". Estabelecerei uma nova assinatura, para identificação. Se nunca tiver de dar esse passo, poderei facilmente transferir de volta os fundos para minha identidade atual.

15 de agosto de 1931 - Meio ano já, e ainda o suspense. Dyson e Morton, bem como vários outros amigos, parecem ter parado de me escrever. O doutor James, de São Francisco, recebe vez por outra notícias dos amigos de Moore e diz que Moore se acha num quase contínuo estado de coma. Não tem podido andar desde maio. Enquanto conseguia falar, queixava-se de frio. Agora não consegue falar, embora se pense que ainda tenha relances de consciência. Sua respiração é rápida e curta e pode ser ouvida à distância. Nenhuma questão além do *Trypanossoma gambiense* lhe interessa agora; mas ele resiste melhor do que os negros por aqui. Três meses e oito dias acabaram com Batta, e aqui está Moore, vivo, mais de um ano após ter sido picado. Ouvi rumores, no mês passado, sobre uma intensa busca por "Wayland-Hall" nos arredores de Ukala. No entanto não acho que haja necessidade de me preocupar, pois não existe absolutamente nada que me ligue a esse negócio.

7 de outubro de 1931 - Acabou-se, finalmente! Notícias na *Mombasa Gazette*. Moore morreu a 20 de setembro, depois de vários acessos de tremor e com uma temperatura largamente abaixo do normal. E foi tudo! Eu disse que o pegaria, e o fiz! O jornal traz um relato de três colunas acerca de sua doença e morte, e sobre a improfícua busca por "Wayland-Hall". Obviamente, Moore era na África um personagem maior do que pensei. O inseto que o picou foi agora identificado adequadamente, a partir dos espécimes sobreviventes e das larvas desenvolvidas, e a tintura das asas também foi detectada. Notou-se, de modo geral, que as moscas teriam sido preparadas e enviadas com o intuito de matar. Moore, ao que parece, comunicou certas suspeitas a Dyson, mas este último, junto com a polícia, tem mantido segredo, devido à ausência de provas. Todos os inimigos de Moore têm sido observados, e a Associated Press aventa que

"uma investigação, possivelmente envolvendo um médico eminente que se acha exterior, se seguirá".

Uma coisa bem no finalzinho da notícia (sem dúvida a invenção romanesca de algum jornalista menor) me trouxe um curioso estremecimento, em vista das lendas dos negros e do modo como as moscas se tornaram indóceis quando Batta morreu. Parece que um incidente estranho teve lugar na noite em que Moore morreu. Dyson foi despertado pelo zunido de uma mosca de asas azuis, a qual imediatamente voou pela janela, logo antes de a enfermeira telefonar dando notícias da casa de Moore, milhas distante, no Brooklyn.

Mas o que mais me diz respeito é o final africano do caso. Pessoas em Ukala se lembram do estrangeiro barbado que datilografou a carta e mandou o pacote, e os investigadores estão varrendo o país em busca de quaisquer negros que o tenham ajudado. Não empreguei muitos, mas se os oficiais questionarem os nativos que me conduziram através do cinturão da selva N'Kini, terei de explicar mais do que pretendo. Ao que parece, chegou a hora de desaparecer. Portanto, amanhã creio que pedirei demissão e me prepararei para viajar a algum lugar desconhecido.

9 de novembro de 1931 - Trabalho duro para manejar minha demissão, mas a liberação veio hoje. Não quis agravar suspeitas arribando imediatamente. Na semana passada ouvi de James alguma coisa sobre a morte de Moore, mas não mais do que viera nos jornais. As pessoas de seu círculo em Nova York se mostram bastante reticentes quanto aos detalhes, embora todos falem de uma investigação. Nenhuma palavra de meus amigos do Leste. Moore deve ter semeado suspeitas perigosas ao seu redor antes de perder a consciência, mas não existe a menor prova que ele pudesse ter aduzido.

Mesmo assim, não quero correr riscos. Na quinta-feira partirei para Mombaça e uma vez lá tomarei um vapor até Durban, descendo pela costa. Depois disso sumirei de vista. Porém logo em seguida o agente de minerações Frederick Nasmyth Mason, de Toronto, aparecerá em Johannesburg.

Seja este o final de meu diário. Se no fim eu não estiver sob suspeita, servirá ao seu propósito original, após minha morte, e revelará o que de outro modo não seria conhecido. Se, por outro lado, tais suspeitas

se materializarem e persistirem, confirmará e clarificará as acusações vagas, preenchendo importantes e desconcertantes lacunas. Naturalmente, se o perigo me ameaçar, terei de destruí-lo.

Bem, Moore está morto, como muito bem merecia estar. Agora o doutor Thomas Slauenwite está morto também. E quando o corpo que pertenceu a Thomas Slauenwite estiver morto, o público poderá conhecer este relato.

III

15 de Janeiro de 1932 - Um novo ano, e uma relutante reabertura deste diário. Desta vez estou escrevendo unicamente para aliviar meu espírito, pois seria absurdo imaginar que o caso não esteja definitivamente encerrado. Instalei-me no Hotel Vaal, em Johannesburg, sob meu novo nome, e ninguém até agora duvidou de minha identidade. Tive algumas conversas inconclusivas sobre negócios, para reforçar meu papel como agente de mineração, e creio que possa até entrar nesse ramo. Mais tarde irei a Toronto e semearei algumas evidências acerca de meu passado fictício.

Mas o que me preocupa foi um inseto que invadiu meu quarto por volta do meio-dia de hoje. Por certo tenho tido toda sorte de pesadelos com moscas azuis ultimamente, mas esses eram previsíveis em vista de minha permanente tensão nervosa. Esta coisa, porém, era uma verdade da vigília, e estou completamente desorientado a seu respeito. Zumbiu em torno de minha estante por um bom quarto de hora e se esquivou a qualquer tentativa de capturá-la ou de matá-la. A coisa mais inusitada era a sua cor e o seu aspecto, pois tinha asas azuis e era, sob todos os títulos, uma duplicata de meus enviados híbridos da morte. Se poderia ser de fato um deles não tenho a menor idéia. Tive controle sobre todos os híbridos - manchados e não manchados - que não enviei a Moore, e não posso me lembrar de nenhuma evasão.

Seria isso uma completa alucinação? Ou algum dos espécimes que escaparam no Brooklyn quando Moore foi picado poderia ter achado seu caminho de volta para a África? Houve aquela história absurda da mosca que despertou Dyson quando Moore morreu. Mas, afinal, a sobrevivência e o retorno de alguns dos bichos não são de todo impossíveis. É perfeitamente possível que o azul tenha aderido às asas,

pois o pigmento que apliquei era tão permanente quanto a tatuagem. Por eliminação, essa pareceria ser a única explicação racional para a coisa, conquanto seja bastante curioso que o bicho tenha chegado a tal extremidade no sul. Possivelmente se tratará de algum instinto inerente ao ramo das tsé-tsés. Afinal, essa parte do grupo pertence à África do Sul.

Preciso me precaver contra picadas. Naturalmente o veneno original (se esta for realmente uma das moscas que escaparam de Moore) se esvaiu eras atrás; mas o exemplar deve ter se alimentado quando retornou da América e pode muito bem ter vindo através da África Central, readquirindo a infecciosidade. Com efeito, é mais provável do que improvável. Para *apalpalis* metade de sua hereditariedade a levaria de volta a Uganda e a todos os germes da tripanossomíase. Ainda tenho um pouco de triparsamida - não suportaria destruir minha caixa de remédios, por mais incriminadora que seja - mas, desde que comecei a ler sobre o assunto, já não estou mais tão seguro da ação da droga quanto estive no começo. A mesma concede ao indivíduo uma oportunidade de lutar, e certamente salvou Gamba, mas sempre resta uma imensa probabilidade de fracasso.

É diabolicamente estranho que essa mosca tenha entrado bem em meu quarto, de todos os lugares da imensa extensão africana! Parece conduzir ao extremo uma coincidência. Suponho que, se retornar, eu certamente a matarei. Estou surpreso de que me tenha escapado hoje, pois ordinariamente esses tipos são bastante estúpidos e fáceis de apanhar. Seria uma pura ilusão, afinal de contas? Certamente o calor está me afetando nestes últimos tempos, como nunca o fez antes, mesmo lá em Uganda.

16 de janeiro - Estarei enlouquecendo? A mosca retornou nesta tarde e agiu de um modo anormal, que me pareceu sem pés nem cabeça. Somente uma ilusão de minha parte poderia explicar o que aquela peste zunidora parecia estar fazendo. Surgiu de lugar nenhum e foi direto para minha estante, fazendo círculos e círculos diante de uma cópia dos *Dípteros da África Central e Meridional,* de Moore. De vez em quando, coruscava em cima ou atrás do volume, mas no final dardejava em direção a mim e se retirava antes que eu pudesse atingi-la com algum papel dobrado. Nunca se ouviu falar de semelhante esperteza com relação aos dípteros notoriamente estúpidos da África.

Por quase meia hora tentei acertar a maldita, mas por fim ela disparou janela a fora, através de um buraco no mosquiteiro que eu não havia notado. Por vezes imaginei que estivesse a zombar de mim, entrando no alcance de minha arma e então, com muita destreza, se esquivando quando eu a atacava. Preciso ter mais controle sobre minha consciência.

17 de Janeiro - Ou eu estou louco ou o mundo foi vítima de uma súbita suspensão das leis da probabilidade, conforme as conhecemos. A mosca infame surgiu de algum lugar logo antes do meio-dia e começou a zumbir em torno da cópia dos *Dípteros* de Moore que está em minha estante. Outra vez tentei apanhá-la, e outra vez a experiência de ontem se repetiu. Finalmente a peste disparou em direção a um tinteiro sobre minha mesa e enfiou nele as patas e o tórax, mantendo limpas as asas. Então voou até o teto e pousou, começando a rastejar e deixando um rastro de tinta. Após algum tempo estremeceu um pouco e fez uma única mancha de tinta, desconectada do rastro. Por último desceu direto até meu rosto e, finalmente, zumbindo, sumiu de vista antes que eu pudesse pegá-la.

Alguma coisa em tudo isso me soou sinistramente monstruosa e anormal, e muito mais do que eu poderia explicar a mim mesmo. Olhado sob diferentes ângulos, o rastro de tinta no teto pareceu-me cada vez mais familiar, e de repente me ocorreu que formava um ponto de interrogação absolutamente perfeito. Que maligno truque poderia ser mais apropriado? Espanto-me de não ter desmaiado. No entanto os ajudantes do hotel não o notaram. Não viram a mosca nesta tarde e neste anoitecer, mas estou mantendo meu tinteiro bem fechado. Penso que o extermínio de Moore esteja me perseguindo e me proporcionando mórbidas alucinações. Talvez não haja mosca nenhuma.

18 de janeiro - Em que estranho inferno de pesadelo vivo estarei mergulhado? O que ocorreu hoje é algo que não poderia acontecer normalmente; e, no entanto, um empregado do hotel viu as marcas no teto e admite sua realidade. Por volta das onze da manhã, quando eu trabalhava num manuscrito, alguma coisa se atirou para dentro do tinteiro pela fração de um segundo e relampejou para o alto outra vez, antes que eu pudesse ver o que era. Erguendo os olhos, vi no teto aquela mosca infernal, como tinha visto antes, a rastejar e a traçar uma nova trilha de curvas e volteios. Não havia nada que eu pudesse fazer, mas

enrolei um jornal na expectativa de atingir a criatura caso ela se aproximasse o bastante. Depois de ter feito várias voltas no teto, voou para

um canto escuro e desapareceu. E quando olhei de novo para o emboço desfigurado notei que a nova trilha de tinta compunha a enorme e inequívoca imagem do algarismo 5.

Por um tempo fiquei quase inconsciente diante de uma onda de inominável ameaça da qual não me dava conta totalmente. Então convoquei toda a minha resolução e tomei uma atitude. Fui até uma loja de materiais químicos e comprei resina e outras coisas necessárias à preparação de uma armadilha pegajosa, e também um tinteiro similar. Retornando ao quarto, enchi o tinteiro com a mistura viscosa e o coloquei aberto no ponto onde estivera o original. Em seguida tentei me concentrar em alguma leitura. Por volta das três horas ouvi de novo o maldito inseto e o vi circulando em torno do tinteiro. Desceu até a superfície viscosa, mas não a tocou; e logo após avançou em minha direção, recuando antes que eu o atingisse. Então foi até à estante e circulou em torno do tratado de Moore. Há alguma coisa de profunda e diabólica no modo como o intruso esvoaça perto desse livro.

A pior parte foi a última. Abandonando o livro de Moore, o inseto voou em direção à janela e começou a se chocar ritmadamente contra a tela de arame. Ouvia-se uma série de batidas e então uma série de igual extensão e depois uma pausa e assim por diante. Alguma coisa nessa performance me manteve paralisado por alguns instantes, mas logo em seguida disparei para a janela e tentei matar aquele bicho nocivo. Como sempre, nenhum resultado. Ele simplesmente voou através do cômodo em direção a uma lâmpada e começou a bater no mesmo ritmo contra o quebra-luz de cartão. Senti um vago desespero e tratei de fechar todas as portas, bem como a janela em cuja tela havia o buraco imperceptível. Pareceu-me bastante necessário matar essa criatura persistente, cujo assédio em breve teria perturbado minha cabeça. Então, contando inconscientemente, comecei a notar que cada série de batidas continha exatos cinco toques.

Cinco - o mesmo número que a coisa tinha traçado a tinta no teto pela manhã! Podia-se conceber alguma conexão? A idéia era maníaca, pois fazia supor um intelecto humano e um conhecimento de escrita por parte da mosca híbrida. Um intelecto humano - não se estaria com isso

recuando às mais primitivas lendas dos negros ugandenses? E ainda havia aquela esperteza infernal em ludibriar-me, que contrastava com a estupidez normal da espécie. Quando pus de parte meu jornal dobrado e me sentei, tomado de crescente horror, o inseto esvoaçou zumbindo e desapareceu através de um buraco do teto, por onde o cano do aquecimento subia para o quarto de cima.

A partida não me acalmou, pois minha mente havia disparado numa cadeia de reflexões frenéticas e terríveis. Se essa mosca tivesse uma inteligência humana, de onde viera tal inteligência? Haveria alguma verdade na concepção nativa de que essas criaturas adquiriam a personalidade de suas vítimas após a morte destas últimas? Em caso afirmativo, qual personalidade essa mosca incorporara? Imaginei que fosse uma das que tinham escapado a Moore na época em que fora picado. *Seria este o enviado da morte que picara Moore? Se o era, o que queria comigo? O que queria comigo, afinal de contas?* Suando frio, lembrei-me das ações da mosca que tinha picado Batta quando Batta morreu. Teria sido sua personalidade substituída por aquela de sua vítima morta? Então havia também aquele relato sensacional da mosca que despertou Dyson quando Moore morreu. Quanto à mosca que me assediava, poderia ocorrer que uma personalidade humana vingativa a estivesse guiando? Como esvoaçava em torno do livro de Moore! Recusei-me a pensar mais além disso. Subitamente comecei a ter certeza de que a criatura estava de fato infectada e do modo mais virulento. Com deliberação maligna, bastante evidente em cada ato seu, teria certamente se carregado de propósito com os bacilos mais mortais de toda a África. Minha mente, completamente abalada, estava agora levando em conta as qualidades humanas da criatura.

Telefonei de imediato para o gerente e pedi que um homem viesse fechar a abertura do cano do radiador e outras possíveis fendas do meu quarto. Falei de estar sendo atormentado por moscas, ao que ele me pareceu inteiramente solícito. Quando o homem veio, mostrei-lhe as marcas de tinta no teto, que ele reconheceu sem dificuldade. Então são reais! A semelhança com um ponto de interrogação e um número cinco o intrigaram e o fascinaram. Por fim, ele bloqueou todos os buracos que conseguiu encontrar e remendou o mosquiteiro da janela. Evidentemente me julgou um tanto excêntrico, até porque nenhum inseto apareceu

enquanto ele esteve aqui. Mas estou longe de me incomodar com isso. Até agora a mosca não apareceu por esta noite. Só Deus sabe o que ela é, o que ela quer, e o que será de mim!

19 de janeiro - Estou completamente engolfado no horror. *A coisa me tocou.* Qualquer coisa de monstruosa e demoníaca está em andamento à minha volta, e eu não sou senão uma vítima indefesa. Pela manhã, quando voltei do desjejum, aquele demônio alado do inferno se precipitou para dentro do quarto, voando sobre minha cabeça, e começou a martelar contra a proteção da janela, tal como o fizera ontem. Desta vez, porém cada série de batidas continha apenas quatro pancadas. Corri à janela e tentei capturá-la, mas ela me escapou, como de costume, e voou para o tratado de Moore, sobre o qual esvoaçou com escárnio. Seu aparelhamento vocal é limitado, mas notei que seus zumbidos se produziam em grupos de quatro.

Mas desta vez eu estava louco, com certeza, pois gritei: "Moore, Moore, pelo amor de Deus, o que você quer?" Quando o fiz, a criatura parou subitamente de circular, voou em minha direção e fez um profundo, gracioso mergulho no ar, semelhante a um aceno sugestivo. Pelo menos, pareceu-me ter visto isso, conquanto eu já não confie mais em meus sentidos.

E então o pior aconteceu. Eu deixara minha porta aberta, na esperança de que o monstro saísse, se eu não o pegasse, mas por volta das 11h30 a fechei, concluindo que ele se fora. Então me acomodei para ler. Logo ao meio-dia senti um prurido em minha nuca, mas quando levei a mão não havia nada. Num instante senti cócegas outra vez e, antes que pudesse me mover, aquele fruto inominável do inferno apareceu em meu campo de visão, executou outro daqueles mergulhos zombeteiros e graciosos no ar, e fugiu através do buraco da fechadura, que eu nunca imaginei fosse largo o bastante para a sua passagem.

De que a coisa tinha me tocado eu não podia duvidar. Tocara-me sem me injuriar. E, então, lembrei-me com um súbito arrepio gelado de que Moore tinha sido picado *na parte de trás do pescoço, ao meio-dia.* Nenhuma invasão desde então, mas já tratei de vedar com papel todos os buracos das fechaduras e manterei um maço de papel enrolado pronto para uso a qualquer momento em que saia ou que entre.

20 de janeiro - Não posso ainda crer inteiramente no sobrenatural, entretanto não sinto menos que estou perdido. A questão é demais para mim. Pouco antes do meio-dia de hoje aquele demônio apareceu *do lado de fora* da janela e repetiu sua operação de bater, mas desta vez em séries de *três*. Quando fui à janela, ele desapareceu. Ainda tenho resolução bastante para tomar uma última medida defensiva. Removendo ambos os mosquiteiros, lambuzei-os com meu preparado de visgo, o mesmo que usei no tinteiro, por dentro e por fora, e os recoloquei no lugar. Se aquela criatura tentar bater de novo, há de ser pela última vez!

O resto do dia em paz. Posso resistir a esta experiência sem me tornar um maníaco?

21 de janeiro - A bordo do trem para Bloemfontein.

Estou destroçado. A coisa me vence. Possui uma inteligência diabólica contra a qual todos os meus recursos são inoperantes. Apareceu do lado de fora da janela nesta manhã, *mas não tocou na tela visguenta.* Antes, passou rente, sem a tocar, e se pôs a zumbir em círculos - *dois por vez,* seguidos de uma parada no ar. Depois de várias dessas operações, sumiu de vista por sobre os telhados da cidade. Meus nervos estão a ponto de se partir, pois essas *sugestões de números* são passíveis de uma horrenda interpretação. Na segunda-feira, a coisa se demorou na imagem do *cinco*; na terça foi o *quatro;* na quarta foi o *três;* e agora, hoje, é o *dois. Cinco, quatro, três, dois* - que mais pode ser senão uma monstruosa e inconcebível *contagem de dias?* E com que propósito apenas os poderes malignos do universo poderão dizer! Passei toda a tarde embalando e arrumando meus pertences, e agora tomei o expresso noturno para Bloemfontein. A fuga pode ser inútil, mas o que mais se pode fazer?

22 de janeiro - Hospedado no Orange Hotel, em Bloemfontein, um lugar confortável e excelente, mas o horror me seguiu. Fechei todas as portas e as janelas, entupi todos os buracos de fechaduras, investiguei cada pequena frincha, e corri todas as venezianas; mas, pouco antes do meio-dia, ouvi um estalido curto contra um dos mosquiteiros. Esperei - e, depois de uma longa pausa, outro estalido ocorreu. Uma segunda pausa, e mais um estalido. Erguendo a veneziana, avistei a maldita mosca, conforme esperara. Ela descreveu um círculo aberto e lento no ar, e então desapareceu de vista. Senti-me exaurido como um farrapo e tive

de me apoiar no sofá. *Um!* Esse era claramente o conteúdo da verdadeira mensagem do monstro. *Uma* batida, *um* círculo. Significaria para mim mais *um* único dia, antes de algum destino impensável? Eu deveria escapar de novo ou me entrincheirar aqui, fechando hermeticamente todo o quarto?

Depois de uma hora de repouso, senti-me capaz de agir e mandei que me trouxessem um grande provimento de comida enlatada e embalada, e também roupas de mesa e de banho. Amanhã não abrirei, em qualquer circunstância, nenhuma fenda de janela ou de porta. Quando trouxe as toalhas e os lençóis, o negro olhou-me com estranheza, mas não me importa parecer excêntrico agora ou sequer insano. Tenho sido perseguido por forças muito piores que os ridículos dos homens. Ao receber as encomendas, vasculhei cada milímetro quadrado das paredes e vedei mesmo cada abertura microscópica que pude encontrar. Por fim, senti-me em condições de dormir um pouco.

(A caligrafia aqui se torna irregular, nervosa e muito difícil de decifrar.)

23 de janeiro - Já é quase meio-dia, e sinto que alguma coisa horrível está para acontecer. Não dormi tanto quanto esperava, mesmo não tendo dormido nada no trem na noite anterior. Levantei-me cedo, com dificuldades de me concentrar no que quer que fosse, seja a leitura ou a escrita. Essa contagem lenta e deliberada dos dias é demais para mim. Não sei qual delas enlouqueceu, se a natureza ou se minha cabeça. Até por volta das onze nada fiz senão andar pelo quarto.

Então ouvi um rumor por entre os fardos de alimentos trazidos ontem, e aquela mosca demoníaca se arrastou para fora diante de meus olhos. Agarrei qualquer coisa plana e tentei atingir a coisa, a despeito de meu pânico, mas com o mesmo resultado de sempre. Enquanto eu avançava, aquele horror de asas azuis se retirou, como de costume, para a mesa onde eu empilhara meus livros, e dardejou por um minuto sobre os *Dípteros da África Central e Meridional*. Então, como eu insistisse, voou em direção ao relógio da cornija e pousou sobre o número 12. Antes que eu pensasse em qualquer movimento, começou a girar sobre o mostrador com lentidão deliberada, seguindo na direção dos ponteiros. Passou sob o ponteiro dos minutos, abaixou-se, ergueu-se, passou sob o

ponteiro das horas, e finalmente parou bem em cima do 12. Enquanto permaneceu aí, agitou as asas com um forte zumbido.

Será algum portento desconhecido? Estou ficando tão supersticioso quanto os negros. São agora pouco mais de onze horas. Às doze horas será o fim? Restou-me um último recurso, que me veio à mente em meio ao mais extremo desespero. Lembrando-me de que minha valise de medicamentos contém ambas as substâncias necessárias para produzir gás clorídrico, tomei a decisão de encher o quarto com esse vapor letal, asfixiando a mosca, enquanto me protejo com um lenço embebido em amônia, que amarrarei sobre o rosto. Por sorte, tenho uma boa reserva de amônia. Essa máscara improvisada provavelmente neutralizará as emanações do ácido clorídrico até que o inseto esteja morto ou, pelo menos, indefeso o bastante para ser esmagado. Mas preciso ser rápido. Como posso ter certeza de que o bicho não disparará contra mim antes que eu termine os preparativos? Eu nem deveria me interromper para escrever este diário.

Mais tarde - Ambas as substâncias - ácido clorídrico e dióxido de manganês - sobre a mesa, prontas para misturar. Amarrei o lenço sobre o nariz e a boca e tenho uma garrafa de amônia para mantê-lo encharcado até que o gás clorídrico se dissipe. Fechei ambas as janelas. Mas não me agradam as ações do demônio híbrido. Permanece no relógio, mas se arrasta lentamente do número 12 em direção ao ponteiro dos minutos, que não pára.

Será esta minha última anotação no diário? Seria inútil tentar negar minhas suspeitas. Freqüentemente um grão de verdade bruxuleia por trás das lendas mais fantásticas e selvagens. Trata-se da personalidade de Henry Moore, que tenta me pegar por meio desse demônio de asas azuis? É esta a mosca que o picou e que, em conseqüência, lhe absorveu a personalidade quando ele morreu? Se o for, e se ela me picar, minha própria personalidade substituirá a de Moore, entrando naquele corpo zunidor quando eu mesmo morrer picado em seguida? Talvez, contudo, eu não morra necessariamente se ela me pegar. Sempre existe uma chance com a triparsamida. E eu não me arrependo de nada. Moore tinha de morrer, quaisquer que fossem as conseqüências.

(Pouco mais tarde)

A mosca parou sobre o mostrador do relógio próximo à marca dos 45 minutos. São agora 1 1h30. Estou saturando o lenço com amônia que apliquei sobre o rosto e mantenho a garrafa à mão para novas aplicações. Esta será a última anotação antes que eu misture o ácido e o manganês para liberar o gás clorídrico. Eu não deveria estar perdendo tempo, mas me aflige a necessidade de colocar tudo no papel. Mas, quanto a este relato, eu já terei perdido minha razão há muito tempo. A mosca parece estar se tornando impaciente, e o ponteiro de minutos se aproxima dela. Agora, ao gás clorídrico...

(Fim do diário)

No domingo, dia 24 de janeiro de 1932, após repetidas pancadas na porta do excêntrico ocupante do quarto 203 do Orange Hotel, que não obtiveram resposta, o camareiro negro entrou, usando a chave de reserva, e logo disparou aos gritos pela escada abaixo, a fim de informar o funcionário sobre o que tinha encontrado. O funcionário, após notificar a polícia, chamou o gerente, e este último acompanhou o guarda De Witt, o juiz Bogaert e o doutor Van Keulen até o quarto fatídico.

O ocupante jazia morto sobre o soalho, de face para cima, envolta num lenço que cheirava a amônia. Sobre essa proteção, suas feições exibiam uma expressão de medo extremado, que se transmitiu aos observadores. No dorso do pescoço o doutor Van Keulen descobriu a mordida de algum inseto virulento (vermelha escura, com uma auréola roxa ao redor), que sugeria a tsé-tsé ou qualquer coisa menos inócua. Um exame indicou que a morte deveria ter sido causada mais por parada cardíaca, resultante de pânico, do que pela mordida, conquanto uma autópsia posterior mostrou que o germe da tripanossomíase fora introduzido no organismo.

Sobre a mesa havia diversos objetos: um velho caderno de notas encapado em couro, contendo o diário, conforme descrito, uma caneta, um bloco de anotações, um tinteiro aberto, uma valise de medicamentos com as iniciais *T. S.* gravadas em ouro, frascos de amônia e de ácido clorídrico, e um copo contendo mais ou menos um quarto de dióxido de manganês escuro. A garrafa de amônia exigiu uma segunda olhada, pois que parecia haver nela alguma coisa a mais além do fluido. Examinando de perto, o investigador Bogaert percebeu que o estranho ocupante era uma mosca.

Parecia tratar-se de algum híbrido com vagas filiações da tsé-tsé, mas as asas, exibindo um pálido azul, a despeito da ação forte da amônia, eram completamente intrigantes. Alguma coisa nela trouxe ao doutor Van Keulen a vaga recordação de uma notícia lida em jornal, recordação que o diário logo confirmaria. Suas partes inferiores pareciam ter sido manchadas com tinta, tão intensamente que nem a amônia as empalidecera. Provavelmente teria caído no tinteiro alguma vez, embora as asas parecessem intactas. Mas como teria penetrado através do gargalo estreito da garrafa de amônia? Era como se a criatura tivesse entrado deliberadamente para cometer suicídio!

Mas o mais estranho foi o que o guarda De Witt descobriu no forro do teto, enquanto seus olhos vagueavam pelo cômodo com curiosidade. Ao seu grito, os outros três seguiram seu olhar, até mesmo o doutor Van Keulen, que permanecera por um instante a tamborilar os dedos na capa de couro do livro, com uma expressão que misturava horror, fascínio e incredulidade. O que havia no teto era uma série de trêmulos e erradios traços feitos a tinta, tais como se produzidos pelo arrastar-se de algum inseto encharcado. Imediatamente todos pensaram nas manchas da mosca que estava na garrafa de amônia.

Mas esses não eram traços ordinários. Mesmo num primeiro relance se percebia neles alguma coisa de assombrosamente familiar, e uma inspeção mais atenta fez os quatro observadores engasgarem de espanto. O juiz Bogaert instintivamente procurou no quarto por algum instrumento ou empilhamento de mobília que indicassem terem sido aquelas manchas hesitantes produzidas por um agente humano. Nada encontrando, retornou seu olhar espantado e aterrorizado para o alto.

Fora de qualquer dúvida, aquelas manchas de tinta formavam letras específicas do alfabeto, letras coerentemente arranjadas na forma de palavras em inglês. O médico foi o primeiro a distingui-las com clareza, e os outros perderam o fôlego ouvindo-o recitar a mensagem de teor insano que fora, de modo tão incrível, rabiscada num lugar onde nenhuma mão humana alcançaria:

"VEJAM MEU DIÁRIO - *ELA* ME PEGOU PRIMEIRO - MORRI - ENTÃO PERCEBI QUE ESTAVA *NELA* - OS NEGROS ESTÃO CERTOS - ESTRANHAS FORÇAS NA NATUREZA - AGORA AFOGAREI O QUE SOBROU"

Logo em seguida, em meio ao silêncio de perplexidade que sobreveio, o doutor Van Keulen começou a ler em voz alta o diário de capa surrada.



O que vem com a lua

ODEIO A LUA, tenho medo dela, pois quando ela brilha sobre certas cenas familiares e amadas, às vezes as torna inusitadas e hediondas.

Foi no verão espectral, quando a lua brilhava sobre o velho jardim onde eu passeava; o verão espectral de flores narcóticas e úmidos mares de folhagem provocando sonhos multicores e selvagens. E enquanto caminhava margeando a rasa corrente cristalina, vi estranhas ondulações com as cristas amareladas de luz, como se aquelas plácidas águas fossem arrastadas em correntes irresistíveis para estranhos oceanos fora do mundo. Silenciosas e faiscantes, brilhantes e malignas, aquelas águas amaldiçoadas pela lua corriam não sei para onde, enquanto nas margens verdej antes, brancas flores de lotos esvoaçavam uma a uma levadas pelo narcótico vento noturno, e caíam invariavelmente na corrente, girando vertiginosamente para longe, por baixo da ponte arqueada, entalhada, e olhando para trás com a sinistra resignação das impassíveis faces mortas.

Enquanto corria ao longo da margem esmagando flores adormecidas com pés descuidados e enlouquecido pelo medo de coisas desconhecidas e a sedução das faces mortas, vi que o jardim não tinha fim sob aquele luar, pis onde havia muros durante o dia, agora se estendiam apenas novas paisagens de árvores e caminhos, flores e arbustos, ídolos de pedra e pagodes, e as dobras da corrente amarelada cruzando ribanceiras gramadas e passando por baixo de grotescas pontes de mármore. E os lábios das faces-lotos mortas murmuravam tristemente e convidavam-me a prosseguir, e não cessaram meus passos até que a corrente virasse

um rio desaguando, através de pântanos de juncos ondulantes e praias de areias cintilantes, na costa de um vasto e inominado oceano.

Brilhava sobre aquele mar a hedionda lua, e de suas ondas mudas emanavam misteriosos perfumes. E, enquanto olhava as face-lotos ali desaparecerem, ansiava por redes que me permitissem capturá-las e aprender com elas os segredos que a lua trouxera para a noite. Mas quando a lua desceu para o oeste e a maré calma refluiu da praia sombria, eu vi, sob aquela luz, antigas flechas quase descobertas pelas ondas e colunas brancas adornadas com festões de algas verdes. E sabendo que para este lugar submerso vieram todos os mortos, estremeci e não quis mais falar com as faces-lotos.

No entanto, quando enxerguei no horizonte marinho o negro condor descer do céu para pousar num vasto recife, de bom grado eu o teria interrogado e perguntado por aqueles que eu conhecera quando estavam vivos. Isto eu lhe teria perguntado se não tivesse tão longe, mas ele estava muito longe e não podia ser absolutamente percebido ao se aproximar daquele gigantesco recife.

Observei então a maré vazar sob aquela lua poente, e vi, cintilando, as flechas, as torres e os telhados daquela cidade morta gotejante. E enquanto olhava, minhas narinas tentaram se fechar para o mau cheiro dos mortos do mundo que afogava os perfumes; pois, realmente acumulara-se nesse lugar deslocado e esquecido toda a carne dos cemitérios para os túrgidos vermes marinhos roerem e se fartarem.

Sobre tais horrores pairava agora a maligna lua muito baixa no céu, mas os túrgidos vermes marinhos não precisavam da lua para se alimentar. E enquanto eu olhava as ondulações que diziam da convulsão dos vermes sob sua superfície, senti um novo arrepio vindo de longe, do lugar para onde o condor voara, como se minha carne tivesse captado um horror antes de meus olhos o verem.

Não se arrepiara sem motivo minha pele, pois ao erguer os olhos, vi que as águas haviam recuado para muito longe, deixando a descoberto boa parte do vasto recife cuja borda já havia enxergado. E, quando percebi que o recife era apenas a negra coroa de basalto de um fabuloso ídolo cuja monstruosa testa agora se expunha sob o tênue clarão do luar, e cujas ignóbeis patas deviam escavar o lodo infernal muitas milhas abaixo, gritei

e gritei, temendo que a face oculta se erguesse acima das águas e temendo que os olhos ocultos me fitassem depois da ocultação daquela vigilante e traiçoeira lua amarela.

E para escapar dessa coisa implacável, mergulhei contente e sem hesitação nas águas rasas malcheirosas onde, entre paredes arruinadas e ruas submersas, gordos vermes marinhos se regalam com os mortos do mundo.



Os Outros Deuses

NO TOPO do mais alto dos picos terrestres habitam os deuses da terra, e homem algum ouse dizer que os viu. Eles já habitaram picos mais baixos, mas os homens das planícies acabavam escalando as encostas de pedra e neve empurrando os deuses para montanhas cada vez mais altas, até que agora só lhes resta a última delas. Conta-se que quando deixaram seus velhos picos levaram consigo todas as marcas de sua presença, exceto uma vez em que teriam deixado uma imagem esculpida na face da montanha a que chamavam Ngranek

Mas agora eles se foram para a desconhecida Kadath na vastidão fria que homem nenhum percorre, e se tornaram inflexíveis, já não tendo um pico mais alto para onde fugir com a chegada dos homens. Ficaram inflexíveis, e se antes permitiam que os homens os desalojassem, agora proíbem os homens de ali chegar; ou, tendo chegado, de partir. É bom que os homens nada saibam de Kadath na vastidão fria, caso contrário tentariam imprudentemente galgá-la.

As vezes, saudosos, os deuses da terra visitam, nas noites serenas, os picos onde costumavam viver, e choram mansamente enquanto tentam se divertir à moda antiga nas relembradas encostas. Os homens sentiram as lágrimas dos deuses sobre a nevada Thurai, embora tenham pensado que fosse chuva; e ouviram os suspiros dos deuses nos lamuriosos ventos matinais de Lerion. Em embarcações de nuvens, os deuses costumam viajar, e aldeões sábios conhecem lendas que os levam a se afastar de certos altos picos, à noite, quando o tempo está nublado, pois os deuses já não são afáveis como antigamente.

Em Ulthar, que fica além do rio Skai, habitava certa vez um velho ansioso para encontrar os deuses da terra, um homem profundamente versado nos sete livros crípticos da terra e familiarizado com os *Manuscritos Pnakóticos* da distante e gélida Lomar. Seu nome era Barzai, o Sábio, e os aldeões contam como ele escalou unia montanha na noite do estranho eclipse.

Barzai sabia tanto sobre os deuses que poderia contar suas idas e vindas, e adivinhava tantos de seus segredos que ele mesmo se considerava meio divino. Foi ele quem sabiamente aconselhou os burgueses de Ulthar quando aprovaram sua extraordinária lei contra a matança de gatos, e quem primeiro contou ao jovem sacerdote Atai para onde vão os gatos pretos na meia-noite da Véspera de São João. Barzai era versado no conhecimento dos deuses da terra, e ficara obcecado pelo desejo de ver suas faces. Acreditando que seu grande conhecimento secreto dos deuses o protegeria de sua ira, resolveu subir ao topo da alta e rochosa Hatheg-Kla numa noite em que os deuses ali estariam.

Hatheg-Kla fica distante, no deserto pedregoso além de Hatheg, que lhe emprestou o nome, erguendo-se como uma estátua de pedra num templo silencioso. Ao redor de seu cume esvoaçam brumas eternas e tristes, pois as brumas são as memórias dos deuses, e os deuses amavam Hatheg-Kla quando ali habitavam em tempos antigos. Freqüentemente, os deuses da terra visitam Hatheg-Kla em suas embarcações de nuvens, espalhando pálidos vapores sobre as encostas enquanto dançam evocativamente sobre o cume, imersos no clarão do luar. Os aldeões de Hatheg dizem que é perigoso escalar Hatheg-Kla em qualquer momento, e mortal escalá-la à noite, quando pálidos vapores ocultam o cume e a lua. Mas Barzai não lhes deu atenção ao chegar à vizinha Ulthar com o jovem sacerdote Atai, seu discípulo. Atai era apenas o filho de um estalajadeiro e às vezes era tomado pelo medo, mas o pai de Barzai tinha sido um landgrave habitante de um antigo castelo, não trazendo, pois, nenhuma superstição popular em seu sangue, e apenas riu-se dos assustados aldeões.

Barzai e Atai dirigiram-se então para Hatheg, no deserto pedregoso, apesar dos rogos dos camponeses, onde conversavam, sobre os deuses terrestres, à noite, acampados ao lado de suas

fogueiras. Viajaram durante muitos dias até avistarem, ao longe, a imponente Hatheg-Kla com sua auréola de brumas plangentes. No décimo terceiro dia, alcançaram a solitária base da montanha, e Atai falou de seus temores. Mas Barzai era velho e versado, e não tinha medo, por isso abriu caminho impavidamente, subindo a encosta que homem algum havia escalado desde os tempos de Sansu, de quem se fala com pavor nos mofados *Manuscritos Pnakóticos.*

O caminho era rochoso e ameaçado por precipícios, penhascos e desmoronamento de rochas. Mais tarde, o tempo ficou trio e nevoento. Barzai e Atai freqüentemente escorregavam e caíam enquanto desbastavam e progrediam penosamente com a ajuda de bastões e machadinhas. Finalmente o ar foi se rarefazendo, o céu mudou de cor, e os alpinistas encontravam dificuldade para respirar, mas continuavam subindo e subindo, arduamente, embevecidos com a estranheza do cenário e arrepiando-se com a idéia do que aconteceria no cume quando a lua saísse e os pálidos vapores o rodeassem. Durante três dias eles subiram, cada vez mais para o alto, rumo ao teto do mundo; então acamparam para esperar o toldamento da lua pelas nuvens.

Durante quatro noites nenhuma nuvem apareceu e a gélida lua brilhou através da tênue névoa plangente que rodeava o silencioso píncaro. Então, na quinta noite, que era a noite da lua cheia, Barzai avistou longínquas nuvens densas ao norte, e postou-se de pé, com Mal, assistindo a sua aproximação. Densas e majestosas elas deslizavam, avançando lentamente, deliberadamente, espalhando-se ao redor do alto cume acima dos observadores e toldando-lhes a visão da lua e do pico. Durante uma demorada hora, os dois espectadores ficaram observando o turbilhão de vapores e o véu de nuvens que se adensava incessantemente. Banal era versado no conhecimento dos deuses da terra e ficou atento para escutar certos sons, mas Atai sentiu o calafrio dos vapores e o pavor da noite, assustando-se ainda mais. E, quando Barzai reencetou a subida e acenou vivamente para ele, Atai demorou a segui-lo.

Tão densas eram as brumas que o caminho era árduo, e embora Atai finalmente o seguisse, mal conseguia enxergar a forma acinzentada de Barzai na sombria encosta acima sob o enevoado luar Barzai avançava penosamente, muito à frente, e a despeito de sua

idade, parecia subir mais facilmente que Atai, sem temer a inclinação do terreno que começam a ficar íngreme demais para alguém que não fosse muito forte e ousado, nem se deter diante das largas fendas negras que Atai mal conseguiria saltar E assim prosseguiram , galgando freneticamente rochas e precipícios, escorregando e caindo, e ocasionalmente se assombrando com a vastidão e o terrível silêncio dos tenebrosos picos gelados e dos silenciosos abismos de granito.

De repente, Barzai sumiu da vista de Atai ao escalar um terrível penhasco que parecia se projetar para a frente bloqueando a passagem de qualquer alpinista não inspirado pelos deuses terrestres. Atai estava muito abaixo, planejando o que deveria fazer quando chegasse ao local, quando percebeu, intrigado, que a luz tinha ficado mais intensa, como se o desnublado pico e o enluarado ponto de encontro dos deuses estivessem muito próximos. E enquanto se arrastava para o rochedo saliente e o céu iluminado, sentiu calafrios mais assustadores do que jamais sentira. Ouviu então, através das altas brumas, a voz de Barzai gritando, ensandecido de encanto:

"Eu ouvi os deuses. Eu ouvi os deuses da terra cantando festivamente em Hatheg-Kla! As vozes dos deuses da terra são conhecidas por Barzai, o Profeta! As névoas se abrem e a lua brilha, e verei os deuses dançando freneticamente sobre a Hatheg-Kla que amavam em sua juventude. A sabedoria de Barzai tornou-o maior que os deuses terrestres e contra sua vontade, suas magias e obstáculos não contam. Barzai verá os deuses, os orgulhosos deuses, os secretos deuses, os deuses da terra que se esquivam da vista humana!"

Atai não conseguia ouvir as vozes que Barzai escutava, mas agora, próximo do rochedo saliente, esquadrinhava-o à procura de apoios para os pés. Foi quando ouviu a voz de Barzai, mais alta e esganiçada:

"A névoa está muito fina e a lua lança sombras sobre a encosta; as vozes dos deuses terrestres são altas e selvagens, e eles temem a vinda de Barzai, o Sábio, que é maior do que eles... O clarão da lua estremece enquanto os deuses da terra dançam contra ele; verei as formas dançantes dos deuses que saltam e uivam ao luar.. A luz escureceu e os deuses estão com medo..."

Enquanto Barzai gritava essas coisas, Atai sentiu uma mudança espectral no ar, como se as leis da terra estivessem se curvando a leis maiores, pois embora o caminho fosse mais íngreme do que nunca, a ascensão se tornara assustadoramente fácil e o rochedo saliente mostrou-se um obstáculo risível quando ele o alcançou e se arrastou perigosamente para cima, percorrendo sua superfície convexa. O clarão da lua misteriosamente desaparecera, e quando Atai mergulhou nas brumas superiores, ouviu Barzai, o Sábio, guinchando nas trevas:

"A lua escureceu e os deuses dançam dentro da noite: há terror no céu, pois sobre a lua desceu um eclipse não previsto em nenhum livro dos homens ou dos deuses terrestres... Paira uma magia desconhecida em Hatheg-Kla, pois os gritos dos assustados deuses transformaram-se em risos, e as encostas de gelo se lançam interminavelmente aos negros céus para onde mergulho... Ei! Ei! Enfim! Na pálida luz, eu vejo os deuses da terra!"

Atai, deslizando agora vertiginosamente para o alto sobre precipícios inconcebíveis, ouviu então, na escuridão, um riso apavorante misturado com um grito como homem algum jamais ouvira exceto no *Phlegethon* dos pesadelos indescritíveis um grito em que reverberavam o horror e a angústia de toda uma vida fabulosa condensados num instante atroz:

"Os outros deuses! Os outros deuses! Os deuses dos infernos exteriores que guardam os frágeis deuses terrestres!... Desvie o olhar... Volte.... Não olhe! Não olhe! A vingança dos abismos infinitos... Este maldito, funesto abismo... Piedosos deuses da terra, estou caindo no céu!"

E enquanto Atai, de olhos cerrados e ouvidos tapados tentava saltar para baixo, vencendo a pavorosa sucção das alturas desconhecidas, ressoou em Hatheg-Kla aquele fabuloso estrondo de trovão que acordou os pacatos aldeões das planícies e os honestos burgueses de Hatheg, Nir e Ulthar, e levou-os a avistar, por entre as nuvens, o estranho eclipse da lua que nenhum livro havia previsto. E, quando a lua finalmente apareceu, Atai estava a salvo sobre as neves inferiores da montanha sem nenhum vislumbre dos deuses terrestres ou dos outros deuses.

Está contado nos mofados *Manuscritos Pnakóticos* que Sansu nada encontrou exceto rochas mudas e gelo quando escalou Hatheg-Kla, na juventude do mundo. No entanto, quando os homens de Ulthar, Nir e Hatheg venceram seus temores e galgaram os assombrados precipícios à luz do dia em busca de Barzai, o Sábio, encontraram gravada na pedra nua do cume um curioso e ciclópico símbolo com cinqüenta cúbitos de largura, como se a rocha tivesse sido riscada por algum titânico cinzel. E o símbolo era igual a um que os estudiosos tinham identificado naquelas partes assustadoras dos *Manuscritos Pnakóricos* que eram antigas demais para serem lidas. Isto foi o que encontraram.

Barzai, o Sábio, eles nunca acharam, nem pôde o santo sacerdote Atai ser jamais persuadido a orar pelo descanso de sua alma. Mais ainda, daquele dia em diante, os moradores de Ulthar, Nir e Flatheg temem os eclipses e rezam, à noite, quando pálidos vapores ocultam o cume da montanha e a lua. E acima das brumas que envolvem Hatheg-Kla, os deuses terrestres às vezes dançam saudosos, pois sabem que estão seguros, e amam vir da desconhecida Kadath em embarcações de nuvens e brincar à moda antiga como faziam quando a terra era jovem e os homens não se atreviam a galgar lugares inacessíveis.



A Estampa da Casa Maldita

OS AMANTES DO HORROR freqüentam sítios estranhos e remotos. Nada desejam senão as catacumbas dos Ptolomeus e os mausoléus esculpidos dos países de pesadelo. Sobem às torres enluaradas das ruínas de castelos dos Reno, descem negras escadarias, cobertas de teias de aranha, sob as pedras dispersas de esquecidas cidades da Ásia. A floresta encantada e a montanha inóspita são os seus santuários e eles se detêm longamente em torno dos sinistros monólitos de ilhas desabitadas. No entanto, o verdadeiro epicurista do horror, para quem uma desconhecida palpitação de inenarrável pavor constitui a finalidade maior e justificativa da existência, estima antes de tudo as fazendas antigas e solitárias do interior da Nova Inglaterra. Pois é ali que os soturnos elementos de força, solitude, grotesco e ignorância se combinam para moldar a quintessência do tétrico.

Dentre tudo quanto ali se vê, o mais hediondo serão as casinhas de madeira, sem pintura, distantes dos caminhos mais batidos, em geral agachadas sobre uma encosta úmida e relevosa ou encostada em algum gigantesco afloramento rochoso. Há duzentos e tantos anos estão ali encostadas ou agachadas, enquanto as lianas lançaram-se cada vez mais longe e as árvores incharam e se espalharam. Acham-se agora quase escondidas entre luxuriâncias desordenadas e verde e entre mortalhas guardiãs de sobras; mas as janelas de pequeninas vidraças ainda fitam o vazio chocantemente, como se pestanej assem num estupor de morte que repele a loucura ao embotarem as recordações de coisas indizíveis.

Em tais casas habitam gerações de gente estranha, pessoas como as quais o mundo nunca conheceu. Possuídos de uma convicção lúgubre e fanática que os exilou do convívio da espécie, seus ancestrais procuraram a liberdade no ermo. Ali, os filhos de uma raça conquistadora realmente floresceram livres das restrições de vizinhos, mas se submeteram, em intimidante cativeiro, aos funestos fantasmas de suas próprias mentes. Divorciados das luzes da civilização, o vigor desses puritanos voltou-se para canais singulares; e em seu isolamento, sua mórbida auto-repressão e na luta pela vida, travada com a Natureza inexorável, voltaram-lhe sombrias características furtivas, emanadas das profundezas pré-históricas de sua fria herança nórdica. Por necessidades práticas, e por filosofia severa, essas pessoas não eram bela em seus pecados. Conquanto errassem, como erram todos os mortais, eram forçados por seu rígido código a buscar, acima de tudo mais, o segredo: por isso, passaram a mostrar discernimento cada vez menor com relação ao que encobriam. Só as casas silenciosas, sonolentas e atentas das áreas mais rudes saberão dizer tudo quanto tem estado oculto desde os primeiros dias, mas não são comunicativas, repugnando-lhes afastar de si o topor que as ajuda esquecer. Tem-se às vezes a sensação de que seria um ato de misericórdia demolir essas casas, pois devem sonhar amiúde.

Foi a um prédio antigo como o que descrevi que fui levado numa tarde de novembro de 1896 por uma chuvarada tão fria e copiosa que qualquer abrigo era preferível a me deixar ensopar. Já fazia algum tempo que eu vinha viajando entre a gente do vale do Miskatonic, em busca de certos dados genealógicos; e a natureza remota, tortuosa e problemática de meu itinerário me convencera da conveniência de utilizar uma bicicleta, apesar de já ir adiantada a estação do ano. Agora eu me via numa estrada aparentemente abandonada, que eu escolhera como sendo o caminho mais rápido para Arkham, surpreendido pela tempestade num sítio distante de qualquer cidade, confrontando com nenhum outro refúgio, salvo a antiga e repulsiva edificação de madeira que piscava com janelas ramelosas entre dois gigantes ulmeiros desfolhados, junto ao sopé de um morro pedregoso. Embora estivesse longe dos restos de estrada onde eu me encontrava, ainda assim essa casa me impressionou desfavoravelmente desde o momento em que lhe pus os olhos, Edifícios honestos e sadios não fitam os viajantes de modo tão ardiloso e sobrenatural, e em minhas pesquisas genealógicas se me haviam deparado

lendas, velhas de um século, que me predispunham contra locais daquela espécie. Eis, porém, que a força dos elementos era bastante forte para superar meus escrúpulos, e não hesitei em dirigir minha máquina ladeira acima, rumo à porta cerrada que parecia a um só tempo tão sugestiva e tão reticente.

Por alguma razão eu tomara com pacífico que a casa estivesse abandonada. No entanto, ao me aproximar dela não tive tanta certeza, pois embora os caminhos que a ela levavam estivessem tomados pelas ervas daninhas, pareciam um pouco bem conservados demais pra indicar total deserção. Por conseguinte, ao invés de tentar invadir aquela habitação, bati à porta, sentindo, ao fazê-lo, uma inquietação que não poderia explicar. Enquanto esperava, de pé na laje áspera e musgosa diante da porta, lancei a vista para as janelas próximas e para as vidraças da que ficava por cima da porta, observando que, embora velhas, estralejantes e quase recobertas de poeira, não estavam quebradas. O prédio, portanto, devia ser habitado, apesar de seu isolamento e de seu ar de abandono. Contudo, minhas batidas não tiveram resposta, de modo que depois de repeti-las, experimentei a tranca enferrujada e verifiquei que a porta se abria. Havia no interior um pequeno vestíbulo, de cujas paredes caia o reboco, e lá de dentro vinha um odor fraco, mas particularmente nauseabundo. Entrei, carregando minha bicicleta, e fechei a porta. Diante de mim havia uma escada estreita, flanqueada por uma portinha que com toda probabilidade levava ao porão, enquanto que à esquerda e à direita havia outras portas, fechadas, de quartos no andar térreo.

Depois de encostar a bicicleta na parede, abri a porta da esquerda e entrei num pequeno aposento de teto baixo, baçamente iluminado por duas janelas poeirentas e mobiliado de maneira mais simples e tosca possível. Parecia ser uma espécie de sala de visitas, pois havia uma mesa e várias cadeiras, além de uma imensa lareira sobre a qual tiquetaqueava um relógio antigo, no rebordo. Eram pouquíssimos os livros e jornais, e na penumbra reinante não pude perceber de pronto os títulos. O que mais me impressionou foi a atmosfera uniforme de arcaísmo exibida em todos os detalhes visíveis. Eu já verificara que a maioria das casas daquela região eram ricas em relíquias do passado, mas ali a antiguidade era curiosamente completa. Em todo aquele cômodo eu não podia enxergar um único objeto que fosse claramente posterior à

Revolução. Fossem os aprestos menos humildes, o lugar seria o paraíso para um colecionador.

Enquanto eu examinava aquele singular aposento, senti crescer a aversão que me havia provocado o exterior soturno da casa. Eu não seria capaz de definir com exatidão o que temia ou o que me repugnava, mas alguma coisa em toda a atmosfera parecia lembrar uma era ímpia, uma crueza desagradável e segredos que deveriam ser olvidados. Eu me sentia pouco propenso a me sentar, e pus-me a vaguear, examinando os vários artigos que havia observado. O primeiro alvo de minha curiosidade foi um livro de porte médio que estava sobre a mesa e que exibia tamanho ar antediluviano que maravilhou-me contemplá-lo fora de um museu ou de uma biblioteca. Estava encadernado em couro, com guarnições de metal, e achava-se em excelente estado de conservação. Era o tipo de volume que não se esperaria encontrar em moradia tão primitiva. Quando o abri na folha de rosto, meu pasmo só se fez aumentar, pois constatei que se tratava de uma raridade: o relato de Pigafetta sobre a região do Congo, escrito em latim a partir das anotações do marinheiro Lopex e impresso em Frankfurt no ano de 1598. Eu já escutara várias referências a tal obra e às suas curiosas ilustrações, dos irmãos De Bry, e por isso esqueci momentaneamente minha ansiedade, empolgado pela ânsia de folhear aquele tomo. As gravuras eram de fato interessantes, desenhadas inteiramente com base na fantasia e em descrições infundadas, representando negros com pele branca e traços caucásicos; não teria fechado logo o livro se um fato extremamente banal não houvesse perturbado meus nervos fatigados e redespertado a minha sensação de inquietude. O que me incomodou foi simplesmente a maneira como o volume insistia em abrir-se, por si só, na Estampa XII, que mostrava em horrenda minúcia um açougue dos anziques, raça de canibais. Senti alguma vergonha por minha suscetibilidade a coisa tão comezinha, mas ainda assim o desenho me agitava, principalmente depois e eu haver perscrutado alguns trechos próximos que descreviam a gastronomia dos anziques.

Eu voltara os olhos para uma prateleira próxima e estava a examinar seu escasso conteúdo literário - uma Bíblia do século XVIII, uma *Marcha do peregrino* mais ou menos da mesma época, ilustrada com grotescas xilografias e impressa pelo fabricante de almanaques Isaiah Thomas, o miolo meio podre da *Magnália Christi Americana,* de Cotton Mather e

alguns outros livros que tinham evidentemente a mesma idade - quando tive a atenção despertada para o ruído inequívoco de passos no cômodo acima. Tomado de susto e sobressalto, tendo em vista a falta de resposta às minhas recentes batidas à porta, concluí logo em seguida que o caminhante acabava de despertar de um sono profundo, e percebi, com menos surpresa, que os passos soavam agora na escada rangente. As passadas eram pesadas, mas parecia, encerrar um curioso caráter de cautela, um caráter que mais me desagradava na medida em que o pisar era forte. Ao entrar no cômodo, eu fechara a porta de entrada. Agora, após um momento de silêncio durante o qual o caminhante devia estar inspecionando minha bicicleta, no vestíbulo, ouvi mexerem na tranca e vi a porta almofadada abrir-se novamente.

Havia no portal uma pessoa de aspecto tão singular que eu haveria emitido uma exclamação sonora, se não fossem as restrições impostas pelas boas maneiras. Alto, de barbas brancas e esfarrapado, meu anfitrião possuía uma fisionomia e u porte que inspirava, ao mesmo tempo, estupefação e respeito. Sua estatura não seria inferior a um metro e oitenta, e apesar de um ar geral de velhice e pobreza, era forte e enérgico. Seu rosto, quase oculto por uma barba que lhe subia até os olhos, parecia anormalmente rubicunda e menos enrugada do que se poderia esperar. Sobre a testa alta lhe caía uma mecha de cabelos brancos que os anos não haviam debastado muito. Os olhos azuis, conquanto ligeiramente injetados, pareciam inexplicavelmente argutos e perspicazes. Não fosse seu terrível desalinho, o homem teria um ar de distinção, a igualar-lhe a imponência. Seu desleixo, não obstante, tornava-o desagradável, a despeito do rosto e do porte. Ser-me-ia difícil dizer em que consistia seus trajes pois a mim se afiguravam compor-se tão somente de um acúmulo de trapos encimando um par de botas altas e pesadas; e sua falta de higiene era indescritível.

A aparição daquele homem, bom como o medo instintivo que inspirava, prepararam-me para algo como que hostilidade, de modo que quase estremeci, por surpresa e uma sensação de fantástica incongruência, quando ele me apontou uma cadeira e dirigiu-se a mim com uma voz débil e trêmula, cheia de lisonjeante respeito e hospitalidade aduladora. Sua fala era curiosíssima, uma forma extrema de dialeto ianque que eu

julgara extinto havia muito tempo. E eu observei atentamente quando ele se sentou diante de mim para conversar.

— Fostes surpreendido pela torrente, pois não? — saldou-me ele. — Agrada-me que estivésseis nas proximidades da casa e tivésseis o senso de entrar. Por certo eu estava a dormir, senão vou teria escutado... já não sou jovem como dantes, e hoje em dia fazem-me falta muitas horas de sono de dia. Estais de viagem? Não são muitos os que vejo percorrerem essa estrada, desde que retiraram a diligência de Arkham.

Respondi que estava de viagem a Arkham, e desculpei-me por invadir de modo tão rude o seu domicílio, ao que ele prosseguiu:

Estou contente por ver-vos, meu senhor... são raras as caras novas por aqui e não tenho muito de que me ocupar nos dias que correm. Deveis ser de Boston. Acerto? Jamais estive lá, mas conheço os homens da cidade... tivemos aqui um, que era mestre-escola, em oitenta e quatro, mas ele partiu de repente e nunca mais tivemos notícias dele... — Neste Ponto o ancião soltou uma espécie de risadinha, e não deu explicações quando o interroguei. Parecia estar tomado de um extremo bom humor, embora revelasse aquelas excentricidades que se poderiam adivinhar num homem tão idoso. Durante algum tempo, tagarelou com uma candura quase febricitante, até me ocorrer indagar-lhe como viera a ser possuidor de uma obra rara como *Regnum Congo,* de Pigafetta. Eu ainda estava sobre a influência do efeito que aquele livro me causara, e sentia uma certa hesitação em me referir a ele, porém a curiosidade suplantou todos os receios vagos que vinham acumulando-se continuamente desde que eu avistara aquela casa. Para meu alívio, a pergunta não pareceu ser desastrada, pois o ancião respondeu-a de bom grado e longamente.

Ah, esse livro africano? O capitão Ebenezer Holt vendeu-mo em sessenta e oito... morreu na guerra, ele. — Alguma coisa naquele nome — Ebenezer Holt — fez com que eu erguesse rapidamente os olhos. Eu o encontrara em minha investigação genealógica, mas em nenhum registro, desde a Revolução, ele aparecia. Fiquei a imaginar se meu anfitrião não me poderia auxiliar na tarefa em que eu me aplicava e resolvi inquiri-lo a respeito mais tarde. Ele continuou a falar.

Ebenezer comandou um navio mercante de Salem durante anos a fio, e coletou grande número de coisas estranhas, em todos os portos que tocava. Conseguiu isto em Londres, creio eu...gostava de comprar coisas nas lojas. De certa feita estive em sua casa, no morro, para negociar cavalos, e avistei este livro. Apreciei as gravuras, e por isso ele deixou que eu ficasse com ele, numa troca. É um livro estranho... com licença, vou pegar meus óculos... — O velho meteu as mãos sujas entre seus farrapos, tirando do meio deles um par de óculos sujos e espantosamente antigos, com pequeninas lentes octogonais e aros de aço. Acavalou-os no nariz, pegou o volume sobre a mesa e virou as páginas com carinho.

Ebenezer sabia ler um pouco isto... é latim... mas eu não sei. Pedi a dois ou três mestres-escolas que lessem um bocado pra mim, e também ao pastor Clark, dizem que ele se afogou na lagoa...podeis entender o que diz? Respondi-lhe que sim e traduzi para ele um parágrafo perto do começo. Se me enganei num ponto ou outro, ele não era suficientemente douto para me corrigir. Deu mostras de um entusiasmo infantil por minha versão. Sua proximidade tornava-se um tanto aborrecida, mas eu não via meio de fugir dali sem me ofender. Divertia-me satisfação infantil daquele velho ignorante pelas gravuras de um livro que ele não sabia ler, e comecei a imaginar se ele saberia ler os diversos livros em inglês que havia no cômodo. Essa mostra de ingenuidade dissipou grande parte da indefinida apreensão que eu havia sentido, e pus-me a sorrir enquanto meu anfitrião continuava a falar:

Estranho como gravuras num livro podem fazer uma pessoa pensar. Você está aqui. Já viste árvores como essas, com grandes folhas balançando pra cima e pra baixo? E esses homens... não podem ser negros... são o que há de melhor no livro. Semelham índios, acho, muito embora sejam africanos. Alguns deles têm figura de macacos, ou metade macacos, metade homens, mas nunca ouvi falar em coisa semelhante a isto. — Neste ponto ele apontou uma criação fabulosa do artista, que poderia descrever como uma espécie de dragão com cabeça de crocodilo.

Mas agora vou mostrar-vos o melhor... aqui, perto do centro... — A voz do ancião se tornou um pouco mais espessa e seus olhos ganharam um brilho mais intenso. Mas suas mãos inquietas, embora aparentemente mais desajeitadas do que antes, mostraram-se de todo adequadas à sua missão. O livro abriu, quase que por vontade própria e

como que devido a freqüentes consultas àquele ponto, na repulsiva Estampa XII, que representava um açougue dos canibais anziques. Minha sensação de inquietação voltou, embora não a demonstrasse. O que havia de mais bizarro era que o artista havia feito os africanos semelhantes a brancos. Os membros e quartos pendurados pelas paredes do açougue eram hediondos, ao passo que o açougueiro, com seu machado, era horripilantemente incongruente. Entretanto, meu anfitrião parecia deleitar-se com a imagem, tanto quanto eu a abominava.

Que pensais disto? Nunca vistes nada assim em nossas bandas, certo? Quando vi isto, eu disse a Eb Holt: "Eis uma coisa que agita a alma e faz o sangue correr mais forte". Quando lia nas Escrituras sobre mortandades - como a passagem da morte dos nidianitas - eu refletia sobre aquilo, mas não fazia imagem do que fosse. Mas aqui uma pessoa é capaz de ver tudo quanto existe... creio que se trate de um pecado, mas não é verdade que nascemos, todos nós, e vivemos em pecado? Esse camarada aqui sendo cortado em pedaços... sinto um calafrio toda vez que olho...não consigo ficar muito tempo sem olhar... Vedes onde o carniceiro lhe cortou os pés? Vede ali a cabeça na mesa, com um braço a seu lado, enquanto o outro braço está do outro lado do bloco de magarefe.

Enquanto o homem prosseguia com sua falação, tomado de chocante êxtase, a expressão de seu rosto piloso se tornava indescritível, porém sua voz antes se fazia mais grave que mais alta. Quanto às minhas próprias sensações, mal posso exprimi-las. Todo o terror que eu antes sentira vagamente se avolumou de maneira ativa e vívida, e percebi que detestava a velha e repugnante criatura, tão próxima a mim, com uma intensidade infinita. Que ele era louco, ou pelo menos mentalmente perturbado, parecia fora de dúvida. Agora ele quase sussurrava, com uma rouquidão mais terrível do que um grito, e eu tremia ao escutá-lo.

— Como eu digo, é estranho como as gravuras fazem uma pessoa pensar. Sabeis, senhor, sou especialmente afeiçoado a esta aqui. Quando obtive esse livro com Eb, eu costumava examiná- lo freqüentemente, sobretudo depois de haver escutado o pastor Clark pregar seu sermão aos domingos, com aquela sua enorme peruca. Certa vez, fiz uma coisa engraçada... ora, senhor, não há razão para sustos... tudo que fiz foi olhar a gravura antes de matar os carneiros para levá-los ao mercado... matar carneiros ficava muito mais divertido depois de olhar... — A voz do

ancião tornou-se agora muito baixa, a ponto se suas palavras ficarem quase inaudíveis. Eu escutava a chuva e o matraquear das vidraças sujas, atentando para o som surdo de uma trovoada, bastante inusitada naquela estação. Em certo momento, um clarão e um estrépto medonho sacudiram a frágil casa até os alicerces, mas o homem sussurrava sem parecer notar nada.

— Matar carneiros era bem mais divertido... mas, sabeis? Não era tão *satisfatório*. É estranho como uma ânsia toma conta de uma pessoa... Por amor a Deus, jovem, não conteis isso a ninguém, mas juro pelo Todo Poderoso que aquela gravura começou a me provocar *fome de mantimentos que eu não podia criar nem comprar*... ora, senhor, acalmai-vos, o que vos agita?... Nada fiz, apenas ficava a imaginar como seria se *eu fizesse*... Dizem que a carne dá sangue e músculos, que dá vida nova, de modo que eu imaginava se ela não faria um homem viver cada vez mais, se fosse *mais igual*... — O sussurro cessou aqui. A interrupção não foi causada por meu susto, nem pela borrasca que aumentava rapidamente e em meio de cuja fúria eu daí a pouco abriria os olhos numa solidão fumegante de ruínas enegrecidas. Foi motivada por um fato bastante simples, ainda que um tanto insólito.

O livro estava aberto diante de nós, com a gravura voltada repulsivamente para cima. Quando o velho murmurou as palavras *"mais igual",* ouviu-se um leve impacto de líquido e alguma coisa apareceu no papel amarelado. Pensei na chuva e num teto com goteiras, mas a água da chuva não é vermelha. No abatedouro dos canibais anziques, uma gotícula vermelha luzia pitorescamente, emprestando autenticidade ao horror da gravura. O velho a viu e parou de sussurrar antes mesmo que minha expressão de horror o tornasse necessário. Viu-a e dirigiu o olhar rapidamente para o assoalho do outro quarto de onde saíra uma hora antes. Acompanhei seu olhar e contemplei, pouco acima de nós, no reboco solto do velho teto, uma grande mancha irregular de escarlate úmido, que parecia espalhar-se diante de nosso olhar. Não gritei nem me mexi, mas apenas fechei os olhos. Um instante depois, seguiu-se o mais titânico de todos os raios, esmagando aquela casa maldita de segredos impronunciáveis e trazendo consigo o esquecimento, a única coisa capaz de salvar minha mente.



Memória

NO VALE DE NIS a amaldiçoada lua minguante brilha tênue, rasgando um caminho para sua luz com fracos membros por entre a folhagem letal de uma grande árvore. E nas profundezas do vale, onde a luz não chega, se movem formas que não devem ser observadas. Alto são as pastagens em cada declive, onde miseráveis videiras e plantas baixas se arrastam entre as pedras de ruínas, entrelaçado-se forte em colunas quebradas e estranhos monolitos, erguendo-se nas bancadas de mármore, construídas por mãos já esquecidas. E em árvores que crescem enormes em pátios arruinados saltam pequenos macacos, enquanto em profundas galerias contorcem-se serpentes venenosas e coisas escamadas que não tem sequer nome.

Vastas são as rochas que dormem abaixo de camadas úmidas de charco, e imponentes eram as muralhas de onde elas caíram. Para serem eternas seus construtores as criaram, e em verdade ainda são muito úteis, pois embaixo delas o sapo cinza faz sua habitação.

Na maior profundidade do vale corre o rio Homh, cujas águas são lodosas e repletas de ervas daninhas. De fontes escondidas ele nasce, e para cavernas subterrâneas ele vai, tal que o Demônio do Vale não sabe porque suas águas são vermelhas, nem aonde elas acabam.

O Gênio que vive nos raios da lua se dirigiu ao Demônio do Vale, dizendo, "Eu sou velho e muito esqueço. Diga-me os feitos e aspecto e nome de quem construíra esses objetos de pedra." E o Demônio respondeu, "Eu sou a Memória, e eu sou sábio nos conhecimentos do passado, mas também sou muito velho. Esse seres eram como as águas do

rio Homh, não devem ser entendidos. Seus feitos não me lembro, pois eram apenas momentâneos. Seus aspectos me lembro vagamente, se pareciam com esses pequenos macacos que vivem nas árvores. Seu nome eu me lembro claramente, pois era parecido com o do rio. Esse seres do ontem se chamavam Homens."

O Gênio voou de volta à fraca lua radiante, e o Demônio olhou atento para um pequeno macaco em uma árvore que crescia em uma construção destroçada.



A Transição de Juan Romero

DOS EVENTOS QUE ocorreram na Mina Norton a dezoito e dezenove de outubro de 1894, não tenho vontade de falar. Um senso de dever à ciência é tudo o que me impede de recordar, nos últimos dias de minha vida, cenas e acontecimentos cotados de um terror duplamente agudo, porque não consigo defini-lo totalmente. Mas acho que antes de morrer devo contar o que sei da — direi *transição* de Juan Romero.

Meu nome e origem não precisam ser relatados à prosperidade; na verdade, creio que seja melhor assim, pois quando um homem migra subitamente para os Estados Unidos ou para as Colônias, seu passado fica para trás. Além do que, o que antes era agora não é nem um pouco relevante à minha narrativa; salvo, talvez, o fato de que durante minha estada na Índia eu me senti mais em casa entre professores nativos de barbas brancas do que entre meus irmãos oficiais. Eu não havia mergulhado nem um pouco nos estranhos costumes orientais quando atingido pelas calamidades que me levaram à minha nova vida no vasto Oeste americano: uma vida onde achei bom aceitar um nome meu atual nome — bastante comum e sem significado.

No verão e no outono de 1894 habitei as vastidões desérticas das Montanhas dos Cactos, empregado como operário comum na famosa Mina Norton, cuja descoberta por um velho prospector alguns anos atrás havia transformado a região ao redor de uma vastidão quase desolada para um caldeirão borbulhante com vida sórdida. Uma caverna de ouro, que jazia profundamente abaixo de um lago na montanha, havia enriquecido seu venerável descobridor além de seus maiores sonhos, e agora formava o

leito de extensas operações de escavação da parte da corporação à qual havia sido finalmente vendida. Grutas adicionais haviam sido descobertas, e o chamado do metal amarelo era por demais grande; deforma que um poderoso e heterogêneo exército de mineiros labutava dia e noite nas numerosas passagens e escavações da rocha. O Superintendente, um certo sr. Arthur, frequentemente discutia a singularidade das formações geológicas locais; especulava sobre a extensão provável da cadeia de cavernas, e estimava o futuro da titânica empresa de escavação. Considerava que as cavidades auríferas eram resultado da ação da água, e acreditava que em breve abririam a última delas.

Não se passou muito tempo depois de minha chegada e emprego que Juan Romero chegou à Mina Norton. Pertencente a um largo grupo de mexicanos irrequietos atraídos do país vizinho, ele primeiramente atraiu a atenção somente devido a seus traços; que, embora fossem claramente indígenas, eram ainda assim notáveis devido à sua cor mais clara e conformação refinada, sendo vastamente diferente daqueles dos operários ou dos piútes da localidade. É curioso o fato de que, embora ele diferisse tanto da massa de índios de tribos ou hispanicizados, Romero não dava a menor impressão de ter sangue caucasiano. Não era o Conquistador de Castela nem o pioneiro americano, mas o antigo e nobre asteca, que a imaginação chamou à vista quando o silente peão se esguia no começo da manhã e olhava com fascinação o sol se levantar sobre as colinas a leste, enquanto esticando seus braços ao redor como se na atuação de algum rito cuja natureza ele próprio não compreendia. Mas, a não ser por seu rosto, Romero não tinha qualquer sugestão de nobreza. Ignorante e sujo ele se sentia em casa entre os outros mexicanos de pele parda: tendo vindo (segundo me disseram mais tarde) do mais baixo tipo de vizinhança. Foi encontrado quando criança numa cabana nas montanhas, o único sobrevivente de uma epidemia que passara deixando morte em seu rastro. Próximos à cabana, ao lado de uma fissura bem incomum, jaziam dois esqueletos, recentemente bicados por abutres, e presumivelmente formando os restos de seus pais. Ninguém se lembrava de sua identidade, e logo forma esquecidos pela maioria. Na verdade, a destruição da cabana de adobe e o fechamento da fissura na rocha por uma subseqüente avalanche havia ajudado a apagar até mesmo a cena da lembrança. Criado por um ladrão de gado mexicano que lhe dera seu nome, Juan diferia pouco de seus companheiros.

A ligação que Romero manifestou comigo começou indubitavelmente através do belo e antigo anel hindu que eu usava quando não trabalhava. De sua natureza, e de como chegou ao meu poder, nada posso dizer. Era meu último laço com um capítulo de minha vida para sempre encerrado, e eu o tinha em alto valor. Logo observei que o mexicano de olhar estranho também estava interessado; olhava-o com uma expressão que bania todas as suspeitas de simples ganância. Seus hieróglifos estranhos pareciam ativar alguma fraca recordação em sua mente não-educada, porém ativa, embora ele não pudesse ter visto a coisa parecida antes. Poucas semanas depois de sua chegada, Romero era para mim como um serviçal fiel; isto, independente do fato de que eu não era mais que um mineiro comum. Nossa conversa era necessariamente limitada. Ele só sabia algumas palavras de inglês, ao passo que descobri que meu espanhol oxoniano era um tanto diferente do *patóis* dos peões da Nova Espanha.

O evento que estou para relatar não foi precedido por longas premonições. Embora o homem Romero tivesse me interessado, e embora meu anel o tivesse afetado de forma peculiar, acho que nenhum de nós tinha qualquer expectativa do que estava para acontecer quando houve a grande explosão. Considerações geológicas haviam ditado uma extensão da mina diretamente abaixo da parte mais profunda da área subterrânea; e a crença do Superintendente de que apenas rocha sólida seria encontrada deu lugar à instalação de uma prodigiosa carga de dinamite. Com este trabalho Romero e eu não estávamos ligados, pelo que nosso primeiro conhecimento de condições extraordinárias veio de outras pessoas. A carga, talvez mais forte do que previamente estimada, havia parecido sacudir toda a montanha. Janelas de barracos na encosta externa foram estilhaçadas pelo choque, enquanto mineiros perto das passagens mais próximas foram derrubados. O Lago Jóia, que jazia sobre o cenário da ação, encapelou-se como numa tempestade. Numa investigação posterior, verificou-se que havia um novo abismo que jazia indefinidamente sob o local da explosão; um abismo tão monstruoso que nenhuma linha de mão poderia chegar ao seu fundo, e nenhuma lâmpada conseguiria iluminá-lo. Estupefatos, os escavadores tiveram uma conferência com o Superintendente, que ordenou grandes extensões de corda a serem levadas ao poço, e divididas e baixadas sem cessar até que se descobrisse um fundo.

Pouco depois, os trabalhadores de rosto pálido comunicaram seu fracasso ao Superintendente. Firmemente, porém com respeito, eles afirmaram sua recusa em revisitar o abismo ou realmente a trabalhar mais na mina até que ela pudesse ser selada. Alguma coisa além de sua experiência os estava evidentemente confrontando, pois até onde podiam dizer, O éter abaixo deles era infinito. O Superintendente não os reprovou. Ao invés disso, ponderou bastante, e fez planos para o dia seguinte. O turno da noite não foi lá aquela noite.

Às duas da manhã, um coiote solitário na montanha começou a uivar desgostoso. De algum lugar dentro das obras um cachorro latiu em resposta ou ao coiote... ou a outra coisa. Uma tempestade estava se formando ao redor dos picos da cordilheira, e nuvens de formas estranhas se acumulavam horrivelmente ao redor do trecho borrado de luz celestial que marcava as tentativas de uma lua coriácea de brilhar através das muitas camadas de vapores de estratos cirros. Era a voz de Romero, que vinha da cabana acima, que me acordou, uma voz excitada e tensa que alguma vaga expectativa que eu não podia compreender:

— Madre de Dios! — El sonido — ese sonido — orga usted! — Io oyte usted? — Señor, ESSE SOM!

Eu escutei, perguntando-me o que ele queria dizer. O coiote, o cão, a tempestade, era tudo audível; a ultima agora ganhando ascendência à medida que o vento gritava mais e mais freneticamente. Relâmpagos se faziam visíveis através das janelas da casa. Questionei o mexicano nervoso, repetindo os sons que ouvira:

— El coyote? — el perro? — el viento?

Mas Romero não respondia. Então começou a sussurrar amedrontado:

— El ritmo, Señor — el ritmo de Ia tierra — AQUELA PULSAÇÃO NO SOLO!

E agora eu também ouvia; ouvia e tremia e sem saber por quê. Muito, muito abaixo de mim havia um som — um ritmo, bem como o peão havia dito que, embora excessivamente faço, ainda assim dominava até mesmo o cão, o coiote e a tempestade que se aproximava. Procurar descrevê-lo era inútil: pois era tal que não possibilitava descrição. Talvez

fosse como o pulsar das máquinas de um grande cruzador marítimo, como os que se sente nos convés, mas não era mecânico; não tão despido do elemento da vida e da consciência. De todas as suas qualidades, a que mais me impressionou foi a distância da terra. À minha mente acorreram fragmentos de Joseph Glanvil que Poe citou com tremendo efeito:

"... a vastidão, a profundidade e a incompreensibilidade de Suas obras, que contém em si: um abismo mais profundo que o poço de Demócrito".

Subitamente Romero pulou de sua cama, parando por um instante à minha frente para olhar o estranho anel na minha mão, que brilhava estranhamente a cada clarão do relâmpago, e depois ficou olhando muito na direção do puço da mina. Também me levantei, e ambos ficamos inertes por um momento, forçando os ouvidos ao ritmo único, que parecia cada vez mais assumir qualidade vital. Então, sem volição aparente, começamos a nos mover na direção da porta, cujo ranger nas dobradiças trazia uma confortável sugestão de realidade terrena. O clamor nas profundezas — pois tal coisa o som parecia ser — crescia em volume e em distinção; e nos sentimos irresistivelmente atraídos à tempestade e daí até a bocarra escura do poço.

Não encontramos nenhuma criatura viva, pois os homens do turno da noite, haviam sido liberados do trabalho, e estavam indubitavelmente no povoado de Ravina Seca derramando rumores sinistros nos ouvidos de algum garçom sonolento. Da cabine do vigia, no entanto, brilhava um pequeno quadrado de luz amarela como o olho de um guardião. Perguntei-me palidamente como o som rítmico havia afetado o vigia; mas Romero movia-se com mais presteza agora, e o segui sem parar.

Ao descermos o poço, o som abaixo tornou-se definitivamente claro. Era para mim tão terrível quanto uma espécie de cerimônia oriental, com bater de tambores e cânticos de muitas vozes. Eu estive, como vocês sabem, muito tempo na Índia. Romero e eu nos movemos sem hesitação física por pontes e descendo escadas; sempre na direção da coisa que nos atraía, mas também sempre com um penoso medo e relutância desesperadoras. Num momento, imaginei ter enlouquecido: foi quando, ao me perguntar como nosso caminho era iluminado na ausência de lampião ou vela, percebi que o antigo anel cm meu dedo brilhava com

assustadora radiância, difundindo um lustro pálido através do ar úmido e pesado ao redor.

Foi sem aviso que Romero, após descer aos tropeções uma das muitas escadas largas, disparou a correr e me deixou sozinho. Algumas novas e frenéticas notas nos tambores e cânticos, perceptíveis apenas levemente para mim, havia agido sobre ele de forma assombrosa; e com um grito selvagem ele correu sem auxílio na escuridão da caverna. Ouvi seus gritos esganiçados se repetirem à minha frente enquanto ele tropeçava desajeitadamente ao longo das mudanças de nível e zanzava enlouquecido pelas escadas. E, amedrontado como estava, eu ainda retinha o suficiente de minha percepção para notar que sua fala, quando articulada, não era de qualquer espécie conhecida para mim. Polissílabos duros porém impressionantes haviam substituído a costumeira mistura de espanhol ruim e inglês pior ainda, e destes, somente o freqüentemente repetido grito *"Huitzilopotchli"* parecia um pouco familiar. Mais tarde eu definitivamente coloquei esta palavra nas obras de um grande historiador — e tremi quando a associação me ocorreu.

O clímax daquela noite aterradora foi composto mas muito breve, começando justamente quando alcancei a última caverna da jornada. Fora da escuridão imediatamente adiante explodiu um grito final do mexicano, que foi seguido de um tamanho coro de sons insólitos que eu jamais poderia ouvir novamente e sobreviver. Naquele momento pareceu-me como se todos os terrores e monstruosidades ocultas da Terra tivessem se tomado articulados num esforço para destruir a raça humana. Simultaneamente a luz do meu anel se extinguiu, e vi unia nova luz brilhando de um espaço mais abaixo, porém a poucas jardas à minha frente. Eu havia chegado ao abismo, que estava agora brilhando rubramente, e que tinha evidentemente engolido o desafortunado Romero. Avançando, olhei a borda daquele abismo que nenhuma corda pôde descobrir o fundo, e que agora estava num pandemônio de chamas que piscavam e provocavam rugidos odiosos. Primeiramente não vi nada senão um leve brilho de luminosidade; mas então, formas, todas infinitamente distantes, começaram a se destacar da confusão e eu vi — era Juan Romero? — *mas Deus! Não ouso contar-lhes o que vi!...* Alguma força do céu, vindo em meu auxílio, obliterou tanto as visões quanto os sons em tamanho ruído que pode ser ouvido quando dois universos

colidem no espaço. O caos tomou conta de tudo, e conheci a paz do esquecimento.

Mal sei como continuar, já que condições tão singulares estão envolvidas; mas falei o melhor possível, nem sequer tentando diferenciar entre o real e o aparente. Quando despertei, estava a salvo em minha cabana e o brilho vermelho da aurora era visível pela janela. A alguma distância o corpo sem vida de Juan Romero jazia sobre uma mesa, cercado por um grupo de homens, incluindo o médico do acampamento. Os homens discutiam a estranha morte do mexicano enquanto jazia dormindo; uma morte aparentemente conectada de alguma forma com o terrível raio que havia atingido e sacudido a montanha. Não era evidente nenhuma causa direta, e uma autópsia não foi capaz de revelar qualquer motivo pelo qual Romero não devesse continuar vivo. Fragmentos de conversa indicavam além de dúvida que nem Romero nem eu havíamos deixado a cabana durante a noite; que nenhum de nós esteve acordado durante a apavorante tempestade que passara sobre a Cordilheira dos Cactos. Aquela tempestade, disseram homens que se aventuraram pela mina adentro, havia causado extenso desmoronamento, e havia encerrado completamente o profundo abismo que criara tanta apreensão no dia anterior. Quando perguntei ao vigia que sons ele ouvira antes do poderoso estrondo do trovão, ele mencionou um coiote, um cachorro e o desdenhoso vento da montanha — nada mais. E nem tampouco duvido de sua palavra.

Sobre a retomada do trabalho, o Superintendente Arthur convocara alguns homens especialmente dependentes para fazer algumas investigações em volta do ponto onde o abismo havia aparecido. Embora pouco ansiosos, obedeceram, e cavou-se um buraco profundo. Os resultados foram muito curiosos. O teto do vácuo, visto quando aberto, não era de qualquer maneira fundo; mas agora as perfurações dos investigadores encontravam o que parecia ser uma extensão ilimitada de rocha sólida. Descobrindo nada mais, nem mesmo ouro, o Superintendente abandonou suas tentativas; mas um olhar perplexo ocasionalmente passa por seu ombro quando senta-se pensativo à sua mesa.

Uma outra coisa é curiosa. Pouco depois de acordar naquela manhã após a tempestade, reparei a incrível ausência de meu anel hindu do meu dedo. Eu o prezava muito, mas no entanto senti uma sensação de alívio pelo seu desaparecimento. Se algum de meus companheiros de mina o

tivesse apanhado, deve ter sido muito esperto em dispor dele, pois apesar de anúncios e uma busca da polícia, o anel nunca mais foi visto. De algum modo, duvido que tenha sido roubado por mãos mortais, pois muitas coisas estranhas me foram ensinadas na Índia.

Minha opinião de toda a minha experiência varia de tempo a tempo. À luz clara do dia, e na maior parte das estações, sou capaz de achar que a maior parte daquilo tudo não passou de um sonho; mas às vezes no outono, às duas da manhã, quando os ventos e os animais uivam inquietos, surge de inconcebíveis profundezas uma maldita sugestão de um pulsar ritmado... e sinto que a transição de Juan Romero foi realmente terrível. Dezesseis de setembro de 1919.



Vento Frio

INDAGAS-ME POR QUE receio as rajadas de vento frio; por que tremo mais que as pessoas comuns ao entrar num aposento gélido e sinto náusea e repulsa quando a friagem da noite se insinua, furtiva, pelo calor de um suave dia de outono. Há quem diga que eu reajo ao frio de modo semelhante ao que outros reagem ao fedor, e serei o último a desmentir essa impressão. O que farei será relatar a situação mais horripilante em que já me encontrei e deixar a ti a tarefa de julgar se ela representa ou não urna explicação satisfatória para essa minha esquisitice.

É falso imaginar que o horror esteja associado indissoluvelmente com o negrume, o silêncio, a solidão. Eu o conheci no esplendor fulgurante de urna tarde de sol, em meio ao clangor da metrópole e no ambiente apinhado de uma pobre e comuníssima casa de pensão, tendo a meu lado uma senhoria prosaica e dois homens robustos. Em meados de 1923, eu conseguira um emprego enfadonho e pouco rendoso numa revista, em Nova Iorque; e na impossibilidade de pagar o aluguel de uma moradia decente, comecei a vagar de uma pensão barata para outra, em busca de um quarto que combinasse as qualidades de limpeza adequada, mobiliário tolerável e preço bastante módico. Constatei, antes que passasse muito tempo, que só me restava optar entre diferentes males; entretanto, pouco depois dei com uma casa na Rua 14 Oeste que me repugnava muito menos do que as outras que eu havia experimentado.

Era uma mansão de grés pardo, com quatro pavimentos, que datava aparentemente de fins da década de 1840, com mármores e

madeirames cuja magnificência enodoada e manchada lembrava que no passado o prédio conhecera altos níveis de elegante opulência. Os quartos, amplos e de enorme pé-direito, decorados com um papel de parede inacreditável e com cornijas ridiculamente complicadas, tinham um deprimente bafo de bolor, bem corno um vago cheiro de cozinha; entretanto, o chão era limpo, a roupa de cama bastante aceitável e a água quente nem sempre estava fria ou desligada, de modo que vim considerar a casa como um lugar pelo menos suportável para hibernar até poder realmente voltar a viver. A senhoria, uma espanhola desmazelada e quase barbada, chamada Herrero, não me amolava com mexericos ou reclamações a respeito da luz que eu deixava acesa até tarde em meu quarto, no terceiro andar, dando para a rua; e os demais pensionistas eram tão sossegados e calados quanto se poderia desejar. Eram na maioria espanhóis, só um pouco acima do nível mais grosseiro e ínfimo. O único motivo realmente sério de aborrecimento era o ruído dos bondes na rua.

Eu já estava residindo ali bem umas três semanas quando ocorreu o primeiro incidente insólito. Certa noite, por volta das oito horas, escutei um barulho como que de líquido que caísse no chão, e de repente me dei conta que já fazia algum tempo que o ar estava impregnado de um penetrante odor de amônia. Olhando em torno, vi que o teto estava molhado e gotejante; parecia que a infiltração provinha de um canto do lado que dava para a rua. Ansioso por cortar o mal pela raiz, desci depressa para falar à senhoria, que me garantiu que o problema seria logo resolvido.

- El doctor Muñoz - comentou ela, subindo as escadas correndo, em minha frente - deve ter derramado seus produtos químicos. Está fraco demais para cuidar de si próprio... cada vez mais fraco... pero no tiene nadie que pueda ayudarlo. E muito esquisito com essa doença dele... toma banhos de cheiros estranhos o dia inteiro, nem pode ficar nervoso ou sentir calor. Ele mesmo arruma o quarto... o quartinho dele vive cheio de garrafas e máquinas e ele não pratica mais a medicina. Mas antigamente ele foi famoso... mi padre ouviu falar dele em Barcelona... e há poco tiempo tratou o braço do bombeiro que cuida do encanamento e que começou a doer de repente. Ele nunca sai, só vai até o terraço, e mi hijo, Esteban, traz, para ele comida, roupa limpa, remédios e produtos

químicos. Diós, a quantidade de sal amoníaco que esse hombre usa para se refrescar!

A Sra. Herrero desapareceu pela escada do quarto andar e eu voltei para meu quarto. A amônia parou de pingar e eu sequei a que havia caído. Enquanto abria a janela para arejar o cômodo, ouvi os passos pesados da senhoria no andar de cima. Quanto ao Dr. Muñoz, eu nunca havia escutado seus passos, lentos e macios. Só havia escutado um ruído que parecia ser o de um mecanismo com motor a gasolina. Fiquei a imaginar, por um momento, qual poderia ser a estranha enfermidade desse homem e se sua recusa obstinada em aceitar auxílio não resultaria de uma excentricidade infundada. Lembro-me de ter tido um pensamento banal, o de quanto é patética a situação de urna pessoa eminente que decaiu socialmente.

Talvez eu jamais viesse a conhecer o Dr. Muñoz se não fosse o ataque cardíaco que de repente me acometeu numa tarde em que eu estava escrevendo em meu quarto. Médicos haviam-me falado do perigo que representam tais crises, e eu sabia que não havia tempo a perder; por isso, ao me recordar do que a senhoria tinha dito sobre a ajuda que o inválido prestara ao bombeiro, arrastei-me pela escada e bati debilmente à porta do quarto que ficava em cima do meu. Minha batida foi respondida em bom inglês por uma voz curiosa, mais ou menos à direita, que me indagou o nome e profissão. Uma vez respondidas as perguntas, abriu-se um pouco a porta ao lado daquela em que eu batera.

Recebeu-me uma lufada de ar frio; e embora o dia fosse um dos mais tórridos do fim de junho, tive um estremecimento ao transpor a porta e entrar num espaçoso apartamento, cuja decoração suntuosa e de bom gosto constituiu uma surpresa naquele ninho de penúria e miséria. Um sofá dobrável atendia, agora de dia, à sua função de sofá, e o mobiliário de mogno, o magnífico papel de parede, as pinturas antigas e as esplêndidas estantes de livros indicavam antes o estúdio de um fidalgo que um quarto de pensão. Percebi então que o quarto que ficava sobre o meu - o quartinho com garrafas e máquinas, mencionado pela Sra. Herrero - era simplesmente o laboratório do doutor e que seus aposentos principais ficavam naquele amplo apartamento adjacente, cujas alcovas corretas e o grande quarto de banho lhe permitia ocultar toda roupa e objetos gritantemente utilitários. O Dr. Muñoz, evidentemente, era um homem com berço, cultura e excelente gosto.

A figura que eu tinha diante de mim era a de um homem baixo, mas muito bem proporcionado, trajado numa indumentária um tanto formal, de corte e feitio perfeitos. Um rosto bem-feito, de expressão senhoril, mas em nada arrogante, tinha a orná-lo uma barba aparada e um pouco grisalha, enquanto um pincenê antiquado se antepunha a olhos grandes escuros, equilibrando-se num nariz aquilino que dava um toque mourisco a urna fisionomia em tudo mais marcadamente celtibérica. Uma cabeleira basta e bem-tratada, que indicava visitas regulares de um barbeiro, partia-se com muita elegância sobre a testa alta. E toda a impressão que aquele vulto transmitia era de acentuada inteligência, origens nobres e excelente educação.

Não obstante, ao contemplar o Dr. Muñoz naquela lufada de ar frio, fui tomado de uma repugnância que nada em seu aspecto poderia justificar. Somente sua tez, que se inclinava à palidez e a frieza do toque de sua mão poderiam ter dado uma base física a essa sensação, porém mesmo essas coisas teriam de ser relevadas, dada a notória invalidez do homem. É ainda possível que tenha sido aquele frio singular que me indispôs, pois tamanha gelidez era anormal num dia tão quente, e o anormal sempre desperta aversão, suspeita e temor.

No entanto, a repulsa logo cedeu lugar à admiração, uma vez que a extrema perícia daquele estranho médico se manifestou incontinenti, a despeito da algidez e do tremor de suas mãos exangues. A um olhar ele compreendeu minhas necessidades, atendendo-as com habilidade de mestre; enquanto me assistia, consolava-me com voz harmoniosamente modulada, embora inusitadamente oca e sern timbre, assegurando-me ser o mais implacável dos inimigos da morte, e que havia dissipado sua fortuna e perdido todos os amigos numa vida inteira de experiêcias extravagantes, dedicadas à repressão e extirpação de tamanho flagelo. Parecia haver nele um certo fanatismo benevolente, e ele não cessava de divagar, quase garrularnente, enquanto me auscultava o peito e preparava uma beberagem de drogas trazidas de seu pequeno laboratório. Era evidente que a companhia de uma pessoa bem-nascida representava para ele uma rara novidade naquele ambiente de indigência e o levava a uma desusada loquacidade, ao ser empolgado por recordações de dias melhores.

Sua voz, embora estranha, era ao menos apaziguadora; e eu não percebia sequer o som de sua respiração enquanto ele pronunciava aqueles

longos períodos, tão cheios de lhaneza. O doutor procurava afastar meus pensamentos da crise cardíaca, discorrendo sobre suas teorias e experiências. Lembro-me bem do tato com que ele procurou consolar-me da debilidade de meu coração, insistindo em que a vontade e a consciência são mais fortes do que a própria vida orgânica, de forma que se urna organização física for originalmente saudável e preservada com cuidado pode, mediante um realce cientifico dessas qualidades, reter uma espécie de animação nervosa, apesar das mais sérias lesões, defeitos ou mesmo ausências no conjunto de órgãos específicos. Algum dia, dis-se-me ele meio a brincar, poderia me ensinar a viver (ou ao menos manter alguma espécie de existência consciente) até mesmo sem coração! Quanto a si, afligia-o uma série de enfermidades que exigiam um regime rigorosíssimo, que incluía o frio constante. Qualquer elevação marcada da temperatura poderia, caso se prolongasse, afetá-lo de maneira fatal; e a frialdade de sua moradia, cerca de 13° centígrados, era mantida por um sistema absorvente de arrefecimento a amônia. As bombas do sistema eram impulsionadas pelo motor a gasolina que eu já escutara de meu quarto.

Aliviado de minha crise num tempo maravilhosamente breve, deixei aqueles aposentos frígidos como discípulo e servidor do talentoso recluso. Depois disso, fiz-lhe várias visitas, devidamente agasalhado. Ouvia-lhe o relato de pesquisas secretas e resultados quase espantosos, e estremecia um pouco ao examinar os volumes incomuns e inacreditavelmente antigos em suas estantes. Por fim, convém acrescentar, fiquei quase curado para sempre de minha doença, devido à sua terapia tão efetiva. Ao que parece, ele não desdenhava os encantamentos dos medievalistas, porquanto acreditava que essas fórmulas crípticas contivessem raros estímulos psicológicos, que poderiam, concebivelmente, exercer efeitos singulares na substância de um sistema nervoso que tivesse sido abandonado pelas pulsações orgânicas. Comoveu-me o que ele contou sobre o idoso Dr. Torres, de Valência, que compartilhara com ele suas primeiras experiêcias, e que cuidara dele por ocasião da grave enfermidade que o acometera dezoito anos antes, e da qual procedia sua atual debilitação. Pouco depois de haver o venerando facultativo salvo o colega, ele próprio sucumbira ao horrendo inimigo que combatera. Possivelmente o esforço tivesse sido excessivo; o Dr. Muñoz deixou claro, em sussurros (conquanto não

descesse a minúcias), que os métodos de cura haviam sido excepcionalíssimos, envolvendo cenas e processos desaprovados por galenos idosos e conservadores.

Com o passar das semanas, observei com pesar que, com efeito, meu novo amigo estava, lenta mas inequivocamente, perdendo suas forças, tal como sugerira a Sra. Herrero. O aspecto lívido de sua fisionomia se intensificava, a voz se fazia mais vazia e indistinta, seus movimentos musculares mostravam menor coordenação, seu espírito e sua força de vontade revelavam menos fortaleza e iniciativa. Não parecia ele de modo algum desatento a essa triste transformação, e pouco a pouco tanto sua expressão quanto sua conversa foram adquirindo uma ironia desagradável que restaurou em mim a repulsa sutil que eu havia sentido de início.

Ele foi cultivando caprichos esquisitos, afeiçoando-se a especiarias exóticas e incenso egípcio até que seu quarto recendia como a tumba de um faraó no Vale dos Reis. Ao mesmo tempo, aumentava seu desejo de ar frio, e com minha ajuda ele ampliou a tubulação de amônia de seu quarto e modificou o sistema de bombas e a alimentação de sua máquina de refrigeração, até conseguir manter a temperatura entre Iº e 4,5° centígrados e, finalmente, na casa de 2º centígrados negativos. O banheiro e o laboratório, naturalmente, eram menos frios, para que a água não se congelasse no encanamento e os processos químicos não se vissem prejudicados. O inquilino do cômodo ao lado do dele queixou-se do ar gélido que entrava pela porta de ligação; por isso, ajudei o doutor a instalar re-posteiros pesados, que mitigassem o problema. Uma espécie de horror crescente, de feitio bizarro e mórbido, parecia possuí-lo. Ele falava da morte sem cessar, mas ria cavamente quando coisas como providências fúnebres ou de sepultamento eram obliquamente sugeridas.

De maneira geral, ele se converteu em companhia desconcertante e até repelente. Contudo, por gratidão ao modo como ele me curara, eu não me dispunha a abandoná-lo aos estranhos que o cercavam, e tinha o cuidado de espanar-lhe o quarto e atender às suas necessidades de cada dia, metido num sobretudo pesado que eu havia comprado especialmente para esse fim. Da mesma forma, eu fazia grande parte de

suas compras e observava com assombro alguns dos produtos químicos que ele encomendava a farmacêuticos e fornecedores de laboratórios.

Uma crescente e inexplicada atmosfera de pânico parecia avolumar-se em seu apartamento. Toda a casa, como já foi dito, recendia a bolor; entretanto, o odor em seu apartamento era pior e, apesar de todas as especiarias e do incenso, bem como dos acres produtos químicos dos banhos (agora contínuos) que ele insistia em tomar sem ajuda, percebi que o cheiro deveria estar ligado à sua enfermidade, e tive um calafrio ao refletir sobre qual poderia ser. A Sra. Herrero persignava-se ao olho e deixou-o de bom grado aos meus cuidados, sem nem mesmo permitir que o filho, Esteban, continuasse a lhe prestar serviços. Quando eu sugeria que ele buscasse o auxílio de outros médicos, o inválido revelava fúria, tão grande quanto ele parecia atrever-se a demonstrar. Era evidente que ele receava o efeito físico da emoção violenta, e no entanto sua força de vontade e seus ímpetos antes se fortaleciam que minguavam, e ele se recusava a guardar o leito. A lassidão dos primeiros tempos de sua enfermidade deu lugar a um retorno de sua disposição fogosa, de modo que ele parecia arremessar reptos ao rosto do demônio da morte no momento mesmo em que esse antigo inimigo se apossava dele. A simulação do comer, que sempre fora, curiosamente, quase um formalismo, foi praticamente abandonada; e somente a força mental parecia protegê-lo do colapso total.

Adquiriu ele o hábito de redigir longos documentos que cuidadosamente lacrava e cercava de recomendações para que eu os transmitisse, após sua morte, a certas pessoas por ele nomeadas - na maioria letrados das Índias Orientais, mas entre as quais havia um outrora famoso médico francês, hoje em geral tido como morto, e a respeito de quem as coisas mais inconcebíveis haviam sido murmuradas. Quero dizer desde logo que queimei todos esses papéis, sem entregá-los nem abrí-los. Seu aspecto e sua voz se tomaram assustadores ao extremo, e sua presença quase insuportável. Num certo dia de setembro, ao vê-lo de relance, um homem que tinha vindo consertar sua lâmpada elétrica de mesa foi tornado de uma crise epiléptica, crise essa para a qual o doutor prescreveu remédios eficientes, enquanto se mantinha longe da vista. Aquele homem, é bom que se diga, havia passado pelos

horrores da grande guerra sem haver sucumbido a um susto tão medonho.

Foi então que, em meados de outubro, sobreveio, com subitaneidade estarrecedora, o horror dos horrores. Numa noite, mais ou menos às onze horas, a bomba da máquina refrigeradora quebrou-se, de forma que dentro de três horas o processo de resfriamento amoniacal se tornou impossível. O Dr. Muñoz chamou-me, batendo com os pés no chão, e pus-me a trabalhar desesperadamente para reparar o dano, enquanto meu anfitrião praguejava num tom cuja cavidade inerte e impetuosa foge a qualquer descrição. Não obstante, meus esforços amadorísticos foram baldados; tendo ido buscar um mecânico de uma garagem vizinha, que ficava aberta a noite toda, ficamos sabendo que nada poderia ser feito até de manhã, quando um novo pistão teria de ser adquirido. A indignação e o medo do ermitão moribundo, elevando-se a proporções grotescas, parecia ser de molde a destruir o que restava de seu físico fraquejante; e em certo momento um espasmo fez com que ele levasse as mãos aos olhos e corresse ao banheiro. Saiu dali tateando o caminho, com o rosto envolvido em bandagens, e nunca mais lhe vi os olhos.

O frio do apartamento diminuía agora sensivelmente, e ao dar as cinco da manhã o médico retirou-se para o banheiro, ordenando-me que o mantivesse abastecido com todo o gelo que eu pudesse obter em farmácias e bares. Ao voltar de minhas excursões, às vezes desencorajadoras, e deitar o que havia conseguido junto à porta do banheiro, eu escutava um contínuo espadanar de água lá dentro, enquanto uma voz grossa pedia "Mais... mais!" Por fim, raiou um dia quente, e uma a uma as lojas se abriram. Pedi a Esteban que ajudasse com o provisionamento de gelo enquanto eu ia adquirir o pistão da bomba, ou que encomendasse o pistão enquanto eu continuava a buscar gelo; no entanto, instruído pela mãe, ele se recusou peremptoriamente a ajudar.

Por fim, contratei um vadio de aspecto miserável que encontrei na esquina da Oitava Avenida para manter o paciente abastecido de gelo, trazido de uma lojinha onde o apresentei, e me entreguei, diligente, à tarefa de localizar um pistão de bomba e de contratar operários que soubessem instalá-lo. A tarefa parecia quase interminável, e fui tomado de ira quase tão violenta quanto a do ermitão ao ver as horas se escoando num ciclo infatigável de telefonemas infrutíferos, de correrias de um

lado para outro, indo ali e acolá' de metrô e transporte de superfície. Mais ou menos ao meio-dia encontrei um fornecedor satisfatório numa rua remota do centro da cidade, e aproximadamente à 1:30 da tarde cheguei à pensão com as peças necessárias e dois mecânicos fortes e inteligentes. Eu havia feito tudo quanto me fora possível e esperava chegar em tempo.

O negro terror, no entanto, me precedera. A pensão se transformara numa casa de orates, e sobre as vozes aterradas escutei um homem rezando com voz gravíssima. Havia pelo ar um quê de diabólico e os inquilinos rezavam o rosário com maior vigor ao sentirem o cheiro que exalava por baixo da porta fechada do médico. O vagabundo que eu contratara, ao que parece, havia fugido aos gritos e de olhos esbugalhados pouco depois de haver feito sua segunda entrega de gelo, talvez corno resultado de excessiva curiosidade. Não podia, está claro, trancar a porta ao sair; no entanto, agora ela estava fechada, presumivelmente por dentro. Não se ouvia som algum, com exceção de uma espécie indefinível de vagaroso e denso gotejar.

Depois de consultar a Sra. Herrero e os trabalhadores, e apesar do medo que me corroía a alma, opinei que deveríamos arrombar a porta; todavia, a senhoria descobriu uma maneira de virar a chave pelo lado de fora, com auxílio de um arame. Havíamos previamente aberto as portas de todos os outros quartos naquele corredor, além de descerrado as janelas até em cima. Agora, protegendo os narizes com lenços, invadimos, trêmulos, o amaldiçoado quarto, que resplendia com o sol quente do começo da tarde.

Uma espécie de trilha escura e lodosa levava da porta aberta do banheiro até a porta do corredor, e dali à escrivaninha, onde uma pocinha horrorosa se acumulara. Havia ali alguma coisa rabiscada a lápis, como que por um cego trêmulo, num pedaço de papel nojentamente manchado, ao que parecia pelas próprias garras que haviam traçado as apressadas palavras finais. Depois a trilha conduzia ao sofá e terminava de um modo que não pode ser descrito.

O que estava, ou tinha estado, no sofa não posso nem ouso dizer aqui. Mas eis o que decifrei no papel pegajosamente manchado, antes de riscar um fósforo e reduzí-lo a cinzas; o que decifrei tornado de pânico, enquanto a senhoria e os dois mecânicos saíam em disparada

daquele lugar infernal para ir relatar suas histórias incoerentes na delegacia de polícia mais próxima. As palavras nauseantes pareciam quase inacreditáveis naquele fulgor amarelo de sol, com o matraquear de automóveis e caminhões que vinham subindo ruidosamente a Rua 14, mas, no entanto, confesso que acreditei nelas naquele momento. Se acredito agora naquelas palavras, honestamente não sei dizer. Existem coisas a respeito das quais é melhor não especular, e tudo quanto posso dizer é que detesto o cheiro de amônia e sinto-me desfalecer ante uma lufada de ar inusitadamente frio.

"O fim chegou", dizia o rabisco pestilencial. "Não haverá mais gelo... o homem olhou e correu. Fica cada vez mais quente e os tecidos não poderão durar mais. Imagino que saibas... o que eu disse sobre a vontade, os nervos e o corpo preservado depois que os órgãos cessassem de funcionar. Era uma boa teoria, mas não podia ser mantida indefinidamente. Houve uma deterioração gradual que eu não previra. O Dr. Torres sabia, mas o choque o matou. Não pôde suportar o que teria de fazer; tinha de me meter num lugar estranho e escuro, mas atentou à minha carta e me fez voltar, com seus cuidados. E os órgãos jamais voltariam a funcionar novamente. Tinha de ser feito à minha maneira (preservação artificial), pois vês: eu morri naquela época, há dezoito anos."



A Música de Erich Zann

TENHO EXAMINADO mapas da cidade com o maior cuidado, mas jamais reencontrei a Rue d'Auseil. E não foram apenas mapas modernos, pois sei que os nomes mudam. Pelo contrário, pesquisei também, profundamente, em meio ao que há de mais antigo no lugar e explorei pessoalmente cada região, qualquer que fosse o nome, que porventura pudesse evocar a rua que conheci como Rue d'Auseil. No entanto, apesar de tudo, prevalece o fato humilhante de que não consigo achar a casa, a rua ou sequer a localidade onde, durante os últimos meses de uma miserável vida de estudante de metafísica na universidade, ouvi a música de Erich Zann.

Não me espanto de que minha memória falhe, pois minha saúde - física e mental - ficou gravemente comprometida durante o período em que residi na Rue d'Auseil, e me lembro de nunca ter levado nenhum de meus poucos conhecidos até lá. Mas que eu não possa encontrar de novo o lugar é que é singular e estarrecedor, pois ficava a meia hora de caminhada da universidade, além de que se distinguia por algumas peculiaridades que ninguém que tivesse estado lá esqueceria facilmente. Jamais conheci alguém que tivesse visto a Rue d'Auseil.

A Rue d'Auseil ficava do outro lado de um rio escuro, guarnecido por barracões de tijolos com janelas baças, sobre o qual se estendia uma ponte maciça de pedra negra. Sombras eternas pairavam sobre o rio, como se a fumaça das fábricas vizinhas obstruísse perpetuamente a luz do sol. O rio recendia a odores malignos que jamais senti noutros lugares e que talvez possam algum dia me ajudar a encontrá-lo, já que eu os

reconheceria de pronto. Para além da ponte viam-se ruas estreitas calçadas de pedras e protegidas por parapeitos; e então vinha o aclive, no início suave, depois incrivelmente acentuado quando começava a Rue d'Auseil.

Nunca vi nenhuma rua tão estreita e íngreme quanto a Rue d'Auseil. Era quase um precipício, inviável para qualquer veículo, consistindo, em mais de um ponto, de lanços de degraus e, no topo, terminando num muro alto coberto de hera. Seu calçamento era irregular, às vezes lajes de pedra, às vezes fragmentos de pedra e às vezes terra nua de onde despontavam tufos de vegetação cinza-esverdeada. As casas - de telhados pontudos - eram todas incrivelmente antigas e, em desordem, inclinavam-se para trás, para a frente ou para os lados. Não raro um par oposto, inclinando-se para diante, quase se tocava por cima da rua, formando um arco e certamente impedindo que parte da luz chegasse até o chão. Havia uns poucos passadiços ligando casas de ambos os lados da rua.

Os moradores dessa rua me impressionavam particularmente. No início, pensei que fosse por se tratar de gente silenciosa e reservada, mas depois concluí que era por serem todos muito velhos. Não sei como fui viver em tal recanto, mas pode ser que não foi por vontade própria que me mudei para lá. Tinha estado a habitar em muitos lugares pobres, sendo sempre despejado por falta de dinheiro, até que um dia fui parar naquela casa decadente da Rue d'Auseil, gerenciada pelo paralítico Blandot. Era a terceira casa a contar do topo da rua e, de longe, a mais alta de todas.

Meu quarto ficava no quinto piso - o único quarto ocupado, já que a casa estava quase vazia. Na noite em que cheguei, ouvi uma estranha música proveniente do sótão sobre minha cabeça, e no dia seguinte inquiri o velho Blandot a respeito. Ele me falou de um velho tocador de viola alemão, um sujeito estranho, mudo, que assinava o nome de Erich Zann e que se apresentava à noite na orquestra de um teatro barato, acrescentando que o desejo de tocar à noite, após o seu retorno do teatro, era o motivo pelo qual Zann escolhera aquele quarto no sótão alto e isolado, cuja solitária janela de empena era o único ponto da rua a partir do qual se podia avistar, por cima do muro, o declive e o panorama além dele.

Desde então, ouvi Zann todas as noites e, embora ele me mantivesse desperto, a esquisitice de sua música me fascinava. Conhecendo pouco

dessa arte, ainda assim eu estava certo de que nenhuma de suas modulações tinha qualquer relação com a música que eu ouvira antes e concluía que ele era um compositor de gênio altamente original. Quanto mais eu ouvia, mais ficava enleado, até que depois de uma semana resolvi conhecer o homem pessoalmente.

Certa noite, quando ele retornava do trabalho, interceptei Zann no corredor e lhe disse que gostaria de conhecê-lo e de estar com ele enquanto ele tocava. Era um indivíduo pequeno e recurvado, vestindo roupas surradas - de olhos azuis, face grotesca de sátiro e uma calva acentuada -, que ao ouvir minhas primeiras palavras se mostrou zangado e amedrontado. Minha camaradagem franca, no entanto, logo o abrandou, e ele, com relutância, me fez sinal para que o seguisse através da escada escura, rangente e infirme que conduzia ao sótão. Seu quarto, um dos dois únicos que havia no sótão de teto anguloso, ficava no lado oeste, voltado para o muro alto que limitava a extremidade superior da rua. Suas dimensões eram bastante amplas e pareciam mais amplas ainda devido à desarrumação e à nudez do lugar. De mobília havia apenas um catre de ferro, um lavatório ensebado, uma mesa pequena, uma estante grande, um suporte de ferro para partituras e três cadeiras de desenho antiquado. Folhas de notação musical jaziam espalhadas pelo soalho. As paredes eram de tábuas nuas e provavelmente nunca teriam conhecido nenhum emboço, ao passo que a abundância de poeira e teias de aranha fazia o lugar parecer mais deserto do que habitado. Por certo o mundo de beleza de Erich Zann existia num distante cosmos da imaginação.

Assinalando para que eu me sentasse, o mudo fechou a porta, correu a grande trava de madeira e acendeu uma vela para aumentar a claridade da que trouxera consigo. Então retirou sua viola do estojo bichado e, segurando-a, sentou-se na cadeira menos desconfortável. Não utilizou o suporte para partituras, mas, sem pedir opinião e tocando de memória, me enlevou por mais de uma hora com acordes que eu nunca ouvira antes - acordes que deviam ser de sua própria invenção. Descrever sua exata natureza é impossível para alguém não versado em música. Constituíam uma espécie de fuga, com passagens recorrentes de um teor cativante, mas que para mim eram notáveis devido à ausência de quaisquer das notas que eu escutara embaixo, em meu quarto, noutras ocasiões.

Dessas notas arrebatadoras eu me lembrava e não raro as cantarolava ou assobiava com desajeito para mim mesmo, de modo que, quando afinal o músico baixou o arco, lhe solicitei que executasse algumas delas. Mal escutou meu pedido, a face enrugada de sátiro perdeu a placidez enfastiada que exibira durante a execução e pareceu externar a mesma curiosa mistura de raiva e medo que eu notara quando abordei o velho pela primeira vez. Por um momento estive inclinado a usar de persuasão, levando em conta os possíveis caprichos da senilidade, e até tentei elevar o estranho ânimo de meu anfitrião assobiando alguns dos acordes que tinha ouvido na noite anterior. Mas não persisti nesse intuito por mais que um instante, pois, quando o musicista mudo reconheceu a melodia, sua face assumiu de imediato uma expressão distorcida que não se pode descrever, e a sua mão alongada, ossuda e fria, se estendeu para fechar minha boca e silenciar a imitação grosseira. E não ficou só nisso: demonstrou ainda sua excentricidade lançando um olhar atônito em direção à janela que uma cortina recobria, como se receoso de algum intruso - um olhar duplamente absurdo, desde que o sótão, elevando-se acima de todos os telhados adjacentes, era inacessível, sendo a janela o único ponto na rua íngreme a partir do qual, conforme o recepcionista me dissera, se podia enxergar por cima do muro no topo.

O olhar do velho trouxe-me à lembrança a observação de Blandot, e por um gesto de capricho senti um ímpeto de olhar para o largo e vertiginoso panorama de telhados que o luar banhava e para as luzes da cidade que brilhavam lá adiante, as quais, dentre todos os moradores da Rue d'Auseil, somente esse músico ranzinza podia ver. Dei um passo em direção à janela e teria aberto as indescritíveis cortinas se, com uma recrescida fúria de pavor, o hóspede mudo não se lançasse sobre mim, desta vez movendo a cabeça em direção à porta enquanto lutava nervosamente, com ambas as mãos, para me empurrar até ela. Agora, bastante aborrecido com meu anfitrião, ordenei-lhe que me soltasse e disse-lhe que sairia imediatamente. Ele me soltou e, quando viu que eu me aborrecera e me ofendera, sua própria raiva pareceu amainar. Voltou a me segurar com força, mas desta vez de um modo amigável, conduzindo-me a uma cadeira e então, ansiosamente, passando para o outro lado da mesa, onde começou a escrever algumas palavras com um lápis, num árduo francês de estrangeiro.

A nota que ele afinal me entregou constituía-se num pedido de tolerância e perdão. Zann argumentou que estava velho, solitário, e era afligido por medos insólitos e desordens nervosas ligadas à sua música e a outras coisas. Ele apreciara meu interesse em ouvir sua música e desejava que eu retornasse e não me importasse com suas excentricidades. Mas ele não podia tocar para os outros aqueles acordes inusitados e menos ainda ouvir alguém assobiá-los, bem como suportar que alguém mexesse no que quer que fosse em seu quarto. Ele não tivera idéia, até nossa conversa no corredor, de que em meu quarto eu podia ouvi-lo tocar e então me perguntou se eu não podia pedir a Blandot que me transferisse para um quarto mais embaixo, onde não o ouvisse durante a noite. Estava disposto - conforme escreveu - a arcar com o acréscimo no preço do aluguel.

Enquanto decifrava o francês execrável, comecei a me sentir mais complacente com o velho. Tornara-se vítima de distúrbios psíquicos e nervosos, tal como eu mesmo, e meus estudos metafísicos me ensinaram a ser bondoso. No silêncio, um som começou a vir da janela - talvez o vento noturno tivesse feito os vidros estalarem, e por alguma razão eu me assustei quase tanto quanto Erich Zann. Ao fim da leitura, apertei-lhe a mão e parti amigavelmente.

No dia seguinte Blandot me arranjou um cômodo mais caro no terceiro pavimento, entre os aposentos de um velho agiota e o apartamento de um respeitável estofador. Não havia ninguém no quarto pavimento.

Não demorou muito para eu descobrir que a ânsia de Zann por minha companhia não era tão grande quanto me parecera na ocasião em que me convenceu a me mudar do quinto piso. Não me pediu que o visitasse e, quando eu o procurei, me pareceu pouco à vontade e tocou sem emoção. Isso sempre acontecia à noite, pois durante o dia ele dormia e não recebia ninguém. Minha simpatia por ele não cresceu, conquanto o quarto no sótão e a música fantástica parecessem exercer sobre mim um estranho fascínio. Senti um desejo inexplicável de olhar, através daquela janela e por cima do muro, para o declive invisível e para os telhados e cumeeiras resplandecentes que haveria além dele. Numa ocasião, cheguei a subir ao sótão durante as horas do teatro, enquanto Zann não se achava no quarto, mas encontrei a porta fechada.

Só o que eu podia ouvir era a música noturna do velho mudo. No início, eu subia nas pontas dos pés até o quinto piso; depois adquiri coragem para galgar a escada rangente até o sótão no alto. Ali, no vestíbulo estreito, aquém da porta trancada, com o buraco da fechadura tapado, eu freqüentemente ouvia sons que me enchiam de um medo indefinido - medo de espantos vagos e mistérios latentes. Não porque os sons em si fossem terríveis - o que decerto não eram -, mas porque continham vibrações que sugeriam qualquer coisa de alheia a este planeta e porque, em certos intervalos, assumiam qualidades sinfônicas que dificilmente eu podia supor fossem produzidas por um único executante. Certamente Erich Zann era um gênio de força selvagem. Com o passar das semanas, a música se tornou mais selvagem, enquanto o velho musicista ia adquirindo um desleixo e uma furtividade lamentáveis de se ver. Agora, invariavelmente, se recusava a me receber e se esquivava de mim sempre que nos deparávamos nas escadas.

Então, certa noite, escutando através da porta, ouvi o ganido de uma viola ululante vibrar por entre uma babel caótica de sons, um pandemônio que me faria duvidar de minha sanidade abalada, não viesse de trás daquela porta fechada uma abominável prova de que o horror era real: o grito aterrador e inarticulado que só um mudo é capaz de emitir e que brota somente em momentos de medo e de angústia os mais terríveis. Bati insistentemente na porta, mas não tive resposta. Em seguida, aguardei, no vestíbulo escuro, a tremer de frio e de medo, até que captei os débeis esforços do músico para se levantar do soalho apoiando-se numa cadeira. Supondo que ele recuperava a consciência após um desmaio, voltei a bater na porta, ao mesmo tempo em que dizia que era eu quem chamava. Percebi que Zann cambaleou até a janela, fechou as rótulas e baixou a guilhotina; depois, ouvi-o claudicar até a porta, que abriu para minha passagem. Desta vez, mostrou real prazer em me ver, pois seu semblante conturbado se iluminou de alívio quando ele me puxou pelo casaco tal como uma criança se agarra às saias de sua mãe.

Tremendo pateticamente, o velho me fez sentar numa cadeira e ocupou uma outra, ao lado da qual jaziam a viola e o arco largados no chão. Permaneceu imóvel por algum tempo, balançando a cabeça, mas dando a paradoxal impressão de que ouvia intensa e medrosamente. Em seguida, pareceu satisfeito e, passando para a cadeira do outro lado da

mesa, rabiscou uma nota breve, que me entregou, e se debruçou de novo, voltando a escrever rápida e incessantemente. Na nota, implorava-me que, por misericórdia e para sanar minha curiosidade, eu aguardasse enquanto ele preparava, em alemão, um relato completo de todas as maravilhas e horrores que o acossavam. Esperei, e o lápis do mudo correu.

Foi talvez uma hora mais tarde, enquanto eu ainda esperava e enquanto o velho músico empilhava folhas e mais folhas de papel escrito, que eu vi Zann se assustar como se ao impacto de um horrível sobressalto. Claramente, ele olhava para a janela coberta pelas cortinas e escutava entre tremores. Então supus eu mesmo ouvir algum som, embora não fosse nada horrível, mas, antes, uma nota musical lenta, distante e inusitada, a sugerir que alguém tocava numa das casas vizinhas ou nalgum recanto para além do muro alto por cima do qual eu jamais pudera olhar. O efeito sobre Zann foi terrível, pois que, deixando cair o lápis, se ergueu de súbito, agarrou a viola e começou a encher a noite de uma melodia selvagem que eu jamais ouvira de seu arco a não ser através da porta trancada.

Seria inútil descrever o modo de tocar de Erich Zann naquela noite pavorosa. Era mais horrível do que qualquer coisa que eu já lhe tinha escutado, porque agora eu podia ver a expressão de seu rosto e podia notar que o motivo era o medo mais agudo. Ele tentava produzir barulho, afastar qualquer coisa ou afogar qualquer coisa; o quê? - eu não podia imaginar, por mais apavorante que o supusesse. A execução se tornou fantástica, realmente histérica, e no entanto conservava algo das qualidades do gênio supremo de que eu sabia possuidor aquele homem velho. Reconheci os acordes - era, selvagemente, uma dança húngara popular nos teatros, e me dei conta de que era a primeira vez que eu ouvia Zann executar a obra de outro compositor.

Mais alto e mais alto, mais selvagem e mais selvagem, cresceu o uivo e o lamento daquela viola desesperada. Uma perspiração transbordante recobria o músico, que se contorcia como um macaco, sempre a olhar em desvario para a janela coberta. Em seus acordes frenéticos eu quase podia ver as sombras de sátiros e bacantes dançando e rodopiando numa agitação insana e abissal de nuvens e fumaça e relâmpagos. E então pensei ouvir uma nota mais aguda, mais firme, que não provinha da viola - uma nota calma, deliberada, propositada e zombeteira que vinha de longe, do oeste.

Nesse instante as rótulas começaram a chacoalhar ao vento ululante da noite, o qual pareceu elevar-se lá fora como se em resposta à música louca de dentro. Uivando, a viola de Zann se superava ao emitir sons que nunca pensei uma viola pudesse emitir. As rótulas chacoalharam mais alto, soltaram-se e passaram a bater contra a janela. Então o vidro se partiu sob os impactos persistentes, e o vento gelado penetrou no cômodo, fazendo oscilar a chama das velas e agitando as folhas de papel onde Zann dera início à narrativa de seu horrível segredo. Olhei para Zann e vi que estava fora de si. Seus olhos azuis se arregalavam, vítreos e desvairados, e a execução frenética pôs em curso uma orgia cega, mecânica, irreconhecível, que pena alguma poderá sequer sugerir.

Uma lufada súbita, mais forte que as outras, arrebatou o manuscrito e o atirou em direção à janela. Saltei desesperado no encalço das folhas, mas elas escaparam ao meu alcance através dos vidros partidos. Lembrei-me, então, de meu velho anseio de olhar pela janela, a única na Rue d'Auseil de que se podia enxergar a encosta para além do muro e a cidade que se estendia lá embaixo. Estava muito escuro, mas as luzes da cidade sempre brilhavam, e minha expectativa era avistá-las em meio ao vento e à chuva. No entanto, quando olhei pela janela daquele sótão altíssimo - olhei enquanto as velas tremulavam e a viola insana ululava ao vento noturno -, não vi cidade alguma se estender lá embaixo e nenhuma luz amigável brilhar nas ruas familiares, mas apenas a escuridão do espaço ilimitado, espaço inimaginável que o movimento e a música punham vivo, o qual não se assemelhava a nada na terra. E, enquanto permaneci a olhar, imerso no terror, o vento apagou ambas as velas daquela mansarda pinacular, imergindo-me numa treva bruta e impenetrável, com o caos e o pandemônio à minha frente e a loucura demoníaca daquela viola atrás de mim.

Recuei aos tropeços na treva, sem condições de acender qualquer luz, chocando-me contra a mesa, derrubando uma cadeira e finalmente alcançando às apalpadelas o lugar onde a escuridão urrava com a música estridente. Salvar a mim mesmo e a Erich Zann eu poderia ao menos tentar, não obstante as forças que se me opunham. Numa ocasião senti como se uma coisa gelada roçasse por mim e gritei, mas meu grito não podia superar o som da abominável viola. Súbito, em meio à treva, o infatigável arco bateu em mim, e então percebi que estava perto do violista. Tateei à

minha frente, encontrei as costas da cadeira de Zann e então procurei seu ombro e o agitei, num esforço de trazê-lo de volta à razão.

Ele não me respondeu, e a viola incansável continuou a zunir. Levei a mão até sua cabeça, cujos acenos mecânicos não havia como parar, e gritei ao seu ouvido que precisávamos fugir das coisas ignotas da noite. Mas ele não me respondeu nem amenizou o frenesi de sua música indescritível; enquanto isso, por todo o sótão estranhas correntes de vento pareciam dançar na treva e no caos. Quando minha mão tocou em sua orelha, estremeci, embora sem saber por que -sem saber por que, até que senti a face imóvel, a face rígida e sem respiração, cujos olhos vidrados se arregalavam em vão no vazio. E então, por um milagre, achando a porta e a grande trave de madeira, me arrastei doidamente para fora, fugindo à coisa de olhos vítreos que havia na escuridão e do uivo espectral daquela viola maldita cuja força cresceu enquanto eu me arrastava.

Saltar, flutuar, voar por aqueles infindáveis degraus abaixo através da escuridão da casa; correr desvairadamente pelas ruas estreitas, íngremes e antigas, feitas de degraus e cercadas de casas decadentes; pular sobre os degraus e as pedras do calçamento em direção às ruas baixas e ao rio pútrido e profundo, ofegar através da grande ponte negra em direção às ruas mais largas e saldáveis e aos bulevares conhecidos, tudo isso são terríveis impressões que sobrevivem em mim. Tudo o que lembro é que não havia vento nem lua e que todas as luzes da cidade tremulavam.

A despeito de minhas buscas e investigações mais diligentes, jamais consegui achar a Rue d'Auseil. Mas não o lamento de todo: nem isso nem a perda, em abismos inimagináveis, das folhas de papel que, numa escrita cerrada, poderiam ter explicado a música de Erich Zann.



O Descendente

ESCREVER SOBRE O que o doutor me conta em meu leito de morte, meu medo mais odioso é que o homem esteja errado. Suponho que deverei ser enterrado na semana que vem, mas...

Em Londres há um homem que grita quando os sinos das igrejas tocam. Ele vive totalmente só com seu gato malhado na Pensão Gray, e as pessoas dizem que ele é apenas um louco inofensivo. Seu quarto está cheio de livros de tipos mais calmos e pueris, e hora após hora ele tenta se perder em suas fracas páginas. Tudo o que ele quer da vida é não pensar. Por algum motivo o ato de pensar lhe é muito terrível, e tudo o que possa agitar a sua imaginação o faz, fugir de como uma praga. Ele é muito magro e enrugado, mas há quem declare que não é tão velho quanto aparenta. O medo tem suas garras retorcidas sobre ele, e um som o fará se sobressaltar com olhos perscrutadores e a testa coberta de suor. Os amigos e companheiros ele dispensa, pois não deseja responder a nenhuma pergunta. Os que outrora o conheceram como *scholar* e esteta dizem que dá pena de vê-lo agora. Ele abandonou a todos anos antes, e ninguém sabe ao certo se ele deixou o país ou simplesmente desapareceu de vista em alguma ruela oculta. Faz uma década agora desde que ele se mudou para a Pensão Gray, e de onde andou ele não diria nada até a noite em que o jovem Williams comprou o *Necronomicon.*

Williams era um sonhador, e tinha apenas vinte e três anos, e quando ele se mudou para a antiga casa, sentiu uma estranheza e um hálito de vento cósmico ao redor do homem cinzento e envelhecido no quarto ao lado. Ele forçou sua amizade onde velhos amigos não ousavam forçar a

deles, e maravilhou-se com o medo que tomava conta daquele observador e ouvinte triste e sombrio. Pois que o homem sempre observava e ouvia, ninguém podia duvidar. Ele observa e ouvia mais com sua mente do que com os olhos e ouvidos, e lutava a cada momento para afogar alguma coisa em sua pesquisa incessante sobre romances alegres e insípidos. E quando os sinos das igrejas tocavam, ele tampava os ouvidos e gritava, e o gato cinzento que com ele morava uivava em uníssono até que o reverberar da última badalada morresse ao longe.

Mas por mais que Williams tentasse, não conseguia fazer seu vizinho falar de nada profundo ou oculto. O velho não acompanhava seu aspecto e maneirismos, mas fingia um sorriso e um tom suave de voz e falava febril e freneticamente de alegres trivialidades; sua voz a cada momento se elevava e engrossava até se partir num pipilante e incoerente falsete.Que seu conhecimento era vasto e profundo, isso suas observações mais triviais tornavam abundantemente claro; e Williams não se surpreendeu ao ouvir que ele freqüentou Harrow e Oxford. Posteriormente descobriu-se que ele não era outro que não Lorde Northam, de cujo antigo castelo hereditário na costa de Yorkshire tantas coisas estranhas se contavam; mas quando Williams tentou falar do castelo, e de sua reputada origem romana, ele se recusou a admitir que houvesse nele qualquer coisa de incomum. Até chegou a se arrepiar quando o assunto das supostas criptas subterrâneas, escavadas da rocha sólida que abunda no Mar do Norte foi trazido à tona.

Assim as coisas ocorreram até a noite passada, quando Williams levou para casa o infame *Necronomicon,* do árabe louco Abdul AlHazred. Ele havia ouvido falar do temível volume desde seus dezesseis anos, quando seu crescente amor pelo bizarro o levara a perguntar questões estranhas a um velho livreiro na Rua Chandos; e ele havia sempre se perguntado por que os homens empalideciam quando dele falavam. O velho livreiro lhe havia dito que apenas cinco cópias haviam sabiamente sobrevivido aos editos chocados dos sacerdotes e juízes contra ele, e que todos estavam encerrados com cuidado terrível por pessoas que haviam se aventurado a começar uma leitura do negro livro odioso. Mas agora, finalmente, ele havia não somente encontrado uma cópia acessível mas adquirido a um preço ridiculamente baixo. Foi na loja de um judeu, nas vizinhanças esquálidas do Mercado Clare, onde lê já havia compra coisas

estranhas antes, e quase imaginava o velho levita recurvado e sorridente entre fiapos de barba quando fez a grande descoberta. A pesada capa de couro com o cadeado de aço estava tão proeminentemente visível, e o preço era tão absurdamente baixo.

O único vislumbre que ele teve do título foi suficiente para fazê-lo delirar, e alguns dos diagramas dispostos no vago texto em latim excitavam as mais tensas e inquietantes lembranças de seu cérebro. Ele sentia que era muito necessário levar a coisa poderosa para casa e começar a decifrá-la, e levou-a da loja com tamanha precipitação que o velho judeu riu perturbadoramente atrás dele. Mas quando finalmente estava a salvo em seu quarto, descobriu que a combinação do livro negro e do idioma adulterado era demais para seus poderes de lingüística, e relutantemente pediu ajuda de seu estranho amigo amedrontado para decifrar o distorcido latim medieval. Lorde Northam conversava banalidades com seu gato malhado, e reagiu violentamente quando o jovem entrou. Então viu o volume e tremeu violentamente, e desfaleceu por completo quando Williams pronunciou o título. Foi quando recuperou os sentidos que ele contou sua história; contou sua fantástica ficção de loucura em frenéticos sussurros para que seu amigo fosse rápido em queimar livro amaldiçoado e espalhar bem distante suas cinzas.

Deve haver, Lorde Northam sussurrou, deve haver alguma coisa errada no começo; mas isso nunca teria chegado a um fim se ele não tivesse ido tão longe. Ele era o décimo-nono barão de uma linhagem cujo início ia desconfortavelmente distante no passado — inacreditavelmente distante, se a vaga tradição for considerada, pois havia histórias de família sobre uma descendência que remonta a tempos pré-saxônicos, quando um certo Luneu Gabínio Capito, tribuno militar da Terceira Legião Augusta então estacionada em Lindum, na Britânia Romana, havia sido sumariamente expulso de seu comando por participação em certos rituais que não tinha ligação com qualquer religião conhecida. Gabínio havia, segundo corria o rumor, entrado na caverna da encosta, onde estranhas pessoas se reuniam, e feito o Sinal dos Antigos na escuridão; estranhas pessoas que os Bretões não conheciam, salvo por medo, e que foram os últimos sobrevivente de uma grande terra a oeste que havia afundado, deixando apenas as ilhas com os círculos e templos dos quais Stonehenge era o maior. Não havia certeza, claro, na lenda, de

que Gabínio houvesse construído uma fortaleza impregnada sobre a caverna proibida e fundado uma linguagem que pictos e saxões, daneses e normandos foram incapazes obliterar; ou na suposição tácita de que daquela linhagem surgira o bravo e companheiro tenente do Príncipe Negro que Eduardo III tornara Barão de Northam. Essas coisas não eram certas, mas eram contadas com freqüência; e em verdade o trabalho em pedra da Fortaleza Northam parecia de forma alarmante como a alvenaria da Muralha de Adriano. Em criança, Lorde Northam tivera sonhos peculiares quando dormia nas partes mais velhas do castelo, e adquirira um constante hábito de vasculhar na memória cenas semi-amorfas e padrões de impressões que não formavam parte de sua experiência acordado. Ele se tornou um sonhador que descobriu a vida mansa e insatisfatória; um pesquisador de reinos estranhos e relacionamentos um dia familiares, mas que não se encontram em nenhum lugar das regiões visíveis da Terra.

Preenchido com uma sensação de que nosso mundo tangível é apenas um átomo num vasto e ominoso material, e que demônios ocultos pressionam e permeiam a esfera do conhecido a cada ponto, Northam na juventude e nos primeiros anos de fase adulta secou as fontes da religião formal e dos mistérios ocultos. Em nenhuma parte, entretanto, pôde ele encontrar paz e contentamento; e, à medida que crescia, a paralisia e as limitações da vida tornavam-se mais e mais enlouquecedoras para ele. Durante os anos 90 ele estudou o satanismo, e em todos os momentos devorou avidamente qualquer doutrina ou teoria que parecesse prometer fuga das visões fechadas da ciência e das tolas leis imutáveis da natureza. Livros como o relato quimérico de Ignatius Donnely sobre Altântida, e uma dúzia de obscuros precursores de Charles Fort o fascinavam com suas divulgações. Viajava léguas para acompanhar uma história furtiva de vilarejo de maravilhas anormais, e um dia foi ao deserto da Arábia para procurar uma Cidade Sem Nome por relatos vagos, que nenhum homem havia visto jamais. Dentro dele se elevava a fé tantalizante de que em alguma parte existiria um portal, que se encontrado o admitiria livremente àquelas profundezas extremas cujos ecos soavam tão fracos nos fundos de uma memória. Poderia estar no mundo visível, ainda que podesse também estar em sua mente e em sua alma. Talvez ele mantivesse no interior de seu próprio cérebro semi-inexplorado aquela ligação críptica que o despertaria a vidas ancestrais e futuras em dimensões esquecidas;

que o ligariam às estrelas, e aos infinitos e eternidades além delas... *circa* 1926)



A procura de Iranon

PARA A CIDADE de granito de Teloth perambulou o jovem com uma grinalda de folhas de parreira sobre o cabelo louro reluzente de mirra, o manto púrpura rasgado pelos espinheiros do monte Sidrak, que se ergue do outro lado da antiga ponte de pedra. Os homens de Teloth são rudes e sombrios, e moram em casas quadradas. Com semblantes carrancudos perguntaram ao estrangeiro de onde ele vinha e qual era seu nome e fortuna. E o jovem respondeu

"Sou Iranon e venho de Aira, uma cidade distante da qual só me lembro vagamente mas que procuro reencontrar. Sou um cantor das canções que aprendi na cidade distante e meu oficio é fazer beleza com as coisas relembradas da infância. Minha riqueza está em pequenas lembranças e sonhos, e nas esperanças que canto nos jardins quando a lua é doce e o vento oeste agita as flores de lótus".

Quando os homens de Teloth ouviram essas coisas, murmuraram entre si; pois, embora na cidade de granito não haja risos nem canções, os homens rudes às vezes olham para os montes Karthianos, na primavera, e pensam nos alaúdes da distante Oonai mencionada pelos viajantes. E, assim pensando, pediram ao estrangeiro que ficasse e cantasse na praça diante da Torre de Mim, embora não gostassem da cor de seu manto esfarrapado, nem da mirra em seu cabelo, nem de sua grinalda de folhas de videira, nem da juventude de sua voz dourada. Ao anoitecer, Iranon cantou, e enquanto cantava um velho orava e um cego afirmou enxergar uma auréola sobre a cabeça do cantor. Mas a maioria dos homens de Teloth bocejou, e alguns riram, e alguns

caíram no sono, pois Iranon não dizia nada de útil, cantando somente suas lembranças, seus sonhos e suas esperanças. "Lembro-me do crepúsculo, da lua e das doces canções, e da janela onde era embalado para dormir. E além da janela havia a rua de onde vinham as luzes douradas e as sombras dançavam sobre casas de mármore. Recordo o quadrado de luar do chão, que nenhuma outra luz igualava, e as visões que dançavam nos raios lunares quando minha mãe cantava para mim. E recordo também o sol da manhã brilhando sobre as multicoloridas colinas no verão, e a doçura das flores carregadas pelo vento sul que fazia as árvores cantarem".

"Ó Aira, cidade de mármore e berilo, quantas não são tuas belezas! Quanto eu amava os cálidos e fragrantes bosques além do hialino Nithra, e as quedas do minúsculo Kra, que corria pelo vale verdejante! Naqueles bosques e naquele vale, as crianças trançavam grinaldas umas para as outras e, ao crepúsculo, eu sonhava estranhos sonhos sob as árvores yaths na montanha enquanto via, abaixo de mim, as luzes da cidade e o sinuoso Nithra refletindo um cinturão de estrelas".

"E na cidade havia palácios de mármore raiado e matizado com cúpulas douradas e paredes ornamentadas, e verdes jardins com tanques cerúleos e fontes cristalinas. Muitas vezes brinquei nos jardins, e entrei nos tanques, e me deitei e sonhei entre as pálidas flores debaixo das árvores. E às vezes, ao pôr-do-sol, eu subia pela longa e íngreme rua até a cidadela e a praça aberta, e olhava para baixo, para Aira, a cidade mágica de mármore e berilo, esplêndida em seu manto de chama dourada".

"Há muito eu te perdi, ó Aira, pois era muito jovem quando parti para o exílio, mas meu pai era o Rei e eu voltarei para ti, pois assim quer o Destino. E por sete terras eu te busquei, e algum dia reinarei sobre teus bosques e jardins, tuas ruas e palácios, e cantarei para homens que saberão do que eu canto, e não rirão, nem se afastarão. Pois eu sou Iranon, que foi um Príncipe em Aira".

Naquela noite, os homens de Teloth alojaram o estrangeiro num estábulo e, pela manhã, um arconte foi ter com ele dizendo-lhe para ir à oficina de Athok, o sapateiro, e tornar-se seu aprendiz.

"Mas eu sou Iranon, um cantor de canções", disse ele, "e não tenho vocação para o oficio de sapateiro".

"Todos em Teloth devem trabalhar arduamente", replicou o arconte, "pois esta é a lei".Então disse Iranon:

"Por que motivo trabalhais arduamente? Não deveis viver e ser felizes? E se trabalhais arduamente apenas para poder trabalhar ainda mais, quando a felicidade vos encontrará? Trabalhais para viver, mas a vida não é feita de beleza e canção? E se não tiverdes cantores entre vós, para onde irão os frutos de vosso trabalho? A lida sem canção é como uma jor-nada estafante sem um fim. A morte não seria mais agradável?" Mas o arconte se aborreceu e não entendeu, e reprovou o estranho.

"És um jovem estranho e não gosto de teu rosto, nem de tua voz. As palavras que falas são blasfêmia, pois disseram os deuses de Teloth que o trabalho árduo é bom. Nossos deuses nos prometeram um paraíso de luz além da morte onde re-pousaremos eternamente, e a frialdade de cristal em meio à qual ninguém perturbará nossa mente com pensamentos ou nossos olhos com beleza. Vai, pois, até Athok, o sapateiro, ou parte da cidade ao entardecer. Todos aqui devem servir, e cantar é insensatez".

Iranon abandonou então o estábulo e caminhou pelas estreitas ruas de pedra entre as sombrias casas quadradas de granito, procurando algum verde, pois tudo ali era de pedra. Os homens traziam as testas franzidas, mas no dique de pedra que margeava o preguiçoso rio Zuro havia um garoto sentado escrutinando com olhos tristes as águas por trás de verdes ramos floridos trazidos dos morros pelas cheias. E o garoto lhe disse:

Não és aquele de quem os arcontes falam, aquele que procura uma cidade distante numa bela região? Sou Romnod, nascido do sangue de Teloth, mas não sou um velho calejado nos modos da cidade de granito e anseio diariamente pelos cálidos bosques e as terras distantes de beleza e canção. Além dos montes Karthianos fica Oonai, a cidade dos alaúdes e das danças da qual os homens murmuram dizendo que é igual-mente adorável e terrível. Ali eu iria se fosse suficientemente velho para encontrar o caminho, e ali deverias ir e cantar, e terias pessoas para te

escutar. Deixemos a cidade de Teloth e viajemos juntos entre os montes primaveris. Tu me mostrarás os caminhos da viagem e eu ouvirei tuas canções ao entardecer, quando as estrelas, uma a uma, trazem sonhos às mentes dos sonhadores. E pode mesmo acontecer que Oonai, a cidade dos alaúdes e das danças, seja a mesma bela Aira que tu procuras, pois se conta que não encontraste Aira desde os velhos tempos, e os nomes freqüentemente mudam. Vamos para Oonai, ó Iranon de cabeça dourada, onde os homens conhecerão nossos anseios e nos receberão como ir-mãos, e também não rirão nem franzirão as testas com o que dissermos ". E Iranon respondeu:

"Assim seja, pequeno. Se alguém neste lugar de pedra anseia por beleza, deve buscar as montanhas e ir além delas, e eu não te deixaria a definhar ao lado do preguiçoso Zuro. Mas não penses que o deleite e o entendimento grassam logo depois dos montes Karthianos, ou em qualquer lugar que possas encontrar numa jornada de um dia, ou um ano, ou um lustro. Olha, quando eu era pequeno como tu, morava no vale de Narthos, à beira do frígido Xari, onde ninguém se importava com meus sonhos, e disse para mim que, quando fosse mais velho, iria para Sinara na encosta meridional, e cantaria para sorridentes cameleiros na praça do mercado. Mas quando fui a Sinara, encontrei os cameleiros todos bêbados e dissolutos, e percebi que suas canções não eram como as minhas, por isso viajei numa chata, descendo o Xari até a Jaren das muralhas de ônix. E os soldados de Jaren riram de mim e me expulsaram, por isso saí perambulando por muitas outras cidades. Conheci Stethelos, abaixo da grande catarata, e vi o pântano onde um dia existiu Sarnath. Estive em Thraa, Ilarnek e Kadatheron às margens do sinuoso rio Ai, e habitei muito tempo Olathoe, na terra de Lomar. Mas, embora encontrasse ouvintes ocasionais, eles sempre foram muito poucos, e sei que só serei bem recebido em Aira, a cidade de mármore e berilo onde meu pai uma vez governou como Rei. Assim, pois, buscaremos Aira, embora fosse bom visitar até a distante Oonai, abençoada pelos alaúdes, além dos montes Karthianos, que pode de fato ser Aira, muito embora eu não o creia. A beleza de Aira supera a imaginação e ninguém consegue se pronunciar sobre ela sem arrebatamento, enquanto de Oonai os cameleiros sussurram furtivamente."

O sol se punha, quando Iranon e o pequeno Romnod partiram de Teloth, e durante muito tempo perambularam pelos verdes montes e as frias florestas. O caminho era acidentado e escuro, e eles pareciam nunca se aproximar de Oonai, a cidade de alaúdes e danças, mas quando chegava o crepúsculo e as estrelas surgiam, Iranon cantava sobre Aira e suas belezas, e Romnod escutava, e isso os deixava, até certo ponto, contentes. Comiam regaladamente frutas e bagas vermelhas, e não sentiam o tempo passar, mas muitos anos devem ter transcorrido. O pequeno Romnod já não era tão pequeno e já não tinha a voz esganiçada e sim grave, embora Iranon fosse sempre o mesmo e continuasse enfeitando seus cabelos dourados com folhas de parreira e resinas fragrantes encontradas nos bosques. Assim, deu-se um dia em que Romnod pareceu estar mais velho que Iranon, embora fosse muito pequeno quando Iranon o encontrara espreitando por verdes ramos floridos em Teloth, ao lado do preguiçoso Zuro margeado de pedra.

Era uma noite de lua cheia quando os viajantes atingiram o cume de uma montanha e, olhando para baixo, avistaram as miríades de luzes de Oonai. Camponeses lhes haviam dito que estavam perto e Iranon percebeu que aquela não era sua cidade nativa de Aira. As luzes de Oonai não eram como as luzes de Aira, pois eram fortes e ofuscantes, enquanto as luzes de Aira brilhavam com tanta suavidade e magia quanto o luar sobre o chão ao lado da janela onde a mãe de Iranon um dia o acalentara com canções. Mas Oonai era uma cidade de alaúdes e danças, por isso Iranon e Romnod desceram a íngreme encosta para encontrar pessoas a quem canções e sonhos pudessem agradar. E, quando entraram na cidade, encontraram foliões com grinaldas de rosas saltitando de casa em casa e se inclinando de janelas e sacadas que ouviam as canções de Iranon e atiravam-lhe flores e o aplaudiam quando terminava. Então, por um momento, Iranon acreditou ter encontrado os que pensavam e sentiam como ele, embora a cidade não tivesse um centésimo da beleza de Aira. Ao chegar a aurora, Iranon olhou em torno desalentado, pois as cúpulas de Oonai não eram douradas sob o sol, mas cinzentas e sombrias. E os homens de Oonai estavam pálidos das folias e entorpecidos pelo vinho, e eram diferentes dos radiantes homens de Aira. Mas como as pessoas tinham atirado flores sobre ele e aclamado suas canções, Iranon ficou, e com ele Romnod, que gostava das folias da cidade e trazia rosas e mirto em seus negros cabelos. Muitas vezes, à

noite, Iranon cantava para os foliões, mas estava sempre como antes, coroado apenas com as vinhas das montanhas e recordando as ruas de mármore de Aira e o hialino Nithra.

Nos salões cobertos de afrescos do Monarca ele cantou sobre uma plataforma de cristal elevada sobre um piso espelhado, e ao cantar trazia imagens para seus ouvintes até o piso parecer refletir coisas antigas, belas e meio lembradas em vez dos foliões avermelhados pelo vinho que o bombardeavam com rosas. E o Rei pediu-lhe que tirasse seu esfarrapado manto púrpura e vestiu-o de cetim com brocados de ouro, com anéis de jade verde e braceletes de tinto marfim, e alojou-o num quarto dourado e forrado de tapeçarias com uma cama de madeira delicadamente entalhada, com dosséis e colchas de seda com bordados florais. Assim viveu Iranon em Oonai, a cidade dos alaúdes e das danças. Não se sabe quanto tempo Iranon permaneceu em Oonai, mas certo dia o Rei trouxe para o palácio alguns dançarmos frenéticos do deserto liraniano e trigueiros flautistas de Drinen, no Leste, e a partir de então os foliões atiraram suas rosas não tanto em Iranon, mas sobretudo nos dançarinos e flautistas. E, dia após dia, aquele Romnod que havia sido um garoto na granítica Teloth foi se tornando mais rude e avermelhado pelo vinho, até que passou a sonhar cada vez menos e a ouvir com menos deleite as canções de Iranon. Mas, embora estivesse triste, Iranon não deixava de cantar, e à noite recontava sempre seus sonhos de Aira, a cidade de mármore e berilo. Então, certa noite em que roncava pesadamente recostado entre as sedas narcóticas de seu leito, Romnod, gordo e rubicundo, faleceu em meio a uma convulsão, enquanto Iranon, pálido e esbelto, cantava para si mesmo num canto distante. Depois de prantear sobre o túmulo de Romnod e o forrar com verdes ramos floridos como os que Romnod costumava amar, Iranon despiu suas sedas e adornos e partiu, esquecido, de Oonai, a cidade de alaúdes e danças, trajando apenas o esfarrapado manto púrpura com que chegara, coroado com uma grinalda de frescas folhas de parreira das montanhas.

Ao entardecer, errava ainda Iranon, procurando sua terra nativa e os homens que compreenderiam e louvariam seus sonhos e canções. Em todas as cidades de Cydathria e nas terras além do deserto de Bnazie, crianças risonhas riam de suas velhas canções e de seu

esfarrapado manto púrpura, mas Iranon permanecia jovem e trazia grinaldas sobre sua cabeça dourada enquanto cantava sobre Aira, deleite do passado e esperança do porvir. Assim foi que chegou, certa noite, ao esquálido casebre de um velho pastor, encurvado e sujo, que apascentava rebanhos numa encosta empedrada que subia de um pântano de areias movediças. Para esse homem, falou Iranon, como para tantos outros havia falado:

"Podeis me dizer onde poderei encontrar Aira, a cidade de mármore e berilo, onde corre o hialino Nithra, e onde as quedas do minúsculo Kra cantam para vales verdejantes e colinas cobertas de pés de yath?" E o pastor, ouvindo, olhou demorada e atentamente para Iranon, como que recordando algo muito distante no tempo, e observou cada linha do rosto do estranho, e seu cabelo dourado, e sua coroa de folhas de videira. Mas ele era velho e abanou a cabeça enquanto respondia:

"Ó estrangeiro, ouvi de fato o nome de Aira, e os outros nomes de que falaste, mas eles me vêm de muito longe, da profundeza de longos anos. Ouvi-os em minha juventude dos lábios de um companheiro de folguedos, o filho de um mendigo dado a estranhos sonhos que tecia longas narrativas sobre a lua e as flores e o vento oeste. Costumávamos rir dele, pois o conhecíamos desde seu nascimento, embora pensasse ser filho de um Rei. Era gracioso, como tu, mas cheio de disparates e estranheza; e fugiu quando era pequeno para encontrar os que ouviriam com deleite seus sonhos e canções. Quantas vezes não cantou ele para mim sobre terras que nunca existiram e coisas que nunca existirão! De Aira ele falava muito; de Aira e do rio Nithra, e das quedas do minúsculo Kra. Ele sempre dizia que ali vivera algum dia como um Príncipe, embora por aqui nós o conhecêssemos desde seu nascimento. Jamais existiu uma cidade de mármore de Aira, nem os que poderiam se deleitar com estranhas canções exceto nos sonhos de meu velho companheiro de folguedos Iranon, que partiu".

E ali, ao crepúsculo, quando as estrelas saiam uma a uma e a lua lançava sobre o pântano uma radiância como a que uma criança vê estremecer no piso enquanto é ninado ao anoitecer, caminhou em direção à areia movediça letal um homem muito velho vestindo um esfarrapado manto púrpura, coroado com folhas ressecadas de videira e olhando para a frente como se estivesse vendo as cúpulas douradas de

uma bela cidade onde os sonhos são compreendidos. Naquela noite, algo de juventude e beleza morreu no velho mundo.



O Inominável

ESTÁVAMOS SENTADOS numa sepultura dilapidada do Século XVII, no final de uma tarde de outono, no velho cemitério de Arkham, especulando sobre o inominável. Fitando o salgueiro gigante do cemitério cujo tronco havia quase engolfado uma lápide antiga e ilegível, fiz uma observação macabra sobre os nutrientes espectrais e indizíveis que as raízes colossais deviam estar sugando daquela terra sepulcral e antiga, e meu amigo me repreendeu por semelhante asneira dizendo-me que, como ninguém fora sepultado ali havia mais de um século, não devia existir nada para nutrir a árvore que fosse diferente dos meios naturais. Ademais, acrescentou, minhas conversas constantes sobre coisas "inomináveis" e "indizíveis" eram um recurso muito pueril, muito condizente com minha condição de escritor menor. Eu gostava de arrematar minhas histórias com sons ou suspiros que paralisavam as faculdades de meus heróis, tirando-lhes coragem, palavras ou associações de idéias para relatar o que havia passado. Só conhecemos as coisas, dizia ele, por meio dos cinco sentidos ou de nossas intuições religiosas, razão por que era impossível referir-se a qualquer objeto ou aspecto que não pudesse ser claramente descrito pelas definições sólidas dos fatos ou pelas doutrinas apropriadas da teologia — de preferência, as dos congregacionalistas, com algumas modificações que a tradição e sir Arthur Conan Doyle pudessem fornecer. Com esse amigo, Joel Manton, eu discutira despreocupadamente inúmeras vezes. Nascido e criado em Boston, ele era diretor do East Hight School e compartilhava a cegueira presunçosa da Nova Inglaterra para as nuanças sutis da vida. Era sua opinião que somente nossas experiências normais e objetivas têm algum significado estético e que é do escopo do artista não tanto provocar

emoções fortes por ações, êxtases e surpresas, quanto manter um plácido interesse e apreciação pela transcrição detalhada e precisa de assuntos cotidianos. Ele fazia especial objeção a minha preocupação com as coisas místicas e incompreensíveis, pois, embora acreditasse muito mais que eu no sobrenatural, não admitiria que ele fosse suficientemente banal para um tratamento literário Para seu raciocínio lúcido, prático e lógico, era virtualmente inacreditável que um espírito pudesse deleitar-se com fugas do ramerrão diário e recombinações originais e dramáticas de imagens geralmente relegadas, pelo hábito e a fadiga, aos padrões vulgares da existência real. Para ele, toas as coisas e sentimentos tinha dimensões, propriedades, causas e efeitos determinados e, apesar de ter a vaga percepção de que a mente por vezes abriga visões e sensações de natureza bem menos geométricas, classificáveis e exploráveis, sentia-se justificado a traçar uma linha imaginária e excluir de julgamento tudo que não pudesse ser comprovado e compreendido pelo cidadão comum. Além do mais, estava quase convencido de que nada podia ser realmente "inominável". Isto não lhe parecia sensato.

Embora eu soubesse perfeitamente a inutilidade de argumentos imaginativos e metafísicos conta a auto-sufi ciência de um cultor ortodoxo da vida diurna, alguma coisa nas condições desse colóquio vespertino fez-me ir além da discussão usual. As lápides de ardósia em pedaços, as árvores patriarcais e os seculares telhados de duas águas da velha cidade assombrada que se espraiava ao redor, tudo combinava para incitar-me o espírito em defesa de minha obra, e não demorou muito e eu estava investindo no território inimigo. Não foi muito difícil iniciar o contra-ataque sabendo que Joel Manton apegava-se, de fato, a superstições que as pessoas sofisticadas de há muito se livraram: crenças nas aparições de pessoas moribundas em lugares distantes e nas impressões deixadas por rostos de velhos nas janelas por onde olharam a vida toda. Dar crédito a esses cochichos de velhinhas camponesas, eu insistia então, era acreditar na existência de coisas espectrais sobre a terra separadas de suas contrapartes materiais e sobreviventes a elas. Defendi a capacidade de acreditar em fenômenos fora de todas as teorias normais, pois, se um morto pode transmitir sua imagem visível ou tangível para meio mundo ou ao longo dos séculos, como seria absurdo supor que casas desertas pudessem estar repletas de coisas estranhas e sensíveis ou que os velhos cemitérios fervilhassem da inteligência e incorpórea de gerações? E, não

podendo o espírito, para causar todas as manifestações a ele atribuídas, ser contido por nenhuma lei da matéria, por que seria extravagante imaginar coisas mortas psiquicamente vivas em formas — ou ausência de formas — absoluta e assustadoramente "inomináveis" para espectadores humanos? O "senso comum" na reflexão sobre esses temas, assegurei a meu amigo com certo ardor, não passa de uma estúpida falta de imaginação e agilidade mental.

O crepúsculo adensara-se, mas nenhum de nós sentiu a menor vontade de interromper a conversa. Manton não parecia impressionado com meus argumentos, nem ansioso para refutá-los, tendo aquela confiança nas próprias opiniões que certamente garantiam seu sucesso como professor, enquanto eu me sentia seguro demais de meus fundamentos para temer uma derrota. O crepúsculo desceu e as luzes brilhavam fracamente em algumas janelas distantes, mas nós não arredamos pé. Estávamos confortavelmente acomodados sobre o túmulo e eu sabia que meu prosaico amigo não se importaria com a rachadura cavernosa na antiga obra de alvenaria perfurada de raízes atrás de nós ou com a completa escuridão do local provocada pela presença de uma casa do século XVII, mal segura e deserta, interposta entre nós e a rua iluminada mais próxima. Ali, imersos na escuridão sobre aquela sepultura rachada ao lado da casa deserta, seguimos conversando sobre o "inominável" e, depois de meu amigo encerrar seus escárnios, contei-lhe sobre a horrível evidência que havia por trás do conto que mais provocara suas zombarias.

Meu conto recebera o título "A janela do sótão" e havia sido publicado no número de janeiro de 1922 de *Whisper.* Em muitos lugares, especialmente no Sul e na Costa do Pacífico, retiraram as revistas das prateleiras atendendo às queixas de covardes atoleimados, mas a Nova Inglaterra não se deixou impressionar, contentando-se com dar de ombros às minhas extravagâncias. A coisa, diziam,, era, desde logo, biologicamente impossível, mais um daqueles amalucados rumores rurais que Cotton Mather havia sido suficientemente crédulo para enfiar no seu caótico *Magnalia Christi Americana,* e era tão precariamente confirmada, que nem ele aventurara-se a nomear o local onde o horror acontecera. E, quanto ao modo que desdobrei os apontamentos toscos do velho místico, aquilo era impossível, típico de um escriba frívolo e especulativo! Mather

realmente havia relatado o surgimento da coisa, mas ninguém, exceto um sensacionalista barato, pensaria em fazê-la crescer, espiar pela janela das pessoas à noite e esconder no sótão de uma casa, em carne e espírito, até alguém a avistar à janela, séculos depois, sem saber descrever o que lhe embranquecera os cabelos. Tudo aquilo era uma grande besteira e meu amigo Manton não perdeu tempo para insistir no fato. Depois, contei-lhe o que havia encontrado num velho diário mantido entre 1706 e 1723, desenterrado de papéis de família a não mais de uma milha do lugar onde estávamos sentados; isso e uma certa realidade das cicatrizes no peito e nas costas de meu antepassado que o diário descrevia. Contei-lhe também sobre o pavor de outros moradores da região e como eles foram segredados de geração em geração; e sobre como não fora nenhuma loucura mítica que tomara conta do menino que, em 1792, entrara numa casa abandonada para examinar certos indícios que deviam existir por lá.

Fora uma coisa misteriosa — não causa espanto que alunos sensíveis arrepiem-se com a era Puritana de Massachusetts. Sabe-se tão pouco do que se passou por baixo da superfície — tão pouco, mas ainda assim uma pústula abjeta quando expele sua podridão borbulhante em ocasionais vislumbres espectrais. O terror da bruxaria é um pavoroso raio de luz sobre o que estava cozinhado nos cérebros subjugados dos homens, mas mesmo isso é uma bagatela. Não havia beleza: nenhuma liberdade — isto podemos ver pelos restos arquitetônicos e domésticos e as pregações peçonhentas dos devotos confinados. E, do interior dessa camisa-de-força de ferro, emergia uma algaravia de repugnância, perversão e diabolismo. Aí estava, de fato, a apoteose do inominável.

Cotton Mather, naquele diabólico sexto livro que ninguém deveria ler depois de escurecer, não economizou palavras quando arrojou seu anátema. Severo como um profeta hebreu e laconicamente sereno como ninguém, desde sua época, poderia ser, ele contou sobre o animal que havia parido o que era mais que animal e menos que homem — a coisa com olho manchado — e infortunado ébrio aos gritos que haviam enforcado por ter semelhante olho. Isso tudo ele contou precariamente, mas sem qualquer alusão ao que veio depois. Talvez ele não soubesse, ou talvez soubesse e não ousasse contar. Outros souberam e não ousaram — não há nenhuma alusão pública aos rumores que correram sobre o cadeado na porta da escada para o sótão na casa de um velho alquebrado, amargo e

sem filhos que havia erguido uma placa de ardósia sem inscrição ao lado de uma sepultura evitada, conquanto se possam encontrar lendas fugidas suficientes para engrossar o mais ralo dos sangues.

Está tudo naquele diário ancestral que encontrei; todas as insinuações silenciadas e as histórias furtivas de criaturas de olho manchada avistadas à noite em janelas ou nas campinas desertas perto dos bosques. Alguma coisa havia atacado meu antepassado na estrada escura do vale deixando-o com marcas de chifres no peito e de garras simiescas nas costas, e, quando analisaram as marcas na terra pisada, descobriram pegadas nítidas de cascos bipartidos e patas vagamente antropóides. Um entregador de correio à cavalo disse ter visto, certa vez, um velho perseguindo e chamando uma coisa inominável, assustadora e saltitante, em Meadow Hill, nas horas fracamente enluaradas antes do amanhecer, e muito lhe deram fé. Houve, com certeza, um estranho falatório, certa noite em 1710, quando um alquebrado velho sem filhos foi sepultado numa cripta atrás da própria casa que podia ser vista da placa de ardósia sem inscrição. Nunca destrancaram aquela porta de sótão, deixando a casa toda do jeito que ela era, evitada e deserta. Quando ouviram ruídos saindo dali, as pessoas murmuraram e estremeceram, rezando para que a fechadura daquela porta de sótão resistisse. Depois, pararam de esperar quando sucedeu o horror no presbitério, não deixando uma alma viva ou intacta. Com o passar dos anos, as lendas assumiram um cunho espectral — imagino que a coisa, se era mesmo uma coisa viva, deve ter morrido. Mas a lembrança apavorante persistiu — e mais apavorante ainda por se tão misteriosa.

Durante esse relato, meu amigo Manton forra ficando em absoluto silêncio e pude perceber que minhas palavras o impressionaram. Ele não riu quando parei, perguntando com grande seriedade sobre o menino que enlouquecera em 1793 e que presumivelmente havia sido o herói de minha ficção. Contei-lhe por que o garoto havia ido àquela casa deserta e evitada e observei que ele devia estar interessado, pois acreditava que as janelas conservavam imagens latentes dos que se haviam sentado ao seu lado. O menino fora olhar as janelas daquele sótão terrível por causa das histórias de coisas que haviam sido vistas por trás e voltara gritando ensandecido.

Manton ficou pensativo enquanto eu lhe contava isso tudo, mas aos poucos foi recuperando seu pendor analítico. Ele sustentou, por amor da

polêmica, que algum monstro sobrenatural devia ter realmente existido, mas lembrou-me de que mesmo a mais doentia perversão da natureza não precisava ser *inominável,* ou cientificamente indescritível. Admirei a sua lucidez e persistência e acrescentei algumas revelações que havia recolhido entre a gente mais idosa. Deixei claro que aquelas lendas espectrais estavam relacionadas com aparições monstruosas mais assustadoras do que qualquer coisa orgânica, aparições de formas bestiais gigantescas, às vezes visíveis, outras apenas tangíveis, que flutuavam em noites sem luar assombrando a velha casa, a cripta atrás dela e a sepultura onde um broto de árvore havia despontado ao lado da lápide ilegível. Houvessem ou não chifrado ou sufocado pessoas até a morte, como diziam tradições não corroboradas, aquelas aparições tinham produzido uma impressão forte e consistente e ainda eram misteriosamente temidas por nativos muito velhos, embora tivessem sido em boa parte esquecidas pelas duas últimas gerações — desaparecendo, talvez, por falta de quem nelas pensasse. Ademais, no que toca à teoria estética envolvida se as emanações psíquicas de criaturas humanas são distorções grotescas, que representação coerente poderia expressar ou retratar uma fantasmagoria tão disforme e infame quanto o espectro de uma perversão caótica e maligna, ela própria uma mórbida blasfêmia conta a natureza? Forjada pelo cérebro morto de um pesadelo híbrido, um terror tão etéreo não constituiria, em toda sua repugnante verdade, o admirável, estrídulo *inominável?*

A hora já devia estar bastante adiantada então. Um morcego curiosamente silencioso roçou em mim e creio que também em Manton, pois, mesmo não podendo enxergá-lo, senti quando ele agitou o braço. Então ele falou:

"Mas essa casa com a janela do sótão ainda está de pé e deserta?"

"Sim", respondi. "Eu a vi".

"E encontrou alguma coisa por lá, no sótão, ou em outro lugar?".

"Havia ossos embaixo do beiral do telhado. Podem ter sido aqueles que o menino viu. Se era uma pessoa sensível, não seria preciso mais nada atrás do vidro da janela para enlouquecê-lo. Se todos os ossos vieram da mesma criatura, esta deve ter sido uma monstruosidade histérica e delirante. Seria uma iniqüidade deixar esses ossos expostos no mundo,

por isso voltei com um saco e carreguei-os até a sepultura nos fundos da casa. Havia uma fresta por onde consegui descarregá-los em seu interior. Não pense que fui tolo. Devia ter visto aquele crânio. Tinha chifres de quatro polegadas, mas face e mandíbula com as suas e as minhas".

Finalmente pude sentir um verdadeiro calafrio percorrer Manton, que se havia aproximado até ficar bem junto de mim. Sua curiosidade, porém, era insaciável.

"E quanto às vidraças?".

"Elas se foram. Uma janela perdera todo o caixilho e em todas as outras não havia traço de vidro nas pequenas aberturas em losango. Elas eram desse tipo, as velhas janelas de treliça que saíram de uso antes de 1700. Não creio que tenham tido algum vidro durante um século ou mais. Talvez o garoto os tenha quebrado, se chegou tão longe; a lenda não diz".

Manton ficou novamente pensativo.

"Gostaria de ver essa casa, Carter*. Onde ela fica? Com vidro ou sem vidro, preciso explorá-la um pouco. E a sepultura onde você colocou os ossos e o outro túmulo sem inscrição... a coisa toda dever ser um bocado terrível".

Meu amigo estava mais perturbado do que eu imaginara, pois, a esse rasgo de dramaticidade inofensiva, ele teve um sobressalto, afastando-se bruscamente de mim com um grito sôfrego, descarregando a tensão que vinha contendo. Foi um grito singular e mais terrível ainda porque foi respondido. Enquanto ele ainda reverberava, ouvi um estalido cruzar a escuridão de breu e senti uma janela de treliça ser aberta na velha casa maldita ao lado. E,com todos os outros caixilhos estavam, desde há muito, desaparecidos, sabia que só poderia tratar-se do horrível caixilho sem vidros daquela diabólica janela de sótão.

Logo depois, alcançou-nos um sopro insalubre de ar gélido e fétido daquela mesma direção, seguido de um grito lancinante bem ao meu lado sobre aquele repugnante túmulo fendido de homem e de monstro. No instante seguinte, fui jogado de meu pavoroso banco pela diabólica pancada de alguma titânica entidade invisível de natureza indefinida, jogado sobre a terra entranhada de raízes daquele cemitério abjeto, enquanto emergia do sepulcro um tal alarido abafado de suspiros e chiados

que minha fantasia povoou as trevas profundas de legiões miltonianas de malditos. Formou-se um vórtice de vento gelado e paralisante e ouviu-se logo em seguida um entrechocar de tijolos e rebocos soltos, mas eu misericordiosamente desmaiei antes de saber o significado daquilo tudo.

Manton, embora seja menor do que eu, é mais forte, pois abrimos os olhos quase no mesmo instante apesar de ele estar mais ferido. Nossos leitos estavam lado a lado e bastaram alguns segundos para percebermos que estávamos no St. Marys Hospital. Atendentes, ávidos para refrescar nossa memória, aglomeravam-se ao redor com ansiosa expectativa, contando-nos como havíamos chegado até ali, e não demorou para sabermos que um fazendeiro nos havia encontrado, ao meio-dia, num campo deserto atrás de Meadow Hill, distante uma milha do velho cemitério, no lugar onde teria existido um antigo matadouro. Manton apresentava dois ferimentos terríveis no peito e alguns cortes e arranhões menos graves nas costas. Eu não estava seriamente ferido, mas estava coberto de estranhos hematomas e contusões, inclusive uma marca de casco bipartido. Estava claro que Manton sabia mais do que eu, mas ele nada disse aos médicos perplexos e curiosos até ficar sabendo melhor o que eram nossos ferimentos. Ele contou então que um touro enfurecido nos atacara — embora fosse difícil imaginar o animal naquele lugar e responsabilizá-lo.

Depois que os médicos e as enfermeiras saíram, sussurrei-lhe uma pergunta cheia de espanto:

"Por Deus, Manton, mas *o que foi isso?* Essas cicatrizes, foi *mesmo assim?"*.

E fiquei atônito demais para exultar quando ele me respondeu sussurrando algo que eu meio que esperava...

"Não... *não foi nada disso.* Estava por toda parte... uma gelatina... um lodo..., mas tinha formas, um milhar de formas de horror além de minha compreensão. Eram olhos... e uma mancha. Era o inferno... o vórtice... a abominação extrema. Carter, *era o inominável!*".



A Tumba

AO RELATAR AS CIRCUNSTÂNCIAS que conduziram ao meu confinamento neste asilo de loucos, tenho consciência de que minha posição atual criará dúvidas naturais acerca da autenticidade de minha narrativa. É grande infortúnio o fato de que o grosso da humanidade seja limitado demais, em sua visão mental, para pesar com paciência e inteligência esses fenômenos isolados, vistos e sentidos apenas por uma minoria psicologicamente sensível, os quais jazem fora de toda experiência comum. Homens de intelecto mais amplo sabem que não existe nenhuma distinção precisa entre o real e o irreal; que todas as coisas aparecem como tais apenas em virtude dos delicados meios psíquicos e mentais de cada indivíduo, por meio dos quais nos tornamos conscientes delas; mas o materialismo prosaico da maioria reputa como loucura os lances de visão superior que perfuram o véu comum do empirismo óbvio.

Meu nome é Jervas Dudley, e desde a mais tenra infância tenho sido um sonhador e um visionário. Rico para além das necessidades de uma vida comercial, e de um temperamento inapto para os estudos formais e o recreio social daqueles com quem me relaciono, tenho lidado desde sempre em reinos que não pertencem ao mundo visível, passando minha juventude e minha adolescência debruçado sobre livros antigos e pouco conhecidos e a percorrer os campos e bosques das cercanias de meu lar ancestral. Não creio que o que li nesses livros ou vi nesses campos e bosques fosse exatamente o que os outros rapazes leram e viram ali, mas sobre isso preciso falar pouco, pois que discorrer mais detalhadamente apenas confirmaria essas calúnias cruéis acerca de meu intelecto que às

vezes ouço sussurrarem os atendentes furtivos que me rodeiam. Basta-me relatar os eventos, sem analisar as causas.

Disse que vivi afastado do mundo visível, mas não disse que vivi sozinho. Isso nenhuma criatura humana poderia fazer, desde que, à falta da camaradagem dos vivos, inevitavelmente se entra na companhia de coisas que não são - ou não mais estão - vivas. Próximo à minha casa existe um vale arborizado bastante singular, em cujas profundezas crepusculares eu passava grande parte de meu tempo a ler, a pensar e a sonhar. Pelas suas encostas cobertas de musgo ensaiei meus primeiros passos de infância, e em volta de seus carvalhos grotescamente retorcidos se teceram minhas primeiras fantasias de juventude. Conheci as dríades dessas árvores e não raro assisti às suas danças selvagens sob os raios vacilantes de uma lua pálida, mas acerca dessas coisas não devo falar agora. Falarei apenas da tumba solitária em meio ao matagal mais escuro do declive -a tumba abandonada dos Hydes, uma velha e nobre família cujo último descendente direto fora depositado em seus negros recessos muitas décadas antes de eu nascer.

O pórtico a que me refiro é feito de granito ancestral, lavado e descolorido pelas névoas e pela umidade de muitas gerações. Escavada na encosta, apenas a entrada da construção é visível. A porta - uma pesada e proibitiva laje de pedra - pende de dobradiças de metal enferrujado e, ligeiramente aberta, jaz lacrada por pesadas correntes de ferro e cadeados, de acordo com um repulsivo costume de meio século atrás. A residência do clã cujos descendentes estão enterrados aqui coroou certa vez o declive no qual está a tumba, mas há muito tombou vitimada pelas chamas que desceram do céu na forma de um relâmpago. Daquela tempestade que à meia-noite destruiu essa lúgubre mansão os habitantes mais velhos da região às vezes falam entre sussurros e inquietações, aludindo ao que chamam de "ira divina" de um modo que nos últimos anos fez crescer vagamente o fascínio que eu sentia pelo sepulcro encravado na mata. Um homem apenas pereceu no fogo. Quando o último dos Hydes foi enterrado neste local de sombra e quietude, a triste urna de cinzas veio de uma terra distante, para a qual a família se mudou quando a mansão pegou fogo. Não resta ninguém para colocar flores diante do portal de granito, e muito poucos se dão ao trabalho de enfrentar as sombras depressivas que parecem guardar estranhamente as pedras lavadas pelas chuvas.

Jamais esquecerei aquele entardecer em que, pela primeira vez, me deparei com a semioculta casa da morte. Foi em pleno verão, quando a alquimia da natureza transmuda a paisagem silvestre numa única e quase homogênea massa de verde, quando os sentidos estão quase intoxicados com os mares afluentes de verdura úmida e os odores sutilmente indefiníveis do solo e da vegetação. Numa tal ambientação a mente perde suas perspectivas, o tempo e o espaço tornam-se triviais e irreais, e ecos de um esquecido passado pré-histórico batem insistentemente contra a consciência enlevada.

Durante o dia todo eu tinha estado a perambular através dos bosques místicos do vale, a conceber pensamentos que não há que discutir e a conversar com coisas que não há que nomear. Com apenas dez anos, eu tinha visto e ouvido muitas maravilhas que a turba desconhecia e já era espantosamente maduro em certos aspectos. Quando, depois de abrir caminho entre duas touceiras de arbustos, subitamente deparei com a entrada da cripta, não tinha o menor conhecimento acerca do que encontrara. Os blocos negros de granito, a porta curiosamente semicerrada e os entalhes funerais sobre o arco não despertaram em mim quaisquer associações de caráter fúnebre ou terrível. Sobre sepulturas e tumbas eu sabia e devaneara bastante, mas fora poupado, devido ao meu temperamento peculiar, de todo contato com adros e cemitérios. A estranha casa de pedra escondida entre o mato na encosta constituía para mim apenas uma fonte de interesse e especulação, e seu interior frio e úmido, para dentro do qual eu espiava através da excruciante abertura, não me sugeria nada de morte ou decadência. Mas naquele instante de curiosidade nasceu o desejo loucamente irracional que me trouxe até este inferno de confinamento. Espicaçado por uma voz que deve ter vindo da alma medonha da floresta, tomei a decisão de penetrar na escuridão que me convocava, a despeito das pesadas correntes que impediam minha passagem. Na luz evanescente do dia chacoalhei insistentemente os obstáculos enferrujados, na esperança de abrir a porta de pedra, e até mesmo experimentei espremer meu corpo magro através do pouco espaço disponível, mas essas tentativas não surtiram efeito. Curioso no início, tornei-me frenético e, quando ao anoitecer retornei a casa, jurara aos cem deuses da mata que a qualquer custo um dia haveria de forçar minha entrada nas profundezas escuras e gélidas que pareciam me chamar. O médico de barba grisalha que todos os dias vem até meus

aposentos certa vez disse a um visitante que essa decisão marcou o começo de uma lamentável monomania; mas deixarei o julgamento final a cargo de meus leitores, depois que souberem de tudo.

Os meses subseqüentes à minha descoberta foram gastos em tentativas fúteis de forçar o complicado cadeado da cripta semicerrada, bem como em perquirições cuidadosas e vigilantes acerca da natureza e da história da construção. Com os ouvidos tradicionalmente receptivos de um menino, aprendi muito, embora uma discrição habitual não me permitisse contar a ninguém sobre o meu conhecimento ou minha resolução. Será talvez importante mencionar que não fiquei nem um pouco surpreso ou aterrorizado com a natureza do pórtico. Minhas idéias bastante originais acerca da vida e da morte tinham me levado a associar, de maneira vaga, a argila fria com o corpo que respira, e senti que a grande e sinistra família da mansão incendiada estava de algum modo dentro do espaço de pedra que eu procurava explorar. Lendas murmuradas acerca de ritos exóticos e festins pagãos de épocas passadas, ocorridos dentro do vestíbulo ancestral, despertaram em mim um novo e irresistível interesse pela tumba, em frente a cuja porta eu me sentaria durante horas diariamente. Um dia acendi uma vela diante da entrada obstruída, mas nada pude ver a não ser um lance descendente de degraus de pedra úmida. O odor do lugar me repelia e ao mesmo tempo me enfeitiçava. Sentia como se já o tivesse conhecido num passado remoto, anterior a toda lembrança, anterior mesmo à habitação deste corpo que agora possuo.

No ano seguinte àquele em que vi a tumba pela primeira vez, deparei-me, no sótão cheio de livros de minha casa, com uma tradução corroída das *Vidas* de Plutarco. Ao ler a vida de Teseu, fiquei por demais impressionado com a passagem em que se fala da enorme pedra sob a qual o menino herói haveria de encontrar as pistas sobre seu destino assim que se tornasse adulto o suficiente para erguer o grande peso. A lenda teve o efeito de aplacar minha aguda impaciência em atravessar o portal, fazendo-me sentir que a hora ainda não chegara. Mais tarde - eu disse a mim mesmo - crescerei e adquirirei força e habilidade que me permitirão destrancar facilmente a porta que os grilhões encerram, mas até lá seria melhor me conformar com o que me parecia ser a vontade do destino.

Com efeito, minhas vigílias diante do portal úmido tornaram-se menos persistentes, e grande parte do meu tempo era despendida em outras atividades igualmente estranhas. Às vezes eu me levantava em silêncio durante a noite, saindo às escondidas para andar por esses cemitérios ou locais de sepultamentos dos quais meus pais me mantiveram afastado. O que eu fazia lá não posso dizer, pois agora não estou seguro de algumas coisas, mas sei que no dia seguinte a essas rondas noturnas eu costumava pasmar os que me cercavam exibindo conhecimento de assuntos quase esquecidos durante muitas gerações. Foi depois de uma noite dessas que surpreendi a comunidade com uma idéia inusitada acerca do enterro do rico e celebrado Squire Brewster, personagem da história local que fora sepultado em 1711 e cuja lousa, exibindo um crânio gravado e ossos cruzados, ia lentamente se transformando em pó. Num lance de fantasia infantil, aventei não somente que o coveiro, Goodman Simpson, teria roubado os sapatos de fivelas de prata, as calças de seda e as roupas de baixo de cetim do falecido antes do enterro, mas que o próprio Squire, não totalmente inanimado, teria se virado duas vezes em seu caixão coberto de terra no dia seguinte ao do sepultamento.

Mas a idéia de entrar na tumba nunca me saiu da cabeça, sendo mesmo estimulada pela inesperada descoberta genealógica de que minha ascendência materna mantinha um ligeiro vínculo com a supostamente extinta família dos Hydes. Último de minha raça paterna, eu era igualmente o último dessa linhagem mais antiga e mais misteriosa. Comecei a sentir que a tumba era *minha* e a esperar ansiosamente pelo momento em que poderia atravessar a porta de pedra e descer na escuridão por aqueles degraus de pedra lodosa. Adquiri o hábito de ouvir com atenção através da porta semiaberta, preferindo as horas da quietude noturna para essa estranha vigília. Quando adquiri mais idade, abri uma pequena clareira no matagal que recobria a face do declive, permitindo que a vegetação circundante cercasse e envolvesse a abertura como uma espécie de cerca viva selvagem. Essa clareira se tornou meu templo, a porta fechada meu santuário, e era aqui que eu me deitava sobre o solo musgoso a pensar estranhos pensamentos e a sonhar sonhos estranhos.

A noite da primeira revelação estava bastante abafada. Devo ter adormecido de cansaço, pois foi com uma clara sensação de despertar

que ouvi as vozes. Hesito em falar desses acentos e timbres, não falarei de sua qualidade, mas posso dizer que apresentavam espantosas diferenças de vocabulário, pronúncia e modos de enunciação. Cada matiz dialetal da Nova Inglaterra, desde as ásperas sílabas dos colonos puritanos até a retórica precisa de cinqüenta anos atrás, parecia representado naquele colóquio sombrio, conquanto somente mais tarde eu notasse esse fato. Naquela hora, decerto, minha atenção foi desviada desse aspecto por um outro fenômeno – um fenômeno tão fugaz que eu não poderia jurar acerca de sua realidade. Mal me dei conta de ter despertado, uma *luz* foi imediatamente apagada dentro do sepulcro escuro. Não creio que fiquei perplexo ou apavorado, mas sei que fui *transformado* profunda e permanentemente naquela noite. Logo que voltei a casa, dirigi-me imediatamente a uma arca carcomida no sótão, onde encontrei a chave que no dia seguinte removeu com facilidade o obstáculo contra o qual me bati em vão durante tanto tempo.

Foi sob o brilho de um suave entardecer que entrei pela primeira vez na cripta da encosta abandonada. Como se enfeitiçado, meu coração vibrava de um contentamento que não sei descrever. Assim que fechei a porta atrás de mim e desci os degraus encharcados à luz de uma vela, era como se eu já soubesse o caminho, e embora a vela crepitasse na atmosfera sufocante do lugar, eu me sentia singularmente em casa naquele ar mofado e sepulcral. Olhando ao meu redor, avistei muitas lajes de mármore sustentando esquifes ou os restos de esquifes. Alguns estavam lacrados e intactos, mas outros se tinham quase desfeito, deixando apenas as alças de prata e as placas isoladas em meio a alguns montículos singulares de pó. Sobre uma das placas li o nome de Sir Geoffrey Hyde, o qual viera de Sussex em 1640 e morrera aqui uns poucos anos mais tarde. Numa alcova conspícua havia um caixão desocupado e bastante bem preservado, adornado apenas com um nome que me fez sorrir e estremecer. Um impulso inusitado me levou a subir na laje larga, a apagar minha vela e a me deitar dentro da caixa vazia.

À luz cinzenta da aurora cambaleei para fora da cripta e tranquei a corrente da porta atrás de mim. Já não era mais um jovem, embora apenas vinte e um invernos houvessem esfriado minha estrutura corpórea. Aldeões madrugadores que observaram minha caminhada até casa olhavam-me de maneira estranha e espantavam-se com os sinais de

obscena euforia que descobriam num homem cuja vida era conhecidamente solitária e austera. Não compareci perante meus pais sem antes passar por um sono longo e restaurador.

Desde então passei a ir à tumba a cada noite, vendo, ouvindo e fazendo coisas que não devo jamais recordar. Meu modo de falar, sempre suscetível às influências do ambiente, foi a primeira coisa a sucumbir à mudança, e o arcaísmo de dicção que subitamente adquiri foi logo notado. Mais tarde, um atrevimento e uma audácia inesperados apareceram em meu comportamento, até que inconscientemente comecei a tomar os modos de um homem do mundo, não obstante meu passado de reclusão. Minha língua, silenciosa de costume, deslizava com a graça fácil e volúvel de um Chesterfield ou com o cinismo ateu de um Rochester. Passei a exibir uma peculiar erudição, totalmente distinta do saber fantástico e monacal sobre o qual me esfalfara em minha juventude, bem como a cobrir as guardas de meus livros com fáceis epigramas de improviso, os quais evocavam acentos de Gay, Prior e a engenhosidade vivaz dos augustanos. Certa manhã, durante o desjejum, cheguei à beira do desastre, ao declamar com acentos de efusão palpavelmente alcoólica de uma jovialidade setecentista, uma peça de jocosidade georgiana nunca registrada em livro, que dizia mais ou menos o seguinte:

Tragam aqui, meus rapazes, seus canecos de cerveja

E bebam ao dia de hoje, antes que já não mais seja.

Encham seus pratos de bifes, empilhando-os em montanha,

Pois só beber e comer é o que da vida se ganha. Encham suas taças, Pois a vida passa,

E depois ao rei e à amada não há quem um brinde faça.

O nariz de Anacreonte era vermelho, se diz;

Mas o que é um nariz vermelho quando se é alegre e feliz?

Melhor ser vermelho agora - Deus me castigue! - que estar

Branco como um lírio ou morto antes de o ano acabar! Venha, Betty, em festa,

Beije-me na testa; Filha de estalajadeiro no inferno não há como esta!

Que o jovem Harry ainda esteja de pé nos causa surpresa,

Logo há de perder a linha e entrar debaixo da mesa;

Mas encham bem suas taças, passem-nas de mão em mão,

Melhor embaixo da mesa do que debaixo do chão!

Que reine ofestim,

Que bebam por mim:

Sob sete palmos de terra não se ri tão bem assim!

Que o diabo me carregue, se mal me agüento de pé

e, com todos os demônios, se de mim ainda dou fé!

Aqui, patrão, mande Betty chamar um carro, que eu vou

correr para casa, enquanto minha esposa não chegou!

Alguém me sustente, Antes que eu me sente: Que enquanto em cima da terra estou feliz e contente.

Por essa época é que adquiri meu medo atual ao fogo e aos temporais. Indiferente até então a tais coisas, tinha por eles agora um indizível horror e me retiraria para os recantos mais profundos da casa assim que nos céus se anunciassem quaisquer sinais de eletricidade. Um de meus abrigos favoritos durante o dia era o porão arruinado da mansão que se incendiara, e na imaginação eu reconstituía a estrutura tal qual teria sido em seus primórdios. Em certa ocasião, deixei pasmado um aldeão ao conduzi-lo secretamente até um sub-porão de teto baixo, de cuja existência eu parecia saber a despeito do fato de ele ter ficado oculto e esquecido por muitas gerações.

Por fim aconteceu o que eu há muito temia. Meus pais, alarmados com a alteração de maneiras e aparência de seu único filho, começaram a exercer sobre meus movimentos uma amável espionagem, a qual ameaçava resultar em desastre. Eu nada dissera acerca de minhas visitas à tumba, tendo guardado meu propósito secreto com zelo religioso desde a infância, mas agora me via forçado a ter cautela quando penetrava os labirintos da depressão brenhosa, não fosse estar sendo seguido às ocultas. Minha chave para a cripta eu a mantinha pendurada num cordão no

pescoço, como um segredo que só eu conhecia. Nunca trouxe para fora do sepulcro qualquer das coisas que encontrei por entre aquelas paredes.

Certa manhã, quando saí da tumba úmida e prendi as correntes do portal com pouca firmeza, lobriguei numa macega próxima a face horrorizada de um bisbilhoteiro. Por certo o fim estava próximo, pois meu recanto fora descoberto e o objetivo de minhas jornadas noturnas fora revelado. O homem não me abordou, de modo que me apressei a chegar a casa, a fim de descobrir o que ele reportaria ao meu pai preocupado. Seriam minhas incursões para além da porta trancada reveladas ao mundo? Imaginem com que espanto deleitoso ouvi meu espião informar a meu pai, num cauteloso sussurro, que *eu tinha passado a noite na clareira em frente à tumba,* meus olhos baços de sono fixados na fenda da porta não de todo fechada! Que milagre ocorrera a ponto de iludir assim esse observador? Convenci-me de que um agente sobrenatural me protegera. Na audácia que tal circunstância, enviada do céu, me dava, passei a ir, sem nenhuma dissimulação, à cripta, na confiança de que ninguém testemunharia minha entrada. Durante uma semana provei à saciedade as alegrias daquele convívio sepulcral, o qual não descreverei, até que a *coisa* aconteceu e me vi arrastado para este maldito lugar de tristeza e melancolia.

Não devia ter me aventurado a sair naquela noite, pois indícios de trovões relampejavam nas nuvens e uma fosforescência infernal subia do pântano ao fundo do vale. Também o chamado dos mortos estava diferente. Em vez da tumba na encosta, era o demônio que presidia o porão chamuscado no topo da elevação que me acenava com dedos invisíveis. Quando saí de um matagal intermediário para o plaino diante da ruína, descobri sob o luar nebuloso uma coisa pela qual sempre esperara vagamente. A mansão, destruída havia um século, mais uma vez se erguia no alto como uma visão arrebatadora, todas as janelas a brilhar com o esplendor de muitas velas. Pela longa estrada rodavam as carruagens da elite de Boston, enquanto a pé se aproximava um numeroso ajuntamento de janotas empoados, provenientes das mansões vizinhas. Misturei-me a essa multidão, conquanto estivesse certo de pertencer mais ao dos anfitriões que ao dos hóspedes. Para além do saguão havia música, gargalhadas e vinho em todas as mãos. Reconheci muitas faces, e as teria reconhecido melhor ainda se as visse ressequidas ou carcomidas pela

morte e pela decomposição. Em meio a essa turba selvagem e estouvada, eu era o mais selvagem e o mais debochado. Alegres blasfêmias jorravam de meus lábios, e em chocantes gracejos eu desprezava as leis de Deus ou da natureza.

Súbito, o estrondo de um trovão, muito mais forte que a algazarra do imundo festim, rompeu o telhado e fez baixar um enorme silêncio sobre a companhia turbulenta. Línguas vermelhas de fogo e golfadas de calor ardente envolveram a casa, e os participantes, tomados pelo pavor de uma iminente calamidade que parecia transcender os limites da natureza desgovernada, fugiram aos gritos noite adentro. Somente eu permaneci, preso ao meu assento por um medo humilhante que nunca antes sentira. E então um segundo horror tomou conta de minha alma. Queimado vivo até às cinzas, meu corpo disperso aos quatro ventos, eu nunca poderia jazer no túmulo dos Hydes! Não estava meu caixão já preparado para mim? Não tinha eu o direito de descansar até a eternidade entre os descendentes de Sir Geoffrey Hyde? Ai! eu exigiria minha herança de morte, mesmo que minha alma vagasse através das eras à procura de uma nova habitação corpórea, que a representaria sobre aquela laje desocupada na alcova da cripta. Jervas Hyde não deveria jamais compartilhar do triste destino de Palinuro!

Quando o fantasma da casa incendiada desapareceu, encontrei-me a gritar e a me contorcer loucamente nos braços de dois homens, um dos quais era o espião que me seguira até a tumba. A chuva caía torrencialmente, e sobre o horizonte, na direção sul, viam-se os clarões dos relâmpagos que há pouco tinham passado sobre nossas cabeças. Meu pai, a face transtornada de pesar, estava ao lado, enquanto eu ordenava aos berros que me colocassem na tumba, admoestando freqüentemente os meus capturadores para me tratarem com a máxima consideração. Um círculo escuro sobre o piso do porão arruinado sugeria uma carga violenta dos céus, e era nesse local que um grupo de aldeões curiosos estava a examinar com lanternas uma caixa pequena de fabricação antiga, que a explosão do raio trouxera à luz.

Cessando minhas contorções fúteis e sem sentido, observei os espectadores enquanto olhavam o pequeno tesouro e obtive permissão para compartilhar de suas descobertas. A caixa, cujo fecho tinha se partido com o golpe que a desenterrara, continha alguns papéis e objetos de valor, mas

eu só tinha olhos para uma coisa. Tratava-se da miniatura em porcelana de um homem jovem usando uma peruca caprichosamente encaracolada, a qual portava as iniciais "J. H." Quanto à face, sua conformação era tal como se eu estivesse a me olhar no espelho.

No dia seguinte, trouxeram-me a este quarto que tem grades nas janelas, mas tenho sido informado sobre certas coisas por um homem velho, de mentalidade rude, por quem nutro simpatia desde a infância, o qual, tal como eu mesmo, também é amante de cemitérios. O que ousei relatar de minhas experiências na cripta trouxe-me apenas sorrisos de piedade. Meu pai, que me visita com freqüência, assevera que em tempo algum atravessei o portal lacrado pelas correntes e jura que, quando o examinou, o cadeado enferrujado tem estado como sempre esteve ao longo de cinqüenta anos. Chega mesmo a dizer que toda a comunidade sabia de minhas idas ao túmulo e que eu era muitas vezes vigiado enquanto dormia na clareira da encosta, meus olhos semicerrados fixos na fenda que conduz ao interior. Contra essas afirmações não tenho nenhuma prova tangível, até porque a chave para o cadeado se perdeu na luta durante aquela noite de horrores. As coisas estranhas do passado que aprendi durante aqueles encontros noturnos com os mortos ele as reputa como meros frutos de minha vida pregressa de onívora perscrutação sobre volumes antigos da biblioteca da família. Não fosse pelo meu velho serviçal Hiram, eu hoje estaria convencido de minha loucura.

Mas Hiram, leal até o fim, conservou sua fé em mim e fez aquilo que me impele a trazer a público pelo menos uma parte de minha história. Há uma semana, ele quebrou o cadeado que prende a porta da tumba em sua posição perpetuamente semicerrada e desceu com uma lanterna até as profundezas sombrias. Sobre uma laje, numa alcova, encontrou um velho mas ainda vazio caixão cuja inscrição deslustrada contém uma simples palavra: Jervas. Nesse caixão e nessa cripta é que me prometeram que serei enterrado.



Ele

VI-O NUMA NOITE DE INSÓNIAS, quando caminhava desesperadamente, para salvar a minha alma e o meu modo de ver. A minha vinda para Nova Iorque fora um erro. Pois, ao procurar fascinantes maravilhas e inspiração, nas labirínticas e antigas ruelas que serpenteiam sem fim, a partir de pátios esquecidos e zonas marítimas igualmente esquecidas — e em ciclópicos arranha-céus modernos e em pináculos que se erguem escuros e babilônicos sob uma lua exangue —, encontrara apenas um sentido de repulsa e opressão que me ameaçavam dominar, paralisar e destruir.

A desilusão fora gradual. Ao chegar a essa cidade pela primeira vez, vira-a ao pôr-do-sol, desde o cimo de uma ponte majestosa sobre as águas, sobre as incríveis e delicadas arestas e pirâmides que se erguiam, semelhantes a flores de charcos de névoa roxa, para brincarem com as acesas nuvens douradas e com as primeiras estrelas do entardecer. Em seguida, vira-a acender-se, janela após janela, sobre as marés cintilantes onde os candeeiros cabeceavam e deslizavam, e buzinas roucas rasgavam estranhas harmonias, para se transformarem num firmamento onírico e estrelado, com um perfume de música feérica, e uno com os encantos de Carcassonne, Samarcanda e o *El Dorado,* e com todas essas cidades quase fabulosas. Não muito tempo depois, fui seduzido por essas ruas antigas, tão gratas à minha imaginação — por sinuosas e estreitas ruelas e travessas, onde filas de casas georgianas de adobe vermelho me piscavam o olho das suas lucernas, por cima de portas rodeadas de colunas, que em tempos tinham observado liteiras de talha dourada e carruagens apaineladas — e, ao dar-me conta dessas

coisas há muito desejadas, pensei ter adquirido os tesouros que, com o passar do tempo, iriam fazer de mim um poeta.

Porém, nunca iria conhecer a felicidade nem o sucesso. A luz garrida do dia mostrou- me apenas sordidez e alheamento, e a intoxicante elefantíase de pedras que trepavam e se espalhavam onde a lua me sugerira beleza e antigas magias. A multidão que fervilhava através dessas ruas, semelhante a rios torrenciais, era constituída por estrangeiros atarracados, de pele escura, de rostos rudes e de olhos em bico, pessoas de outras paragens, sagazes e sem sonhos, sem qualquer relação com as coisas que as rodeavam, e que nada poderiam dizer a um homem de olhos azuis da antiga população, que no seu peito albergasse ainda a nostalgia das áleas verdes e dos campanários brancos de Nova Inglaterra.

Assim, em vez dos poemas a que esperava dar vida, deparei-me tao-so com uma agitada ausência de ideias e com uma solidão inefável, vendo por fim uma horrível verdade que ninguém antes se atrevera a murmurar — o impronunciável segredo de todos os segredos — o facto de essa estrídula cidade de pedra não ser uma continuação viva da velha Nova Iorque, tal como Londres o era da velha Londres e Paris da antiga Paris, mas de estar de facto morta, com o seu corpo estendido e embalsamado sem perfeição, infestado de inusitados elementos animados que nada teriam que ver com a sua vida anterior. Após ter feito essa descoberta, já não conseguia dormir sossegadamente, embora algo comparável a uma calma resignada me tivesse dominado, à medida que ia ganhando o hábito de me manter fora das ruas durante o dia, até só me atrever a sair à noite, quando a escuridão conjurava o que ainda pudesse existir do passado que ainda aí pairava semelhante a um fantasma, e os antigos portais brancos me invocassem as robustas formas físicas, que em tempos os tinham franqueado. Baseado nesse consolo, consegui mesmo escrever alguns poemas, e já não pensava regressar ao lar da minha distante família, com medo que esta pudesse julgar que um ser ignóbil e derrotado tivesse vindo a rastejar até ela.

Foi então que, numa dessas itinerantes noites de insónia, eu acabei por conhecer o homem. Foi num pátio escondido e grotesco do bairro de Greenwich, pois fora aí que, na minha ignorância, eu me alojara, tendo ouvido que se tratava de um lugar habitado por

poetas e artistas. As travessas arcaicas e as casas, assim como as surpreendentes praças e pátios, tinham-me deliciado verdadeiramente. Todavia, ao reparar que os poetas e os artistas não passavam de pretensiosos faladores, cujo requinte era a falsidade e cujas vidas eram a própria negação de toda a beleza da poesia e da arte, fiquei aí apenas pelo amor a essas características veneráveis. Imaginava-as tal como elas teriam sido no princípio, quando Greenwich era uma aldeia plácida ainda não de todo devorada pela cidade; e, nas horas que precediam o nascer do sol, quando todos os amantes da noite já se tinham recolhido, costumava vaguear sozinho por entre a suas ruelas misteriosas, refletindo sobre os curiosos mistérios que as sucessivas gerações aí tivessem depositado. Fora isso que me mantivera a alma viva e me trouxera alguns desses sonhos e visões que o poeta bem dentro de mim tanto desejava.

O homem cruzara-se comigo por volta das duas horas de uma enevoada madrugada de Agosto, enquanto eu percorria uma série de pátios distintos, apenas acessíveis através de escuras passagens entre prédios que, no passado, teriam formado uma rede contínua de ruelas. Ouvira falar das mesmas, através de alusões indiretas, e dera-me conta de que não poderiam fazer parte de nenhuma planta recente da cidade. Contudo, o facto de terem sido esquecidas, só mas tornou mais apetecíveis, de modo que as procurara com uma dupla ânsia. Agora, que as encontrava, o meu interesse redobrara uma vez mais, pois algo no modo como se encontravam dispostas parecia aludir vagamente ao facto de que só restassem apenas algumas, escuramente estranguladas entre paredes altas e vazias e traseiras de casas desabitadas, ou espreitando, sem qualquer luz de candeeiros, por detrás de arcos, ainda não traídas por hordas de pessoas que falavam uma língua estrangeira, nem vigiadas por furtivos e sorumbáticos artistas cujas práticas não fossem apropriadas para serem referidas em plena luz do dia.

Ele falou comigo sem que eu o tivesse encorajado, ao notar a minha disposição e o modo como eu ia estudando certas portas envelhecidas, no topo de degraus debruados por gradeamentos, ante o pálido brilho das rendilhadas bandeiras exteriores que as encimavam. O seu rosto estava na sombra e ele usava um chapéu de abas largas que, até certo ponto, parecia condizer com a capa

antiquada que envergava. Mas eu fiquei um pouco inquieto, antes mesmo de ele me ter dirigido a palavra. Tinha um corpo esguio de uma magreza quase cadavérica, e a sua voz parecia estranhamente cava e suave, embora não particularmente profunda. Ele, segundo me informou, já tinha reparado em mim durante os meus passeios, e concluído que eu me parecia com ele, devido ao meu interesse pelos vestígios de antanho. Será que eu não iria gostar de uma visita guiada por alguém que já tinha uma grande prática nessas explorações e que possuía todo um espólio de informação local, muito mais especializado do que aquela a que qualquer forasteiro pudesse ter acesso?

Enquanto falava, pude ver o seu rosto, por breves instantes, à luz de uma solitária janela de mansarda. Esse indivíduo, idoso mas bem-parecido, tinha um aspecto nobre, e ainda mantinha os traços de uma linhagem refinada, que não seria de esperar nesse local nem na época presente. Contudo, algo nele me perturbou, quase tanto quanto o seu aspecto me agradara. Talvez o seu rosto fosse demasiado pálido e sem expressão, ou por demais deslocado desse lugar, para que eu pudesse confiar nele e sentir-me à vontade. No entanto, apressei-me a segui-lo, pois nesses dias deprimentes, a minha busca por uma beleza há muito extinta e pelo mistério era tudo o que tinha, para manter viva a minha alma, e achava também que fora uma rara oportunidade do destino ter-me encontrado com uma pessoa cuja procura, semelhante à minha, parecia ser bem mais refinada.

Qualquer coisa na noite obrigava esse homem embuçado a calar-se e, durante o que me pareceu estender-se durante uma longa hora, ele convidou-me a avançar, sem nunca recorrer a palavras desnecessárias, fazendo apenas breves comentários acerca de nomes antigos, de datas, de mudanças, e guiando-me sobretudo por gestos. À medida que me ia intrometendo por esses interstícios, ele percorria uma passagem em bicos de pés, escalava muros de tijolo, e até andava de gatas por um baixo túnel de pedra, cujo inacreditável comprimento sinuoso acabou por finalmente apagar todo o sentido de orientação geográfica que ainda me restava. As coisas que víamos eram muito antigas e maravilhosas, ou assim me pareciam à luz débil dos raios de luz em que as observava, e nunca me hei-de esquecer das derruídas colunas jónicas, das pilastras esguias, nem

dos postes de gradeamentos encimados por jarrões de ferro, ou de flamejantes janelas com lintéis, ou de decorativos postigos em forma de leque, que pareciam cada vez mais estranhos e bizarros, enquanto íamos avançando por esse infinito labirinto de uma idade desconhecida.

Não encontrámos ninguém e, quanto mais avançávamos, mais as janelas iluminadas se tornavam cada vez mais raras. Os primeiros candeeiros de rua com que nos deparáramos, eram ainda a petróleo, com losangos de vidro montados em chumbo. Mais tarde, vi alguns com velas e, por fim, após termos atravessado um horrível pátio sem luz, onde ele me teve que guiar com a sua mão enluvada, através de uma escuridão total, até a um muro muito alto, com um portão estreito de ferro, chegámos ao troço de uma ruela apenas iluminada por lanternas em frente de cada sete casas — inacreditáveis lanternas coloniais feitas de folha-de-flandres, com topos cónicos e furos nos lados. Essa ruela, subia por uma colina — mais inclinada do que eu julgaria ser possível em qualquer parte de Nova Iorque — e, ao cimo, encontrava-se claramente bloqueada por um muro de quinta, coberto de hera, para lá do qual eu podia vislumbrar uma pálida cúpula e algumas copas de árvores, ondulando contra uma vaga linha junto ao céu. Nesse muro havia um portão de topo arredondado — feito de tábuas de carvalho escuro, com grandes cravos de ferro —, que esse homem começou a abrir com uma pesada chave. Convidando-me a entrar, conduziu-me, através da mais cerrada escuridão, até ao que me pareceu ser um caminho de gravilha e, finalmente, por um lanço de escadas em pedra até à porta dessa residência, que ele também me abriu.

Entrámos, e eu fui logo dominado por um forte odor a mofo e a humidade que parecia ter- se precipitado ao nosso encontro, e que deveria ser o resultado de vários séculos de abandono. O meu anfitrião parecia não o ter notado e, por delicadeza, eu não fiz comentários, enquanto ele me guiava por uma escada circular, ao fundo do vestíbulo, para uma sala cuja porta eu o ouvi fechar à chave, logo que entrámos. Depois vi-o abrir a cortina de uma janela com três caixilhos, que mal se desenhavam contra os clarões do céu. Mais tarde, ele foi até à prateleira da lareira onde, riscando pedreneira contra aço, acabou por acender duas velas de um

candelabro para doze. Foi então que, acenando-me, ele começou calmamente a falar comigo.

Sob essa luz fraca, verifiquei que estávamos numa biblioteca apainelada, espaçosa e com boas mobílias, que dataria do primeiro quartel do século XVIII, com esplêndidos frontões triangulares e uma bela cornija dórica. Acima da lareira, um painel de madeira fora impecavelmente esculpido e, no seu topo, havia entalhadas curvas e jarrões esculpidos. Por cima das estantes cheias de livros, em intervalos ao longo das paredes, viam-se retratos de família, pintados a óleo e já vagamente apagados, cujos rostos revelavam indubitáveis parecenças com o desse homem que, nesse momento, me convidava a sentar numa cadeira, junto a uma mesa *Chipendale.* Antes de se ter sentado do outro lado da mesma, o meu anfitrião hesitou, como se não se sentisse muito à vontade. Então, depois de ter finalmente tirado as luvas, o seu chapéu de abas largas e a capa, ficou diante de mim como uma figura de teatro, vestido à maneira georgiana, desde o cabelo apanhado atrás, com um laço, aos folhos no pescoço, aos calções até ao joelho, às meias de seda e a uns sapatos com fivelas, em que eu não reparara antes. Só depois sentando-se numa cadeira, com um espaldar em forma de lira, é que ele me começou a observar com um certo interesse.

Sem o chapéu, tinha um aspecto extremamente idoso de que eu ainda não me dera conta, e pensei, se essa até então oculta marca de longevidade não estaria na origem da minha inicial impressão desagradável. Depois de falar com ele durante algum tempo, reparei que a sua voz macia, cava e cuidadosamente abafada, tremia por vezes, e, em algumas ocasiões, tive uma grande dificuldade em segui-lo, à medida que o ouvia com espanto e entusiasmo, e com uma certa preocupação que me parecia dominar a cada momento.

«Tereis diante de vós, meu caro senhor» começou ele a dizer-me, «um homem de hábitos excêntricos, a quem não preciso de pedir desculpa pelo meu trajo, dado que também tendes a mesma fina sabedoria e as mesmas inclinações. Refletindo acerca de tempos melhores, não tenho quaisquer escrúpulos em me entregar aos costumes que partilho convosco, nem em adoptar esta maneira no meu modo de vestir. Trata-se de um capricho que não poderá ofender ninguém se praticado sem grandes ostentações. Para minha grande

felicidade, tive a sorte de poder manter a propriedade rural dos meus antepassados, embora esta tenha sido devorada por duas cidades: Greenwich, que começou a invadir esta zona, por volta de 1800; e mais tarde Nova Iorque, sobretudo por volta de 1830. Havia muitas razões para que mantivesse e cuidasse desta herança que a minha família me legara, e nunca falhei com as minhas obrigações. O morgado que tomou posse dela, em 1768, estudou certas artes e fez algumas descobertas, todas elas relacionadas com certos poderes que se julgavam residir nesta específica propriedade, que, por isso mesmo, mereceriam uma atenção ainda mais aturada. Ora, é alguns dos curiosos efeitos de tais artes e descobertas que me proponho mostrar-vos, sob o mais profundo segredo, acreditando que me poderei ater ao modo como avalio as pessoas, não duvidando assim nem da vossa lealdade nem do vosso interesse.»

Interrompeu então o seu discurso, mas eu podia apenas inclinar a cabeça em jeito de concordância. Já mencionei que estava preocupado. No entanto, para mim, nada era tão terrível como o mundo material de Nova Iorque, durante o dia. Ainda que esse homem fosse apenas excêntrico ou dominasse artes perigosas, julguei não ter outro remédio senão seguir o que me dizia, e controlar a minha surpresa em relação a tudo o que ainda me pudesse revelar. De modo que o escutei.

«Para... o meu antepassado...» continuou ele, em voz baixa, «a humanidade possuía estranhas qualidades, no que se prendia à sua força de vontade, qualidades essas que exerciam um poder insuspeito não apenas no que se relacionava com os nossos atos e com os de outras pessoas, mas também com a força ou substância da Natureza. Já para não falar de elementos e dimensões que se pensavam ser mais universais do que os da própria Natureza. Será que vos poderei dizer que ele zombava da santidade de coisas tão importantes como o tempo e o espaço, e que recorreu mesmo aos rituais de certos peles-vermelhas mestiçados, que em tempos teriam acampado sobre esta colina? Esses índios tinham ficado muito revoltados, quando este lugar foi construído, e nunca pararam de insistir, com toda a pestilência dos seus modos, em visitar a propriedade em noites de lua cheia. Durante anos, saltavam o muro sempre que podiam e, pela calada da noite, executavam certas ações.

Então, em 1768, o novo proprietário apanhou-os nos seus rituais e ficou maravilhado com o que viu. A partir de então, tentou negociar com eles, e trocar o livre acesso a estes domínios pela profundidade exata das coisas que praticavam. Veio assim a saber que os avós desses índios tinham herdado parte desse costume dos seus antepassados peles-vermelhas; a outra de um velho holandês, ainda no tempo dos Estados Gerais. E, por mais que isso lhe possa pesar na alma, creio que esse proprietário lhes serviu um péssimo rum — não sei se por acaso se propositadamente — pois, uma semana após ter conhecido o segredo, tornou-se o único homem vivo na sua posse. Vós, caro senhor, sois o primeiro forasteiro a quem foi revelada a existência de um segredo, e crede que nunca me teria atrevido a tanto... no que respeita a esse poder... se não soubesse que reveláveis um igual interesse por coisas do passado.»

Tremi, à medida que esse homem se tornava mais comunicativo, através desse discurso um pouco arcaico, com que continuou:

«Mas devereis saber, caro senhor, que o que esse proprietário conseguiu obter desses selvagens mestiçados, não passava afinal de uma pequena parte do conhecimento que ele veio a alcançar. Ele não perdera o seu tempo em Oxford, nem falara apenas de um modo superficial com um velho alquimista e astrólogo de Paris. Assim, veio a dar-se finalmente conta de que o mundo todo não era mais do que o fumo dos nossos intelectos, não ao alcance das mentes vulgares, mas algo que poderia ser fumado pelos sábios, inalado como qualquer nuvem do melhor tabaco da Virgínia. Poderemos produzir em torno de nós tudo o que queremos; e o que não pretendemos poder-se-á de igual modo expulsar. Não vos diria que tudo isto seja materialmente verdadeiro, mas e- o suficientemente para nos poder proporcionar um excelente espetáculo, uma vez por outra. Vós, segundo poderei conceber, ficaríeis muito agradado com uma visão de alguns anos melhores do que aqueles a que a vossa fantasia se poderá entregar. De modo que vos peço que domineis qualquer medo acerca do que vos entendo mostrar. Vinde até à janela e mantende-vos em silêncio.»

O meu hóspede pegou-me então na mão para me conduzir até uma das duas janelas na parte mais longa dessa sala cheia de mofo e, assim que senti os seus dedos, foi como se o sangue me gelasse no

corpo. Essa sua mão, embora seca e firme, tinha a qualidade do gelo, e eu quase recolhi instintivamente a minha. Porém, mais uma vez, bastou-me pensar na vacuidade e no horror da realidade, para me deixar conduzir para onde ele apetecesse levar-me. Uma vez junto a essa janela, o homem abriu as cortinas de seda amarela e fez com que o meu olhar perscrutasse a escuridão exterior. Por momentos não vi nada senão miríades de pequeníssimas luzes a dançar diante de mim. Em seguida, como se respondendo a um gesto insidioso, esboçado pela mão do meu hóspede, um clarão de luz quente surgiu nesse cenário, e eu pude ver um mar de folhagem luxuriante não poluída, e não o mar de telhados de que qualquer mente normal estaria à espera. À minha direita, o Rio Hudson tinha um brilho quase malicioso e, na distância, podia ver o doentio fervilhar de um pântano salgado, constelado de pirilampos nervosos. Esse clarão esvaneceu-se, e um sorriso diabólico iluminou o rosto de cera desse idoso necromante.

«Isto foi bem antes do meu tempo, antes do tempo do novo morgado... Se não vos importais, talvez possamos tentar novamente.»

«Óptimo! Óptimo!» disse-lhe eu, entre dentes. «Poderá fazer isso para *qualquer época?»* e quando ele acenou afirmativamente, mostrando pedaços negros de dentes gastos que em tempos teriam sido amarelados, eu agarrei-me às cortinas, com medo de cair. Mas ele segurou-me, com essa tremenda garra fria como o gelo e, uma vez mais, esboçou esse gesto insidioso.

De novo vi um clarão, mas dessa vez sobre um cenário que não me era de todo estranho. Era Greenwich, a vila de antanho, com um telhado aqui e ali. ou filas de casas tal como as vemos hoje, contudo, com belos jardins e campos verdes e baldios cheios de vegetação. O pântano ainda se via ao longe, mas, mais distante ainda, surgiam os campanários do que era nesse tempo a totalidade de Nova Iorque. Tratava-se de Trinity, de St. Paul, e da Igreja de Adobe que parecia dominar as suas irmãs , com um vago rasto de fumo de chaminés caseiras pairando por cima de tudo.

«E será que pode. que se atreveria. a ir ainda *mais longe?»* Perguntei-lhe com uma absoluta fascinação, acreditando que ele

teria compartilhado da mesma por momentos. Contudo, o seu sorriso malévolo dominou-o uma vez mais.

«Mais longe? O que vi tornar-vos-ia numa louca estátua de sal! Para trás, para frente, *para a frente,* vede, ainda ficais desmiolado...»

E ao dizer-me essa última frase, quase como um aparte, voltou a gesticular, trazendo ao céu um clarão ainda mais intenso do que os anteriores. Por cerca de três segundos pude contemplar o pandemônio dessa visão e, nesse breve instante, vi um cenário que irá para sempre atormentar os meus sonhos. Vi um céu eivado de estranhos objetos voadores e, por debaixo destes, uma infernal cidade negra com gigantescos terraços de pedra e com ímpias pirâmides apontadas para a lua, tal como as luzes diabólicas, vindas de inumeráveis janelas. E como revoltantes enxames, em galerias aéreas, pude aperceber-me dos olhos amarelos e semicerrados do povo dessa cidade, horrivelmente vestido de laranja e vermelho, e dançando loucamente, ao som de febris tímbales e de crótalos obscenos, se bem como o lamento maníaco de trombetas abafadas, cujas melodias fúnebres se erguiam como ondas de um oceano de betume amaldiçoado .

Vi essa paisagem, afirmo, e ouvi, como se por dentro da minha mente, a blasfema confusão e a cacofonia que a acompanhava. Era esse o chiado contentamento de todos os horrores que essa cidade-cadáver jamais infundira na minha alma e, esquecendo-me de qualquer preocupação para me manter silencioso, comecei a gritar desalmadamente, à medida que perdia o controlo dos meus nervos e as paredes pareciam tremer à minha volta.

Depois, enquanto esse clarão ia esmorecendo, reparei que o meu anfitrião também estava a tremer. Um olhar de medo e de choque quase lhe fazia saltar do rosto a distorcida serpente de raiva que os meus gritos tinham despertado. Ele vacilou e agarrou-se às cortinas, tal como eu tinha feito antes, contorcendo a cabeça, como um animal capturado. Mas só Deus sabe como teria razão, pois, ao acalmarem-se os ecos dos meus gritos, veio até nós um outro som, tão diabólico e sugestivo que apenas uma emoção adormecida me manteve ainda consciente e são de espírito. Tratava-se do som continuado e furtivo de degraus a partirem-se, para lá da porta fechada dessa sala, como

se devido ao tropel de uma horda descalça e vestida de peles, e, por fim, o fecho de latão, que estava a ser abanado violentamente, brilhou à luz fraca das velas. O idoso tentava agarrar-me, cuspindo, através desse ar pesado, vociferando coisas incompreensíveis, à medida que oscilava, agarrado à cortina amarela.

«A lua cheia. maldito. maldito seja esse cão. ele chamou-os e agora eles vêm buscar-me!... Homens de *mocassins,* homens mortos. Que Deus vos fulmine. diabos vermelhos. Mas vejam que não fui eu quem vos envenenou o rum. Será que não consegui manter a salvo a vossa pestilenta magia?... Vocês é que se deixaram adoecer e não deveriam acusar o morgado por causa disso. Vão. vão-se embora! Tirem as mãos desse fecho. Não tenho aqui nada para vos dar. »

Nesse momento, três batimentos lentos, mas bem deliberados, abanaram os painéis da porta, e o exaltado mágico começou a espumar pela boca. Os seus receios, transformados num férreo desespero, deram lugar a um reaparecimento da sua raiva contra mim, e vi-o cambalear até à mesa contra a qual eu me tentava amparar. As cortinas ainda presas na sua mão direita, à medida que a esquerda me tentava alcançar, acabaram por ser arrancadas de um alto varão, fazendo assim com que a sala ficasse inundada por um pleno luar, que a claridade do céu já tinha pressagiado. Em presença desses raios de uma tonalidade verde, a luz das velas tornou-se irrelevante, e um novo aspecto de decadência surgiu nessa sala infestada pelo mofo, com as suas paredes apaineladas roídas pelo caruncho, com o soalho torto e inchado de humidade, a prateleira da lareira lascada, as mobílias desengonçadas e as cortinas em farrapos. Essa decadência também parecia apoderar-se desse idoso, proveniente dessa mesma atmosfera, ou dado o persistente medo que ele sentia. E vi-o ficar mais mirrado e mais escuro, quando se aproximou de mim e me tentou ferir com as suas garras de abutre. Apenas esses seus olhos permaneciam iguais e brilhavam dilatados, com uma intensidade, que não parou de aumentar até que o rosto, em torno dos mesmos, tivesse ficado carbonizado e quase desaparecesse.

Os batimentos na porta repetiam-se agora mais e mais insistentes, revelando dessa vez, objetos metálicos. Aquela coisa negra, diante de mim, era tão-somente uma cabeça com olhos, que em vão se

debatia pelo soalho que se ia afundando, na minha direção, emitindo os torpes insultos de uma malícia imoral. Então, golpes mais bem dirigidos começaram a estilhaçar esses painéis apodrecidos, e eu vi o brilho de um machado de guerra, irrompendo entre estilhas de madeira. Não me mexi, pois não o conseguia fazer. Fiquei aí especado, enquanto a porta se desfazia em estilhaços, deixando assim entrar um colossal influxo sem forma, de uma substância gelatinosa cor-de-tinta, incrustada de olhos acesos e malévolos. Penetrou aí espessamente, como uma torrente de petróleo em bruto que tivesse rebentado com a antepara apodrecida de um navio, atirou com uma cadeira ao chão, para por fim se espalhar por debaixo da mesa até ao outro lado da sala, onde essa cabeça carbonizada com olhos, ainda me olhava fixamente. Envolveu então essa cabeça, devorando-a de imediato e, logo a seguir, começou a recuar, com esse incrível troféu, mas sem se importar comigo. Escapuliu- se pelo buraco negro da porta e pelos degraus invisíveis, que estalaram como antes, se bem que de forma inversa.

Finalmente, o soalho cedeu, e eu escorreguei, tentando em vão recuperar o fôlego, para uma câmara escura no andar de baixo, afogado em teias de aranha e quase desmaiando de terror. A lua verde, que brilhava através de vidraças partidas, mostrou-me a entreaberta porta do vestíbulo e, quando me levantei desse chão, cheio de pedaços de estuque, e me consegui desenvencilhar das partes do teto que tinham desabado sobre mim, vi passar diante de mim, uma horrenda torrente negra, com a quantidade de olhos atormentados que nela brilhavam. Essa massa informe estava à procura da porta da cave e, quando a encontrou, em breve desapareceu por ela. Senti então o soalho dessa divisão inferior a dar de si, tal como antes tinha acontecido. Um grande estrondo lá em cima, seguido de uma queda de destroços junto à janela a oeste, indicavam algo que deveria ter sido a cúpula. Então, liberto por instantes de todos esses fragmentos de construção, corri pelo vestíbulo em direção à porta e, como não a conseguisse abrir, peguei numa cadeira e parti uma janela, saindo nervosamente para esse relvado deixado ao abandono, onde o luar dançava entre ervas daninhas com um metro de altura. O muro era alto e todos os portões de acesso tinham sido fechados, mas ao empilhar umas quantas

caixas, que descobri a um canto, consegui chegar ao topo e agarrar-me a um grande jarrão de pedra que aí estava.

À minha volta, exausto como estava, só conseguia ver estranhos muros, janelas e velhos telhados amansardados. Não consegui descobrir a calçada íngreme por onde subira, e o pouco que pude vislumbrar em breve se apagou sob uma névoa que subia do rio, apesar do resplendor desse luar. De súbito, esse jarrão de pedra ao qual me tinha agarrado começou a dar si, como se atacado pela mesma vertigem letal que eu sentia. No instante seguinte, senti o meu corpo a mergulhar para não concebia sequer que possível destino.

O homem que me encontrou disse-me que eu deveria ter rastejado durante muito tempo, apesar dos meus ossos partidos, pois podia ver um rasto de sangue, tanto quanto a sua vista se atrevera a alcançar. Uma chuva copiosa de pronto apagou esse elo de ligação com o local dessa minha conturbada história. Os relatórios não mais poderiam afirmar senão o facto de me terem descoberto, vindo de um lugar desconhecido, na entrada de um pátio escuro que dava para a Perry Street.

Nunca mais tentei regressar a esses tenebrosos labirintos, nem me atreveria a sugerir, mesmo que o tentasse, que um homem no seu juízo perfeito aí pudesse voltar. Quem ou que era essa criatura não faço a mínima ideia, contudo repito que essa cidade está morta e cheia de terrores insuspeitos. Também não sei se *ele* desapareceu para sempre. Mas já voltei às puras veredas de Nova Inglaterra, onde uma brisa marinha corre ao fim da tarde.



O Forasteiro

INFELIZ É AQUELE CUJAS MEMÓRIAS de infância lhe trazem apenas medo e tristeza. Desgraçado é aquele que se lembra de horas longas e solitárias, consumidas em cômodos enormes e tristes, entre cortinados marrons e fileiras enlouquecedoras de livros antigos, ou que se recorda de espantadas vigílias, passadas entre renques de árvores grotescas e descomunais, que a vinha recobre e que acenam em silêncio lá do alto com seus galhos retorcidos. Tal é o quinhão que os deuses me reservaram - a mim, o perplexo, o desapontado, o estéril, o alquebrado. E, no entanto, sinto um estranho contentamento e me agarro com desespero a essas lembranças ressequidas, quando minha mente, por um momento, ameaça estender-se adiante para as outras.

Não sei onde nasci. Só sei que o castelo era infinitamente velho e infinitamente horrível, cheio de passagens escuras e de tetos onde os olhos podiam descobrir apenas teias de aranha e sombras. As pedras nos corredores decadentes pareciam, sempre, horrivelmente escuras, e havia por toda parte um cheiro maldito, tal como o de montes de cadáveres de gerações inteiras. Nunca havia luz, e eu tinha sempre de acender velas e olhar atentamente para elas em busca de alívio; nem havia sol do lado de fora, já que as árvores terríveis ultrapassavam em altura a mais alta torre acessível. Havia uma torre negra que subia, por cima das árvores, em direção ao céu desconhecido e exterior, mas estava em parte arruinada e não se podia ter acesso a ela senão mediante uma escalada quase impossível, pedra por pedra, ao longo da parede vertical.

Não posso calcular, mas devo ter vivido por anos nesse lugar. Provavelmente, algumas criaturas cuidaram de mim, porém não me lembro de ninguém a não ser de mim mesmo e não me recordo de nada vivo a não ser dos ratos silenciosos, dos morcegos e das aranhas. Creio que quem cuidou de mim teria sido anormalmente velho, pois minha primeira concepção do que fosse uma pessoa viva foi a de alguém parecido comigo, mas deformado, encarquilhado e tão decadente quanto o castelo. Para mim, não havia nada de grotesco nos ossos e esqueletos que se distribuíam por algumas criptas localizadas nas profundezas, em meio às fundações. Fantasticamente, eu associava essas coisas aos eventos cotidianos e as supunha mais naturais que as representações coloridas de criaturas vivas que descobria em meus livros embolorados. Desses livros aprendi tudo o que sei. Nenhum professor me instigou nem me guiou, e não me lembro de ter ouvido qualquer voz humana em todos esses anos - nem mesmo a minha própria, pois, embora tivesse lido a respeito da fala, eu mesmo nunca tentara falar. Minhas feições eram igualmente desconhecidas, porquanto não havia espelhos no castelo, e eu apenas, por instinto, me acreditava assemelhado às figuras jovens que via desenhadas ou pintadas nos livros. Sentia-me consciente da juventude porque me lembrava de bem pouca coisa.

Lá fora, para além do fosso e sob as árvores sombrias e mudas, eu costumava me deitar e sonhar durante horas com o que lia nos livros; e, num profundo anseio, me imaginaria, entre multidões alegres, no mundo ensolarado que havia do outro lado das florestas intermináveis. Uma vez, tentei escapar da floresta, mas quando me distanciei do castelo a sombra se adensou e o ar se sobrecarregou de um medo iminente; então, frenético, voltei correndo, temendo perder minha trilha no labirinto do silêncio noturno.

Assim, por infindáveis crepúsculos, eu sonhava e esperava, embora sem saber o que esperava. Então, na solidão penumbrosa, minha ânsia de luz se tornou tão fremente que não pude mais descansar. Ergui minhas mãos, implorando, à única e ruinosa torre que subia mais alto que a floresta, penetrando no céu exterior e ignorado. E, finalmente, decidi escalar essa torre, mesmo sob o risco de queda, já que era melhor vislumbrar o céu e perecer do que viver para sempre sem contemplar o dia.

Na sombra do crepúsculo galguei os degraus de pedra gasta e antiga, até alcançar o nível onde eles terminavam; e então me agarrei, com perigo, às pequenas reentrâncias que me permitiram subir. O cilindro de pedra estéril e sem degraus era medonho e terrível, bem como negro, ruinoso e deserto, e parecia mais sinistro devido aos morcegos assustados, cujas asas não produziam ruído. Mas mais terrível e medonha era a lentidão de meu progresso, pois, por mais que eu ascendesse, a escuridão do alto não diminuía, e um novo calafrio, como o de algum húmus assombrado e venerável, me assaltou. Estremeci, perguntando-me a razão de eu não alcançar a luz, e teria olhado para baixo, caso ousasse fazer isso. Supus que a noite tivesse descido de repente e em vão apalpei, com a mão livre, em busca de uma janela ou abertura através da qual eu pudesse espiar e fazer ideia da altura atingida.

Súbito, após uma escalada infinita, assustadora e cega através daquele precipício côncavo e desesperador, senti minha cabeça tocar uma coisa sólida e compreendi que eu devia ter alcançado o teto ou, pelo menos, algum tipo de assoalho. Na escuridão, levantei minha mão livre e examinei o obstáculo, constatando que era de pedra e não podia ser movido. Então, comecei um mortal percurso pelo diâmetro da torre, agarrando-me a qualquer reentrância que houvesse na parede escorregadia, até que finalmente minha mão tocou uma parte que cedeu, e olhei para cima outra vez, empurrando a laje ou porta com a cabeça, enquanto usava ambas as mãos em minha subida temerária. Não havia luz na parte de cima, e, quando minhas mãos se elevaram mais, percebi que minha escalada tinha terminado, já que a laje fechava um alçapão que conduzia a alguma superfície plana, de pedra, cuja circunferência era maior que a da parte inferior da torre - sem dúvida o piso de alguma câmara de observação muito ampla e elevada. Arrastei-me com cuidado através da abertura, tentando impedir que a pesada laje retornasse a seu lugar, mas afinal não consegui. Quando me estendi, exausto, sobre o piso de pedra, ouvi os ecos espectrais de sua queda, pensando em como a ergueria novamente.

Supondo que eu me encontrava a uma altura prodigiosa, bem acima dos galhos amaldiçoados da mata, ergui-me do chão e tateei em busca de alguma janela, de modo a poder contemplar, pela

primeira vez, o céu, a lua e as estrelas sobre os quais havia lido. Mas cada apalpadela me desapontava, já que tudo o que eu encontrava eram vastas prateleiras de mármore, sobre as quais havia caixas oblongas e odiosas, de tamanho perturbador. Mais e mais eu refletia, perguntando-me que antiquíssimos segredos poderia conter esse cômodo elevado, que jazera durante muitos éons isolado do castelo lá embaixo. Então, inesperadamente, minhas mãos revelaram um vestíbulo, onde havia um portal de pedra, coberto de estranhos entalhes. Descobri que estava trancado, mas, com um supremo espasmo de força, consegui romper os obstáculos e abri-lo com um empurrão. Quando fiz isso, ocorreu-me o mais puro êxtase que eu jamais experimentara, pois, brilhando tranquilamente através de uma grade de ferro ornamentada, para além de uma passagem curta de pedra que subia daquele novo vestíbulo que se abriu, havia uma lua cheia, radiante, que eu nunca vira antes a não ser em sonhos e em vagas visões que não me atrevo a chamar de lembranças.

Crendo ter alcançado o pináculo do castelo, comecei a galgar os poucos degraus que havia além da porta, mas o súbito desaparecimento da lua atrás de uma nuvem me fez tropeçar e me obrigou a tatear mais lentamente na escuridão. Ainda estava muito escuro quando cheguei à grade - que examinei com cuidado, percebendo que não estava trancada, mas que não abri por medo de cair da altura espantosa a que tinha subido. Então a lua reapareceu.

O mais demoníaco de todos os choques é aquele do abismalmente inesperado e do grotescamente inacreditável. Nada do que eu conhecera antes podia comparar-se em terror àquilo que eu via agora, às maravilhas bizarras que se descortinavam à visão. A visão em si era tão simples quanto estupefaciente, pois consistia apenas disto: em vez do panorama vertiginoso dos topos das árvores visto de uma considerável altura, estendia-se à minha volta, visível através da grade, nada menos que o chão sólido, adornado e recortado por lajes e colunas de mármore, bem como ensombrado por uma antiga igreja de pedra, cuja torre, em ruínas, era banhada por um luar espectral.

Meio inconsciente, abri a grade e cambaleei para fora, chegando ao caminho de seixos que se abria em duas direções. Minha mente, atordoada e caótica como estava, ainda preservava o anseio frenético

por luz, e nem mesmo o espanto fantástico que se sucedera poderia impedir meu avanço. Eu não sabia nem me preocupava em saber se minha experiência era insanidade, sonho ou magia; porém estava determinado a experimentar o brilho e ou a alegria a qualquer custo. Eu não sabia quem eu era ou o que eu era, ou o que seria aquele lugar, embora, enquanto avançava aos tropeços, tivesse consciência de um tipo assustador de memória latente que tornava meu avanço não totalmente fortuito. Passando por um arco, saí daquela região de lajes e colunas e vaguei por um campo aberto, seguindo às vezes uma estrada visível, mas às vezes, inexplicavelmente, abandonando-a para penetrar em descampados onde, apenas ocasionalmente, algumas ruínas revelavam a antiga presença de uma estrada esquecida. Numa ocasião, nadei através de um rio veloz no qual a presença de ruínas e musgo falava de uma ponte há muito desaparecida.

Cerca de duas horas devem ter se passado antes que eu atingisse o que parecia ser minha meta - um castelo venerável, coberto de hera, encravado num local de arvoredo denso, perturbadoramente familiar, embora, para mim, repleto de uma estranheza atordoante. Constatei que o fosso fora aterrado e que algumas das torres familiares tinham sido demolidas, e havia novos pavilhões, a confundir o observador. Mas o que observei com maior interesse e delícia foram as janelas abertas - espantosamente iluminadas, das quais provinha o som de alguma comemoração alegre. Aproximando-me de uma delas, olhei para dentro e deparei com uma gente risonha, vestida com estranheza, a conversar animadamente. Pelo que me consta, eu nunca tinha ouvido pessoas conversando antes e podia apenas imaginar, de modo vago, o que estavam a dizer. Algumas faces exibiam expressões que evocavam lembranças incrivelmente remotas, e outras eram totalmente desconhecidas.

Através da janela, penetrei no cômodo iluminado, passando, quando fiz isso, do meu único momento de luz e esperança para minha mais profunda convulsão de desespero e compreensão. O pesadelo estava prestes a ocorrer, pois, quando entrei, aconteceu de imediato um dos espetáculos mais terrificantes que jamais presenciei. Mal eu havia cruzado a moldura, e desceu sobre toda a assembleia um medo subitâneo, inesperado, de uma intensidade

ominosa, que distorceu todas as faces e suscitou os gritos mais horríveis em quase todas as gargantas. Houve uma fuga geral, e no clamor e no pânico muitos desmaiaram e foram arrastados por seus companheiros em fuga. Muitos cobriam os olhos com as mãos e avançavam às cegas, desajeitados, tropeçando na mobília ou trombando contra as paredes, antes de alcançar uma das muitas portas de saída.

Os gritos eram tremendos, e, quando me achei sozinho e ofuscado no salão brilhante, ouvindo os últimos ecos da escapada, estremeci pensando no que poderia estar ao meu lado. A uma vista de olhos casual, o cômodo parecia deserto, mas, quando caminhei em direção a uma das alcovas, pensei ter detectado uma presença - um ligeiro vislumbre para além do arco dourado do portal que conduzia a outra sala, muito similar à primeira. Quando me aproximei do arco, comecei a distinguir com mais clareza a presença e então, com o primeiro e último som que pronunciei em minha vida - um uivo arrepiante que me perturbou de modo quase tão pungente quanto a sua causa hedionda -, com uma vivacidade aterradora, me vi de frente para uma monstruosidade inconcebível, indescritível e inominável, a qual, pelo seu simples aparecimento, tinha transformado uma alegre companhia numa horda de fugitivos delirantes.

Não posso sequer sugerir a sua aparência, pois era um composto de tudo o que é sujo, antinatural, desagradável, anormal e detestável. Era a sombra fantasmagórica da decadência, da antiguidade e da dissolução, o ídolo pútrido e decomposto de uma revelação malsã, a revelação pavorosa daquilo que a terra, por misericórdia, deveria esconder para sempre. Deus sabe que não era deste mundo - ou não mais deste mundo -, conquanto, para o meu horror, vi em seus traços carcomidos e ossudos uma paródia repugnante e maligna da forma humana, e em suas vestes imundas e desintegradas uma qualidade indizível, que me fez estremecer ainda mais.

Senti-me quase paralisado, mas não tanto que não fizesse um débil esforço de fuga, tropeçando de volta, o qual não chegou a quebrar o encanto que o monstro inominável, mudo, exercia sobre mim. Meus olhos, enfeitiçados pelas órbitas vítreas que me fitavam de modo horrendo, se recusavam a fechar-se, embora estivessem

impiedosamente embaçados e não percebessem o terrível objeto senão de maneira indistinta após o primeiro choque. Tentei erguer a mão e bloquear a vista, mas meus nervos estavam a tal ponto abalados que meu braço não obedecia ao querer. A tentativa, contudo, foi o suficiente para perturbar meu equilíbrio, de modo que tive de dar alguns passos involuntários para diante, a fim de evitar a queda. Quando fiz isso, tomei consciência - com uma angústia súbita - da proximidade em que se encontrava aquela coisa podre, cuja respiração vazia, repulsiva, tive a impressão de poder ouvir. Quase louco, consegui ainda levantar a mão para desviar a fétida aparição que parecia tão próxima, quando, num segundo cataclísmico de pesadelo cósmico e acidente infernal, meus dedos tocaram a pata apodrecida do monstro, que a erguia por sob o arco dourado.

Não cheguei a gritar, mas todos os demônios que cavalgam o vento noturno gritaram por mim, enquanto, naquele mesmo segundo, desabou sobre minha mente uma avalanche rápida de lembrança dilaceradora. Reconheci, naquele segundo, tudo o que eu tinha sido. Lembrei-me de coisas que existiam para além das árvores e do castelo amedrontador, e reconheci o edifício modificado no qual eu me encontrava agora. Reconheci - o que é mais terrível - a abominação blasfema que eu tinha à minha frente, enquanto meus dedos se afastavam dos seus.

Mas no cosmo existe o bálsamo, tal como existe a amargura, e esse bálsamo é o nepentes. No supremo horror daquele segundo, esqueci o que tinha me aterrorizado, e a explosão de lembrança negra se desvaneceu num caos de imagens ecoantes. Num sonho, fugi para longe daquela construção assombrada, maldita, e corri em silêncio sob o luar. Quando retornei ao adro da igreja de mármore e desci os degraus, constatei que a laje do alçapão não se moveria, mas não me aborreci, pois sempre odiara o castelo antigo e as árvores. Agora viajo com os demônios amigáveis e irreverentes do vento noturno e durante o dia brinco entre as catacumbas de Nephren-Ka, no vale desconhecido e inacessível de Hadoth, junto ao Nilo. Sei que a luz não é para mim, a não ser aquela da lua que banha as tumbas de pedra de Neb, e também a alegria, a não ser aquela das festas de Nitokris ao pé da Grande Pirâmide. E, no

entanto, nesta selvageria e liberdade novas, quase chego a cumprimentar os amargores da errância.

Pois, embora o nepentes me tenha acalmado, reconheço sempre que sou um forasteiro, um estrangeiro neste século e entre aqueles que ainda são homens. Isso eu soube desde que, sob a grande moldura dourada, levantei meus dedos para a abominação - levantei meus dedos e toquei uma superfície fria e indiferente de vidro polido.



Os Gatos de Ulthar

DIZEM QUE EM Ulthar, lá atrás do rio Sakai, ninguém jamais mata um gato; e ao olhar para aquele que ronrona perto do fogo aceso na lareira, sei que é verdade. Pois o gato é enigma chegado 'as coisas que o homem não pode ver. Ele é a alma do Egito antigo, conhecedor de histórias das cidades esquecidas de Meroe e Ophir. É sangue do sangue dos senhores das selvas secretas da África. Primo da Esfinge, fala a sua língua e, ainda mais antigo, se lembra de coisas que a Esfinge já esqueceu.

Em Ulthar, antes que o prefeito proibisse o assassinato de gatos, havia uma chácara onde um velho e sua esposa se divertiam roubando e matando os gatos de seus vizinhos. Por que faziam isso não se sabe; há quem odeie a voz dos gatos na noite e as tome como mau agouro; e ache mesmo que os gatos deveriam correr imperceptíveis pelos jardins e quintais 'a luz mortiça da madrugada.

Seja por que for, esse velho e sua mulher gostavam de prender e matar qualquer gato que chegasse perto de sua casa: e pelos gritos que se ouviam depois que escurecia a gente da vila imaginava que a maneira de assassinar os gatos era perversamente insólita. Mas os camponeses não falavam disso com o casal de velhos, seja por que a expressão habitual de seus rostos era má ou por que sua chácara era pequena, escura e arruinada demais, escondida entre carvalhos gigantes.

Na verdade os donos dos gatos odiavam o casal estranho mas os temiam ainda mais. E em vez de castigá-los como assassinos brutais que eram, tratavam de vigiar para que nenhum bichano querido ou valente caçador de camundongos chegasse perto do bosque sombrio.

Quando sumia um gato por algum descuido e se ouviam os sons depois que chegava a escuridão, seu dono se lamentava impotente ou se consolava

agradecendo 'a Sorte por não ter perdido uma de suas crianças. Pois as pessoas de Ulthar eram simples e não conheciam a origem dos primeiros gatos.

Um dia, vindos do Sul, viajantes estranhos chegaram em caravana, a percorrer as ruas estreitas de Ulthar. Era gente morena e escura, diferente dos outros que costumavam atravessar cidade duas vezes por ano. Acamparam na Praça do Mercado e compravam contas coloridas dos mercadores e liam a sorte dos passantes por dinheiro. Faziam rituais estranhos e ninguém sabia dizer de onde vinham e suas carroças eram pintadas com figuras de corpos humanos com cabeças de gatos, gaviões, carneiros e leões. O chefe da caravana usava um capacete com dois chifres e círculos de metal com inscrições.

E nessa caravana singular vinha um garoto pequeno que, sem ter pai nem mãe, tinha só um gatinho preto como companheiro. A peste havia castigado sua vida, mas deixara com ele aquela coisinha peluda para diminuir sua tristeza; e quando alguém é muito jovem pode achar que as vivas brincadeiras de um gatinho preto são tudo o que se precisa. E esse menino de pele escura, chamado de Menes por seu povo, ria muito mais do que chorava, a se distrair com as brincadeiras cheias de graça de seu bichano, sentado nos degraus de sua carroça pintada tão esquisito.

Na terceira manhã da chegada da caravana a Ulthar o gatinho de Menes sumiu. E enquanto o garoto chorava alto na Praça do Mercado alguém da cidade contou a ele do casal de velhos e dos sons que se ouviam 'a noite. E quando Menes ouviu essas histórias parou de chorar, ficou pensativo, depois rezou.

Estendeu os braços para o alto, em direção ao Sol, e rezou em uma língua que o povo de Ulthar desconhecia; e para dizer a verdade os camponeses nem tentaram entender o que Menes falava, por que muitas coisas aconteciam no céu e as nuvens tomavam formas incomuns.

Era estranho. Menes rezava e sobre suas cabeças formavam-se nebulosas figuras exóticas de criaturas híbridas, vestindo capacetes com chifres e discos de metal. A Natureza cria tais ilusões que impressionam as pessoas imaginativas. Naquela noite a caravana deixou Ulthar e nunca mais voltou.

E então os camponeses perceberam que em toda a cidade não havia um só gato. Todos os bichanos de todas as casas desapareceram: gatos grandes e pequenos, pretos, cinzentos, rajados, brancos, amarelos... O burgomestre

Kranos jurou que o povo moreno levara embora os gatos como vingança pela morte do gatinho preto de Menes e praguejava contra a caravana e o menino. Mas Nith, o tabelião esquelético, dizia que o velho casal do bosque era suspeito, já que seu ódio aos gatos era conhecido e cada vez mais ameaçador.

Ainda assim ninguém teve coragem de se queixar ao casal sinistro. Até mesmo quando Atai, o filho do estalajadeiro, jurou ter visto todos os gatos de Ulthar no bosque maldito ao por do sol, caminhando aos pares, solenes e vagarosos, num ritual jamais conhecido, formando um círculo em volta da cabana. O povo da cidade não sabia se acreditava no garoto; e mesmo achando que os velhos da chácara encantaram os gatos da cidade para depois matá-los, se acovardaram e preferiram deixar para falar com os dois quando viessem 'a cidade.

E assim Ulthar foi dormir em ódio e covardia. E quando o povo acordou de manhã, surpresa! cada gato voltara 'a sua casa: grandes e pequenos, pretos, cinzentos, rajados, amarelos e brancos, não faltava nenhum. Ronronavam alto, felizes, gordos, luzidios. O povo maravilhado só falava nisso. Kranon insistia: o povo moreno levara os gatos, já que nenhum bichano jamais voltara vivo da casa no bosque. E todos concordavam: era curiosa a recusa dos gatos em comer, por dois dias inteiros deixaram seus pratinhos de carne e pires de leite intactos, dormindo preguiçosos ao sol ou perto das lareiras acesas.

Passou uma semana antes que o povo da vila notasse que as luzes da chácara dos velhos não acendia mais 'a noite. E então Nith se deu conta de que os velhos não apareciam na cidade desde o dia em que os gatos sumiram. Na outra semana o burgomestre superou o medo e decidiu averiguar o acontecido. Para testemunhas chamou Shang, o ferreiro e Thul, o açougueiro. E eles arrombaram a porta da chácara e foi só isso que acharam: dois esqueletos humanos no meio do chão de terra, limpos de todo vestígio de carne ou pele, e uma quantidade de besouros estranhos a se arrastar pelos cantos da sala.

Muito se falou em Ulthar. Zath, o médico legista, Nith, o tabelião e Kranon e Shang e Thul eram assediados com perguntas. Até mesmo o pequeno Atai, filho do estalajadeiro, foi interrogado minuciosamente e recompensado com doces. Falava-se do velho posseiro e sua mulher na chácara, da caravana do povo moreno, do pequeno Menes e seu gatinho preto, da reza de Menes e da transformação do céu durante a reza, do que

os gatos fizeram depois que a caravana partiu e do que foi achado na casa sombria no bosque.

E por fim o burgomestre decretou por lei o que foi depois contado por mercadores em Hatheg e discutido por viajantes em Nir: que na cidade de Ulthar ninguém jamais pode matar um gato.



A Coisa no Luar

MORGAN NÃO É um literato; na verdade, ele mal consegue falar inglês com algum grau de coerência. É isso o que me faz estranhar as palavras que ele escreveu, embora outros tenham gargalhado.

Ele estava sozinho na noite em que aconteceu. Subitamente uma vontade incontrolável de escrever lhe assomou, e tomando a pena na mão ele escreveu o seguinte:

Meu nome é Howard Phillips. Vivo na Rua College, 66, em Providence, Rhode Island. A 24 de novembro de 1927 — pois não sei sequer em que ano estamos agora — adormeci e sonhei, e desde então tem sido incapaz de despertar.

Meu sonho teve início num pântano úmido e atulhado de juncos que jazia sob um céu cinzento de outono, com um desfiladeiro encapelado de rochas cobertas de liquens elevando-se ao norte. Impelido por alguma motivação obscura, ascendi à uma fenda ou fissura nesse gigantesco precipício, notando enquanto o fazia que as bocas negras de muitos buracos terríveis estendendo-se de ambas as partes até as profundezas do platô de pedra.

Em vários pontos a passagem era coberta pelo chocalhar das partes superiores da fissura estreita; esses lugares sendo excessivamente escuros, e proibindo a percepção de tais buracos que possam ter existido ali. Em tal espaço escuro senti consciência de um singular acesso de pânico, como se alguma sutil e incorpórea emanação do abismo estivesse engolindo meu espírito; mas a escuridão era grande demais para que eu pudesse perceber a fonte de meu alarme.

Concluindo, emergi sobre um platô de rocha musgosa e solo pobre, iluminado por um pálido luar que havia substituído o orbe moribundo do dia. Lançando meus olhos ao redor, não vi objeto vivo; mas estava sensível a uma comoção muito peculiar que vinha muito abaixo de mim, entre os sussurrantes vestígios do pântano pestilento que eu havia acabado de abandonar.

Depois de caminhar por uma certa distância, encontrei os trilhos enferrujados de uma ferrovia de rua, e as placas comidas de cupins ainda seguravam o trole em boas condições. Acompanhando esta linha, logo dei com um carro amarelo de vestíbulos de número 1852 — de um tipo de dois vagões comum entre 1900 e 1910. Não estava tinindo, mas evidentemente preparado para partir; o trole estando no fio e o freio aéreo de quando em vez pulsando abaixo do chão. Entrei a bordo e olhei em vão pelo interruptor de luz — notando, enquanto o fazia, a ausência de cabineiro, que assim implicavam a ausência do motorneiro. Então sentei-me num dos bancos cruzados do veículo. Ouvi um farfalhar na grama esparsa à esquerda, e vi as formar escuras de dois homens caminhando ao luar. Tinham os quepes de uma companhia ferroviária, e não pude duvidar de que fossem o condutor e o motorneiro. Então um deles *fungou* com presteza singular, e elevou o rosto para uivar para a lua. O outro caiu de quatro para correr na direção do carro. Levantei-me de um salto e corri como louco para fora daquele carro e atravessei intermináveis léguas de platô até que a exaustão me forçou a parar: fazendo isto não porque o condutor tivesse caído de quatro, mas porque o rosto do motorneiro era um simples cone branco com um tentáculo vermelho como sangue na ponta...

Eu estava ciente de que apenas sonhava, mas a própria consciência não me foi agradável.

Desde aquela noite pavorosa, tenho rezado apenas para despertar: isso não acontece!

Ao invés disso eu me encontro com um *habitante* deste terrível mundo dos sonhos! Aquela primeira noite deu lugar à aurora, e caminhei sem rumo pelos pântanos solitários. Quando a noite veio, eu ainda caminhava, esperando acordar. Mas subitamente abri caminho entre os juncos e vi à minha frente o antigo bonde: e, a um

lado, uma coisa com rosto em forma de conte levantava sua cabeça e uivava estranhamente para o luar que se derramava!

Tem sido a mesma coisa todo dia. A noite sempre me leva àquele lugar de horror. Tenho tentado não me mover com a chegada da noite, mas devo andar em meu sonambulismo, pois sempre acordo com a coisa de terror uivando à minha frente na pálida luz do luar, e viro-me e fujo como um louco.

Deus! Quando despertarei?

Foi isso o que Morgan escreveu. Eu iria à Rua College 66, em Providence, mas tenho medo do que posso encontrar lá. (1934)



Nathicana

FOI NO PÁLIDO JARDIM de Zais; Os nevoentos jardins de Zais Onde enflora o argênteo nephalot Que fragrante a meia-noite anuncia. Ali dormem cristalinos lagos E regatos que escorrem silentes Doces riachos das grutas de Kathos Do crepúsculo, o berço sereno. E cruzando por lagos, regatos, Ficam pontes de puro alabastro, Brancas pontes gentis cinzeladas Como figuras de fadas e duendes. Brilham ali sóis estranhos, planetas E estanha é a crescente Banapis Que se põe nas colinas relvosas Onde adensa, na tarde, o crepúsculo. Ali baixam os vapores do Yabon; Alvos, lassos vapores do Yabon; Foi ali, na voragem das

névoas Que avistei a
divinal Nathicana; De
grinalda, virginal
Nathicana; Negras
mechas, esguia Nathicana;
Olhos negros, gentil
Nathicana; Lábios rubros,
querida Nathicana; Voz
argêntea da doce
Nathicana; Vestes alvas da
amada Nathicana. E minha
amada ficou para sempre,
Desde o tempo em que
tempo não havia Desde o
tempo em que estrelas não
havia E que nada existia
salvo o Yabon. E vivemos
em paz pelos tempos,
Inocentes crianças de
Zais, Percorrendo cainhos
e arcadas Coroadas com a
alva nephalot. Quanta vez
ao crepúsculo vogamos
Sobre pastos, colinas
floridas Alvejadas pela
humilde astalthon; A
humilde e graciosa
astalthon, E sonhamos
num mundo de sonhos
Belos sonhos, mais belos
que o Éden;

Sonhos puros, mais reais que a razão! E por eras sonhamos, nos amamos, Até a horrenda estação de Dzannin; Remaldita estação de Dzannin; Onde rubros eram os sóis, os planetas,
Onde ardia a crescente Banapis, Rubros vinham os vapores do Yabon. Encarnavam-se as flores, os regatos Sob as pontes, os lagos serenos, E até mesmo o suave alabastro Refletia escarlates sinistros

Tal que as fadas e duendes entalhados Espreitavam encarnados das sombras. Vermelhou-se-me agora a visão. E pela densa cortina espreitando Louco vi a etérea Nathicana; A inocente, sempre alva Nathicana
Adorada, intocada Nathicana. Mas cumuladas vertigens de insânia Enevoaram-me a difícil visão; A maldita, avermelhante, visão Refazendo o mundo em meu ver; Novo mundo escarlate e sombrio, Um horrendo estupor, o viver. Mergulhado no estupor do viver Vejo claros fantasmas da beleza Ocos, falsos fantasmas da beleza Mascarando as maldades de Dzannin Eu os vejo com infinita saudade, Tal qual minha amada os vê: Mas seu mal brilha em seus olhos turvos;
Seu pungente, impiedoso mal Mal maior que o de Thaphron ou Latgoz Mais cruel pois que oculto no belo. E somente no sono da meia-noite Vejo a dama perdida, Nathicana, Vejo a pálida, pura Nathicana, Desfazendo-se ao olhar sonhador.
E incansável procuro por ela; E procuro entre goles de Plathotis Fermentando no vinho de Astarte Engrossados por lágrimas incessantes. Eu anseio pelos jardins de Zais; Jardins belos, perdidos, de Zais Onde o alvo nephalot floresce. Da meia-noite o arauto fragrante. O fatal sorvo final vou urdindo; Sorvo tal que deleite os demônios; Sorvo tal que a vermilhão encerre; O horrível estupor que é o viver. Muito em breve se a mistura for certa Vermelhão e insânia se irão,
E apodrecerão no negror verminoso Vis cadeias que me escravizavam. E os jardins de Zais novamente Serão alvos em minha magoada visão E ali, entre os vapores do Yabon,
Estará a divinal Nathicana; Restaurada a imortal Nathicana, Outra igual, entre os vivos, não há.



Celephais

NUM SONHO KURANES viu a cidade no vale, e a costa marinha mais adiante, e o pico nevado elevando-se sobre o mar, e as galeras pintadas com cores festivas que saíam do porto em busca de regiões distantes onde o mar encontra o céu. Foi num sonho também que recebeu o nome de Kuranes, pois em vigília era chamado de outra maneira. Talvez fosse natural para ele sonhar com um novo nome, pois era o último de sua família, a viver solitário entre os milhões de Londres, de modo que não havia muitos para lhe falar e lembrar quem ele tinha sido. Perdera seu dinheiro e suas terras e não se incomodava com o modo de ser das pessoas à sua volta, preferindo sonhar e escrever sobre seus sonhos. Riam-se aqueles para quem mostrava o que tinha escrito; e então após algum tempo passou a guardar consigo seus escritos, até que finalmente parou de escrever. Quanto mais se retirava do mundo ao redor, mais maravilhosos se tornavam seus sonhos; e teria sido fútil tentar descrevê-los no papel. Kuranes não era moderno e não pensava como outros que também escreviam. Enquanto estes se esforçavam para despir a vida de suas míticas vestes bordadas e mostrar em nua fealdade a coisa suja que é a realidade, Kuranes buscava somente a beleza. Quando a verdade e a experiência falhavam em revelá-la, ele a buscava na fantasia e na ilusão, e a encontrava em sua própria soleira, em meio às memórias nebulosas de histórias e sonhos da infância.

Poucas pessoas sabem que maravilhas estão abertas para elas nas histórias e nas visões da juventude, pois enquanto somos crianças ouvimos e sonhamos, formulamos pensamentos incompletos, mas, quando homens, ao tentar rememorá-los, estamos secos e prosaicos

devido ao veneno da vida. Porém alguns de nós despertarão na noite em meio a estranhos fantasmas de colinas encantadas e de jardins, de fontes que murmurejam ao sol, de áureos penhascos que contemplam mares rumorosos, de planícies que se estendem até os limites de cidades adormecidas de bronze e de granito, e da penumbrosa companhia de heróis que cavalgam brancos corcéis ajaezados na orla de densas florestas; e então conhecemos que olhávamos para trás, através de portões de marfim, para aquele mundo de encantamento que foi nosso antes que nos tornássemos sábios e infelizes.

Muito subitamente é que Kuranes descobriu seu velho mundo de infância. Tinha estado a sonhar com a casa onde havia nascido - a grande casa de pedra coberta por heras, onde treze gerações de seus ancestrais tinham vivido e onde ele esperara morrer. Havia luar, e ele se evadira para a fragrante noite de verão, através dos jardins, descendo pelos terraços, para além dos grandes carvalhos do parque e ao longo da comprida estrada branca que conduzia ao vilarejo. O vilarejo parecia muito velho, carcomido nas bordas como uma lua minguante, e Kuranes se perguntava se os grandes tetos pontiagudos das casas ocultariam o sono ou a morte. Nas ruas brotavam longas espadas de grama, e os vidros das janelas de cada lado estavam quebrados ou miravam com fixidez. Kuranes não se demorou, mas avançou como se convocado em direção a alguma meta. Não se atrevia a desobedecer à convocação, por receio de que pudesse revelar-se uma ilusão, tal como as urgências e aspirações da vida desperta, que não conduzem a meta nenhuma. Então foi levado por uma viela que conduzia da aldeia até os despenhadeiros do canal e chegou

ao final das coisas, junto ao precipício e ao abismo onde toda a aldeia e todo o mundo despencavam abruptamente no vazio do infinito sem ecos e onde até mesmo o céu à sua frente era vazio e mal iluminado por uma lua embaçada e pelas estrelas bruxuleantes. A fé o impulsionara por cima do precipício e em direção ao golfo, onde ele vogara, vogara, vogara - para muito além dos sonhos disformes, não sonhados, de esferas baçamente luminosas que podem ter sido sonhos parcialmente sonhados, e de coisas aladas que gargalhavam e pareciam escarnecer dos sonhadores de todos os

mundos. Então uma fenda pareceu abrir-se na escuridão à sua frente, e ele viu a cidade no vale cintilando radiosa bem abaixo, muito abaixo, sobre um fundo de mar e céu e uma montanha cujo pico a neve recobria na proximidade da costa.

Kuranes despertara no exato momento em que vislumbrou a cidade; no entanto soube por um rápido olhar que não se tratava de outra senão de Celephais, no Vale de Ooth-Nargai, para além das Colinas Tanarianas onde seu espírito habitara pela eternidade de uma hora num certo entardecer de verão há muito passado, quando se esquivara de sua babá e permitira que a brisa morna do mar o embalasse até o sono, enquanto observava as nuvens de uma falésia próxima ao vilarejo. Ele protestara então, quando o encontraram, despertaram e levaram para casa, pois no instante em que o chamaram estava prestes a zarpar numa galera dourada para aquelas fascinantes regiões onde o mar encontra o céu. E agora, do mesmo modo, se ressentia de despertar, pois havia encontrado sua cidade fabulosa após quarenta anos de exaustão.

No entanto três noites depois Kuranes retornou a Celephais. Como antes, sonhou primeiro com o vilarejo que se achava adormecido ou morto e com o abismo pelo qual se deve descer flutuando silenciosamente; então apareceu de novo o precipício, e ele avistou os minaretes coruscantes da cidade e viu as galeras graciosas se aproximando para ancorar no cais azul, e viu as copas das árvores-gingko do Monte Aran estremecendo ao sopro da brisa marinha. Mas desta vez não foi arrebatado e, como uma criatura alada, foi depositado gradualmente sobre a encosta coberta de verde até que seus pés repousaram com suavidade sobre o relvado. Ele retornara, finalmente, ao Vale de Ooth-Nargai e à esplêndida cidade de Celephais.

Colina abaixo, por entre a grama olorosa e as flores brilhantes, Kuranes caminhou, atravessando o borbulhante Naraxa por uma pequena ponte de madeira onde gravara seu nome havia muitos anos, e através do bosque murmurante até a grande ponte de pedra junto ao portão da cidade. Tudo estava como antes; nem as paredes de mármore se descoloriram, nem as estátuas de bronze polido que as encimavam tinham se embaciado. E Kuranes percebeu que não teria de estremecer com receio de que as coisas que sabia se

desvanecessem, pois até as sentinelas no alto dos baluartes eram as mesmas e estavam tão jovens quanto na época em que se lembrava delas. Quando ele entrou na cidade, além dos portões de bronze e sobre o calçamento de ônix, os mercadores e cameleiros o saudaram como se ele nunca tivesse se ausentado; e o mesmo aconteceu no templo turquesa de Nath-Horthath, onde os sacerdotes coroados de orquídeas lhe disseram que não existe tempo em Ooth-Nargai, mas apenas juventude perpétua. Então Kuranes caminhou pela Rua dos Pilares até a muralha junto ao mar, onde se ajuntavam comerciantes e marujos e homens estranhos provenientes das regiões onde o mar encontra o céu. Ali ele se demorou, olhando por sobre o porto luminoso onde as ondas faiscavam debaixo de um sol desconhecido e por onde passavam deslizando as galeras dos lugares distantes. E olhou também para o Monte Aran, que se elevava majestoso da costa, suas faldas mais baixas verdejantes de árvores trêmulas e seu ápice branco erguido para o céu.

Mais do que nunca Kuranes desejou navegar numa galera até os lugares distantes sobre os quais ouvira contar tantas histórias bizarras e procurou de novo o capitão que aquiescera em conduzi- lo havia tantos anos. Encontrou o homem - Athib - sentado sobre a mesma arca de especiarias sobre a qual se sentara antes, e Athib parecia não notar que tanto tempo se passara. Então ambos remaram para uma galera no cais, e, dando ordens aos remadores, começaram a navegar para o agitado Mar Cerenariano, que conduz ao céu. Por vários dias eles deslizaram sobre a água ondulante, até que finalmente chegaram ao horizonte onde o mar encontra o céu. Aqui a galera não repousou de todo, pois flutuou com facilidade no azul do céu por entre nuvens lanosas que se tingiam de roxo. E, muito para além da quilha, Kuranes pôde ver as terras estranhas e os rios e as cidades de inigualável beleza, a estender-se indolentemente ao sol que nunca parecia esmorecer ou desaparecer. Por fim, Athib lhe disse que sua jornada estava para terminar e que logo eles entrariam no porto de Serannian, a cidade de mármore rosado em meio às nuvens, que está construída naquela costa etérea onde o vento oeste flui para o céu; mas, à medida que as mais altas torres esculpidas da cidade se tornavam visíveis, um som ecoou no espaço, e Kuranes despertou em seu sótão londrino.

Por muitos meses subseqüentes Kuranes buscou em vão a maravilhosa cidade de Celephais com suas galeras destinadas ao céu. Embora seus sonhos o conduzissem a muitos lugares deslumbrantes e inauditos, ninguém daqueles a quem falou pôde lhe dizer como achar Ooth- Nargai, que fica para além das Colinas Tanarianas. Numa noite ele saiu voando sobre montanhas escuras onde brilhavam algumas fogueiras solitárias e vagas, muito distanciadas umas das outras, e onde havia estranhos, felpudos rebanhos cujos líderes portavam cincerros, e na parte mais selvagem da região montanhosa, tão longínqua que raros homens a teriam visto, ele encontrou uma muralha ou passadiço de pedra antiquíssimo que ziguezagueava ao longo das cumeadas e dos vales, gigantesco demais para ter sido edificado por mãos humanas e de tamanha extensão que nenhum de seus extremos poderia ser visto. Para além daquele muro, na aurora cinzenta, ele alcançou uma terra de jardins singulares e de cerejeiras, e quando o sol surgiu vislumbrou uma tal beleza de flores vermelhas e brancas, folhagens verdes e gramados, caminhos brancos, córregos adamantinos, pontes adornadas e pagodes de teto vermelho, que por um momento, imerso em extrema delícia, esqueceu Celephais. Mas se lembrou dela outra vez, quando desceu por uma senda branca em direção a um pagode de teto vermelho, e teria perguntado às pessoas dessa terra a respeito dela, não tivesse descoberto que ninguém habitava ali além de pássaros e abelhas e borboletas. Numa outra noite, Kuranes subiu pela espiral de uma escadaria úmida e interminável, alcançando a janela de uma torre que se abria para uma planície e um rio imponentes que a lua cheia iluminava; e na cidade silenciosa que se estendia a partir da margem do rio ele pensou descobrir certo aspecto ou arranjo que conhecera antes. Teria descido e perquirido o caminho até Ooth-Nargai, não tivesse uma temível aurora crepitado de algum lugar remoto além do horizonte, exibindo a ruína e a antiguidade da cidade e a estagnação do rio juncoso e a morte que se espraiava sobre aquela terra, como se espraiara desde que o Rei Kynaratholis retornara de suas conquistas para se deparar com a vingança dos deuses.

Assim Kuranes procurou embalde pela maravilhosa cidade de Celephais e por suas galeras que navegam para Serannian no céu,

testemunhando muitas maravilhas nesse meio tempo e certa vez escapando por pouco do sumo sacerdote que não deve ser descrito, que usa uma máscara de seda amarela sobre a face e que vive inteiramente só num monastério de pedra pré-histórico, em meio ao frio platô do deserto de Leng. Com o tempo ele se tornou tão impaciente com os intervalos vazios do dia que começou a comprar drogas a fim de aumentar os períodos de sono. O haxixe foi de grande valia e certa vez o enviou a uma parte do espaço onde não existe a forma, mas onde gases fosforescentes estudam os segredos da existência. E um gás de tonalidade violeta asseverou que essa parte do espaço se situava fora daquilo que ele costumava chamar de infinito. O gás nada ouvira acerca de planetas e organismos antes, mas identificou Kuranes meramente como alguém que tivesse vindo do infinito onde existem a matéria, a energia e a gravitação. Kuranes estava agora aflito por retornar a Celephais que os minaretes guarneciam, e aumentou suas doses de entorpecentes; entretanto já lhe minguara o dinheiro, de modo que não podia comprar drogas. Por fim, num verão, viu-se expulso de sua mansarda e vagueou a esmo pelas ruas, atravessando a ponte até um lugar onde as casas pareceram mais e mais esguias. E foi ali lhe adveio a completude e que o cortejo de cavaleiros provenientes de Celephais acorreu ao seu encontro para escoltá-lo por lá para sempre.

Eram garbosos os cavaleiros - montados em cavalos ruões e a envergar armaduras polidas com tabardos de fios de ouro elegantemente entretecidos. Tão numerosos pareciam, que Kuranes quase os confundiu com um exército, mas tinham sido enviados em honra dele, desde que fora ele quem criara Ooth-Nargai em seus sonhos, razão pela qual seria para sempre aclamado como seu deus principal. Cederam, pois, a Kuranes um cavalo e o postaram à cabeça do grupo; e todos cavalgaram altivamente pelas terras baixas de Surrey e mais além, em direção às regiões onde Kuranes e seus ancestrais haviam nascido. Foi estranho, mas enquanto os cavaleiros avançavam tinha-se a impressão de que retornavam no Tempo, pois quando quer que cruzassem algum vilarejo ao crepúsculo viam somente casas e aldeões como aqueles que Chaucer e outros homens antes dele teriam visto, e às vezes avistavam cavaleiros montados, seguidos por pequenos grupos de escudeiros. Quando escureceu,

cavalgaram mais depressa, até que se puseram a flutuar estranhamente como se voassem nos ares. Próximo da aurora alcançaram uma aldeia que Kuranes conhecera viva em sua infância e que parecia adormecida ou morta em seus sonhos. Estava viva agora, e alguns aldeões madrugadores fizeram reverência quando os cavaleiros trotaram pela rua e penetraram pela senda que conduz ao abismo dos sonhos. Anteriormente Kuranes entrara nesse abismo apenas durante a noite e se perguntava que aspecto teria à luz do dia; de modo que observou com ansiedade quando a coluna se aproximou de sua borda. No instante em que subiram pelo terreno até o precipício, uma fosforescência dourada surgiu de algum lugar a oeste e ocultou toda a paisagem sob drapejamentos cintilantes. O abismo era um caos fervilhante de esplendores róseos e cerúleos, e vozes invisíveis cantavam com exultação enquanto o cortejo cavalheiresco saltava sobre a borda e flutuava graciosamente para além das nuvens rútilas e das coruscações prateadas. Numa descida sem fim os cavaleiros pairaram, suas montarias trotando no éter como se sobre areias douradas; e então os vapores luminosos se afastaram para revelar um brilho maior, o brilho da cidade de Celephais, com a costa marinha mais adiante e o pico nevado elevando-se sobre o mar e as galeras pintadas de cores festivas que saíam do porto em busca de regiões distantes onde o mar encontra o céu.

E a partir de então Kuranes reinou sobre Ooth-Nargai e sobre todas as regiões oníricas adjacentes, e teve sua corte em Celephais e na enevoada Serannian. Ainda reina ali e reinará venturoso para sempre, mesmo que ao pé das falésias de Innsmouth as ondas do canal brincassem zombeteiras com o corpo de um vagabundo que atravessou aos tropeções o vilarejo semideserto ao amanhecer; brincassem zombeteiras e o atirassem sobre os rochedos junto às Trevor Towers, cobertas de hera, onde um obeso milionário da cervejaria, especialmente repulsivo, desfruta da comprada atmosfera de uma nobreza extinta.



Os Outros Deuses

NO TOPO DO MAIS ALTO dos picos terrestres habitam os deuses da terra, e homem algum ouse dizer que os viu. Eles já habitaram picos mais baixos, mas os homens das planícies acabavam escalando as encostas de pedra e neve empurrando os deuses para montanhas cada vez mais altas, até que agora só lhes resta a última delas. Conta-se que quando deixaram seus velhos picos levaram consigo todas as marcas de sua presença, exceto uma vez em que teriam deixado uma imagem esculpida na face da montanha a que chamavam Ngranek.

Mas agora eles se foram para a desconhecida Kadath na vastidão fria que homem nenhum percorre, e se tornaram inflexíveis, já não tendo um pico mais alto para onde fugir com a chegada dos homens. Ficaram inflexíveis, e se antes permitiam que os homens os desalojassem, agora proíbem os homens de ali chegar; ou, tendo chegado, de partir. É bom que os homens nada saibam de Kadath na vastidão fria, caso contrário tentariam imprudentemente galgá-la.

As vezes, saudosos, os deuses da terra visitam, nas noites serenas, os picos onde costumavam viver, e choram mansamente enquanto tentam se divertir à moda antiga nas relembradas encostas. Os homens sentiram as lágrimas dos deuses sobre a nevada Thurai, embora tenham pensado que fosse chuva; e ouviram os suspiros dos deuses nos lamuriosos ventos matinais de Lerion. Em embarcações de nuvens, os deuses costumam viajar, e aldeões sábios conhecem lendas que os levam a se afastar de certos altos picos, à noite, quando o tempo está nublado, pois os deuses já não são afáveis como antigamente.

Em Ulthar, que fica além do rio Skai, habitava certa vez um velho ansioso para encontrar os deuses da terra, um homem profundamente

versado nos sete livros crípticos da terra e familiarizado com os ***Manuscritos Pnakóticos*** da distante e gélida Lomar. Seu nome era Barzai, o Sábio, e os aldeões contam como ele escalou unia montanha na noite do estranho eclipse.

Barzai sabia tanto sobre os deuses que poderia contar suas idas e vindas, e adivinhava tantos de seus segredos que ele mesmo se considerava meio divino. Foi ele quem sabiamente aconselhou os burgueses de Ulthar quando aprovaram sua extraordinária lei contra a matança de gatos, e quem primeiro contou ao jovem sacerdote Atal para onde vão os gatos pretos na meia-noite da Véspera de São João. Barzai era versado no conhecimento dos deuses da terra, e ficara obcecado pelo desejo de ver suas faces. Acreditando que seu grande conhecimento secreto dos deuses o protegeria de sua ira, resolveu subir ao topo da alta e rochosa Hatheg-Kla numa noite em que os deuses ali estariam.

Hatheg-Kla fica distante, no deserto pedregoso além de Hatheg, que lhe emprestou o nome, erguendo-se como uma estátua de pedra num templo silencioso. Ao redor de seu cume esvoaçam brumas eternas e tristes, pois as brumas são as memórias dos deuses, e os deuses amavam Hatheg-Kla quando ali habitavam em tempos antigos. Freqüentemente, os deuses da terra visitam Hatheg-Kla em suas embarcações de nuvens, espalhando pálidos vapores sobre as encostas enquanto dançam evocativamente sobre o cume, imersos no clarão do luar. Os aldeões de Hatheg dizem que é perigoso escalar Hatheg-Kla em qualquer momento, e mortal escalá-la à noite, quando pálidos vapores ocultam o cume e a lua. Mas Barzai não lhes deu atenção ao chegar à vizinha Ulthar com o jovem sacerdote Atal, seu discípulo. Atal era apenas o filho de um estalajadeiro e às vezes era tomado pelo medo, mas o pai de Barzai tinha sido um landgrave habitante de um antigo castelo, não trazendo, pois, nenhuma superstição popular em seu sangue, e apenas riu-se dos assustados aldeões.

Barzai e Atal dirigiram-se então para Hatheg, no deserto pedregoso, apesar dos rogos dos camponeses, onde conversavam, sobre os deuses terrestres, à noite, acampados ao lado de suas fogueiras. Viajaram durante muitos dias até avistarem, ao longe, a imponente Hatheg-Kla com sua auréola de brumas plangentes. No décimo terceiro dia, alcançaram a solitária base da montanha, e Atal falou de seus temores. Mas Barzai era velho e versado, e não tinha medo, por isso abriu caminho impavidamente,

subindo a encosta que homem algum havia escalado desde os tempos de Sansu, de quem se fala com pavor nos mofados ***Manuscritos Pnakóticos.***

O caminho era rochoso e ameaçado por precipícios, penhascos e desmoronamento de rochas. Mais tarde, o tempo ficou trio e nevoento. Barzai e Atal freqüentemente escorregavam e caíam enquanto desbastavam e progrediam penosamente com a ajuda de bastões e machadinhas. Finalmente o ar foi se rarefazendo, o céu mudou de cor, e os alpinistas encontravam dificuldade para respirar, mas continuavam subindo e subindo, arduamente, embevecidos com a estranheza do cenário e arrepiando-se com a idéia do que aconteceria no cume quando a lua saísse e os pálidos vapores o rodeassem. Durante três dias eles subiram, cada vez mais para o alto, rumo ao teto do mundo; então acamparam para esperar o toldamento da lua pelas nuvens.

Durante quatro noites nenhuma nuvem apareceu e a gélida lua brilhou através da tênue névoa plangente que rodeava o silencioso píncaro. Então, na quinta noite, que era a noite da lua cheia, Barzai avistou longínquas nuvens densas ao norte, e postou-se de pé, com Mal, assistindo a sua aproximação. Densas e majestosas elas deslizavam, avançando lentamente, deliberadamente, espalhando-se ao redor do alto cume acima dos observadores e toldando-lhes a visão da lua e do pico. Durante uma demorada hora, os dois espectadores ficaram observando o turbilhão de vapores e o véu de nuvens que se adensava incessantemente. Banal era versado no conhecimento dos deuses da terra e ficou atento para escutar certos sons, mas Atal sentiu o calafrio dos vapores e o pavor da noite, assustando-se ainda mais. E, quando Barzai reencetou a subida e acenou vivamente para ele, Atal demorou a segui-lo.

Tão densas eram as brumas que o caminho era árduo, e embora Atai finalmente o seguisse, mai conseguia enxergar a forma acinzentada de Barzai na sombria encosta acima sob o enevoado luar Barzai avançava penosamente, muito à frente, e a despeito de sua idade, parecia subir mais facilmente que Atai, sem temer a inclinação do terreno que começam a ficar íngreme demais para alguém que não fosse muito forte e ousado, nem se deter diante das largas fendas negras que Atal mal conseguiria saltar E assim prosseguiram , galgando freneticamente rochas e precipícios, escorregando e caindo, e ocasionalmente se assombrando com a vastidão e o terrível silêncio dos tenebrosos picos gelados e dos silenciosos abismos de granito.

De repente, Barzai sumiu da vista de Atal ao escalar um terrível penhasco que parecia se projetar para a frente bloqueando a passagem de qualquer alpinista não inspirado pelos deuses terrestres. Atal estava muito abaixo, planejando o que deveria fazer quando chegasse ao local, quando percebeu, intrigado, que a luz tinha ficado mais intensa, como se o desnublado pico e o enluarado ponto de encontro dos deuses estivessem muito próximos. E enquanto se arrastava para o rochedo saliente e o céu iluminado, sentiu calafrios mais assustadores do que jamais sentira. Ouviu então, através das altas brumas, a voz de Barzai gritando, ensandecido de encanto:

"Eu ouvi os deuses. Eu ouvi os deuses da terra cantando festivamente em Hatheg-Kla! As vozes dos deuses da terra são conhecidas por Barzai, o Profeta! As névoas se abrem e a lua brilha, e verei os deuses dançando freneticamente sobre a Hatheg-Kla que amavam em sua juventude. A sabedoria de Barzai tornou-o maior que os deuses terrestres e contra sua vontade, suas magias e obstáculos não contam. Barzai verá os deuses, os orgulhosos deuses, os secretos deuses, os deuses da terra que se esquivam da vista humana!"

Atal não conseguia ouvir as vozes que Barzai escutava, mas agora, próximo do rochedo saliente, esquadrinhava-o à procura de apoios para os pés. Foi quando ouviu a voz de Barzai, mais alta e esganiçada:

"A névoa está muito fina e a lua lança sombras sobre a encosta; as vozes dos deuses terrestres são altas e selvagens, e eles temem a vinda de Barzai, o Sábio, que é maior do que eles... O clarão da lua estremece enquanto os deuses da terra dançam contra ele; verei as formas dançantes dos deuses que saltam e uivam ao luar.. A luz escureceu e os deuses estão com medo..."

Enquanto Barzai gritava essas coisas, Atal sentiu uma mudança espectral no ar, como se as leis da terra estivessem se curvando a leis maiores, pois embora o caminho fosse mais íngreme do que nunca, a ascensão se tornara assustadoramente fácil e o rochedo saliente mostrou-se um obstáculo risível quando ele o alcançou e se arrastou perigosamente para cima, percorrendo sua superfície convexa. O clarão da lua misteriosamente desaparecera, e quando Atal mergulhou nas brumas superiores, ouviu Barzai, o Sábio, guinchando nas trevas:

"A lua escureceu e os deuses dançam dentro da noite: há terror no céu, pois sobre a lua desceu um eclipse não previsto em nenhum livro dos

homens ou dos deuses terrestres... Paira uma magia desconhecida em Hatheg-Kla, pois os gritos dos assustados deuses transformaram-se em risos, e as encostas de gelo se lançam interminavelmente aos negros céus para onde mergulho... Ei! Ei! Enfim! Na pálida luz, eu vejo os deuses da terra!"

Atai, deslizando agora vertiginosamente para o alto sobre precipícios inconcebíveis, ouviu então, na escuridão, um riso apavorante misturado com um grito como homem algum jamais ouvira exceto no ***Phlegethon*** dos pesadelos indescritíveis um grito em que reverberavam o horror e a angústia de toda uma vida fabulosa condensados num instante atroz:

"Os outros deuses! Os outros deuses! Os deuses dos infernos exteriores que guardam os frágeis deuses terrestres!... Desvie o olhar... Volte.... Não olhe! Não olhe! A vingança dos abismos infinitos... Este maldito, funesto abismo... Piedosos deuses da terra, estou caindo no céu!"

E enquanto Atal, de olhos cerrados e ouvidos tapados tentava saltar para baixo, vencendo a pavorosa sucção das alturas desconhecidas, ressoou em Hatheg-Kla aquele fabuloso estrondo de trovão que acordou os pacatos aldeões das planícies e os honestos burgueses de Hatheg, Nir e Ulthar, e levou-os a avistar, por entre as nuvens, o estranho eclipse da lua que nenhum livro havia previsto. E, quando a lua finalmente apareceu, Atal estava a salvo sobre as neves inferiores da montanha sem nenhum vislumbre dos deuses terrestres ou dos outros deuses.

Está contado nos mofados ***Manuscritos Pnakótícos*** que Sansu nada encontrou exceto rochas mudas e gelo quando escalou Hatheg-Kla, na juventude do mundo. No entanto, quando os homens de Ulthar, Nir e Hatheg venceram seus temores e galgaram os assombrados precipícios à luz do dia em busca de Barzai, o Sábio, encontraram gravada na pedra nua do cume um curioso e ciclópico símbolo com cinqüenta cúbitos de largura, como se a rocha tivesse sido riscada por algum titânico cinzel. E o símbolo era igual a um que os estudiosos tinham identificado naquelas partes assustadoras dos ***Manuscritos Pnakóricos*** que eram antigas demais para serem lidas. Isto foi o que encontraram.

Barzai, o Sábio, eles nunca acharam, nem pôde o santo sacerdote Atal ser jamais persuadido a orar pelo descanso de sua alma. Mais ainda, daquele dia em diante, os moradores de Ulthar, Nir e Flatheg temem os eclipses e rezam, à noite, quando pálidos vapores ocultam o cume da montanha e a lua. E acima das brumas que envolvem Hatheg-Kla, os

deuses terrestres às vezes dançam saudosos, pois sabem que estão seguros, e amam vir da desconhecida Kadath em embarcações de nuvens e brincar à moda antiga como faziam quando a terra era jovem e os homens não se atreviam a galgar lugares inacessíveis.



Polaris

PELA JANELA NORTE de meu quarto brilha a Estrela Polar com misteriosa luz. E durante as diabólicas longas horas de escuridão, ela ali brilha. E na estação outonal, quando os ventos do norte imprecam e lamentam, e as árvores de folhas avermelhadas do pântano murmuram umas para as outras nas primeiras horas da madrugada sob a lua minguante, sento-me ao pé do caixilho e fico observando essa estrela. Descendo das alturas cambaleia a cintilante Cassiopéia à medida que as horas passam, enquanto a Ursa Maior assoma por trás das árvores do pântano vaporoso que se embalam ao sopro da viração noturna. Pouco antes da aurora, Arcturus pisca incendida acima do cemitério, sobre o outeiro, e a Cabeleira de Berenice tremula fantasmagórica e distante no misterioso leste, mas a Estrela Polar espreita ainda do mesmo lugar na escura abóbada, piscando odiosamente com um insano olho vigilante que se esforça para transmitir alguma estranha mensagem, sem nada evocar exceto que algum dia teve alguma mensagem a transmitir. As vezes, com tempo nublado, consigo dormir.

Recordo-me perfeitamente da noite da grande Aurora, quando brincavam sobre o pântano as repelentes fulgurações da diabólica luz. Depois da luz vieram nuvens, e então dormi.

E foi sob uma lua minguante que avistei a cidade pela primeira vez. Calma e sonolenta ela jazia sobre um estranho platô numa depressão entre estranhos picos. De mármore extasiante eram suas muralhas e suas torres, suas colunas, domos e pisos. Nas ruas de mármore, erguiam-se pilares de mármore cujos topos eram entalhados com as imagens de graves homens barbados. O ar estava tépido e calmo. E no alto, a cerca de dez graus do zênite, luzia a vigilante Estrela Polar. Mirei longamente a cidade, mas o

dia não veio. Quando a rubra Aldebaran, que piscava a baixa altura no céu mas nunca se punha havia se arrastado por um quarto do caminho do horizonte, avistei luz e movimento nas casas e nas ruas. Circulavam por ela formas curiosamente trajadas, mas ao mesmo tempo nobres e familiares, e, sob a lua, homens conversavam sabiamente numa língua que eu jamais conhecera. E quando a rubra Aldebaran se arrastara por mais da metade do horizonte, houve novamente escuridão e silêncio.

Quando despertei, havia mudado. Gravada em minha memória estava a visão da cidade, e dentro de minha alma surgia uma outra e vaga recordação, de cuja natureza não estava bem certo. Dali em diante, nas noites nubladas em que conseguia dormir, via freqüentemente a cidade; às vezes sob os tépidos raios amarelos de um sol que nunca se punha, circulando a baixa altura da linha do horizonte. E, nas noites claras, a Estrela Polar espreitava como nunca.

Gradualmente comecei a meditar sobre o lugar que poderia ocupar naquela cidade no estranho platô entre estranhos picos. Inicialmente contente de ver a cena como um observador etereamente presente, agora desejava definir minha relação com ela e abrir minha mente entre os homens graves que palestravam cotidianamente nas praças públicas. Disse para mim mesmo: "Isto não é um sonho, pois de que outra maneira poderei provar a realidade verdadeira daquela outra vida na casa de pedra e tijolo ao sul do sinistro pântano e do cemitério sobre o outeiro, onde a Estrela Polar espreita por minha janela do norte a cada noite?"

Certa noite, enquanto escutava a conversa na grande praça repleta de estátuas, senti uma mudança e percebi que pelo menos havia conseguido uma forma corpórea. Também já não era um estranho nas ruas de Olathoe, que fica sobre o planalto de Sarkia, entre os picos Noton e Kadiphonek. Foi meu amigo Aios quem falou, e sua fala deleitou minha alma pois era a fala de um homem íntegro e patriótico. Naquela noite chegaram notícias da queda de Daikos e do avanço dos Inutos, infernais demônios amarelos atarracados que tinham surgido havia cinco anos vindo do desconhecido oeste para saquear os confins de nosso reino e sitiar muitas de nossas cidades. Tendo tomado as fortificações no sopé das montanhas, seu caminho estava agora aberto para o planalto, a menos que cada cidadão pudesse resistir com a força de dez homens. Pois as criaturas atalTacadas eram poderosas nas artes da guerra e não tinham os escrúpulos de honra

que vedavam a nossos homens altos e de olhos cinzentos de Lomar a conquista implacável.

Aios, meu amigo, era comandante de todas as forças do planalto e nele estavam depositadas as últimas esperanças de nossa terra. Nesta ocasião, ele falou dos perigos que deveriam ser enfrentados e exortou os homens de Olathoe, os mais bravos entre os lomarianos, a honrar as tradições de seus ancestrais que, forçados a se deslocar para o sul de Zobna antes do avanço do grande lençol de gelo (assim como nossos descendentes algum dia terão que fugir da terra de Lomar), varreram com bravura e vitoriosamente os Gnophkehs, peludos canibais de longas armas que se atravessaram em seu caminho. Para mim, Aios negou participação nas atividades bélicas, pois eu era frágil e sujeito a estranhos desmaios quando exposto a situações de tensão e fadiga. Mas meus olhos eram os mais penetrantes da cidade apesar das longas horas que dispensava, todos os dias, ao estudo dos Manuscritos Pnakóticos e à sabedoria dos Patriarcas Zobnarianos. Meu amigo, não querendo condenar-me à inação, recompensou-me com um dever cuja importância não era inferior a nenhuma outra. Enviou-me para a torre de vigia de Thapnen para servir de olhos ao nosso exército. Se os Inutos tentassem tomar a cidadela pelo estreito passo por trás do pico Noton surpreendendo assim a guarnição, eu devia dar o sinal de fogo que preveniria os soldados de prontidão e salvaria a cidade do desastre iminente.

Galguei a torre sozinho, pois todo homem saudável era necessário nos desfiladeiros abaixo. Meu cérebro estava fortemente entorpecido de excitação e fadiga, pois não tinha dormido durante muitos dias. Minha disposição, porém, era firme, pois amava minha terra natal de Lomar e a cidade de mármore de Olathoe entre os picos Noton e Kadiphonek. Mas enquanto me quedava na mais alta câmara da torre, avistei a lua, rubra e sinistra, tremeluzindo através dos vapores que pairavam sobre o distante vale de
Banof. E por uma abertura no telhado ardia a pálida Estrela Polar, flutuando como se estivesse viva e espreitando como um demônio tentador. Creio que seu espírito sussurrava maus conselhos, provocando-me uma traiçoeira sonolência com a abominável promessa ritmada que repetia incessantemente:
Dorme, guarda, até as esferas Terem rodopiado mil eras E que eu arda ao voltar Onde agora é o meu lugar. Novos astros vão chegar Para no céu se

instalar; Astros que louvam, acalantam E o suave olvido implantam: Só quando encerrar o meu giro O passado inquietará teu retiro.

Lutei inutilmente contra a sonolência, tentando relacionar essas estranhas palavras com algum conhecimento dos céus que aprendera nos Manuscritos Pnakóticos. Minha cabeça, pesada e cabeceando, caiu sobre o peito, e quando tornei a olhar para cima, foi num sonho, com a Estrela Polar sorrindo para mim, através de uma janela, de cima das horrendas árvores balouçantes de um pântano onírico. E continuo sonhando.

Em minha vergonha e desespero, às vezes grito freneticamente implorando que as oníricas criaturas que me cercam me despertem antes que os Inutos cruzem o passo atrás do pico Noton e tomem a cidadela de surpresa. Mas essas criaturas são demônios, pois riem para mim e dizem-me que não estou sonhando. Elas zombam de mim enquanto durmo e enquanto os atarracados inimigos amarelos podem estar rastejando silenciosamente para cair sobre nós. Faltei com meu dever e traí a cidade de mármore de Olathoe; fui desleal a Alos, meu amigo e comandante. Mas essas sombras de meus sonhos ainda zombam de mim. Dizem que não existe uma terra de Lomar exceto em minhas fantasias noturnas; que nesses remos onde brilha, no alto, a Estrela Polar, e a vermelha Aldebaran se arrasta a baixa altura no horizonte, nunca houve nada, por milhares de anos, exceto gelo e neve, e homem nenhum, exceto as atarracadas criaturas amarelas, fustigadas pelo frio, a quem chamam de "Esquimós".

E enquanto escrevo em culposa agonia, ansiando pela salvação da cidade cujo perigo cresce a cada instante, lutando inutilmente para me livrar desse sono desnaturado de uma casa de pedra e tijolo ao sul de um pântano sinistro e um cemitério num outeiro, a Estrela Polar, funesta e monstruosa, espreita para baixo da negra abóbada, piscando odiosamente como um insano olho vigilante, esforçando-se para enviar alguma mensagem que nada evoca exceto que algum dia teve uma mensagem a enviar.



O Livro

MINHAS MEMÓRIAS ESTÃO muito confusas. Há até mesmo muita dúvida de onde elas começam; pois por vezes sinto imensuráveis vistas de anos se estendendo atrás de mim, enquanto que em outros momentos parece que o momento presente é um ponto isolado num infinito cinzento e sem forma. Não estou nem certo de como estou transmitindo esta mensagem. Enquanto sei que estou falando, tenho uma vaga impressão de que alguma estranha e talvez terrível mediação venha a ser necessária para suportar o que digo aos pontos onde desejo que ela seja ouvida. Minha identidade, também, encontra-se incrivelmente toldada. Parece que sofri um grande choque: talvez devido a algum resultado monstruoso de meus ciclos de única e incrível experiência.

Todos esses ciclos de experiência, naturalmente, emanam daquele livro dominado pelas traças. Lembro-me de quando o encontrei — num lugar mal iluminado próximo ao rio negro e oleoso onde as brumas sempre habitam. Aquele lugar era muito antigo, e as prateleiras cheias de volumes apodrecidos até o teto percorriam infinitamente quartos e alcovas internas, sem janelas. Havia, além disso, grandes pilhas informes de livros no chão e em caixas de madeira, e foi numa dessas pilhas que encontrei a coisa. Nunca lhe soube o título, pois as páginas iniciais estavam faltando; mas ele caiu aberto na altura do fim, e me deu um vislumbre de alguma coisa que deixou meus sentidos em polvorosa.

Havia uma formula — uma espécie de lista de coisas para fazer e dizer — que reconheci como sendo alguma coisa negra e proibida; alguma coisa que eu havia lido antes, em furtivos parágrafos de nojo e

fascinação misturados, escritos pela pena desses antigos e estranhos guardiões dos segredos do universo cujos textos decadentes eu adorava assimilar. Era uma chave — um guia — a certos portais e transições com a quais místicos sonham e sussurram desde a juventude da raça, e que levam a liberdades e descobertas além das três dimensões e dos reinos da vida e da matéria que conhecemos. Por séculos não havia qualquer homem recombinando sua substância vital ou sabido onde encontrá-la, mas este livro era realmente muito antigo. Não era trabalho impresso, mas da mão de algum monge semi-louco, havia traçado aquela ominosas frases latinas em letras unciais de assustadora antigüidade.

Lembro-me de como o velho olhou-me de soslaio e riu à socapa, e fez um curioso sinal com a mão quando o levei embora. Recusou-se aceitar pagamento por ele, e só muito tempo depois eu soube por quê. Ao correr para casa por aquelas estreitas, tortuosas, brumosas ruas e beira-mar tive uma aterrorizante impressão de ser furtivamente seguido por pés suavemente calçados. As balouçantes casas centenárias em ambos os lados pareciam vivas com um frescor e uma malignidade mórbida — como se algum canal maligno até então fechado tivesse abruptamente sido aberto. Senti que aquelas paredes e frontões ressaltados de tijolos orvalhados e caimento cheio de fungos e madeira — com janelas de grades cruzadas que lembravam olhos e me espionavam sorrateiras — mal poderiam desistir de avançar e me esmagar... mas mesmo assim eu só havia lido o menor fragmento daquela runa blasfematória antes de fechar o livro e leva-lo comigo.

Lembro-me de como finalmente li o livro — com o rosto pálido, e trancado no quarto do sótão que de há muito eu devotava e estranhas buscas. A grande casa estava muito silenciosa, pois eu não me levantara senão depois da meia-noite. Acho que eu tinha uma família então — embora os detalhes sejam muito incertos — eu sei que havia muitos serviçais. Mas que ano era, não sei dizer; pois desde então tenho conhecido tantas eras e dimensões, e todas as minhas noções de tempo se dissolveram e se remoldaram. Era à luz de velas que eu lia — recordo-me do incessante pingar da cera — e carrilhões que soavam de vez em quando, de distantes campanários. Parece que eu acompanhava o soar daqueles carrilhões com peculiar atenção, como se eu temesse ouvir alguma coisa muito remota, um nota intrusa entre as demais.

Então vieram os primeiros ruídos na janela do dormitório, que ficava muito acima dos demais telhados da cidade. Veio quando eu murmurava em voz alta o nono verso daquele tratado primário, e percebi, entre meus tremores, o que aquilo queria dizer. Pois aquele que passa os portais sempre vence uma sombra, e nunca mais pode estar só. Eu havia evocado — e o livro era realmente tudo o que eu suspeitara. Aquela noite eu atravessei o portal para um vórtice de tempo e visão distorcidos, e quando a manhã me encontrou no quarto do sótão eu vi nas paredes, e nas prateleiras e nas gavetas o que nunca vira antes.

Nem nunca mais pude ver o mundo como o conhecera. Misturados ao cenário presente havia sempre um pouco do passado e um pouco do futuro, e cada objeto antes familiar agora pairava alienígena na nova perspectiva trazida pela minha visão ampliada. Daí em diante caminhei num sonho fantástico de formas desconhecidas e semiconhecidas; e a cada novo portal atravessado, menos eu podia reconhecer as coisas da estreita esfera a qual eu portanto tempo fora ligado. O que eu via ao meu redor, ninguém mais via; e comecei a ficar duplamente silencioso e recolhido para não enlouquecer. Os cães tinham medo de mim, pois eles sentiam a sombra exterior que jamais me abandonava. Mas eu ainda lia mais — às escondidas, livros e rolos esquecidos aos quais minha nova visão me levava — e avançava por novos portais do espaço, seres e padrões de vida através do núcleo do Cosmos desconhecido.

Lembro-me da noite em que fiz os cinco círculos concêntricos de fogo no chão, e postei-me de pé no mais interior, entoando a monstruosa litania que o mensageiro do Tártaro havia trazido. As paredes se derreteram, e fui varrido por um vento negro através de abismos de um cinza sem fim com os pináculos agudos de desconhecidas montanhas a quilômetros abaixo de mim. Depois de algum tempo houve uma profunda escuridão, e então a luz de miríades de estrelas formando estranhas constelações alienígenas. Finalmente vi uma planície verdejante bem abaixo de mim, e nela discerni as torres distorcidas de uma cidade construída em nenhum estilo que eu jamais tenha ouvido falar ou lido ou sonhado a respeito. Ao flutuar próximo a essa cidade, vi um grande edifício quadrado de pedra num espaço aberto, e senti um medo odioso tomar conta de mim. Gritei e lutei, e depois de um branco eu estava novamente em meu sótão, deitado sobre os cinco círculos fosforescentes no chão. No

vagar daquela noite não havia mais estranhezas do que em muitas noites de vagares anteriores; mas havia mais terror porque eu sabia estar próximo daqueles golfos e mundos exteriores, mais próximo do que jamais estive antes. Portanto, portei-me com mais cautela com meus encantamentos, pois não tinha desejo de ser cortado de meu corpo e da Terra para abismos desconhecidos dos quais eu poderia jamais retornar... *circa.* (1934)



Astrophobos

No céu da meia-noite a se
incendiar, através da
profunda imensidão,
vi certa vez, com sôfrega
emoção, o brilho de uma
estrela singular, que a
cada novo ocaso
retornava
e junto ao Carro do
Ártico brilhava.

Ao seu fulgor belíssimo,
dourado, ondas de pura
graça se mesclavam,
enquanto sonhos de
êxtase baixavam em
mírrea névoa elísia
misturados;
e aos acordes das liras,
maviosos, cantares lídios
soavam, harmoniosos.

E – pensei – são cenários
de deleite onde moram os
livres e os benditos, e há

nas horas tesouros infinitos,
que o feitiço do lótus mais enfeite; e onde, líquido e doce como o mel, flui o som do alaúde de Israfel.

Mundos de uma ignorada beatitude ali – tal eu supunha – se acendiam,
onde a paz e a inocência se acolhiam, junto ao trono supremo da Virtude,
e onde na luz bruniam homens justos seus pensamentos límpidos e augustos.

E eu devaneava assim,
quando à visão sobreveio vermelha, atroz mudança,
em derrisão tornando-se a esperança,
e a beleza em desgosto e distorção, as cordas em estranhas colisões,
e um caos imenso de espectrais visões.

Tornou-se rubra a estrela da loucura, enquanto eu perscrutava o seu fulgor;
e o que foi alegria era amargor,

a Verdade expulsando à
visão pura;
e espiavam mil demônios
de olhos maus por entre o
brilho e a febre desse
caos.

Agora sei que fábula
encantada essa áurea
refulgência me contou,
e evito o que ontem vi e
me enlevou nessa
longínqua treva
constelada.
Mas eis que o horror,
imóvel e inclemente,
ficará na minha alma
eternamente.



O Terrível Ancião

ERA INTENÇÃO DE ANGELO RICCI, Joe Czanek e Manuel Silva fazerem uma visita ao Velho Ruim. Esse ancião morava sozinho em uma casa antiquíssima na Rua d'Água, perto do mar, e tinha a reputação de ser ao mesmo tempo muito rico e muito frágil. Tratava-se de uma combinação de qualidades muito atraentes para homens da profissão dos senhores Ricci, Czanek e Silva, que ganhavam a vida praticando aquela atividade que o tempo dignificou: o roubo.

Os habitantes de Kingsport diziam e pensavam muitas coisas sobre o Velho Ruim que, em geral, o mantiam a salvo das atenções de cavalheiros como o Sr. Ricci e seus companheiros, apesar do fato quase certo de que ele ocultava uma fortuna de grandeza indefinida em algum local de sua morada bolorenta e venerável. Com efeito, era pessoa estranhíssima, de quem se acreditava ter sido no passado capitão de clípere das Índias Orientais; era tão velho que ninguém se lembrava do tempo em que era jovem, e tão taciturno que poucos conheciam seu verdadeiro nome. Entre as árvores retorcidas do pátio fronteiro de sua vetusta e desleixada vivenda, ele conservava uma estranha coleção de grandes pedras, agrupadas de maneira esquisita e pintadas de modo a se assemelharem aos ídolos de um obscuro templo oriental. Essa coleção afugentava, amedrontados, a maioria dos meninos que gostavam de implicar com o Velho Ruim por causa de seus cabelos e de sua barba branca, ou de quebrar as janelas de pequenas vidraças de sua casa com perversos petardos. No entanto, haviam outras coisas que assustavam as pessoas mais velhas e mais curiosas que às vezes se esgueiravam até a casa para olhar pelas vidraças empoeiradas.

Diziam essaspessoas que sobre uma mesa no andar térreo viam-se várias garrafas singulares, cada uma delas tendo em seu interior um pedacinho de chumbo suspenso por um fio, à guida de pêndulo. E diziam que o Velho Ruim conversava com essas garrafas, dirigindo-se a elas por nomes como Jack, Cicatriz , Tomazão, Zé Espanhol, Peters e Imediato Ellis, e que sempre que falava a uma das garrafas, o pequenino pêndulo de chumbo em seu interior produzia certas vibrações claras, como se respondesse. Aqueles que tinham visto o Velho Ruim, alto e macérrimo, mantendo essas esquisitas palestras não procuravam olhá-lo de novo. Mas Angelo Ricci, Joe Czanek e Manuel Silva não tinham sangue de Kingsport; pertenciam àquela geração alienígena, nova e heterogênea, que se situava fora do cativante círculo da vida e das tradições da Nova Inglaterra, e viam no Velho Ruim tão somente um barbudo trôpego e quase caduco, incapaz de caminhar sem a ajuda de sua bengala nodosa e cujas mãos magras e débeis tremiam deploravelmente. A seu modo, na verdade até compadeciam-se daquele sujeito solitário e impopular, de quem todos fugiam e para quem os cães ladravam de maneira singular. Entretanto, trabalho é trabalho, e para um ladrão que dedicou sua alma à profissão há uma atração e um desafio em um homem idoso e débil que não tinha conta no banco e que pagava suas poucas compras na loja da cidade com ouro e prata da Espanha, cunhada há dois séculos.

Os senhores Ricci, Czanek e Silva escolheram para sua visita a noite de 11 de abril. O senhor Ricci e o senhor Silva deveriam entrevistar-se com o infeliz cavalheiro, enquanto o senhor Czanek esperaria, a eles e à sua carga, presumivelmente metálica, com um carro na Rua do Cais, ao lado do portão do alto muro nos fundos da casa do ancião. Foi o desejo de evitar explicações desnecessárias no caso de inesperadas intrusões da força policial que levou a esse planos de partida serena e sem alarde.

Tal como combinado, os três aventureiros puseram-se a caminho separadamente, a fim de evitar quaisquer suspeitas malévolas posteriores. Os senhores Ricci e Silva se encontraram no portão de entradada casa, na Rua d'Água, e embora não gostassem nada da maneira como a lua brilhava, iluminando as pedras pintadas através dos galhos florescentes das árvores retorcidas, tinham coisas mais importantes em que pensar além de tolas superstições. Temiam que fossem obrigados a tarefas

desagradáveis para obrigar o Velho Ruim a se mostrar loquaz a respeito de seu tesouro de ouro e prata, pois os velhos lobos-domar são notavelmente cabeça-dura e avarentos. Mas, afinal, ela era velhíssimo e debilíssimo e havia dois visitantes.

Os senhores Ricci e Silva eram experientes na arte de persuadir pessoas obstinadas, e os gritos de um homem fraco e excepcionalmente venerável poderiam ser abafados com facilidade. Assim refletindo, chegaram até uma janela iluminada e ouviram o Velho Ruim conversar infantilmente com suas garrafas com pêndulos. Depois, colocaram máscaras e bateram cortesmente na porta de carvalho, manchada pelo tempo.

A espera pareceu interminável ao Sr. Czanek, que se remexia, impaciente, no carro coberto junto ao portão dos fundos da casa do Velho Ruim, na Rua do Cais. Tinha o coração mais sensível do que o dos comuns mortais, e não apreciou em nada os gritos medonhos que ouviu na casa antiga, pouco depois da hora aprazada para a visita. Não havia ele recomendado aos colegas que mostrassem a maior gentileza possível para com o patético ex-capitão? Nervoso, ele vigiava aquela estreita porta de carvalho no muro revestido de hera. Freqüentemente consultava o relógio e se admirava com a demora.

Haveria o ancião morrido antes de revelar onde ocultara seu tesouro, tornando forçosa uma busca rigorosa? Ao Sr. Czanek não agradava esperar tanto tempo no escuro e em tal local. Percebeu então passadas suaves ou arrastar de pés no caminho do outro lado do portão, ouviu que abriam de leve a tranca enferrujada e viu a porta, estreita e pesada, abrir-se para o lado de dentro. E à luz pálida da única luz da rua, esforçou-se para ver o que os colegas tinham trazido de dentro daquela casa sinistra, que parecia agora maior do que nunca.

Entretanto, ao olhar, não viu aquilo que havia esperado; pois não eram seus camaradas que estavam ali, mas apenas o Velho Ruim, apoiado serenamente em sua bengala nodosa e tendo nos lábios um sorriso tétrico. O Sr. Czanek jamais havia notado a cor dos olhos daquele homem; eram amarelos.

Coisas pequenas causam considerável agitação em cidadezinhas, e foi por isso que a gente de Kingsport falou durante toda aquela primavera

e todo aquela verão a respeito dos três corpos que haviam sido trazidos pela maré, impossíveis de identificar, horrivelmente dilacerados, como por obra de muitos cutelos, e horrivelmente mutilados, como que pisados por muitas botas cruéis. E algumas pessoas até se detiveram a falar e fatos triviais como o carro abandonado que havia sido encontrado na Rua do Cais, ou de alguns gritos notavelmente inumanos, provavelmente de algum animal extraviado ou de um pássaro migrante, ouvido de noite por cidadãos despertos. Mas por todo esse disse-me-disse ocioso de cidade pequena, o Velho Ruim não demonstrou qualquer interesse. Era, por sua própria natureza, pessoa reservada, e quando se é idoso e débil, as reservas naturais sem dúvida redobram. Ademais, um lobo-do-mar tão entrado em anos só podia ter sido testemunhas de vintenas de fatos muito mais excitantes, nos dias longínquos de sua juventude já esquecida.



O diário de Alonzo Typer

NOTA DE EDITOR: Alonzo Hasbrouch Typer, de Quensintão, Nova Iorque, foi visto por último e reconhecido em 17 de abril de 1908, ao redor de meio-dia, no hotel Richmond em Batávia. Era o único sobrevivente duma antiga linhagem rural de Úlster e tinha 53 anos na hora da desaparição.

Senhor Typer foi educado em particular e nas universidades Colúmbia e Raidelberga. Toda sua vida se passou como estudante. Seu campo de pesquisa incluía muitas obscuras e, geralmente, temidas regiões fronteiriças do conhecimento humano. Seus documentos sobre vampirismo, gules e fenômenos de poltergaister foram impressos por conta própria após rejeição de muitos editores. Se desligou da Sociedade pra Pesquisa Física em 1900 após uma série de controvérsia peculiarmente amarga.

Em muitas ocasiões viajou extensivamente e, às vezes, se ausentava durante longos períodos. É conhecido por ter visitado regiões obscuras no Nepal, Índia, Tibete, e Indochina, e passou a maior parte do ano 1899 na misteriosa ilha de Páscoa. A procura extensiva ao senhor Typer depois de sua desaparição não deu resultado e sua propriedade foi dividida entre primas distantes da cidade de Nova Iorque.

O diário narrando isto foi, supostamente, achado na ruína dum casarão rural perto de Ática, Nova Iorque, que mantinha uma reputação particularmente sinistra durante gerações antes do colapso. O edifício era, realmente, muito velho, anterior à colonização branca da região, e fora residência duma estranha e reservada família chamada van der Heyl

que tinha migrado de Álbani em 1746 envolta em suspeita de bruxaria. A estrutura provavelmente datava de 1760.

Da história dos van der Heyl muito pouco é conhecido. Permaneceram completamente indiferentes a seus vizinhos normais, empregavam criados negros trazidos diretamente da África, falavam pouco inglês e educavam as crianças particularmente e em faculdades européias. Esses que foram mundo afora logo foram perdidos de vista, entretanto não antes de ganharem má reputação associados a instituições populares negras e cultos de significado ainda mais obscuro.

Ao redor da temida casa uma aldeia dispersa surgiu, povoada por índios e depois por renegados da região circunvizinha, que mantinha o duvidoso nome de Corazim. Das singulares tensões hereditárias que, posteriormente, apareceram aos confusos aldeãos de Corazim várias monografias foram escritas por etnólogos. Bem atrás da aldeia e diante da casa van der Heyl está uma colina íngreme coroada com um anel peculiar de antigas pedras eretas com as quais os iroqueses sempre olharam com medo e repugnância. A origem do diário de Alonzo Typer e a natureza das pedras cuja datação que, de acordo com provas arqueológicas e climatológicas, deve ser fabulosamente antiga, ainda é um problema não solucionado.

De 1795 a diante as lendas dos pioneiros e colonos mais recentes têm muito a dizer sobre gritos estranhos e cantos que procedem a certa estação de Corazim, do casarão e da colina de pedras eretas. Entretanto há razão pra supor que os ruídos cessaram em 1872, quando toda a casa van der Heyl, os criados e tudo, desapareceu de repente.

Desde então a casa permaneceu abandonada. Outros eventos desastrosos, incluindo três mortes inexplicadas, cinco desaparecimentos e quatro casos de loucura súbita, aconteceram quando os donos mais recentes e visitas interessadas tentaram nela permanecer. A casa, aldeia, e extensas áreas rurais, em toda parte, foram revertidas ao estado e leiloadas na ausência de herdeiros conhecidos dos van der Heyl. Desde 1890 os donos (sucessivamente o recente Charles A. Shields e seu filho Oscar S. Shields, de Búfalo) deixaram toda a propriedade em estado de absoluta negligência e advertiram todos os curiosos a não visitar a região.

Dos que se sabe terem se aproximado da casa durante os últimos quarenta anos a maioria era estudante de ocultismo, oficial de polícia, jornalista e outras personagens estranhas em circulação. Um dos seguintes era um eurasiano misterioso, provavelmente da Cochinchina, cuja mais recente exibição com a mente em branco e bizarras mutilações chamou a atenção da grande imprensa em 1903.

O diário de senhor Typer, um livro de, aproximadamente, 6x3¹/² polegadas, com papel resistente e uma estranha e durável liga metálica de folha fina, foi descoberto em posse dum dos decadentes aldeãos de Corazim, em 16 de novembro de 1935, por um policial estatal enviado pra investigar o propalado colapso da abandonada mansão van der Heyl. A casa realmente tinha ruído, obviamente de idade avançada e decrepitude, com o vento forte de 12 de novembro. A desintegração estava peculiarmente completa e nenhuma busca completa da ruína poderia ser feita nalgumas semanas. John Eagle, o moreno, cara-de-macaco, bugre aldeão que tinha o diário, disse ter achado o livro bem perto da superfície do escombro, no que deveria ter sido um quarto dianteiro superior.

Muito pouco do conteúdo da casa poderia ser identificado, entretanto uma enorme abóbada de tijolo incrivelmente sólida no porão (cuja antiga porta de ferro teve que ser dinamitada por causa da estranha forma de obstinada e tenaz fechadura) permaneceu intata e apresentou várias características enigmáticas. Em primeiro lugar as paredes foram cobertas asperamente com hieróglifos de ainda indecifrado traço na obra de alvenaria. Outra peculiaridade era uma abertura circular enorme no fundo da abóbada, bloqueada por uma gruta, evidentemente por causa da queda da casa.

Mas o mais estranho de tudo, o aparentemente recente depósito dalguma substância fedorenta, enlodada, negra como azeviche, estava no chão lajeado e que estendia num quintal uma linha irregular que termina numa abertura circular bloqueada. Os que primeiro abriram a abóbada declararam que o lugar cheirava como um serpentário num jardim zoológico.

O diário, que foi feito, aparentemente, só pra fazer uma investigação na temida casa van der Heyl pelo desaparecido senhor Typer, foi demonstrado, por peritos grafotécnicos, ser genuíno. A escritura mostra

sinais de aumentar a tensão nervosa quando avança ao fim, e há lugares onde fica quase ilegível. Aldeãos de Corazim, cuja estupidez e taciturnidade confundem todos os estudantes da região e seus segredos, não tiveram lembrança de senhor Typer como um dos ilustres visitantes da temida casa.

O texto do diário é literalmente textual e sem comentário. Como interpretar e, diferente da loucura do escritor, deduzir? Que o leitor decida por si. Só o futuro pode dizer se seu esforço pode resolver um mistério de antigas gerações. Pode ser dito que esses genealogistas confirmam a memória relatada por senhor Typer no assunto de Adriaen Sleght.

O diário

Cheguei aqui aproximadamente às 18h. Tive de percorrer todo o caminho de Ática a pé ante uma tempestade iminente, pois ninguém me alugaria um cavalo ou equipamento, e não posso andar de automóvel. Este lugar é ainda pior do que eu esperava, e eu temia o porvir, embora queira, ao mesmo tempo, desvendar o segredo. Bem cedo anoitecia, o velho horror do sabá de Valpúrgis, e após aquela temporada em Gales sei o quê procurar. Doravante não vacilarei. Picado por algum desejo insondável dei minha vida inteira à indagação de mistérios profanos. Vim àqui só pra isso e não tripudiarei com destino.

Estava muito escuro quando cheguei àqui, entretanto o sol não aparecia. As nuvens tempestuosas eram as mais densas que já vira e eu não achava o caminho por causa dos relâmpagos. A aldeia é um detestável pequeno remanso e seus poucos habitantes eram nada mais que simplórios. Um deles me saudou dum modo estranho, como se me conhecesse. Eu podia ver muito pouco da paisagem, um vale pantanoso de estranho matagal marrom e fungos venenosos cercado por mirradas árvores maliciosamente torcidas com ramos nus. Atrás da aldeia uma tristonha colina em cujo ápice está um círculo de grandes pedras com uma pedra ao centro. Essa, sem comentário, é a coisa vil primordial que V... me disse sobre o N... inquestionável.

O casarão contrastava no meio dum enorme parque repleto de exóticas roseiras bravas. Mal o pude transpor e, quando quase o fiz, a velhice e decrepitude do edifício me detiveram. O lugar parecia imundo e doentio e quis saber como um edifício tão ruinoso podia se manter ereto.

É de madeira e, entretanto, suas linhas originais estão escondidas por um desnorteante emaranhado de alas sobrepostas a várias datas. Creio que foi construído primeiro no antiquado estilo colonial da Nova Inglaterra. Provavelmente isso era mais fácil construir que uma casa de pedra holandesa. Também lembro da esposa de Dirck van der Heyl, que veio de Salém, filha do não mencionável Abaddon Corey. Havia uma pequena varanda de pilares e me abriguei sob ela quando se desencadeou a tempestade. Foi uma tempestade diabólica, negra como a meia-noite, com chuva cerrada, trovão e raio como no dia do juízo final e um vento fustigante.

Destranquei a porta, peguei minha lanterna e entrei. A poeira estava grossa, polegadas cobrindo o chão e a mobília. O lugar tinha cheiro de bolor de tumba. Havia um corredor que atravessava todo o percurso e um escadaria encaracolada à direita.

Trilhei meu caminho escada acima e escolhi o quarto da frente pra me hospedar. Todo o lugar parece bem mobiliado, entretanto a maior parte da mobília está se desintegrando. Isso foi escrito às 8h, depois duma comida fria de minha mochila. Depois disso as aldeãos trarão material pra mim. Mas não concordarão em chegar mais perto que a ruína do portão do parque.

Eu queria me libertar dum sentimento desagradável de familiaridade com este lugar.

Depois

Estou consciente de várias presenças nesta casa. A pessoa me é francamente hostil. Uma vontade malévola que tenta me destruir e me superar. Não devo ter vislumbrado seu semblante um instante mas devo me esforçar ao máximo pra resistir. É horripilantemente malévola e, definitivamente, inumana. Creio que se alia a poderes de fora da Terra. Poderes no espaço aquém e além do universo. Sobressai como um colosso e confirma o que consta nos escritos de Aklo. Há tal sentimento de imensidão associado a ela que quero saber como estas câmaras podem conter seu volume, ainda que não tenha dimensão aparente. Sua idade deve ser inconcebivelmente remota, terrivelmente indescritível.

18 de abril

Dormi muito pouco ontem na noite. Às 3h da manhã um estranho vento rasteiro começou a penetrar na região inteira, sempre subindo até a casa, oscilando como um tufão. Quando desci na escadaria pra ver a porta dianteira sacudindo a escuridão criou formas semi-visíveis em minha imaginação. Só sob a aterrissagem fui empurrado violentamente por trás. Pelo vento, suponho. Entretanto poderia ter jurado ter visto traços etéreos duma gigantesca garra negra quando me virei depressa. Não perdi o juízo mas, certamente, terminei a descida e tirei a pesada tranca da porta que tremia perigosamente.

Não pretendia explorar a casa antes do amanhecer. Contudo, agora, impossibilitado de dormir novamente, e excitado com terror misturado a curiosidade, me sentia relutante em adiar minha procura. Com minha poderosa lanterna caminhei no pó à grande sala de estar sul onde sabia que os retratos estariam. Lá estavam, da mesma maneira que V... tinha dito, e como eu parecia saber muito bem dalguma fonte obscura. Alguns estavam muito enegrecidos e manchados pra que eu pudesse identificar mas dos traços que pude discernir reconheci que realmente eram da odiosa linhagem van der Heyl. Algumas das pinturas pareciam sugerir faces que eu conhecia, mas exatamente quais faces não pude lembrar.

O esboço daquele terrível Joris híbrido, parido em 1773 pela filha mais jovem de Dirck, era o mais óbvio de tudo. Eu podia localizar os olhos verdes e o olhar de serpente em sua face. Toda vez que eu apagava a lanterna a face pareceria brilhar na escuridão até que eu meio que imaginei que brilhava com uma fosforescência esverdeada própria. Quanto mais eu olhava pior me parecia. Me virei pra evitar ver mudança de expressão.

Mas o ao qual me virei era ainda pior. A face longa, severa, pequena, olhos, próximos, fixos e de feição suína característica o identificam imediatamente, embora o artista tivesse se esforçado pra fazer o focinho parecer tão humano quanto possível. Era isso que V... tinha sussurrado. Quando o fitei, horrorizado, pensei que os olhos assumiram um brilho avermelhado e, num momento, o fundo parecia substituído por uma cena estranha e, aparentemente, irrelevante: Um solitário, deserto terreno de caça sob um céu amarelo borrado, onde cultivavam um maltratado arbusto de espinheira negra. Temendo por minha sanidade

apressei a saída daquela galeria amaldiçoada ao canto espanado escada acima onde tenho meu *acampamento.*

Depois

Decidi explorar um pouco mais os cantos labirínticos da casa à luz diurna. Não posso estar perdido, minhas pegadas estão visíveis no pó e posso traçar outras marcas de identificação quando necessário. É curioso como facilmente aprendo a complexa sinuosidade dos corredores. Segui um longo corredor, um puxado que dava ao exterior na extremidade boreal, e surgiu uma porta trancada que forcei. Além havia um quarto muito pequeno bastante atulhado de mobília e com o revestimento de painéis carcomido. Na parede exterior espiei um vão escuro atrás do madeirame apodrecido e descobri uma estreita passagem secreta que conduz a negra profundidade desconhecida. Era uma rampa íngreme ou túnel sem degrau ou alçapão. Eu queria saber pra quê teria servido.

Sobre a lareira estava uma pintura bolorenta que achei no final da inspeção como sendo duma mulher jovem à moda do século 18. A face é de beleza clássica, contudo, com a expressão mais diabolicamente má que eu alguma vez vira o semblante humano ostentar. Não somente desumanidade, cobiça, e crueldade mas um pouco de hediondez além da compreensão humana parece se sentar nessas características finamente esculpidas. E me pareceu que o artista, ou o lento processo de bolor e decadência, tinha dado àquela aparência pálida um doentio matiz esverdeado e sugeria uma quase imperceptível textura escamosa. Depois ascendi ao sótão onde achei vários volumes de livros estranhos, muitos de aspecto totalmente estranho tanto nas letras como na aparência física. Um continha variantes do formulário de Aklo que eu não sabia que existia. Mas ainda não examinei os livros nas estantes empoeiradas do andar de baixo.

19 de abril

Com certeza, há presenças não vistas aqui, embora o pó não apresente pegada além das minhas. Tomei um atalho pelo jardim de roseira brava ao portão do parque onde meu material permanece mas nesta manhã o achei fechado. Muito estranho: Desde então os arbustos estão se revigorando com seiva primaveral. Logo tive aquele sentimento dalgo próximo tão colossal que é espantoso as câmaras a conterem. Dessa vez

senti que uma das presenças é de grande envergadura. E sei agora que o terceiro ritual de Aklo, que achei ontem naquele livro no sótão, faria tal presença ficar sólida e visível. Não sei se ousarei tentar essa materialização. Os perigos são grandes.

Ontem na noite comecei a ver fugazmente sombrios rostos evanescentes e formas nos cantos escuros dos corredores e câmaras. Faces e forma tão horrorosas e repugnantes que não ouso descrever. Pareciam aliados em substância àquela garra titânica que tentou me empurrar escadaria abaixo na noite anterior. Deve ser, obviamente, fantasmagoria de minha imaginação transtornada. O que estou buscando não seria algo bem assim. Vi a garra novamente, às vezes só e, às vezes, com sua companheira mas decidi ignorar todo o fenômeno.

No começo desta tarde explorei o porão em primeira vez e desci numa escada de mão encontrada num alojamento cujos degraus de madeira tinham apodrecido. O lugar todo é uma massa de incrustação nitrosa com montículos amorfos que marcam as manchas onde vários objetos se desintegraram. No extremo mais distante tem uma passagem estreita que parece se estender sob o puxado boreal onde achei o quarto meio fechado e no término uma espessa parede de tijolo tem uma porta férrea trancada. Pertencendo aparentemente a uma abóbada dalgum tipo, essa parede tem evidências de batente de porta artesanal do século 18 e deve ser contemporânea às adições mais antigas à casa, claramente pré-revolucionária. Na fechadura que é, obviamente, mais velha que o resto do ferragem ornamental estão gravados certos símbolos que não pude decifrar.

V... não me tinha falado sobre essa abóbada. Me dá mais inquietação que qualquer outra coisa que já vi. Toda vez que me aproximo tenho um impulso quase irresistível de escutar algo. Até agora nenhum som desfavorável marcou minha permanência neste lugar maligno. Quando saí do porão desejei ardentemente que as pegadas ainda estivessem lá. Minha subida na escada de mão parecia assustadoramente lenta. Não quero descer até lá novamente. E ainda algum gênio mau me instiga a tentar isso na noite se eu quiser aprender a lição.

20 de abril

Perscrutei a profundeza de horror mas só senti o silêncio abissal. Ontem na noite a tentação era muito forte e, nos breves intervalos de escuridão, desci mais uma vez àquele infernal porão nitroso com minha lanterna e andei nas pontas dos pés entre os amontoados amorfos àquela terrível parede de tijolo e porta trancada. Não fiz ruído e me abstive de sussurrar qualquer encantamento que eu conhecia mas escutei com furiosa obstinação.

Afinal senti os sons de além dessa barreira de chapa de ferro dentro da qual gigantescas coisas noturnas ameaçavam e murmuravam. Havia também um detestável serpenteio, como duma gigantesca serpente ou monstro marinho que arrasta seus monstruosos coleios sobre um chão pavimentado. Quase paralisado de espanto dei uma olhadela à enorme fechadura mofada e aos estranhos hieróglifos secretos entalhados nela. Tinham sinais que não reconheci e algo em sua técnica vagamente mongólica remetia a uma antigüidade blasfema e indescritível. Às vezes imaginei que poderia os ver brilhar com uma luz esverdeada.

Me virei pra fugir mas vi aquelas garras gigantescas atrás de mim, as grandes garras que pareciam inchar e ficar mais tangíveis quando as contemplava. Fora da maligna escuridão do porão, com sombrios meneios de pulsos escamosos atrás delas e com uma traiçoeira e maligna vontade que guia seu horrível tatear. Então ouvi atrás, dentro daquela abominável abóbada, um estouro fresco de reverberações amortizadas que pareciam ecoar de horizontes longínquos como um distante trovão. Impelido por esse pavor avancei em direção às garras sombrias com minha lanterna e as vi desaparecer diante da plenitude da luz elétrica. Então corri pra subir na escada de mão com a lanterna entre dentes e não descansaria enquanto não chegasse a meu acampamento do andar superior.

Qual será fim não ouso imaginar. Vim como investigador mas agora sei que algo está me procurando. Não pude ir embora quando queria. Nesta manhã tentei ir ao portão com meu equipamento mas encontrei as roseiras bravas tenazmente retorcidas em meu caminho. Era o mesmo em toda direção: Atrás e em todos os lados da casa. Nalguns lugares os cipós farpados marrons se espiralavam a alturas surpreendentes e formavam um tapume pra barrar meu egresso. Os aldeãos estão relacionados a tudo isso. Quando cheguei ao recinto coberto encontrei meu equipamento no grande corredor dianteiro. Não tenho pista de como

foram parar lá. Me arrependi de ter varrido o pó. Eu deveria espalhar um pouco mais e ver quais impressões permanecem.

Nesta tarde li alguns dos livros na grande biblioteca sombria no fundo do andar térreo, e tive certas suspeitas que não resisto mencionar. Eu nunca tinha visto o texto dos Manuscritos pnacóticos ou dos Fragmentos de Eltdown e não teria vindo àqui se soubesse o conteúdo. Agora acredito que é muito recente, pois o terrível sabá será, apenas, daqui a dez dias. Porque aquela noite de horror será minha salvação.

21 de abril

Estudei os retratos novamente. Alguns têm nomes anexos. Notei um, duma mulher mal-encarada, pintado há uns dois séculos, que me confundiu. Tinha o nome de Trintje van der Heyl Sleght e tive a distinta impressão de ter conhecido o nome *Sleght* antes, nalguma relação significativa. Então não era horrível mas ficou. Tenho de matutar pra achar uma pista.

Os olhos dos quadros me assombram. É possível que alguns deles estejam se exumando mais perceptivelmente da mortalha de pó, decomposição e mofo? As fisionomias ofídicas e bruxos de feição suína me encaram horrivelmente de suas molduras enegrecidas e um grupo doutros rostos híbridos começa a perscrutar o lado de cá da sombria profundeza. Há um horripilante semblante de familiaridade neles todos, e o que é humano é mais horrível que o inumano. Queria que me lembrassem menos outros rostos, rostos que eu conhecia. Era uma linhagem amaldiçoada e Cornelis de Leydon era o pior deles. Era quem, sem dinheiro, descia a barreira depois que seu pai achou a outra chave. Estou seguro que V... sabe só um fragmento da horrenda verdade, de forma que estou realmente desprevenido e indefeso. Qual linhagem antes da velha-guarda? O que fez em 1591 nunca poderia ter sido acabado sem gerações de herança maligna ou algum vínculo com o exterior. E que descendência essa linhagem monstruosa gerou? Estão espalhados no mundo. Tudo o que esperam é sua comum herança de horror? Preciso lembrar o lugar específico onde vi o nome *Sleght*.

Queria ter certeza de que esses quadros sempre ficam na moldura. Agora, durante várias horas, vi presenças momentâneas como aquelas garras e a face sombria e formas duplicando alguns dos antigos retratos

próximos. De certo modo nunca vislumbrei uma presença e o retrato ao mesmo tempo. A luz sempre está errada num ou noutro ou a presença e o retrato estão em aposentos diferentes.

Talvez, como esperava, as presenças são mero produto da imaginação mas não tenho certeza. Alguns são femininos e da mesma beleza infernal do quadro no pequeno aposento trancado. Vi que alguns estão sem moldura, examinei suas feições desconhecidas pintadas, escondidas sob o molde de fuligem de telas que não pude decifrar. Alguns, temo desesperadamente, se aproximaram da materialização sólida ou semi-sólida e alguns têm uma espantosa e inexplicada familiaridade.

Há uma mulher que, com tanta beleza e encanto, superou todo o resto. Seu charme e veneno são como a flor adocicada que cresce na beira do Inferno. Quando a olho de perto desaparece, só reaparecendo depois. Sua face tem um matiz esverdeado e, de vez em quando, imagino poder espiar uma suspeita escama em sua lisa textura. Quem é ela? É aquele ser que morou no pequeno quarto trancado mais dum século atrás?

Meu equipamento novamente ficou no corredor dianteiro, como de hábito. Salpiquei pó pra colher pegadas mas nesta manhã todo o corredor foi varrido por algum agente desconhecido.

22 de abril

Foi um dia de horrível descoberta. Explorei novamente o sótão infestado de teia de aranha e achei uma arca talhada tombada, claramente holandesa, cheia de livros blasfemos e papelada mais velha que qualquer outra até então encontrada aqui. Havia um Necronomicão grego, um Livre d'Eibon, de Norman-French e uma primeira edição antiga de De vermis mysteriis, de Ludvig Prinn. Mas o antigo manuscrito encadernado era o pior. Estava em baixo latim, o mais estranho, na garatuja de Claes van der Heyl, sendo, evidentemente, o diário ou caderno mantido por ele entre 1560 e 1580. Quando desprendi o gancho prateado enegrecido e abri as folhas amareladas um desenho colorido caiu. A imagem duma monstruosa criatura que não se assemelha a algo mais que um calamar bicudo e tentacular, com grandes olhos amarelos e abominável semelhança com a forma humana em sua silhueta.

Nunca vira antes uma forma tão repugnante e de pesadelo. Nas patas, pés, e cabeça tentacular havia garras curiosas me fazendo lembrar

as etéreas formas colossais que tateavam tão horrivelmente no escuro em meu caminho, enquanto a entidade se sentou como um todo num grande trono tipo pedestal inscrito com hieroglifos desconhecidos de cunho vagamente chinês. Sobre a escritura e a imagem pairava um ar de sinistra malignidade tão profundo e penetrante que não pude pensar ser isso o produto dalgum lugar ou época. Antes devia aquela monstruosa forma concentrar todo o mal num espaço ilimitado, ao longo das eras passadas e futuras. Esses sinistros símbolos são ícones de vil significado dotados duma mórbida vida própria pronta a saltar do pergaminho pra destruir o leitor. Pro significado daquele monstro e desses hieroglifos não encontrei pista mas soube que fora localizado com precisão infernal e sem propósito mencionável. Quando estudei os maliciosos caracteres a afinidade com os símbolos naquela ominosa fechadura no porão ficou cada vez mais evidente. Deixei o quadro no sótão, pois jamais poderia dormir perto de tal coisa.

Passei toda a tarde lendo o velho livro manuscrito de Claes van der Heyl. O que li confundirá e deixará horrorizado qualquer um que viva depois de mim. A gênese do mundo e de mundos anteriores se desdobrou ante meus olhos. Aprendi que a cidade Chambala, construída pelos lemurianos 50 milhões de anos atrás ainda se mantém inviolada atrás de sua parede de força psíquica no exílio oriental. Aprendi do Livro de Dziã, cujos primeiro seis capítulos pré-datam a Terra, e que já era antigo quando os senhores de Vênus cruzaram o espaço em suas naves pra civilizar nosso planeta. E vi registrado por escrito, em primeira vez, aquele nome que outros me disseram sussurrando e sobre o qual eu soubera dum modo mais reservado e mais horrível: O temido e terrível nome de Yian-Ho.

Em muitos lugares eu precisava subir a passagens que requerem uma chave. Finalmente, após várias alusões, concluí que o velho Claes não tinha ousado registrar todo seu conhecimento num livro mas deixara certos pontos pra outro. Nenhum volume é completamente inteligível sem seu companheiro. Conseqüentemente me dispus a achar o segundo volume nalgum lugar dentro desta casa amaldiçoada. Embora claramente prisioneiro não perdi meu eterno amor ao desconhecido. E estou determinado a sondar o cosmo tão profundamente quanto possível antes do juízo final.

23 de abril

Procurei, durante toda a manhã, o segundo diário, e o encontrei no meio-dia numa escrivaninha no pequeno aposento trancado. Como o primeiro, redigido no bárbaro latim de Claes van der Heyl, parece consistir em notas esparsas que se referem a várias seções do outro. Folheando vi, imediatamente, o abominado nome de Yian-Ho, aquela cidade perdida e oculta na qual se aninhavam segredos ancestrais e da qual as mais obscuras recordações, mais antigas que o corpo espreitam no âmago da mente de todos os homens. Isso foi repetido muitas vezes e o texto ao redor estava claramente pontilhado com toscos hieroglifos claramente similares àqueles do pedestal cujo desenho infernal eu tinha visto. Aqui, obviamente, estava a chave daquela monstruosa forma tentacular e sua mensagem proibida. Com esse conhecimento ascendi os degraus rangendo ao sótão de teias de aranha e horror.

Quando tentei abrir, a porta do sótão não aderiu como antes. Várias vezes resistiu a todo esforço pra abrir. Quando, afinal, consegui tive uma clara sensação de que alguma colossal forma não vista a tinha soltado de repente. Uma forma que planava ao longe, imaterial mas com audível bater de asas. Quando achei o horrível desenho percebi que não era exatamente onde o tinha deixado. Aplicando a chave ao outro livro logo vi que o seguinte não era um guia imediato ao segredo. Só uma pista a um obscuro segredo que foi muito bem guardado. Levaria horas, talvez dias, pra extrair a terrível mensagem.

Viverei o suficiente pra desvendar o segredo? Os assombrados braços negros e garras agora assombram cada vez mais minha vista. Parece até mais titânico que no princípio. Nunca quis libertar essas vagas presenças inumanas cujo tamanho nebuloso parece muito grande pra ser contido nas câmaras. E de vez em quando as grotescas faces, as formas evanescentes e as molduras zombeteiras se reúnem em minha frente numa desnorteante confusão.

Realmente, é um terrível arcano primevo da Terra que é melhor ser deixado em paz e esquecido. Segredos terríveis que nada têm a ver com o homem, homem esse que só pode aprender em troca de paz e sanidade. Verdades secretas que fazem do sábio um eternamente estranho entre os seus e o faz caminhar solitário na Terra. Igualmente, há sobrevivências terríveis de coisas mais antigas e mais potentes que o

homem. Coisas blasfemas que perambulavam em idades remotas nunca suspeitadas. Monstruosas entidades eternamente adormecidas em incríveis criptas e remotas cavernas, fora das leis de causa e efeito. Estará pronto pra ser despertado por tais blasfemadores quem souber seus obscuros sinais proibidos e contra-senhas furtivas.

24 de abril

Estudei o quadro e a chave o dia todo no sótão. No crepúsculo ouvi sons estranhos, dum tipo não encontrado antes e parecendo vir de longe. Escutando, percebi que têm que fluir daquela estranha colina abrupta com o círculo de pedras eretas que contrasta atrás da aldeia a alguma distância ao norte da casa. Ouvi dizer que aquele era um atalho levando da casa ao topo daquela colina rumo ao primitivo cromeleche. Tendo suspeitado disso, em certas ocasiões, van der Heyl teve muita oportunidade de experimentar mas todo o assunto ficara, até agora, oculto em minha consciência. Os sons consistiam num soar estridente misturado a um tipo peculiar e horroroso de assobio ou silvo e um bizarro tipo de música como nunca descrito nos anais terrenos. Era muito lânguido e logo enfraquecia mas o argumento era conhecido, pensei. Está prà colina tal qual a puxada nortista com a calha secreta e a abóbada de tijolo fechada estendida embaixo. Pode haver alguma conexão que de longe me passou despercebida?

25 de abril

Fiz uma peculiar e perturbadora descoberta sobre a natureza de minha encarceragem. Atraído à colina por um sinistro fascínio encontrei as roseiras bravas postadas atrás de mim, mas só naquele lado. Há um portão arruinado e, sob os arbustos, os vestígios dum antigo caminho que, indubitavelmente, existe. As roseiras bravas se expandem a cima e ao redor da colina. Entretanto, no ápice, com os montes de pedras eretas, só um estranho crescimento de musgo e grama raquítica. Escalei a colina. Passei muitas horas ali e notei um estranho vento que sempre parece soprar ao redor dos interditos monolitos e que, às vezes, parece sussurrar numa articulação estranha e misteriosamente enigmática.

Essas pedras, tanto em cor quanto em textura, não se assemelham a algo que eu tenha visto noutro lugar. Não são marrons nem acinzentadas mas dum matiz amarelo bem pálido fundido num verde maligno sugerindo

o mimetismo dum camaleão. Sua textura é extravagante como a duma serpente escamada e é, inexplicavelmente, sensível ao toque, sendo fria e úmida como a pele dum sapo ou outro réptil. Próximo ao menir central tem um buraco de singular borda rochosa que não posso explicar mas que pode ser a entrada dum afilado túnel. Quando tentei descer a colina até a extremidade da casa, ao longe, encontrei as roseiras bravas que me interceptaram como antes. Entretanto o caminho até a casa era facilmente relocalizável.

26 de abril

Galguei a colina, novamente, hoje na noite, e senti aquele vento sussurrante muito mais intenso. Os murmúrios quase irados se aproximaram da linguagem atual, dum tipo vago, sibilante, e me fizeram lembrar do sereno canto estranho que eu tinha ouvido a distância. Depois do crepúsculo veio um estranho relâmpago de prematuro verão iluminando o horizonte norte, seguido, quase imediatamente, dum estrepitoso trovão no céu oscilante. Algo nesse fenômeno me perturbou muito e não pude evitar a impressão de que o ruído culminou num tipo inumano de linguagem sibilante resultante duma gutural gargalhada cósmica. Minha mente está vacilando, afinal, ou minha injustificada curiosidade evocou inauditos horrores dos espaços crepusculares? O sabá agora está a alcance da mão. Qual será o fim?

27 de abril

Até que enfim meu sonho será realizado! Seja ou não reivindicada minha vida, espírito ou corpo, entrarei no portal! O progresso em decifrar esses cruciais hieroglifos na pintura estava lento mas nesta tarde encontrei a pista final. Perto do crepúsculo descobri o significado, que pode ser aplicado duma só maneira às coisas que encontrei nesta casa.

Há, sob esta casa, sepultado não sei onde, um Antigo que me mostrará o portal no qual eu entraria e me dará os sinais perdidos e palavras das quais precisarei. Quanto tempo esteve enterrado aqui, esquecido, exceto por aqueles que criaram a pedra na colina e por aqueles que depois procuraram este lugar e construíram esta casa, não posso conjeturar. Procurando essa Coisa inquestionável, Hendrik van der Heyl veio a Nova Holanda em 1638. Os homens desta Terra não a conhecem, exceto nos sussurros secretos do arrepio algum que achou ou

herdou a chave. Nenhum olho humano a fitou, ainda que brevemente, a menos que, quem sabe, os desaparecidos magos desta casa investigaram além do que se pensa.

Com o conhecimento dos símbolos veio um domínio dos Sete Sinais Perdidos de Terror e, igualmente, um reconhecimento tácito das palavras horríveis e indescritíveis de pavor. Tudo aquilo que me falta realizar é o Canto que transfigurará Aquele Que Foi Esquecido que é Guardião do Antigo Portal. Me maravilhei muito com o Canto. É composto de estranhas e repelentes guturais e perturbantes sibilos que não se assemelham a algum idioma que alguma vez encontrei, nem mesmo nos mais negros capítulos do Livre d'Eibon. Quando visitei a colina no crepúsculo tentei ler isso em voz alta mas ecoou em resposta só um vago e sinistro estrondo no horizonte distante e uma tênue nuvem de pó elementar que se contorceu e girou como alguma coisa viva maligna. Talvez eu não tenha pronunciado corretamente as sílabas estrangeiras ou talvez só no sabá, aquele sabá infernal ao qual os poderes nesta casa não podem me proteger, que a grande transfiguração pode acontecer.

Tive um curioso turno de espanto nesta manhã. Pensei, num momento, ter lembrado onde vi aquele frustrante nome *Sleght* antes e o cenário de realização me encheu de horror indescritível.

28 de abril

Hoje escuras nuvens ominosas pairaram com intermitência em cima do círculo nesta colina. Notei tal névoa várias vezes antes mas agora os contornos e arranjos têm um instigante significado. São serpentinos e fantásticos e, curiosamente, como as assombrações malignas que vi na casa. Flutuam num círculo ao redor do cromeleche primitivo e revolvem repetidamente como se dotados duma vida e propósito sinistros. Eu poderia jurar que dão um sussurro irado adiante. Depois duns quinze minutos pairam lentamente ao longe, sempre a leste, como as unidades dum batalhão disperso. Realmente, são aquelas entidades terríveis que Salomão conheceu na velhice, aqueles seres negros gigantes cujo número é legião e cujo passo faz tremer a terra?

Ensaiei o Canto que transfigurará a Coisa anônima. Contudo temores estranhos me assaltam até mesmo quando articulo as sílabas resfolegando. Perscrutando todo o conjunto de evidência descobri que o

único modo é atravessar a abóbada do porão cerrado. Aquela gruta foi construída com um propósito infernal e deve cobrir o esconderijo que conduz ao covil imemorial. Quais guardiões vivem eternamente ali e desabrocham de século em século com alimento desconhecido, só um alienado pode conjeturar. Só os bruxos desta casa que os convocaram da Terra interior os conheceram muito bem, como os chocantes retratos e recordações do lugar revelam.

O que mais me aborrece é a natureza limitada do Canto. Evoca o Inominado, contudo não provê método pro controle do que é evocado. Há, claro, os sinais gerais e gestos mas se demonstrarem eficácia pruma coisa pode, ainda, omitir algo. Ainda, a recompensa é grande o bastante pra justificar qualquer perigo. E não poderia me retirar se quisesse, pois uma força desconhecida francamente me instiga.

Descobri mais um obstáculo. Considerando que preciso atravessar a abóbada do porão fechado tenho de achar a chave. A fechadura está muito alto e é muito resistente pra arrombar. Não tenho dúvida de que a chave está nalgum lugar aqui mas falta pouco tempo pro sabá. Tenho de procurar com afinco. Terei coragem de destrancar a porta de ferro e encarar os horrores aprisionados espreitando de dentro?

Depois

Evitei o porão nos último dois dias. Mas nesta tarde desci novamente a esses recintos interditos.

No princípio tudo estava silencioso mas dentro de cinco minutos os murmúrios ameaçadores do miolo começaram mais uma vez a sair da porta férrea. Nessa vez era alto e mais terrificante que nas ocasiões anteriores. Reconheci aquele conhecido deslizar dalgum monstruoso monstro marinho, agora mais rápido e frenético, como se a coisa estivesse se esforçando pra chegar ao portal onde eu estava.

As passadas ficaram mais altas, mais inquietas e mais sinistras. Começou a bater nela essas reverberações infernais e mais enigmáticas que as que eu tinha ouvido em minha segunda visita ao porão. Reverberações amortizadas que pareciam ecoar de horizontes longínquos como um trovão distante. Mas agora o volume aumentou umas cem vezes e o timbre adquiriu novas e terríficas implicações. Posso comparar o som com algo mais adequadamente que o urro dalgum

terrível monstro da desaparecida era dos sáurios, quando horrores primitivos vagavam na Terra e os homens-serpente de Valúsia plantaram a pedra fundamental de magia malévola. Tal urro, se expandindo a alturas ensurdecedoras, jamais alcançado por alguma garganta orgânica conhecida era análogo a este estrepitoso som. Ousarei destrancar a porta e enfrentar a violenta investida do além?

29 de abril

Achei a chave da abóbada. No meio-dia a encontrei no pequeno aposento fechado, sob o entulho numa gaveta da antiga escrivaninha, como se nalgum esforço prà esconder. Estava embrulhada num jornal se deteriorando datado de 31 de outubro de 1872 mas havia uma envoltura interna de pele seca, evidentemente o couro dalgum réptil desconhecido, que ostentava uma mensagem em baixo latim na mesma garatuja escrita nos cadernos que encontrei. Como eu tinha pensado, a fechadura e a chave eram imensamente mais velhas que a abóbada. Não pude calcular essa diferença de idade. O velho Claes van der Heyl as tinha prontas pra algo que ele, ou seus descendentes, pretendia fazer. Decifrando a mensagem latina tremi num novo acesso de angustioso terror e indefinível espanto.

Os segredos da monstruosa Unidade primeva. Folheei o ilegível texto cujas palavras secretas relacionam as coisas ocultas que existiam antes do homem. Coisas que ninguém da Terra deveria aprender, pra não ter seu sossego perdido pra sempre. Isso jamais me deveria ter sido revelado. Pra Yian-Ho, aquela perdida e proibida cidade de eras incontáveis, cuja localização não pode ser revelada. Recebi a autêntico cerne desse conjunto como nenhum outro em vida. Ali tenho de me estabelecer e, assim, adquirir aquela sabedoria que eu queria, alegremente, perder. Mas não posso. Aprendi a atravessar um buraco que não deveria ser atravessado e tenho de invocar da Terra o que não deveria ser despertado nem chamado. E o que foi enviado pra me acompanhar não descansará até que eu ou os seguintes façam o que deve ser feito.

Daquilo que despertei e trago comigo não posso me separar. Assim está escrito no Livro das Coisas Ocultas. O que trago estará entrelaçado de forma terrível a meu redor e, se eu não viver pra cumprir sua ordem, essas crianças ao redor, nascidas e a nascer, virão depois de mim até a ordem ter sido cumprida. Estranha pode ser sua junção, e terrível a ajuda podem

convocar até o fim ser alcançado. Em terras desconhecidas e ignotas se deve procurar e uma casa deve ser construída pros guardiões exteriores.

Esta é a chave daquela fechadura que me foi dada na cidade terrível, ancestral e proibida de Yian-Ho. A fechadura que eu ou os meus têm que colocar na entrada do que for encontrado. E poderão os senhores de Yaddith me socorrer, ou a ele, que tem que fixar aquela fechadura no lugar e chavear.

Tal era a mensagem que, uma vez que a tinha lido, parecia ter conhecido antes. Agora, escrevendo estas palavras, a chave está atrás de mim. A contemplei com medo e fascínio, sem ter palavra pra descrever seu aspecto. É do mesmo refinado metal desconhecido esverdeado fosco como a fechadura. Metal melhor comparado a bronze manchado com verdigris[{8}]. Seu formato é estranho e fantástico e as pontas em formato de ataúde do maciço volume de lâminas não deixa dúvida de que a fechadura foi bem ajustada. A maçaneta forma grotescamente uma estranha imagem inumana cujo exato traçado e identidade não pude descobrir ainda. Ao a segurar, seja qual for o intervalo de tempo, sinto uma estranha e anômala agitação no metal frio. Um estímulo ou pulsação muito tênue pra reconhecimento ordinário.

Sob a aparição esculpida está uma baça legenda, usual nesses blasfemos hieroglifos siniformes[{9}] que eu conhecia tão bem. Só pude entender o começo, as palavras: Minha vingança espreita... O início do texto estava desbotado a ponto de ficar confuso. Há alguma fatalidade no oportuno achado da chave, pois amanhã na noite será o sabá infernal. Mas, por incrível que pareça, em toda essa horrorosa expectativa, a questão do nome Sleght me aborrece cada vez mais. Por que eu deveria temer ver nisso uma conexão com os van der Heyls?

Véspera de Valpúrgis, 30 de abril

Chegou a hora. Despertei ontem na noite e vi a chave brilhando com um esplendor esverdeado lúrido, aquele mesmo verde mórbido que vi nos olhos e pele de certos retratos aqui, na fechadura chocante e na chave, no menir monstruoso da colina e em mil outros intervalos de minha consciência. Havia sussurros estridentes no ar, cochichos sibilantes como os do vento ao redor daquele cromeleche terrível. Algo falou a mim do gélido éter de lugar, dizendo Chegou a hora. É um presságio, e rio de

meus próprios medos. Eu não tinha as palavras terríveis e os Sete Sinais Perdidos de Terror, o poder coercitivo dalgum Morador no cosmo ou no espaço ignoto? Não hesitarei mais.

O céu está muito escuro, como se uma formidável tempestade estivesse chegando. Uma tempestade até maior que a da noite em que cheguei àqui, uns quinze dias atrás. Da aldeia, menos que uma milha adiante, ouvi um balbucio estranho e desacostumado. Era, como pensei, aqueles idiotas, pobres degenerados, que compartilham o segredo e mantém o terrível sabá na colina.

Aqui na casa as sombras se ajuntam densamente. Na escuridão o céu diante de mim quase brilhou com uma luz esverdeada própria. Entretanto não fui ao porão. É melhor esperar, pra evitar que o ruído daqueles murmúrios e resfolegares, essas fugidias e abafadas reverberações, me enervem antes que eu possa destrancar a porta fatal.

O que encontrarei e o que farei só tenho uma vaga idéia. Encontrarei minha missão na própria abóbada ou terei de escavar mais profundamente no coração noturno de nosso planeta? Há coisas que ainda não entendo ou, pelo menos, prefiro não entender, apesar duma sensação terrível, crescente e inexplicada de antiga familiaridade com esta casa medonha. Por exemplo, aquela calha que conduz a baixo do pequeno quarto fechado. Mas creio que a ala com a abóbada se estende até a colina.

6h da tarde

Olhando as janelas norte posso ver um grupo de aldeãos na colina. Parecem desavisados do céu ameaçador e estão cavando perto do grande menir central. Me ocorreu que estão trabalhando naquela pedra obtusa escavando naquele lugar o que parece ser a entrada dum afilado túnel. O que acontecerá? Quanto dos antigos ritos de sabá retiveram essas pessoas? Aquela chave brilha horrivelmente, não é imaginação. A usarei como deve ser usada? Outro assunto me perturbou muito. Folheando nervosamente um livro na biblioteca descobri uma mais ampla forma do nome que arreliou minha memória tão penosamente: Trintje, esposa de Adriaen Sleght. Adriaen me conduz ao mais remoto da memória.

Meia-noite

O horror está solto mas não devo desanimar. A tempestade desabou furiosa num pandemônio e raios atingiram a colina três vezes. Contudo, os híbridos e disformes aldeãos se ajuntaram dentro do cromeleche. Os posso ver nos relâmpagos quase constantes. As grandes pedras eretas surgem lamentavelmente com uma luminosidade verde fosco que os revela até mesmo sem raio. Os repiques de trovão são ensurdecedores e todos parecem responder horrivelmente a algum comando desconhecido. Enquanto eu escrevia as criaturas na colina começaram a cantar, uivar e gritar numa degenerada e simiesca versão do ritual antigo. O aguaceiro caía como uma inundação, contudo eles saltavam e emitiam sons num tipo de êxtase diabólico.

Iä Shub-Niggurath!

A cabra com mil filhotes!

Mas o pior está dentro da casa. Mesmo agora comecei ouvir sons do porão. São os o ruído daqueles murmúrios e resfolegares, as fugidias e abafadas reverberações dentro da abóbada.

Recordação vem e vai. O nome de Adriaen Sleght bate estranhamente em minha consciência. O genro de Dirck van der Heyl... Sua criança neta do velho Dirck e bisneto de Abaddon Corey...

Depois

Deus misericordioso! Afinal lembrei onde vi aquele nome. Sei, e estou cravejado de horror. Todos estão perdidos...

A chave começou a aquecer quando minha mão esquerda nervosamente a empunhava. Às vezes aquele acelerar vago ou pulsar são tão distintos que posso sentir quase o movimento de metal vivo. Veio de Yian-Ho prum propósito terrível e, pra mim, o qual todos também souberam tarde demais, que na coisa fluía o sangue de van der Heyl, que respinga nos Sleght em minha própria linhagem. Veio a horrível tarefa de cumprir aquele propósito...

Minha coragem e curiosidade minguaram. Sei o horror que existe além que porta férrea. Se Claes van der Heyl era meu antepassado é preciso que eu expie seu pecado inominável? Não irei. Juro que não!... (a escrita aqui prossegue indefinidamente)... Muito tarde. Não posso me ajudar. A garra negra se materializou. Fui arrastado ao porão...



A Armadilha

NUMA QUINTA-FEIRA matinal de dezembro tudo começou com aquele movimento errático que pensei ter visto em meu antigo espelho de Copenhague. Algo me pareceu se mexer e refletir no vidro. Entretanto eu estava só em meu quarto. Parei e olhei atentamente. Mas, achando que o efeito seria pura ilusão, continuei penteando o cabelo.

Descobri o antigo espelho coberto de pó e teia de aranha num anexo dum edifício da assembléia legislativa estadual abandonado no território nortista escassamente povoado de Santa Cruz e o trouxera de Ilhas Virgens a Estados Unidos. O admirável vidro estava escurecido por duzentos anos de exposição a um clima tropical e o gracioso ornamento, ao longo do topo da armação dourada, estava rachado. Destaquei os pedaços fixados atrás na armação antes de os guardar com meus outros pertences.

Agora, vários anos depois, eu passava metade do tempo como convidado e metade como tutor na escola particular de meu velho amigo Browne, numa ventosa encosta de Coneticute. Tinha a minha disposição uma das alas abandonadas, que era utilizada como dormitório. Meus aposentos consistiam em dois quartos e um pequeno vestíbulo. O velho espelho, alojado com cuidado entre colchões, foi o primeiro de meus pertences a ser desempacotado quando cheguei. O coloquei em lugar de honra, em cima dum velho painel de pau-rosa que pertencera a minha bisavó.

A porta de meu quarto era exatamente oposta à da sala de estar, separadas por um vestíbulo. Percebi que olhando em meu espelho da

cômoda eu podia ver o espelho maior através das duas entradas, onde se refletia um assintótico corredor. Nessa manhã de quinta-feira tive a curiosa impressão dum movimento embaixo do corredor normalmente vazio mas, como eu disse, logo descartei tal impressão.

Quando cheguei à sala de jantar achei todo mundo reclamando de resfriado e soube que o sistema de aquecimento da escola estava temporariamente desligado. Sendo especialmente sensível a baixa temperatura, isso me causava um sofrimento agudo. Decidi não encarar a gélida sala de aula nesse dia. Conseqüentemente convidei minha classe a ir até minha sala de estar pruma sessão informal em minha lareira. Sugestão recebida entusiasticamente.

Depois da sessão um dos meninos, Roberto Grandison, perguntou se poderia permanecer se não tivesse compromisso pro segundo período matutino. Eu lhe disse que ficasse, e bem-vindo. Se sentou numa cadeira confortável diante da lareira e começou a estudar.

Não muito depois Roberto passou a uma cadeira um pouco mais distante da chama recém ateada. Essa mudança o deixou diretamente oposto ao velho espelho. De minha própria cadeira, noutra parte do quarto, notei como começou a olhar fixamente o vidro escuro, embaçado e, desejando saber o que tanto o interessava, me lembrei de minha própria experiência naquela manhã. Ao passar muito tempo contemplando um franzir de cenho marcou sua fronte.

Afinal lhe perguntei, tranqüilamente, o que chamara sua atenção. Lentamente, e ainda ostentando a pasma carranca, pensou e respondeu cautelosamente:

— É a ondulação no vidro ou tudo o que isso representa, senhor Canevin. Notei que tudo parece vir dum certo ponto. Olhes: Te mostrarei o que quero dizer.

O menino saltou a cima, foi ao espelho e colocou seu dedo num ponto próximo ao canto inferior esquerdo.

— É bem aqui, senhor. — Explicou.

Virou pra me olhar e manteve o dedo no local escolhido. O ato de se virar a mim pode ter feito apertar mais seu dedo contra o vidro. De repente

retirou a mão como se com algum esforço e soltou um débil murmúrio de asco: Ai! Então olhou o vidro com evidente mistificação.

O que aconteceu? — Perguntei me levantando e me aproximando.

Por que... isto... — Parecia embaraçado. — Isto... eu... senti... Realmente, como algo puxando meu dedo. Parece... hummm... perfeitamente tolo, senhor, mas era uma sensação muito peculiar.

Roberto tinha um vocabulário incomum pra seus quinze anos. Me aproximei e mandei me mostrar o local exato que apontara.

— Pensarás que eu sou muito tolo, senhor — disse corando — mas daqui não pude ter certeza. Da cadeira parecia bem claro.

Agora, muito interessado, me sentei na cadeira que Roberto ocupara e olhado o local que selecionou no espelho. Imediatamente algo saltou ante meus olhos. Percebi que daquele exato ângulo todas as ondulações no antigo espelho pareciam convergir como um feixe de cabos estendidos em rede e colhido no meio por uma mão.

Se levantando e cruzando o olhar ao espelho já não pude ver a curiosa mancha. Só de certos ângulos era visível. Olhado diretamente aquela porção do espelho nem mesmo tinha reflexo normal: Não pude ver minha face nele. Obviamente eu tinha um quebra-cabeça secundário nas mãos.

Então o gongo escolar soou e o fascinado Roberto Grandison saiu apressadamente, me deixando só com meu pequeno e estranho problema ótico. Abri as cortinas das janelas, andei no corredor e procurei a mancha no reflexo do espelho da cômoda. A localizei prontamente. Olhei atentamente e pensei ter descoberto novamente algo do movimento. Estirei o pescoço e, afinal, num certo ângulo de visão, a coisa novamente saltou ante meus olhos.

O vago movimento era agora positivo e definido. Parecia um movimento torcional ou giratório. Como um efêmero mas intenso ciclone ou tromba dágua ou uma precipitação de folhas de outono rodopiando num remoinho de vento ao longo dum gramado nivelado. Era, como o da terra, um movimento duplo, rotação e translação, como se as ondulações se vertessem eternamente a algum ponto dentro do vidro. Fascinado e ainda

percebendo que a coisa deveria ser uma ilusão ótica, tive uma inequívoca sensação de sucção e pensei na tímida explicação de Roberto:

— Eu sentia como se a coisa sugasse meu dedo.

Repentinamente um leve arrepio percorreu minha coluna vertebral de cima a baixo. Tudo isso valia a pena investigar. E quando me veio a idéia de investigar me lembrei da expressão de frustração de Roberto Grandison quando o gongo o chamou de volta à classe. Me lembrei como olhara atrás sobre o ombro ao sair obedientemente do corredor e decidi que deveria ser incluído em qualquer análise que eu fizesse desse pequeno mistério.

Mas eventos inesperados relacionados ao mesmo Roberto me fizeram logo esquecer o espelho durante algum tempo. Passei toda aquela tarde fora e não voltei à escola até as 5:15h, hora duma assembléia geral na qual a presença dos meninos era compulsória. Faltei a esse compromisso com a idéia de levar Roberto a uma sessão com o espelho e fiquei surpreso e aflito ao ver que estava ausente, algo muito incomum e irresponsável em seu caso. Naquela noite Browne me disse que o menino desaparecera de fato. Uma procura em seu quarto, no ginásio, e em todos os lugares habituais foi infrutífera. Entretanto todo seu pertence, inclusive sua roupa de sair, estavam no lugar costumeiro.

Não fora encontrado no gelo ou com qualquer grupo excursionista que saíra naquela tarde. Todas as chamadas telefônicas aos fornecedores da escola na vizinhança foram vãs. Realmente: Não fora visto desde a última aula, às 2:15h, quando subiu a escada rumo a seu quarto no alojamento número 3.

Então foi dado como desaparecido, o que abalou todo o colégio. Browne, como diretor, teve de suportar todo o peso. E tal ocorrência inédita em sua séria e muito organizada instituição o deixou bem confuso. Estava ciente de que Roberto não voltara à casa dele, na Pensilvânia ocidental, e nenhuma equipe de busca de meninos e mestres achou algum rastro dele na zona rural nevada ao redor da escola. Portanto longe demais pra ser visto. Simplesmente tinha desaparecido.

Os pais de Roberto chegaram na tarde do segundo dia depois do desaparecimento. Suportaram a dor com discrição mas é claro que estavam abalados com esse desastre inesperado. Browne parecia dez anos

mais velho por isso mas absolutamente nada se poderia fazer. No quarto dia o caso ficou, na opinião da escola, como um mistério insolúvel. Senhor e senhora Grandison regressaram relutantemente e na manhã seguinte começaram os dez dias de férias natalinas.

Os meninos e mestres partiram com qualquer coisa menos o habitual espírito de feriado. Browne e sua esposa permaneceram, junto com os criados, como meus únicos co-habitantes no grande lugar que sem os mestres e meninos, realmente, parecia uma concha oca.

Naquela tarde me sentei diante de minha lareira pensando na desaparição de Roberto e desenvolvi todo tipo de teoria fantástica pra solucionar o caso. No crepúsculo tive uma enxaqueca e, conseqüentemente, jantei frugalmente. Então, após um animado passeio na vizinhança da concentração de prédios, voltei a minha sala de visita ficando novamente pensativo.

Um pouco depois das dez despertei em minha poltrona, duro e frio, dum cochilo durante o qual eu tinha sido jogado fora. Estava fisicamente abatido, contudo mentalmente desperto por uma sensação peculiar de expectativa e possível esperança. É claro que tinha a ver com o problema que estava me desafiando. Porque eu tinha caído no cochilo distraidamente com uma idéia curiosa e persistente: A estranha idéia de que um vago e dificilmente reconhecível Roberto Grandison tentava, desesperadamente, se comunicar comigo. Fui à cama com uma intuitiva e forte convicção: Dalguma maneira eu estava seguro de que o jovem Roberto Grandison ainda estava vivo.

Que eu seja receptivo a tais coisas não parecerá estranho a quem conhece minha longa estada em índias Ocidentais e meu íntimo contato ali com eventos inexplicados. Não se estranhará que eu tenha dormido com um desejo urgente de estabelecer algum tipo de comunicação mental com o menino desaparecido. Até mesmo os cientistas mais prosaicos, como Freud, Jung e Adler, afirmam que a mente subconsciente está aberta a impressões externas durante o sono. Entretanto tais impressões raramente são levadas em conta no estado desperto.

Indo um passo a diante e concebendo a existência de forças telepáticas, então tais forças têm forte poder sobre a mente dormente. Portanto, se eu quisesse receber uma mensagem explícita de Roberto seria

durante um estágio de sono profundo. Claro que eu poderia perder a mensagem ao despertar mas minha aptidão em reter tais coisas foi refinada por variados tipos de disciplina mental recolhidos em ignotos recantos do globo.

Devo ter caído em sono instantaneamente. Da vivacidade de meus sonhos e ausência de intervalo alerta julgo que meu sono era muito profundo. Eram 6:45h quando despertei e ainda retive certas impressões que sabia terem vindo do mundo de psiquismo onírico. Estranhamente minha mente se encheu com a visão de Roberto Grandison transformado num menino dum escuro azul citrino. Roberto, desesperadamente, tentava se comunicar comigo por meio da fala com uma dificuldade quase insuperável. Uma curiosa parede de isolamento espacial parecia se levantar entre ele e mim, uma parede misteriosa, invisível que nos confundiu completamente.

Eu tinha visto Roberto como se a pouca distância. Mas, estranhamente, parecia estar bem a meu lado ao mesmo tempo. Era maior e menor que na vida real. Seu tamanho, aparente, variando diretamente, em vez de inversamente, à distância quando chegou e se retirou no curso de conversação. Quer dizer, cresceu em vez de diminuir em relação a minha vista quando avançava ou retrocedia, e vice-versa. Como se tivessem sido completamente invertidas as leis de perspectiva em seu caso. Seu aspecto estava embaçado e incerto, como se faltasse silhueta bem definida ou permanente e a anomalia de sua coloração e de sua vestimenta me confundiram totalmente no princípio.

Nalgum ponto em meu sonho o esforço vocal de Roberto finalmente se cristalizou em fala audível, embora uma fala de espessura anormal e estagnada. Durante um instante não pude entender algo que disse. Até mesmo no atormentado sonho meu cérebro procurava uma pista donde ele estava, o que quis contar e por que sua expressão vocal era tão desajeitada e ininteligível. Então, pouco a pouco, comecei a distinguir palavras e frases. As primeiras já bastaram pra lançar meu estado onírico na excitação mais selvagem e estabelecer certa conexão mental que eu não deixara adquirir forma consciente por causa da absoluta inverossimilhança do que previamente implicava.

Não sei quanto tempo escutei essas palavras no intervalo de meu sono profundo mas horas devem ter passado enquanto, estranhamente, o

remoto narrador lidava com sua história. De lá foi me revelado uma tal circunstância como não posso querer que outros acreditem sem uma evidência mais cabal. Contudo eu estava bem preparado a aceitar isso como verdade, tanto no sonho como

após o despertar, por causa de meus contatos anteriores com coisas misteriosas. Obviamente o

menino estava me olhando no rosto, se movendo num sono receptivo, quando logo sufocou.

Durante algum tempo o pude compreender, então iluminou sua expressão e deu sinais de gratidão e

esperança.

Toda tentativa de entender a mensagem de Roberto, como essa que martelava em meus ouvidos após um súbito despertar no frio, conduziu esta narrativa a um ponto onde tenho de escolher minhas palavras com o maior cuidado. Tudo em questão é tão difícil de gravar que tendemos a nos debater sem solução. Eu disse que a revelação estabeleceu em minha mente certa conexão que a razão não me deixou formular conscientemente antes. Essa conexão, já não hesito afirmar, tem a ver com o velho espelho de Copenhague cuja impressão de movimento tinha me impressionado tanto na manhã da desaparição, e de cujos contornos ondulatórios e sucção aparente exerceram uma inquietante fascinação em mim e Roberto.

Entretanto, minha consciência exterior tinha rejeitado o que minha intuição gostaria de ter implicado antes. Não poderia rejeitar aquela espantosa concepção durante mais tempo. O que era agora fantasia no conto de Alice[1] me veio como uma realidade séria e imediata. Aquele olhar vítreo possuía uma sucção maligna, realmente anormal. E o locutor lutando em meu sonho esclarecendo até que ponto violou todos os anteriores conhecimentos de experiência humana e todas as leis ancestrais de nossas três dimensões normais. Era mais que um espelho, era um portão, uma armadilha, um vínculo com intervalos espaciais não significativos aos habitantes de nosso universo visível, e só realizável em termos da mais complexa matemática não-euclidiana. E, de modo um pouco ultrajante, Roberto Grandison tinha se escamoteado de nosso conhecimento no vidro e ficara lá emparedado, esperando ser libertado.

É significativo que ao despertar não abriguei dúvida genuína da realidade da revelação. O que realmente captei da conversação com um Roberto transdimensional, em lugar de evocar o episódio inteiro de minha meditação sobre sua desaparição e sobre as velhas ilusões do espelho, era quase certo pra minha natureza mais íntima como qualquer certeza instintiva reconhecida como válida.

A história que assim me foi descortinada tinha caráter inacreditavelmente estranho. Como ficara bem claro na manhã de sua desaparição, Roberto ficou intensamente fascinado pelo antigo espelho. Durante todo o período letivo tinha em mente voltar a minha sala de visita e examinar o objeto. Quando chegou, no fim do dia letivo, um pouco depois de 2:20h, eu estava na cidade. Percebendo minha ausência e sabendo que eu não notaria, entrou em minha sala de visita e foi direto ao espelho, se postando diante dele e estudando o lugar onde, como notáramos, as ondulações pareciam convergir.

Repentinamente foi tomado por um desejo de colocar a mão nesse centro ondulatório.

Quase relutando, contra seu bom-senso, agiu assim. Ao estabelecer contato sentira a estranha sucção, quase dolorosa, que o desconcertara naquela manhã. Imediatamente, sem aviso mas com um violento puxão que parecia torcer e rasgar todo osso e músculo e inchar, espremer e cortar todo nervo, foi abruptamente sugado.

Chegando ali a torturante tensão nervosa em todo seu organismo se manifestou de repente. Sentia, disse, como se há pouco tivesse nascido. Um sentimento que se tornava evidente toda vez que tentava fazer algo: Caminhar, se inclinar, virar a cabeça ou falar. Todo seu corpo parecia desajustado.

Essas sensações desapareceram depois dum longo tempo e o corpo de Roberto se tornou um todo organizado em vez de várias partes conflitantes. De todas as formas de expressão, falar continuou sendo a mais difícil. Certamente porque é complexa e usa vários órgãos, músculos e tendões. Por outro lado, os pés de Roberto foram os primeiros elementos a se ajustar à nova condição dentro do vidro.

Na manhã matutei o quebra-cabeça. Relacionando tudo que vi e ouvi rejeitei o ceticismo natural dum homem de bom-senso e concebi

planos pra resgatar Roberto de sua incrível prisão. Quando fiz isso vários pontos então desconcertantes ficaram claros ou, pelo menos, mais lúcidos pra mim.

Havia, por exemplo, a questão da coloração de Roberto. Sua face e mãos, como indiquei, eram dum tipo de azul escuro esverdeado esmaecido. E posso acrescentar que sua comum jaqueta Norfolque azul tinha passado a um amarelo-limão pálido enquanto sua calça comprida permaneceu cinza neutro como antes. Pensando nisso, depois de acordar, aproveitei a circunstância de encerramento aliada à inversão de perspectiva que fez Roberto parecer maior se afastando e menor se aproximando. Aqui também havia uma reversão física: Pra todo detalhe de sua coloração na dimensão desconhecida o exato oposto ou complemento cromático correspondia ao que era em vida normal. Em física as cores complementares básicas são azul e amarelo, vermelho e verde. Esses pares são opostos e, quando misturados, resultam em cinza. A cor natural de Roberto era uma pele meio rosada, cujo oposto é o azul citrino que vi. Seu casaco azul tinha ficado amarelo enquanto a calça comprida cinza permaneceu cinza. Esse ponto posterior me confundiu até que me lembrei que aquele cinza é uma mistura de opostos. Não há oposto ao cinza, ou melhor, é seu próprio oposto.

Outro ponto claro era o pertinente à voz estranhamente grossa e abafada de Roberto, bem como ao geral mau-jeito e sensação de desajuste físico das partes das quais se queixava. Isso, no início, realmente era um quebra-cabeça. Entretanto, depois de pensar bastante, encontrei a pista. Eis, novamente, a mesma inversão de perspectiva e coloração. Qualquer um na quarta dimensão, necessariamente, seria invertido somente desse modo: Mãos e pés, como também cores e perspectivas, sofrendo mutação simétrica. Seria o mesmo com todos os outros órgãos duplos como narinas, orelhas e olhos. Assim Roberto teria falado com uma língua invertida, dentes, cordas vocais e órgãos vocais semelhantes. De forma que sua dificuldade em expressão vocal me deixou um pouco admirado.

No despontar da manhã meu senso de ampla realidade e louca urgência da situação de revelação onírica aumentou em vez de diminuir. Cada vez mais eu sentia que algo devia ser feito. Contudo percebi que eu não poderia buscar conselho ou ajuda. Numa história como a minha uma convicção baseada no mero sonhar nada poderia me trazer de

verossímil, apenas zombar ou suspeitar de meu estado mental. Realmente, o que eu poderia fazer, amparado ou desamparado, com os poucos dados operacionais que minha impressão noturna fornecera? Devo, reconheci finalmente, obter mais informação antes de pensar num plano pra resgatar Roberto. O que só poderia se passar na condição receptiva de sono e que me encorajou a refletir sobre isso. Como era altamente provável, meu contato telepático foi retomado no momento em que novamente caí em sono profundo.

Passei dormindo aquela tarde, depois dum almoço no meio-dia a qual, por rígido autocontrole, consegui esconder de Browne e sua esposa os tumultuosos pensamentos que me chocaram. Com dificuldade mantive meus olhos fechados quando uma turva imagem telepática começou a aparecer. E logo percebi, em minha infinita excitação, que era idêntica à que vira antes. Mais que isso: Era mais distinto. Quando começou a falar me senti capaz de captar mais palavras.

Durante esse sono confirmei a maioria das deduções matinais. Entretanto a entrevista fora misteriosamente suprimida antes de meu despertar. Roberto parecera apreensivo logo antes da comunicação cessar mas já tinha me dito que em sua estranha prisão tetradimensional as cores e as propriedades espaciais realmente estavam invertidas: Preto virar branco, distância que aumenta a dimensão aparente, e assim a diante.

Também informara que, mesmo em plena posse da aparência física e sentidos, as mais vitais propriedades humanas pareciam estranhamente suspensas. A nutrição, por exemplo, era desnecessária. Fenômeno realmente mais singular que a onipresente inversão de objetos e propriedades. Subseqüentemente era um racional e matematicamente específico estado de coisas. Outra parte significativa da informação era que a única saída do vidro ao mundo era o a via de entrada, mantida permanentemente barrada e hermeticamente fechada, tão remota quanto o egresso temia que estivesse.

*Naquela noite recebi outra visita de Roberto. Nem deu tais impressões, recebidas a intervalos ímpares enquanto eu dormia sugestionado, interrompidas durante todo o período de seu encarceramento. Seu esforço pra se comunicar era desesperado e, freqüentemente, lamentável. Às vezes o contato telepático se debilitava, enquanto noutras vezes fadiga, excitação ou medo de interrupção

dificultava e engrossava sua voz. Posso narrar muito bem uma seqüência contínua de tudo aquilo que Roberto me disse ao longo de toda a série de efêmeros contatos mentais, talvez suprindo certos pontos com fatos diretamente relacionados após sua libertação. A informação telepática era fragmentária e, freqüentemente, quase inarticulada mas a estudei repetidas vezes durante os intervalos despertos de três intensos dias. Classificando e ponderando, com diligência febril, passei a questionar se o rapaz seria devolvido a nosso mundo.

A região tetradimensional na qual Roberto estava não era, como num romance de ficção científica, um reino desconhecido e infinito de visões estranhas e habitantes fantásticos mas tinha muito duma projeção de certas partes limitadas de nossa própria esfera terrena dentro duma estranha e, geralmente, inacessível faceta ou vetor espacial. Era um mundo curiosamente fragmentário, intangível, e heterogêneo. Uma série de cenas aparentemente dissociadas onde se fundem indistintamente uma na outra. Seus detalhes constituintes tinham uma natureza obviamente diferente dos dum objeto sugado pelo antigo espelho quando Roberto fora sugado. Essas cenas eram como sonhos panorâmicos ou imagens caleidoscópicas, miragens das quais o menino realmente não era uma parte mas que formavam um tipo de fundo panorâmico ou ambiente etéreo contra o qual ou entre o qual se movia.

Não pôde tocar alguma das partes dessas cenas: Paredes, árvores, mobília, e similares. Se era assim porque eram verdadeiramente imateriais ou porque sempre retrocediam a sua aproximação estava singularmente impossibilitado de determinar. Tudo parecia fluido, mutável e irreal. Quando caminhava parecia estar em qualquer superfície mais baixa a cena visível que poderia ter chão, caminho, gramado verde, ou tal. Mas, em última análise, sempre achava que o contato era ilusão. Nunca havia diferença na força resistente encontrada por seus pés e mãos quando se inclinava experimentalmente. Não importa o que poderia estar envolvido na aparente mudança da superfície. Não pôde descrever esse alicerce ou plano limite no qual andava como algo mais definido que uma pressão virtualmente abstrata equilibrando seu centro gravidade. De precisa sensibilidade tátil nada tinha mas, em compensação, parecia haver um tipo de força levitacional restrita que propiciava transferência de altitude. De

fato nunca poderia escalar degrau, contudo podia caminhar subindo gradualmente.

A passagem duma cena definida a outra envolvia um tipo de vôo livre numa região sombreada ou mancha borrada onde os detalhes de cada cena se encaixam curiosamente. Toda perspectiva era distinguida pela ausência de objetos passageiros e o aparecimento indefinido ou ambíguo de objetos semi-passageiros como mobília ou detalhes de vegetação. A iluminação de toda a cena era difusa e desconcertante e, claro, o esquema de cores invertido: Grama vermelha luminosa, céu amarelo com confusas formas de nuvens negras e cinzas, troncos de árvore brancos e paredes de tijolo verdes, dava a tudo um aspecto incrivelmente grotesco. Havia uma alternância entre dia e noite que se manifestava como uma inversão das horas normais de luz e escuridão em qualquer ponto na Terra onde o espelho estivesse pendurando.

Essa diversidade, aparentemente irrelevante, das cenas confundiu Roberto até que percebeu que incluíam apenas os lugares continuamente refletidos durante longos períodos no antigo vidro. Isso também explicava a estranha ausência de objetos passageiros, os limites geralmente arbitrários de visão e o fato de que todo o exterior foi emoldurado pelos esboços de portas ou janelas. O vidro, parece, pode ter servido pra acumular essas cenas intangíveis por longa exposição. Entretanto nunca poderia absorver qualquer coisa corpórea, como aconteceu a Roberto, exceto por um processo muito diferente e particular.

Ao menos pra mim, o aspecto mais incrível do bizarro fenômeno era a escabrosa subversão de nossas costumeiras leis espaciais envolvidas na relação de várias cenas ilusórias às atuais regiões terrenas representadas. Falei do vidro como acumulando as imagens dessas regiões mas essa, realmente, é uma definição inexata. Na verdade cada uma das cenas especulares formava uma verdadeira e quase permanente projeção tetradimensional da região mundana correspondente, de modo que sempre que Roberto ia a alguma parte de certa cena, como quando ia à imagem de meu quarto enviando suas mensagens telepáticas, estava de fato naquele lugar, isto é, em terra, entretanto sob condições espaciais que cortavam toda comunicação sensorial, em qualquer direção, entre ele e o aspecto tridimensional vigente no local.

Hipoteticamente falando, o prisioneiro no vidro podia, nalguns momentos, ir a qualquer lugar em nosso mundo. Qualquer lugar que alguma vez tenha sido refletido na superfície do espelho. Isso, provavelmente, aplicado até mesmo a lugares onde o espelho nunca fora pendurado seria o bastante pra produzir uma nítida cena ilusória. A região terrena era representada, então, por uma zona de sombra mais informe. Fora das cenas bem definidas havia um desgaste aparentemente ilimitado de sombra cinza neutra sobre o qual Roberto nunca poderia ter certeza e no qual nunca ousou vaguear além pra não ficar desesperadamente perdido nos reais e especulares mundos similares.

Entre os apressados pormenores que Roberto deu havia o fato de não estar solitário na prisão. Vários outros, todos em traje antigo, estavam lá com ele: Um corpulento cavalheiro de meia-idade com trança amarrada e calção aveludado que falava inglês fluente com forte sotaque escandinavo, uma menina pequena, muito bonita, com cabelo muito louro na forma dum lustroso azul escuro, dois negros aparentemente mudos cujas características contrastavam grotescamente com a palidez de sua pele cromaticamente invertida, três homens jovens, uma mulher jovem, uma criança muito pequena, quase um bebê e um esquelético ancião dinamarquês de aspecto extremamente distinto e com uma espécie de intelectualidade meio maligna no semblante.

Esse último indivíduo se chamava Axel Holm, trajando calção justo[2] de cetim, casaco de borda brilhante e volumosa e bem assentada peruca cuja idade remonta a mais de dois séculos. Era ilustre na pequena região como sendo o responsável pela presença deles todos. Era que, versado tanto nas artes de magia quanto de vidraçaria, tinha formado essa prisão estranha dimensional há muito tempo, na qual ele, seus escravos e esses a quem escolheu convidar ou atrair até lá eram permanentemente emparedados enquanto o espelho pudesse suportar.

Holm nasceu no começo do século 17 e teve muita competência e sucesso no comércio de soprador e moldador de vidro em Copenhague. Seu vidro, especialmente na forma de grande espelho de sala de visita, sempre estava em destaque. Mas a mesma mente pujante que fez dele o primeiro vidraceiro de Europa serviu pra direcionar seu interesse e ambição além da esfera de mera habilidade material. Estudara o mundo ao redor e se aborreceu com a limitação de capacidade e conhecimento

humanos. Eventualmente procurou modos obscuros de superar essa limitação e ganhou mais sucesso que o apropriado a qualquer mortal. Aspirara desfrutar algo como a eternidade, e o espelho era sua ferramenta pra alcançar esse fim. O sério estudo da quarta dimensão estava longe de começar com Einstein em nossa era e Holm, mais que erudito em todos os métodos de sua época, sabia que uma entrada pessoal naquela faixa espacial escondida lhe impediria de morrer na sensação física ordinária. Uma investigação lhe mostrou que a teoria da reflexão indubitavelmente modela a entrada principal a todas as dimensões além da nossa familiar tri e a sorte lhe colocou nas mãos um pequeno vidro muito antigo cujas propriedades secretas acreditava que pudesse virar o jogo. Uma vez *dentro* do espelho, de acordo com o método que idealizara, sentiria aquela *vida* na sensação de forma e consciência virtualmente pra sempre, contanto que o espelho fosse preservado indefinidamente de rompimento ou deterioração.

Holm fez um espelho magnífico que seria valorizado e cuidadosamente preservado. E nisso agilmente fundiu a estranha relíquia de forma espiralada que adquirira. Tendo preparado seu refúgio e armadilha assim, começou a planejar seu modo de entrada e condição de aluguel. Teria consigo serventes e companheiros. E como estréia experimental enviou antes de si ao vidro dois escravos negros de confiança trazidos de índias Ocidentais. Que sensação teve ao ver essa primeira demonstração concreta de sua teoria só a imaginação pode conceber.

Indubitavelmente um homem com sua sabedoria percebe a ausência do mundo exterior, embora transferido além do simples transcorrer de vida dos de dentro, deve significar instantânea dissolução na primeira tentativa de voltar àquele mundo. Mas, salvo aquele contratempo ou uma ruptura acidental, os internos sempre permaneceriam como eram na hora de entrada. Nunca ficariam velhos nem precisariam de comida e bebida.

Pra fazer sua prisão mais tolerável enviou à frente certos livros e materiais de escritório, uma cadeira e mesa artesanais mais robustas e outros acessórios. Soube que as imagens que o vidro refletiria ou absorveria seriam intangíveis mas somente se estenderia a seu redor como um fundo onírico. Sua própria transição, em 1687, foi uma dura experiência e há de ter sentido um misto de triunfo e pavor. Se qualquer

coisa tivesse saído errado havia a horrível possibilidade de se perder na escuridão de inconcebíveis dimensões múltiplas.

Durante mais de cinqüenta anos estivera impossibilitado de fazer qualquer acréscimo à pequena empresa de si mesmo e escravos mas, mais tarde, aperfeiçoara seu método telepático de visualizar pequenas seções do mundo externo perto do vidro e atraindo certos indivíduos nessas áreas pela estranha entrada do espelho. Assim Roberto, querendo forçar a porta, fora atraído a dentro. Tais visualizações dependiam completamente de telepatia. Ninguém dentro do espelho poderia ver o exterior, o mundo dos homens.

Era, na verdade, uma vida estranha a que Holm e sua companhia tinham dentro do vidro. Desde então o espelho ficara completamente abandonado, durante um século, com sua face voltada à empoeirada parede de pedra do abrigo onde o achei. Roberto foi o primeiro ser a entrar nesse limbo após esse intervalo. Sua chegada foi um evento de gala porque trouxe notícia do mundo exterior, o que deve ter causado grande espanto ao mais pensativo dos de dentro. Ele, na volta, jovem como era, inevitavelmente sentiu a fantasmagoria de se reunir e falar com pessoas que estavam vivas nos séculos 17 e 18.

A mórbida monotonia da vida dos prisioneiros só pode ser vagamente conjeturada. Como mencionei, sua variedade de extensão espacial era limitada a lugares que tinham sido refletidos no espelho durante longos períodos. E muitos desses locais se escureceram e ficaram estranhos quando o clima tropical atacou a superfície. Certos locais eram luminosos e bonitos e nesses a companhia costumava se juntar. Mas nenhuma cena poderia agradar totalmente, pois todos os objetos visíveis eram irreais e intangíveis e, freqüentemente, de esboço desconcertantemente indefinido. Quando os tediosos períodos de escuridão chegavam o costume geral era se deliciar em recordação, reflexão ou conversação. Cada elemento daquele estranho e patético grupo retivera sua personalidade inalterada e inalterável, já que fica imune aos efeitos temporais do espaço exterior.

O número de objetos inanimados dentro do vidro, aparte a roupa dos prisioneiros, era muito pequeno, sendo limitados, em grande parte, aos acessórios que Holm provera pra si. Os demais igualmente sem mobília, desde que sono e fadiga desapareceram junto com outros atributos vitais.

Tais coisas inorgânicas ali presentes pareciam isentas da decadência, assim como os seres vivos. As mais inferiores formas de vida animal estavam ausentes.

Roberto deve a maioria da informação a Herr Thiele, o cavalheiro que falava inglês com sotaque escandinavo. Esse digno dinamarquês me incitava a imaginação e falava muito. Os outros também o receberam com cortesia e benevolência. O próprio Holm parecia bem-disposto e tinha lhe falado sobre vários assuntos, inclusive a porta da armadilha.

O menino, como me disse depois, era sensato o bastante pra nunca tentar comunicação comigo quando Holm estava perto. Duas vezes, fazendo isso, vira Holm aparecer e se interrompeu imediatamente. Em nenhum momento pude ver o mundo atrás da superfície do espelho. A imagem de Roberto, que incluía sua forma corporal e o respectivo vestuário era, como a imagem auricular de sua voz sufocada e como me via, um caso de transmissão puramente telepática. Não envolvia verdadeira visão interdimensional. Porém, Roberto era um telepata treinado como Holm e poderia ter transmitido imagens consistentes separadas de sua pessoa adjacente.

Ao longo desse período de revelação eu tentava, desesperadamente, achar um jeito de libertar Roberto. No quarto dia, nono depois da desaparição, achei uma solução. Afinal de conta meu plano não era tão complexo. Mas não pude antecipar como agiria enquanto temesse a possibilidade dum deslize desastroso. Esse processo dependia, basicamente, do fato de não haver saída possível de dentro do vidro. Se Holm e seus prisioneiros estivessem permanentemente encerrados hermeticamente, então a libertação teria que vir toda de fora. Outras considerações incluíram a disposição dos outros prisioneiros, se algum sobrevivesse e, especialmente, de Axel Holm. O que Roberto me contou sobre ele era tudo menos tranqüilizador. Certamente eu não o queria solto em meu apartamento, livre pra fazer suas maldades no mundo mais uma vez. As mensagens telepáticas não esclareciam direito o efeito da libertação nos que estavam no vidro há tanto tempo.

Entretanto havia um último, porém menor, problema no caso de sucesso: O de Roberto voltar à rotina escolar sem ter explicado o inacreditável. No caso de fracasso seria desaconselhável ter testemunha da missão de libertação e, fora isso, eu não podia me referir aos verdadeiros

fatos, mesmo se tivesse êxito. Até mesmo pra mim a realidade parecia uma loucura sempre que eu ponderava os fatos tão coercitivamente expostos naquela série onírica.

Quando refleti sobre esses problemas até onde era possível, peguei uma grande lupa no laboratório escolar e estudei minuciosamente cada milímetro quadrado daquela espiral central que, presumivelmente, marcava a dimensão do antigo espelho original usado por Holm. Até mesmo com essa ajuda não pude localizar com precisão o limite exato entre a antiga área e a superfície adicionada pelo mago dinamarquês mas, depois, um exaustivo estudo definiu um limite oval conjetural que esbocei com precisão com um lápis azul de ponta macia. Então fiz uma viagem a Estanforde, onde arranjei uma pesada ferramenta corta-vidro. Minha idéia inicial era remover o antigo e magicamente potente espelho de sua mais recente posição.

O próximo passo era achar a melhor hora do dia pra realizar a experiência crucial. Finalmente escolhi 2:30h da manhã, tanto por ser um bom momento pra trabalho ininterrupto quanto ser o oposto de 2:30h da tarde, provável momento da entrada de Roberto ao espelho. Essa forma de oposição pode não ter sido pertinente mas eu sabia, pelo menos, que a hora escolhida era tão boa quanto qualquer outra, talvez melhor que a maioria.

Finalmente decidi trabalhar no amanhecer do décimo primeiro dia após a desaparição, tendo desenhado todos os tons de minha sala de visita e fechado a porta do corredor. Continuando com ofegante cautela a linha elíptica localizei, tracei ao redor da seção espiral com minha ferramenta cortante de aço giratória. O antigo vidro, com meia polegada de espessura, crepitou quebradiço sob a firme e uniforme pressão. Ao completar o giro cortei ao redor novamente e raspei o cilindro mais profundamente no vidro.

Então, cuidadosamente, ergui o pesado espelho pelo pedestal e o apoiei com a face interna contra a parede, forçando duas das tábuas finas e estreitas pregadas na traseira. Com igual precaução dava violentas estocadas no espaço ao redor com a pesada manivela de madeira do corta-vidro.

Na primeira pancadinha o pedaço de vidro contendo a espiral caiu no tapete de Bokhara. Eu não sabia o que aconteceria mas alguma coisa foi

me animando e me deixou numa involuntária respiração ofegante. Então me ajoelhei por comodidade. Minha face bem perto da abertura recentemente feita. Ao tomar fôlego minhas narinas inalaram um forte odor de poeira. Um cheiro incomparável, que nunca senti antes. Então tudo a meu alcance de visão se converteu, de repente, num cinza fosco antes de minha vista falhar enquanto me sentia dominado por uma força invisível que me roubou a vitalidade muscular.

Me lembro de pegar debilmente e sem êxito a extremidade da mais próxima cortina de janela e a senti rasgando e soltando da parede. Então afundei lentamente no chão com a escuridão do olvido passando encima de mim.

Quando recuperei a consciência estava estirado no tapete de Bokhara com as pernas misteriosamente apoiadas no ar. O quarto estava cheio daquele horrendo e inexplicado cheiro de poeira. Como meus olhos começaram a captar imagens definidas vi que Roberto Grandison estava em minha frente. Era ele, totalmente de carne e com coloração normal, que segurava minhas pernas no alto pra devolver o sangue a minha cabeça como o curso de pronto-socorro da escola lhe tinha ensinado a fazer com pessoa desfalecida. Num instante emudeci pelo odor sufocante e por uma confusão que logo se fundiu numa sensação de triunfo. Então me senti capaz de me mover e falar calmamente.

Tentei elevar uma mão e acenar cumprimentando Roberto.

Certo, meu velho. — Murmurei — Podes abaixar minhas pernas agora. Muito obrigado.

Acertei novamente, acho. Era o cheiro, imagino. Isso me pegou. Abras aquela janela mais distante, por favor, a larga, do fundo. Isso é tudo. Obrigado. Não. Deixes a sombra embaixo, do jeito que estava.

Lutei com meus pés, minha circulação transtornada se ajustando em ondas, e permaneci verticalmente suspenso na traseira duma cadeira grande. Eu ainda estava grogue mas uma lufada de ar fresco dolorosamente frio da janela me reavivou rapidamente. Me sentei na cadeira grande e vi Roberto caminhando até mim. Eu disse apressadamente.

— Primeiro me digas, Roberto: Esses outros... Holm. O que aconteceu a eles quando abri a saída?

Roberto interrompeu sua caminhada no quarto e me olhou com gravidade. Então disse solenemente.

— Os vi diminuir no vazio, senhor Canevin E, com eles, tudo. Nada mais há dentro, senhor. Agradeço a Deus e a ti, senhor!

E o jovem Roberto, se rendendo, afinal, à tensão contínua que tinha agüentado durante esses onze terríveis dias, repentinamente se abaixou como uma criancinha e começou a se lamentar histericamente em grandes, sufocados e secos soluços.

O amparei e o recostei suavemente em meu diva, lhe coloquei um poncho[3], me sentei a seu lado, o acalmei passando a mão na testa e lhe disse ternamente:

— Leves isso, meu velho.

A súbita e muito natural histeria do menino passou, tão depressa quanto viera, quando lhe reiterei meus planos pra sua tranqüila volta à escola. O interesse na situação e a necessidade de esconder a incrível verdade sob uma explicação racional extinguiu sua agitação como eu esperava. Então se levantou impacientemente, contou os detalhes de sua libertação e ouviu as instruções que eu planejara. Parece que estivera na *área projetada* de meu quarto quando abri a saída e emergi naquele verdadeiro quarto, quase não percebendo que estava *fora.* Ao ouvir uma queda na sala de estar se precipitou até lá e me encontrou no tapete num desmaio encantado.

Devo mencionar apenas brevemente meu método de restabelecer Roberto dum modo aparentemente normal. Como o escamoteei janela a fora com um chapéu velho e suéter meus, o levei até a estrada partindo silenciosamente em meu carro, o ensaiei cuidadosamente numa estória que inventei e voltei pra despertar Browne com as notícias da descoberta de Roberto. Estava, expliquei, caminhando solitário na tarde da desaparição. Dois homens jovens que, gracejando e ante os protestos de que não poderia ir a lugar mais distante que Estanforde e voltar, o levaram de volta à cidade. Saltou do carro durante uma parada de tráfego com a intenção de voltar a pé enquanto o incitavam a voltar e foi atropelado por outro carro

no instante em que o tráfego foi liberado, despertando dez dias depois em Greenwich, na casa das pessoas que o atropelaram. Ao saber a data, acrescentei, telefonei à escola imediatamente. Sendo eu o único que estava acordado, respondi à chamada e corri pra o buscar em meu carro, sem parar pra avisar alguém.

Browne, que imediatamente telefonou aos pais de Roberto, aceitou minha história sem questionar e evitou interrogar o menino por causa do óbvio esgotamento subseqüente. Ficou combinado que deveria permanecer na escola pra descansar, sob o hábil cuidado da senhora Browne, experiente enfermeira formada. Claro que o vi durante o restante das férias de Natal e pude preencher certas lacunas em sua fragmentária história onírica.

De vez em quando quase duvidávamos da realidade do que acontecera. Querendo saber se ambos compartilhamos uma monstruosa ilusão nascida do reluzente hipnotismo do espelho e se o conto do passeio e acidente não são, afinal de conta, a realidade. Mas sempre que fizermos assim recuperaremos a convicção nalguma formidável e assombrosa memória. Comigo da forma onírica de Roberto e sua voz grossa e cores invertidas. Com ele de todo o esplendor fantástico de pessoas antigas e cenas funéreas que testemunhara. E então havia analogia com a lembrança daquele detestável odor poeirento. Sabíamos o que significava: A dissolução imediata dos que entraram a uma dimensão alienígena há mais de um século.

Além do mais há duas linhas de evidência, pelo menos, bem mais positivas. Uma das quais vem de minhas pesquisas nos anais dinamarqueses sobre o feiticeiro Axel Holm. Como indivíduo, realmente, deixou muitos traços no folclore e registros escritos. E diligentes pesquisas em bibliotecas e conferências com dinamarqueses instruídos derramaram muito mais luz em sua má fama. No momento só preciso dizer que o soprador de vidro de Copenhague, nascido em 1612, era um luciferino notório cujas perseguições e final desaparição foram assunto de espantoso debate há mais de dois séculos. Tinha ardente desejo de saber todas as coisas e dominar todo limite do gênero humano. Pra tal finalidade investigara profundamente campos ocultos e proibidos desde que era criança.

Era habitualmente adepto duma confraria da temida bruxaria e a vasta tradição da antiga mitologia escandinava com o astuto Loki e o amaldiçoado lobo Fenris, era, pra ele, um livro aberto. Tinha estranhos interesses e objetivos, poucos dos quais eram definitivamente conhecidos mas alguns dos quais foram reconhecidos como intoleravelmente maus. Consta que seus dois ajudantes negros, originalmente escravos de índias Ocidentais Dinamarquesas, ficaram mudos após serem adquiridos por ele e que os desaparecidos não queriam mais que sua própria desaparição do alcance de vista da humanidade.

Chegando o fim duma já longa vida a idéia dum vidro da imortalidade deve ter lhe ocorrido. Que adquirira um espelho encantado de inconcebível antigüidade era um assunto de cochicho popular. Se supôs que o furtara dum colega feiticeiro que lho confiara pra polir.

Esse espelho, segundo contos populares um troféu tão potente a seu modo como a notória égide de Minerva ou o martelo de Tor, era um pequeno objeto oval chamado *vidro de Loki,* feito dalgum mineral polido fundível e tendo propriedades mágicas que incluíam a adivinhação do futuro imediato e o poder de revelar os inimigos do dono. Que tinha propriedades potenciais mais profundas realizáveis nas mãos dum mago erudito nenhuma pessoa comum duvidava. Até mesmo as pessoas educadas davam uma terrível importância aos boatos de que Holm o tentava incorporar a um vidro maior de imortalidade. Então ocorreu a desaparição do mago, em 1687, e a venda final e dispersão de seu bem entrou numa crescente névoa de lendário fantástico. Era tudo apenas um conto ridículo se não se possuísse alguma chave específica. Contudo, me lembrando dessas mensagens oníricas e tendo a corroboração de Roberto Grandison antes de mim, confirmei todas as desnorteantes maravilhas que se desdobraram.

Mas como eu disse, há outra linha de evidência bem positiva, de caráter muito diferente, a minha disposição. Dois dias depois de sua libertação, à medida que Roberto melhorava muito em força e aparência, estava colocando lenha em meu fogo da sala de estar, notei certo desajeitamento em seu movimento e fui acometido por uma idéia persistente. O chamei até minha escrivaninha e lhe pedi, de repente, que apanhasse um tinteiro. Me surpreendi ao notar que, apesar da destreza vitalícia, obedeceu inconscientemente com a mão esquerda. Sem o

alarmar pedi, então, que desabotoasse o casaco e me deixasse ouvir o batimento cardíaco. O que achei ao auscultar o tórax, e o que não lhe contei depois, durante algum tempo, era que seu coração batia no lado direito.

Entrara ao vidro destro e com cada órgão na posição normal. Agora era canhoto e com os órgãos invertidos e continuaria, indubitavelmente, assim ao resto da vida. Obviamente, a transição dimensional não foi ilusão. Essa mudança física era tangível e inconfundível. Tinha lá uma saída natural do vidro. Provavelmente Roberto sofreu uma re-reversão completa e teria emergido em normalidade perfeita, como realmente o padrão cromático de seu corpo e vestuário emergiram. Mas na natureza forçada de sua libertação, indubitavelmente, algo saiu errado. De modo que a dimensão já não tinha chance de se corrigir como as ondas cromáticas.

Eu não tinha aberto apenas a armadilha de Holm. A tinha destruído. E na fase particular de destruição marcada pela fuga de Roberto algumas propriedades reversas tinham se deteriorado. É significativo que na fuga Roberto não sentira dor comparável à que experimentara entrando. Se a destruição ainda tivesse sido mais súbita, eu tremia só de pensar nas aberrações cromáticas que o menino fora forçado a suportar. Posso acrescentar que depois de descobrir a inversão de Roberto examinei o amarrotado e descartado vestuário que usara no vidro, e achei, como esperava, uma reversão completa de bolso, botão e todos os outros detalhes correspondentes.

Neste momento o vidro de Loki, exatamente como caiu em meu tapete de Bokhara do agora consertado e inofensivo espelho, pesa sobre um maço de papel em minha escrivaninha aqui em São Tomás, venerável capital de Índias Ocidentais Dinamarquesas, agora Ilhas Virgens americanas. Vários colecionadores do antigo vidro de Sanduíche[4] o confundiram com uma curiosa peça daquele primitivo produto ianque mas imagino que meu peso de papel é uma antigüidade de extrema sutileza e da mais paleogênea[5] arte. Até agora não desiludi esses entusiastas.



O Executor Elétrico

PARA ALGUÉM QUE NUNCA encarou o perigo de uma execução legal, tenho um muito peculiar horror quando o assunto é a cadeira elétrica. Com efeito, creio que o tópico me faz estremecer mais do que a certos homens que já foram a julgamento com o risco de suas vidas. A razão está em que associo a coisa a um incidente de quarenta anos atrás - um incidente bastante estranho que me levou à borda do abismo negro e desconhecido.

Em 1889 eu era auditor e investigador ligado à Companhia Mineradora Tlaxcala de São Francisco, que comandava diversas pequenas extrações de cobre e de prata nas Montanhas San Mateo, no México. Ocorrera algum problema na mina número 3, onde atuava um taciturno e furtivo superintendente auxiliar chamado Arthur Feldon; e em 6 de agosto a Companhia recebeu um telegrama informando que Feldon tinha arribado, levando consigo todas as anotações de estoque, notas fiscais e outros papéis e deixando a situação funcional e financeira numa verdadeira polvorosa.

Esse acontecimento foi um golpe severo para a Companhia, e ao entardecer o presidente McComb me chamou ao seu escritório para me dar ordens de que recuperasse os papéis a qualquer preço. Haviam ocorrido, ele sabia, graves prejuízos. Eu nunca tinha visto Feldon e dispunha apenas de algumas fotografias inexpressivas para minha orientação. Além disso, meu próprio casamento estava marcado para quinta-feira da semana seguinte - apenas nove dias à frente -, de modo que eu não me achava nem um pouco ansioso para ser enviado ao

México numa caçada humana cuja duração seria imprevista. A necessidade, no entanto, era tamanha que McComb teve motivo para me pedir que partisse imediatamente. De minha parte, concluí que isso talvez valesse a pena, pois poderia fazer que meu *status* na companhia subisse alguns pontos.

Minha partida fora marcada para aquela noite; eu iria no carro do presidente até a Cidade do México, após o que tomaria uma pequena estrada de ferro em direção às minas. Jackson, o superintendente da número 3, me daria todos os detalhes e todas as indicações possíveis assim que eu chegasse; e então a busca começaria de imediato - através das montanhas, descendo pela costa, ou pelos arredores da Cidade do México, conforme fosse o caso. Estabeleci, com firme determinação, que concluiria o assunto - e com sucesso - o mais rápido possível e temperei meu descontentamento com antevisões de um retorno breve com os papéis e o culpado e também de um casamento que seria quase uma cerimônia triunfal.

Tendo informado minha família, minha noiva e meus principais amigos, e feitos os preparativos apressados para a viagem, encontrei o presidente McComb às oito da noite no depósito da Southern Pacific, recebi dele algumas instruções escritas e um talão de cheques e parti em seu carro a fim de tomar o trem transcontinental das oito e quinze com destino à fronteira. A jornada seguinte perecia fadada à monotonia; depois de uma boa noite de sono desfrutei do conforto de um vagão especialmente reservado, a ler minhas instruções com cuidado e a formular planos para a captura de Feldon e para a recuperação dos documentos. Eu conhecia a região de Tlaxcala bastante bem - provavelmente melhor do que o fugitivo - e assim teria um certa vantagem na busca, a não ser que elejá tivesse também utilizado a ferrovia.

De acordo com as instruções, Feldon tinha sido durante algum tempo motivo de preocupação para o superintendente Jackson, agindo secretamente e trabalhando irregularmente no laboratório da companhia nas horas mais esquisitas. Havia fortes suspeitas de que ele estivesse implicado junto com um chefe mexicano e vários peões em alguns roubos de minério; no entanto, embora os nativos tivessem sido despedidos, não havia suficiente evidência para garantir qualquer prova contra o sutil

oficial. Na verdade, apesar de sua dissimulação, parecia haver mais desafio do que culpa no comportamento do homem. Ele era orgulhoso e falava como se a companhia o estivesse enganando, em vez de ele à companhia. A óbvia vigilância de seus colegas, Jackson escreveu, parecia irritá-lo ainda mais, e agora ele tinha fugido com tudo o que havia de importante no escritório. Acerca de seu paradeiro nenhuma conjetura era feita, conquanto o último telegrama de Jackson sugerisse as escarpas selvagens de Sierra de Malinche, aquele alto pico rodeado de mitos e com a silhueta em forma de cadáver, de cujas vizinhanças dizia-se que os nativos ladrões tinham vindo.

Em El Paso, que alcançamos às três da manhã do dia seguinte, meu vagão particular foi desconectado do trem transcontinental e engatado a uma locomotiva especialmente encomendada, por telegrama, para conduzi-lo em direção ao sul até a Cidade do México. Continuei a preguiçar até o amanhecer e durante o dia seguinte inteiro me vi exposto ao tédio da paisagem deserta e plana de Chilhauhau. A tripulação informou-me que estava previsto chegarmos à Cidade do México por volta do meio-dia de sexta-feira, mas eu logo vi que incontáveis demoras nos fariam perder horas preciosas. Houve esperas em paradas durante todo o percurso, e aqui e ali um superaquecimento dos eixos ou outra dificuldade viria para atrapalhar ainda mais as previsões.

Chegamos a Torreon com seis horas de atraso, e eram quase oito da noite de sexta-feira -portanto um atraso de doze horas - quando o condutor consentiu em andar mais depressa para ganhar tempo. Meus nervos estavam no limite, e eu não podia fazer nada além perambular em desespero pelo carro. No fim concluí que a velocidade fora comprada a um preço alto, pois dentro de meia hora os sintomas de um superaquecimento se mostraram também em meu carro; de forma que, depois que uma espera enlouquecedora, a tripulação decidiu que todos os pertences teriam que ser despejados, após uma coxeadura a um quarto da velocidade, na próxima estação com depósitos - a cidade industrial de Queretaro. Foi a gota d'água, e eu quase esperneei como uma criança. De fato, às vezes me surpreendia a empurrar a poltrona, como se tentando fazer o trem avançar mais depressa.

Já eram quase dez da noite quando entramos em Queretaro, e eu passei uma hora de agrura na plataforma da estação enquanto meu vagão

era puxado para um canto e vasculhado por uma dúzia de mecânicos nativos. Por fim me disseram que o problema era demais para eles, desde que o eixo dianteiro precisaria de umas partes novas que não poderiam ser arranjadas a não ser na Cidade do México. Tudo parecia, de fato, estar contra mim; senti mesmo meus dentes rilharem à idéia de que Feldon estaria se afastando mais e mais - talvez em direção a algum refúgio em Vera Cruz, que dispunha de navios, ou na Cidade do México, com sua variada oferta de trens - ao passo que novos contratempos me mantinham ali inerte e impotente. Decerto, Jackson já teria notificado a polícia em todas as cidades da redondeza, mas eu não tinha ilusões quanto à eficiência dessa polícia.

O máximo que podia fazer, logo percebi, era tomar o expresso noturno regular para a Cidade do México, que saía de Aguas Calientes e fazia uma parada de cinco minutos em Queretaro. Ele passaria por volta de uma da madrugada, se não estivesse atrasado, e chegaria à Cidade do México por volta das cinco da manhã de sábado. Quando adquiri minha passagem, soube que o trem seria composto de carruagens-compartimentos em estilo europeu, em vez dos longos vagões americanos com fileiras de duplos assentos. Esse tipo de carros tinha sido bastante usado nos primórdios da ferrovia mexicana, devendo-se aos interesses da construção européia nas primeiras linhas; e em 1889 a Central Mexicana dispunha de um bom número deles para pequenas viagens. Geralmente tenho preferência pelo tipo americano, desde que detesto ver as pessoas olhando para mim, mas nessa ocasião me alegrei com as carruagens estrangeiras. A essa hora da noite havia boa possibilidade de conseguir um compartimento exclusivo, e no meu cansado e nervosamente hipersensível estado saudaria de bom grado a solidão - bem como o confortável interior com poltronas e travesseiros, estendidos ao longo de todo o veículo. Comprei um bilhete de primeira classe, requisitei minha valise no vagão imobilizado, telegrafei para o presidente McComb e para Jackson informando o que tinha acontecido e me sentei na estação para esperar pelo expresso noturno tão pacientemente quanto meus nervos desgastados o permitiriam.

Espantosamente, o trem estava apenas meia hora atrasado; mesmo assim, a solitária vigília na estação tinha quase esgotado minha resistência. O condutor, introduzindo-me num compartimento, disse-

me que esperava compensar o atraso e alcançar a capital ainda a tempo; e eu me estendi confortavelmente no banco que faceava com a dianteira do vagão, na expectativa de uma plácida corrida de três horas e meia. A luz da lâmpada sobre minha cabeça jorrava suavemente baça; e eu me perguntava se conseguiria dormir um pouco, a despeito de minha ansiedade e da tensão nervosa. Pareceu-me, enquanto o trem disparava adiante, que estivesse só, e me alegrei bastante com isso. Meus pensamentos saltavam à frente na perquirição, enquanto eu cabeceava ao ritmo cada vez mais célere da comprida linha de vagões.

Então percebi subitamente que não estava de todo só. No canto oposto a mim, encolhido de modo que sua face não pudesse ser vista, sentava-se um homem rudemente vestido, de tamanho inusual, o qual a débil luz não revelara antes. Ao seu lado havia uma enorme valise, surrada e algo repleta, e firmemente segura mesmo em seu sono por mãos incongruentemente delgadas. Quando a locomotiva apitou numa curva ou cruzamento, o adormecido pareceu despertar nervosamente para uma espécie de vigília semidesperta, levantando a cabeça e expondo agradáveis feições anglo-saxônicas, de barbas e olhos negros e brilhantes. Ao me ver, como que sua vigília se tornou completa, e pude perceber o modo hostil e selvagem de seu olhar. Sem dúvida, pensei, ele se ressentiria de minha presença quando teria esperado desfrutar do compartimento só para si, tal como eu também me desapontei ao encontrar uma companhia estranha na meia-luz do vagão. O melhor que podíamos fazer, no entanto, era aceitar a situação de modo educado; assim me pus a pedir desculpas ao homem pela minha presença. Como parecesse tratar-se de um confrade americano, talvez nos sentíssemos mais à vontade após algumas cortesias. Então poderíamos deixar-nos um ao outro em paz para agüentar as sacudidelas da viagem.

Para minha surpresa, o estranho não emitiu sequer uma palavra em resposta aos meus cumprimentos. Em vez disso, continuou olhando para mim de um modo feroz e quase avaliatório e afastou para o lado minha embaraçada oferta de cigarros com um movimento da mão desocupada. Sua outra mão permaneceu agarrada à grande e sovada valise, e toda a sua pessoa dava mostras de exalar uma obscura malignidade. Após algum tempo, ele voltou abruptamente o rosto em direção à janela, embora não houvesse nada para ver na densa escuridão exterior.

Estranhamente, pareceu-me estar olhando alguma coisa de um modo tão atento como se houvesse realmente alguma coisa para olhar. Decidi abandoná-lo aos seus modos curiosos e às suas meditações, sem o incomodar mais; assim, me recostei ao assento, puxei a aba do chapéu sobre meu rosto e fechei os olhos num esforço para reatar aquele princípio de sono que há pouco vinha me tomando.

Não devo ter cochilado por muito tempo ou muito profundamente, quando meus olhos se abriram como se em resposta a alguma força externa. Fechando-os outra vez com determinação, renovei minha demanda pelo sono, entretanto inutilmente. Uma incógnita influência parecia manter-me desperto; levantando a cabeça, corri os olhos pelo compartimento mal iluminado para ver se alguma coisa estava errada. Tudo parecia normal, mas notei que o estranho do canto oposto olhava para mim muito atentamente - atentamente, sem a camaradagem ou a amabilidade que pudessem indicar uma mudança em sua atitude anterior. Desta vez não tentei iniciar conversa, mas permaneci recostado no assento, com os olhos entrefechados, como se ainda cochilasse, e no entanto a observá-lo furtivamente por baixo da aba do chapéu.

Enquanto o trem rumorejava através da noite, observei que uma sutil e gradual metamorfose baixara sobre as feições atentas do homem. Evidentemente satisfeito de que eu estivesse dormindo, ele deixou aflorar em seu rosto uma curiosa mistura de emoções, a natureza das quais seria tudo menos confiável. Ódio, medo, triunfo e fanatismo bruxulearam confusamente na linha de seus lábios e nos cantos de seus olhos, enquanto seu olhar se tornou um facho alarmante de raiva e ferocidade. De repente me ocorreu que esse homem poderia ser um louco assaz perigoso.

Seria mentira dizer que não fiquei bastante e profundamente amedrontado quando me dei conta do estado de coisas. Um suor frio começou a me inundar, e só com muito esforço eu pude manter minha atitude de relaxamento e sonolência. A vida ainda me parecia repleta de atrativos, e a idéia de ter de lidar com um maníaco homicida - provavelmente armado e capaz num grau inimaginável - era desalentadora e terrificante. Minha impotência em qualquer tipo de luta era enorme, e o homem parecia um verdadeiro gigante, possivelmente na sua melhor forma atlética, enquanto eu sempre fora frágil e me encontrava exausto devido à ansiedade, à ausência de sono e à tensão nervosa. Foi,

inegavelmente, um péssimo momento; e me senti bem perto de uma morte horrível ao observar o furor de loucura que havia nos olhos desse estranho. Acontecimentos do passado retornaram à minha consciência como se para um adeus - tal como se diz que um homem prestes a se afogar vê toda a sua vida passar diante de seus olhos num único momento.

Decerto eu tinha ainda meu revólver no bolso do colete, mas qualquer esforço que fizesse para sacá-lo seria instantaneamente percebido. Além disso, se o apanhasse, não havia como predizer que efeito esse gesto teria sobre o maníaco. Mesmo que eu o alvejasse uma ou duas vezes, ele ainda teria força suficiente para arrebatar a arma e acabar comigo à sua própria maneira, ou se ele próprio estivesse armado poderia atirar em mim ou me esfaquear sem sequer tentar me desarmar. Pode-se tentar dominar um insano ameaçando-o com uma pistola, mas a completa indiferença de um insano às conseqüências de seus atos lhe dá força e audácia quase sobre-humanas. Mesmo naqueles dias pré-freudianos, eu tinha uma percepção, provinda do senso comum, da perigosa força de que dispõem as pessoas que não têm inibições normais. E de que o estranho no canto estava mesmo em vias de esboçar alguma ação assassina, seu olhar flamej ante e suas feições retorcidas não me permitiam duvidar.

Subitamente senti que sua respiração se tornara ofegante e vi seu peito inflar em gradual excitação. Com pouco tempo para uma providência, comecei a pensar desesperadamente no que fazer. Sem deixar de fingir que estivesse dormindo, minha mão deslizou lenta e discretamente em direção ao bolso contendo a pistola, ao mesmo tempo em que eu vigiava fixamente o homem para ver se ele detectaria o movimento. Infelizmente ele o fez - um segundo antes de que o registrasse em sua expressão. Com um salto incrivelmente ágil e abrupto para um homem de seu tamanho, ele se lançou sobre mim antes mesmo que eu compreendesse o que tinha ocorrido, assomando e avançando como um ogro gigante das lendas e imobilizando-me com mão poderosa enquanto com a outra me impedia de alcançar o revólver. Arrancando-o de meu bolso e depositando-o no seu, ele me largou com desdém, certo de que seu enorme físico me manteria à sua mercê. Então se pôs inteiramente de pé - sua cabeça quase tocando o teto do vagão - e mirou-me com olhos cuja fúria tinha rapidamente se convertido num ríctus de desprezo e vulturino cálculo.

Não me movi, e depois de um instante o homem retomou seu assento original, sorrindo sombriamente enquanto abria sua enorme valise e extraía dela um artigo de muito peculiar aparência - uma gaiola grande de arame semi-flexível, trançado mais ou menos à maneira de uma máscara de beisebol, mas modelado no formato de um capacete para escafandro. Seu topo estava conectado a um cordão cuja outra extremidade permanecia na valise. Esse engenho ele o tratava com óbvia afeição, aninhando-o em seu colo enquanto olhava para mim novamente e lambia os pêlos em torno de seus lábios com um movimento felino da língua. Então, pela primeira vez, ele falou - numa voz moderada e doce, de uma suavidade e de uma ponderação calculada que contrastavam com suas vestimentas rústicas e seu aspecto desalinhado.

"Você é um afortunado, *sir*. Vou usá-lo antes de todos os outros. Você entrará para a história como o primeiro fruto de uma notável invenção. Vastas conseqüências sociológicas - minha luz há de brilhar, como convém. Tenho brilhado o tempo todo, mas ninguém sabe disso. Agora você saberá. Cobaia inteligente. Gatos e burros - funcionou até com um burro..."

Fez uma pausa, enquanto suas feições peludas esboçaram um convulsivo movimento, em sincronia com um vigoroso estremecimento giratório de toda a cabeça. Era como se ele estivesse se livrando de alguma nebulosa substância que o incomodasse, pois o gesto foi seguido por uma clarificação ou sutilização de expressão que escondia a mais evidente insanidade numa aparência de suave compostura, através da qual a malignidade transparecia apenas imperfeitamente. Percebi de imediato a diferença e aventei uma palavra para ver se poderia reconduzir sua mente a menos perigosos canais. "Parece que você tem em mãos um maravilhoso e sutil instrumento, se sou capaz de julgar. Não me diria como veio a inventá-lo?"

Anuiu com a cabeça.

"Mera reflexão lógica, meu caro senhor. Estudei as necessidades da época e agi em concordância com elas. Outros poderiam ter feito o mesmo, tivessem disposto de uma mente tão poderosa -isto mesmo, tão capaz de concentração prolongada - quanto a minha. Eu tinha a convicção - o indispensável poder de vontade -, e eis tudo. Concluí, como ninguém antes teria concluído, que era imperativo remover todos os homens da face

da terra antes que Quetzalcoatl retornasse, e concluí também que isso devia ser feito elegantemente. Detesto carnificina de qualquer tipo, e o enforcamento é barbaramente grosseiro. Você sabe que no ano passado o legislativo de Nova Iorque votou pelo emprego da execução elétrica para condenados - mas todo o aparato que eles têm em mente é tão primitivo quanto o 'foguete' de Stephenson ou a primeira engenhoca elétrica de Devenport. Eu conhecia um meio mais apropriado, e lhes disse isso, mas eles não me deram atenção. Por Deus, os idiotas! Como se eu não soubesse tudo o que se deve saber sobre homens e morte e eletricidade - estudante, homem e menino - tecnólogo e engenheiro - mercenário..."

Ele se reclinou e estreitou as pálpebras.

"Estive no exército de Maximiliano há mais de vinte anos. Iam fazer de mim um nobre. Então esses esfarrapados o mataram, e eu tive de voltar para casa. Mas eu vim - vim e voltei, vim e voltei. Vivo em Rochester, Nova Iorque..."

Seus olhos se tornaram mais malignos, e ele pendeu para a frente, tocando-me o joelho com os dedos de uma mão paradoxalmente delicada.

"Eu voltei, é o que fiz, e fui mais fundo do que qualquer um deles. Odeio esses esfarrapados, mas gosto dos mexicanos! Um quebra-cabeça? Ouça-me, meu jovem - você não crê que o México seja realmente espanhol, crê? Por Deus, se você tivesse conhecido as tribos que eu conheço! Nas montanhas - nas montanhas - Anahuac - Tenochtitlan - os antigos..."

Sua voz se tornou um uivo cantante, algo melodioso.

"Iä! Huitzilopotchili!... Hahuatlacatl! Sete, sete, sete... Xochimilca, Chalca, Tepaneca, Acolhua, Tlahuica, Tlascalteca, Azteca!... Iä! Iä! Estive nas Sete Cavernas de Chicomoztoc, mas ninguém nunca saberá! Eu lhe conto, *porque você nunca irá repeti-lo..."*

Recompôs-se e retomou o tom de conversa.

"Você se surpreenderia se soubesse das coisas que são contadas nas montanhas. Huitzilopotchli está para voltar... Sobre isso não há nenhuma dúvida. Qualquer peão ao sul da Cidade do México pode lhe falar sobre isso. Mas eu não queria fazer nada a respeito. Voltei para casa, como lhe digo, de novo e de novo, e estava prestes a beneficiar a sociedade com

meu executor elétrico quando aquela amaldiçoada lei de Albany adotou o outro método. Uma piada, *sir,* uma piada! Cadeira do vovô - próximo à lareira - Howthorne..."

O homem parecia vibrar numa mórbida paródia de bonomia.

"Ora, *sir,* eu gostaria de ser o primeiro homem a sentar em sua maldita cadeira e a sentir a corrente de sua ridícula bateria! Sequer faria uma perna de sapo dançar! E esperam liquidar assassinos com ela - recompensa do mérito - tudo! Mas então, meu jovem, eu vi a inutilidade - a desapontadora falta de lógica em se matar uns poucos apenas. Todos são assassinos - eles assassinam idéias - roubam invenções - roubaram a minha espreitando, espreitando, espreitando..."

O homem sufocou e parou, e eu falei, apaziguador.

"Estou certo de que sua invenção era a melhor e de que eles provavelmente a usarão no final."

"Certo, você diz? Bela, modesta, conservadora certeza! Ao diabo sua preocupação - *mas você logo conhecerá!* Ora, para o inferno, todo o benefício que aquela cadeira elétrica trará terá sido roubado de mim. O fantasma de Nezahualpilli me disse isso na montanha sagrada. Eles observaram, observaram, observaram..."

Engasgou novamente e então fez de novo um daqueles gestos com que agitava tanto a cabeça quanto a expressão facial. Isso pareceu contê-lo por um instante.

"O que minha invenção necessita é de teste. É isso - aqui. O capuz de arame ou aparato para cabeça é flexível e desliza com facilidade. Uma coleira o prende, sem sufocar. Eletrodos tocam a fronte e a base do cerebelo - tudo o que é preciso. Pare a cabeça, e o que mais funciona? Os idiotas lá de Albany, com aquela espreguiçadeira de carvalho, acham que têm de fazê-lo da cabeça aos pés. Estúpidos! - não sabem que não é preciso atirar num homem depois que você lhe destruiu o cérebro? Vi homens morrer em batalhas - conheço melhor. E então o seu tolo circuito de alta potência - dínamos - tudo o mais. Por que não viram o que eu tinha feito com a pilha voltaica? Nenhuma audiência - ninguém sabe - eu somente tenho o segredo - eu e eles, se eu resolvo permitir a eles... Mas

preciso fazer experimentos - pacientes - *você sabe quem escolhi para começar?*

Tentei parecer jovial, entrando rapidamente numa amável seriedade, como um sedativo. Pensamento rápido e hábeis palavras poderiam salvar-me ainda.

"Bem, há um monte de pacientes entre os políticos de São Francisco, de onde venho! Precisam de seu tratamento, e eu gostaria de ajudar você a ministrá-lo. Mas, realmente, penso que poderei ajudá-lo, com toda verdade. Tenho alguma influência em Sacramento, e se você retornar comigo para os Estados Unidos depois que eu tiver concluído meus negócios no México, farei com que você consiga uma audiência."

Ele respondeu com sobriedade e bons modos.

"Não - não posso retornar. Fiz esse juramento quando aqueles bandidos de Albany desdenharam minha invenção e colocaram espiões para me seguir e me roubar. Mas eu preciso ter pacientes americanos. Estes esfarrapados estão sob maldição, e seria fácil demais; os indígenas de puro sangue - os reais filhos da serpente emplumada - são sagrados e invioláveis exceto como vítimas sacrificiais... e mesmo esses precisam ser abatidos de acordo com o cerimonial. Eu preciso ter americanos sem retornar - e o primeiro que eu escolho será dignamente honrado. Você sabe quem é?"

Tergiversei desesperadamente.

"Oh, se esse é o problema, conseguirei para você uma dúzia de espécimes ianques de primeira linha, tão logo cheguemos ao México! Sei onde existem montes de pequenos mineradores cuja falta não seria notada durante dias..."

Mas ele me interrompeu bruscamente com um novo e repentino ar de autoridade que teria um toque de real dignidade.

"Chega -já nos distraímos o bastante. Levante-se e permaneça de pé como um homem. Você é o paciente que escolhi e há de me agradecer por essa honra no outro mundo, tal como a vítima sacrificial agradece ao sacerdote por transferi-la para a glória eterna. Um novo princípio - nenhum homem vivo sonhou com semelhante bateria, e ela nunca seria descoberta outra vez mesmo que se passassem mil anos. Sabe que os

átomos não são o que aparentam? Tolos! Um século depois algum imbecil estaria conjeturando se eu deixaria o mundo viver!"

Ergui-me ao seu comando, e ele puxou da valise alguns pés adicionais de fio, colocando-se de pé ao meu lado, o capacete de arame suspenso pelas duas mãos e um viso de real exaltação em seu rosto peludo e bronzeado. Por um momento, sua aparência lembrou a de um radiante mistagogo ou hierofante helênico.

"Aqui, ó Jovem - uma libação! Vinho do cosmos - néctar dos espaços estelares - Linos -Iacchus - Ialemus - Zagreus - Dioniso - Átis - Hylas - nascido de Apolo e dilacerado pelos cães de Argos - rebento de Psamathe - filho do sol - Evoé! Evoé!"

Estava cantando outra vez, e agora sua mente parecia imergir por entre as clássicas memórias de sua época de catecismo. Em minha postura ereta, notei a proximidade do fio que se ligava ao capacete e cogitei se não poderia alcançá-lo por meio de algum gesto de ostensiva resposta ao seu espírito cerimonial. Valia a pena tentar; portanto, com um brado antifônico de "evoé!", estirei meus braços em direção a ele, numa atitude ritualística, na expectativa de dar um arranco no cordão antes que ele o notasse. Mas foi em vão. Ele percebeu meu propósito e pousou uma mão sobre o bolso direito do casaco onde meu revólver jazia. Palavras eram dispensáveis, e nos imobilizamos por um momento, como figuras entalhadas. Por fim ele disse em voz baixa: "Apresse-se!"

Outra vez minha mente se pôs a procurar freneticamente por possibilidades de fuga. As portas, eu sabia, não eram trancadas nos trens mexicanos; mas meu acompanhante poderia facilmente barrar minha passagem se eu tentasse escancarar uma delas e saltar para fora. Além do mais, nossa velocidade era tão grande que provavelmente o sucesso nesse sentido seria tão fatal quando o fracasso. A única coisa a fazer era ganhar tempo. Das três horas e meia de viagem uma boa parte já se tinha escoado, e quando chegássemos à Cidade do México os guardas e a polícia da estação garantiriam imediata segurança.

Haveria, pensei, duas ocasiões distintas para diplomáticos rodeios. Se eu pudesse fazê-lo protelar a colocação do capuz, um bom tempo seria ganho. Certamente não me passava pela cabeça que a coisa pudesse ser mortal, mas eu tinha suficiente conhecimento de loucos para imaginar o

que aconteceria quando ela falhasse. Ao seu desapontamento se somaria uma louca presunção de minha responsabilidade no fracasso, a qual dominaria sua atenção e o conduziria a mais ou menos extensas perquirições por influxos corretivos. Perguntava-me até que ponto iria sua credulidade ou se eu poderia preparar, com antecipação, alguma profecia do fracasso que faria o fracasso em si mesmo transfigurar-me diante de seus olhos num visionário ou num iniciado ou quem sabe num deus. Meus rudimentos de mitologia mexicana eram bastantes para me incentivar a essa alternativa, embora eu pretendesse tentar outras influências proteladoras antes e deixar que a profecia caísse como uma súbita revelação. Iria ele me poupar no final, caso eu conseguisse fazê-lo crer que eu era um profeta ou uma divindade? Podia eu "dar uma de" Quetzalcoatl ou Huitzilopotchli? Qualquer coisa para arrastar a questão até as cinco horas, quando estava previsto chegarmos à Cidade do México.

Mas a minha evasiva primeira foi o veterano artifício da "última vontade". Enquanto o maníaco repetia que eu me apressasse, falei-lhe de minha família e de meu casamento marcado e solicitei o privilégio de deixar uma mensagem e dispor de meu dinheiro e heranças. Se ele fizesse a gentileza, eu disse, de me arranjar algum papel e colocar no correio o que eu iria escrever, minha morte seria mais pacífica e mais agradecida. Após alguma cogitação, ele anuiu e procurou em sua valise um bloco de folhas, o qual estendeu para mim com solenidade enquanto eu retomava meu assento. Arranjei um lápis, quebrando habilmente a ponta e produzindo mais alguma demora na medida em que ele se pôs a procurar por outro. Quando o encontrou, tomou o que eu tinha quebrado e tratou de apontá-lo com uma grande faca em forma de chifre que estivera presa ao seu cinto por sob o casaco. Evidentemente uma segunda quebra não seria de muito proveito para mim.

Do que escrevi mal posso me lembrar hoje em dia. Era vastamente sem sentido e foi composto em largos rabiscos de uma literatura que eu extraía da memória quando não podia pensar em nada melhor para escrever. Procurei fazer uma caligrafia o menos legível possível, evitando apenas destruir sua natureza de escrito, pois era provável que ele desejasse lê-lo antes de começar seu experimento, e eu temia o modo como pudesse agir à visão de um evidente *nonsense.* A situação se assomava terrível, e eu sofria cada segundo que a lentidão do trem

propiciava. No passado eu costumava assobiar uma rápida melodia ao saltitante "tique-taque" das rodas sobre os trilhos, mas agora o andamento parecia o de uma marcha fúnebre - o da minha marcha fúnebre, refleti duramente.

Meu truque funcionou até que cobri quatro páginas, seis por nove, ao fim do que o homem sacou do relógio e me disse que eu teria apenas mais cinco minutos. O que fazer em seguida? Pensava rapidamente num modo de concluir o testamento, quando uma nova idéia me ocorreu. Terminando com um floreado e estendendo a ele as folhas, que ele meteu descuidadamente no bolso esquerdo de seu casaco, falei-lhe de meus amigos influentes em Sacramento, que ficariam grandemente interessados em sua invenção.

"Não deveria dar a você uma carta de apresentação?", perguntei. "Não deveria fazer um esboço assinado e uma descrição de seu executor, de modo que eles lhe concedam uma audiência amigável? Podem fazê-lo famoso, você sabe - e não há nenhuma dúvida de que adotarão o seu método no estado da Califórnia, caso sejam informados por alguém como eu, que eles conhecem e em quem confiam."

Escolhi esse caminho na eventualidade de que seus próprios pensamentos como inventor frustrado o fizessem esquecer, por algum tempo, o lado asteca-religioso de sua mania. Quando ele se voltasse para esse último aspecto, refleti, eu dispararia a "revelação" e a "profecia". Tal plano funcionou, pois seus olhos refletiram um brilho ambicioso, embora ele exigisse rispidamente que eu me apressasse. Em seguida esvaziou a valise, retirando dela um inusitado aparato feito de tubos de vidro e bobinas ao qual o cordão do capacete estava conectado e despejando sobre mim uma torrente de comentários técnicos demais para serem compreendidos, que no entanto não deixavam de ter alguma plausibilidade. Fingi tomar nota de tudo o que ele dizia, no fundo me perguntando se aquilo não seria de fato uma bateria elétrica. Seria leve o choque proporcionado pela geringonça? O homem realmente falava como um genuíno eletricista. Descrever sua invenção era claramente uma tarefa congênita para ele, e logo vi que não estava mais tão impaciente como antes. Enquanto ele se preparava, o auspicioso cinza da madrugada já brilhava lá fora, e calculei que finalmente minha chance de escapar se tornara tangível.

Mas ele também percebeu a aurora, o que fez ressurgir o brilho selvagem em seus olhos. Ele sabia que o horário de chegada à Cidade do México era às cinco e certamente forçaria uma ação mais rápida, a menos que eu pudesse suplantar suas idéias com argumentos mais convincentes. Quando ele se ergueu, com um ar determinado, acomodando a bateria sobre o assento ao lado da valise, lembrei-lhe que eu ainda não tinha feito o indispensável esboço e pedi que segurasse o capacete de modo que eu pudesse desenhá-lo junto da bateria. Ele se queixou e retomou seu assento, com muitas admoestações para que eu me apressasse. Após outro momento, fiz uma pausa para pedir certa informação, perguntando a ele de que modo a vítima era preparada para a execução e como suas presumíveis resistências teriam de ser vencidas.

"Ora", ele replicou, "o criminoso é firmemente amarrado a um poste. Não importa o quanto ele movimente a cabeça, pois o capacete se ajusta perfeitamente e se torna mais firme quando a corrente entra em ação. Acionamos o interruptor gradualmente - como você vê aqui, uma ligação cuidadosamente preparada, com um reostato".

Uma nova idéia para protelação me ocorreu quando os campos cultivados e o casario cada vez mais freqüente começaram a dizer que finalmente nos aproximávamos da capital.

"Contudo", formulei, "preciso desenhar o capacete numa cabeça humana tanto quanto junto da bateria. Você poderia vesti-lo por um instante, de modo que eu possa esboçá-lo? Os jornais e certamente os oficiais solicitarão esses detalhes, pois costumam ser exigentes em tais coisas".

Meu tiro chegara, por acaso, mais próximo do alvo do que eu planejara, pois à menção da imprensa os olhos do louco brilharam vivamente.

"Os jornais? Sim - para o diabo, você pode fazer até os jornais me darem ouvidos! Riram de mim e não imprimiriam uma palavra. Aqui, apresse-se! Não há um segundo a perder.

"Agora, malditos sejam, imprimirão as imagens! Revisarei o seu esboço se você cometer algum engano - há que ser minucioso a todo custo. A polícia encontrará você mais tarde - dirão como funciona. Associated

Press idem - reproduzirão sua carta - fama imortal... Rápido, rápido - é o que digo, diabos o levem!"

O trem se aproximava da pobre estrada perto da cidade, e, como nos balançássemos desconcertadamente numa ou noutra ocasião, aproveitei essa desculpa para quebrar o lápis mais uma vez; mas evidentemente o maníaco me devolveu de imediato o meu próprio lápis, que ele havia apontado. Minha primeira carga de pretextos se esgotara, e senti que acabaria tendo de me submeter ao capacete. Estávamos ainda a um bom quarto de hora do terminal, e já era tempo de apelar para o lado religioso de meu acompanhante e disparar a profecia.

Revolvendo meus rudimentos de mitologia Nahuan-Asteca, atirei num ímpeto lápis e papel ao chão e comecei a cantar.

"Ia! Ia! Tloquenahuaque, Tu que estás inteiro em Ti mesmo! Tu, também, Ipalnemoan, por Quem nós vivemos! Eu ouço, eu ouço! Eu vejo, eu vejo! Águia que suspende a serpente, salve! Uma mensagem! Uma mensagem! Huitzilopotchli, em minha alma ecoa o teu trovão!"

Ouvindo minha entoação, o maníaco olhou embasbacado através de sua máscara grotesca, sua bela face repleta de surpresa e incredulidade que rapidamente se converteram em alarme. Sua mente pareceu esvaziar-se num instante e então cristalizar-se num novo estado. Levantando bem alto as mãos, ele cantou, como se num sonho.

"Mictlanteuctli, grande Senhor, um sinal! Um sinal que provenha de tua negra caverna! Ia! Tonotiuh-Metztli! Cthulhu! Ordena, que eu servirei!"

Agora, em meio a toda essa algaraviada, uma palavra tangeu estranha corda em minha memória. Estranha, porque ela nunca ocorre em nenhum relato escrito sobre a mitologia mexicana e no entanto havia sido ouvida por mim mais de uma vez, como um terrificante sussurro, entre os peões das minas de minha própria firma em Tlaxcala. Parecia fazer parte de um ritual extremamente antigo e secreto, pois havia jaculatórias características que eu ouvira aqui e ali e que eram tão desconhecidas quanto o ritual para o saber acadêmico. Esse maníaco devia ter passado um bom tempo entre os peões e os indígenas, tal como tinha dito, pois certamente esse conhecimento não registrado não poderia ter vindo de estudos livrescos. Percebendo a importância que teria para ele esse

jargão duvidosamente esotérico, tomei a decisão de ferir o seu ponto mais vulnerável e dar a ele um pouco da algaraviada que os nativos empregavam.

"Ya-R'lyeh! Ya-R'lyeh!, bradei. "Cthulhu fhtaghn! Nigurat-Yig! Yog-Sototl!..."

Mas jamais cheguei a terminar. Galvanizado numa epilepsia religiosa pela exata resposta que o seu subconsciente não teria provavelmente esperado, o louco lançou-se ao chão de joelhos, elevando e baixando várias vezes a cabeça coberta pelo capacete e virando-a para a direita e para a esquerda enquanto fazia isso. A cada nova ocasião sua reverência se tornava mais profunda, e eu podia ouvir seus lábios espumantes repetindo "mate, mate, mate", num ritmo acelerado e monótono. Ocorreu-me então que eu tivesse passado da conta, pois minha jaculatória libertara nele um crescente frenesi que provavelmente o conduziria à compulsão de matar antes que o trem chegasse à estação.

À medida que seus giros se alargavam, a folga do fio proveniente do capacete era mais e mais consumida. A essa altura, num arrebatado delírio de êxtase, ele começou a dar voltas maiores, que se fechavam em círculos, ao ponto que aquele se enrolou em seu pescoço e passou a exercer pressão sobre a extremidade conectada à bateria sobre o assento. Perguntei-me pelo que ele faria quando o inevitável acontecesse e a bateria fosse arrastada para uma presumível destruição contra o piso.

Então ocorreu o inesperado cataclismo. A bateria, arrancada de sua posição pelo último gesto orgiástico do maníaco em frenesi, acabou caindo de fato; mas não pareceu danificar-se na queda. Ao contrário, como pude ver num lampejo, o impacto fora absorvido pelo reostato, de um modo que fez com que o interruptor fosse instantaneamente ligado em máxima corrente. E o mais impressionante é que havia, de fato, corrente. A invenção não era apenas um sonho gerado pela insanidade.

Assisti a uma coruscação azul e cegante, ouvi um ulular agudo e mais horrendo do que todos os gritos anteriores daquela louca e terrificante jornada e senti um cheiro nauseante de carne queimada. Foi tudo o que minha consciência sobrecarregada pôde suportar, porque num instante perdi os sentidos.

Quando o guarda de trens na Cidade do México me reavivou, encontrei uma multidão que se apinhava em torno à porta de meu compartimento. Ao meu choro involuntário, as faces que se apertavam ali tornaram-se curiosas e incrédulas, e fiquei feliz quando o guarda expulsou todos exceto um alinhado doutor que avançou aos empurrões até mim. Meu choro era uma coisa perfeitamente natural, mas tinha sido estimulado por algo mais do que a visão chocante que eu esperara descobrir sobre o piso do vagão. Ou, devo dizer, por algo *menos,* porque na verdade não havia nada no piso.

Nem, como disse o guarda, tinha havido, quando ele abriu a porta e me encontrou inconsciente. Minha passagem tinha sido a única vendida para aquele compartimento, e eu fora a única pessoa achada ali dentro. Somente eu e minha valise, e nada mais. Eu estivera sozinho durante todo o trajeto desde Queretaro. Guarda, médico e espectadores tocaram suas testas de um modo significativo, enquanto ouviam minhas insistentes e frenéticas indagações.

Teria sido tudo um sonho, ou estaria eu realmente louco? Rememorei minha ansiedade e a exaustão de meus nervos, e dei de ombros. Agradecendo ao guarda e ao médico e me livrando da multidão curiosa, arrastei-me até um táxi e fui conduzido para o Fonda National, onde, depois de telegrafar a Jackson na mina, dormi até o entardecer, num esforço para me recompor e reentrar na posse de mim mesmo. Instruí para que me chamassem à uma hora, em tempo de tomar a bitola estreita rumo à mineração, mas, quando acordei, encontrei um telegrama debaixo da porta. Era de Jackson e dizia que Feldon fora encontrado morto nas montanhas naquela manhã, chegando a notícia à mina por volta das dez horas. Os papéis estavam salvos, e o escritório de São Francisco tinha sido devidamente notificado. Assim a viagem toda, com sua afobação e seu desgaste mental, não tinha servido para nada.

Sabendo que McComb aguardava um relatório pessoal, a despeito do curso dos eventos, encaminhei uma resposta e tomei a bitola estreita afinal. Quatro horas depois, entre solavancos, eu desembarcava na estação da mina número 3, onde Jackson estava à minha espera para me dar as boas vindas. Ele estava tão ocupado com os acontecimentos na mina, que mal se deu conta de minha aparência sovada e devastada.

A história do superintendente era breve, e ele a contou enquanto me conduzia através das instalações em direção à encosta perto do *arrastre,* onde o corpo de Feldon ainda jazia. Feldon, ele disse, sempre tinha sido uma figura estranha e taciturna, desde o tempo em que fora empregado, no ano anterior; trabalhava nalgum tipo de aparelho mecânico e reclamava de constante espionagem, além de ser desagradavelmente familiar com os trabalhadores nativos. Mas ele certamente conhecia o trabalho, o país e o povo. Costumava fazer longas viagens às colinas onde os peões habitavam e, mesmo, tomava parte em algumas de suas cerimônias ancestrais e pagãs. Mencionava insuspeitados segredos e estranhos poderes tão freqüentemente quanto se gabava de suas habilidades mecânicas. Nos últimos tempos ele decaíra rapidamente, tornando-se morbidamente suspeito acerca de seus colegas e sem dúvida coligando-se com seus amigos nativos no roubo de minério, quando o dinheiro minguou. Ele precisava de um absurdo volume de capital para uma coisa ou outra - estava sempre recebendo caixas provenientes de laboratórios e lojas de máquinas da Cidade do México ou dos Estados Unidos.

Quanto ao seqüestro dos papéis, teria sido apenas um ato maluco de vingança contra o que ele chamava de "espionagem". Estava bem louco, certamente, até porque tinha se enfurnado no país em busca de uma caverna escondida nas alturas de Sierra de Malinche, onde nenhum branco vivia, e lá fizera as coisas mais estapafúrdias. A caverna, que não fosse pela derradeira tragédia nunca teria sido encontrada, estava repleta de ultrajantes altares e ídolos astecas, os altares cobertos de ossos chamuscados de oferendas recentes cuja natureza era obscura. Os nativos nada diziam - na verdade juraram nada saber -, mas era fácil perceber que a caverna era um local de encontro para eles e que Feldon tinha compartilhado amplamente de suas práticas.

Os homens da busca tinham encontrado o lugar somente por causa da cantoria e do grito final. Teria sido próximo às cinco daquela manhã, e após uma noite de acampamento o grupo começara a arrumar suas coisas para um retorno de mãos vazias às minas. Então alguém ouviu uns vagos rumores na distância e compreendeu que um daqueles velhos rituais blasfemos estava em andamento nalgum socalco solitário da montanha em forma de cadáver. Ouviram os mesmos velhos nomes - Mictlanteuctli,

Tonatiuh, Cthulhu, Ya-R'lyeh e todo o resto -, mas o mais extravagante era que algumas palavras inglesas se misturavam a eles. Efetivo inglês de homem branco e não algaraviada de caboclo. Guiados pelo som, eles correram para aquele recanto selvagem da montanha, e então, depois de um silêncio agourento, o grito explodiu sobre eles. Foi uma coisa horrível - a pior coisa que qualquer deles tinha ouvido em toda a sua vida. Parecia haver fumaça também e um cheiro mórbido e acre.

Meteram-se na caverna, a entrada protegida por algarobeiras, mas agora exalando nuvens de fumaça fétida. Havia luz lá dentro, o indescritível altar e as imagens dubiamente reveladas pelo brilho das velas que devem ter sido repostas menos de meia hora antes; e sobre o piso nu jazia o horror que fez com que todos recuassem. Era Feldon, a cabeça queimada ao ponto de carvão por algum estranho aparelho que a envolvia - uma espécie de gaiola de arame conectada a uma bateria mais ou menos escangalhada que decerto teria caído de um dos altares vizinhos. Quando os homens a viram, trocaram olhares entre si, lembrando-se do "executor elétrico" sobre o qual Feldon bravateara tantas vezes - a coisa que todos rejeitaram mas que tinham tentado roubar e copiar. Os papéis estavam a salvo no baú de Feldon logo ao lado, que jazia aberto; e uma hora depois a coluna de buscadores retornava à número 3 carregando seu pavoroso fardo sobre uma liteira improvisada.

Isso era tudo, mas era o bastante para me fazer empalidecer e tropeçar enquanto Jackson me conduzia do *arrastre* de volta ao barracão onde me disse que o corpo jazia. Desde que eu não era destituído de imaginação, sabia bastante bem em que tipo de pesadelo infernal essa tragédia sobrenaturalmente se encaixava. Eu sabia o que ia encontrar por trás daquela abertura em torno à qual os curiosos mineiros se aglomeravam e não recuei quando meus olhos caíram sobre o enorme corpo, as vestes emporcalhadas, as mãos incrivelmente delicadas, os tufos de barba chamuscada, e a máquina infernal - a bateria algo avariada e o elmo escurecido pela chamuscadura do que havia dentro. O enorme baú não me surpreendeu; apenas estremeci diante de duas coisas - as folhas de papel dobrado que despontavam do bolso direito do casado. Num momento em que ninguém estava olhando, agarrei as folhas tão familiares, amassando-as entre meus dedos sem ousar examinar a caligrafia. Ressinto-me hoje de que um tipo de pânico me tenha feito queimá-las

naquela mesma noite, sem coragem de olhar para elas. Poderiam servir como prova, ou contraprova, de alguma coisa - mas quanto a isso eu também poderia ter obtido provas pedindo para ver o revólver que o investigador retirara do bolso esquerdo do casaco. Nunca tive coragem de perguntar a respeito - porque meu próprio revólver desaparecera após a noite no trem. Meu lápis de bolso, também, exibia sinais de uma aparação grosseira e apressada, em vez da cuidadosa ponta que eu lhe tinha feito sexta-feira, usando o aparelho do vagão particular do presidente McComb.

Assim, no final, retornei para casa intrigado - miseravelmente intrigado, talvez. O vagão particular tinha sido reparado, quando retornei a Queretaro, mas o meu alívio maior foi cruzar o Rio Grande rumo a El Passo e aos Estados Unidos. Antes da próxima sexta-feira, já estava de novo em São Francisco; e o adiado casamento finalmente ocorreu na semana seguinte.

Sobre o que realmente teria acontecido naquela noite, conforme disse, simplesmente não ouso especular. O tal de Feldon estaria insano, para começar, e por cima de sua insanidade ainda amontoara toda aquela feitiçaria asteca pré-histórica, que a ninguém caberia o direito de conhecer. Era realmente um gênio inventivo, e aquela bateria teria sido uma aquisição genuína. Ouvi depois coisas a respeito do modo como fora menosprezado pela imprensa, pelo público e pelas autoridades em geral. Tantos desapontamentos não fazem bem a certos tipos de homens. De qualquer modo, funcionou aí uma maléfica combinação de influências. A propósito, ele realmente tinha sido um soldado de Maximiliano.

Quando conto minha história, muita gente me acusa de mentiroso. Outros a atribuem a uma psicologia anormal - e Deus sabe o quanto eu estava combalido -, enquanto outros falam ainda de "projeção astral" e quejandos. Minha ânsia de alcançar Feldon certamente orientou meus pensamentos em direção a ele, e por efeito de toda a sua magia indígena ele teria sido o primeiro a captá-los e a reconhecê-los. Teria ele estado naquele vagão de estrada de ferro, ou eu é que estive na montanha em forma de cadáver? Que teria sido de mim, se não o tivesse "embrulhado" como fiz? Confesso que não sei e não estou certo de que deseje saber. Nunca mais retornei ao México desde então - e, como disse no começo, não gosto de falar sobre execuções elétricas.



O Desafio do Além

C. L. Moore, A. Merritt, H. P. Lovecraft, Robert E. Howard e Frank Belknap Long

[**C. L. Moore**]

EM MEIO À NÉVOA do sono, George Campbell abriu os olhos e ficou espiando durante alguns minutos, através da abertura na tenda, para a noite pálida de agosto, erguendo-se apenas o bastante para se perguntar pelo que o teria despertado. Havia nesses ares claros e cortantes das florestas canadenses um soporífico tão potente quanto qualquer droga. Campbell jazeu imóvel por um momento, atravessando de volta, lentamente, as fronteiras deliciosas do sono, consciente de uma agradável fadiga, uma sensação incomum de músculos bem usados - repouso, após a labuta, na noite doce e clara da floresta.

Voluptuosamente, enquanto sua mente afundava de novo no esquecimento, ele pensou mais uma vez que três longos meses de liberdade o aguardavam - libertação das cidades e da monotonia, libertação do magistério e da universidade e dos estudantes sem quaisquer resquícios de interesse pela geologia com a qual ele ganhava seu sustento buzinando-a todos os dias em seus ouvidos obstinados. Libertação do...

Súbito, a deliciosa sonolência se despedaçou à sua volta. Lá fora, em algum lugar, um som de lata batendo contra lata invadiu sua paz. George Campbell se ergueu de um salto e apanhou a lanterna. Então sorriu e baixou-a outra vez, forçando os olhos através da fraca luminosidade noturna para constatar que, lá fora, um animalzinho negro e anônimo da noite vagueava em meio aos vasilhames caídos. Ele esticou um braço

comprido e buscou uma pedra em frente à porta da tenda para jogar. Seus dedos se fecharam em torno de uma pedra grande, e ele recuou a mão no movimento de lançar.

Mas nunca a lançou. A coisa que encontrara na noite era bastante estranha. Quadrada, lisa como cristal, obviamente artificial, com as arestas arredondadas. A estranheza das superfícies da rocha em seus dedos era tão notória que ele apanhou de novo a lanterna e acendeu a luz sobre o objeto que tinha nas mãos.

Toda a sonolência se esvaiu quando ele observou o que tinha encontrado ao tatear distraidamente na escuridão. Era transparente como cristal de rocha aquele cubo esquisito e polido. Quartzo, sem dúvida alguma, mas não na sua forma hexagonal cristalizada, como é comum. De alguma maneira - ele não podia imaginar o método -, tinha sido esculpida em forma de um cubo perfeito, com as faces desgastadas de cerca de quatro polegadas. Pois estava incrivelmente desgastado. O cristal, bastante duro, tornara-se arredondado até que seus cantos quase desaparecessem e a coisa começasse a assumir os contornos de uma esfera. Eras e eras de desgaste, anos quase incontáveis deviam ter transcorrido sobre aquela coisa estranha e clara.

Mas o mais curioso era aquela forma que ele podia entrever obscuramente no coração do cristal. Pois incrustado no centro havia um pequeno disco feito de uma substância clara e desconhecida, com alguns caracteres entalhados sobre a superfície que o cristal recobria. Caracteres em forma de cunha, a evocar vagamente a escrita cuneiforme.

George Campbell franziu o cenho e, perplexo, observou de perto o pequeno enigma que tinha nas mãos. Como uma coisa daquelas podia ter sido incrustada dentro do puro cristal? Uma lembrança remota de antigas lendas que diziam ser o cristal de quartzo gelo que se solidificara demais a ponto de não poder derreter novamente flutuou em sua mente. Gelo - e caracteres cuneiformes - sim, não tinha esse tipo de escrita se originado entre os sumérios, os quais vieram do norte nos remotíssimos começos da história para se estabelecer no vale da Mesopotâmia primitiva? Então, retomou o controle sobre seus sentidos e sorriu. O quartzo, por certo, tinha se formado nos períodos geológicos mais primários, quando não havia nada em parte alguma além de impactos e rochas empilhadas. O gelo não

viria senão dezenas de milhões de anos depois de aquela coisa ter se formado.

E, no entanto, aquela escrita... Feita à mão, certamente, embora os caracteres não fossem familiares a não ser pela vaga sugestão das notações cuneiformes. Ou poderia ter havido, no mundo paleozóico, coisas capazes de linguagem e em condições de gravar aquelas cunhas intrigantes sobre o disco no centro do quartzo? Ou... Poderia uma coisa daquelas ter caído lá do espaço, como um meteoro, sobre o rochedo informe de um mundo ainda não solidificado? Poderia...

Então ele se conteve e sentiu seus ouvidos arderem sob as imprecisões de sua própria imaginação. O silêncio e a solidão e a estranha coisa em suas mãos estavam conspirando para pregar peças em seu senso de realidade. Ele deu de ombros e depositou o cristal na beirada do colchão, apagando em seguida a luz. Talvez a manhã e uma cabeça fresca pudessem trazer-lhe uma resposta para as questões que agora lhe pareciam insolúveis.

Mas o sono não veio facilmente. Por uma coisa, ele percebeu, quando apagou a luz: era que o pequeno cubo tinha brilhado por um momento, como se contivesse luz própria, antes de se desvanecer na escuridão circundante. Ou talvez ele estivesse errado. Talvez tivessem sido apenas os seus olhos ofuscados que deram a impressão de ver a luz desaparecer devagar, bruxuleando nas entranhas enigmáticas do objeto com uma persistência esquisita.

Ele permaneceu ali, inquieto, por um longo tempo, a revolver e a revolver em sua mente essas perguntas sem resposta. Havia alguma coisa no cubo de cristal que, para além de um passado imensurável - talvez da aurora mesma de toda história -, propunha um desafio que não o deixaria dormir.

[**A. Merritt**]

Permaneceu ali, pareceu-lhe, durante horas. Sua mente fora capturada pela luz hesitante, pela luminescência que se mostrara tão relutante em desaparecer. Era como se alguma coisa no coração do cubo

tivesse despertado, se mexesse preguiçosamente, se tornasse subitamente alerta... e começasse a observá-lo.

Pura fantasia, tudo isso. Ele se agitou, impaciente, e acendeu a luz sobre o relógio. Perto de uma hora; três horas mais, e já seria manhã. O facho baixou e caiu sobre o morno cubo de cristal. Ele o manteve em foco por alguns minutos. Então o tomou e o observou.

Não havia dúvidas agora. Quando seus olhos se acostumaram à escuridão, ele viu que o estranho cristal brilhava com diminutas luzes furtivas em seu interior, como se fossem fios de relâmpagos safirinos. Estavam bem no centro e pareceram-lhe provir do disco pálido com suas gravações perturbadoras. E o disco ele mesmo começava a crescer... as marcações mudando de forma... O cubo estava crescendo... Seria uma ilusão gerada pelos pequeninos relâmpagos?...

Ouviu um som. Era quase o fantasma de um som, tais como os fantasmas de cordas de harpas tangidas por dedos fantasmais. Ele se curvou mais. Provinha do cubo...

Havia um vagido na vegetação rasteira, uma agitação de corpos e um lamento agonizante, tal como o de uma criança que nasce e que logo se cala. Alguma pequena tragédia de selvageria -matador e presa. Ele deu alguns passos em direção ao bulício, mas não pôde ver nada. Tomou de novo a lanterna e iluminou a tenda. Sobre o solo havia uma pálida cintilação azulada. Era o cubo. Ele se abaixou para apanhá-lo; então, obedecendo a um aviso obscuro, retirou de volta a mão.

E de novo ele viu: o brilho decaía. Os pequenos raios cor de safira brilhavam intermitentemente, recuando de volta para o disco de onde tinham vindo. Não havia nenhum som.

Ele se sentou, observando a luminescência aumentar e diminuir, aumentar e diminuir, mas cada vez se tornando mais turva. Ocorreu-lhe que seriam necessários dois elementos para produzir o fenômeno. O próprio raio elétrico e a sua atenção absorta. Sua mente devia viajar ao longo do brilho, prender-se no coração do cubo, cuja pulsação oscilava, até que... O quê?

Ele sentiu um arrepio de vida, como se proveniente do contato com alguma coisa alienígena. Era alienígena, ele sabia, não vinha desta Terra.

Não da vida desta Terra. Ele conteve um tremor, apanhou o cubo e o levou para dentro da tenda. Não era quente nem frio; a não ser pelo peso, ele não teria consciência de o estar segurando. Colocou-o sobre a mesa, mantendo o facho da lanterna desviado dele; então foi até a porta da tenda e fechou o cortinado.

Retornou à mesa, puxou a cadeira de acampamento, e assestou o facho diretamente sobre o cubo, dirigindo-o o máximo que pôde para o seu centro. Dirigiu toda a sua vontade, toda a sua concentração, por meio dele, enfocando a vontade e a vista sobre o disco tal como fizera com a luz.

Como se obedecendo a um comando, os relâmpagos safirinos explodiram. Saltaram do disco para o corpo do cubo de cristal; em seguida ricochetearam de volta, banhando todo o disco e as gravações. De novo essas ultimas começaram a se transformar, mudando, movendo-se, avançando e recuando sob a claridade azul. Não eram mais cuneiformes. Eram coisas - objetos.

Ouviu a música murmurante, o dedilhar de cordas de harpa. O som se tornou mais e mais alto, e agora todo o corpo do cubo vibrava ao ritmo delas. As faces do cristal começaram a amolecer, tornando-se nebulosas, como se formadas de uma névoa de diamantes. E o próprio disco estava crescendo. - as formas mudando, dividindo-se e multiplicando-se, como se alguma porta tivesse sido aberta e multidões de fantasmas entrassem por elas. Mais e mais brilhante se tornava a pulsação da luz.

Ele sentiu um pânico repentino, tentou desviar sua vista e sua vontade, deixou cair a lanterna. O cubo não precisava mais do facho... e ele não podia se esquivar... não podia se esquivar? Ora, ele mesmo estava a ser sugado por aquele disco que era agora um globo dentro do qual dançavam formas inomináveis ao som de uma música que banhava o globo com um brilho constante.

Não havia tenda. Havia apenas uma vasta cortina de névoa cintilante atrás da qual refulgia o globo... Ele se sentiu mergulhar na névoa, tragado por ela como por um vento forte - mergulhar diretamente no globo.

[**H. P. Lovecraft**]

Quando a luz nevoenta dos sóis azulados se tornou mais intensa, os contornos do globo oscilaram à frente e se dissolveram num caos pululante. Seu palor e seu movimento e sua música - tudo se misturou numa névoa envolvente, dando-lhe uma cor pálida de aço e imprimindo-lhe um movimento ondulante. E os sóis de safira, também, se derreteram imperceptivelmente numa infinidade acinzentada de pulsações disformes.

Ao mesmo tempo, a sensação de avançar para a frente e para fora se tornou intolerável, incrível e cosmicamente rápida. Qualquer padrão de velocidade conhecido na Terra pareceria menor, e Campbell compreendeu que um vôo desses na realidade física significaria morte instantânea para qualquer ser humano. Tal como era - nessa hipnose estranha e infernal de pesadelo -, a impressão quase visual de ser arremessado como um meteoro quase paralisava a mente. Conquanto não houvesse pontos reais de referência no vazio cinzento e pulsante, ele sentiu que estava se aproximando da velocidade da luz e mesmo ultrapassando-a. Finalmente sua consciência sucumbiu, e uma treva benfazeja engoliu tudo.

Foi muito subitamente, e em meio à escuridão mais impenetrável, que os pensamentos e as idéias de George Campbell se recompuseram. Quantos momentos - ou anos - ou eternidades - tinham se passado desde sua queda através do vazio cinzento ele não podia estimar. Sabia apenas que parecia estar imóvel e sem dores. Com efeito, a ausência de toda sensação física era a qualidade mais evidente em sua situação. Fazia até a escuridão parecer menos compactamente escura, sugerindo que ele era mais uma inteligência desencarnada num estado para além das sensações físicas do que uma criatura corpórea cujos sentidos tivessem sido privados de seus objetos costumeiros de percepção. Ele podia pensar aguda e rapidamente - quase sobrenaturalmente -, sem no entanto formar qualquer idéia acerca de sua situação.

Meio por instinto, reparou que não estava mais em sua tenda. Decerto, devia ter despertado lá de um pesadelo para um mundo igualmente escuro, porém sabia que não era isso. Não havia nenhuma cama de acampamento debaixo dele; ele não tinha mãos para sentir os cobertores ou a superfície da lona - nenhuma abertura através da qual pudesse vislumbrar a noite pálida lá fora... Alguma coisa estava errada, medonhamente errada.

Recuando em seus pensamentos, reviu o cubo fluorescente que o tinha hipnotizado e tudo o que se seguira. Compreendera que sua mente estava indo, mas não fora capaz de retornar. No último momento houvera um medo pânico e perturbador, um medo subconsciente para além mesmo daquele causado pela sensação do vôo demoníaco. Tinha vindo de alguma vaga recordação momentânea ou remota - o quê, ele não pôde dizer de imediato. Um grupo de células na parte de trás de sua cabeça parecera descobrir uma qualidade nebulosamente familiar no cubo, e essa familiaridade vinha carregada de um sombrio terror. Agora ele tentava lembrar por que a familiaridade e o terror.

Aos poucos lhe ocorreu. Certa vez, há muito tempo, em conexão com seu trabalho de geólogo, lera a respeito de qualquer coisa parecida com esse cubo. Tinha a ver com aqueles discutíveis e inquietantes fragmentos de argila chamados de os Cacos de Eltdown, escavados de estratos pré-carboníferos no sul da Inglaterra havia trinta anos. Sua forma e inscrições eram tão inusitadas que alguns especialistas sugeriram artificialidade, fazendo as mais desvairadas conjeturas acerca de sua origem. Provinham, por certo, de um tempo em que os seres humanos ainda não existiam no globo - mas seus contornos e aspectos eram terrivelmente intrigantes. Foi assim que receberam tal nome.

Não foi, contudo, nos escritos de algum cientista sisudo que Campbell vira essa referência a um globo de cristal contendo um disco. A fonte era bem menos respeitável e infinitamente mais vívida. Por volta de 1912 um clérigo de Sussex, profundo conhecedor de assuntos ligados ao ocultismo - o reverendo Arthur Brooke Winters-Hall -, alegara ter identificado as gravações nos Cacos de Eltdown com os assim chamados "hieróglifos pré-humanos" tão insistentemente encarecidos e esotericamente manueseados em certos círculos místicos, e publicara a expensas próprias o que dizia ser uma "tradução" das desconcertantes "inscrições" primais - uma "tradução" ainda freqüente e seriamente citada por escritores ocultistas. Nessa "tradução" - uma brochura surpreendentemente longa se comparada ao número limitado dos "cacos" existentes - é que aparecia a narrativa, de autoria supostamente pré-humana, na qual figurava a presente referência assustadora.

Segundo a história, habitava um mundo - e, provavelmente, incontáveis outros mundos - do espaço exterior uma ordem de poderosas

criaturas em forma de vermes, cujos conhecimentos e cujo controle da natureza ultrapassavam tudo o que a imaginação terrestre poderia conceber. Bem cedo tinham dominado a arte das viagens interestelares e assim povoaram cada planeta habitável em sua própria galáxia - exterminando as raças que encontravam.

Para além dos limites de sua própria galáxia - que não era a nossa - não podiam navegar em pessoa, mas em sua busca de conhecimento através do espaço e do tempo descobriram uma maneira de abrir certos atalhos intergaláticos com suas próprias mentes. Confeccionavam objetos peculiares - cubos estranhamente energizados de um cristal peculiar contendo talismãs hipnóticos e protegidos por envelopes esféricos, resistentes ao espaço, feitos de uma substância desconhecida - que podiam ser expelidos para além dos limites de seu universo e que só reagiriam à atração de matéria sólida e fria.

Esses objetos, alguns dos quais pousariam necessariamente em vários mundos habitados nos universos exteriores, formavam as pontes etéreas necessárias para a comunicação mental. A fricção atmosférica incendiaria a cápsula protetora, expondo o cubo e deixando-o sujeito a ser descoberto por mentes inteligentes do mundo onde caísse. Por sua natureza intrínseca, o cubo atrairia e fixaria a atenção. Isso, conjugado com a ação da luz, era suficiente para colocar em ação as suas propriedades especiais.

A mente que notasse o cubo seria tragada para dentro dele pela força do disco e seria enviada através de um fio de energia obscura para o lugar de onde o cubo viera, o mundo remoto dos exploradores espaciais em forma de vermes, atravessando estupendos abismos entre as galáxias. Recebida numa das máquinas com a qual o cubo estivesse sintonizado, a mente capturada permaneceria suspensa sem corpo ou sentidos até que fosse examinada por alguém da raça dominadora. Então seria, por um processo obscuro de intercâmbio, esvaziada de todo o seu conteúdo. A mente do explorador poderia agora ocupar a estranha máquina, enquanto a mente cativa ocuparia o corpo vermicular do explorador. Em seguida, num outro intercâmbio, a mente do explorador saltaria através dos espaços ilimitados para o corpo vazio e inconsciente do cativo no mundo transgalático, animando o hospedeiro alienígena na medida do possível e explorando o novo mundo na forma de um de seus naturais.

Finda a exploração, o aventureiro usaria o cubo e seu disco para realizar o retorno, e às vezes a mente capturada seria devolvida intacta ao seu mundo distante. Nem sempre, porém, a raça dominadora era tão generosa. Às vezes, quando uma raça potencialmente importante e capaz de realizar viagens espaciais era encontrada, o povo vermicular usaria o cubo para capturar e aniquilar mentes aos milhares e extirparia assim a raça por razões diplomáticas, usando as mentes exploradoras como agentes de destruição.

Noutros casos, seções do povo vermicular ocupariam permanentemente o planeta transgalático, destruindo as mentes capturadas e dizimando os habitantes remanescentes em condições de ocupar corpos alienígenas. Nunca, entretanto, poderia a raça mãe ser duplicada em tais casos, desde que o novo planeta não conteria todos os materiais necessários para as realizações do povo vermicular. Os cubos, por exemplos, só podiam ser feitos no planeta lar.

Apenas alguns dos inumeráveis cubos lançados chegavam eventualmente a pousar e a encontrar resposta num mundo habitado, desde que não havia tal coisa como *direcioná-los* para metas além da visão e do conhecimento. Apenas três, dizia a história, teriam alguma vez pousado em mundos habitados deste nosso universo particular. Um deles teria alcançado um planeta na periferia da galáxia há dois milhares de bilhões de anos, enquanto outro aterrissara há três bilhões de anos num mundo próximo ao centro da galáxia. O terceiro - e o único que se sabe ter alguma vez entrado no sistema solar - alcançou nossa própria Terra há certa de cento e cinqüenta milhões de anos.

Era principalmente desse último que a "tradução" do doutor Winters-Hall tratava. Quando o cubo atingiu a terra, escreveu ele, a espécie terrestre dominante era uma raça de seres enormes, em forma de cones, que ultrapassavam todas as anteriores ou posteriores em realizações e inteligência. Essa raça era tão avançada que teria de fato enviado mentes ao exterior, através do tempo e do espaço, para explorar o cosmo, tendo tomado consciência do que acontecera quando o cubo caiu do céu e certos indivíduos sofreram transformações mentais ao olharem para ele.

Certos de que os indivíduos modificados representavam mentes invasoras, os líderes da raça os destruíram, mesmo ao preço de terem

deixado as mentes desalojadas em exílio no espaço alienígena. Haviam tido experiência mesmo com transições mais estranhas. Quando, mediante uma exploração mental do espaço e do tempo, formaram uma idéia aproximada do que era o cubo, eles cuidadosamente isolaram a coisa da luz e da vista, considerando-a uma ameaça. Não quiseram destruir uma coisa tão rica em possibilidades de experimentação posterior. De vez em quando, furtivamente, algum aventureiro afoito e inescrupuloso obteria acesso a ele e testaria seus poderes perigosos, a despeito das conseqüências, mas todos esses casos foram descobertos e tratados com segurança e drasticamente.

Dessas intrusões malignas o único resultado mau foi que a distante raça vermicular descobriu, a partir dos novos exilados, o que aconteceu com seus exploradores na Terra e tomaram um ódio violento pelo planeta e por todas as suas formas de vida. E o teriam despovoado, se pudessem, tendo mesmo enviado cubos adicionais através do espaço na esperança malsã de atingi-lo acidentalmente em locais desguarnecidos, mas tal evento jamais aconteceu.

As criaturas terrestres em forma de cone mantiveram o único cubo existente guardado num santuário especial, como uma relíquia e uma base para experimentos, até que, depois de eras, ele se perdeu em meio ao caos da guerra e da destruição da grande cidade polar onde era mantido. Quando, há cinqüenta milhões de anos, os seres enviaram suas mentes através do futuro infinito com o intuito de evitar o perigo inominável do interior da terra, o paradeiro do cubo sinistro proveniente do espaço se tornou desconhecido.

Tudo isso, de acordo com o erudito ocultista, constava dos Cacos de Eltdown. O que agora tornava o relato tão furtivamente amedrontador para Campbell era a minúcia e a exatidão com que o cubo alienígena fora descrito. Todos os detalhes eram dados: dimensões, consistência, o disco central com os hieróglifos, os efeitos hipnóticos. Enquanto matutava no assunto em meio às trevas de sua estranha situação, começou a se perguntar se toda a sua experiência com o cubo de cristal - de fato, a própria existência do mesmo - não seria apenas um pesadelo despertado por alguma caprichosa lembrança subconsciente dessa velha peça de literatura extravagante e charlatã. Se fosse assim, o pesadelo devia estar

em andamento, já que seu presente estado de desincorporação nada tinha de normal.

Quanto tempo durou essa rememoração e essa reflexão confusa Campbell não saberia dizer. Tudo em seu estado era tão irreal que as dimensões e mensurações ordinárias se tornaram sem sentido. Pareceu uma eternidade, mas talvez não tivesse demorado tanto, até que aconteceu a primeira e brusca interrupção. O que ocorreu foi tão estranho e inexplicável quanto a escuridão que veio antes. Houve uma sensação - mais da mente do que do corpo -, e subitamente Campbell sentiu que seus pensamentos eram varridos ou sugados, de uma maneira tumultuada e caótica, para fora de seu controle.

Lembranças fluíram desordenadas e confusas. Tudo o que ele sabia - todo o seu passado pessoal, tradições, experiências, conhecimento, sonhos, idéias e inspirações - se escoou abruta e simultaneamente, com uma velocidade estonteante e uma abundância que em breve o tornou incapaz de seguir o fio de cada conceito separado. O desfile de todos os seus conteúdos mentais tornou-se uma avalanche, uma cachoeira, um vórtice. Era tão horrível e vertiginoso quanto seu vôo hipnótico através do espaço quando o cubo de cristal o atraiu. Finalmente, esvaziou sua consciência e trouxe o puro esquecimento.

Outro vazio imensurável - e então um lento ressurgir das sensações. Desta vez era físico, não mental. Luz azulada, e um som lento e distante. Havia impressões táteis; ele podia sentir que estava deitado sobre alguma coisa, embora houvesse uma atordoadora estranheza no sentimento dessa postura. Ele não podia conciliar a pressão da superfície de apoio com os seus próprios contornos - ou com os contornos de uma forma humana. Tentou mover os braços, mas não obteve resposta definida a essa tentativa. Em vez disso, havia pequenas e ineficazes contrações nervosas por toda a área que parecia ser o seu corpo.

Tentou abrir mais os olhos, mas descobriu-se incapaz de controlar o seu mecanismo. A luz azulada chegava de um modo difuso, nebuloso e não podia ser em parte alguma enfocada voluntariamente e com definição. Gradualmente, porém, imagens visuais indecisas e peculiares começaram a se formar. Os limites e características da visão não eram aqueles com os quais estava acostumado, mas ele podia relacionar vagamente a sensação com o que conhecera como sendo a visão. Quando tal sensação

atingiu certo grau de estabilidade, Campbell notou que ainda devia estar a viver as agonias de um pesadelo.

Parecia estar num cômodo de extensão considerável - de altura mediana, mas com uma área bastante ampla. Em cada face - e era como se ele pudesse ver todas as faces ao mesmo tempo -havia fendas altas e estreitas que sugeriam portas e janelas combinadas. Havia mesas baixas e pedestais singulares, mas nenhuma mobília de natureza ou proporções normais. Através das fendas jorravam cascatas de luz safirina, e para além delas se podiam ver, nebulosamente, as faces e os telhados de edifícios fantásticos parecidos com cubos empilhados. Nas paredes - nos painéis verticais que havia entre as fendas - viam-se estranhas inscrições de caracteres desconhecidos e inquietantes. Demorou um pouco para Campbell descobrir por que o perturbavam tanto - e então ele viu que eram, repetidos em certos aspectos, precisamente iguais a alguns dos hieróglifos do disco no cubo de cristal.

O verdadeiro elemento de pesadelo foi, porém, algo mais do que isso. Começou com a coisa viva que de repente entrou por uma das fendas, avançando decididamente em sua direção e segurando uma caixa de metal de proporções bizarras e superfícies vítreas e espelhadas. Pois tal coisa não tinha nada de humana - nada de terrena -, nem mesmo nada de algum mito ou sonho humano. Era um verme ou centopéia gigantesca, de cor cinzenta clara, com a largura de um homem e o comprimento de dois, exibindo uma cabeça em forma de disco, aparentemente destituída de olhos, guarnecida de cílios e com um orifício central avermelhado. Deslizava sobre seus pares de patas traseiras. Ao longo de sua espinha dorsal havia um curioso pente arroxeado e uma cauda em leque formada por um tipo de membrana cinzenta que arrematava o todo grotesco. Havia um anel de pontas vermelhas e flexíveis em torno ao seu pescoço, e das contorções dessas pontas provinham estalidos e zunidos num ritmo medido e deliberado.

Aqui, de fato, estava o pesadelo em sua quintessência - a fantasia caprichosa em seu ápice. Mas não foi ainda essa visão de delírio que fez com que George Campbell tombasse outra vez na inconsciência. Houve uma outra coisa - um toque final, insuportável - que o levou a isso. Quando o inominável verme avançou com sua caixa iridescente, o homem deitado captou, na superfície espelhada, um vislumbre do que deveria ser

o seu próprio corpo. No entanto -horrivelmente consciente de suas sensações desordenadas e desconhecidas - não era de todo o seu próprio corpo que ele viu refletido no metal polido. Era, em vez disso, o aspecto asqueroso, cinza pálido, de uma das grandes centopéias.

[**Robert E. Howard e Frank Belknap Long**]

Desse ultimo mergulho na inconsciência ele emergiu com um entendimento pleno de sua situação. Sua mente estava aprisionada no corpo de um dos amedrontadores nativos do planeta alienígena, enquanto, em alguma parte do outro lado do universo, seu próprio corpo hospedava a personalidade do monstro.

Ele teve de superar um terror irracional. Olhada de um ponto de vista cósmico, por que sua metamorfose deveria causar-lhe horror? A vida e a consciência eram as únicas realidades do universo. A forma não importava. Seu corpo atual era hediondo apenas para os padrões terrestres. O medo e a repulsa afogaram-se na excitação de uma aventura titânica.

O que era o seu corpo anterior senão um invólucro, que a morte um dia lançaria fora de qualquer maneira? Ele não tinha ilusões sentimentais sobre a vida da qual tinha sido exilado. O que lhe dera ela senão trabalho, pobreza, frustração contínua e repressão? Se esta vida que o aguardava não lhe oferecesse mais, pelo menos não lhe oferecia menos. A intuição lhe dizia que oferecia mais - muito mais.

Com a honestidade que se torna possível apenas quando a vida é desnudada até os seus fundamentos, teve consciência de que se lembrava com prazer apenas das delícias físicas de sua vida anterior. Mas há muito elejá havia exaurido todas as possibilidades físicas contidas naquela vida terrena. Esgotaram-se os estímulos da Terra. Mas na impressão deste corpo novo e alienígena ele pressentia as promessas de deleites estranhos e exóticos.

Uma exultação selvagem o invadiu. Ele era um homem sem mundo, livre de todas as convenções ou inibições da Terra ou deste planeta estranho, livre no universo de todo recalque artificial. Ele era um deus! Com grande satisfação, pensou em seu velho corpo a se mover entre os

negócios e a sociedade na Terra, com um monstro alienígena a olhar através das janelas que eram os olhos de George Campbell para pessoas que fugiriam dele se soubessem.

Que ele caminhasse pela Terra e matasse e destruísse à vontade. A Terra e suas raças não tinham mais qualquer significado para George Campbell. Lá ele tinha sido apenas uma entre bilhões de não-entidades, fixada em seu lugar por uma acumulação montanhosa de convenções, leis e costumes, fadada a viver e a morrer em seu sórdido nicho. Mas num salto cego ele se elevara acima da realidade comum. Isto não era a morte, mas um renascimento - o nascimento de uma mentalidade amadurecida, dona de uma liberdade recém-descoberta que pouco se importava com o cativeiro físico em Yekub.

Sobressaltou-se. Yekub! Era o nome deste planeta, mas como ele soubera? Então ele sabia, tal como sabia o nome daquele cujo corpo agora ocupava: Tothe. A memória, inscrita profundamente no cérebro de Tothe, brotava nele como sombras do conhecimento que Tothe possuía. Gravadas bem fundo nos tecidos físicos do cérebro, falavam obscuramente, como instintos implantados, a George Cambell, e sua consciência física se apoderava deles e os traduzia para mostrar-lhe o caminho não apenas para a segurança e a liberdade, mas para o poder a que sua alma - lavada de seus impulsos primitivos - aspirava. Não viveria como um escravo em Yekub, mas como um rei! Tal como os bárbaros antigos tinham se sentado no trono de impérios senhoriais.

Pela primeira vez voltou sua atenção para os arredores. Ainda estava deitado sobre aquela espécie de colchão no meio daquele cômodo fantástico, e o homem-centopéia estava à sua frente, segurando o objeto de metal polido e estalando as pontas em seu pescoço. Desse modo ele falava, Campbell sabia, compreendendo de algum modo o que era dito, por meio dos processos de pensamento herdados de Tothe, enquanto descobria que a criatura era Yukth, senhor supremo da ciência.

Mas Campbell não deu ouvidos, pois tinha feito seu plano desesperado, um plano tão inusitado para os costumes de Yekub que estaria além da compreensão de Yukth, pegando-o totalmente despreparado. Yukth, tal como Campbell, via o fragmento de metal pontiagudo numa mesa próxima, mas para Yukth era apenas um instrumento científico. Sequer sabia que poderia ser usado como uma

arma. A mente terrestre de Campbell forneceu o saber e a ação que se seguiu, levando o corpo de Tothe a fazer movimentos que nenhum homem de Yekub jamais fizera antes.

Cambell arrebatou a lasca pontuda e atacou, cortando brutalmente para cima. Yukth recuou e tombou; suas entranhas jorraram para o piso. Num instante, Campbell já deslizava para a porta. Sua velocidade era espantosa, exultante, primeiro cumprimento da promessa de novas sensações físicas.

Enquanto corria, guiado inteiramente pelo conhecimento instintivo implantado nos reflexos físicos de Tothe, era como se ele fosse sustentado em suas patas por uma consciência particular. O corpo de Tothe o transportava através de uma via que fora percorrida milhares de vezes antes, quando animado pela mente de Tothe.

Correu por um corredor sinuoso, subiu por uma escada, atravessou uma porta, e os mesmos instintos que o tinham levado ali lhe diziam que encontrara o que procurava. Descobriu-se num recinto circular, com um teto abobadado do qual jorrava uma luz lívida e azulada. Uma estranha estrutura se erguia no meio do piso de cores irisadas, camada sobre camada, cada qual de uma cor diferente e vívida. A última camada era um cone púrpura, de cujo ápice subia uma névoa azul em direção a uma esfera que pairava no ar - uma esfera que brilhava como se fosse marfim translúcido.

Isso, diziam as memórias gravadas de Tothe a Campbell, era o deus de Yekub, conquanto a razão pela qual o povo de Yekub o temia e o reverenciava tivesse sido esquecida há milhões de anos. Um verme-sacerdote se achava entre ele e o altar que nenhuma mão ou carne jamais haviam tocado. Tocá-lo seria uma blasfêmia que nunca, em tempo algum, ocorrera a qualquer habitante de Yekub. O verme-sacerdote jazeu paralisado de horror até que o fragmento de metal de Campbell lhe arrancasse a vida.

Com suas pernas de centopéia, Campbell galgou as camadas do altar, indiferente aos seus estremecimentos súbitos, indiferente à transformação que começou a ocorrer na esfera flutuante, indiferente à fumaça que agora se acumulava em nuvens azuis. A sensação de poder o embriagava. Não temia as superstições de Yekub mais do que temia as

da terra. Com aquele globo nas mãos, ele se tornaria rei de Yekub. Os homens-vermes não se atreveriam a lhe negar coisa alguma quando se tivesse apoderado de seu deus. Ergueu uma mão até a esfera - não mais da cor de marfim, mas vermelha como sangue...

[**Frank Belknap Long**]

O corpo de George Campbell saiu da tenda para a noite pálida de agosto. Movia-se de maneira lenta e trêmula em meio aos vultos de enormes árvores, caminhando por uma senda na floresta recoberta por folhas de pinheiro docemente aromáticas. O ar era seco e frio. O céu era uma tigela invertida de prata gelada, salpicada de pontos brilhantes, e à distância, ao norte, a aurora boreal estendia faixas de fogo.

A cabeça do caminhante oscilava grotescamente para um lado e para o outro. Dos cantos de sua boca semiaberta escorriam grossos fios de espuma ambarina, a qual estremecia na brisa noturna. Ele caminhou ereto a princípio, como um homem caminharia, mas gradualmente, à medida que a tenda desapareceu, sua postura se modificou. Seu torso começou quase imperceptivelmente a vergar-se, e seus membros a encurtar.

Num distante mundo do espaço exterior, a criatura centípede que era George Campbell estreitava ao peito um deus cuja cor era vermelha como sangue e atravessava, contorcendo-se como um inseto, um salão irisado e, através de maciços portais, saía para a luz brilhante de sóis alienígenas.

Perambulando por entre as árvores da Terra numa atitude que sugeriria o trotar de um animal, o corpo de George Campbell se encaminhava para um destino irracional. Longos dedos terminando em garras arrastavam folhas do tapete de olorosas agulhas de pinheiro, enquanto avançava em direção a uma vasta extensão de água iluminada.

No distante mundo extragalático do povo de vermes, George Campbell se movia por entre blocos ciclópicos de alvenaria negra, descendo por longas avenidas guarnecidas de samambaias, enquanto segurava o deus vermelho e redondo.

Houve um grito áspero de animal em meio à vegetação perto do lago iluminado na Terra, onde a mente de uma criatura vermicular ocupava

um corpo que se movia por instinto. Dentes humanos cravaram-se em macio pêlo animal, rasgaram carne de animal preto. Uma pequena raposa prateada meteu suas garras, numa retaliação frenética, num pulso humano coberto de pele e se debateu aterrorizada, enquanto seu sangue jorrava. Lentamente, o corpo de George Campbell se levantou, a boca manchada pelo sangue fresco. Com os membros superiores agitando-se de um modo estranho, caminhou para as águas do lago.

Enquanto a criatura multiforme que era George Campbell rastejava por entre os blocos negros de pedra, milhares de formas vermiculares se prostraram na névoa cintilante que o precedia. Um poder divino parecia emanar do seu corpo rastejante quando se movia com um movimento lento e ondulante em direção ao trono de um império espiritual que transcenderia todas os potentados da terra.

Um caçador exausto, vagueando por entre as densas florestas da Terra próximo à tenda onde a criatura vermicular ocupara o corpo de George Campbell, veio até as águas iluminadas do lago e discerniu qualquer coisa a boiar ali. Tinha estado perdido na floresta durante toda a noite, e o cansaço já o cobria como uma capa de chumbo sob a luminosidade pálida da lua.

Mas a forma era uma provocação que ele não podia ignorar. Achegando-se à margem, ele se ajoelhou sobre o solo úmido e esticou o braço em direção ao volume flutuante. Lentamente, puxou-o para a terra.

Ao longe, no espaço infinito, a criatura em forma de verme que segurava o deus brilhante e vermelho subia ao trono que luzia como a constelação de Cassiopéia sob uma abóbada de hiper-sóis. A grande deidade que ele segurava no alto energizava seu corpo vermicular, queimando num fogo branco de espiritualidade ultramundana os últimos vestígios de animalidade.

Na Terra, o caçador olhou com horror indizível para a face enegrecida e peluda do afogado. Era uma face bestial, de contornos repulsivamente antropóides, e de sua boca retorcida e deformada escorria uma baba escura.

"Aquele que buscou o seu corpo nos abismos do tempo ocupará uma habitação incontrolável", disse o deus vermelho. "Ninguém que nasceu em Yekub pode dominar o corpo de um humano.

"Em toda a Terra, criaturas vivas se submetem umas às outras, e se regalam com indescritível crueldade sobre os seus próprios parentes. Nenhuma mente-verme pode controlar um bestial corpo humano quando este decide se libertar. Apenas as mentes dos homens, instintivamente condicionadas através de dez mil gerações, podem conter os instintos humanos. Seu corpo se destruirá a si mesmo na Terra, buscando o sangue de seus semelhantes, buscando a água fria onde possa chafurdar à vontade - buscando sua eventual destruição, pois o instinto de morte é mais poderoso nele do que os instintos de vida, e se destruirá a si mesmo procurando retornar à lama de onde emergiu."

Assim falou o deus vermelho e redondo de Yekub a George Campbell num longínquo segmento do contínuo espaço-temporal, enquanto este último, purgado de todo desejo humano, se sentou num trono e regeu um império de vermes mais sábia, cordial e bondosamente do que qualquer homem da Terra jamais regeu um império de homens.



Poesia e os Deuses

ERA UMA ÚMIDA e sombria noite de abril, logo após o fim da Grande Guerra, quando Márcia se descobriu sozinha com estranhos pensamentos e desejos, anseios inconfessáveis que pairavam no espaçoso escritório do século XX, para fora nas profundezas do ar, e para oeste, nos olivais distantes da Arcádia que ela vira apenas em sonhos. Entrara no quarto em abstrações, desligara os candelabros brilhantes, e agora reclinava-se num divã confortável ao lado de uma lâmpada solitária que derramava sobre a mesa de leitura um brilho verde tão tranqüilizante quando o luar quando passava pela folhagem cercando um antigo altar.

Vestida com simplicidade num vestido curto de dormir, por fora ela parecia um produto típico da civilização moderna; mas aquela noite ela sentia o golfo imensurável que separava sua alma de todo o prosaico que a cercava. Seria por causa da estranha casa onde vivia, aquele refúgio gelado onde as relações eram sempre tensas e os habitantes pouco mais que estranhos? Seria isso ou seria algum maior e menos explicável deslocamento no tempo e no espaço, por ter ela nascido muito tarde, ou muito cedo, ou muito distante dos desejos de seu espírito para jamais se harmonizar com as coisas feias da realidade contemporânea? Para dispersar o temperamento que a engolfava mais e mais a cada momento, ela pegou uma revista da mesa e procurou alguma peça suave de poesia. A poesia sempre aliviara sua mente preocupada melhor do que qualquer coisa, embora muitas coisas na poesia ela havia visto apartada da influência. Sobre as partes até mesmo dos versos mais sublimes pairava

um vapor gelado de feiúra estéril e tensão, como a poeira sobre uma vidraça através da qual se assiste a um magnífico crepúsculo.

Virando distraída as páginas da revista, como se procurando um tesouro elusivo, ela subitamente descobriu uma coisa que dispersou seu langor. Um observador poderia ter lido seus pensamentos e lhe dito que ela havia descoberto alguma imagem onírica que a levava mais perto de seu objetivo inalcançado do que qualquer imagem ou sonho que jamais tivera antes. Era apenas um pedaço de verso livre, aquele piedoso compromisso do poeta que entremeava a prosa mas a que faltava a divina melodia dos números; mas que possuía em si toda a música não-estudada dos bardos que vivem e sentem, que se agarram estáticos à beleza desvelada. Despidos de regularidade, ainda assim possuía a harmonia das palavras aladas, espontâneas, uma harmonia que fugia do formalismo, da prisão das convenções dos versos de que ela havia conhecido. Ao ler aquilo, tudo o que a cercava gradualmente desaparecia, e logo só havia sobre ela as neblinas do sonho, as purpúreas e estreladas neblinas além do tempo, onde somente os deuses e os sonhadores caminham.

A Lua sobre o Japão,

Lua branca borboleta!

Onde sonham os Budas

Ao som do cuco que chama...

As brancas asas de borboletas lunares

Flutuam nas ruas da cidade,

Calando em silêncio as lanternas inúteis

Nas mãos das meninas

A Lua sobre os trópicos,

Botão curvado de branco

Abrindo as pétalas lentamente no calor dos céus...

O ar está cheio de odores

E langorosos sons cálidos...

Uma flauta zumbe sua música de inseto para a noite

Sob a pétala lunar curvada dos céus...

A Lua sobre a China,

Lua cansada do rio do céu,

O movimento da luz nos salgueiros é como o brilho de mil peixinhos de água doce

Em águas escuras;

Os azulejos das tumbas e templos decaídos brilham como ondas,

O céu se enche de nuvens como as escamas de um dragão.

Entre as brumas do sonho a leitora gritava para as estrelas rítmicas, de seu deleite na chegada de uma nova idade da canção, um renascimento de Pã. Semicerrando os olhos, ela repetia palavras cuja melodia jazia oculta como cristais no fundo de um rio antes do amanhecer, escondidas apenas para brilharem com refulgência ao nascer do dia.

A Lua sobre o Japão Lua branca borboleta!

A Lua sobre os trópicos,

Botão curvado de branco

Abrindo as pétalas lentamente no calor dos céus.

O ar cheio de odores

E langorosos sons cálidos...

A Lua sobre a China,

Lua cansada no rio do céu...

Além das brumas coruscava divina a forma de um jovem, de capacete alado e sandálias, levando na mão um caduceu, e de uma beleza incomparável na Terra. Diante do rosto da adormecida ele três ele três vezes girou o bastão que Apolo havia lhe presenteado em troca pela concha de nove cordas da melodia, e sobre sua testa ele colocou uma coroa de louros e rosas. Então, adorando, Hermes falou:

— Ó Ninfa mais bela que as irmãs de cabelos dourados de Ciene ou que as atlantes que habitam o céu, amada de Afrodite e abençoada por Palas, descobriste de fato o segredo dos Deuses, que jazem na beleza e na canção. Ó profetisa mais adorável que a Sibilia de Cumas quando Apolo pela primeira vez a viu, tu falaste verdadeiramente da nova era, pois mesmo agora em Mênalo, Pã dorme inquieto seu sono, desejoso de acordar e ver ao seu redor as pequenas faunas com coroas de rosas e os antigos sátiros. Em sua visão divinaste o que nenhum mortal, à exceção de alguns a quem o mundo rejeita, lembraste-te: *que os Deuses nunca morrem,* mas apenas dormem o sono e sonham os sonhos de Deuses em jardins das Hespérides repletos de flores de lótus além do amanhecer dourado. E agora aproxima-se a hora de se despertar, quando o frio e a feiúra perecerão, e Zeus se sentará uma vez mais no Olimpo. Já o oceano sobre Pafos tremeu numa espuma que apenas céus antigos presenciaram antes, e à noite em Helicon os pastores ouvem estranhos murmúrios e notas semilembradas. Florestas e campos tremem ao crepúsculo com o tremeluzir de lívidas formas saltitantes, os oceanos imemoriais trazem curiosas visões sob pálidas luas. Os Deuses são pacientes, e dormiram muito, mas nem o homem nem os gigantes destruirão os Deuses para sempre. No Tártaro os Titãs se contorcem e sob o furioso Etna choramingam os filhos de Urano e Gaia. O dia agora amanhece em que o homem deverá responder por séculos de negação, mas ao dormir os Deuses se tornaram tolerantes e não o atirarão no poço criado para os degeneradores de Deuses. Ao invés disso, sua vingança acabará com a escuridão, a falácia e a feiúra que viraram a mente homem; e sob as revoluções do barbudo Saturno os mortais, uma vez mais sacrificando para ele, viverão na beleza e no deleite. Esta noite tu conhecerás o favor dos Deuses, e verás no Parnaso os sonhos que os Deuses têm há eras enviado à Terra para mostrar que não estão mortos. Pois os poetas são os sonhos dos Deuses, e a cada era alguém deve cantar, sem que o saiba, as mensagens e a promessas dos jardins de lótus, que ficam além do crepúsculo.

Então, em seus braços, Hermes levou a donzela que sonhava através dos céus. Brisas gentis das torres de Éolo os que soergueram acima de mares quentes e aromáticos, até que subitamente chegaram a Zeus, presidindo a corte sobre o Parnaso de duas cabeças, sentado em seu trono dourado flanqueado por Apolo e as Musas à sua direita, e pelo coroado Dionísio e o prazenteiro Baco à esquerda. Tanto esplendor Márcia jamais vira antes, seja acordada ou em sonhos, mas seu brilho não a feria, como teria feito a radiância do fenomenal Olimpo; pois nesta corte menor o Pai dos Deuses havia temperado suas glórias para a visão dos mortais. Ante a boca cinzelada da caverna corícia sentavam numa fileira seis nobres formas com o aspecto de mortais, mas com as posturas de Deuses. Estes a sonhadora reconheceu de imagens deles que havia visto, e sabia que não eram outros senão o divino Menides, o averno Dante, o mais que mortal Shakespeare, o explorador do caos Milton , o cósmico Goethe e o musófilo Keats . Aqueles eram os mensageiros que os Deuses haviam enviado para dizer aos homens que Pã não havia morrido, mas apenas dormia; pois é na poesia que os Deuses falam aos homens. Então falou o Trovão:

— Ó filha — pois, sendo uma da minha interminável linhagem, és de fato minha filha — olha os tronos de marfim e honra os augustos mensageiros que os Deuses enviaram para que nas palavras e nos escritos dos homens possa ainda haver traços de beleza divina. Outros bardos têm homens justamente coroados com lauréis que duram, mas estes Apolo coroou, e estes eu pus em lugares apartados, como mortais que falaram a linguagem dos Deuses. Muito sonhamos nos jardins de lótus além do Oeste, e falamos apenas em nossos sonhos; mas chega a hora em que nossas vozes não mais ficarão silentes. É um tempo de despertar e de mudança. Uma vez mais Faeton voa baixo, segando os campos e secando os rios. Na Gália, ninfas solitárias com cabelos em desordem choram ao lado de fontes que não existem mais, e inclinam-se defronte de rios vermelhos como o sangue dos mortais. Ares e seu trem avançaram com a loucura dos Deuses e retornaram Fobos e Deimos glutões com desejo antinatural. As luas de Telus com lamento e as faces dos homens são como as faces de Erínies, mesmo quando Astréia voou para as estrelas, e as ondas de nossas preces abrangia toda a Terra, salvo este alto pico. Entre esses caos, preparado para anunciar sua vinda mas escondendo sua chegada, mesmo agora aqui se encontra nosso mensageiro mais novo, e em cujos sonhos estão todas as imagens que outros mensageiros sonharam

antes dele. Ele é o que escolhemos para reunir um todo glorioso toda a beleza que o mundo já conheceu antes, e para escrever palavras que ecoaram toda a sabedoria e a amabilidade do passado. É ele que proclamará nossa volta e cantará os dias por vir, quando faunos e dríades encherão suas florestas de beleza. Guiada foi nossa escolha por aqueles que agora se sentam defronte da gruta corícia em tronos de marfim, e em cujas canções tu ouvirás notas de sublimidade pelas quais daqui a anos tu conhecerás o maior dos mensageiros quando ele chegar. Ouvi suas vozes, pois um por um ele cantam par vós aqui. Cada nota, tu deverás ouvir novamente na poesia que está por vir, a poesia que deverá trazer a paz e o prazer à tua alma, embora ainda devas busca-las por anos vazios. Ouça com diligência, pois cada corda que vibra oculta aparecerá par ti após teu retorno à Terra, como Alfeu, afundando em suas águas na alma de Hela, aparece como a aretusa de cristal na remota Sicília.

Então, ergueu-se Homero, o mais antigo dos bardos, que tomou de sua lira e cantou seu hino a Afrodite. Márcia não conhecia uma só palavra de grego, mas mesmo assim a mensagem não caiu em seus ouvidos em vão, pois na rima criptica estava aquilo que falava a todos os mortais e Deuses, e não precisava de intérprete.

Assim também as canções de Dante e Goethe, cujas desconhecidas palavras marcavam o éter com melodias fáceis de ler e adorar. Mas finalmente sotaques lembrados ressoaram ante a ouvinte. Era o Cisne de Avon, antes um Deus entre os homens, e ainda um Deus entre os Deuses:

Escreve, escreve, que com o curso sangrento da guerra, Meu caro mestre, seu filho querido pode jazer; Abençoa-o em casa na paz, enquanto que eu, de longe, Seu nome com zeloso fervor santifico.

Um sotaque ainda mais familiar surgiu quando Milton, não mais cego, declamou harmonia imortal:

Ou deixa tua lamparina à meia-noite

Acesa em alguma torre solitária,

De onde eu possa vigiar o Urso

Com o três vezes grande Hermes, ou tirar da esfera

O espírito de Platão, para desenrolar os mundos ou as vastas regiões que

Detém a mente imortal, que deve procurar

Sua mansão neste abrigo de carne.

Por vezes deixa a bela tragédia Em cetro e manto passar como o vento, Presenteando Febe ou a linhagem de Penélope Ou a história da divina Tróia

Por último veio a jovem voz de Keats, de todos os mensageiros a mais próxima do fauno:

As melodias ouvidas são doces, mas as que não se ouvem O são mais; por isso, pífaros ainda doces, tocai...

* * *

Quando a idade desgastar esta geração,
Tu permanecerás, em meio a outros lamentos
Que não os nossos, amigo do homem, a quem dirás "Beleza é verdade — verdade bela " — isto é tudo
Que sabemos na Terra, e tudo que precisamos saber.

Quando o cantor terminou, ouviu-se um som de vento que soprava do distante Egito, onde à noite Aurora chora às margens do Nilo a perda de seu Mennon. Aos pés do Trovão flutuava a deusa de dedos rosados e, ajoelhando-se, gritava: "Mestre, é hora de eu abrir os Portões do Leste". E Febo, entregando sua lira a Calíope, sua noiva entre as Musas, preparou-se para partir para o reluzente e norme Palácio do Sol, onde já esperavam inquietos os garanhões presos à biga dourada do Dia. Então Zeus desceu de seu trono esculpido e colocou a mão sobre a cabeça de Márcia, dizendo:

— Filha, a aurora se aproxima, e é bom que retornes antes do despertar dos mortais à tua casa. Não chores pelo vazio de tua vida, pois as sombras das falsas crenças breve se dissipará e os Deuses uma vez mais andarão por entre os homens. Procurai incessantemente por teu mensageiro, pois nele encontrará paz e conforto. Pela palavra dele teus passos serão guiados à felicidade, e em sonhos de beleza teu espírito encontrará aquilo que procura. — E, quando Zeus terminou de falar, o jovem Hermes gentilmente enlaçou a donzela e elevou-a em direção à estrelas evanescentes, para cima e para oeste, sobre mares nunca vistos.

Muitos anos se passaram desde que Márcia sonhou com os Deuses e seu conclave no Parnaso. Nesta noite ela se encontrara sentada no mesmo escritório, mas não está só. Partiu o velho espírito do desassossego, pois ao seu lado se encontra um cujo nome brilha com a fama: o jovem poeta dos poetas a cujos pés está o mundo. Ele lê, de um manuscrito, palavras que nunca ninguém jamais ouviu, mas que quando ouvidas trarão ao homem os sonhos e os desejos que perderam tantos séculos atrás, quando Pã deitou-se para repousar em Arcádia, e os grandes Deuses retiraram-se para dormir em jardins de lótus além das terras das Hespérides. Nas súbitas cadências e ocultas melodias do bardo o espírito da donzela finalmente encontrou descanso, pois ali ecoavam as mais divinas notas do Orfeu da Trácia, notas que moviam as próprias rochas e árvores dos bancos de Hebrus. O cantor se interrompe, e com ansiedade pede um veredito, mas o que Márcia pode dizer senão que a canção foi "feita para os Deuses"?

E, enquanto ela fala, vem novamente uma visão de Parnaso e o som distante de uma voz poderosa dizendo: "Por sua palavra deverão seus passos ser guiados à felicidade, e em seus sonhos de beleza teu espírito encontrará tudo que almeja".



Os Fungos de Yuggoth

Antes de ler o soneto de Lovecraft, aprecie a bela e interessante introdução de Nicolau Saião:

H. P. Lovecraft ou os Monstros Simulados

I. *"Na noite de l6 de Março de 1970* - conta-nos Agustín Izquierdo, na Introdução do volume que a Editora Valdemar fez sair em 97 e integrou na "Clube Diógenes" - *uma curiosa procissão, constituída por cerca de 150 estudantes e encabeçada por três professores, percorreu o bairro de College Hill, em Providence, munidos de tochas e lanternas, numa homenagem local póstuma, 33 anos após o seu falecimento, ao obscuro "recluso de Rhode Island", H.P.Lovecraft. Por fim, o cortejo deteve-se ao pé da Casa Afastada, que em vida fora a morada do homenageado e procedeu-se à leitura de "Fungifrom Yuggoth ", num cerimonial que teria feito as delícias do seu autor ".*

Este cerimonial, já com Lovecraft feito em pó, é um bom sublinhado da *simulação* que efectivamente sempre foi a vida do autor de "O horror de Dunwich". Esta era, no capítulo da existência através dos livros, das letras, das imaginações mais desvairadas a que convencionou chamar-se Literatura, uma *imitação* perfeita. HPL simulava uma vida de mistério, de sonho e de caminhadas por mundos inquietantes ou francamente sinistros, o que na verdade era tão-só uma *translação* em volta dum mundo pessoal expresso em factos compreensíveis, de características mais ou menos naturais e quotidianas, em geral penosas, que constituíam o cerne da sua existência de desenquadrado: entre muitas outras, a sua profunda repugnância por répteis e peixes, de tal forma

pronunciada que a visão dum exemplar esquartejado dum dos últimos o deixava à beira do vómito; a marcada aversão por carnes e a preferência, mesmo a paixão, por bolos e gelados, semelhante ao carinho que acalentava pelos gatos. Saber-se de que doença rara ele sofria (1) também concorrerá para, com eficácia, poder traçar-se um mapa adequado do complexo e malfadado, apesar de misterioso e exaltante a mais dum título, continente Lovecraft. E decerto nenhum bem lhe teria feito a opinião frequentemente emitida por sua mãe, a pobre destrambelhada Susie Philips que vira o marido morrer louco ia HPL nos oito anos de idade, que o alertava amiúde para o facto de que apesar de haver nele génio em quantidade e qualidade suficientes não devia expor-se muito aos olhares da rua, devido à extrema fealdade do seu rosto e à suposta repelência geral do seu aspecto.

Sendo os "Fungi", como são em grande parte, uma *simulação de poesia,* vão ao encontro *no outro lado do espelho* das surpreendentes efabulações engendradas pelo Autor que, diga-se a talhe de foice, nunca viu um livro de sua lavra ser dado a lume em editora profissional e jamais recebeu em vida (e muitos anos após a sua morte) a menor consideração dos habitantes desses lugares onde, presumivelmente, se fazem as sólidas reputações dos escritores ou dos pretendentes: as universidades e as academias d'aquém e d'além mar.

No que respeita aos "Fungi", sublinhe-se que o acervo a partir do terceiro poema dispersa-se enquanto unidade consequente - e é isso precisamente que, a meu ver, faz o seu encanto e acaba por lhe conferir outra significação mais poderosa. Ao excursionar num mundo a meio caminho entre o sonho e as encenações, digamos, de cariz cinematográfico experimental tal como hoje as conhecemos (HPL era um cinéfilo fervoroso, posto que o não confessasse a todos), o autor deixa perceber que estaria no seu primeiro intuito ir singrando numa progressão dentro da qual se passaria dum texto a outro numa sequência temática lógica e pautável que seria como que o diário de uma experiência limite no mundo lírico terrorífico. Mas como num relato surreal, ou onírico, o que está em baixo passa a estar em cima ou dos lados; os poemas vão aparecendo sem que aparentemente haja uma razão lógica para estarem ou não estarem naquele ou noutro sítio. Porque aparece este no décimo-segundo lugar? E porque não em sétimo, em vigésimo ou em quinto? Na

verdade, os poemas são na sua maior parte primos carnais dos seus contos, o mundo neles descrito é tributário do das novelas mas transfigura-se, transmuta-se e finalmente, no derradeiro poema, revela a sua real figura, o seu *espelho filosofal.(2)* Em os "Fungi", deliberadamente ou não, Lovecraft conta de facto histórias em verso, histórias condensadas ou fragmentárias que, por subtil inflexão, deixa que apontem noutra direcção dependente de um mundo *"mais real que este que conhecemos "(sic)*. O tom próprio das baladas irlandesas, das canções de taberna ou de marinheiros (que todas ele conhecia bem) ou os laivos emprestados por E. A. Poe, são o veículo de que se serve para que elas se tornem significativas, verosímeis ou mesmo possíveis. Ficaremos totalmente esclarecidos se lermos e consultarmos os seus outros poemas (a lista completa vai em anexo). HPL, que modestamente se considerava um escritor de segunda ordem(3), efectuou sempre com alguma angústia à mistura uma navegação à vista, mas olhando frequentemente para bem longe. Sendo fundamentalmente um entusiasmado leitor (aprendeu a ler aos três anos e nunca mais parou), era um navegador sem norte e sem estrela, emendo: com a estrela da maravilha, mesmo que horrífica e devastadora(4), um poeta seminal que a exemplo do sucedido com outro feiticeiro - Raymond Chandler, mediante as novelas policiais - precisamente devido à sua ingenuidade frente ao sublime, à sua *sinceridade na simulação,* continua a encantar-nos.

II. Lovecraft, lírico bissexto na acepção cunhada por Manuel Bandeira, é assim um irmão colaço do Lovecraft das sagas e das utopias inventadas por uma alma inquieta e sedenta de transfigurações e, patentemente, um irmão gémeo do Lovecraft viageiro imaginário e inventor de excursões por Innsmouth, Providence, Aylesbury e finalmente, por bandas alheias, a mítica Cthulhu. O que nos importará relancear agora é o perfil da sua poética, o mapa desvelado da viagem que efectuou pelos campos onde a imaginação é projectada por *sinais específicos* que na palavra e na múltipla organização que se lhe sucede se consubstanciam e onde não contam os recursos da invenção de mundos alucinantes e alucinados mas sim a lógica interior dum discurso a que alguns chamam inspiração e que não é mais, afinal, que o conhecimento instintivo do valor das palavras desembaraçadas de peias e de escórias dum tempo normalizado, prosaico, realmente reaccionário. Em Poesia o que conta é o poder da palavra organizada em frases que, como num salmo

encantatório, não só sugerem como revelam quotidianos ou fragmentos muito para além do ramerrão das horas civis - e que são as suas iluminações criadas, as suas propostas assumidas ou as suas figuras essenciais. Como dizia Chesterton, o poeta é aquele que sabe (e que alcança enquanto *hacedor) que todo o encadeamento de palavras leva ao êxtase, todos nos podem conduzir ao país das fadas.*

Temos, assim, que a nostalgia é um dos pontos em que se apoia a lírica lovecraftiana, ancorada em vestígios e em símbolos que elementos reconhecíveis, implícitos ou expressos - o mar, as estrelas, a memória, os ventos, a chuva, a noite, o deserto ou as decadentes cidades dos homens - tornam familiar a quem lê. Nela, o homem (ou o protagonista, voluntário ou involuntário) está sempre dependente dum percurso que passa pelas recordações e pelas vivências dos tempos idos, ornadas pelo prestígio duma ancestral e inquietante sabedoria e onde as figuras espaciais dos Grandes Antigos se irmanam com uma primeva inocência da Humanidade. Pagão e animista a seu modo, Lovecraft é manifestamente um parente de, por exemplo, William Blake e Odilon Redon naquilo que estes tinham de visionários, mas difere de qualquer deles no significado último da sua filosofia: ao banir *racionalmente,* do mundo que encenou, os alvores da manhã e as flores das tardes ensolaradas - que lhe aparecem apenas como sinais dum paraíso inalcançável - o criador de "O caso de Charles Dexter Ward" faz-nos saber claramente que, no tempo conturbado que lhe foi dado viver, os fulgores da noite - dessas estrelas vespertinas que lhe feriam os olhos - constituíam um mais adequado receptáculo para a aventura do espírito onde as efígies dos deuses imaginários contavam na medida em que eram, por antítese, os referentes dum conhecimento amaldiçoado ou perverso mas, talvez por isso mesmo, gerador de sinais mais reveladores e verdadeiros, porque seriam o prelúdio de uma maior realidade, ainda que conquistada a golpes de clava, a tiro ou mediante secretas invocações purificadoras. No fundo, mesmo quando o leitor - irmanando-se com

O autor - entra nos mundos que este engendrou, alcançando a revelação de algo que se entende omo sério e quase iniciático (sensação comum a todos os que, tendo conservado a inocência e a frescura, deparam com a arte de Lovecraft como com um universo revelado) - a dado passo constata que existe nessa arte um halo muito marcado de

humor negro, pois a própria *seriedade dramática absoluta da simulação* nos ensina que esse "exagero" é afinal pedagógico *noutra direcção:* os monstros que sobem das profundezas são em geral dominados ou, pelo menos, impedidos de difundirem alargadamente os seus miasmas. Os monstros in-domináveis são bem outros, são as bestiagas muito reais do quotidiano infausto que a todos atinge - e o leitor que arrole a lista que mais lhe quadre.(5) Em suma: os Grandes Modernos que fazem da limpa vida do espírito algo de estranho, de inusitado e de marginal - e que, involuntariamente, ajudam a que nos reconheçamos leitores fervorosos e interessados da escrita deste e doutros interrogadores do Universo e suas leis possíveis e impossíveis. Finalmente e como numa espécie de tributo - relembrando, com emoção, que o li pela primeira vez há 45 anos num tempo encantado e numa cidade com muito do ambiente da sua Providence pessoal - pergunto-me (é uma maneira de falar) porque há ainda lovecraftianos, porque há ainda gente que se dá ao trabalho de ler as suas efabulações caídas talvez um pouco em desuso pelo facto de *agora já se saber tudo,* de se conhecerem não apenas as vias da realidade quotidiana, onde não querem deixar caber a fantasia criadora, mas também as suas ruínas indubitáveis: os mundos da chamada *realidade circundante* -todos eles muito mais perigosos e avassaladores que as pobres sombras fantasmais de HPL. O célebre fascínio que costuma invadir-nos ante uma escrita sugestiva a meu ver não explica suficientemente o assunto. Creio que a resposta reside noutra circunstancia. Acredito que isso acontece porque se sente que na simulação concebida por Lovecraft e que ele colocou na dependencia de geometrias não-euclidianas há, afinal, qualquer coisa de digno e de honrado no seu horror e na sua desmesura, na sua mágoa e na sua assumida encenação de um Mal que nos assalta mas que é, digamos, como que directo e sincero - bem diferente, para tudo dizer, desse mal *de facto* terrível e destruidor porque mentiroso e sem classe, pequeno-burguês e passa-culpas que frequentemente constitui o nosso triste quinhão de *realidade* e o nosso lamentável momento de ilusão neste século que é o herdeiro virtual do outro que há bem pouco se evolou.

Por último, uma chamada de atenção para um detalhe pelo menos curioso: HPL, em data inserida no manuscrito e que o dactiloscrito reproduz, dá os "Fungi" como tendo sido elaborados entre 27 de Dezembro

de 1929 e 4 de Janeiro de 1930. Mesmo conhecendo-se a espantosa fecundidade do autor de "A música de Erich Zann", que além da sua obra em prosa e em verso escreveu a confrades, amigos, conhecidos ou simples correspondentes cerca de *cem mil cartas* - o que implica uma evidente destreza e velocidade na escrita... - não podemos deixar de nos colocar uma pergunta: Lovecraft teria mesmo criado a obra em nove dias *(nove,* número dos degraus da sabedoria alquímica (6) da qual ele era um apaixonado) ou tratou-se, pelo contrário, de uma *chave* com que a sua *simulação* nos quis, uma vez mais, pôr à prova?

NOTAS:

1 Poiquilotermismo, ou seja não se possuir a capacidade, comum a todos os mamíferos, de manter constante a temperatura do corpo, ficando-se precisamente ao nível do peixe e do réptil.

Anos depois do seu falecimento foi encontrado entre as muitas folhas deixadas por HPL um conto inacabado, com o título de "O livro", que segue ponto por ponto os três primeiros poemas dos "Fungi". Seria depois "completado" por Martin S. Warnes, que o intitulou "The black tome of Alsophocos".

Lovecraft guardava a sua admiração, aliás justificada, para outros autores como M.R.James, Algernon Blackwood, Walter de la Mare, Arthur Machen ou Lord Dunsany, a quem sinceramente chamava verdadeiros clássicos que contrastavam com insignificantes aficcionados como ele (sic). Lemos estes nomes não só com o gosto natural de quem ama a imaginação e a grandeza mas, igualmente, com a admiração pela modéstia real que define HPL como o homem de bem que sempre foi.

Os décimo-sexto, vigésimo-oitavo e trigésimo poemas, comoventes na sua exposição, mostram-nos isso.

Era um panorama que HPL, como todas as pessoas lúcidas, conhecia na perfeição. Muitos quiseram ver nisso passadismo conservador, mas o adestramento de Lovecraft no segundo quartel da vida desmente-os. A este propósito leia-se o texto de Franklin Rosemont in "Cultural Correspondence" #10/11.O trigésimo poema dos "Fungi" também é significativo e esclarecedor.

Embora não fosse um irmão do orvalho e um trabalhador per ignem, HPL tinha consideráveis conhecimentos filosofais. O seu conto "O alquimista", ainda que encene uma fantasia, faz certas discretas alusões que provam tal facto suficientemente.

"Os Fungos de Yuggoth"

1.O LIVRO

O lugar era escuro e poeirento, meio perdido Num labirinto de vielas junto aos molhes, Cheirando a coisas raras trazidas de outros mares, Envolto em estranhas névoas agitadas p'lo vento.

Uns vidros em losango, que a geada e o fumo velavam Deixavam entrever pilhas de livros, como torcidas árvores Desde o sobrado ao tecto - putrefacto amontoado De sapiência antiga a baixo preço. Enfeitiçado

Entrei, e dum montão cheio de teias Um cartapácio tirei e ao acaso o folheei, Estremecendo ao ler palavras raras que pareciam Esconder de olhares humanos um prodigioso segredo.

E então, quando o vendedor astuto em volta quis achar Apenas um eco de gargalhadas pude encontrar.

2. A PERSEGUIÇÃO

Guardei o livro debaixo do casaco, preocupado por furtar Tal objecto aos olhares em semelhante sítio. Enquanto apressava o andar ao longo das velhas ruas Do porto, virava a cada instante receoso a cabeça.

Opacas e furtivas nas vacilantes casas de tijolo As estranhas janelas espreitavam os meus rápidos

passos E, intuindo o que almejavam custodiar, ansiava P'lo clarão redentor de um puro azul de céu.

Ninguém me vira furtá-lo... e no entanto Ainda tinha na cabeça uma oca risada, E percebi que mundos de nocturna maldade Enchiam o volume que havia cobiçado.

O caminho tornava-se cada vez mais estranho. Os muros Demenciais assemelhavam-se. E atrás de mim, Ao longe, uns passos invisíveis ressoavam.

3. A CHAVE

Não sei que deambulações pelas desertas E estranhas ruas do porto me levaram Até ao lar. No vestíbulo comecei a tremer Lívido com a pressa de entrar e de me achar Trancado a ferrolho por trás da pesada porta.

Tinha o livro que indicava a via oculta Que atravessa o vazio e as suspensas telas espaciais Que sustentam em suas raias os mundos sem dimensão E guardam a eternidade no domínio que lhe é próprio.

Por fim era minha a chave daquelas vagas visões Espirais ao sol poente bosques crepusculares Gerando o opaco nos abismos além dos limites da terra Ocultando-se como memórias de infinidade.

Era minha a chave, mas enquanto ali estava

Sentado e balbuciando

No sótão uma leve pressão fez abanar a janela.

4. RECONHECIMENTO

Voltara o dia em que eu ainda criança

Vi - uma vez apenas - aquela fundura coberta

De velhos carvalhos

Acinzentados pela bruma que ao subir do chão

Envolve e afoga

As formas abortadas que a loucura profanou.

Via-a de novo: a erva cerrada e inculta

Cobrindo um altar cujos signos gravados invocam,

Em idades sem fim,

O Inominado ao qual mil fumos tocam Emanados de altas torres impuras.

Olhei o corpo estendido naquela pedra húmida,

Sabendo que as coisas celebrantes nada tinham de humanas;

E que aquele mundo cinzento não era o meu,

Mas sim Yuggoth, o de além dos vazios constelados

E então o corpo lançou-me um guincho de agonia

E tarde demais soube que aquilo era eu.

5. REGRESSO A CASA

O demónio me disse que a casa me levaria

A vagamente recordada terra lívida e sombria

Como um alto lugar

Com terraços e escadas, rodeado de balaustradas

De mármore p'los ventos do céu afloradas

Enquanto milhas abaixo

Um labirinto de torres e de cúpulas sobrepostas

Se estende à beira-mar.

Uma vez mais, disse ele, ficaria eu subjugado

Frente às velhas colinas

E ouviria da espuma o abafado

Longínquo rumorejar.

Tudo isto me prometeu, E p'las portas do sol-pôr Me arrastou,

Por ondulantes lagos de chamas a passar me obrigou E por tronos de ouro vermelho de deuses inominados Que ante o destino iminente gritam desvairados. E na noite ante um abismo negro me fui achar Com o ruído das ondas a rebentar.

«Era aqui a tua casa», mofou ele «quando visão Tinhas então!»

6. A LÂMPADA

Encontrámos a lâmpada num buraco

De um daqueles íngremes rochedos

Cujos signos cinzelados nenhum sacerdote de Tebas

Saberia decifrar.

E os assustadores hieroglifos aí inscritos

Eram um aviso para toda a criatura viva de origem humana.

Nada mais ali havia - a não ser aquela lâmpada de bronze

Com restos de um estranho óleo no seu bojo,

Adornada com obscuros desenhos em volutas

E símbolos que vagamente sugeriam desconhecidos pecados.

Os temores de quarenta séculos muito pouco significaram Para nós quando carregámos o nosso diminuto espólio E minuciosamente o examinámos no escuro da tenda Com um fósforo aceso para experimentar o velho óleo.

E ele ardeu - santo Deus!... Mas as formas gigantescas

Que divisámos naquela enlouquecida fumarada

De respeitoso temor p'ra sempre nos deixaram a alma abrasada.

7. A COLINA DE ZAMÁN

A grande colina erguia-se perto da velha cidade,

Um penhasco contra o fundo da rua mais povoada ;

Verdejante e cheia de bosques, cá de baixo parecia escura

E dominava com a sua altura

O campanário junto à curva da estrada.

Há duzentos anos que se ouviam rumores Sobre o que ocorria nessa ladeira que o homem devia evitar... Histórias de veados e de pássaros estranhamente mutilados Ou de garotos perdidos cujos pais tinham cessado de esperar.

Certo dia o carteiro não achou o povoado no seu lugar

E ninguém voltou a ver os habitantes ou as casas;

As pessoas vinham de Aylesbury e ficavam-se a olhar...

No entanto, todos diziam ao carteiro que era um ingénuo Ou estava louco por dizer que conseguira descortinar Os olhos carnívoros das altas colinas e as bocarras Abertas de par em par.

8. O PORTO

A dez milhas de Arkham descobrira um carreiro Ao longo da falésia alcantilada de Boyton Beach E aguardava o momento em que o ocaso coroa A crista que assoma por sobre o vale de Innsmouth.

Ao longe, no mar alto, uma vela vogava Branqueada por árduos anos de velhos ventos, Carregada com o mal de algum facto inexplicável. E não ergui, assim, mão ou voz para saudá-la.

Veleiros de Innsmouth! Ecos de idas memórias De tempos já longínquos; a noite ia caindo, Bem cerrada, quando cheguei ao topo De onde era meu hábito olhar a povoação.

Além estão os campanários e os telhados... Mas, olhai! As trevas

Propagam-se nas ruas, tenebrosas como tumbas!

9. O PÁTIO

Aquela era a cidade que em tempos conhecera A cidade leprosa e antiga onde multidões mestiças Cantam a estranhos deuses, golpeando ímpios gongos Em criptas sob infectas vielas junto às praias.

As casas carcomidas com olhos de peixe Miravam-me de soslaio

Inclinando-se meio ébrias e não muito animadas Quando evitando as imundícies passava até franquear A porta do pátio negro onde um homem devia estar.

As paredes sombrias cerraram-se sobre mim

E comecei a blasfemar

Em alta voz por naquele antro ter caído em entrar,

Quando de repente vinte janelas rebentaram

Numa luz selvagem e se encheram de homens que dançavam:

Loucas, mudas piruetas de morte os arrastavam

Pois que nenhum cadáver tinha mãos ou cabeça!

10. AS POMBAS MENSAGEIRAS

Levaram-me aos bairros pobres, onde um viscoso mal Desalinhava as descarnadas paredes de tijolo E as caras contorcidas da hedionda multidão Dava sinal p'los de fora a estranhos deuses e diabos.

Um milhão de fogueiras pelas ruas ardia, E dos terraços seres furtivos arremessavam Para o céu bocejante pássaros sujos de lama Enquanto tambores ocultos num ritmo lento rufavam.

Aqueles fogos sabia que coisas monstruosas anunciavam, E que as aves do espaço no *Exterior* haviam estado... Adivinhava que criptas de escuros planetas tinham sobrevoado, E o que de Thog traziam sob as asas.

E os outros riam - até que de repente emudeceram

Ao vislumbrar o que um dos pássaros no bico maldito levava.

11. O POÇO

Seth Arnold o lavrador mais de oitenta ia contar Quando o poço junto à porta tentou aprofundar Tendo só por ajuda o Eb para cavar e perfurar.

Mofámos, pensando que em breve seu juízo ia voltar, Mas, p'lo contrário, também o Eb começou a dementar A tal ponto que da quinta o tiveram de levar.

Seth a boca do poço se deu então a entaipar

E as veias do nodoso braço esquerdo acabou por cortar.

Depois dos funerais algo nos fez encaminhar Até ao poço p'ra todos os tijolos arrancar, Mas no buraco

escuro, perdidas até grande fundura Só umas pegas de ferro conseguímos divisar.

Então os tijolos tornámos a pôr no seu lugar Pois o covão nos pareceu profundo em demasia Para que alguma sonda o pudesse devassar.

12. O UIVADOR

Tinham-me dito pr'a não passar pelo carreiro de Brigg's Hill, Que em tempos tinha sido a estrada até Zoar, Uma vez que Goody Watkins, enforcado em mil setecentos e quatro, Deixara por ali certo vestígio monstruoso.

Mas quando desobedeci e tive à vista

A casa envolta em hera ao pé da grande escarpa,

Não pensei nem em olmos nem em cordas de cânhamo,

Antes me perguntei porque parecia ela inda tão nova.

Parara um pouco a contemplar o declinar do dia E ouvia uns débeis uivos vindos de um quarto no alto, Quando através das vidraças cobertas de trepadeiras Um raio do pôr do sol colheu de surpresa o uivador.

Vislumbrei-o e freneticamente fugi daquele lugar - e da coisa a quatro patas com uma face de homem.

13.HESPERIA

Ao entardecer, o sol de Inverno refulgindo atrás das torres E das chaminés meio desprendidas desta esfera sombria, Franqueia os grandes portões a algum ano esquecido De antigos esplendores e desejos divinos.

Nessas chamas imensas ardem maravilhas futuras Que o medo não aflora, carregadas de aventuras; E uma fila de esfinges um caminho nos abre Por entre trémulos muros e torreões Até longínquas liras.

É a terra onde o sentido da beleza floresce,

Onde toda a inexplicada memória tem sua origem,

Onde o grande rio do Tempo inicia o seu curso

Descendo p'lo vasto vazio em sonhos recamados de estrelas.

Os sonhos aproximam-nos - mas uma doutrina antiga Insiste em que o pé humano jamais pisou estas ruas.

14. VENTOS ESTELARES

Sobretudo no Outono, a essa hora

Em que tombam as sombras do entardecer

Os ventos estelares derramam-se

Pelas ruas mais altas e desertas

Onde assoma a luz fagueira de algum cálido aposento.

As folhas secas agitam-se em estranhos redemoinhos, O fumo das chaminés enrola-se com etérea graça Atento às geometrias do espaço exterior Enquanto Fomalhout palpita entre as brumas do Sul.

É a hora em que o poetas lunáticos conhecem Que fungos brotam em Yuggoth, que perfumes E matizes de flores enchem os campos de Nithon, Que nenhum jardim terrestre pode ter.

Mas, por cada sonho que esses ventos ofertam Doze dos nossos nos roubam!

15. ANTARKTOS

No fundo do meu sonho a ave enorme sussurrava estranhas coisas Acerca dum cone negro no meio das imensidões polares; Lúgubre e solitário se levanta na superfície gelada Açoitado pelos eternos remoinhos de loucas tempestades.

Ali nenhuma forma de vida tem o seu rumo natural

E somente pálidas auroras e sóis indistintos

Luzem por sobre esse sinal de pedra, cuja origem primitiva

Obscuramente os Antigos procuram adivinhar.

Se os homens o vislumbrassem, simplesmente perguntariam Que capricho raro da Natureza era aquele que ali viam; No entanto, o pássaro falou-me de regiões mais vastas Que aguardam, acocoradas e ocultas sob a mortalha de gelo.

Deus ajude o sonhador cujas loucas visões lhe mostrem Esses olhos mortos engastados em abismos de cristal!

16. A JANELA

Era uma casa velha, com estranhas alas tão emaranhadas Que ninguém podia dizer que lhes conhecia bem a disposição, E num quarto pequeno algures nas suas traseiras Havia uma singular janela entaipada com pedra antiga.

A esse lugar, numa infância atormentada pelos sonhos, Costumava ir sózinho, quando reinava a noite negra e vaga. E destroçava as teias-de-aranha sem qualquer ponta de medo Sentindo-me, p'lo contrário, cada vez mais maravilhado.

Mais tarde num certo dia levei até lá uns pedreiros P'ra descobrir que paisagem os meus antepassados Haviam tentado encobrir,

Mas quando perfuraram a pedra, impetuosamente entrou Uma lufada de ar soprada p'lo ignoto vazio do outro lado.

Fugiram a sete-pés... Eu assomei-me - e encontrei um por um Todos os mundos selvagens que os sonhos

me haviam mostrado.

17. UMA RECORDAÇÃO

Era um lugar de grandes estepes e mesetas rochosas Que se estendiam sem limites sob a noite estrelada, Com fogos de acampamento que iluminavam debilmente Manadas de bestas hirsutas cujos chocalhos tilintavam.

Ao sul, na distancia, a planície alargava-se e descia Até uma escura muralha correndo em ziguezague Como uma imensa jibóia das idades primevas Que o tempo infinito gelara e petrificara.

Eu tiritava estranhamente no ar frio e rarefeito, Perguntando-me aonde estava e como havia ali chegado, Quando uma figura embuçada, na contraluz da fogueira Se levantou e se acercou, tratando-me p'lo meu nome.

E ao mirar aquela face morta debaixo do capuz, Perdi toda a esperança - pois tinha compreendido.

18. OS JARDINS DE YIN

Do outro lado da muralha de alvenaria antiga

Que quase tocava o céu com suas torres musgosas

Devia haver jardins em terraços, esplendendo

Com miríades de flores, palpitando

Com os volteios dos pássaros, das borboletas, das abelhas.

Devia haver passeios e pontes erguendo os seus arcos Sobre lagos de água tépida repletos de flores de lótus

Onde se reflectiam beirais de templos,

E cerejeiras cujos delicados ramos e folhas contrastavam

Com um céu cor-de-rosa aonde as garças pairavam.

Tudo ali devia estar - pois não haviam meus sonhos Antigos franqueado a porta daquele labirinto De lanternas de pedra onde os sonolentos regatos Traçavam seus sinuosos caminhos Guiados por verdes parras pendendo das latadas?

Apressei-me a subir... mas mal cheguei à grande muralha sombria Descobri que afinal nela já nenhuma porta existia.

19. OS SINOS

Ano após ano ouvi, sumido e ao longe

O som grave dos sinos

Que o vento negro da meia-noite transportava.

Dobres que de nenhum campanário pareciam vir

Uns estranhos repiques - eram só o que achava.

Através dum enorme vazio tinham voado.

Em sonhos e lembranças uma pista busquei,

Nos carrilhões que minhas visões albergam eu pensei;

Os da plácida Innsmouth, onde as gaivotas brancas se demoram

Planando em volta da velha torre duma igreja

Que em tempos bem frequentei.

Perplexo, aquelas notas longínquas eu ouvia tombar, Mas numa noite de Março a fria chuva que pingava As portas da memória me fez de novo franquear Até às velhas torres onde um louco badalar soava.

Como dobrava... Desde as sombrias correntes que através Dos vales profundos manam e se derramam No

leito morto do mar.

20. BESTIAGAS NOCTURNAS

De que cripta saem arrastando-se, não o sei dizer
Mas todas as noites vejo essas criaturas viscosas,
Negras, cornudas, descarnadas, de asas membranosas
E caudas que ostentam do Inferno a bífida barbada.

Chegam em legiões trazidas p'lo sopro da nortada
Com obscenas garras que me pungem e arranham
E me agarram e me levam em monstruosas viagens
Até mundos pardacentos escondidos em profundos
Poços de pesadelo.

Passam por sobre os picos denteados de Thok

Sem fazer caso dos gritos que aos arrancos dou

E descem p'los abismos do fundo

Onde os obesos shoggoths

Chafurdam num duvidoso sonho nesse lago imundo.

Mas ai! Se ao menos algum som pudessem soltar
Ou uma cara tivessem onde ela costuma estar!

21. NYARLATHOTEP

Do interior do Egipto eis que por fim chegou

O estranho Obscuro ante quem os felás se inclinavam;

Silencioso e descarnado, de enigmática altivez

Ia envolto em panos vermelhos como as chamas do sol-pôr.

À sua volta juntavam-se multidões ansiosas p'lo seu ditame
Mas ao deixarem-no não sabiam contar que coisas tinham ouvido;
Entretanto, pelas nações se difundia a pavorosa notícia
De que, lambendo-lhe as mãos, o seguiam bestas selvagens.

Cedo começou no mar um daninho nascimento;

Em terras esquecidas cúspides douradas cobriam-se de ervas ruins;

O chão abriu-se e auroras dementes abateram-se

Sobre as tremebundas cidadelas dos homens.

Então, esmagando o que por pirraça ele moldou O Caos insensato o pó da Terra assoprou.

22. AZATHOTH

P'lo dementado vazio o demónio me arrastou P'ra lá dos ninhos de luz nos limites do espaço me levou Até que nem tempo nem matéria ante mim puderam estar Que ali era só o Caos, sem forma nem lugar.

Ali o Senhor do Tudo na escuridão murmurava Coisas que não entendia, mesmo quando sonhava Enquanto perto dele esvoaçavam morcegões Em vórtices idiotas atravessados por clarões.

Bailavam como loucos, ao compasso gemente De uma flauta quebrada presa em monstruosa garra Donde brotava aquela onda sem sentido coerente Que ao mesclar-se ao destino eterna lei lhe narra.

"Eu sou seu Mensageiro", o Demónio declarou E zás! a cabeça do Amo com desprezo esmurrou.

23. A MIRAGEM

Não sei se existiu alguma vez

Esse mundo perdido e obscuro que flutua no rio do Tempo -Mas amiúde o vi, envolto numa bruma violeta, Brilhando debilmente no fundo de um sonho indistinto.

Havia estranhas torres e rios correndo em caprichosos meandros,

Labirintos de maravilha, abóbadas plenas de luz,

E céus chamej antes, cruzados por ramagens de árvores

Como as que ansiosamente estremecem

Momentos antes da chegada duma noite de Inverno.

Atravessavam-se vastos terrenos pantanosos que levavam

A costas desertas espraiando-se, pejadas de juncais

Onde aves enormes revoluteavam, enquanto numa ventosa colina

Havia um povoado antigo, com um campanário branco

Cujos repiques vespertinos inda me ressoam nos ouvidos.

Não sei que terra era - e a perguntar não me atrevo Sobre quando, ou porquê, estive ou estarei ali.

24. O CANAL

Algures num sonho há um lugar amaldiçoado Onde altos edifícios desertos se apinham ao longo Dum canal sombrio, profundo e estreito, exalando Um cheiro pestilento a coisas horrendas arrastadas Por oleosas correntes de água.

Vielas entre velhos muros que no alto quase se tocam Em ruas que podem ou não conhecer-se desembocam E um pálido luar derrama o seu brilho espectral Sobre longas filas de janelas d'escuridão mortal.

Não se ouvem sons de passos, aquele débil ruído

É o da água oleosa deslizando

Sob as pontes de pedra, ao longo das margens

Do profundo canal, até aos confins

de algum oceano perdido.

E não há ninguém vivo para contar quando levou

Do mundo argiloso a região do vago sonho que sonhou.

25. SÃO SAPALHÃO

"Cuidado com o carrilhão

de São Sapalhão!", ouvi-o eu gritar

Enquanto me internava naquelas demenciais vielas

Que serpenteiam em labirintos sombrios e indistintos

A sul do rio onde os séculos antigos vão sonhar.

Era uma figura furtiva, andrajosa, a torcer-se

Que num repente cambaleando vi desvanecer-se.

Continuei, assim, na noite a mergulhar

Até onde surgiam filas de telhados malignos e denteados.

Nenhum livro nos guia sobre o que ali se escondia... E a outro velho ouvi de pronto guinchar : "Cuidado com o carrilhão de São Sapalhão!". E quando, sentindo-me desmaiar Parei, ouvi um terceiro velho de medo grasnar: "Cuidado com o carrilhão de São Sapalhão!"

Espantado, fugi. E de repente

Eis que vi

Aparecer o negro campanário na minha frente!

26.OS FAMILIARES

John Whateley morava a uma milha da cidade, Lá no alto onde as colinas começavam a apinhar-se; Ter muito juizo era coisa que não podia pensar-se Vendo a forma como deixava arruinar a herdade.

Gastava o seu tempo a ler durante todo o santo dia Uns livros que num recanto do sótão da casa encontrara Até que rugas esquisitas se lhe marcaram na cara E péssimo aspecto lhe deram, como toda a gente via.

Decidímos, quando de noite ele começou a uivar Que seria bem melhor trancá -lo a cadeados. Então, do hospício de Aylesbury vieram três empregados Que o foram lá procurar.

Voltaram sós e espantados:

Pilharam-no conversando com dois seres acocorados Que mal ouviram seus passos bem marcados Com enormes asas negras esvoaçaram p'lo ar.

27. O FAROL DO ANCIÃO

De Leng, onde se erguem cumes sombrios e desnudos

Sob frias estrelas obscuras para os olhares humanos,

Quando anoitece um facho de luz propaga-se

E seus distantes raios azuis os pastores fazem gemer e orar.

Dizem eles (apesar de ninguém

Ter lá estado)

Que provém

De um farol numa torre de pedra alojado,

Onde o último Ancião vive sózinho

E fala com o Caos fazendo tambores rufar.

A Coisa, sussurram eles, usa uma máscara de seda Amarela, cujas estranhas pregas parecem ocultar Uma face que desta terra não é, ainda que jamais Alguém se tenha atrevido a inquirir Que traços são aqueles que por baixo se vêem avultar.

Muitos na juventude esse farol buscaram

Mas nunca ninguém saberá o que foi que encontraram.

28. EXPECTATIVA

Certas coisas erguem em mim, porquê não o sei dizer

Uma sensação de inexploradas maravilhas a acontecer

Ou um rasgão no muro do horizonte

Que se abre para mundos onde só os deuses podem viver.

É uma esperança vaga, sem alento

Como de grandes pompas antigas o que em parte acalento,

Ou aventuras selvagens, incorpóreas

Plenas de êxtase e livres ainda que ilusórias.

Encontro-a em crepúsculos, campanários de povoados Em lugares muito antigos, bosque enevoados Ventos do sul, no mar, colinas de cidades iluminadas Velhos jardins, fogos da lua, canções meio escutadas

E mesmo que só por esse engano tenha valido a pena existir Ninguém conseguirá adivinhar o que ele tentou sugerir.

29. NOSTALGIA

No anelante resplendor outonal, ano após ano

As aves retomam o vôo sobre o deserto oceano

Gorjeando e tagarelando, na alegria apressada

De chegarem à terra que na memória íntima têm guardada.

Enormes jardins em terraços onde botões de flor

Rebentam em vivos tons, e filas de mangueiras com frutos

De delicioso sabor

E alamedas

De ramos entrelaçados em abóbada

Como num templo sobre amenas veredas -

Tudo isto seu vago sonho lhes mostra.

Esquadrinham o mar buscando sinal da antiga linha de costa - E a alta cidade branca de torres acasteladas -Mas apenas o vazio das águas é por elas divisado, E assim uma vez mais voltam p'ra trás desencantadas

Entretanto, submersas num abismo por estranhos pólipos infestado

As velhas torres lamentam seu cântico perdido e relembrado.

30. PAISAGEM DE FUNDO

Nunca pude ligar-me cruamente a coisas novas,

Pois vi a luz pela primeira vez numa cidade antiga

Na qual telhados em confusão desciam desde a minha janela

Até um singular porto de abrigo, rico em visões.

Ruas com portas-de-entrada entalhadas

Cujas velhas bandeiras

E pequenas vidraças os raios do sol-poente banhavam

E campanários georgianos encimados por agulhas douradas -

Eram essas as paisagens que meus sonhos de criança modelavam.

Tais tesouros, deixados por um tempo não corrompido Não podem senão fazer-nos desdenhar das quimeras sem sentido Cuja presença de confusa fé se esgueira por mutáveis vias Entre os muros que à terra e ao céu enchem os dias.

Cortam as amarras do momento e deixam-me em liberdade Para ficar só e de pé diante da eternidade.

31. O HABITANTE

Era já bem velho nos tempos em que Babilónia

inda era nova;

Sabe-se lá há quantos anos dormia sob aquele montículo Quando ao fim da demanda as nossas pás encontraram Seus blocos de granito e de novo os desenterraram.

Havia vastos pavimentos e vestígios de muralhas, E lajes afeiçoadas e estátuas esculpidas de maneira

a representar

Fantásticos seres oriundos daqueles tempos de antanho, Muito além da memória que os humanos podem conservar.

E foi então que vimos os degraus de pedra que desciam Por uma porta obstruída de dolomita coberta de inscrições Até um refúgio, negro de uma noite sempiterna Donde signos antigos e segredos primitivos nos ameaçavam.

Abrímos uma senda - mas fugímos em louca correria Ao ouvirmos um andar pesado que lá de baixo subia.

32. ALIENAÇÃO

Em carne e osso nunca para o além pudera passar Pois cada aurora o achava sempre no sítio habitual, Mas o seu espírito todas as noites gostava de vaguear

Por abismos e por mundos distantes do dia usual. Tinha visto Yaddith e conservara o juízo normal E voltara da zona de Ghooric sem ter sido tocado Até que numa tranquila noite o espaço foi cruzado Por sibilante apelo vindo do vazio sideral.

Nessa manhã acordou feito num ancião,

E desde aí nada tornou a parecer-lhe igual.

Ao seu redor os objectos pairam nebulosos e sem feição -

Dum plano mais vasto executores de aparência fantasmal.

Família e amigos agora uma gente estranha são À qual ele se esforça por pertencer em vão.

33. SEREIAS PORTUÁRIAS

Por cima dos velhos telhados e das agulhas de torres arruinadas

Durante toda a noite as sereias portuárias cantam;

Gargantas vindas de portos estranhos, de brancas praias longínquas

E de oceanos fabulosos, em coros desirmanados se concertam.

Umas a outras alheias, entre si se desconhecem,

Mas todas, por alguma força obscuramente concentrada

Desde inúmeros abismos além da rota do Zodíaco

Num misterioso zumbido cósmico se fundem.

Por entre sonhos sombrios organizam um desfile De formas, sugestões e visões mais sombrias ainda; Ecos de vácuos exteriores, de subtis indicações Para coisas que nem mesmo elas conseguem definir.

E em tal coro sempre captamos, tenuemente misturadas Certas notas que nenhum barco desta Terra se deu a emitir.

34. RECAPTURA

O caminho descia

Por uma charneca pouco arborizada e sombria

Onde rochas pardas, em corcovas

Do chão se elevavam e umas esquisitas gotas

Inquietantes, geladas me salpicavam,

Vindas de invisíveis arroios que a meus pés serpenteavam.

Nem o vento soprava nem o mais débil ruído me chegava

Do emaranhado dos arbustos e das estranhas formas das árvores,

E nada mais se via em frente - até que no meio do caminho

Um monstruoso monte tumular divisei de repente.

Os seus flancos escarpados contra o céu se projectavam Cobertos de pedra musgosa

Escadas em ruínas feitas de lava que até altura pavorosa Seus degraus lançavam

Tão grandes que pés humanos os não pisavam.

Agudo grito soltei - e *soube* que estrela e que ano primaciais Me haviam de novo levado da breve esfera de sonhos terrenais.

35. ESTRELA VESPERTINA

Dum lugar ermo e silencioso a contemplei Lá onde o velho bosque em parte oculta a planície. Brilhava no meio dum glorioso crepúsculo - debilmente A princípio, depois a pouco e pouco com mais força.

E a noite veio, e o farol ambarino e solitário Feriu meus olhos como nunca havia feito; Um astro vespertino, mas mil vezes Mais espectral nesses silêncio e solidão.

Traçou estranhas figuras no ar tremeluzente -

Meias recordações que sempre em mim tinham estado -

Vastas torres e jardins, curiosos céus e mares

De alguma obscura vida - nunca eu soube de aonde.

E agora compreendo que lá na abóbada celeste Esses raios me chamavam do lar incerto e remoto.

36. CONTINUIDADE

Há em certas coisas antigas um vestígio De nebulosa essência, além do peso e forma; Um éter subtil, indefinido Ligado às leis do tempo e do espaço.

Um débil, velado signo de sequências

Que os olhos de fora descobrir não conseguem;

Suas cerradas dimensões - onde os anos idos se acoitam

Só por secretas chaves se devassam.

Comovo-me quando os raios do sol ao entardecer Alumiam as velhas casas da quinta frente ao monte

Colorindo de vida as formas que perduram De séculos mais reais que este que conhecemos.

E nessa estranha luz sinto que não estou longe Dessa massa imutável em que as faces são as épocas



Fechado na Catacumba

NÃO SEI DE CRENÇA MAIS ABSURDA do que essa associação convencional dos fatos simples às coisas serenas e banais de que parece imbuída a psicologia das multidões. Em conseqüência de um bucólico lugarejo *yankee,* um inepto e obtuso agente funerário de aldeia e um descuido desastroso no interior de um jazigo tumular, nenhum leitor de mediano entendimento podia esperar outro desfecho que não alegre, embora grotesco ato de comédia. Mas só Deus sabe como a tremenda história de George Birch, cuja morte agora me permite contá-la, apresenta aspectos frente aos quais as nossas mais sombrias tragédias são perfeitamente simples, leves, pueris.

Birch, que abandonou a profissão, trocando-a por outra, em 1881, jamais tocava nesse assunto, fugindo do caso o mais que podia. Também o velho médico, Dr. Davis, que morreu há alguns anos, não emitira a menor palavra a respeito. Geralmente se atribuía tal atitude à aflição e ao abalo resultante de um fatídico descuido pelo qual Birch se fechara, durante nove horas, na catacumba do cemitério de Peck Valley e de onde só conseguiu escapar, empregando meios rudes e contundentes. Embora tudo isso fosse incontestável, havia outras coisas mais negras que o pobre homem me confiou, sussurrando, no seu delírio de ébrio já às portas da morte. Ele confiou em mim porque eu era o seu médico e também, provavelmente, por sentir a necessidade de desabafar-se com alguém depois do falecimento do Dr. Davis. Birch jamais se casara, nem contava parente algum neste mundo.

Até 1881, fora empreiteiro dos enterros, em Peck Valley e sempre se mostrara o tipo do individuo rude e primitivo de modos e idéias. As práticas que ouvi se lhe atribuírem, hoje ninguém as acreditaria possíveis, pelo menos, em uma cidade, e mesmo Peck Valley teria estremecido de espanto se soubesse ao certo dos inescrupulosos processos do seu coveiro exclusivo, tais como, por exemplo, a subtração dos custosos tecidos amortalhantes, favorecida pela tampa fechada do caixão e a falta de respeito sacrílega na colocação e arranjo dos restos mortais no ataúdes que fornecia, nem sempre fabricados no comprimento adequado. Mas, acima de tudo, o coveiro era moroso, relaxado e mau profissional. Apesar disso, não penso que fosse, no fundo, mau sujeito. Julgo-o simplesmente duro de inteligência e ação, bronco, desmazelado e beberrão, como a presente história o demonstrará à sociedade, e além disso, sem o mínimo grau de imaginação comum à maioria dos seres humanos, dentro do limite fixado pelo bom senso.

Dificilmente sei por onde começar o caso de Birch, uma vez que não possuo prática qualquer de narrador. Mas como tenho forçosamente de fazê-lo, principiarei por aquele frio dezembro de 1880, quando os campos gelaram de tal forma que impediram de cavar-se sepulturas até o advento da primavera e conseqüentemente reamolecimento do solo. Felizmente, a aldeia possuía pequenas proporções, o que tornava muito baixo o seu coeficiente de mortalidade. Assim, foi possível dar-se todas as cargas fúnebres do enterrador local um abrigo provisório na única catacumba do cemitério. Com a inclemência do tempo, Birch ficou dobradamente lerdo e parecia superar-se, a si mesmo, de relaxamento nos diversos misteres da sua profissão. Jamais construíra ele ataúdes tão grosseiros e mal ajustados, nem mais flagrantemente descurara antes os cuidados indispensáveis com a enferrujada fechadura da cripta, cuja porta ele costumava abrir com um safanão e fechava com desleixados pontapés.

Afinal veio o degelo e as sepulturas puderam ser cavadas laboriosamente para os silenciosos frutos humanos, safra da impiedosa segadora eterna e que pacientemente esperavam o repouso final da última morada. Birch, embora maldizendo o afã, começou a remoção dos cadáveres, numa desagradável manhã de abril, interrompendo-a, porém, antes do meio-dia, devido à pesada chuva que cegava o cavalo da carreta,

e depois de só ter baixado um único defunto ao seio da terra. Este era Darius Peck, nonagenário, cuja cova ficava perto da catacumba. O coveiro resolveu começar, no dia seguinte, com Matthew Fenner, velhinho miúdo que tinha o seu túmulo também não muito distante. Acabou, porém, adiando o serviço para três dias depois, só voltando a trabalhar na Sexta-feira Santa, dia quinze. Não sendo supersticioso, nenhuma importância deu à data, se bem que, depois da história, sempre se recusou a fazer qualquer serviço de importância neste fatídico dia. Certamente, os acontecimentos daquela noite mudaram por completo, o feitio de George Birch.

Então, na tarde de Sexta-Feira Santa, quinze de abril, o nosso homem se dirigiu à catacumba, com o cavalo a puxar a carroça, a fim de apanhar o caixão de Matthew Fenner. A verdade é que Birch já gostava da bebida, conforme ele próprio o confessou mais tarde, muito embora, naquele tempo, ainda contraíra o vício desbragado pelo qual procurou esquecer, na embriaguez, certos fatos penosos. O agente funerário sentia-se, então, bastante entontecido e abstrato que esquecia o necessário incitamento ao seu cavalo que, vendo-se assim dignificantemente conduzido, relinchava, batia com as patas no solo e remexia continuamente a cabeça, molestado pela chuva. Entretanto, o dia mostrava-se claro e a aventura soprava, o que pôs o coveiro contente, com a idéia de abrigar-se, ao abrir a porta de ferro e penetrar na cripta cavada no flanco da colina. Um outro não teria gostado daquele recinto úmido e malcheiroso, com oito esquifes dispostos cuidadosamente ao centro, mas Birch tinha a alma já calejada pelo ofício e só se preocupava em não errar a sepultura de cada um. Jamais esquecera os protestos levantados, quando os parentes de Hanna Bixby, desejando transportar-lhe os restos para o cemitério da cidade para onde se haviam mudado, encontraram, sob a lápide de Hanna, a urna do Juiz Capwell.

O interior da catacumba mergulhava-se em densa penumbra. Birch, no entanto, possuía excelente vista e não confundiu o caixão de Fenner com o de Asaph Sawyer, embora fosse este muito semelhante àquele. Com efeito, o ataúde de Sawyer destinava-se primitivamente a Matthew Fenner, mas, à última hora, Birch pusera-o de lado, achando-o demasiado frágil e tosco pois, num impulso de sentimentalismo agradecido, lembrou-se de quando o velhinho Fenner o ajudara em uma falência, cinco anos

antes. Assim, deu ao seu bom protetor tudo o que de melhor a sua arte poderia produzir. Mas, sendo demasiado sovina para desperdiçar o material defeituoso, aproveitou o refugo, quando Asaph Sawyer morreu de febre maligna. Este não gozava de bom conceito, como cidadão, e muitas histórias corriam da sua quase desumana sede de vingança e da sua memória tenaz que o impedia de esquecer ressentimentos reais ou imaginários contra os desafetos. Assim, o empreiteiro fúnebre nenhum constrangimento sentiu em reservar-lhe o ataúde mal feito que, naquele momento, afastava para lado com um repelão, procurando o de Fenner.

Foi justamente então, quando punha as mãos no caixão do bom velhinho, que o vento bateu a porta, mergulhando tudo em negra escuridão. O estreito postigo só deixava uma fraquíssima claridade e nenhuma virtualmente se coava pela chaminé de ventilação do teto. O coveiro ficara, pois, reduzido a um tatear inconsciente, caminhando hesitante, entre os esquifes, na direção da porta. Neste débil lusco-fusco, fez tanger a enferrujada aldrava, sacudiu inutilmente as almofadas de ferro, espantando-se com a súbita resistência da maciça porta. Compreendeu logo a realidade da situação e pôs-se a gritar desesperadamente como se o cavalo, lá fora, pudesse fazer mais do que responder-lhe com relinchos agudos e desolantes. A lingüeta da fechadura, longamente desleixada, quebrara-se finalmente, fechando, na catacumba, a culpada vítima da própria negligência, como em ratoeira.

A coisa devia ter acontecido cerca das três horas e meia da tarde. Birch, dotado de temperamento fleumático e prático, não gritou por muito tempo, pondo-se logo a procurar, às apalpadelas, algumas ferramentas que lembrava haver visto amontoadas em um canto. Não há, contudo, certeza se ele avaliou de pronto todo o horror e a impressionante fatalidade da sua crítica situação, mas o simples fato de se ver encerrado em local fora do caminho de qualquer ser humano seria bastante para fazer perder a cabeça ao mais valente indivíduo. A tarefa do dia fora assim desgraçadamente interrompida e a não ser que a sorte trouxesse até ali algum excursionista errante, Birch teria de ficar enclausurado durante toda a noite e ninguém podia saber por quanto tempo mais. Logo que encontrou o monte de ferramentas, o enterrador escolheu um martelo e um escopo e voltou à porta, passando por sobre os caixões. O ar começara a ficar excessivamente empestado, mas ele não atentou em semelhante

detalhe, tão ocupado estava em atacar o pesado e corroído metal da fechadura. Teria certamente então dado tudo por uma lanterna acesa ou um simples toco de vela, mas, na falta de qualquer iluminação bastante, martelava, às cegas, da melhor maneira que podia.

Percebendo, porém, que o fecho resistiria inexoravelmente, pelo menos a tão frágeis instrumentos, naquelas tenebrosas condições, Birch olhou em torno, na esperança de achar outros possíveis meios de safamento. A catacumba se cavava na encosta de uma elevação, de modo que o ventilador atravessava vários pés de terra, eliminando assim qualquer visibilidade de evasão por aquele lado. A clarabóia losangular, tendida bem alto, sobre a porta, na fachada de tijolos, parecia-lhe mais suscetível de ser alargada, embora à custa de rudes esforços. Os olhos do homem nela se fixaram longamente, enquanto espremia o cérebro, em busca do meio de subir e alcançá-la. Não havia ali espécie alguma de escada e os nichos destinados a receber as urnas, situados nas paredes laterais e do fundo, não lhe dariam acesso, muito distantes, à parte superior da porta. Só restava, portanto, o uso dos próprios esquifes, à guisa de degraus. Fixando o pensamento nesse sentido, estudo o melhor meio de colocá-los. Calculou que a altura de três caixões superpostos lhe seria bastante para chegar à clarabóia, mas quatro lhe tornaria o trabalho ainda mais fácil. As urnas fúnebres era bem niveladas e podiam ser empilhadas solidamente. Sem mais demora, pôs-se a imaginar como deveria dispor os oito féretros para construir uma plataforma escalável, cujo piso superior se constituísse de quatro deles, verticalmente arrumados. Enquanto pensava, só lamentava não tê-los feito com absoluta solidez. Agora, se a sua imaginação chegou a desejar que os caixões estivessem vazios, é francamente duvidoso.

Finalmente, decidiu encostar uma base de três ataúdes à porta e colocar sobre esta duas camadas de dois féretros cada uma e, em cima de tudo, um único caixão, servindo de estrado. Tal disposição podia ser erguida com o mínimo de tropeços e lhe forneceria a altura desejada. Ainda melhor, assim só se utilizaria de dois caixões, na base, para suportar a superestrutura, deixando o terceiro, como um degrau disponível, para o caso de ser-lhe necessário maior altura. E o prisioneiro labutou, na penumbra espessa, erguendo os defuntos com nenhuma cerimônia, naquela muda de torre de babel. Vários féretros começaram a estalar no

decurso da operação e Birch resolveu reservar o de Matthew Fenner, pela sólida construção, para encimar a pilha, de modo que, ao trabalhar na clarabóia, os seus pés encontrassem a superfície mais firme possível como apoio.

Por fim, a torre foi terminada e, com os braços doloridos, Birch fez uma pausa, durante a qual se sentou no primeiro degrau da estranha escada. A seguir, subiu cautelosamente, com as ferramentas, até a clarabóia, cujos bordos era m de tijolos e que, lhe parecia, não lhe seria difícil dilatar do suficiente para escapulir daquela fúnebre prisão. Ao ressoar das primeiras marteladas, o cavalo, lá fora, relinchou em tom que tanto podia ser de encorajamento como de mofa. Em ambas as hipóteses, a manifestação da alimária se tornava adequada, pois a imprevista tenacidade da camada de tijolos, de frágil aspecto à vista, simbolizava um verdadeiro comentário sardônico à falacidade das esperanças terrenas e exigia um trabalho merecedor dos mais acalorados incitamentos.

Caiu a noite, que encontrou o coveiro ainda mourejanto. Agora, trabalhava exclusivamente pelo tato, pois grandes nuvens repentinamente aglomeradas eclipsaram a lua. Embora o progresso geral fosse medíocre, ele se sentia animado com a extensão das erosões produzidas no alto e no fundo da clarabóia. Estava firmemente convicto, enfim, de que conseguiria libertar-se por volta da meia-noite. Abstraído de reflexões opressivas sobre o tempo, o lugar e a companhia empilhada sob os seus pés, Brich ia filosoficamente lascando os pétreos tijolos. Praguejava, quando um estilhaço o atingia no rosto e ria-se quando outros se projetavam sobre o cada vez mais enlevado cavalo que pastejava, amarrado ao cipreste. De vez em quando, julgava a abertura tão adiantada que tentava por ela passar o corpo e, ao assim proceder, tanto se remexia que os esquifes embaixo, dançavam e estalavam. Esperava, entretanto, não ter de elevar mais a plataforma por meio de um quinto ataúde, pois o buraco se encontrava no nível exato de ser transposto logo que as dimensões permitissem a passagem.

Devia ser, pelo menos, meia-noite, quando Birch decidiu empreender a travessia da clarabóia. Cansado e suarento, a despeito das inúmeras pausas, desceu ao chão e sentou-se um momento sobre o esquife inferior, a fim de reunir as forças para o esforço final e o salto para o exterior. O cavalo, faminto, relinchava repetida e fracamente, enquanto o

seu dono fazia votos para que ele parasse com aqueles lúgubres apelos. Birch sentia-se paradoxalmente pouco entusiasmado. No momento de realizar a ambiciosa libertação, assautou-o um como quase medo de iniciá-la, pois a coisa se revestia de intemerata rudeza dos heróicos tempos medievais. Ao galgar de novo os caixões, já rachados, ele percebeu, apreensivo, o próprio corpo mais pesado ainda, especialmente quando, depois de atingir a plataforma, ouviu um estalo forte de madeira que acabava de ceder. Fora-lhe inútil escolher o caixão mais sólido para encimar o macabro andaime. Tão pronto voltara a descansar sobre ele o peso do corpo, a tampa rompeu-se, fazendo-o baixar duas jardas sobre uma coisa mole, de que jamais imaginara, um dia, haver de sentir, sob os pés, a muralhante e gosmenta friagem. Estonteado pelo barulho ou pelo fétido que se desprendera, vigoroso, até o lado de fora, o cavalo emitiu um berro estridente, demasiado selvagem para chamar-se um relincho, e mergulhou na noite de piche, louco de pânico, seguido do estrépito infernal da carroça, arrastada aos trambolhões cegos.

Naquela angustiosa situação, Birch se encontrava agora impotente para atravessar a clarabóia já alargada, mas resolveu reunir as energias para uma tentativa desesperada. Tendo conseguido agarrar-se à beira da abertura pela ponta dos dedos, dispunha-se a alcançar-se, pela força dos braços, quando notou uma estranha pressão como se alguém o puxasse para baixo, pelos calcanhares. Então, pela primeira vez, naquela noite, ele sentiu medo. Sim. Porque, embora se debatesse, esperneando furiosamente o mais possível, não conseguiu sacudir fora a misteriosa garra que lhe prendia os pés, em uma tração contínua. Dores horríveis, como de chagas cruéis, percorriam-lhe a barriga da perna e, em seus espírito, dançava, num vértice de horror supersticioso, a inequívoca realidade, a prova material; o lascar das tábuas, os pregos arrancados e todos os demais ruídos característicos da madeira que se parte. Não era, portanto, uma ilusão dos sentidos, um fenômeno alucinatório gerado pelas circunstâncias. Pô-se a lutar, dando de pernas, em contorções ainda mais frenéticas, até passar a um estado de semidesmaio, em que os seus desvairados movimentos continuaram, ao acaso, automáticos. De repente, sem saber como, viu-se livre, já com o corpo metido na clarabóia.

Somente o instinto o guiou, no trágico caminho sinuoso através da abertura e ao rastejar que seguiu o baque surdo da sua queda, no exterior,

sobre o chão úmido. Birch não podia caminhar e a lua nascente deve ter testemunhado a horrível cena daquele homem delirante, arrastando os tornozelos em sangue, na direção do pequeno pavilhão do cemitério, os dedos espasmódicos enterrando-se na relva enegrecida, em pressa febril, o corpo, porém, respondendo com a clássica lentidão desesperante de que procura fugir dos fantasmas, nos pesadelos. Evidentemente, ali não havia perseguidor algum, pois que Birch estava só e acordado, quando Armington, o guarda da necrópole, atendeu a seu fraco batido à porta.

O guarda levou-o para uma cama de reserva e mando o filho, Edwin, chamar o Dr. Davis. O pobre empreiteiro de enterros se achava em perfeito estado de conhecimento, mas nada dizia sobre o acontecimento, murmurando apenas raras palavras como: "Ai! Meus tornozelos! Largue-me!... Fechado na catacumba...". Pouco depois, chegou o médico com a sua maleta de remédios, fez perguntas insistentes ao ferido e removeu-lhe as roupas de cima, os sapatos e as meias. As feridas (ambos os artelhos se apresentavam horrivelmente dilacerados sobre o tendão de Aquiles) intrigaram grandemente o velho doutor e, a seguir, quase o aterrorizaram. O interrogatório, com efeito, ultrapassou o terreno médico e as mãos do esculápio tremiam visivelmente ao contribuírem os retalhados membros de espessas ataduras, como se ele quisesse, sobretudo, ocultar aquelas chagas, o mais depressa possível.

Realmente, as perguntas angustiosas e solenes do Dr. Davis tornavam-se mais do que estranháveis, pois deixavam bem patente a intenção de arrancar do infeliz coveiro até o mais insignificante detalhe da sua pavorosa aventura, o que era inadmissível em médico. Davis mostrava-se singularmente ansioso pos saber se Birch tinha a certeza absoluta de quem era o caixão que servia de plataforma, de como ele o identificara em plena escuridão e finalmente, por que maneira o distinguira da duplicata de qualidade inferior, mais tarde ocupada pelo corpo do mal-afamado Asaph Sawyer. Em suma, por que artes o sólido ataúde de Fenner cedera assim tão facilmente? O profissional, antigo médico da aldeia, assistira, naturalmente, aos funerais de ambos, como também os havia atendido nas suas derradeiras enfermidades. Até mesmo no enterro de Sawyer, muito se admirara de como se arranjara o vingativo fazendeiro defunto para acomodar os longos ossos em tão diminuto caixão, feito sob as medidas do pequeno Fenner.

Após duas longas horas, o Dr. Davis partiu, insistindo com o paciente para convencer-se de que as suas feridas só poderiam ter sido causadas por pregos de pontas soltas estilhaços agudos de madeira. Nada mais explicaria o acontecido, com lógica e verossimilhança, acrescentou. Sobretudo, recomendou-lhe ainda falar o menos possível sobre o caso e, em nenhuma hipótese, permitisse que ouro médico lhe tratasse aqueles ferimentos. Birch seguiu esses conselhos o resto da sua vida, até que um dia, me contou a sua história. Depois de examinar-lhe as cicatrizes já velhas e esbranquiçadas, achei que ele fizera muito bem em manter-se discreto. Do acidente, o pobre homem saira aleijado, pois fora cortado o tendão principal, mas, para mim, a sua maior invelidez operou-se-lhe na própria alma. De temperamento outrora tão fleumático, o seu raciocínio guardou, depois do fato, transtornos imperecíveis e comovia observar-se-lhe as reações e certas alusões causais, como "sexta-feira, catacumba, caixão" e outras palavras menos diretamente significativas. O seu cavalo assustado, regressara a casa, nas a razão do pobre homem nunca mais retornou ao lugar devido. Ele trocou a profissão, mas, para sempre, algo lhe ficou, penando-o. Talvez fosse apenas o medo, ou o medo envolto em espécie estranha de implacável remorso pelas más ações do seu passado. Ademais, a bebida só veio agravar o que ele tencionava aliviar com a embriaguez.

O Dr. Davis, ao deixá-lo, naquela noite, pegara uma lanterna e se dirigira à catacumba. A luz iluminava vagamente os destroços dos tijolos espalhados, a fachada esburacada e o velho cipreste, de cujo tronco ainda pendia o segmento do cabresto arrebentado pelo eqüino, em pânico. O trinco da pesada porta de ferro abriu-se à primeira pressão da maçaneta exterior. Endurecido pela antiga prática das autópsias, o médico entrou e correu o olhar em torno, contendo a náusea física e moral que o mau cheiro e tudo mais ali provocavam. De repente, deixou escapar um grito e, logo depois, teve um extremeção que lhe pareceu mais terrível do que um berro de dor. E correu desabaladamente para o pavilhão do cemitério, onde, contra todas as regras da compostura, agarrou o doente pelas roupas, levantando-o, com força, atirou-lhe uma série de cochichos frenéticos que entraram pelos ouvidos do ferido, fervilhantes como vitríolo.

— O caixão era de Asaph, Birch — sibilou-lhe o doutor, justamente como eu pensava. — Reconheci-lhe o cadáver pela dentadura a que faltavam incisivos superiores. Pelo amor de Deus, jamais mostre os seus ferimentos a quem for! O corpo estava completamente putrefeito, mas, ainda assim, nunca vi expressão tão nítida de vingança satisfeita como a das suas feições já enegrecidas. Nunca, juro-o, em toda a minha vida! Bem sabe o demônio tenaz que era lê para vingar-se. Ainda deve estar lembrado de como arruinou o velho Raymond, trinta anos depois da demanda de terras entre ambos e como matou, a pisadas, o cãozinho inofensivo que o perseguira, latindo, fez um ano em agosto... Era o diabo em figura de gente e penso que a sua teoria de olho por olho e dente por dente tinha tanta ferocidade que resistiu à própria morte. O seu ódio... meu Deus!... eu não o quisera, jamais, sobre mim!

Então, por que você o foi provocar, Birch? Por ter sido um sujeito miserável, não te censuro ter-lhe dado um caixão refugado. Mas sempre exageras as coisas! Há limites que se devem respeitar, a todo preço, e conhecias muito bem o tamanho do velhinho Fenner!

Nunca mais se me apagará da memória, enquanto vivo for, o quadro que então presenciei. O caixão de Asaph estava por terra, atirado longe. A sua cabeça esfacelada e tudo mais, dentro, resolvido. Já muita coisa neste mundo, mas uma, doravante, ficará insuperável! Olho por olho! Francamente, Birch teve o que merecia. O crânio esmigalhado de Asaph embrulhou-me o estômago, mas a outra extremidade do corpo fez-me pior. Aqueles tornozelos cortados rentes para que o defunto coubesse no caixão feito para Matt Fenner!



Algumas notas sobre algo não-existente

PARA MIM, A PRINCIPAL DIFICULDADE ao escrever uma autobiografia é encontrar algo importante que contar. Minha existência tem sido reservada, pouco agitada e nada sobressalente; e no melhor dos casos soaria tristemente monótona e chata sobre o papel.

Nasci em Providence, R.I. - onde eis vivido sempre, exceto por duas pequenas interrupções - o 20 de agosto de 1890; de velha linhagem de Rhode Island por parte de minha mãe, e de uma linha paterna de Devonshire domiciliada no estado de Nova York desde 1827.

Os interesses que me levaram a literatura fantástica apareceram muito cedo, pois até onde posso recordar claramente me encantavam as idéias e histórias estranhas, e os cenários e objetos antigos. Nada tem parecido fascinar-me tanto como o pensamento de alguma curiosa interrupção das prosaicas leis da Natureza, ou alguma intromissão monstruosa em nosso mundo familiar por parte de coisas desconhecidas dos ilimitados abismos exteriores.

Quando tinha três anos ou menos escutava avidamente os típicos contos de fadas, e os contos dos irmãos Grimm estão entre as primeiras coisas que li, na idade de quatro anos. Aos cinco me reclamaram *As mil e uma noites,* e passei horas julgando aos árabes, chamando-me «Abdul Alhazred» o que um amável ancião me havia sugerido como típico nome árabe. Foi muitos anos mais tarde, todavia, quando pensei em dar a Abdul

um posto no século VIII. E atribuir-lhe o temido e imencionável *Necronomicon!*

Mas para mim os livros e as lendas não detiveram o monopólio da fantasia. Nas pitorescas ruas e colinas de minha cidade natal, onde as clarabóias das portas coloniais, as pequenas janelas e os graciosos campanários georgianos ainda mantiveram vivo o encanto do século XVIII, sentia uma magia naquela época e agora difícil de se explicar. Os entardeceres sobre os telhados estendidos pela cidade, tal como se vê a partir de certos mirantes da grande colina, me comoviam com um tocante especial. Antes de me dar conta, o século XVIII me havia capturado mais completamente que o herói de *Berkeley Square;* de maneira que passava horas no ático abismado nos grandes livros degredados da biblioteca abaixo e absorvendo inconscientemente o estilo de Pope e do Dr. Johnson com um modo de expressão natural. Esta absorção era duplamente forte devido a minha frágil saúde, que provocou que minha freqüência à escola fora pouco freqüente e irregular. Um de seus efeitos foi fazer-me sentir sutilmente fora do lugar no período moderno, e pensar portanto no *tempo* como algo místico e prodigioso onde todo tipo de maravilhas inesperadas poderiam ser descobertas.

Também a natureza tocou intensamente meu sentido do fantástico. Minha casa não estava longe do que por então era o limite do distrito residencial, de maneira que estava tão acostumado as trepadeiras, as paredes de pedra, aos olmos gigantes, as granjas abandonadas e aos densos bosques da Nova Inglaterra rural como o antigo cenário urbano. Esta paisagem melancólica e primitiva me parecia que encerrava algum significado vasto mas desconhecido, e certas depressões selvagens e escuras perto do rio Seekonk adquiriram uma aureola de irrealidade não sem mistura de um vago horror. Apareceram em meus sonhos, especialmente naqueles pesadelos que continham as entidades negras, aladas e gomosas que denominei «night-gaunts» [espectros noturnos ou «alimárias desencarnadas»].

Quando tinha seis anos conheci a mitologia grega e romana através de várias publicações populares juvenis, e fui profundamente influenciado por ela. Deixei de ser um árabe e me transformei em romano, adquirindo com o passar uma rara sensação de familiaridade e de identificação com a antiga Roma só menos poderosa que a sensação correspondente em

relação o século XVIII. Em um sentido, as duas sensações trabalharam juntas; pois quando busquei os clássicos originais dos quais se adquiriram os contos infantis, os encontrei em sua maioria em traduções dos finais do século XVII e do XVIII. O estímulo imaginativo foi imenso, e durante uma temporada creio realmente haver vislumbrado faunos e dríadas em certas árvores veneráveis. Pretendia construir altares e oferecer sacrifícios a Pan, Diana, Apolo e Minerva.

Neste período, as estranhas ilustrações de Gustave Doré - que conheci nas edições de Dante, Milton e *A Balada do Antigo Marinheiro* - me afetaram poderosamente. Pela primeira vez teimei a tentar escrever: a primeira peça que posso recordar foi um conto sobre uma cova horrível perpetrado na idade de sete anos e intitulado: «The Noble Eavesdropper». Este não sobreviveu, ainda todavia possuo dois hilariantes esforços infantis que data do ano seguinte: «The Mysterious Ship» e «The Secret of the Grave», cujos títulos exibem suficientemente a orientação de meu gosto.

Na idade de quase oito anos adquiri um forte interesse pelas ciências, que surgiu sem dúvida das ilustrações de aspecto misterioso de «Instrumentos filosóficos e científicos» ao final de *Webster's Unabrigded Dictionary*. Primeiro veio à química, e rápido tive um pequeno laboratório muito atrativo no sótão de minha casa. A continuação veio da geografia, com uma estranha fascinação centrada no continente antártico e outros reinos inexplorados de remotas maravilhas. Finalmente manifestou-se em mim a astronomia, e o sonho de outros mundos e inconcebíveis abismos cósmicos obscureceu todos meus outros interesses durante um largo período até depois de meu aniversário de doze anos. Publicava um pequeno periódico hectografado intitulado *The Rhode Island Journal ofAstronomy,* e finalmente - nos dezesseis - apareci na publicação real na impressa local com temas de astronomia, colaborando com artigos mensais sobre fenômenos de atualidade para um periódico local, e alimentando a imprensa rural semanal com miscelâneas mais expansivas.

Foi durante o segundo grau - ao que pude assistir com certa regularidade - quando produzi pela primeira vez histórias fantásticas com algum grau de coerência e seriedade. Eram em grande parte lixo, e destruí a maioria aos dezoito, mas um ou dois provavelmente alcançaram o nível

médio do «pulp».[2] De todas elas eu conservei somente «The Beast in the Cave» (1905) e «The Alchemist» (1908). Nesta etapa a maior parte de meus escritos, incessantes e volumosos, eram científicos e clássicos, ocupando o material fantástico um lugar relativamente menor. A ciência havia eliminado minha crença no sobrenatural, e a verdade pelo momento me cultiva mais que os sonhos. Sou todavia materialista mecanicista em filosofia. Enquanto a leitura: misturava ciência, história, literatura geral, literatura fantástica, e lixo juvenil com a mais completa falta de convencionalismo.

Paralelamente a todos estes interesses na leitura e a escritura, tive uma infância muito agradável; os primeiros anos muito animados com brinquedos e com diversões ao ar livre, e o estirão depois de meu aniversário de dez anos de idade dominado por persistentes mas inevitáveis curtos passeios de bicicleta que me familiarizaram com todas as etapas pitorescas e excitante imaginação da paisagem rural e os povos da Nova Inglaterra. Não era de nenhum modo um ermitão: mas de um bando da rapaziada local me falava em suas filas.

Minha saúde me impediu freqüentar a universidade; mas os estudos informais em minha casa, e a influencia de um tio médico notadamente erudito, me ajudaram a evitar alguns dos piores efeitos desta carência. Nos anos em que deveria ter sido universitário mudei da ciência a literatura, especialmente nas obras daquele século XVIII do qual tão estranhamente me sentia parte. A escritura fantástica estava então em suspenso, ainda lia todo o espectral que podia encontrar -incluindo os freqüentes soltos estranhos nas revistas baratas de contos como *All-Story* e *The Black Cat* - Minhas próprias obras foram majoritariamente versos e ensaios: uniformemente desvalorizados e relegados agora ao esquecimento eterno.

Em 1914 descobri a United Amateur Press Association e me uni a ela, uma das organizações epistolares de alcance nacional de literatos noveleiros que publicam trabalhos por sua conta e formam, coletivamente, um mundo em miniatura de crítica e leitura mútuos e proveitosos. O benefício recebido desta filiação apenas pude sobreestimar, pois o contato com os variados membros e críticos me ajudou infinitamente a rebaixar os piores arcaísmos e as direções do meu estilo. Este mundo do «periodismo aficionado» está agora melhor

representado pela National Amateur Press Association, uma sociedade que posso recomendar forte e conscientemente a qualquer principiante na criação. Foi nas filas do amadorismo organizado onde me aconselharam pela primeira vez retomar a escritura fantástica; iniciativa que dei em julho de 1917 com a publicação de «A tumba» e «Dagon» (ambos publicados depois na *Weird Tales)* em rápida sucessão. Também por intermédio do amadorismo se estabeleceram os contatos que levaram a primeira publicação profissional de minha ficção: em 1922, quando *Home Brew* publicou uma horrorosa série intitulada «Herbert West - Reanimator». O mesmo círculo, alem disto, me levou a discutir com Clark Ashton Smith, Frank Belknap Long, Wilfred B. Talman e outros depois celebrados no campo das histórias extraordinárias.

Foi em 1919 o descobrimento de Lord Dunsany - de quem tomei a idéia do panteão artificial e o fundo mítico representado por «Cthulhu», «Yog-Sothoth», «Yuggoth», etc.- deu um enorme impulso a minha escritura fantástica; e saquei material em maior quantidade que nunca antes ou depois. Naquela época não me formava nenhuma idéia ou esperança de publicar profissionalmente; mas o descobrimento de *Weird Tales* em 1923 abriu uma válvula de escape de considerável regularidade. Minhas histórias do período de 1920 refletem muito de meus modelos principais, Poe e Dunsany, e estão em geral demasiado fortemente inclinadas a extravagância e um colorismo excessivo como para ser de um valor literário muito sério.

Enquanto tanto minha saúde havia melhorado radicalmente desde 1920, de maneira que uma existência bastante estática começou a diversificar-se com modestas viagens, dando a meus interesses de antiquário um exercício mais livre. Meu principal prazer fora da literatura passou a ser a busca invocadora do passado de antigas impressões arquitetônicas e paisagísticas nas velhas cidades coloniais e caminhos afastados das regiões mais largamente habitadas da América, e gradualmente me foi possível cobrir um território considerável desde a glamorosa Quebec no norte até o tropical Key West no sul e o colorido Natchez e New Orleans pelo oeste. Entre minhas cidades favoritas, à parte de Providence, estão Quebec; Portsmouth, New Hampshire; Salem e Marblehead em Massachusetts; Newport em meu próprio estado; Philadelphia, Annapolis; Richmond com sua abundancia de recordações

de Poe; a Charleston do século XVIII, St. Augustine do XVI e a sonolenta Natchez em seu penhasco vertiginoso e com seu interior subtropical magnífico. A «Arkham» e «Kingsport» que saem em alguns de meus contos são versões mais ou menos adaptadas de Salem e Marblehead. Minha Nova Inglaterra natal e sua tradição antiga e persistente haviam-se fundido profundamente na minha imaginação e aparecem freqüentemente no que escrevo. Vivo atualmente em uma casa de 130 anos de antiguidade no cume da antiga colina de Providence, com uma vista grandiosa de galhos e telhados veneráveis a partir da janela acima do meu escritório.

Agora está claro para mim que qualquer mérito literário real que possa estar confinado aos contos oníricos, de sombras estranhas, e «exterioridade» cósmica apesar de um profundo interesse em muitos outros aspectos da vida e da prática profissional da revisão geral de prova e verso. Por que é assim, não tenho a menor idéia. Não me carrego ilusões com respeito ao precário status de meus contos, e não espero chegar a ser um competidor sério de meus autores fantásticos favoritos: Poe, Arthur Machen, Dunsany, Algernon Blackwood, Walter de la Mare, e Montague Rhodes James. A única coisa que posso decidir em favor de meu trabalho é sua sinceridade. Rechaço seguir as convenções mecânicas da literatura popular ou encher meus contos com personagens e situações comuns, mas insisto na reprodução de impressões e sentimentos verdadeiros da melhor maneira que posso conseguir. O resultado pode ser pobre, mas prefiro seguir aspirando a uma expressão literária séria antes que aceitar padrões artificiais do romance barato.

Eu tenho tentado melhorar e fazer mais sutis meus contos com passar dos anos, mas não obtive o progresso desejado. Alguns de meus esforços haviam sido mencionados nos anuários de O'Brien e O. Henry, e uns poucos tiveram a honra de ser reimpressos em antologias; mas todas as propostas para publicar uma coleção tem dado em nada. É possível que um ou dois contos curtos podem sair como impresso feito à parte dentro em pouco. Nunca escrevo se não posso ser espontâneo: expressando um sentimento já existente e que exige cristalização. Alguns de meus contos envolvem sonhos reais que tenho experimentado. Meu ritmo e maneira de escrever variam bastante em diferentes casos, mas sempre trabalho melhor de noite. De minhas obras, meus favoritos são «The Colour Out of

Space» e «The Music of Erich Zann», na ordem citada. Duvido se poderia ter algum êxito no tipo ordinário de ficção científica.

Creio que a escritura fantástica oferece um campo de trabalho sério nada indigno dos melhores artistas literários; todavia um muito limitado, já que refletem somente uma pequena seção dos infinitamente complexos sentimentos humanos. A ficção espectral dever ser realista e centrar-se na atmosfera; confinar sua saída da Natureza ao único canal sobrenatural escolhido, e recordar que o cenário, o tom e os fenômenos são mais importantes para transmitir o que tem que transmitir os personagens e a trama. O «atrativo» de um conto verdadeiramente diferente é simplesmente alguma violação ou superação de uma lei cósmica ficha, uma escapada imaginativa da tendenciosa realidade; portanto são os *fenômenos* mais que os *personagens* os «heróis» lógicos. Os horrores acredito, devem ser *originais:* o uso de mitos e lendas comuns é uma influencia enfraquecedora. A ficção publicada atualmente nas revistas, com sua orientação incurável em direção aos pontos de vista sentimentais convencionais, estilo enérgico e alegre, e tramas artificiais de «ação», não contam muito. O melhor conto fantástico jamais escrito é provavelmente «The Willows» de Algernon Blackwood.

23 de novembro de 1933.



Notas Quanto a Escrever Ficção Fantástica

A RAZÃO QUE ENCONTRO para escrever histórias é dar a mim mesmo a satisfação de visualizar mais clara, detalhada e estavelmente as vagas, fugidias, fragmentárias impressões de espanto, beleza e aventurosa expectativa que me vêm de certas visões (cênicas, arquitetônicas, atmosféricas, etc.), idéias, ocorrências e imagens encontradas na arte e na literatura. Escolho as histórias fantásticas porque melhor se enquadram com minha inclinação - sendo que um de meus desejos mais fortes e persistentes é alcançar, nem que por um instante, a ilusão de uma estranha suspensão ou violação das irritantes limitações do tempo, do espaço e das leis naturais que eternamente nos aprisionam e frustram nossa curiosidade acerca dos infinitos espaços cósmicos que jazem para além do alcance de nossa vista e poder de análise. Essas histórias freqüentemente enfatizam o elemento do horror, já que o medo é nossa emoção mais profunda e forte e uma das que melhor se prestam à criação de ilusões desafiadoras da natureza. O horror e o desconhecido ou estranho estão sempre intimamente conectados, a tal ponto que é difícil criar um quadro convincente de esfacelamento da lei natural ou alienação cósmica ou "exterioridade" sem acentuar a emoção do medo. A razão por que o tempo é tão fundamental em muitas de minhas narrativas reside em que esse elemento me aparece como a coisa mais profundamente dramática e terrível do universo. O conflito com o tempo me parece ser o tema mais potente e frutífero de toda a expressão humana.

Enquanto a forma que escolho para escrever histórias é, obviamente, especial e quem sabe estreita, continua sendo porém um tipo persistente e permanente de expressão, tão velho quanto a própria literatura. Sempre haverá uma pequena parcela de pessoas que sentirão uma ardente curiosidade sobre o espaço desconhecido e exterior e um ardente desejo de escapar da prisão do conhecido e do real em direção a essas terras encantadas de aventuras incríveis e possibilidades infinitas, que os sonhos nos franqueiam e que coisas como matas profundas, fantásticas torres urbanas e pores-de-sol flamejantes sugerem freqüentemente. Essas pessoas incluem tanto grandes autores quanto amadores insignificantes como eu mesmo - Dunsany, Poe, Arthur Machen, M. R. James, Algernon Blackwood e Walter de la Mare constituindo-se em típicos mestres do gênero.

Quanto ao modo como escrevo um conto, não há um somente. Cada uma de minhas narrativas tem uma história específica. Vez ou outra transcrevi literalmente um sonho; mas usualmente começo com um estado de espírito ou uma idéia ou uma imagem que pretendo expressar e a revolvo em minha cabeça até que chegue a pensar numa boa maneira de lhe dar corpo numa cadeia de ocorrências dramáticas, capazes de serem registradas em termos concretos. Tendo a repassar mentalmente uma lista das condições básicas ou situações que melhor se adaptem a esse estado de espírito ou idéia ou imagem, e então começo a especular acerca de explanações lógicas e naturalmente motivadas do referido estado de ânimo ou idéia ou imagem, em termos da condição básica ou da situação escolhida. O processo real de escrever é, com certeza, tão variado quanto a escolha do tema e da concepção inicial; mas, se a história de todas as minhas narrativas fosse analisada, é bem possível que o seguinte conjunto de regras pudesse ser deduzido do procedimento ordinário:

Preparar uma sinopse ou pano de fundo dos eventos na ordem de sua ocorrência absoluta - não na ordem em que serão narrados. Descrever com abrangência suficiente para cobrir todos os pontos vitais e motivar todos os incidentes planejados. Detalhes, comentários e estimativas de conseqüências são às vezes desejáveis nessa moldura temporária.

Preparar uma segunda sinopse ou pano de fundo dos eventos - desta vez na ordem da narração (não da ocorrência real), com ampla abrangência e detalhamento e com notas acerca de mudanças de

perspectiva, ênfases e clímax. Modificar a sinopse original a fim de me certificar de que tal mudança incrementará a força dramática e a efetividade geral da história. Interpolar ou suprimir incidentes à vontade - nunca me prendendo à concepção original, mesmo que o resultado final seja uma narrativa totalmente diferente daquela que planejei no início. Façam-se acréscimos e alterações sempre que sugeridos por qualquer coisa no processo de formulação.

Escrever a história - rapidamente, fluentemente e nem tanto criticamente - acompanhando a segunda sinopse ou ordem narrativa. Alterar incidentes e enredo onde quer que o processo de desenvolvimento sugira tal alteração, nunca me prendendo a nenhum desígnio prévio. Se o deselvolvimento revelar de repente novas oportunidades de efeitos dramáticos ou um entrecho mais vívido, adicionar o que quer que pareça mais aventuroso - voltando atrás e reconciliando as partes anteriores com o novo plano. Inserir ou apagar seções inteiras, se necessário ou desejável, experimentando novos começos e finais até que o melhor arranjo se patenteie. No entanto certificar-me de que todas as referências ao longo da história estejam totalmente reconciliadas com o desígnio final. Remover todas as possíveis superfluidades - palavras, frases, parágrafos ou episódios inteiros ou elementos -, observando as precauções usuais quanto a conciliar todas as referências. Revisar todo o texto, prestando atenção ao vocabulário, à sintaxe, ao ritmo da prosa, à proporção entre as partes, sutilezas de tom, graça e convencimento nas transições (cena a cena, ação lenta e detalhada para ação rápida e só esboçada e vice-versa, etc., etc., etc.), efetividade do começo, final, clímax, etc., suspense e interesse dramático, plausibilidade e atmosfera, e vários outros elementos.

Datilografar uma cópia bem limpa - não hesitando em acrescentar toques finais de revisão onde se afigurarem necessários.

O primeiro desses estágios é quase sempre puramente mental - um conjunto de condições e acontecimentos a serem trabalhados em minha cabeça, e nunca anotados antes que eu me ache pronto para montar uma sinopse detalhada dos eventos na ordem da narração. Então, também, às vezes começo de fato a escrever antes mesmo de saber como desenvolverei a idéia - esse começo formando um problema a ser motivado e explorado.

Existem, penso, quatro tipos distintos de histórias fantásticas; um deles a expressar um estado de ânimo ou sentimento, outro a expressar uma concepção pictorial, um terceiro a exprimir uma situação geral, condição, lenda ou concepção intelectual, e um quarto a explicar um *tableau* definido ou uma situação dramática específica ou um clímax. Por outro lado, histórias fantásticas podem ser agrupadas em duas grandes categorias - aquelas em que o maravilhoso ou o horrível concernem a alguma condição ou fenômeno, e aquelas em que concernem a alguma ação de pessoas em conexão com uma condição bizarra ou algum fenômeno. Cada história fantástica -falando mais particularmente das histórias de horror - parece envolver cinco elementos definidos: (a) algum horror ou anormalidade básica, jacente - condição, entidade, etc. -, (b) os efeitos ou suportes gerais do horror, (c) o modo da manifestação - objetos incorporando o horror ou fenômenos observados -, (d) as do tipo reação-medo referente ao horror, e (e) os efeitos específicos do horror em relação ao conjunto das condições dadas.

Ao escrever uma história fantástica, tento sempre, com muito cuidado, atingir o estado de espírito ou a atmosfera correta, colocando a ênfase onde ela deve estar. Não se pode, exceto em certa ficção imatura e charlatã, apresentar um relato de fenômenos impossíveis, improváveis ou inconcebíveis como se fosse uma narrativa comezinha de ações objetivas e de emoções convencionais. Eventos ou condições inconcebíveis tendem a assumir relevo especial, e isso só pode ser alcançado se se mantiver um cuidadoso realismo em cada fase da história, exceto naquela relacionada à maravilha em questão. Essa maravilha deve ser tratada com impressividade e deliberadamente - com um cuidadoso envolvimento emocional -, sem o que parecerá rasa e pouco convincente. Sendo o principal da história, sua mera existência ofuscará os personagens e os eventos. Mas os personagens e os eventos devem ser consistentes e naturais, exceto onde tangenciem a maravilha singular. Com relação ao espanto central, os personagens deverão exibir a mesma sobrecarga emocional que personagens similares demonstrariam frente a tal espanto na vida real. Jamais subestimar um espanto. Mesmo quando se possa crer que os personagens estejam acostumados ao espanto, procuro entretecer um ar de pavor ou de impressividade correspondente àquilo que o leitor deveria sentir. Um estilo casual arruína qualquer fabulação séria. Atmosfera, não ação, é o grande desiderato da ficção fantástica. Com

efeito, uma história de espanto jamais será senão uma pintura viva de certos tipos de estados de espírito humanos. No momento em que tenta ser outra coisa, torna-se barata, pueril ou pouco convincente. A ênfase maior deverá ser dada à sugestão sutil - imperceptíveis insinuações ou toques de detalhes associativos, bem selecionados, que expressam nuances de estados de ânimo e constroem uma vaga ilusão da estranha realidade do irreal. Evitar catálogos triviais de acontecimentos incríveis que não podem ter substância ou significado algum além de uma nuvem artificial de cor e simbolismo.

Tais são as regras e padrões que tenho seguido - consciente ou inconscientemente - desde que pela primeira vez me lancei à composição mais séria do fantástico. Que meus resultados tenham tido sucesso se pode questionar - mas, pelo menos, estou certo de que, tivesse ignorado as considerações que mencionei nos últimos parágrafos, teriam sido bem piores do que foram.



A História do Necronomicon

O TÍTULO ORIGINAL era *Al-Azif, azif era* a palavra utilizada pelos árabes para designar o som noturno (produzido pelos insetos) que, se supunha, ser o uivo dos demônios.

Escrito por Abdul Alhazared, um poeta louco de Sanná, no Yemen, que se supõem ter florescido durante o período dos califas Ommiade, perto de 700 A.D. Ele visitou as ruínas da Babilônia e os subterrâneos secretos de Memphis, e passou dez anos sozinho no grande deserto do sul da Arábia -o Roba El Khaliyeh ou "Espaço Vazio" dos antigos - o deserto "Dahna" ou "Crimson" dos árabes modernos, que se supõem habitado por espíritos malignos e monstros da morte. Deste deserto coisas estranhas e inacreditavelmente maravilhosas dizem esses que pretenderam penetrá-lo. Em seus últimos anos de vida Alhazred permaneceu em Damasco onde escreveu o *Necronomicon (Al-Azif)* e de sua morte final ou desaparecimento (738 A.D.) se cotam muitas coisas terríveis e contraditórias. Ele é mencionado por Ebn Khallikan (biografo do século XII) conta que foi pego por um monstro invisível em plena luz do dia e devorado horrivelmente em presença de um grande número de testemunhas aterrorizadas. De sua loucura muitas coisas são ditas. Ele pretendia ter visitado a fabulosa Irem, ou Cidade dos Pilares, e haver encontrado abaixo das ruínas uma inominável cidade deserta os anais secretos de uma raça mais antiga que a humanidade. Ele era apenas um muçulmano não praticante, adorava entidades desconhecidas que ele chamava Yog-Sothoth e Cthulhu.

Em 950 A.D. o Azif, que havia circulado em secreto entre os filósofos da época, foi secretamente traduzido para o grego por Theodorus Philetas de Constantinopla com o título de *Necronomicon.* Durante um século e devido a sua influência provocou acontecimentos horríveis, até que foi proibido e queimado pelo patriarca Miguel. Desde então não temos mais que vagas referências do livro, mas (1228) Olaus Wormius encontra uma tradução latina posterior a Idade Média, e o texto em Latim foi impresso duas vezes - uma no século XV em letras góticas (evidentemente na Alemanha) e outrora no século XVII (provavelmente Espanha) ambas as edições existiam sem marca de identificação, e haviam sido datadas só por evidencia tipográfica. A obra (tanto latina quanto grega) foi proibida pelo Papa Gregório IX em 1232, pouco depois que sua tradução latina, fosse um poderoso foco de atenção. O árabe original se perdeu na época de Wormius, tal como indicado no seu prefácio e nunca se viu a cópia grega (que foi impressa na Itália entre 1500 e 1550) desde que se incendiou a biblioteca de um colecionador particular de Salem em 1692. A tradução feita pelo dr. Dee nunca foi impressa, e existe apenas um fragmento recuperado do manuscrito original. Dos textos latinos agora existe um (século XV) está guardado no Museu Britânico, enquanto outra cópia (século XVII) está na Biblioteca Nacional de Paris. Uma edição do século XVII está na Widener Library em Harvard, e na Biblioteca da Universidade de Miskatonic em Arkham. Além disto na Biblioteca da Universidade de Buenos Aires. Numerosas outras cópias provavelmente existem em segredo, e uma do século XV existe um rumor persistente que forma parte da coleção de um célebre milionário norte americano. Um rumor ainda vago acredita numa cópia do século XVI. O texto grego na família de Pickman em Salem; mas se isto foi assim preservado, isto desapareceu com o artista R.U. Pickman, que desapareceu cedo em 1926. O livro é severamente proibido pelas autoridades da maioria dos países, e por todo os ramos de organizações eclesiásticas. Sua leitura pode trazer terríveis conseqüências. Acredita-se pelos rumores que circulam deste livro (de que relativamente poucos dos públicos gerais conhecem). Crê-se que R.W. Chambers se baseou neste livro para sua novela "The King In Yellow".

Cronologia

730 A.D *Al Azif escrito* em Damascus por Abdul Alhazred

950 A.D Traduzido para o grego como *Necronomicon* por Theodorus Philetas

1050 Queimado pelo Patriarca Miguel (i.e. texto grego) - Texto árabe é perdido.

1228 Olaus Wormius traduz do grego para o latim

1232... Edição latina (e grega). Proibida pelo Papa Gregório IX

14... Edição impressa em letras góticas (Alemanha)

15... Texto grego impresso na Itália.

16... Impressão hispânica do texto latino.

Biografia



Howard Phillips Lovecraft
The Life of a Gentleman of Providence
(S.T. Joshi – tradução de Renato Suttana)

NOTA BIOGRÁFICA[{10}]

Howard Phillips Lovecraft nasceu às 9 da manhã do dia 20 de agosto de 1890, na casa de sua família, no número 454 (na época, 194) da Angell Street, em Providence, Rhode Island. Sua mãe era Sarah Susan Phillips Lovecraft, cuja ancestralidade ascendia à chegada de George Phillips a Massachusetts, em 1630. Seu pai era Winfield Scott Lovecraft, vendedor ambulante da Gorham & Co., Silversmiths, de Providence. Quando Lovecraft tinha três anos, seu pai sofreu um colapso nervoso num quarto de hotel em Chicago e foi trazido de volta para o Butler Hospital, onde permaneceu por cinco anos até morrer em 19 de julho de 1898. Aparentemente, Lovecraft aprendeu que seu pai esteve paralisado e em coma durante esse período, mas as evidências sugerem que não foi isso

que aconteceu. É quase certo que o pai de Lovecraft morreu de paresia{11}, causada pela sífilis{12}.

Com a morte do pai, a responsabilidade de criar o filho recaiu sobre a mãe, duas tias e, em especial, sobre seu avô, o proeminente industrial Whipple Van Buren Phillips. Lovecraft foi uma criança precoce: aos dois anos já recitava poesia e aos três já lia. Foi nessa época que adaptou o pseudônimo de Abdul Alhazred, que mais tarde se tornaria o autor do mítico *Necronomicon*. No ano seguinte, porém, seu interesse por assuntos árabes foi eclipsado pela descoberta da mitologia grega, colhida na *Age of Fable* de Thomas Bulfinch e em versões para crianças da *Ilíada* e da *Odisséia*. Com efeito, o mais antigo de seus escritos que se conhece, "O poema de Ulisses" (1897), é uma paráfrase da *Odisséia* em 88 versos com rimas internas. Mas Lovecraft, por esse tempo, já havia descoberto a ficção fantástica, e sua primeira história – "The Noble Eavesdropper" (O nobre mexeriqueiro) –, que não chegou até nós, parece remontar a 1896. Seu interesse pelo fantástico proveio de seu avô, que entretinha Lovecraft com histórias improvisadas, à maneira gótica.

Enquanto menino, Lovecraft foi um tanto solitário e sofreu de doenças frequentes, muitas, aparentemente, de natureza psicológica. Frequentou de maneira esporádica a Slater Avenue School, mas encharcou-se de informações por meio de leituras independentes. Por volta dos oito anos, descobriu a ciência, primeiro a química, depois a astronomia. Passou a produzir jornais em hectógrafo{13} – *The Scientific Gazette* (A Gazeta Científica) e *The Rhode Island Journal of Astronomy* (Folha de Astronomia de Rhode Island) –, para serem distribuídos entre amigos. Quando foi para a Hope Street High School (nível colegial), encontrou afinidade e encorajamento tanto nos professores quanto nos colegas e desenvolveu várias amizades bastante duradouras com rapazes da sua idade. A estreia de Lovecraft em letra impressa ocorreu 1906, quando enviou uma carta tratando de assunto astronômico ao *Providence Sunday Journal*. Pouco depois, começou a escrever uma coluna mensal de astronomia para o *Pawtuxet Valley Gleaner*, um jornalzinho rural. Mais tarde escreveu colunas para o *Providence Tribune* (1906-8) e o *Providence Evening News* (1914-1918), bem como para o *Asheville (N. C.) Gazette-News* (1915).

Em 1904, a morte do avô de Lovecraft e a subseqüente dilapidação de seu patrimônio e negócio mergulharam a família em sérias dificuldades.

Lovecraft e sua mãe se viram forçados a abandonar a glória de seu lar vitoriano para morar numa residência apertada, no número 598 da Angell Street. Lovecraft ficou arrasado com a perda do lar natal. Aparentemente, ele teria pensado em suicídio, enquanto passeava de bicicleta e contemplava as profundezas escuras do rio Barrington. Mas o gosto de aprender baniu esses pensamentos. Em 1908, porém, pouco antes de sua formatura no colégio, sofreu um colapso nervoso que o obrigou a deixar a escola sem receber o diploma. Esse fato e o conseqüente fracasso em tentar entrar para a Brown University sempre o envergonharam nos anos posteriores, não obstante ter sido ele um dos autodidatas mais formidáveis de seu tempo. Entre 1908 e 1913, Lovrecraft viveu praticamente como um eremita, dedicando-se quase só aos seus interesses astronômicos e a escrever poesia. Ao longo de todo esse período, Lovecraft se envolveu numa relação fechada e pouco saudável com a mãe, que ainda sofria com o trauma da doença e morte do marido e que desenvolveu uma relação patológica de amor-ódio com o filho.

Lovecraft emergiu de seu eremitério de maneira bastante peculiar. Tendo começado a ler os primeiros magazines *pulp* de sua época, ficou tão irritado com as insípidas histórias de amor de um certo Fred Jackson, no *Argosy*, que escreveu uma carta em versos, atacando Jackson. A carta foi publicada em 1913, suscitando uma tempestade de protestos por parte dos defensores de Jackson. Lovecraft se meteu num debate acalorado na coluna de cartas do *Argosy* e dos magazines congêneres, aparecendo as suas respostas quase sempre em dísticos heróicos e humorísticos, descendentes de Dryden e Pope. A controvérsia foi notada por Edward F. Daas, presidente da *United Amateur Press Association* (Associação Unida de Imprensa Amadora, UAPA), um grupo de escritores amadores de todo o país que escreviam e publicavam os seus próprios magazines. Daas convidou Lovecraft a se juntar à UAPA, e Lovecraft fez isso nos começos de 1914. Lovecraft publicou treze edições de seu próprio periódico, *The Conservative* (O conservador, 1915-23), e também enviou volumosas contribuições de poesia e ensaios para outros jornais. Mais tarde, tornou-se presidente e editor oficial da UAPA, atuando ainda, por breve período, como presidente da rival *National Amateur Press Association* (Associação Nacional de Imprensa Amadora, NAPA). Essas experiências podem ter salvado Lovecraft de uma vida de reclusão improdutiva; como ele mesmo disse certa vez: “Em 1914, quando a mão amigável do amadorismo se

estendeu para mim, eu estava tão próximo do estado de vegetação quanto qualquer animal... Com o advento da [Associação] Unida, ganhei uma renovação de vida, um senso renovado da existência como sendo algo mais que um peso supérfluo, e encontrei uma esfera na qual podia sentir que meus esforços não eram totalmente fúteis. Pela primeira vez, pude imaginar que minhas investidas desajeitadas no campo da arte eram um pouco mais do que gritos débeis perdidos no mundo indiferente."

Foi no universo amador que Lovecraft recomeçou a escrever sua ficção, abandonada em 1908. W. Paul Cook e outros, percebendo as promessas dessas primeiras histórias, tais como *The beast in the cave* (A besta na caverna, 1905) ou *The alchemist* (O alquimista, 1908), instaram Lovecraft a retomar a pena. E foi o que Lovecraft fez, escrevendo, num jorro, *The tomb* (A tumba) e *Dagon* no verão de 1917. Depois, Lovecraft manteve um constante, porém esparso, fluxo de ficção, embora até pelo menos 1922 a poesia e os ensaios ainda fossem os seus modos predominantes de expressão. Lovecraft também se envolveu numa rede sempre crescente de correspondência com amigos e associados, o que o tornou um dos maiores e mais prolíficos missivistas do século.

A mãe de Lovecraft, com sua condição mental e física deteriorada, sofreu um colapso nervoso em 1919, dando entrada no Butler Hospital, de onde, tal como seu marido, jamais sairia. Sua morte, porém, ocorrida em 24 de maio de 1921, deveu-se a uma cirurgia mal conduzida de vesícula. Lovecraft sofreu profundamente com a perda da mãe, mas em poucas semanas se recuperou o suficiente para comparecer a uma convenção de jornalismo amador em Boston, a 4 de julho de 1921. Foi nessa ocasião que viu pela primeira vez a mulher que se tornaria sua esposa. Sonia Haft Green era judia-russa, com sete anos a mais que Lovecraft, mas ambos parecem ter encontrado, pelo menos no início, bastante afinidade um no outro. Lovecraft visitou Sonia em seu apartamento no Brooklyn em 1922, e a notícia de seu casamento – em 3 de março de 1924 – não foi surpresa para seus amigos, mas pode ter sido para as duas tias de Lovecraft, Lillian D. Clark e Annie E. Phillips Gramwell, que foram notificadas por carta só depois que a cerimônia ocorreu. Lovecraft se mudou para o apartamento de Sonia no Brooklyn, e as perspectivas iniciais do casal pareciam boas: Lovecraft angariara posição como escritor profissional, por meio da aceitação de várias de suas primeiras histórias na *Weird Tales*, o célebre

magazine fundado em 1923, e Sonia tinha uma loja de chapéus bem-sucedida na Quinta Avenida, em Nova York.

Mas os problemas chegaram para o casal quase imediatamente: a loja de chapéus faliu, Lovecraft perdeu a chance de editar um magazine associado à *Weird Tales* (para o que seria necessário que se mudasse para Chicago), e a saúde de Sonia se esvaiu, obrigando-a a passar uma temporada no sanatório de Nova Jersey. Lovecraft tentou garantir trabalho, mas poucos estavam dispostos a empregar um "velho" de trinta e quatro anos que não tinha experiência. Em primeiro de janeiro de 1925, Sonia foi trabalhar em Cleveland, e Lovecraft se mudou para um apartamento de solteiro, junto a um setor decadente do Brooklyn, denominado Red Hook.

Embora tivesse muitos amigos em Nova York – Frank Belknap Long, Rheinhart Kleiner, Samuel Loveman –, Lovecraft tornou-se cada vez mais depressivo, devido ao isolamento em que vivia e às massas de "forasteiros" na cidade. Sua ficção passou do nostálgico ("The shunned house" – 1924 – se passa em Providence) para o frio e misantrópico ("The horror in Red Hook" e "He" – ambas de 1924 – expõem claramente seu sentimento por Nova York). Finalmente, no início de 1926, fizeram-se planos para a volta de Lovecraft a Providence, da qual sentia tanta falta. Mas onde se encaixava Sonia nesses planos? Ninguém parecia saber, muito menos Lovecraft. Embora continuasse a professar sua afeição por ela, acabou concordando quando suas tias se opuseram à vinda dela a Providence, para iniciar um negócio: seu sobrinho não podia manchar-se com o estigma de uma esposa que era negociante. O casamento praticamente acabou, e o divórcio – ocorrido em 1929 – foi inevitável.

Quando Lovecraft retornou a Providence, em 17 de abril de 1926, para morar na Barnes Street, ao norte da Brown University, não foi para se sepultar, conforme fizera no período de 1908-1913. De fato, os últimos dez anos de sua vida foram o tempo de seu maior florescimento, tanto como escritor quanto como ser humano. Sua vida era relativamente pobre de ocorrências – viajou largamente por vários lugares antigos ao longo da costa leste (Quebec, Nova Inglaterra, Filadélfia, Charleston, Santo Agostinho); escreveu sua melhor ficção, isto é, desde "The call of Cthulhu" (O chamado de Cthulhu, 1926) até "At the mountains of madness" (Nas montanhas da loucura, 1931) e "The shadow out of Time" (A sombra dos tempos, 1934-1935); e continuou sua correspondência vasta e prodigiosa –, mas tinha encontrado seu nicho como escritor de ficção

fantástica da Nova Inglaterra e também como homem de letras. Estimulou a carreira de muitos autores jovens (August Derleth, Donald Wandrei, Robert Bloch, Fritz Leiber); voltou-se para as questões políticas e econômicas, quando a Grande Depressão o levou a apoiar Roosevelt e a se tornar um socialista moderado; e continuou absorvendo conhecimento num largo espectro de temas, de filosofia até literatura, história e arquitetura.

Nos últimos dois ou três anos de sua vida, no entanto, Lovecraft passou por alguns apertos. Em 1932, morreu a sua amada tia Mrs. Clark, e ele se mudou para o número 66 da College Street, atrás da John Hay Library, levando consigo sua outra tia, Mrs. Gamwell, em 1933. (Esta casa é agora o número 65 da Prospect Street.) Suas últimas histórias, cada vez mais longas e complexas, eram difíceis de vender, e ele foi forçado a ganhar seu sustento às custas de muita "revisão" ou trabalho como *ghost-writer* de histórias, poesia e obras não-ficcionais. Em 1936, o suicídio de Robert E. Howard, um de seus correspondentes mais chegados, deixou-o desorientado e triste. Por essa época, a doença que o levaria à morte – um câncer no intestino – havia progredido tanto que pouco se podia fazer para tratá-la. Lovecraft tentou resistir, em meio às dores crescentes, através do inverno de 1936-1937, mas finalmente teve de dar entrada no Jane Brown Memorial Hospital, em 10 de março de 1937, onde morreu cinco dias depois. Foi sepultado em 18 de março, no jazigo da família Phillips, no Swan Point Cemetery.

É provável que, percebendo a aproximação da morte, Lovecraft tenha entrevisto o esquecimento final de sua obra: nunca teve um único livro publicado em toda a vida (a não ser, talvez, a péssima edição de *The shadow over Innsmouth* – A sombra sobre Innsmouth –, de 1936), e suas histórias, ensaios e poemas jaziam espalhados por uma porção desconcertante de *pulp* magazines amadores. Mas as amizades que ele tinha forjado só por correspondência lhe valeram aqui: August Derleth e Donald Wandrei estavam determinados a preservar dignamente as histórias de Lovecraft num um livro de capa dura e criaram ao selo editorial Arkham House, destinado inicialmente à publicação de Lovecraft. Editaram *The outsider and the others* (O forasteiro e outras histórias), em 1939. Diversos outros volumes se seguiram pela Arkham House, até que a obra de Lovecraft passou ao papel e foi traduzida em uma dúzia de línguas. Hoje, no centenário de seu nascimento, suas histórias

estão disponíveis em edições com texto corrigido, seus ensaios, poemas e cartas circulam amplamente, e muitos estudiosos têm comprovado as profundidades e complexidades de sua obra e de seu pensamento. Falta muito a ser feito no estudo de Lovecraft, mas é correto dizer que, graças ao mérito intrínseco de seu trabalho e à diligência de seus associados e apoiadores, Lovecraft conquistou um pequeno, mas inexpugnável, nicho no cânone das literaturas americana e mundial.

{1}. Crosta vitrificada originada pela fusão de areia, ou de qualquer outra rocha, por efeito do calor do raio. (N.T.)

{2}. Montanha da Tempestade. (N.T.)

{3}. Rio do inferno greco-romano. (N.T.)

{4}. *"Paradise Lost",* famoso poema do poeta inglês John Milton (1608-74).

{5}. Nessa noite o barão sonhou muitas desgraças / E todos seus hóspedes-guerreiros, com sombra e forma / De feiticeiro e demônio, e um grande verme sepulcral, / Havia muito. (N.T.)

{6}. Referência a Edward John Moreton Drax Plunkett, 18.° barão Dunsany (1878-1957), dramaturgo e contista irlandês, cujas obras, a seu tempo muito populares, mesclavam força imaginativa com engenhosidade intelectual, criando um verossímil mundo de fantasia. (N. do T.)

{7}. Verdete, verdigris: Pigmento antigo, utilizado, sobretudo, até o século 17. Acetato básico de cobre, artificial, $Cu(CH_3COO)_2$-$2Cu(OH)_2$

{8}. Verdete, verdigris: Pigmento antigo, utilizado, sobretudo, até o século 17. Acetato básico de cobre, artificial, $Cu(CH_3COO)_2$-$2Cu(OH)_2$

{9}. Siniforme: Em formato chinês

{10}. Publicada originalmente em *H.P. Lovecraft Centennial Guidebook.* (N. do T.)

{11}. Paralisia incompleta. (N. do T.)

{12}. No original, "neurosyphilis", estágio avançado da sífilis, que ataca o sistema nervoso central. (N. do T.)

{13}. Duplicador que, por umedecimento a álcool, transfere para o papel com que é alimentado o escrito ou o desenho da matriz obtida por meio de papel hectográfico. (N. do T.)